

REVISTA

*artigo  
J. Batalha Rao XI*

# OCCIDENTAL

---

1.º ANNO

TOMO SEGUNDO

15 DE MAIO—1.º FASCICULO

---

LISBOA  
ESCRITORIO DA REVISTA OCCIDENTAL  
3 — Rua Nova dos Martyres — 3

1873

## SUMMARIO

---

- I — CRISES COMMERCIAES, por **J. J. Rodrigues de Freitas**, pag. 5.
- II — COLON EN VALCUEVO, por **D. Tomás Rodriguez Pinilla**, pag. 32.
- III — PROPHYLAXIA INTERNACIONAL, por **J. T. de Sousa Martins**, pag. 43.
- IV — AQUICULTURA, por **D. R. de Cala**, pag. 55.
- V — O CRIME DO PADRE AMARO. — Romance, por **Eça de Queiroz**, pag. 73.
- VI — O PECCADO. — Poesía, por **Gomes Leal**, pag. 94.
- CHRONICAS — REVISTAS:
- VII — America, por **D. R. de Cala**, pag. 98.
- VIII — Portugal e Brasil, por **P. de Oliveira**, pag. 107.
- IX — España, por \*\*\*, pag. 110.
- X — Europa, por **J. Batalha Reis**, pag. 114.
- XI — REVISTA AGRICULA, por **J. Batalha Reis**.

**REVISTA**  
**OCCIDENTAL**





---

LISBOA

TYPOGRAPHIA DE CHRISTOVÃO AUGUSTO RODRIGUES

145 — Rua do Norte — 145

---

1875

---



REVISTA  
OCCIDENTAL

---

1.º ANNO

TOMO SEGUNDO

---

LISBOA  
ESCRITORIO DA REVISTA OCCIDENTAL  
3 — Rua Nova dos Martyres — 3

1875



OFERTA  
320254

RES  
4173V.

DIREITOS DE TRADUÇÃO E REPRODUÇÃO RESERVADOS



---

# CRISES COMMERCIAES

---

## VII

A emissão de notas do banco tem sido no presente seculo objecto de tantas e de tão longas discussões, que os livros em que ellas se contém formariam de per si só uma bibliotheca. Felizmente não temos de occupar-nos de tal materia em todos os seus aspectos; mas sim unicamente da relação entre a moeda fiduciaria e as crises commerciaes. Ainda restricto d'este modo o campo da analyse, não faltariam elementos para obra talvez de milhares de paginas; empenhar-nos-hemos, comtudo, por summariar em pequeno espaço o que se nos figura essencial, e o que pensamos sobre esta parte da questão bancaria.

Já agora muitos escriptores abalisados não consideram tanto as notas como ainda ha pouco as consideravam numerosos economistas. Attribue-se-lhes hoje menor importancia. Comprehende-se finalmente que se houver motivo de as accusar com severidade, não será justo esquecer as letras e os cheques, instrumentos de crédito mais empregados no tracto mercantil do que a moeda fiduciaria emittida pelos bancos. Palmer já as teve n'esta conta quando marcou empiricamente a reserva metallica. Os factos provaram que a circulação de notas rapidamente encontra limites, e que a propria multiplicidade dos bancos, mais parece restringil-a do que



proporcionalmente amplia-a.<sup>1</sup> Não faltaram arrasoados contra a influencia d'ellas; e espiritos tão claros qual foi o de Rossi chegaram a exercer em trabalho de larga meditação proposições como a seguinte: «O direito de emittir notas é tão perigoso que o Estado deve reservar para si proprio o exercicio d'elle, ou regulal-o de modo que previna os abusos. Um banco, propriamente fallando, não produz; é um fiador, um devedor fiel, solavel, prompto sempre a pagar. Um banco bem organizado pôde estender sem limites assignaveis o circulo dos seus negocios e satisfazer na sua esphera a todas as necessidades reaes do commercio. A livre concorrência em materia bancaria não é o aperfeiçoamento, nem a madureza do crédito, é a infancia delle, ou antes, a decrepitude. A livre concorrência bancaria é um perigo que não pôde ser tolerado pelas leis de um povo civilisado: o mesmo valéra permittir a qualquer que estabelecesse no meio das nossas cidades lojas de venénos, e fabricas de polvora.<sup>2</sup> Rossi não condemna simplesmente a multiplicidade de bancos funccionando com tanta isenção e com tanto desassombro como as lojas ou os escriptorios de qualquer ramo de commercio; vae muito mais longe; considera a concorrência como perigosissima, por assim dizer venenosa em si propria, de sorte que não ha precauções legaes capazes de rancal-a: por isso queria que um só banco emittisse notas em todo o reino, ou quando muito, em cada circumscripção. No primeiro capitulo citámos um trecho de discurso de Robert Peel, no qual vinha indicado o numero de fallencias de bancos inglezes em varios annos. Houve tempo em que a narração dos desastres de instituição de crédito na America se tornou lugar com-

·<sup>1</sup> A circulação de notas em Portugal, tem sido :

ANNOS	CONTOS DE RÉIS
1855...	1:367
1856...	1:512
1857...	1:664
1858...	1:855
1859...	2:294
1860...	2:433
1861...	2:128
1862...	2:640

ANNOS	CONTOS DE RÉIS
1863...	2:492
1864...	2:260
1865...	2:482
1866...	2:486
1867...	2:116
1871...	3:123
1872...	3:268
1873...	3:448
1874...	3:658

Estes dados referem-se ao dia 31 de dezembro de cada anno.

Os descontos de letras eram 3:053 contos de réis em 1855; as notas representavam mais de um terço da importancia das sommas empregadas n'essa operação; em 1860 o desconto effectuava-se sobre 6:306 contos; em 1864 subiu a 15:214 contos; a crise commercial, financeira e politica deteve o progresso d'elle; ainda em 1872 não excedeu 14:848 contos; mas em 1873 passou a 15:560; e em 1874 a 20:255; as notas eram pois pouco mais de um sexto d'esta quantia.

<sup>2</sup> P. Rossi.—*Mélanges d'Econ. Pol. etc.*, Paris 1856—pag. 352 e 353, *Rapport sur le projet de loi portant prorogation du privilège conféré à la banque de France.* Wolowski julga este trabalho como um dos mais notaveis de Rossi. Não sabemos porque.

num de todas as declamações contra os bancos ; o publico, em geral, acreditava com presteza em quanta infelicidade lhe narravam nos periodos de desventura, assim como nos dias de prosperidade punha cega confiança nos projectos mais infundados.

Nunca chegámos a comprehender que a multiplicidade dos bancos emissores fosse necessariamente mais nociva do que o monopolio ; ao escrever assim não tratamos de investigar as vantagens que um ou outro systema possa offerecer ás finanças de cada povo : referimo-nos ao trabalho em geral. A nossos olhos o crédito é um poder economico analogo ao do capital, ou ao do trabalho ; constitue-se, acrescenta-se, diminue-se, perde-se, como outro qualquer valor ; vem do esforço humano, e tem utilidade : assim vivem por tanto combinados os dois elementos geradores do valor. Quando o publico recebe as notas de um banco procede como o commerciante que não dúvida acceitar um cheque, ou descontar uma letra.<sup>1</sup> O lucro proveniente d'essa emissão vae só para um banco se ha monopolio ; no caso da concorrência todos tem as mesmas armas : aproveitará mais d'ellas quem souber manejar-as melhor ; o publico terá pois maior probabilidade de ser bem servido, e sel-o-ha mais tarde ou mais cedo. Assim o crédito está subordinado á concorrência como qualquer outra força economica. Por um sophisma apparentemente vigoroso e bem construido objectar-se-ha com Rossi que o crédito é uma grandeza fixa ; que ou existe totalmente, ou não existe ; que não ha motivo para se exigir de melhor ou peor qualidade, mais barato ou mais caro, como succede com as mercadorias em geral. Esta argumentação é de todo o ponto falsa : os bancos não produzem crédito, produzem descontos, empréstimos sobre penhores, etc. ; estas operações são o trabalho especial d'elles ; o crédito é um dos instrumentos que empregam para as realisarem. Rossi, e quantos o seguiram, tomaram a machina pelo producto ; e sobre esta confusão amontoaram reflexões, livros até, que em breve só poderão ter valor historico.

D'onde vem o monopolio ? Que mysterio presidiu á sua geração ? Quem o libertou da fallibilidade ? Quem o tornou impeccavel ? O monopolio vem de uma lei que não dá virtudes, que não garante nenhum capital, que não communica sciencia a nenhum director. Nenhum processo psychologico se descobriu para uso especial dos privilegiados. Elles ficam sujeitos ao erro e á fallencia até, como todos os que laboram no terreno commum.

Se nos custa a comprehender as rasões allegadas contra a concorrência, ainda menos entendemos aquelles que, bradando contra a multiplicidade de bancos emissores defendem com enthusiasmo a dos bancos de deposito e desconto. Se uns são nocivos, os outros não podem deixar de o ser. A garantia dos crédores está no activo, o qual valerá conforme os titulos em carteira, e os contractos em geral effectuados pelo estabeleci-

<sup>1</sup> E' claro que abstrahimos do curso forçado, e até do curso legal, que não são de modo algum condições do monopolio, ou da liberdade.

mento de crédito: se tivessemos de exprimir n'uma fórmula a segurança das transacções, sair-nos-ia de todo independente do monopólio, e referir-se-ia sómente ás condições do mercado, ás qualidades dos gerentes, aos haveres dos devedores, e ainda a uma incognita que resumisse o resultado de leis que o homem desconhece e que na sua ignorancia denomina acaso; o privilegio conferido pelo Estado só poderia influir n'essa fórmula quando o banco estivesse vinculado ao thesouro, e, como na Gran-Bretanha, fizesse quasi confundir aquelle com este; mas em tal caso o privilegio, que pôde ser defendido perante as circumstancias financeiras, ou ainda perante os habitos inveterados, constitue geralmente um novo mal porque, offerecendo garantias especiaes a uma corporação, e estabelece distincções entre os que se esforçam igualmente por bem empregar esses capitães. As notas e os depositos exprimem responsabilidade dos estabelecimentos que emittem aquellas e guardam estes. Os depositos á vista pôdem obrigar a eguaes ou a maiores cuidados que a moeda fiduciaria; as reclamações subitas e por avultadas sommas pôdem proceder tanto de uma como de outra especie de crédores. Em 31 de dezembro de 1873, os depositos á vista nos bancos portuguezes importavam em 11:699 contos, ao passo que as notas representavam 3:448 contos. Estes numeros eram 10:943 e 3:638 em 31 de dezembro de 1874. Segundo W. Bagehot as notas em circulação nos Estados Unidos (bancos nacionaes) equivaliam a 1.675.000:000 francos, ao passo que os depositos montavam a 3.623.000:000 fr. Como já dissemos n'outro lugar, a exigencia das sommas depositadas, quando os bancos estavam mal providos de dinheiro, mais de uma vez foi o primeiro e claro signal da tempestade que vinha cahir formidolosamente sobre o mercado monetario. Se os factos fallam assim, porque ha de olhar-se com tão grande tranquillidade para os depositos, e com tão profundo horror para as notas emittidas por estabelecimentos concorrendo na mesma praça?

Que variedade de opiniões ácerca das notas! Acabamos de vêr Rossi accusando de extremamente nociva a concorrência de bancos emissores; poderíamos a poucos passos achar quem defendesse a moeda fiduciaria com argumentos que Law conhecia, Woloweki, depois de ter provado a seu modo que a nota é moeda em todos os seus caracteres, e que o direito de emittir-a pertencia ao estado, chegaria, por caminhos que a sciencia ainda não recebeu, a collocar o exercicio desse direito no banco de França; e finalmente alguns economistas do continente nos diriam que a moeda fiduciaria actual deve ser extinta por utilidade publica. Victor Modeste chegou a esta ultima conclusão depois de ter construido uma theoria das crises, a qual motivou discussão epistolar entre escriptores de nomeada; para aquelle publicista as notas são moeda falsa e prova-o do seguinte modo: pois não é moeda falsa a que vale menos como materia do que como moeda? Ora uma nota de 1:000 francos não vale como papel um por cento; e contudo é recebida por 1:000 francos. É portanto moeda falsa. Com esta definição e com esta demonstração poderia Victor Modeste provar que os cheques e as letras á vista são moeda



falsa; mas nenhum criminalista ficaria resolvido a considerar esses documentos como corpo de delicto de graves attentados. Uma vez firmada tanto á pressa esta doutrina pouco acceite, o collaborador do *Journal des Économistes* observa que os bancos adquirem grande poder de compra dispendendo pouquissimo na fabricação das notas; pelo desconto animam facilmente as transacções; e d'aqui até ao momento da crise o commercio toma quatro phases, as quaes descreve assim: «1.<sup>a</sup> phase: Tudo se vende e se compra. O commercio vive, floresce, applaude. O movimento dos negocios precipita-se. Por toda a parte a moeda apparece, e o desconto é barato. 2.<sup>a</sup> phase: O numerario deprecia-se; o publico ignora isto, e por isso deixa-o permanecer. É o desenvolvimento do periodo anterior. O desconto baixa ainda. Chegam as mercadorias estrangeiras; recae sobre a nota a depreciação do numerario; mil francos em papel não valem 1:000 unidades de franco depreciado. 3.<sup>a</sup> phase: O numerario depreciado occulta-se, afrouxa o movimento, é exportado. Afrouxa o movimento, porque tendo crescido a massa dos objectos recebidos como moeda, cada unidade tem menos que fazer: o numero e a rapidez das trocas dependem da quantidade dos productos em presença, assim como da divisão do trabalho, e da necessidade, não da quantidade dos objectos monetarios; tambem por causa do consumo e da immobilisação reduz-se a materia das trocas. 4.<sup>a</sup> phase: Crise e liquidação. Aqui o facto principal e central é a alta do numerario e a baixa dos productos.»

Esta doutrina é falsa, apesar da coragem com que o auctor a apresentou, e do calor com que a defendeu. A depreciação do numerario sem que o publico se aperceba de tal facto, é uma asserção gratuita e contradictoria em si mesma; as variações dos preços dão-se no mercado, verificam-se nas compras e vendas, apparecem nos contractos mais ou menos frequentemente realisados pela vontade ou pela necessidade dos contractantes: uma depreciação não sentida pelo publico seria uma oscillação realisada por contractos feitos por pessoas que não soubessem destes mesmos contractos, o que é absurdo. Não havendo curso forçado nem curso legal, a mais leve diminuição de crédito das notas ensina aos portadores o caminho do banco emissor; e elles não tardam em percorrel-o, afim de exigirem metaes preciosos em troca do papel. Igualmente infundada é a argumentação de Modeste quando attribue aos bancos o poder de multiplicar a seu grado a moeda fiduciaria: se esta proposição fosse verdadeira, como se explicariam as grandes differenças da importancia das notas em circulação emittidas pelos diversos estabelecimentos de crédito? Enquanto o banco de Portugal trazia em giro cerca de 2:700 contos, o Commercial do Porto mantinha alli, no mez de janeiro do corrente anno, sómente 96 contos. O banco de Inglaterra tinha em 1866 onze milhões de libras, ao passo que pouco antes o Banco of Setoland não trazia em circulação mais de 490:000 libras. Em todas as outras nações, em todas as praças observam-se differenças analogas; e se a doutrina de Modeste fosse verdadeira, todos os banqueiros emittiriam quasi a mesma quantia, porque é igual em todos o desejo de lucrar. Por outro lado como

se explicaria a diminuição das crises na Grã Bretanha quando o banco de Inglaterra, no meio de geral desconforto, é auctorisado a augmentar a emissão? Finalmente o estudo das estatísticas mostra que nem sequer o maximo da circulação é um dos phenomenos característicos da crise. Na Inglaterra observou-se que no tempo do curso forçado esse maximo coincidia em geral com as calamidades commerciaes; porém desde que a nota deixou de correr obrigatoriamente, já assim não succedeu. Sabidos estes factos, e destruida assim na base a doutrina de V. Modeste, para que determo-nos a consideral-a nos pormenores, e analysar a controversia a que deu origem?

Antes d'elle, dois escriptores muito notaveis, um da França, outro da America, apresentaram opiniões analogas. Cernuschi entende que a nota, ouro supposto, como elle a denomina, é um dos maiores males dos tempos modernos. Todo o desenvolvimento das suas opiniões repousa nas seguintes bases: «Os bancos pôdem dispôr dos titulos depositados em seus cofres? Não. Todos os codigos dizem que o depositario deve não só restituir, mas tambem guardar o que recebeu em deposito. Apesar d'isto emprehendeu a dispôr do ouro depositado pelos portadores de recibos. Desde que se permittiu a circulação dos recibos depois de haver empregado os depositos, emitiram-se recibos d'elles, notas de banco, sem ter recebido deposito algum. O abuso tornou-se uso, o uso tornou-se lei e muitas vezes privilegio. Chamam-se bancos de emissão os que fabricam moeda fiduciaria. Para dar-lhe valor promette-se o reembolso em ouro á primeira requisição. Promette-se o que ha certeza de não poder cumprir. Ha bancos privilegiados que mantêm na circulação notas cuja importancia é talvez igual a um quinto da moeda metallica existente no paiz. Para corresponder á promessa de pagar á vista possuem immoveis, fundos publicos e letras a vencer; excellentes valores os quaes, porém, não pôdem pagar nada a uma hora determinada. O ouro a reembolsar não existe em parte alguma. A maior parte da propria reserva pertence aos depositantes. Pensando que o ouro natural era insufficiente, a sociedade quiz fazer ouro humano; mas nem por isso ha mais ouro nem mais moeda. O ouro verdadeiro e o supposto valem no conjuncto o que de per si só valia o ouro verdadeiro, a differença consiste no seguinte: «em vez de haver moeda inteiramente boa, ha moeda boa em parte, porém, má n'outra parte.»

Um economista dos Estados-Unidos, Amasa Walker, é tambem d'esta opinião. Recorre aos algarismos para esclarecer a theoria: em 1860 os bancos d'aquella republica tinham dividas de immediata responsabilidade na importancia de 550 milhões de dollars, ao passo que os recursos immediatos, já favoravelmente computados, compunham 195 milhões; havia pois um excesso de 355 milhões de dollars; é verdade que tinham recursos sufficientes para pouco a pouco embolsar os crédores; mas, como diz Walker, ha grande differença entre *comertibility* e *ultimate redemption*: quem se obrigou a pagar á vista não ha de dizer ao crédor que venha passadas algumas semanas, ou que aguarde a realisação de varias transacções. Impressionado por diversas occurrencias, e principalmente pela re-

clamação de grossas sommas aos bancos em 1837, Walker da mesma sorte que Cernuschi, entende que as notas devem representar metal existente em caixa, devem ser tão sómente a representação do ouro ou prata que os bancos possuam, e que responda satisfactoria, plenamente, pelo cumprimento de promessas publicamente feitas. Voltaremos, pois, aos antigos bancos de deposito para nos salvarmos das grandes oscillações de preço, dos abusos de crédito, das crises periodicas<sup>1</sup>. As notas não integralmente garantidas, *mixed currency* como lhes chama Walker, não satisfazem as funções de moeda, porque a emissão não é regida pelas leis do valor; ahí não encontramos realisada a egualdade entre a offerta e o pedido. Os directores emitem á vontade para lucro do banco. E não sendo a moeda fiduciaria produzida pelo trabalho, como que foge ao grande principio da gravitação economica.<sup>2</sup>

Já refutámos a ultima parte d'este arrazoado. Se o crédito pudesse crescer á vontade de cada qual, ninguém deixaria de obter por meio d'elle grandes recursos. Todos os dias ouvimos dizer que certos commerciantes tem grande crédito, ao passo que outros o vão perdendo; que as letras de uns são recebidas facilmente, ao passo que as de outros não encontram descontadores senão em condições muito onerosas. Estes factos não dizem na maior simplicidade, na maxima clareza, e constantemente, que o crédito não é um puro arbitrio, nem um jogo de diabolicas fantasmagorias?

Mas o argumento mais especioso de Cernuschi e de Walker vem firmado nas estatisticas bancarias: ellas mostram irrefutavelmente que os bancos promettem pagar á vista quantias que não possuem; quasi se poderia dizer immoral o procedimento d'essas instituições; immoralidade, que tem consequências tão perniciosas como as crises; preciso é combatel-a na origem, substituindo á nota parcialmente garantida, o papel re-

<sup>1</sup> Walker define *currency* do seguinte modo: «this is a general term for all the contrivances by which society seeks to effect a general exchange of values, and discharge pecuniary obligations.» E distingue quatro especies de *currency*: 1.<sup>a</sup> — a moeda. 2.<sup>a</sup> — o papel moeda. 3.<sup>a</sup> — promessas pagaveis á vista emittidas por maior importancia do que as sommas existentes em caixa, denomina-a *mixed currency*. 4.<sup>a</sup> — Remessas á vista garantidas por valor igual em metaes preciosos; d'esta ultima diz: «As such a currency is precisely adapted to all the wants of the trade and business classes, and fully combines convenience with safety, the tiro great desiderata. It is with great property called a *mercantile currency*.» Para este escriptor os depositos formam parte do numerario. «We do not know of any intelligent writer in this country, who now denies that deposits are as truly currency as that circulation itself.» Em 1858 o *Board of currency* de New York dizia: «They constitute at this time five sixtles of the action currency of this city (V. *The Science of Wealth*, a manual of political currency by Amasa Walker — Boston — 1867) Wolowaki, fallando d'esta obra no *Journal des Economistes* — 1868 — V. 4 — pag. 5, disse que é digna de ser posta entre aquellas de que a economia politica mais se orgulha.

<sup>2</sup> «A mixed currency... in so far as it has not value, it is not controlled by the laws of the value. It is put out or taken in by bank managers at their pleasure, and for their profit. It is not produced by labor. This last fact removes the gravitation which alone can secure a currency.» Obr. cit.



presentativo de dinheiro existente em caixa. Examinemos estas forças dispostas em ordem tão aparentemente logica para aniquilarem a moeda fiduciaria, e vejamos se o valor real d'ellas se compadece com o aspecto do systema que constituem.

A experiencia ensina-nos que, a não ser em casos que constituem raras excepções, as notas não são apresentadas conjunctamente, no mesmo instante, por todos os portadores; varia quotidianamente a somma das reclamações de dinheiro em troca d'esses titulos; varia em cada hora, varia em cada momento. A sciencia social está muito longe de poder determinar com rigor as forças que operam as variações da corrente circulatoria da moeda de papel; mas nem por isso deixaremos de acceitar como lição segura a da experiencia persistente de tantos annos e de todos os lugares onde a observação é possivel. De harmonia com ella e se lhes convém os bancos emittem notas por somma excedente á do dinheiro em caixa; apesar dos perigos que d'ahi possam originar-se, vêmos numerosos commerciantes de todas as nações cultas recebendo aquelles papeis, embora saibam que os estabelecimentos emissores não cumpririam a palavra se todos os crédores simultaneamente exigissem o pagamento á vista. Não parece incomprehensivel este facto a par do cuidado com que os homens de negocio se afastam de quantos não estão em circumstancias de pagar na forma por que se obrigaram? Não parece elle ainda mais incomprehensivel quando notamos que os balancetes vindos á luz publica todos os mezes ou todas as semanas dão prova plena d'essa quasi insolvencia?

Se profundarmos a analyse, veremos decair pouco a pouco a doutrina de Walker, de Cernuschi, de Modeste, e rehabilitar-se o senso commum, tomada aqui a palavra na sua rigorosa accepção: quando o banco emittie uma nota, sabe que este titulo offerece vantagens de transporte e contagem, as quaes são bastantes para manter na torrente circulatoria certa quantidade de moeda fiduciaria: essas vantagens, ligadas ao crédito dos estabelecimentos emissores, explicam a formação do curso das notas, isto é, a accepção d'ellas por um publico mais ou menos numeroso: graças ás suas qualidades naturaes, vão girando emquanto não enfraquece o crédito da casa responsavel ou não ha urgencia de obter moeda metallica.

Por mais extraordinario que pareça o facto da *mixed currency*, é analogo ao que se nos depara em todas as companhias de seguros. Se os sinistros porque ellas se responsabilisam cahissem com impiedosa simultaneidade sobre os predios dos crédores, onde estaria a somma indispensavel ao cumprimento da promessa feita? No caso dos seguros de vida a premio, como poderão as respectivas sociedades pagar pensões se a vida persistir nos segurados muito mais do que o tempo médio? Caminhemos ainda pelos phenomenos sociaes; procuremos outros analogos: ali os temos nas proprias letras tão usadas no commercio; que exprimem os acccites? Que os signatarios d'elles hão de pagar nos dias determinados a importancia dos saques: as mais das vezes não tem dinheiro em

caixa com que possam garantir desde logo a promessa; e comtudo obrigam-se; aguardam realisar operações que até aos vencimentos lhes permitam obter quantias com que honrem sua propria firma; e qual é a base d'essa esperança? Acaso vale tanto como a certeza? Porventura o accitante está mais seguro de alcançar as sommas precisas ao expirar cada prazo do que o emissor está seguro de ter recursos com que satisfazer as reclamações dos proprietarios de notas? Perguntae ás numerosas fallencias, e ás frequentes suspensões de pagamentos se aquella certeza existe. Ide mais além com as vossas investigações; procuraes as ultimas, as mais profundas bases da confiança do homem de negocio no futuro da sua casa, e vereis finalmente que ellas consistem nas proprias leis economicas da sociedade; escrevemos a palavra — finalmente — porque antes de chegar até essas leis haveria a analyse encontrado o curso ordinario dos negocios do accitante, a prohibidade d'elle, a sua clientella, e os valores actuaes das mercadorias constantes do inventario, isto é, tudo quanto na esphera individual pôde ser garantia de que n'uma hora determinada, o devedor possuirá em moeda as sommas que prometeu pagar; mas qual é a estabilidade de todas estas condições? E evidentemente, e em ultima analyse, a estabilidade das condições do commercio em geral, do mercado interno, e do externo. D'esta sorte, rasgando enganadoras apparencias, vemos a base da emmissão de notas intimamente ligada á de phenomenos que usam ser considerados tão distantes d'ella. O exame consciencioso dos factos deixa-nos collocar na mesma série a apolice do seguro, a letra de cambio e a nota, pelo que respeita á base fundamental das garantias dadas pelos responsaveis de todos esses titulos; a proposito de uma questão que se apresentava tão estreitamente limitada, o espirito vae pouco a pouco até ás leis geraes do mercado; e para a julgar em toda a sua grandeza necessitára possuir o conhecimento da distribuição do que o homem denomina o bem e o mal. Nós todos os que andamos sobre a terra vamos do berço ao tumulo contando sempre com certo futuro que não está de modo algum preso ás nossas faculdades: promettemos realisar tantas obras sem que tenhamos com certeza á nossa disposição um só atomo de vida; empenhamos a nossa palavra, garantimos contractos com a nossa honra, sem sabermos as transformações que os nossos sentimentos soffrerão no dia seguinte, nem a provação por que ha de passar a rigidez da nossa alma; juramos pelo Evangelho seguir certa norma de procedimento; e assim como esse livro é o primeiro a insurgir-se contra nós, porque n'elle se precisa que não juremos, tambem a intelligencia nos diz que não podemos inteiramente garantir o que se ha de passar no instante seguinte. Em todos os planos traçados pelo homem apparece indefectivelmente a confiança n'umas condições sociaes que não são propriedade d'elle, mas que o instincto e o entendimento nos fazem considerar como grandemente provaveis. Em todas as promessas humanas vão tacitamente incluidas condições individuaes cuja persistencia ninguem pôde garantir, mas que tem a seu favor maior ou menor grau de probabilidade.

Não queremos com esta refutação abrir caminho para defender que os notas possam ser confiadamente emitidas qualquer que seja a situação economica do mercado e do banco; tão pouco pretendemos que esses títulos sejam de todo innocentes, e não concorram jámais para as crises; a historia destruiria com presteza tão leviana ousadia; quizemos sómente mostrar que as promessas feitas pelos estabelecimentos de crédito repousam sobre o grande todo social, da mesma sorte que qualquer manifestação da vida humana. Era preciso affirmal-o e proval-o quando vemos a opinião geral e a de tantos escriptores esclarecidos acceitar e defender proposições falsas, presistindo sempre em considerar os bancos como instituições que devam ser postas n'uma região inacessivel aos golpes da má fortuna, e governadas por preceitos que as tornem quasi infalliveis. Baldado e pernicioso intento! A historia de todas as instituições nos diz que não ha no mundo força capaz de garantil-as do mal commum á natureza humana; pois não são ellas feitas para viver da vida do proprio homem? Como hão de então estar ao mesmo tempo no seio d'elle e fóra d'elle? Aspirem muito embóra o ar puro das montanhas e esforcem-se por que as flores sejam cada vez mais perfumadas, os fructos cada vez mais deliciosos; amem o ideal e tragam-n'o sempre comsigo tão vivo, tão puro quanto possivel; n'estas profundezas da creação, o atomo necessita, do alto, luz que o guie, e que no seu infinitamente pequeno, o torne indefinidamente grande, mas que nenhuma instituição se esqueça de que tem as raizes n'este sólo onde os vicios tambem germinam, onde os crimes pôdem invocar triumphantemente o seu provadissimo direito de propriedade, onde os seres mais virtuosos tem a plena consciencia de tantas fraquezas, de tantas imperfeições. Os esforços civilisadores não são aquelles que pretendem arrancar o homem ás suas condições naturaes, mas sim os que procuram pacientemente encaminhar todas as evoluções dos factos para a realisação de todas as evoluções do ideal, que buscam a sciencia á custa da experiencia; que tem coragem para soffrer a dor na perspectiva do bem que ella sabe produzir no seu seio e lançar na sociedade; que admittem franca e intelligentemente o mal para não ficarem privados do bem muito maior que se encontra na companhia d'elle.

Os bancos emissores são uteis porque empregam o seu proprio crédito não só com proveito dos accionistas, mas tambem do publico em geral melhorando as condições do desconto, e ministrando um instrumento da compra e venda com vantagens especiaes sobre todos os outros. Occasões virão em que a nota haja de ceder aos metaes preciosos grande parte do lugar que occupára; mas estas oscillações da estima publica são communs a todos os productos. Haverá circumstancias em que a circulação de moeda fiduciaria seja exagerada; mas este perigo é commum a todos os elementos do crédito: á letra, ao mandado, ao cheque. E se comparamos a publicidade dos balancetes das sociedades anonymas emisoras com o impenetravel segredo da escripturação do commercio individual, causar-nos-ha estranhesa que tantos ataques, tantas criticas extremamente severas haja soffrido a nota ao passo que ninguem se lembra



de tirar ao negociante a faculdade de sacar e aceitar letras, ou receber dinheiro a prazo mediante simples obrigações. Além d'isto, na occasião da fallencia de qualquer banco esquecem-se os serviços prestados pelas instituições bancárias; e dos desastres accidentaes tira-se argumento para condemnar todas! <sup>1</sup>

Os accionistas admittem geralmente que o uso do crédito contribue para augmentar o preço das mercadorias, por isso que desenvolve o poder de comprar; com effeito as transacções a crédito fazem-se com uma promessa, em vez de exigirem a permutação do ouro; d'este simples conhecimento do supposto effeito do crédito é facil passar a accusal-o de promotor constante de crises, por isso que impulsa o commercio a effectuar tantas compras e revendas que os valores cotados na praça se afastam muito dos que seriam determinados pelas necessidades do consumo; além d'isto os proprios juros obrigam a elevar o preço. Esta doutrina, que tantas vezes é exposta a proposito das perturbações commerciaes, não levaria a condemnar sómente as notas; conduziria a ter em má conta os diversos titulos de promessa de pagamento. Sem conhecermos a grandeza impressiva dos factos que o mau emprego da confiança alheia tem produzido, estamos longe de admittir como boas as asserções que sobre esta materia correm mundo, auctorisadas com os nomes de maior fama. Oppor-lhe-hemos proposições que julgamos fundamentaes, e de todo estribadas na observação.

As transacções de crédito importam a associação temporaria de dois ou mais individuos: quem recebe uma nota de banco tem mais ou menos confiança n'elle; em quanto a conservar ficar-lhe-ha associado com a clausula de poder usar de um titulo facilmente contavel e trasportavel ou invertel-o em metal precioso quando lhe approuver; este contracto dura mais ou menos tempo segundo a vontade ou a necessidade do portador; a nota é a escriptura d'elle, e os direitos ali garantidos pôdem pela simples tradição passar a outrem com todos os seus riscos. Sigamos esse pedaço de papel em todo o seu giro desde que nasceu para a circulação até quando fôr novamente repousar no cofre do banco, ou se perder para sempre: ao

<sup>1</sup> «O numero médio dos bancos em New-England, de 1811 a 1830, foi de 97; contaram-se em 23 annos 16 fallencias, ou  $\frac{2}{3}$  de 1 % por anno. A perda que a sociedade soffreu não pôde ter excedido em muito 500:000 dollars, o que dá uma média de 20:000 dollars ou  $\frac{1}{11}$  de 1 % do capital dos bancos, e não chega a ser uma millesima de 1 % das operações que elles facilitaram. Em New-York, de 1807 a 1837, o numero médio de bancos foi 26, houve 16 fallencias; média annual, metade de 1 %. O numero total dos bancos n'estes dois estados e na Pensyloania, de 1811 a 1830 foi 163. As fallencias foram 56. O capital era de 72.00:000 dollars, o dos bancos fallidos era de 10 milhões; a maior perda soffrida pelos que trataram com estes bancos, ou pelos que possuiam notas d'elles, durante o periodo inteiro não é apreciada em mais de 3 milhões, e provavelmente não chegou a metade. Admittindo, porém, essa cifra, temos sómente  $\frac{1}{300}$  de 1 % sobre as transacções dos particulares com estes estabelecimentos, e o risco de 1 dollar por 50:000 dollars. Nos ultimos 15 annos d'esse periodo não excedeu 5 dollars por 1 milhão.» (H. C. Carey — *Principes de la Science Sociale*, — tr. de S. Germain Leduc et Planche — t. 2 — pag. 438 e seg.

passar de uns a outros proprietarios irá associando cada um d'elles ao banco, para no seguinte passo o deixar completamente livre mas tambem completamente substituido; quando por qualquer motivo o estabelecimento emissor não possa reembolsar á vista, ou venha a ficar em taes condições que pague unicamente uma parte; o portador que havia confiado n'elle soffrerá com o descrédito alheio porque se lhe associou transitoriamente por meio de uma nota. Com os outros effeitos commerciaes acontece o mesmo: vêde o que é o cheque, a letra de cambio ou de terra, o bilhete, etc., e conhecereis que todos são documentos de sociedade de capitalistas com outros capitalistas, ou com os industriaes, ou com os operarios. Quaesquer que sejam os effeitos juridicos d'elles, todos esses contractos correspondem a um phenomeno de cooperação economica mais ou menos duradoura, mais ou menos vantajosa para cada uma das partes contratantes; todos nos fallam de uma sociedade de esforços de variadas grandezas cujos resultados pôdem ser tão differentes entre si, como diversas as distribuições do producto pelos compradores.

Olhado a esta luz, o crédito apresenta-se como fundamento da combinação de forças economicas; não uma combinação que traga responsabilidade tão grande como a da familia, nem que possa obrigar como a das sociedades collectivias, mas que se aproxima da sociedade anonyma na obrigação principal, sem coincidir com ella, porque não dá direito a participar na gerencia, nem a lucros indeterminados; mas a facilidade com que essa combinação pôde ser effectuada, e a sua immensa utilidade tornam-n'a a mais frequente de todas; que seria da industria, do commercio e da agricultura, se os homens não mais confiassem no curso natural das transacções, no valor dos objectos possuidos pelo devedor, e nas qualidades d'elle, e se limitassem á compra e venda a dinheiro? Que deslocação de enormes sommas para se effectuar o commercio entre as praças de um reino, de uma parte do globo, do mundo inteiro! Debalde o entendimento mais claro dos phenomenos economicos haveria comprehendido a vantagem de augmentar a produção, de mandar vir generos de longes terras, de abastecer os mercados; o anathema pronunciado sobre o crédito impedil-o-ia de combinar os seus esforços com os do capital alheio que de boa vontade se lhe associaria, convencido da capacidade do emprehendedor. Tão pouco o dono de vastas herdades melhoraria o sólo, faria grandes plantações, compraria machinas, ou ergueria muros, porque, faltando-lhe a moeda na occasião opportuna, lhe era vedado associar a si, por meio do emprestimo um ou mais capitalistas. Escravo do dinheiro, fascinado por elle, o homem não daria um passo que não fosse por elle garantido; e em vez de o considerar sómente como recurso indispensavel ás occasiões em que a combinação immediata de esforços economicos não é possível, tomal-o-ia como elemento unico das relações humanas. Cada productor, em lugar de ter em continua actividade o conjuncto dos agentes de que dispõe, aguardaria impaciente a venda de todos os artigos fabricados para renovar as operações; e esta intermittencia, tornando impossivel a regularidade do abastecimento do



mercado, provocaria as grandes oscillações dos preços, a extrema penuria depois da superabundancia. Immensas forças ficariam a intervallos em ocio para depois apressadamente voltarem a um trabalho vertiginoso. Não haveria fallencia de bancos, nem de commerciantes; a miseria, porém, seria incomparavelmente maior.

Os que attenderem demasiadamente á alta de preços provocada pelos abusos do crédito, esqueceram-se de que esse mesmo crédito, originando a todo o instante a rapida combinação dos varios elementos do trabalho, não só no mesmo mercado, mas também entre todas as praças do mundo, augmenta prodigiosamente a producção, chama o trabalho latente á vida activa, e assim provoca a regularidade, e o aperfeiçoamento da industria e do commercio. Se á sociedade actual tirarmos todos os factos que ahí se dão por meio do crédito, não só cortaremos grande numero de relações individuaes que são vehiculo de riqueza material e moral, mas também teremos de diminuir tanto a producção que o homem retrogradará assombrosamente. Basta notar que sem o crédito as relações internacionaes quasi desapareciam; a propria face moral do mundo perderia os seus mais brilhantes traços.

Como outra qualquer força á disposição do homem, o crédito dá lugar a abusos. Quando a especulação domina o commercio, quando os que trabalham se entregam cegamente ao amor de ganhar, o crédito é arma perigosa, e deixa mortos muitos d'aquelles que a empregaram; a demasiada confiança nas forças proprias leva a commettimentos que só pôdem as mais das vezes gerar sinistros; mas o crédito produz tantos bens, é tão necessario ao progresso da sociedade, vive tão intimamente no organismo industrial, que é impossivel arrrncal-o d'ahi sem que todo o sistema se resinta e perca a principal parte da sua progressiva energia. Por este preço não haverá de certo quem queira ter segurança de que não virão mais crises; a existencia de cada individuo estaria muito menos garantida contra a escassez dos productos do sólo e contra o retrocesso da nação a que pertencesse: a intima relação entre os diversos povos é com effeito o principal seguro contra esses sinistros incomparavelmente maiores do que as crises commerciaes; ora, como já dissemos, as relações internacionaes são em grande parte difficilimas sem o crédito. Seria insensato que por effeitos temporarios do abuso, a sociedade perdesse os maravilhosos beneficios do uso constante do crédito.<sup>1</sup>

Havemos passado em revista critica alguns dos mais importantes trabalhos ácerca das crises commerciaes. Tentaremos, como remate deste já longo estudo, apresentar em breves palavras a exposição synthética da

<sup>1</sup> Juglar chegou a escrever: «Tante création de capital additionel réel ou fictif, favorise l'achat des produits et tend à hausser les prix.» (Le change, p. 29). Seria facil concluir que a alta persistente e até progressiva dos preços é uma consequencia fatal dos esforços do homem. Que superficial exame dos phenomenos sociaes.

nossa opinião sobre as perturbações commerciaes. Não nos referiremos, pois, em particular aos bancos, ou ás sociedades anonymas; examinaremos, sim, o conjuncto dos phenomenos.

### VIII

Os medicos denominaram crise a mudança operada no curso de uma doença, e que ora traz consigo o restabelecimento da saúde, ora a morte. É uma transformação subita, que annuncia o termo do que usa denominar-se luta da natureza com o morbo; já a etymologia nos diz que a crise se pôde tomar como nova phase do movimento etyologico do qual é permittido concluir como findará o combate dado no corpo do individuo. Em politica, da mesma sorte que na industria em geral, a palavra crise é sempre tomada como conjuncto de circumstancias difficeis e penosas; mas se considerarmos attentamente os factos, e com especialidade o commercio, diremos que esse termo pôde, até certo ponto, ser empregado como em pathologia. É verdade que as crises commerciaes são precedidas por symptomas que a confundem com os da prosperidade; ao passo que as outras surgem por entre o apparatus morbido preexistente; mas se examinarmos com attenção o mercado veremos que tambem na economia social havia desde mais ou menos tempo o trabalho de elementos morbigenos; a crise rebenta quando já o soffrimento particular tem ido até ao ponto de o tornar verdadeiro desastre publico; importa não perder de vista a connexão dos factos para não nos illudirmos sobre a causa e o desenvolvimento d'elles.

Examinamos as diversas theorias, e não as vimos confirmadas pela experiencia; havia sómente uma parte de verdade em cada uma; não só estavam em desharmonia com os dados estatisticos, mas tambem a discussão independente d'elles inclinava *à priori* a não as admittir; e comtudo todos conhecem mais ou menos esses dias de dôr publica, de panico terrivel, de subita ruina de humildes e poderosos. Que methodo cumpre applicar na descoberta das causas das crises? De certo o mais seguro, o mais scientifico, será examinar primeiramente os phenomenos communs a todas; e uma vez trazidas a elementos irreductiveis, teremos de considerar causa d'ellas tudo quanto poder determinar a acção d'esses elementos segundo certa formula; com effeito não basta descobrir os agentes que deram certos resultados para podermos concluir que, uma vez postos aquelles em exercicio hão de ser obra dos primeiros; é preciso conhecer a grandeza de cada um, o modo porque se combinam todos, e a materia prima sobre que operam.

O leitor comprehende que a sociedade é um todo tão vasto, as suas forças tão variadas, a observação do trabalho omnimodo operado por ellas tão difficil, tão rodeada quasi de impossiveis, que não será dado hoje tratar as perturbações sociaes com o rigor de algumas partes da mathematica applicada; é, porém, necessario, não pôr de parte o methodo scientifico, vêr na sociedade um grande todo que lida incessantemente, e es-



tudal-o de sorte que não desprezemos nenhum dos factores de um dado producto para que as nossas conclusões não sejam ainda mais deficientes do que forçosamente o serão no estado actual da sciencia, quaesquer que sejam os nossos cuidados.

Felizmente para o trabalho que empregamos, parece-nos ser dado afirmar que por entre todos os phenomenos das crises achamos o seguinte facto irreductivel: formação de preços que não pôdem manter-se em harmonia com as necessidades que a sociedade pôde ou quer satisfazer<sup>1</sup>; a crise é um grau d'essa evolução morbida.

Resta saber quaes são as causas da subida. Crêmos que ellas a seu turno pôdem ser trazidas até um elemento irreductivel: a errada apreciação do valor dos productos; d'onde podemos concluir: 1.º que é elemento morbido todo aquelle que tende a levar os preços para cima do nivel marcado pelas necessidades capazes de satisfação: 2.º que lança esse elemento no commercio todo o juizo errado acerca do valor dos objectos. Todos os factos que se passam nos bancos, nas sociedades collectivas, nas casas do commerciante, nas fabricas, no campo, nas relações internacionaes, estão subordinados, em referencia ás crises, áquellas considerações geraes. Assim, em vez de nos contentarmos com o exame do movimento economico dos productos, attentamos tambem na intelligencia do homem que os manufactura, que os agita segundo as suas opiniões, que lhes attribue mérito variado conforme a disposição do seu espirito e as necessidades que sente.

Consideremos de mais perto as palavras que acima escrevemos.

A cada momento a produção é uma quantidade fixa distribuida em partes que são a propriedade de cada individuo. A cada momento cada individuo tem uma faculdade de haver pela troca, ou pela compra e venda, productos diferentes dos que possui; mas cada qual procura obter, não quaesquer mercadorias indistinctamente, mas sim aquellas que satisfazem as necessidades que experimenta. Para comprar para assimilar alguns globulos da torrente circulatoria, tem certos equivalentes; se um ramo de produção houver deitado fructos cujo preço para ser remunerador dos esforços ali empregados, exceda o conjuncto dos equivalentes possuidos por quem precisa comprar, parte d'esses fructos não viverão para a troca final, não poderão subsistir no meio social em que foram creados: ha um desequilibrio entre as condições da sua geração e as do mundo a que se destinavam. Evidentemente esta sorte do producto não

<sup>1</sup> Já Karl Marx escreveu: *Das allgemeinste und sinuälligste Phänomen der Handelskrisen ist plötzlicher, allgeminer Fall der Waarenpreise, folgend auf ein längeres, allgemeines Steigen derselben.* (*Zur Kritik der politischen Oekonomie* — Berlin 1859 — pag. 165). Tambem os economistas em geral se referiram a essa alta; mas não a consideraram tanto como deviam. O proprio Marx, tido como um dos escriptores contemporaneos mais conhecedores da economia politica não sabemos que tirasse da observação dos factos as consequencias que já hoje nos parece permittido tirar. Demais as palavra que citamos crêmos que poderiam ser substituidas por outras que dessem menor margem a duvidas e objecções.

lhe altera em nada as qualidades physicas; é ainda o mesmo para o mundo material; mas variou a sua face economica, a sua relação com o producteur: ha pouco era contemplado por elle como origem de engrandecimento; agora levado a verificar a rectidão do seu juizo ante as leis inflexiveis da gravitação social, toda a illusão se desfaz; a materia ha pouco animada pelo seu enthusiasmo jaz agora como importuno cadaver, como restos mortaes que é preciso vender á pressa.

As fallencias que todos os dias se estão dando, não as confundamos com as grandes perturbações do mercado, objecto especial do nosso estudo; não que sejam de todo differentes umas das outras; tem até analogias notaveis; mas enquanto as primeiras exprimem que alguma casa se afastou das condições seguidas geralmente, as segundas manifestam que a propria sociedade, ou uma, ou algumas classes, se afastaram das condições que ella mesma costumava impôr-se: as primeiras são como a pequena porção d'agua que, atrevendo-se aos rochedos, se quebra de encontro a elles e baquêa; as segundas são como que o proprio mar sahindo de seu leito; n'um caso os movimentos sociaes continuam regulares no seu conjunto: as desventuras particulares diluem-se no grande todo; algum coração se quebra; mas as pulsações do commercio dão-se com o rythmo habitual; as queixas dos que soffrem e vão perecer, perdem-se no tumultuar do mercado; no outro caso o soffrimento generalisa-se; é o proprio mercado que recua espavorido ante a situação que elle creou para si.

Que quer dizer que os objectos não sustentam o valor que lhes attribuiria quem os elaborou para o mercado? Quer dizer que o activo individual decresce: este decrescimento pôde ir até ser inferior ao passivo, e n'esse caso não só desaparece no pagamento de dividas o capital do producteur, mas tambem soffrem prejuizo os crédores; assim os damnos experimentados n'um ponto diffundem-se muitas vezes immediatamente por uma grande superficie. Quando uma ou algumas classes se enganam acerca do valor social dos productos, cada membro d'ellas procura obter a maior quantidade d'estes, e disputa com os companheiros a vantagem anciosamente esperada; as compras multiplicam-se, e tanto basta para que o preço venha a subir sem cessar, até que um dia a experiencia da venda ao consumidor, ou o exame das condições sociaes leva a conhecer que os preços não pôdem manter-se; mas embora reconhecido o erro, não é possível anniquilal-o; a evolução dos elementos lançados na sociedade continuam a sua obra; com o medo de perder o activo, decresce ainda mais rapidamente do que subira com a esperança de ganhar, como no campo da batalha o reconhecimento de um perigo pôde causar a desordem e trazer a derrota de um exercito, que ainda ha pouco marchára exaltado á sonhada victoria. A estes pertinazes esforços, em que a final vem a succumbir tantos d'aquelles que se julgavam assaz fortes para dominar na sociedade pela sua riqueza, pôdem applicar-se aquelles conhecidissimos versos de Victor Hugo:



«Oh! demain, c'est la grande chose!  
De quoi demain sera-t-il fait?  
L'homme aujourd'hui sènu la cause,  
Demain Dieu fait murir l'effet.»

Quando fallamos do errado juizo formado pelo homem ácerca do valor dos productos devemos considerar não só a alta extraordinaria, mas tambem o preço que, apesar de tornado habitual, não pôde manter-se por circumstancias inopinadas. No effeito, assim como na essencia, o phenomeno é o mesmo, apesar de parecer diverso. Pouco importa que a baixa seja determinada por uma guerra que o commercio não podia esperar, ou que derive de se reconhecer que a especulação fizera subir os preços até onde não pôde ir a força economica dos consumidores: n'um e n'outro caso o commercio ignorou os factos que haviam de impedir necessariamente a formação dos lucros calculados por elle. Pouco importa que na sociedade haja quem devidamente aprecie os erros praticados pelos homens de negocio e os indique; se apesar de tal indicação os especuladores continuarem como antes, os elementos da crise continuarão tambem no seu labôr terrivel. De todo o modo podemos dizer que uma parte da sociedade reveste os productos de qualidades economicas, as quaes fatalmente morrem por falta de meio bastante rico em equivalentes para as sustentar.

Como já dissemos, os productos permanecem; mas a distribuição da riqueza é diferente: os que se consideravam muito ricos ficam reduzidos á miseria; outros que eram tidos na conta de opulentos passam á pobreza. Ligados á sorte dos seus valores, desaparece com parte d'estes uma parte do seu capital ou todo elle, afóra os lucros a que aspiravam.

Nas considerações até agora feitas de modo algum pretendemos affirmar que a apreciação errada dos valores necessariamente produz a crise, da mesma sorte que o medico não affirma que um dado elemento capaz de ser morbigeno de feito gera a doença em todos os casos; por isso escrevemos sómente que a crise é um grau da evolução de certo elemento etyologico; pôde o trabalho d'elle encontrar na organização social e individual forças que o impeçam de progredir; pôdem pelo contrario deparar-se-lhe no caminho companheiros que lhe permittam apressar o passo e produzir mais funestos effeitos. O conhecimento do erro commettido vem frequentemente quando ainda é tempo de retroceder: avaliações menos rasoaveis são obra de todos os dias; mas quando o erro persiste e é commettido por grande numero de membros de uma só ou de algumas praças, o commercio marcha rapido para o estado de crise.

Quando subimos da apreciação errada ás causas d'ella, encontramos as variadissimas; vemos umas que para serem descobertas exigem pequeno grau de intelligencia; vemos outras que seria difficil prevêr no estreito dominio de cada mercado. Quem recordar, ainda que em revista muito rapida, os phenomenos politicos do corrente seculo, immediatamente



reconhecerá que os valores dos productos tem sido, por assim dizer, a cada instante, influenciados por factos inteiramente estranhos ao commercio, á industria e á agricultura. Não só houve repetidas guerras e revoluções que ao mesmo tempo abalaram quasi toda a Europa, e ainda a America, mas tambem a historia de cada nação registrou perturbações sociaes a curtos intervallos. Em Portugal, por exemplo, tivemos de sustentar logo no começo do seculo a guerra da independencia; mais uma vez nos fizemos nação pelejando contra os francezes; a revolução de 24 de agosto de 1820; os trabalhos das côrtes e dos reaccionarios; a independencia do Brazil; a guerra de 1828 a 1834 já no continente, já nas ilhas; a revolução de 1836, a belemzada, as contra-revoltas, a restauração da Carta em 1842, as desordens que vieram a dar na guerra civil de 1846-1847, a revolta de abril de 1851, todos estes factos acompanhados de crise financeira, de curso forçado de notas, de legislação instavel, de frequentes dictaduras, não nos mostram que a esphera mercantil e industrial necessariamente está sujeita a perturbações que lhe são trazidas por causas exteriores a ella? E estas causas são de sua natureza tão complicadas, que ainda os mais peritos e os mais perspicazes erram frequentemente ao julgar-as; que succederá aos commerciantes, vistos em preços correntes e não em jogos diplomaticos, ou em azares politicos? Facilmente se illudirão, ora attribuindo influencia demasiada a factos realmente desvaliosos, ora continuando a comprar por grandes quantidades e por subido preço, quando já se tenham dado acontecimentos que affrouxam cada vez mais a energia do consumo.<sup>1</sup>

Ainda no interior da esphera industrial quantos não são os factores de maiores ou menores variantes dos valores dos productos! O aperfeiçoamento de umas machinas, a descoberta de outras, a appareição de productos similares, a abertura de novos mercados, o maior aproveitamento das materias primas, a maior facilidade de transporte maritimo, fluvial, ou terrestre, a passagem de verdades scientificas para a tecnologia, etc. etc., tudo isto muda as porções de trabalho indispensavel á reproducção de um objecto, e consequentemente leva mais tarde ou mais cedo á alteração do valor. Se considerarmos profundamente a grandeza e a multiplicidade d'esses factores, se reflectirmos que operam em todos os mercados que tem communicação entre si, ao passo que o negocio individual

<sup>1</sup> Ainda mesmo dentro da esphera commercial é difficil julgar os factos; em 1864, Goschen cuidava que o desconto se manteria elevado por muito tempo e que não voltaria a taxa de 3 por c. Em 1867, porém, teve de confessar o seu erro vendo a taxa a 2 por c., sem que apesar d'isto o commercio fosse prospero ou affoita a iniciativa particular. Pouco antes da crise de 1857 (diz Karl Marx) lord Oberstone, o pae theorico da lei de 1844, disse perante a commissão parlamentar: «If the committee wish for further practical illustration of the soundness of the principles on which it (acto de 1844) rests, the true and sufficient answer to the committee, is, look around you; look at the present state of trade of the country, look at the contentment of the people.» Apesar da bondade do principio da lei, apesar do contentamento do povo, e da prosperidade do commercio, lord Oberstone esperando ali quatro mezes podia ver como as crises nascem depressa

se exerce sómente sobre uma parte indefinidamente pequena d'essa superficie e dos valores que ella supporta, admirar-nos-hemos de serem tão tenues as variações habituaes, e só a espaços relativamente longos dar-se uma perturbação que ao mesmo tempo afflige numerosas praças. Qualquer producto que temos diante de nós é, sob o aspecto economico, e nas suas condições de valor, um resultado em que tiveram parte todas as mudanças de capacidade productiva do homem, toda a influencia reciproca das praças, toda a actividade das gerações extinctas e da actual; a apreciação feita no mercado não pôde representar bem a parte de cada uma das forças componentes; mas a razão assegura-nos que toda a mudança de capacidade productiva é causa proxima ou remota da alteração do valor. Quando confrontamos estes factos com os da natureza physica parece-nos encontrar tambem nas combinações economicas, e na evolução do valor um mundo maravilhoso de indefinidamente pequenos, que a todo o instante se agitam em quantidades indefinidamente grandes, com movimentos differenciaes todos no sentido do progresso, e que enfim produzem grandezas que se revelam aos sentidos do homem, que se medem, que se manifestam na série dos preços.

E o homem enganando-se na apreciação dos factos que muito de passagem acabamos de indicar, illude-se ácerca do que é a felicidade, bem como do lugar onde ella reside. Cuida que só a posse de grandes riquezas pôde tornal-o venturoso, bemquisto, e por isso tantos são os casos de sacrificio dos mais nobres sentimentos á aquisição de dinheiro; ao mesmo tempo entende que o grande apparato no viver da sua familia é indispensavel para obter a estima dos concidadãos, ou tornar-se respeitado entre todos. Sonha com a influencia nos negocios mercantis ou politicos; pretende que todos saibam que é rico e poderoso. Elle, que se ri dos que preferem um dia de agradável leitura, ou de convivência com pessoas estimadas a terem mais algumas centenas de mil réis, elle julga-se habil, pratico, muito fino, quasi sabio, aproveitando todas as occasiões de adquirir mais oiro. Chega a ter compaixão dos que escrupulisam no emprego de certos processos de enriquecimento: chama consciencias tímidas ás que são mais fortes; e enfim considera como um dos seus principaes deveres o ser opulento, ainda que a justiça perca nas suas operações.

Os individuos que assim procedem, arrastados por uma paixão dominante, necessariamente se hão de enganar muitas vezes, e considerar oportunidade para lucrativa empreza a que serve só para causar damnos. Procuram reunir todos os recursos quando entendem que a revenda será vantajosa: pedem emprestado quanto lhes é possivel; compram a crédito emquanto ha quem lhes fie mercadorias; e mantêm na sua posse os productos á espera de melhor preço; mas em vez d'este, vem um que se pôde chamar o primeiro dos maus para os especuladores; e d'ordinario logo se seguem outros, todos baixando com granda rapidez.

Já o dissemos, e convém repetil-o sob outra forma: elementos eguaes pôdem em circumstancias d'fferentes não produzir sempre crise: a mes-



ma somma de prejuizos causará desastres muito diversos conforme a organização social que houver de supportal-os: se os pontos atacados pelo mal forem assaz resistentes, bem depressa virá o restabelecimento da saúde; succede, porém, como fica dito, que ainda hoje os costumes da maior parte dos povos civilizados, senão de todos, levam muitas famílias á ostentação, em que se dispende grande parte dos lucros, e que excita a ambiciosos planos. Resulta d'este facto que na hora de transtornos commerciaes, sendo difficil diminuir rapidamente os gastos, não raro se fazem loucos esforços para manter exterioridades de opulencia que destóam totalmente da desordem que já vae no negocio.

Além d'isto, nas épocas de prosperidade, a falta de exame das condições sociaes permite fundar numerosas empresas, que segundo programmas de facil redacção devem dar grandes dividendos: abunda a gente crédula e ambiciosa, parte da qual facilmente subscreve acções com esperança de lucro, ao passo que outra parte só quer acções para revender; esta segunda porção de subscriptores é geralmente a mais numerosa; se é menos crédula em relação aos grandes dividendos, é ainda mais no que toca aos grandes premios. Ora é de notar que a propria concurrencia de especuladores diminue as vantagens da especulação; a oferta cresce facilmente com a procura, e facilmente chega a ultrapassal-a. Em quanto este ramo de negocio está no principio, tenues sommas são precisas para mantel-o; mas quando se multiplicam as chamadas, e ao mesmo tempo avultados capitaes se immobilisam, reconhece-se por dura experiencia o erro de calculo. No começo as esperanças facéis de alimentar entretem a certa altura os premios, e cada qual dispende como se a nova riqueza houvesse de durar sempre. No seguinte periodo secca-se de repente a fonte imaginariamente eterna, e corre-se o risco de morrer á sêde. A inversão dos capitaes disponiveis em fixos, é um facto de summa importancia, o qual merece que digamos d'elle o que se nos figura bem fundado nos factos e em argumentos.

As economias realizadas durante certo periodo pôdem applicar-se de variados modos; mas de qualquer d'elles irão servir em ultima analyse para capital fixo ou circulante, ou para consumo. Se os que, proprietarios das economias, quizessem applical-as todas ao seu consumo proprio, haveriam de comprar os productos que desejassem; esta procura extraordinaria faria crer que outra viria apoz ella; os donos de fabricas receberiam grandes encommendas; mas os negociantes não achariam compradores; os prejuizos succederiam aos grandes lucros. Se as economias fossem todas invertidas em capital fixo das fabricas, faltariam as sommas indispensaveis do giro industrial; os preços das machinas e das construcções cresceriam muito; dar-se-ia quasi o mesmo que notámos a proposito dos objectos de immediato consumo; porque se as construcções, as machinas, etc., poderão servir mais tarde, ao passo que os objectos consumidos não voltam a ser empregados, sempre é certo que a producção tem de diminuir rapidamente, e que as novas fabricas, os novos caminhos de ferro, etc. não poderão trabalhar com actividade, visto que lhes falta o capital cir-



culante, e outros ramos de producção não tiveram desenvolvimentos proporcionaes; isto quer dizer que parte das emprezas de grandioso resultado em programmas darão grossas perdas. Por certo os estabelecimentos novos, e as vias de communicacão accelerada, representam um progresso em relação aos meios de produzir e transportar que eram até então empregados: a fabrica recentemente creada costuma aproveitar-se dos machinismos mais aperfeiçoados, e o caminho de ferro offerece commoda e rapida passagem aos homens e ás mercadorias; parecerá, portanto, que estes agentes de producção vem crear condições novas de per si bastantes para attrair sufficiente remuneração com proveito da sua clientella; observe-se, porém, que nas épocas de excessivas encomendas saem mais caras as fabricas, e as vias ferreas, o que já contribue para tornar menor a barateza dos serviços offerecidos por ellas; em segundo lugar a inversão de capitaes pôde ir ao ponto de não ficar a parte indispensavel á producção que tem de aproveitar e pagar o trabalho d'aquellas manufacturas e d'aquelles caminhos. Se todas ou quasi todas as economias realisadas se empregarem pertinaz e loucamente em poucos ramos de industria, não poderão os demais offerecer-lhes bastantes equivalentes de troca; haverá n'um ponto producção de mais, e n'outros producção de menos. Desde que a divisão do trabalho existe e torna cada vez mais intimas as relações dos productores, maior cuidado é necessario dar á distribuição das economias pelas differentes industrias; ora nos dias de especulação desenfreada, quando o egoismo cego leva a forjar prospectos á pressa para aproveitar o ensejo de obter subscriptores, é vender acções, ou comprar muitos productos ácerca de cujo mérito se propagou uma opinião falsa, quem se dará a largos estudos para saber as proporções entre as forças existentes e as obras planeadas?

Chegaríamos a conclusões analogas se suppozessesmos que todas as economias serviram para capital circulante; tal hypothese está comprehendida na primeira. Se qualquer dos casos que temos figurado não representa bem os phenomenos que é de uso presenciar, os extremos em que os collocamos deixam ver melhor as perniciosas consequencias do desequilibrio entre as varias especies de trabalho.<sup>1</sup> É n'estas occasiões

<sup>1</sup> Se representarmos por:

*E* — as economias realisadas;

*C* — uma parte de *E* invertida em capital fixo;

*X* — o capital circulante necessario para alimentar *C*;

*R* — o que resta de *E*, depois de tirado *C* ou,  $R = E - C$ ; vê-se que se *R* for menor que *X* uma parte de *C* não poderá produzir por falta de elementos de combinação; não queremos com isto dizer que ficará sem trabalho algum a parte respectiva das novas economias; o mal distribue-se por espaço muito maior; soffrerá a industria em geral; mas de todo o modo fica evidente que as novas condições são de soffrimento e não de prosperidade.

Na conversão de capital circulante em capital fixo, isto é, nos novos commettimentos industriaes, realisa-se geralmente, como já dissemos, um progresso, aproveitando-se os melhores machinismos, combinando melhor as forças exis-



que a demasiada procura, fundada na expectativa de avantajado rendimento, attrae simultaneamente agentes economicos de variado mérito; aqui se pôde applicar a theoria de Ricard ácerca da renda *mutatis mutandis*; porque se esta doutrina do economista inglez não abrange os phenomenos que se desdobram ao travez de seculos, dá-nos conta de factos que provém da lucta para a existencia quando o augmento da procura de productos não é acompanhado de proporcional progresso dos instrumentos de trabalho, da sciencia e da arte. N'essas occasiões proprias, os operarios de inferiores qualidades encontram abundante trabalho; criam-se necessidades; alimentam-se gozos; constitue-se um meio novo em que a vida se expande com desusado vigor; mas quando se reconhece o engano, quando o disequilibrio se patentêa, é forçoso retrogradar, o que n'este caso quer dizer que muitos deixam de ter remuneração, e outros ganham muito menos do que ha pouco.

O commercio é destinado a distribuir os productos por toda a parte; vae buscal-os ao manufactor e leva-os ao consumidor; se a corrente circulatoria continuamente conduzisse os productos de uma a outra parte sem os demorar no caminho, qualquer excessivo augmento de nivel seria facilmente notado, e a producção logo seguiria as alterações do consumo; porém, o commercio, não raro detém as mercadorias, esperando que o consumo lhe offereça em troca maior valor; esta esperança nem sempre é fundada; quando a corrente circulatoria se propõe em fim á permutação, não acha quem a receba nas condições que pretendia; não lhe pagam portanto as sommas que deu, nem as que tomou de emprestimo para crescer tão descommunalmente, nem ainda o luxo provocador que manteve, contando alcançar bom exito. Baldadamente clamarão alguns economistas que os productos se trocam por productos, e consequentemente a abundancia de uns, augmenta a felicidade da venda de todos os outros; a questão não está em vender; está no preço porque se vende; está nas relações entre os productos e as necessidades humanas; está na differença entre os equivalentes que de facto pôdem a cada momento combinar-se, e aquelles que o negociante suppoz que havia de obter; mal iria á sciencia social se examinasse os productos independentemente das variações de valor de cada homem; das mudanças de meio economico e moral provenientes dos actos d'elle; as mercadorias não circulam em torno de trabalhadores que fiquem sobranceiros aos movimentos d'ellas, e os dirijam a seu talante; que sejam no mundo economico o mesmo que para a antiguidade era a terra no seio immenso do cosmos; o homem é tambem um valor que circula, que augmenta, que diminue e que morre; uma tempestade commercial pôde arrazar em breve periodo o activo a

tentes, etc., de sorte que a mesma producção custa menos; e por conseguinte fica disponivel uma parte de capital que outr'ora era necessario a essa mesma producção; chamemos-lhe  $n$ ;  $R$  vae-se augmentando com porção de  $n$  á medida que os productos se fabricam; mas se apesar d'isto  $R + n$  fôr insufficiente para alimentar  $C$ . haverá prejuizo.



que os esforços de imaginação haviam dado aspecto de tanta riqueza; os especuladores folgam, e os productos se agitam como se fossem cheios de vida vigorosissima; ignoram que dispendem rapidamente as forças radicæes, e que dentro em breve cessará de subito esse movimento vertiginoso. Estas épocas da historia economica fazem-nos pensar nas legendas da idade média, que artistas inspirados vieram a representar na Dansa dos Mortos. É na hora de maior alegria, ou no desempenho de alguma missão importante, que a morte, ora envergando trajos grutescos, ora apparecendo sob a fórma de esqueleto nú, inopinadamente arrebatava a vida dos grandes, dos felizes, dos poderosos, e leva tambem os que soffrem. Umaz vezes marcha tocando tambor atraz dos esposos, que vivem na felicidade, porque se amam; outras, arranca a vara ao juiz que ávidamente recebia o preço da sentença injusta; outras, orna de collar de ossos o formoso collo da mulher elegante que se mirava e admirava ao espelho. As grandes dignidades da igreja não faltam n'este momento em que o tumulto se abre ao lado do enthusiasmo, da plenitude do prazer, da satisfação dos mais variados sentimentos. E com estes seres que viveram para a felicidade, que talvez nunca pensaram nas rapidas metamorphoses do individuo, a morte levou tambem o lavrador que solícito guiava o arado, e encontrou a sepultura no sulco recentemente aberto; a propria morte, que apparece na scena do trabalho productivo, melancolicamente allumiada pelo sol poente, quizera poupar aquelle braço robusto, aquelle coração simples; mas é forçoso perder a existencia terrestre; a morte obedece tambem a leis, que não póde transgredir. Os Holbein que dest'arte nos traduziram os seus pensamentos ácerca da instabilidade dos gozos terrenos, poderiam representar de modo analogo a ruina dos valores quando a crise se aproxima. Uns commerciantes giram alegres, altivos, confiados no porvir, imaginando que possuem finalmente a riqueza que ninguem poderá levar-lhes; outros os imitam, receiosos de não chegar a tempo, temendo que sobrevenha algum successo desastroso; mas por isso mesmo correm mais, ora possuidos de terror, ora risonhos. Por toda a parte é facil obter lucros. A arvore do trabalho cobre-se de flores que promptamente dão fructos. Renovam-se como por magia as abundosas colheitas. São inexgotaveis as torrentes de ouro, de crédito e de productos. Cada dia vale mezes ou annos da vida anterior a esta ridente quadra. Mas tudo se dissipa como visão formosa. O entendimento acorda; julga e deplora a fantasia. A morte, que parecera repousar um pouco, vem com novas e ousadas forças; apressa-se a visitar todos os lugares, e arrebatava dos valores tudo quanto lhe pertence; em alguns lugares deixa sómente a doença; n'outros produz o mal incuravel; n'outros o silencio sepulcral. Em toda a parte houve luta mais ou menos desesperada. Não se defendia a riqueza por simples affecto dos productos; mas sim porque estavam n'ella o poder, a influencia, o futuro risonho dos filhos, os prazeres habituaes da familia, e até as illusões da amisade falsa, os enganoses de mentiroso amor. E n'esta luta o egoismo empenha-se até aos ultimos recursos; salve-se quem podér; a caridade não terá cultores,



senão muito raros, n'estes dias de geral desolação. As praças apresentam um aspecto que seria repugnante se emfim não houvesse ali soffrimentos profundos; e na destruição perdem não só os que a tinham provocado com insensatez de seus calculos, com a criminalidade dos seus actos, com o arrojio das suas especulações; perdem também muitos innocentes que foram facilmente illudidos, ou que trabalhando com honra e perseverança, bons, economicos, e dedicados; ficaram reduzidos quasi á miseria porque diminuiu consideravelmente a clientella da industria que exerciam.

Michelet escreveu assim a respeito da época de Luiz XIV: «Fome de tres em tres annos. E contudo o luxo augmenta. Querem todos brilhar, e receiam os encargos da familia. A idéa religiosa desfallece. Não guarda o orgulho da forma senão abdicando a influencia moral. Não reina senão á força de obedecer aos vicios publicos; não vive senão para auctorisar o espirito da morte que a arrebatá». Vae longe o tempo de que falla esta severa critica; mudaram felizmente algumas condições economicas e politicas; mas ainda quantos pontos de analogia!

Nas sociedades que se dizem mais catholicas, ou mais protestantes, ou mais livres pensadoras, mas que de todo o modo se consideram muito religiosas, e de religiosas se orgulham, os preceitos evangelicos ou da moral andam em livros; mas o egoismo, o orgulho, a soberba ridicula, porem má, a ambição petulante dominam muitos e muitos espiritos. Ha quem se diga catholico, se confesse regularmente, commungue mais de uma vez cada anno, peça o rigor da policia para os gatunos, e ao mesmo tempo alegremente aproveite qualquer ensejo de lucrar enganando o proximo. Ha quem se diga protestante, e queira a observancia pontual e bem firme dos preceitos da sua doutrina, pelo que respeita ás formalidades, mas que não hesite em elaborar programmas que, vantajosamente para elle, causam a infelicidade de capitalistas e operarios. Ha livres pensadores, que se contentam com os principios geraes da moral, e que não duvidam commetter qualquer productiva immoralidade. Ha emfim hypocritas ou indifferentes nas relações religiosas ou de amor do proximo, os quaes só adoram o bezerro de ouro. Estas contradicções entre as obras e os pensamentos, esta objecção do espirito humano fatalmente produz perturbações industriaes, terremotos do commercio, da mesma sorte que na esphera politica os vicios e os crimes do tempo de Luiz XIV vieram emfim a soffrer castigo no seculo de Luiz XVI. Qualquer observador, por muito superficial que seja, facilmente verá que são grandes os elementos de discordia que no mercado e fóra d'elle trabalham para que a vida humana seja por emquanto diversa das aspirações dos mais nobres pensadores, d'aquelles que transmittem de seculo a seculo, bem mantido e aperfeiçoado, o ideal da humanidade. As crises, que de longe em longe assombram o mundo commercial, são o cruel mas necessario meio de liquidar contas com muitos erros, com muitos desvarios, com muitos crimes. E contudo essas crises, qualquer que seja a grandeza d'ellas, impressionam principalmente por serem inesperadas, e reduzirem a apertam-

das circumstancias aquelles que pouco antes eram respeitadas como poderosas. Se attentarmos n'outras formas de soffrimento, encontral-o-hemos ainda mais cruel, mais perseverante, mais pesado. Quando as revoluções do mercado como a de 1847 nos fizerem pensar na instabilidade da fortuna, voltemos os olhos do espirito para aquelle quadro de dôres cruciantes, e de penuria horrorosa em que a Irlanda nos apparece durante tantos annos, ao passo que o mercado de Londres só de longe em longe é tomado pelo panico. Um pouco de justas leis applicado áquella parte da Gran Bretanha, um pouco menos de ambição e de privilegios não teriam evitado a crise de 1847, ou diminuido muito a sua intensidade?

Chegados a esta parte do nosso trabalho, resta saber se as causas da crise commercial tendem a diminuir com o tempo? O exame dos factos responde affirmativamente. As communicações cada vez mais faccis, as circulares de numerosos casos, os telegraphos electricos e os jornaes, permittem formar idéa mais segura da producção e do consumo. A agricultura tornando-se intensiva diminue as differenças entre as colheitas annuaes. As crescentes relações entre os centros de producção e de consumo, bem como a presteza dos transportes, e a constancia relativa das disposições legaes offerecem bases sólidas ao commercio dos generos alimenticios; a distribuição de productos tão necessarios é cada vez melhor; e a este respeito convém notar que a escassez d'elles contribuisse outr'ora tanto para aggravar as perturbações do commercio, que, em geral, houve uma crise em cada maximo de preço d'esses productos; não vae longe o tempo em que a fome devastava com frequencia, regiões inteiras, e ainda aquellas que passavam por muito cultas. Hoje as nações mais adiantadas tem quasi sempre bem abastecidos os seus mercados.<sup>1</sup> A variedade de generos alimenticios facilita a substituição de uns por outros. O saldo de contas entre as diversas nações pôde ser feito com titulos de divida publica, acções, etc.; e o commercio bancario procura com progressiva diligencia estabelecer o equilibrio entre todas as praças. O proprio Oriente recebe muito maior somma de productos do que anteriormente. As guerras tendem a ser menos duradoiras. E, finalmente, da mesma sorte que a exploração de abundantes minas de metaes preciosos alteraria hoje menos do que outr'ora o valor d'elles por isso que existe já enorme massa na circulação, tambem cada crise encontra o commercio mais robusto, e os prejuizos levam consigo uma parte dos valores que é, relativamente, cada vez menor. Todas estas considerações nos fazem concluir que as crises commerciaes diminuem de intensidade com o tempo.

No progresso intellectual e moral do homem encontramos novo fundamento da nossa opinião. As crises são phenomenos proprios do periodo de experiencia dos grandes instrumentos de crédito, e das transacções

<sup>1</sup> Acerca dos repetidos casos de fome em outras épocas vejam-se alguns exemplos em *Darceste de la Chavanne*, *Histoire des Classes Agricoles en France* depouis S. Louis jusqu'au Louis 16—pag. 283 e seg.



pendentes de phenomenos ainda mal apreciados; é o uso d'aquelles instrumentos, é a observação destes phenomenos que diminuirá as probabilidades de sinistro. O estudo minucioso dos mares tornou a navegação menos perigosa. O estudo das operações de crédito, e das causas da variação dos valores dos productos, aplanará as difficuldades do negocio. Estamos ainda a menos de um seculo de liberdade de trabalho. Quão prodigiosos não hão de ser os resultados d'ella, se em periodo tão curto já se mostram luminosos e fortes, alguns traços de ordem onde as prophcias dos tímidos previam sómente a anarchia!

E não será dado esperar tambem profundas mudanças no procedimento humano? As aspirações dos que lidam para alcançar riqueza não se transformarão como tudo que as rodêa? A ambição demasiada, o sacrificio da tranquillidade de espirito, a paixão de amontoar grossas sommas não diminuirão á medida que o homem comprehender a nobreza de faculdades que traz consigo? O ideal da vida terrestre ficará immovel diante da rapida propagação dos conhecimentos, das descobertas scientificas, da diffusão dos productos da arte? O contacto cada vez mais intimo com a natureza, o aspecto magestoso das origens e do progresso da humanidade, a concepção superior do que fomos e do que somos, tudo isto reunido com sua enorme força artistica e scientifica será sem influencia nos actos do homem? Certamente não. Os nobres sentimentos, as paixões sublimes, irão enriquecendo o coração. Compreender-se-ha a riqueza-instrumento não a riqueza-fim. Esta simples alteração do pensar geral, será maior obstaculo á frequencia das crises, do que a applicação dos differentes remedios a cujo estudo procedemos.

O exame completo das crises commerciaes obrigar-nos-hia a considerar muito por menor as leis sobre sociedades anonymas, sobre bancos em particular, sobre fallencias, etc., bem como as diversas operações dos estabelecimentos de crédito. O nosso trabalho, porém, não se destinava á cultura de tão vasto campo. É simplesmente um exame critico acompanhado de observações geraes. Repetidas vezes, ao traçar estas paginas, vinham impressionar-nos os factos do mercado portuguez; ali vimos uma sementeira de empresas que nos pareceu em desharmonia com as forças do sólo; é possível que as estações corram tão prosperas, que todas produzam á maravilha; mas é mais natural que o lucro venha a ser inferior ao calculado pelo entusiasmo dos subscriptores. Seja, porém, como fôr, chegamos ao fim do nosso trabalho obedecendo ao deficiente programma que traçáramos. Ahi ficam apontados exemplos que pôdem esclarecer os que, manejando o crédito, parecem acreditar que não é possível o abuso d'elle.

O nosso modo de considerar as crises levou-nos a ter como elementos possíveis d'ella, não a exportação de numerario em especial, ou a moeda fiduciaria, ou a baixa da reserva metallica, ou a superabundancia dos depositos, ou as letras. Todos estes phenomenos pôdem dar-se, to-



dos estes elementos pôdem funcionar na crise e fóra d'ella. Nenhum nos appareceu como caracter distinctivo, symptoma pathogonomico d'essas perturbações. A rapida subida dos preços, a desharmonia das relações entre o consumo e a producção, a formação de valores que não encontram emfim elementos de vida, — eis o que se nos figurou apparatus morbido em todas as crises. O exame das causas d'ellas e o estudo das tendencias do individuo permittiram-nos concluir que esses abalos sentidos tão dolorosamente pela esphera mercantil, diminuirão de intensidade, e serão cada vez menos funestos. Não se enganem, porem, na chronologia do progresso, os demasiados crentes na rapidez d'elle: mostra a historia quão longo tempo exige qualquer melhoramento das condições da existencia humana.

A indole deste trabalho, justificar-nos-ha, crêmos nós, de havermos seguido caminho diverso do que deveria trilhar quem se propozesse a escrever um capitulo de tractado completo da sciencia social.

J. J. RODRIGUES DE FREITAS.

---

# COLON EN VALCUEVO

---

## CAPITULO V

**SUMARIO.**—La Universidad de Salamanca á fines del siglo xv. Los Reyes Católicos en Salamanca. Errores cometidos por Roselly de Lorgues. Las conferencias allí celebradas con Colon no fueron un acto oficial. Dónde y cómo se celebraron. Convento de dominicos y su granja de Valcuevo.

A fines del siglo xv la Universidad de Salamanca se acercaba al apogeo de su gloria. Habíanla ya ilustrado por aquel tiempo teólogos y juristas, como Anaya, Maldonado, Alfonso de Madrigal y Lope de Barrientos: filósofos y matemáticos, como el Marqués de Villena, Alfonso de Espina, Abraham Zacuth, el célebre Pedro de Osma, Pascual de Aranda y el mismo Apolonio, maestros del justamente celebrado Antonio de Nebrija.

Al lado de este brillaban, como luminares, en aquel foco de vida y de luz, teólogos, juristas, médicos, matemáticos, filólogos, humanistas... cuyos esclarecidos nombres resonaban, con el de la Escuela que ilustraron,— *scientiarum et artium Salmantina alma mater* — por todos los centros literarios de Europa, á los que eran llamados con encarecimiento, y en donde fueron premiadas con liberalidad sus lecciones. La historia de las letras conserva con esmero, y las ciencias se regocijarán siempre al repetir los nombres de los Deza, Talavera, Victoria, Benavente, Cisneros, Diaz Montalvo, Palacios Rubios, Villalobos, Alvarez, Laguna, Pedro Ciruelo, Diego de Torres, del portugués Enrique Hernandez y del Salmantino Pedro Espinosa, de Juan Costa y Rodrigo de Basuato, de Arias Barbosa y Marineo Sículo, de Pablo Coronel y Pedro Margallo, de Juan de la Encina y de Bartolomé Ramos.

Con no menos orgullo puede recordar tal época y reivindicar para sí aquella Escuela los esclarecidos nombres de D.<sup>a</sup> Lucía de Medrano, D.<sup>a</sup> Beatriz de Calindo, Francisca de Nebrija, Cecilia Morillas, Florencia

del Pinar, Alvara de Alba y Clara Clistera: dado que el premio y los honores otorgados al saber, junto con los atractivos que el mismo despertaba en toda alma bien nacida estimularon al bello sexo á cultivar, y con bien maduro fruto por cierto, no tan solamente la poesia y las bellas letras, sino el áspero terreno de las lenguas sabias y el harto espinoso de la medicina.

Ni eran solamente el Rabí Abraham Zacuth y el celebrísimo Pedro Ciruelo los que abrian allí anchos y nuevos horizontes á las ciencias fisico-matemáticas: á ellos, y á los ya citados Espinosa y Basuato, pueden añadirse Juan de Aguilera y Gerónimo Muñoz, el dominico Fr. Diego Gimenez, y el Dr. Nuñez de la Huerta.

Como directores de aquella sociedad y casi árbitros de los destinos de España, teólogos y canonistas, ¿quién no ha pagado tributo de admiración á los nombres de los dominicos Victoria y Deza, Sotos y Ledesmas, del doctor Benavente y del franciscano Gimenez de Cisneros, lumináres de aquellas ciencias, cuya luz reflejaban despues con esplendoresos brillo los Melchor Cano y los Bartolomé de Carranza?

Ilustraban tambien el Salmantino Estudio por aquel tiempo, Jurisconsultos del nombre y mérito de Diaz de Montalvo, de Palacios Rubios y Garcia de Villalpando, precursores de los Covarrubias, Azpilcuetas y Antonio Gomez: sabios, como Martínez Siliceo y el Pinciano: escritores, como Malara y Galindez de Carvajal, Perez de Oliva y Ambrosio Morales, Andres Resende y Bartolomé de las Casas; y más adelante, Antonio Agustin y Florian de Ocampo.

Las ciencias médicas se engalanaban con los nombres de los Alvarez y Villalobos, de los Laguna y Perez de Herrera, de Cristobal Orozco, Juan Bravo, Pedro Peramato y cien otros, de cuyos escritos ha sacado la ciencia provechosas lecciones, aun en nuestros dias.

Las Musas tegian allí coronas á Juan de Mena, á Juan de la Encina y Lucas Fernandez: y se las preparaban inmarcesibles á Fr. Luis de Leon y á Francisco de la Torre.

La música encontraba Maestros á la altura de Bartolomé Ramos en Francisco Salinas: y preceptores como Bernardo Garcia, Alfonso del Castillo, Diego del Puerto y Martin del Rio.

De allí salian hombres de Estado y Consejeros de la Corona, como Íñigo Lopez de Mendoza, Hernando de Talavera, Sanchez de Arévalo, Mendoza y Zúñiga, Tomás de Guenca, Gutierre de Toledo y Rodrigo Maldonado, noble abuelo del infortunado D. Pedro, que dió su vida en Villalar por la libertad de su patria.

Allí se formaban, en fin, aquellos insignes varones, adalides de las reformas en la Iglesia y propugnadores de las regalías en el Concilio de Trento, Diego Hurtado de Mendoza, Fr. Melchor Cano, Fr. Juan Gallo, Perez de Ayala, Vazquez Menchaca, Fr. Andres de Vega, Fernando Vellosillo, Pedro de Fuentidueña, los dos Sotos, y otros muchos que fuera prolijo enumerar.

No acabáramos, si hubiésemos de referir los nombres y los espe-



ciales talentos, la erudicion y las obras de los que educados en la célebre Academia Salmantina, durante el siglo xv y principios del siguiente, la dieron nombre glorioso y fama imperecedera, llevando con su palabra y sus escritos raudales de apacible y esplendorosa luz á todos los ramos del saber, de paso que servian á los Reyes con sus consejos y á la patria con sus talentos. Pero no queremos omitir que, antes de que Pedro Ramos se levantase en Francia contra la doctrina y la autoridad de Aristóteles, se habia pronunciado en Salamanca contra el escolasticismo aristotélico el catedrático de Retórica Fernando de Herrera, autor del opúsculo impreso en aquella ciudad — 1517, en 4.º con el título de — «*Disputa breve de ocho levadas contra Aristóteles y sus secuaces.*» Tampoco pasaremos en silencio, que, cuando el buen Bartolomé de las Casas se lamentaba de la falta de conocimientos astronómicos y geográficos en toda Castilla, habia en Salamanca, no solamente Cátedras de matemáticas, de física y de filosofía natural, sino de *Astrologia*: y no tan solo eran conocidas y comentadas las obras de Aristóteles y de Plinio, de Ptolomeo y de Pomponio Mela, de Estrebon y de Marco Manilio; mas se conocian y se estudiaban las de Alkabisius, de Albunasar, y de Alfagran, las de Juan de Monte Regio — las *Ephemerides* y el *Astrolabius*; — así como la *Sphera Mundi* de Sacrobosco, cuya obra comentaba y añadía Pedro Ciriuelo. Que Abraham Zucuth escribía allí su «*Almanaque perpétuo y sus Tablas*»: Aguilera sus «*Canones Astrolabii universalis*»: Espinosa su *Philosophia naturalis* y otros comentarios á la Esfera de Sacrobosco: — Margallo su compendio de Física: — Muñoz sus «*Instituciones Arithmeticas ad perficiendam Astrologiam*» — su «*Lectura geographica*» y su «*Tratado acerca del nuevo cometa*:» — y por último, Rodrigo de Basuarto escribía, por aquel tiempo, el siguiente curioso tratado: «*De fabricatione unius tabulæ generalis ad omnes partes terræ, et usu ejus ad facilem Astrolabii compositionem.*»

Y de que no estaba bien enterado de estas cosas Fr. Bartolomé de las Casas, ó de que se dejó guiar por Hernando Colon, al ponderar la gran penuria que en Castilla se sufriera de hombres versados en aquellos estudios, lo demuestra irrecusablemente la orden de los Reyes Católicos á D. Gutierre de Toledo, Maestre-escuela de la Universidad de Salamanca, para que enviase á la Corte — entonces en Segovia — 30 de Julio de 1494 — *personas de aquel estudio inteligentes en astronomia y cosmografia.* (Navarrete — Colec. Tom. III, Num. XVII — Madrid, 1829.)

Verdad es, que á fines del siglo xv ya no dormitaba la Europa en las tinieblas. La aurora del renacimiento, que despuntó en Italia con Dante, con Petrarca y Bocacio, irradiaba su luz por todas partes. Las obras de Alberto Magno, de Rogerio Bacon, de Vicente de Beauvais y de Pedro de Ailly eran ya conocidas del mundo sabio. ¿Podian ser ignoradas en la Universidad de Salamanca? Las que se conservan de los Maestros de ella en aquel tiempo demuestran con evidencia que no solo se conocian, sino que se comentaban. Fernan Nuñez de Guzman, conocido con el nombre de *El Pinciano*, escribía «*Castigationes in omnia Senecæ*

*scripta*: obra que se publicó en Venecia,—1536:—y otra que se imprimió en Salamanca,—1544—con el título — «*In historiam naturalem Plinii.*» Y el salmantino D. Diego de Torres, licenciado en Artes y Medicina, y Catedrático de Astrología en aquella Escuela, publicaba el propio año 1477—mense Maii xxv die—un curioso libro con el título de «*Astroloquium Comentarium.*»

Facilmente se comprenderá, que en semejante centro de literario movimiento, no tan solo era imposible que causasen estrañeza los conocimientos de Colon y las citas y autoridades que servian de apoyo á sus proyectos; sino que casi lo era el que estos dejaran de encontrar allí simpatías, por causa de aquellas mismas citas y autoridades.

Los apoyos científicos de aquellos proyectos los habia encontrado y mostrábalos Colon en Aristóteles—*Tractati de Cælo, de Mundo, etc.*: en el *Metereologico* y en el de *Mirabiles auscultationes*: los habia encontrado y los mostraba en Strabon—«*Verisimile etiam non videtur...*» Lib. I y «*Suspiciatur etiam Posidonius habitare terre...*» Lib. II: los habia encontrado y los mostraba en el «*Venient annis seecula seris, de Senecca.*» Act. II de su *Medea*:—en Esdras, cuyo pasage citaba con especial ahinco á la Reina Isabel, y en la obra del Cardenal Pedro de Ailly, que era su tesoro: libros que no tan solamente se leían en las aulas de aquella Universidad, sino que como hemos dicho, se comentaban y se castigaban por sus profesores; de lo cual dan testimonio irrecusable sus obras y las de sus discípulos.

Era la Universidad de Salamanca un cuerpo literario con vida propia é independiente. Nacida á la sombra de la catedral, mecida en el regazo de su átrio y de su claustro, creció al calor del poderoso auxilio que á porfia le prestaron, de una parte, los Reyes de Leon y Castilla, y de otra, los Romanos Pontífices. De ella formaban parte integrante todos los Colegios y la mayor parte de los Conventos de Religiosos que habia en la Ciudad. Estaban, por consiguiente, adscritos é incorporados á la Universidad los Maestros y alumnos de aquellos, formando con esta un solo cuerpo, si bien en cada cual habia lo que llamar podríamos una especial escuela, con su movimiento propio, científico y literario: lo cual daba á cada una de estas su distinto matiz y su fisonomía particular; pero todo ello sin que se rompiese, ni mucho menos, la unidad del gran centro que se llamaba Universidad. Y esto á tal punto era orgánico, habitual y notorio, que cuando se queria designar un Colegio ó convento, no se decia solamente — Colegio de S. Bartolomé ó convento de S. Esteban, pr. ej.; sino, «Colegio mayor de S. Bartolomé de la Universidad de Salamanca, Convento de S. Esteban de la Universidad de Salamanca.»

El desarrollo y la nombradía que llegaron á tomar algunas de esas particulares escuelas, en su peculiar movimiento científico, fueron tales, que merecieron honrosas distinciones y privilegios. El Convento de S. Esteban obtuvo el de que sus Maestros desempeñaran la Cátedra de Prima de Teología. Y el de San Francisco igual privilegio respecto á la Cátedra de Visperas de la propia Facultad.

El Presentado Fr. Manuel José Medrano, cronista de la orden de Predicadores en España, nos dice,—y lo confirman Gil Gonzalez Dávila y Bernardo Dorado—«que en el Convento de S. Esteban de Salamanca, no solo había Maestros y catedráticos de teología y filosofía, sino de matemáticas y de artes liberales; y que esos Maestros ocupaban en la Universidad los primeros puestos.»

A ese gran Liceo, á esa fecunda almáciga de hombres de ciencia y de letras llevaron á Cristobal Colon sus decididos protectores Quintanilla, Santangel, el Cardenal Mendoza, Cabrero, y el Reverendo Fr. Diego de Deza. Era este, sin duda alguna, el más fervoroso y francamente declarado partidario del genovés y de sus proyectos. De pecho abierto, de inteligencia clara, y de elevado espíritu el Maestro del Príncipe, Prior de la Comunidad de Dominicos de Salamanca, Catedrático de Prima de Teología en aquella Escuela no podía menos de ejercer en ella una legítima y muy poderosa influencia; y la conocia *intus et extra* lo bastante para esperar confiadamente, que en ella hallarian eco las ideas cosmográficas y los atrevidos pensamientos de Colon: que allí encontraría personas competentes que le entendiesen y le apoyasen: que allí le proporcionarían nuevos y fervientes partidarios: que allí se formaría atmósfera favorable á los proyectos: atmósfera que lograria desvanecer los recelos y las vacilaciones que en el ánimo de los Reyes y en derredor de ellos habian logrado infundir los consejos del Prior de Prado y el informe de su *junta de letrados, sabios y marineros*.

Hemos dicho, y todo lo comprueba, que el pensamiento de las conferencias de Salamanca fué debido á Fr. Diego de Deza. Ahora veremos que fué el alma de ellas. Insistimos en que se concibieron, se prepararon y se llevaron á cabo al propósito de desautorizar el desfavorable informe de la junta del Prior de Prado. Por consiguiente, bien lejos de ser la misma cosa, como ha dejado sospechar D. Hernando Colon, y como de ligero han dado de barato cuantos despues acá han tratado del asunto, las conferencias de Salamanca fueron *le pendant*, el contrapeso de la junta de Córdoba. Esta fué oficial, decretada por los Reyes: aquellas, aunque con su beneplácito celebradas, fueron officiosas. Por eso no se levantaron actas de ellas; dicho sea con perdon de Mr. Roselly de Lorgues, que nos habla de actas existentes en el Archivo de Simancas, que todavía no han visto la luz; sin embargo de lo cual aquel escritor sabe que aun cuando imperfectamente redactadas lo fueron dos años despues del suceso.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Tenemos motivos para asegurar, que no existen tales actas en el Archivo de Simancas, y para sospechar, que no existieron jamás. En 1864 hicimos indagaciones sobre esto: y el entonces encargado del Archivo, nuestro particular amigo D. Manuel Garcia Gonzalez nos decia con fecha 10 de aquel año lo siguiente... «Son muy exactas las reflexiones que Vd. hace sobre las inútiles investigaciones de las actas relativas á las famosas conferencias tenidas en Salamanca con el inmortal Colon. El difunto D. Tomás Gonzalez, mi favorecedor, me trajo aquí con él cuando vino á tal objeto en 1815, y nada halló ni hemos encontrado despues á tales conferencias relativo. De todo lo que aquí existia referente á Colon y á los demás descubridores primitivos del nuevo mundo se die-



Pero ni la visible desemejanza de las pláticas con el Prior de Prado, ni la completa falta de libros, de actas, y hasta de narraciones históricas de las conferencias de Salamanca pusieron temor en el esforzado ánimo de Roselly de Lorgues, el cual con su rica fantasía y con el desenfado propio de un francés, inspirándose en la autoridad de su criterio ultra católico, nos ha dicho, en el cap. v, lib. 1 de la *Vida y viages de Cristobal Colon*, cómo, cuándo y de qué manera se celebraron las conferencias, sin faltar punto ni coma. Es digno de ver de qué modo constituye la junta, nombra su presidente y su vice, cita los miembros, determina sus respectivas posiciones y aptitudes, habla del imponente auditorio, más sabio, dice, y más independiente que los jueces; designa el número de Colegios que realzaban, con la asistencia de sus más granados individuos, la magnificencia del acto, repite la manoseada cantinela de los argumentos teológicos, eleva á Colon sobre el Tabór y le transfigura, atribuye á los hermanos Geraldini el que no le llevarán desde allí á la Inquisicion, y condenado el proyecto como quimérico é impracticable, la junta entera, y no sabemos si el auditorio, aunque tan sabio y tan independiente, resulta convicta de estupidez, si es que no de infamia. Todo lo cual «*Se non e vero e ben trovato...*» Ciertó que todo ello es obra de ingenio, y dista grandemente de la verdad histórica; pero no se puede negar, que el cuadro es de efecto.

Comencemos por asegurar, que en 1486 — época del suceso — no existían la mayor parte de los Colegios con cuya presencia y aparato exhorta el drama Mr. Roselly. Los del Rey, Calatrava, Alcántara y Nobles Irlandeses fueron fundaciones de Carlos I y de Felipe II. El colegio de los Huérfanos fué fundado por Francisco de Solís, en 1550: el de San Miguel por D. Juan Delgado en 1576: el de S. Juan por D. Diego de Toledo en 1561: el de S. Pedro por el arcediano de Medina D. Diego Anaya en 1534: y el de Santa Maria por D. Juan de Burgos, en 1528.

Víctima del nunca hasta hoy combatido error de que las conferencias de Salamanca fueron la misma cosa que la junta convocada por el Prior de Prado, Roselly de Lorgues hace á este presidir, en Salamanca, la que por eso llama junta; de la cual hace también vice presidente al Dr. Rodrigo Maldonado, á quien llama asesor de Fr. Hernando de Oropesa y compárticpe de sus prevenciones contra los proyectos de Colon. Desde tal punto de vista miradas las conferencias de Salamanca, fuerza es con-

«ron noticias y enviaron copias al Sr. de Navarrete. Lo concerniente á las conferencias, en mi opinión, debió quedar en el Convento de dominicos de Salamanca ó en la Universidad.»

También por entonces llevamos allí nuestras pesquisas: y verificado por nosotros mismos un escrupuloso exámen en el archivo de aquella escuela encontramos un lastimoso vacío; la falta de los libros del Claustro correspondientes á los años 1481 á 1502 ambos inclusive: falta siempre lamentable, aun cuando nosotros la consideremos agena al asunto de las conferencias.

Solamente el convento de dominicos nos ha suministrado noticias importantes y datos preciosos; pero nada que pueda merecer los nombres de proceso verbal, ni de actas.

fesarlo, de antemano se debian considerar juzgadas y condenadas, como lo hace el ingenioso y erudito escritor francés. Pero como las conferencias fueron otra cosa que la junta del Prior de Prado, el edificio bonitamente levantado por aquel escritor no puede sostenerse en pié.

Si la junta de Salamanca hubiera sido oficial la habría presidido indudablemente el Rector de la Universidad, el respetable D. Gonzalo Sanchez de Lerenza, ó el Maestre escuela, D. Gutierre de Toledo; y se habria celebrado en alguna de las muy capaces aulas del edificio ya entonces construido y que conocemos con el nombre de Escuelas Mayores, ó bien en el inmenso salon de la Biblioteca: nada de lo cual se verificó.

La estancia de los reyes en Salamanca al regresar de su expedicion á Galicia durante el invierno de 1486 ó 1487, y lo que sobre ella nos dicen los cronistas Pulgar, Carvajal, Zúñiga, Dorado, Salazar, Palencia y el Cronicon de Valladolid, nos permiten asegurar, que á las conferencias no asistieron ni Fr. Hernando de Talavera, entonces Obispo de Avila, ni el Cardenal Mendoza, ni el Nuncio Scandiano, ni los hermanos Geraldini. Más que mitras y capelos en Salamanca hubo por entonces hábitos y sayos, borlas y garnachas. El Condestable Conde de Haro, el Canciller mayor D. Juan Manrique, conde de Castañeda, D. Gutierre de Cárdenas, Alonso de Quintanilla, el Arzobispo de Sevilla, hermano del Cardenal D. Gutierre de Toledo, hijo del duque de Alba y primo del rey, su confesor el ilustre Deza, los Doctores de Talavera y de Villalon, el Licenciado Chinchilla, esos fueron los personajes más granados que rodearon en Salamanca á la corte, amen de la nobleza Salmantina, que ilustraban por entonces los Paces y los Varillas, los Maldonados y los Monroyes, los Oballes, Ponces, Tejadas, Almaraces, Lunas, Flores y otros.

Los Reyes que salieron en Setiembre de Córdoba y dejaron en Jaen al Principe y las infantas sus hermanas, hubieron de detenerse en Trujillo, y sin tocar en Salamanca, se dirigieron despues á Medina del Campo, desde donde, con fecha 27 de Octubre 1486, espedian una Cédula mandando, «que en su venida á Salamanca no se echasen huéspedes á persona alguna de aquella Universidad.» El Prior de Prado visitaba su chispado de Avila: y el Cardenal Mendoza se ocupaba en Valladolid de su Colegio de Santa Cruz, que por entonces fundára, y de su patriarcado Toledano, en el cual había sucedido al turbulento Carrillo, que en julio de 1483 pasara á mejor vida.

La presencia sola de los Reyes bastó á desbaratar las revueltas de Galicia; de corrida la rebelion del Conde de Lemos, entrando en Ponferrada sin resistencia y mandando demoler las varias fortalezas de que aquel se habia apoderado; de modo que los Reyes pudieron entrar en Salamanca de regreso de su acelerada expedicion el 20 de Noviembre, — si creemos á Gil Gonzalez y á Galindez, ó el 30 de aquel mes, si damos fé á Hernando del Pulgar y á Ortiz de Zúñiga, los cuales dan á los Reyes en Santiago el 23 de Setiembre, y suponen que la sublevacion de Trujillo fué conocida de los Reyes en Benavente, de regreso de Galicia y camino para Salamanca; donde, á ser eso cierto, no

se habrían detenido, como indudablemente se detuvieron dos meses, ó sea hasta el 29 de Enero de 1487. Hernando del Pulgar añade, que los Reyes dejaron en Galicia al Canciller D. Juan Manrique con el consejo de cuatro Doctores. Pero debieron reincorporarse á la Corte en Salamanca; puesto que en el Cronicon de Valladolid nos dice el Dr. Toledo: «otorgó el Bachiller Becerra é juró las treguas con el Licenciado Francisco, «mi hijo, sábado 27 de Enero, en Salamanca, en el Consejo, estando presentes el Arzobispo de Sevilla é Doctores de Talavera é de Villalon é el «Canciller é otros muchos.» Y en una nota al Cronicon, añade Floranes:

«El Doctor Talavera era Rodrigo de Maldonado, tan conocido en la «historia de los Reyes Católicos, de quien fué nieto el célebre D. Pedro, «Capitan de la comunidad de Salamanca, prisionero en Villalar, donde «fué decapitado.»

Esas leves variaciones relativamente á las fechas en nada amenguan la exactitud del hecho cardinal: los Reyes pasaron en Salamanca los dos meses Diciembre y Enero de 1486 y 1487: durante los cuales ninguno de los Cronistas al ocuparse de los personajes y altos dignatarios que acompañaron allí á la Corte, citan al ya entonces Obispo de Avila, Fr. Hernando de Talavera y Oropesa, ni al Cardenal Mendoza. De este dice terminantemente su Cronista Salazar; «que habia permanecido en su Arzobispado mientras los Reyes en Salamanca. Recibió de estos, añade, «el oportuno aviso para que se les uniese con sus huestes en Córdoba; «pero solícito como ninguno les salio á encontrar en su tránsito desde «Salamanca á aquella otra ciudad.»

Otro hecho digno de notarse aquí es, el que ninguno de los cronistas cita á Colon, ni se ocupa de las conferencias: en tanto que es hecho innegable el de su celebracion allí y en aquel entonces. Pero ya lo hemos dicho, y eso lo confirma: las conferencias de Salamanca no fueron un acto oficial: carácter que las distingue de la junta de sabios, letrados y marineros, de Real orden tenida en Córdoba por el Prior de Santa Maria de Prado.

Tampoco citan los cronistas al lado de los Reyes en Salamanca, ni hay motivo alguno para suponer que allí estuviesen, el Nuncio Scandiano ni su Secretario Olivieri, ni el italiano Blaniardo, ni los hermanos Geraldini. De estos, el Maestro de la infanta Isabel — Antonio — se hallaba por aquel tiempo en Roma, segun Moreri; y la cita que de Alejandro hace Roselly de Lorgues cae por su base, demostrado como está que el Cardenal Mendoza — que no se llamaba *Diego* como lo llama Geraldini, sino *Pedro* — no estuvo con los Reyes en Salamanca durante el invierno de 1486 á 1487.

Si en la enumeracion de altos dignatarios peca por exceso la descripción que de las conferencias ha hecho Roselly, peca por defecto en lo que se refiere á Doctores y Maestros de aquella escuela. Ni la historia de esta, ni las crónicas de Salamanca nos dan noticia, por aquel tiempo, de Juan Scriba, ni de Pedro Pontea, como profesores; pero nos la dan en cambio de Nebrija, de Arias Barbosa, de Marineo Sículo, de Pablo Coronel, de Abraham Zacuth, de Pedro Ciruelo, de Diego de Torres, de



Núñez de la Huerta, de Aguilera, de Muñoz, del dominico Gimenez, del Doctor Benavente, de los Zamora y Victoria y Deza y de toda la serie de ilustres teólogos, juristas, médicos, filósofos y hombres de letras que forman la pléyada brillante de que al principio de este capítulo hemos hecho una ligerísima reseña, comenzando por los maestros de Nebrija y concluyendo por los distinguidos representantes de la Universidad de Salamanca y del episcopado español en el Concilio de Trento.

Hemos dicho que al finalizar el siglo xv la Universidad de Salamanca pisaba el dintel de su más gloriosa época. Y si esto es verdad, por lo que se refiere á la parte interna, á su organismo autonómico y fuerte, no lo es menos por lo que á su parte externa concierne. Crecían sus rentas, se aumentaba su personal, agrandábanse y se embellecían sus edificios, y á su estímulo y por la poderosa fuerza de su atracción y de su influjo, Salamanca iba pronto á ser llamada *Roma la chica*, nombre debido al número, magnificencia y belleza de sus monumentales edificios. Acababa en 1486 de levantarse la lindísima fachada plateresca, en el de Escuelas mayores, y el magnífico salón de la Biblioteca, obras que habían costado los Reyes Católicos,<sup>1</sup> dotando á la última con 370 doblas de oro, para adquisición de libros y sueldo de un estacionario. Y como cada una de las visitas que los Reyes Católicos hacían á Salamanca se señalaba por un beneficio dispensado á su Universidad, en aquel mismo año—1486—costearon la lindísima capilla, reformada y retocada, con sensibles pérdidas para el arte, á fines del siglo anterior.<sup>2</sup>

El convento de Dominicos, ya entonces dueño de la parroquia de San Esteban y alojado con amplitud, emprendía pocos años después, bajo

<sup>1</sup> En el centro de la fachada, que es un trabajo delicadísimo de afligranadas orlas y caprichosas alegorías, se ostenta orgulloso, como ha dicho el Sr. Benavides, un medallón en que se ven esculpidos en grande relieve los bustos de D. Fernando y D.<sup>a</sup> Isabel con su significativo escudo de armas: bello trono para reyes, protectores de las ciencias y las letras, como fueron aquellos.

<sup>2</sup> Hacemos mérito especial de esta obra porque ella nos suministra otra prueba más del interés con que en aquel tiempo se cultivaban en Salamanca las ciencias matemáticas y muy singularmente la astronomía. En la interesante obra titulada *Grandezas de España*, escrita por el Maestro Pedro Medina, se dice sobre aquella capilla lo siguiente: «Las Escuelas mayores son tan suntuosas que solo una portada costó más de 30.000 ducados, que fué más coste que agora—1595—300.000. En estas escuelas hay una capilla muy rica en bóveda. En lo alto della, que es de color azul muy fino, están pintadas y labradas de oro las cuarenta y ocho imágenes de la octava esfera, los vientos y casi toda la fábrica y cosas de Astrología.» Describe después la fábrica y el mecanismo de un reloj que adornaba la capilla; y en el complicado mecanismo de aquella ornamentación... «Está asimismo, continua el Maestro Medina, la luna que por sus puntos hace su movimiento creciendo ó menguando, donde se vé muy al propio de como ella parece cada día en el cielo.»

El retablo de la capilla, que desapareció cuando la retocaron, era parecido al que existe en la capilla mayor de la catedral vieja, con la diferencia de que en el de la Universidad las columnas, frisos, capiteles, y marcos de los intercolumnios estaban recubiertos con adornos de plata filigranada y tenía en los centros cuadros originales del inolvidable Gallego (D. Fernando) y en medio una magnífica estatua de S. Gerónimo.

la iniciativa y direccion del célebre Fr. Domingo de Soto, las monumentales obras de su magnífico templo, del átrio y galerías exterior é interior:— esta última de una belleza y originalidad incomparables — obras para cuya descripcion y encarecimiento seria necesario escribir un libro. Poseia ya entonces el convento, entre otras pingües fincas, la espaciosa y rica granja de *Valcuevo*, á diez kilómetros al O. de la ciudad, finca productiva y bellamente situada, con su casa-palacio anchurosa y confortable, que servia de casa de recreo á los Reverendos Padres Maestros de la Comunidad.

Pues bien: fué en los claustros viejos, fué en la antigua sala capitular de San Esteban, fué tambien en la granja de *Valcuevo* donde se celebraron las famosas conferencias de los Maestros y Doctores de la Universidad de Salamanca con Cristobal Colon, durante el invierno de 1486 á 1487. Colon estuvo hospedado en el convento de dominicos, obsequiado y considerado por el Prior y por toda la comunidad. La tradicion ha trasmitido y la ciudad ha consagrado la memoria de aquel suceso, dando el nombre de *Colon* á la calle que desemboca en el átrio del convento por el lado noroeste; así como ha conservado hasta hoy el nombre de *Teso de Colon* á la cúpide de una colina inmediata á la casa-granja de Valcuevo — donde el actual propietario de la finca, D. Mariano Solís ha levantado en 1866 una sencilla pirámide, modesto, pero glorioso monumento, que aquel Señor tuvo el notable rasgo de colocar bajo el patronazgo exclusivo de la Universidad de Salamanca.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> No por vanagloria, sino porque no queden, como de costumbre, sepultados en el olvido los hechos que honran á nuestro país, queremos consignar aquí el de la cesion del monumento hecha á la Universidad por el Sr. D. Mariano Solís, de cuyo solemne acto se levantó acta, el borrador de la cual obra en nuestro poder. Permitásenos extractarla aquí.— El día 3 de abril de 1866, *la Universidad*, en cuerpo de profesores — incluidos los del Instituto, y antiguos Doctores de la misma, — presidida por el entonces Rector, Sr. D. Juan José Viñas, y compuesta de los SS. D. Pablo Mestres, D. Vicente Lobo, D. Pedro Lopez Sanchez, D. Manuel Bartolomé Tarrasa, D. Angel Crehuet y D. Vicente Oliva, — Profesores y auxiliar respectivamente de la Facultad de Derecho, — D. Ramon Nieto, D. Mames Esperabé y Lozano, D. Pedro Romero, D. Manuel Cueto y D. Tomás Rodríguez Pinilla — Profesores de la Facultad de filosofía y letras, — D. Pedro Manóvil y Prida, D. Alejandro Torre Velez, y D. Rafael Conde Luque — que lo eran de la de Teología — D. Manuel Caballero, D. Justo de la Riva Otero, D. Pedro Maria Fernandez, D. Gerónimo Vazquez, D. Felipe Teixeira, D. Camilo Alvarez de Castro, D. Cristobal Cuesta y D. Benito M. Escalada — Director y Catedráticos del Instituto de 2.<sup>a</sup> enseñanza, — de los Doctores D. Juan Urbina, D. Ignacio Coreho, D. Ramon Losada, D. Juan José Villar, D. Angel Villar y Pinto, D. Lucas Garcia Martin, D. Lorenzo Mellado, D. Pedro Sanchez Llevot, D. Toribio de la Mata Chaves, D. Modesto Falcon, y de los oficiales de la Biblioteca, Sres. Doncel Ordaz y Vidal, se constituyó en el *Teso de Colon*, próximo á la Granja de Valcuevo, propiedad del Sr. D. Mariano Solís, á cuyo coste é iniciativa se acababa de erigir sobre aquella despejada cima un monumento de granito á la memoria del Gran Cristobal Colon: consistia aquel en una elegante pirámide terminada por un globo terráqueo, sobre el basamento de un grupo de cuatro pedestales dóricos perfectamente orientados, descansando sobre ancho zócalo de fino granito, y cercado á conveniente distancia por una vistosa verja de hierro sobre pilastras de la misma piedra: en los centros de los lados Oeste y



Verdaderas conferencias de filósofos y de patriotas, en el recto y genuino sentido de estas palabras, fueron aquellas más libres y también más provechosas que de ordinario suelen serlo esas reuniones y juntas compuestas de sabios de oficio, donde todo se halla reglamentado,—el traje, como la palabra,— y donde todo marcha al acompasado ceremonial de procedimientos y de fórmulas inventadas para oscurecer la verdad, poner en torturas á la razon y alucinar al público, dando muchas veces garrote al sentido comun.

Autor y director de aquellas conferencias el Prior de San Esteban, confesor del rey y ayo del príncipe, se deja comprender que el protector de Colon las sabia dar el tono y las formas convenientes al objeto que se habia propuesto y que perseguia en union con los otros devotos del genovés. Que concurririan, sin duda alguna, eclesiásticos y seculares, doctores y legos, teólogos y filósofos, hombres de ciencia y hombres de mundo; pero que no faltarian seguramente matemáticos y *astrologos*, como se decia entonces; y sobre todo, que no dejarian de asistir los profesores más distinguidos, y los Salmantinos de espiritu más abierto, y de corazon más esforzado. Allí Nebrija y Coronel, allí Diego de Torres, allí Basuarto, allí Espinosa, allí el dominico Fr. Diego Gimenez, y allí, sin duda alguna, «el buen astrólogo Fr. Antonio de Marchena, que siempre estuvo del lado de Colon,» y que tanta influencia ejerció en el ánimo de los Reyes.

Que la palabra fervorosa y elocuente, las razones claras, la voz inspirada, la dignidad imponente, y la conviccion profunda de Cristobal Colon, en aquellas conferencias, á las que daba interes vivísimo el asunto, importancia el auditorio, transcendencia el objeto, y tono y seguridad el personage que las dirigia, debieron producir un efecto mágico y de todo en todo contrario al de las pláticas de Córdoba con el Prior de Prado... ¿quién podria dudarlo? En el capitulo próximo veremos que le produjeron: y ofreceremos á nuestros lectores las pruebas de esta verdad.

T. R. PINILLA

Este del pedestal, en letras doradas de alto relieve sobre finas planchas de blanco mármol, se leen hoy las inscripciones siguientes:—«A Cristobal Colon — en memoria de las conferencias habidas en este sitio de Valcuevo — para el descubrimiento del nuevo mundo — Mariano de Solis—Año 1866:» —Y en el opuesto lado: —«A la Universidad de Salamanca — donó este monumento — Mariano de Solis — Año 1866.» — Despues de las felicitaciones y plácemes más entusiastas al Sr. D. Mariano de Solis, manifestó este su deliberado propósito de poner el monumento bajo el patronazgo y tutela de la Universidad, á cuyo efecto se proponia hacer de aquel y del terreno que ocupaba donacion pura y perfecta á la Salmantina Escuela. El Rector, en nombre de esta dió las más cumplidas gracias al Sor. de Solis por su ofrecimiento, significándole la honra que en aceptarle cabria á la Universidad de Salamanca: á la altura de cuya fama se levantaba con tan patriótico acto, reivindicando para ella como buen hijo de Salamanca y de su Escuela, la parte que tuvieron en la realizacion de la empresa más grande y más gloriosa que registran los siglos; y coronando su obra con otro acto no menos generoso y patriótico que el primero. Despues de lo cual se leyeron poesias y discursos alusivos al asunto: y se dió fin al acto con un espléndido banquete en la inmediata granja de Zorita, también propiedad del Sor. de Solis.



---

## PROPHYLAXIA INTERNACIONAL

---

A face dos mais insuspeitos testemunhos fica provado que a Europa, impotente para gerar a peste, a febre amarella e a cholera, tem recebido estas doenças respectivamente da Africa, da America e da Asia.

Que vehiculos serviram ao transporte dos germens epidemicos? Quaes foram os agentes transmissores? Por que meios foi operado o contagio, se contagio houve?

Com quanto não sejam em tudo identicos os processos de transmissão de cada uma d'essas tres enfermidades, é certo que todas ellas apresentam de commum a possibilidade de serem transmittidas, directa ou indirectamente, do enfermo ás pessoas sãs.

Por mais que a inoculação tenha falhado nas suas tentativas de reproducção quer da cholera, quer da febre amarella, por mais discrepantes e contradictorias que tenham sido as consequencias d'esse processo applicado á transmissão da peste, não ha direito a concluir, de resultados negativos, em desproveito do positivo ensinamento dos factos. A inoculação, supremo criterio para as doenças virulentas, não é juiz competente sobre a natureza transmissivel de quaesquer outras enfermidades especificas. Póde a inoculação ser feita com materia alheia a todo o principio morbifico, póde ser praticada com um vehiculo tornado inerte pela idade, isto é, por ter sido colhido aquem ou além do periodo de maturação, póde ter sido realisada em terreno esterelizado tanto por condições intrinsecas como por nefastas influencias externas, e em cada uma d'essas hypotheses serão nulos os resultados da experiencia e nullas deverão ser as consequencias a tirar d'ella. E, todavia, é a experiencias feitas nas condições apontadas, que de preferencia recorrem os partidarios do

não-contágio das referidas doenças. Triste impugnação, a que se confia á eloquencia das experiencias mudas!

Ainda quanto a inoculação visa a illudir pelos seus resultados negativos os fundados, mas funestos, receios do povo ácerca da indole contagiosa de uma epidemia, e tende por esse modo a levantar o animo das populações e a imprestar-lhes a valentia de que carecem para resistirem pela coragem ao inimigo que as ameaça, poderemos desculpar pela sublimidade do fim a irregularidade do meio. Se a pathologia tem a reprehender Desgenettes pelas erroneas consequencias a que deu motivo a inoculação que elle impunemente practicou em si mesmo com o pus de um bubão da peste, a philanthropia deve estar-lhe reconhecida pela prodigiosa influencia que um tal acto de heroismo exerceu no Egypto sobre o animo do exercito francez, diminuindo-lhe a predisposição para contrair a peste.

Quando, porém, a inoculação se converte em arma offensiva contra quem, instruido por lições menos fallazes, acredita na natureza contagiosa das doenças a que particularmente nos temos referido, quando dos resultados negativos da inoculação se pretende fabricar o camartello que haja de alluir o edificio construido lenta mas solidamente pela combinação methodica dos materiaes colligidos por successivas gerações e affeiçãoados pelos mais perfectos processos da critica moderna—e outra não é a pretensão dos escriptos do dr. Stanski,—quando a inoculação se apresenta arrogante a pretender ofuscar as verdades conquistadas por longa e accurada observação, como ainda se apresentou em 1867, no congresso medico de Paris, onde o dr. Shrimpton desafiava as convicções contagionistas, offerecendo-se para se deixar inocular com quaesquer materias provenientes de cholicos, mas esquecendo-se de accrescentar que a sua já provada immuidade pessoal o punha perfectamente a salvo dos desastres que sem ella lhe adviriam, quando, em fim, se insiste com impertinencia em que da ponta de uma lanceta pende a solução do problema da transmissibilidade da cholera, da peste e da febre amarella, então é mister reagir contra a insolencia de um processo que vive da calculada e consciente confusão entre doenças virulentas e doenças miasmico-contagiosas, processo que por semelhante artificio tem condensado as trevas onde pretendia diffundir a luz.

Em contraposição ao erroneo corollario derivado das inoculações, que subsidios nos ministra a grandiosa série de factos archivados na historia epidemiologica? Como contrastam entre si as falsas deducções experimentaes e as logicas consequencias da evolução epidemica?

Sempre que na Europa uma epidemia de peste, de febre amarella ou de cholera, pôde ser estudada desde a raiz, a observação demonstrou: que a importação da doença fôra feita por pessoas ou coisas procedentes de localidade onde reinava doença identica; que os caminhos transitados pelo homem eram as vias unicas para a marcha da doença; que introduzidas n'um paiz, até ali immune, pessoas contaminadas de uma d'essas doenças, a enfermidade se transmittira primeiramente áquellas que com os doentes tinham tido relações directas ou indirectas, e que ao depois

cada uma d'essas pessoas infectadas se constituia foco de irradiação morbigena para outras, e assim successivamente até que, ou modificadas as condições do meio cosmico ou contaminadas todas as pessoas aptas, predispostas, para receber a doença, a epidemia terminava, no primeiro caso, porque a estação não permittia a cultura das boas sementes, no outro, porque faltavam os terrenos adequados á germinação d'ellas.

Todavia, para se operar a transmissão da doença, nem era necessario nem bastava o simples *contacto* da pessoa sã com a doente. Não era necessario, porque evidentissimos casos de transmissão tiveram lugar entre individuos que nunca se aproximaram. Não era bastante, porque grande numero de pessoas escaparam á transmissão apesar de haverem communicado com os enfermos. D'aqui novos argumentos contra a natureza contagiosa ou transmissivel das tres doenças em questão, pois que, dizia-se, sendo contagiosas, deverião ellas não poupar um unico individuo que houvesse tocado em pessoa affectada. Era esquecer as immunidades, era negar a influencia das causas predisponentes, e era, sobre tudo, insistir no velho erro de que o *contagio* era inseparavel do *contacto*, erro que se traduzia pelos ridiculissimos processos de abrir os bubões da peste com bisturis de longa cauda, de observar os enfermos mediante oculos de ver ao longe, de administrar a hostia com o auxilio de pinça, etc.

Para que o *contacto* directo entre dois individuos fosse razão bastante da transmissão, era mister não só que o elemento contagioso residisse na superficie cutanea do enfermo, mas ainda que o tegumento externo do individuo sã, tivesse physiologicamente as condições para a absorpção d'esse elemento. Succede, porém, que a cholera e a febre amarella não têm manifestações cutaneas das quaes se exhale principio contagioso, e a peste nem sempre poderá transmittir-se pelos pus dos bubões, por isso que a materia purulenta não encontra absorpção em superficies revestidas pela epiderme protectora.

Evidenciada a transmissibilidade d'essas doenças e posta de lado a pretendida necessidade do *contacto*, resta como instrumento de transmissão a atmosphaera que circunda o enfermo. Essa atmosphaera, que elle infesta pelas suas exalações, é o mais importante vehiculo do *contagio*, não só porque assim recebe tudo quanto possa conter os germens morbi-ficos, como porque infiltrando-se até aos mais reconditos meandros do organismo sã, que a respire, vae collocar esses germens nas mais prosperas condições de vitalidade e permittir-lhes que, reproduzindo-se, reproduzam a doença de que foram alternadamente causa e effeito. Na cholera, por exemplo, sendo o *Micrococcus* o elemento especifico e contagioso, será esteril toda a tentativa de reprodução que não comece por garantir ao cogumello as condições de vida nutritiva e reproductora, condições que só o tubo digestivo realisa. Por isso as dejeções intestinaes sã por excellencia, o agente transmissor da cholera, e por isso tambem o mais demorado *contacto* com um cholerico, será mil vezes mais innocente do que a simples e instantanea absorpção da atmosphaera viciada pelas suas dejeções. E, de resto, muito notorio o triste privilegio que



as lavadeiras têm para contrair a cholera por intermedio das roupas que serviram a cholericos.

Para a febre amarella é talvez ainda mais assignalada a influencia transmissora da atmosphaera. Cada doente constitue-se um foco de infecção do ar, que por tal modo viciado envenena quem o aspira. A efficacia com que o ar confinado dos navios a cujo bordo tem havido doentes de febre amarella, serve á propagação da doença, está hoje provadissima tanto pelos numerosos exemplos de infecção recebida pelos fiscaes aduaneiros que fazem a visita a navios infectados, como pelos casos de transmissão da doença de bordo de um navio a pessoas que só de longe receberam o ar que d'elle saía, como finalmente pelos factos observados assim em Pomegues como em Saint-Nazaire, de navios que receberam a infecção de outros com que não haviam tido communição de especie alguma, mas dos quaes tinham recebido a atmosphaera viciada, por se acharem collocados a *sotta-vento*. D'estes factos nasce o aviso prophylactico de nunca expor individuo são ás correntes aereas emanadas de navio infectado.

Não se julgue, todavia, illimitada esta faculdade transmissora do ar. Além d'um certo raio, sempre curtissimo, a attenuação da materia morbigena annulla-lhe a actividade. Felizmente que, para estas causas pathogeneticas, se não realisa a lei imposta por Hahnemann a outras causas pathogeneticas—os medicamentos—lei em virtude da qual a actividade da materia estaria na rasão inversa da massa, pois que de outro modo, *dynamisada* pelas distancias e *succudida* pelas tempestades, a materia cholerogenica transportada pelas correntes aereas, seria capaz de dar aos antipodas de Bengalla epidemias de uma crueldade tal que—para tudo ser absurdo—o numero dos fallecidos fosse superior ao dos atacados.

A supposição de que o ar atmospherico só por si podesse disseminar illimitadamente as doenças epidemicas de que temos fallado, vingou por algum tempo na sciencia, e deu origens a grandes perturbações nos sistemas de prophylaxia. Como oppor barreira á invasão de uma epidemia que não vem pelo mar, que não avança pela terra, mas que se transporta pelo ar? Qualquer tentativa de obviar á entrada dos elementos especificos da doença seria pueril. Restava aos diferentes paizes, como obrigação unica, embora insufficiente, sanear as povoações por modo a expurgal-as de todas as condições de receptividade morbida. Impotentes perante a causa determinante, teriam apenas a curar do aniquilamento das causas predisponentes ou adjuvantes. A primeira conferencia sanitaria internacional, realisada em Paris em 1851, chegou a esta deploravel consequencia, para a cholera, e d'ahi veio o desprezo e quasi abolição total das medidas restrictivas contra tal doença. Não tardou muito tempo que a França não expiasse as culpas do erro que ella, pela auctoridade dos seus delegados a essa conferencia, contribuiu para auctorisar e propagar. E, tanto o conheceu, ao receber em 1863 a cholera por Marselha, cujo porto conforme á errada crença, se não premunira contra as proveniencias do Egypto, então infectado, que a administração sanitaria desde

logo tratou de restabelecer as antigas praticas quarentenarias, quando para a occasião já eram inuteis, e tratou de fazer estudar por nova conferencia, que em 1866 se reuniu em Constantinopla, as condições de propagação da cholera e as medidas prophylacticas que essas condições demandassem.

A conferencia de Constantinopla, constituida por delegados de doze potencias (Austria, Duas-Sicilias, Estados-Romanos, França, Grã-Bretanha, Grecia, Hespanha, Portugal, Russia, Sardenha, Toscana e Turquia), entregou-se ao estudo das questões epidemiologicas concernentes á cholera, com a gravidade que o caso requeria. As leis promulgadas por essa conferencia não foram ainda contradictadas por um unico facto e—coisa ainda mais para maravilhar—uma conferencia egualmente internacional, reunida oito annos depois em Vienna, convocada por iniciativa da Austria-Hungria, inspirada, talvez, pelos interesses da Russia no Mar-Negro, e composta de delegados de vinte e um estados (Allemanha, Austria-Hungria, Belgica, Dinamarca, Egypto, França, Grã-Bretanha, Grecia, Hespanha, Italia, Luxemburgo, Noruega, Paizes-Baixos, Persia, Portugal, Romania, Russia, Servia, Suecia, Suissa e Turquia), não só confirmou as idéas e as formulas adoptadas em Constantinopla, mas teve de deixar sem resolução todos os problemas scientificos que a sua predecessora não se atrevera a resolver.

D'essas conferencias, ou antes d'essa conferencia—visto que a de Vienna foi apenas a sombra da de Constantinopla—ficou averiguado que a transmissão da cholera pelo ar atmospherico, abstracção feita da atmospherica dos doentes, não tem em seu abono um unico facto, e tanto assim que os desertos, são efficaz barreira contra a propagação d'essa doença. Sabe-se positivamente que nem uma só vez as caravanas que partem de Meca têm importado, atravez o deserto, a doença para o Egypto ou para a Syria, e por aqui se pôde avaliar a influencia que o renovamento do ar tem na propagação das enfermidades, sendo que tanto mais confinada fôr a atmospherica, tanto mais garantias ella offerece á vitalidade e, sobre tudo, á proliferação dos agentes reproductores da doença. Deriva-se d'este conhecimento um valioso corollario pratico: o ar, só por si, convenientemente renovado, é um desinfectante poderoso. «Ao ar livre, o principio gerador da cholera, perde rapidamente a sua actividade morbifica,» disse-o, por unanimidade de votos, a conferencia de Constantinopla, e repetiu-o com egual unanimidade a de Vienna.

Dest'arte encontra a prophylaxia, na atmospherica, um alliado ou um inimigo, conforme souber modificar-lhe as condições. Desaccumular as povoações, destruir os exercitos, obstar aos ajuntamentos populares, eis ahi outros tantos meios, que têm em sua defeza não só as sãs idéas theoricas, senão tambem innegaveis resultados praticos de enfraquecer, e mesmo de annullar os progressos de uma epidemia. Reduzida á sua formula scientifica, a questão cifra-se em alongar o raio da atmospherica de cada enfermo, para enfraquecer proporcionalmente a actividade dos germens morbificos que n'ella estejam immersos, e a augmentar a dis-



tancia entre essas esferas, a fim de evitar a sua reciproca interferencia, que daria nova força aos germens que se encontrassem.

A transmissão da cholera pela atmospheria viciada por exhalações do cholerico, sendo o mais seguro não é, infelizmente, o meio exclusivo da propagação da doença. A agua potavel pôde, com effeito, conservar em plena actividade o elemento cholerogenico que tenha recebido, e introduzil-o no estomago e intestinos de pessoas sãs, que para logo se tornarão cholicas. Embora não tão evidente como para a cholera, igual modo de transmissão deve ser admittido para a febre amarella e mesmo para a peste. Este factor epidemico é, todavia menos importante do que a *circumfusa* dos doentes e não chega sequer a representar papel tão notavel como o que pertence ás roupas de uso dos enfermos.

Se é certo que os christãos de Tunis, graças á imperfeição do methodo, nunca foram acommettidos pela peste que, por cima da muralha que os circundava, lhes era *arremessada* pela tribo dos *Nadis* nos fatos de pestiferos, se é notorio que a cholera e a febre anarella nem sempre atacam as pessoas que lidam com as roupas usadas por individuos acommettidos d'essas enfermidades, mais certo e não menos notorio é que, a cama e o fato são vulgarissimos intermediarios dos principios contagiosos: a historia dos condemnados Ibrahim Assan e Ben-Ali, que no Cairo receberam a peste pelo simples motivo de se haverem deitado em leitos onde pouco antes haviam jazido pestiferos, o facto de haver a febre amarella que assolou Lisboa em 1857, ter sido transportada desde o Brasil nos espolios que, abertos na alfandega, fizeram d'ella o foco da irradiação epidemica na cidade, e a frequencia com que a cholera recruta as suas primeiras victimas entre as lavadeiras, tudo isso prova com evidencia a attenção que á prophylaxia deve merecer a *bagagem* de pessoas suspeitas de contaminadas por qualquer d'essas doenças.

De que o fato e roupas são transmissores das doenças epidemicas se concluiu que, se não todas, algumas *fazendas* ou *mercadorias* deveriam offerecer aos principios contagiosos favoraveis condições de transporte e poderiam assim conduzil-os a paragens remotas, disseminando ali elementos epidemicos. A indução peccava, todavia, em tomar como perfeitamente eguaes as condições, aliás differentissimas, em que sob o ponto de vista epidemiologico estão as fazendas e as roupas: aquellas sem communicação directa e menos ainda demorada com o enfermo, estas recebendo d'elle e por mais de uma vez as exhalações morbidas impregnadas dos corpusculos animados que em si resumem a etiologia proxima das doenças contagiosas. Bastava esta consideração para enfraquecer a importancia das mercadorias como agentes de propagação epidemica, importancia já de si arruinada pela falta de harmonia, que sempre houve e cada vez mais pronunciada se torna, entre os differentes epidemiologistas em referencia á ennumerção das materias ditas *susceptiveis* ou capazes de operar a transmissão das doenças, sendo quanto a uns, enorme o grupo d'essas substancias que, para outros, se reduz apenas a algumas especies. A desharmonia a que alludimos não permittiu que qualquer das



conferencias sanitarias internacionaes de cholera definisse especificadamente as mercadorias *contumases* e deixou assim uma tal definição ao arbitrio de cada interessado.

Poderá perguntar-se, visto isso, em que especie de direito se funda a pratica de operar beneficiações em generos commerciaes, se a sciencia não conseguiu ainda determinar rigorosamente quaes são as mercadorias perigosas e discute ainda hoje mesmo a existencia de taes mercadorias. Não é difficil a resposta. Em prophylaxia, a duvida deve valer como certeza. Entre o perigo de importar uma doença epidemica e o damno resultante de uma prevenção talvez desnecessaria, não é permittida a escolha. Por isso, os congressos scientificos onde semelhante questão tem sido tratada, sendo concordes em que não ha factos authenticos de importação de cholera por mercadorias, aconselham ainda assim a consideral-as como aptas á transmissão da doença em certas circumstancias. E porque taes circumstancias se não deram, ou não foram conhecidas, seria imprudente concluir que se não dêem em época mais ou menos remota. Quando mesmo argumentos decisivos e observações irreprehensiveis houvessem demonstrado a innocuidade das mercadorias, isto é, houvessem provado que não existe mercadoria capaz de conservar em plena actividade os germens morbificos, nem assim a prophylaxia deveria descurar a beneficiação d'aquelles generos commerciaes que, não podendo ser vehiculos da causa especifica, poderiam, ao menos, pelo seu estado de avaria ou de imperfeita conservação ser causas banaes de insalubridade e contribuir por tal modo para a fertilidade do solo em que a epidemia, trazida por outros vehiculos, houvesse de diffundir-se. Mais ainda: a mercadoria pôde ser ao mesmo tempo impotente para trazer em si, na sua substancia, os corpusculos morbigenos, e para soffrer metamorphoses chimicas que a leva á putrefacção e a convertam em elemento de insulubridade da atmosphera, e pôde não obstante *auxiliar* efficazmente ou *determinar* mesmo a importação epidemica, *confinando* a atmosphera do navio. A febre amarella de Saint-Nazaire foi ahi levada por uma embarcação que da Havana trouxera carregamento de assucar em caixas; nem o assucar nem a madeira que lhe era involucro seriam capazes de em si conservar os germens da doença e, todavia, as caixas, impedindo a circulação do ar no porão, reprezando a atmosphera, obstando ao seu constante renovamento, *confinando-a*, em summa, deram aso a que o ar uma vez viciado não mais perdesse as suas deleterias qualidades e alimentasse na sua massa os perdidos elementos que, inhalados pela gente empregada na faina de bordo, foram por ella ao depois transmittidos a pessoas que com o navio não haviam tido qualquer especie de comunicação directa. De modo que, perante tão notavel exemplo, cumpre considerar a mercadoria não só e não tanto em relação á sua materia, como, e sobre tudo, em relação á sua *arrumação*, pois que o genero de si mais propicio á transmissão epidemica pôde ter sido por tal modo ventilado durante a viagem, pôde achar-se tão completamente beneficiado pelas correntes aereas, no fim da derrota maritima, que dispense sem escrupulo qualquer nova e porven-

tura menos efficaz beneficiação, ao passo que o genero insusceptivel, aquelle que na sua composição e structura não offerece aos elementos contagiosos sufficiente agasalho, póde exigir, não para si, mas para a atmosphaera que o envolve e que elle impediu de purificar-se, as mais rigorosas medidas de beneficiação.

São numerosos, mas nem todos efficazes, os meios a que se recorre para *beneficiar* as materias contaminadas de principios epidemogenicos. A ultima conferencia sanitaria, a de Vienna, negou peremptoriamente que a sciencia conhecesse «meios ou processos de desinfectação, mediante os quaes o principio gerador ou contagioso da cholera podesse *com segurança* ser destruido ou enfraquecer a sua intensidade.» Esta desanimadora proposição foi todavia contrabalancada por outra, em que o mesmo tribunal declarou haver meios e processos capazes de conseguir, senão com *segurança* ao menos com probabilidades d'exitó, aquelle *desideratum*.

Variam esses meios e processos, conforme a qualidade da materia a desinfectar. Ha porém um, por ventura o mais seguro e certamente o mais facil, commum para todos os generos contaminados e applicavel a todas as enfermidades transmissiveis.

É o arejamento. A ventilação.

Já foi dito, a proposito dos limites com que a athmosphera d'um enfermo conserva a sua nefasta influencia. que o ar renovado obsta á re-produção dos microphytas, elementos determinantes e especificos da cholera. O asserto é tambem verdadeiro com referencia aos principios morbigenos da peste e da febre amarella e ainda mesmo aos d'outras doenças contagiosas de indole epidemica. A hygiene nosocomial attendendo, cada vez com mais esmero, ao cubo e renovamento do ar para cada enfermo e empregando os mais despendiosos recursos da mechanica com o fim d'obter o constante arejamento das enfermarias, presta reverente culto ás qualidades desinfectantes das correntes aerreas que, bem dirigidas, são infinitamente mais anti-scepticas do que os mais afamados meios que a chimica tem ministrado á therapeutica. A disseminação dos enfermos atacados das doenças transmissiveis é um dos mais seguros processos para attenuar as devastações epidemicas, impedindo a accumulção dos germens morbigenos, dos quaes tambem a *união faz a força*. Não admira, que o ar, largamente distribuido, seja ainda o principal agente da hygiene, se elle, ás suas propriedades desinfectantes, reúne a impagavel vantagem de não deteriorar os organismos que tenham de ser beneficiados.

Da falta d'este ultimo predicado nasce o descrédito da maioria dos outros agentes anti-scepticos, porque esses, do mesmo modo que supprimem a vida dos corpusculos parasitarios e morbigenos, annullam a actividade dos elementos autositarios e organicos e destroem assim o que temos interesse em conservar. Existem, é certo, substancias que sendo venenosas para certos parasitas do corpo humano são totalmente innocentes para este: bastará lembrar os remedios anti-helminicos. Mas comparada com a dos helminthas, a resistencia vital dos microzoarios e dos microphytas é consideravelmente maior. Parece que os seres ultimos da es-

cala biologica, assim como conseguem supprir pela enormidade do seu numero a exiguidade das suas dimensões, assim tambem illudem os perigos que de toda a parte e a cada instante os ameaçam, com a amplificação da resistencia ás causas desorganisadoras, causas que hão de ser tanto mais impotentes quanto menos complexo fôr o equilibrio das moleculas sobre que actuarem. A regeneração integral de tecidos, de órgãos e até deapparelhos é tanto mais facil quanto menos elevado é o nivel do animal na escala zoologica. A resurreição — *surge et ambula* — nunca a sciencia pôde enxergal-a nos animaes de temperatura constante, e é perfeitamente exequivel em animaes de temperatura variavel. Pôde, pois, dizer-se, que a immundade contra as vulnerações e contra a desordenada acção dos agentes cosmicos, está na rasão inversa da complicação organica, o que equivale a dizer que os proto-organismos zombam impunemente de alguns agentes a cuja influencia succumbiriam organisações mais complexas.

Applicadas á prophylaxia prática, estas regras significam que um enfermo, tornado foco de doença contagiosa, mais facilmente succumbiria á acção dos agentes chimicos anti-scepticos, do que se deixaria mediante elles, expurgar radicalmente da materia contagiosa. Admittindo que o chloro ou o gaz sulfuroso fossem dotados d'uma infallivel acção destruidora dos corpusculos cholero-genicos, quem ousaria immergir um doente acommettido de cholera, em athmosphera onde aquelles gases estivessem tão pouco diluidos que não ficassem muito aquem da sua missão desinfectante? De mais, o gaz ou qualquer outro principio anti-sceptico seria de todo inutil se não podesse pôr-se em contacto com o elemento que é chamado a destruir, e por isso, dado mesmo que uma athmosphera de chloro involvesse o doente, muitos dos seus órgãos, por ventura os mais importantes ao caso, ou deixariam de receber o gaz ou o receberiam em tal attenuação que os microphytas alojados no organismo escapariam de todo á deleteria influencia do anti-sceptico.

A purificação dos enfermos por meio dos banhos geraes de composição mais ou menos variada tem sido tentada, mas sem exito, nas doenças cujo *quid* contagioso não reside apenas no tegumento externo. Meio perfeitamente adquado á prophylaxia de certos exanthemas, o banho geral, seja d'agua simples, seja mesmo de liquidos que tenham em dissolução saes alcalinos ou terrosos, não tem, na prophylaxia da cholera, da febre amarella ou da peste, importancia superior á de qualquer outro elemento do aceio, importancia que, não sendo para desprezar visto que tende a enfraquecer as causas adjuntas da doença, está longe de nos dar a segurança que se exige aos genuinos desinfectantes, aos que exerçam sobre o microphyta uma acção mortifera.

A impotencia ou o perigo dos desinfectantes é um dos grandes escolhos da prophylaxia. D'outro modo, senhora de meios capazes d'inutilisar a actividade dos germens morbigenos no proprio theatro da sua reproducção, a prophylaxia internacional não teria de recorrer a meios attentorios de liberdade individual. Mas, impossibilitada de obstar a que cada



enfermo seja um prolongado foco de contagio, impotente para aniquilar as exhalações perigosas que cada um d'esses focos representa, que melhor se pôde esperar da prophylaxia do que o rigoroso isolamento do organismo que, sem proveito proprio, determinaria uma calamidade geral?

Não é porém o violamento dos enfermos, a sequestração das pessoas atacadas de enfermidade transmissivel, o que mais dóe na practica das medidas prophylachias internacionaes. O que verdadeiramente as torna peizadas, o que as apresenta como vexatorias, aquillo contra que maiores clamores se tem levantado, é a temporaria clausura dos individuos apenas *suspeitos* de possuirem em si, no estado latente, os germens do contagio.

De facto, a prophylaxia não vê o perigo da importação morbida apenas no cholerico, no pestifero, ou no typhoso-icteroide; vê-o ainda nas pessoas que sem terem um unico symptoma, a mais leve manifestação de cholera, de peste ou de febre amarella, tiveram todavia communição proxima ou longiqua, directa ou indirecta com os focos primarios ou outros, de qualquer d'essas doenças, e puderam por similhante modo receber em si os elementos morbigenos que só mais tarde virão a revelar-se por symptomas objectivos, tangiveis, evidentes.

A *incubação*, que assim se denomina a phase em que uma doença especifica não manifesta ainda os seus primordiaes symptomas, phase em que o morbo se occulta ás vistas mais penetrantes, sem por isso deixar de existir e de aconselhar todas as prevenções contra a sua futura propagação, phase em que o doente se confunde com as pessoas sãs, a incubação, provadissima para aquellas tres doenças, e de periodo differente para cada uma d'ellas, obriga a prophylaxia a reter isoladas todas as pessoas provenientes de logar infectado, até que, decorrido o praso do apparecimento de symptomas, a ausencia ou presença d'estes venha infirmar ou confirmar a suspeita ácerca do estado sanitario dos viajantes.

Se houvera meio de reconhecer uma enfermidade no seu periodo d'incubação, se fôra exequivel a diagnose entre a doença latente e a doença ausente, se os meios d'observação clinica estivessem aperfeiçoados ao ponto de se poder enxergar nas profundezas do organismo, a causa material das doenças epidemicas que ainda se não tenha revelado por qualquer dos seus effeitos, então os rigores da prophylaxia para com os individuos meramente suspeitos, não teriam rasão de ser.

No estado actual das coisas, inhabil como é a sciencia para conhecer de prompto, a validade ou invalidade das suas apprehensões ácerca do verdadeiro estado sanitario do homem aparentemente são, mas que esteve sujeito á influencia das causas determinantes d'uma doença importavel, e inhabil egualmente para destruir os germens mortigenos que possam existir dissimulados no organismo suspeito, a prophylaxia cumpre um doloroso mas imprescriptivel dever considerando como docentes, não só aquelles que evidentemente o são, como ainda aquelles que podem sel-o d'um momento para o outro, porque mais vale suspeitar infundadamente da saude de mil individuos do que fazer correr a milhares

d'elles o risco inherente a olhar como perfeitamente inoffensivo quem pôde trazer em si o embrião d'uma epidemia.

Isto pelo que respeita ás pessoas.

Em referencia ás coisas — bagagens, mercadorias, navios — a beneficiação é bem menos fallivel.

Aqui não ha tanto, e pôde mesmo deixar de haver, os receios de destruir o que se pretender desinfectar. Por esta mesma consideração succede que, em relação ás epizootias, a prophylaxia, quer a peculiar a cada paiz, quer a internacional, tem sido muito mais efficaz e por vezes mais evidente do que a proposito das epidemias. Abater cem ou mil rezes contaminadas por doença contagiosa de indole epizootica, é problema de solução mais prompta do que desinfectar, sem prejuizo para elle, um cholericó ou um pestifero.

A beneficiação dos objectos, com quanto vise a não os deteriorar sem indispensavel necessidade, offerece pois maiores larguezas aos systemas preventivos das importações morbidas, já porque é mais facil fazer com que o agente desinfectante penetre em todos os pontos accessiveis aos germens morbigenos, já porque em ultimo caso se recorre sem escrúpulos á combustão ou a qualquer outro processo que na sua acção destructiva abranja ao mesmo tempo os principios contagiosos e a materia que os armazenava.

Para as roupas d'uso, a lavagem, repetida, em solutos fortemente alcalinos, dá a desejada innocuidade.

As mercadorias e generos ditos *susceptiveis*, são efficazmente purificados pelo arejamento alternado com demoradas immersões em espaços por assim dizer saturados de gazes incompativeis com a vida dos microphytas ou microzoarios.

Por certo mais difficil é a completa beneficiação das embarcações infectadas. Para o caso de febre amarella, sobretudo, a infecção dos navios chegou a fazer o desespero dos hygienistas. Houve exemplo de navio que conservou intactos os germens de doença apesar de completamente afundado por largo tempo. Modernamente porém, recorre-se a methodos d'uma efficacia segura e que só tem contra si o dispendio de tempo, questão realmente secundaria, quando se trata de comprar com elle a salvação da saude publica.

Esses methodos consistem ou na carbonisação da superficie interna do navio, ou nas repetidas lavagens executadas pelo processo a que Melier deu o nome de *sabordement*.

O primeiro, o da carbonisação, ao passo que destroe pela acção do fogo os germens que incrustam as paredes interiores dos diferentes compartimentos de bordo, reduz as superficies d'essas paredes a um carvão extremamente poroso que não só absorve e assim inutilisa quaesquer gazes deleterios que haja no interior do navio, mas tambem se não presta á proliferação, á multiplicação dos germens que acaso tenham illudido a acção do calorico e que, extinctos n'essa geração sobrevivente, faltos de descendencia, perderão em breve praso a sua importancia epidemiogenica.

O outro processo o do *sabordement*, consiste em abrir portinholas (*sabords*) no costado da embarcação, encalhada por modo que a maré nos seus fluxos e refluxos ora invada, ora abandone o interior do navio. Limitado aos pontos onde se dê o phenomeno das marés, tal processo não pôde ter applicação geral. Felizmente que em muitos casos, a simples beneficiação operada pelos gazes desinfectantes (chloro, acido sulfuroso), pelas lavagens com agua do mar, e pelo continuado arejamento, dispensam de recorrer ao *sabordement*, apenas usado em Saint Nazaire, por occasião da epidemia em 1861, e cuja efficacia então, e ahi comprovada, parece depender menos do simples contacto da agua com as superficies infectadas, do que do attrito, da fricção exercida contra essas superficies pelas massas d'agua, que alternadamente entram para o navio e d'elle saem.

(Continúa).

J. T. DE SOUSA MARTINS



---

# AQUICULTURA

---

## I

### INDUSTRIA OSTRERA

No es solamente el trabajo del hombre el que produce frutos, sino tambien, y en parte principal, el trabajo, la accion espontánea de la naturaleza. La dificultad consiste en comprender el modo como se ejecutan estos trabajos naturales, para que con agregar á ellos un poco de esfuerzo humano podamos servirnos de la totalidad del producto.

En esta virtud así como del cultivo de los campos, combinacion de la obra del hombre y de la naturaleza, depende una parte principal de la riqueza de las naciones, si aprovechamos tambien otros muchos talleres naturales de produccion, se pueden recoger grandes ventajas que multipliquen los productos.

Pongamos por ejemplo el *cultivo de las aguas* así del mar como de los rios en sus variados laboreos y fijémosnos por ahora en la *ostricultura*, que es el objeto del presente escrito, primero de una serie que pensamos consagrar á la materia.

El planeta que habitamos es un laboratorio donde constantemente se están combinando las sustancias primeras para formar compuestos acomodados al desarrollo mútuo de todos los seres; un taller donde la madre providencia no deja un punto de trabajar con incesantes esfuerzos misteriosos, que no apreciamos porque no los distinguimos bien, ni los comprendemos bastante. Cuanto se dice acerca del trabajo del hombre, sin dejar de ser cierto, es exagerado, en sentido de que sea el principal agente de la produccion.

Verdad es que el hombre revuelve la costra del planeta, clava se-

millas en su superficie, cuida y defiende las plantas que de ellas nacen, recoge cuidadoso las maduras cosechas, y que al hacer todo este trabajo, trabaja mucho y rocía el pan que come con abundante sudor de su frente. Pero antes que el trabajo humano intervenga en la producción ; cuántos trabajos preparatorios ha hecho la naturaleza! Y después, al mismo tiempo que el hombre trabaja, cuánto y cuánto continúa ayudándole también la naturaleza misma! El sol que calienta el suelo, el aire que orea las mieses, la tempestad que sacude las nubes, grandes regaderas de los campos, esos organismos infinitos formados por desconocidas atracciones, que llaman las sustancias, las conducen, las reparten donde son menester, todo esto forma un conjunto de trabajo natural infinitamente más considerable que el que el hombre emplea, con todo de que este es mucho y meritorio. Se puede decir que casi no hace sino recoger las cosechas, apropiárselas y consumirlas.

Por estas consideraciones, algunos que quieren aquilatar toda clase de derechos, así que les hablamos de que la propiedad de los productos se deriva rigurosamente del trabajo y que por consecuencia el que entra en un bosque (se entiende que sin dueño), arranca las malezas y aclara los árboles, tiene ya derecho para levantar en torno un alto muro y decir á los otros hombres, que llegan más tarde: «Este pedaso del planeta me pertenece,» responden, aunque sin razón, que no vale mucho el accidental trabajo de aquel propietario, si se compara con la suma de trabajos eternos que representa lo que se apropia.

Pero nos vamos separando insensiblemente con inútiles divagaciones del objeto de este escrito, que no anda por las elevadas esferas de la filosofía, sino por el sendero trillado de la existencia.

Volvamos al principio.

Decíamos que así como el cultivo de la tierra influye en la producción, también el trabajo que se haga en otros talleres naturales puede ser por extremo beneficioso, y pusimos por caso la acuicultura.

Los mares y los ríos nos suministran buena cantidad de productos; pero productos que se pueden aumentar y mejorar considerablemente si los ríos y los mares, digámoslo así, se cultivan; de la misma manera que se aumenta y mejora la producción de un bosque, cuando se le convierte en tierra de labor, y más todavía, si se le hace campo de regadío.

Aplicar la inteligencia y el trabajo del hombre al cultivo de las aguas es el objeto de la acuicultura, con distintos ramos de explotación, que en muchas comarcas forman una fuente principal de riqueza.

La península está ceñida de dilatadas costas y regada por numerosos ríos; y cuando en otros países ya se han dedicado á explotar y cultivar estos veneros naturales, apenas hay entre nosotros quien se aplique á un trabajo que podía dar cuantiosos rendimientos.

Con el objeto, pues, de suministrar algunos datos sobre la materia escribimos el presente artículo, limitándonos al particular de la *ostricultura*, sin perjuicio de dedicar otros más adelante á la piscicultura, ó cultivo de los peces.

## IDEAS GENERALES

No pretendemos escribir un estudio minucioso sobre la materia, que para él nos faltan espacio y conocimientos, sino meramente presentar ciertos datos que pueden despertar la atención de los que viven en condiciones de dedicarse á estos trabajos, y que servirán como de estímulo para estudios más extensos, que completen los que se necesitan en la materia.

Las *ostras*, como todos los seres que viven en el mar, se reproducen de un modo admirable, pero también están expuestas á un sin número de contratiempos que las destruyen; aparte de que necesitan una localidad apropiada para vivir y desenvolverse.

Constituyen un alimento delicado que muchos desean; y no hay que decir que su calidad se mejora con el cuidado y principalmente con la elección de la semilla, del mismo modo que el cuidado y la elección de la semilla aumentan, afinan y mejoran en todos sentidos los productos de los vegetales.

Donde quiera que haya ó donde quiera que pueda formarse, un terreno que se cubra con las mareas, de modo que quede al aire en el último momento de la baja mar, allí puede formarse una ostrera para criar, desarrollar y engordar estos mariscos.

El cultivo de las ostreras es diferente según el suelo y las circunstancias de la localidad; y aun se subordina á los recursos de que puede disponer el ostricultor; de tal modo que con poco capital y aun poco trabajo, puede conseguirse el objeto, si bien con la disminución de productos consiguiente.

Si la ostrera se puede montar en grande escala, si se quiere cultivar con esmero, hay que disponerla con las convenientes separaciones y en este caso la recolección es abundante: si se monta en pequeño y además no es posible dedicar á ella trabajo y atención constantes, todavía produce lo suficiente para que sea un buen negocio en sentido del lucro. Entre que las ostras se crien naturalmente, abandonadas en las peñas del mar, y se crien en un vaso dentro de nuestra misma alcoba, hay una gran diversidad de cultivos para todas las fortunas y todos los accidentes locales.

Dejando para después dar una idea de los cultivos más simples, vamos á tratar primeramente de las ostreras mejor acomodadas, como las hay en varios establecimientos del extranjero.

## FORMACION DE LAS OSTRERAS

Según la opinión del Dr. Kemmerer, son tres las clases de terreno apropiado para el cultivo de las ostras.

1.º El imoso al que llama *terreno de ostras*, en el que los colectores recogen muy pronto el molusco y donde este crece con rapidez y engorda de manera que en tres años adquiere el tamaño que debe tener



para la venta, si al buen alimento se agrega calor solar y tranquilidad en las aguas.

2.º Terreno seco, peñascoso, que nombra de *semillero*, porque en él se fijan los gérmenes en grandes masas; pero donde el molusco no encuentra la alimentacion suficiente, ni calor, ni aguas tranquilas, por cuyo motivo crece poco y muere en gran parte antes de adquirir todo su tamaño.

3.º Terreno margoso, el mejor para los seabaderos, en el cual por lo general se establecen las balsas que en algunos puntos se destinan exclusivamente á sebar el marisco criado en otra parte.

Hay terrenos de buena calidad que están inutilizados por contener mucha cantidad de cieno, donde las ostras se sepultan. Durante mucho tiempo no se sacó de ellos partido, hasta que una casualidad hizo que se descubriera el modo de limpiarlos. Se observó en las ostreras que el fango habia esterilizado en la isla de Ré (Francia), que así como en las playas enteramente limpias los fangos no son arrastrados en la vaciante, sino que se posan por su gravedad, en aquellas otras en que hay algunos cuerpos sólidos y fijos, las aguas al descender forman dos corrientes á su lado, que arrastran el cieno.

Mediante esta circunstancia se consigue la limpia de ciertos terrenos fangosos únicamente con el movimiento natural de las aguas. Para ello, despues de ceñir con una cerca de piedra el sitio que se destina á ostrera, se colocan en él verticalmente y como mojones, muchas piedras que sobresalgan del fango, bastante juntas como para que formen corrientes, y estas ván arrastrando lentamente el cieno diluido á los puntos más bajos, donde se preparan sumideros de desagüe, que lo conducen fuera de la cerca.

Este procedimiento tiene además otra ventaja. Los gérmenes que, mientras el fango cubría la playa, no han podido posarse, así que está limpia se adhieren á las mismas piedras, viniendo de puntos distantes y las convierten en verdaderos colectores.

Para la eleccion y preparacion de las ostreras hay que observar reglas variadas.

Debe en primer lugar tenerse presente que el animal tiene que vivir sumergido en el agua; pero tambien que es menester que esté al descubierto siquiera el tiempo indispensable para hacer los trabajos, que segun el estado del cultivo correspondan. Si el suelo es elevado en demasia, el marisco se descubre desde que las aguas principian a bajar y sufre mucho, particularmente cuando es jóven, así con el rigoroso calor del verano como con el frio excesivo del invierno; pero, si por evitar estos inconvenientes, se eligen terrenos tan bajos, que apenas se descubran un instante en las mareas bajas, entonces no pueden hacerse bien las faenas del cultivo ó hay que ejecutarlas con mucho número de trabajadores preparados de antemano para aprovechar estos cortos momentos, lo que aumenta el gasto considerablemente. En esta virtud se deben elegir terrenos que no sean muy altos, ni muy bajos, próximos al nivel del

mar en el reflujo de las grandes mareas y que queden en seco proximalmente durante el espacio de dos horas.

La estension de la ostrera varia segun la que quiera darse al negocio, asi como su forma se subordina á la del terreno, si bien es más corriente la de uno ó muchos paralelógramos ó cuadrados de dimensiones variadas, los cuales cuando son muy espaciosos se dividen en cuarteles separados por las vias de comunicacion y servicio. Los cuarteles á su vez están divididos en *eras* de extension aproximada de 100 á 130 metros de largo con 30 ó 40 de ancho, ó sea cuatro mil metros cuadrados próximamente. El suelo debe ser plano y estar atrevesado por un canal de medio metro de anchura y otro tanto de profundidad, lleno de agua, que sirve, como se dirá más adelante, para depositar y defender durante los frios del invierno la cria que por su escaso desarrollo esté delicada y en peligro de perecer.

Conviene dejar entre las *eras* en que los cuarteles se dividen una senda de servicio, y á los lados una reguera para el desagüe; si bien se comprende que tanto el número como la extension de los desagües y senderos dependen de la configuracion de la ostrera, de las necesidades del servicio y de otras circunstancias que con facilidad el ostricultor estima y arregla prácticamente.

Como el cultivo principia en la procreacion y llega hasta el *sebado* de los mariscos, las distintas *eras* sirven para las diferentes operaciones; y sobre todo para contener las ostras por edades, puesto que segun la edad se les atiende y cultiva de distinto modo; y aun de distinta manera tambien se prepara el suelo. Por ejemplo: las *eras* para la germinacion deben tenerlo cubierto de cascajo, para que á él se adhieran los gérmenes, aparte de los *colectores* de que se hablará; las de *sebar* deben ahondarse cuarenta ó cincuenta centímetros para que queden llenas de agua aun en la baja mar ó cuando menos con una cerca que dé el mismo resultado. Estas tienen tambien un agujero de desagüe con el tapon puesto por la parte interior á fin de que no lo arroje fuera el peso natural del agua. En todas las ostreras es muy conveniente quebrar por medio de obstáculos el impetu de la corriente, si es viva por acaso, para evitar los arrastres que maltratan al marisco ó lo sepultan en el cieno. Tambien conviene cercarlas de una estacada como de treinta centímetros de elevacion, para impedir que las ostras pequeñas sean arrastradas por las aguas fuera de donde deben vivir.

Despues de la germinacion están durante bastante tiempo las pequeñas ostras sumamente delicadas y las ofende y hace daño así el sol como el viento, por lo cual hay que defenderlas contra su accion durante el tiempo en que están descubiertas á la baja mar. Para esto basta sembrar en las *eras* de germinacion las plantas mariscas llamadas *Zosteras*, las cuales con sus ojas las cubren al retirarse las aguas, las hacen sombra y conservan la humedad conveniente.

## ERAS DE GERMINACION

Dispuestas del modo que brevemente se ha indicado y extendidos por el suelo los chirrascos, conchas, tejas y demás objetos semejantes que puedan servir para que los embriones se adhieran, se colocan allí las ostras madres, escogidas entre las de mejor calidad. Se ponen además del cascajo otra porción de aparatos llamados colectores que pueden ser de forma diferente, y que todo ostricultor puede inventar sabiendo su destino.

Sin embargo, describiremos algunos de los colectores que hemos visto emplear.

*Tablados colectores.* Se clavan en el suelo de la era cuatro piquetes de madera á distancia uno de otro como para formar un paralelogramo de unos tres metros de largo y dos de ancho. Se afirman bien y se les deja salientes del suelo cerca de un metro. El grueso de los piquetes será de unos veinte centímetros, y en lo alto se le abre una ranura que los taladre, de diez centímetros de ancho y veinte ó poco más de largo, en términos que la parte superior de la ranura esté á unos cincuenta centímetros del suelo. Por estas ranuras pasan dos largueros, uno sobre otro, uniendo los piquetes de enfrente: son, pues, cuatro, pero quedan pareados y, como se ha dicho, sobrepuestos, cerrando dos de las cuatro lados del paralelogramo. Entre los largueros de uno y otro lado se meten tablas, las cuales quedan inmóviles, á pesar del movimiento de las aguas, solo con acuñar los largueros en la ranuras. Estas tablas forman una especie de techado á la altura de treinta ó cuarenta centímetros del suelo, y se procura que estén por la parte de abajo, que mira al suelo, cubiertas de conchas pegadas con una disolución de pez y tiza ó polvo ladrillo, á las cuales se adhieran los gérmenes de las ostras.

Debajo de las tablas se colocan varias hileras de tejas, formando pilas que quedan de este modo resguardadas y sirven para recibir también los gérmenes.

*Colectores de tejas.* Se usan también otros colectores más sencillos todavía, que consisten en cinco ó seis hileras de tejas sobrepuestas, y cruzadas por capas, de modo que se sostengan bien quedando en hueco las de cada capa: el conjunto debe formar un paralelogramo poco más ó menos de las dimensiones del que antes hemos descrito. Para que las tejas no se derriben con el movimiento de las aguas se clavan pequeñas estacas á los lados y de unas á otras se pasan cuerdas sobre la pila sujetando firmemente las tejas.

Sean los colectores de la clase que hemos descrito ó de otra cualquiera se deben colocar en fila, pero de modo que cada uno venga á cubrir el espacio entre los dos anteriores, aunque no cerrándolo, sino interponiéndose á la conveniente distancia, con el objeto de que al arrojar las ostras los gérmenes encuentren cerca donde fijarse y no se pierdan en el fango por ir arrastrados á lo lejos.



## TEJAS COLECTORAS

Las tejas que se colocan en los aparatos colectores y las que se distribuyen por el suelo suelen prepararse de manera que se acomoden mejor á su destino de recoger los gérmenes.

El Dr. Kemmerer ostricultor habilísimo de la isla de Ré, ha ideado distintas preparaciones, que se pueden modificar segun la conveniencia de cada uno.

Las clasifica así.

1.º Tejas madres.

2.º Tejas cementadas.

3.º Teja fagina.

4.º Teja conchífera.

Las primeras son tejas ordinarias, sin más que tener un agujero en medio, como de tres milímetros. Aconseja que se le ponga la marca del propietario para el caso de extraviarse ó confundirse con las de algun vecino.

Las cementadas están cubiertas por la parte cóncava de una capa de cemento como de cuatro milímetros de espesor, procurando que forme arrugas y protuberancias.

El cemento puede ser de cualquiera de los conocidos; pero el Dr. Kemmerer aconseja la cal hidráulica disuelta en cuatro partes de agua y una de suero de sangre — Se coloca despues de haberse mojado la teja.

Las tejas cementadas ofrecen la ventaja de que se pueden arrancar de ellas fácilmente las ostras sin romperlas. Es suficiente clavar una herramienta punzante para que el cemento se despreque y salga con la ostra adherida á él.

La teja fagina se llama así por llevar en su parte cóncava un manojo de sarmiento ú otro ramage parecido, sujeto con un alambre galvanizado, cuyas puntas se introducen por el agujero que tiene en medio la teja. Los sarmientos se cubren de gérmenes, que pueden con facilidad trasladarse á donde se quiera.

Por último las tejas conchíferas son como las cementadas; solo que para formar las escabrosidades que sirven de adherencias, se les clavan conchas en el cemento antes que se endurezca.

Además de estas tejas colectoras ha ideado tambien el Dr. Kemmerer los que llama *porta-semilla*.

Se hacen estos colocando un papel bien resistente en la parte cóncava de la teja; pero sin cubrirla completamente, sino dejando todo en redor descubierto un espacio como de un centímetro. El papel se coloca despues de haber mojado la teja y de seguida se cubre todo, papel y bordes descubiertos, de una capa de cemento, que se procura quede escabrosa, como se ha dicho. Este modo de preparacion facilita el que en tiempo oportuno se puede levantar de la teja el papel con todos los gérmenes.

Tambien se preparan los porta-semillas cubriendo enteramente con

papel toda la parte cóncava de la teja, pero con un papel que lleve adheridos en los extremos alambres galvanizados. Se derrama el cemento, que entonces no toca á la teja, sino al papel solamente; y este se afirma doblandose los extremos del alambre sobre la parte convexa de la teja, de modo que á su tiempo no hay más que desdoblarlos para retirar el papel con todos los gérmenes.

Para esta preparacion aconseja el Dr. Kemmerer el uso de un cemento formado con dos partes de yeso fresco, dos de cal hidráulica y una de arena lavada, disuelto todo en la cantidad de agua conveniente.

### LABORES

En el mes de Mayo se colocan en las eras los colectores, cuidando de que vayan limpios y conservándolos siempre en el mismo estado, porque el verdin y demás producciones orgánicas impedirian que la semilla se adhiriese.

Las ostras madres se distribuyen en filas trasversales por las eras de germinacion, haciendo que el mayor número quede junto á los colectores y debajo de las tejas para que la semilla se adhiera pronto. Sucede que esta toma á veces cierta direccion y entonces deben conducirse allá los colectores; y cuando se nota que el caso resulta de las corrientes se pone remedio para refrenarlas.

Durante los meses de Junio, Julio y Agosto apenas hay que hacer otra cosa que cuidar las crias, delicadas entonces, porque su concha muy tierna al principio, no es suficiente para defenderlas de la intemperie.

Ya hemos dicho que constituyen una buena defensa las hojas de la *Zostera marina*; pero es preciso cuidar de que no se multiplique en demasia, para lo que se aclara con frecuencia por medio de un escardillo dentado semejante al que usan los agricultores para retirar la paja gruesa de los montones de grano.

Las crias deben conservarse algo más de un año en el lugar donde han nacido, hasta que tengan de diámetro cuatro ó cinco centímetros.

### ERAS DE DESARROLLO

Se preparan las eras de desarrollo tendiendo y afirmando en el suelo una série de alfargias, de tres en tres, y distantes unas de otras como cuarenta centímetros, y sobre ellas otras alfargias trasversales á una distancia arreglada como para recibir las tejas. Entre las filas de estos enrejados se dejan para el servicio, calles de la anchura indispensable.

Ya preparado el suelo de la era de desarrollo se trasladan las tejas que están en la de germinacion y se colocan sobre las alfargias trasversales sujetándolas por grupos con cuerdas amarradas á pequeñas estacas.

Se trasladan asimismo las conchas y pedazos de cacharros que tienen ostritas y se disponen en hileras de modo que no se sepulten; bien

que estos suelen dejarse en la misma era de germinacion y allí se le prodigan los cuidados de limpieza. Las ostras madres se trasladan á las eras de sebado para reponerlas; y como suelen tener adheridas algunas pequeñas hay necesidad de conservarlas, cuidandolas como las que están en los cacharros y aparatos colectores.

No todas las crias adquieren al mismo tiempo el conveniente desarrollo, por cuya razon hay que aplicar cuidados especiales á las más atrasadas, tanto mientras están en las eras de germinacion, como cuando han pasado á las de desarrollo. Estos cuidados consisten en sumergirlas durante el invierno dentro de los canales que hemos dicho debe haber en las eras y taparlas con faginas sujetas al fondo por medio de lastres, para que no se las lleve la corriente. En las eras de desarrollo se hace la segregacion de las ostras, así que se han desenvuelto lo bastante, que nunca es antes del año y medio de edad, y tienen suficientemente dura la concha para que no padezcan en la operacion, que de todas maneras hay que ejecutar con gran cuidado.

Se separan pues, de los colectores, cacharros y ostras madres, las crias bastante desarrolladas y se colocan en eras distintas, distribuyéndolas, si es posible, por tamaños y aun por formas, pues algunas son irregulares. Se colocan en filas y algunos las cuentan.

Cuando el establecimiento está bien montado se trasladan todos los años las ostras de una á otra era, mientras están creciendo, porque como es difícil que todo el parque esté á un mismo nivel, conviene colocar las eras de germinacion en la parte, que por estar más baja, queda menos tiempo descubierta, y las de desarrollo bajas tambien relativamente á la edad del marisco que en ellas se cultiva, de modo que los de tres, cuatro y cinco años estén en la parte más elevada, donde se colocan las eras de sebado.

Separadas las ostras de los cuerpos colectores hay que limpiar estos escrupulosamente y dejarlos despues á la intemperie para que mueran todos los gérmenes orgánicos extraños que puedan haber cogido, pues sin esta precaucion, al colocarse en las eras de nuevo, no se les adhiere la semilla de las ostras.

### ERAS DE SEBADO

Hemos dicho ya que estas se disponen de modo que puedan retener cierta cantidad de agua en la baja mar, y á este fin bien se aprovechan las ondulaciones naturales del terreno para formar charcos; bien se ahonda expresamente el suelo de la era, ó bien se hacen cercas de retenida de cualquier modo.

Las ostras se disponen tambien por hileras en los sebaderos, de donde salen para el mercado y se cuidan lo mismo que en las eras de desarrollo.

Pero los sebaderos de ostras existen en algunas partes separadamente de los criaderos, en balsas dispuestas solo para engordar los mariscos ya criados y completamente desenvueltos.



Estas balsas pueden establecerse en lugares apróposito aunque en ellos no existan ostras, trayéndolas de otra parte, lo que facilita el escoger localidades libres de los inconvenientes y causas de destruccion que suele haber en los parques.

### CUIDADOS GENERALES

Todos los suelos ostreros deben estar limpios para que no se enenague el marisco.

Los canales de invernacion se preparan y limpian durante el otoño y al llegar la primavera se sacan las ostras que por atrasadas se han sumergido en ellos y se trasladan á la era correspondiente. En la primavera tambien se limpian y ponen corrientes los canales que conducen el agua de refresco durante el verano á las eras donde la deba haber.

Para entrar en la ostrera y hacer las labores hay que servirse de un calzado especial, así para evitar las heridas que hacen los filos de las conchas, como para no hundirse, ni hundir las ostras en el fango.

Este calzado consiste en una tabla cuadrada como de treinta centímetros por cada lado, reforzada debajo por una cruceta en forma de aspa. Encima, y en el sitio apróposito, se coloca una especie de contrafuerte de madera contra el cual se pone el talon del pié. La tabla tiene cuatro agujeros á los lados del sitio donde este ha de quedar, y de ellos salen cuerdas que se amarran para sugetar el pié, poniendo unos puñados de yerba sobre él y debajo de las cuerdas, á fin de que estas no lastimen.

### OTROS PROCEDIMIENTOS DE CULTIVO

Hemos indicado antes que nos proponíamos dar en primer término una idea de las ostreras mejor tratadas, sin perjuicio de decir algo despues acerca de las que se cultivan con menos escrupulosidad. Conociéndose el procedimiento del cultivo ya se ocurren las variaciones que permite, aunque sea con perjuicio de la cosecha.

Bien porque la disposicion del terreno imponga la variacion, ó porque dimane de la escasez de recursos, unos ostricultores suelen suprimir la division de los parques en eras, otros no se valen de aparatos colectores y así á este tenor.

Los parques más sencillos están sin division alguna, sembrados si de *Zosteras* marinas y atravesados de canales para desaguar, cuando desciende la marea. Para la recoleccion de los gérmenes tienen no más que tejas sueltas y cacharros. Las ostras de todas edades están mezcladas y solamente las que por su tamaño son apróposito para la venta están separadas sebiéndose en charcos pequeños.

Esta confusion produce, es verdad, grande economia, pero al mismo tiempo se pierden muchos gérmenes, y se desarrollan con más dificultad y más despacio los mariscos. Con todo la utilidad es considerable.

## PLANTAS DE LAS OSTRERAS

Es preciso que las plantas no sean muy abundantes en las ostreras, por cuya razon, como ya se ha explicado, hay necesidad de aclararlas cuando estorban al cultivo. Por otra parte, conviene conservar las que son más apropiadas al objeto de defender el molusco de la intemperie. La que tiene el nombre de *Zostera marina* es la que dá resultados mejores: sus hojas largas, estrechas y flexibles se prestan facilmente al movimiento de las aguas y por su forma y textura caen tambien con facilidad y en buena posicion sobre el marisco, así que las aguas se retiran.

No tan apropiado son las nombradas *Lechugas de Mar*.

## ANIMALES DAÑINOS

Las ostras tienen enemigos formidables contra los que hay que defenderlas cuidadosamente á fin de no disminuir la cosecha.

Entre los peces, la *raya* es el que tiene más inclinacion á devorar estos moluscos, sirviéndose para romperlos de sus poderosas mandíbulas á las cuales no resiste la dura concha que los defiende.

Con el objeto de evitar la devastacion, los ostricultores clavan en el suelo de las cras muchas estacas puntiagudas, próximas, como para evitar que el pez llegue al fondo donde se hallan las ostras.

Entre los crustáceos el llamado Cangron ó Cranca Judia es el más temible. Con las fuertes pinzas de que está armado vá rompiendo los bordes de las conchas hasta que hace una abertura por donde saca á pedazos el marisco. Durante la primavera es cuando causan los estragos mayores. Aun despues de muertos se deben sacar de los parques para evitar que se desarrollen sus ricos ovarios.

Hay varios moluscos enemigos tambien de las ostras: La Corneta y la Nassa son terribles. El primero tiene una lengüeta en forma de barrena con la que perfora la concha del marisco en pocos instantes, cuando este es joven y con algun trabajo mayor, cuando es crecido. La fecundidad de estos caracoles es grande, por lo que son más temibles: se les debe perseguir con empeño al principio de la primavera, que es cuando se reunen para la procreacion.

La Nassa está armada tambien de una lengüeta en forma de sierra con la que perfora así mismo las ostras para chuparlas.

Debe procurarse que en las ostreras no se crien tampoco mejillones, porque se instalan sobre las ostras y las cubren y sofocan en poco tiempo en razon á ser extraordinariamente fecundos.

Se dice que las Estrellas de Mar son tambien muy perjudiciales porque introducen sus radios dentro del molusco y lo matan.

Las anemonias y las esponjas son dañinas: cubren las ostras completamente y las aíslan del agua su natural elemento.

Algunas aves son tambien muy aficionadas á las ostras, principal-

mente las de ribera y varias de las palmípedas. Una de ellas hasta lleva vulgarmente el nombre de *Ostrera*.

Debe, por consiguiente, el ostricultor defender mucho los parques de tantos enemigos, limpiarlos y evitar su multiplicación; teniendo presente que en algunas partes se han visto enteramente devastados y perdidos de resultas de una incuria inexplicable.

### VARIOS ESTABLECIMIENTOS OSTRICULTORES

Ya que estamos escribiendo sobre ostricultura, no será fuera de propósito, dar una idea breve de algunas localidades en el extranjero donde se encuentra establecido en grande escala el cultivo de las ostras.

Una de las principales es la bahía de Arcachon, que está en la costa Oeste de Francia, no muy distante de Burdeos.

Seguiremos al describirla la pauta que nos da un entendido visitante (D. Mariano de la Paz Graells de quien hemos tomado los datos principales para este escrito).

La Bahía de Arcachon tiene unos 1.500 kilómetros cuadrados de superficie y sobre 100 de perímetro. La diferencia del nivel de las aguas en ella es de tres y medio metros en las mareas ordinarias y de cuatro en las grandes mareas. Está surcada de canales, algunos bastante profundos (46 pies), los que en la vaciante espiden las aguas con corriente algo impetuosa.

Al O. existe un gran banco de arenas, descubierto en el centro y poblado de vegetación marina, al que llaman isla de los Pájaros. El pequeño río Leira desagua en la bahía por uno de sus ángulos.

«Durante las horas de pleamar el aspecto de esta bahía es el de un extenso lago cuyas orillas se alcanzan á ver, aunque á gran distancia. Cruzan sus aguas multitud de barcas pescadoras, notándose acá y allá fondeados un centenar de barcos de mayor porte sin arboladura, que son otros tantos pontones fijos (donde están los aperos). Innumerables perchas, que sobresalen del nivel de las olas y llevan targetones negros de madera con una numeración ordinal blanca, indican el acotamiento de las propiedades sumergidas en los mismos sitios.»

«Algun tiempo después de establecido el reflujo ó baja mar principian á descubrirse desde Piquey hasta Audenge multitud de bancos que son otras tantas heredades submarinas esmeradamente cultivadas por los ostricultores. Estos bancos, alternativamente sumergidos y emergentes, están formados por las arenas conchíferas que las corrientes de los canales van empujando á sus lados en la rapidez de las vaciantes, amontonándolas después en masas de variada forma el oleaje de la pleamar según la dirección de los vientos.

«Sobre estos fondos arenosos yace un estrato de mayor ó menor espesor de limo negro, cubierto por lo regular de vegetación...»

«El aspecto de la bahía cambia en tales momentos (la baja mar) de un modo asombroso. Al azulado de las aguas agitadas por la brisa,



sustituye el verdor de una vegetacion fresca y lozana: los pontones, poco antes balanceados por las olas, quedan fijos en el fango, desembarcando de su interior multitud de marineros con sus mugeres é hijos para ocuparse de las labores del cultivo ostrero, que por más que verse sobre animales, más semejanza tiene con los cuidados de una huerta, que con los que se prodigan en las majadas y corrales.

«En efecto los aperos, la preparacion del terreno y su disposicion en eras, surcos y regueras, la siembra de las ostras madres y recoleccion de su cria, el trasplante de esta de un sitio á otro para que crezcan los gérmenes desahogadamente, el escardillar y limpiar el suelo de las plantas y animales nocivos y hasta la cosecha de aquel molusco sabroso y su transporte al mercado en cuévanos ó canastas, como se hace con los frutos y hortalizas, tiene tanto parecido con las faenas del campo, que cualquiera que á cierta distancia contemplase el cuadro que describimos, tomaria por verdaderos agricolas á los ostricultores, por huertas á sus parques y hasta por maserías ó casas de labor, los pontones de alojamiento de tan humilde como laboriosa marineria.»

En la bahia de Arcachon ha establecido el gobierno francés una escuela modelo compuesta de tres parques, el de Castorbe, el Grand Ces y el de Lahillon. Este último ha sido formado expresamente sobre un suelo fangoso y de malas condiciones á fin de vencer las dificultades del encenagamiento.

El parque de Castorbe tiene de superficie doce hectáreas, el Grand Ces tiene diez y el de Lahillon solamente cuatro. En cada uno de ellos hay un ponton para alojar los marineros y trabajadores y guardar los aperos del servicio.

Además de los parques de la Escuela-Modelo habia en la bahia en el año de 1865 ciento doce establecimientos particulares ocupando entre todos una extension de 422 hectáreas concedidas por el Estado á las personas que han querido dedicarse á la industria.

En los parques modelos, además de explotarse la cria del marisco, se hacen ensayos, experimentos, innovaciones, y se tienen los viveros para su multiplicacion, á fin de atender á todas las necesidades de aquel litoral.

No menos interesantes que los de la bahia de Arcachon son los establecimientos que están en la isla de Ré situada tambien en la costa O. de Francia, no lejos de la Rochela, y formada de rocas calizas y terrenos arenosos.

Sus playas descubren en baja mar extensos cenagales, entre los que se ven grupos de rocas.

En lo antiguo tenia la isla de Ré bancos de ostras muy renombrados, pero la incesante aglomeracion del cieno los fueron ahogando, de modo que hace quince años apenas se encontraba algun marisco; por lo que las balsas de sebadero, que se conservaban aún como muestra de su antigua próspera industria, tenian que proveerse del molusco en Normandia y en otros criaderos próximos.

La miseria era general; cuando «un albañil de Rivedoux, aburrido por su apurada situación, vino á descubrir en aquellas playas abandonadas las riquezas que sepultadas en los fangos se creían perdidas para siempre. En efecto, Jacinto Boeuf, sin pretenderlo, sin buscarlo, dió con el gran misterio, que aclarado por la ciencia vá á convertir aquellos inmensos cenagales, aquellos arrecifes peligrosos en almacenes inagotables de ostras, en minas de plata para el país.»

«No permitiendo los escasos recursos de Boeuf dedicarse á engordar y enverdecer, como otros, las ostras traídas de Normandia, tuvo que contentarse con probar la multiplicación de este molusco. Para esto pidió al Ministerio de Marina la concesión de un trozo de terreno emergente y en decreto de 9 de 1858 le fueron señalados 1:800 metros de fangal. El novato ostricultor tuvo el buen acierto de dar solidez al barro echando paja, gravilla y otros materiales, sobre los cuales colocó grandes piedras formando un muro ó cerca con el que cerró su propiedad. En el mes de Julio siguiente, antes de traer de Bretaña ó Normandia las ostras madres necesarias para poblar su parque, quiso reconocer el estado en que este se encontraba; y ¡cual sería su sorpresa al ver cubiertas de crías de este molusco todas las piedras del muro construido! Las corrientes del mar habían traído la semilla que en otros tiempos prosperaba adhiriéndose á los peñascos, pero que desde que todo lo invadían los barrizales parecía por falta de apoyos convenientes. Sin pensarlo nuestro albañil los había preparado, obró un prodigio á la vista de la ignorancia, un hecho trivial á los ojos de la ciencia.»

«Jacinto Boeuf deshizo su muro y distribuyó por el parque las piedras colectoras, cuyas ostras siguieron con lozanía. Divulgada la nueva por el país, acudieron de todas partes á contemplar el milagro, y la codicia de los bienes que á todos estimula, hizo que centenares de isleños pidiesen al Estado nuevas concesiones de terrenos emergentes, que igualmente otorgadas ya forman un campo de explotación de más de 200 hectáreas, en cuyo cultivo se ocupa la cuarta parte de los habitantes de la isla.»

«También como en la bahía de Arcachon tiene el campo ostrífero de la isla de Ré su parte poética. Aquí al aproximarse á la playa en el reflujo, parece que nace una población del fondo de las aguas; tal es el aspecto que á primera vista ofrecen la multitud de muros que van apareciendo, y son las cercas de cada propiedad, entre las que se ven caminos comunales para el servicio general y senderos particulares para cada parque. Estos difieren de los de Arcachon en que están cerrados y en que en vez de verse un campo libre parecido á una pradera, todo son atajos, hileras de piedras levantadas ó colectores de tejas.»

«El movimiento del servicio es diferente y si cabe más parecido al de tierra por el concurso de las bestias de carga y hasta de las carretas que vienen á descargar materiales para las construcciones de los corrales, para la formación de los colectores y para el transporte de la cosecha que en cestos y cuévanos sacan de sus propiedades hombres y mu-

geres, ancianos y muchachos. Nada revela más la utilidad de esta industria que el ver el activo movimiento que reina en la ribera durante el corto tiempo que las aguas descubren aquellas propiedades sumergidas y que es preciso aprovechar para tenerlas bien cuidadas.»

El Dr. Kemmerer ha hecho un cuadro estadístico de la industria ostrera de la isla de Ré á los cuatro años de su reinstalacion, segun el cual consta que existian 2.421 parques reproductores y 839 balsas sembraderos.

Aquellos contenian 74.242.038 ostras y las balsas 1,026.282. Presenta tambien la cuenta de las utilidades, y de ella resulta que los parques producian 1,086.230 francos y las balsas 40.015— Aquellos ocupan una extension de 140 hectáreas de playa y estas 6 hectáreas. Todo el terreno está repartido entre 1.700 propietarios, de los cuales 100 eran marinos, 1.450 cultivadores y 150 de profesiones diversas.

Se nota desde luego que por estar muy dividida la industria se ha desarrollado extraordinariamente en poco tiempo, y que sus productos son mayores que en otras localidades, porque hacen los trabajos los obreros mismos interesados en el éxito, sin que haya la enemiga contradiccion entre el trabajo y el capital, que no solamente origina conflictos, enemistades, luchas, aborrecimientos, sino que tambien, como consecuencia del orden, hace fructuosos todos los esfuerzos y no destructores ó cuando menos estériles.

Sin embargo de la subdivision del cultivo han llegado los ostricultores de Ré á servirse de los medios que proporcionan las grandes fuerzas, por medio de la asociacion.—Millones y millones de hormigas transportan más granos que un elefante.

La asociacion de los ostricultores de Ré es una asociacion modelo. Está dividida en cinco grupos con el nombre cada uno de su respectivo cuartel: Rivedoux, Vert-clos, Lain, Du Prau, y S. Luis. Cada grupo, ó comunidad como la llaman, nombra tres delegados para su administracion particular y para sus relaciones con las autoridades: impone una contribucion de siete céntimos de franco por cada metro cuadrado de ostrera destinada á cubrir los gastos, y nombra un guarda para vigilar los parques con el sueldo de 300 francos que se recaudan especialmente.

Las comunidades se reunen todos los años en junta general y deliberan sobre las necesidades de la industria, sobre la perfeccion del método de cultivo, sobre experimentos de progreso y demás particulares que interesan al conjunto.

## PRODUCTOS

Para formar una idea de la admirable multiplicacion de las ostras y de las utilidades que se pueden obtener cultivándolas, vamos á presentar á continuacion algunas observaciones, datos y cuentas del Abate Moulds, cura de Arcachon, recogidas en los Parques Nacionales; y debe considerarse que toda negociacion que el Estado ejecuta sale por regla general cara y se hace con cierto perjudicial abandono.



Tres son los Parques Nacionales de Arcachon.

El Grand Ces.

El de Castorbe.

El de Lahillon.

Los dos primeros se establecieron en 1862 y el último en 1863.  
El Abate Moulis hace la cuenta de todos hasta 1865 de esta manera.

#### *Parque de Grand Ces*

Existian en 1862 ostras naturales.....	600,000	
Se sembraron entonces ostras madres....	500,000	
		<hr/>
Total de ostras al principio.....		1,100,000
Existian en 1865:		
Ostras madres.....	3,788,000	
Id. de marca de venta sueltas en el suelo y pegadas á las conchas.....	1,895,720	
Id. crias.....	5,892,730	
		<hr/>
Total.....	11,576,450	— 11,576,450
Lo que dá una produccion de ostras sin contar las extraidas, de.....		10,476,450

#### *Parque de Castorbe*

Habia en este parque existentes en 1862		
Ostras naturales.....	400,000	
Se sembraron madres.....	500,000	
		<hr/>
Total de ostras al principio.....		900,000
Existian en 1865:		
Ostras madres .....	1,792,000	
Id. en el suelo.....	336,000	
Id. en las estaquillas .....	524,160	
Id. crias.....	1,834,560	
		<hr/>
Total.....	4,486,720	— 4,486,720
Produccion sin contar las ostras extraidas.		3,586,720

#### *Resúmen de los dos parques*

Produccion del Grand Ces por las existen- cias.....	10,476,450	
Id. del de Castorbe id .....	3,586,720	
Pero se han extraido de los dos en el pe- riodo de 1862 á 1865.....	7,651,102	
		<hr/>
La produccion total ha sido pues.....		21,714,272

*Parque de Lahillon*

Se sembraron en 1863 ostras madres . . .	500,000	
Habia en 1865:		
Ostras madres sembradas.....	500,000	
Id. jóvenes adheridas á las tejas.....	1,259,248	
Id. pegadas á las madres.....	2,680,000	
Id. id. sobre conchas y piquetes.....	1,246,000	
Id. última cria.....	1,000,000	
Total.....	6,685,248	— 6,685,248
Produccion sin contar las ostras madres..	6,185,248	

Pasa el Abate Moulis á hacer la cuenta de la especulacion de este último parque en el que dice se gastó durante los dos años la suma de 30,000 francos.

Calcula que se puedan perder 1,185,248 ostras, que es mucho, para dejar el número redondo de 5,000,000 para la venta, las cuales regula al precio de 2 francos el ciento, que es el corriente en el mercado, lo que dá un producto bruto de 100,000 francos, de los cuales deducidos los 30,000 del costo dejan de liquida ganancia 70,000 francos en tres años realizada con un capital de 30,000.

El parque de Lahillon tiene cuatro hectáreas solamente lo que hace que corresponda á cada una cerca de 17,000 francos.

Y como que pasados los años primeros se consigue la misma cosecha total en cada una de las hectáreas, resulta que aunque por accidentes imprevistos se suponga disminuido el valor de la cosecha á 40,000 francos, quedan siempre 10,000 francos de utilidad por hectárea que es el cálculo de todas las personas competentes.

El Abate Moulis hace otra clase de cuentas y dice que un parque irreprochable de cuatro hectáreas en Arcachon ofrece de gasto para instalarse 11,000 francos y 9,000 el cultivo de los dos años primeros: que al fin del tercero reembolsa ya todos los gastos anteriores y de allí en adelante produce una renta anual de 20,000 francos libres.

Así como hemos hablado en lo referente al cultivo y á la instalacion, de parques montados y cuidados con menos esmero, habremos de presentar tambien algunos guarismos á ellos referentes.

El patron Dehillot posee uno en cuya instalacion empleó solamente 3,000 francos; tiene una extension de tres hectáreas y lo cuida él mismo sin los esmeros que hemos explicado, dejándole de renta anual 3,000 francos tambien; si bien se calcula que en adelante sin gastos nuevos le producirá ocho á nueve mil por el desarrollo que vá tomando.

Véase, pues, como aun con las peores condiciones de cultivo la industria ostrera proporciona una gran ganancia.

La facilidad, por consecuencia, de poder disminuir las labores y simplificar la instalacion, es parte para que puedan acometer la industria los pequeños capitalistas, limitándose al principio á los gastos absolutamente indispensables, y dejando para despues ir ensanchando el establecimiento y perfeccionando el cultivo con las mismas utilidades que recogerán en los años primeros. Así lo han ejecutado muchas personas industriosas y entendidas que en la actualidad poseen parques notablemente perfeccionados, de donde sacan cuantiosas ganancias, que representan ya una verdadera riqueza.

(Continuará).

R. DE CALA.



---

# O CRIME DO PADRE AMARO

---

Logo na semana seguinte o cônego foi para a Vieira. E d'ahi a dias partiu a S. Joaneira. Por causa do calor foi de noite; ia n'um carro de bois, com toldo e um colxão, onde entre trouxas de roupa, a S. Joaneira ia sentada, com o gato no collo. A Russa toda enroscada, tossia encostada aos fueiros, embrulhada n'um cobertor. O luar nascia cêdo.

O padre Amaro foi dizer-lhe adeus. Estavam para partir. O carro da bagagem, com louças, enxergões e trem de cosinha, tinha ido adiante. A S. Joaneira chorava um pouco pela filha.

— Deixe estar que ella vae-lhe lá fazer uma visita.

— Por força! Que eu se me parecer, appareço por ali qualquer dia.

— Qual! Ella qae vá lá, que é nova e pôde com a jornada.

— Vamos lá, minha senhora, disse o carreiro.

— Vá, vá, senhor João.

— Adeus senhor parochó, e estendia-lhe a mão. Muito obrigado por tudo. E olhe, appareça lá pela Cortegana, olhe pela rapariga.

— Vá descansada, minha senhora, deixe estar.

— Adeus, senhor parochó, adeus, e muito obrigado.

— Adeus, minha senhora, adeus. Russa, agasalha-te.

O carro partiu com solavancos pela calçada; e o carreiro adeante cantava. Uma lua serena amaciava o ar.

O padre Amaro sentiu-se triste. Ficava só em Leiria. Eram dez horas da noite e foi passear pela estrada dos Marrases. O luar enchia-a.

Uma especie de nevoa luminosa dava uma grande suavidade á paisagem. As fachadas das casas distantes, pelos campos, batidas de claridade, destacavam-se. Foi até ao rio; a agoa corria mansamente com um

pequeno marulho, batilhando contra a terra lodosa das margens; uma claridade tremia como uma malha finissima, e debaixo das arvores havia grandes sombras tranquillias.

Mas aquelles aspectos entristeciam-o. Voltou para a cidade; passou por casa da S. Joaneira. Estava escura, com as janellas fechadas, com um ar abandonado e morto; o luar batia-lhe. Tinham tirado as cortinas de cassa pregadas ás janellas, e os vasos de alecrim tinham ficado esquecidos. Ás vezes Amelia vinha ali colher um ramosinho, punha-o no cinto. Tudo tinha acabado talvez! Havia quasi um anno que viera para aquella casa, indifferente, socegado. E quantas amarguras agora! E recordava-se. Ella costumava trabalhar á janella de cima, sentada no poial baixo. Quantas vezes a vira ali! Era na outra janella, a salla de jantar, com o seu velho piano! E vinha-lhe uma tristeza vaga, tranquillia e infinita como o mesmo luar! Sentia lagrimas, e com a garganta tomada, presa por soluços, foi para casa, devagar, revolvendo a sua vida triste.

E durante a primeira semana não foi á Cortegana. Mas que longos dias, enfastiados e vãos! O seu officio ecclesiastico pesava-lhe. E a solidão tornava-o inquieto como um animal preso. Fôra uma tarde procurar o coadjutor; tinham passeado; mas aquelle homem, esguio, doente, com tosse, calado e respeitoso, dava-lhe uma especie de torpor enervante; quasi desejava maltratar-o. Quiz ler para entreter aquelles dias, mas não tinha livros; os que tinha eram mysticos, e toda a piedade findára no seu espirito. Sentia-se vasio de Deus. E estava deante do altar como um actor sobre o palco. Não comprehendia; e ás vezes exaltando-se a rezar ou a celebrar, queria pela compuncção das attitudes, pelas palavras estaticamente ditas, e pela expansibilidade dos gestos religiosos chamar ao seu peito o antigo fervor vivo e actuante. Mas ficava indifferente, sem amor, sem temor. E mesmo já não lia o Breviario, nem rezava á noite.

Alem disso tinha difficuldades de dinheiro; a congrua andava atrasada. Dyonisia era exigente; e aquelle segredo era para ella um rendimento abundante.

Amaro emagrecêra, andava amarello. Todos na cidade o estranhavam. Demais, a sua casa estava desleixada e confusa. A criada, a irmã da Dyonisia, absorvida na devoção, não tinha arranjo; o jantar era mau; roupa suja arrastava-se pelo quarto: não tinha lenços e assoava-se ás piugas servidas! E havia quinze dias que não vira Amelia.

Não quisera ir; receiava as suspeitas da velha; e o cônego aconselhara-lhe que nos primeiros tempos se abstinhesse de a ver.

Mas um dia Dyonisia appareceu-lhe ao jantar. Ella morava ao pé, e a todo o momento ia a casa do padre.

—Grande novidade, disse ella. Está cá o escrevente.

—Então?

—Já hoje o vi. E hoje é que soube tudo.

—Então?

—O rapaz tinha ido para Lisboa com o dr. Silves.

—Como! com o dr. Silves!

—Pois o Silves tinha ido para Lisboa! E elle veio com elle?

—Veiu só. Pois ahi é que está o bonito. O senhor parochó não sabia?

—Mas o que, mulher de Deus? Acabe!

—Ah! eu cuidei que sabia. A irmã estava em casa do doutor. Elle quando foi para Lisboa com a familia, no principio do verão, levou-a tambem e ao irmão, para ver se o empregava por lá. Pois no fim parece que o Silves, que é desaforado com mulheres....

—Queria....

—Nem mais, nem menos. Parece que houve escandalo. O caso é que o rapaz apresentou-se hoje ahi com a irmã. E pelos modos parece que se arranjou.

—Que se arranjou, como?

—Parece que vae para mestre da filha do Morgadinho.

—Qual Morgadinho?

—O de Poyaes. É estrada lá pela Cortegana. O rapaz agora é capaz de dar pela Ameliasinha, e passar ali todos os dias.

—Então elle não vive lá?

—Parece que não. Vae pela manhã, janta, e volta pela noite. A irmã está cá na cidade. Eu fiquei bansada com estas noticias todas.

O padre Amaro ficou preocupado. E n'esta tarde depois de jantar, tomou o seu capote e foi á Cortegana. Era menos de meia legua; a estrada era lisa; d'um lado olivaeas, com o seu tom triste, parado e monotono; do outro os campos, por onde o rio passava entre a sua alea estreita de choupos esguios. Era uma tarde tranquilla, e as grandes vegetações d'um verde quente cheio de seiva pareciam repousar do sol. Trabalhadores recolhiam com a sua enchada ao hombro. Os carros chiavam. Mulheres passavam com grandes molhos de hervas. Uma creança em farrapos, com uma vergasta, tocava um bando de carneiros vagarosos, com o seu andar miudo. Um sino tocava a distancia. E o grande ceu estava cheio de luz branda, pallida e quente, e o seu grande aspecto bondoso, serenava!

A Cortegana era uma casa com quinta, pomar e olivaeas; estava á beira d'um pequeno caminho feio e triste, onde a sua fachada amarellada, d'um só andar, com varandas de ferro, destacava soberbamente. O comprido terraço, ao lado, com vasos collocados a espaços, onde se erriçavam cactos, tinha um aspecto antigo e de habitação morgada. Um corregedor de Pombal comprára aquella vivenda por baixo preço a um fidalgo arruinado, notavel toureiro da côrte; e como era padrinho da irmã do cônego, e não tinha filhos, deixára-lh'a por morte, com grandes olivaeas ao pé de Ourem. A irmã do cônego tinha grande orgulho n'aquella propriedade que era a cousa excellente da sua vida e o seu cuidado.

O aspecto interior no entanto era melancholico. As sallas grandes de altos tectos de castanho escuro, frias, com echo sonôro, estavam apenas mobiladas, ao longo das paredes, com bancos compridos, cujo assento se abria como uma tampa, e que tinham ainda nos espaldares o vestigio



desbotado e lascado de braços pintados. Havia apenas tres quartos mobilados, burguezmente, com leitos de ferro, cadeiras de pinho. A quinta andava arrendada, e os caseiros faziam d'aquellas vastas sallas, onde outr'ora se tinham dado festas no gosto requintado, emphatico e lugubre do tempo de D. Maria I, uns colleiros primorosos. Estavam amontoados aos cantos saccos de milho e de cevada; e estendido n'uma camada delgada, secava o feijão.

Logo desde os primeiros dias, Amelia caíra n'uma tristeza enervada. A velha, ao principio, sentira allivios inesperados; mas depois, subitamente recaíra, e sempre na cama, com uma tosse aspera e sêca, um terror agudo da morte e uma perpetua murmuração de rezas, tornava aquelles dias mais monotonos, d'uma desolação pesada.

Tinha levado consigo a creada, a Thereza, que cosinhava, descontente, resmungando.

Ao fundo do pomar viviam n'umas casas baixas, os rendeiros, casados, com filhos. Era uma gente recolhida, callada e activa, e só de vez em quando appareciam na cosinha da casa.

Era nos fins de agosto; algumas arvores, bem cêdo, começavam a perder as folhas; as tardes tinham uma pallidez quente e tranquillã, e havia já na paisagem um recolhimento outomnal.

Amelia passava os dias no quarto, ao pé da doente, costurando, e á noite a Thereza com a saia pela cabeça, as contas na mão, vindo de rezar a sua estação a Nossa Senhora, ia fechar as portas; mas tinha receios de ladrões, de almas penadas, e Amelia, atraz, amparando a luz do vento, pelos corredores, fallava-lhe, dava-lhe animo.

A noite era a sua hora mais tristemente arrastada. A sua vida apparecia-lhe irremediavelmente infeliz. Aquella vasta casa solitaria dava uma decoração funebre aos seus pensamentos. Qualquer ruido tinha um echo cavo, demorado, e Amelia estremecia pensando em defunctos, fogueiras de bruxas e aves agoureiras que annunciam a morte. Estava cheia de presentimentos, de superstições. Alem d'isso, a irmã do cônego, gemendo no seu leito, quasi no fim da vida, instinctivamente, chamava-lhe a idéa para as cousas da morte e para os destinos da alma. Porque podia morrer de parto! E quem sabe se estava em peccado mortal! A sua paixão por Amaro tinha agora largos espaços pacificos cheios de reflexão, e a verdade apparecia-lhe nitida, inilludivel, destacando. Ella solteira, affastára o noivo, o marido, a situação legitima; entregára-se a um homem, a um padre! E apesar das subtilezas amorosas, das attenuações devotas, o facto permanecia por si, culpado, sensual, inabsolvido.

No primeiro dia em que Amaro veiu á Cortegana, ella conservou-se concentrada, inalteravel, modesta, como alheia a elle. Era no quarto da velha.

—Está doente? tinha elle dito com intenção.

—Um pouco, respondeu Amelia, baixando os olhos.

O padre tinha começado a vir regularmente duas vezes por semana. Vinha quasi sempre ao fim da tarde, e ficava no quarto da Josefa. Ac-

cendiam o candieiro de latão, pondo diante uma velha chappelleira, para dar sombra ao rosto da velha: ella deitada fallava pouco, e a sua pallidez fundia-se vagamente na penumbra com os travesseiros e o lenço branco amarrado na cabeça. Amelia sentava-se á cabeceira e Amaro junto aos pés da cama, n'uma alta cadeira de couro.

Fallavam baixo. Depois vinham grandes silencias, e destacava o respirar catarrhoso da velha. A Theresa entrava e, sentada a um canto, ficava cabeceando, toda somnolenta. Então Josefa dizia algumas palavras arrastadas, baixas, com uma voz expirante, e as suas mãos fóra da roupa raspavam devagarinho, com as unhas crescidas, o linho dos lençãos. Tornavam a callar-se. Sentiam-se os inapreciaveis ruidos da noite no campo; o pendulo de um velho relógio batia monotonamente. De vez em quando Amelia suspirava. Até que Amaro sentia-se invadir por um tédio pungente; erguia-se. Amelia ás vezes ia acompanhá-lo só até á porta, allumiando, e ali davam um beijo frio, retraído.

O tempo mudára: havia agoaceiros, electricidade, nuvens pesadas. Depois o tempo sêco voltára, mas Amelia não passeava para não deixar Josefa só. Levantava-se cedo. O seu quarto, nas trazeiras, dava para um pateo onde havia o curral; e Amelia penteando-se, sentia em baixo o grunhir dos porcos; e depois só, na grande sala de jantar, defronte da sua chavena de café com leite, vinham-lhe tristezas, recordações. Aquella hora costumava almoçar com a mãe; o sol entrava, alegrava a pequena sala, e ás vezes ia tocar um momento ao piano em quanto a mãe fazia a sopa ao gato. Que faria ella na Vieira? O que fariam os outros, os conhecidos, os amigos da casa? Depois toda a manhã passava ao pé de Josefa. A velha fallava-lhe pouco, com uma certa frieza hostil; considerava peccar, faltar á caridade, alludir ás suas infelicidades; e então retraía-se e dizia sempre, sêcamente «a menina».

Demais Amelia tinha dias doentes, com ancias, irritações nervosas, appetites vagos; ficava então deitada toda a manhã, só, no seu quarto. Aquella solidão fazia-a soffrer; chorava. Todos a abandonavam, pensava. O padre Amaro estava tres, quatro dias, sem vir. Então no seu solitario pensamento, Amelia accusava-o; vinham-lhe a espaços, contra elle, odios agudos e passageiros. Mas como tinha grandes pesos de cabeça, ás vezes adormecia n'aquelle estado infeliz.

Depois do jantar passeava no terraço; não ia á quinta para não encontrar os trabalhadores, os rendeiros, por que já não podia occultar o seu estado.

Por baixo, rente do terraço, era o caminho dos Poyaes de Santa Catharina. Havia do outro lado uns silvados; e para alem eram terrenos, campos, olivae, elevações accidentadas, diversos tons de verduras, uma paisagem pallida e esteril; e no fundo a perpetua immobilidade do ceu mudo. As vezes destacavam, na pallidez do poente, pittorescas decorações de nuvens. Amelia ficava a olhar, e aquelles ceus que não comprehendia nem a impressionavam, davam-lhe todavia uma sensibilidade instinctiva. Pensava em outros destinos que poderia ter tido! Estaria

talvez casada! Riria, seria feliz; teria um pequerrucho vermelho, gatinhando e babando-se! Triste, triste! Mas então a voz de Thereza chamava-a. Era a irmã do cônego que se queria voltar e era necessario ajudal-a, ou eram as horas do remedio.

Mas d'ahi a pouco no quarto da velha começava a escurecer. Thereza vinha. Rezavam o terço, baixo, murmurando na penumbra; depois ficavam n'um grande silencio; um sino d'uma capella proxima tocava Ave-Marias.... Amelia estava triste até ás lagrimas; o quarto estava já escuro; o arquejar da velha vinha do fundo. Ella ia encostar-se á janella; havia escuridão nos campos; no horisonte, claridades d'um douorado pallido tinham ficado; mas no alto já algumas estrellas appareciam. No caminho passavam vultos de trabalhadores, á volta do trabalho; as mulheres em rancho ás vezes cantavam. Aquella hora de certo a mãe, como era costume, recolhia do passeio da praia; e os barcos voltavam; ainda algumas rêdes se estavam tirando; as senhoras recolhiam ao *pa-lheiro* rindo, em grupo. A espuma fazia grandes riscos brancos na areia. E ella ali só! Que tristeza a da sua vida!

Todos das suas relações estavam a banhos; ou na Vieira, ou na Nazareth. Ninguem a viera ver. E assim passavam os seus dias.

Mas lentamente, no meio d'aquelle tédio e á maneira que se aproximava o termo da gravidez, voltaram certos movimentos de temperamento. Quando Amaro vinha fazer a sua visita fria, distraida, ella olhava-o fixamente, como outr'ora. Quando elle saia, ficava triste. Apertava-lhe fortemente a mão, começava a pensar n'elle durante o dia. Que faria aquellas horas? Estava na cidade, só, triste. E via-o no isolamento do seu quarto, entregue ás curvaturas da dôr e ás amarguras da separação. Lembrava as horas da casa do sineiro e essas recordações faziam-a suspirar.

Um dia, quando Amaro ia a sair, ella foi acompanhá-lo só, até á porta; e ali pousando a luz, n'um banco, lançou-lhe os braços ao pescoço, com força, e olhando-o, deu-lhe um beijo, outro, outro, devagar, ruminando o seu gozo; e o padre sentia-a enfraquecer e dobrar-se-lhe nos braços. Então perguntou-lhe:

—A porta do pomar não tem uma chave?

—Tem, tem, disse Amelia radiosa, comprehendendo.

—Arranja-m'a.

E logo ao outro dia a Dyonisia appareceu na quinta; fallou só com Amelia. Ella deu-lhe a chave e combinaram. O pomar ficava em seguimento ao terraço; tinha uma portinha verde que abria sobre o caminho, no muro. Depois uma escada de pedra conduzia do pomar ao alto do terraço. E logo n'essa noite, Amelia, depois de se ter recolhido, preparou-se para esperar Amaro. Deram onze horas. Ella tirou as botinas, e em meias, a saia branca, saiu do quarto, atravessou a sala proxima, e abriu a porta envidraçada, que dava para o terraço, e mostrou, na noite, a claridade da luz. D'ahi a momentos o padre Amaro atravessou o terraço, entrou; trazia um chapeo desabado, uma capa curta, uma grossa bengala. Vinha commovido. Ella tinha os braços nus, e com a luz na mão, a sua pelle



branca, firme, tinha tons lacteos, quentes, todos mimosos, e logo ali se abraçavam freneticamente com beijos rapidos, que se devoravam!

E assim começavam a ver-se umas poucas de noites por semana. N'esses dias estava impaciente, nervosa, doente. Recolhia-se ás nove horas; deitava-se meia vestida dentro da roupa. Ás dez, levantava-se devagarinho; ia ver se a velha dormia, ao outro extremo da casa, e se a Thereza já se recolhera tambem. Voltava para o seu quarto; mas só naquelle isolamento nocturno tinha mêdo, estremecia, e accendia duas luzes para se dar animo; passeava no quarto, descalçava-se para não fazer ruido. As horas pareciam infinitas, e para as abreviar punha-se a contar os minutos; queria rezar, ler uns livros que trouxera; mas não podia distrair-se. Começava a palpitar com as esperanças da entrevista. Olhava-se ao espelho; e via no fundo a sua physionomia viva, expressiva, radiosa e pittoresca.

Dava então meia noite. Ella abria a porta, fazia o signal da cruz, saía com o pé direito, e invocando machinalmente os santos, ia abrir a porta do terraço. Amaro chegava esfregando as mãos; já havia um certo frio da noite.

— Porque não trazes luvas? dizia ella, e retraía-se ao contacto d'aquellas mãos frias.

Mas elle punha-se então a esfregal-as rapidamente nas calças.

— Deixa ver agora, dizia ella.

Elle dava-lhe as mãos.

— Ah! já estão tão quentinhas.

E eram infinitas perguntas, ciumes, pieguices, e ás vezes fazia-lhe coegas, de vagar, na corôa.

— Já deve ser tarde, dizia por fim Amaro. Entrecabria a janella. Um vago ar da madrugada clareava a noite.

— Vou-me.

— Não, não, espera.

Amaro levantava-se para partir. Amelia em saía branca com um saiote de bacta pelos hombros, os braços crusados, tremia com frio.

O padre saía.

— Vem amanhã, dizia Amelia, vem! Estou tão aborreeida. E acompanhava-o até á porta, tiritando, enquanto o padre se agasalhava na capa, e ella com a mão diante da luz, por causa do vento, abria de vagarinho a porta envidraçada do terraço. Um ar frio cortante, entrava.

— Apre! dizia ella.

— Isto é que não é lá muito bom, não. Adeus. E elle descia, rapido, confrangido, encolhido, batendo o queixo.

Mas uma noite, cêdo, Amelia estava doente; e pouco depois da meia noite separaram-se. Amaro descia do terraço. E ao abrir a porta do pomar, viu um homem que ia passando, chegado ao muro. Havia lua entre nuvens que corriam sob o vento, e Amaro aterrado, reconheceu o escrevente. Fechou rapidamente a porta, tornou a subir o terraço, bateu de mansinho á porta que Amelia acabava de fechar.

—Abre, sou eu.

Ella abriu assustada.

—Viram-me, disse o padre.

—Quem? quem te viu?

—O escrevente, parece-me.

—Santo Deus! E Amelia pallida, ficou a olhar para elle.

—Que diabo! dizia o padre.

—E elle que sabe que eu estou aqui! disse Amelia cheia de terror!

—Sabe? exclamou baixo o padre. Viu-te?

—Viu-me antes de hontem, no terraço, de manhã. Até olhou para traz.

—Essa maldita mania de estar no terraço! Diabos te levem...

Mas Amelia abraçou-se a elle; pedio-lhe perdão meigamente. O padre Amaro estava desesperado. Elle fallaria, contaria, tudo seria sabido; era a desgraça, a suspensão, a miseria! E o padre passava pela sala, e as suas botas faziam echo.

—Anda devagarinho, dizia ella.

—Que me importa?

Mas então vinham as supposições boas. Talvez elle o não conhecesse.

—Talvez nem fosse elle, dizia.

—Era! era!

—A esta hora?

—Vem de casa do morgado. Naturalmente ficára até mais tarde; um dos pequenos adoecera talvez.

—Quaes pequenos? perguntava Amelia.

—Os do morgado. Elle é o mestre. Vae lá todos os dias. Passa sempre por aqui! É o diabo!

Mas era quasi madrugada. Amaro foi espreitar o caminho, do parapeito do terraço. Ninguém. A noite estava fria e mordente. Não era natural que elle ficasse esperando, ali, no caminho escuro!

E o padre Amaro saiu pelo pomar, tremendo. E durante todo o caminho olhava em redor desconfiado; tremia ao menor ruido. Era quasi dia claro quando chegou a casa.

## XX

E então aquelles encontros nocturnos suspenderam-se. Nem podiam continuar. Amelia estava no fim do seu periodo.

O cônego escrevera dizendo — «que a S. Joaneira tinha já trinta banhos, queria voltar; alem disso Amelia escrevia-lhe pouco. Eu, accrescava, pouco quasi todas as semanas tres, quatro banhos, de proposito, para os espaçar, dar tempo, por que cá a minha mulher já sabe que eu sem os meus cincoenta, não vae. Ora já tenho trinta, veja lá você. Mande-me dizer em que estado estão as cousas.» E n'um *post-scriptum* dizia: «Tem você pensado que destino se ha de dar ao fructo?»

Aquella carta preoccupou amargamente Amaro; consultou Dyonisia.

—Olhe, menino, mais vinte dias, menos vinte dias.

E Amaro respondeu ao cônego: «A cousa pôde estar prompta d'aqui a vinte dias. Suspenda por todo o modo a volta da mãe. Isso de modo nenhum, sim? veja lá. Diga-lhe que a pequena não escreve nem vac, porque sua ex.<sup>ma</sup> mana passa sempre adoentada».

E em quanto ao fructo, não dizia nada. No entanto era aquella a grande inquietação de Amaro. Ao principio pensára n'aquillo como um cuidado vago, distante; depois affligira-se; e desde que Amelia fôra para a Cortegana, era a sua preocupação sempre presente; mas addiava, esperava, evitava pensar. Mas faltavam agora vinte dias. E elle via-se diante d'aquella difficuldade temerosa, fatal, inilludivel, crúa, como uma muralha: o filho! Procurava por todos os caminhos idéas, soluções, um termo, mas debalde, e debatia-se n'aquella difficuldade, como na invencibilidade d'um carcere.

Na cidade não havia rôda. Dois annos antes o concelho de districto supprimira-a. A mais proxima que havia era em Ourem, a quatro legoas; mas ali havia extremas difficuldades. Desde que em Leiria se tinha acabado a rôda, affluíam á de Ourem. Não havia vigilancia. Eram ali depositadas innumeraveis creanças de todos os arredores. Os recursos da misericordia eram pequenos; havia abusos além d'isso. Lavradores abastados, até empregados, mandavam ali de noute depositar os filhos; e todas as noutes a aspera sineta acordava a rodeira. A misericordia não podia sustentar o numero, e então recorrera ao embarço. Tinha-se posto uma sentinella á porta, e a pessoa que ia levar a criança era interrogada, esmiuçada; indagava-se depois a paternidade; entregavam-se as creanças, e assim a auctoridade impedia a abundancia de exposições com o terror dos vexames.

De tal sorte que o padre não podia deitar o filho á roda. Seria attrair sobre o facto uma publicidade infamante.

Por outro lado não queria entregal-o a uma ama; não tinha confiança em ninguem. Mais tarde a mãe queria vê-lo. A S. Joaneira poderia desconfiar, a Dyonisia fallar, a fatalidade esclarecer! E depois quem lhe affiançava que Amelia seria sempre submissa, amante? Não poderia um dia arrepender-se? Não poderia accusal-o? E aquella creança, creada por uma ama de aldêa, era a prova viva, o facto accusador! Poderia ter inimigos! E depois a ama viria a sabel-o! Apparecia sob aquella tenebrosa culpa. E o chantre era um homem velho e frio, cabeça placida, cheia de rhetorica e de casuistica, para quem o sangue, o temperamento e a idade, não eram attenuações!

E desejava então que a creança nascesse morta. Que solução natural, perpetua! Porque não? Que destino podia ter no duro mundo aquelle engeitado infeliz? Elle era pobre, a mãe pobre! Seria uma creança necessitada e triste; mais tarde um operario, um trabalhador. Debater-se-ia perpetuamente na tyrannica miseria! Teria uma encherga na vida, e a valla na morte! E, assim, se morresse! Anjinho, Deus leva-o no seu



somno natural e inerte para a pacificação do paraíso! Mas se nascesse vivo, forte, viverdor?

E os dias passavam para Amaro n'este embaraço pungente. Vivia como no fundo de um sonho. Erguia-se, celebrava, comia, dormia, sempre sob a pressão afflictiva e enervante d'aquella difficuldade. Ao acaso, para prevenir, tinha-se informado, como por uma curiosidade caridosa, ácerca das amas da terra. Resolvera chamar uma, attrail-a ao seu interesse... Mas, tímido, aterrado, egoista não resolvera, addiára; e soffrendo, esperando e recuando as decisões, via os dias passarem, hoje, amanhã, depois, e o termo chegava temerosamente. Além d'isso a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção estava doente. Mandava-o a cada momento chamar para tranquillisar a sua alma, consultal-o sobre escrúpulos de consciencia, faltas veniaes. E elle amargurado, vibrando todo no susto e na impaciencia da sua vida, precisava escutal-a, animal-a, absolver; porque continuava tirando recursos d'ella, e cada escrúpulo tinha por penitencia uma missa pelas almas do purgatorio, e cada missa tinha por paga um pinto! Por fim viera-lhe mesmo uma certa indifferença. Depois tinha um plano definido, quasi certo, esperava socgado, quando recebeu um bilhete de Amelia, com a letra trémula, quasi inintelligivel: — «A Dyonisia depressa: Chegou.»

Um rapazito da quinta, todo rôto, sujo, trazia o bilhete. Mas a Dyonisia não estava em casa: chamou-a umas poucas de vezes da janella da cosinha. Onde estaria?

— Conheces a Dyonisia, tu? disse elle ao rapaz.

Elle abriu uns olhos admirados.

— Bem, bem, vac-te!

Além d'isso a creada saíra. Era ao meio da tarde, horas de ir á fonte. Amaro foi procurar Dyonisia; dirigiu-se á praça. Pessoas da terra, empregados, proprietarios, officias do batalhão, passeavam aos pares, gravemente, fazendo a sua digestão, o cigarro na bôca. Saiu ao Rocio. Debaixo do arco havia duas tabernas. Vinha de lá uma sensação de fumo, de confusão, o vago frigir do peixe, um afinar de violas. Olhou. Dyonisia não estava. No Rocio passavam as creadas com os seus cantaros, uns soldados ao lado conversando; algumas senhoras dirigiam-se para a alamêda, junto ao rio, e o hospital destacava a sua massa branca, do outro lado da ponte, sobre o ar azul baço da tarde.

Amaro olhava inquieto. Não a via. Deu volta pela sé. No adro, creanças brincavam serenamente sentadas; um carro carregado de herva esperava, e os tranquilllos bois olhavam com o seu largo olhar pacifico. Meteu pela rua direita. Os sapateiros batiam a sola sentados na tripeça, á porta, em mangas de camisa, cantando; e no terreiro um rapaz novo experimentava um cavallo; outros em redor encostados á bengala examinavam, olhavam os cascos e com aspectos graves discutiam. Não via Dyonisia. Amaro, fatigado, olhava inquietamente. Talvez Amelia, n'aquelle momento esperasse, ansiasse, constringendo a dôr. Amaldiçoava Dyonisia: queria bater-lhe. Tinha vontade de perguntar ás mulheres que en-

contrava, aos lojistas que á porta das lojas esperavam bocejando. Mas não ousava; seria inconveniente. Entrou pelas viellas estreitas que sobem para os lados do castello; as casas eram miseraveis, e ás vezes n'umas janellas unidas balançava-se uma velha cortina de cassa; ás portas mulheres de *garibaldis* vermelhas, faziam meia, sentadas sobre os calcanhares, riam alto ou cantavam monotonamente com um tédio triste. Alguns soldados parados, fallavam, diziam obscenidades. E velhos curvados passavam com andar trémulo. Não via Dyonisia. Sentia picar o sangue de fadiga, de impaciencia. Voltou por outras ruas espreitando, apressado, hostil, desejando vingar-se vagamente. Ia a entrar em casa. Dyonisia á porta conversava com um velho visinho caldeireiro, que costumava embebedar-se e fazer ruido. Amaro subiu, chamou-a, e logo, no escuro da escada:

— Oh! mulher do diabo! ando a procural-a ha que tempos!

— Então...

— Vá já á Cortegana. Recebi um bilhete! que fosse logo, logo.

Ella subiu a casa, poz um chale, e quasi correndo ía a dobrar a esquina; mas voltou, tornou a subir a escada do padre.

— E a creança? disse ella, respirando fortemente.

— Lá fallaremos, lá fallaremos. Vá, vá.

Mas tornando-a a chamar:

— Mas você sabe o que ha de fazer?

— Oh! senhor, pelo amor de Deus. Assim o menino tivesse tantos contos, como de vezes... Ai! e as ligaduras?

E correndo, voltou a casa tomar pannos, ligaduras, lenços e com o chale traçado, vermelha, serviçal, passou pela botica onde comprou o preciso.

— Então que é isso, que é isso? perguntou o boticario.

— Nada, nada.

E foi-se.

No entanto o padre Amaro esperava que chegasse a noite. O crepusculo começára, e elle a cada momento ía ver se estavam acesos os candeiros. Mas então bateram á porta. O coadjutor entrou. Tinha passado por ali, tinha entrado um bocadinho, e sentando-se ficou callado.

Que horas serão? perguntou Amaro.

— Sete.

Houve um silencio.

— Pois, sim senhor... dizia Amaro.

O coadjutor mexia-se na cadeira.

— A tarde estava muito bonita.

Amaro passeava ao comprido do quarto; e via como um aspecto odioso, a figura magra, doentia, curvada do coadjutor, sentado gravemente, com as mãos apoiadas ao cabo do guarda chuva. Amaro ao mesmo tempo tinha uma preocupação. Elle não quizera envolver um medico n'aquelle segredo perigoso; mas não acreditava na habilidade da Dyonisia. Podia haver um perigo.

— Encontrei agora o sr. Chantre, disse o coadjutor.

— Ah! disse Amaro. E encostado á janella, rufava nos vidros. O candeeiro da rua tinha sido accêso.

— Trago luz? disse de dentro a Thereza, que voltava da fonte.

— Não, não, apressou-se a gritar o padre.

Não queria luz. O coadjutor podia ver o seu rosto perturbado, demorar-se, estabelecer-se para toda a noute. E ao mesmo tempo não queria dizer-lhe que saía.

O coadjutor a espaços, dizia algumas palavras sobre cousas da egreja; congrua, missas, pormenores technicos do officio.

E Amaro devia sair. E se fosse preciso um medico! Se fosse necessario extrair a creança a ferros! E estava tão longe, meia legoa!

E via-a soffrendo, pallida, suando de dôr.

— Diz que vem na *Nação* d'antes de hontem um artigo, diz que muito bom. E a voz do coadjutor era grave.

— Sim? disse Amaro.

Mas como os silencios se accentuavam, a noute crescia, não accendiam o candeeiro no quarto, o coadjutor ergueu-se:

— Estou talvez a incommodar.

— Não, não. Deixe-se estar.

E o coadjutor tornou a sentar-se. Deram oito horas.

— Já oito, disse o parcho.

— Agora anoutece muito tarde! disse o coadjutor.

E o padre Amaro na sua impaciencia, na sua inquietação, exasperado, febril, começou a cantarolar.

— Diz que ha agora um hymno ao Santo Padre muito bonito, disse o coadjutor.

Deu meia hora depois das oito.

E era talvez tarde. Amelia esperava-o! Gritava talvez o seu nome! E a creança, a creança! E o padre Amaro torcia o forro das algibeiras com as mãos suadas, crispadas. raivosos.

O coadjutor então ergueu-se, e despediu-se sêcamente.

— Allumic, Thereza, gritou o parcho. E apertava cordialmente, gratamente, quasi rindo, a mão do coadjutor.

— Olhe não cáia. A escada é má.

E então embrulhou-se no seu capote, pôz um chapeo desabado, tomou a bengala e saíu. Quando entrou na estrada, quasi corria. A noute estava escura; estrellas palpitavam frouxamente afogadas na espessa negrura.

No entanto Amaro resolvia o seu plano: era simples: decidira pôr a creança á porta d'alguem. O melhor era no campo, n'algun casal abastado. Era completo. Tomal-o-ia debaixo do capote; chegaria devagar, com precauções; pousaria a creança bem envolta em pannos, n'um chale, á porta. Depois bateria duas, tres pancadas violentas, e fugiria pelos campos. Decerto viriam abrir, veriam, á luz diffusa da noute, alvejar no chão, á porta, a trouxa, a creança; recolhel-a-íam; ao outro



dia entregal-a-íam á auctoridade e iría crear-se, n'uma ama da camara. Era facil, de alcance certo. A que casal bateria? Lembrava-lhe um ao pé do rio, de Bento Farto, um velho lavrador rico, viuvo, sem filhos; talvez recolhesse a creança, a adoptasse, a enriquecesse. E alargava-se nas supposições illimitadas. Elle conhecia a casa; fôra lá levar a extrema-unção a um creado do campo.

Duas janellas pequenas deitavam para uma horta, que se abria por uma cancella sem chave. Mas se o cão ladrasse! Era excellente, era um signal, era um apello! Mas se o cão mordesse a creança! Mas lembrava-se: os cães deviam estar do lado de traz, na quinta, no pomar, ao pé dos curraes! Creados dormiam ao pé da porta; accordariam de certo. Bateria violentamente com uma pedra. Depois pelo atalho, correndo, saltaria pela sébe para os campos, ganharia pela escuridão complacente da noite a estrada, e estaria brevemente na cidade, livre, tranquillo, innocente, inatacavel. Ninguem desconfiaria. Mas teria tempo? De certo. Em quanto se levantam ao ruido, perguntavam para fôra da janella, destrancavam a porta, saíam a espreitar com a espingarda na mão... de certo tinha tempo. Talvez abrissem o postigo cautellosamente! Em qualquer caso ouviriam a creança gemer; veriam o vulto; apanhariam surprehendidos; iriam accordar o amo... De certo, de certo, elle tinha um largo tempo para escapar, correr, esconder-se, sumir-se, entrar em casa, salvar-se!

Não contára este plano a ninguem. Diria á Dyonisia, á Amelia, ao cônego, que a creança fôra entregue a uma ama d'uma aldêa distante, no monte. E depois *morreu, foi-se!* Ah! o seu plano era completo, d'uma legitima infallibilidade. E apressava-se na estrada solitaria, pensando assim, destacadamente, por idéas rapidas, n'um sobresalto amargo.

Eram mais de dez horas quando penetrou na Cortegana, fazendo ranger a pequena porta verde do pomar. Subiu ao terrasso; a porta envidraçada estava aberta; a salla escura; por baixo da porta do quarto de Amelia vinha uma perdida luz; e logo parou ali, immovel, com susto, aterrado. Ouviu gritos abafados, mordidos, e um longo gemer agudo.

Foi de vagar, bateu com os dedos á porta do quarto; bateu mais forte com a palma da mão, tremendo. Dyonisia saiu fechando a porta sobre si, rapidamente.

—Então? disse Amaro.

—Vae bem.

—Quem está?

—Eu, e uma mulher que eu trouxe. Deixe estar: é segura.

A irmã do cônego estava na cama; a Theresa ajudava.

—E a creança? disse Dyonisia.

—Trouxe a ama, disse o padre hesitando um pouco. Está ali fôra, á espera. Embrulhem-a. Eu levo-a. Eu mesmo lh'a levo lá fôra. Agazalhe-a. Vae bem ella?

Mas Amelia deu um grito. E Dyonisia, em cabello, com as mangas arregaçadas, entrou para o quarto.

Amaro começou a passear pela salla. No quarto os gritos, os gemidos começavam. A cada momento o padre estacava, com uma mão á raiz dos cabellos. Depois era um gemer arquejante, de lucta, e ais agudos, lancinante, tornavam a cortar o silencio. Amaro tremia. Podia-se ouvir fóra; os caseiros accordarem; e Amaro junto da porta do quarto, os punhos cerrados, dizia baixo, machinalmente:

— Calla-te, calla-te!

Mas gritava dentro ella. E sentiam-se os passos apressados de Dyonisia; cadeiras que arrastavam, e depois uns suspiros profundos, terribes, desmaiados, como d'um allivio cruel. E que tudo acabára talvez. E era o seu filho que ali estava nascido, e ella, Amelia, soffria, chorava, torcia-se no crispamento mordente da dôr! E era ella, e era ella! E uma piedade infinita tomava-o violentamente pelo coração, e começára a rezar baixo, a pedir, a invocar!...

— Jesus da minha alma! dizia, Jesus da minha alma!

Ajoelhara mesmo: fazia promessas aos Santos... Mas os uivos dilacerados saíam. E elle ergueu-se de salto; passeava frenetico; ia á janella ver se alguém passava embaixo no caminho a escutar; e hallucinado escarrava, tossia violentamente, julgando suffocar o ruido. Mas não. Elle sentia o ranger de cadeiras e as violencias da dôr!

— Basta, basta! Não acabará este inferno!

Mas a voz de Amelia subia:

— Ai! ai! morro, morro!

E Amaro accusava-se, arrepelava-se, impunha-se penitencias terribes; queria fugir áquellas vozes; ia para o terraço; desceu ao pomar. Mas gritos sécos, duros, vinham ferir, como flechas. Estava extenuado, suado, aterrado! Depois não sentia já o gemer violento. Approximou-se, de vagar, tremendo.

A Dyonisia saíu abruptamente com um embrulho escuro ao collo.

— Ah! está. É uma menina.

Elle deu um pequeno grito, recuou, ficou a olhar.

— Tome, vá, vá. A ama que o leve, que corra. Nasceu bem. Pegue. Elle estendeu as mãos hesitando.

— Vá, homem.

Amelia gemia dentro.

Elle tomou-o de vagar e ficou immovel, tonto, pasmado.

— Vá com os diabos, homem! mexa-se.

Amaro sentia nos braços uma coisa molle, embrulhada, que gemia baixinho. Deitou a correr pelo terraço; achou-se na estrada!

Mas então o contacto d'aquella creança, do seu filho, perturbou-lhe as suas idéas, tão arranjadas, tão firmes! Deixal-o á porta d'um casal! Abandonal-o! Perdê-lo! Se os cães o mordessem! Se o frio o matasse! Se não ouvissem! Se a creança, gemendo toda a noute, morresse, como um bicho, só, arrefecido, hirtio! E pôl-o nos campos, na humidade da herva! Abandonal-o! Havia frio! Mas não podia voltar. Dyonisia não tinha leite! Mas não podia leval-o para a cidade, dizer claramente «Aqui

está, é meu filho!» Não podia! não podia! E estava assim, só no caminho escuro, immovel, tremendo, afflicto, sem ir, sem recuar, quasi sem sensibilidade, sentindo vir-lhe debaixo do capote um gemer fraco, fino, chiado.

Foi andando de vagar. Vinha-lhe a idéa de se matar com a creança, atirar-se ao rio no logar fundo, ao pé das azenhas. Aquella idéa envolvia-o, enroscava-se n'elle; reclamava-o: matar-se, matar-se! Mas que fria devia estar a agoa! E arripiava-se. E então vinha-lhe um desejo aspero, dilacerante, de voltar para a quinta, para casa, para o bom calor do quarto, ao pé de Amelia; metter-lhe o pequerruchinho na cama, agasalhar-o, beijal-o devagarinho, ali, na felicidade, e todos trez, sós, como no concheço d'um ceu, sentirem fóra a fria noite cair! Que encanto! Não podia! Era padre! padre! condemnado, maldito, celibatario! Seria o sacrilegio, a excomunhão da egreja, a prisão, a grillheta! E sentia um vento frio que se erguera, e as arvores escuras ramalhavam sêcamente.

Algumas nuvens corriam e, mais limpo, o ceu estrellado, deixava cair uma luz diffusa! Elle ia andando lentamente; mas ao voltar, quando do caminho estreito se entra na estrada larga, sentiu atraz passos rapidos, uma voz cantarolando. Voltou-se. E n'um susto, n'um estremeção, n'um frio de espinha — reconheceu o escrevente com o seu chale-manta claro! Santo Deus! E não podia voltar, encontrar-se com elle de frente; não podia saltar para os lados da estrada, que era ali d'altos aterros, abruptos. Tinha de continuar direito pela estrada. Se fugisse? Mas o escrevente era destemido; reconhecera-o de certo e, desconfiado já, perseguil-o-ia, luctariam, e elle tinha ali, sob o capote, encostada ao peito, a creança embrulhada n'um chale!

Começou então a andar apressado. De vez em quando olhava. Parecia-lhe que o escrevente apressava, alargava o passo. Continuou mais vivamente. Os passos do outro, soavam atraz na terra sêca. Lembrava-lhe voltar-se, arremessar-se, matal-o. E o escrevente approximava-se. Estava perto.

Mas ali a estrada tinha uma rampa soave, facil, que descia para os campos, para os casaes, para o rio. Era fatal! era fatal! Iria pôr a creança á porta d'um casal e pela beira do rio fugiria, esconder-se-ia no pinhal da Fiuza, ou pelos baixos pedregosos do Castello chegaria á cidade. Descêu a rampa correndo; via a distancia a fachada branca do casal do Silvestre. Conhecia-o e lembrava-lhe o seu cabello d'um louro avermelhado. Começava a atravessar os campos de glebas terrosas, revolvidas; mas drepente estacou. Pareceu-lhe que ouvira dizer: «— Olá!»

Ficou a tremer. Talvez tivesse ouvido, mas a voz do escrevente veio no silencio:

— Olá! oh amigo!

Tinha-o visto, tinha-o visto. Estava perdido. O vulto do escrevente estava parado, á beira da rampa na estrada. Parecia-lhe enorme! Se fugisse, elle seguil-o-ia, correria! Se abandonasse ali nos campos a creança, tudo se revelaria, encontrado por aquelle homem, n'aquellas horas nocturnas, ali. Se se matasse! O rio estava ali com um marulho brando,



fundo n'aquelle lugar, e vagos reflexos polidos e finos como os do aço! Desembugou-se. A creança não chorava. Apalpára por baixo do chale: pareceu-lhe fria. Se estivesse morta! Morta, e então derepente, como um trovão que estala, tomou-lhe o cerebro, a idéa de o matar! Matal-o! matal-o! Não tinha idéas, reflexão, sensibilidade. Estava como um animal instinctivo. Tinha medo! medo! um medo physico, bestial, vil. Estava ao pé do rio. Havia canaviaes ali. Pareceu-lhe sentir passos. Abaixou-se, poz a creança no chão; abriu-lhe o chale; os pannos brancos, destacavam-se da terra escura; tomou uma pedra, que ali estava, grande, musgosa, humida, pesada; pôl-a ao lado da creança; tornou a entrouxar tudo n'um fardo pesado, apertado, atado, submersivo. Pareceu-lhe sentir gemer baixinho a creança, o filho. A agoa escura, vagamente lúsidia estava ali. Umas canas curvadas arrastavam n'agua que as fazia vibrar. E Amaro crispado, com o arquejar seco, os dentes que lhe rangiam, deixou cair o embrulho. Aquillo fez *pchah!* E a serêna agoa correu. Então positivamente sentiu passos, ruidos, movimentos. Deitou a correr, febrilmente, covardemente.

Um carreiro seguia no pé do rio; sempre, sempre esfalfado, gemendo, chorando, suando, ia, ia. Mas derepente viu-se ao pé d'um pinheiral escuro. Escondeu-se ali. Os pinheiros gemiam ao vento. Esteve um momento encostado a um tronco, hirtto, inconsciente, entorpecido. Um cão ladrava a distancia. Bateu com os pés. Estava frio, quasi inerte. Saiu do pinheiral, atravessou uns campos de restólho. Derepente viu á claridade das estrellas reluzir o macdam d'uma estrada. Trepou uma rampa, caminhou, e d'ahi a pouco viu um candeeiro que o vento balouçava monotonamente. Estava na cidade. Davam duas horas quando entrou em casa. Accendeu a luz serenamente. Esteve um momento a olhal-a com uma fixidez idiota; e então, derepente atirou-se de bruços para cima da cama e ficou immovel.

## XXI

Pela manhã, duas pancadas rapidas á porta do quarto accordaram-o em sobresalto. Na vespera fechára a porta por dentro.

Saltou abaixo da cama, abriu, e ficou de pé no meio do quarto.

Dyonisia entrou decomposta, afflicta, o lenço caído, o chale no braço.

— Morreu, disse ella.

Amaro abriu desmedidamente os olhos para ella.

E Dyonisia suffocada:

— Pela madrugada não sei que lhe deu. Veiu-lhe uma cousa; levou as mãos á cabeça. Eu comeccei: Amelia, menina! Estava morta!

Ella viu Amaro empallidecer, os joelhos affrouxarem-se e cair, inerte, no chão.

Dyonisia gritou. A Theresa veio. Borrifaram-o d'agua; molharam-lhe as fontes com vinagre; deitaram-o. Elle d'ahi a momentos abriu os olhos, ergueu-se sobre os cotovellos; viu Dyonisia e deixou-se cair de bruços,

n'um chôro despedaçado entre grandes soluços. Mas depois ficou tranquillo, estendido, alheio, immovel. As creadas não sabiam se elle dormia. Andavam em pontas dos pés; e viam as suas botas e as calças cheias de lama, ainda encharcadas.

Muito tempo depois ergueu-se e vestiu-se de padre, de vagar. O seu rosto estava decomposto, os beiços manchados de sangue, umas olheiras encgrecidas, o nariz afilado e amarello. Abriu a vidraça. O dia estava claro, tépido, outomnal, d'um doce azul. Os ruidos da rua destacavam alegremente. Era dia de mercado. Havia multidão.

Amaro saiu. Algumas pessoas, na rua, voltavam-se estranhando o rosto amargurado e abatido do parocho. Elle caminhava de vagar, com o seu guarda-sol aberto, um pouco inclinado para diante. Foi ao paço procurar o chantre.

— Que é isso? disse-lhe este, vendo a physionomia do padre.

— Reccebi uma parte que minha irmã estava a morrer, e venho pedir a v. ex.<sup>a</sup> licença para ir lá.

Então o chantre com palavras classicas, citações, consolava-o.

— A morte é um tributo universal.

E d'ahi tinha visto casos de pessoas que estavam a expirar, e que melhoravam, viviam. E contava um facto que lêra no *Panorama*.

O padre Amaro apoiava gravemente com a cabeça, direito, as mãos encostadas ao guarda sol. E quando saiu, desceu á sé. Ao entrar na sacristia, as lagrimas saltaram-lhe. Abriu uma gavêta, onde tinha o seu papel, as suas pennas; e escreveu ao cônego Dias.

Meu caro amigo.— Ella morreu. Eu não posso, bem vê, e vou-me embora. Venha logo. Sua irmã coitada, é que terá de tratar do enterro. Eu, bem vê, não posso. Venha logo. Muito lhe agradeço tudo. Até á vista se Deus quizer, d'aqui a mezes. Adeus. Muito lhe agradeço. Creia que nunca me esquecerei, e adeus. Um grande abraço d'aquelle que é— muito obrigado do C.— *Amaro Vieira*.— *P. S.* Venha logo, adeus.— *P. S.*—A creança morreu. Já se enterrou.

Fechou a carta com uma obreia preta. A porta da sacristia que dava para o pateo estava cerrada. Elle empurrou-a, olhou em roda. O pateo estava tranquillo; tinha crescido herva, musgos, parietarias, verdejavam nas fendas das velhas paredes; alguns passaros voavam chilreando. Havia de resto uma tranquillidade triste: a herva cobria o carreirinho por onde elle costumava ir para casa do sincero. Amaro deu alguns passos. Chegou até á porta da cosinha, empurrou-a brandamente; estava fechada. Esteve um momento, olhando, e saiu, devagar. E na igreja, ao passar diante do altar mór, não ajoelhou.

No adro, algumas pessoas cumprimentaram-o. Uma mesmo veio falar-lhe por causa d'um baptisado. Elle abaixou a cabeça, continuou, abrindo o seu guarda sol, e deitou a carta para o cônego, na caixa, na mercearia, á esquina.

Quando chegou a casa, a Dyonisia tinha voltado da Cortegana. Queimava os pannos, as ligaduras, os lençóes. A irmã do cônego,



aterrada, erguera-se, e amparada a Theresa, viera rezar ao pé do cadaver de Amelia, e preparar o enterro. Tinham ido mulheres para a lavar e amortalhar. Tinha-se sabido na cidade a morte d'ella. Dizia-se que fôra um aneurisma.

Amaro pediu a Dyonisia que lhe fosse alugar um cavallo para ir a Chão de Maçãs tomar o comboyo, que devia passar ás onze da noite.

— Mas ha diligencia, disse Dyonisia, chorando.

— Não quero ir na diligencia.

E começou então a fazer uma pequena mala; não levava bahu; levaria a mala um homem que devia depois trazer o cavallo. E explicando á Dyonisia, dobrava a roupa sobre a cama. Depois, vagarosamente rasgou os seus papeis. Entre elles estavam dois bilhetes de Amelia. Começou a soluçar derepente, baixo, cheio de lagrimas; guardou-os no bolso. E continuava a acamar a sua roupa na mala. Vinham-lhe grandes soluços.

— O cavallo está prompto, veio dizer a Dyonisia.

Elle então chamou a irmã d'ella, a Joanna.

— Eu não tenho senão o dinheiro que é necessario para a jornada. Mas tudo o que aqui está em roupa, em lençóes, é para vocês.

Ellas queriam beijar-lhe a mão, choravam.

— Ah! é verdade. Ha ahí uns copos e duas chavenas, que são de lá... de...

— Sim, sim, fique descansado, dizia a Dyonisia, que começava a dobrar os cobertores, os lençóes, fazendo trouxas.

Eram quasi tres horas. Amaro estava de chapéu baixo, com o capote ao hombro. Abriu a vidraça. Defronte morava um empregado da camara, casado, havia tres annos. Tinha um filho louro, branco, todo alegre. Naquelle momento a mãe appareceu com elle ao collo, rindo, e o pae, por traz, olhava para a rua; porque em baixo um homem tocava realejo, e sob o seu bonnet de pala, grandes cabellos louros vinham pousar sobre a gola encebada; e ás vezes com o Joelho dava um geito ao realejo, cospindo contra a parede.

Mas a creança viu o parcho, e de mansinho, batendo na cabeça da mãe, pulando no collo, ria-se para elle, e disse-lhe adeus com a sua pequenina mão vermelha e gorda.

O padre recuou para dentro, e rompeu a chorar, sentado, os cotovellos sobre a mesa. E o realejo, em baixo, continuava monotonamente o final da *Norma*, e sob a impressão d'aquella musica dolorida, que elle ouvira tocar a Amelia, muitas vezes, no piano, sentia, como no fim de tudo, a perpetuidade da dôr.

Por fim o cavallo chegou. Um rapaz trazia-o á rédea. Levaram a mala para baixo. Amaro ia descer, sentiu um ruido na escada. Era a muleta do sineiro. Elle entrou com o bonnet na mão.

— Então v. s.<sup>a</sup>?...

— É verdade. Vou-me embora.

O sineiro hesitava.

— V. s.<sup>a</sup> ha de desculpar, mas eu, como soube que se ia embora,



vinha trazer-lhe isto, que já achei ha tempo. Tinha-me esquecido. E procurando na algibeira das calças, tirou um papel amarrotado que abriu, e onde luzia uma cousa d'ouro. Amaro curvou-se. Era um brinco d'Amelia! Ella muito tempo o procurára debalde. Amaro meteu-o no bolso, convulsivamente, com um movimento quasi afflicto. E, suffocado, com a garganta apertada em soluços, abraçou o sineiro, que chorava, limpando os olhos ás costas da mão.

— Adeus! adeus! disse descendo.

As duas mulheres desataram a chorar.

Amaro montou a cavallo. O homem do realejo affastou-se para elle passar. O rapaz começou a correr adiante com a mala, e Amaro partiu. As ruas estavam cheias de gente do campo, para o mercado. Fallava-se, apregoava-se, ria-se; bebia-se á porta das tabernas. Ao passar pela rua onde morava Amelia, Amaro olhou para a casa; estava ainda fechada: o alecrim da varanda secára, e um lenço de certo esquecido, estava entalado por uma ponta sob a vidraça corrida do quarto de Amelia, e pendia rôto, da chuva, decerto, e o vento fazia-o mover brandamente. Era um lenço branco com uma silva amarella.

Amaro levava o guarda-sol sobre o rosto, porque lhe corriam as lagrimas. Quando chegou ao Rocio parou derepente o cavallo. Da casa do armador ia saindo um homem com um caixão de defuncto á cabeça, negro, com galões dourados. Outros atraz levavam tochas, conversavam, riam, e esperavam dois que hebiam á porta d'uma taberna, d'onde saía um grande ruido. Amaro picou o cavallo. A estrada estava cheia de gente que voltava para as freguezias. A tarde tinha uma placidez amoravel. Homens iam a cavallo, o cajado entre a perna e o albardão, conversando, direitos: burros, com o seu passo miudo, passavam carregados de saccos de milho; mulheres levavam canastras cheias de louça de barro; outras iam encholando porcos adiante de si, com uma vara. E á beira da estrada os pobres lamentavam-se, pedindo com voz estridente. Quasi todos conheciam o parocho. As mulheres diziam: «Guarde Deus a v. ex.<sup>a</sup>» Os novos tiravam o barrete, olhando; e os velhos, gravemente, descobriam-se, mostrando os seus cabellos brancos. E assim o padre ia acompanhado pelo respeito da gente do campo, que voltava para o lavor das freguezias e para a paz da lareira. Elle ia direito, com o seu chapéu desabado, e as largas bandas do seu capote caíam-lhe dos dois lados, pou-sando um pouco sobre a anca descarnada do cavallo.

Um vento norte erguera-se e, á volta da estrada por onde vinha encanado, sentiu o padre Amaro, vindo da cidade, o som lento, pausado, frio, distante, infinitamente melancolico do dobrar a finados.

E como o frio começava a penetrar, embrulhou-se mais no seu capote.

## XXII

Nos fins de maio de 1870, havia affluencia na Casa Havaneza, ao alto do Chiado, em Lisboa. Os que compravam, batendo com o dinheiro so-

bre as caixas de charutos, em fileiras no balcão, os que accendiam os cigarros á chamma do gaz, os que de pé estacionavam, moviam-se no ruido das opiniões e na commoção communicada. Pessoas saíam, com o aspecto vivamente interessado; e os que entravam, logo desde a porta, em bicos de pés, olhavam ávidamente uma taboleta movel, suspensa em duas hastes de metal, sobre o balcão, onde se collavam telegrammas.

Um facto inesperado perturbava os criterios. Paris, a cidade que faísca e atráe, no fundo do sonho burguez, ardia. Entre os destróços errissados das barricadas, entre a plebe, na espessura do fumo, uma batalha social se dava aos regimentos da republica e aos velhos batalhões cezarianos. Casas desmoranavam-se; cadaveres furados das balas, rasgados das baionetas, jaziam no asphalto; charcos de sangue vermelhejavam. Os feridos uivavam rolando-se no macdam; um estallido da fusillaria cortava o ar; operarios e soldados batiam-se ao pé dos altares, sobre os tumulos dos cemiterios, nas platéas dos theatros, nos portaes dos prostibulos: luctava-se no fundo das alcovas. Atiravam-se mechas accesas pelos buracos das sargetas e disparavam-se rewolvers pelo respiradouro das adegas; uma fusilaria sêca e tenebrosa varria os canos da cidade; a colera fôra saciar-se até á escuridão das latrinas. Fusillava-se pelos cantos das ruas; a indignação levava a morte; o impulso da fé produzia a desordem da resistencia; e assim o fanatismo colerico, egualava insaturavel vingança! De espaço a espaço, um edificio historico ardia, e sobre aquella cidade entregue ao desespero, pesava uma atmosphera de fumo de petroleo!

Os que liam ficavam pasmados, sem comprehensão. Praguejavam contra os destruidores de Paris. Burguezes placidamente sentados decretavam a vingança; vadios e devedores insoluveis glorificavam a propriedade; empregados publicos, de estomago insaciado sanctificavam o capital; plebeus mal polidos queriam a restauração dos Bourbons.

Um homem vestido de preto que vinha saindo, sentiu ao virar uma voz admirada:

— Oh! Padre Amaro!

Voltou-se. Era o cônego Dias. Abraçaram-se e para fallarem tranquillamente foram para junto das grades da Encarnação. Não se viam desde Leiria.

— Você por aqui, padre mestre?

E então o cônego explicou: A irmã morrera, e estava em liquidações.

— Mas você já não está em S. Thyrsó, Amaro?

E Amaro contava que viera a Lisboa para alcançar a transferencia para Villa Franca. E resumindo-se, fallaram das cartas que ultimamente se tinham escripto.

— E que tal se deu em S. Thyrsó?

— Mal! Pouca congrua, má gente. Estive lá anno e meio, aborrecidissimo. E de Leiria? Você na sua carta do mez passado parece, dizia que a S. Joancira ia mal.

— Coitada! Cada vez peor: gorda, pesada, sempre a dormitar! de mais a mais agora gosta de bebericar.

— Hein?

— Deixe-me, homem! tem apanhado cada uma!

— E o escrevente?

— Está mal. Você sabe, a irmã morreu phytica.

— Bem sei. Você mandou-me dizer.

— Pois o rapaz por lá continua pobre, com um casaquito encolhido. Coitado! Tem sido bem castigado! Escreve em casa do tabellião Nunes. Mas porque preço! Quatro vintens por dia!

— Está bom! E a D. Maria da Assumpção?

— Lá está. Ainda antes de hontem estive com ella; muito temente a Deus, sempre. Tem agora um creado novo, e rosnam-se cousas.

— Palavra?

— Pelo menos o rapaz anda no trinque: relógio, luvas, charutos! As Gansosas estão na mesma.

— E outra cousa que me esquecia: a Dyonisia?

— Coitada! Parece lá vae com as suas industrias.

E conversaram ainda sobre o passado, e as amarguras d'então.

— E que me diz a estas cousas da França, padre? E o cônego cruzava os braços.

— É verdade! É verdade! dizia Amaro com aspecto inintelligente: uma sucia de padres fusillados!

— Que brincadeira, hein?! exclamavam uniformemente.

E então o cônego:

— E por cá, pelo nosso canto, parece que começam essas idéas!

E então indignavam-se; fallavam dos republicanos, dos maçons; que os homens novos desacreditavam a egreja, o clero, os bispos, e faziam sociedades secretas. O cônego lembrava para os revolucionarios a cadeia, Amaro pedia a força.

— Não fazem senão calumniar-nos! dizia elle exclamando.

— Calumniam-nos, calumniam-nos, ponderava o cônego.

Mas arredaram-se, porque vinham da rua do Alecrim duas senhoras, mãe e filha, parecia. E a menina, delgada, anemica, pallida, com o corpo curvado, os vestidos tufados por traz, botinas com salto erguido, caminhava balançando-se.

— Caspita! disse o cônego. Hein, seu padre Amaro?! Que tal!

— Nada, nada. Já lá vae o tempo, disse Amaro, rindo, e enrolava o cigarro.

E chegando-se ao ouvido do cônego, disse-lhe risonho, triumphante:

— Já as não confesso senão casadas! Chut!

EÇA DE QUEIROZ.

Achando-se fóra de Portugal não poudo, o sr. Eça de Queiroz, dirigir pessoalmente a publicação do seu romance, e introduzir n'este modificações importantes que tencionava fazer.



---

# O PECCADO

## I

### Ubique doemon

Bem sei... e mais que o sei, claro luar!  
Que segundo a severa theologia,  
Pelas noites sonoras de poesia  
— O aroma dos lyrios faz peccar!

Quem nos diria!.. madresilvas, mar,  
Lilazes, claros rios, cotovia!  
Que ao dizer da tyrannica theoria,  
Vós farieis a Carne triumphar!

Ah! Natureza, pois, se és criminosa,  
E nos levam ao mal urnas da Rosa,  
Ó coração do Christo immaculado!..

Quantos não vês morrer, do ceu profundo,  
Cheios de sangue, como heroes, no mundo,  
— Exhaustos dos mil golpes do Peccado!?

## II

## O Peccado

Elle é antigo, tragico e venal,  
Amando a Carne, o Crime e os assassinos,  
E, como a folha acerba d'um punhal,  
— É quem golpeia os seios femeninos. —

É complicado, mystico, mortal  
Com sombrios escrupulos divinos,  
E é quem faz estorcer os braços finos,  
E escorregar a lagrima final.

No emtanto, grato e funebre Peccado!  
Attrahente, gostoso, desejado,  
Negro nome do Vicio e Perdição...

A Igreja vê, em tudo, as tuas chagas!...  
E ha muito tempo já que o mundo esmagas,  
E te embriaga o sangue da *Paixão*!

## III

## A Cidade

Em vão busco na velha e hostil Cidade,  
Beata amante, de gangrenas cheia,  
As dispersas raizes da Verdade,  
— Como uma flôr n'um pateo de cadeia.

Quando, alta noite, *D. Juan* passeia,  
Ella põe-lhe em leilão a Mocidade,  
Tratada com a mystica anciedade  
Com que um sabio cultiva a flôr da Idea.

Mas, comtudo ninguem receia tanto  
O aspero Deus, e o lenho sacrosanto  
Da dorida tragedia do Calvario!

E, ó *D. Juan*, ás luzes das estrellas,  
Tu bem sabes se encontras nas viellas  
Mais de uma vez perdido algum rosario!..

## IV

## O Inimigo

Ha muito que é chamado o Aborrecido,  
O rebelde, o leproso, o descontente,  
E eterno tentador sempre vencido,  
Que habita o Ar, a Terra, e o Fogo ardente.

Elle é a hydra, a Carne, o incontinente,  
O orgulho nos abysmos submergido,  
O que anda sempre em nós, o cão batido,  
O espirito da Duvida, a serpente.

Mas, mau grado, ó Igreja, a tua ira,  
Elle não é nem Vicio, nem Mentira,  
Nem synonimo de Mal e de Impureza!..

E eu bem sei, negro symbolo apupado,  
Velho satyro, vil, calumniado,  
Diabo! que te chamas «Natureza!»

## V

## Em toda a parte

*Elles* tem dito e escripto que o Peccado  
Anda disperso e rôe o mundo inteiro  
Que habita o duro coração guerreiro,  
E o peito semenino e delicado.

Que anda no ar, em nós, da flor no cheiro,  
Das pugnas no ruido desolado,  
No ninho, na paz doce do mosteiro,  
No corpo da mulher perfeito e amado!—

É portanto, homem timido e sujeito!  
Quer te encostes, ou não ao vão Direito,  
O teu funebre goso e teu tormento!

Habitua-te a tel-o na Desgraça,  
No ar, no chão, na flor, no som que passa,  
—E até, serpente vil, no Pensamento!



## VI

## À janella

Altas horas da noute, quando a rua  
É deserta da onda crapulosa,  
No seu caminho em meio, vagarosa,  
— Abro a minha janella, a ver a lua —

Como uma branca divindade nua  
Ella avança celeste... e á luz ditosa,  
Qual copo de cristal que enche uma Rosa,  
O goivo do Peccado em luz fluctua.

Fluctua... e é n'estas horas recolhidas  
Que me ergo então ás cupulas subidas  
D'onde se avista o mystico ideal!

E rio e admiro o vulgo obsecado  
Que cuida ver, nas beiras d'um telhado,  
Abrir-se n'um *craveiro* a flor do Mal.

## VII

## Ella

Quando *ella* enfim morrer, verão os vivos  
Cortando o ar uns ais de sentimento,  
Como os lugubres côros dos captivos  
N'um triumpho, ou n'um grande saímento.

Ouvir-se-hão soluços pelo vento,  
Elegias, ais fundos, fugitivos,  
Que dirão: — «Lá se vão meus lenitivos!  
Morreu a Espada, a Lei, Guia e Sustento!

O seu tumulto terá goivos e rosas,  
E vãs estatuas lividas, chorosas,  
E epitaphios em lugubre latim.

Terá palmas mais verdes que a Esperança,  
— Mas a alma, em cima, escreverá: — Descança!  
Serpente, irmã de Judas e Cain!

GOMES LEAL.

7

---

# CHRONICAS—REVISTAS

---

## AMÉRICA

---

Los últimos telegramas dicen que la tranquilidad material se ha restablecido en las repúblicas del Plata, que el ataque á los colegios de los jesuitas no ocasionó tantas desgracias personales como se creyó en la primera hora, lo cual habíamos tambien dicho en una de nuestras crónicas anteriores y que el Arzobispo, de regreso ya en Buenos Aires, se esforzaba por conquistar las simpatías públicas á favor de sus protegidos los jesuitas.

Pero pasado el primer momento de la natural reaccion, siempre ciega, que sigue á las violencias excesivas, la opinion se vá calmando en la república Argentina y sin ponerse de parte de los que incendiaron inútilmente unos edificios públicos por odio justificado á una institucion, tampoco se inclina del lado del jesuitismo; antes bien, segun algunas breves palabras del telégrafo, los más autorizados periódicos de Buenos Aires llegan hasta á aconsejar prudentemente al Arzobispo que renuncie á su elevado puesto, como medida apropiada para sosegar los ánimos.

En efecto, el actual pastor de aquel rebaño, parece más atento á la suerte de los jesuitas que al reposo de su grey y con su decidido patrocinio y su indignacion iracunda fué el principal agente indirecto de la revuelta, lo que dá á entender que le falta mesura y acierto para dirigir los delicados intereses de la religion, hoy quizas más que en otros tiempos, ligados con todos los de la sociedad.

Para las repúblicas del Plata la cuestion religiosa es cuestion de vida ó muerte. En todas partes tiene gran importancia, pero allá ha de

influir más que ninguna otra en el porvenir de aquellas naciones. Se van formando estas, puede decirse, por aluvion y es menester que esten abiertas á todas las creencias. No basta que la ley ampare á los creyentes todos, cualquiera que sea su religion; si que tambien se necesita que el elemento religioso de ninguna de ellas, sea preponderante en términos de gravitar sobre la conciencia con un peso, acaso más formidable que el de la misma ley. Ya sabemos los recursos miles que emplea el fanatismo para turbar el reposo de la sociedad, que es intransigente y formidable y que persigue calladamente hasta en las tinieblas. Pues bien, los que han de abandonar su patria para vivir en extraño suelo, no quieren encontrar en él una lucha, que si la soportaron en su país fué por las atracciones del hogar nativo, desean los emigrantes amplitud para la conciencia, así como taller para el trabajo, y no quieren llevar sus lares á tierras de fanatismo.

\* \* \*

El Gobierno de Montevideo ha arrojado de la República á los gefes del partido contrario. Generalmente buscándose el reposo del presente día se recurre á medidas que á más de injustas son ineficaces y aun de un efecto contrario. Es verdad que alejando á las personas que influyen más en el partido de oposicion, esta se debilita por el momento; más por lo mismo se afirma y recrudece. No es justo que gubernativamente se castigue á los individuos nada menos que con la pena de extrañamiento, porque así se pervierten los medios de la justicia confiada á los tribunales. Tampoco es político condenar á la expatriacion á los adversarios, porque de esta manera y siguiendo todos los partidos el mismo procedimiento no habria dentro del país nunca más que los vencedores. Por último, semejante sistema perturba perpetuamente el orden público, porque si un hombre político sabe que no se le ofrece más alternativa que el mando ó el extrañamiento, abandona del todo los medios legales y conspira sin cesar, hasta con el empuje que comunica el natural y ardiente deseo de vivir en la patria y en el seno de la familia.

\* \* \*

Pero no es la cuestion de los jesuitas, ni las persecuciones de los partidos las que preocupan más en las repúblicas del Plata, sino la crisis económica. Es un hecho constante la influencia de los intereses materiales sobre todos los demás, aunque sean los más sagrados: el oro se estima más que la sangre. Amenaza una guerra y desde luego principian las lamentaciones por los perjuicios que el comercio vá á experimentar, por las pérdidas y gastos que han de tener los contendientes, y pocos, muy pocos clamores se levantan por la sangre que vá á derramarse.

Vienen momentos de revolucion, se desatan los huracanes de las pasiones, se viola el derecho, acaso sobrevienen desgracias personales y



hay quejas y disgusto; pero todo esto se soporta murmurando. Más si por acaso el desorden toca á los intereses, si se derrama no sangre sino alguna pipa de vino, si se incendia, aunque sea por casualidad, una casa, entonces la indignacion estalla furibunda, se habla de que la sociedad está en peligro de muerte y que es menester poner á todo trance un correctivo á los excesos. El conservador más razonable prefiere perder un brazo á perder una parte de su tesoro.

No queremos decir con esto que sea infundada la alarma que hay en Montevideo y Buenos Aires con motivo de la crisis económica, pues si bien no pasa los límites de las que con frecuencia sobrevienen en el viejo mundo, tiene que ocasionar mayores y más sensibles estragos. En Europa los intereses creados son viejos y por lo mismo resistentes: su solidez los ampara en las vicisitudes económicas. Por otra parte están mejor organizados y cuando se ven en peligro, vienen á sostenerlos todos los análogos con la ventaja de la experiencia adquirida en otras situaciones semejantes. Pero en América y principalmente en Buenos Aires y Montevideo donde el país se está formando así en poblacion como en capitales, ni aquella, ni estos tienen raices todavía y padecen mucho más con las dolencias de las crisis. Las especulaciones son nuevas y como en estado de tentativa, el crédito inseguro, el recuerdo de las agitaciones de otros tiempos, tenaces y desorganizadoras en sumo grado, perturba la confianza; y en materia de negocios, de trabajos, de empresas de todo género la inquietud del miedo es lo mismo que la realidad de los peligros. De esta suerte el fracaso más insignificante paraliza todas las especulaciones aún inseguras y hasta la misma poblacion trabajadora se siente impulsada á abandonar fácilmente aquellas regiones, porque como recién venida no siente la atraccion que expide el hogar donde el hombre ha nacido.

\* \* \*

En Buenos-Aires se resintieron mucho los negocios de resultas de la sublevacion militar, por el temor de que esta se convirtiese en una guerra civil larga, porfiada, desastrosa, como las que anteriormente había habido; pero como la rebelion quedó reprimida en poco tiempo la confianza fué restableciéndose y las especulaciones iban en camino de normalizarse. La moneda, que se esconde al menor peligro, volvía á aparecer, los cambios descendian, las transacciones se activaban, los negociantes hallaban dinero por papel, aunque al precio de catorce ó quince por ciento, tipo enorme en Europa, pero no excesivo, aunque sí elevado en América: todo indicaba una reparacion saludable, cuando los trastornos últimos, con motivo de la invasion jesuitica, vinieron á ocasionar una recaida que quizás tenga consecuencias trascendentales. Y como si todo el mundo se empeñara en malear la situacion, los acaudalados conservadores, sin comprender sus intereses, imitan á los anárquicos y en lugar de disponer sus capitales para contrarrestar la desconfianza lleván-

dolos al movimiento industrial y mercantil, discurren destinarlos á levantar el incendiado albergue de los jesuitas, medio adecuado para mantener la desconfianza con la seguridad de que la contienda se sostiene, y se perpetúa la razon de los antagonismos.

\* \* \*

En Montevideo la crisis económica es más profunda que en Buenos Aires, porque está sostenida por diversas causas, además de las agitaciones políticas, que generalmente son iguales en ambas naciones.

Los presupuestos venian desequilibrados en el Uruguay desde años anteriores, el tesoro público estaba exhausto y se había recurrido al usual remedio del crédito para hacer frente á las necesidades ordinarias: de esta suerte se habian venido aglomerando obligaciones que hoy pesan sobre el país con una gravedad insoportable. Recurso conveniente es el del crédito público cuando se aplica á cubrir atenciones pasajeras y contando desde luego con que los ingresos del tesoro son suficientes en adelante para amortizar la obligacion que se contrae, sin desatender las obligaciones permanentes. En la alternativa el Estado de recurrir al impuesto ó al empréstito, decidiéndose por este, hace á los contribuyentes un servicio, porque conserva en la produccion, y en las fecundas manos de los que no tienen mucha riqueza, capitales que en otro caso irian á perderse en atenciones de ordinario improductivas, y siempre menos fecundas, del Estado. Además, si está bien organizado el gobierno, puede levantar fondos á interes reducido y en una sola negociacion y evita así al contribuyente pobre, que no tiene crédito, el quebranto de tener que recurrir al suyo particular para procurarse el importe del impuesto á un interés excesivo y abrumador.

Pero si el recurso de los empréstitos es aceptable y beneficioso cuando se aplica á atenciones transitorias y en un presupuesto abundante, es inconveniente y funesto con destino á las obligaciones ordinarias y cuando el presupuesto está desequilibrado y en *déficit* permanente. Entonces el Estado tiene menos crédito que los particulares, y por consecuencia abona interés más elevado que el que estos tendrian que pagar contratando directamente; el aumento de los gastos con lo que estos crecidos intereses representan, agranda el *déficit* en lo sucesivo y envuelve la necesidad de proseguir el mismo sistema, cada vez con más angustias y perjuicios, y en definitiva se viene á caer más ó menos tarde en el abismo de la bancarrota franca ó disfrazada, despues de largos años de ahogos en que el ágio y las especulaciones financieras han labrado muchas fortunas á expensas de los agoviados contribuyentes.

Ahora bien, el Erario en Montevideo ha venido alimentándose del empréstito; y aunque no conocemos bastante el estado de la República para afirmar que en su origen hayan sido manifestamente absurdas las operaciones, nos encontramos con que en la actualidad la deuda tiene





unas proporciones descompasadas y que no corresponden á la riqueza del país.

En primero de Enero de 1874 la deuda pública ascendia á la cantidad de pesos.....	40.532:112
Pero se amortizaron durante el mismo año.....	2.174:617
Y quedó reducida por consecuencia á.....	38.357:495
Agregando la segunda serie del Empréstito extraordinario que importa pesos.....	4.000:000
Vino toda la deuda en primero de Enero del corriente año de 1875 á importar en junto la suma total de.....	42.357:495

Esta deuda es de diferentes clases, á saber :

Exterior con interés de 6 p. c.	
Empréstito Montevideano—Europeo .....	159:330
Empréstito Uruguayo.....	14.960:000
Deuda internacional con el 5 p. c. interés :	
Anglo-francesa.....	2.200:300
Italiana .....	1.188:000
Deuda interior :	
Con interés de 6 p. c.....	14.069:900
Id. 9 p. c. ....	2.652:408
Id. 12 p. c. ....	7.127:457
Total.....	42.357:495

Casi toda esta deuda es amortizable; de modo que el erario tiene que satisfacer no solamente los intereses considerables que representa, sino además el tanto por ciento de amortización; lo que compone en junto una suma anual que no cabe en el presupuesto ya desequilibrado con las obligaciones ordinarias, en razón á haberse considerablemente disminuido los ingresos de aduanas y á faltar del mercado el papel moneda particular de resultas de las quiebras de los Bancos de que hablaremos en otra crónica.

Ya á fines del mes de Febrero el ministro de hacienda Sr. Bustamante celebró una reunion de senadores, diputados, miembros de la Junta de Crédito Público y capitalistas é hizo presente el estado angustioso del Tesoro, y que varios tenedores de la deuda le habian indicado, para resolver por el instante la crisis, que se suspendiera la amortización, concretándose al pago de los intereses. En general fué este pensamiento bien recibido.

La prensa por su parte dilucidó la cuestion; aunque fueron diversas las opiniones y distintos los proyectos.

Por último el Poder Ejecutivo reunió las Cámaras á principios de Marzo y en un mensaje, no solamente expuso la situacion económica del





país, sino que sometió á su aprobacion varios proyectos de ley á fin de mejorarla.

Copiaremos algunos párrafos del mensaje.

«Desde que los acontecimientos de Enero cambiando la faz política de la República trageron al actual Gobierno á dirigir los destinos de la Nacion, el no se ha preocupado de otra cosa sino de aliviar, ya que no hacer perfecta, la situacion económica y financiera del país, dejado todo en un estado completo de abandono y postracion por los pasados administradores...

Largo seria historiar y enumerar los hechos, y no es el caso, Honorables Diputados, de perder tiempo para venir aquí á haceros la triste narracion de acontecimientos que desgraciadamente hemos presenciado todos y están indeleblemente grabados en la memoria del pueblo...

No se oculta al espíritu menos investigador, que la situacion económica por que hace veinte años viene atravesando el país, á causa de la intensa crisis que se ha experimentado en todos los ramos, haciendo día á día más imposible para el Estado el cumplimiento de sus más sagrados compromisos, hasta el extremo de hacersele si no imposible, muy difícil á veces atender al servicio de las deudas públicas y unido esto á la dismunion de las rentas de aduanas, cuya disminucion vá sintiéndose en sensible proporcion cada año que pasa, amenaza tomar mayores creces todavia, á causa de la paralización del comercio.

Tampoco debe ocultarse la imposibilidad de crear en momentos como los presentes nuevos impuestos, que vendrian á gravitar exclusivamente sobre la clase más necesitada del pueblo, y por cuya suerte debe interesarse con mayor ahinco el Poder Ejecutivo...

Siguiendo además los ejemplos que presenta la historia financiera de los pueblos más cultos, prósperos y adelantados del mundo, como por caso la Francia y la Inglaterra, cuando se encontraron en situaciones análogas á las por que cruza la República oriental, frente á frente de un déficit insalvable, todos estos antecedentes, todas estas consideraciones y ejemplos han influido en el ánimo del Poder Ejecutivo para someter á vuestro soberano fallo el proyecto que se os remite, y que contribuirá, si obtiene los honores de vuestra sancion, á despejar súbitamente la situacion financiera del Estado, ó por lo menos contribuirá á aliviarla, sin perjudicar á los mismos tenedores de deudas, por cuanto esa operacion permitirá al Gobierno garantir con toda seguridad el pago de los intereses sin demora alguna.»

Los dos proyectos de ley presentados tenian por objeto; el primero, suspender temporalmente el pago de la amortizacion de las deudas públicas, menos el de las que tuvieran carácter *internacional* sobre las cuales se contrataria con los respectivos gobiernos; el segundo relevar á la Junta de Crédito Público de la obligacion de convertir sus billetes en oro y autorizarla además para emitir billetes por siete millones de pesos, aparte de los tres millones que debia emitir segun la ley de 25 de Enero. Estos billetes se declararían moneda legal de curso forzoso. La Junta de crédito

público quedaria autorizada para hacer en papel préstamos y adelantos al comercio, y al Estado con garantía de fondos públicos, títulos comerciales, certificados de depósitos de mercancías, propiedades raíces, etc.

Así que estos proyectos de ley se presentaron á las Cámaras varios tenedores de la deuda elevaron á las mismas una exposicion pidiendo que se mantuviera el contrato en todas sus partes, inclusa la que se referia á la amortizacion, fundándose en el principio de derecho de que no es lícito á uno de los contratantes derogar las cláusulas del contrato; ó en otros términos que el Poder Legislativo no tiene atribuciones para cambiar las leyes que se refieran á las obligaciones del Estado.

No hemos de defender aquí la conveniencia de la medida propuesta por el Poder Ejecutivo, porque para juzgarla es menester el conocimiento cabal de la situacion financiera de la República del Uruguay, y no lo tenemos; pero sí podemos decir algo acerca de la cuestion de derecho. Los tenedores de la deuda podian haberse defendido en el campo de la conveniencia y de la necesidad, porque realmente no se debe recurrir al extremo de alterar las obligaciones, sino cuando es imposible cumplirlas, y aun entonces hay que elegir los recursos mas suaves; pero afirmar que el Poder Legislativo no tiene facultades para legislar acerca de las obligaciones del Estado es hacer una mala defensa, fundada en una teoría absurda.

La personalidad del Estado es ficticia y creacion del derecho politico, por lo cual tiene estructura diferente, segun los tiempos y paises. Vemos así que se distribuye en organismos independientes ó relacionados y es frecuente que se dé el caso de que un organismo sea parte y otro tribunal. El Estado que debe y contrata no es el mismo Estado que legisla; hay dualismo, que podrá ser difícil de comprender y distinguir, pero no hay absurdo. Absurdo á todas luces más bien es el que Poder Legislativo tenga una limitacion ante el interés de un individuo y justamente un interés que no dimana de esos derechos sagrados que subsisten por cima de la ley como naturales é ilegislables— Absurdo seria que cuando los particulares deudores reciben en ciertos casos el beneficio de aminorar sus deudas y aun el de no pagarlas, no tuviera el pais entero modo de aliviarse de una carga abrumadora y se viera condenado á sufrir eternamente las consecuencias de una obligacion contraida acaso por un mal gobierno en dias de trastornos é inmoralidades.

Si fuera cierto que el poder de una nacion no tiene atribuciones para legislar sobre la deuda pública ¿quién resolveria las contiendas frecuentes que dimanar de los mismos contratos de empréstito? ¿No es el Estado por alguno de sus organismos? Luego ni en la práctica siquiera ocurre que semejantes estipulaciones queden fuera del alcance de los poderes constituidos.

Por otra parte todos los individuos al interesarse en un empréstito ó al contratar de un modo cualquiera con el Estado, saben ya que contratan con una entidad omnipotente y saben tambien que puede llegar un dia en que por alguna razon se dejen de cumplir las obligaciones; y pre-

cisamente por este motivo el Estado suele verse en la necesidad de pagar por las cantidades que recibe más interés que los particulares y por este motivo también la deuda pública alcanza pocas veces en el mercado su valor nominal. ¿Qué representa, pues, esta diferencia de valores? Pues representa los grados de probabilidad que hay de que la deuda deje pagarse; representa la manifestación terminante, aunque tácita, del que con el Estado negocia, respecto á que reconoce que la obligación puede dejar de cumplirse algún día por un acto del poder.

\*  
\* \*

En el Congreso del Perú continúan los debates de la ley para la explotación de los depósitos de guano y de nitrato.

Apesar de haberse restablecido la tranquilidad no iban bien los negocios en la fecha de las últimas noticias: los cambios eran costosos y difíciles y el metálico escaseaba mucho. Con todo, la atención pública estaba reconcentrada en las futuras elecciones de Presidente. Los vaticinios respecto á su resultado varían, pues cada partido se promete la victoria. Sin embargo, las mayores probabilidades estaban á favor de la reelección del Sr. Pardo.

\*  
\* \*

Ha sido sofocada completamente la insurrección que había estallado en la República de Venezuela.

El Gobierno de esta ha extendido una contra reclamación respondiendo á la de Holanda. Días pasados circularon rumores de que esta pequeña nación europea se proponía sostener sus peticiones por medio de las armas; así fué que cuando su escuadrilla se presentó en el puerto de Laguaira hubo gran alarma, de que participaron también las autoridades, puesto que hicieron concentrar soldados y artillería en la población. Pero en breve la actitud pacífica de los barcos holandeses tranquilizó los ánimos y hoy todo el mundo asegura y con razón que la demanda no tendrá consecuencias desagradables.

\*  
\* \*

El hecho verdaderamente interesante que se prepara en el Centro América es la apertura del istmo de Panamá. Tiempo hace que esta obra interesantísima se viene estudiando, aunque con algunas dificultades de parte de la república de los Estados Unidos que desempeña el papel que tuvo Inglaterra para dilatar la apertura del istmo de Suez.

El pueblo anglo-sajón dominado por el mercantilismo no vé con gusto ninguna empresa que pueda contribuir á facilitar el comercio de las demás naciones. Con sus grandes recursos en materia de navegación pueden los ingleses y americanos vencer todos los inconvenientes de las distancias y de las tempestades y temen que su monopolio se perjudique cuando se faciliten de alguna manera las comunicaciones. Errado concepto



es este, además de egoista y repugnante, porque facilitándose las relaciones, el consumo y los cambios se multiplican, y á la larga vienen á recoger los beneficios mayores aquellos países que más producen y que tienen medios más abundantes de trasporte.

*El Herald*, periódico de los Estados Unidos, ha publicado un artículo apropósito de la apertura de istmo de Panamá en que dice: «No es dudoso que el Pacífico y el Atlántico se unirán algun día por medio de un canal que seguirá una de las líneas del istmo de Darién que han sido exploradas bajo la direccion del gobierno. El ferro-carril no excluye al canal. El informe, pues, de la comision que ha llegado á Nueva York será por consecuencia leído con interés vivo, porque explica las ventajas de los diferentes planes propuestos particularmente; los de Panamá y Nicaragua; y aunque no es probable que principien pronto los trabajos, siempre es conveniente que se expongan los datos á la apreciación del público.»

*El Courrier des Etats Units* dice sobre lo mismo lo siguiente:

«No es esta la primera vez que se levantan dudas respecto á que convenga á los Norte Americanos abrir una via navegable al través del continente. La cuestion se relaciona en efecto con varios asuntos de interés é influencia internacional, que podrán durante mucho tiempo impedir la realizacion de una obra de interés universal. Pero como despues de todo el derecho y la civilizacion exigen que los intereses generales triunfen más tarde ó más temprano de los intereses particulares, debe esperarse que los Estados Unidos se vean obligados por la fuerza de las cosas á realizar ó dejar realizar una obra tan importante.»

En efecto, el pensamiento vá abriéndose camino y en estos próximos dias ha regresado á Nueva-York la comision que fué con el encargo de explorar el istmo bajo la direccion del comandante Lull. Los oficiales é ingenieros que han realizado los estudios opinan que la apertura de un canal paralelo al ferro-carril que vá desde Aspinwall á Panamá no presenta tantas dificultades como se creia, ni por consecuencia demanda gastos de tanta consideracion.

La mayor altura que segun parece hay que vencer no pasa de doscientos noventa y cuatro piés sobre el nivel del mar; y aun así este elevado terreno no tiene más de cinco millas de longitud.

Toda la del canal por la parte donde se han hecho ahora los estudios es de cuarenta y una. En la vertiente oriental habrá doce esclusas.

Se ha fijado cerca de la aldea de Manachim un sitio central apropiado para formar un lago.

En un principio pensó la comision que podia aprovecharse el cauce del rio Chagres, pero al fin se convenció de los inconvenientes que esto presentaba, así porque su nivel es muy variado, como porque en el invierno recibe aguas impetuosas que destruirian las obras de fábrica con mucha facilidad.

## PORTUGAL E BRAZIL

Eu bem sei que o thema da falta de assumpto em escriptos d'esta natureza é quasi tão velho como a Sé. Mas, nem por ser velho, deixa de ser verdadeiro; e a prova está n'esta quinzena que atravessamos, cujo unico successo politico foi a representação do drama do sr. Ennes, o cujo unico successo financeiro foram as corridas de cavallos. A sociedade transferiu-se provisoriamente para o theatro e para o *turf*. Os politicos applaudindo ou amuando-se, diante dos *Lazaristas*, esqueceram a grande questão Vaz-Preto; e os banqueiros, n'estes quinze dias, jogaram sobre cavallos em vez de o fazer sobre acções de bancos.

Acaso parecerão a alguns phantasiosas estas minhas aproximações: pois enganam-se. Que, poucos, verdade se diga, deixarão de considerar como um symptoma politico, a acceitação que teve o drama do sr. Ennes, a platêa tocando o hymno, e os veteranos da liberdade cumprimentando o dramaturgo. Para todos, ou para quasi todos, a peça e o seu acolhimento significam, sem duvida alguma, um protesto contra as tendencias invasoras do ultramontanismo. Não a vi ainda, nem li a peça: apenas sei d'ella o que é licito inferir do que os jornaes dizem e do modo porque o fazem. Não posso portanto affirmar, nem mesmo é aqui o lugar proprio para o fazer, até que ponto o dramaturgo conciliou a justa veneração que em nosso entender mereceu, as crenças ainda vivas nas sociedades contemporaneas, com a justissima repulsão que merecem tambem os tartufos. Não basta ser ultramontano para se ser um malvado, como infelizmente muita gente suppõe; assim como não basta ser miguelista para se ser um perverso, como de certo crêem os veteranos da liberdade que foram cumprimentar o sr. Ennes.

O ultramontanismo é uma grande e bella cousa; porque todo o edificio perfeito sob um ponto de vista moral ou logico, tem de ser considerado assim por aquelles que observam criticamente o mundo. Se lhe falta o alicerce metaphisico, como de certo lhe falta, é este o terreno proprio de o atacar, e não o de accusações que provam tudo contra a perversão d'um dado individuo, e nada provam contra a eschola ou contra a doutrina em si. As almas pias, já pela elevação do mundo moral, dentro de que vivem, muitas vezes lhes não consentir acreditar na realidade das cousas muito feias, já porque a miudo exemplos vivos das virtudes a que é uso chamar christãs tiram para ellas o valor completo do argumento, irritam-se, e, em vez de pensarem sobre o caso, recrudescem nas suas tendencias mysticas.

Mostrar-lhes pois o vasio d'estas tendencias, atacar o mal pela raiz, provar como a piedade é independente e superior ás formas e os symbolos da religião A ou da religião B; dizer ainda como o mundo moderno tem dentro de si os elementos constitucionaes d'uma religião novissima, se acaso tal nome convém ao systema das nossas idéas transcendentis,

eis ahí o que a provada intelligencia do auctor da peça, e meu particular amigo o sr. Ennes pôde com certeza fazer, porque o sabe e o sente.

Não é a elle que eu preciso dizer como, a entrarmos n'uma contenda mesquinha, n'uma série de retaliações sem logica, corremos o risco de nos opporem aos tartufos do ultramontanismo os do liberalismo, porque abundam; e temos de consentir que nos mostrem, ao lado de um sanguinario charlatão como foi S. Domingos, typos como o de S. Francisco de Sales, de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, de S. Francisco Xavier, de Bossuet e de Fénelon, homens dos maiores que o mundo tem visto como intelligencia e como sentimento, homens que poderiam ter feito todas as cousas imaginaveis, menos subscrever á carta constitucional e desembarcar com D. Pedro na praia do Mindello.

Não é ao auctor dos *Lazaristas* a quem eu necessito dizer que os ataques *one sided* como dizem os inglezes ou *à partipris* como se diz em francez, sem adiantarem muito o progresso real, trazem comsigo n'esta hypothese um perigo que eu tenho para mim como grave. Dizer mal dos padres é, na minha opinião, mau. Mostrar como, dado o systema philosophico e moral dentro de que os padres são educados e pretendem educar as gerações novas, os padres não podem ser convenientes, e arriscam-se a deixarem de ser bons, é o que eu entendo necessario e util fazer. Porque, se com effeito as pessoas dos padres não são as de nenhuns santos, tampouco o são as das classes leigas; e sinceramente creio que, pessoas por pessoas, valem todos egualmente.

A differença está em que uns representam para nós idéas e instituições caídas, outros idéas e instituições mais ou menos vivas.

Se o critico, a meu vêr, tem de julgar assim; o pensador, quando tem as minhas opiniões, lamenta sempre o atirar de frente ás crenças, embora velhas, quando, para as substituir, se não apresentam crenças novas. A piedade é uma faculdade ingenita da alma humana; e decepa o homem todo aquelle que imaginar possivel uma sociedade em que o sentimento d'onde na historia saíram as religiões, não encontre um molde adequado. A liberdade que muitos, superficialmente, propõem em antitheses dignas apenas do jornalismo politico, não basta para substituir a religião, porque é um sentimento puramente naturalista, não ideal, relativo, não absoluto.

Nada d'isto porém acaso se applica á peça dos *Lazaristas*, que eu não devia nem podia,—por não a conhecer, principalmente,—analysar aqui. Acaso tambem na peça o seu illustre author soube exprimir esta ordem de opiniões que eu não duvido affirmar que elle partilha comigo; acaso soube agradar ao paladar rudo das platéas populares, e ao mesmo tempo ás exigencias mais complexas dos espiritos cultos.

Para aqui basta, porém registrar a peça e o seu acolhimento como um evidente e ruidoso symptoma do estado do espirito popular perante as tendencias invasoras do ultramontanismo. Não ha de certo duvida em affirmar que a lucta do espirito ultramontano com o do seculo, ardente na época das revoluções liberaes, mais solapada durante os vinte annos



que durou o pacto entre o imperio francez e o jesuitismo., rebenta hoje de novo por toda a Europa. Os factos, de todos conhecidos, provam-no exuberantemente. Já se vê pois se eu tinha ou não motivo para taxar de politicamente symptomatica a representação dos *Lazaristas*.

Se quasi todos concordam comigo n'este ponto, estou em que não concordarão tantos, quando eu attribuo ás corridas de cavallos um character economico. Expliquemo-nos pois. As corridas não são um divertimento: primeiro ponto. Não são populares, porque custa muito dinheiro para lá entrar, muito mais para correr: segundo ponto. Não são uma instituição hypologica, pois que o apuramento da raça, sob o ponto de vista das corridas, é uma monstruosidade sob o ponto de vista natural, economico e agricola: terceiro ponto.

As corridas de cavallos estão para a aristocracia bancaria, como estavam as de touros para a aristocracia historica. O character cosmopolita das primeiras, o character nacional das segundas, o character exclusivo de umas, o character popular das outras, provam á primeira vista a realidade da minha equação. Se repararmos que n'umas os fidalgos são espectadores, nas outras eram actores; que umas são inoffensivas quasi, as outras perigosas e até brutaes, completaremos por outro lado a aproximação.

É por tanto logico que os touros se vão tornando cada dia mais um divertimento plebeu e equivoco; e as corridas de cavallos o entretenimento favorito do *high-life*. O meu cavallo, apesar de ser a habilidade de um jockey mercenario quem m'o faz valer, satisfaz a minha vaidade: é uma especie de luxo da fina moda. Mas não é só isto: pôde ser o meu melhor negocio; dar-me além dos premios que valem pouco, as apostas que valem muito mais. Se o cavallo satisfaz a minha vaidade, não é evidente que tambem satisfaz, além do meu bolso, a sede de jogo, consequencia inevitavel do utilitarismo? Entre a *bolça* e o *turf* ha um passo apenas: o que separa acções de cavallos. Não é propriamente o luxo, afinal inseparavel de todas as festas, não é propriamente o luxo, maior nas touradas fidalgas, do que nas corridas de cavallos que torna symptomatica a diversão; é a propria natureza d'ella, a dos factos d'onde provém e que a acompanham.

Protestos de um lado contra o ultramontanismo, afirmações utilitaristas do outro, eis ahi a que final se reduzem geralmente os phenomenos da sociedade portugueza contemporanea. Quando sentirá ella por um bocadinho a necessidade d'alguma cousa mais quente, de alguma cousa mais viva? Triste é pensar n'isto; mais triste quando assentarmos em que só um profundo movimento de piedade pôde afastar de nós os perigos da reacção.

O ultramontanismo contemporaneo, nova egreja militante, pactuará com tudo, até com os utilitarios, como pactuou com os cesaristas francezes de 1851; só uma cousa pôde resistir-lhe: a paz luminosa das consciencias.

.....  
Do Brazil não faltam noticias; encerrou-se a sessão extraordinaria,

abriu-se a sessão ordinaria do parlamento, e ouviu-se o discurso do imperador; mas o que de tudo isso sabemos, é apenas o que o telegrapho nos diz e que os leitores viram como nós.

As informações do correio nos permittirão ajuizar dos factos.

P. DE OLIVEIRA.

## ESPAÑA

Antes que el lector pase la vista por esta seccion de la *Revista Occidental*, y antes que pronuncie su fallo acerca de las presentes líneas, nos anticipamos á reconocer en ellas una irremediable falta de interés: sin culpa de nuestra parte, las crónicas de España han de resentirse de una monotonía que es fiel reflejo de la que está caracterizando la situación de este país: con ser tanto y tan grave lo que está pasando, parece que nada nuevo ocurre, si las novedades se buscan en las fuentes naturales de ellas, que la dictadura y la restauracion mantiene completamente secas hace ya año y medio. Pudiéramos para desempeñar nuestra mision de cronistas acudir á las informaciones que los corresponsales de los periódicos extrangeros envian á los diarios franceses, alemanes, ingleses, belgas y portugueses; pudiéramos resumir lo que el *Times*, el *Morning Post*, el *Dailly News*, el *Standart*, y otros periódicos británicos están revelando todos los dias; pudiéramos, en fin, recoger los mil y un articulos, unos serios hasta oprimir el corazon, otros satiricos y llenos de gracia que los españoles, y los madrileños especialmente, confeccionan y circulan de boca en boca mientras *hacen tiempo* y política en los circulos y cafés, llenos de bote en bote las 24 horas del dia, ó se distraen de sus males en los espectáculos de todos géneros, empezando por las corridas de toros; pero ni seria buen procedimiento tomar de autoridades extrangeras la historia de España, ni por hacernos eco de ellas estamos dispuestos á que la Revista sea incluida en el índice de los periódicos que, incluso algunos portugueses, se ha formado para que, deteniéndolos en la frontera, no entren á turbar el silencio de la palabra escrita y la intemperancia de la mordacidad hablada, á que en España tiene hoy que atenerse la opinion pública.

Nuestro oficio por otra parte no consiste principalmente en dar noticias, sino en historiarlas; no en ocuparnos de cosas menudas, sino en hacer á grandes rasgos la critica de las más salientes; pero, ¿cabe historia donde no hay datos ni critica elevada! ¿donde solo salen á la superficie asuntos pequeños!

Grandes son ciertamente los que están trabajando á España, pero esos precisamente parece que son los pospuestos á menudencias de escaso mérito.

La insurreccion cubana toma proporciones, molesta ya á Cienfuegos y reclama segun parece un nuevo sacrificio de 20:000 hombres más, que vayan á aumentar el número infinito de los que alli son esterilmente sepultados: la discusion, sin embargo, no es tanto sobre la manera de poner remedio eficaz á males que crecen con el disimulo y la negativa, sino sobre quien es el responsable de ese incremento que más reclama decisiones que dispuestas.

La guerra carlista en el mismo estado, sin ventajas de una parte ni de otra, salvo las que los rebeldes consiguen del hecho de la prolongacion. Despues de tantas ilusiones fundadas en tratos y convenios, despues de tantas esperanzas en las combinaciones de Cabrera, los proyectos de tratos no traen la pacificacion y engendran las dificultades; las combinaciones de Cabrera no tienen éxito y la falta de él, atribuida á diversas causas, produce disgustos y rozamientos que colocan las cosas en terreno poco satisfactorio. Las sumisiones de oficiales no aumentan y hacen más daño que provecho; las de los soldados van convirtiéndose en medio de especulacion, porque los hay que se pasan y repasan una vez y otra, para cobrar el precio de cada presentacion; las contraguerrillas no toman cuerpo; las operaciones de Aguirre sobre Peña Plata, no cuajan, y los rumores de actitud pacificadora, atribuidos unos tras de otros á casi todos los caudillos del carlismo, van quedando sucesivamente desmentidos.

Perdiéndose las esperanzas de paz, fundadas en pactos y transacciones, forzosamente han de renacer los planes de guerra, como viene sucediendo hace ya año y medio, plazo durante el cual España se alimenta alternativamente de ilusiones pacificas ó de anuncios guerreros. A estos últimos obedece el llamamiento á Madrid de varios generales importantes, que se hallaban al frente de los ejércitos, la designacion de otros nuevos y la multitud y variedad de combinaciones de campaña, que se extienden desde el nombramiento de los generales Concha y Moriones para el Norte y Jovellar para el Centro, viniendo al ministerio de la guerra Martínez Campos, hasta la nueva marcha de D. Alfonso á ponerse al frente de las tropas de Navarra y aun á la venida de Cabrera para influir en los carlistas de Aragon y Valencia.

No son, sin embargo, esas dos grandes y vitales cuestiones las que más ruido hacen en Madrid; sobre ellas han estado sucesos de dudosa trascendencia y aun de menguada significacion. Ocupa el primer lugar, entre las que más ruido han hecho, la por fin realizada presentacion del nuncio de S. S., Monseñor Simeoni, que con inusitada y exageradísima pompa fué conducido á la recepcion oficial, que pronunció un discurso que, separándose en esto de cuantos han dicho alli los representantes extranjeros, no tuvo una sola palabra para lamentar la guerra carlista, ya que no para condenarla, ni aun para hacer la más leve indicacion del deseo de la paz; indicacion que tan bien cuadraba al enviado del Santo Padre. Tan reservado como anduvo en deplorar siquiera la lucha entre españoles, estuvo de explicito en darles la noticia de que «esta católica monarquia no puede tener joya más brillante para su corona, ni base más



sólida para su trono, que la única religion que en otro tiempo la elevó á tanta gloria y tanta grandeza» bien que para llevarle al fin á la despo- blacion y la ruina de los tiempos de Carlos II y á la decadencia de que con tanto trabajo y tan azorosos esfuerzos procura levantarse en lo que vá de este siglo.

Casi al mismo tiempo que monseñor Simeoni venia á Madrid para exponer á España ese descubrimiento, quedándose á lo que parece con un pié en el estribo para volverse á Roma, el Obispo de Cartagena le- vantaba una dificultad más al Gobierno manifestando al gobernador de Murcia su decision de no obedecer á la circular de la direccion general de Beneficencia, Sanidad y Establecimientos penales, que aconsejan la prohi- bicion en absoluto de las exequias de cuerpo presente. La circular del pre- lado, abiertamente contraria á la legislacion vigente, no ha dado, sin embargo, lugar á los procedimientos rigurosos empleados contra el profe- sorado que, por el contrario, defendió la ley y protestó de su iniraccion. Esa diferencia de criterio explica el vuelo de ciertas exigencias que, de exa- geracion en exageracion, van llegado hasta pedir por conducto del Gober- nador eclesiástico conventos, iglesias y edificios que fueron derribados hace ya seis años.

Aún son más livianos dos asuntos que han sobrepujado esta quin- cena en interés al constante que debian mantener las calamidades, cuyos efectos aniquilarian á cualquier país, no tan pródigo en recursos como España: nos referimos á la actitud de cierta fraccion de monárquicos platónicos y á la del llamado partido constitucional.

Pretenden ciertos hombres políticos, procedentes del difunto partido radical, formar otro de monárquicos democráticos sin monarca confesable, y mantener las afirmaciones del General Prim y parece que hasta la nega- cion formulada solemnemente un dia con esta palabra tres veces repetida: *Jamás!* La carga es pesada; los hombros que han de levantarla necesi- tan ser rubustos á toda prueba y la aspiracion monárquica-democrática, pide un monarca; si le tiene *in pectore*, tan imposible es que no se atreve á declarar, con la franqueza de que ha menester para su programa todo partido nuevo, de qué parte le espera; si de una restauracion dentro de otra restauracion, y lo que es más, de la restauracion de quien espontá- neamente renunció, ó de la antigua y ya de todo punto imposible tendencia á la familia real portuguesa: uno de estos dos sueños, ó el de Italia ó el de Portugal, parece sin embargo que se esconde tras de la famosa y asendereada X, que persiste en ser bandera de un partido, sin temor á los cerros que suele dar por resultado la resolucion de las incógnitas.

Más ruido todavía ha hecho la disidencia del llamado partido consti- tucional: las diferencias se tradujeron en fórmulas diferentes; en la una se reconoce y acata la dinastia de D. Alfonso XII, como los que la sus- criben reconocieron y acataron la república, como una parte de los repu- blicanos reconocieron á D. Amadeo, cuidando no comprometerse á su *con- solidacion*: en la otra se deja toda reserva á un lado y se ofrece cooperar á la consolidacion: los unos desplagan la bandera de la Constitucion del 69;

los otros la del silencio constitucional. Mientras estos últimos, acaudillados por Santa Cruz, llevaban trazas de conseguir una evolucion de sus amigos, que robusteciera al Gobierno, el ministerio daba no pequeña importancia á aquel movimiento político, por más que de él no pudiera prometerse otra cosa que un Estado mayor sin ejército, y por tanto más embarazoso que útil: desde que Sagasta, jefe de la parte que se encierra en significativas reservas, se ha llevado la mayor parte de los constitucionales, los órganos de la situacion se han desquitado con la severidad de sus apreciaciones, de lo pródigos que habian sido en elogios. Conocida es ya la ventaja alcanzada por Sagasta, aunque todavia no ha sido puesta de relieve, como todo indica que vá á serlo, en la reunion de ex-senadores y ex-diputados constitucionales convocada para el 16; y no sorprenda la palabra reunion aplicada á estos momentos en que está suprimido ese derecho, porque la prohibicion tiene excepciones de hecho cuando de ella se esperan fines como los que se han esperado de esta, así como los enérgicos aperecibimientos á los militares para que no se mezclaran en cuestiones políticas, parece que no rigen tampoco con el Duque de la Torre, si hemos de dar crédito á lo que le traen y le llevan los periódicos, dando casi todos los dias cuenta de lo que dice y hace á propósito del fruto vedado.

No se detiene la disidencia en los grupos que no son poder; por el contrario, se abunda y se manifiesta ya claramente en el ministerio, hasta el punto de hacer imposible por más tiempo la ocultacion de la crisis que le trabaja. La diversidad de ideas de los individuos que le componen, impiden la inteligencia y buen acuerdo de que tanto necesitaba, para arrostrar la multitud de obstáculos con que lucha, y ciertas cuestiones surgidas estos últimos dias, han venido á revelar al público lo que con tanto esmero se ha querido tener callado. Con más ó menos seriedad, con más ó menos sinceridad, se ha echado á volar el pensamiento de mayor amplitud á la prensa, (sin duda reconociendo el mal efecto de la suspension de tres periódicos, el mismo dia en que aparecian dos en el campo carlista) la de organizacion de la Milicia Nacional y la de restablecimiento, parcial ó total del concordato; cada uno de estos asuntos ha sido una manzana de discordia, como lo hubiera sido cualquier otra que no se prestara á los aplazamientos; la prensa ministerial reflejó por completo las diferentes tendencias que habia en el Gobierno, la crisis se planteó y se logró conjurar para renacer de nuevo, no habiendo ya llegado á un desenlace, por la dificultad de encontrar ninguno que no entrañe peligros iguales á los de la disidencia.

Tal es el estado de cosas en España: conocen nuestros lectores la intensidad de los males que sobre ella pesan; júzguese de la eficacia de los remedios que se piensa en aplicarle, por la indole de los asuntos baladies que embargan la atencion.

\*\*\*

## EUROPA

Temores de guerra, de nova guerra entre a Allemanha e a França teem ultimamente sido o assumpto de maior preocupação na Europa.

Uma correspondencia enviada de Paris ao *Times* foi o escripto que melhor formulou, que mais completamente reuniu todos os lados salientes d'uma questão, por justificados motivos, sempre viva. É que os factos teem uma grande e irresistivel logica que se não illude; e é dos factos, da situação actual e da necessidade das coisas que derivam os legitimos temores de guerra.

Ou a situação da Allemanha, collocada como um grande Imperio unido no centro da Europa e governada por um homem absoluto e habil, muda em pouco tempo, ou a guerra é certa.

Em primeiro logar uma grande potencia como ella, dirigida por os principios systematicos d'um plano adiantado já na sua realisação, tem a cada passo de intervir nos successos dos outros paizes, por que estes fazem parte dos seus movimentos, ou são, como no incidente belga, attritos para a realisação d'elles. A Europa é de ha muito um todo, e o *equilibrio*, com as diferentes acepções que esta palavra tem tido em diplomacia, é a condição fatal da sua plena existencia organica. Seja pois qual fôr a direcção que a Allemanha siga a Europa acompanhal-a-ha ou fal-a-ha parar; e nenhum d'estes dois casos se poderá dar,—havendo uma nação da força e dos processos da Allemanha,—sem resistencias tentadas e desfeitas.

Por outro lado creada a muitos respeitos violentamente, a Allemanha moderna não pôde largar as suas armas, porque deixará de ser uma grande nação no dia em que deixar tambem de ser a primeira nação militar. Não a inquietam só as luctas externas que ella provoca e alimenta, e os aggravos que ella fez por modo a não poderem esquecer-se; mas ainda os poderosos elementos, —a Egreja catholica e o socialismo,— que ella destroe dentro em si e que, opprimidos e vencidos hoje, podem erguer-se temiveis amanhã.

Os armamentos e o militarismo arruinam e cansam a Allemanha meditativa, erudita, especulativa. Mas ter as armas na mão é já uma forte rasão para atacar e um motivo natural que leva á lucta como a um movimento espontaneo e justificado. A unica coisa que pôde demais desculpar o armamento ruinoso, ou distrahir as atenções das consequencias d'elle, é ver provada a sua necessidade, é vêr a guerra proxima ou a guerra effectiva.

A Allemanha só pôde manter-se estando armada e só pôde estar armada luctando. N'isto quanto a mim está a verdade da situação.

Effectivamente,—tudo m'o faz crer,—um partido, pouco numeroso, mas muito influente, é na Allemanha pela guerra, não só pelos motivos que deixo expostos, mas porque, para esse partido, a guerra é um inte-



resse poderoso, vital por que elle mesmo deve á guerra, a existencia. Os argumentos com que esse partido mais influe na opinião publica consistem em mostrar que a França se organisa activamente para em breve tentar a desforra; que as condições do ultimo tractado de paz a não arruinaram como se julgava, nem a impossibilitaram de inquietar breve a Allemanha. Que a esta cumpre immediatamente prevenir os acontecimentos, agora que facilmente pôde por completo esmagar a sua rival, com mais cabal conhecimento das forças, antes ignoradas, que ella tem para ressuscitar. Hoje essa campanha *preventiva* far-se-hia em semanas; — mas tarde, inevitavel sempre, custará muitos mezes.

Esta argumentação é geralmente accusada de cynismo pela imprensa. Franca é ella de certo. Verdadeira para a Allemanha tambem me parece. E não se pôde censurar com grande indignação um allemão por se collocar nos pontos de vista da sua patria, mesmo quando elles se antepõem aos da civilisação geral da humanidade.

O querer avaliar a politica internacional pelas regras da moral privada parece-me ser um methodo prejudicial á nitida visão dos successos. Em que condições e com que intuitos se celebram os tractados de paz após uma guerra? Que deve ficar garantido n'esses tractados? Que o vencido não possa tão cedo, ou não possa mesmo nunca ser causa de nova guerra. O sr. de Bismark, tirando á França a Alsacia, parte de Lorena, e os 5 milhares de indemnisação, julgou tel-a impossibilitado por muito tempo de ir alterar o movimento de reconstituição da Allemanha. Essas condições foram e deviam ser aferidas pelas forças que se suppunha existirem na França. Se esta se julgasse mais rica, mais energica, mais cheia de patriotismo inquieto, as condições do sr. de Bismark teriam sido, e deveriam ter sido mais severas, isto é, mais efficazes para o fim que elle pretendia.

Hoje, se acaso se reconhece que a ressurreição está realisada e que constitue um perigo para a Allemanha, esta requer uma nova guerra para revêr um tractado de paz feito sobre um calculo errado. Isto que parece cynico revelado como programma de um partido, seria habilitissimo realisado como plano de um governo.

E de certo completamente verosimil que o imperador Guilherme, ao falarem-lhe em nova guerra sobre estas bases, respondesse como lhe attribuem: «Apesar de tudo eu sou um cavalheiro e assignei um tratado.» Mas se o mystico e cavalheiresco imperador encontrou estas palavras no seu caracter pessoalmente probo e justo, poderão os srs. de Bismark e de Moltke encontral-as nas suas cabeças modernas de politicos e da tacticos?...

Não cumprir a palavra dada é, na vida privada, uma grande falta; rasgar um tractado pôde na vida publica ser uma grandiosa acção. Nas grandes collisões moraes sobretudo da politica, um só principio serve de norma superior, e esse é ainda e será por muito tempo o preceito jesuitico que absolve os meios em vista da importancia dos fins. Tudo o mais desapparece sob isto.

Tambem não é de cavalheiros, de *gentilshommes*, reunirem-se 100:000 homens para esmagar 50:000; empregar armas que matem a muitos kilometros inimigos que as teem de menos alcance; fazer um movimento circulante e atacar pela rectaguarda, e esta é todavia a guerra moderna, a guerra scientifica, a que, concentrando os seus horrores se chama dos seis mezes, em vez de se chamar dos cem annos, dos trinta annos, dos sete annos.

Do lado da Allemanha tudo pois determina mais tarde ou mais cedo uma nova guerra. Falta por ora effectivamente o pretexto, não para satisfazer o espirito publico, mas para obedecer ás praxes dos diplomatas *scepticos* e cerimoniaes que, adoptando no fundo plenamente os argumentos do partido militar allemão, julgam de *melhor tom* apresentar outros que forjem chegada a occasião;—procedimento facil e com o qual decerto ha sempre a ganhar o apoio de numerosos ingenuos.

Olhemos agora para a França. A sua organização militar está por ora ainda longe de lhe permittir uma lucta com a Allemanha, e é justamente o que os generaes d'esta, menos cavalheiros mas mais intelligentes que o seu soberano, querem aproveitar para a immobilisarem por mais tempo. Em 1870 não era a maioria da nação franceza industrial e trabalhadora que queria a guerra, como tambem na Allemanha a condemnavam os partidos pouco nacionaes formados pelo socialismo e mais preocupados das suas condicções sociaes e economicas do que das velhas idéas de gloria e de supremacia. Mas não era só Napoleão e o seu grupo que queriam aproveitar da aventura. Uma opinião generalisada sympathisava com uma lucta em que se provasse ao mundo que, vencedores da Austria, os prussianos seriam vencidos pela França, porque esta era sempre a grande potencia militar, arbitro supremo dos destinos da Europa. Por toda a parte, mesmo já depois de consideraveis desastres, todos os francezes confiavam completamente na estrella militar da França, de resto tanta vez, como todas as estrellas, eclipsada por outras. Se a victoria tivesse cabido aos exercitos de Napoleão a França aclamava-o-hia como a voz legitima das aspirações geraes, como Cesar, incarnação da vontade e do pensamento nacional. Da guerra de 1870 sahio a Allemanha unida, mas podia ter saído a forte consolidação do throno de Napoleão que então oscilava incerto.

As vozes que falam da gloria nacional, das antigas luctas cheias de drama e de grandes acções, tem em toda a parte e principalmente em França, um prolongado ecco tradicional e historico. Jogam com sentimentos de si muito expansivos e muito communicativos. São sempre vozes que fazem grande ruido e que teem grande influencia, mesmo quando são d'um pequeno numero.

Essas vozes ouvem-se hoje em França e são mesmo mais intensas e unanimes que em 1870. As classes mais conservadoras, mais partidarias da paz a todo o custo, querem vingar a sua invencivel França do insulto soffrido. Quando as luctas actuaes dos partidos tiverem mudado de terreno e se estabelecerem mais definitivamente dentro d'uma constitui-



ção geralmente aceite, haverá um grupo que tomará por bandeira a desforra ao menor pretexto e que fará d'ella o thema fértil da sua eloquencia. Esse partido terá então em França nas suas mãos o poder e uma popularidade que pôde não resultar da opinião da grande maioria mas que representa o sentimento dos fortes e dos audaciosos.

A França não está por ora preparada para a lucta: todos o sabem. Sem isto a propria imprensa franceza fallaria, em face dos temores de proxima guerra, uma outra linguagem.

Dos dois lados existem pois todos os elementos necessarios para uma nova guerra. Não ha assim uma lucta proxima, mas ha uma lucta inevitavel. O optimismo dos jornaes inglezes e francezes não me parece sair como uma consequencia legitima do estado de espirito e dos interesses das classes politicas allemans e francezas.

Espera-se muito da proxima entrevista do imperador da Russia e do da Allemanha para a solução d'estas graves questões, no que, quanto a mim, está tambem uma illusão.

A velha diplomacia formalista vivia d'antes, e vive ainda em grande parte, de subtilizas, de phrases disfarçadas que se applaudem por se perceber perfeitamente atraves d'ellas o que ellas querem disfarçar, e que se dizem deixando perceber que se esconde o sorriso fino e sceptico que as sublinha. As vesitas, as recepções, os jantares, todos os factos mais naturaes da vida meramente humana e menos que *social*, *sociavel*, tem assim uma significação e uma importancia que se conserva na opinião interessada dos diplomatas, mas que cada vez se va perdendo mais na realidade, todos os dias mais popular dos factos.

Ficaram de tudo isso as phrases, os moldes, a rethorica, os sorrisos que nada encobrem da maior parte dos diplomatas vasillos, as suas attitudes reservadas, e as suas *toilettes* severas e escrupulosas.

A importancia que se dá pois ainda hoje ás entrevistas dos imperadores é um resto das velhas formulas e da antiga situação das classes dominantes.

Antes e depois da conferencia que deve haver em Berlim entre os dois soberanos as probabilidades de guerra e de paz são as mesmas: derivam directamente do espirito e dos interesses dos povos, e é ahi que se devem estudar.

Entretanto, e enquanto os espiritos sobresaltados e assim destraidos combinam todos os temerosos boatos, na Allemanha já não resta muito a tirar á egreja catholica. Approva-se a lei que tira ao clero a administração dos bens ecclesiasticos e determina-se que o cura não seja sequer elegivel para presidente da administração da sua parochia, que pôde achar-se nas mãos de pessoas que nem sejam catholicas. Approva-se tambem a lei que concede aos antigos catholicos o direito de participarem dos bens da egreja catholica romana.

Os conventos abulem-se igualmente. E, na discussão d'estes assumptos, o governo já quasi não responde. Deixa que a limitadissima opposição exponha os seus velhos argumentos, sem perder tempo em comba-



tel-os, por que sabe que nenhum ecco tem poderoso na nação, pelo menos n'este momento utilitario, indifferente e patriótico.

Com effeito, n'esta guerra ao ultramontismo, conseguiu o sr. de Bismark captar as sympathias das classes liberaes e burguezas de todos os paizes, inclusive das de França.

N'esta porém, uma extraordinaria propaganda catholica lavra entre os operarios com o fim explicito de os livrar da Internacional e da revolução.

E, circumstancia extremamente original, é a officialidade do exercito francez quem a promove e quem lhe dá direcção.

A vasta associação que já se formou está fortemente organizada para o combate. A direcção existe nas mãos d'um grupo limitado que é obediendo sem reflexão, á militar. A França está para isso dividida em zonas e cada uma d'ellas governada por uma commissão de officiaes.

Sem accentuar agora as consequencias de certo transparentes d'estes factos, limitar-me-hei a lembrar a situação em que relativamente ao Papa cada vez se colloca mais ostensivamente o bonapartismo, e o caracter religioso d'uma das suas grandes influencias directas — a ex-imperatriz Eugenia.

Esperava-se muito da interpelação do sr. La Porta nas camaras de Italia relativamente á politica do governo em face dos actos do Santo Padre e das reclamações da Allemanha. Versaram, porém, unicamente as reflexões apresentadas sobre pontos de politica interna.

É que todos em Italia approvam a attitudo forte e por isso mesmo liberal e tolerante com que os governos tem conseguido acabar com a influencia do Papa, não pensando n'ella.

Em Inglaterra parece ter de novo entrado na lucta activa o sr. Gladstone, ainda ha pouco quasi retirado da politica e entregue a cogitações theologicas e liturgicas. Um dos seus ultimos discursos foi um ataque energico contra o plano financeiro do actual governo. Effectivamente os ministerios conservadores organisam por tal forma o orçamento da Inglaterra que quasi sempre elle apresenta *deficits*.

Esta questão importante, que parece ser a unica que realmente divide os *tories* dos *whigs* liberaes, e a attitudo de Gladstone, podem ser a base, por ora ainda em via de formação, de uma mudança na politica ingleza.

O clero anglicano continua a combater a invasão do culto apparatuso e brilhante de Roma.

A pastoral assignada em Lambeth por 24 bispos, falla contra as innovações do ritualismo, contra o uso das vestes romanas, contra as cerimoniaes em que os sacerdotes hoje se voltam para o Oriente onde está Jerusalem mas onde esteve Byzancio; contra as suas attitudes calculadas e hieraticas, contra a phrasiologia liturgica e as litanias rhytmadas tiradas dos manuaes catholicos, contra a pompa drammatica e theatral, a musica e as flores.

No fim da ultima sessão o parlamento adoptou para regular o culto publico *The new public worship regulation act* em que se permittem as

reclamações contra qualquer alteração no *Prayer book* que é o código que determina as ceremonias do culto e que, emanando do parlamento que o approvou, é lei absoluta em todas as suas disposições.

É facto porem, de resto de accordo com tudo isto, que o catholicismo tem augmentado consideravelmente em Inglaterra.

14 de maio.

J. BATALHA REIS.

## REVISTA AGRICOLA <sup>1</sup>

Duas questões agricolas agitam principalmente a opinião publica em França, e esperam pela abertura proxima da Assembléa nacional para ahi se resolverem. É a primeira a reorganisação do ensino agricola e a segunda o commercio dos vinhos e alcools.

A historia das escholas de agricultura de França e Allemanha é extremamente instructiva. Como a agricultura é uma industria, quasi todas essas escholas começaram por ser propriedades agricolas fundadas e dirigidas por particulares que n'ellas queriam mostrar porque modo se ganha cultivando. A lição para os alumnos devia resultar sobretudo de verem uma exploração ganhar mais do que as que a rodeavam, pela applicação de meios novos. Foi assim que Thaer fundou Mœgelin em 1806, Dombasle, Roville em 1823, Bella, Grignon em 1828, Rieffel, Grandjouan em 1830.

Em todos estes estabelecimentos a exploração particular bem administrada e devendo dar lucro constituia a parte importante. Tudo o mais era accessorio e vinha a proposito para applicar e descobrir os meios novos de acção, como as sciencias naturaes que ensinam a conhecer as plantas e os animaes, a chimica que ensina a investigar intimamente os seres, a mechanica, etc.

Que a cultura aperfeiçoada é alguma coisa em que se ganha mais que com a rotineira é com effeito o que importa ensinar.

Os governos dilataram depois a parte theorica do ensino d'essas escholas e pagaram-n'a. Mas a parte pratica continuou a fundar-se nas provas que as explorações annexas forneciam de que ao interesse particular era com effeito util cultivar bem.

Estas condições fundamentaes alteraram-se no anno de 1867 em

<sup>1</sup> Para conservar constantemente os leitores a par do movimento progressivo das sciencias e das industrias, publicar-se-hão n'este lugar revistas e noticias de todos os trabalhos especiaes importantes.

Começamos hoje pela Agricultura.

Grignon que é hoje a primeira escola agricola da França. A propriedade annexa á escola começou a receber um subsidio do Estado para cultivar em determinadas condições que se julgaram mais uteis ao ensino.

O publico agricola e os bons economistas fazem ha muito a esse respeito, com razão, as seguintes considerações: O Estado paga a uma exploração para que ella seja modello. Uma exploração agricola modello é aquella que n'uma região mais ganhe. Ora parece provado que, sem o subsidio que hoje recebe, a exploração de Grignon daria perda ao seu proprietario.

É por isso que o methodo de cultura ali seguido tem o peor dos defeitos: o não poder ser preconizado como industrial.

Em toda a parte o Estado organisando as escolas de agricultura destruiu as condições da sua vantajosa acção pratica sobre o publico.

Essas escolas deixaram de poder ser exemplos de lucro.

Está hoje provado que: 1.<sup>o</sup> só os governos podem manter escolas que ensinem os processos vantajosos que se tem descoberto, e que estudem e prosigam todos os dias a descoberta de outros; 2.<sup>o</sup> que só os particulares podem empregar em grande e no conjuncto de uma exploração esses processos ganhando com elles.

Assim em toda a parte se estão organisando escolas que tenham os elementos necessarios para uma completa pratica dos methodos, dos processos, das operações, das avaliações, analyses, e apreciações exactas; com todos os recursos para experimentar, para pôr em jogo todas as novas condições que se apresentem, para descobrir novos factos e novas leis. Mas em toda a parte tambem se está dando o ensino complementar de tudo isto,—aquelle em que todos os processos jogam com unidade como as peças de uma machina, provando decisivamente a sua boa ou má combinação em darem ou não lucro,—nas propriedades que os particulares, sem auxilio algum directo dos governos, exploram por sua conta e á sua unica custa.

É n'este sentido que se exige agora em França a transformação das escolas de agricultura. Que os alumnos comecem por aprender n'essas escolas como as operações se fazem e avaliam; e que terminem por aprender nas boas propriedades particulares como com essas operações se ganha.

Eis o principio fundamental do moderno ensino agricola. Só n'este poderão acreditar, e com razão, os agricultores de um paiz.

Á Hespanha e a Portugal interessam vivamente estas questões.

Não fallando, dos estabelecimentos de ensino agricola da Peninsula, senão dos de Portugal, é necessario observar que elles foram copiados das escolas francezas, quando estas se achavam já decadentes, sem uma boa apreciação do que fôra o fundamento verdadeiramente solido e util da sua instituição. Na base das escolas de França havia a acção da iniciativa particular ensinando o modo de ganhar. Em Portugal foi o Estado que fez tudo, á falta de Dombasles, de Bellas, e de espirito publico, e é o Estado que ainda hoje, quando lá fôra as condições da divisão d'este trabalho estão perfeitamente definidas, tudo ainda quer fazer, d'um modo



que de necessidade tem de ser incompleto, sustentando por um lado sem meios nem para experimentação nem para exemplificação de processos, uma escola superior de agronomia,—o Instituto de agricultura de Lisboa,—e derigindo e mantendo por outro lado, totalmente á sua custa, uma granja modello acusada ha muitos annos de fazer uma cultura ruinosa e que em todo o caso,—facto unico e de deploraveis consequencias n'um estabelecimento de tal ordem,—nunca publicou as suas contas.

Estes factos tem desacreditado com todo o fundamento em Portugal, no espirito das classes agricolas, a agricultura progressiva e scientifica.

Em França, delimitado o campo de acção do Estado, intenta-se hoje crear n'uma faculdade de agricultura em Pariz, o ensino verdadeiramente theorico e superior da agronomia. Ha muito que se exige esta fundação. Deve proximaemente discutir-se na assembléa nacional o relatorio apresentado sobre o assumpto pelo marquez de Dampierre que entre muitas coisas curiosas nos diz que Napoleão III abolira a antiga escola agronomica superior de Versalhes porque os trabalhos d'ella o embarçavam nas suas caçadas. Propõe-se n'esse relatorio o estabelecimento de cursos des-envolvidos de todas as sciencias applicadas á agricultura, que devem ser frequentados por alumnos competentemente preparados por completos estudos anteriores.

Para as despesas de instalação propõe-se a somma de 300:000 fr. (54:000\$000 réis).

É esta a maneira de attrahir effectivamente para a vida agricola as classes elevadas das populações latinas tão exageradamente cidadãs. Tudo está disposto effectivamente para fazer advogados, naturalistas, mathematicos, philosophos e até litteratos nas classes que justamente possuem a terra. Para quem quer cultivar superiormente o seu espirito a agricultura não se apresenta como um assumpto. Ha muito já tambem que a Agronomia, que, mais complexa e difficil e por isso mais atrasada que a medicina, occupa todavia na classificação das sciencias um logar tão proximo d'ella, merecia estudar-se á altura da sua irmã mais velha.

—A segunda questão que agita as opiniões e os interesses em França é o imposto, lançado pelo ministro das finanças, sobre as alcools e sobre os vinhos que tiverem uma força superior a 12 p. c., por se suppôr ser esta a gradação media dos vinhos francezes e se considerarem por isso os mais fortes como aguardentados artificialmente.

Hoje os vinhos apenas pagam, d'accordo com este mesmo principio, quando apresentam mais de 15 p. c. de alcool.

Para provar contra esta medida que o grão medio dos vinhos de França está comprehendido entre 14 e 15 grãos apresentam os jornaes francezes as analyses sobre que os inglezes estabeleceram a escalla alcoolica, analyses que mostram que de 55 vinhos tirados de todas as regiões da França, 8 tinham menos de 10 p. c., 41 mais de 10 e menos de 14, 6 mais de 14 e menos de 22. O que prova, segundo me parece, justamente o contrario do que se pretendia. A grande maioria tem com com effeito uma media de 12.

Temem alguns publicistas que o governo inglez, vista a opinião official e verdadeira de que 12 grãos é a força da maioria dos vinhos francezes, baixe até essa gradação o imposto minimo que hoje pagam os vinhos que não teem mais de 15 0/0 de alcool. N'este caso ficariam fóra do mercado britanico muitos vinhos francezes e a grande massa dos hespanhoes e portuguezes.

Este resultado que me não parece para temer, só poderá derivar da attitude que a França tome na renovação dos tratados de commercio com as principaes potencias, tratados que terminam a 30 de junho de 1877. Já para estudar a questão se convidaram as Camaras do commercio, de agricultura, de artes e manufacturas, instituições onde se acham representados todos os interesses particulares.

Julgo inutil fazer notar a importancia especial d'estes casos para hespanhoes e portuguezes.

Tracta-se tambem em França da creação de uma Estação aenologica e viticola no meio dia, a exemplo,—que sem decesivas perdas futuras se não póde deixar de seguir,—de que se está passando na Austria e em Italia.

Na primeira a eschola de Klosterneuburg junto a Vienna dirigida por Rössler, a de Ungarishaltenburg dirigida por Ulbricht e a do Tyrol dirigida pelo Dr. Mach, são hoje no seu genero os primeiros estabelecimentos do mundo.

A Italia tambem tem uma estação em Asti, uma outra em Gattinara, e outras em Roma e Florença.

Tambem a Russia estabeleceu uma estação experimental na Crimea.

— O assucar em condições determinadas e conhecidas muda-se em acido carbonico,—que é o que burbulha nos vinhos e nas cervejas,—em alcool, e em outros corpos accessorios. É a isto que se chama fermentação. Qual é a causa da fermentação?

Todos sabem que o sr. L. Pasteur demonstrou em 1861 que eram uns pequenissimos seres,—os mais simples seres organisados que se possa imaginar, ainda nem plantas, nem animaes, reduzidos a uma simples cellula cheia d'um liquido,—que produziam a transformação do assucar.

Todas as organizações precisam para viver respirar oxigenio que ou encontram na athmosfera, ou acham dissolvido nos liquidos.

Pasteur suppoz que os pequenissimos organismos, os fermentos, podiam viver sem ar, arrancando, porém, o oxigenio a corpos que, junto d'elles, o tivessem.

Ora o assucar tem carbonio, hydrogenio e oxigenio. Vivendo junto d'elle os fermentos tiram-lhe oxigenio, saindo das ruinas do que foi assucar principalmente o alcool e o acido carbonico.

Esta theoria da fermentação, estes seres novos que com tanta energia respiram que até podem para respirar destruir o assucar, foi materia muito discutida, muito combatida e calorosamente accete por muitos.

Os ultimos contradictores da nova doutrina são os srs. O. Brefeld de Wurzburg (julho 1873) e M. Traube de Breslau (1874).

O primeiro nega que o fermento possa viver sem o oxigenio do ar. O segundo confessa que o fermento pôde viver sem elle mas d'uma vida tão mesquinha que a fermentação resultante é pequenissima.

O sr. L. Pasteur respondeu ha pouco a estes trabalhos.

Encheu um balão de vidro com agua de fermento assucarada que fez ahi ferver para expelir todo o ar dissolvido, adquirindo por outros meios chimicos d'uma extrema precisão a certeza de que todo o oxigenio havia sahido do balão. Introduziu em seguida ahi com todas as cautellas que evitassem a entrada do ar, um liquido fermentando. A fermentação de todo o assucar do balão estabeleceu-se logo, e, durando mais tempo do que se se passasse em contacto com o ar, realisou-se porém completamente. Todo o assucar se converteu em alcool, em acido carbonico, etc.

Fazendo complecta justiça á probidade e á aptidão dos chimicos allemães cujas experiencias tiveram um resultado contrario ao das suas, o sr. Pasteur explica a não fermentação do ensaio de Brefeld por este haver empregado um fermento pouco fresco, um organismo para assim dizer velho, sem forças energicas para disputar ao assucar o oxigenio respiravel. Quanto á fraca fermentação obtida por Traube supõe Pasteur que elle terá empregado um fermento alcoolico impuro, misturado a outros pequenos organismos que prejudicam a acção do primeiro.

Segundo o sr. Pasteur os seres organisados ou merecem o nome de *aerobios* porque precisam de ar para viver: ou o de *anaerobios*, que quer dizer *viventes sem ar*. Estes ultimos quando teem ar á sua disposição aproveitam-lhe o oxigenio, quando o não teem decompõem o assucar e é então que se tornam fermentos.

A fermentação é pois segundo Pastener tanto *mais poderosa* quanto *menos ar* a rodeia. É porém *mais rapida* ao ar.

D'aqui deveria concluir-se que os vinhos se farão melhor fermentando fóra do absoluto contacto do ar, porventura mesmo tendo antes fervido o mosto,—processo que o sr. Pasteur inventou para produzir cervejas que, fermentando apenas com o fermento alcoolico e não com outros productores de doenças, se conservam inalteraveis.

É na explicação a dar, em vista d'esta theoria, ás praticas da vinificação, e nas conclusões industriaes a tirar para o fabrico dos vinhos que ainda resta muito a fazer.

—Para os paizes a que se destina a *Revista Occidental*, as questões vinicolas são particularmente interessantes.

Passarei em revista os principaes trabalhos relativos ao *Phylloxera* d'estes ultimos tres mezes.

Parece hoje apurado existirem na Europa as seguintes especies de *Phylloxeras*:

- 1.º *P. vastatrix* ou *vitifoliae* ou *vitisano* (Asa Fitch e Westwood).
- 2.º *P. quercus*, (B. de Fonscolombe) ou *coccinea* (Heyden).
- 3.º *P. Rileyi*, (Lichtenstein) ou *corticalis* (Kollar) ou *Lichtensteinsii*. (Balbiani).
- 4.º *P. Balbiani* (Lichtenstein).



3.º *P. acantohermes* (Kollar) ou *scutifero* (Signoret).

— O sr. Girard collocou durante o periodo da hybernacão e em tubos de metal *Phylloxera*s com as raizes em que se haviam fixado e submetteu-os a temperaturas de 6 a 10 grãos abaixo de zero sem que os insectos de modo algum soffressem.

Parece pois que se não póde para a nova molestia considerar o frio como um remedio.

— Na sessão de 26 de abril o sr. H. Marés apresentou á Academia das Sciencias de Paris o relatorio da commissão que tem estudado a nova doenca das vinhas no departamento do Herault.

A conclusão que se póde tirar dos trabalhos de 1874 é a seguinte:

«Sem fazerem desaparecer completamente o *Phylloxera*, os estrumes ricos em potassa e em materias azotadas, sobre tudo quando algum d'elles possuir propriedades insecticidas, — como as materias em que entrem sulfuretos alcalinos e terrosos, os saes de verão das salinas, o cebo, as cinsas vegetaes, o ammoniaco, a cal, — produziram bons effeitos sobre as vinhas doentes, activando a sua vejetação, augmentando a producção e permitindo á fructificação o completar-se.»

A restauração quasi completa de vinhas atacadas, permite esperar que, se o *Phylloxera* senão extinguir absolutamente, ficará reduzido como o *oidium* a ser um inimigo que apenas sobrecarregue com mais uma verba a despesa do fabrico.

Nota-se que de todas as numerosissimas combinações ensaiadas deve resultar em volta das plantas a producção de carbonato ou de sulphureto de ammoniaco, sendo o primeiro d'estes gazes um precioso alimento para ellas.

Sempre os estrumes e as substancias mesmo com o nome e a intenção nos que as empregam de insecticidas, que são realmente alimentadoras da vinha, são tambem as que tem parecido indispensaveis para a cura das plantas effectadas.

A commissão julga que a solução do problema está no emprego de estrumes potassicos, ammoniacaes e sulfurados, no emprego de sulfocarbonatos alcalinos que vão matar o *Phylloxera* nas profundidades do solo.

A respeito do emprego d'esta ultima substancia fez o sr. Dumas na mesma sessão as seguintes communicacões:

Os sulfocarbonatos alcalinos desenvolvem acido sulphydrico e sulphureto de carboneo gazes que matam o *Phylloxera* ou qualquer outro animal que exista na terra, sem prejudicarem a vejetação, antes activando-a.

A solução dos sulfocarbonatos é mais pesada que a agua, penetra e espalha-se na terra com as chuvas.

Esses saes não tinham até hoje emprego que os fizesse produzir para o commercio. Por isso, depois de empregados geralmente nas vinhas se tornarão mais baratos que hoje, e se fabricarão em abundancia. São, porém, economicos por serem muito energicos, bastando que se empreguem em pequenissima quantidade.

Querendo renovar a plantação de uma vinha em sitio infectado pelo

Phylloxera devem-se applicar os sulfocarbonatos na primavera e no outono. A despesa será no primeiro anno de 9\$000 a 11\$000 réis por hectare, do dobro no segundo, do triplo no quarto.

Os sulfocarbonatos alcalinos que são já de si um adubo devem ser acompanhados de estrumes enterrados sobre elles em volta das cepas.

Estes ultimos meios expostos parecem ao sr. Dumas e a muitos agromomos francezes resolverem definitivamente a questão do Phylloxera.

— Já em 1872, examinando as vinhas do Doure, e analysando os estragos feitos pelo Phylloxera vastatrix ou pelas causas complexas mais ou menos bem conhecidas a que muitas plantas ahi tem succumbido, pensei que as podas e decotes continuos que soffrem as cepas, — de sua natureza desenvolvidas na vegetação, — deviam prejudical-as, alterar a harmonia entre a parte aeria e a radicular, e, quando outras causas de enfraquecimento conjunctamente se dessem determinar a morte das plantas.

Por essa occasião algumas lesões se examinaram facilmente attribuíveis a esta causa.

Obter uvas de vinhas abandonadas a uma vegetação mais livre, arborea, parece ser effectivamente util á saude e robustez d'ellas.

Por isso se procura agora propagar em França o systema adoptado na Touraine com varias denominações que se pôdem resumir na de *Poda longa* e de *vara arrastada*.

As cepas plantam-se n'esse systema á distancia de 3, 6 e mais metros de linha a linha, e de 2 a 3 metros entre cada duas plantas da mesma linha. O ponto de partida são dois rebentos vigorosos que se obtêm ao rez da terra; e, de então para diante o agricultor deixa a planta tomar todo o seu desenvolvimento, evitando apenas que esse prejudique as outras cepas proximas, e fazendo com que todas se conservem inteiramente guarnecidas de varas e de fructos. As varas estendem-se perto da terra sustidas de espaço a espaço por forquilhas para que os fructos na época da maturação não toquem no solo.

As plantas assim tratadas são de uma notavel robustez, sem carias nem verrugas, nem galhas nos ramos.

Ha muitas vinhas n'estas condições que tem apenas 830 cepas por hectare, quando é frequente que uma vinha normal apresente na mesma extensão de terreno 10:000 cepas.

No mesmo terreno e com a mesma variedade deu por hectare uma vinha assim disposta 80 hectolitros, quando apenas produziu 41 com a poda relativamente curta e geralmente empregada.

Este systema, pelos elementos de força vegetativa que conserva nas plantas e pela extraordinaria producção em vinho d'ellas, seria absolutamente recommendavel se já estivesse estudada a sua influencia sobre a qualidade do vinho que produz. Adoptavel sem duvida nos paizes meridionaes para os vinhos de pasto que ahi tem como principal defeito um grande excesso de assucar, alterariam talvez a finura dos vinhos generosos em que parece que o assucar e os elementos das futuras qualidades

derivam justamente da situação artificial e da debilidade doctia em que se conservam as plantas.

—O sr. Joigneaux conta de vinhas maltratadas pelo *Phylloxera* onde cepas não podadas e entregues ao seu espontaneo desenvolvimento se haviam conservado sãs.

Diz o mesmo agronomo para explicar este facto e outros analogos que as fortes correntes de seiva das plantas robustas afogam os insectos que começam a picar os tecidos.

Qualquer que seja a boa explicação do facto, propõe o mesmo agronomo regenerar as vinhas por sementeira como methodo evidentemente mais natural e cujo abandono secular pôde ter produzido enfraquecimento nas plantas constantemente reproduzidas por bacellos. É resultado da observação constante que todas as plantas que se não reproduzem por semente enfraquecem.

Aconselha para isso semear os bagos de uva inteiros e completamente maduros, em vez da grainha separada, processo natural porque quasi sempre a parte carnosa do fructo acompanha a semente que cae sobre a terra como para lhe fazer um meio conveniente para os primeiros periodos da sua germinação.

Durante muito tempo o agronomo e agricultor portuguez o sr. Caetano Luz havia tentado sem resultado obter vinhas de semente. Fundado nas plantas espontaneas e frequentes que proveem de grainhas que segund todas as probabilidades teem passado atravez dos intestinos de passaros e sido alli lavadas das suas materias gordas, e fundado no modo por que os loireiros e as oliveiras se obteem de semente, lembrou-se de lavar as sementes da uva em cinza e agoa o que effectivamente lhe deu uma germinação prompta, e plantas vigorosas.

—Na America o *Doryphora decemlineata* devasta as batatas.

As nações da Europa previnem-se contra a importação d'este novo insecto que pode vir-lhes da mesma região d'onde geralmente se suppõe que veio o *Phylloxera*, prohibindo absolutamente a importação das batatas americanas que de resto era até hoje insignificante na maior parte dos paizes europeus.

O *Doryphora decemlineata* é um coleoptero de azas fortes da familia dos *chrysomelios* do comprimento d'um centimetro proximamente que vive quando ainda lagarta nas folhas das plantas de batata que se alimenta d'ellas passando pelas suas transformações de insecto.

Quando as folhas caem ou desaparecem,—e é comendo-as que elle destroe a colheita,—e o frio chega, agasalha-se na terra e ahi fica immovel e invernando até á primavera.

Não é assim facil que este insecto venha para a Europa com os tuberculos onde elle se não fixa, a não ser que alguma terra o trouxesse adormecido.

Não é um animal novo. Ha muito é conhecido na America onde agora só se multiplicou d'uma maneira damninha.

—O sr. Joannon praticou com os melhores resultados a lavagem de



terras esterilizadas pelo sal marinho. Drenou para isso os terrenos, arroteou-os profundamente (até 5 decímetros proximamente) e inundou-os com agua doce que, filtrando através da terra lhe tirou o sal, saindo depois pelos drenos.

O que antes dava apenas pouquissimas e rachyticas pastagens tornou-se assim susceptivel d'uma grande producção forraginosa.

— O sr. Jeannel apresentou á Academia das Sciencias de França o resultado dos seus estudos sobre a influencia das plantas vivas na putrefacção.

Por elles se prova que as raizes das plantas a fazem cessar nas substancias que se acham dissolvidas ou suspensas na agua. Como essas raizes estão sempre lançando de si oxigenio, este faz desaparecer os fermentos *anaerobios*<sup>1</sup> da putrefacção que são substituidos pelos *aerobios* que vivem nas aguas salubres.

É por isto que os prados regados junto de algumas cidades com as aguas de despejo d'ellas não são insalubres para as povoações proximas. É por isto tambem que as plantas desinfectam os terrenos dos cemiterios.

— Todos sabem que, para que uma substancia qualquer possa entrar pelas raizes para dentro das plantas e servir-lhes de alimento é necessario que essa substancia esteja dissolvida e unida a um liquido.

Todos os estrumes de curral e muitos estrumes mineraes como os phosphatos por exemplo, teem uma grande parte solida e resisiente, que pouco a pouco se vae dissolvendo e entrando nas plantas, mas que se conserva por muito tempo no solo antes de completar a sua transformação, como uma materia inerte e inutil.

Adiantar quanto possivel a dissolução d'esses elementos nos liquidos que penetram nas plantas, cosinhar essas comidas do vegetal para que este possa o mais depressa possivel crescer e augmentar com ellas é com certeza economisar tempo e capitaes á agricultura.

O sr. Menier apresentou ultimamente á Academia das sciencias de Paris nma memoria demonstrando experimentalmente um facto que a pratica de resto já havia feito conhecer.

Quanto mais pequenos, quanto mais tenues são os corpos, mais rapidamente se dissolvem na agua ou em qualquer liquido, a ponto de muitas substancias, insolueis quando em grandes massas como por exemplo o vidro, se tornarem soluveis quando reduzidas a pó muito fino.

A devisão põe, n'esses corpos, um maior numero de superficies em contacto com os liquidos e com todas as acções que tendem a transformar-os.

É assim que certas partes de rochas graniticas, como o feldspatho, que é insolavel, quando pulverisadas podem empregar-se como excellente estrume que cede á agua a potassa de que tanto precisam todas as plantas.

<sup>1</sup> Vid. pag. 123.

Rochas hoje esteircis podem pela pulverisação ser um magnifico adubo.

A marga, a cal, o gesso, os phosphatos produzirão tanto mais resultado quanto mais pulverisados.

O effeito por que seria necessario esperar annos dá-se immediatamente. O agricultor tira dos capitaes que accumula no solo um resultado immediato.

O sr. Menier propõe applicar á preparação de estrumes, que podem ser d'esta fôrma além dos já conhecidos quasi todas as rochas, os moinhos vulgares, estabelecendo-se uma industria especial de moagem de materias fertilisantes.

J. BATALHA REIS.

---

Esta secção da *Revista* conterá uma resenha crítica das publicações da quinzena.

A inserção de livros ou outros impressos no *Boletim bibliographico*, far-se-ha quando os auctores ou editores enviem franco de porte dois exemplares á direcção da *Revista Occidental*.



# REVISTA OCCIDENTAL

---

## PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DOIS VOLUMES DE, PELO MENOS, 128 PAGINAS CADA MEZ

---

### CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

#### Portugal

3 Mezes.... 2\$200 réis fortes  
Anno..... 8\$000 » »

#### Brazil

3 Mezes.... 5\$000 réis fracos  
Anno..... 18\$000 » »

Nas terras onde não ha agente accresce o porte do correio

#### Madrid

Mez..... 16 Rvn.  
Trimestre..... 44 »  
Anno..... 160 »

#### Provincias

Mez..... 20 Rvn.  
Trimestre..... 55 »  
Anno..... 180 »

As assignaturas são pagas adiantadas.

#### Assigna-se:

### Em Portugal

Nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Guimarães, Vizeu, Lamego, Santarem, Mertola, etc.

Agente no Porto — **Magalhães e Moniz.**

### No Brazil

Nas principaes livrarias do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Pará, Maranhão, Ceará, etc.

Agentes no Rio de Janeiro — **Moreira Maximino & C.<sup>a</sup>**

### Em Hespanha

Nas principaes livrarias de Madrid, Barcelona, Sevilha, Valencia, Malaga, Saragoça, Cadiz, Corunha, etc.

Agente em Madrid — **A. Duran.**

REVISTA *artigo  
J. Baptista Reis*  
OCCIDENTAL

---

1.º ANNO

TOMO SEGUNDO

31 DE MAIO — 2.º FASCICULO

---

LISBOA  
ESCRITORIO DA REVISTA OCCIDENTAL

3 — Rua Nova dos Martyres — 3

1875



# SUMMARIO

---

I — A ESCHOLA DO AMOR. — Novela cubana, por **D. Teodoro Guerrero**, pag. 129.

II — OS POETAS DA ESCHOLA NOVA, por **Oliveira Martins**, pag. 156.

III — COLON EN VALCUEVO, por **D. Tomás Rodriguez Pinilla**, pag. 187.

IV — SAVONAROLA, por **D. Maria Amalia Vaz de Carvalho**, pag. 200.

## CHRONICAS — REVISTAS:

V — America, por **D. R. de Cala**, pag. 226.

VI — Portugal e Brasil, por **P. de Oliveira**, pag. 232.

VII — España, por \*\*\*, pag. 243.

VIII — Europa, por **J. Batalha Reis**, pag. 248.

IX — BIBLIOGRAPHIA, pag. 254.

---

Direitos de traducção e reproducção reservados.



---

# A ESCHOLA DO AMOR

## NOVELA CUBANA<sup>1</sup>

---

### I

Cambiantes magnificos de luz n'um céu limpido, verdura eterna n'um delicioso panorama, raios de fogo apagados por uma brisa consoladora, sol ardente e lua voluptuosa, eis o que constitue os campos da ilha de Cuba que a natureza parece acariciar.

Toda a poesia que encerra o espirito não basta para copiar, e sobretudo para conceber os aspectos d'aquelle quadro sempre distincto e privilegiado entre todas as paisagens do mundo. Com os seus formosissimos reflexos multicolores, o sol poente cria perspectivas encantadas; com as nuvens phantasticas e agglomeradas a phantasia cria então sombras e vultos, cidades e montanhas, que se desfazem, que desaparecem por encanto, para receber novas fórmulas, e os tons quentes e vigorosos animam constantemente aquelle quadro magico que a imaginação do homem interpreta.

As folhas agudas dos massissos de palmeiras brilham ao longe com os ultimos raios do sol como as bayonetas de um exercito que marcha em columna cerrada. Os *cafetos*<sup>2</sup> e os laranjaes doiram-se com o crepusculo vespertino, e as flores, sorrisos da natureza, abrem as corollas, que o sol cerrára, e espalham o seu perfume por campos em que é perpetua a primavera.

A noite estende depois o seu manto, e o céu illumina-se sereno com

<sup>1</sup> Traducção de um inedico hespanhol.

<sup>2</sup> Plantações de café.

a *casta diva* que se patenteia sem esconder os seus raios, desafiando o sol com a sua luz esplendida, em vez de apenas se adivinhar, invergonhada e pallida, como nas cidades da Europa.

Acorda a natureza, e como nos tropicos não ha crepusculos matutinos, apenas o sol assoma, logo estende os seus raios pelo horisonte como se quizesse cobril-o com um manto de fogo. A transição é assim violenta: o orvalho secca abrasado pelos raios ardentes, a vegetação recobra o seu extraordinario vigor, e a brisa consoladora cospe chammas.

Aquella brisa suave porém que enerva os membros, leva a morte no seu halito ao que pela primeira vez a respira. Cuba deitada sobre o mar é uma sereia encantadora que engana com as suas caricias, que adormece para envenenar e que deleita para destruir. Se aquella brisa fosse tão pura como parece, se aquella atmospheria não estivera impregnada de miasmas febris, se o seu solo não fosse mortifero, Cuba seria o paraíso do mundo, e o mundo inteiro se trasladaria para Cuba.

Estabelecem os decretos da Providencia sabias compensações. Respeitemos pois os decretos da Providencia.

## II

Na ilha de Cuba o inverno é um verdadeiro logro do Calendario. O verão começa no 1.º de janeiro e termina a 31 de dezembro. Durante alguns dias o vento norte entra redemoinhando pela boca do *morro*,<sup>1</sup> colhe de improviso as pessoas desprevenidas e desabrigadas a ponto de lhes fazer parecer que sentem frio. A verdade é que é apenas a mudança repentina de temperatura que torna mais sensível a impressão do ar.

Em dezembro de 1866 estava eu na Havana. Uma noite, mais abafado que o costume, para arejar o meu fato e preservá-lo da traça ou para me apresentar em publico vestido de modo differente, entrei na *Dominica*, café estabelecido na rua de O'Reilly, e ponto de reunião da mocidade da terra. Estava resolvido a perder algumas horas e a moderar o ardor do meu sangue alterado por um vento que parecia frio mas que enganava. Tinha-me apenas sentado pedindo neve, quando uma mão se me apoiou no hombro.

Todos conheciam na Havana Julio Calderon. um bom rapaz que de certo não trocaria as suas tres estrellas de capitão por uma vara de juiz, entusiasta como era pela carreira militar, preferindo assim o commando da sua companhia ao governo de um reino. Era esta a pessoa que viera ter conmigo, e que eu saudei com affecto.

Calderon era severissimo no cumprimento dos seus deveres militares sem por isso deixar de frequentar assiduamente o theatro, os bailes, ou qualquer ponto onde se desse uma *rumbantella*<sup>2</sup> onde elle de-

<sup>1</sup> Castello situado na embocadura do porto da Havana.

<sup>2</sup> Diversão nocturna com musica nas casas ou nas ruas.

envolvía o seu natural bom humor e onde se tornava logo o director da festa.

A vida era para elle uma serie ininterrupta de emoções. Em tendo algumas horas de folga, um copo de rum para se animar, um amor em activo serviço, dois ou tres para as vagas, e quatro ou cinco no quadro da reserva, pouco se lhe dava do mais.

Calderon pediu um copo de rum que despejou d'um trago, dizendo-me:

— Este refresco é prophylactico contra o vomito <sup>1</sup> e contra todos os males do mundo. N'esta terra, meu caro amigo, o sorvete é um veneno.

— Prefiro as convulsões do toxico, ao incendio que me faria nas entranhas a aguardente, respondi eu, rindo.

— Bem se vê que não é realmente *guerreiro*, apesar de o ser por appellido, — accaescentou elle, enchendo o copo segunda vez, e, pela segunda vez tambem, despejando-o com a mesma facilidade com que o vinho se tira d'uma pipa para uma garrafa.

— Se a transmigração das almas fosse certa, asseguro-lhe meu caro Calderon que a metempsicosis o modaria em mosquito *Caspité!* que modo de beber!

— O estomago conforma-se ao habito, e a garganta é um subordinado docil. Olhe: vê aquelle homem qua entrou agora no café? Pois alli tem um que engole um garrafão de aguardente de cana sem respirar.

— Que grande veste! disse eu olhando para a pessoa que Calderon me indicava.

— É que não é do corpo d'elle. É um *guajiro* <sup>2</sup> disfarçado em cavalheiro mas com mais *onças* que cabellos eu tenho na barba.

— Que cara!

— Conheci-o em Hoyo-Colorado onde elle tem umas terras. E até por signal representou um papel importante na historia d'um desgraçado amigo meu que teve a loucura de apaixonar-se pela noiva de *Pancho* <sup>3</sup>... que é o nome d'aquelle pobre homem.

Pancho era um homem novo, com uma physionomia e um aspecto absolutamente vulgares, respirando saude e indifferença que é no que costumam fazer consistir a felicidade os que se contentam com os dons, poucos ou muitos, que a fortuna lhes concede. Era assim, sob este ponto de vista, o que ordinariamente se chama um homem feliz, de modo que, sob esta primeira impressão pouco favoravel perguntei admirado:

— Então aquelle homem teve uma noiva?

— E lindissima.

— Parece impossivel!

— Ella é que não gostava d'elle.

<sup>1</sup> A febre amarella, endemica na ilha de Cuba.

<sup>2</sup> Camponez.

<sup>3</sup> Diminutivo de Francisco.



— Ah!

— O pae de *Tula*<sup>1</sup> levado por o dinheiro de Pancho, foi quem contractou o casamento, accrescentou o capitão.

— *Auri sacra fames!* ponderei eu.

— O genero humano corre á conquista do bezerro de ouro, meu amigo. Ha innumeros argonautas d'essa especie no seculo xix.

— Conte-me a historia dos amores de Pancho e de Tula que deve ser curiosa. Ande, faça favor.

— Tem muito que contar...

— Dizem que a noite está má, e uma vez que nos achamos bem aqui, eu refrescando-me com o sorvete e o meu amigo aquecendo-se com o rum, passaremos d'este modo um bocado agradável: conte.

— Vou fazer-lhe a vontade, respondeu Julio Calderon enchendo outra vez o copo,

Eu, sentando-me com a maior commodidade, dispuz-me a ouvi-lo, e disse-lhe:

— Venha o conto.

O capitão tomou a palavra que eu não alterarei, aproveitando-me integralmente da sua narração.

A aurora acabava de abrir as portas do Oriente e o sol assomava ao horizonte n'uma manhã de setembro de 1863 quando, aproveitando o fresco da madrugada, eu sahi da Havana onde me haviam trazido assumptos de serviço, e marchei em direcção á povoação de Guanajay para me reunir com o meu batalhão que alli estava então destacado.

Havia já deixado ficar para traz Hoyo-Colorado e ia devagar para não cansar o meu cavallo quando de repente o ceo se encobriu, rasgaram-se as nuvens e caio um aguaceiro tão violento como inesperado.

Em Cuba a chuva não previne ninguem da sua chegada. Parece sempre cair por um capricho momentaneo das nuvens. D'esta vez precipitou-se em tanta força que passados instantes eu tinha a roupa pegada ao corpo, e o meu cavallo sacudindo as orelhas, recusava-se a ir mais adiante.

Olhei então em volta e devisei a pequena distancia do caminho uma casa de madeira pintada com um certo esmero e que, só, cercada por meu pequeno jardim, e coberta de telhas, em sitio onde apenas havia alguns *bokios*<sup>2</sup>, me fez suppor que o seu proprietario devia ser pessoa abastada. Estive um momento hesitando, sem saber se me deteria ou não alli; mas o meu cavallo que não perdia tempo a discorrer, dirigiu-se para a casa sem que eu precisasse guial-o, e sem que eu tambem soubesse se elle obedecia ao meu pensamento ou se a chuva lhe havia suggerido a mesma idéa que a mim.

Atravessei uma sebe pequena de *mangas*, e, aproximei-me da casa. Um homem já edoso, deitado, e embalando-se vagarosamente n'uma rede lia um periodico e fumava um cigarro.

<sup>1</sup> Diminutivo de Gertrudes.

<sup>2</sup> Casas pobres, forradas e cobertos com folhas seccas de palmeiras.

Quando este homem me viu, assobiou: um negro veio a correr segurar-me no estribo. O dono da casa dirigiu-se entretanto a mim e offereceu-me com a maior cortezia a hospitalidade que é tão característica n'esta terra e por certo bem digna de ser invejada n'outros paizes.

Era um homem dos seus cincoenta annos, com um ar agradável e communicativo.

— Precisa de mudar de fato, o tempo aqui é traiçoeiro.

— Trago roupa na minha maleta, e se me permitisse...

— Pois não.

— Muito obrigado.

— Anselmo: disse elle, dirigindo-se ao negro; acompanha este senhor ao quarto de cima e leva-lhe a mala que traz no cavallo.

Segui o ethiope e subi ao quarto indicado por D. Liborio, que era, como depois soube o nome do proprietario da fazenda que tão generosamente me hospedava.

Disponha-me a descer logo que mudei de roupa, quando movido pela curiosidade que é natural a todo o homem me aproximei da janella do quarto em que estava. Essa janella dava para o pateo.

Sem querer escapou-se-me dos labios uma exclamação. Na janella fronteira estava uma rapariga de dezoito annos, rosada como a aurora e fresca como uma flor coberta de orvalho. Occupava-se n'esse momento em atirar pão a um grande rancho de gallinhas e frangos, reunidos por baixo, no pateo, para colherem as migalhas que sobre elles caíam ás mãos cheias.

Fiquei extasiado diante d'uma scena tão bucolica, admirando aquella creatura que vivendo assim n'um canto do mundo, ignorada de todos, exhalava mysteriosamente o seu perfume como um lyrio escondido entre matos.

Nós os militares somos pouco bucolicos, mas somos muito impressionaveis, e muitas vezes, na vida errante que levamos, mais nos seduzem as toscas formas d'uma rosa silvestre do que as linhas delicadas da camelia cultivada com cuidados. A rosa aberta ás intemperies e apenas protegida pela natureza enthesoura uma essencia de que carece a flôr aristocratica que descerra os seus involucros ao calor artificial da estufa. Ou por outra, fallando mais prosaicamente: encontramos mais vida e mais emoções d'alma debaixo da chita grosseira que sob os gazes e as sedas. Uma rapariga creada no campo fascina-se com o dourado do uniforme e com a vistosa combinação das suas cores, emquanto que a que é educada na sociedade conta, antes de nos olhar para a cara, os distinctivos que temos na manga, sabendo tão bem como nós o que significam e por consequencia o que lhes pôde offerecer a pessoa que os usa.

Eu tinha n'essa occasião o meu fardamento de campanha, riscado de azul e branco e estou certo que á minha visinha não escaparam as tres estrellas das mangas. Quando porém reparou na pluma do meu chapeo de *jipijapa*<sup>1</sup> ficou a olhar-me esquecida das aves que debaixo lhe pediam.

<sup>1</sup> Palha de que se fazem chapeos.

o pão que ella conservava nas mãos. Eu tambem estava com os olhos fitos na sua janella de modo que ao ver a nossa immobillidade poder-se-hia suppor que nos achavamos diante d'uma machina que nos photographava.

Quando percebi que me achava n'uma situação tão pouco conveniente e natural, torci os bigodes e tirei o chapeo cumprimentando-a affectuosamente. A rapariga correspondeu-me com um sorriso graciosissimo, tão gracioso, tão encantador que de certo lh'o teria invejado a mais perfeita *coquette*.

Continuou depois a dar pão ás gallinhas e eu continuei a olhar para ella, sem reparar que passava muito mais do que o tempo necessario para mudar de fato n'uma casa em que pela primeira vez entrava. Tirou-me da minha extraordinaria abstracção o negro que entrara no quarto para me dizer:

— Sua mereçê,<sup>1</sup> quer alguma coisa?

— Não, obrigado.

— O meu amo espera-o em baixo.

— Vou já.

Logo que Anselmo saiu lancei um olhar de despedida á minha vizinha, — olhar em que lhe enviei o meu coração, — e resolvi-me a descer.

Nós os homens, e sobretudo os militares temos o coração tão pouco seguro que o damos com a maior facilidade, como se não fora nosso ou como se nos incommodasse. Tão cedo aprendemos a usar dos nossos sentimentos que quando verdadeiramente chegamos á idade de sentir já o uso tem degenerado em abuso.

Por isso, com effeito, ao dar o meu coração a uma mulher que eu não conhecia abusava verdadeiramente d'elle. É verdade que o homem a nada se compromette dando um coração que é como o bilhete de alguns espectaculos que se entrega á entrada e que se recolhe á saída.

Essas paixões profundas de um dia, que por isso mesmo sentimos trezentas e sessenta e cinco vezes por anno, são aves de arribação que pousam no ninho de acaso que encontram, como para descansar, e voam logo depois com o desejo satisfeito. Ou, para empregar umn imagem da minha profissão: são como aboletados que dormem uma noite no coração e que no dia seguinte ou mudam de boleto ou continuam a sua marcha.

O que eu sei é que quando desci a escada a rapariga da janella fronteira era senhora absoluta do meu pensamento.

Provavelmente ter-me-hia succedido o mesmo se ella tivesse menos belleza ou menos frescor. Quer-me parecer que aquelle sentimento era tanto filho de affeição real como da vaidade. Ella olhara para mim com um certo interesse, e o olhar de uma mulher, por pouco que esta valha, produz sempre no homem uma grande commoção.

É que a humanidade tem fraquezas de resto desculpaveis.

<sup>1</sup> Tratamento de que os negros se servem como signal de respeito com os brancos de todas as classes.



## IV

D. Liborio estava á minha espera no andar de baixo.

— Ora viva capitão! Estamos de marcha?

— Se não manda o contrario, respondi eu.

— Pois mando, disse elle sorrindo com uma grande afabilidade; mando que demore a sua chegada a Guanajay para poder almoçar comigo — se a isso não se oppõe o serviço militar que é exigente já se sabe.

— É muito amavel da sua parte essa ordem, mas...

— Vamos — já vejo que pôde fazer o que lhe peço. Teremos assim tempo de estreitar um conhecimento devido ao acaso. Como vê n'esta casa nada ha senão franqueza e boa vontade.

Eu não desejava outra coisa. Não tinha commissão urgente e pouco me importava chegar a Guanajay duas horas mais tarde. De contrario mesmo a desconhecida da janella ter-me-hia feito supportar com prazer uma reprehensão do coronel.

Tudo em casa de D. Liborio respirava, com effeito, franqueza e bondade, tudo mostrava a satisfação de um homem que vive livre das contrariedades da sorte. Um quarto de hora depois de havermos começado a falar tratavamos-nos como amigos íntimos.

Ha quem diga que a physionomia é o espelho da alma e deve ser certo. A alma de D. Liborio estava-lhe toda na cara a indicar felicidade.

Em que consistia ella? — Pelo dialogo que tivemos se pôde conhecer bem qual era o seu ideal.

— Acha agradável a carreira militar? perguntou-me elle recostando-se na rede e seguindo com a vista a columna de fumo que sahia do seu cigarro.

— A vida militar tem coisas boas e coisas más como todas e apesar de que em Cuba os sonhos de gloria não tenham em que realisar-se pela paz invejavel que gosamos, todavia na mocidade a vida aventureira sempre apresenta attractivos.

— Eu tambem fui moço, mas sempre gostei da vida socegada. Por isso me oppuz ao desejo que meus paes tinham de que eu fosse militar. Tive de resto a infelicidade de os perder muito cedo; viajei algum tempo, e já dessiludido do mundo, voltei a Cuba onde casei com uma santa mulher que morreu um anno depois deixando-me uma filha. Hoje vivo inteiramente dedicado a educar-a, a meu modo já se vê, e pôde crer, capitão, que sou completamente feliz.

— Vive feliz n'este canto, sem os prazeres da sociedade, sem o bulicio do mundo?...

— Oh! é justamente isso que forma a base da minha ventura meu caro. Minha filha tem hoje dezoito annos. Ha dez que construí esta casa e que vim viver para ella com minha filha afastando-a dos perigos das grandes cidades. A minha Tula cose e borda com perfeição, conhece perfeitamente todo o governo de uma casa, e hade fazer feliz o homem

que lhe destino que é um fazendeiro de Hoyo-Colorado. Note sobre tudo capitão que minha filha não sabe ler nem escrever.

— Que diz?! exclamei assombrado.

— É cá o meu *systhema* e dou-me muito bem com elle. É necessario desenganar-se meu caro. Não ha coisa alguma tão prejudicial para as mulheres como os livros. Sob pretexto de mostrar-lhes os perigos não fazem mais que abrir-lhes os olhos e despertar-lhes as paixões. Nada, nada: Tula é perfeitamente feliz na sua ignorancia.

— Hade-me dar licença que não seja da sua opinião.

— Essa é boa, capitão, faça o que quizer, mas creia, nada me fará mudar de idéa. Para mim é ponto indubitavel que os romances esquentam a imaginação da mocidade e a arrastam á desgraça. Toda a mulher que obra pelos seus proprios impulsos, sem copiar d'outros os seus sentimentos, vive menos exposta á desgraça, porque a natureza não é tão má como os homens pensam. A maldade é as mais das vezes um pretexto com que quer desculpar os seus erros o que bebeu em má fonte. Uma rapariga que não sabe ler, sabe lá explicar o que sente quando ama! e mesmo que o possa explicar, faltar-lhe-hão os infinitos recursos que o arsenal pernicioso das bibliothecas proporciona.

— Estou gostando immenso de o ouvir D. Liborio, apesar de me parecer que a sua estranha philosophia se baseia n'um erro.

— O *coquettismo* é artificial, creia. Como diabo pôde ser *coquette* uma mulher que na solidão não tem meios de estudar, nem theorica nem praticamente, o coração? São os livros e o mundo que ensinam a mulher a ser *coquette*, e que a pervertem. Ahi tem a rasão porque eu, separando Tula do contacto social, conseguirei que lhe não envenenem o coração os auctores que quando escrevem nos seus gabinetes nem suspeitam o mal que estão fazendo.

— Eu concordo em que ha romances realmente prejudiciaes; mas não ha livros que poderiam, sem perigo, instrui-la?

— Ora! Quaes? A Historia é um estudo inutil. Que se importa Tula com o que aconteceu no mundo? Que tem ella que ver tambem com o modo porque giram os astros ou porque se governam as sociedades? O que ella precisa é ser uma boa mãe de família, e viver fóra d'esse ardor da mocidade que amargura as horas da existencia. Em minha casa não entra senão Pancho que é o noivo de minha filha, em quem ella se habituará a considerar um homem de bem que hade realisar o sonho da felicidade. E creia no que lhe digo capitão, só ha felicidade no lar domestico. Ha dez annos que vivo n'este retiro com minha filha, passando perfeitamente, sem ambições, e sem me incommodarem os successos do mundo.

— É uma felicidade essa que tem por base o egoismo.

— Talvez: mas o que é certo é que toda a minha vida está organizada sobre este isolamento. Mas agora reparo que o tempo vae passando e eu vou apressar o almoço. Volto já.

## V

Segui com os olhos D. Liborio, espantado d'aquella philosophia que felizmente para o progresso da civilisação se encerrava no retirado e estreito recinto de quatro paredes

Cada homem é effectivamente um hieroglypho.

Quebra a humanidade a cabeça para fazer progredir as sciencias e as artes, e, depois de haver triumphado de todas as difficuldades tropeça n'um raciocinio como o de D. Liborio. Vejam depois d'isto se vale a pena a gente matar-se pelo bem dos homens.

Não pude continuar com as minhas meditações que dois olhos negros, assomando á porta, me fizeram interromper. Eram os olhos de Tula, olhos que me teriam reconciliado com as idéas extravagantes do pae e com o mundo inteiro mesmo que eu estivesse mal com o pae d'ella e com o mundo.

Um homem que tem uma filha como Tula póde discorrer como lhe pareça, na certeza de que as pessoas do meu temperamento lhe hão de me dar sempre razão.

Os diabolicos olhos tornaram a perturbar-me o espirito. Levantei-me e derigi-me para a porta afim de impedir que a rapariga fugisse como pareceu que ia fazer.

Com a sem cerimonia que caracteriza os militares introduzi a cabeça no inviolavel recinto do que vi ser uma alcova, e disse n'um tom ao mesmo tempo meigo e imperioso:

— Não se vá embora.

Felizmente Tula parou e eu não tive, como de certo faria, de introduzir depois da cabeça todo o corpo, atraz da alma que me voava para a linda rapariga. Esta fitou-me, sem dar mostras nem de temor nem de aca-nhamento. O vel-a assim animou-me, e fez-me repetir o meu pedido e a minha ordem, por que ambas as coisas havia nas minhas palavras.

— Venha cá minha querida.

— Para que? perguntou-me, com todo o desembaraço.

— Para fazermos um bocado de *palique*, respondi-lhe eu empregando uma palavra da lingua insinuante da Andaluzia que é a minha terra.

— Para que?! perguntou a rapariga fazendo um gesto.

— Para conversarmos.

— E o que vae dizer-me?

— Verá.

— Ora!

— Vamos: bem vé que sou seu hospede, e que uma vez que almoço aqui não é justo que me deixe só.

— Vae almoçar connosco?

— Já se vê.

— Então, disse ella, entrando na sala com ar resoluto, *taita*<sup>1</sup> não

<sup>1</sup> Tratamento familiar que equivale a *papá*.



póde leval-o a mal. E se ralhar deixal-o, accrescentou encolhendo os hombros.

— Justamente. Sente-se aqui ao meu lado e deixe vir dois esquadões de paes ralharem comsigo que eu aqui estou para a defender.

— Não tem medo de meu pae? perguntou-me Tula espantada.

— Tenho mais medo da filha.

— Deveras? disse ella rindo e sentando-se.

— Poderá. D. Liborio não póde matar-me como esses raios que tem ahi na casa.

— Veja lá não o oiça *taita* disse ella com ar malicioso.

— Porque?

— Porque não quer que me digam d'essas coisas.

— E a si desagrada-lhe ouvil-as?

— A mim! Se elle as ouvisse fingiria zangar-me para o satisfazer.

— Que eschola! murmurei eu.

— Pancho de que me falla é da secca e da *maloja*,<sup>1</sup> dá-me parte que os animaes estão muito fracos, mas nunca me falla dos meus olhos. *Taita* diz que heide ser feliz com Pancho. E eu deixo-o ir acreditando n'isso.

Toda a minha alma se me agitava. A filha de D. Liborio era uma creatura encantadora que ao que parecia não tinha aproveitado muito das lições do pae. Quanto a mim sentia-me disposto a destruir n'um quarto de hora todo o seu systema restrictivo de dez annos. Um tal commetimento afigurava-se-me como um extraordinario triumpho para um homem da minha tempera. Eu que obrigava os meus soldados a cumprir os mais insignificantes artigos da ordenança, achava glorioso acceitar a hospitalidade de um homem honrado para lhe introduzir em casa a insubordinação, oh!

Fiquei por alguns segundos contemplando Tula e achando-a com effeito digna de por ella se soffrerem todas as censuras e todos os remorsos. É que as mulheres estão ou devem estar fóra da lei. De certo não teria abandonado as minhas bandeiras pela *guajirita* como Marco Antonio por Cleopatra, mas teria sem difficuldade mandado n'aquelle momento fusilar a Pancho que não conhecia só pelo crime de elle amar aquella mulher de que eu gostava.

Tula não era muito alta, mas para mim é indifferente que as mulheres sejam baixas ou altas. Duas polegadas de estatura de mais ou de menos pouco influem no animo impressionavel d'um homem. Não me importa no recrutamento das mulheres se ellas chegam ou não á craveira; quando lhes assento praça, só me demoro a observar se teem como Tula uns olhos velados, com grandes olheiras que nos fallem á alma.

A filha de D. Liborio não era o que se chama uma mulher formosa, mas captivava extremamente os sentidos. Tinha umas fôrmas salientes e bem torneadas, uma pelle ligeiramente queimada e mimosa como o ve-

<sup>1</sup> Ccara de milho que se emprega na alimentação dos animaes.

ludo, um cabello negro como o azeviche, e a boca graciosa, um pouco grande, deixava ver duas fileiras de dentes perfeitamente alinhados e brancos como o marfim.

Estava vestida de branco, sem mais adorno que uma rosa no penteado singelissimo.

São tão rapidas em mim as impressões, que mesmo que estivesse namorado da Venus de Medicis, teria julgado vêr todas as perfeições academicas na *guajira* de Hoyo-Colorado. É certo que se me demorasse n'aquella casa tres dias, sem vêr outra mulher teria inventado uma qual-quer loucura. Mas o batalhão reclamava-me, e apesar de me sentir vivamente namorado, não deixei de olhar para a porta, a vêr se via D. Liborio, por que sentia appetite, e com certeza que o almoço que me iam dar era mais socculento que o que me faria em Guanajay o meu camarada.

Mas D. Liborio não voltava e Tula estava ao meu lado. Decidi-me por isso a namoral-a para matar o tempo e entreter a fome, e continuei o dialogo perguntando:

— Em que passa os dias?

— A cosêr e a cuidar da casa. Á noite vem sempre Pancho, que falla com meu pae, e eu adormeço n'este *mecedor*.<sup>1</sup>

— É um amante o tal Pancho que não convem a uma rapariga tão linda. É necessario deixal-o.

— Tambem me parece, mas *taita* matava-me. Elle diz que Pancho é um marido de ouro.

— Ah! é rico então?

— Não sei. Julgo que todas as suas terras se reduzem a um *potrero*<sup>2</sup> onde passa a vida engordando-se a si e aos cavallos.

— Já vê que, se casar com elle, ficará enterrada no *potrero* e é como se se lhe acabasse o mundo.

— Mas que hei de eu fazer?

— Dar-lhe baixa e nomear substituto.

— Não entendo isso.

— Eu lhe digo mais claro: dizer-lhe que se vá embora e namorar outro: namorar-me a mim por exemplo.

— Ora! não era capaz de gostar de mim...

— Então por que? perguntei eu levantando-me rapidamente para me aproximar da cadeira de Tula. Se eu sou capaz até, para ter o seu amor, de matar Pancho, de matar D. Liborio, de a matar a si e de me matar a mim tambem.

— Jesus! que homem!

— Quer que lhe prove o que digo?

— Ah! vem Pancho, disse ella sobresaltada.

Ia a pegar n'uma das mãos de Tula para lhe provar a sinceridade

<sup>1</sup> Rede.

<sup>2</sup> Fazenda destinada ao pasto e cria dos gados.

das minhas palavras, quando chegou ao *batey*<sup>1</sup> um homem a cavallo, que apeando-se d'um salto entrou na sala.

Tive apenas tempo para me deixar cahir na cadeira, apparentando a gravidade propria d'uma visita.

## VI

— Ali tem Pancho, disse-me Calderon indicando-me o homem que entrara na *Dominica*.

Não preciso descrever-lh'o para que o conheça. Quando chegou a casa de D. Liborio levava uma *chupa*<sup>2</sup> que se estivesse limpa seria branca. O pescoco sem gravata luzia muito.

Tula não o encarou com o olhar communicativo em que a alma dos amantes se expande sempre que se encontram.

Pancho não lhe apertou a mão cumprimentando-a. Esse cumprimento traidor e expressivo que ha poucos annos se acclimou na Havana importado da Europa ainda não chegou aos campos. Ahi a imaginação supre com malicia a illustração que falta. As mãos falam de mais. A sua eloquente saudação parece inventada pelos surdos-mudos. Os dedos são como as teclas do piano que têm diversos sons, mas que têm uma harmonia ao alcance das almas menos pharmonicas.

Foi-me facil comprehender que a rapariga não gostava de Pancho, mas era mais difficil descriminar as sensações d'este. Parece que a obesidade ou se oppõe aos sentimentos delicados ou os occulta facilmente.

O noivo da *guajira* olhou-me com admiração, sem que na sua cara de lua cheia se accentuassem claramente symptomas de desgosto ou de zelos que de resto eram tão naturaes em quem, gostando de uma mulher, a encontra só com outro homem, por mais seguro que esteja da sua fidelidade e firmeza.

Puz-me de pé, contrariado, quando entrou Pancho, bastando-me, porém, vê-lo para me convencer de que não seria uma gloriosa façanha vencer um semelhante rival.

Elle fez-me um cumprimento mas tão grutesco que me foi necessario um grande esforço para não soltar uma gargalhada. Tirou depois de uma bexiga um *vaguero*<sup>3</sup> que pôz na bocca, sem me offerecer outro ou por distracção ou por descortezia natural; accendeu a isca no *mechero* e pôz-se a fumar cruzando a perna direita sobre a esquerda.

Passaram-se alguns minutos sem darmos uma palavra. E em quanto Pancho, por ventura procurando, sem a achar, uma phrase para entabolar conversação, acariciava as suas grandes esporas de prata, conservava eu os meus olhos fitos nos de Tula, dizendo-lhe com elles tudo o que o seu amante por tanto tempo lhe havia calado.

<sup>1</sup> Terrado que está diante das casas de campo.

<sup>2</sup> Fato de algodão.

<sup>3</sup> O tabaco torcido toscamente no proprio campo onde se cultiva.



Felizmente para Pancho cuja posição era como se vê bastante critica, entrou D. Liborio annunciando que o almoço estava na mesa.

O meu estomago deu um suspiro (que tambem o estomago tem as suas emoções legitimas) e levantei-me.

D. Liborio apertou a mão de Pancho, disse-lhe que o não esperava aquella hora e explicou-lhe o motivo da minha presença na casa, talvez para desculpar-se com o futuro marido de sua filha de haver permitido que um outro homem penetrasse n'aquelle recinto sagrado. Mas Pancho encolheu os hombros sem responder e encaminhou-se para a casa de jantar.

D. Liborio, como pae providente, de accordo ainda com o seu systema de isolar a filha, colocou-a entre si e o noivo, sem mais attenção como que a delicadeza manda em taes casos. Mas como a mesa tinha quatro lados, Tula ficou em frente de mim, justamente no sitio que estava mais ao alcance dos meus tiros.

Não perdi por isso o meu tempo. Ella olhava-me com insistencia mas disfarçando habilmente para que eu só a comprehendesse, de modo que, como uma tal maneira de olhar pertence ás mais experimentadas namoradeiras, estive para perguntar ao pae se sua filha, que não sabia ler, precisara para a aprender de algum livro.

Tão certo, porém, estava D. Liborio da innocencia de Tula que nem pensou em observá-la.

Quanto a Pancho, os pratos e as comidas attrahiam-lhe todos os olhares a ponto que nem me via a mim nem via a noiva.

Estava pois eu senhor do campo.

Para illudir D. Liborio bastava-me louvar o seu systema de educação. Para enganar a Pancho, o que era muito mais facil, bastava-me convidá-lo a comer. D. Liborio tratou-me magnificamente sem perceber que eu preparava uma traição para pagar-lhe indignamente a sua hospedagem.

O almoço terminou no maior silencio. Tive logo de me despedir com grande contentamento de Pancho, que mandou chegar o meu cavallo á porta, para que eu me demorasse menos.

Apertei a mão a D. Liborio, e como elle me não dissesse que o visitasse, tratei eu de remediar a falta, dizendo-lhe que agradecia a sua hospitalidade, e que teria o gosto de voltar a manifestar-lhe a minha sympathia. E, ao dizer isto, fitava os meus olhos nos de Tula que com os seus me fez um movimento significativo que acabou de sellar o meu amor nascente.

D. Liborio não soube que responder-me para illudir o compromisso e contentou-se com olhar para Pancho, que profundamente occupado em digerir o almoço não pareceu tê-lo comprehendido.

Atravessi a sebe de mangas e entrei na estrada voltando varias vezes a cabeça para olhar para Tula que em pé no portal me seguia com a vista.

Quando cheguei a Guanajay ainda a casa de D. Liborio estava gravada na minha imaginação.

## VII

A vida militar tem inegavelmente os seus encantos. Um quarto de hora de folga cheio sempre por um indestructivel bom humor basta a fazer esquecer a marcha forçada ou o serviço mais pesado.

O encontro com a *guajira* de Hoyo-Colorado teve em mim uma tal influencia que á noite os meus camaradas perguntaram-me que passaro novo tinha eu visto na Havana.

Viviam então commigo um outro capitão e um tenente. Eramos todos tres novos e com eguaes aspirações, de modo que passavamos alegremente a vida, sem pensar no dia seguinte, e sem pensar n'outra cousa que não fosse os nossos divertimentos.

O capitão Paredes tinha uma formidavel reputação entre os homens e as mulheres. A sua espada e o seu coração estavam sempre dispostos a lidar com uns e com as outras, a ponto de pelas suas façanhas e aventuras se tornar o terror da região onde se achava. Era porém uma bellissima pessoa no seu tracto intimo, batendo-se por um amigo com o mesmo ardor e o mesmo interesse com que se batia por uma mulher.

Não era menos valente o outro nosso companheiro, o tenente Carlos Diaz, que apesar de muito novo, ganhára a effectividade do seu posto em Hespanha batendo-se com uma tal coragem que lhe merecera a attenção dos seus chefes. Paredes que gostava muito d'elle chamava-lhe o *pequeno*, sem que isto escandalisasse o seu amigo.

Carlos Diaz, nunca abusára do seu valor nas varias circumstancias da sua vida. Não era temerario, era prudente; e isto captava-lhe as sympathias de todos os que o tratavam. É claro que, apesar de eu e Paredes vivermos na maior harmonia, me dava melhor com Carlos, que, escravo da disciplina se sujeitava estrictamente á ordenança, em quanto Paredes estava sempre disposto a atropellar todas as suas obrigações por um capricho ou n'um arrebatamento de genio.

Sonhava Diaz constantemente com a gloria, e via com desgosto que em Cuba se não offereciam então occasiões de pôr á prova a tempera do seu animo.

Carlos era o tenente da companhia que eu commandava. O seu pun-donor e a sua exactidão, davam-me a certeza de que nunca teria de collocar junto ao seu nome a menor censura.

Era já tarde e estavamos os tres reunidos na sala de jantar da casa em que habitavamos, procurando em vão ar para os nossos pulmões, quando de repente Paredes voltando-se para mim disse:

— Não reparas na cara com que está o *pequeno*! Vejo-o ha dias preocupado. Hein! por alli anda negocio de saias.

— É verdade: que tens tu, Carlos?

— Nada.

— És de muita reserva.

— Não tenho nada, asseguro-lhes, apesar de que effectivamente sou de meu natural reservado.

— Pois fazes mal, ponderou Paredes, as mulheres não t'o agradecerão. Gostam pelo contrario que fallemos d'ellas. — Estou certo de que gostariam menos de mim se eu não tivesse a lingua tão comprida.

— Estás sempre na mesma! disse eu.

— Tambem és bom, camarada: não te faças santo.

— Não faço. Sómente as minhas theorias são menos elasticas que as tuas.

— Pois sim. Mas apesar d'isso, tres mulheres conheço eu em Guanajoy, Julio, que soffrem das consequencias da tua volubilidade.

— Ah! são amores que já pertencem á historia antiga, accrescentei eu rindo, essas já estão na reserva.

— Estás então devoluto?

— Isso, sim.

— Então qual é agora a que governa?

— Uma creatura que nasceu no meu caminho como os cogumelos, com a chuva.

— Estás mysterioso! Olá pequeno, disse Paredes puchando pelo braço a Carlos: Ouve o teu capitão que nos vae contar uma das suas historias que por ora se me afigura ter o quer que seja de extraordinario.

Carlos com o ar mais indifferente, e sem se mover da posição em que se achava havia um bocado, respondeu:

— Estou ouvindo,

— Pois saibam que tive hoje um dia cheio, de modo que me não queixo do aguaceiro que me encharcou até aos ossos, mas que me deu em troca uma namorada e um almoço.

— Ora essa!

— Quando começou a chover, o meu cavallo que é um animal intelligentissimo deu consigo n'uma fazenda onde elle e eu fomos perfeitamente acolhidos. Ora havia na casa uma encantadora rapariga que me deu volta á cabeça e a quem me parece que tambem não desagradei.

— É uma trigueira, baixa, com um signal na face? — perguntou Paredes.

— Justamente — respondi eu rindo-me.

— Então é uma rapariga que vive n'um cafezal ao pé de Hoyo-Colorado.

— Nada, nada. Vive mais perto de nós.

— Chama-se Laura?

— Chama-se Tula.

O tenente que havia alguns minutos me escutava muito attento, fez um movimento erguendo-se como se o houvesse mordido um laerau, e deixou ouvir uma exclamação.

— Que é isso? perguntámos Paredes e eu.

Carlos estava alterado. Nós dois levantámo-nos mas elle tornou a sentar-se e sorrindo com um certo esforço disse:

— Não é nada. É que a athmosphera está hoje tão carregada que me excita os nervos.



—Nervos! exclamou Paredes, se não soubesse que eras deveras valente, rir-me-hia de ti, nas tuas proprias barbas, isto é, no sitio onde te hão de sahir as barbas. Nervos! um homem como tu com nervos! Isso é bom para a filha d'um escrevente qualquer ou para o boticario alli defronte.

—Tenho nervos mesmo contra minha vontade. Que lhe heide fazer! Mas não falemos mais n'isso. Julio continua a tua historia.

Contei então aos meus amigos o que succedera com grande contentamento de Paredes que já folgava com a idéa de que eu vencesse Pancho, mas sem que os nervos do tenente o deixassem socegar um momento.

Quando eram dez horas cada um se retirou para o seu quarto e o Paredes e eu adormecemos.

Mas Carlos esteve agitadíssimo segundo depois sube, até que por fim como inspirado por uma idéa, assobiou para chamar o camarada e disse-lhe:

—Sella o mesmo cavallo em que o capitão foi hoje á Havana, mas faz isso de modo que ninguem te oiça em casa. Voltarei ao amanhecer.

O soldado obedeceu pontualmente, e Carlos vestiu immediatamente umas calças, deixou por fóra d'ellas a camisa, <sup>1</sup> atou á cintura com um lenço, um *machete*, <sup>2</sup> tirou a pluma do chapéu de *gipijápa* e saiu em procura do cavallo que o esperava na rua.

Um instante depois saía a galope pela estrada da Havana, sem tomar em consideração que o pobre cavallo devia estar estafado da jornada da manhã.

## VIII

Tres dias depois saí eu de tarde a passear e, como me tinha afastado bastante, decedi-me a fazer uma visita a D. Liborio. Era já noite quando cheguei a casa d'elle.

D. Liborio apertou-me a mão, mas com uma cara que claramente indicava que a minha segunda visita lhe não era tão agradável como lhe fôra a primeira. Pancho desde que me viu chegar encerrou-se no mais completo silencio.

Só Tula que dormitava na rêde despertou e veio sentar-se ao meu lado, o que produziu no pae e no noivo dois gestos de inquietação. Sem perder nenhum dos olhares da rapariga, fallei de coisas indifferentes que os tranquilisassem até que, convencido de que os estava importunando sem nenhuma utilidade para mim pela presença vigilante d'aquelles cerberos, despedi-me, decedido a não voltar mais a uma casa onde nem sabiam guardar as apparencias da delicadeza.

E ter-me-hia com effeito esquecido da *guajirita* apesar dos seus ex-

<sup>1</sup> E d'este modo que andam em Cuba vestidos os *guajiros*.

<sup>2</sup> Navalha comprida e larga.

pressivos olhos se o acaso não me houvesse arrastado mais uma vez para junto d'ella.

Voltava quatro dias depois de uma festa em Hoyo-Colorado. Era meia noite. A lua ainda não apparecera, e a escuridão era profunda; mas o meu cavallo que sabia melhor que eu, onde o esperava a cavallaria, caminhava depressa.

Ao longe ouvia-se a voz d'um *guajiro* que cantava. Parei impressionado pelo caracter melancolico e monotono que é peculiar ás musicas d'este paiz. Dizia assim a cantiga:

Asómate, mi vida,  
á esa ventana,  
y verás cuanto fuego  
tengo en el alma.  
Niña, te adoro  
más que adoro á las niñas  
que hay en mis ojos.  
¡Ay, ay, ay!  
¡Vé cual suspira  
mi corazón por tí!  
¡Tu amor me inspira  
un loco frenesi!

Havia nos accents do *guajiro* uma doçura captivante, e sem saber bem por que pareceu-me conhecer aquella voz. Aproximei-me do sitio em que se cantava para ver quem era que entretanto dizia esta segunda estrophe:

Tu caríffo, mi vida,  
me quema el alma;  
ya no muero por otras  
pues tú me matas.  
Niña, te adoro  
más que adoro á las niñas  
que hay en mis ojos.  
¡Ay, ay, ay!  
¡Vé cual suspira  
mi corazón por tí!  
¡Tu amor me inspira  
un loco frenesi!

Quando cheguei mais perto vi um vulto branco que saía de traz d'uma sebe de palmas e se dirigia para a esquerda.

Conheci então que estava nas terras de D. Liborio. Attrahido pela curiosidade e por uma suspeita, talvez mesmo por ciumes, apeei-me, amarrei o cavallo a uma arvore e segui a distancia o vulto branco decidido a averiguar o verdadeiro objecto de uma visita que tinha todos os indicios de encobrir algum mysterio pela hora e pelas cautellas com que se annunciava.

O *guajiro* deu volta á casa e parou diante da porta pequena do

fando. Escondi-me de tras de uma palmeira que me serviu de observatório sem que se houvesse notado a minha presença. Instantes depois o silencio da noite deixou-me perceber o murmúrio de duas vozes; e, ou porque os ciúmes aguçassem os meus sentidos, ou por que a minha imaginação ouvisse em vez dos meus ouvidos, pareceu-mo distinguir claramente a voz de Tula fallando com o *guajiro* atravez da porta, respeitavel barreira para o amor, que havia entre ambos.

Senti o sangue acudir-me á cabeça e convencendo-me a mim mesmo de que aquella mulher me interessava, desembainhei o sabre e lancei-me sobre o *guajiro* com o fim de o afugentar. Não contei, porém, com o que succedeu.

Assim que cheguei ao sitio da entrevista ouviu-se um grito agudo por de traz da porta, e logo o *guajiro* dando um salto para traz, puchou pelo *machete*, e atirou-se a mim com tanta violencia que a não me valer de toda a minha destreza e habilidade, teria sido trinchado como um frango.

Combatendo um com o outro, afastamos-nos do muro de taipa que fechava o pateo e podiamos perfeitamente ser descobertos das janellas da casa. Não sei pois como terminaria aquelle duelo improvisado se o não interrompesse um aviso que nos deram tão eloquente que a ambos nos convenceu.

Com o ruido dos hotes que um ao outro atiravamos não ouvimos abrir uma das janellas do alto da casa. A côr clara do nosso fato fazia de nós apesar da distancia, um excellente alvo. De repente ouvimos um tiro de espingarda e o sylvo d'uma bala que atravessou a copa do meu chapéu.

Beixei o sabre, e o *guajiro* baixou o *machete* dizendo-me:

— Camarada, por aqui querem caçar-nos como se fôssemos *judios*:<sup>1</sup> vamos para outra parte continuar o nosso trabalho.

A voz que eu ouvi fez-me estremecer e dando um grito exclamei:

— Carlos! És tu!

— Capitão!

— Eu mesmo. Vá, punhamos-nos a salvo e sobretudo fóra do alcance. Uma vez que nos descobriram, corremos aqui perigo imminente.

E protegidos pela obscuridade e pela *manigua*<sup>2</sup> fomos até ao sitio onde tinhamos os cavallos, montámos, e chegando á estrada escapamos-nos em direcção a Guanajay. Era tempo. Via-se um grande movimento sobresaltado em casa de D. Liborio. Não tardariam em seguir-nos a pista.

## IX

— Não me dirás, meu caro Carlos, perguntei eu sofrendo o meu cavallo, porque te encontro com esses trajes á porta pequena do pateo, falando mysteriosamente com Tula.

<sup>1</sup> Passaros negros muito communs na America.

<sup>2</sup> Matto formado por arbustos e plantas de pequena altura enredados e confundidos.



Assim que ouviu este nome o tenente conteve também o seu cavallo, e á luz do luar que começava a nascer pude vêr bem como estava transtornada a sua physionomia.

— Agora que estamos longe, disse-me elle, preciso pedir-te estreitas contas...

— Contas de que?

— Lembro-me perfeitamente,—bem vês que era impossivel que o houvesse esquecido,—o que na outra noite contaste do que se passara em casa de D. Liborio, e lembro-me por isso de que falaste de Tula em termos inconvenientes.

— Que tens tu com isso?

— Tenho muito. Adoro aquella mulher com toda a minha alma.

— Amal-a? Desgraçado!

— Com mais motivo te exijo agora uma explicação.

— Sinto deveras, meu caro amigo, vêr-te apaixonado por aquella rapariga, por que já prevejo que isso te trará grandes desgostos.

— Não é d'isso que se trata. Offendendo Tula offendes-me também.

— Bem, bem, soega. Comprehendes que n'uma hora de visita não póde conhecer-se uma mulher. O que eu disse ao Paredes foi uma levianidade minha.

— Não me basta isso. Tu insististe em dizer que ella olhava muito para ti.

— Lá isso é verdade, e agora vejo porque. A rapariga olhava para mim porque o meu uniforme lhe fazia lembrar o teu.

— É possivel. Mas a tua presença esta noite, á mesma hora e no mesmo sitio que eu estava faz-me duvidar da explicação que me dás. Oh! meu Deus, se fosse certo... matava-a.

Puz-me a rir e contei a Carlos o que effectivamente acontecera.— Ficou então mais socegado. Custa pouco a fazer acreditar aos amantes o que lhes agrada.

— Agora tenho curiosidade de saber, accrescentei eu, de que meios te servis-te para te pôr em contacto com Tula que é tão vigiada por seu pae, e que nunca sae de casa.

— Para o homem que ama não ha nada impossivel.

— Pois sim, mas n'este caso...

— Lembras-te que ha um mez me destacaram para Hoyo-Colorado em perseguição de uns facinoras que por alli andavam. Atravessando a estrada, vi muitas vezes Tula á porta de casa e apaixonei-me por ella. Uma tarde decedi-me a entrar lá sob pretexto de que os assassinos andavam por alli perto e que eu queria sorprendel-os. Fiquei por isso na fazenda com a força que commandava, porque D. Liborio assustado como estava não só nos não deixou sair mas hospedou-nos como um rei.

— Já conheço a sua hospitalidade, é magnifica.

— Pois ahi tens como eu consegui falar a Tula de modo que desde aquelle dia nasceu em ambos uma paixão que já é mais forte do que eu.

— Mas depois?

—Depois, quando me despedi, no dia seguinte, deixei escorregar um dobrão nas mãos do preto Anselmo.

— Conheço.

— Anselmo é o meu Mercurio. Traz-me noticias de Tula, guarda-me as costas, e nas noites em que vou vel-a disfarçado em *guajiro*, amarra os cães para que me não mordam.

— E Pancho?

— Tula detesta-o e jura que não casará com elle ainda que o pae a mate. Já vês se tenho ou não motivos para a adorar.

— Anda tu ainda assim com cautela porque D. Liborio é máo para inimigo e se desconfia de alguma coisa...

— Até hoje viviamos socegadissimos, mas os acontecimentos d'esta noite hão de ter-lhe aberto os olhos. Todo o meu cuidado é por causa de Tula.

— E o meu por causa de ti.

Os cavallos pararam á porta da nossa casa. Apeámos-nos.

Antes de adormecer fallámos da *guajirita* e do succedido n'aquella noite, que tão funestas consequencias podia ter tido. Já era dia quando consegui que Carlos me deixasse adormecer pensando ainda na lamentavel inclinação do meu amigo por uma rapariga que, preza como estava por um laço do coração, accetava os meus galanteios e os meus olhares.

É verdade que aquelle procedimento que no mundo se chamaria leviandade e *coqueteria*, não podia n'este caso ter um tal nome, segundo dizia D. Liborio, por que sua filha não sabia ler.

O pobre pae ignorava que a imaginação da mulher é um livro sempre aberto e mais rico em idéas que todos os livros que produz a intelligencia humana.

Tula que não sabia soletrar sequer uma pagina de Platão, daria licções a este philosopho em materias de sentimento. Desconhecia completamente Ovidio e a sua *Ars amandi*, e sabia sem o ler tanto como Ovidio, a ponto de que sem duvida poderia enriquecer-lhe as paginas com mais d'um apophtegma.

D. Liborio fechando-lhe as portas das bibliothecas para a conservar na sua ignorancia, deixou-lhe abertas as portas do coração; e a estas é a alma que guarda as chaves, e é a imaginação que as abre.

— Tula que não sabia soletrar sequer uma pagina de Platão, daria licções a este philosopho em materias de sentimento.

Desconhecia completamente Ovidio e a sua *Ars amandi*, e sabia sem o ler tanto como Ovidio, a ponto de que sem duvida poderia enriquecer-lhe as paginas com mais d'um apophtegma.

Carlos entrou ás oito horas no meu quarto para me acordar, sem considerar que havendo eu passado uma noite tão má precisava descansar. Quando abriu porém os olhos notei que o meu amigo estava muito alterado. Sentei-me na cama e perguntei-lhe:

— Que é isso?

— Como o demonio começa a metter-se com os meus negocios vou fazer uma que seja fallada.

— Olha que estás á beira d'um abysmo. Precisas ter sangue frio.

— Não posso.

— Mas que aconteceu?

— Veio o preto, o Anselmo contar-me que hontem á noite, quando saímos da fazenda, D. Liborio fez um grande alarido, tocou a rebate com um sino, e fez com que acudisse a guarda civil de Hoyo-Colorado. Como elle viu a filha atravessar o pateo suspeitou o que acontecera e depois de a tratar com aspereza fechou-a dentro do quarto. Diz o Anselmo que o homem está como doido. Já vêes que nos achamos incomunicaveis e que preciso tomar medidas violentas.

— E que adiantas com isso?

— Não sei; mas sei só que hei-de fazer seja o que for.

— Lembra-me uma coisa, e vou executar um plano em teu favor.

— Que é?

— Sob pretexto de que chegou a Guanajay a noticia do acontecido, em casa de D. Liborio, vou lá esta tarde offerecer-lhe a minha protecção contra os ladrões que de noite lhe assaltam a fazenda. Então verei em que disposições se acha.

— Não estejas com rodeios. Dize-lhe que estou decidido a tudo; e que se me não der a mão da filha por bem eu a obterei por mal.

— Olá! Sou de opinião que vaes depressa de mais. Queres casar-te?

— Que hei-de eu fazer?

— Oh! homem pois não tens antes d'isso uma corda a que te enforques?

— Não brincues.

— Esqueces que por não seres ainda capitão, a tua mulher não terá direito por tua morte a pensão alguma?

— Não tenciono morrer.

— Ah! meu amigo, os paes são previdentes e olham mais para o futuro.

— Pois que me abra as portas de sua casa e eu esperarei a minha promoção; mas o que não posso é estar sem ver Tula.

— Bem, uma vez que assim o queres, cumprirei com a maior fidelidade a tua commissão. Mas não lhe fico pelo resultado.

— N'esse caso. Soffrerá elle as consequencias do que fizer.

— Estás fóra de ti. Vamos a ver se eu previno uma desgraça.

— Confio-me da tua amisade.

Logo que o sol começou a esconder os seus ardentissimos raios, apertei a mão a Carlos e montei a cavallo. Ia com effeito, prestando-lhe um serviço, sacrificar-lhe quasi uma affeição, porque como já disse eu gostava da *guarijita*.

Julguei-me porém feliz em renunciar ao amor d'uma mulher que eu estava certo que causaria a desgraça do meu companheiro d'armas.

Quando cheguei a casa de D. Liborio logo conheci a grande revolução que a nossa visita nocturna havia feito. D. Liborio e Pancho estavam na sala altercando em voz alta. Das poucas palavras que ouvi percebi que



o noivo, inteirado do procedimento de Tula, se queria retirar. Imagine-se o effeito que isto fazia no animo do pae.

Quando me viram entrar calaram-se. Pancho tomou sem se despedir o chapeo e deixou-nos sós. Fiquei mais á minha vontade. D. Liborio parecia disposto a não fazer o menor caso da minha visita e começou a passear pela sala dando signaes de grande agitação. Mas eu peguei n'uma cadeira e disse-lhe com a maior serenidade:

— Já sei que teve hontem á noite por cá uns casos desagrangeis: venho offerecer-lhe os meus serviços.

— Muito obrigado, respondeu-me elle sem deixar de passear, mas não é preciso; já preveni o *capitão do partido*.<sup>1</sup>

— Apesar d'isso. O que se deu pôde ter consequencias fataes. Parecia-me que se devia preparar melhor.

D. Liborio fitou-me e disse:

— Não comprehendo o sentido d'essas palavras.

— Pois é facil de comprehender. Se tiver a bondade de me ouvir por alguns instantes ficará sabendo tudo.

D. Liborio sentou-se machinalmente sem dizer uma palavra, encostou o braço á cadeira, a cara ao dedo indicador e deu mostras de que me ia escutar. Cheguei então a minha cadeira á sua e baixando a voz disse-lhe:

— Hontem á noite deu o senhor um tiro de espingarda em dois homens que entraram na sua fazenda. — Tem bom olho, posso assegurar-lh'o por que, a não ser a Providencia que me salvou, não lhe estaria agora contando isto.

D. Liborio franziu os sobrolhos para indicar que não me entendia; e então eu mostrando-lhe um boraco redondo na copa do meu *jipijapa* accrescentei:

— Aqui tem por onde entrou a bala.

D. Liborio espantado ía a levantar-se mas eu segurei-o pelo braço e continuei:

— Não foram malfeitores que lhe assaltaram a fazenda, mas homens de bem atraídos por uma idéa que, se não é muito recta, é pelo menos desculpavel.

— O senhor é o amante de Tula? perguntou-me D. Liborio com voz de trovão.

— Não senhor não sou o amante.

— Então...

— Tenha a bondade de fallar mais baixo para que possamos entender-nos.

— Eu estou em minha casa.

— Bem sei, mas além de eu vir como medianeiro n'esta contenda, julgo que o que temos a tratar não deve passar d'estas quatro paredes.

— Resigno-me a ouvi-lo, continue.

<sup>1</sup> Juiz das pequenas povoações.

— Agradeço a sua resignação. A pessoa que hontem estava comigo era o tenente da minha companhia, Carlos Diaz, moço de boa família, conhecido pelo seu valor e de antedentes sem mancha. Carlos Diaz ama sua filha Tula e é amado por ella. Bem vê que o unico meio de evitar um escandalo está nas suas mãos.

— O que se atreve a propôr-me?

— Um meio decoroso e accetavel. Proponho-lhe que consinta em que os dois namorados se vejam sem para isso precisarem lançar mão dos meios que hontem empregaram, que além de pouco honrosos podem ter tristes consequencias.

— Sou eu quem governo em minha casa, sr. Calderon, disse-me elle com um ar insolente, levantando-se; e não admitto que ninguem me dê leis. Minha filha ha de casar com quem eu quizer; e peço-lhe que inste com esse tenente para que não torne a pôr os pés nas minhas terras, se não quer que para a outra vez as minhas balas sejam mais certeiras e lhe façam pagar caro o seu atrevimento.

— Bem. Não se esqueça a todo o tempo que eu procurei evitar a desgraça do meu amigo, a sua e a de sua filha Tula.

E retirei-me desgostoso, prevendo que Carlos se deixaria levar pelo seu character violento.

Ao chegar a Guanajay Carlos saiu-me ao encontro e disse-me:

— Leio-te na cara o que tens que me contar. O pae recusa.

— É verdade.

— Bem. Já sei o que hei de fazer.

— Não dês passo algum sem me consultares; vê lá.

— Deixa estar.

Não me tranquilisei apesar do socego que Carlos aparentava. Temia sempre as impetuosidades do seu character. O que se seguiu provou-me bem quanto os meus temores eram fundados.

## XI

Pancho retirou-se de casa de D. Liborio sem dar mostras de haver soffrido muito com aquelle golpe que ao mesmo tempo o feria no seu amor proprio de homem e no seu coração de amante. Era com effeito aquelle homem dos que o mundo chama felizes porque coisa alguma os penalisa. E, todavia, se a felicidade consistisse em prescindir das emoções que a lucta dos sentimentos produz, o homem desceria ás condições de animal. É que a felicidade não é a negação do sentimento. Para a apreciar é necessario ou tel-a perdido, ou sonhal-a, se não se conhecen.

Pancho nem teve que arrancar da sua alma o amor de Tula nem que chorar um desengano. Entrou n'aquella casa chamado pelo pae e dispunha-se a casar com a filha porque lhe parecia um bom negocio por que D. Liborio tinha suas economias e Tula estava habituada a viver com muito pouco. Pancho era incapaz de amar: ha organizações antipathicas ao amor.

Já se vê que um homem d'uma semelhante especie não podia ter inspirado uma paixão a Tula. A conformidade d'esta provava apenas submissão á vontade paterna. Por isso, como o coração estava livre, deu-o ao primeiro que devesse lh'o pediu.

Enganam-se os que julgam que o isolamento é um cadeado que guarda as paixões da mulher.— O mundo é ao mesmo tempo um arsenal de armas offensivas e defensivas: ao lado do veneno está o antidoto, de modo que, se as mulheres só aprendem a conhecer um não poderão nem livrar-se d'aquelle nem applicar este quando seja necessario.

Tula encerrada na sua ignorancia deixava-se levar pelas suas paixões sem nenhum outro freio além da reclusão que é uma cadeia que, prendendo, vae ao mesmo tempo creando na imaginação os meios de ser quebrada.

A *coqueteria* é uma sciencia que se aperfeiçoa com o estudo; mas a *coquette* nasce como o poeta por inspiração. Uma vez presa, procura uma abertura por a qual, se não pôde fugir, deixa passar os seus olhares e dá ao menos assim, satisfação aos seus instinctos.

Tula que não aprendeu a ler nos livros, lia nos olhos dos homens por intuição. Não sabia historias de amor, mas a sua alma encarregava-se de escrever uma, que para ella seria sempre a mais interessante, por que era a sua propria, deixando-lhe, todavia, em branco, muitas paginas que naturalmente ardia em desejos de encher. Todo o perigo, pois, consistia em não lhe ensinar, quando ella se abandonava aos seus sentimentos, em que ponto devia parar.

Amava Carlos sem comprehender o que era o amor, de modo que, quando me vio, ninguém lhe havia dito ainda que acceitar os meus galanteios era fazer uma traição.

Era pesada de mais para a sua phantasia a cadeia que a ligava, e sem o saber, fazia todas as diligencias para quebral-a. Como tinha pouca força precisava que alguém lhe limasse os ellos. Esse alguém foi o meu tenente que Tula acceitou como me teria acceitado a mim ou a qualquer outro. Estava como o passaro que se revolve inquieto na gaiola e acarecia a mão de quem julga que lh'a abrirá para o deixar lançar-se no espaço que a imaginação lhe mostra cheio de encantos.

Obcecado pelo seu fatal systema, D. Liborio quiz corrigir as consequencias da sua falta, cometendo outra maior. Ao ver destruidas as suas esperanças e derrocado o castello das suas illusões, devia ter aconselhado a filha mostrando-lhe o risco que corria em corresponder a um homem que elle considerava libertino: encheu-a de caricias, derramar abundantes lagrimas, e patenteou-lhe o quadro da sua desventura tocando nas fibras sensiveis de seu coração. Em vez d'isto encheu-a de insultos e de ameaças e poz-lhe ferrolhos na porta do quarto.

A imaginação é como a bebida que fermenta: quanto mais se opprime mais luta por sair da vasilha que a encorraz.

Tula exasperada e vendo que seu pae a tyranisava áquelle ponto, começou a procurar meios de fugir-lhe.



Por isso em quanto D. Liborio se considerava seguro, guardando sempre na algibeira a chave do quarto onde fechara a filha, esta desabafava chorando e fallando com Anselmo, que todos os dias lhe levava noticias do homem que talvez antes estivesse longe do seu coração, mas qua o proprio pae lhe impunha agora fazendo-lhe ver n'elle a sua unica salvação.

Todos sabem que as cordas partem quando esticadas em demasia, menos os paes como D. Liborio.

Se Carlos houvesse algum tempo convivido com Tula, é indubitavel que a sua paixão teria esfriado, por que eram dois caracteres inteiramente oppostos; mas o procedimento do pae excitou o systema nervoso do namorado e os nervos são terriveis conselheiros.

Carlos julgou que os impulsos com que o seu character reagia contra os obstaculos eram verdadeiros symptomas de amor, e a vertigem que o seu arrebatamento produziu foi justamente o que o perdeu.

Eu não passava um só dia sem aconselhar ao meu companheiro a que se não precipitasse, e cheguei mesmo a illudir-me com o seu socego apparente.

É que quando um homem toma uma resolução decisiva, espera-lhe tranquillamente os resultados.

Aquelle socego indicava justamente o momento de crise da sua loucura.

## . . . . . XII . . . . .

Dez dias passaram sem que acontecesse coisa alguma que importe mencionar-se. Eu fui-me durante elles tranquillizando sobre o estado do meu companheiro.

No undecimo dia um sargento veio dizer-me que o tenente D. Carlos Diaz, que devia entrar de guarda se não apresentára ainda no quartel. Aquella noticia sobresaltou-me. Corri ao quarto de Carlos. Não o encontrei. Disse-me o camarada que havia partido de noite, depois de nos havermos deitado.

Fui obrigado, como mandava a ordenança, a dar parte ao commandante d'aquella falta do meu melhor amigo, e julgando com bons fundamentos que em casa de D. Liborio poderia averiguar onde estaria Carlos, montei a cavallo e parti.

Não se pôde descrever o quadro de consternação que offerecia a casa de D. Liborio. Este andava d'um lado para o outro como doido, maldizendo a sua sorte, sem fazer caso de mim, nem do *capitão do partido* nem da guarda civil, nem dos visinhos das fazendas proximas que haviam corrido a dar-lhe consolação já que não podiam prestar-lhe soccorros.

Disse-me o *capitão do partido* que Tula fugira n'aquella mesma noite com um official, e que até então haviam sido baldadas todas as pesquisas que se haviam feito para dar com os fugitivos.

Imagine o meu desgosto ao ver perdida a carreira de um tão valente militar, por uma mulher como a *guajira* de Hoyo-Colorado.

Como nada podia fazer em favor do desventurado D. Liborio voltei a Guanajoy para ver se os meus companheiro saberiam informar-me do sitio em que poderiam encontrar-se os dois amantes.

Quando cheguei chamei o meu camarada e disse-lhe:

— Tu desconfias onde foi o tenente Diaz?

— Quantas horas são? perguntou-me elle.

— Para que queres tu saber as horas?

— Já lhe digo meu capitão.

— São quatro.

— Então aqui tem esta carta. Deu-m'a o tenente quando partiu dizendo-me que não desse palavra, a este respeito, e que só entregasse a carta ao capitão Calderon se elle não voltasse antes das tres da tarde.

— Dá-me a carta.

— Cumpri as ordens. Eil-a.

— Bem. Vae-te.

Abri a carta e li com uma certa inquietação o seguinte:

«Meu querido Julio: perdi a cabeça e vou fazer uma loucura que ainda me está parecendo impossivel mesmo agora que é já cousa decedida. Quando leres esta carta estarei longe da Havana. Embarco com Tula no vapor inglez que ao amanhacer parte para Vera Cruz.

«Todos os meus sonhos de gloria, todas as minhas mais nobres aspirações emudeceram diante do amor que sinto por essa mulher que adoro apesar de ser ella a minha perdição. Ha falta no Mexico de homens resolutos; vou offerecer a minha espada a uma nação extranha para sustentar Tula que ha de ser minha esposa no primeiro ponto a que chegue. Bem vês que aqui não podia casar nem por causa da minha posição nem por causa das disposições de D. Liborio. Deus lhe perdôe a elle o mau passo que me obriga a dar.

«Não me despreses. Serei talvez muito desgraçado, mas confio na Providencia e creio que o amor de Tula me compensará a minha má acção. Adeus.— *Carlos.*»

Caíu-me das mãos o papel e fiquei durante alguns minutos como tonto.

O mal não tinha remedio. O processo que se instaurou ao tenente Carlos Diaz não teve seguimento. Resultou d'elle, porém, o dar-se-lhe baixa no exercito. Tambem de nada serviu ao pae de Tula o castigar a sua fuga com cincoenta chicoladas que (em virtude dos direitos que concede ao amo em Cuba a infame escravidão) mandou applicar nas costas do preto Anselmo, suspeitando com rasão que este favorecera os fugitivos.

O pobre negro soffreu o castigo com resignação e sem dizer nem uma palavra que revelasse o que havia feito para obedecer á sua ama que elle trouxera ao collo em creança.

A fuga de Carlos serviu de assumpto as conversas nos sitios de reu-nião e proporcionou uma local aos periodicos de Havana.

Depois, meu caro amigo, depois... O meu conto acabou. Ahi tem

Pancho que n'este momento sáe do café sem saber que para passar uma hora eu acabo de contar os seus malogrados amores com a *guajirita* Tula. *Colorin colorao.*

Calderon pegou na garrafa para encher mais uma vez o seu copo mas achou-a vazia.

### XIII

— Alto lá meu caro Calderon! disse-lhe eu tomando-o pelo braço para obstar a que se fosse. Esse desenlace não é o verdadeiro. Enquanto os personagens não morrem ha todo o direito a perguntar por elles.

— Em geral os romances acabam com o casamento.

— Hum! quando os casamentos se atam com laços tão perigosos como o de Tula ha direito a esperar uma segunda parte ou pelo menos um epilogo.

— Bem, ahi vae o epilogo disse o capitão rindo.

Ha tres annos que Carlos Diaz e Tula partiram para o Mexico. O tenente perdeu a sua carreira e o seu futuro lançando uma mancha indelevel na sua, até então, immaculada conducta, e esquecendo as leis da honra por uma mulher que não soube apreciar o seu sacrificio.

Tula e Carlos casaram em Vera-Cruz e seguiram viagem para o Mexico. Ainda não era passado um anno e já ella tinha fugido para os Estados-Unidos com um cantor que lhe deu volta ao juizo.

— Que infame! exclamei eu.

— O meu pobre amigo no cumulo do desespero, esquecido da religião, unico laço que n'esses transes póde ligar á vida, suicidou-se.

— E D. Liborio?

— Está no hospital dos doidos. Começou a pensar que era elle o verdadeiro culpado da fuga da filha e desnivelou-se-lhe o cerebro.

— E foi effectivamente elle o culpado! disse eu. O maior perigo que uma mulher corre consiste em ignorar o que o mundo realmente é. O amor não se aprende nos livros. Para elle são inuteis ferrolhos e chaves. O amor penetra por toda a parte. Quando chega ao coração, sae pelos olhos e tem azas para voar.

A experiencia é a unica mestra: o mundo é uma *escola do amor*.

TEODORO GUERRERO.



# OS POETAS DA ESCOLA NOVA

(*Odes Modernas* por Anthero de Quental, 2.<sup>a</sup> ed. Porto 1873;—*A alma nova* por Guilherme de Azevedo, Lisboa 1874;—*A morte de D. João* por Guerra Junqueiro, Porto 1874).

Os tres livros, de que me vou occupar, representam, sob aspectos differentes, um decidido movimento na historia contemporanea da poesia portugueza. Além de significarem uma renovação litteraria, revelam um modo peculiar de conceber o mundo moral: são pois duplamente dignos da attenção de todos aquelles para quem a vida das sociedades se não circumscreve aos seus lados utilitarios e praticos.

Mais pronunciadamente litteraria a feição do livro do sr. Guilherme de Azevedo; mais ardente, viva e dotada de uma tendencia para os problemas e para as misérias da vida social, sendo poema do sr. Junqueiro; nas *Odes* do sr. Quental, reimpressas e sensivelmente melhoradas, encontramos principalmente a imaginação que de preferencia ferem os problemas moraes, e as profundas questões da metaphisica e da theologia, questões dominantes e que diariamente ganham importancia e gravidade.

Assim, os tres livros apesar de litterariamente se distinguirem, mantendo as *Odes* um lugar á parte, como succedeu com as poesias do sr. Herculano entre os poetas da escola romantica, e como succederá sempre com as produções dos poetas que o são mais do que artistas; e filiando-se os outros dois na escola do realismo;—assim os tres viros, apesar de litterariamente se não poderem classificar n'um mesmo genero, servem conjunctamente para nos mostrar, cada qual de seu feitio, o systema de novas idéas que vão lavrando na imaginação poetica portugueza.

As *Odes modernas* tem já historia. O apparecimento da primeira edição d'este livro, e simultaneamente a publicação dos poemas historicos

do sr. Theophilo Braga, produziram uma commoção na poesia portugueza, que d'essa época entra n'uma era nova. A poesia sentimental lamartinianna perdeu, evidentemente, a contar d'então, o seu predomínio até ali indisputado. A poesia erudita do sr. Theophilo Braga não era um genero que podesse vingar entre nós, onde a educação do publico é escassa, onde o gosto artistico não é geral, condições que por si só bastavam para deixar isoladas as tentativas de uma poesia refinada, subtil e que ao mesmo tempo deve ser sabiamente para ser acceptavel. A ausencia d'essas condições accrescia a natureza propria do temperamento peninsular, que é em si muito mais poeta do que artista, muito mais capaz de sublimes delicias do que de sabias concepções, muito mais capaz ainda de ardencia, calor, enthusiasmo, do que de subtilezas e finos retoques. Dez annos que vão decorridos sobre esses tempos comprovam a verdade d'essas observações; dez annos em que nem um só poeta tentou continuar a obra do auctor da *Visão dos tempos*; em que o proprio auctor, ou convencido da aridez da tentativa, ou chamado pelo seu genio para outra ordem de trabalhos, abandonou, infelizmente, a poesia, para se entregar todo á erudição.

Os poetas da nova escola, não só aquelles de que me vou occupar, como todos os que mais ou menos illustremente se tem feito conhecer e apreciar, abandonando o romantismo, dramatico ou sentimental, o de Hugo e o de Lamartine, não se lançaram porém na poesia historica; chegaram-lhes aos ouvidos os eccos das luctas, religiosas, moraes, sociaes que se dão por fora agitam as sociedades, e consideraram com razão, a existencia actual e viva da humanidade; como a verdadeira materia prima da poesia.

A sociedade portugueza, ou entorpecida ou dispartando apenas para a vida contemporanea pouco ou nada sabia d'essas luctas, nem quem, nem onde, nem como, nem para que se feriam: d'ahi proveiu e provém ainda um como que desmorreamento dos leitores, quando encontram nos livros cousas de que não tem conhecimento experimental; d'ahi provém o limitado ecco que os poetas encontram no publico, ainda hoje mais interessado pelos destinos de qualquer heroe hyroniano do que pela evolução abstracta moral-psycologica do typo don-juanesco, qual a fez o sr. Junqueiro; d'ahi e d'um vicio frequente dos novos poetas que meramente traduzem em vez de transplantarem para cá os nomes e os casos especiaes da sociedade franceza, <sup>1</sup> provém uma certa falta de comprehensão reciproca entre o auctor e o leitor.

A nova escola poetica, não é nem pôde ser nacional: tampouco vin-

<sup>1</sup> A miúdo se encontrará nos versos dos srs. Junqueiro e Azevedo o *asphalta*, o *bairro S. Germano*, as *duquezas*, as *cocottes* etc. Entre nós as ruas são calçadas, não ha bairro S. Germano, ha duas duquezas apenas, e respeitaveis senhoras, não ha *cocottes*. Tudo o que isto porém, quer dizer existe ou começa a existir, mas com outros nomes, que o poeta deve usar, sob pena de passar por traductor, quando de facto o não é.

gou esta direcção que Garrett, inspirado por esse lado do romantismo, pretendeu dar á poesia com o *Camões*, com a *D. Branca* e principalmente com o seu theatro. Não é nas tradições nacionaes que os novos poetas vão buscar pretexto para as suas creações; a poesia só procede assim quando é o sentimento patriotico o que a anima, e então, como sempre o poeta transfere para as creações da sua imaginação, não a historia conforme ella sae da erudição e da critica, mas sim a visão ideal que o enche de enthusiasmo. A poesia foi e será sempre pessoal e contemporanea, e o patriotismo actual portuguez é um sentimento da conveniencia, não é um amor.

Sem terem o caracter exteriormente nacional, seguir-se-ha porém d'ahi que os nossos poetas se não distingam entre os que nas differentes litteraturas europêas se encontram com elles em afinidade de crenças e de aspirações? Por forma alguma; e é isso o que lhes dá expontaneamente uma feição propria, é isso que verdadeiramente os nacionalisa, e, nacionalisando-os, os distingue das outras litteraturas europêas.

A nova escola da poesia portugueza representa já hoje por uma forma notavel e assaz definida o modo pelo qual o systema de idéas e de sentimentos religiosos, moraes, economicos, politicos, que agitam a civilisação contemporanea e revolucionam a consciencia, se ha de assimilar, se vae introduzindo na sociedade peninsular, o modo pelo qual se combina com o genio e com o temperamento da nação portugueza.

O livro do sr. Azevedo apresenta-nos especialmente a revolução sentimental, o do sr. Junqueiro a revolução moral, o do sr. Quental a revolução religiosa. Decerto, nem o sentimento, nem a intelligencia, nem a consciencia do povo portuguez chegaram ainda a experimentar a influencia da novissima corrente, por forma semelhante á que se observa na imaginação dos poetas; nem admira, porque a poesia foi e será sempre uma iniciação.

D'aqui por cincoenta annos, os livros de que vou occupar-me serão lidos, percebidos e applaudidos n'aquillo que tõem de verdadeiramente são.

## I

O traço que ultimamente liga os tres poetas que estudamos, fazendo dos tres livros a manifestação d'uma nova escola poetica e philosophica, é a opposição decidida ás regras e ás crenças e opiniões da escola romantica. Não é decerto, como iremos vendo, nem tão irmão nem tão definida como a opposição, a affirmação dos principios que na opinião dos tres poetas devem substituir na consciencia humana o espiritualismo francez, e o individualismo heroico de Fichte ou o utilitario da escola de Manchester, e no terreno da arte os modelos lakistas e byronianos.

Muitas vezes tem já sido estudado o movimento moral-litterario que levou a sociedade europêa do racionalismo do século XVIII para a reacção



romantica do principio d'este século; quaes as causas que determinaram essa reacção por certos lados fecunda como todas; e como a partir da introdução do espirito germanico em França, a philosophia espiritualista, perdendo sempre terreno, foi pouco a pouco arrastando comsigo a litteratura romantica, até que esta, divorciada da moral, caiu na dissolução a que hoje se chama satanismo em poesia, realismo no romance.

O character seu da escola nova da poesia portugueza, cujos principaes exemplares hoje occupam a minha attenção, é serem principalmente inspirados pelo systema das idéas allemãs, apesar dos poetas receberem essas inspirações mais por via dos representantes da cultura germanica em França, do que directamente pelos mestres allemães pouco conhecidos e ainda menos lidos. Todos sabem que a lingua allemã é pouco cultivada em Portugal. Hegel, o Aristoteles da nova idade philosophica, é lido por poucos, mas as idéas hegelianas que apparecem por toda a parte nos livros de Quinet, de Vacherot, de Proudhon, de Renan, e mesmo de Michelet apesar da sua possante individualidade são, entre os moços poetas e pensadores portuguezes, mais sabidas e comprehendidas do que a muitos se affiguriaria. Carlyle, Swinburne, os representantes do germanismo na Inglaterra, não se encontram já nas mesmas circumstancias.

Este modo, pelo qual o systema das idéas allemãs tem entrado no espirito da mocidade portugueza, affigura-se-nos ainda um elemento de prosperidade; porque, assim, repassadas, revivificadas essas idéas pelo genio francez, mais plastico, chegam-nos limpas da dureza, do dogmatismo escolastico, e d'uma nebulosidade mystica que as revestem na mãe-patria.

Um livro de Fenerbach, de Strauss ou de Hartmann difficilmente será acceite e até comprehendido pela mocidade peninsular, porém as idéas essenciaes que esse livro contém, sendo expostas por bocca de francezes, embora muitas vezes percam em profundidade o que ganham em perceptibilidade ou em colorido, facilmente encontram ecco nos moços entusiastas que povoam as nossas escolas.

O sr. Theophilo Braga, cuja *Visão dos tempos* foi dos primeiros livros que em Portugal marcaram esta nova época da poesia nacional, encareou porém a renovação litteraria sob um ponto de vista mais particularmente seu, mais artistico e erudito, do que propriamente poetico; e do systema das idéas allemãs captivaram-no de preferencia as que na Allemanha tinham ficado de pé desde a época do romantismo, do que o movimento religioso, social e philosophico que cada dia tende mais a tomar a dianteira ao sentimento politico-historico, com o qual os allemães já acabaram de construir a sua hegemonia nacional. Como era de prever, entre a historia poetisada e a crudição historica, o ex-poeta entendeu com rasão que a ultima valia mais do que a primeira, e abandonou a *Visão dos tempos* pela *Historia da litteratura portugueza*, obra cuja apreciação sae da esphera traçada a este estudo. Assim os poemas do sr. Theophilo Braga ficaram como um exemplar de poesia pessoal, isolados e sem seguidores; e o systema das suas idéas prende-se ainda ao das

idéas romanticas na maneira porque poetica ou scientificamente, concebe a historia, isto é, como uma expressão naturalista dos genios das raças, e não como uma revelação ininterrompida de Deus no tempo, para me servir da formula hegeliana; apesar de não admittir dos romanticos francezes, nem o individualismo heroico de Hugo, nem o sentimentalismo dos lakistas ou dos lamartinianos.

Nos poetas de que propriamente nos occupamos faltam tampouco provas de como a escola que iniciam entre nós é ainda menos bem definida nos seus leuameutos litterarios, e especialmente no systema das suas idéas moraes. Os livros dos srs. Junqueiro e Azevedo apresentam-nos a miudo uma alliança incongruente de dois generos, alliança que em si prova a indecisão que ainda reina no espirito dos moços poetas. Ao lado da expressão do que as idéas moraes dão hoje de mais profundo e puro, encontramos quasi traducções do que são já lugares communs do satanismo e do realismo da litteratura franceza! Ora a justa-posição das duas cousas sómente prova indecisão do pensamento. Para o critico d'arte prova além disso um gosto menos apurado; e para o que investigar a causa do phenomeno, significa a acceitação simultanea e menos critica das idéas de uns, e da forma de outros, que especialmente se caracterizam por não terem idéas.

Entretanto o realismo dos dois poetas, a quem agora especialmente me refiro, é mais uma formula litteraria, do que propriamente uma exacta expressão do seu estado moral e sentimental: eis ali como se explica a justa-posição inconsequente d'um sensualismo quasi depravado com os gritos d'uma consciencia forte e d'um enthusiasmo ardente. Baudelaire ou Flaubert são ao mesmo tempo realistas em litteratura e scepticos em moral; e pretender reunir n'uma mesma obra o realismo e as aspirações ideaes, que enchem de esperança a parte viva e moça da sociedade contemporanea, é uma tentativa que em si propria manifesta quanto é ainda indecisa e confusa a comprehensão verdadeira e o sentimento claro do systema das idéas modernas.

O realismo crú não é, como parece entenderem-n'o os dois poetas, a negação do romantismo, que lhes merece tanta repulsão; ao contrario, é a ultima e definitiva conclusão do naturalismo que formou os heroes de Benjamin Constant e de Byron, Adolpho e Manfredo, avós quasi esquecidos da familia romantica. A educação que lhes dera o *Emilio* de Rousseau levou-os de queda em queda até á depravação.

A alliança do realismo e da poesia moderna é assim inconsequente e illogica, se a encararmos sob um ponto de vista esthetico. Mas, de outro lado, o requinte de sensibilidade doentia a que a elevação da vida psychologica moderna conduz os espiritos delicados, e o requinte de sybaritismo, a que as contradicções moraes e economicas do nosso tempo tem levado os sentidos, dão as mãos para produzirem a tendencia, geral de mais para ser artificial, de uma das faces da poesia contemporanea. Essa tendencia é porém ou um vicio de comprehensão moral, ou então apenas um erro de litteratos que, com um criterio menos claro, se deixam ir na

corrente de admiração por um genero moral e estheticamente falso, e se deixam subjugar pela tyrannia de formulas que não valem mais nem menos do que as dos romanticos, porque são como as d'elles meros mol-des vasios de sentido. Os bordeis, as pustulas, a miseria asquerosa, as bachanaes impudicas são apenas figuras rethoricas, chavões de escola, como o foram, até aqui, o luar, os rouxinoes, a meia noite, o espectro, o plebeu nobilitado, a cortezã democrata e a parvoissima figura de Magdalena, a meretriz santa.

O sr. Junqueiro diz-nos que a arte é hoje:

.. uma infiel Ninon:

Magra, elegante, anemica, fransina,  
Triste belleza, delicada e flna,  
Doidamente vestida á *Benoiton*.

Que musa é, pois, a que lhe incendeia o espirito? quem o inspira; em nome de quem falla o artista, se a arte é Ninon? Pois no sentimento que o leva á indignação não encontra a prova de que a arte não é hoje a infiel Ninon, mas, ao contrario, Calliope e Polyunia? Erato, a musa romantica, foi já desthronada, e o poeta, cheio de santo ardor exclama:

A minha lyra, aquillo

Que eu tenho de mais puro e candido e tranquillo,  
Tu és a minha amante, a minha esposa calma,  
Que és o sacrario azul aonde eu guardo a alma,  
Que palpitas de amor e de paixão trasbordas,  
Ó minha pobre lyra! hei-de arrancar-te as cordas  
E, unindo-as n'esta mão, vibrar-as e torcel-as,  
Para fazer, ó musa! um tatego d'estrellas.

Esta contradicção, litteraria ou moral, ou litteraria e moral simultaneamente, não é menos flagrantê no livro do sr. Azevedo. Começa por dizer-nos:

Eu poucas vezes canto os casos melancholicos  
Os lethargos gentis, os extasis bucolicos  
E as desditas crueis do proprio coração,

e a miudo encontramos as expressões de um lyrismo que, se adquire da quasi constante alliança com a morte, um tom mais psicologico, ou antes mais phantastico, nem por isso se aproxima mais do sentimento que na alma nova devem inspirar as mysteriosas e santas relações sexuaes. O amor, ou nos embriague, vivos, como nos romances de Sand, ou avance para além da tumba como nas poesias de Steine, será romantico, isto é, expressão de uma pura attracção natural, sempre que acima das tendencias irreflectidas da imaginação ou do temperamento, não houver a profunda inclinação da consciencia que dirige e guia, que é o criterio c



a justificação dos actos naturaes. Que se ame sensualmente como é da natureza meridional fazer, ou imaginativamente como fazem as raças septentrionaes, o amor sómente será justo quando subir da cathegoria de uma tendencia instinctiva á de um acto moral consciente.

É esta especie de amor justo, de amor digno da alma nova que em vão se buscará no livro do sr. Azevedo. O poeta amara, n'outro tempo, quando era romantico, Ophelia; como em vida não pôde continuar a amal-a, espera que ella morra para que:

Saudando a boa mãe que faz com que eu te gose  
Depois do verme vil teu seio polluir,  
Mais pura no frescor de tal metamorphose  
Do que eras a scismar, do que eras a sorrir!

Largar o braço de Lamartine para tomar o de Heine,— ou de Baudelaire! — não é sair do romantismo, é entrar, e fóra de tempo, na derradeira phase do sentimentalismo naturalista:

Quando Martha morrer, depois do extremo arranco,  
Não tratem de orações;  
Desprendam-lhe o cabelo e vistam-a de branco  
À moda das visões,

N'uma das mais bellas composições do livro do sr. Azevedo, *Historia simples*, em que o poeta descreve o modo como a lei arrebatá á familia os vigorosos braços para o serviço militar, como é que se imagina o estudo moral e mental dos actores da tragedia? É interpretando, lendo entre as linhas, perscrutando, nas palavras, as impressões do poeta, que a natureza e o valor das suas obras pôdem ser avaliadas. O rapaz é puramente bruto:

Elle amava a campina e os céus largos, serenos,  
Aos domingos a mãe deixava-lhe uns dez réis.  
Deitava-se ao luar, dormindo sobre os fenos,  
Na fragancia do trevo, ao pé dos cães fleis.

O rapaz parece exactamente uma das duas *vaquillas mansas* que a mãe possuía; o horror que em nós devia produzir o attentado da lei contra a natureza e contra a justiça diminue, assim, consideravelmente. Eis ahi os perigos da alliança do realismo com as intenções e com os sentimentos idéaes. Se o rapaz era verdadeiramente um bruto, o pae «bebado e máu, batia ás vezes na mulher» a nossa compaixão apenas pôde recair sobre a dôr maternal. Como não seria differentemente energica a pintura se em vez de realista, o poeta desenhasse o episodio realmente: na unidade da familia, na partilha do trabalho, no espirito de um rapaz vivo e aberto ao sol dos vinte annos, cheio de ambições, de es-

peranças, de amores, planeando na santa e luminosa solidão dos campos agricultados a futura messe de cabeças louras que havia de brotar de um certo amor casto aninhado na sua alma, e substituir no seu carinho as duas cabeças brancas de seus paes já na velhice?

A realidade é frequentes vezes menos feia do que o realismo. O que também não quer dizer que este mundo seja um leito de rosas. Abundam, ao contrario, os espinhos; mas, o que caracteriza notavelmente o espirito novo é a serena e severa comprehensão do mal, e a sua classificação organica, como uma condição necessaria das cousas reaes. É d'esse lado do novo espirito que nasce o tom humoristico notavelmente bem accentuado na *Alma nova* e na *Morte de D. João*. A ironia não é propriamente nem o desprezo, nem o ridiculo; a ironia accusa principalmente uma comprehensão superior e fina, um espirito conciliador e amigo. O humourismo é principalmente a ironia, mas é mais do que ella: vê as coisas por lados que sendo quasi burlescos, são ao mesmo tempo essenciaes e typicos. Prefere á estrada plana da demonstração e da dedução racional, os caminhos tortuosos, cheios de caprichos da imaginação; e, em vez de nos dar uma definição, dá-nos um toque: O Carlyle retrata assim Robespierre: *sea green*, verde mar. N'esta côr da pelle advinha-se o fanatico.

A composição do livro do sr. Azevedo, que ultimamente examinamos, offerece, entre outras, exemplos apreciaveis de humorismo. O rapaz, soldado

... guarde o mundo e a Deus faz sentinella:  
Receiam que Deus faça andar o mundo mais.

No poema do sr. Junqueiro abundam traços dignos de um Heine ou de um Swinburne peninsulares.

É por uma noite escura:

... ao longe dir-se-ia  
Que os choros divinaes, depois de alguma orgia  
Partiram, cambaleando, a aboboda do espaço,  
Caindo sobre a terra em fulgido estilhaço.

N'outro ponto D. João encontra o diabo:

#### O POETA

Satanaz, meu amigo!

.....  
Mas'inda agora vejo, andas de luto...

#### O DIABO

Morreu-me meu irmão, o Padre Eterno.

O *humour*, que dava além uma idéa poetica, traduz aqui um pensamento philosophico, não é uma blasphemia é uma verdade moral. O Diabo e o Padre Eterno são a these e a anthitese de uma proposição theologica, resolvida pela philosophia que é a do poema. O Bem contrapõe-se ao Mal, um é a condição necessaria do outro; não pôdem existir isolados; a morte de qualquer d'elles implica a do companheiro. Se o Bem e o Mal se confundem na idéa do Absoluto, se o Diabo e o Padre Eterno se resolvem na idéa de Deus que é um aspecto do Absoluto, a expressão do poeta é uma verdade theologica affirmada humouristicamente.

Estes caracteres litterarios que temos vindo observando não são os que distinguem as *Odes modernas* do sr. Anthero de Quental. Nem o realismo, nem o humourismo dão tom ao livro; antes ao contrario todo elle respira um sentimento como que prophetic, um idealismo heroico, um enthusiasmo crente, uma austeridade ascetica, vasados em moldes perfeitamente originaes, ou antes pessoaes. Não é um livro de escola litteraria, é a confissão de um poeta e de um philosopho. Eminentemente pessoal, o livro das *Odes* não se prende como a *Alma nova* ou a *Morte de D. João* a uma determinada familia litteraria, é mais um d'esses livros em que o caracter litterario ou artistico como que desaparece diante da significação individual e moral. O nome que convém a livros, como *Odes* ou as *Poesias* do sr. Herculano, é melhor o de confissões do que o de poemas: são verdadeiras expansões do sentimento ou da fé, não são productos do engenho artistico.

Se o caracter de livros d'esta natureza é o serem pessoaes e independentes, não se segue d'ahi que o espirito que se confessa, o seja tanto como a confissão em si, das escolas, das idéas, das tradições, da atmospheria moral, n'uma palavra, em que vive. Eis ahi portanto o terreno em que teremos de buscar a filiação das *Odes*. Enfeixámos este livro com *Alma nova*, e a *Morte de D. João*, chamando a todos *escola nova* e com effeito, apesar das fundas distancias a que moral e litterariamente se encontram entre si, ha em todos elles um caracter essencial commum, que é a affirmação que todos mais ou menos explicitamente propõem de doutrinas sociaes, moraes e religiosas que observaremos no decurso d'este trabalho.

Estudando agora a filiação do caracter litterario das *Odes modernas*, não podemos deixar de começar por notar a situação especial em que se encontra o critico perante este livro. Porque não é um livro, são dois. Da primeira para a segunda edição operou-se no espirito do auctor um movimento que é a exacta reproducção da marcha das idéas modernas entre nós, nos ultimos dez annos. Com motivo datou o poeta as suas composições, e que não tivessem a era, não seria difficil extremar as que pertencem a 1865 e as posteriores. A primeira edição das *Odes* era principalmente uma proclamação e um protesto, a segunda é mais propriamente uma confissão. Na primeira, do seio de um pantheismo mais ou menos indeciso, surgia a figura de um vidente, entusiasta, erriçado de



coleras. ameaçador e quasi fêro, como um leão, quando levanta a juba, e, irritado, apparece entre os juncaes paludosos. Na segunda limpam-se os ares, ao pantheismo succedeu aquillo a que Hartmann chama panmonotheismo, acalmou-se a voz, amaciou-se a juba, e em vez dos gritos e dos gestos desordenados, ouve-se a voz e vêem-se as feições definidas e vivas do pensamento. Não foi uma reacção ou um salto o que experimentou o espirito do poeta, foi uma fixação, uma depuração, uma accentuação do estado anterior. As poesias datadas de hoje *definem* aquillo que as de ha dez annos apenas deixavam perceber. O livro produz assim a vida moral do auctor e como entre essa vida e o movimento das idéas novas na mocidade portugueza ha consideravel uniformidade, as *Odes* serão um documento importante por onde o futuro poderá avaliar a historia da consciencia no decennio que medeia entre a primeira e a segunda edições.

Se a *Alma nova* e a *Morte de D. João* trazem raizes romanticas no realismo que os seus auctores mais adoptam do que sentem; o livro das *Odes* prender-se-ha tambem por um lado ao romantismo, se não mettermos em linha de conta as correcções que põem a esta opinião as modificações e addições da segunda edição. O espirito revolucionario, eis ahi o que as *Odes modernas* herdaram dos antigos tempos; o poeta encontra-se expontaneamente no estado a que chegou Victor Hugo, quando transferiu o seu lyrismo do sentimento pessoal, para o sentimento humanitario. A revolução é um acto da vontade, subjectivo, não é um producto dos elementos sociaes no jogo das suas evoluções:

Sim! que é preciso caminhar ávante!  
Andar! passar por cima dos soluços!  
Como quem n'uma mina vae de bruços,  
Olhar apenas uma luz distante!

Não é já precisamente o heroismo pessoal de Fichte ou de Napoleão; o homem não é propriamente um luctador, porque apparece ao mesmo tempo revestido de um como que character sacerdotal, que, sagrando n'elle os seus actos os torna, não já resultantes de uma vontade arbitraria, mas até certo ponto uma concreção viva do querer colectivo. Com effeito o Homem, na poesia das *Odes*, não é um certo homem, como o Guilherme Tell, de Schiller, ou o Ruy Blas, de Victor Hugo, é a humanidade; mas se o heroismo activo não é pessoal, nem por ser colectivo deixa de ser subjectivo, e de se prender assim á ordem de idéas que sobre a natureza humana tinham vogado desde o principio do século.

Mas, este livre arbitrio humanitario, distingue-se do que propriamente caracterisou o romantismo francez em ser uma revelação psicologica, e não uma expressão do temperamento, naturalista, expontanea, como é, por exemplo, nos heroes da galeria de Balzac. Assim, a reacção contra o romantismo, que é o laço que entre si reúne os tres livros, tem n'este a superioridade de não ir cair, como os outros caem, incon-

sequeamente, no realismo naturalista. Inconsequentemente, dissemos, e não é senão inconsequencia e menos clara percepção da indissolubilidade das idéas e das formas artisticas, como já observámos.

A propria idéa-mãe do poema do sr. Junqueiro é a condemnação do ponto de vista que, considerando o homem como apenas um temperamento, consente e louva que elle se abandone ás cegas ás tendencias da carne e ás propensões da imaginação. D. João é um engeitado; apparece em scena pouco depois de apparecer á luz, quando a mãe furtivamente o abandona sobre as lages da calçada; é o homem perante a natureza, sem tradições de familia, sem educação natural, sem instrucção, sem lar, sem abrigo, nú e só como Rousseau queria ver crescer as creanças para assim brotarem n'ellas expontaneos os instinctos naturaes. Nada sabemos de como cresceu, mas suppõe-se. Voltamos a encontral-o (depois de termos travado conhecimento com Imperia, a flôr sinistra da cidade, cortezã fascinante) passando

... as noites e os dias  
debaixo das gelosias  
d'aquella sinistra flôr.

O temporamento, que desabrochou espontaneo, está agora na sua primavera; D. João é Romeu; mas Imperia não pôde tomar a sério o papel de Julietta; fecha-lhe a janella, ao despontar d'alva, dizendo-lhe:

... Sakespeare  
Manda-te agora partir;  
.....  
E eu quero ser namorada  
Segundo as regras da arte.

Começam as duvidas, uma lucta interior e melancolica assalta o espirito do poeta; consulta a Noute, a Sombra, o Rouxinol, o Luar, o Firmamento, os Lyrios, a Terra, o Vento, a Folha, todas as entidades da escolastica poetico-romantica e nenhuma lhe pôde dar o segredo da sua duvida, nenhuma pôde desmanchar a nevoa:

Quem anda em trevas immerso  
Não pôde olhar para a luz.

Tonto, como a borbolêta em volta da luz, é arrastado; abrem-se-lhe os salões de Imperia:

Quero perder-me ao teu lado  
Ai quero perder-me filha !

Imperia não se oppõe ao projecto da fuga romanesca, mas exige vinho de Bordeus e ostras cruas, manjares que tem o poder de acordar

no animo do ingenuo discipulo de Rousseau as coleras e as maldições de um animalsinho de generoso sangue:

Se o teu amor mais sujo que um farrapo  
Ante mim ajoelhara supplicante,  
Oh! esmagava-o n'esse mesmo instante  
Como se esmaga um sapo

Imperia põe-o na rua ou cousa que o valha, e o poeta só, remorrido de desejos:

Quem me dera beijal-a a toda a hora  
Matando-a a todo o instante!

Cairam as folhas, foram-se as illuções! passam-lhe ainda pela mente as memorias de outros tempos, os alegres bandos de aldeões; os velhos, as creanças louras, as virgens, as arvores tranquillias e viridentes, os astros puros, o sol, a luz! Mas, passam; e o que resta são destroços, ruinas. N'um templo onde entra apparecem-lhe, transfiguradas pelo desespero, todas as antigas imagens venerandas. Deus é um cadaver frio. As virgens invejaram de certo as prostitutas. O cadaver de uma meretriz acaso é o de sua mãe. Um padre causa-lhe riso e medo. Uma creança morta arranca-lhe este pensamento: felizes os que morrem como um sonho! Ao doutor Fausto recommenda a agua circasiana. Afinal o diabo pede-lhe esmola, está pobre, sujo, roto, miseravel: morreu-lhe seu irmão o Padre Eterno.

Da Egreja passa a casa de Imperia, que é um lupanar:

D. JOÃO

O *spleen* dominador, vampirico, secreto,  
Roeu-me da consciencia as fibras impollutas.  
Sou um pantano escuro innavegavel, quieto,  
.....

IMPÉRIA

Eu que desprezo o amor, amo-te D. João!

Em vez de suicida, D. João acaba mostrando ursos nas ruas. Eis ahi onde leva a educação natural e sentimental. Esta historia de D. João, em que é mister reconhecer uma grande unidade e uma profunda deducção logica das situações, é ao mesmo tempo a historia dos costumes e a historia da litteratura romantica.

Para os costumes é a embriaguez imaginativa de um primeiro amor; depois vem a melancolia e a duvida, apparecem as seducções carnaes e mundanas, a tentação contra a qual o naturalismo não pôde offerecer uma poderosa arma interior; o crime e o remorso, as angustias, as dores,



afinal a consequencia inevitavel de uma lucta desigual, em que de um lado se encontra a fraquesa humana, do outro a poderosa machina das tentações diabolicas, polvo immenso cujos tentaculos adherem a todo o corpo, serpente cujas voltas successivas trituram todos os ossos. Os sym-bolos religiosos estão vasio.

Ó creença antiga! ó velho firmamento!  
 Como as almas vacillam e baqueiam!  
 E as lucidas pleiadas volteiam  
 Como a poeira que levanta o vento! <sup>1</sup>

e vasio está o lugar do antigo Deus. Prostrado, abatido, vencido, o homem desce á condição bestial; vê por esse prisma todas as bellas coisas do universo, e suja-as todas com a baba nojenta da sua depravação. Cae, afinal, n'um marasmo, imbecil, idiota; o *spleen* devora-o, já não vive, e se existe é como as hervas funestas que rebentam nos paizes sezonaticos. Quasi sempre acaba pelo suicidio, verdadeira peste do nosso tempo.

Esta lugubre historia dos costumes, é tambem a historia da litteratura romantica. Como eram doces, puros, encantadores Paulo e Virginia, os dous amantes da natureza! Logo Weiher e Adolpho duvidam, sofrem. Com a *Dama das Camélias* apparece Imperia, e a litteratura franceza, George Sand á frente, derrama á flux, as orgias requintadas, as epopêas do adulterio, e toda a somma de livros que na historia da educação correspondem a essas horas em que o homem, entregue ás tendencias do seu temperamento não pôde vencer as tentações do crime. Reage e cae na bestialidade ainda viva, na excitação alcoolica, nas aberrações do satanismo com Espronceda, Poe, Baudelaire, Heine; e, afinal, atacada a litteratura do *spleen* mortal, ou *faz* mechanicamente e por officio umas obras idiotas como a da segunda época lamartiniana, e dos lamartinianos que ainda existem; ou se reconhece e escreve os livros friamente obscenos, semsabormente bestiaes que apimentam as ceias de Imperia, como os de Pigault Lebrun, o Belot do seculo passado, apimentava as orgias requintadas da aristocracia, O suicidio, lenta dissolução, como a de Musset pelo alcool, conclusão necessaria da educação sentimental, é a necessaria conclusão do romantismo: *pulvis es et in pulvere reverteris*.

Nem é só na historia de D. João que o poema do sr. Junqueiro accentua terminantemente esta reacção que caracteriza a nova escola da poesia portugueza. Ao começar a sua obra a musa dos lakistas apparece-lhe:

<sup>1</sup> *Odes modernas.*

Se ha estrellas no céu e rosas pelo monte  
 Se sabes ler Petrarcha e ler Anacreonte,  
 Se a tua amante é bella e se o teu sangue é novo  
 Deixa espingardear o coração do povo.

.....  
 Que nos importa a nós? Que importa o bem e o mal  
 As velhas dissensões, a lucta, o dogma, a critica?  
 Os rouxinoes não tem opinião politica.

O canto da sereia não o seduziu, porém; outra é a musa que invoca, outro o ideal que o incita; quer saber a natureza das coisas, quer aclarar

... o immortal problema.  
 Trabalha para isso a natureza inteira :  
 .....  
 E é d'este turbilhão de sciencias colossaes,  
 Dos livros, do vapor, das forjas, dos museus,  
 D'esta aproximação immensa para Deus  
 Que hão de surgir em breve, athleticas, radiantes  
 Musas para inspirar theorbas de gigantes,

Hão de surgir, diz o poeta, e com effeito os livros de hoje mais bem retratam a agitação turbulenta dos animos do que os dogmas da nova fê, e os principios da philosophia nova. Apenas se entrevê um raiar da aurora do dia que vem nascendo; e o que os nossos olhos pôdem distinctamente observar é só o fugir rapido das visões de outras eras. Querêr dizer isto que a *escola nova* faltem afirmações religiosas e moraes para substituir as do passado, e que apenas signifique uma reputação, cabal, completa, d'esse passado que cada dia mais energicamente se immerge no campo da historia? Não de certo; nem se poderia afirmar tal, especialmente diante das *Odes modernas*. Quer dizer, porém, que o pensamento da *escola nova*, e n'isto acompanha todo o pensamento europêu, é hoje ainda mais uma elaboração difficil, tumultuosa ás vezes, e frequentemente contradictoria, do que uma definição dogmatica. Este character provém tambem do proprio estado do espirito contemporaneo, com o qual são já incompativeis as revelações, e que tudo submete á analyse e á critica. Quando a escola nova não fizesse mais do que destruir, o seu merecimento seria ainda consideravel, porque a negação é o primeiro termo logico da afirmação. Ao contrario, porém, os moços poetas portuguezes, derrubando, affirmam a necessidade da reconstrucção,

... o mundo precisa um vendaval de luz  
 E... precisa um Deus a consciencia humana.<sup>1</sup>  
 O novo mundo é todo uma alma nova,  
 Um homem novo, um Deus desconhecido,<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Morte de D. João.

<sup>2</sup> *Odes modernas*.

afastando-se, assim, n'uma communhão de pensamento da corrente naturalista, materialista ou positivista que repete na turbulencia moral do seculo XIX o papel que tem na historia essas doutrinas em todas as horas de crise do espirito humano.

Condemnando o subjectivismo e a revelação, mas afastando-se do determinismo naturalista e affirmando a necessidade da renovação moral religiosa, qual é a sociedade, qual a moral, qual a religião que merecem a adhesão entusiastica da nossa poesia?

## II

Se fosse, como dizia Schopenhauer o pessimismo fosse o verdadeiro ponto de partida para o estado de comprehensão religiosa ou transcendente, a escola nova seria uma prova eloquente da doutrina do celebre philosopho. Ainda que o pessimismo dos tres poetas não é completamente o sentimento buddhico ou christão, d'onde, com effeito, até certo ponto e por certos lados, provém a aspiração religiosa, o ascetismo, a penitencia, o mysticismo, e a graça divina, expressão theologica da fatalidade natural. Não é com effeito o pessimismo absorvente, antes o pessimismo activo. Não é o do stylita que foge ao mundo; é o do moralista que falla para que o ouça o mundo; do idealogo que tem dentro de si um systema de preceitos e exige a attenção dos homens que vão perder-se se o não attenderem e seguirom. Os moços poetas são os Salvianos da moderna era, não são de forma alguma os seus Santo-Antonios. A sociedade gualenza era para o presbytero marselhez um poço de crimes e de devassidões, e á propria egreja chama elle a sentina de todos os vicios e uma congregação de prevaricadores e de adulteros, de ladrões e de assassinos: aconselha porventura o suicidio á alma piedosa, como fizera Tertuliano e faziam todos os mysticos? Não, aconselha-lhe a virtude activa. Eis ahi o que distingue o pessimismo do mystico, do do moralista. Os moços poetas são moralistas, não são mysticos.

Será porém o pessimismo uma condição necessaria da moral? É, atrevo-me a affirmar-o, sempre que a moral prégada fôr alguma coisa mais do que uma rectificação que apenas accentue um ponto ou outro, segundo a natureza propria do moralista, mas sem nunca sair de um systema de idéas philosophicas ou religiosas indiscutíveis. A cordura, a mansidão, a auctoridade caracterisam então o moralista, quer elle se chame Bartholomeu dos Martyres, quer Renan.

Quando, porém, a moral pratica emana de um modo fundamentalmente differente ou opposto de conceber as cousas, o moralista é por força pessimista, quer se chame S. Paulo, quer Prondhon. N'um caso a moral é uma educação, no outro é um apostolado. É para muitos motivo de espanto ou de desconfiança a sem-cerimonia com que os poetas e os pensadores da escola nova refutam e condemnam *in limine* todo o sys-



tema de idéas e de instituições estabelecidas. Pois esse espanto e essa desconfiança deixarão de existir logo que se medite n'esta simples observação do bom senso: quem não admite o mais não pôde admitir o menos; quem discorda nos pontos fundamentaes, essenciaes, não pôde concordar nas applicações praticas que descendem dos principios. Se na ordem moral uns defendem outros attacam a transcendencia e a revelação, como pôdem estar de accordo nas instituições e nas idéas religiosas que descendem de ambas? Se na ordem juridica uns defendem outros attacam a egualdade, como pôdem estar de accordo nas instituições e nas idéas politicas? Assim é e assim foi sempre, nem se concebe um modo differente. Quando os christãos nazarenos converteram as sociedades antigas ao messianismo, condemnaram e refutaram, *in limine*, todo o systema de idéas e de instituições greco-romanas. A religião positiva, a theologia pantheista, o determinismo scientifico, a democracia, o direito civil, eram todos fundamentalmente errados, e um peccado a vida inteira e secular das sociedades antigas, porque o centro de irradiação, o eixo de movimento de todo esse systema de idéas e de instituições se deslocara.

Outro tanto succede em nossos dias; assim devemos encarar e com tal criterio é forçoso avaliar o pessimismo dos poetas modernos. Da mesma forma que nas epistolas de S. Paulo encontramos par a par duas humanidades, a dos escolhidos e a dos réprobos, assim nos pintam a sociedade contemporanea os poetas da nova escola. Dividida a sociedade em tyranos e em victimas, as legiões dos primeiros passam nas orgias, entre os côros de mulheres faceis e seductoras:

Corre a turba pagã ao sacrificio...

E o segundo, o pária:

Curvado para o chão, como alguém que procura  
Na grande paz da terra, a paz da sepultura,

dorme sobre uma encherga, na choça humida do val. Apenas rompe o dia, a alvorada

Com sua luz hostil, mais viva que uma espada,  
Entra pelo casebre, o diz ao aldeão:  
— Levanta-te animal! Tens fome e não tens pão;  
É ganhal-o e andar... Descance quem puder;  
Deixa o rico a dormir. Tens filho tens mulher,  
Vamos! depressa a pé! Já canta a cotovia...  
Para ganhar um pão é necessario um dia.  
Tens muito somno, tens?... Os párias, desgraçado,  
Quando querem dormir um somno abençoado,  
Vão-se deitar alli, debaixo de uma lousa,  
A sombra de um cypreste!...

Assim falla a alvorada, e a ironia pungente que o poeta (o sr. Junqueiro) lhe põem nos labios é a expressão de como considera e avalia a

condição dos trabalhadores agricolas. O pessimismo não provém de que o poeta saiba, com as estatísticas e as informações scientificas na mão, qual e como é exactamente essa condição. Não sabe nem lhe convém sabel-o. Basta-lhe o sentir que dimana de um tal systema de idéas juridicas, falso e erroneo sob o seu ponto de vista. Este exemplo serve de regra para todos os outros aspectos sociaes que o poeta encara sob a luneta do seu ideal, e que assim lhe apparecem hediondos, terriveis, medonhos. Um pae buscando um bom dote para sua filha, *vende-a*; os que estão a cavallo na influencia que dão a posição, os capitaes, a propriedade, são *assassinos* quando espingardeiam o povo em revolta; os que exercem o sacerdocio (ou a profissão ecclesiastica) são *charlatães*, etc. Da mesma forma, com o mesmo criterio, e muitas vezes com as mesmas palavras, condemnavam os christãos a sociedade antiga.

O vigor de condemnação cresce em rasão directa da profundidade da crença. Se o livro do sr. Junqueiro, obra de um artista que tem o sentimento da poesia, caracteriza por tal forma a sociedade, como a caracterisará o sr. Quental, que é um poeta, um *vate*, e o livros das *Odes* que é uma confissão, mais do que uma obra d'arte?

Eis aqui o aspecto sobre o qual apparece ao poeta o mundo antigo, que é ainda o mundo contemporaneo na sua expressão quasi unanime:

A ossada das Babeis do mundo antigo  
Gemeu,—e viu-se então esse esqueleto,  
À luz do incendio estranho, conchegando,  
Como se fosse carne aos ossos, restos  
Da mortalha de purpura de outr'ora...  
Mas os vermes roeram-lhe a mortalha  
E bem se vê a ossada nua...

Se quizermos comparar a differença de vigor, de percepção e fé da idéa nova, nos dois poetas, pelo modo porque julgam a sociedade, devemos notar que para o sr. Junqueiro ella é ainda uma cousa viva e forte na sua hediondez: fulmina-a, e n'esse facto accusa a importancia que lhe dá, apesar da ironia pungente da accusação revelar que a força, viva ainda na sua brutalidade material, não possui já porém a base de um ideal que, por ser monstruosamente hediondo, causaria medo e não riso. O corpo tem de curvar-se ainda, mas o espirito está já livre.

Na imaginação do sr. Quental o passado morreu, é um cadaver apenas; registra-lhe o obito e folga serena e cruentemente:

É gosto vêr os thronos abalados  
Por essa ferrea mão, e vêr os cultos  
Por terra, e entre os altares alastrados  
Vêr, sob elles, no pó deuses sepultos!

As instituições e os cultos foram-se, caíram; dos homens d'essas eras, se alguns ainda restam, são também réprobos. O poeta não os insulta, não lhes lança em rosto nomes injuriosos; os filhos de instituições

e de idéas mortas não pôdem ser vivos. Os *miseraveis*, os *pobres* eis ahí os escolhidos. Não pôdem ter vida, são mumias esses que, hontem reinavam do alto dos thronos e dos altares:

Elles não vêem d'este grande mundo  
Mais que os tectos dourados de seus paços...  
Vós tendes todo o céu largo e profundo  
Por tecto, e por palacio esses espaços!

Amortalhados assim n'um sudario, encerrados n'um carneiro pôdem agitar-se, não pôdem *sentir*:

Podeis cavar... as minas são bem fundas...  
Cavae mais fundo ainda... é já o centro  
Da terra, ahí! Mas onde, ó vós mineiros,  
Por mais que profundeis não heis de uma hora  
Chegar jámais... é ao coração...  
E, emtanto  
É lá a unica mina de ouro puro!

Na *Alma nova* o sr. Azevedo em vez do tom épico das *Odes*, ou do humouristico da *Morte de D. João*, escolhe de preferencia o apologo. Affigura-se-lhe vêr, nas *Victimas*, o triste cortejo de todas as miserias que passam, chorando e famintas; e no *Velho cão* encontramos, menos poderosamente accentuada, a constante divisão da sociedade em escolhidos e réprobos:

— Ha no mundo um rafeiro, um velho cão esfaimado  
— O povo soffredor,  
Que ás vezes vae ganir, com fome, o seu bocado,  
Às portas d'um senhor.

O resto é velha historia: ocioso é já dizer-vos  
O fim que ella ha de ter.  
A Ordem, só de ouvil-o, alteram-se-lhe os nervos  
E manda-lhe bater.

Encerrada esta serie de exemplos, perguntaremos: Será acaso adequado ao caracter da revolução moral contemporanea o pessimismo que os poetas da escola nova sentem e exprimem? É porventura proprio do seu systema de idéas o dividir a sociedade em duas classes distinctas e oppostas, os máos e os bons, os brancos e os pretos? São assim as cousas na realidade?

A julgar pelo caracter de todos os movimentos analogos da historia, diríamos que sim. *Quis non est mecum contra me esto*. Não se distinguirá porém a revolução moral contemporanea das que a precederam no tempo?

Distingue de certo; e por isso, se moral e abstractamente o erro, quer o consideremos ou não como uma necessidade organica, deve forçosamente indignar a nossa consciencia, tambem critica e scientificamente



devemos combinar este movimento da consciencia com o movimento correlativo da razão, que tira a responsabilidade aos actos individuaes, quando dependem de phenomenos superiores de que são a manifestação positiva, e não pôde condemnar nem applaudir os actos collectivos d'onde saem as idéas e as instituições, porque os vê necessariamente ligados, solidarios e deduzidos, o subsequente do antecedente, na cadeia que estabelece a continuidade da historia.

O tom religiosamente intolerante que, nos seus ataques ás instituições do passado e ás classes conservadoras, sae dos livros da eschola nova, se depõe a favor do ardor de enthusiasmo e da firmeza da crença, depõe ao mesmo tempo contra a lucidez da critica. Manter o vigor, a inteira fé e ao mesmo tempo a lucida critica e a integra justiça, eis ahí o que deve achar-se reunido para caracterisar o propugnador da nova ordem de idéas moraes. Não é tolerancia, benevolencia, mansidão, longanidade o que se requer; ao contrario, é rectidão.

Ora esse antigo espirito dogmatico, exclusivo, subjectivo, não está por nosso mal apagado ainda, apesar dos exemplos de todos os dias, dos exemplos de todas as cousas, que nos vão mostrando a razão necessaria de tudo quanto existe, e a insensatez das nossas decisões, quando queremos condemnar em nome d'ellas uma só linha do que está escripto no livro dos destinos.

Não ha no mundo escolhidos nem réprobos, ha homens, e o ponto mais elevado da liberdade humana é o mover-se dentro da fatalidade, concorde com ella, consciente de quem e como é, e como que obrigando-a, por uma influencia indefinivel e mysteriosa, *quid divinum* que distingue a humanidade na criação, a patentear as suas feições absconditas.

A fatalidade universal tem uma historia que se divide em dois grandes cyclos: o inconsciente e o consciente. O primeiro caracteriza-se pela lucta, o segundo pela concordia; no primeiro os homens, ás cegas, encontram em tudo materia para ardentes opposições, violentos combates, reptos loucos, d'aquillo que julgam ordens do seu espirito livre; no segundo *riffletono con mente pura*, como diz Vico, e percebem a necessidade das cousas e o lugar adequado de cada uma d'ellas na série ininterrompida da historia; definir essa necessidade como sómente historica, conceber a sua relação com o tempo, classificar-a chronologicamente, eis o que manda a verdadeira comprehensão das leis da Natureza que são as do Espirito, e o mais fundo alicerce do Ideal. Deixa e aos que não pôdem ou não sabem amal-o, a adoração estúpida de uma fatalidade inconsciente, a concepção do mal como necessidade logica, e da Humanidade e da Historia como rolos de areia que o mar revolto lança, conforme o vento impelle as ondas, á tóa, para qualquer dos pontos do quadrante...

Não ha no mundo escolhidos, nem réprobos, ha homens; actores a quem a sorte distribuiu os differentes papeis da tragedia. Que fação uns de tyrannos, e outros de victimas, uns de demonios e outros de anjos, merecem acaso por isso pena ou prémio?

Elles são todos conforme os fizeram as cousas: são méros productos, não são causas.

Que o véo das miserias humanas nos chame a tristeza ao pensamento, nada mais natural para quem espere n'um futuro de maior juízo; mas que vamos nós lançar gritos e gestos na grande caldeira onde fervem os gestos e os gritos de todos os que nem sabem para que tem mãos ou bôca!... Para bem vêr as cousas é mistér conservar-se fóra d'ellas: para poder saber-se alguma cousa da sociedade, é mistér viver no isolamento.

No dia em que os homens puderem vêr o seu semelhante com olhos de critico, esquecendo-se de que são homens, objectivamente, como diz a philosophia allemã, n'esse dia morreram todas as antigas dissensões, apagaram-se todos os velhos odios, comprehendeu-se a fatalidade natural das cousas, que é a concordia, o espirito de harmonia e de amor infaveis.

O predomínio sempre crescente do material scientifico e do espirito critico, *objectivo*, eis a solida garantía unica do progresso.

Não ha no mundo escolhidos, nem réprobos: tem uns os papeis de tyrannos e outros os de victimas, e para quem pôde encarar as cousas com criterio, tanto valem, sob este ponto de vista, os que prégam aos tirannos que tyrannisem, como aquelles que prégam ás victimas que se rebellem. Sob um ponto de vista moral, pôde e deve, comtudo, o espirito investigar qual das duas doutrinas contém em si maior somma de elementos immoraes e retrogrados, qual deve mais á comprehensão racional do progresso e aos impetos de uma consciencia que espontaneamente sente o bom e o bello...

Para o poeta das *Odes*, que vê no passado um cadaver, não ha com effeito propriamente vivos odios contra o morto. Ha porém justiça? Também não; ha apenas dó e prantos:

Tambem sei, tambem sei o que são lagrimas!  
E sei quanto se deve  
Ás cinzas dos Avós, quando as lançamos  
Aos ventos do oceano!

*Flebunt euntes*, são elles os que vão chorando as perdidas cousas; não as chorem porém, os que esperam e crêem no futuro, mas não lancem tampouco aos ventos do oceano as cinzas dos avós, porque d'ellas nascemos, e renegal-as seria destruir a religião da familia humana, transmittida de geração em geração; seria romper a cadeia indissolúvel que liga, n'um laço que se não desata, o passado, o presente e o futuro.

Ora é este sentimento do processo deductivo, que é o da natureza, *non facit saltum*, sentimento congenito e essencial ás novas conquistas das sciencias moraes, que de certo falta nos livros de que nos occupamos. Não fallaremos já das *Odes modernas*, que são, nos seus defeitos, o fructo de uma era já historica para a implantação do germanismo entre nós e d'um momento do verde enthusiasmo, que está entre as primeiras



impressões da mocidade e as concepções lucidas da idade madura. Tampouco fallaremos da *Alma-nova*, porque o espirito do seu author, manso, e mais dado á contemplação e ao sentimento do que aos ardores da colera ou do odio, não o leva a cometter esses erros, felizes culpas que são o privilegio das imaginações exuberantes como a do sr. Junqueiro.

Eu vi as tres irmãs,— a fome, a peste e a guerra,—  
Batendo em noute escura ás portas d'um bordel.  
Senti sob os meus pés estremeecer a terra  
E bramir na amplidão a voz de Ezequiel.

Essa voz dizia:

A Ideia é uma torrente...  
É torrente de luz, torrente de verdades,  
Que arraza, quando passa, imperios e cidades,  
Thronos, religiões, crenças e monumentos.

Este modo de conceber a Revolução, emana da maneira pela qual os poetas avaliam as sociedades historicas e contemporaneas. Se a sociedade é com effeito um montão de immundicies abjectas, a Revolução é necessariamente um cataclysmo, um terramoto. O ponto de vista, ainda subjectivo, que encaminhava os olhos do critico é o mesmo que agora encaminha a observação do philosopho. Mas se, em boa verdade positiva e scientifica, as sociedades são, á parte o criterio interior e moral, o que unicamente pôdem ser, que papel resta á violencia e á insurreição, senão o de ser mais uma consequencia fatal, que o observador classifica entre os diversos phenomenos que tinham de seguir-se das causas preexistentes? Esta simples observação condemnaria o espirito revolucionario, na accepção popular da palavra, se elle não estivesse já de ha muito condemnado pelas successivas analyses dos pensadores.

A Idéa não arrasa, define; não derroca, edifica; e, seguindo as palavras de Christo, diz tambem: Eu não venho destruir a lei, venho dar-vos a sua verdadeira expressão. Mas o que é a Idéa? quaes são os artigos da lei nova?

Antes de irmos procurar nos livros dos poetas as definições que tem de responder a estas perguntas, registremos um traço, digno d'isso. Os progressos materiaes, animados pela poderosa descoberta do vapor, foram um thema com que certo numero de poetas modernos, portuguezes e estrangeiros, imaginaram poder substituir a sentimentalidade romantica, reconhecidamente caduca. Cantaram-se, ainda se cantam, as machinas, como se esses poderosos engenhos tivessem em si alguma cousa mais do que uma fria e insensivel applicação das sciencias experimentaes. A poesia, applicada assim a uma materia prima, inferior á sua esphera, sem ganhar em expressão, perdia muito em verdade e em idealidade, porque se phantasiavam forças, luctas, e visões que os braços mechanicos e ina-



nimados dos engenhos nunca deram de si. Fugindo então por uma tangente para o terreno proprio da poesia, o poeta canta a libertação da intelligencia humana, a escravisação da força bruta; mas a poesia é ainda artificial e phantastica, porque o resultado positivo das machinas e da divisão do trabalho, não é,—ou por menos não tem sido até hoje—senão a escravisação do operario, e o atrophiamiento da sua intelligencia. Sem fallar já no pauperismo, as numerosas plebes operarias das cidades industriaes europêas demonstram no seu espirito estreitamente positivo, inacessivel ás questões religiosas, na sua verdadeira inferioridade perante as populações ruraes, embora mais ignorantes, a deleteria influencia social dos novos propulsores industriaes.

Na alta região da poesia, d'uma poesia que põe a cima de tudo a realidade moral humana e que tudo mede por esse typo superior, não pôde caber a apothecose das machinas, transfiguradas e como que divinizadas, quaes apparecem n'estes versos da *Alma nova*:

Ó machinas febris! eu sinto a cada passo,  
Nos silvos que soltaes. aquelle canto immenso,  
Que a nova geração nos labios traz suspenso  
Como a estancia viril d'uma epopeia d'aço!

Ora não ha cousa menos *febril* do que a impassivel, impecavel machina; dac-lhe febre e caprichos, animac-a, e será um monstro: uma caldeira quando estoura, uma locomotiva quando descarrila, um vapor quando se afunda. A machina é muda, ou antes os sons que solta tem tanta *falla* como o ranger d'um madeiro ou o estallar chato d'uma pedra caindo na calçada. Suppôr-lhe nos silvos o canto da nova geração, não será desconhecer as notas d'essa musica, mas é como se o fosse; nem a comparação seria admissivel, menos ainda a symbolisação. O grito da machina, é agudo, stridente, preciso, como as cousas da mechanica, inteiramente differentes das cousas vivas, humanas, e em especial da palavra moderna.

Isto vem a ponto para dizer que os melhoramentos materiaes são indifferentes em si á Idéa nova, e que não pôdem por isso dar-nos a definição d'ella. No livro do sr. Junqueiro, a Idéa nova chama-se Justiça:

...a grande musa austera  
Que habita junto a Deus na eterna primavera  
Dos astros e dos soes.

Mas que é a Justiça? Será acaso a divindade mysteriosa e cega do naturalismo antigo? Será o attributo com que o transcendentalismo christão dotou o seu Deus, attributo subordinado ao principio supremo da *graça* que é a essencia divina? Não; porque a Graça obedece ao arbitrio divino que não pôde submeter-se a regras, e a Justiça desconhece auctoridade que não seja ella mesma, que resida fóra d'ella. Em que consiste, pois, e como se caracteriza?

Esboçemos em poucas linhas aquillo que exigia volumes para ser dito cabalmente.

A Justiça, conforme a definiu Montesquieu, é a relação natural que existe entre duas cousas: essa relação é constante, seja qual fôr o ser a que se applique; Deus, os anjos, e os homens tem de obedecer-lhe sem distincção. Se Deus existe, continúa Montesquieu, necessariamente ha de ser justo, pois que se o não fosse, seria o mais perverso e o mais imperfeito de todos os seres.

A concepção da Justiça, como idéa que domina a propria idéa de Deus, é uma das muitas e enormes conquistas da Renascença. Subordinar Deus á norma das leis de relação encontradas no espirito humano; separar sequer Deus, isto é a vontade inintelligivel, a fatalidade cega dos orientaes, o *despota supremo* que governa os homens e as cousas segundo o capricho do seu temperamento, — separar-o da idéa do Direito, é lançar a primeira e mais solida pedra no alicerce do edificio do humanismo.

Antes de Montesquieu, já Grocio dissera, que, residindo, como reside, a origem do direito na natureza, é indifferente para o caso o haver ou não haver Deus. Indifferente, por que? porque as leis naturaes são immutaveis, constantes, eternas, e não pôdem ser alteradas por nenhuma especie de vontade.

Vico, dando como origem ao direito, não a revelação, mas a consciencia: *il mondo è fatto dagli uomini*; e definindo os deuses como creações subjectivas nas quaes o espirito humano foi vasando as concepções proprias, determinou o ultimo dos traços fundamentaes da definição de Justiça.

Tal foi o ponto de partida, tal o programma dentro do qual o seculo xix, passado o pesadello romantico, tem incessante e valorosamente trabalhado.

As sciencias naturaes provando todos os dias a inalterabilidade, o systema, a harmonia das leis do Universo physico, isto é a idéa de Justiça no mundo da materia, demonstram, affirmando, aquillo que as sciencias moraes demonstram a seu turno: a não realidade das intervenções legendarias dos seres divinos na historia. D'esta negação resulta a affirmacção correlativa no mundo do espirito: a inalterabilidade, o systema, a harmonia das leis do universo moral, isto é a Justiça, expressão da relação necessaria entre os individuos, como principio da sua existencia real.

Montesquieu, considerando a Justiça como uma idéa de relação, uma noção metaphysica, uma abstracção, não chegou, porém, a determinar a realidade positiva e psychologica d'onde procede o seu character organico. As observações de Proudhon a este respeito são um dos mais bellos lados do edificio dos seus pensamentos. A Justiça, diz elle, é tambem um facto da consciencia, uma faculdade organica e tão positiva como o amor, a ambição, a amisade, o gosto do bello, etc.: é o respeito da dignidade humana, considerada em si e em cada uma das suas manifestações; este respeito é innato em nós, de todos os nossos sentimentos é

o que mais se afasta da animalidade, de todos os nossos affectos é o mais vivo; referido a mim chama-se o meu direito, referido ao meu semelhante chama-se o meu dever. Se na consciencia humana não existisse esta faculdade, as sociedades seriam impossiveis, e impossivel a historia.

Conhecemos, pois, bastante, creio eu, os caracteres da Justiça; determinámos-lhe as feições, permitta-se-me a expressão, staticas e dynamicas. Vimos que, em si, é uma faculdade do espirito, e que fóra de si se manifesta como relação necessaria entre os individuos, expressão, portanto, da cohesão social, lei constitucional do universo moral, como a atracção o é para o universo physico. A Justiça é a attracção na consciencia, e a attracção é a Justiça na natureza.

Foi esta musa a que inspirou o poeta? Compreendeu elle, ou antes e melhor, sentiu elle acaso toda a vastidão amplissima d'esta idéa? Ou a Justiça que lhe appareceu, n'essas horas em que as idéas artisticas lhe ferviam na mente, é porventura ainda o velho symbolo mysterioso, que a intuição de vate lhe fazia entrevêr como já desvendado e definido pela critica do seculo xix?

A justiça habita junto a Deus. Mas que Deus é este? É o Deus immanente, aquelle que habita em nós, e com quem diariamente commun-gamos pensando, trabalhando, vivendo, amando? É o Deus-consciencia, ou o *despota sagrado* das creações mythicas?

É evidentemente o primeiro, não o segundo; mas se o poeta viu, o artista peccou ao determinar o lugar onde. A eterna primavera dos astros e dos sóes é o espaço ethereo onde a mythologia localisava Deus; a philosophia trouxe-nol-o para o seio de uma eterna primavera, bem mais florida e épica: para a consciencia dos homens. Deus é essa primavera, a consciencia é Deus.

Este desvio na concepção real da Justiça, ou se quizerem, na sua representação figurada, conduz o poeta a mais consideraveis incorrecções. Começou por esculpir uma figura á antiga, e a corrente natural leva-o a manter o typo que adoptou, typo que não corresponde á idéa que mais ou menos definidamente andava na sua imaginação.

Assim, a Justiça que habita, como nos antigos tempos, junto a Deus, no empyreo, apresenta-se-nos como uma cousa tão supra e extra-humana, qual o proprio Deus de quem é emanção

Se a luz do meu olhar dardeja pelo espaço,  
 Envolvem-se a tremer nas armaduras de aço  
 Os despotas antigos...  
 E hei de despedaçar as ferreas gargalheiras  
 E todas as prisões e todas as barreiras  
 Forjadas pelo mal,  
 Até que toda a alma e todo o peito humano  
 Seja um ninho de luz, e seja um Vaticano  
 D'amor universal.

A musa que assim falla é um Juiz, não é a Justiça. Ardendo no santo amor do Ideal, o novissimo Juiz não deixa por isso de ser uma crea-



ção artificial, phantastica, que vem substituir-se ás antigas phantasias. A extrema belleza da poesia não basta para encobrir o caminho errado que a imaginação do poeta segue; pelo contrario, a perfeição artistica, por accentuar os traços do desenho, torna-nos ainda mais evidente a imperfeição da idéa. A Justiça não é *alguem* que está fóra e sobre nós para nos julgar, somos nós mesmos que a nós mesmos nos julgamos. Fazer da Justiça uma abstracção, ou uma creação transcendente, é ir vasal-a nos velhos moldes da mythologia, tirando-lhe o que faz a sua grandeza, isto é a realidade psicologica e social.

É essa realidade que fere o espirito do author das *Odes* e lhe dá a impressão d'onde saiu este bello soneto:

Nas florestas sollemnes ha o culto  
Da eterna, intima força primitiva:  
Na serra, o grito audaz da alma captiva,  
Do coração em seu combate inulto:

No espaço constellado passa o vulto  
Do innominado alguém, que os sóes aviva.  
No mar ouve-se a voz grave e afflictiva  
D'um deus que lucha, poderoso e inulto.

Mas nas negras cidades, onde sôlta  
Se ergue de sangue suadida a revolta,  
Como incendio que um vento bravo atica,

Ha mais alta missão, mais alta gloria:  
O combater, á grande luz da historia,  
Os combates eternos da justiça!

A Justiça, sentimento positivo do entendimento e expressão das relações intra e extra-humanas, é assim a definição synthetica da fatalidade antiga e da graça christã. Saindo de ambas e obtendo de cada uma os dois traços fundamentaes que a constituem metaphisicamente, da fatalidade a idéa de necessidade, e da graça, a idéa de santidade, a Justiça exprime a harmonia, a belleza da Ordem universal. Assim embora se deduza das idéas religiosas anteriores, oppõe-se-lhes, no sentido de que o seu mysticismo é activo, e não absorvente como no christianismo e no buddhismo.

As observações que fizemos, ao caracterisar o pessimismo dos poetas da escola nova, recchem agora d'estas a sua definitiva explicação. Mas o que tambem dissemos de modo menos critico, mais subjectivo, pelo qual os poetas encaravam a sociedade, egualmente se applica a este momento: na revolução religiosa vêem principalmente o antagonismo, que é mais apparente, do que a dedução logica, mais essencial.

Quando avisto, diz a *Alma Nova*,

... o espaço que negreja  
E o mar que se encapella, eu temo que amanha  
Do fendido baixel da tua velha Igreja  
Apenas reste, á prôa, uma ficção pagan!

Tem fundamento o temor do poeta; ficções pagãs, symbolos materializados, eis o que fica por muito tempo sobre a terra, quando o verbo foge das instituições caducas. São como o tronco de arvore que uma vez caiu em certas aguas: ficam petrificadas.

O que além era temor apenas, é nas *Odes* uma certeza, uma realidade que o poeta vê:

Ó crença antiga! ó velho firmamento!  
Como as almas vacillam e baqueiam!  
E as lucidas pleiades volteiam,  
Como a poeira que levanta o vento!

Mas o ardor missionario do poeta não se satisfaz com isso, nem a sua phisionomia ficaria bem accentuada com um traço que apenas revela a lucidez da vista. Appareço logo o demolidor a exclamar:

É preciso abalar-lhe os tectos e as columnas  
Porque se possa erguer a fronte até aos ceos...  
É preciso partir a Igreja em mil pedaços  
Porque se possa ver em cheio a luz de Deus!

Examinemos pois que Deus é esse, o que não cabe já dentro dos tectos e das paredes do sanctuario christão.

Nos tres livros que temos estudado encontramos a este respeito uma série de confissões, que, na sua successão, representam os differentes momentos porque tem passado a idéa de Deus, desde que a philosophia allemã recommçou a exegese no ponto em que a escolastica primeiro e depois o cartesianismo a tinham deixado. O pantheismo de Schelling, descendente em linha recta de Spinoza, o idealismo de Hegel, tal como o interpretaram os seus discipulos Feuerbach ou Stirner, o naturalismo de Strauss ou de Hæckel, e afinal o panmonotheismo, ou o monismo espiritualista de Hartmann, que mais se aproxima das idéas dos pensadores francezes, Proudhon, Vacherot, Michelet, e Renan, encontram-se todos representados n'estas significativas paginas, reveladoras do grão de iniciação da moderna poesia portugueza, no movimento moral europêu.

Ja observámos, porém, que o germanismo dos poetas da escola nova não era puro, antes recebido por via de França, e depois da preparação soffrida pelo contacto com o genio francez. Ora ha um ponto em que a Allemanha differe organicamente do character moral dos povos celtolatinos, e ha por isso um lado das idéas germanicas que felizmente só tem sido assimilado entre nós depois de passar pela França. O espiritualismo tradicional da philosophia franceza, apesar da sua inconsistencia

transcendente, possui uma qualidade viva e resistente que tem sido e é a honra e gloria da Europa latina na historia: a forte e inabalavel idéa da moral ideal e da liberdade humana. Essa idéa, primeiro alliada a toda a somma de equívocos, já hoje dissolvidos pela critica, é o ponto de partida para a concepção da Justiça, verdadeira criação do genio latino que tem por sacerdotes na sociedade franceza Montesquieu, Bodin, Turgot, Voltaire, Proudhon, Quinet, Michelet, Vacherot, Havet.

Essa qualidade viva e forte não a possui a Allemanha, cuja philosophia tradicionalmente oscilla entre o mysticismo buddhico de um Schopenhauer, o pantheismo absorvente de um Shelling, o idealismo de um Hegel, o naturalismo fatalista de Strauss de Büchner e de Hæckel; entre o systema de philosophias objectivas de um lado, e o scepticismo do outro.

A grandeza, a profundidade do ponto de vista objectivo, que falta á philosophia franceza mais psicologica, traz porém consigo uma ausencia, senão uma negação do sentimento da moral ideal e da liberdade humana.

Ora se nos é licito como critico emittir uma opinião, a nosso ver o passo decisivo das idéas do seculo XIX consiste na fusão do espirito francez com o germanico, effectuada nas pessoas de Proudhon, de Quinet, de Vacherot, isto é na fusão da Justiça com a philosophia objectiva que, sem absorver a liberdade a define, a classifica, e a levanta assim, rainha, sobre o throno da natureza universal.

Tal é pois o criterio que vae guiar-nos. O sr. Junqueiro diz-nos que

Existe um iman — Deus — occulto no infinito.

Se investigamos a natureza d'esse Deus deparamos com estes versos:

*No leito sensual do azul indefinido  
Ha muito que exhalou seu ultimo gemido  
O Deus omnipotente — essa ideal chimera.*

E para aquelles, a cuja perspicacia não basta a indicação do lugar onde se deu esse obito, transcrevo estas decisivas strophes:

*Estudae, contemplae os intimos segredos  
Dos astros immortaes, das crystalinas fontes;  
E ouvi a grande voz dos tristes arvoredos  
Prêgando ás solidões do pulpito dos montes.*

*Nas arvores, no mar, na rocha, em tudo habita  
Uma essencia de amor, um Dens que sonha e dorme...  
E é nos antros da terra, onde esse amor palpita,  
Como um fóco de luz n'uma cabeça enorme.*



Para o author da *Alma nova* Deus sorri em toda a natureza,

Nas florestas, no val, nas serras, na deveza,  
Nas moitas dos rozaes, no movediço mar!

Esta idéa de Deus, a primitiva que d'elle formaram as raças aryanas é a que espontaneamente occorre a todos os que apenas acabam de sentir desmanchar-se o Deus phantastico do espiritualismo. É porventura compativel com a de Justiça, esta noção confusa, esta idéa puramente naturalista da divindade? Não decerto. O pantheismo de Spinoza e de Strauss é a negação da liberdade da consciencia, não pôde pois ser a theologia que tem por moral a Justiça.

As *Odes modernas*, logo desde a primeira edição tão muito mais além d'este modo incoherente e contradictorio de conceber a idéa de Deus. É da primeira edição a poesia, *Pantheismo*, que abre o volume da segunda: a força, o impulso universal,

Quer durma na fatal obscuridade  
Da massa inerte, quer na mente humana  
Serenos ascenda á luz da liberdade...

É sempre a eterna vida, que dimana  
Do centro universal, do foco intenso.  
.....

... Se eu nas mãos tomo um punhado  
Da poeira do chão, da triste areia,  
E interrogo os arcanos do seu fado,

O pó cresce ante mim... engrossa... alteia...  
E, com pasmo, nas mãos vejo que tenho  
Um espirito! o pó tornou-se idéa!

Este momento da educação methaphisica do poeta é o ponto de partida para o estado definitivo que vamos observar. Aqui, o idealismo transfigura a natureza.

Tudo é vivo. Mas, será ainda compativel com a Justiça este modo de encarar o universo? Não. O idealismo, da mesma forma que o naturalismo, não pôde, na sua unidade absoluta, explicar, nem portanto conciliar-se com a liberdade. Se é um momento superior da evolução methaphisica, o idealismo absoluto não chega ainda, não direi a resolver, porque é porventura esse o mysterio eterno vedado á razão humana, mas ainda a admittir, a opposição real da unidade e da multiplicidade, da natureza e do individuo, da fatalidade e da liberdade.

As poesias posteriores á primeira edição mostram-nos, porém, que o labor metaphisico adiantou; pouco a pouco se foi definindo o que antes

era apenas sentido, e a realidade das cousas e a meditação que provém da observação d'ellas, levou o poeta a mais fundas e reaes percepções:

...a ideia é n'um mundo inalteravel.  
N'um crystallino céu, que vive estavel...

Eis ahi a these, isto é a unidade; mas

A idéa incarna em peitos que palpitam:  
O seu pulsar são chammas que crepitam,  
Paixões ardentes como vivos sóes.

O homem vive, pois, existe, tem uma acção e portanto uma liberdade; uma liberdade e portanto a Justiça é um facto, a moral uma realidade.

D'aqui provém o mysticismo activo. Abrasado no mais puro amor, immersido na mais funda contemplação, não se anniquila como no mysticismo transcendente, não é pessimista, é optimista. *A idéa encarna em peitos que palpitam*; esmoreça o palpitir do peito, enfraqueça a acção positiva, real, humana, e o mysterio da encarnação divina deixará de dar-se, e o homem cairá na abjecção material. Profunda e luminosa conclusão da philosophia contemporanea! A acção e a contemplação, a realidade e a religiosidade, o espirito e a carne, poderam afinal comprehender-se e fundir-se n'uma unidade positiva.

Uma bella collecção de sonetos (*A Idéa 1864-71*) revela-nos a correspondente evolução religiosa que, a par da evolução metaphisica, se deu no espirito do poeta.

Pois que os deuses antigos e os antigos  
Divinos sonhos por esse ar se somem...

Tal o ponto de partida; sumiram-se na sombra os deuses racionais mecanicos e as creações phantasticas da imaginação;

Força é pois ir buscar outro caminho!

O homem, só, entregue a si mesmo, vacillará? Acaso. Fechou-se-lhe o céu, perdeu as antigas illusões; pois que assim é,

Ergue-te, então, na magestade estoica  
De uma vontade solitaria e altiva,  
N'um esforço supremo de alma heroica!

Faze um templo dos muros da cadeia,  
Prendendo a immensidade eterna e viva  
No circulo de luz da tua ideia.

Mas quem é a Idéa? Não será acaso temerario, até louco, pretender dominar a *immensidade* eterna e viva com um heroismo por maior que

seja? Conforme; e o poeta, definindo a Idéa como a *esposa-promettida*, parece lançar o lugar das bodas para além do mundo real.

Lá, no seio da eterna claridade,  
Aonde Deus á humana voz responde,  
E que te havemos abraçar, Verdade!

Não parece que pisamos um terreno fugidizo? que navegamos em pleno mar de phantasia transcendente? Lá? mas onde é lá? Na *outra-vida*, diz a religião; na outra-vida que é a verdadeira; desprezemos esta, e a acção; afundemo-nos na contemplação da divindade e esqueçamos o mundo, penitenciamo-nos, suicidemo-nos, lembrando-nos do temivel juiz que nos espera, omnipotente, a nós escravos e frageis instrumentos da sua vontade, n'esse dia terrivel

*Dies iræ, dies ille*  
*Solvet sec'lum in favilla.*

Não; limpemos de diante dos olhos estas visões sombriamente lugubres; a noite escura passou, volta

O claro sol, amigo dos heroes!

e com elle a acção e a devoção, o enthusiasmo e a fê:

O espaço é mudo,— a immensidade austera  
De balde noute e dia se incendia...  
Em nenhum astro em nenhum sol se alteia  
A rosa ideal da eterna primavera!

O Paraizo e o templo da Verdade,  
Ó mundos, astros, sóes, constellações!  
Nsnhum de vós o tem na immensidade ..

A Ideia, o summo Bem, o Verbo, a Essencia,  
Só se revela aos homens e ás nações  
No eco incorruptivel da Consciencia!

Uma renovação no systema das instituições civis e politicas, proveniente de uma alteração do systema das idéas moraes religiosas, eis ahi a definitiva e total significação da poesia da escola nova. O movimento que ella accusa é a nacionalisação, entre nós, do movimento que profundamente agita todas as nações da Europa contemporanea. Não podemos pois negar á escola nova nem o valor da empreza, nem o arrojo do commettimento: as questões que ella agita são d'aquellas que dominam tudo, e que se não pôdem illudir, nem afastar. É mister encaral-as com animo frio e coração bem-disposto. Se o afastamento geographico e intellectual a que nos achamos dos povos que tem na amphyctionia europêa o papel



que teve na hellenica a cidade de Pallas, se o sermos na Europa uma especie da Beocia antiga, nos isempta por enquanto de sentirmos vivamente a imminecia da crise, pouco ouve quem lhe não sente ainda os primeiros eccos, pouco vê quem não distingue ainda nos horisontes os vulcões de nuvens prenhes que se avizinham.

Se a gravidade dos pensamentos que a occupa dá importancia á escola, não lh'a tira de certo o merecimento propriamente litterario dos livros que tem produzido; nem o tom peculiarmente nosso com que assimila as idéas europêas.

Esse tom, ao mesmo tempo que affirma a personalidade viva dos povos peninsulares, é no que tem de peculiarmente portuguez uma consoladora esperanza para o futuro. Dolorosas feridas trazem consigo todas as luctas, arriscados perigos cercam todas as crises.

Parece ainda impossivel discutir,— quanto mais resolver! — os problemas que levanta a alteração de um ponto de vista juridico, sem que assistamos logo ao desencadear fero das paixões, e frequentemente da guerra. Salvar-nos-ha no futuro, quando o momento chegar, o nosso espirito mais frio, o nosso temperamento mais phlegmatico das horriveis tragedias com que a França e a Hespanha parece irem repetindo a vida das republicas italianas? Apesar dos reptos aggressivos, que afinal são mais litterarios do que sentidos, parece-me ver nos poetas da escola nova indicios bastantes para uma consoladora esperanza.

Fallei das feridas, vou fallar dos perigos.

Mãe-patria das idéas que no terreno da philosophia concluíram o periodo religioso transcendente, a Allemanha está acaso nas vespervas de uma renovação religiosa e acaso sangrenta como foi a Reforma. O fundo mystico do genio allemão, não possue como o nosso, celto-latino, a independencia arrogante e altiva que faz do homem um individuo completo e que em si proprio circumscreve o mundo. Carece d'um apoio exterior e transcendente, qual só a religião é capaz de dar: são os seus melhores homens quem o dizem, um Strauss, um Hartmann, quando pretendem reconstruir uma religião sobre o alicerce da philosophia. Esse equivoco, ingenito ao que parece ao genio germanico, não é o nosso perigo. A solida base de moral psicologica basta-nos para a vida pratica, e para a vida especulativa não é mister, nem entre nós, nem entre allemães, de outra cousa além da intuição sentimental, da percepção metaphisica e do raciocinio. O perigo que pôde ameaçar-nos é a reacção, apoiada no poder brutal do numero e da força: a escassez de instrucção, combinada com os instinctos idealistas dos povos celto-latinos, pôdem proporcionar aos inimigos do Progresso as armas que sempre vencem na dura lucta da existencia.

Mas este perigo é extranho, e contra elle todos se congregam. Diz o povo que antes poucos e bons do que muitos e máus; é n'esses casos em que nem sempre o numero é a força. Ai, de quem não poder ou não souber usar d'ella nos dias da lucta!

OLIVEIRA MARTINS.

---

# COLON EN VALCUEVO

---

## CAPITULO VI

**SUMARIO.**— Pruebas y testimonios de lo que fueron las conferencias de Salamanca. Sus consecuencias. Error en que incurrieron sobre este punto el italiano Bossi, el baron de Humboldt, Irwing, Prescott y más recientemente Roselly de Lorgues.

Si nuestros lectores se han fijado en las narraciones que á la letra hemos copiado de Hernando Colon, de Las Casas, del Dr. Rodrigo Maldonado y del físico de Palos Garcia Hernandez, fuentes en que bebieron los más caracterizados y serios historiadores del suceso, habrán advertido que todos ellos le encongen y condensan en los siguientes hechos:— Vino Cristobal Colon á España: le prestó auxilios el guardian de la Rábida Fr. Juan Perez: se presentó á los reyes católicos y estos cometieron el exámen del proyecto á Fr. Hernando de Oropesa: la junta de sabios letrados y marineros, por aquel convocada al efecto, informó á los reyes, que la empresa era imposible y el proyecto vano y sin fundamento: Colon insistió sin embargo: insistieron con la reina Luis de Santangel y el mismo Fr. Juan Perez: firmáronse las capitulaciones en Santa Fé; y Colon salió de Palos con tres carabelas, y con rumbo al occidente, el 3 de Agosto de 1492.

¿Es que no conocieron aquellos escritores, testigos del suceso, la série de vicisitudes, de contrariedades, de esperanzas, de aplazamientos, de discusiones y de lucha, que forman la costosa tela de aquellos siete años que tan honda huella dejaron impresa en la memoria y en el alma de Cristobal Colon...? ¿Es, decimos, que no conocieron aquellas luchas, ó que no les dieron importancia, despues de la inmensa que para todos tuvo el éxito de la empresa? Ambas causas, si bien por distintos móviles

y con diversos fines, influyeron para dejar en la historia del suceso aquel vacío inmenso, sobre el cual se han levantado despues pintorescos edificios con ornamentaciones caprichosas, segun las exigencias del tiempo y de la moda.

El Dr. Rodrigo Maldonado no podia ignorar las peripecias de la lucha entre los partidarios de Colon y los adversarios de su empresa; pero formando él en las filas de estos últimos, al lado del poderoso y tenaz Fr. Hernando de Talavera, no hizo poco con decir cuando se le interrogó judicialmente sobre ello: «el Prior de Prado y yo nos engañamos: declaramos el proyecto de Colon imposible; pero contra nuestro parecer porfió «el Almirante (Colon): é sus altezas le mandaron librar cierta cantidad de «maravedises para ir el dicho viage é asentaron ciertas capitulaciones con «él: e ansi partió á descubrir las dichas islas: todo lo cual sabia, (añade «en su declaracion el noble castellano) como uno de los del Consejo de «sus Altezas.» El reo estaba convicto: es verdad; pero el juez más exigente y más severo no le pediria otra cosa, que aquella tan ingénua confesion.

Difícil, grandemente difícil debia parecer, en el verano de 1486, derrotar á Fr. Hernando de Talavera, entonces en el apogeo de su poder, y á quien, en su propósito, daban fuerza incontrastable, de una parte, las circunstancias que dejamos apuntadas, y de otra parte, el voto unánime *vel quasi* de los sabios, letrados y marineros por el reunidos en Córdoba para oír á Colon; entre los cuales se contaba á sí mismo el Dr. Rodrigo Maldonado, consejero de los reyes católicos, y sin duda el personaje más granado de aquella junta, despues del que la presidia é inspiraba. Aquella dificultad, sin embargo, se venció en Salamanca: se festejó en Valcuevo: y cinco años despues se coronó la victoria en Santa Fé. Bien se deja percibir, que la batalla fué empeñada, el combate rudo, y el triunfo costoso. Le obtuvo contra un Prior de frailes gerónimos otro Prior de frailes dominicos; contra un confesor y consejero de los Reyes católicos otro consejero y confesor; contra un prelado otro prelado; contra el insigne Fr. Hernando de Talavera, que habia de ser primer Arzobispo de Granada, el no menos distinguido Fr. Diego de Deza, que á sus altas dignidades habia de unir la de Arzobispo de Sevilla.

Cierto, que sin la magnanimidad de Isabel de Castilla aquella victoria no se hubiera obtenido. Cierto, que á ganarla contribuyeron eficazisimamente fuerzas, como las del cardenal Mendoza y del Duque de Medinaceli, hombres del temple de alma de Alonso de Quintanilla y Luis de Santangel, pechos entusiastas, como los de Juan Cabrero y Fr. Antonio de Marchena, espíritus abiertos, como los del Guardian de la Rábida y el Médico de Palos. Pero es necesario ser justos, diciéndolo todo: el gefe de pelea, en aquella larga campaña, fué el generoso y valiente dominico, Fr. Diego de Deza, eficazmente auxiliado por todo su convento de S. Esteban y por la Universidad de Salamanca. Allí reunió sus huestes el fervoroso Toresano: allí mostró á su héroe, llevándole siempre á su diestra, y cobijándole bajo la égida de su convento: con su palabra y



por su mano encendió el fuego de la idea en aquellos altares donde entonces se rindió culto de adoracion á las ciencias: y á los cuatro vientos desplegadas sus banderas, dió allí la batalla, en favor de los proyectos del navegante genovés; y allí la ganó.

Los boletines de aquella batalla, si se escribieron — cosa que nada induce á creer — no han llegado á nosotros. Lo que nos dicen Hernando Colon y Fr. Bartolomé de las Casas de los argumentos hechos á Cristobal Colon, se refiere visiblemente á los sabios, letrados y marineros de la junta reunida en Córdoba por el Prior de Prado. «Obedeció el Prior de Prado, dice D. Hernando; pero como *los que habia juntado eran ignorantes* no pudieron comprender nada de los discursos del Almirante.» ¿Podía decir eso de los Maestros y Doctores de Salamanca por aquel tiempo? Imposible. No menos expícito está Las Casas. «Cometiéronlo, dice, principalmente *al dicho Prior de Prado: y que él llamase las personas que le pareciesen más entender en aquella materia de cosmografía...* Ellos «juntos muchas veces, propuesta Cristobal Colon su empresa, dando razones y autoridades para que lo tuviesen por posible... unos arguian... etc.»

Los propios argumentos, de que hacen concorde enumeracion los dos citados escritores, prueban de una manera irrecusable, que es ridículo y absurdo suponer que se hicieran en las conferencias de Salamanca. En efecto, la autoridad de S. Agustin, para nadie podia serlo mayor que para los dominicos, para la escuela de S. Esteban de la Universidad de Salamanca, que era agustiniana, y para su Prior, Diego de Deza, glosador de Nicolás de Lira. S. Agustin negaba la existencia de los antipodas. Pero, hecho inconcuso; los dominicos de S. Esteban sostenian á Colon: y Fr. Diego de Deza se declaraba protector y decidido partidario de los designios, de las ideas cosmográficas y de la empresa del genovés. ¿Se quiere más patente lo absurdo de suponer hecho tal argumento á Colon en las conferencias de Salamanca verificadas en los claustros de S. Esteban, y presididas por Fr. Diego de Deza? Pues otro tanto podria decirse de los argumentos restantes que, aun dado el atraso de conocimientos geográficos en aquella época, hubieran sido argumentos insustanciales, y grandemente pueriles, para hechos en las conferencias de Salamanca, donde, no menos que á S. Augustin, se conocian á Ptolomeo y á Séneca, á Strabon y Aristóteles.

La enumeracion de tales argumentos hecha de consuno por D. Hernando Colon y por Las Casas, lo repetimos, es prueba, aunque indirecta, irrefragable, de que la junta del Prior de Prado y sus pláticas con Cristobal Colon fueron cosa enteramente distinta y contraria de las conferencias de Salamanca; donde era moralmente imposible que tales argumentos hubieran podido hacerse en serio. Ptolomeo y Marino de Tyro, Aristóteles y Séneca eran cabalmente las autoridades que más apoyo prestaban á los proyectos y á las opiniones de Colon. Las noticias que de los últimos confines del Asia por el oriente nos dá el primero de aquellos: su *Chersoneso de oro* y su *Thinæ*, el error mismo de prolongar 46° más

al oriente de lo que está la posición de la desembocadura del Ganjes <sup>1</sup> todo contribuía á corroborar la creencia, tan bien sentada en el ánimo de Colon, de que caminando la vuelta de occidente se daría á muy luego con las islas y la tierra del oro y de las perlas. ¿Cómo era posible, repetimos, que en Salamanca, donde se glosaba á Aristóteles, se leía y se decoraba á Séneca, donde á la luz de Ptolomeo, ya en 1232 auxiliaban á D. Alfonso el Sabio á formar sus Tablas los profesores Roldan y Martinez, cómo era posible, decimos, que allí, y en 1486, se objetase á Colon en serio, «que Ptolomeo no habia conocido tales islas y tierras; y que era por tanto imposible el que existieran?»

Los argumentos que enumera y reproduce D. Hernando, y que Las Casas copia al pié de la letra, por lo vulgares y nada científicos repugnan y chocan abiertamente con el teatro donde se han supuesto hechos. Son argumentos de brocha gorda: recogidos por el enojo de D. Hernando, en medio de las fruiciones del triunfo, para tomar venganza de los comensales del Prior de Prado: y fué sin duda en las antecámaras de este y de aquellos donde, en son de chistes ó de presuntuosos desdenes, pudo oírlos Cristóbal Colon, y solo pudo recogerlos su hijo Hernando entre la *turba multa* de aduladores y de necios, que en todos tiempos se visten de arlequines por seguir las corrientes de la moda.

Permitásenos aquí manifestar nuestra pesadumbre al haber visto que ni la perspicacia de Irwing, ni la vasta erudición de Humboldt les eximió de pagar tributo al error; siendo bien extraño que á la penetración y gran talento de entrambos escritores escapasen consideraciones tan sencillas, como las que antes hemos hecho; con las que uno y otro distinguidísimo escritor habrían evitado la ineptia de atribuir á Antonio de Nebrija, á Marín de Sicula, á Arias Barbosa, á Pablo Coronel, á Diego de Torres y Nuñez de la Huerta menos conocimiento de los clásicos griegos y latinos, que el que tenía,—bien escaso en verdad,—D. Hernando Colon; el cual no acertaba á distinguir el Séneca autor de las *Suasoriae*, del Séneca autor de la *Medea*: y se hacía un mérito de no conocer el pasaje que citaba por vía de argumento, ó de alterar su contexto, <sup>2</sup> ostentando saber, que Séneca hablaba allí *por vía de cuestión*.

<sup>1</sup> D'Anville lo ha dicho. El error de Ptolomeo ha sido causa del mayor de los descubrimientos.

<sup>2</sup> En el *Exámen crítico de la Historia de la geografía del Nuevo Continente*, A. Humboldt examina, con todo el rico caudal de conocimientos que atesoraba, los pasajes de los clásicos griegos y latinos citados y no citados por Colon, que servir pudieron de fundamento y de apoyo á los proyectos del navegante genovés; y es de notar que, al mismo tiempo que señala la equivocación de D. Hernando, al citar el pasaje de las *Suasoriae*, demuestra que ese mismo pasaje, bien entendido, lejos de ser argumento contra Colon, venia en apoyo de sus opiniones y de sus proyectos. En efecto, si alguna afirmación se encuentra en aquel es la de que, «*mas allá del Oceano se vuelven á ver otras costas y otro continente*—*alia littora, alium nasci orbem*:—*la naturaleza nunca es deficiente: donde parece que falta se la vé surgir de nuevo*:—*ubi desisse videatur, novam exurgere*. Pero Séneca (M. Annæus) concluye, depues de largas y fútiles digre-

Pero Humboldt é Irwing se engañaron, como se han engañado tantos otros historiógrafos nacionales y extranjeros. Es preciso ser justos: ni D. Hernando ni Las Casas se han referido á las conferencias de Salamanca, ni á sus catedráticos, cuando enumeran, en son de amarga crítica, los argumentos y objeciones que en la corte se hacian á los proyectos de Colon. D. Hernando, como Las Casas tenían en más alto concepto y debian mayor veneracion á la Universidad de Salamanca, para que pudieran calificar de *ignorantes* á sus Maestros y Doctores, siquiera no fuese más, que por ser uno de aquellos entonces el insigne y generoso Fr. Diego de Deza, «á quien, por confesion del Gran Almirante, eran deudores los Reyes Católicos del descubrimiento de las Indias.»

No, no: la Universidad de Salamanca no rechazó los proyectos de Cristobal Colon, no combatió sus opiniones, no procuró con argumentos, que tienen más de zurdos que de doctos, estorvar el descubrimiento de la América. Esa imputacion no es más justa ni está menos ligeramente fundada, que otras muchas hechas á España, merced á su modestia, á su generosidad, y tal vez al secreto con que la suspicacia ó la estrechez de miras de sus gobiernos han querido ocultar los altos hechos y las obras notables de sus hijos.

Despues del Puerto de Santa María y de la noble casa de Medina-celi, fué Salamanca y el generoso convento de San Esteban de aquella Universidad quienes en Europa trataron á Cristobal Colon como se merecia. Allí recibió franca hospitalidad: allí afable agasajo: allí consideracion: allí decidido apoyo. En Salamanca encontraron eco sus razones, confirmacion sus citas, asentimiento sus ideas, acogida inteligente sus proyectos, fervorosa adhesion su empresa. Fueron las conferencias de Salamanca las que lograron disipar por completo en la corte la recelosa oscura atmósfera creada por el Prior de Prado; y las que formaron aquella, á cuya influencia benévola se debió que Colon entrase al servicio de los reyes católicos, y que desde Mayo de 1487 comenzase en tal concepto á percibir emolumentos, mercedes, distinciones y auxilios de todos géneros. Desde aquel momento pudo decirse que su causa estaba ganada; por más que las circunstancias aplazasen la ejecucion.

siones, no «que en tres años no se llegaría al extremo del Oriente,» como supone D. Hernando, sino que «Alejandro no debe embarcarse sobre el Océano en busca de nuevos mundos y nuevas conquistas». Parecia lógico que Humboldt hubiera dicho aquí: los profesores de Salamanca sabian de Séneca más que D. Hernando, y no es posible que ellos fuesen los que hicieran á Cristobal Colon el argumento que formula su hijo, sobre el pasaje, por él no bien interpretado, de las *Suasoriae*. Pero léjos de eso, llevado Humboldt, como Irwing y como otros muchos, de la falsa idéa de ser una misma cosa las conferencias de Salamanca que la junta del Prior de Prado, califica á los profesores de aquella escuela, primero, de ignorantes, porque supone que fueron ellos los que confundieron á Séneca (L. Annæus) con Séneca (M. A.) y al final concluye diciendo: «De esa manera la Universidad de Salamanca procuraba *con doctos argumentos* impedir el descubrimiento de la América. Tratándose de Humboldt, á eso no se puede responder más, que — *aliquando bonus dormitat Homerus*.



Nada de esto que decimos es de nuestra invencion. Lo han dicho todos los cronistas y escritores de la órden de Predicadores que se ocuparon del asunto: lo han confirmado los historiadores de Salamanca: lo aseguran cronistas imparciales y escritores distinguidos: la tradicion lo ha consignado y lo mantiene con imperecedero recuerdo: convienen en ello el mismo D. Hernando y Bartolomé de las Casas: y lo confiesa el mismo Cristobal Colon. Pero hay más todavía y es: que de acuerdo con los cronistas y la tradicion están los hechos y los auténticos documentos de nuestros archivos públicos, sacados á la luz por el patriótico celo y diligencia de Muñoz y de Navarrete.

El dominico italiano Rosselli, (Fr. Salvador M.) buen conocedor de los Cronistas de su órden, hace suyas las noticias suministradas por estos relativamente al apoyo que encontrara Colon en el convento de S. Esteban de la Universidad de Salamanca: y despues de decir; «que cuando «aquel se veia objeto de burla en todas partes, y mientras que en todos «los paises era mirada con desden la empresa del descubrimiento, en «España encontraba sabios que, no solamente aprobasen su designio, «sino que trabajaron con ahinco para su realizacion...»<sup>1</sup> reproduce los «curiosos datos suministrados por Fr. Juan de Araya, en su Historia M. S. del convento de San Esteban de aquella Ciudad, y copia, entre otros preciosos documentos, el notabilísimo párrafo del *Memorial* ó *Súplica* que los PP. de aquel convento elevaron al Rey D. Felipe V, á luego de verse asentado en el trono; suceso al cual no poco contribuyó un hijo de aquella casa, Fr. Pedro Matilla, confesor de Carlos II y redactor del testamento por el que este legara su corona al nieto de Luis XIV. El *Memorial* aquel dice lo siguiente:

«Acudió (Colon) á los Reyes Católicos D. Fernando y D.<sup>a</sup> Isabel, «los cuales como prudentes no quisieron determinarse en un negocio tan «árduo sin consulta larga de hombres doctos y de quienes tuviesen la satisfaccion más plena: y así le remitieron á este Convento de S. Esteban, para que aquí examinasen sus designios y razones. Llegó Colon á «San Esteban año de 1484<sup>2</sup> y allí encontró quien le entendiese y atendiese sus razones. Detúvose largo tiempo aposentado en el Convento y «asistiéndole este con todo lo necesario para su persona y viages, teniéndose al mismo tiempo largas y frecuentes conferencias entre los Maestros «de Matemáticas que habia allí entonces; y convencido y aclarado que «Colon tenia razon en su propuesta, por medio de los Religiosos fueron «convencidos los hombres más celebrados que tenia España en aquel tiempo; «y así se tomó por obra el informar á los Reyes, ayudando á Colon los «Religiosos en todas sus operaciones. Fué con él á la Corte el Prelado «del Convento con otros Religiosos y Maestros y estos le introdujeron con «los Reyes, informando con él á sus altezas (MM. dice el papel) y certi-

<sup>1</sup> Summa filosofica — T. 4.º pág. 173, nota 8.º—Madrid, 1788.

<sup>2</sup> Más adelante nos ocupamos de ese error de fecha, que demostrado se halla con lo que hemos dicho en el capítulo anterior.

«*ficándoles de lo seguro é importante del asunto*. Pero quien más se singularizó fué el doctísimo Fr. Diego de Deza, entonces catedrático de «Prima de Salamanca y despues Maestro del Príncipe D. Juan, Inquisidor General, Arzobispo de Sevilla y electo de Toledo. *Este Maestro habló á los Reyes diversas veces, acompañando siempre á Colon*, hasta «que pasó al Nuevo Mundo, que fué el 3 de Agosto de 1491.»<sup>1</sup>

Aparte el visible error de fechas, el párrafo que acabamos de transcribir á la letra, compéndia, como se vé, todo lo sustancial de las famosas conferencias de Salamanca: noticias conservadas por la tradicion oral y escrita del convento de S. Esteban. Desde luego se advierte, que el origen, las causas y objeto intencional de aquellas, bien así como los medios y modo de prepararlas y la fecha exacta de su celebracion, pasaron poco menos que desapercibidos para el Convento y sus cronistas; pero el acto, el suceso, su sentido, su alcance y sus resultados lo determinan concienzuda y exactamente. Llegó Colon á S. Esteban y allí encontró quien le entendiese y atendiera sus razones. El convento le hospedó y asistió con todo lo necesario á su persona y á sus viages. Se tuvieron largas y frecuentes conferencias con los Maestros de matemáticas que allí habia entonces: y hallándose que el proyecto de Colon era razonable, por medio de los Religiosos fueron convencidos los hombres más celebrados que España tenia en aquel tiempo y estudio. Tomóse por obra informar á los Reyes y auxiliar á Cristobal Colon en todo: lo cual tomó á su cargo el Prelado del Convento, Fr. Diego de Deza, quien acompañado de otros Religiosos y Maestros certificó á D. Fernando y D.<sup>a</sup> Isabel *de lo seguro é importante del asunto*.

No menos explicita y circunstanciadamente refiere el suceso Fr. Antonio Remesal en su *Historia de Chiapa y Goatemala*. Lib. II, cap. VII. Oigámosle. «Fué Cristobal Colon á Salamanca á comunicar sus razones «con los Maestros de astrologia y cosmografia que leian estas facultades

<sup>1</sup> De este documento, que autorizado con la fé de un Notario público se dió á la imprenta, tuvo, vió y leyó un ejemplar el insigne catedrático de teologia de nuestra Universidad, Fr. Pascual Sanchez, segun él mismo nos dice, en su sucinta, pero muy rica en datos, Memoria sobre la Escuela de S. Esteban, como parte integrante de aquellos Estudios, la cual memoria se publicó en el *Album Salmantino*—Números 15 y siguientes—Mayo de 1854—Otro ejemplar del propio documento vió nuestro particular amigo D. Domingo Doncel y Ordaz, en poder del P. Fr. Alonso Martin, último Maestro de Novicios de aquel Convento, y le publicó tambien en la preciosa Memoria que aquel dió á luz en 1858, con el título de *La Universidad de Salamanca ante el Tribunal de la historia*.

Las fechas citadas en el documento no deben suponerse error de imprenta, sino de concepto; porque en el de la primera de aquellas (1484) incurre tambien el cronista de Salamanca, D. Bernardo Dorado: y porque los cronistas de las órdenes monásticas sabian y detallaban muy bien, por lo general, los sucesos de puertas adentro; mas de los ocurridos fuera de los monasterios se mostraban poco enterados y solamente se ocupaban por incidencia. Así se vé que el P. Araya, como el P. Rosselli sabian bien lo que era y lo que hacia en el convento Fr. Diego de Deza; pero de lo que era y de lo que hacia fuera — en la corte de los Reyes por eg.— se muestran escasamente instruidos.

«en la Universidad; en el Convento de S. Esteban se hacian las juntas «de los astrólogos y matemáticos: allí proponia Colon sus conclusiones y «las defendia: con el favor de los Religiosos *redujo á su opinion á los «mayores letrados de la Escuela*; pero entre todos quien tomó más á su «carga el acreditarle y favorecerle con los Reyes Católicos fué el P. M. «Fr. Diego de Deza. Todo el tiempo que Colon se detenia en Salamanca «el convento de S. Esteban le daba aposento y comida y le hacia el gasto «de su jornada, y en la corte el P. M. Deza: y por esto y por las diligencias que hizo con los Reyes *para que creyesen y ayudasen á Colon «en lo que pedia*, se atribuia á sí, como instrumento, el descubrimiento «de las Indias.»

Esto último lo acreditan, como ya hemos dicho, Fr. Bartolomé de las Casas y el propio D. Hernando; pero, á qué más testimonios, si lo declara el mismo Cristobal Colon en las cartas á su hijo Diego, y en la que copia Las Casas dirigida á los Reyes católicos?

Si más pruebas se quisieran para confirmacion de aquel relato en lo restante, encontrarlas podrian los aficionados á citas, en el Ilmo. Acuña, Informe titulado *Santo Domingo en el Perú*:—en Prado—*Theologia moral*, cuést. 9.<sup>a</sup>, cap. 15:—en la aprobacion por D. Juan A. Velez de Guevara de la obra titulada *El mejor Guzman*: en Fr. Antonio Gonzalez de Acuña,—*Cuenta* que dá al General Marini del estado de su Convento de Santo Domingo del Perú:—en Fr. Juan Melendez.—*Historia de la orden de Predicadores en la provincia peruana*—Lib. 1, cap. 1:—en Fontana—*Monumentos dominicanos*: en Leseburé—*Manual historial de Espondano*, Núm. 27:—y hasta en el *Bulario de la orden*,—tom. 6.<sup>o</sup>, página 295.

Pero no son los cronistas y escritores dominicanos únicamente los que dan fé y testimonio de lo que fueron las conferencias de Salamanca y de lo que á ellas deben Cristobal Colon y su empresa y el descubrimiento de la América, no: Fernando Pizarro en sus *Varones ilustres del Nuevo Mundo*—Vida de Colon, cap. III—nos dice, citando en su apoyo á Bartolomé de Argensola—*Anales de Aragon*—lo siguiente: «Determinó «(Colon) de ir á la Universidad de Salamanca, como á la madre de todas «las ciencias en esta Monarquía. Halló allí grande amparo en el insigne «Convento de S. Esteban de PP. dominicos, en que florecian en aquella «sazon todas las buenas letras: que no solamente habia Maestros y Catedráticos de Teología y Artes, pero aun de las demás facultades matemáticas y artes liberales. Comenzaron á oirle y á inquirir los grandes «fundamentos que tenia: y á pocos dias aprobaron su demostracion, «apoyándole con el P. Maestro Fr. Diego de Deza, Catedrático de Prima «de Teología y Maestro del Principe Don Juan.»

Hay más todavía. El concienzudo y verídico historiador de la Ciudad y obispado de Salamanca, D. Bernardo Dorado, recogiendo en la tradicion y en los monumentos mismos de la Ciudad los hechos más salientes y característicos del notable suceso, en el cap. 37, pag. 295<sup>1</sup> nos dice

<sup>1</sup> Edic. de Salamanca, 1776.



«lo que sigue: «El Illmo. Sor. D. Fr. Diego de Deza, que fué obispo de esta ciudad y Arzobispo de Sevilla, recibió el santo hábito en la ciudad de Toro, su patria: vino á estudiar á esta escuela en donde fué su Catedrático de Prima de Teología: y siéndolo por los años de 1484 (este error es el mismo de los Dominicos) se aposentó en este Convento Cristobal Colon: trató y comunicó la materia y asunto á que venia á España con dicho Rvmo.; y oído con especial gusto, para mejor certificarse de los fundamentos de tan gran proyecto, dió parte á los Matemáticos de esta célebre Universidad. Hízoles juntar: y retirados á la casa de estos Padres, que tienen dos leguas de esta Ciudad, llamada Valcuevo, para que abstraídos del bullicio pudiesen con mayor comodidad penetrar negocio tan importante, en donde unos y otros, hechas varias observaciones y pasadas muchas conferencias en el asunto, vinieron unánimes y conformes á adoptar por conseguible el proyecto, como fundado en reglas legítimas de matemáticas: en cuya consecuencia el Rmo. Deza, como confesor que era de los Reyes Católicos D. Fernando y D.<sup>a</sup> Isabel, quedó en informarles del suceso y de la utilidad que resultaría á estos Reinos y que todo cedería en honra y gloria de Dios.»

Aparte el número y la autoridad de testimonios tan explícitos y tan conformes en los caracteres esenciales del suceso y en su inmediato resultado; aparte la calidad especial de los testigos, la ingénua sencillez de las narraciones, y la vária indole y condicion de los escritores que de aquel deponen, por modo tan concorde, aunque en formas distintas, ha de tenerse en cuenta que del lado de estos escritores y de su relato está, como hemos visto, la razon: la razon juzgando *á priori* del suceso; deduciendo lógicamente lo que este debió ser, del conocimiento de las personas, época, parage, con quienes y en donde se verificó, de las causas que á él dieron origen, y del objeto que al provocarle se proponian los altos personajes que le iniciaron, y más abincadamente, el que le dirigió y llevó á feliz término. Pero sobre todo y de una manera que no deja lugar á la duda están los inmediatos resultados de las conferencias.

El lunes 29 de Enero de 1487 salieron de Salamanca los Reyes con direccion á Córdoba, donde debian reunir sus huestes para emprender el sitio de Velez Málaga. Fueron, sin duda alguna, aquellos dias los que Cristobal Colon pasó en la granja de Valcuevo con el Prior de S. Esteban, sus colaboradores y amigos, permitiéndose aquel grato solaz de su gloriosa campaña, y tal vez preparando el informe que la comision de estos habia de ofrecer á los Reyes: á quienes esa comision, presidida por Deza y sin separarse del futuro Gran Almirante, debió seguir muy de cerca. ¡Y bien! los términos de ese informe se dejan ver por los resultados: y estos consignados se encuentran en los libramientos que á favor de Cristobal Colon y por cosas complideras al servicio de sus Altezas se expidieron, desde el 5 de Mayo de aquel año, á cargo del Tesoro. Es notable tanto como curioso el documento en que ese hecho se consigna; y se nos agradecerá que lo trascribamos aquí. Es el 11 de la Coleccion de Navarrete.—Tom. II, pág. 8 y siguientes y dice así:—

«Don Tomás Gonzalez, del Consejo de S. M. etc. comisionado especial... para el reconocimiento, arreglo y despacho del Real Archivo de Simancas, etc. Certifico; que en un libro de cuentas de Francisco Gonzalez de Sevilla, Tesorero de los Reyes Católicos, entre otras partidas de la Data correspondiente á los años de 1485 á 1489, hay las siguientes:

«En dicho dia 5 de Mayo de 1487 di á Cristobal Colomo, extranjero, que está aquí haciendo algunas cosas complideras al servicio de sus Altezas, *tres mil maravedis*, por cédula de Alonso de Quintanilla con mandamiento del Obispo de Palencia.»

«Nota. Cuando se mandaba dar dinero á alguna persona que entendia ó cuidaba de algun negocio reservado, ó que no se habia hecho, ni convenia todavia hacerse público, se decia siempre: *para ciertas cosas complideras al servicio de sus Altezas.*»

«En 27 de dicho mes (Agosto de 1487) di á Cristobal Colomo *cuatro mil maravedis* para ir al Real, por mandado de sus Altezas y por cédula del Obispo. Son *siete mil maravedis* con *tres mil* que se le mandaron para ayuda de costa por otra partida de 3 de Julio.»

«En dicho dia (15 de octubre de 1487) di á Cristobal Colomo *cuatro mil maravedis* que sus Altezas le mandaron dar para ayuda de costa.»

«En 16 de Junio de 1488 di á Cristobal Colomo *tres mil maravedis* por cédula de sus Altezas.»

«En otro libro de Cuentas de Luis de Santangel y Francisco Pinelo, tesorero de la Hermandad desde el año 1491 hasta el de 1493, en el finiquito de ellas se lee la partida siguiente:

«Vos fueron recibidos é pagados en cuenta *un cuento é ciento é cuarenta mil maravedis* que distes por nuestro mandado al Obispo de Avila, que agora es Arzobispo de Granada, para el despacho del Almirante D. Cristobal Colon.»

«En otro libro de cuentas de Garcia Martinez y Pedro de Montemayor de las Composiciones de Bulas del Obispado de Palencia del año de 1484 en adelante, hay la partida siguiente:

«Dió y pagó más el dicho Alonso de las Cabezas (tesorero de la Cruzada en el obispado de Badajoz) por otro libramiento del dicho Arzobispo de Granada, fecha 5 de Mayo de 92 años, á Luis de Santangel, Escribano de Racion del Rey nuestro Señor, é por él á Alonso de Angulo por virtud de un poder que del dicho Escribano de Racion mostró, en el cual estaba inserto dicho libramiento, *doscientos mil maravedis*, en cuenta de *cuatrocientos mil* que en él, en Vasco de Quiroga, le libró el dicho Arzobispo por el dicho libramiento de *dos cuentos seiscientos cuarenta mil maravedis* que hobo de haber en esta manera: *un cuento y quinientos mil maravedis* para pagar á D. Isag Abraham por otro tanto que prestó á sus Altezas para los gastos de la guerra, é el *un cuento ciento é cuarenta maravedis* restantes para pagar al dicho Escribano de Racion en cuenta de otro tanto que prestó para la paga de las carabelas que sus Altezas mandaron ir de armada á las Indias é para pagar á Cristobal Colon que vá en la dicha armada.»



El triunfo obtenido por el cosmógrafo y navegante genovés en las conferencias de Salamanca no puede ser más visible: fué decisivo. Fr. Hernando de Talavera estaba definitivamente derrotado. Ni aun á los ojos del frío y cauteloso rey D. Fernando era ya Cristobal Colon el visionario, el arbitrista, el huésped incómodo del Prior de Prado: era un entendido cosmógrafo y un navegante audaz, un sabio utilizable: para la reina Isabel un hombre de génio. Colon entró al servicio de los Reyes Católicos á primeros de Mayo de 1487: es decir, inmediatamente despues de las conferencias de Salamanca; á seguida que la Comision de matemáticos de aquella Universidad, á cuyo frente iba el insigne Deza, presentaron á los Reyes el informe y recomendacion de los proyectos de aquel extrangero, como resultado de las conferencias con él tenidas por los Maestros, teólogos y matemáticos de Salamanca.

Apesar del error sobre tal asunto consagrado por la autoridad de escritores tan distinguidos como Humboldt, como Irwing, como Prescott, como el mismo Roselly de Lorgues, que exagera hasta el ridículo la insensatez de los argumentos á su decir hechos por los Doctores de Salamanca: apesar de los cuentos propalados, con tanto gracejo como osadía, por el italiano Bossi,<sup>1</sup> quien no contento con ridiculizar á los Teólogos y Maestros de Salamanca, injuria á España con acusaciones de liviana garruleria: apesar de todo eso, decimos, el triunfo obtenido por Colon en las conferencias de Salamanca está grabado en la memoria de

<sup>1</sup> La peregrina invencion del Sr. Bossi, dice Navarrete, en buscar los testimonios de la Historia en las estampas de un grabador que vivió un siglo despues de los sucesos que quiso representar, le precipita en errores, ó le hace adoptar fábulas que desecha la buena critica. Guiado por una estampa de Teodoro Bry, refiere que, entre las fiestas con que obsequiaron á Colon los grandes de la Corte cuando volvió de su primer viaje, fué una el banquete que le dió el Cardenal Mendoza. El Almirante ocupaba el primer lugar; y conversando durante la comida, uno de los Grandes sostuvo, que si Colon no hubiera descubierto la América, no habrian faltado en España hombres de talento y habilidad para ejecutar la misma empresa. Entonces Colon tomó un huevo y preguntó si alguno de los que estaban presentes sabrian hacer que se mantuviera derecho sin ningun apoyo. Nadie pudo conseguirlo: y Colon aplastando de un golpe uno de los extremos del huevo logró que se mantuviera derecho sobre la mesa.

Esa historia vulgar y ya desautorizada, como dice muy bien el Sr. D. José Laso de la Vega, en su *Crónica Naval de España* — Tomo VIII, pág. 10, — sirvió al ingles Hogartch para su célebre caricatura, de la cual se han hecho recientemente algunas reproducciones en las Revistas pintorescas que se publican en el extrangero; pero la fábula no es original. El cuento del huevo está tomado de la biografía del florentino Brunelleschi: recurso de que ese gran génio artístico, como dice Michelet, se valió para convencer de tontos á sus émulos, que le calificaban de loco. El Sr. Laso de la Vega cree que Hogartch tomó esa anécdota de Benzoni; y añade, que en aquella época era más facil encontrar pedantes en Inglaterra que en España, tratándose de viajes marítimos y de descubrimientos. Pero lo esencial es, que ninguno de los historiadores españoles contemporáneos al suceso, ni Las Casas, ni Bernaldez, ni el hijo de Cristobal Colon, ni Angleria, ni Salazar de Medonza, en la *Crónica del Gran Cardenal de España*, hacen mencion de semejante convite, al referir la llegada de Colon á Barcelona, los obsequios que recibió de la Corte y lo mucho que le favoreció el Cardenal.



sus habitantes y lo repite el eco de la tradicion perpetuada en las calles de la Ciudad y en los tesos de Valcuevo: aquel triunfo es un hecho de cuya autenticidad deponen las Crónicas y Anales de Salamanca, y que se han hecho un deber en consignar profesores de aquella Escuela tan distinguidos como Fr. Pascual Sanchez, D. Salustiano Ruiz, D. Manuel Hermenegildo Dávila, D. Santiago Diego Madrazo, D. Dionisio Barreda, D. Pedro Manovel y Prida; y escritores tan ilustrados, como D. Antonio Gil y Zárate, D. Alvaro Gil Sanz y D. Domingo Doncel y Ordaz: unos en Memorias y Reseñas históricas de la Universidad: otros en Discursos inaugurales, folletos y biografías.

Se equivocaron, sí, se equivocaron lastimosamente los Bossi y los Humboldt, los Irving y Prescott, ni más ni menos que los Lamartine y los F. Cooper, los Belloi y los E. des Chancel, novelistas y poetas é historiógrafos, al dar de barato, que «la Universidad de Salamanca declaró imposible el intento de Colon»: que «la docta junta de Salamanca dió un dictámen desfavorable»: que declaró el plan del insigne cosmógrafo quimérico, impracticable y apoyado en muy débiles fundamentos»: se equivocaron lastimosamente, tomando *las juntas y pláticas del Prior de Prado* con Colon, en Córdoba, á principios de 1486, por las famosas *Conferencias de Salamanca*, que provocadas oficiosamente por los entusiastas protectores de Colon y dirigidas, inspiradas y presididas por el R. P. M. Fr. Diego de Deza, se celebraron durante la estancia de los Reyes Católicos en aquella ciudad,<sup>1</sup> de 1486 á 1487. Se equivocó grandemente el eruditísimo y por otra parte juicioso y atinado Prescott al decir, «que desde el primer instante de su concepcion hasta su complemento final Cristobal Colon no encontró más que molestias y embarazos de toda especie, *sin hallar casi ni un corazon que se interesara en su favor, ni una mano que le ayudara*».

Demostrado irrecusablemente dejamos, que en el Puerto de Santa Maria, á luego de su llegada á España encontró al Duque de Medinaceli: en Córdoba al Cardenal Mendoza, á Fr. Diego de Deza, á Alonso de Quintanilla, al comendador D. Gutierre de Cárdenas, á Luis de Santangel y al camarero del Rey, Juan Cabrero: en Salamanca á toda la Comunidad de San Esteban y á todo lo más celebrado de aquella Universidad: en La Rábida á Fr. Juan Perez y al físico Garcia Hernandez: en Palos á Juan Rodriguez Cabezudo, al Clérigo Martin Sanchez, y al mismo Martin Alonso Pinzon<sup>2</sup>; y en todas partes al *buen astrólogo* Fr. Antonio de Marchena: verdaderos creyentes y apóstoles fervorosos de las ideas y

<sup>1</sup> «No se concibe, dice en su Historia de España el erudito D. Antonio Caabanilles, no se concibe, que la Universidad de Salamanca en tal ocasion diese un voto negativo.» — Tom. V. Lib. VII, Cap. V.

<sup>2</sup> Juan Rodriguez de Mafra, testigo en las probanzas por parte del Almirante D. Diego, dice en su declaracion: «que ni el Almirante (Colon) hubiera podido armar, si no fuera con el Martin Alonso Pinzon, rico y emparentado, por respeto del cual fué la gente.» Y en esto convienen todos, testigos del suceso, historiadores y biógrafos.

proyectos de Cristobal Colon. Lo cual no amengua en nada el mérito indisputable de aquel, ni hace resaltar menos la indomable energia de su alma, ni desnuda de su belleza, de su lirismo y de sus encantos los inspirados versos que en loor del Gran Colon han escrito desde Torcuato Tasso hasta nuestro compatriota Campoamor.<sup>1</sup>

Séanos ahora licito repetir aquí lo que digimos en la introduccion de este estudio: si la historia del descubrimiento de la América necesita de España, la historia del descubridor necesita de Salamanca. Por haber desdeñado el raudal de esa cristalina fuente, bebiendo en depósitos que enturbió la pasion, cometieron los errores que creemos haber desvanecido y la injusticia que hemos pretendido reparar, los escritores que con el respeto debido á sus talentos hemos nombrado y la série larga de sus repetidores en verso ó prosa.

T. RODRIGUEZ PINILLA.

(Continuará).

<sup>1</sup> Buenas ganas se nos pasan de trascribir aquí los bellísimos trozos de poesia, en que se ha cantado la gloria ó el génio de Colon, y aun aquellos en que se profetizaba el descubrimiento. Y ciertamente no desagradaría á nuestros lectores el recordar lo que sobre uno y otro tema escribieron Séneca y Dante, Pulci y el Tasso, Chiabrera, y Castellanos, Melcudez y el Duque de Rivas, Victor Hugo, Arolas, Campoamor y cien y cien vates nacionales y extrangeros. Pero en vez de una nota haríamos un Álbum.

---

# SAVONAROLA

---

## I

No meio da Italia do seculo xv convulsionada pelas revoluções tão frivolas como continuas dos seus pequenos Estados, lacerada pelas facções triumphantes, saqueada pelas tropas mercenarias que são a sua gangrena e a sua vergonha, escravizada pelos *condothère* celebres em cujas mãos brutaes traiçoeiras e caprichosas residia o seu destino; no meio da Italia sem fé, sem amor patriotico, sem aspirações nacionaes, feroz como as civilisações ainda no berço, corrupta como as civilisações perto do tumulto, a musa antiga surgiu olympica e deslumbrante, como do seio das ondas surgira em aureos tempos a esplendida Venos do paganismo.

O clima enervante, as pompas catholicas que são como que a materialisação do culto, a vida voluptuosa que gera todos os egoismos, e asphixia todas as grandes virtudes civicas e guerreiras, a falta de uma vasta nacionalidade fecunda e forte, supprida por nacionalidades mesquinhas cujos pequenos interesses se degladiam em conflictos perennes, tudo destruiu n'este povo caprichoso e mobil a austera religiosidade das crenças e abnegação, mas tudo o prepara tambem para gosar com apaixonado enlêvo os maravilhosos primores da arte e da litteratura antiga e para realisar nos seus costumes a brilhante corrupção, o phrenetico sensualismo da decadencia romana e grega.

A venalidade e a astucia eram os vicios predominantes da época;



o veneno e o punhal as armas empregadas pelos seus papas e pelos seus principes, pelos seus cardeaes e pelos seus artistas. E um livro que pôde ser o monumento que caracteriza um século celebra pela mão d'um grandissimo talento a apothecose eloquente e fascinadora da tyrannia.

De vez em quando um exercito de estrangeiros, uma horde de barbaros como a Italia lhe chamava e tinha direito de chamar-lhes, ao vêlos vestidos de ferro, sinistros e feroses levando comsigo como um cortejo lugubre o saque, o incendio e o vandalismo, atravessam-na de lado a lado, e deixam-na mutilada, sangrenta e mais sequiosa do que nunca de prazeres materiaes.

A magnificencia e o luxo vigoram na dissolução universal, e parece que as artes acham n'esta terra adubada de tantos vicios, elementos proprios para se desenvolverem e fructificarem.

Todos os estados têm a sua côrte principesca que tenta exceder as outras em primores de todo o genero, que festeja e acolhe os eruditos e que é a um tempo fóco de voluptuosidades e de conspirações.

No espirito da Italia não se haviam apgado tão completamente como no resto da Europa da idade média, as reminiscencias da antiguidade. Primeiramente havia as affinidades estreitas que unem á lingua italiana, a lingua latina, depois as relações nunca interrompidas da Italia com a Grecia, a que tambem a uniam tantos laços de visinhança e de costumes.

As antigas liberdades romanas transpareciam ali sob as durezas do feudalismo, como as esquecidas flôres da poesia classica reverdeciam muita vez na sombria clausura dos conventos italianos.

Na architectura a tradição latina sem se deixar vencer produzia já tres séculos antes da Renascença, o formoso estylo em que se fundem harmoniosamente a inspiração antiga e a inspiração christã.

O baptisterio de Pisa, *Santa Maria Reparata* de Arnolfo, o *Campanile* do Giotto em Florença provam sobejamente esta precocidade e esta persistencia do espirito classico.

Emquanto o resto da Europa se conserva d'uma ignorancia barbara, tivera já a Italia a sua época de suprema inspiração e de suprema poesia.

Sente-se a revellação da antiguidade culta no scepticismo risonho de Boccaccio, nos requisitos litterarios de Petrarca, nas collossaes concepções do Dante que escolhera Virgilio para guia na sua phantastica e prodigiosa viagem.

O que porém definiu e apressou a completa e geral renovação litteraria e artistica da Italia no seculo xv foi a emigração dos gregos que a perseguição mahometana levou a buscarem um abrigo na Italia, e que em paga da sua facil hospitalidade lhe traziam com a lingua formosa e rica dos seus avós, o conhecimento de todas as obras primas da antiguidade.

A poesia, a historia, a philosophia classica fogem dos empoeirados archivos dos conventos e até as deusas sonhadas por Homero e realisadas por Phidias surgem vivas, palpaveis radiantes das ruinas tetanicas onde se haviam subvertido.



O espirito ávido e poetico da Italia recebeu a sagrada fecundação da Arte e comprehendeu pela primeira vez a belleza plastica em todo o seu voluptuoso esplendor.

É deveras admiravel a milagrosa transformação mas é positivamente uma influencia pagã que a determina, influencia poderosa para o Bello, infecunda para o Bom. A antiguidade que foi sendo revellada áquelles espiritos amollecidos e inconstantes, primeiro pela erudição e depois pela arte, não era a antiguidade e as austeras virtudes estoicas, do dever inflexivel, do patriotismo fervoroso como uma religião. O que os italianos amavam com a sua alma de artistas e o seu corrupto espirito de voluptuosos, era o bello absoluto, tal como a antiguidade o concebeu e o divinizou. Não era a pura moral platonica—eram as mellicas harmonias e as elevadas abstracções d'aquelle espirito que é de todos os tempos e pôde ser filiado por todas as religiões, não era o patriotismo apaixonado de Demosthenes era a sua eloquencia harmoniosa e trovejante. Com Cícero o elegante orador, com Lucrecio o poeta da ironia incrédula, com Tibullo e Horacio, os épcuristas adoraveis harmonizam-se completamente o espirito e a indole da Italia pagã da Renascença.

Á pesada escolastica que tinha por digno templo a cathedral da idade média de sombrias naves mysteriosas succede o culto da Razão pura. A lingua de Virgilio substitue a lingua que o Dante fundira no bronze dos seus tercetos immortaes, a esculptura emancipa-se transforma-se, inspira-se divinamente diante das soberbas estatuas de marmore e de bronze que a Italia começa a comprehender e a admirar.

D'um lado corrupção politica, esmorecimento de fê religiosa, aniquillamento absoluto dos grandes impulsos liberaes, ironia universal que é o maior symptoma da decadencia moral d'um povo, d'outro lado enthusiasmo pagão pela arte e pela belleza ou se traduzia nos cantos de Homero ou se revelle no portentoso grupo do Laccoon.

O que politicamente é a desgraça da Italia, artisticamente é o auxiliar mais proficuo da sua civilisação, civilisação especial que é a um tempo brilhante e apodrecida, que tem todos os prestigios, e a que faltam todas as moralidades.

Os pequenos principes ambiciosos comprehendem que o seu mais poderoso meio de seducção, são as letras e as artes, a eterna paixão d'aquelle povo impressionavel, e usam e abusam d'esse meio para sustentarem o poder ephemero que sentem fugir-lhes em cada uma das continuas agitações que convulsionam o solo volcanico da Italia.

O pontificado sequioso de dominação suprema, segue ou antes anticipa as progressivas transformações dos povos que deseja tutelar, e conserva-se sempre mais engenhoso e mais erudito do que elles.

Quando na idade média a sciencia se concentra na theologia então omnipotente é elle o primeiro theologo, mais tarde quando ella se divide em ramos diversos e que do seu obscuro e vasto seio se desentranha uma multidão de sciencias que se chamem metaphisica, moral, litteratura ou politica, a Igreja que antes de tudo quer o primeiro e o mais distincto

lugar n'aquelle paiz fraccionado, acolhe todas as sciencias vivifica-as, protege-as, dá-lhes alimento e applicação.

Prohibira como um crime os estudos classicos, mais tarde aceita-os, não como transigindo com uma necessidade, mas aproveitando-os — e foi este por muito tempo o segredo da sua politica — como um instrumento de conquista.

Os Sforra, familia indomavel de soldados, dão em Milão, onde reinam a maxima protecção ás sciencias e ás artes; o duque de Mantua es-tabelece nos seus pequenos estados uma vasta escola onde se desenvolve um systema completo de educação em que a gymnastica e a hygiene dão as mãos ao mais assiduo estudo.

Todos os outros estados da Italia criam cadeiras scientificas.

Philelpho um grande erudito d'aquelles tempos de quem pouca cousa nos restá além do nome, dá cinco lições publicas no espaço de vinte e quatro horas, lecciona no mesmo dia em Bolonha e Padua e com actividade incansavel distribue a sciencia ao seu vário auditorio.

Pico de Mirandola uma das mais prodigiosas memorias que ainda existiram, fidalgo que se entrega ao estudo com o fogoso ardor da sua raça, defende theses em Roma, em todas as linguás e em todos os assumptos, e percorre a Europa como um D. Quixote da erudição para derrubar e vencer adversarios e rivaes.

A erudição torna-se apostolado, os discipulos têm a devoção dos *crentes*.

E todavia essas lições nem sempre são profundas; quasi nunca as illumina um elevado criterio.

Às vezes são apenas a leitura d'um manuscripto cuja recente descoberta traz em sobresalto todos os espiritos cultos do tempo; outras vezes são o commentario ou a interpretação nem sempre muito acertada d'um escriptor latino ou grego.

O amor das letras leva os seus fanaticos, gente que nos habituá-mos a imaginar pacifica e sedentaria, a arrostar as grandes aventuras e os temerosos perigos.

Uns embarcam cheios de fé, partem para a Asia, para Constantino-pla, vão descobrir algum sabio que se esconde em terras musulmanas, e que deve revellar-lhes o segredo da verdadeira sciencia, vão desenterrar algum precioso manuscripto que trarão cheios de jubilo e que accenderá mais tarde as invejas apaixonadas, as vehementissimas polemicas em que se exgota e se exagera o vocabulario das mais baixas injurias.

Leonardo Vinci o maior artista d'aquelle tempo, espirito encyclope-dico que abrange em vasto cerebro conhecimentos que tornariam illustres muitos homens, mathematico, escultor, engenheiro, musico e pintor, leva a todas as grandes cidades da Italia o auxilio complexo e variado do seu talento universal, e durante muito tempo inventa e executa em Milão na côrte luxuosa e tragica de Ludovico o Mouro, novos engenhos destructivos, planos de fortificação e de ataque, projetos de edificios e de canali-sação, estatuas e pinturas soberbas.



Paremos um instante diante d'esta bella figura de artista, uma das mais caracteristicas do século.

Profundo e sceptico, ironico e apaixonado, tem a fecunda e indomavel inspiração do poeta, e tem os conhecimentos technicos e variados do homem de sciencia.

Levanta-o da terra no seu fulvo dorso electrico a alada Chimera das phantasias insaciaveis, e a Sciencia e a Verdade revellam aos seus olhos de vidente muitos dos segredos que só mais tarde se hão de reconhecer e divulgar.

Escreve um tractado sobre a pintura, outro sobre a perspectiva, advinha Galileo, entrevê o vapor como força locomotora, funde no bronze a estatua equestre do *Condottiere* Francisco Sforser, nas horas vagas ornamenta os palacios de Ludovico, inventa e dirige as suas festas, namora as formosas Milanezas de faces pallidas e morbido olhar caricioso, e derepente deixa todas as occupações sérias ou frivolas, as meditações scientificas, os trabalhos escabrosos, e a sós com a musa esplendida que o immortalisou, pinta a sua *Virgem* e *Sant'Anna*, o seu *S. João Baptista*, a sua *Joconda*, e attinge no quadro da *Ceia* os pinca-ros sublimes do Ideal, na simples e grandiosa figura do Christo, na ignobil e magistral cabeça do traidor, na expressão nua e variada dos discipulos assombrados.

É sabido que o artista não ousou durante muito tempo dar os ultimos toques na figura do Divino Mestre; de tal modo exgotara com os outros personagens d'aquelle drama assombroso, os recursos opulentissimos e quasi sobrehumanos do seu vigoroso e philosophico pincel.

Mas a Leonardo Vinci, o homem que tinha por divisa — Conserva-te longe das tempestades! — como a todos os artistas do tempo exceptuando Fra Angelico o pintor seraphico que acabava, e Miguel Angelo o pintor titanico que ia começar, falta o amor do bom na sua ideal e sublime relação com o amor do bello.

Não tem bem definida a Consciencia do justo e do injusto, não tem patria nem politica, nem convicções profundas.

Todas as grandes noções que dão ao genio mais pureza se lhe não dão mais esplendor, absorvia-as e concentrava-as elle no amor da Arte, sua unica patria e sua religião suprema.

É por isso que o vêmos em Florença servir os Médicis e servir a republica, em Milão viver perto de Ludovico e viver sob o dominio da França e acabar enfim na côrte de Francisco I o rei luxuoso e sensual, fauno da mythologia olympica com uma alma de artista da Renascença.

Diz-se muita vez que a idade d'ouro da Arte foi a idade da fé cega e ardente.

Ha n'isto um erro completo.

Foi o culto da arte pagã, foram as revellações do antigo polytheismo que fundindo-se com a inspiração christã nas épocas em que a fé já

vacillava no espirito humano, criaram as obras primas que os séculos admiram.

O fervoroso ascetismo da idade média proscrescia como indigna da austeridade christã a formosura plastica que é nas artes quasi tudo.

A Virgem marmorea das suas cathedraes é rigida, inflexivel, severa; a dos seus quadros tem a inspiração beatifica, o mysticismo extatico, a candura dolorida, é a Virgem que o Cimabué e o Giotto pintavam em fundos d'ouro, não é a bella *Madona* triumphante que aperta contra o coração com apaixonado orgulho o louro e delicioso *bambino*, a *Madona* em quem mais tarde Raphael ascendendo ao ponto culminante da arte, havia de resumir em adoravel synthese todo o esplendor das perfeições antigas, toda a variada e extensa gamma do sentimento christão, todos os encantos victoriosos das suas esculpturaes e inspiradoras transtaverinas.

O Christo, o homem-deus pregado na cruz escorrendo sangue em fio das suas chagas abertas, teria talvez a expressão atterradora e tragica, mas só mais tarde revellou aos artistas que haviam lido Platão e sentido penetrar no espirito aquella serena luz radiosa e olympica que inunda a arte grega, e a formosura sublime dos seus deuses adolescentes, a mansa resignação ineffavel d'um justo, a simplicidade austera e grandiosa, d'um Deus, o supremo esplendor da Idéa na pureza absoluta da forma.

É ainda a influencia classica aceita por Michelozzo, Orcagna, e Brunelleschi que fez predominar sobre os caprichos da ogiva e a frecha aguda da cathedral gothica, a architettura grego-romana com as suas severas linhas antigas.

Quando Florença quer acabar a sua cathedral começada no século XII por Arnolfo do Lafix Brunelleschi propõe para modelo o Pantheon romano, e esta idéa primitivamente escarnecida é aceita por fim.

Donatello na esculptura segue a mesma escola, imita as estatuas e os baixos relevos antigos, e logra aproximar-se dos primorosos modelos que escolheu no seu grupo de *Judith* e *Holophernes* executado em bronze nas estatuas do *Campanole*, no seu *David* e no seu *S. Marcos*.

É diante d'este ultimo que segundo conta a tradição, se ouvia d'ali a pouco a voz homérica de Angelo exclamando: *Marco perché nom mi parla?*

Cosme de Médicis põe a concurso as portas do baptisterio de Pisa e Ghiberti vencedor de trinta e quatro artistas debuta cinzelando as mais bellas scenas biblicas n'essas portas de bronze que tambem Miguel Angelo denominava as *portas do paraizo*.

Sixto IV augmenta ao Vaticano a capella sixtina pintada pelo Perugino e pelo Ghirlandajo e onde mais tarde á voz de Leão X um pincel febril hade traçar os seus frescos de titan. Veneza vem tambem reunir-se á maravilhosa transformação de toda a Italia.

A architectura da cidade aventureira que manda os filhos vizitar todas as praias do Oriente e do Occidente participa por assim dizer da inspiração de todos os climas e de todos os tempos. Arabe-asiatica, by-

santina e gothica tem a cupula e minarete, a ogiva e até a cisterna do deserto, mas aquelle character extranho e phantastico que lhe dá não sei que aspecto de legenda do Oriente vac modificar-se sob a influencia da arte grega e romana.

Ao pé de S. Marcos aquelle sonho de Bysancio com as suas mil estatuas de marmore ajoelhadas em nichos rendilhados, com as figuras do Velho e Novo Testamento pintadas lá dentro em fundos d'ouro, ao pé do palacio dos doges, oriental, como um palacio arabe, ergue-se sobre tres ordens de pilastras a torre do relógio, e sobrepõem-se as arcadas corinthéas ao longo da immensa fachada das velhas *procuratias*.

O cardeal Bessarion funda e enriquece de manuscriptos preciosos a bibliotheca de S. Marcos. Aldo Manacio instruido e rico, applica a recente descoberta da imprensa á vulgarisação das obras classicas, funda a *academia typographica*, rodeia-se de eruditos, compõe elle proprio uma grammatica e um dictionario gregos, e com os seus collaboradores edita Euripides, Aristoteles, Theocrito, imprime a primeira biblia em hebraico, e o primeiro Virgilio portatil.

As fortunas particulares revalisam com a magnificencia publica. Levantam-se os bellos palacios de marmore branco de Istria, brilham as fachadas de porphyro, e lá dentro os grandes salões doirados e cinzelados a primor, esperam como hospedes condignos os retratos senatoriaes do Ticiano, as telas deslumbrantes do Veronése e do Tuitoreto.

É este um perido extranho da historia; extranho e triste pelo contraste lamentavel de tanta luz e de tantas sombras.

Esta Italia rica de artistas, namorada de gloria e de luxo, entregando-se com tão violento ardor ao culto pagão da fórma em todas as suas explendidas manifestações, vive interiormente devorada pela gangrena da sua immoralidade. Cobre com o manto prestigioso da arte a dissolução pustulenta que a corróe e em que póde já prophetizar-se-lhe a morte, e a posteridade absolve-lhe os crimes, os vícios, as traições porque ella soube amar o bello, realisal-o muitas vezes, e restituil-o pela sua fé laboriosa e intelligente á idolatria do mundo que a perdera de vista.

Fallam os admiradores das bellas figuras de Leonardo Vinci, do sorriso intraduzivel da sua Joconda. Acham-lhe candura e ironia, suavidade e desencantamento, desesperança e amor.

É que o maravilhoso pintor quiz talvez deixar impressas n'este rosto de mulher as aspirações complexas, as contradicções extranhas e indefiniveis d'aquella época de descrença e de fé, de fanatismo e de incredulidade, de aniquillamento e de renascença; angustiosa como todas as transições, mesquinha e grande, criminosa mas immortal.



## II

Entre as cidades da Italia a mais entusiasta das artes e da poesia é sem contestação Florença, a patria do Dante, de Petrarca, de Machiavel e de tantos outros genios.

Já desde o seculo xiv a pintura, a ourivesaria, a estatuaria, a enriquecem com os seus primores, e mais tarde a habilidade e a munificencia dos Médicis accentuam, protegendo-o, o seu movimento artistico e litterario.

Cosme de Médicis o verdadeiro fundador d'aquella casa que deu ao seculo xvi uma série de celebidades, asphyxiava então n'uma atmosphera de delectes e de luxo, a republica que o Dante sonhára e que se havia transformado nas mãos habéis e judiciosamente prodigas de Cosme, na rainha elegante e corrupta adornada com os maximos requintes da arte, enthusiasmada com as mais delicadas maravilhas da antiga erudição.

Uma era a pudica e juvenil matrona tendo por unico ornato a alva tunica de linho, por unico diadema a massa opulenta do seu cabello ennastrado, outra a patricia elegante vivendo emballada na phantasmagoria radiosa do mais artistico luxo, não ignorando nem um só dos segredos da complicada sciencia do prazer.

Os Médicis empregavam simultaneamente o interesse e a persuasão para conquistarem ou annullarem os auxiliares e os rivaes, e quando os chefes das grandes familias florentinas accusavam Cosme de os affastar dos negocios para poder á vontade corromper os pequenos, respondia-lhes este:

«Vale mais uma cidade corrupta do que uma cidade perdida. Não é com o rosario na mão que se governa um Estado.»

O segredo da dominação dos Médicis, as duas alavancas do seu poder são o dinheiro e o talento. Colossalmente ricos e delicadamente artistas, a cidade luxuosa e erudita, acclama-os com enthusiasmo. É por isso que ao pé das festas ruidosas, das magnificencias pródigas, das esplendidas extravagancias, elles fundam bibliothecas, mandam ao longe descobrir manuscritos, colleccionam medalhas, livros e estatuas, acolhem todos os sabios e todos os artistas empregando cada um conforme a indole do seu talento, e todos no embellezamento da cidade a que dão a opulencia e a formosura em troca das suas liberdades extinctas.

Cosme no seu culto pela philosophia de Platão manda educar Marcello Ficino, de proposito, para traduzir e explicar o philosopho grego, e fundar a nova escola platonica que vem substituir a philosophia da idade média, e Aristoteles seu chefe.

Este platonico exaltado desmente, não raro, na prática a pureza das suas doutrinas e, no emtanto, escreve com a imaginação toda imbuída do espiritualismo antigo,

«Montem cheguei a Careggi com menos desejos de melhorar as mi-

nhas terras do que melhorar-me a mim proprio. Venha ver-me Marcilo, e não se esqueça de trazer comsigo o livro do seu divino Platão sobre o supremo bem. Não ha esforços a que eu me poupe para descobrir o caminho da verdadeira felicidade. Venha e não deixe de trazer comsigo a lyra de Orpheo.»

Estas tendencias philosophicas e espiritualistas no homem que sufocaria na sua patria todas as aspirações liberaes, tentando enervar-a nas sensações dissolventes do prazer, é mais uma contradicção caracteristica do tempo.

Lourenço, o neto de Cosme, educado como o não era então nenhum filho de principe, tendo tido por mestre de rethorica e de poesia latina Christovão Landino, o mais habil commentador d'aquella época; por mestre de philosophia platonica Marcilo Frenis, o pontifice maximo do novo culto; por companheiro de estudo e de trabalho os moços mais distinctos do seu tempo, Pico de Mirandola, os tres Pulci, o celebre Policiano; formando o espirito, não em cima dos livros nos frios gabinetes de estudo, mas ao ar livre sob a rama folhuda das arvores, á beira dos limpidos lagos azues dos jardins de Coreggi e de Caffaggiolo, na douda e animada conversação dos amigos e dos professores, segue mais tarde o systema de Cosme, e continua aperfeiçoando a sua dupla obra.

Amollecere e polir os costumes do povo; amesquinhal-o politicamente e dar-lhe todas as compensações que lhe fizessem esquecer a perda das liberdades e dos privilegios que o felicitavam n'outro tempo.

Sob a sua dictadura de Mecênas, Florença naturalisa-se romana; romana do século de Augusto, sybarita luxuosa, aduladora delicada, doida pela musa classica, levando quasi até á parodia a imitação dos costumes antigos, como fez aquelle moço romano que rebaptisando-se com o nome de Pomponius se poz a seguir todos os costumes e usos dos tempos antigos, e respondia aos parentes que tentavam demovel-o da sua mania burlesca este bilhete de Spartano:

«Pomponius aos seus parentes. O que pedis é impossivel. Saude.»

Quando o moço novo duque de Milão, Galéas Sforza vem visitar o chefe de Florença, trazendo como escolta, cincoenta hacanêas para a duqueza, cincoenta cavallos ajaczados de ouro para o duque, cem staffieri vestidos de seda e recamados de prata, uma matilha de mil cães de caça, e um numero infinito de falcões; Lourenço para offuscar aquelle luxo barbaro, não precisa mais do que abrir as suas famosas bibliothecas e mostrar as collecções antigas.

Depois para obedecer á dupla influencia que dominava Florença, ás doudas e artisticas exhibições seguiram-se as festas principescas, os grandes banquetes opiparos, as dansas entusiastas, e n'este genero como no primeiro foram ainda Lourenço e Juliano, seu irmão, os primeiros a brilharem.

Um dia ao receber o presente de um busto de Platão encontrado nos jardins da Academia, Lourenço tenta resuscitar os velhos costumes, estabelece para os admiradores do philosopho grego a celebração de uma

feira annual que deve constar de um banquete e da leitura e commentario de algum trecho das suas obras.

Outro dia nas galerias de marmore dos seus palacios, povoadas de maravilhas da estatuaría antiga, nas sombrias alamedas das suas formosas villas em quanto a aragem, uma aragem italiana impregnada com as mornas emanações dos myrtos e dos loureiras passa estremecendo nas ramarias murmurosas, Lourenço reúne o selecto auditorio dos seus amigos, dos seus admiradores, de estrangeiros que vêm de longe chamados pela fama d'aquella sociedade polida e brilhante e dirige com o seu fino tacto as philosophicas palestras.

As vezes discute-se qual é verdadeiramente a vida mais feliz, se a vida bucolica, se a vida social, falla-se no Ser supremo, philosopha-se largamente sobre a causa primeira de todas as cousas.

Outras vezes lê-se Homero e Virgilio.

É Policiano quem lê, o poeta corteção que maneja com a mesma felicidade a lingua italiana e a latina, e que presta á musa moderna e á musa classica a mesma homenagem brilhante.

Antes de começar, preludia em formosos versos louvando o poeta escolhido; depois de acabar, analysa, compara, critica as bellezas que fez realçar pela sua interpretação amena e discreta, desenvolve e esclarece a idéa do poeta, falla na influencia que a época operou sobre o genio, e falla na sua inspiração individual, e junta pelo seu conhecimento profundo da antiguidade ao attractivo da poesia, a curiosidade das sérias investigações.

A seriedade das contemplanções em commum, substitue-se outras vezes pelos festins em que Médicis serve aos seus convivas, no dizer precioso de Policiano *o sal que parece colhido nas ondas em que Venus nasceu.*

É a hora em que o faustoso amphytrião recita as suas canções de amor, os seus *canti carnal cialeschi* em que convida ao prazer a mocidade de um modo realmente bem contraditorio com as suas doutrinas philosophicas:

Quant'è bella giovinezza  
Che si fugge tutta via  
Chi vuol esser lieto sia  
Di doman non è certezza.

falla das donas gentis que lhe tem preso o coração *«em cadeia magica forjada por Jupiter e a Deusa de Cythera, docemente inclinada nos joelhos de seu pae no dia em que deram aos homens a divina melodia, os sons, o rythmo, os accordes que desceram do Céu.*

Putci fustiga com o seu latego satyrico todas as grandezas moribundas do passado, todos os ridiculos triumphantes do presente, a valentia, a devoção, os paladinos, os frades, os cavalleiros, os monarchas, os anafados cardeaes de volumoso abdomen, de queixo duplicado, e mãos roliças, amando o bom vinho de Syracuse, as finas ceias, e os leitos fôfos.



Os versos satyricos amorosos ou burlescos resôam nas sallas opulentas, nos jardins illuminados de Medicis onde Épicro toma o lugar de Platão, e onde os modernos romanos sem se coroarem de rosas como os antigos saboream os *beccafici* e os *ortolan pelati* para se consolarem de haverem perdido o segredo d'aquelle celebre *tetrapharmacum* das mezas cesareas, feito de faisão, de presunto de javali, de pavão e ubres de porco, que Vernis inventou e que era as delicias de Adrião.

Ha outros dias ainda em que a cidade do Dante se transforma toda em vastissimo theatro.

Representam-se mysterios, dramas saccros, composições profanas, de que Lourenço é simultaneamente actor e auctor.

Nas representações tragicas ou burlescas figura todo o povo como comparsa, e nas ruas illuminadas de archotes, desdobra rugindo os seus enormes anneis tortuosos a multidão ebria de prazer. Era a resurreição christã das saturnaes antigas.

Uma das representações celebradas durante a noite, que mais febrilmente agitou aquella Florença apaixonada e sensual foi o *Triumpho da Morte*.

N'uma praça toda forrada de pannos de lucto, com ossos, caveiras, e lagrimas de prata, um espectro armado de sinistra foice, erguia-se n'um carro tirado por dois bois negros e declamava em voz soturna:

*Morte siam come vedete  
Cosi morte vedrem voi  
Fummo già como voi siele  
Voi sarete come noi.*

Morta estava a republica, cujo agonisar se emballava n'estas diversões lugubres ou voluptuosas. Pelo esboço rapido e imperfeito que deixamos aqui, claramente se entrevê o estado moral e social da Italia e particularmente do povo florentino, os costumes falsos e brilhantes que lhe compunham como que uma atmosphaera de convenção.

Florença era materialmente feliz, havia abundancia e prazer, *pão e espectaculos* como no tempo dos velhos imperadores n'aquella terra privilegiada da arte, mas a sua felicidade assentava n'uma base ephemera, pois que a não comentava a moralidade e a justiça, e no jogo dos italianos em que a astucia era o trunfo, uma crise qualquer podia derrubar a sua passageira prosperidade.

Christiano da Dinamarca, um barbaro d'aquelle Norte que devia d'alli a pouco mandar á velha raça latina com a Reforma a seiva vigorosa que a rejuvenescesse, visitou por este tempo Florença.

Com o seu traje escandinavo, as pelles de sibelina, a couraça preta, a espada enorme, a longa barba de neve, aquella apparição extranha encheu de pasmo as formosas italianas.

Elle, no entanto, depois de visitar curioso, mas não entusiasmado, os palacios, os monumentos, os marmores antigos, o museu que Medicis

fundára para recreio e instrução dos artistas nos jardins do convento de S. Marcos, e de que era director um velho discipulo de Donatello, pediu para ver a cópia dos Evangelistas gregos que tinham mandado vir de Constantinopla, e a das Pandectas de Justiniano que de Amalfi viera para Florença, e exclamou beijando uma, e indicando respeitosa-mente a outra:

«Aqui está o verdadeiro thesouro dos principes, a Fé e a Lei.»

A radiosa Italia começava então a receber lições da grave Germania.

### III

Ao tempo em que a corte erudita e dissoluta de Médicis, se entregava aos divertimentos e ás investigações litterarias, e os discipulos dos gregos, os engenhosos cultores da Musa classica discursavam sobre o supremo bem, e a suprema belleza, traduziam Sophocles e Homero, parodiavam Virgilio de tanto o quererem imitar, preparava-se em Florença uma reacção religiosa e politica essencialmente popular.

A egreja representada pelos conventos dominicanos, franciscanos, etc., sentia fugir-lhe as inspirações da polida e pautada erudição, a influencia que tinha conservado havia séculos com o seu latim barbaro, e a sua mais barbara eloquencia.

A nova sciencia platonica epicurista e profana ameaçava desthronal-a e enfurecia-a

Começaram as predicas contra Médicis e os letrados do tempo, e Policiano, o gracioso e delicado poeta do moderno Mecenas, ouvindo um dos prégadores, d'aquella vez inspirados com rara felicidade pelo receio de perderem o poder que até alli os havia levantado acima de todas as seberanias profanas, narra com esta subtileza engenhosa as suas impressões:

«Tinha vindo ouvil-o com uma disposição de curiosidade vaga e, para dizer tudo, quasi desdenhosa. Logo, porém, que vi o aspecto do homem, a sua estatua, não sei que expressão singular nos olhos e no rosto, puz-me á espera de alguma coisa digna de approvação. Começa a fallar, ponho-me todo attento.»

Voz sonora, verbo elegante, pensar elevadissimo, periodo harmonioso.

Começa a sua divisão, nada confuso, nada esteril, nada enfadonho. Ennastra uma série de objecções, fico preso; desprende-lhe os laços, estou livre outra vez. Introduz aqui e alli pequenos incidentes, sinto-me atraído. Modula o verso, todo eu sou commoção. Graceja, desato a rir. Aggride, ataca com verdades fortes, dou-me por vencido. Faz vibrar sentimentos mais suaves, enchem-se-me os olhos de lagrimas. Brada co-lerico, assusto-me, e lamento-me de ter vindo ouvil-o.

Em summa, segundo o assumpto que trata, assim varia as imagens e as inflexões da voz, e pelo gesto realça sempre a palavra.

Affigurava-se que elle crescia não só mais do que a sua propria estatura, senão mais que a estatura humana.

Estudando todas as bellezas do seu discurso, senti a minha rasão ceder áquelle prodigio.

Julguei, porém, que logo que essas impressões perdessem para mim a novidade me sentiria de dia para dia menos preso.

Enganei-me: no dia seguinte appareceu-me diverso e excedendo-se a si proprio.»

Por esta narração do elegante escriptor se avalia o que era aquella eloquencia arrebatada e popular que não tinha a sua origem nas abstracções philosophicas ou no brillantismo litterario, mas na paixão humana mais vivificante, e mais poderosa que o resurgido culto de que eram sacerdotes os amigos de Médicis.

Este prégador não era, todavia, a expressão completa do movimento liberal e christão que encerrava em si o germen de um grande futuro.

Esse devia ter o seu representante e o seu martyr na pessoa de Jeronimo Savonarola.

Dentro da Italia que na magica aurora da sua Renascença celebrava em todas as manifestações do pensamento humano o culto dos extinctos deuses, um moço de ardente imaginar e levantado espirito, a um tempo democrata como os tribunos da Roma republicana e ascita como os Padres da primitiva Egreja, vivia ao longe retirado e contemplativo.

As suas leituras eram a Biblia, o livro d'aquelle povo austero e solitario que faz pensar na immensidade e no deserto, e S. Thomaz, o Anjo da Escola, como lhe chamava a cidade média.

Ao seu espirito religioso e grave repugnavam os costumes do tempo, o servilismo do povo italiano que elle tanto quizera ver poderoso e livre.

Não havia senão um refugio para as almas que desejavam esquivar-se ás profanidades do século; Savonarola procurou esse refugio.

Ao entrar no convento dos dominicanos de Bolonha escrevia elle a seu pae:

«A iniquidade dos homens, os adulterios, os latrocios, a idolatria, a blasphemia expulsam-me do século. Console-se meu pae. A religião não lhe roubou seu filho, restitue-lh'o».

Theologo profundo, natureza impetuosa e ardente, tendo em si aquella violenta parcialidade sem a qual não póde existir a eloquencia verdadeira, a missão d'elle estava traçada.

O pulpito seria a sua tribuna.

No entanto as qualidades admiraveis que mais tarde lhe haviam de conquistar um povo de proselytos não se deixavam sequer advinhar nas suas primeiras prédicas. Tinha a voz rouca, o gesto acanhado, a exposição confusa.

Não importa; havia n'elle o presentimento do seu futuro, aquella fé



que nunca abandona os que têm de ser fatalmente os triumphadores d'uma idéa ou os seus martyres.

Savonarola comprehendendo tudo que tinha ainda que adquirir para começar a sua missão regeneradora, voltou para a solidão.

D'um lado a sua biblia e o seu theologo favorito instruíam-n'o, inspiravam-n'o, exaltavam-lhe o espirito pelo exemplo dos prophetas que ambicionava imitar, d'outro lado, o espectáculo dilacerante da decomposição politica e moral da Italia enchia-lhe a alma de santa indignação.

Esta dupla influencia determinou a exaltação singular do seu sentir, o mysticismo patriotico da sua palavra incorreta, vigorosa e apaixonada.

Não podia haver mais extranho contraste com os delicados requintes litterarios que então traziam encantados os italianos.

Savonarola tinha a fé, as lagrimas promptas como todos os nervosos, os arrebatamentos de colera, os soluços pungentes, os gritos fulminadores, toda essa *demencia* sagrada sem a qual no dizer d'um elevado espirito antigo, os verdadeiros talentos não podem subsistir.

A força de viver em tracto intimo com as grandes figuras do illuminismo hebraico, homens que conduziam com o verbo accêso em iras propheticas o povo de Deus ao exilio ou ao triumpho, apossou-se d'elle a idéa despotica de que a Italia era como a Judéa antiga, uma terra consagrada, e os italianos, o povo predilecto que a Providencia amparava com o braço amoroso, ou castigava com a justiceira vara implacavel.

A leitura da Biblia espalhou a sua influencia na vida inteira de Savonarola.

Os prophetas biblicos, tribunos do povo de Deus e independentes d'outro qualquer poder, exerciam através da tradição secular que os reverenciava um sacerdocio livre, espontaneo e pessoal.

Conhecedores profundos do tempo em que viviam e do tempo que os tinha precedido, advinhavam nas catastrophes do passado, as catastrophes do futuro, observavam na vida dos povos os primeiros symptomas da sua morte, e na phrase de Edgard Quinet *do pinçaro elevado onde habitavam os seus espiritos, rapidos embaixadores da politica sagrada, descobriam o plano da Providencia quando este ainda se ocultava á terra inteira.*

A idéa de todos elles com quanto devirjam na situação ou no modo de revellarem o seu pensamento commum e a politica immutavel, é fundarem o sacerdocio e a realza no seio da theocracia.

Foi este o plano fundamental de Savonarola, plano que elle concebeu imperfeitamente, e progressivamente, quer dizer, á proporção que as agitações da Italia lhe iam offerecendo favoravel ensejo, e que no fim de contas viu frustrado porque o não soube realisar.

Quando amadurecido e retemperado por quatro annos de meditações solitarias voltou para Florença, subiu ao pulpito que ia transformar em tripode bem outro do que fôra.

A Italia que elle via povoada de eruditos e de servos, parecia-lhe immoral e apostata, o paganismo das letras, produzindo o paganismo dos

costumes era para elle como que o elemento dissolvente que agravava cada dia a escravidão popular.

As suas primeiras praticas tinham tido lugar n'uma das sallas do convento de S. Marcos, depois quando esta já não podia conter o auditorio febril que a povoava, no jardim do claustro, á sombra d'um grande loureiro de Damasco, e por fim na propria egreja de S. Marcos, onde tinha por auditorio todo o povo florentino.

A sua exposição incorrecta e sem nenhum dos delicados labores do cinzel classico, não tinha a graça, mas tinha a commoção.

Nas edições do tempo dizem os que as conhecem, vêem-se ainda as lacunas do copista acompanhadas com estas palavras:—*Aqui as lagrimas não me deixaram escrever.*

Florença ouvia com certo orgulho que era ella como Sião, o vaso sagrado que continha o espirito do Eterno. É verdade que a sua colera ia despedaçal-o, mas com as ameaças que trovejavam na voz imperiosa e singular do prégador, confundiam-se como que uns canticos de esperança que davam depois da expiação, o triumpho e a gloria.

Nas prédicas de Savonarola, ao pé das mysticas exhortações havia as exhortações politicas, e ao povo que ouvira a palavra bronzee da Dante fallava elle com um mixto inenarravel de colera e de ternura da sua liberdade esmagada, da sua republica de que restava apenas um nome irrisorio.

O estandarte de Arnaldo de Brescia e de Nicolau Rienzi o amigo de Petrarcha, levantava-o elle nas suas mãos febris.

Lourenço Médicis por magnanimidade ou por calculo, não só fugiu de pôr termo, pela violencia, á propaganda do orador popular, senão que tentou desarmal-o pela gratidão fazendo-o nomear prior do convento de S. Marcos.

Savonarola nem sequer visitou o que era então senhor de Florença, o que fez dizer a Médicis com uma elegancia que tem certo sabor antigo:

«Veiu um estrangeiro sentar-se no meu lar e não me agradeceu.»

Á tarde, pelas naves d'aquella formosa egreja de S. Marcos, onde Fra Angelico escrevêra tantas paginas do seu mystico poema, escoava-se lentamente febril, commovido e surpreso o povo de Florença, e no espirito d'esses homens que voltavam para as canceiras do commercio, para as meditações do estudo, para a meza dos festins, para a companhia das cortezãs faustosas, hetairas modernas tão estimadas como as hetairas gregas, eccoava em profundas vibrações melancolicas a voz que lhes tinha prophetizado um futuro de miseria e de lagrimas que elles proprios preparavam inconscientes.

Médicis assustado e despertado da força e da popularidade de Savonarola, instigou um prégador do tempo, que então gosava de grande renome, a lutar com elle, julgando que a erudição delicada poderia vencer a rude eloquencia apaixonada e convicta do Samuel florentino.

Mariano Gennazaro desafiou o dominicano para Santa Maria del Fiore. O texto do seu sermão foi o seguinte:

«Não é a vós que pertence conhecer os tempos e os instrumentos que estão no poder de Deus».

Savonarola acccitou a provocação, voltando contra o seu adversario o texto invocado.

«—Não, disse elle, não sou propheta nem filho de propheta, não quero para mim esse terrivel nome, mas as cousas que annuncio acontecerão porque me fundo na doutrina christã e no espirito da caridade. Em verdade vos digo, que são os vossos peccados, os peccados da Italia que á força me fazem propheta, e que vos deviam fazer prophetas tambem a vós.

Não quereis que eu prophetise, Marianno? Oh! tudo está cheio de prophcias. Está cheio d'ellas o santo testamento, estão cheias d'ellas os tempos presentes, e até vós Marianno sois um signal prophetico.

Pico de Mirandola que estava presente, conta que se lhe pozeram os cabellos em pé na commoção extranha d'aquelle momento.

A voz inspirada do pregador republicano proseguiu pedindo a reforma no século e na Igreja, ameaçando com a eloquencia selvatica e grandiosa que hebera na Biblia, a Italia pagã, a Italia lasciva, ebria de luxo, de arte e de prazer, como uma bacchante do paganismo hellenico com os flagellos ignorados, com a escravidão e a conquista e a morte nacional.

«—Quero callar-me e não posso. O Verbo de Deus é na minha alma como um fogo ardente. Se lhe não obedeço consumirá a medulla dos meus ossos.

«É verdadeiramente a cidade de Babylonia, ó meus irmãos! a cidade dos loucos e dos perversos que o Senhor quer destruir. Ide a Roma: em vez do christianismo os prelados estudam a poesia e a eloquencia. Nas suas mãos encontram-se os livros de Horacio, Virgilio e Cícero; é ahí que elles aprendem a pastorear as almas.

«São bellas exteriormente as egrejas d'elles com os seus ornatos e lavores e doirados, e as suas brilhantes cerimoniaes, e as suas vestimentas magnificas, e os candelabros de prata, os ricos vasos, as mitras de ouro, as pedras preciosas... mas na Igreja primitiva os vasos eram de madeira, e os prelados eram d'ouro».

«—Que fazes tu, Senhor? Porque dormes? Levanta-te e vem libertar a tua igreja das mãos dos demonios, dos tyranos, dos sacerdotes infieis. Esqueceste a tua Igreja? Deixaste já de a amar? Apressa a expiação, e que bem cedo voltemos para ti.

«—Ó Roma prepara-te, o teu castigo será terrivel! Serás cingida de ferro, passarás pela espada, pelo fogo, pelas chammas. Italia é grave a tua doença, e tu Roma estás bem perto da morte. Se queres curar-te, renuncia ao teu alimento habitual, ao teu orgulho, á tua ambição, á tua avareza, á tua luxuria.

«—Ó incredulos que não quereis ouvir nem converter-vos! O Senhor está-vos dizendo: Pois que, a Italia está cheia de homens de sangue, de perdidos, de infames e de malvados, conduzirei a ella o peior



inimigo que eu possa encontrar; abaterei os seus principes, farei cessar o orgulho de Roma. Esse inimigo entrará nos seus sanctuarios e profanará as suas Egrejas.

«—Quando vier a hora das angustias e das atribulações heis de querer converter-vos e já não será tempo. Ó Italia, será flagello sobre flagello! flagello da fome, flagello da peste, flagello da guerra! Não bastareis então a enterrar os mortos; serão tão numerosos em cada uma das nossas casas, que os coveiros irão pelas ruas bradando:—quem é que tem mortos?—e que hão de pô-los em carros e em cavallos, e hão de juntar montanhas de cadaveres, que depois queimarão. Irão pelas ruas, bradando:—quem é que tem mortos? quem é que tem mortos?—e vós responderéis:—Eis aqui o meu filho, eis o meu pae, eis o meu marido!!!—E elles continuarão a caminhar bradando ainda:—quem é que tem mais mortos?

—«Não vos parece estar ouvindo com um ecco terrivel da voz de Ezequiel, com um funebre e pavoroso lamento de Jeremias, não sei que trovão soturno e prolongado, precursor d'essa grande tempestade que se chamou Luthero?»

Lourenço de Médicis, triste ao sentir aproximar-se a morte, não achava já o mesmo contentamento completo de outro tempo na conversação philosophica dos amigos.

Os mais descrentes têm d'estas horas de duvida e de incerteza ao verem condensarem-se em torno as sombras da eterna noite, e lembram-se então quasi sempre de ajustar as contas com Deus, prevendo o caso hypothetico da sua existencia. É o que inspirou a Voltaire aquella famosa ironia tão profunda:—Se não houvesse Deus, era preciso invental-o.

O espirituoso despota florentino teve tambem a sua hora em que sentiu a necessidade de um Deus. Mandou chamar Savonarola. O dominicano que não viera na hora do poder, veio na hora da atribulação.

Ao sceptico elegante que amára a philosophia e o prazer, fallou da religião christã como elle a queria então resuscitar, austera, pura e simples; ao tyramno astucioso que ao deixar incompleta e vacillante a sua obra sentia assaltarem-no as duvidas e as hesitações dolorosas, fallou da liberdade da patria que via destruida. Devia ser curiosa a conferencia entre o dictador epicurista e o homem das mysticas e republicanas utopias!

No seu zêlo democrata Savonarola inplorou de Médicis uma promessa de abdicção que este recusou. O christão arrendia-se talvez; o politico foi inflexivel.

D'alli a nada morto Lourenço; os francezes invadiam a Italia. A prophecia realisara-se. O prestigio de Savonarola crescia e affirmava-se.

—Eu bem vol-o tinha dito, bradava elle do pulpito, enquanto os francezes desciam os Alpes, os barbaros ahí se aproximam, descem famintos como leões, escoltados pela fome e pela peste. Accusam-me de ter causado essas desgraças todas. Pois antevel-as é, porventura, chamal-as?!»

O destino de Savonarola, porém, estava inevitavelmente traçado. O

acontecimento previsto e realizado investia-o quer elle quizesse quer não, do cargo extrrordinario e perigoso de propheta.

D'alli por diante havia de fatalmente obedecer ás exigencias d'esse povo, a quem elle quizera impor-se e de que tinha de acceitar o caprichoso jugo.

Obrigado a deixar por algum tempo o sumptuoso convento de S. Marcos por ordem de Pedro de Médicis que interdissera o uso da palavra ao audacioso orador que parecia acceitar a cumplicidade da invasão estrangeira, ha n'esta época da vida de Savonarola como que uma pausa de repouso recolhido e dóce. O tribuno religioso que se retira da arena politica por algumas horas deixa transparecer o coração amante e penetrado da luz evangelica.

N'uma casa pequena e humilde, situada no declive de uma collina de Careggi, o eloquente dominicano junta os seus levitas mais moços e mais ardentes, e ministra-lhes copiosamente a instrucção espirital em praticas pela primeira vez ungidas da graça desconhecida á sua palavra nervosa e vibrante.

Os francezes no entanto penetram nas provincias toscanas, Pedro de Médicis tem de fugir e os florentinos chamam o seu propheta para o enviarem ao encontro dos barbaros, cuja vinda elle annunciara e predissera.

Popular como nunca entre os que o consideravam, o santo do partido democratico quando Carlos VIII deixa Florença é elle quem fica senhor d'ella.

Deliberavam as principaes familias florentinas ácerca da base em que havia de assentar-se definitivamente o governo do Estado que os francezes tinham libertado do poder dos Médicis. Depois de largas consultas em que se desenvolveram, com o pedantismo que era o ridiculo do tempo e nem mesmo nas crises mais graves perdia os seus direitos, as vantagens e os contras da monarchia e da republica, Savonarola hesitante, visivelmente perturbado mas levado irresistivelmente pela onda popular, converteu Florença n'uma especie de democracia theocratica.

Havia assembléas constituídas, commissões eleitas, nomes que apresentaram o poder, o governo contudo, a verdadeira senhoria sem titulos officiaes e sem apparatus pomposos, residia em S. Marcos.

O povo florentino tomára ao pé da letra a imaginosa e figurada eloquencia de seu tribuno.

Elle no entanto não ousando ou não sabendo explicar-se d'nm modo explicito e positivo, recorria ás formulas vagas, ás considerações geraes.

«Precisas ó povo florentino, prégava elle, d'um governo que previna a volta da tyrannia, e em que todos os cidadãos livres realisem o reinado da simplicidade, da humildade, da caridade christã.»

A primeira applicação dada por Savonarola ao prestigio omnipotente que adquirira sobre os seus concidadãos, foi toda em favor da regeneração dos costumes, chegados ao supremo gráu de relaxamento. Fundando-se no perdão universal proclamado pelo Divino Mestre, os principios da sua reforma eram os seguintes:

— Temer a Deus; preferir o bem da republica ao bem dos individuos; esquecer todos os odios antigos, perdoar todas as antigas offensas, proclamar uma amnistia geral para todos os desvarios commettidos na lucta das facções.

O novo tribuno fundando na virtude e na indulgencia mutua a futura prosperidade da democracia, não só dava um exemplo de alta moralidade na Italia povoada de vinganças sangrentas, senão tambem que prevenia nas agitações inevitaveis d'aquella repentina alteração social, que se operava em Florença, os excessos perigosos da embriaguez popular.

Depois para solidificar o poder que ambicionava converter no bem e na moralisação da patria, lembrou-se um pouco mais do que era licito, para a gloria sem mancha do seu nome, de que era italiano, e fez eccoar, no coração vibratil dos florentinos aquellas palavras mysteriosas com que elles gostavam de emballar-se como as creanças se emballam no vago das lendas romanescas.

— Ó Florença, rejubila-te, Deus quer enfim dar-te um chefe, um rei que te governe, o Christo quer ser o teu rei. Foi elle proprio que o disse. Ó Florença não faças como os judeus que pediram um rei a Samuel. Deus respondeu-lhes:—Dá-lhes um rei, não foi a ti que elles desprezaram foi a mim. Ó Florença não os imites; acceita o Christo que é teu rei.»

E o povo ao sair da egreja, bradava docilmente:

— «Viva o Christo, que é nosso rei.»

Como facilmente se comprehende Savonarola escolheu para si o papel de representante visivel da realza divina, e Florença a cidade dissoluta e pagã dos Médicis, acceitou o governo do illuminissimo, a politica da prophecia, a inspiração constituída em poder pratico.

Quando as nações ou os individuos têm d'estas crises febris em que todos os nervos vibram com exagerada tensão, todas as exaltações se admittem como possiveis. E todavia um erro imaginar que ellas pôdem ser duraveis.

Deixando de embriagar-se de luxo e de arte, Florença embriagou-se de penitencia e de musicas sagradas. Em vez do arôma das flôres, o perfume do incenso, em vez dos festins, os jejuns e as abstinencias, em vez de versos de amor, os psalmos, em vez do latim de Virgilio e de Cicero o latim de Santo Agostinho e de Santo Ambrosio, em vez dos dramas que tinham por theatro a cidade inteira, as procissões que tinham a cidade por templo, em vez da loucura do scepticismo, a loucura da devoção.

As mulheres e as creanças, umas cheias de tendencias espiritualistas de vagas curiosidades irritadas, gostando sempre de atirar-se ao desconhecido com o ardor insaciavel e morbido que as distingue em todas as cousas, as outras enthusiastas, inflammaveis com a imaginação prompta para acolher o maravilhoso, e com a flexibilidade malleavel que toma todas as formas, comtanto que lh'as imprima uma vontade rude e energica, auxiliam com a perigosa parcialidade irreflectida a obra moralisadora do apostolo.



Umas desertam os bailes illuminados e festivos, pela sombra do confessorio asphyxiante e morna, offerecem em holocausto á religião, as joias preciosas, os braceletes bysantinos, os tecidos de Smyrna, todas as queridas vaidades em que se deixavam mollemente adormecer; afundam-se soluçantes e penitentes nas tristezas languidas do arrependimento, sonham com os clarões sinistros do inferno, vêem impressa em tudo a mão phosphorecente de Satanaz, exaltam-se com exaggeros doentios nos enlêvos mysticos da devoção, e aspiram ás longas expiações tormentosas na sagrada embriaguez do sacrificio; as outras constituidas em confrarias de attribuições diversas e diversos nomes, exercem sob a direcção do frade a policia dos costumes, e forçados a denunciarem as impiedades e os crimes paternaes são uma instituição immoral e uma instituição pueril.

Aquelle tempo estava condemnado aos excessos. Ebriedade pagã, ou ebriedade mystica, ninguem podia furtar-se aos capitosos effluvios que se respiravam n'aquella atmosphaera electrica, cheia de futuras procellas.

Para vêr a influencia que n'um momento dado da sua vida Savonarola exerceu sobre os costumes e os homens, basta dizer-se que Marcilo e Policiano renegam o velho culto, na amizade do tribuno florentino; que Machiavel então moço e possuindo ainda aquella penna de bronze com que escreveu o *Príncipe*, tem por elle um entusiasmo de discipulo; que os poetas que imitavam Virgilio e Petrarcha passam a imitar os psalmos; que os artistas deixam de estudar a bella e magestosaa nudez antiga para se entregarem todos aos assumptos devotos.

Á proporção, porém, que o dominicano sentia avivar sob a pressão da sua vontade o fanatismo popular, vão tambem crescendo as suas exigencias.

Um dia é uma procissão que percorre todas as egrejas da cidade, e que determina uma especie de delirio devoto em que os dominicanos todos formando um circulo dançam phreneticamente «como *David dançou diante da arca*» explicava no dia seguinte o oraculo da ordem; n'outro dia é um solenne *auto de fé* em que se queimam em holocausto a Deus todas as obras d'arte, os adornos feminis, todos os quadros profanos que Savonarola tinha induzido os fieis a amontoarem em desordem nos subterraneos do convento de S. Marcos.

Em quanto elle trabalhava sem tréguas n'esta empreza impossivel de restituir o povo de Florença á simplicidade christã dos tempos primitivos, servindo-se na sua obra de moralidade e de justiça de todos os elementos que podiam auxiliá-lo, ou fosse a paixão das mulheres ou fosse a credulidade dos ignorantes, a Italia agitava-se em sentidos diversos, Pisa separava-se de Florença e defendia a sua pequena republica com prodigios de valor, e Alexandre VI, o novo Tiberio, realisava em Roma todas as monstruosas abominações da Capréa dos Cesares.

O Vaticano era então como que a enorme jaula onde se reboleavam na crueldade e na lascivia essas feras que se chamaram os Borgias. Alexandre o velho leão matreiro, Cesar o falso tigre dos juncaes indianos, agil, flexivel, friamente perfido, Lucrecia a serpente airesa e mortifera,

de elegantes ondulações magneticas, Circe de longos cabellos d'ouro, que dava a morte nos filtros da sua volupia cruel.

Savonarola diante da Igreja profanada, prostituida nas mãos do velho Satan de baculo e mitra, arrancou da sua alma os gritos da mais apaixonada colera, para denunciar ao mundo a farça abominanda.

Não era já a reforma parcial do clero que elle exigia, era a reforma geral da Igreja, começando por um concilio que depuzesse Alexandre VI, o sacrilego pontifice. Para alcançar este fim supremo não duvidava elle chamar á Italia o estrangeiro, e não ha esforços, que inspirada por elle a republica não faça, para Carlos VIII tomar outra vez o caminho dos Alpes.

N'este momento trava-se a lucta, lucta de morte entre o que sonhára ser o reformador da corrupta egreja e o que a arrastava nos extremos lodaças da infamia.

Savonarola denuncia as orgias de Roma, os seus crimes, os seus envenenamentos, a sua luxuria infrene, a sua simonia escandalosa; Alexandre VI anima os amigos de Médicis, os adversarios da politica então reinante, os que principiam a ver no propheta o homem cheio de inesperienza e de fraquezas.

Marianno Gennazaro o antigo adversario de Savonarola, e então geral dos Agostinhos, vem inspirado pelo papa, prégear contra o seu velho inimigo.

Dividem-se os campos, uns applaudem Gennazaro, outros applaudem o prior de S. Marcos, o tumulto começa a penetrar até na Igreja. Os amigos de Médicis, os ricos, os aristocratas, os libertinos, todos os que por interesse ou por convicção, combatem Savonarola, junctam-se com o fim de o derrubar; os dois partidos injuriam-se, disputam os cargos e as magistraturas, e n'esta lucta intestina das facções, a posição de Florença agrava-se cada dia.

Savonarola, enfraquecido pela lucta, deixa o seu partido commetter um d'estes erros, que a não serem o desafio audaz da força que se afirma, são o symptoma supremo da fraqueza que se abandona.

N'uma das suas alternativas victoriosas, a politica de que elle é o representante maximo, depois de ter proclamado o perdão de todos os desvarios facciosos, condemna á morte uns poucos de partidarios de Médicis.

Este erro em vez de acalmar, exaspera as paixões desenfreadas contra Savonarola.

Elle principia a sentir pesar-lhe nos hombros o fardo que acceitára. Ao vêr crescer como uma maré ameaçadora a onda dos inimigos, entrava com elle a tristeza insondavel dos que se sentem vencidos.

Como nas horas do triumpho, cada uma das suas conquistas o animava para conquistas maiores, assim na hora da provação, cada uma das suas derrotas lhe ia roubando a força para novas luctas.

Como se não contentára em conservar-se nas regiões superiores e inacessiveis á tempestade d'onde podia ter dominado o seu tempo, ope-

rando n'elle uma influencia elevada e benefica, logo que o partido de que era o chefe por assim dizer, theocratico, e que por algum tempo dominou sem adversarios, teve de combater, Savonarola foi obrigado a descer com elle á arena, e a partilhar as suas quedas, como partilhara as suas victorias.

O poder dos homens que o vulgo julga sagrados e invenciveis esmorece e succumbe ao primeiro embate. Para Savonarola ter vencido pela primeira vez, era ser definitivamente forçado a abdicar.

Elle, com a sua alma terna e com intermittencias de exaltação e de fraqueza, com o seu olhar de vidente, que se alonga pelos horisontes insondaveis, entrevê o martyrio e choram-lhe na voz umas notas de ineffavel tristeza.

— «Ó Senhor, Senhor, onde é que me conduziste? Por ter querido salvar algumas almas vi-me n'um lugar d'onde já não posso voltar para o meu socego. Era livre, e eis-me escravo de todos. Vejo por toda a parte a discordia e a guerra que avançam para mim. Vós, ao menos, ó meus amigos, ó eleitos de Deus, por quem dia e noute choro, tende piedade de mim! dae-me flôres, porque, como diz o cantico, eu enlouqueço de amor... flôres, quer dizer boas obras.»

— «Mas qual será, ó Senhor, a recompensa concedida na vida eterna a quem sair vencedor d'um tal combate? O olhar não pôde vê-la nem o ouvido escutal-a: será a beatitude celestial. E o premio n'esta vida? O servo não será maior que o amo, diz o Senhor, hem sabes que depois de prégá-la lei, fui crucificado, o martyrio tambem te espera a ti.— Ó Senhor, Senhor, que o martyrio venha depressa, faze que eu morra por ti, como tu por mim quizeste morrer!»

O papa, em resposta a estes gritos d'uma dilacerante eloquencia, excommunga o valente paladino da virtude e da moralidade christã. Savonarola resiste á excommunhão; tem revoltas, ironias, coleras flamejantes, mas o auditorio vae rareando em torno d'aquelle pulpito, que rodeavam ha pouco ainda tão fanaticos proselytos.

N'este momento decisivo, Florença, em opposição com o papa e com o resto da Italia, tinha dois caminhos a seguir. Separar-se da causa italiana dando as mãos á nova invasão, que se preparava; separar-se da Igreja sob a direcção espiritual de Savonarola, ou sacrificar o seu propheta, deixando de fazer sua, a causa que elle representava.

O primeiro caminho era d'uma audacia impracticavel, não só porque o povo frivolo que fôra pagão com os Medicis e fanatico com Savonarola, tinha o mais indolente dos egoismos n'um fundo de indiferença religiosa, senão tambem porque o proprio Savonarola se sentia sem forças para proseguir n'essa obra de que primitivamente não alcançara todo o arrojo.

É portanto o segundo caminho que Florença adoptou.

A Senhoria, receiosa do scisma e da guerra, prohibiu ao pregador que subisse ao pulpito, ordenando-lhe que se encerrasse no convento.

Savonarola, que parecêra ao principio dominar os acontecimentos, era agora dominado e vencido por elles, o chefe politico abdicára força-



damente, o propheta só por um milagre de habilidade e da perseverança conservaria o seu já usado prestigio.

Os inimigos do frade aproveitaram com uma velhacaria verdadeiramente italiana esta hora suprema, e souberam persuadir matreiramente aos fanaticos que restavam ainda, a exigirem do propheta que tanta vez proclamára a divindade da sua missão, sujeitando-se a proval-a pelos meios naturaes e sobrenaturaes a que mostrasse pela *prova do fogo*, que não havia impostura em nenhuma das suas palavras.

A Florença corrompida da Renascença, um instante abalada pelo ascetismo convicto d'um exaltado, quiz divertir-se a si propria com esse estranho e irritante espectaculo.

Havia mezes vira ella em Savonarola, o representante visivel d'um Deus, o novo Moysés d'um povo, o reformador d'uma nação privilegiada, agora desabusado a respeito da habilidade politica de que o investira a seu bel-prazer, só via n'aquella grande alma virtuosa e austera, o impostor que a tinha fascinado com sortilegios perfidos.

Á fé dos proselytos que ainda lhe restavam, muitos dos quaes se offereciam a entrar no fogo em lugar d'elle, arrastou segundo o costume o dominicano.

Preparou-se uma grande fogueira, e Savonarola appareceu na praça acompanhado por uma procissão solemne,

O povo curioso e ávido de todas as sensações boas ou más, compassivas ou crueis, apinhado no lugar do martyrio como estivera ha pouco apinhado no templo, applaudia ou apupava estupidamente com a sua inconsciencia brutal.

Savonarola hesitava, tinha mêdo diante d'aquelle martyrio inutil e, o que é mais, ridiculo. Os crentes pediam-lhe em grandes vozes ferveuras, que se sujeitasse á provação, certos de que sairia d'ella triumpante; os inimigos riam-se, insultavam-no, desafiavam-no desdenhosos, porque tinham já agora a certeza de o haverem vencido.

No céu grandes nuvens negras, davam um tom sinistro ao quadro deploravel, burlesco e tragico ao mesmo tempo, e rebentando por fim em chuva copiosa por cima da cabeça de espectadores e actores, affugentou-os em debandada, apagando a fogueira, que para honra de Savonarola se não devia ter accendido nunca.

O populacho no emtanto, frustrado na sua esperanza, estava êbrio de colera bestial. Quizera um milagre, e não lhe tinham dado o milagre, quizera ao menos vêr morrer nas ancias affrontosas o que fôra seu idolo, e elle retirava-se pacificamente acompanhado pelos seus mais devotos, para o convento de S. Marcos.

É para ali que o tumulto habilmente alimentado pelos emissarios do papa, e pelos amigos de Médicis se dirigiu impetuosamente. O primeiro assalto, rechaçado pelos partidarios de Savonarola, que o estavam guardando, foi sem resultado. Exasperados pela resistencia, depois de perseguirem na cidade os magistrados mais importantes que tinham umas vezes auxiliado, outras vezes dirigido a politica de Savonarola, e de terem morto

alguns, os tumultuosos voltaram ébrios de sangue, e provavelmente de vinho, para o convento onde penetraram violentamente.

Savonarola, prostrado diante do altar, com o seu longo habito branco e a sua fronte inspirada e austera, cantava em alta voz o hymno supremo de supplica e de triumpho, diante do martyrio que antevia.

A revolta que diversas influencias tinham organizado, mas que era unanime contra o frade, acalmou-se com a prisão d'este.

Um tribunal composto pelos seus inimigos, impoz-lhe a tortura. Deante d'ella o homem foi fraco, confessou tudo que os algozes quizeram, e a fogueira onde tinha definitivamente de vir a ser queimado, accendeu-se outra vez.

N'este momento o character um pouco fluctuante, sem relevo accentuado do prégador dominicano, levanta-se e idealisa-se.

Encontra a força diante do martyrio. Quando antes de o entregarem ás chammas o expulsam do gremio da Egreja, responde com a sua voz profunda habituada a levantar as grandes commoções.

—«Da militante sim, da triumphante não!»

Depois, na forca, suspenso sobre as chammas que vão consumil-o, murmura em tom dilacerante:

—«Ó Florença, Florença que fizeste tu?»

Que dois gritos de eloquencia irresistivel, e como elles revellam a sua alta convicção e a sensibilidade da sua alma. Falta-lhe porém a força, a firmeza, a perseverança.

A revolução de que elle foi o iniciador e o chefe, está de tal modo identificada com a politica transitoria do seu tempo, que não passa d'um esforço isolado sem grande significação philosophica, quando podia representar na historia como parte importante das collectivas aspirações que fructificaram, amadureceram e se resumiram enfim na evolução gigantesca da reforma.

Em Savonarola ha desequilibrio manifesto entre a concepção e a prática.

Reformador moral, parece contentar-se primitivamente em circum-screver a sua influencia e limitado circulo; mais tarde chefe politico, hesita entre a republica e a theocracia, transvia-se, vacilla entre influencias e idéas contradictorias, não podendo conter os excessos dos seus partidarios, filia-os como que para consagral-os, e á proporção que se vão alargando diante d'elle os horisontes da sua ambição, e que de adversario d'um partido se vae transformando em adversario da Egreja constituida, sentem-se no seu espirito as duvidas, as fluctuações, as incertezas que revellam fraqueza ou timidez.

Na lucta empenhada entre Alexandre Borgia e Savonarola é o primeiro que tinha de vencer, porque possuia e manejava com monstruosa pericia a arma hervada da astucia, que Savonarola como italiano do século xv não desdenhou de todo, e a qual para elle, coração honesto e grande, consciencia luminosa, só podia ser traiçocira e impotente.

Illudil-o na sua colera sagrada diante das abominações da Egreja, e

dos vícios dos seus potentados, quiz oppôr á mentira perversa, o engano bem intencionado, sem saber que a mentira é sempre má e que se transforma em espada de dois gumes, nas mãos immaculadas que não sabem aproveitá-la.

Sem um plano préviamente traçado que se votasse a seguir fatalmente sem o desvio d'uma linha só, audaz e imprudente nas exaltações do triumpho, medroso e tímido nos desfalecimentos do combate, não tem bastante austeridade para prescindir da impostura, nem bastante energia para a sustentar ao fim.

Não importa! N'aquella época monstruosamente corrompida, é uma bella e singular figura a destacar-se em fundo tenebroso, e a sua voz que denunciava com sagrado valor os crimes de Roma, devia ecoar mais tarde no espirito dos gigantes que lograram condemná-los no immenso tribunal da consciencia humana.

A sua alma era boa, generosa e toda elevados intuitos; tinha pelo povo aquelle exagerado amor que se conduz aos erros, sabe resgatar-os nobremente.

Não podendo desligar-se completamente d'aquellas idéas italianas do seu tempo que divinizam a astucia, quiz fazer d'ellas um instrumento de regeneração social. E quem sabe no fim de contas, se a sarça ardente que elle avista no Horeb das suas apocalípticas visões, não é um sonho febril da sua organização sobreexcitada pelos jejuns, pelo mysticismo, pela solidão.

É provavel que primitivamente Savonarola se não julgasse marcado com o signal dos eleitos, mas esta idéa uma vez germinada no seu espirito, cresceu, alastrou-se, alargou — perfida parasita! — as suas grandes ramas hostis por sobre a arvore luxuosa da sua fé.

N'este homem singular na historia dos individuos, como o seu tempo é singular na historia dos séculos, não se pôde bem delimitar o que é verdadeiro e o que é falso.

A sua convicção é theatral, a sua convicção é conscienciosa. N'elle confundem-se o comediante e o apostolo,

Revigora-lhe a fé que tem em si, a fé que inspira aos outros, ou para melhor dizer, é a fé dos outros que arrasta a sua fé, e a prova é que logo que os outros duvidam, elle deixa de crêr.

A verdade porém é que batalhou como um verdadeiro paladino da moralidade e do christianismo, que exerceu nos homens da sua patria e do seu tempo, uma fascinação profunda comquanto rapida, e que se não houvesse descido á arena onde se degladiam os interesses mesquinamente praticos, erro que não commetteram os luminosos espiritos que eram o seu ideal, essa influencia podia' ter sido util, duravel e fecunda.

Guichardim fallando de Savonarola pronuncia a respeito d'elle este juizo machiavelico:

— *«Se era sincero, a Italia viu um grande propheta, se era impostor, viu um grande homem.»*

Para bem comprehendermos aquella Italia fascinadora e terrível que



só curvava — fabulosa chimera! — o dorso fulvo sob a perfidia e a força, e que tinha felinas crueldades para os que a amavam com a paixão commovida e ingenua, vejamos em dois successivos quadros d'uma galeria imaginaria, Savonarola torturado, calcinado entre agonias despedaçadoras na fogueira homicida, e d'ali a nada Cesar Borgia entrando em Roma triumphante na pompa olympica dos imperadores antigos, vestido de veludo e de perolas, montado em soberbo cavallo arabe, com o seu brilhante olhar metalico e feroz, o seu pallido rosto marmoreo, a sua bizzarria invencivel, e aquella belleza sombria, felina e tragica que faz d'elle o Satan fascinador, que a posteridade vê de pé no rendillhado frontão da Renascença.

Pintens, 1875.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

---

# CHRONICAS—REVISTAS

---

## AMÉRICA

---

Desastrosas suelen ser las penurias que padecen de vez en cuando los gobiernos en su tesoro, porque faltando recursos para atender á las obligaciones públicas se entorpecen los servicios y los particulares sufren sensibles daños. Pero á veces el motivo de la penuria no dimana de la situación general de la riqueza, sino de las condiciones accidentales del gobierno, y entonces, sin embargo de las angustias del tesoro público, las especulaciones particulares, la industria, el comercio y todos los trabajos productivos continúan su natural movimiento, entorpecido, sí, pero no paralizado por la crisis.

Ya hemos dicho que en Montevideo ha tenido necesidad el Poder Ejecutivo de recurrir á los dos remedios más formidables que se conocen para luchar con la que tiempo hace venia padeciendo la hacienda pública; á saber; la suspensión del pago de ciertas obligaciones y la emisión de papel con curso forzoso; y en verdad, cuando se debe mucho y se tiene poco, lo más sencillo es disminuir las deudas y aumentar el caudal, aunque sea por el momento y se haga artificialmente. Pero el problema no se resuelve de este modo, sino se aplaza; lo que es algo al fin, porque se gana tiempo para reflexionar y descubrir recursos.

Ahora hay que saber si la crisis en la República del Uruguay es meramente gubernamental ó si trasciende á la riqueza toda, y en este sentido los síntomas son desagradables. El hecho es que no solamente el gobierno está ahogado, sino también los particulares y que todas las nego-

ciaciones están desquiciadas. El elemento principal de circulacion es en el Uruguay el papel moneda emitido por el gobierno y por los Bancos particulares, porque el metálico ha escaseado siempre, y no ha sido bastante para satisfacer las exigencias del cambio aumentadas con la prosperidad de los últimos tiempos.

Numerosos eran los Bancos particulares y todos emitian billetes; el capital en circulacion era considerable, pero ficticio; todo el que necesitaba fondos los tenia, pero representados por algunas tiras de papel, que pasaban de mano en mano sin dificultad, porque todo el mundo estaba tácitamente conforme en que valia aquel papel tanto como el buen oro acuñado.

De esta suerte un negociante cualquiera no tenia más que decir que establecia un Banco con el capital de doscientos mil pesos, por ejemplo, que muchas veces no tenia, y si todo el mundo creia firmemente que era efectivo aquel capital, desde luego echaba al mercado diez ó doce *retratos* de cada uno de aquellos doscientos mil pesos imaginarios, que pasaban como los mismos originales; porque debe tenerse en cuenta que los primeros que los piden y toman suelen ser los necesitados de fondos, á quienes la necesidad misma quita los escrúpulos y que por igual razon despues hacen esfuerzos á fin de generalizar la confianza. Pero la naturaleza de estas instituciones bancarias vá empujando lentamente al extremo del abuso. Como para llenar la caja no tiene el establecimiento otro trabajo que mover la máquina de hacer billetes, su dificultad estriba en discurrir colocacion á los fondos y en esta virtud se cae en la tentacion de las empresas ruinosas y se presta á todo el mundo, sin escrupulizar las garantías, con el resultado de que se van reuniendo en cartera valores perdidos, que figuran como buenos, hasta que llega el instante supremo de la quiebra. Nada hay que decir del caso de mala fé de parte de la administracion.

Pero llega un momento en que la confianza desaparece, bien sea por un motivo fundado ó por cualquiera causa inexplicable, que esto es indiferente para las consecuencias, y de seguida todos los que tienen billetes en su poder se alarman y se apresuran á cambiarlos, contribuyendo esta misma agitacion á aumentar el pánico y á hacer que hasta los más valerosos se intimidan, y de resultas de la universal demanda, las existencias metálicas del establecimiento se agotan de seguida y los billetes dejan de cambiarse, aunque el banco esté desahogado, porque de todas maneras sus fondos se encuentran invertidos en negociaciones á plazo y carece en el momento del efectivo indispensable para recoger todos sus billetes.

Desde este momento ya no hay quien dude de que el billete, tan codiciado antes, es un papel mojado y la desconfianza, vá á sus límites extremos, muchas veces sin motivo y solo porque el temor no raciocina.

Un economista ha dicho que si una persona tiene un real y cien personas saben que lo tiene puede expedir una obligacion que importa un real á cada una de ellas y dispone así de cien reales en un momento



determinado. Esta es una buena explicacion del crédito, que solo con cambiar los datos puede tambien dar una idea del descrédito.

Deja un establecimiento de convertir en efectivo sus billetes al portador, que circulan como numerario, y uno de estos billetes, valor de un real, se presenta á cien personas para que lo cambien, sin resultado; pues esto basta para que el establecimiento aparezca como deudor de cien reales en la hora de la desconfianza.

Un pánico resultado de diversos motivos hizo que los tenedores de billetes al portador de los Bancos existentes en Montevideo se presentaran en tropel á convertirlos en numerario y no fué menester más para que casi todos los bancos particulares quebraran y sobreviniera una paralización absoluta en las transacciones y un desconcierto general; y como en estos casos el capital efectivo y sólido se amedrenta y se esconde, faltaron á un tiempo mismo el capital metálico y el capital papel en un movimiento de negocios arreglado ya á la masa de uno y otro que habia en el mercado.

\*  
\* \*

El efecto de este desequilibrio no es menester explicarlo, ni se puede exagerar, porque en aquel país ha tenido que ser más desastroso que en otro cualquiera de Europa. — El numerario es allá más escaso y desde luego insuficiente para las atenciones más limitadas; la poblacion ha crecido en estos años últimos en una proporcion relativamente desarreglada con la que antes habia y ha crecido de resultados de la inmigracion, que ingerta elementos que no vienen armonizados entre sí, ni con funciones bien distribuidas en orden al trabajo; elementos que por otra parte no encuentran preparado el taller y tienen que vagar durante algun tiempo antes de colocarse en la corriente de la produccion y que de todas maneras motivan que sean menester nuevos capitaies para sostener los nuevos trabajos. Ahora bien, cuando en una sociedad de esta índole sobreviene una crisis como la que hay en Montevideo, sus resultados son terribles siquiera en los primeros dias, principalmente para la poblacion recién llegada, que ha ido á buscar trabajo y se encuentra lo mismo que en el país que acaba de dejar, pero con menos relaciones y recursos y hasta con la agravacion que tienen los dolores que se sufren lejos de la patria.

Así ha sucedido allí que los inmigrantes recién llegados no han tenido donde trabajar y se han visto y aun se ven algunos todavia, expuestos á ser víctimas de la miseria y que muchos se hayan decidido á abandonar de cualquier modo aquellas regiones y á trasladarse al Brasil, donde los ha asesinado la fiebre, implacable enemigo de los extranjeros, por no tener recursos para dirigirse al Pacífico en busca de un clima apacible y de un trabajo seguro y bien recompensado.

\* \*

La prensa del Plata se preocupa y con razon del pánico que ha invadido á los inmigrantes y clama contra los manejos de los agentes consulares del Brasil á los que atribuye trabajos para desviar la corriente de la emigracion europea y dirigirla al Imperio. En esto aparece el antagonismo de que ya hemos hablado en crónicas anteriores.

Es verdad que el gobierno del Brasil, como todos los de América, trabaja por poblar las extensas regiones de aquel Estado; cierto es tambien que en los tiempos últimos se ha querido aprovechar de la inquietud y de las necesidades de los inmigrantes europeos, que estaban sin recursos en el Plata y que les ha ofrecido pasage grátis para el Brasil y es un hecho por último que algunos millares han admitido el ofrecimiento y se han marchado; pero todo esto no pasa de una diligencia natural de la misma índole que las que se están haciendo en las repúblicas Argentina y del Uruguay hace algunos años. Puede ser que en el fondo exista tambien el deseo de quitar fuerzas y recursos á las naciones del Plata para el dia inevitable del choque armado; pero contra él no tienen estas otro recurso que pensar seriamente en el problema de la inmigracion; que no se ha hecho todo con esparcir esperanzas y abrir las puertas á los extrajeros; antes bien es preciso preparar trabajos y distribuir los elementos reciénvenidos en un sistema ordenado y fecundo, á fin de prevenir fluctuaciones y desastres. Alguna vez trataremos con más despacio el particular de la inmigracion europea tan interesante para las repúblicas del Plata.

\* \*

En Buenos Aires la crisis comercial, si no tan aguda como en Montevideo, es grave asimismo y sus causas son idénticas por la analogia de intereses y de situacion. Hace cinco años que la produccion viene desequilibrada con el consumo. En los años de 1871 y 1872 la diferencia contra la produccion nacional fué, segun los datos oficiales, de unos treinta y seis millones de pesos; y en los de 1873 y 1874 no habrá bajado de veinte. Los guarismos oficiales en materia de estadística suelen ser inexactos; pero de todas maneras los síntomas corrientes del mercado indican un desequilibrio notable entre el consumo y la produccion.

Contribuye á él por una parte el desórden que reina en lo tocante á inmigracion, pues no estando previamente dispuestos talleres para los trabajadores que llegan en número considerable con relacion á los habitantes del pais, hay un periodo en que los recién llegados consumen y no producen: por otra parte la abundancia artificial y la riqueza, que se han simulado, llevaba á un consumo fuera de medida, principalmente de objetos de lujo, todos de produccion extranjera. Además en estas situaciones febriles se desata el afan de los negocios; pero justamente de aquellos que consisten en el agio, y los capitales se agitan fuera de la produccion, atraídos por la ganancia de las especulaciones de aparato,

que prometen mas que las modestas y tranquilas del trabajo fecundo. A mayor abundamiento la propiedad en pocos años adquirió unos precios fabulosos, como si faltara espacio para la edificacion y para la agricultura; y estos precios exorbitantes influyeron en los de los otros productos, haciéndose de este modo más costosa y difícil la subsistencia.

El déficit de la produccion se ha ido saldando con el numerario, abundante en un principio, con los empréstitos y con el papel moneda, ocultándose de esta suerte el desequilibrio; pero como á la larga la verdadera situacion tiene que aparecer, llegó el dia de la crisis y el terror ha sido tan grande como fué la anterior confianza.

Sin embargo las noticias últimas presentan un aspecto más consolador y se habla de que van á llegar gruesas sumas de metálico para restablecer el equilibrio; pero no hay que hacerse ilusiones; mientras exista la diferencia entre la produccion y el consumo los remedios son momentáneos y el mal reaparece, porque subsiste; sin que haya otro recurso eficaz que producir más ó gastar menos, cuando lo que se gasta, viene de otra parte. Lo más seguro, estable y conveniente es aumentar la produccion; hacer que no haya fuerzas ociosas, ni capitales mal invertidos; pensar y creer que el agio y las aventuras pueden á veces producir grandes ganancias, pero ganancias estériles que perjudican á la riqueza general, porque desquician los valores y desconciertan el trabajo.

\*  
\*  
\*

Los preparativos de guerra continuan así en la república argentina, como en el Brasil; guerra inexplicable fuera del vano deseo de inútil preponderancia. Cada una de estas dos naciones posee inmensos territorios despoblados, tan feraces como improductivos en la actualidad. ¿Qué se proponen conseguir por medio de las armas? ¿Aumentarlos todavía, sin provecho de ninguna clase? Más prudentemente obrarian dedicando sus recursos á sacar ventajas de lo que poseen.

La prensa de las dos naciones dedica repetidos escritos á la guerra y estimula los armamentos, si bien procurando cada una de las parcialidades hacer recaer la responsabilidad sobre la nacion enemiga.

Las periódicos argentinos, despues de mencionar los motivos de agravio, dejan entrever el propósito de conquista, diciendo que si estalla la lucha es menester tomar posiciones que aseguren la paz en el porvenir, y los brasileros por su parte anuncian que en la misma eventualidad no serian las consecuencias meramente el platónico resultado de la libre navegacion de los rios, ni como en la guerra del Paraguay, la satisfaccion de haber redimido un pueblo esclavo.

Una y otra nacion hacen preparativos costosos, adquieren armamento en Europa, compran buques acorazados y preparan torpedos para defender las avenidas marítimas.

Los argentinos fortifican la isla de Martin Garcia y los brasileros



reunen soldados en Matto-Grosso y refuerzan los que ocupan el Paraguay, como si la lucha fuera ya inevitable é inminente.

El Arzobispo de Buenos Aires, repuesto del susto que le inspiró la actitud de las masas populares en el desgraciado día del incendio del colegio de los jesuitas y alentado con la adhesión de los conservadores, ha publicado otra nueva pastoral con el mismo tono y estilo de la que motivó aquel suceso. Los jesuitas no desperdician ocasiones, ni pierden el tiempo.

Un sensato periódico del Rosario viene á decir lo que nosotros hemos dicho en nuestras crónicas.

«Después de tantas protestas, de tantas manifestaciones, de tantas alarmas y de tan buen espíritu contra la compañía de Loyola, venimos á concluir por levantar suscripciones para proteger á la misma compañía contra la cual se habia levantado en masa el pueblo; suscripciones que en vez de hacerles honor son una vergüenza, puesto que vemos centenares de individuos que carecen de trabajo, tal vez de pan y no hay una mano generosa que los auxilie.»

«Estamos seguros que la mayor parte de los que han contribuido para proteger nuevamente á la compañía no son capaces de socorrer á una de tantas familias desgraciadas de las muchas que hay en Buenos Aires.»

.....

«Cuando se quema el almacén de un pobre pulpero, padre de una numerosa familia, ningún rico tiene lástima, ni consideración para él; por el contrario todos sus acreedores se afanan para concluirlo, acudiendo al Tribunal de Comercio para hacer constar sus intereses.»

«Naufraga un barco salvándose los navegantes, que se encuentran desnudos y sin techo, pidiendo socorro; no se hace caso de sus instancias y se les cierra la puerta.»

«Durante las guerras civiles, que tan á menudo ensangrientan el suelo argentino, muchos patriotas sucumben ó sobreviven mutilados al punto de estar impotentes para ganar la vida, el corazón de los ricos se cierra y los inválidos ó sus hijos huérfanos á duras penas encuentran quien les dé un mendrugo de pan por limosna.»

«Ahora el pueblo pegó fuego al colegio de S. Salvador, invadió el palacio Arzobispal, destrozando los muebles. Al punto la aristocracia del dinero se pone en movimiento para recolectar fondos á favor de los jesuitas y de Aneiros; ya se abren listas de contribución en cada familia de alto copete y muchos ricachos se apresuran á suscribirse con sumas cuantiosas, de las que una sola bastaría á formar un patrimonio.»

Tiene razón que le sobra el periódico á que nos referimos. La religión en nuestros días representa para la generalidad de los hombres un arma de combate y no un sentimiento, ni mucho menos una idea. En política los reaccionarios se sirven de ella contra los liberales, en las contiendas económicas viene á servir de bandera á los conservadores de los

monopolios. Rico hay que mientras fué pobre, no creyó en Dios y que al verse acaudalado ostenta el lujo de un capellan, así como el del carruage, con todo de que continúa pensando de la misma manera que un su principio. La devocion, la caridad, las virtudes se cotizan y quien no las siente las representa por algunos céntimos que arroja en el bolsillo de algun eclesiástico que divulga las mercedes de un santo milagrero y que promete ciento por uno y la añadidura de la gloria.

\*  
\* \*

Lacónicos telegramas anuncian que ha estallado una nueva rebellion en Montevideo; pero no dicen el sentido, ni hablan de las fuerzas de los rebeldes, ni de hecho alguno. Como los que se sublevaron son los que no mandan, calculamos que probablemente el partido recién vencido habrá apelado á la fuerza para recobrar el poder. Acaso habria contribuido en buena parte al hecho la persecucion de que ha sido víctima últimamente,

Aguardaremos á que las noticias que de allí vengan nos suministren datos para formar juicio.

R. DE CALA

---

## PORTUGAL E BRAZIL

A inauguração do caminho de ferro do Minho foi o acontecimento capital da quinzena. A rede dos caminhos de ferro portuguezes conta mais 50 kilometros, reduzido numero que em boa verdade não auctorisa completamente o espalhafato que houve a tal respeito. Afinal é tambem este um dos bens ou um dos males do systema que nos rege. Porque se construiu um pedaço de caminho de ferro, soltam-se bandeiras, toca-se o hymno e obrigam-se os ouvidos do monarcha a supportar o fervor ardente das phylarmonicas, e o estallar sêcco dos foguetes tão amados pelos bons portuguezes do norte. Não será acaso, além de tornar ainda mais penosas as funcções do monarcha, abusar um tanto da nossa bonhomia, o pretender que tomemos como festa nacional um acontecimento que só não é vulgar entre nós? Quantos milhões de foguetes terá de queimar a Russia, quantos milhares de vezes terá o esar de ouvir o seu hymno, se seguir os nossos exemplos, ella que constroe 3 ou 4 mil kilometros de vias-ferreas? Pois valem acaso tanto esses palmos de estradas? O que dirão de nós, que ignoramos as datas solemnes da nossa historia, que desconhecemos a biographia dos nossos grandes homens, que não temos commemorações nem nacionaes, nem religiosas, porque as procissões são

já apenas como os arrayaes do campo, simples divertimentos, o que dirão de nós, os que nos virem ardendo assim n'uma paixão lyrica pelas locomotivas e pelas actrizes?

Não seria acaso mais racional e logico fazer utilitariamente as cousas da industria, conservar cada qual em seu lugar, e não commetter anachronismos e contrasensos como de feito são benser machinas, e levar sua magestade entre os rollos da poeira que a locomotiva levanta ao passar? Ou acaso ha relação intima entre a monarchia e os caminhos de ferro? As *festas da industria* como dizem geralmente os jornaes, são-no para os industriaes; quando os operarios deitam foguetes e engrinaldam de flores o páu-de-fileira de uma casa, festejam ahi o resultado do seu trabalho; mas virem o primeiro empregado do Estado e todos os mais empregados, ao lavar dos cestos, fazer um brinde e ouvir um *Te-Deum*, é caso que leva a scismar um pouco na natureza dos motivos que o determinam.

Não é preciso scismar muito para descobrir a rasão. Tornar alliadas e melhor ainda solidarias as instituições com os commettimentos reaes e proveitosos foi e será sempre um bom expediente, jámais esquecido pelos politicos. O povo, olhando, desde a distancia que lhe concede a policia, para o grupo dos *figurões do Estado*, (seja-me licito usar d'esta expressão d'um livro recente, e mais feliz porventura do que o proprio auctor suppoz) vê o grupo do engenheiro, do bispo e do rei; ouve ao mesmo tempo o apito da machina, o psalmejar do padre, e o hymno; e broncamente vae scismando na indissolubilidade das tres cousas. Conseguem assim os politicos que o povo faça onvidos de mercador aos padres quando lhe disserem que seja por elles contra os *malhados*. O povo responderá: vocês lá estavam todos juntos.— E da mesma fôrma aos radicaes; Nada, que se se fôr o Fontes, se se fôr o Rei, já não ha mais caminhos de ferro.

Em boa verdade, a festa do Minho não foi uma festa industrial, foi uma festa *regeneradora* sob pretexto da industria. O ministerio, levando o rei, e inaugurando o caminho de ferro, matou d'uma pancada dois coelhos, os dois que são o seu programma politico: conservação e melhoramentos materiaes.

Mas esta especie de caçadas tem tambem os seus perigos. Notaram os que assistiram ao anterior passeio de suas magestades a frieza relativa que agora as acompanhou. Parece que da outra vez, se já não houve monarchicos, tão monarchicos para puxarem as carruagens como faziam os do principio do século, houve-os ainda sufficientemente quentes para despirem as casacas e tapetarem com ellas as ruas. Ou seja porque a fina educação dos portuenses reconheceu a inconveniencia de se apresentar em mangas de camisa diante do throno, ou seja porque o thermometro não consentisse taes excessos, o facto é que d'esta vez sua magestade viu toda a população do Porto vestida.

Muito houve quem ligasse uma grande significação politica a esta circumstancia; e alguns aproximando-a de certos episodios que acompanharam a marcha do comboio para Braga, segredavam entre si: mal, mal, isto vae



mal! e franziam a bocca. Os da opposição notavam que os vivos e os foguetes eram para o caminho de ferro e para o rei, mas, nunca! para os ministros; e havia até republicanos que chegavam a afirmar que o rei escamotára para o si o triumpho apenas dirigido á abertura da linha.

Como quer que seja, parece impressão quasi geral esta de que o acolhimento feito aos monarchas foi frio. Pois que cada qual intepreta a frieza a seu modo, seja-me tambem licito dizer o que sinto.

Não ha nada mais natural do que a frieza das populações para com a monarchia; não por ser monarchia, mas por ser instituição. A situação do rei vae começando a ser analoga á do bispo a quem as praxes mandam benzer a locomotiva. Está na festa, mas não faz parte d'ella. Todos fazem que o veneram, mas poucos se importam com elle. Abrilhanta o cortejo, mas não é parte activa da cerimonia. Está como os ricos moveis d'um salão, mas nem satisfaz o paladar como os manjares, nem o espirito como as mulheres: hem no fundo, passava-se sem elle. Isto que succede ao bispo, succede, ou começa a succeder por toda a parte aos reis.

Não é espirito hostile, é espirito indifferente. Os mesmos que hoje são frios, acaso o defenderão ardentemente amanhã se o virem em perigo. É licito dizer que já lhe não tem amor, mas é mister dizer tambem que o consideram necessario ao socego e aos interesses de cada qual. Se isto é assim, como se hão de esperar enthusiasmos, delirios, loucuras, homens que tomem o lugar dos cavallos de coche de galla, ou dispam as casacas para tapetar as ruas? Já passou a epoca dos heroes, já lá vae o tempo em que se adoravam n'um individuo a tradição historica e a santidade das instituições! Se infelizmente não vissemos transferirem-se aos arlequins os vivos de outras eras, podiamos com motivo saudar o engrandecimento da seriedade e da dignidade humanas.

Se não erro, no meu modo de ver, é claro que os politicos perdem o tempo e o azeite gastos em passeiar o throno pelas provincias. N'outras edades, as visitas apertavam o amor do subdito e dos vassallos; hoje o nosso espirito *blasé* acostumou-se a acatar só aquillo que não vê. Se ainda ha canto de provincia onde se julgue que o rei é de ouro, parece-me que os conservadores fazem mal em destruir essa pia crença.

Levarem as instituições sobre as locomotivas é quebrarem de um golpe o elo das superstições tradicionaes, que são uma das primeiras bases do espirito conservador. E não se julgue que phantasio. Braga apenas lá chegou o comboio real julgou necessario acabar por uma vez com a antiga usança de depôr nas mãos do rei as chaves da cidade. Com effeito, em cidades sem portas, não se comprehende hem a rasão de ser das chaves. Assim opinou Braga e n'estas palavras o disse:

«Era antiga usança, como symbolo de respeito e vassallagem deporem as camaras nas mãos dos principes as chaves da cidade que elles honravam com sua visita. Hoje, porém, a camara de Braga pela primeira vez deixa de praticar este tradiceo nal costume; não porque não albergue em seu peito lealissimo o mais encendrado amor pelos monarchas reinantes e a mais entranhada dedicação pela dynastia constitucional, mas por

que o vapor, este potentissimo agente da moderna civilisação, que com seu sopro ardente derroca as mais solidas muralhas, pulverisa os maiores obstaculos, estreitou em tão apertado abraço a capital do reino fidelissimo e a capital do Minho, que quasi transformou esta n'um degrau do augusto throno de vossa magestade, aonde jámais deixaremos de dar as mais irrefutaveis provas de que somos dignos de um tal rei.»

Ora eu, se fosse rei, mais queria as chaves do que esse throno de rethorica municipal. Um degráu em Braga, o throno em Lisboa, obrigarmehiam a dar passos demasiados ainda para as maximas dimensões conhecidas em pernas monarchicas. Arriscava-me a chegar ao throno como chegam os que tem fôlego para isso ao fim da arenga da municipalidade bracharense: extenuado. As instituições conservam-se sobre a fidelidade ingenua, e o peor symptoma de toda a viagem é para mim o gongorismo monarchico da camara de Braga. Já não és *fiel*, oh Braga! Se eu fosse rei, além de embirrar com a sem-cerimonia com que Braga se isemptou d'um dos antigos preitos de vassalagem, havia de aconselhar-lhe maior respeito e melhor estylo. Dir-lhe-ia que prefiro um throno, do tamanho antigo, embora carunchoso, ao throno de cartão pintado com que me brindam. É menos vistoso, mas mais solido, mesmo velho. Afinal se Braga teimasse em dar-me apenas o seu throno de metaphoras ir-me-ia naturalmente contentando com elle...

Mostram assim as monarchias um espirito mais ductil, e que nas vantagens positivas tem a compensação do que perde em solemnidade épica. Ha de ser eternamente mais bella uma nohre ruina, do que uma parede antiga caiada a ocre. O *non possumus* de Roma ha de viver por mais tempo na historia do que o direito liberal que corôa os reis pela graça de Deus... e da constituição. Por isso o critico, observando as cousas sob um ponto de vista mais pessoal do que politico, mais esthetico do que historico, mais moral do que logico, lamenta sempre que vê a mistura confusa que ennodôa constantemente as cousas humanas.

Ha porventura cousa mais digna e mais nobre do que a esmolla dos fieis áquelle que é o chefe da sua atribulada egreja? digna e nobre para o que dá e para o que recebe.

Trazei, porém, isso aos termos positivos da realidade, eizei-me se corresponde ao vosso sentimento o que transparece da circular do governador do bispado de Bragança, publicada pelos jornaes: «O nosso Santissimo Padre está *captivo no Vaticano!* privado das rendas de *seus estados*; sem recursos para costear as immensas despezas da administração geral da egreja catholica; dependente das esmollas dos seus filhos!

Que honra para estes o accudirem ás necessidades de seu pae! E tambem que grandissimo merecimento! Como Deus lhes sorrirá do céu! como lhes retribuirá cem por um!

A esmolla costuma ser prescripta para *ganhar qualquer* jubileu. Para o jubileu do anno santo sua santidade não o prescreve. Não seria agora occasião opportuna de appellar mais uma vez, e interessar a caridade dos fieis d'esta diocese em favor do grande, do amavel, do incomparavel Pio IX?»

E, depois de apellar assim para a superstição egoista dos fieis, o pastor diz aos parochos, da mesma forma que se diz em qualquer officio administrativo: «Chamo a attenção de v. s.<sup>a</sup> e de seus parochianos para esta idéa.» Christãos a darem-se senhoria! Que os bispos, uma vez que são funcionarios publicos, consintam em abençoar a locomotiva, em sanctificar assim os resultados de uma sciencia que os abafa, ainda se comprehende; mas que padres, em nome do que de Roma diz *non possumus* se dêem senhoria, á burguezia, liberal, constitucional, senhoria!

De bom grado mandariamos d'aqui um aperto de mão aos padres do Brazil, se não fosse a opposição radical das nossas opiniões. Não cêdem esses, e ainda o ultimo correio nos trouxe a noticia do processo do novo governador do bispado de Olinda. O bispo do Pará acaba de publicar uma defesa, livro<sup>1</sup> sob todos os pontos de vista notavel, e que ha de ser decerto estudado, como merece, nas paginas da *Revista occidental*. O Imperador, no discurso com que abriu a sessão ordinaria do parlamento brasileiro, referiu-se d'este modo ao conflicto:

«As dioceses de Olinda e do Pará conservam-se nas condições anormaes que produziu o conflicto suscitado pelos respectivos prelados. O governo tem sido, infelizmente, constrangido a usar de meios repressivos, para trazer aquella parte do clero brasileiro á obediencia devida á constituição e ás leis. Creio que a santa sé, convencendo-se da verdade dos factos e apreciando exactamente tão penosas circumstancias, fará o que está de sua parte para restaurar a antiga harmonia entre a authoridade civil e a ecclesiastica; mas, se tanto fôr necessario, conto com o vosso illustrado concurso, para as providencias legislativas que esse estado de cousas possa exigir.»

Parece entrever-se aqui uma esperanza de que a Santa Sé, reconhecendo a impossibilidade de levar a contenda para além das duas dioceses do Pará e Pernambuco, começaria a inclinar para uma composição. De outro lado, porém, o espirito bellicoso dos ultramontanos não affrouxa, e no senado e nos jornaes do partido fervem as insinuações contra os *tibios, medrosos, que querem salvar a pelle, cães mudos*. Esta linguagem, que não é modelo de unção catholica, nem os ultramontanos em geral tem papas na lingua, como diz o vulgo, accusa porventura o despeito natural nos que estão acaso soffrendo as consequencias da sua dedicação aos interesses da Igreja. Como quer que seja, não se concebe porém a natureza do convenio que viria pôr termo á situação actual. De um lado o Papa confirmando as interdicções, impoz aos *frimações* a obrigação de se retractarem no praso de um anno que já vae passado; do outro o governo mantendo até ás ultimas os fóros da sociedade civil, não recua diante dos processos e das condemnações. Que tangente descobrirão para aqui os homens de Estado? Dil-o-ha o tempo, mas o que é licito dizer desde já é que seja qual fôr, um ou outro dos dois poderes, e provavelmente ambos, sairão mal feridos da contenda; e n'esse facto provarão mais uma vez,

<sup>1</sup> *Direito contra o direito*, Porto 1875.



aos que de fóra observam estes phenomenos, a incompatibilidade organica dos poderes rivaes, que ambos á uma, pretendem ser os legitimos representantes da authoridade divina sobre a terra. Pois se Deus ungió ao mesmo tempo o Papa e o Imperador, é evidente que commetteu um pleonasmó; e este lapso grammatical ha de levar seu tempo ainda a corrigir.

Outro assumpto, e acaso mais grave, que tem preoccupado a opinião publica brasileira é a ultima phase da questão argentina. Referindo-me a ella, já ha tempo fallára da nomeação do sr. Tejedor para plenipotenciario junto á corte do Rio de Janeiro; possuímos hoje o discurso do enviado argentino e a resposta do monarcha brasileiro.

Disse o enviado argentino:

«Senhor. — O commercio e a civilisação das nações da America do Sul sobre o Atlantico dependem das boas relações que entre si mantenham o imperio e a republica Argentina. O meu governo está persuadido de que os dois povos, se podessem unir a sua politica, como uniram em outro tempo as suas armas contra um inimigo commum, assegurariam a paz do Rio da Prata com applauso das nações amigas. Para chegar a este resultado talvez não haja outro obstaculo, senão a questão de limites pendente com o Paraguay e a occupação do seu territorio. Fui nomeado pelo meu governo para aplinar estas difficuldades de modo definitivo e immediato.

«Muito feliz me julgaria, senhor, se ajudado pelos mesmos sentimentos da parte do governo imperial, me fosse dado firmar os tratados, que devem consolidar a boa harmonia entre o Brazil, a Republica Argentina e o Paraguay.»

S. M. o imperador respondeu:

«Agradeço ao meu grande e bom amigo o presidente da Republica Argentina esta prova de sua sympathia. Os reciprocos e importantes interesses que ligam felizmente o imperio do Brazil e a Republica Argentina, as gloriosas e gratas recordações de suas allianças para debellarem inimigos communs, formando a liberdade na região do Prata, affiançam o feliz exito de vossa missão, para a qual de certo muito concorrereis, por vosso illustrado patriotismo, fazendo justiça aos sentimentos de concordia e generosidade que tem sempre inspirado a politica do governo brasileiro.»

É de notar o tom da allocução do primeiro; e, no segundo, a phrase mais benevola e cortezã. Illudir-se-ia quem pretendesse ver ali o estylo proprio das republicas e das monarchias. Os democratas são a miudo mais pechosos n'esses assumptos: de um ministro da republica anglo-americana em Lisboa se sabia como levava vantagem a todos os cortezãos na profundidade das mesuras que fazia a el-rei. Mais perto da verdade andam, quanto a mim, os que vêem na rudeza do embaixador argentino um artificio para melhor fazer acceitar aos seus conterrancos a solução paci-

fica da disputa. A diplomacia americana aprendeu depressa os expedientes da velha Europa, e a nomeação do dr. Tejedor é, na opinião de muitos, um symptoma de solução pacifica.

Dir-se-ia que, sendo o diplomata argentino um dos mais fortes caudilhos da politica anti-brazileira, esta opinião é absurda; mas em politica, o provavel é sempre absurdo na ordem commum das cousas. A arte de governar homens é quasi sempre a de os illudir. Um brasilophilo perderia o seu tempo negociando com o governo do Rio de Janeiro; a opinião publica argentina negar-lhe-ia a confiança; só um brasilophago pôde, fazendo a voz grossa e carrancudo o gesto, obter o resultado necessario e a approvação geral ao mesmo tempo.

E o facto é que o resultado necessario quer para o Brazil, quer para a republica argentina, é a paz. Para o Brazil porque de facto é; para a republica argentina porque não pôde deixar de ser n'este momento. Não desaparecerá, addiar-se-ha o choque, pois que parece inevitavel no estado do espirito publico das republicas do Prata; mas tem de addiar-se por agora, porque as republicas não tem dinheiro, e sem dinheiro não se fazem guerras. Os banqueiros de Londres, parece, terem dito que não, a pedidos de emprestimos; e, como se sabe, SS. MM. os banqueiros são quem em ultima analyse governa o mundo. Esta circumstancia leva a crer que a rudeza de gesto do enviado argentino é apenas a necessidade que lhe impõem a politica patria; e que a sua brasilophagia o obriga a encaminhar n'este momento as coisas no sentido da paz.

Pacificado o norte do imperio, dominado o conflicto ecclesiastico, equilibradas as finanças, votada a reforma eleitoral, e addiada a questão argentina, os horisontes do Brazil apparecem tão limpos quanto é licito ás nações no seculo XIX. Organisar-se interiormente, desenvolver os instrumentos de civilisação moral e material, promover a emigração eis ahi o que com rasão constitue o fundo do discurso imperial na abertura da sessão ordinaria do parlamento, eis o que com rasão preoccupa os espiritos no Brazil.

Um livro recentemente publicado<sup>1</sup> contém revelações que, áparte os motivos pessoaes de seu author e a parcialidade que provém d'elles, comprovam considerações aqui feitas sobre o modo porque as populações brazileiras recebem os emigrantes portuguezes. Creio, e oxalá não me engane, que os factos observados pelo sr. Percheiro na provincia do Pará, são excepções, não direi n'esse ponto do imperio, agitado pelas questões commerciaes e religiosas, a que se deu côr de nacionaes, mas no imperio em geral. N'uma escola deu o sr. Percheiro com um professor de zoologia que perguntava assim aos discipulos:

— Quaes são os animaes que pôdem ser domesticados no Brazil?

— O boi, o porco, o cavallo, o carneiro...

— Nada mais?... E o gallego, o pé-de-chumbo?

O gallego, somos nós portuguezes. Parece que a vida de um de nós

<sup>1</sup> *Questões do Para* por D. A. Gomes Percheiro. Lisboa.

é cotada em bastante menos do que a dos indigenas: se nós vamos tantos! Um dia appareceu o cadaver de um portuguez affogado n'um rio, chamadas as authoridades para formar o corpo de delicto, o juiz sentenciou assim:

«Sendo a sentença do infeliz portuguez Antonio, dada por um juiz superior a todos os juizes, nenhum recurso existe mais, e por nada mais poder fazer, condemno a todos os que trabalharam no presente processo a pagar as custas em *Padre-nossos* por alma do finado, entrando n'este numero eu, que já reseí o meu; e cabendo maior numero ao delegado e ao seu escrivão para não processarem os mortos.»

Parece a sentença de um cadí oriental, e estamos quasi a perdoar ao juiz a sua indifferença pelo traço de *humour* que ninguem suspeitaria n'um magistrado de Cametá.

Essa questão do Pará pertence já á historia; e não sei se usa de prudeucia quem vae revolver cinzas, onde acaso ainda ha lume. Por lado algum podemos queixar-nos, nós portuguezes, do governo brasileiro, que não pôde ser responsavel pelos excessos de pessoas mais ou menos fanatisadas. Se os brasileiros do norte não pôdem ver em nós os concorrentes no commercio a retalho, não destruiu o governo as decisões arbitrias das juntas provinciaes? se não pôdem ver em nós os *frimações*, e se nos atropellam em nome do fanatismo ignaro, não tem acaso o governo os bispos presos no Rio de Janeiro, não está proseguindo a questão por um modo notavelmente energico?

Não são portanto os argumentos tendentes a desacreditar a sociedade brasileira os que devem apresentar-se, quando buscarmos convencer alguem dos inconvenientes da emigração para o Brazil. Os verdadeiros argumentos são outros, superiores á vontade dos homens. São a insalubridade do clima e a consequente mortalidade; são a falta de garantias que offerece um paiz além de extranho, na sua quasi totalidade virgem. Se o emigrante que se desterra para o interior fica á mercê da vontade soberana do fazendeiro, o que se conserva nas cidades corre o risco de ser esmagado nas engrenagens terriveis de uma concorrência, que as sociedades americanas, exclusivamente utilitarias e mercantis, exageram de um modo ainda desconhecido ás velhas nações da Europa. Muitos são os mortos, muitissimos os feridos, bem poucos os que voltam são d'essa lucta que tem, como todas, dolorosas crises.

As recentes noticias commerciaes do Brazil tem impressionado muitos sobre as consequencias que pôdem trazer consigo as fallencias annunciadas. Interpretando as concisas noticias do telegrapho, opinam pessoas que conhecem de perto os mercados brasileiros, porque as consequencias das fallencias dos bancos *Nacional*, *Maná*, e *Allemao-brazileiro*, não trarão consigo uma verdadeira crise. A decisão tomada pelo governo, emittindo uma quantiosa somma de papel circulante; a importancia secundaria do primeiro dos bancos; o estado de decadencia em que ha annos foi protraindo a vida o segundo; e os elementos de solvabilidade relativa que todos parecem offerecer; são condições que fazem esperar não



se repita um terramoto como o da casa Souto. Parece que desde essa epoca o mercado brasileiro aprendeu, e que as transacções adquiriram d'então para cá uma circumspecção e prudencia maiores. Oxalá que assim seja; e esperemos que as noticias do correio desvanecam os temores de tantos, que tem no Brazil o fructo das suas economias.

Ainda que em regra geral os repatriados trazem consigo os seus haveres; e aos que estão n'esse caso tanto importa, sob um ponto de vista pessoal e immediato, que haja crise no Rio de Janeiro como em S. Petersburgo. Os que deixaram por lá capitaes tem-nos quasi sempre collocados n'essa ordem de empregos que compensam, com a segurança, a relativa exiguidade do rendimento. Não temem, portanto, as crises, temem principalmente o cambio, porque para elles o caso essencial é o preço da transferencia dos dinheiros para a Europa. Ora a tendencia natural da crise bancaria seria a de melhorar, não a de piorar a taxa do cambio para a Europa. Assim, não me parece que a crise, ainda quando viesse a lavar, o que não se suppõe provavel, devesse influir desvantajosamente na translação dos capitaes dos portuguezes repatriados. Grave, muitissimo grave para o commercio da colonia portugueza na America, uma crise bancaria não seria uma desgraça, nem por sombras, tão preponderante para a situação financeira dos mercados de Lisboa e Porto, como a guerra do Rio da Prata. Embaraçar a translação dos capitaes adquiridos no Brasil aos emigrantes repatriados, eis ahi o maximo perigo que poderia advir á economia mercantil portugueza, especialmente n'este momento, em que a confiança n'uma ordem estavel das cousas, induziu e induz á formação de tantas emprezas bancarias e industriaes. Uma repetição nos tristes annos da guerra do Paraguay seria um golpe de morte dado a grande parte das instituições mercantes recém-nascidas, e um estremeção violento e perigoso nas instituições politicas, como refracção inevitavel, da quasi inevitavel crise do thesouro publico. Felizmente nada d'isto se antevê; e, se os perigos de guerra estão addiados, os perigos da crise circumscrevem-se aos mercados americanos, e serão de certo previstos e remediados pelos meios tantas vezes postos em pratica pelos governos, quando chegam estas congestões periodicas das sociedades mercantis livre-cambistas.

A doutrina do livre-cambio soffre assim periodicamente uma refutação eminentemente pratica; mas, se nem por isso os doutrinarios de Manchester se determinam a uma conversão cada dia mais urgente, os factos vão tambem diariamente amontuando rumas de argumentos. São um dia as emissões de papel, os soccorros aos bancos quando chegam as crises commerciaes; são no outro os soccorros em mantimentos, as obras publicas reproduzindo os *ateliers nationaux* de Luis Blanc, e toda a sorte de remedios empiricos a que se soccorrem os medicos na hora em que já não encontram nos livros prescripções medicinaes. Se isto levasse ao menos os mestres da lei a scismarem n'esta circumstancia extravagante de um systema d'onde sae uma certa doença, e que não tem em si meios de a curar! Como os homeopathas que tem horror ao cauterio lançam

pressurosos mão d'elle, no momento em que o doente periga, assim....

Occorrem naturalmente estas considerações perante as noticias que tem vogado sobre a crise agricola do baixo-Alemtejo e do Algarve. Descripta com terriveis côres por uns; não passa na opinião de outros de um *máo anno* como tantos outros. Este diz que as colheitas serão apenas inferiores na quarta parte ás do anno anterior; e que dentro em pouco a pesca do atum trará a abundancia; outro affirma que os mais felizes dos lavradores retirarão apenas a semente, e que na maxima parte as cearas estão perdidas. Que a secca de 1874 tendo já destruido as cearas e os pastos, damnificado as arvores; e caindo agora o anno que vae, além do prejuizo total immediato de ceares e gados, o Algarve está na imminencia de uma fatalidade muito maior, a secca das suas plantações florestaes que são, com a albarrofeira, a amendoeira e a figueira, a principal riqueza da provincia, como se sabe. O prejuizo das cearas de um anno remedeia-o a abundancia do anno seguinte; não succede, porém, outro tanto á cultura florestal, porque as arvores representam um capital accumulado muito mais importante, e só reparavel no fim de largos annos.

É sempre difficil descortinar a verdade no meio das affirmações opostas dos informadores; nem serve para aqui o expediente empirico de procurar um meio termo, porque a politica já tomou conta do assumpto. Se se affirma que ha crise, com certeza se é historico: não foi o sr. Barros e Cunha quem levantou a lebre? porque a levantou senão para crear embaraços ao governo?

— Se se diz que a não ha, sem a minima duvida se é regenerador: V. diz que não ha crise porque defende o governo.

As folhas governamentais, com effeito, tem taxado de exagerado o deputado por Loulé; e louvam o acerto do governo em não ter mostrado até agora mais do que «desejos de querer providenciar em conformidade com as necessidades da população.» No meio d'esta confusão, e d'este sério perigo a que eu fujo para não passar por historico ou regenerador, não vejo meio de atinar com a verdade, segredo privado dos algarvios. Se elles o guardarem é porque em verdade o caso não exige grandes medidas.

Um triste acontecimento vem encerrar lugubrememente a chronica d'esta quinzena. Morreu o duque de Loulé, e com elle perdeu Portugal um dos homens que, no meio dos vae-vens da politica, soubera ao menos guardar uma serenidade quasi activa e uma dignidade quasi indifferente, privilegio especial dos fortes, que pouco a pouco vão rarcando nas fileiras dos partidos. Não tinha de certo o olhar profundo que descortina as leis a que obedecem os acontecimentos sociaes; não tinha a audacia, instrumento supremo da victoria em épocas como aquellas em que o duque foi actor. Era um mediano estadista, mas um homem sério e digno. O papel proeminente que o seu partido lhe deu, acaso o devia mais á tradição aristocratica do nome, e ao lugar intimo que tinha na corte, do que ao

mérito proprio: o facto é, porém, que, se não deu em vida ao partido que elle mais bem acompanhava do que dirigia, paginas brilhantes qual um Passos, um Sá da Bandeira, ou um José Estevão, deixou-lhes depois de morto um nome que nem por isso o honra menos. A educação fidalga, o temperamento frio, a serenidade de uma consciencia limpa, a facilidade de uma vida opulenta, deram-lhe sempre uma como que indifferença altiva, proverbial e caracteristica; e por vezes se tornou, em certos episodios turbulentos, n'uma placidez quasi heroica. Era entre nós o typo mais perfeito, senão o unico, d'aquelles fidalgos inglezes que estimam o povo, sem lhe darem o braço, para não descerem; mas que o amam e o servem tantas vezes com maior dedicação, maior lealdade e mais efficacia do que muitos dos seus filhos. Benigno e affavel, mas reservado sempre como verdadeiro fidalgo, era tambem, ou por temperamento de raça, ou por orgulho natural, aváro das proprias palavras. Todos se lembram ainda de o ver, impassivel e frio, quasi, ou inteiramente indifferente responder em sêccos monosyllabos aos discursos vehementes dos tribunos das opposições. Elle passava, impavido e mudo, pelo meio das tempestades; pisava a camara como se pisasse um throno, e a implacavel politica, irritada e cheia de despeito, poz-lhe por nome o Rei de Sião. Não via incompatibilidade alguma em ser estribeiro de El-rei e ao mesmo tempo chefe de um partido que se diz, e que foi, e talvez ainda é, democratico. Em pé, descoberta e curvada a cabeça, abria a portinhola do coche real, para em seguida se collocar á frente dos ministros, que diante do throno, por mais que o finjam, nunca poderão ser verdadeiros cortezãos; porque o seu rei, de uma realeza mais ou menos real, é afinal o povo, são os votos. Esta posição inconsequente não deixou por vezes de lhe trazer incommodos e ao seu partido. Um grande fidalgo não pôde nem deve entrar na politica senão para a escravisar a ella, e para impor a sua vontade ao rei: só assim remirá á face do povo o seu vicio de origem. É mister ser-se Wellington diante de quem tremeram George IV e a rainha Victoria, Saldanha a quem D. Maria II deu vivas, ou Bismark que leva pelo beijo o imperador Guilherme. De outra fôrma o povo vê sempre o cortezão primeiro do que o politico, e prejudica o segundo por causa do primeiro. É mister reconhecer n'isto o motivo porque além do seu character, o duque de Loulé nunca foi popular, como Saldanha por exemplo; e porque, o povo se lhe mostrou invariavelmente hostil, sempre que os azares da politica o collocaram n'uma situação difficil. Ferveram sobre elle as calumnias; e por vezes estiveram para ferver as pedradas da plebe amotinada; ás calumnias não respondia, nem se responde; aos braços que se erguiam ameaçadores, mais de uma vez apresentou a sua figura impassivel, e, sem phrases de advogado, lhes disse quasi com enfado: Que me querem? Deixem-me. Vão para casa e soceguem. «O povo, a quem sempre vencem a ingenuidade ou a audacia; deixava-o com effeito, e ia para casa.» Era ingenuidade valorosa a do duque de Loulé, não era nem audacia, que a não tinha, nem a *pose*, frequente massa dos atrevidos que fazem de audazes. Era ingenuidade propria de um ca-



racter bom e sério, que reunido a uma intelligencia mediocre, o levava muitas vezes a encarar as cousas por prismas que nos fazem sorrir quasi: contam os biographos como uma das suas ambições não realizadas, foi a de fazer umas eleições, prohibindo seriamente a intervenção ás auctoridades administrativas! Ainda bem que essa illusão o acompanhou á cova.

Confrange e entristece o lembrar-mo-nos da somma de boa vontade, de rectidão, de lealdade, de quasi heroismo, gastos por nossos paes em levantarem um edificio de illusões que nem ao menos lhes é licito deixarem de ir vendo cair, pedaço a pedaço, todos os dias! Entretanto só essa ingenuidade crente, de que nós sorrimos, os frios criticos de hoje, é capaz de levantar montanhas!

29 de maio.

P. DE OLIVEIRA.

---

## ESPAÑA

---

Si en punto al estado general de este país, poco ó nada importante ha ocurrido en la última quincena, tan fecunda ha sido en maniobras políticas, de trascendencia más ó menos efectiva, que la simple indicacion de ellas pediria más espacio del que consiente la presente crónica.

Nuevas faustas de la guerra de Cuba no hay por desgracia ninguna; si mala era la situacion de aquella provincia ultramarina, no es mejor hoy á juzgar por las últimas cartas de allí recibidas y por las medidas á que cree conveniente apelar la autoridad que allí manda.

Las campañas del carlismo tampoco han sufrido alteracion: ni Cabre-ra ha adelantado un paso en su tentativa pacificadora, ni Aguirre ha logrado formar una contraguerrilla que preocupe á los carlistas vascos, ni los demás jefes que siguieron en su conversion al antiguo caudillo parece que han conseguido dividir, ni mucho menos quebrantar, la rebelion; igual decepcion sufren hasta ahora en el centro, las ilusiones de los que con tanto afan desean la terminacion de la guerra por medio de convenios y transacciones, más fatales á veces que la misma guerra civil, con ser tan funesta.

Aun no está compensado tampoco por medio de operaciones militares, el larguísimo periodo de paralización del ejército, producido por la persistencia en la esperanza de ilusiones de pacificacion; todos los encuentros que últimamente ha habido son de escasisima importancia y no se ha resuelto, que sepamos, nada que haga esperar como inmediatos hechos de armas de verdadera trascendencia. Hay, pues, que contentarse por ahora con la noticia, echada á volar hace tiempo, del proyecto de una reunion de generales presidida por D. Alfonso.

Pero si en estos asuntos, como en otros vitales para el país, las co-

sas siguen con corta diferencia como estaban, en cuanto á evoluciones con barniz político se ha desarrollado una actividad vertiginosa, que no nos comprometemos á seguir menudamente porque, sobre ser empresa superior á nuestro oficio de cronistas, probablemente fatigaría á los que leyeren la complicada relacion de tantas intrigas.

Abrieron la marcha á este periodo de pretendida agitacion política dos grupos procedentes del antiguo partido radical que, declarándose partidario de la monarquía democrática, se dicen continuadores, por afición, ya que no por título legítimo de sucesion, de la actitud del general Prim; bien que recibiendo la herencia que se adjudican á beneficio de inventario, sin duda para no cargar con una de sus más terminantes declaraciones, encerrada en la negacion formulada por medio de la palabra «jamás» tres veces repetida. Haciendo uso de la receta culinaria ya otras veces empleada para formar partidos de repente, comenzaron por extender la obligada circular, que en pobreza de conceptos y en vaguedad de ideas excedió á todo lo más conocido y gastado en este género de literatura ramplona. El resultado de tal papel es, segun todas las trazas, digno de él en lo simple y menguado; muchos de los que le recibieron dan la callada por respuesta, otros contestan por medio de cortesias evasivas y al fin viene á quedarse este embrion de partido monárquico sin monarca, y demócrata sin apoyo en el país, tan flaco como al imaginarle las tres docenas de hombres que tal empresa tuvieron la mala idea de acometer.

Casi al mismo tiempo dió principio en el llamado partido constitucional una doble evolucion señalada por dos distintas tendencias; una que se acercaba á lo existente y obraba de acuerdo con el Gobierno, otra que reservándose hacer lo primero en el caso de que fuera llamado á gobernar, se encerraba para mejor lograrlo en una estudiada nebulosidad con que se prometia alcanzar más derechamente el fin apetecido de ser poder. Despues de infinitas reuniones, tradujéronse esas dos tendencias en otras tantas fórmulas que, colocadas una en frente de otra, produjeron una division y una descomposicion resueltas y decididas. Diéronse á trabajar para allegar firmas y aliados los de una y otra, y la que en el primer momento se reconoció más débil, que era la más terminante en sus declaraciones de adhesion, echando á un lado la razon social de «constitucional» se manifestó dispuesta á trabajar por la exhumacion del, hace años, difunto partido, que llevó el nombre de union liberal, y se fijó en el pensamiento de una reunion de ex-diputados y ex-senadores, abigarado concilio de que debia salir el nuevo dogma de la hace diez años abandonada creencia.

El Gobierno, entretanto que se vé amenazado cada dia con más ardor por los moderados históricos, entendió que le convenia alentar á los que aparentaban acercársele, por pocos y no muy homogéneos que fueren, así como estos vieron claro que fracasada su tentativa de representar el tal partido constitucional, y muy en peligro de sufrir igual derrota en su siguiente aspiracion á sacar la union liberal de su tumba, no tenian más

tabla de salvacion para evitar un ridiculo completo, que abrigarse con la punta del manto que el Gobierno les echaba, para que la evolucion de los constitucionales disidentes no apereciera en una desnudez tan lastimosa como la de los carlistas acaudillados por Cabrera.

Al compás de estas cábalas fué modificándose el pensamiento de la proyectada reunion, que nació de la necesidad de fallar cual de los dos grupos constitucionales tenia razon, que se señaló para el dia 16 en el salon del conservatorio de música, que al fin se convocó para el 20 en el salon del Senado, con asistencia de quienes nada tienen que ver con el partido constitucional y para fines muy distantes de los que la habian inspirado.

Como á todo esto el derecho de reunion es fruto prohibido en España desde el principio de la dictadura del general Serrano, el Gobierno, despues de pensarlo mucho, de discutirlo más y de escatimarlo hasta donde puede llegar la suspicacia humana, se decidió á publicar la vispera del dia señalado para la reunion famosa, un decreto no menos famoso, tan pródigo en preámbulo como exiguo en la parte dispositiva, cuyo general mérito consiste, más aún que en la concision, en la avaricia de declaraciones que mengüen las facultadas dictatoriales. Para juzgar hasta qué punto ha dejado atrás el tal decreto los modelos que en este genero de documentos, dirigidos á aparentar concesiones sin hacer ninguna, dejó Rouen en tiempo de Napoleon III, no hay más que tener presente el juicio retozon que la *Patria* periódico ministerial, hizo de él en los siguientes términos:

«— ¡ Buen preámbulo el de Ayala!

¿ Qué te ha parecido, Anselmo?

— Que ó el preámbulo es muy grande

O el decreto muy pequeño.»

A los cinco meses del levantamiento militar en que el general Martinez Campos abrió á D. Alfonso paso hasta el palacio de Madrid, el gobierno se decide á recordar el manifiesto de Yorktown, en que, haciendo declaraciones explicitas y terminantes y evocando recuerdos de otras épocas, se condenaba la dictadura, conviniendo en que las instituciones liberales no impidieron al país defender su independencia en 1812 ni terminar en 1840 una guerra civil encarnizada; pero diciendo al mismo tiempo al país que ni como Ministerio-regencia, ni como Ministerio responsable, puede prescindir de la dictadura. El preámbulo contiene nebulosidades tan oscuras como la de que «las mismas causas que hicieron tan deseada y espontánea la proclamacion de Rey, eran, por de pronto, invencible obstáculo á sus nobles propósitos;» declara que las circunstancias han mejorado, porque Europa ha reconocido la situacion, porque ha llegado á Madrid el Nuncio de S. S. y porque Cabrera y algunos parciales suyos han desertado de la causa de D. Carlos, y concluye asegurando que el afan del gobierno consiste en restablecer en su vigor el sistema representativo y crear una legalidad comun que cierre para siempre las interinidades.



Llegan, por último, tres artículos, singularmente confusos, por los cuales se autoriza á la prensa para plantear y discutir las *cuestiones constitucionales*; se manda á las autoridades que concedan permiso á los partidos legales que lo soliciten para celebrar reuniones públicas, apresurándose á recoger las apenas desplegadas velas en el artículo tercero, que declara quedan vigentes las anteriores disposiciones sobre reuniones, asociaciones é imprenta. ¿Cuales son los partidos legales y cuales no se consideran dentro de la ley? los que sostienen la constitucion de 1869, única vigente? ó la legalidad consiste en combatirla, declararla caprichosamente abolida y abogar por la de 1843, dos veces anulada por la voluntad nacional, solemnemente interrogada y consultada para juzgar esa pretendida ley fundamental hecha en Cortes ordinarias? ¿Qué significa la autorizacion para plantear y discutir las cuestiones constitucionales? qué se dá licencia á los periódicos para publicar artículos que puedan servir de capítulos á un tratado sobre derechos políticos ó á qué se extiende el permiso á tratar de las condiciones constitucionales; el decreto se lo calla, dejando así en pié todas las dudas para mejor ejercer la dictadura con los que incurran en equivocaciones á qué dá margen su letra y su espíritu; pero la interpretacion auténtica de los tales artículos ha venido inmediatamente á revelar el verdadero valor de tales concesiones.

Pagando con ingratitud los extraordinarios servicios que desde el 11 de febrero de 1873, y señaladamente desde el 3 de enero de 1874 ha venido prestando al alfonsismo el periódico *El Imparcial*, una suspension de quince dias ha venido á enseñarle, segun el testo de la orden de suspension, que no es lícito ocuparse del manifiesto de D. Alfonso, de 1.º de diciembre de 1874, porque carece de la firma de ministerio responsable, como si pudiera tenerla cuando todavía no habia sido proclamado rey, y por consiguiente, no podia publicar documento que estuviera garantizado por la irresponsabilidad del monarca; y esto, la víspera de aparecer en la *Gaceta* la carta de Cabrera á D. Alfonso, y la respuesta de este, en que, sin refrendo ministerial, se le reconocen sus títulos y grados, sin expresar por añadidura cuales sean.

Por otra parte, la famosa reunion, celebrada al fin, en el salon del Senado, la noche del 20, reunion para la cual iban ensayados todos los papeles, estudiados todos los resortes escénicos y previstas todas las contingencias, parece haber dejado establecido que son partidos legales todos los que reconozan, acaten y se pleguen á la situacion actual, aunque se declaren en abierta oposicion á la única legalidad hasta hoy vigente, é invoquen otra, en toda forma abolida.

Narrar aquí los ensayos parciales que precedieron á la reunion del Senado, seria tarea árdua y además enojosa; que no hay memoria, ni paciencia para seguir la historia de las reuniones en grupos capitaneados por diferentes hombres, unos del antiguo partido moderado, otros de la situacion, que para tales ensayos llegó hasta prestar los salones de la presidencia; y otros, en fin, de la disidencia del partido constitucional: en vista de tantos conciliábulos, acompañados de no pocas recriminacio-

nes de grupo á grupo, y aun de dudas sobre los poderes de algunos que se abrogan el papel de representantes de determinadas tendencias, á un periódico, ministerial por cierto, se le ocurrió decir:

•Sumar hombres y doctrinas  
todos queremos aquí,  
y yo veo que esas sumas  
están partiendo el país. •

Pero otro diario, también ministerial, el *Eco de España*, ha dicho redondamente que no hay más que tres fórmulas posibles, que son estas: «¡Viva D. Alfonso XII!» «¡Viva D. Carlos VII!» «¡Viva la república democrática!»

Resta observar con alguna atención lo que en España pasa, para comprender que no anda muy descaminado el *Eco*: la reunión del Senado puede pasar como un espectáculo destinado á colmar el asombro de Europa, que empieza á no encontrar explicación para una dictadura injustificable de año y medio: podrá ser un recurso ministerial para distraer la atención con la esperanza ilimitada de unas Cortes, cuya reunión está preñada de dificultades para la situación; podrá, en fin, ser un medio de sumar muchos nombres que hagan bulto cerca del gobierno; apoyo ni fuerza para él no le ofrecen dos ó trescientas individualidades divididas en grupos, que se alían para tomar las proporciones de ejército, pero que mantienen más vivos que nunca, sus antagonismos y rencores. Pandillas, grupos, parcialidades, fracciones compuestas exclusivamente de Estados mayores, es fácil encontrarlas y aun convencerlas de la utilidad mutua de celebrar armisticios como el de la noche del 20 en el Senado: ejércitos políticos con masas efectivas de soldados, con oficiales de filas y capitanes, esos no están en mano de nadie organizarlos artificialmente como acaba de intentarse: para modificaciones ministeriales, para coaliciones electorales sin aplicación hasta sabe Dios cuándo, pueden pasar los elementos reunidos en el Senado, suponiendo que haya cambio ministerial que no sea manzana de discordia y que hubiera coalición electoral entre tales componentes que se contrajeran; pero partidos serios, vigorosos y robustos, no se forman más que con ideas precisas, terminantes, definidas y claras.

Aunque las circunstancias parece que van imponiendo la necesidad de esta franqueza, intereses políticos de infimo orden pugnan por acudir al mejor de los medios para acabar con las desgracias que abruman á España, empezando por la calamidad de la guerra civil que tanto gana con la dictadura y con los conatos de liberalismo subordinado á la persistencia en no desprenderse de las más amplias facultades dictatoriales.

## EUROPA

Reappareceu na Europa a mais profunda tranquillidade.

Os capitaes um momento indecisos voltam com confiança ás empresas industriaes que precisam paz e segurança. Os fundos sobem nas *bolsas*. Os industriaes consideram os seus planos de producção assegurados. Não é o presente só que um sópro bastou a desanuwear; o futuro tambem se mostra garantido contra qualquer commoção violenta. Já se não suppõe, já se não teme a guerra, ja quasi se não falla n'ella.

O Imperador da Russia decidiu, na sua visita a Berlim, que a paz se mantivesse. E o sr. de Bismark, patenteando-lhe em paradas solemnes e consideraveis algumas das pequenas peças da sua grande machina de guerra, provou, ao que parece, que ella devia tornar inquebrantavel a tranquillidade moderna.

Na Allemanha mesmo, antes da ultima visita de Alexandre II, não se sabia muito bem se as forças se preparavam para uma grande guerra provavel, ou se as luctas com os parlamentos,—que ainda ultimamente pediam diminuição nas despesas ruinosas do exercito,—a emigração de familias inteiras com capitaes, e a ruina de algumas industrias, tudo consequencia da organização militar, eram apenas males necessarios com que a grande nação pagava a consolidação definitiva d'uma paz perpetua e não só allemã mas universal.

*Si vis pacem para bellum*,—queres paz, prepara-te para a guerra,—eis a base apparente da politica allemã e franceza. Mais no intimo, porém, quem usa d'este aphorismo, murmura sempre: Preparo-me para a guerra porque quero a guerra. Mesmo porque, n'essa doutrina, a paz só pôde dar-se entre duas nações quando em ambas as forças organisadas forem, em vista d'uma lucta, equivalentes; se não, uma das nações não se preparou para a guerra completamente e, justamente pela verdade do aphorismo, a guerra sobrevem.

Mas o preccito que o *pacifico* Principe de Bismark emprega, tem duas maneiras de se applicar, das quaes uma só me parece sincera.

Tambem a Suissa se prepara constantemente para a guerra, ella que, não tendo hoje exercito, pôde amanhã levantar sobre as suas montanhas 300:000 homens perfeitamente equipados, educados e instruidos, com um material de guerra perfeito e um estado maior sabio e progressivo. Mas a Suissa é como um homem que, na eventualidade de ser perturbado no seu trabalho pacifico e independente, tivesse, ao alcance da mão, mas posta de lado, uma arma prompta para a defeza. Em quanto que a Allemanha, com o seu grande exercito permanente, o seu material extraordinario de guerra, e a sua absorvente organização, está como se esse homem, para que lhe não impeçam a producção, se conservasse sempre com a arma nas mãos, apontada, á espera do inimigo; situação em



que effectivamente será difficil atacal-o, mas em que tambem lhe será impossivel produzir. A guerra não é por estas rasões de temer para a Allemanha com effeito, por que, preparada completamente para ella, terá sempre, em vista do preceito fundamental, completa paz. Sómente a conservação d'esta á custa dos meios empregados, arruinará e cansará mais a nação do que se uma vez tivesse guerra. Como os grandes homens de Estado allemães devem saber tudo isto muito melhor do que todos os publicistas do mundo, esperemos prudentemente que alguma coisa mais dia menos dia appareça por debaixo das declarações officiaes por ora tão conciliadoras e serenas.

Hoje o que parece indubitavel é que o estado dos povos, os interesses das classes creados pelos acontecimentos, os sentimentos exaltados das nacionalidades, as consequencias naturaes dos factos historicos, tudo desapareceu, porque tudo se mostrou inconsistente diante da vontade superior e dos sentimentos philanthropicos de sua magestade o imperador da Russia. Até ao dia da entrevista de Berlim tudo podia, no dizer da grande maioria, produzir guerra: horas depois tudo se curvava,—homens e coisas, interesses, sentimentos e idéas,—perante a vontade messianica, soberana, que decretava a paz. A imprensa allemã, ingleza, austriaca, russa, franceza, belga mudaram ao mesmo tempo, uniformemente, com uma correctissima afinação, de tom e de compasso. Algumas correspondencias de S. Petersburgo, cheias de bom senso e de espirito, afiançaram á Europa que a viagem do Imperador, tão commovedora para ella, tivera por unico fim dar á saude de sua magestade as aguas alcalinas de Ems. Mas os diplomatas subtis permittiram-se um finissimo sorriso de intelligencia e disseram entre si: hem sabemos. E com effeito, depois d'alguns jantares officiaes e de varias conferencias cheias de phrases sabiamente ambiguas ou de todo vacias, os acontecimentos mudaram o seu curso, e as leis naturaes retrocederam obedientes.

No fundo de tudo isto ha porém um facto significativo que desde a minha primeira chronica notei e que, através de acontecimentos mal apreciados porque ainda confusos, vae a espaços accentuando a sua consideravel importancia. A situação da Europa a respeito da Russia é hoje digna de um detido estudo e de um começo de explicação. A sua futura influencia sobre o Occidente não pôde já agora escapar a ninguém.

A Russia é, na sua intima constituição, uma grande tribu governada por um patriarcha. O laço que prende o povo ao soberano é o sentimento tradicional, instinctivo, que caracteriza as dependencias de familia e a união das sociedades religiosas. Este facto derivou-se primitivamente d'uma feição creada pela raça, alimentada pela Asia e pelo Oriente, e conserva-se no aspero clima da região e no isolamento da Europa latina.

Por outro lado, em duas grandes partes se pôde dividir a população da Russia: as classes elevadas constituem uma pequena minoria, extremamente intelligente, instruidissima, possuindo toda a cultura da Allemanha e educada mesmo por ella, representando genuinamente o espirito a um tempo profundo, capaz de grandes intuições, e extremamente maleavel e

assimilador dos slavos, metaphysicos, sabios, diplomatas, generaes, litteratos, artistas; e ao pé d'esta classe, quasi sem transições que os liguem a ella, os innumerados milhões de lavradores ou de nomadas ignorantes, ignorados quasi, sem cultura, sem idéas effectivas, sem acção nem vontade sobre tudo, mas fortes, energicos e, em certos momentos, facilmente selvagens, temiveis, irresistiveis, como uma machina.

De ser tão intelligente a cabeça e tão passivo o braço, resulta que a Russia pôde tornar-se uma forte arma de combate, que, por ter tanto de natural e de barbaramente robusto, não é extranha aos adiantamentos que os povos mais igualmente civilisados realisam nos armamentos, na organização das forças e na instrução dos chefes.

Fôra das ultimas commoções politicas a Russia transforma-se ha muitos annos, aprende com a Europa occidental a sua economia politica, instrue-se, procura aproximar as classes tão distantes ainda emancipando as suas immensas populações de servos, dividindo as terras extensas e quasi incultas dos senhores; fazendo caminhar a instrução, de resto como em toda a parte, vagarosamente, e estabelecendo estradas de toda a ordem que vão cortando aquelles immensos territorios. Com estes encargos a paz é uma condição indispensavel da existencia evolutiva da Russia e do seu trabalho de civilisação. Concentra-se assim para realisar a sua *muda*, desappaixona-se dos interesses estranhos para edificar solidamente os alicerces dos seus proprios. O seu desejo, o seu aspecto, as suas necessidades promettem completa paz. E todavia, a Russia vive rodeada por um circulo de violentas questões, de pontos negros, sobre tudo para as nações da Europa, que a vêem serena, aperfeiçoando-se, mas que a supõem preparando-se para um dia resolver os problemas tanta vez já postos em equação que effectivamente a circundam.

Quando a Allemanha inventou o *pangermanismo* para se unir em nação, os publicistas lembraram que a Russia, seguindo então o que se apresentava como uma lei historica, podia tornar-se o centro de uma grande agglomeração Slava e que assim a Bohemia, a Polonia, os Slovenes, os Dalmatas, os Croatás, os Bosniacos, os Bulgaros, os Servios, os Montenegrinos, isto é, os slavos prussos, austriacos, turcos e os mais ou menos independentes, deveriam em pouco tempo reunir-se ao messias efficaz da sua raça. E, como o imperio russo é tambem ethnologicamente tartaro, esta rasão começou a fazer-se valer para justificar de futuro, dentro da nova doutrina das nacionalidades, a acção já intentada sobre a Turquia em nome da necessaria posse de fronteiras naturaes, ou da posse de mares necessarios á segurança e ao desenvolvimento da nação, que, com outras theorias que teem enchido a lista já numerosa dos pretextos de invasão, tambem a espaços parecem dever vir a applicar-se no norte aos paizes escandinavos que fecham superiormente o Baltico como no sul se querem applicar aos que encerram o mar Negro.

Esta grande linha de perigos que fórma a fronteira da Russia com a Europa actual completa-se com a existencia nas mãos d'aquella de alguns territorios de raça germanica, bem mais allemães ainda hoje que a

Alsacia franceza e que são logicamente, um ponto de mira da Alemanha.

Uma nação conserva hoje em face da Russia, mais que as outras talvez, uma situação delicada. É a Inglaterra. Já vimos em parte porque. Accrescentarei agora alguns factos recentes.

A politica seguida ha vinte annos por todos os partidos inglezes nas questões internacionaes tem enganado constantemente as interpretações dos politicos modernos. Quando a Inglaterra vio esmagar a França sem entervir, os publicistas disseram explicando o facto, que o Reino Unido deixara de ser uma potencia politicamente européa porque sabiamente comprehendera a sua importancia colonial e se considerava como um imperio sobre tudo asiatico e oceanico.

Mas, pouco depois, a Russia denunciou os tractados de 1853 e occupou completamente com as suas esquadras o mar Negro. A Inglaterra ficou immovel ainda e os publicistas, tentando repetir a sua anterior theoria começaram, todavia, a olhar para as steppes, a esse tempo já mais povoadas, da Asia central.

Em 1873 a Russia occupou Khiva e a imprensa ingleza, sobresaltada d'esta vez, confessou francamente a situação temerosa das coisas. A doutrina que fazia da Inglaterra uma potencia asiatica deixou de poder explicar a sua impassibilidade diante de um ataque na propria Asia.

Para os politicos optimistas, porém, tambem esta questão, ha tantos annos ameaçadora, recebeu recentemente uma definitiva e pacifica solução. O governo russo acaba de tranquilisar a Inglaterra por meio de uma nota diplomatica, — tão explicita e definitiva como todas as notas diplomaticas, — sobre as suas intenções na India.

Aproximemos agora de tudo isto os seguintes dois factos: O dominio-inglez tem hoje na Asia numerosos descontentes. Para muitos dos seus povos o inglez é um extranho, um barbaro, um profundo revolucionario, e o russo quasi um igual, um continuador, nos usos, na indole formada por um meio menos diverso, no aspecto até.

Vejamos, porém, o mais importante:

Acaba de apresentar-se na Camara das Communas de Londres uma petição assignada por 20:000 indios de Bombaim que reclamam para a India o direito de enviar ao parlamento de Londres deputados seus que poderão muitas vezes ser inglezes mas que em todo o caso só deverão ser eleitos pelos indigenas. Citam em seu apoio as colonias francezas que tem deputados em Versalhes e as proprias colonias portuguezas da India, — que, como agora se vê podem ser n'alguma coisa invejadas, — que tambem mandam deputados a Lisboa.

É facil de conceber o extraordinario alcance d'este facto. As outras colonias inglezas seguirão o exemplo do Industão; e no espirito britannico terá de dar-se uma consideravel lucta entre a sua grande rectidão e o seu grande amor positivo e egoista dos interesses. A reclamação dos colonos é completamente justa. Mas as dilatadas colonias inglezas deslocarão pela sua importancia, quando legitimamente representadas, a influencia,



o poder britânico, alterarão a política ingleza. A Inglaterra historica terá desaparecido quando as colonias que são um imperio tiverem advogados especiaes dos seus interesses, que terminarão por ser indigenas, sobre tudo da India, vindo dar á Europa o extranho espectáculo das suas opiniões e dos seus caracteres.

Se ella ceder á pretensão e habituar á vida politica as populações coloniaes preparara a sua separação e independencia; se resistir indefinidamente á justiça provocara a violencia e apossará talvez a crise.

São estes os elementos influentes e mais decisivos que todas as declarações diplomaticas, com que a Russia pôde desde hoje contar no coraço da sua já agora perpetua antagonista.

Na Asia os problemas tem o mesmo aspecto e proventura uma solução mais adiantada. É ainda em frente da Europa que os russos ahi se acham. A Persia, a oeste do Industão, é uma alliança da Russia efficaz n'um momento dado apezar da neutralidade do Afganistan dominado pela Inglaterra ou talvez por isso mesmo. Khiva é hoje uma verdadeira provincia russa e Samarkand uma possessão segura. Caminhando ha muito pelos Steppes desertos e fazendo n'elles uma linha de oasis fortificados a Russia chegou ao norte do territorio indio, a cerca de 1500 kilometros dos primeiros postos inglezes, senhora absoluta do Turkestan, senhora do rio Amu-Daria que basta transformar no antigo Oxus, lançando-o pelo seu leito natural no mar Caspio, para formar uma rapida estrada de abastecimento entre o centro do imperio e o seu novo campo de influencia e de combate.

Eis os traços estranhos de que apparece cercada a Russia pacifica e a physionomia que a Europa lhe vê quando attenta n'ella.

Para a Austria e para a Allemanha a Russia é um temor constante. Sente-se isto claramente nas relações diplomaticas tão cuidadosas, tão promptas em socegar, explicar, satisfazer, e na direcção que se dá ao espirito publico na Prussia, procurando reforçar a alliança nacional com o sentimento de uma identica missão de duas raças superiores, — a germanica e a Slava, — e com as ligações pessoacs das duas familias imperantes.

Para a França a Russia é uma esperança; esperança vacilante de que de resto ella se envergonha, mas a unica que julga restar-lhe quando escuta o sentimento sempre forte que a impelle a vingar a sua velha gloria abatida. Quando a França foi á Crimea a Russia era, para ella, a barbarie que se devia fazer parar para que não inundasse a civilisação. Hoje é uma alliança que os partidos disputam entre si, um arbitro de paz que decide em ultima instancia dos destinos do mundo.

Trabalhando sobre si e ainda socialmente separada da Europa, a Russia, instruindo-se, emancipando-se, relacionando umas com outras as suas populações, hade n'um dado momento ser um forte centro de atracção para os povos politicamente decadentes que a rodeiam d'esde a Prussia á Austria e para os povos fundamentalmente incapazes da Turquia que acaso ella está destinada a transformar.

Esse momento de communicação decisiva com o mundo europeu que deve seguramente abalar as nações formadas até então não me parece ainda chegado. A paz e a tranquillidade para os que conscientemente derigem o movimento russo faz parte hoje do programma de edificação grandiosa que elles proseguem. A Russia porém pela sua situação interessantissima, pelos caracteres que aponte, pelos elementos d'uma acção futura que já se entrevê, hade continuar a impôr-se á consideração da Europa e a ser contada por esta, muitas vezes todavia erradamente, na solução das suas questões politicas. A acção importante e original da Russia é ainda distante, mas parece proximo e de cada hora, como as piramides egypcias que, ainda a muitas leguas de distancia, já pela sua grandeza parecem achar-se junto do viajante que as avista. Esta é pois quanto a mim a explicação da influencia que ha muitos annos se concede na politica europeia á Russia sem verdadeiros motivos actuaes.

Se puzermos de parte as indicações recentes e mais ou menos desmentidas já, tiradas das conversações entre os chancelleres dos dois imperios do norte por os correspondentes dos jornaes que, cheios de demasiado zelo, sempre ouvem mais do que o que realmente se diz; e se nos fundarmos unicamente nos caracteres que a analyse revela nos homens e nas instituições, poderemos concluir que de todos os partidos francezes será o bonapartista o mais sympathico aos olhos do governo russo. O Czar não é um monarcha, é sobre tudo um Cezar, uma Providencia, um Pac. Arredado o já agora condemnado Henrique v que, pelo seu direito tradicional e reli-gioso, poderia merecer o apoio moral do imperador moscovita, resta e basta talvez o effeito auctoritario do imperio dos Napoleões, — a sua forte e impressionavel historia, e uma certa identidade de missão que os cesarismos se attribuem, — para que os bonapartistas sejam mais comprehensíveis ao governo russo que os constitucionaes inglezes, ou os republicanos constitucionaes ou os socialistas anarchicos.

Na Allemanha durante os primeiros tres mezes do corrente anno as receitas dos impostos de consummo deminuiram cerca de 180 contos de réis porque as despesas privadas se resumiram em resultado dos boatos de guerra e dos motivos legitimos que ha para ella. Entretanto affirma-se que o principe de Bismarck expuzera á Russia, á Austria e á Inglaterra que a nova organização do exercito francez constituia uma verdadeira ameaça de guerra por não poder a França supportar por muito tempo os encargos pesados que essa organização impõe. Que se dirá da Allemanha onde o producto das alfandegas não chega para o exercito e onde é preciso lançar mão de subsidios dos Estados contra que já começa a protestar com outros o governo de Saxe Weimar?

Em Italia inaugura-se depois da estatua de Manin em Veneza a de Savonarola em Ferrara. A proposito publica a *Revista Occidental* um estudo sobre este notavel vulto.

---

# BIBLIOGRAPHIA

---

**O Japão: estudos e impressões de viagem**, por Pedro Gastão Mesnier.  
Macau, Typographia mercantil.

Ha muito tempo que em lingua portugueza se não publica relação de viagem tão interessante, tão cheia de novidade e ensino, como esta.

O paiz descripto é, além de originalissimo, pouco conhecido ainda: o viajante que o descreve é, além de intelligente e curioso, instruido não só com uma cultura geral scientifica, mas com um conhecimento especial das linguas e da historia do oriente asiatico. São elementos estes mais que bastantes para d'elles sair naturalmente um livro cheio de interesse, o que todavia não impede que, muito naturalmente tambem, o apparecimento d'elle nos surprehenda e quasi maravilhe, porque, n'este ramo de viagens, a nossa litteratura, tão opulenta outr'ora, tem caído gradualmente n'uma esterilidade lastimosa. Os portuguezes, que fôram grandes viajantes exploradores e grandes narradores de suas peregrinações, têm ido perdendo, com muitas outras coisas, este dom de observar e contar. Ha ainda possessões portuguezas em tres partes do mundo e ha ainda portuguezes que vão á India, á Africa, á Oceania ou á China: quando voltam trazem ás vezes algum dinheiro, e quasi, sempre molestias de figado ou de estomago... não fallando nos achaques da consciencia. Mas a isto se reduzem ordinariamente as suas acquisições em materia oriental ou tropical.

O sr. Mesnier achou que era melhor fazer como os portuguezes antigos, que, se arruinavam a saude, como os modernos, por aquelles pessimos climas, sabiam tirar d'ahi algum proveito, senão para si, ao menos para os outros. Achando-se no Japão durante o anno de 1873, na qualidade de secretario da embaixada extraordinaria portugueza áquelle imperio, dispôz-se a vêr e estudar esse paiz singular, mundo ainda ha doze annos tão mysterioso como o podia ser no seculo XV o reino legendario do Preste João.

Ora percorrendo o interior em aventurosas excursões, ora nas cidades abertas ao commercio europeu, vagueando pelos bazares e praças dos bairros indigenas, penetrando umas vezes nos pagodes, nas casas de chá ou de banhos, onde a vida japoneza se patentêa na sua originalidade e franqueza, outras vezes es-



tudando nas bibliothecas as chronicas nacionaes ou recolhendo da bocca de algum personagem da côrte do Mikado tradições curiosas e caracteristicas, em muitas das quaes vive ainda a memoria dos portuguezes do seculo xvi — n'uma palavra, aproveitando o seu tempo e a sua intelligencia — o sr. Mesnier colligiu sobre os costumes, a raça, as revoluções politicas e os recursos actuaes d'aquelle imperio informações, dados e observações que tornam o seu livro uma valiosa contribuição para o conhecimento, ainda tão imperfeito, que temos na Europa d'esse extremo Oriente, esse «paiz do sol nascente», como lhe chamam pittorescamente os naturaes. Pelo menos assim o entenderam os inglezes de Hong-Kong, juizes competentes em tal materia, dando ao livro do viajante portuguez as honras de uma traducção, que appareceu na *China Review*, importante revista que se publica n'aquella cidade.

Além d'este interesse geral, tem o livro de moço viajante um outro mais particular para nós, portuguezes, descendentes dos primeiros descobridores d'aquelle imperio. O sr. Mesnier seguiu com curiosidade não isenta de connoção patriótica, em varios portos do Japão, os vestigios gloriosos dos grandes navegadores e dos heroicos missionarios portuguezes do seculo xvi. Vive ainda a memoria do nosso nome em varias tradições locais, tradições confirmadas umas vezes por um monumento, uma ponte, as ruínas d'um forte ou d'uma egreja, outras vezes pelas chronicas indigenas, que, se desfiguram os nomes, conservam inalterados os feitos. D'estes alguns são completamente ignorados pelos historiadores portuguezes coevos, não chegou á Europa a noticia d'elles e só ali se conserva n'aquellas chronicas barbaras, durante séculos vedados com mysterio cioso á curiosidade dos europeus. Migalhas da nossa historia, que nos tempos da opulencia deixavamos cair prodigamente por todo esse Oriente e que, n'estes dias de pobreza, é dever levantar com mão piedosa onde quer que se nos deparem! O sr. Mesnier tem o sentimento do que foi esse antigo Portugal das descobertas e conquistas, a comprehensão d'essa originalissima phisionomia moral da nossa nação no seu momento supremo de força, crença e dedicação. O capitulo do seu livro em que trata do descobrimento do Japão pelos navegadores portuguezes, das primeiras relações d'aquelle imperio com os europeus, dos trabalhos e luctas dos nossos missionarios e da revolução politica, que, tendo como resultado o exterminio das christandades indigenas e a expulsão dos estrangeiros, fechou o Japão sobre si, inaterial e moralmente, por mais de dois séculos e o tornou incommunicavel, é um trabalho não só muito interessante, mas de bastante valor historico pelas informações e documentos inéditos tirados das chronicas e tradições japonezas.

Ha porém um ponto d'esse capitulo sobre que temos que fazer um reparo.

Afigura-se-nos que o sr. Mesnier dá importancia demasiada a essas christandades japonezas, e parece attribuir ao zelo dos missionarios e á efficacia moral do catholicismo aquellas subitas conversões de populações inteiras, com os seus principes e chefes hereditarios á frente (o que significa simplesmente, por ordem dos seus principes e chefes) conversões que aliás, pelo theor da sua narrativa, se explicam muito melhor, ou antes, só se explicam pelo jogo dos interesses politicos e economicos d'aquellas populações, para as quaes o christianismo, cujo espirito de fórmula alguma comprehendiam, era apenas um pretexto e uma arma de revolução provincial contra os poderes centraes do imperio. Que fossem zelosos e habéis os missionarios, e muitas vezes dedicados até ao heroismo, é ponto que não soffre a menor duvida. Mas não ha zelo, habilidade ou heroismo capazes de produzirem só por si resultados d'aquella natureza: e, suppondo um instante que os podessem produzir, nunca seria no meio das populações asiaticas, as mais refractarias á indole e espirito do christianismo, e que hoje os juizes mais competentes, como Burnouf, Max Muller, Stanly, declaram absolutamente inconvertiveis. Se a fé ardente dos nossos missionarios se illudiu então com apparencias, não é uma razão para que nos iludamos nós hoje. Dêmos á memoria d'esses homens heroicos o tributo de veneração que merecem os seus nobres e altos esforços, mas reconheçamos com a critica moderna que, se o Oriente pôde

ser convertido ás idéas do Occidente, só o será por outros missionarios e outra mui diversa doutrina.

A mingoa de espaço não nos consente dizer mais como desejáramos. Terminamos pois fazendo votos para que a tradição dos verdadeiros viajantes portugueses, já tão obliterada, mas que de tempos a tempos algum livro, como o do sr. Mesnier, nos indica não estar de todo perdida encontre nas nossas possessões quem a saiba comprehender e continuar. Será uma esperança louca pretender que os nossos empregados na Africa e no Oriente façam mais alguma coisa do que dormir, sonhar com a volta á patria e deixar que de todo se desacredite o nome portuguez? Não ousamos esperal-o, mas de todo o coração o desejamos.

---

Esta secção da *Revista* conterá uma resenha crítica das publicações da quinzena.

A inserção de livros ou outros impressos no *Boletim bibliographico*, far-se-ha quando os auctores ou editores enviem franco de porte dois exemplares á direcção da *Revista Occidental*.



# REVISTA OCCIDENTAL

## PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DOIS VOLUMES DE, PELO MENOS, 128 PAGINAS CADA MEZ

### CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

#### Portugal

3 Mezes.... 2\$200 réis fortes  
Anno..... 8\$000 „ „

#### Brazil

3 Mezes.... 5\$000 réis francos  
Anno..... 18\$000 „ „

Nas terras onde não ha agente accresce o porte do correio

#### Madrid

Mez..... 16 Rvn.  
Trimestre..... 44 „  
Anno..... 160 „

#### Provincias

Mez..... 20 Rvn.  
Trimestre..... 55 „  
Anno..... 180 „

As assignaturas são pagas adiantadas.

#### Assigna-se:

#### Em Portugal

Nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Guimarães, Vizeu, Lamego, Santarem. Mertola, etc.  
Agente no Porto — **Magalhães e Moniz.**

#### No Brazil

Nas principaes livrarias do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Pará, Maranhão, Ceará etc.  
Agentes no Rio de Janeiro — **Moreira Maximino & C.<sup>a</sup>**

#### Em Hespanha

Nas principaes livrarias de Madrid, Barcelona, Sevilha, Valencia, Malaga, Saragoça, Cadiz, Corunha, etc.  
Agente em Madrid — **Ricardo Sterling, Infantas, 23.**

*antigo J. B. D.*

# REVISTA OCCIDENTAL

---

1.º ANNO

TOMO SEGUNDO

15 DE JUNHO — 3.º FASCICULO

---

LISBOA  
ESCRITORIO DA REVISTA OCCIDENTAL  
3 — Rua Nova dos Martyros — 3

1875



# SUMMARIO

---

- I — NÃO PÓDE SER!... — Conto, por **Pedro Ivo**, pag. 257.
- II — COLON EN VALCUEVO, por **D. Tomás Rodriguez Pinilla**, pag. 266.
- III — O ULTRAMONTANISMO, por **Oliveira Martins**, pag. 257.
- IV — EL DUQUE DE COIMBRA, Y SU HIJO EL CONDESTABLE D. PEDRO, por **D. José M. Octavio de Toledo**, pag. 295.
- V — PROPHYLAXIA INTERNACIONAL, por **J. T. de Sousa Martins**, pag. 316.
- VI — OS ELEMENTOS TRADICIONAES DA LITTERATURA — OS CONTOS — por **F. Adolfo Coelho**, pag. 329.
- CHRONICAS — REVISTAS:
- VII — America, por **D. R. de Cala**, pag. 347.
- VIII — Portugal e Brasil, por **P. de Oliveira**, pag. 353.
- IX — España, por \*\*\*, pag. 357.
- X — Europa, por **J. Batalha Reis**, pag. 362.
- XI — REVISTA ARCHEOLOGICA, por **D. Juan Sala**, pag. 368.

Direitos de reproducção e traducção reservados.



---

# NÃO PÓDE SER!...

(CONTO)

---

— Não pôde ser!...

Já tinha repetido esta phrase, e ia proferil-a pela terceira vez, quando m'o impediu Alberto, mettendo a mão no bolso, e tirando uma moeda de cobre, que entregou a uma pobre, cuja lamentação provocara a minha dura resposta.

Se fosse de dia, poderia Alberto ter notado o rubor, que a sua acção me chamou ás faces.

Efectivamente, não sei que variados sentimentos se chocaram na minha alma!

Era uma especie de indignação por não sei que vago insulto; uma como vergonha de receber uma lição inesperada; mas, sobretudo, o doloroso pungir do remorso, quando involuntariamente commettemos uma falta e a consciencia nol-a aponta acto continuo.

O meu rubor devia o ser a tudo aquillo e, assim como o coração batia agitado por sentimentos diversos, tambem o cerebro fervia, rolando pensamentos desencontrados.

Os labios tremeram-me e estiveram quasi... quasi a queixar-se; a garra do remorso, porém, cerrou-m'os, e continuei a caminhar silencioso ao lado de Alberto.

Instantes depois, este, como se quizesse responder ao meu pensamento, balbuciou com voz condoida:

— Pobre velha!... Chuva... frio... fome... Pobre velha!...

Não fiz a minima observação; mas por instincto, mechi-me voluptuosamente dentro do meu amplo casacão forrado de baêta, e pareceu-me que não era bastante; arrependi-me de não ter vestido, por baixo d'elle, um casaco mais encorpado do que o que trazia.

E, ao passo que fazia esta reflexão, sentia novo calor nas faces, porque ouvia dentro em mim uma voz cruelmente ironica e austera perguntar-me:

— Aquella velha, cuja supplica repelliste, trará, sob o misero vestido de chita, uma camisa de flanela como a tua, pois dois casacos é que ella com certeza não traz!?... Terá, como tu n'este momento, a aquellel-a a digestão d'alimentos fortes e saudaveis?.. Tu, que sentes arrepios de frio, só por te cair na face uma gota d'agua, lembraste-te do que deve sentir a triste, arrastando os pés nus, e travados pela velhice, sobre as lages molhadas dos passeios ou presos na lama do *macadam*?!

— Porque a repelliste!?... Porque lhe disseste: «Não pôde ser!...» quando bastava desabotoar o casaco e fazer... o que fez Alberto!?...

A voz calou-se; mas outra dura, sêca, insolente como uma creança mimalha e, como ella, indecisa, respondeu:

— Porque... porque era preciso desabotoar o casaco!...

Ó egoismo!... Conheci-te logo pela voz!... Has de ser sempre o mesmo; miseravel, sophysta, avaro, cru e cobarde!

O egoismo é aquillo; está descripto n'aquella resposta; foi elle que se traiu!

Eu desprezo este infame, que vive no mais recondito da nossa alma, no meio de tudo quanto faz do homem um ser augusto e nobre, e que, semelhante a um patife, que vive no mesmo predio com gente bem comportada, se compraz em dar má visinhança, sem haver forças humanas, que o possam desalojar!

Desprezo-o, detesto-o; mas — confesso — ás vezes... acho-lhe graça e rio como um perdido de todos os sophismas, que me apresenta.

N'aquella occasião, por exemplo, como o mal estava feito e a velha ia longe, o tratante calou-se; se, porém, me visse hesitar, estou mesmo, mesmo a ouvir o que me diria!

— Não desabotoes o casaco... olha que andam por ali accêsas as pneumonias!... Diz que tem fome e frio?... Ora!... não sejas creança!... Faz lá o que quizeres; mas, se lhe dêres esmola, segue-a e verás, que não vae comprar pão; vae direitinha á taberna!... E nota que não bebe para aquecer: bebe por vicio... por beber!... É pobre envergonhada?... Cantigas!... Em se accendendo os lanipeões, todas as que pediam sem vergonha de dia, passam a ser «pobres envergonhadas.» Além d'isso... bem vês!... Se fosse vergonha o pedir... não pediam!... Não sejas tolo! Deixa estar o casaco, se não queres ficar quinze dias na cama, como no inverno passado!..

É assim, sempre o mesmo, quando tenho um dever a cumprir!

Devo uma visita a um amigo?... É preciso interceder por um desgraçado, cuja collocação depende em parte de mim?... Pedem-me o cumprimento d'uma promessa?...

É contar immediatamente com a intervenção do maldicto!

Quando lhe destrúo os argumentos um por um, e sente exausta a mina dos sophismas, finge-se vencido, boceja e diz-me, como se se tratasse de cousa totalmente indifferente para elle:

— Tens razão, homem, mas... deixa isso para amanhã!...

Esta é a mais terrível das suas armadilhas!...

Se contemporisso, *se deixo para amanhã*... estou vencido.

Vae-se passando o tempo e, como o que era «*amanhã*» passa a ser «*hoje*,» segue-se que «*amanhã*» nunca chega, e jámais se faz o que de ha muito se devia ter feito.

Eu, em geral, lucto, e venço quasi sempre; mas, confesso, já mais de uma vez, tenho caído no laço do tal... «*amanhã*.»

Entregue a dolorosas meditações, fui seguindo a par de Alberto, que a avaliar pelo seu silencio, tambem não devia levar a mente occupada por pensamentos risonhos.

Sairamos de minha casa sem destino. Á rua de Santo Antonio, lembrei-me de perguntar ao meu companheiro aonde queria ir; mas não me atrevi, com receio de o importunar.

— Sigamos... até que te cances de andar!...— pensei.

Deixem-me dar-lhes uma idéa do caracter de Alberto, meu condiscipulo, desde que um mestre armado d'uma palmatoria, destacou, como nuvem negra, no esplendido céu da minha, até então, feliz e descuidosa infancia.

Desde creança, foi o meu amigo tido por excentrico, e ainda hoje o têm n'essa conta muitos que o conhecem; mas que o não comprehendem.

Alegre até á demencia — triste até á mysanthropia — rindo e chorando ás vezes ao mesmo tempo — capaz de dar a vida por um amigo; mas susceptível a ponto de quebrar brutalmente os laços d'uma amizade de infancia, se qualquer ninharia o fizer duvidar do amigo — cabeça de bronze e coração de vidro... eis as diversas informações, que podereis colher, se vos dirigirdes aos amigos de Alberto!... Cada cabeça, cada sentença.

O que, porém, todos elles vos dirão, é que os trinta annos de Alberto inspiram, sem que o exijam, o respeito, que só a mais avançada idade, se tributa.

É, realmente, um rapaz pouco vulgar; tem, sobretudo, um olhar, como não conheço outro, que penetra, castiga, recompensa, anima, consola ou aterra, segundo á alma lhe convém espelhar-se-lhe nos olhos!

Dizeis, por exemplo, deante d'elle, uma coisa, que vos parece natural, muitissimo natural...

Alberto não vos responde; olha-vos de certo modo, não sei como, e a palavra fica-vos cortada entre os labios, e o sangue sobe-vos ás faces, e lá dentro, bem no intimo do peito, sentis um desasocego, um receio de ter errado, que não procede verdadeiramente da consciencia, mas antes d'uma especie d'instincto e, momentos depois, meditando bem, adquiris a certeza de ser merecida a censura d'aquelle olhar!

Nas aulas, quando eu era chamado á lição, o olhar de Alberto era um fanal que me guiava: benevolo — inspirava-me a certeza de ir trilhando o bom caminho; austero — desnorteava-me, fazia-me perder a confiança, que tinha em mim.



Nada d'isto, porém, diz o que eu penso do meu condiscipulo.

Alberto é o coração mais nobre, mais leal, mais opulento de amor, que eu tenho encontrado!

Temperamento nervoso, intelligencia vastissima, alma avêssa a tudo o que não fôr respeitavel e digno, tem um defeito, terrivel, para quem precisa de viver n'este mundo: é d'uma franqueza rude, sem piedade!

Ai! do que lhe affronte o olhar e insista no erro!

Melhor lhe fôra desafiar o raio; porque, quando aquelles labios se descerram, o verbo ardente, incisivo e inspirado verbera, desfibra, fulmina o imprudente, que ousou provocar a tempestade.

Bem ou mal, ahi fica esboçado o meu companheiro.

Caminhando, sempre em silencio, chegámos á alameda do Prado do Repouso, e receioso de que, graças á distracção de Alberto, o nosso passeio não tivesse termo, perguntei-lhe a medo:

— Tu ainda queres ir mais longe!?...

Parou e, depois de olhar para todos os lados, como que procurando orientar-se, perguntou-me com voz ligeiramente trémula:

— Como te lembraste de vir ao Repouso!?...

— Eu acompanhei-te!... Vieste... vim — respondi, protestando assim contra aquelle passeio forçado, de que me queriam lançar a culpa.

— Deve ser isso!... voltou Alberto — Guiou-me a fatalidade!

As trévas não me permittiram devassar, no rosto do meu companheiro, o sentimento, que lhe dictara aquella phrase.

Na alameda viam-se tres ou quatro *coupés*, e estava aberta a porta do cemiterio, signal de que se estava procedendo a algum enterramento.

Alberto dirigiu-se para a porta, e eu segui-o.

Entrámos e elle, que n'essa occasião, não caminhava ao acaso, guiou-me para uma das avenidas lateraes.

Derepente parou, metteu a mão no bolso, tirou uma caixa de phosphoros, accendeu um, e, resguardando a chama com a mão, curvou-se e examinou cuidadosamente uma sepultura razea, que apenas se distinguia das outras por uma lousa, onde á luz, quasi a finir-se, do phosphoro, pude ler um nome — MARIA.

Erguendo-se, Alberto murmurou:

— O homem não se tem descuidado...

Referia-se de certo a alguem, que fôra depôr, sobre o modesto monticulo de terra, as camelias, cujas folhas soltas o cobriam.

Havia n'aquella campa um segredo, que me torturava!... Um segredo entre mim e Alberto!...

Esta descoberta feria-me dolorosamente; mas, apesar, do despeito, e sobretudo, da curiosidade, não ousei interroga-lo.

Retrocedemos em silencio.

— Quem seria aquella Maria!?... — perguntava eu mentalmente. — Amores plantados na terra, para serem mais tarde colhidos no céu?... Não!... Tinha-m'os contado. Quem ama, precisa de um confidente e esse... só o podia ser eu.

Pessoa de familia... não era. Dois annos antes, acompanhara eu á ultima morada o cadaver da mãe de Alberto, que, desde então, ficara só no mundo.

Mas... quem seria, então, aquella Maria!?...

Perdido n'um labyrintho de hypotheses, só, por assim dizer, despertei, quando o meu companheiro, parando, disse:

— Entra!...

Olhei e vi que estavamos á porta da casa, onde elle morava.

— Entra!... — repetiu Alberto.

— Não entro — respondi — Não entro... Para que? Tu estás hoje como uma tumba!... Não entro.

— Pois... por isso mesmo! — insistiu elle. — Sobe!... Não me deixes só!... Entra, por quem és!...

Havia tal tristeza n'aquella voz... era tão supplicante e assustada, que entrei.

Ouvindo-nos os passos, veio allumiar-nos, do alto da escada, uma creada velha, que nos acompanhou até á sala, retirando-se depois de ter pousado o candieiro sobre uma mesa.

Alberto fechou a porta, arremessou o chapéu para cima d'uma cadeira, e deixando-se cair sobre o sophá, fincou os cotovellos nos joelhos e escondeu o rosto nas mãos.

Abalado por todos aquelles indícios d'um agudo soffrimento moral, parei, afflicto, diante de Alberto, e só passados instantes, consegui animar-me a perguntar-lhe:

— Tu que tens!?...

Não recebendo resposta, apartei-lhe brandamente as mãos do rosto, e repeti:

Tu que tens!?... Vamos!... Falla!...

— Não tenho nada!... — respondeu, encolhendo os hombros.

— Nada!... Tu soffres! — insisti — Bem sabes que nos não conhecemos de ha dois dias!... Lá que soffres... isso é que não padece duvida!... Ora, vá!... Dize-me o que te afflige!...

— Não tenho nada... acredita!... É este meu genio... Tu bem me conheces!

— Será... — repliquei — Será... mas... não percebo!...

Saes de minha casa, alegre como um pintasilgo, e d'ali até ao principio das carmelitas, tudo foi rir e folgar... Derepente... apparece-nos uma pobre... Recuso-lhe a esmola e tu... dás-lh'a... Não gostaste de que eu repellisse a velha? Incommodou-te isso?...

— Ora!... O que tu quizeres!... — atalhou Alberto.

— Bem!... Não foi por isso?... Melhor!... Em todo o caso, desde então, não tornaste a proferir uma palavra!... Chegámos ao Repouso, sem que soubesses como lá tinhas ido parar... Depois... depois... Quem era aquella Maria, Alberto!?... Haverá um segredo de ti para mim!? Tem paciencia!... Não me calo... — accrescentei em resposta a um gesto supplicante — Quero saber o que tens, pois soffres... conheço-o!...

— Valha-te Deus!... — exclamou Alberto. — Não ha segredo, nem cousa, que com isso se pareça; ha simplesmente um facto da minha vida, que nunca veiu a proposito contar-te... Para outro qualquer não tinha a minima importancia; para mim é... um remorso, um espinho! Por mais que procure convencer-me de que não ha ninguem, a quem não podesse acontecer o mesmo, os meus escrupulos são mais fortes do que os meus raciocinios, e não ha meio de me furtar a este martyrio!... Queres tu ouvir!? Ora, assenta-te e... escuta!...

Alberto passou os dedos por entre os cabellos, que lhe encobriam a fronte, ergueu-se, apertou um cigarro, accendeu-o e veiu assentar-se em frente de mim, do lado opposto da mesa.

— Lembra-te de minha mãe? ... — perguntou elle.

— Se lembro!... — respondi — que espirito!... que vivacidade!...

— Era isso, era!... confirmou Alberto, profundamente commovido. — Não conheço alma tão energica, tão rijamente temperada como era a d'ella!... Sorria sem cessar!... As alegrias — e bem poucas encontrou na vida! — traíam-se-lhe no rosto por um sorriso de ineffavel gratidão e, chegada a hora do infortunio, era tambem com um sorriso, o santo sorrir dos martyres, que ella acolhia as provações!

Eu sou o vivo contraste de minha mãe: excessivo em tudo!... Alegre ou triste, entrego-me sem reserva e indifeso ao sentimento, que me agita, e ou sinto uma imperiosa necessidade de expansão, ou concentro-me, escondo-me, por assim dizer, no intimo da minha alma.

O que eu, porém, mais admirava em minha mãe era a sua inexcedivel força de vontade!

É impossivel imaginar o que aquella santa soffreu e luctou para disputar á voracidade dos usurarios, os mesquinhos restos de uma grande fortuna, que meu pae lhes abandonara pouco e pouco!

Se soubesses as privações, que a martyr se impoz, para fazer de mim o que sou!...

Lembra-me, que lhe disse um dia:

— Se eu tivesse a sua força de vontade, minha mãe... zombaria de todos os obstaculos!...

Minha mãe sorriu, como sempre, e respondeu:

— A força de vontade nem sempre vence!... Se vencesse... não teria eu soffrido um terrivel desgosto!... — respondeu; e accrescentou, notando o meu olhar interrogador:

• — O desejo mais vehemente, que tenho tido na minha vida, foi o de te amamentar e, apesar d'essa força de vontade, que me invejas, tive que confiar-te ao seio de outra mulher!...

Minha mãe, proferindo estas palavras, mostrava-me uma das feridas mais fundas da sua alma.

Essa *outra*, a mulher que me creou, foi, talvez, o unico ser, que pôde ensinar minha mãe a conhecer o odio; odio não, ciume de mãe, que é mais implacavel do que o odio!

Apesar de ser ainda criança, n'esse tempo, lembra-me que, ás ve-



zes, quando n'um d'estes impulsos do coração, tão naturaes e irresistiveis na infancia, colhia entre os braços o pescoço da minha ama, cobrindo-lhe as faces de beijos, se, por acaso, encarava minha mãe, achava-lhe no rosto uma expressão, que não era a usual e desconhecia-lhe, sobre tudo, o olhar!

Era porque, n'essas occasiões, luzia-lhe nos olhos o odiento fulgor do ciúme!

Victima de uma sedução vulgar, tinha dezoito annos a minha ama, quando entrou para nossa casa, e comnosco viveu cerca de oito annos.

Estou a vê-la tal qual era n'esse tempo!

Alta e elegante, alegre e activa — era um conjuncto de força e de graça.

O seu rosto moreno tinha uma encantadora expressão de malicia, que de todo se traia, quando um sorriso travêso lhe erguia o labio assombrado por um buço levemente azulado, expondo á analyse os dentes mais formosos, que eu tenho visto!

A vigilancia de minha mãe e, sobre tudo, o affecto, que me consagrava a pobre rapariga, conseguiram domar-lhe durante oito annos as revoltas da indole apaixonada.

Derepente, começaram a amiudar-se as reprehensões, que minha mãe lhe dirigia, até que, uma tarde, chegando eu da escola, e perguntando a minha mãe por ella, respondeu-me esta:

— Foi-se embora...

Lembra-me que foi aquelle o primeiro dia de soffrimento da minha vida!

A voz de minha mãe, quando me respondera, tinha tal inflexão, que não ousei interrogar-a.

Assentei-me na pedra da varanda, e fiquei ali a chorar até ser noite.

Os soluços suffocavam-me; ardiam-me os olhos queimados pelas lagrimas; sentia um desejo violento de perguntar a minha mãe o motivo porque a ama nos deixara; mas não me atrevia, porque o meu instincto dizia-me que a culpa não fôra de minha mãe, e eu não queria ouvir accusar a ausente.

Minha mãe não mostrou perceber o que eu soffria, mas, á noite, depois de eu estar na cama, quando me veio apagar a luz, cuidado até então a cargo da ama, deu-me um beijo na testa, e pareceu-me esse beijo mais demorado, mais affectuoso e meigo do que todos os milhões de beijos, que os seus labios me tinham dado até então.

Apesar da inconstancia propria dos primeiros annos, pungiram-me por largo tempo as saudades.

Às vezes, esquecia-me do succedido e bradava: «Ó ama!...;» mas logo caia em mim, o coração apertava-se-me e arrasavam-se-me os olhos d'agua.

E, n'essas occasiões, minha mãe sorria, e então eu, sem saber porque, abraçava-me n'ella e sentia calar em mim a certeza de que estrei-

tava ao peito o ser, cujo amor por mim não podia encontrar rival na terra.

Que olhar o de minha mãe n'esses momentos de abandono!... Era uma carícia, uma bênção, era como se me beijasse com os olhos!...

Pouco e pouco as saudades desvaneceram-se e deixei de pensar na minha ama.

Um anno, pouco mais ou menos, depois que ella saíra de nossa casa, seguia eu pela rua Formosa, caminho da escola, quando dois braços me ergueram do chão, e senti o rosto coberto de beijos e banhado de lagrimas.

— Ama! Foi o meu primeiro grito, estendendo-lhe os braços, apenas me poizou no chão e a reconheci; mas... repente, depois de a haver mirado, vendo-a acieada, mas de um aceio, que se me afigurou differente do que pretendia ser, experimentei por ella uma repulsão instinctiva, uma especie de vergonha, e dei um passo para traz, dizendo-lhe: «Adeus... Maria!...»

Era a primeira vez, que lhe não chamava ama!

Ao chegar á esquina, voltei-me e vi-a no mesmo sitio em que a deixara, com as mãos enlaçadas.

Pareceu-me que chorava e deitei a fugir, com medo de que ella corresse atraz de mim!

Poderás dizer-me—continuou Alberto—que sentimento foi o que me impediu a mim, uma criança de nove annos!... de dizer a minha mãe que tinha encontrado Maria!?...

Desde então, encontrei-a muitas vezes. Olhava-me com evidente expressão de affecto e seguia sem me dirigir palavra; mas, se, por ventura, me voltava para traz, via-a parada, seguindo-me com os olhos.

Passados trez ou quatro annos, desapareceu; não a tornei a ver.

.....

Apoz breve silencio, continuou Alberto:

— Haverá quatro annos... estavas tu em Traz-os-Montes, descia eu, uma noite, pela rua do Bomjardim.

Caía uma chuva miuda e gelada, que transformava a rua n'um lamaçal. Ao chegar á esquina da rua de Fernandes Thomaz, ergueu-se do degrau de um portal, onde estava assentada, uma mulher e disse-me com voz plangente:

— Meu rico senhor... dê-me alguma coisinha pelo amor de Deus!... Sai hoje mesmo do hospital... estou tolhidinha de fome e de frio... não tenho onde me recolher!...

Enterrei mais as mãos nos bolsos e respondi n'um tom, que não admittia réplica:

— Não pôde ser!...

— Valha-me Deus!... balbuciou a pedinte.

Havia tanta resignação na voz da desgraçada, que hesitei; mas... a chuva caía, eu sentia os pés humidos, era preciso parar, não pôde ceder que houvesse alguém privado de um tecto, que lhe abrigasse a cabeça, impuz silencio á compaixão e... segui o meu caminho.

Dez passos adiante, já nem me lembrava da triste!

No dia seguinte, seriam dez horas da manhã, quando saí de casa.

O destino que levava, obrigava-me a passar pela rua de Fernandes

Thomaz.

No sitio onde a pobre me apparecera, havia um magote de povo... aproximei-me.

Envolto em andrajos, jazia no passeio o cadaver de uma mulher. Um lenço azul occultava-lhe a face; o braço direito poisava sobre o coração, o esquerdo descansava no chão, ao longo do corpo.

Ao ver o cadaver, pensei:

— É a pobre de hontem á noite!... Fui eu que a matei!...

N'isto, os meus olhos cravaram-se n'um anel de cornalina que a desgraçada tinha n'um dedo da mão esquerda; pareceu-me que conhecia aquelle anel; tinha a certeza de o ter visto, sem saber quando nem em que mão, e a minha angustia redobrou!

Os circumstantes, e especialmente as mulheres, accusavam, gesticulando, as auctoridades por não terem ainda levantado o corpo, e não faltaram ameaças quando o regedor appareceu, seguido por dois homens que traziam uma especie de maca.

E eu não podia affastar-me d'ali!... Não sei que fascinação, que vontade superior me prendia áquelle sitio, e me forçava a contemplar o cadaver!

O regedor, abrindo caminho por entre a turba, aproximou-se da defuncta, descobriu-lhe o rosto, examinou-o, e terminou por perguntar:

— Ha ahi alguém que a conheça?...

Conhecia-a eu!..., Conhecia; mas... não o pôde dizer porque a vista fugiu-me, a terra tremeu-me debaixo dos pés, os joelhos vergaram-se-me, e eu caí sem accôrdo no chão!

Aquella mulher que eu deixara morrer de fome e de frio... tinha-me aquecido, tinha-me alimentado a mim com o mais puro e rico do seu sangue!....

Era a minha ama!...

.....  
Alberto, que por entre lagrimas, tinha narrado o desgraçado fim de Maria, escondeu, quando terminou, o rosto nas mãos.

Fiquei essa noite em casa d'elle, e não dormi porque m'o impediu a lembrança da velha, a quem eu recusara esmola, e cujo encontro aviara a ferida do coração de Alberto.

Leitor!... Eu comprehendo aquelle remorso e tu... tambem de certo o comprehendes!...

Ainda com risco de soccorreres um impostor, não recuses a tua esmola a um pobre, senão quando de todo em todo vires que «não pôde ser!...»



---

# COLON EN VALCUEVO

---

## CAPITULO VII

1487 — 1492

SUMARIO. — Nuevas dificultades con motivo de las condiciones estipuladas por Colon en la capitulacion con los Reyes Católicos para el viage de descubrimiento. Hernando de Talavera y sus secuaces. Fr. Juan Perez. Ultimas contrariedades. Inflexibilidad de Colon: su seguridad en el exito de su empresa. Luis de Santangel decide á la Reina, que acepta al fin las condiciones de Colon, firma la capitulacion y manda empeñar sus joyas. Triunfo de la idea sostenida por la ciencia. Gloria á Colon. Honor á la Universidad de Salamanca.

---

El triunfo que las conferencias de Salamanca proporcionaron á Colon fué visible y decisivo; pero no por eso acabaron las contrariedades. Los resultados inmediatos de aquellas acreditan que se habia ganado una *ejecutoria*; pero los adversarios de la empresa reservaban para la *via ejecutiva* los últimos recursos de su estrategia y, como si dijéramos, las últimas flechas de su aljaba. Vamos á reseñar esos últimos combates de aquella notable campaña, con el doble objeto de ofrecer á nuestros lectores, en la armónica exposicion del conjunto, otra demostracion de la verdad de los detalles, otra prueba más de que nuestro relato explica natural y sencillamente todas las alternativas de la lucha, las amarguras y los contentamientos de Colon; orillando dificultades y resolviendo dudas, que habian hasta hoy parecido á todo el mundo insolubles.

Hemos dicho ya, que á seguida de las conferencias, á luego á luego de la exposicion de sus resultados, hecha á los Reyes por Fr. Diego de Deza y por los Religiosos y Matemáticos que en aquellas tomaron parte y que le acompañaban en comision, ó sea á primeros de Mayo de 1487, entró Cristobal Colon al servicio de aquellos, y comenzó á recibir del Tesoro Real y casi periódicamente cantidades de más ó menos importancia, por via de entretenimiento: siendo de notar, el concepto y alta significacion que revelan los términos en que aquellos libramientos se extendian; así como las personas que en su expedicion y pago se ven intervenir.

Los reyes acometian entonces la árdua empresa de Velez Málaga y de Málaga, formidables trincheras, precioso giron del agareno imperio,

cuyo asedio era temeroso, y cuya conquista iba á ser decisiva para la del último baluarte de aquel agonizante poder. Colon en tanto se situaba holgadamente en Córdoba; y contraía allí aquellas placenteras relaciones que, al darle un segundo hijo, le hicieron tomar apego al país, atándole á éste con los inquebrantables suaves lazos del agradecimiento y del amor.

Es perfectamente vano el empeño que han hecho, de una parte Bossi, y de otra Roselly de Lorgues, en santificar aquellas relaciones por medio de un supuesto matrimonio de Colon con D.<sup>a</sup> Beatriz Enriquez. La solemne declaracion de aquel en su testamento destruye irremisiblemente aquel propósito, de otra parte innecesario, para la fama y gloria de Cristobal Colon, á quien ni adversarios, ni amigos, ni parientes se acordaron jamás de censurar por el género convencional y perfectamente comprensible de aquellas relaciones. No nos detendremos más en este punto, sobre el cual han hecho inapagable luz, no solamente Irwing y Prescott, sino Muñoz y Navarrete.

Difícil por demás el sitio de Málaga, y no poco costosa su adquisicion, hizo necesaria la presencia de los Reyes al frente de sus huestes, largo tiempo despues de entregada la ciudad. Y hé aquí, que los deseos de Colon se conciertan entonces con el propósito de los Reyes: merced á lo cual, en 27 de Agosto se le libran, por mandado de sus Altezas, cuatro mil maravedis, para ir al Real, que aún estaba sobre Málaga en aquella fecha, segun *Bernaldez*. Se infiere de ese hecho, que los Reyes no querian ya dejar al navegante genovés de la mano; al paso que él tambien aprovechaba cuantas ocasiones creia oportunas para apresurar la ejecucion de sus designios.

Fuera consejo de sus amigos y protectores, ó ya que á su claro talento no pudiera ocultarse la inoportunidad de aquellos momentos, mediante la premiosa situacion en que los Reyes se encontraban, es lo cierto que, ni entonces, ni en los siguientes años — 1488 y 1489 — se advierten síntomas de ejecucion, pero tampoco de desacuerdo entre los Reyes y Colon: antes al contrario, se vé, durante ese largo periodo, que el navegante genovés, satisfecho con los agasajos y distinciones que acreditan su triunfo y la estimacion obtenida de los Reyes, consideró ya su proyecto aceptado en principio; y si bien muestra deseos, no les apremia por la ejecucion de su empresa, ni estipula condiciones al efecto. Los Reyes á su vez, cuidadosos de tenerle contento, para conservarlo á su lado, en medio de las graves atenciones de la guerra y de las estrecheces del erário, no olvidaban su entretenimiento y manutencion; llevando la diligencia sobre esto, hasta el punto que atestigua la Cédula Real expedida en Córdoba á 12 de Mayo de 1489, mandando «que en todas las ciudades, villas y lugares donde Cristobal Colomo se *acaesciere* se le aposente y á los suyos y se le den buenas posadas, que no sean mesones, sin dineros; y que se le faciliten mantenimientos á los precios que de ordinario allí tuvieren.» Esto revela, además, otro hecho digno de tenerse en cuenta. Colon, con residencia habitual en Córdoba, desde principios de 1486, ha-

cia sus escursiones, y no siempre al campamento y al lado de los Reyes; buscaba muchas veces el consejo de sus protectores, procuraba noticias del extranjero, amaba el grato ruido de las tempestuosas olas, y las visitaba á fin de indagar las facilidades que nuestros puertos ofrecian para el equipo y pronto aparejo de las naves con que habria de realizar su empresa.

No se debe olvidar, que en ese tiempo — en Marzo de 1488 — Colon habia recibido una carta afectuosísima del Rey de Portugal D. Juan II; y que esa carta no es, como se ha dicho por todos, una *invitación*: es una *aceptación*, *obligeante*, como dicen los franceses; pero una *aceptación*. Cristobal Colon habia escrito al Rey mostrándole voluntad y complacencia de ponerse á su servicio, y dejándole entrever la posibilidad de su vuelta á Portugal. No dejan duda sobre esto las siguientes frases de la carta de D. Juan II:

«Vimos a carta que Nos escribistes e a boa vontade e afeição que «por ella mostrades teerdes a nosso serviço: vos agardecemos muito. Em «quanto a vossa vinda cá, certo, assi pello que apontaes como por outros «respeitos para que vossa industria e booo engenho Nos sera necessareo, «Nos a deseamos, e pracerinos ha muito de que visedes, porque em o «que a vos toca se dará tal forma de que vos debaes ser contente....»

Cristobal Colon era italiano. Su cautela y sus desconfianzas le hacian sostener relaciones, alimentar esperanzas y estar en tratos con varios monarcas á la vez, si hemos de dar fé á esos documentos y á lo que él mismo escribia al Rey D. Fernando, en Mayo de 1505<sup>1</sup> «Dios «Nuestro Señor milagrosamente me envió acá porque fui á aportar á Portugal, adonde el Rey de allí entendia en el descubrir mas que otro alguno: El le atajó la vista, oído y todos los sentidos, que en catorce «años no le pude hacer entender lo que yo dije: tambien dije milagrosamente porque hobe cartas de ruego de tres príncipes, que la Reina «(Q. D. H.) vido y se las leyó el Doctor de Villalon.»

Muñoz y Navarrete suponen, y así es de creer, que esas tres cartas pudieron ser de los reyes de Portugal, Inglaterra y Francia. La del primero, ya la hemos visto: y tambien lo que revela su contenido. A Inglaterra sabemos que Cristobal Colon envió su hermano Bartolomé al tiempo que él abandonaba á Portugal. Y por lo relativo á Francia, no sabemos más que de conatos de dirigirse á aquel reino, en los momentos que decrecian sus esperanzas de ser aceptado su designio ó admitidas sus condiciones por los Reyes Católicos. ¿Cuáles fuesen esos momentos? Esta es la cuestion. Sobre esto tambien las dudas y la oscuridad, por efecto de la vaguedad con que hablan y de las contradicciones y equivocaciones en que incurren los escritores de la época que del asunto se ocuparon.

Habria motivos para creer que, á luego de la junta y de las pláticas con el Prior de Prado, y *desahuciado por este*, como dice Salazar de

<sup>1</sup> Navarrete.—Colec. Tom. III.—Doc. núm. LVIII.



Mendoza, es decir; en la primavera de 1486, se despertó en Colon el intento de pasar á Francia, si entonces mismo no hubiera encontrado, como encontró en Córdoba, protectores valiosos que le sostuvieran y le alentaran; y si la misma Reina no hubiera al recibir y escuchar tan benévola y al audaz marino, abierto su corazón á grandes y fundadas esperanzas: esperanzas que hemos visto realizadas á virtud de las conferencias de Salamanca. Lo verosímil, lo para nosotros incuestionable es, que aquel intento — que es muy posible fuera un ardor de guerra, tal vez sugerido por sus mismos protectores — no le tuvo, ó no le empleó Colon hasta 1491: hasta que, puesto sitio á Granada por los Reyes Católicos, se acercó el plazo por estos señalado al genovés y á sus partidarios, para la ejecución de la heroica empresa. Fué entonces, sin duda alguna, cuando Cristobal Colon, con tono magestuoso y ánimo entero, poseído de sí mismo y seguro de su designio, formuló ante los Reyes sus pretensiones y estipuló las condiciones de un pacto.

Ese momento y ese acto son á nuestra vista uno de los momentos más solemnes y de los actos más grandiosos de la vida de Colon.

«El hombre de la capa raída y pobre,» que decia Oviedo, «el arbitrista sin blanca,» en sentir de Fr. Hernando de Talavera; el que tenia que vivir de la proteccion del Duque de Medinaceli, una vez, de Fr. Diego de Deza y del Convento de S. Esteban de Salamanca, otras veces, y cuando no de la merced de los Reyes Católicos, del fruto de su ingenio y del trabajo de sus manos;... ese mismo hombre, al tratar de sus ofertas de descubrimientos á través del *Mar tenebroso*, formula ante los Reyes las pretensiones de un triunfador glorioso: y como si se viera ya ceñida la aureola de tal, y como si tuviera en sus manos las llaves del Nuevo Mundo, plantea la cuestion de poder á poder, y dice á los Reyes: «hé aquí las condiciones del pacto: esto; ó vuelvo á doblar mi capa y me siento sobre ella.»

Lo sublime, en la vida del hombre, muchas veces se halla á dos dedos de lo ridiculo. ¡Cuántos habria en la corte de los Reyes católicos, que de eso último calificaran el acto de Cristobal Colon, ese acto sublime por lo congruente, por lo grandemente noble y digno! De ello se aprovecharon hábilmente sus adversarios, para tornar al combate, con probabilidades de éxito. Fr. Hernando de Talavera estaba otra vez en su terreno. El P. Las Casas dice á este propósito lo siguiente: «Hacia más difícil la aceptación de este negocio lo mucho que Cristobal Colon en remuneracion de sus trabajos y servicios ó industria pedía: conviene á saber; *estado, Almirante, visorrey, y Gobernador perpétuo, etc.*: cosas que, á la verdad, entonces se juzgaban por muy grandes y soberanas, como lo eran y hoy por tales se estimarian.»<sup>1</sup> Y sobre esto mismo dice D. Hernando Colon lo más significativo y concluyente que hemos leído y que puede desearse: «... pero como *por una parte le contradecian el Prior de Prado y sus secuaces, y por otra pedía el almirantazgo, el título de*

<sup>1</sup> Historia general de las Indias — M. S. Cap. 31.

*viso rey y demás cosas de tanta estimacion é importancia, pareció cosa dura concederlas; pues saliendo con la empresa, parecía mucho, y malográndose, ligereza...*<sup>1</sup>

Todo induce á creer, que esta cuestion se planteó hallándose la Corte en Santa Fé, en el mismo campamento y á la vista de Granada. Fr. Hernando de Talavera insistía en retraer á los Reyes de la empresa: y las exigencias de Colon le dieron motivo para lanzar los rayos de su palabra imperiosa á la par que ferviente, contra el extraño aventurero, cuyas pretensiones, decia, revelaban un desmedido orgullo, por lo cual seria indecoroso para SS. AA. el acceder á tales exigencias.»

El tema, como se vé, no podia prestarse más ni mejor al propósito del consejero, cuyas observaciones respondian perfectamente al espíritu receloso y suspicaz del rey D. Fernando; que, como dice Prescott, citando á Muñoz y á D. Hernando Colon, habia desde el principio mirado aquel proyecto con frialdad y desconfianza.

Fué, por tanto, fácil al confesor de la Reina, primer Arzobispo electo de Granada, conseguir otro desacuerdo entre los Reyes y Colon: toda vez que este «resistió con firmeza á todas las tentativas que se hicieron para que modificase sus proposiciones». Con este motivo se rompieron bruscamente las conferencias de Santa Fé, y Colon tomó el camino de Huelva, bien fuera con el objeto de acercarse otra vez á Portugal, ó ya para estar á la vista de un puerto. Fué tambien entonces cuando tocó afortunadamente con el Prior del Convento de la Rábida. Fr. Juan Perez.<sup>2</sup>

El P. Las Casas nos dice en el lugar antes citado: «El principal que fué causa de esta última despedida se cree haber sido el *susodicho Prior de Prado y los que le seguian*. De creer es que, no por otra causa, sino porque otra cosa no alcanzaban ni entendian.» Y con este motivo ensalza, con harta razon, la constancia, la entereza, la altiva dignidad, y el carácter inflexible de Cristobal Colon: prendas de espíritu que le hicieron sostener tantas luchas, tantos años de prueba, y que á despecho de tantos obstáculos le dieron el llevar á cabo su grande obra.

Pero aquel rompimiento de Colon con la corte duró pocos meses. Reforzados los trabajos de sus amigos y protectores con el auxilio de Fr. Juan Perez, Prior de la Rábida, consiguieron de la Reina que lo volviese á llamar á Santa Fé; «enviándole, al efecto, y por conducto de Diego Rodriguez Prieto, que era Alcalde de Palos, *veintemil mavavedis en florines*, á fin de que se vistiera honestamente é comprase una bestezuela é pareciese ante S. A.»<sup>3</sup>

Es digno de notarse que, desde ese momento, es la Reina solamente á quien se dirijen y la que escucha las recomendaciones en favor de la empresa y de Colon. Todos convienen en que el rompimiento de

<sup>1</sup> Historia del Almirante. Cap. 10.

<sup>2</sup> Navarrete — Colec. Tom. 3.º Observ. v.

<sup>3</sup> Declaracion del físico de Palos Garcia Hernandez—Probanzas del fiscal del rey, etc.—Navarrete. Tom. 3.º Observ. v.

este con los Reyes, por causa de las condiciones que estipulaba aquel y sobre cuyo punto se mostraba inflexible, fué poco menos que definitivo. El rey D. Fernando no quiso ya ocuparse más del asunto. Fr. Hernando de Talavera habia dado á la empresa de Colon el golpe de gracia.

La situacion era grave para los amigos de este. No podian lograr que cediera un ápice en sus pretensiones. Tenian en frente de si y victorioso al Arzobispo electo de Granada. Y no podian dirigirse al Rey, ni concebir esperanzas de contar con él. No se desalentaron, sin embargo. Hay que convenir en que el auxilio de Fr. Juan Perez, añadido al de Juan Cabrero, al de la Marquesa de Moya, al del Secretario de la Reina, Gaspar Gricio, al del ama del Principe D.<sup>a</sup> Juana de las Torres, al de Fr. Antonio de Marchena y al perseverante Fr. Diego de Deza, les vino muy á tiempo. Fr. Juan Perez era otro confesor de la Reina. La Reina creia en Colon y sus proyectos la entusiasaban. Era posible convencerla á que aceptase las proposiciones del genovés. ¿Quién se encargaria de ello? Un aragonés: la ingenuidad, el desenfado, la lealtad y la valentia personificadas en Luis de Santangel.

Hasta hoy, que sepamos, no se ha publicado á la letra el pasage más instructivo y más bello que sobre el particular se encuentra en los escritores de aquella época. Es de Fr. Bartolomé de las Casas en su lastimosamente inedita *Historia general de las Indias*, capitulo xxxii del primer libro. Nuestros lectores nos han de agradecer que trascribamos aqui el pasage con toda fidelidad, para no privarle de la frescura del colorido que supo darle el protector de los indios.

Dá testimonio Las Casas del rompimiento de Colon con los Reyes Católicos por causa de las estipuladas condiciones, de la altiva confianza de aquel al exigir las y de su incontrastable entereza en no rebajarlas; y dice con ese motivo, que Santangel «recibió tan grande y excesiva pena y tristeza de aquella segunda despedida de Colon y definitiva repulsa de los Reyes, como si á él fuera en ello alguna gran cosa y poco menos que la vida; y no pudiendo sufrir el daño y menoscabo que á los Reyes juzgaba seguirse, así en perder los grandes bienes y riquezas que Cristobal Colon prometia, si acaciere salir verdad, y haberlos otro Rey cristianísimo, como en la derogacion de su Real autoridad que tan estimada era en el mundo, al no querer aventurar tan poco gasto por cosa tan infinita, confiando en Dios y en la privanza y estima que los Reyes en su fidelidad y deseo de servirles sabia que tenian, se fué á la Reina y dijola de esta manera: «Señora: el deseo que siempre he tenido en «servir al rey mi Señor y á V. A., que si fuere menester morir moriria «por su Real servicio, me ha constreñido á parecer ante Vuestra Alteza «y hablarle en cosa, que ni convenia á mi persona, ni dejo de conocer «que excede las reglas ó limites de mi oficio: pero á la confianza que «siempre tuve en la clemencia de V. A. y en su real generosidad, y «que mirará las entrañas con que lo digo, he tomado ánimo de notifi- «carle lo que en mi corazon siento, y que otros quizá muy mejor que «yo lo sentirán, que tambien aman fielmente á VV. AA. y descan su



«prosperidad como yo, su siervo mínimo. Digo, Señora, que considerando  
«muchas veces el ánimo tan generoso y tan constante de que Dios adornó  
«á VV. AA. para emprender obras grandes y escelentísimas, hème ma-  
«ravillado mucho no haber aceptado una empresa como Colon ha ofre-  
«cido, en que tan poco se perdía, puesto que vana saliese, y tanto bien  
«se aventuraba conseguir, para servicio de Dios y utilidad de su Iglesia,  
«con grande crecimiento del Estado Real de VV. AA. y prosperidad de  
«todos estos reinos; porque, en verdad, Señora Serenísimá, este negocio  
«es de calidad: que si (lo que tiene V. A. por dificultoso ó por imposi-  
«ble) á otro Rey se ofrece y lo acepta y sale próspero, como este hombre  
«dice y á quien bien lo quiere entender dá muy buenas razones para  
«ello, manifestos son los inconvenientes que á la autoridad de VV. AA.  
«y daños á vuestros reinos venían. Y esto así sucediendo (lo que Dios no  
«permita) VV. AA. toda su vida de sí mismas ternían queja terrible:  
«de vuestros amigos y servidores con razon culpados seriades; y á los  
«enemigos no les faltaría materia de insultar y escarnecer; y todos, los  
«unos y los otros, afirmar osarian, que VV. AA. tenían su merecido.  
«Pues lo que los Reyes sucesores de VV. AA. podrán sentir é quizá pa-  
«decer, no es muy oscuro á los que profundamente lo consideran. Y pues  
«este Colon, siendo hombre sabio y prudente y de tan buena razon como  
«es, y que parece dar muy buenos fundamentos, y de los cuales algu-  
«nos de los letrados, á quienes VV. AA. lo han cometido, le admiten,  
«puesto que otros le resisten, pero vemos que en muchas cosas no le  
«saben responder, y él á todas las que le oponen dá sus salidas y res-  
«puestas, y él á toda su persona, y lo que pide para luego es muy  
«poco, y las mercedes y remuneraciones no las quiere sino de lo que él  
«mismo descubriere: Suplico á V. A. no estime por tan imposible este  
«negocio, que no pueda con mucha gloria y honor de vuestro Real nom-  
«bre y multiplicacion de vuestros Estados y prosperidad de vuestros súb-  
«ditos y vasallos suceder. Y de lo que algunos alegan, que no saliendo  
«el negocio como deseamos y este Colon profiere, sería quedar VV. AA.  
«con alguna nota de mal miramiento, por haber *emprendido* cosa tan in-  
«cierta, yo soy de muy contrario parecer. Porque, por más cierto tengo,  
«que esta obra añadirá muchos quilates sobre la loa y fama que VV. AA.  
«de magnificéntísimos y animosos príncipes tienen; que procurar saber  
«con gastos suyos las secretas grandezas que contiene el mundo dentro  
«de sí propio es de magnánimos reyes: no siendo los primeros VV. AA.  
«que semejantes hazañas acometieron, pues antes lo ejecutaron Ptolomeo  
«y Alexandro y otros grandes y poderosos Reyes; y dado que del  
«todo lo que pretendían no consiguieron, no por eso dejó hoy de ser atri-  
«buido por todo el mundo á grandeza de ánimo y menosprecio de los  
«gastos. Quanto más, Señora, que todo lo que al presente pide no es sino  
«solo un cuento: y que se diga que V. A. lo deja por no dar tan poca  
«cuantía, verdaderamente sonaría muy feo; y en ninguna manera con-  
«viene que V. A. abra mano de tan gran empresa, aunque fuere muy  
«más incierta.»

No se necesitaba tanto para decidir á la Reina Isabel. El discurso sentido, candoroso y enérgico del noble aragonés la conmovió profundamente, arrancó de su espíritu los escrúpulos que su confesor Talavera habia despertado, y las proposiciones de Colon quedaron aceptadas en el acto, sin más consulta ni discusion. El mismo Las Casas relata el término de esa última y solemne entrevista, por estilo tan primoroso como sencillo.

— «Mucho os agradezco vuestro deseo, dijo á Santangel la Reina, y el parecer que me dais y que estoy determinada á seguir. Bien nos estaria que la ejecucion de la empresa se difiriese un poco, porque nos permitiera alguna quietud y reposo, de que estamos harto necesitados, despues de guerras tan prolijas; *pero si todavia os parece que ese hombre no podrá sufrir tanta tardanza, yo terné por bien que sobre joyas de mi recámara se busquen prestados los dineros que para hacer la armada pide Colon y váyase luego á entender en ella.*»

Gozoso y entusiasmado Santangel hincó su rodilla ante la Reina manifestándola el más respetuoso agradecimiento por el honor que le dispensaba aceptando su leal consejo, y su grande júbilo por la resolucion que acababa de tomar, y añadió: «*Señora Serenísima: no hay necesidad de que para esto se empeñen las joyas de V. A.: muy pequeño será el servicio que yo haré á V. A. y al Rey mi Señor prestando el cuento de mi casa. Lo que por ahora urge es que V. A. mande enviar por Colon, el cual creo es ya partido.*»

«Luego la Reina mandó que fuese un alguacil de su corte por la posta trás de Cristobal Colon; y de parte de la Su Alteza le dijese como le mandaba tornar é lo trujese: al cual halló (el alguacil) dos leguas de Granada, á la puente que llaman de los Pinos.»

«Volvió Cristobal Colon y fué recibido por Santangel con grande alegría. Sabido por la Reina ser tornado *mandó luego al Secretario Juan de Coloma que con toda presteza entendiese en hacer la capitulacion y todos los despachos que Cristobal Colon ser necesarios para todo su viage y descubrimientos le dijese y pidiese.*»

La fecha de esos despachos y capitulacion es la del 17 de Abril de 1492.

---

No sabemos si, en sentir del muy respetable y distinguido historiador W. H. Prescott, habremos acertado á fijar con exactitud la cronologia de las vicisitudes de Colon anteriores á su primer viage: lo que sí aseguramos es, que lo hemos intentado: y que en medio de la oscuridad que arrojan y de las dificultades que amontonan las divergencias que se hallan entre los antiguos autores, teniendo por norte la verdad, y por guias la imparcialidad y el deseo del acierto, nada hemos aseverado que, á la luz de una critica racional, no esté apoyado en documentos fidedignos ó en actos de incuestionable certeza.

Si de ello no resulta que Cristobal Colon fuera un Santo, aparece

en cambio que era un grande hombre, un hombre de génio: y que á él se debió el descubrimiento del Nuevo Mundo. Que en el concierto armónico de sus facultades, su instruccion era inferior á su magnanimidad; pero que fué la bastante para dar nacimiento á una idea en cuya fé se lanzó al *tenebroso mar* y realizó un mitho. Que aquella idea robustecida con la meditacion, al calor de los datos que adquiria, de las discusiones que sostenia y de los apoyos que encontraba, enardeció su espíritu fervoroso y creyente y le hizo fuerte á vencer contrariedades, á desvanecer dudas, á perseverar hasta el fin, llevando el fuego de su fé al ánimo de valiosos protectores, que contribuyendo eficazísimamente á su triunfo, si no le escusaron fatigas y trabajos le abrieron el camino de gloria inmarcesible.

¡Y cuándo no ha costado trabajos á los creyentes el triunfo de las ideas de grande alcance! En lucha con los bien hallados, con los descreídos y con los nécios, son los unos adversarios implacables de toda novedad, de todo pensamiento que abra puertas á esperanzas de alhagüen porvenir y que dilate los horizontes de la ciencia; mientras que los otros solamente se dejan llevar por el interés ó por la pasion.

Como en otras partes, luchó en España Colon con el descreimiento; pero tuvo á su lado fervorosos creyentes. Luchó con la razon de Estado, en esta ocasion, no pretexto, sino motivo justificado para combatir la gigantesca empresa; pero encontró de su parte políticos, consejeros y ministros de espíritu elevado, de mirada larga y de pecho esforzado y valeroso. Luchó, en fin, con la ignorancia y la rutina; pero le prestó apoyo incontrastable la ciencia, la ciencia siempre liberal y generosa. Esta gloria corresponde á la Universidad de Salamanca y la atestigua á los siglos el *Teso de Colon en la granja de Valcuevo*.

T. RODRIGUEZ PINILLA.



---

# O ULTRAMONTANISMO

*Direito contra o direito, pelo bispo do Pará — (Porto, 1873).*

---

Conhecem de certo os nossos leitores o actual conflicto entre a auctoridade civil e parte do episcopado brasileiro; o livro de que vamos occupar-nos é o protesto e a defeza de um dos bispos condemnados pelas justicas do imperio.

Não temos por fim, nem historiar a questão, nem julgar-a nos seus successivos episodios; outros o tem feito e pouco ou nada ha a accrescentar. Se, pois, o livro não tivesse outro alcance, não valeria de certo a attenção que vamos ligar-lhe. O facto é, porém, que o protesto do sr. bispo do Pará vac, e por vezes com saber e intelligencia notaveis, até ao fundo d'este problema das relações do estado e da igreja; questão que todos os dias mais tende a predominar entre as varias que agitam as sociedades contemporaneas.

Assim, o livro e a sua analyse poderão acaso servir-nos para lançar alguma luz sobre as tendencias do ultramontanismo, constantes e irmãs em todo o mundo catholico.

## I

«Supprimi a *constituição divina* da sociedade humana, toda ella se abala da base ao fastigio; tudo fica reduzido a convenções transitorias, e fluctua ao sabor da onda movel da opinião; nada de fixo, de inviolavel; nada de sagrado nas relações politicas; a auctoridade é uma méra dele-

gação a cada instante revogavel; não ha mais criterio absoluto, nem fundamento solido em que assentem os deveres do governo para com o povo e do povo para com o governo. Os principios da lei natural, desprovidos de sancção, não terão efficacia bastante para conter o impeto indomavel das paixões humanas...<sup>1</sup>

«A méra razão humana, *abstraindo da lei eterna do Creador*, desacompanhada da sancção sublime da religião, não é sufficiente para constituir e organizar a sociedade... A razão collectiva, não é outra cousa mais do que a somma das razões individuaes. Ora a somma não tem outra natureza que a das parcellas por ella representadas. Portanto, para que a razão tanto individual, como social, obriguem, é necessario que eu as considere como representando um principio superior á sociedade... Nenhum ente contingente tem em si mesmo a sua lei. Isto é impossivel, como é impossivel que elles tenham em si a razão da sua existencia.»<sup>2</sup>

Preferimos começar por esta exposição de principios, que, se não brilha pela novidade, nem a póde haver já n'esta ordem de afirmações, tem o incontestavel merecimento de ser positiva, sincera e terminante. Indo assim desde o começo ao fundo da questão, limpa-se-nos o terreno de muitas cousas accidentaes, accessorias e que melhor poderemos desembrasar e apreciar depois. O novo soldado da escola dos Bonald, partindo do principio da fallibilidade da razão individual, infere d'elle est'outro da fallibilidade da razão collectiva. O sophisma, nem por ser antigo, deixa de repetir-se todas as vezes que os ultramontanos vem a campo para se defenderem, e para fulminarem a civilisação contemporanea.

Irrespondiveis como são os argumentos com que o ultramontanismo ataca o liberalismo individualista, não podemos tampouco deixar de reconhecer que esses argumentos não vem fóra de proposito quando se applicam, como no caso presente, contra nações, cujo direito publico assenta sobre os principios do sensualismo inglez e do espiritalismo francez, que, combinados, deram de si as constituições politicas de quasi todas as nações contemporaneas. Os factos da historia hodierna vem a cada hora confirmar as afirmações dos philosophos; e as declamações e as jeremiadas dos padres encontram, com effeito, no esphacelamento incessante das instituições, uma prova incontestavel.

O individualismo, porém, tem sido n'estes ultimos annos submettido a uma analyse e a uma critica que, no terreno pacifico das idéas, chegou a conclusões analogas ás que tem dado a pratica mais ruidosa das guerras e das revoluções. Pouco resta do enthusiasmo que n'outras eras acompanhava o celebre tratado de Rousseau; e o suffragio, as maiorias e todas as machinas, com que os individualistas imaginaram obter, por meio dos processos elementares da arithmetica, a *somma* das vontades individuaes, passaram á condição de pias fraudes commettidas por todos sem o minimo rebuço.

<sup>1</sup> Pag. 49.

<sup>2</sup> Pag. 40—1.

Victimas d'uma errada abstracção, d'uma generalisação temeraria, as escolas individualistas suppozeram na sociedade um méro aggregado de cidadãos, e na razão collectiva uma simples somma das opiniões individuaes. Desconhecendo o quer que seja de mysterioso que em todas as cousas do universo junta um character seu proprio, e como que novo, a cada nova cathegoria, os individualistas, dominados por uma especie de escolastica, não quizeram admittir nunca este facto indiscutivel da historia e da actualidade: a opposição quasi constante da vontade collectiva e da somma das vontades individuaes. Fossem perguntar *virritius* aos portuguezes de 1833 por quem eram, e veriamos se essa resposta dava a expressão do que incontestavelmente foi e é a vontade collectiva, pois que a reacção absolutista nunca poudo ganhar terreno d'então para cá. A razão collectiva não se pesa, nem se mede, nem se conta: sente-se; e as verdadeiras formas de governo são aquellas que, sob quaesquer nomes e com quaesquer formulas, melhor a sabem sentir.

Quasi se póde affirmar hoje que, se os governos monarchico-liberaes dos povos latinos representam a vontade collectiva, fazem-no *apesar* dos errados moldes individualistas, que todos os dias despedaçam, negando a uns (aos catholicos, por exemplo) liberdades que dão a outros, viciando o acto eleitoral, corrompendo os parlamentos, e encaminhando-se todos, e cada dia com decisão maior, para o typo de um cesarismo apoiado em poderosas instituições industriaes, bancarias e militares; typo que se afigura á maxima parte dos que concordam n'este modo de vêr as cousas, como a transição necessaria para instituições mais conformes com a natureza das sociedades humanas; typo que estaria assim para as épocas do porvir, como até certo ponto estiveram as monarchias puras para as instituições que lhes succederam, e ficaram para sempre vinculadas á civilisação moderna: soberania da lei, liberdade da terra, concorrência livre das pessoas, etc.

Concluir-se-ha, porém, do facto de admittirmos com os ultramontanos que o individualismo é incapaz de nos dar uma exacta definição do direito, e portanto uma constituição estavel da sociedade; concluir-se-ha que, *abstraindo da lei eterna do Creador*, isto é, prescindindo da revelação christã, essa definição do direito seja impossivel, irreconstruivel a unidade social, e que a razão collectiva, tal como realmente é, não contenha as forças necessarias para existir sobre si? Será com effeito a razão humana, na sua expressão absoluta, contingente e incapaz, portanto, de ter em si a propria lei? Eis-ahi o verdadeiro problema a que por forma alguma respondem, nem as refutações do individualismo, nem quaesquer observações do moralista que, partindo da fallibilidade da razão de um certo homem n'um certo momento, conclue piedosa, mas illogicamente, para a fallibilidade da razão absoluta.

Ora a resposta cathgorica e cabal á pergunta encontramol-a no proprio livro do bispo do Pará, por uma d'aquellas contradicções tanto mais frequentes quanto maior é a intelligencia e mais perdida a causa que defende. O direito é na opinião do illustre prelado: «A faculdade moral que



temos os entes racionais e livres de procurarmos o nosso fim e empregarmos os meios que a elles conduzem. A razão, que nos concede esta liberdade, impõe ao mesmo tempo aos outros entes racionais que nos rodêam o dever de respeitá-la. Em summa, o direito é um poder inviolável fundado na razão. Não provém pois d'uma méra convicção pessoal, d'uma opinião variavel, d'uma determinação arbitraria dos homens, sae da razão humana.»<sup>1</sup>

Se o direito é isto, se provém total, completamente, da razão humana, e não da revelação positiva, como é que não achaes n'essa razão fundamento bastante para o edificio social? com que fim pedis a intervenção da lei divina? Ou por lei divina entendeis, não a acção positiva, voluntaria, milagrosa de uma vontade omnipotente, mas sim a expressão do systema de leis immutaveis que, regendo o universo, dominam tambem a razão?

Porque n'este caso estamos de accordo; mas não nos parece que seja totalmente essa a doutrina ortodoxa. Estamos d'accordo porque tampouco nós, os discipulos de Hegel, de Bunsen, de Feuerbach, de Proudhon, de Vacherot, pensamos que o direito possa provir d'um simples acto individual; nem nós nem ninguém pensou jámais em collocar a origem do direito nas convicções pessoais, nas opiniões variaveis nem nas determinações arbitrarías dos homens.

A razão absoluta é com effeito *revelada*, e transmittida de geração a geração por uma *tradição* ininterrompida; reune assim todas as garantias de certeza. Anterior a todo o direito e jámais desmentida em codigo algum, expressão de relação social e juridica entre os homens, tem na historia uma revelação incessante, cujos mais bellos e luminosos momentos são as *revelações* que successivamente foram de si dando religiões.

Este systema de idéas, esplendida synthese theologica do século XIX, sae, pois, fóra do circulo determinado pelo bispo do Pará aos seus ataques; os golpes feridos,—e bem feridos,—contra o individualismo sensualista, não lhe chegam. O idealismo envolve em si, como parte integrante de si mesmo, o ultramontanismo, quando este defende a unidade e a transcendencia da razão humana; mas explicando-o e determinando-lhe o lugar proprio na historia da consciencia collectiva, desmancha ao mesmo tempo as consequencias erroneas, que d'outra fôrma sairiam, como saíram, do systema das idéas catholicas.

Concorda a consciencia moderna em que na sociedade tem de haver, sob pena de anarchia, o *aliquod regitvum* de S. Thomaz: «Por isso em todas as cousas ordenadas para a unidade, se acha sempre um principio governativo».<sup>2</sup> D'onde emana, porém, a origem d'essa authoridade primitiva? É do systema de ordens transmittidas pessoalmente por Deus desde Moysés até aos Papas, conforme ordena que se acredite a re-

<sup>1</sup> Pag. 34 — 5.

<sup>2</sup> *De reg. princ.* 1-2.

ligião catholica? Ou é do systema de leis immutaveis irrevogaveis e incessantemente reveladas no Universo moral e phisico?

Não se vive impunemente no seculo XIX, e mais uma vez o saber e a intelligencia do illustre prelado americano o atraçoaram. Santo Agostinho, reconhecendo a excellencia das leis romanas dizia que os juriscultos pagãos, aconselhando os imperadores, eram ministros do Deus dos christãos: *Leges romanorum divinitus per ora principum emanarunt*.<sup>1</sup> Não se soccorre o bispo do Pará a similhante interpretração: defender este milagre retrospectivo seria acaso violentar demais a faculdade crente do mundo catholico capaz de o ler; não o defender, porém, é invalidar a doutrina de que só é verdadeira a verdade revelada desde Moysés até aos Pápas, quando accumula em seu favor os testemunhos da antiguidade pagan,<sup>2</sup> a par do dos theologos e juristas christãos.<sup>3</sup>

Esta série de contradicções que aparte o seu valor propriamente orthodoxo, parecerão acaso indifferentes para a questão pratica, aonde vamos chegar, das relações do estado e da egreja, são porém de summa importancia; e sem uma reflexão detida sobre ellas difficilmente se porá a limpo uma questão actualmente capital para todas as nações cultas. Facil, mas decisiva e certa, é sempre a victoria do ultramontanismo contra o liberalismo no campo das doutrinas; constantes e maiores cada dia são porém as suas derrotas no terreno positivo das instituições e dos factos. D'onde provém esta contradicção? senão de uma falta profunda de conhecimento dos elementos que realmente encaminham as sociedades, e cada dia as afastam mais do systema de instituições e da ordem de idéas que chegaram por um momento a vingar na idade média?

## II

Determinado pois o terreno que pisamos, vejamos agora de que ordem tem de ser as relações do estado e da egreja, uma vez que a egreja seja a catholica.

Não é este o lugar nem o momento de entrar em considerações sobre a natureza dos elementos que produziram a ultima das creações religiosas da Europa, se o problema historico das origens do christianismo abraça na sua complexidade toda a ordem de questões sociaes, nem por isso é indispensavel agitar esse assumpto; e, uma vez que elle só poderia aqui ser tocado pela rama, melhor é limitarmo-nos a consignar este facto irrefutavel: Quaesquer que fossem os motivos de ordem social ou religiosa que os levassem a isso, o facto é que os primitivos christãos, animados d'um puro espirito religioso, mystico e pessimista, fugindo ao

<sup>1</sup> V. Troplong *Inf. du Chr.*

<sup>2</sup> Cap. ix.

<sup>3</sup> Cap. x.



mundo e inteiramente indifferentes ás cousas reaes, eram na plenitude da palavra uma sociedade espiritual. Repetindo a phrase de Jesus: «O meu reino não é d'este mundo», os christãos, como todos os verdadeiros mysticos, eram indifferentes aos actos dos poderes civis. Se os governos attentavam contra o tabernaculo da sua fé, o martyrio era abraçado como uma redempção, e do fundo da sua alma agradeciam ainda á Providencia o ter-lhes deparado esse bom tyranno. Inspirados por esta ordem de sentimentos os primeiros padres do christianismo não cessaram de prégá a obediencia ao poder civil. Acaso não erraria quem attribuisse porém á prgação dos apostolos um sentimento mais positivo e pratico: o da necessidade imprescriptivel da humildade e da obediencia absoluta; só assim poderiam ir lavrando entre os pobres e os pequenos, á sombra do desprezo dos grandes.

Mais de uma vez o liberalismo individualista, á falta de bons argumentos, tem lançado em rosto aos ultramontanos estes exemplos da primitiva humildade da familia christã, que, perante a arrogancia dos tempos posteriores, se offerecem um contraste notavel, nem por isso depõem contra a egreja catholica. Um dos primeiros individualistas naturalistas, Hobbes o duro saxão, tão crú como mordaz, resolvia assim o caso de um conflicto entre os dois poderes, e apoiado á primitiva tradição do christianismo dizia com fundamento: «*Quid autem?* que deverá fazer (a egreja)? Resistir ao principe uma vez que não pôde obedecer-lhe? *Minime sane.* Que resolver pois? Chegar á gloria pelo martyrio, *eundum ad Christum per martyrium.*»<sup>1</sup> Com fundamento, dissemos; e os textos não deixam duvida a este respeito. Não ha poder que não provenha de Deus, diz S. Paulo; e quem resiste ao poder resiste ás ordens divinas;»<sup>2</sup> S. Pedro vae ainda além, quando diz que se deve obedecer «não só aos soberanos bons e moderados, mas ainda aos que são máos e injustos.»<sup>3</sup> Bossuet reúne numerosos textos que todos servem a comprovar esta doutrina.<sup>4</sup> O exemplo citado pelo bispo do Pará,<sup>5</sup> e proposto por Santo Agostinho como modelo de comprehensão das relações do estado e da egreja, prova bem a verdade do que vimos expondo: «Os soldados christãos obedeciam ao imperador infiel (Juliano), mas, no culto de Christo, outro imperador não conheciam senão o que está no céo. Distinguiam entre o Deus eterno e o imperador, mas obedeciam a este por causa de Deus eterno: *subditi erant, propter Dominum æternum, domino temporali.*»<sup>6</sup>

Eis ahi a idéa que os primitivos christãos faziam das suas relações para com o poder civil; o espirito de obediencia chegava ao ponto de servirem ao imperador Juliano, o apostata. Não se tratava de uma in-

<sup>1</sup> *De civi* IX.

<sup>2</sup> *Ep. ad Rom.* XIII.

<sup>3</sup> *1 Pet* II 18.

<sup>4</sup> *Polit.* Liv. III art 2. Prop III.

<sup>5</sup> *Pag.* 127.

<sup>6</sup> *De Civ. Dei* 18, 53.



tervenção mais ou menos justificada em instituições que possuissem, tratava-se de uma abnegação de si tão completa que a custo se concilia com o nosso modo de pensar, e que nós só podemos comprehender lembrando até que ponto a molestia do pessimismo mystico é capaz de perverter os espiritos. Com certeza o christão reagia passivamente, deixando-se martyrisar, logo que lhe tocavam na arca santa da sua intima fé; mas esse protesto é puramente individual e privado, não tem character civil nem politico, e por isso nada importa para o nosso caso, uma vez que se acham nas condições de um sem numero de protestos privados tambem e individuaes que muitos de nós fazemos contra certa ordem de cousas.

O facto, que tira todo o valor a este argumento da submissão dos primitivos christãos, é o de serem essas primeiras chrandades méras associações espirituaes, sem character civil nem politico; o nome que S. Paulo lhes dá de egrejas não tem ainda a significação que a palavra igreja possui na historia moderna. Chegou um momento em que condições historicas, que agora nos não cumpre enumerar nem avaliar, reuniram essas egrejas n'uma só igreja, e em que esta igreja adquiriu o character de instituição civil. Representante de interesses espirituaes e sociaes, porque para logo o seu papel *n'este mundo* lhe foi determinado papel, indispensavel á consummação da obra espiritual,—a igreja forçosamente tinha de adquirir uma existencia positiva sua propria, incompativel com o pessimismo mystico, com a submissão passiva do que antes tinham sido sociedades unicamente espirituaes. Na Antiguidade, a nacionalisação dos cultos não tinha levantado nem os problemas nem os conflictos que esperavam a civilisação moderna. O estado assentava sobre base religiosa do culto nacional e os sacerdotes eram funcionarios; a idéa da unidade do espirito e da natureza, que acompanha as religiões e as philosophias antigas, ainda se reproduz n'esta fusão indissolúvel do estado e da igreja. O dualismo christão, combinado com a idéa da catholicidade recebida ou preparada pelo imperio romano, ao mesmo tempo que dividia o homem em corpo e alma, dividia a sociedade em espiritual e temporal; e como no temporal se mantinham as nações, já extinctas para o espiritual, ao conflicto dos dois poderes, accresceu esta circumstancia de um d'elles mandar a todos os crentes, sem distincção de nação, e por esse simples facto, ainda quando não houvesse a idéa da superioridade do espiritual sobre o temporal, adquirir uma verdadeira supremacia.

Tal foi pois a situação que a historia preparou e d'onde nasceu no direito publico a dualidade e, portanto, a rivalidade do estado e da igreja. As tradições mosaicas sagravam os monarchas; os apóstolos tinham considerado os imperadores pagãos como representantes da vontade de Deus: *non est enim potestas nisi a Deo*, os reis das monarchias barbaras, convertidos á fé christã, recebiam, com o baptismo, a unção divina. Havia, pois, na sociedade dois representantes do poder de Deus, e a Europa repetia, sob um novo aspecto, a tradição biblica de Samuel e Saul. Se a igreja podesse ainda ser a primitiva sociedade espiritual, a difficuldade não existiria, porque a doutrina dos primeiros padres era simples na sua

grandiosidade. Mas, não só a religião se tinha constituido como instituição, como também os espiritos tinham saído da crise de pessimismo mystico dos primeiros séculos. O mysticismo catholico é activo e como tal resiste, vive, trabalha, influe; quer praticar as boas e santas obras, pelas quaes se ganha o céu. Já pois não obedece aos máos principes, como ordenava S. Pedro. Já os christãos, privada e individualmente, não caminham alegres para o martyrio. A egreja é uma sociedade civil, para fins espirituaes sim, mas que nem por isso perde o caracter mundano e terreno. Quando resiste é já como corporação constituída, presidida pelos bispos.

A resistencia de Santo Ambrosio, bispo, contra a imperatriz Justina que pretendia dar em Milão um templo aos arianos,<sup>1</sup> quando comparada com a submissão dos christãos que serviam sob as ordens do imperador Juliano, patentêa bem os caracteres distinctos das duas épocas, e a revolução que se deu no modo de conceber as relações entre o temporal e o espiritual.

Ninguém melhor do que Bossuet, e nem todos com igual boa fé, assestou os termos da concordata entre os dois poderes rivaes, que ambos mutuamente se reconheciam representantes da ordem divina. Indo buscar aos exemplos da historia do povo hebraico as leis de um equilibrio muitas vezes desejado, jámais conseguido, a egreja e o estado, pretendiam e conseguiam reproduzir a situação reciproca e os incessantes conflictos do rei e do pontifice dos hebreus. «A ordem ecclesiastica reconhece o imperio no temporal: assim como os reis, no espiritual, se reconhecem humildes filhos da egreja». <sup>2</sup> Esta é a doutrina do bispo do Pará.

Mas quem foi jámais competente para determinar o limite exacto do espiritual e do temporal? quem ponde já definir, não imaginativa ou poeticamente, mas scientíficamente, o que é o corpo e o que é a alma? Dada ainda a possibilidade da definição, quem é capaz de determinar, nas relações reciprocas, quaes são as fuuncções de um, qual as de outro? e até que ponto o acto livre do espirito pôde influir sobre o corpo e vice-versa?

O sem numero de contradicções a que é levado todo aquelle que pretende deduzir d'esta doutrina, que não resiste aos mais leves ataques da critica, prova-se folheando o livro que temos estudado.

Cada episodio d'esta luta da secularisação do Estado, que enche a historia moderna, e será a honra das monarchias no futuro, é uma nova prova da inconsistencia dos tratados com que o estado e a egreja tem pretendido limitar o terreno da respectiva auctoridade. Nenhum d'esses episodios porém reune caracteres tão proeminentes como o do casamento civil. O estado considera-o, e não pôde deixar de o fazer, um contracto; a egreja considera-o, e não pôde tampouco deixar de o fazer, um sacramento. Para um é materia temporal, para outro é materia espiritual. Quem nos dará a verdadeira solução?

<sup>1</sup> V. Bossuet *l. c. liv. VI art. II Prop. VI.*

<sup>2</sup> *L. c. liv. VI art. V, 12.*



«No caso de duvida, diz-nos o illustre prelado do Pará, caberá a decisão á egreja, pois é evidente que se não pôde reconhecer n'uma egreja santa e *infallivel* a possibilidade de exorbitar.»<sup>1</sup> Ora como não seria difficil provar que *todos* os actos do governo, *todas* as decisões ecclesiasticas se reduzem a casos de duvida, uma vez que ninguem é capaz de definir e separar o espirital do temporal, evidente é que em *todos* os casos a decisão caberá á egreja.

Por isso, e com justa rasão e muito mais avisada critica, na tradição da egreja, se sempre se reconheceram a separação do espirital e do temporal, se nunca os pápas com effeito pretenderam despojar os reis de suas corôas e pol-as sobre a propria cabeça, como muito bem diz o illustre prelado;<sup>2</sup> nunca, nem por sombras, se admittiu esse como que equilibrio, essa equiparação de poder, que Bossuet, representante das liberdades da egreja gallicana, pretendia estabelecer entre o estado e a egreja. O preito de vassalagem que os principes na idade média davam aos pápas, não significava de certo uma suzerania temporal; mas era sem duvida uma suzerania espirital, bem mais poderosa; e que se tornava politica sempre que o ordenavam os acasos da politica. Gregorio VII não queria de certo ser imperador, mas pretendia com motivo que o imperador reconhecesse n'elle um chefe, um superior, um soberano. Roma nunca aspirou á realesa temporal da Europa, mas nunca tambem deixou de pretender a realesa esperitual que é a suprema e decisiva realesa. A separação do estado e da egreja, qual o imaginava Bossuet, nunca foi comprehendida em Roma senão como o meio pratico de a egreja governar o estado por intermedio do rei.

Nem o catholicismo teria sido a grande, bella e poderosa arvore a cuja sombra a Europa moderna viveu os seus primeiros séculos, se no fundo das suas idéas juridicas não houvesse mais do que um equivoco. S. Thomaz de Aquino, o homem, que, como muito bem diz o illustre prelado do Pará, patenteou uma força mais energica d'entre todos os que na idade média lavraram o terreno da theologia e do direito, diz-nos que: «Na lei de Christo os reis devem andar sugeitos aos sacerdotes... e ao pápa convém que todos os reis dos povos christãos se sujeitem como se fôra ao proprio Jesus Christo Nosso Senhor.»<sup>3</sup> Será, porém, uma sujeição *esperitual* apenas? Não decerto; nem a época exige, nem o espirito do philosopho se compadece com essas distincções irracionais: «porque o corporal e o temporal dependem do espirital e do perpetuo, assim como o exercicio do corpo depende da virtude da alma.»<sup>4</sup> Assente o principio, a intelligencia humana não pára e tira d'elle todas as consequencias. Gil de Roma não encontra, fôra da egreja, sanção para a propriedade: «Ninguem poderá possuir legitimamente ou um campo, ou uma vinha,

<sup>1</sup> Pag. 78.

<sup>2</sup> Pag. 170.

<sup>3</sup> De reg. princ. ix.

<sup>4</sup> Id. ibid.



ou o quer que seja, se os não não possuir pela egreja e sob a sua auctoridade.»<sup>1</sup> Bellarmino nega a auctoridade da justiça civil sobre o cléro «não só no espiritual como no temporal;»<sup>2</sup> e Mariana, impondo ao principe a obrigação de curar pelas immunidades e direitos das ordens sacras, ordena-lhe que «não castigue o crime de sacerdotes, ainda quando o mereça, *quamvis merito.*»<sup>3</sup>

Eis ahí as inevitaveis consequencias da doutrina de que a lei divina, revelada por Deus desde Moysés até aos pápas, é o principio constitucional das sociedades humanas. Aceptar a doutrina e deduzir d'ella todas os seus corollarios, condemnar a rasão humana como fallivel e subordinar a rasão e as instituições civis, que provém d'ella, á revelação, cujo órgão vivo é o papado, eis ahí o pensamento catholico; pensamento que foi, e é ainda nas suas ruinas, grandioso e bello, porque significa o maior acto que essa pobre razão,—cega que a si propria se calumniava,—consummou nos tempos passados.

### III

Ou mais fraco dialectico, ou mais habil politico, o bispo do Pará, não entendeu que fosse este o terreno proprio da questão; e embrenhou-se n'um labyrintho de distincções com que pretende provar quaes os limites naturaes da auctoridade do estado e da egreja. Vamos observar, pois, a natureza dos seus argumentos.

«A unidade de crenças religiosas é o meio mais poderoso para realisar a perfeição da sociedade; logo, o governo tem obrigação de promover essa unidade... Se de um lado é certo que a sociedade tem direito (ou obrigação?) de promover e auxiliar a unidade das crenças religiosas, é certo por outro lado que a auctoridade politica nenhum direito tem de perscrever á sociedade regras sobre religião.»<sup>4</sup>

Passemos por alto sobre a confusão ou a contradicção dos dois textos que transcrevemos; dizia-se primeiro que o *governo tem obrigação*, logo depois que *auctoridade politica não tem direito*: que differença ha entre governo e auctoridade politica? Aceitemos o principio, sob esta redacção que nos parece corresponder á idéa do auctor: O estado tem o dever e o direito de pugnar pela unidade religiosa, mas o mesmo estado não tem o direito de legislar sobre materia de religião.

Sem mais commentarios se descobre logo a irrationalidade da proposição, que o preclaro bispo é o primeiro a classificar como tal. «Se não achamos, diz, solução na ordem *natural*, procuremol-a na ordem

<sup>1</sup> De reg. pr.

<sup>2</sup> De pot. sum. pont.

<sup>3</sup> De rege etc. 21.

<sup>4</sup> Pag. 58-9.

sobrenatural e veremos como esta completa aquella.»<sup>1</sup> Ahamos ocioso transcrever *in extenso* a solução sobrenatural. Deus destinou a sociedade a viver na communhão de uma igreja *universal e infallivel* na qual encarna o Verbo da vida.<sup>2</sup> O estado, pois, além de não ter auctoridade religiosa, é por Deus constituido mandatario da igreja. Estas periplrases mais ou menos subteis conduzem sempre por veredas tortuosas, á conclusão necessaria e inevitavel da subordinação espiritual (e temporal portanto) do estado á igreja.

Valerá, pois, a pena perder tantas passadas quando de um só golpe, pela direita estrada, se chega, mais grandiosa e solememente, á theocracia de S. Thomaz de Aquino e dos publicistas catholicos da idade média? Que significa, para que serve, a quem convence esse volumoso mas fragil castello de argumentos e textos, com que, misturando a razão e a fé, os ultramontanos de hoje discutem? A fé não se discute, e para a discussão não servem os argumentos tirados da fé. Os crentes não carecem de demonstrações, e os impios começam por negar o fundamento das afirmações. Pretendendo usar das armas do raciocinio, os ultramontanos, sem conseguirem convencer, conseguem apenas provar assim o enfraquecimento, não diremos da propria crença, mas com certeza dos elementos de victoria da propria causa. Não lhes bastam, nem lhes servem as proprias armas, antes vão aos arsenaes inimigos buscar as dos adversarios. Pois nada lucram com isso, antes perdem no conceito de todos os que sabem venerar, ainda que as não partilhem, essas construcções strictamente logicas e por isso bellas, que os publicistas da meia idade levantaram sobre um equivoco. Confessam-se, expõem-se, não se discutem nem se analysam as crenças.

«A igreja, que é uma instituição divina, não póde estar, assim, sujeita aos caprichos dos politicos. Mas esta soberania espiritual, erguendo-se no mesmo territorio nacional, não complica com a soberania civil? Pódem dar-se dois imperios summos na mesma nação?»<sup>3</sup> Formulada, assim, a pergunta, o bispo, diz-nos que vamos resolver o problema com os dados da razão e do direito natural, e só com elles.<sup>4</sup>

Vejamos, portanto, como.

1.º A sociedade religiosa é uma sociedade *espiritual* que tem por fim a eterna salvação dos homens, com meios convenientes e *auctoridade propria*; e tem assim uma natureza absolutamente independente da auctoridade civil, cujo fim é todo temporal;

2.º D'esta forma a sociedade religiosa está dentro da nação n'uma situação analogá á da sociedade bancaria, por exemplo, cujo fim mercantil é tambem independente do da auctoridade civil.

3.º A sociedade religiosa, apesar de espiritual, nem por isso deixa

<sup>1</sup> Pag. 61.

<sup>2</sup> Ibid.

<sup>3</sup> Pag. 65.

<sup>4</sup> Pag. 67.



de intervir no material e humano; e como não é uma sociedade *de espiritos*; é visível e exterior.

4.º Esta sociedade visível e exterior, e tendo por chefe o pápa, é evidentemente uma sociedade lícita.<sup>1</sup>

Não nos parece que da série de proposições enunciadas resulte por forma alguma a conclusão que o seu auctor suppõe. Dizer que uma sociedade é lícita simplesmente por que existe<sup>2</sup> não é com effeito um argumento sério. Se o fim da auctoridade civil é *todo temporal*, como se attribuem ao estado deveres religiosos? Se o estado deixar de reconhecer *civilmente* sociedades que recebam inspirações e ordens de chefes estrangeiros, principio de sã politica e de direito natural de conservação, como ha de ser *lícita* a sociedade religiosa catholica? Se o estado entender que a associação monastica é tão perigosa, por exemplo, como a liberdade bancaria, como lhe haveis de contestar o direito, se estabeleceste a paridade de situação civil? O estado, que legisla a forma constitucional das sociedades commerciaes, com sobrada razão pôde legislar a da vossa. O estado que n'um dia decreta a abolição dos vinculos, por que não pôde no outro decretar a desamortisação da propriedade ecclesiastica? Se a sociedade religiosa é visível, exterior mas exclusivamente espiritual como outras são exclusivamente mercantis, circumscrevei as vossas pretensões ao fôro intimo da vossa alma, como as outras as circumscrevem ao do seu lucro; mas sujeitae-vos ás leis civis como exterior e visível que sois. Não reclameis contra a desamortisação, não vos insurjaes mesmo quando vos prohibirem certas formas de associação, ou o exercicio de certas funcções, porque a outro tanto estão sujeitas essas sociedades que n'este momento convein á vossa argumentação suppôr vossas semelhantes.

Não o são decerto. A natureza das funcções da sociedade religiosa dá-lhe um papel que não tem as sociedades mercantis; e a aproximação abona deveras pouco, ou a boa-fé, ou a perspicacia de quem a faz.

Essa hypothese, porém, da paridade de situação das duas sociedades não passa, ou d'um artificio ou d'um lapso, para fingir que se responde ao problema proposto com os argumentos da *razão e do direito natural*. E não passa, porque apenas se refere ao estado não catholico. Para esse não valia a pena tamanho esforço; porque não é essa a questão, mas sim a das relações do estado e da egreja nas nações catholicas.

«Supponhamos que uma nação e seu imperante se convertem, e entram n'esta sociedade visível e externa que se chama egreja catholica.<sup>3</sup>» Supponhamos sim, e observemos os argumentos racionais e juridicos: «Tanto o monarcha, como os subditos, antes de conhecerem a egreja, eram livres nas suas idéas e nos seus actos; mas depois que á vista de motivos de credibilidade evidentes reconheceram que *Deus fallou á egreja catholica*, que ella é a *depositaria infallivel da palavra divina*, então sentiram

<sup>1</sup> Pag. 67 a 71.

<sup>2</sup> Pag. 69.

<sup>3</sup> Pag. 72.



sua consciencia obrigada moralmente a entrar n'esta egreja, a *obedecer-lhe*, a fazer da doutrina e dos preceitos d'ella a regra da vida presente, para por este meio conseguirem a bemaventurança na vida futura.<sup>1</sup>»

Taes são os argumentos *rationaes* e *juridicos*, com que, no entender do ultramontanismo contemporaneo, se prova a independencia do estado e a concordia da egreja com a soberania (!) civil.

Pois não era mais breve, mais energico, e mais digno até, deixarem em paz a razão e o direito, e repetirem simplesmente com S. Thomaz: Convém que todos os reis dos povos christãos se sujeitem ao pápa como se fôra ao proprio Jesus Christo Nosso Senhor?

#### IV

«Como é que sonhaes com um projecto tenebroso que temos, nós outros bispos, de nos pôrmos o pápa, nós mesmos e nossos padres á frente do estado para nos occuparmos de alfandegas, de ferro-vias, de exercito, de marinha, de companhias de commercio e industria e outras cousas d'este genero?...<sup>2</sup> Ha dezenove séculos que a egreja vive e ainda não houve exemplos de pápas que usurpassem corôas, nem n'esses séculos da idade média, em que o direito publico da Europa lhes attribuia tão vasta influencia nos negocios politicos da christandade.<sup>3</sup>»

Ninguém o disse jamais, porque não se inventam factos; ninguém o podia dizer mesmo ou suppôr d'entre os que conhecem a natureza do papel que as theocracias tiveram sempre na historia. Samuel não usurpou a corôa de Saul, antes o contrario succedeu sempre: unificarem-se no poder civil a auctoridade politica e a religiosa. Succedeu isso á Grecia com Alexandre; a Roma com os Cesares; ao christianismo grego com os czares; ao protestantismo com os monarchas germanicos; e encaminhou-se para essa solução, nas proprias nações catholicas, com Filippe o Bello e Luiz XI, com Fernando o Catholico, com D. Manuel, com Lourenço de Médicis, n'essa crise porque passou o papado depois que a reacção do direito romano alluiu as doutrinas theocraticas, e até que o Concílio de Trento veiu abrir-lhe uma nova era, e marcar-lhe uma nova physionomia.

Não seremos tampouco nós quem repetirá as accusações de muitos contra o espirito mercantil antigo ou moderno que incita, parte por menos, do ultramontanismo contemporaneo: preferimos acreditar sempre dignas e puras as intenções de quem peléja.

Mas, se o papado nunca usurpou thronos, nem os ultramontanos pretendem hoje monopolisar a industria, basta esta confiança para que socegemos, aquelles que não queremos a sua influencia social nem poli-

<sup>1</sup> Pag. 73.

<sup>2</sup> Pag. 85.

<sup>3</sup> Pag. 79.

tica, nas afirmações que repetem de que o seu reino não é d'este mundo? Voltaria acaso o espirito catholico áquelle estado sob que o christianismo primeiro appareceu ao mundo? Ninguém de certo ousará dizel-o.

Nem seremos nós quem o accusaremos por pretender usar de toda a influencia que lhe dá a instituição em favor das idéas que tem por verdadeiras. Deporia contra si, se o não fizesse. Não lhe desejamos por certo a victoria, mas tambem decerto lhe desejamos uma derrota condigna.

«Foi salutar durante seculos, diz Rauke,<sup>1</sup> o predominio espiritual do catholicismo. A educação do genio germanico, e a sua alliança com o dos povos latinos, a qual caracteriza as épocas posteriores da historia europêa, só podia effectuar-se em taes condições. A intimidade da vida collectiva das nações europêas exigia que durante uma certa época os povos do occidente constituíssem uma especie de vasto imperio temporal-espiritual. Mas esta situação tinha de ser transitoria, e d'ella mesma se geraram novas necessidades e problemas differeutes. A fixação simultanea e quasi universal das linguas modernas pronunciava uma outra era. O idioma da egreja teve de insensivelmente ir cedendo e, ao mesmo tempo, diminuindo o espirito de universalidade. O elemento ecclesiastico dominara até então as nacionalidades que começavam a emancipar-se. O papado, a quem a marcha anterior da historia favorecera, passou a ser mal visto pelos tempos que se seguiram, e a cujas tendencias se oppunha.»

As opiniões do sabio historiador allemão foram das que mais concorreram para que afinal se começasse a fazer devida justiça aos actos e mesmo ás intenções da egreja catholica na idade média. Quem com effeito deixar de reconhecer n'ella o instrumento da civilização moderna, quem negar que tudo quanto somos lh'o devemos n'este sentido que só por via da educação que nos deu podemos attingir a nossa idade, não leva decerto para a historia o espirito critico e o claro entendimento sem os quaes se nos não descobre o segredo de nenhum problema.

Parece-nos, porém, ter provado sufficientemente que o pensamento da egreja catholica nunca foi *a differença essencial* do estado e da egreja, a distincção das duas sociedades, dos dois poderes, de seus dominios e de seus direitos mutuos,» como diz Guizot com vivo applauso ao bispo do Pará.<sup>2</sup> A honra e salvação da civilização moderna, para nos servirmos das palavras do mesmo Guizot, não consiste decerto n'essa tentativa illogica e illusoria; está pelo contrario, quanto a nós, e segundo Rauke, nos esforços para a constituição de um imperio temporal-espiritual, que pôde dizer-se chegou a ser uma verdade historica. Nada contraria mais essa phantasiosa opinião de ter o papado combatido pela separação dos poderes, do que os factos positivos da historia, factos que reduzem ao seu justo valor as theses imaginadas pelos juristas ecclesiasticos de nossos dias.

<sup>1</sup> *Hist. de la pap.* tr. Kaiber I 39.

<sup>2</sup> Pag. 162.

Mas, diz-nos o bispo do Pará, <sup>1</sup> «os reis, que os pápas fulminaram, foram em geral tyrannos abominaveis, e o seu castigo foi recebido com geral allivio e approvação dos povos.» Tyrannos ou não, approved ou não pelos povos o castigo dos reis, que importa isso para o facto juridico da intervenção? Ou, acaso, ainda se nos quer fazer acreditar que, apesar de desthronarem reis, nem por isso intervinham nas attribuições do poder politico?

Damos de barato que Henrique IV da Allemanha, Philippe I de França, Frederico Barba-roxa. João sem-terra, Frederico II, Luiz de Baviera, Philippe-o-formoso, os reis fulminados pelo papado fossem todos monstruosos tyrannos e que nas decisões da Santa Sé nunca tivesse havido outro mobil mais do que o puro amor da causa espiritual. O erudito bispo, esqueceu, porém, um pobre infeliz, desthronado pelo pápa; e é de extranhar, como, enumerando tantos, logo deixou no olvido, um que nos pertence, Sancho II, cuja fulminação não faz demasiada honra á historia da corte romana.

A devassidão que levava S. Bernardo a escrever do cléro a seguinte passagem: «*Daut episcopi sanctum canibus et margaritam porcis... Alienis ni mirum laboribus locupletantur clerici; comedunt fructum terræ absque pecunia*;» <sup>2</sup> a simonia praticada sem reboço, revela-se, entre outras velhas e sabidas passagens, n'esta que o sr. Herculano encontrou nos codices da bibliotheca da Ajuda, e da qual se vê ter o arcebispo Estevam Seares pago por 3000 florins a legacia que obtivera de Roma: «*Archiepiscopus bracharensis solvit 3000 florinorum qui divisi sunt et distributi inter XIX cardinales qui superius in sua promissione continentur...* etc. (Ann. 1226);—a devassidão e a simonia não são com effeito argumentos que nos levem a acreditar cegamente na pureza constante das decisões nem das intenções da curia.

Não seremos porém nós dos que repetem a cada instante a numerosa lista dos crimes dos pápas. Todos esses crimes, amontoados, não excedem os dos reis, nem os dos cesares, nem os do povo em republica. E que excedam ou não, fallar n'elles serve apenas para refutar os que pretendem dar-nos as pessoas dos pápas como santas e divinas excepções. Para a real e critica observação da historia não vale quasi absolutamente nada que certas pessoas fossem boas ou más. As qualidades privadas e individuaes pouco ou nada importam para os movimentos collectivos. Quantos perdidos souberam sentir a verdadeira corrente da historia e ser grandes; quantos santos, pela desconhecerem, foram inuteis ou perversos! O papado de Pio IX é mais correcto, tem maior dose de moralidade, do que o de Innocencio IV; entretanto este ultimo tem muito maior valor e grandeza historica. O erro, o crime, até, é condição frequente dos actos humanos, mas, para a historia, não contam os crimes dos homens, nem

<sup>1</sup> Pag. 162.

<sup>2</sup> D. Bern. Opera Epist 152 ap. Herc. Hist. Port. I 378.



as suas virtudes, senão por uma parte absolutamente minima, perante a influencia da sua acção collectiva.

Abandonemos pois o terreno da virtude pessoal dos pápas, da moralidade do cléro; a média de ambas era, e nem podia deixar de ser, nem o é ainda hoje, mais nem menos do que a média da sociedade em geral.

Em que se funda a deposição de Sancho II? Na queixa que o cléro portuguez fez d'elle ao pápa. E essa queixa que dizia?

Depois de enumerarem todas as faltas do rei, e o estado de abandono do culto, objectos da sua natural alçada, e, tratando os quaes nós admittiremos que não houvesse da parte dos bispos portuguezes senão uma stricta e genuina expressão da verdade, continuam: «que Sancho deixava destruir as villas e castellos; multiplicar os assassínios, os roubos, os incestos, os raptos, os vexames gravissimos aos lavradores, aos clérigos e aos mercadores com o intuito de lhes extorquirem dinheiro... etc.; que Sancho nada d'isto ignorava, e apesar d'isso consentia-o e facilitava com a falta de castigo a perpetração de maiores attentados.»<sup>1</sup>

Admittindo a veracidade das queixas e a candidez da intenção, quem não approvaria o zelo dos bispos? quem não applaudiria n'este caso ainda a existencia da theocracia papal? — Mas quem deixará de vêr aqui o pensamento manifesto e explicito de intervir no civil e temporal, em nome do religioso e espirital?

Mas o exemplo d'el-rei D. Sancho, além de provar contra o que o bispo do Pará pretende ter sido o pensamento da igreja catholica, prova tambem como nem sempre a candidez e a honestidade presidiram ás relações dos principes com os pápas. A dobrez de Affonso III, habilmente aproveitada por Innocencio IV<sup>2</sup>, o procedimento arbitrario do pápa que depõe el-rei Sancho sem ao menos consultar o concilio uma semana havia encerrado em Lyão, e o juramento de humilde subserviencia que o usurpador presta; «acto que equivalia quasi a uma abdicação da auctoridade real aos pés do episcopado»,<sup>3</sup> não são argumentos que deponham a favor da pureza das intenções nem dos meios usados pela santa sé.

Não resa a historia da *tyrannia abominavel* do heroico Sancho II; sim, porém, resa da longa resistencia do reino contra o rei nomeado pelo pápa, da isenção de parte do cléro até, e sobretudo do sentimento do povo que se não julgou *alliviado*, nem parece ter *applaudido*, quando conservou até n'esses dias, a tradição do alcaide de Coimbra, Martim de Freitas.

<sup>1</sup> A Herc. Hist. de Port. II 375.

<sup>2</sup> V. L. c. p. 390.

<sup>3</sup> V. L. c. pag. 403.

## V

Determinado pois o character historico da politica catholica, sabermos de certeza fixa, qual é o seu character contemporaneo. A egreja como *una, immutavel e infallivel* não póde variar. Nem varia.

Perguntaremos, pois: é admissivel, praticavel, independentemente de qualquer preferencia de crenças ou de opiniões, á sociedade contemporanea, a doutrina politica do ultramontanismo? «A religião, diz Bonald<sup>1</sup>, consolida a constituição dos estados e facilita a administração dos povos, porque *offerecendo a todos grandes temores e grandes esperanças*, e reunindo, nos laços d'uma caridade fraternal, homens separados pelas desigualdades pessoasas, e pelas distincções sociaes, torna o mando mais benigno, e a dependencia menos amarga; como succede com essas materias lubrificantes que produzem, nas machinas complicadas, a força sem violencias, o movimento sem ruidos, e diminuem as resistencias, porque amollecem as fricções ».

Será, pois, hoje vivo o *temor* e ardente a *esperança* que deviam lubrificar o mechanismo social? Existirá acaso a *caridade fraternal* no fundo do espirito das populações nossas contemporaneas? Anima-as porventura a fé robusta de que «Deus se revelou de facto ao genero humano por Jesus Christo, seu filho unigenito, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, e que este Jesus, que é Deus, estabeleceu uma sociedade de religião, a egreja, una, santa, catholica, e apostolica, para n'essa se congregar todo o genero humano...?»<sup>2</sup> »

A nossa opinião é negativa, e concordam com ella os ultramontanos que não deixam passar uma hora sem repetir as jeremiadas de todos sabidas contra a impiedade do século. Não é pois tentativa louca pensar em applicar, a uma sociedade impia, formulas de um direito publico que tem como base unica a fé? Reconverti primeiro as sociedades contemporaneas á doutrina catholica; não lhe falleis em direito, fallae-lhe theologia e moral; e se conseguires o vosso intento vereis como essas sociedades, sem mais discussão, voltam a acceitar de vossas mãos aquella que foi por séculos a politica da Europa.

N'essas épocas a soberania do cléro era um facto: «porque os povos e os reis eram os primeiros a reclamar essa influencia de que *percisavam* ».<sup>3</sup>

— «Porque o character augusto de vigarios de Christo, a *superioridade de suas lazes, seus eminentes serviços prestados á civilisação*, os collocava em posição de serem os arbitros mais naturaes e mais dignos de confiança ».<sup>4</sup> Com effeito era assim; mas não prova isto que já o não é?

<sup>1</sup> *Ess. anal. sur les lois nat.* 2.<sup>a</sup> ed. 24.

<sup>2</sup> Pag. 46-7.

<sup>3</sup> Pag. 155,

<sup>4</sup> *Ibid.*



que nem as suas luzes são já superiores, nem eminentes os seus serviços á civilização?

— «Eram as nações n'aquelle tempo exclusivamente catholicas...»<sup>1</sup> Já o não são hoje; e d'esta confissão sae natural e firmemente toda a argumentação que deixamos exposta.

Já o não são, umas porque abertamente o dizem; outras porque, sem o dizerem, nem por isso deixam de seguir um certo catholicismo «differente do nosso».<sup>2</sup> É o catholicismo da conveniencia, da indolencia moral, da rotina, da brutidade; é a religião dos que por causa alguma feririam *as conveniencias*; a religião dos pagãos que povoam as aldêas, e que são ainda assim os melhores fideis; e é, final e especialmente, a religião dos peiores (para todos), a religião dos homens publicos, moderna e liberal. «Póde (o estado) diz o bispo,<sup>3</sup> adoptar uma egreja que tenha por fóra o letreiro de *catholica apostolica romana*, mas que o não seja na realidade; uma egreja *catholica*, em que domine o particularismo nacional; catholicismo sem obediencia ao pápa e aos bíspos, sem confissão, nem communhão; um catholicismo amodernado, trazendo como divisa a rozeta tricolor de 89, trescalando liberalismo, todo enfeitado de symbolos maçonicos, frequentando as lojas e as egrejas; envergando opas e cingindo aventaes; confundindo n'um só culto Hiram e Jesus Christo; catholicismo em que se considera a egreja como escrava do estado».

Provado, pois, que, para o verdadeiro catholicismo, e é esse o verdadeiro, é o estado o escravo, soberana a egreja, comprehende-se como o illustre bispo conclue energicamente: «Pódem adoptar um catholicismo assim, mas não nol-o póde impôr.»

Observem bem esta declaração os sinceros liberaes, que entre as suas muitas illusões tem ainda tambem esta: a da alliança possivel do catholicismo e da civilização. Como lhes caem ponderosas e terriveis, sobre uma affirmacão inconsequente, as palavras de um homem que ao mesmo tempo possui a intelligencia viva e a fé ardente! «Risque o estado o artigo do symbolo: *Creio na sancta egreja catholica* e inspeccione, e previna-se, e acautele-se, e desconfie, e esteja de sobre-aviso, e estremeça a cada instante, quanto quizer! Mas acreditar na *santidade* da egreja, dizer com todas as gerações catholicas de todos os séculos: *Creio na una, santa, catholica e apostolica egreja*; e receiar que esta egreja, mãe espirital da humanidade, mestra infallivel do justo e do injusto, sancione a mais horrenda violação do direito natural e de sua propria constituição... é um ultrage ao bom senso e á logica.»<sup>4</sup>

Que hão de os catholicos liberaes responder a isto?

A *egreja livre no estado livre*, segundo a formula de Cavour, a separação da egreja e do estado, a secularisação completa da auctoridade

<sup>1</sup> Pag. 155.

<sup>2</sup> Pag. 232.

<sup>3</sup> *Ibid.*

<sup>4</sup> Pag. 77.



civil, tal é a solução que, d'entre os liberaes, muitos propõem para a situação difficil das sociedades contemporaneas. As tradições historicas das monarchias (entre nós, por exemplo, o movimento, que mais caracteristicamente se accentúa na politica de D. Manuel e do Marquez de Pombal) parecem, com effeito, encaminhar para essa solução. Erra, porém, em nosso parecer, quem assim julgar. A tradição civilista das monarchias modernas tem uma significação mais intima, ainda obscura para os historicos personagens d'esse drama, mas que os progressos da philosophia contemporanea tem conseguido illuminar. A secularisação do estado é apenas uma negação, o que equivale a dizer que é só meia verdade. Os liberaes que tomam essa metade pela verdade inteira, logo se vêem a braços com difficuldades superiores ás proprias forças.

«A separação do estado e da egreja, diz o bispo do Pará,<sup>1</sup> é a liberdade plena da impiedade e da blasphemia; é uma constituição jurada hoje, amanhã rasgada e atirada ao vento; é a plebe esmagando o governo, ou o governo esmagando a plebe; é a licença dos cultos, dos divorcios e das opiniões: é a *familia precaria*, sem tradição, sem culto; é o *casamento civil*, o *baptismo civil*, o *enterro civil*; e á deusa Rasão a emancipação da carne, e o descaro pagão...»

É tudo isso, com effeito, em nosso entender. É o desaparecimento d'um criterio ideal, que lança os homens no plano inclinado do orgiasticismo, e disaggrega as moleculas sociaes. São as revoluções incessantes dos estados, a instabilidade das instituições, o reinado do egoismo fero e da bestialidade desenfreada, E o utilitarismo e o naturalismo, como exclusiva pratica; e a liberdade que, analysada, não contém outra cousa no fundo, além, d'isto, e do criterio fallivel e incerto da consciencia individual.

Bonald escreveu «a revolução trará de novo a Europa á unidade religiosa e politica, de que a affastou o tratado de Westphalia.»<sup>2</sup> Ha de trazer; sómente essa unidade não será mais a da idade média; e eis ahi em que, nós, os discipulos do moderno idealismo, nos distinguimos dos ultramontanos. Essa volta á unidade, em vez de negar, confirmará, em vez de reagir, deduzir-se-ha,—no terreno scientifico, de toda a renovação das sciencias da natureza;—no terreno juridico, de toda a evolução moderna desde Grocio;—no terreno historico, das revoluções contemporaneas e das suas conquistas positivas, das monarchias, e da sua tradição civilista cuja conclusão natural é a *unidade secular*, e não a separação dos poderes.

Assim se descobre a outra metade da verdade; a mais intima e affirmativa. A sociedade é um todo vivo que dentro de si contém a razão da propria existencia; essa razão não a possui decerto a consciencia individual, mas reside na consciencia collectiva, e revela-a a historia. A religião, assim humanisada; a revelação assim despida dos symbolismos;

<sup>1</sup> Pág. 27.

<sup>2</sup> L. c. 32.

nem a primeira é já nacional, nem a segunda carece de formulas e cultos que a transmittam á memoria da humanidade, porque essas formulas e esses cultos são a propria existencia activa d'ella. Este será o definitivo catholicismo, e a ultima definição do dogma eterno da encarnação divina. As leis civis tornam-se, pelo proprio facto de serem civis, em religiosas; e a faculdade da justiça, anterior a todas as leis, fundamenta o vinculo social, sobre o que a consciencia tem de absoluto e infallivel. Esta será a definitiva igreja, a que ha de absorver o estado, a igreja *una, santa e catholica*.

Não haverá então nem mouro, nem judeu, nem escravo, nem mulher, e todos seremos um mesmo corpo em Deus... Como os gentios, que, sem terem lei revelada, praticando naturalmente a lei, a mostram, com seus actos, escripta nos corações pelo testemunho das proprias consciencias, <sup>1</sup> assim succederá ás futuras gerações, que das anteriores aprenderam a interpretar e vivificar com o verdadeiro verbo, os textos por muito tempo obscuros da eterna lei.

OLIVEIRA MARTINS.

<sup>1</sup> S. Paulo *Rom.* II 14,15.

---

# EL DUQUE DE COIMBRA

Y SU HIJO

## EL CONDESTABLE D. PEDRO

---

*Del Contempto del Mundo*, poema del Condestable atribuido hasta hoy al Duque de Coimbra.  
— *La Sátira de felice é infelice vida*, del mismo autor.

---

Ofrece siempre motivo de investigacion y estudio por más que sea conocido, el extraordinario desarrollo que alcanzaron las letras en la Península Ibérica durante la primera mitad del siglo xv.—Iniciado este movimiento literario en Aragon y Castilla por el célebre Marqués de Villena fué secundado en breve por muy notables ingenios, que inspirándose en la poesía provenzal y tomando por modelos á los grandes poetas italianos del siglo precedente, dieron grande impulso á la literatura patria, haciendo ya presentir la época del Renacimiento.—La afición á la poesía se propagó á cuantos habían adquirido alguna instruccion, embargó todos los ánimos, dominó todas las inteligencias, y Príncipes, magnates y vasallos rindieron culto á las Musas en todas las monarquías que á la sazón se contaban en la Península. Sorprende el número de autores que de la citada época registran nuestras mejores bibliografías, á pesar de que han debido ser muchos los que para siempre han quedado ignorados; y si de las obras, que, producto de su actividad intelectual, han llegado hasta nuestros días, la mayor parte son conocidas y están publicadas, ya sueltas ó en coleccion, no pocas permanecen todavía inéditas en nuestros Archivos y Bibliotecas, y algunas ofrecen aún dudas respecto á quienes fueron sus autores ó á la época en que se escribieron.

Ahora bien, creyendo de sumo interés todo trabajo cuyo objeto sea esclarecer alguna de esas dudas y llamar la atencion de los eruditos acerca de alguna obra importante, que haya pasado hasta el presente casi desapercibida, vamos en el presente artículo á desvanecer un notabilísimo



error bibliográfico restituyendo á su verdadero autor el Condestable Don Pedro de Portugal, una obra escrita en castellano, impresa ya varias veces, que citan la mayor parte de los bibliógrafos y por todos equivocadamente atribuida á su padre el Infante D. Pedro, Duque de Coimbra. Se titula *Del contempto del mundo*.—Nos proponemos además dar algunas interesantes noticias de otra obra inédita todavía, también castellana, y que ha permanecido ignorada hasta que el diligente Sr. D. José Amador de los Ríos la dió á conocer en su *Historia crítica de la literatura española*. Nos referimos á la *Sátira de felice é infelice vida* que compuso el mismo Condestable D. Pedro. Pero antes necesitamos dar á nuestros lectores una sucinta relacion histórica de Príncipes tan señalados, fijando algunas fechas y presentando datos que luego habremos de utilizar.

## I

Fué el Infante D. Pedro el cuarto hijo del esclarecido Rey D. Juan I y de su muger Doña Felipa, hija de Juan de Gante, Duque de Alencastre y hermana mayor de D.<sup>a</sup> Catalina, madre de Don Juan II de Castilla. Nacido el 9 de Diciembre de 1392, asistió con su padre á la conquista de Ceuta en 1415, mostrando tal valor en aquella empresa, que mereció se le concediera el título de Duque de Coimbra. Ajustadas en 1423 las paces entre Portugal y Castilla, huyendo de la ociosidad y con deseo de ilustrarse, emprendió en el siguiente año una larga expedicion á diversos países, acompañado tan solo de algunos fieles servidores. Fué primeramente á Jerusalem y después de visitar los Santos Lugares pasó á las Cortes del gran Turco Amurates II, y del Soldan de Babilonia; de allí fué á Italia, obteniendo del Papa Martino V, para los Reyes de Portugal la ceremonia de unirse en su coronacion, y para los Infantes el usar corona de Reyes. De Italia pasó á Alemania, y después de ayudar al Emperador Segismundo en la guerra contra los turcos, y en la de Italia contra los venecianos, fué á Inglaterra, patria de su madre, donde el Rey Enrique VI le armó caballero de la Jarretiera. Visitó luego al Rey de Castilla D. Juan II, su primo hermano, y al de Navarra, su sobrino, recibiendo en todas partes grandes pruebas de estimacion y cariño, por su ilustracion, afable trato y bellas prendas personales. En 1428, esto es, después de cuatro años de peregrinacion,<sup>1</sup> por la que vulgarmente se le

<sup>1</sup> Seguimos en el texto á la mayor parte de los historiadores: sin embargo, algunos opinan y nos parece lo más probable, que D. Pedro estuvo ausente de su patria once años. Fr. Francisco Brandão, Monge de Alcobaza, en su obra ya rara *«Conselho e voto da Senhora Dona Felippa, filha do Infante Dom Pedro, sobre as terçarias & guerras de Castella—Lisboa—Na Offic. de Lourenço de Anveres—1643»* dice en las págs.<sup>as</sup> 17 y 18 lo siguiente: «Detevesse o Infante Dom Pedro ~~na~~ peregrinações & jornadas fora do Reyno ao menos onze annos. No de 1418 a 22 de Janeiro lhe deu o Emperador Segismundo o estado da Marca da Treviso com titulo de Marquesado para filhos legitimos... & conforme a isto tinha

llamó «el de las siete partidas del mundo» volvió á su patria, siendo acogido con la mayor alegría por su padre y hermanos, y por el pueblo, segun dice Mariana, como si fuera venido del cielo y más que hombre. En Setiembre de aquel mismo año casó con D.<sup>a</sup> Isabel, hija mayor de D. Jaime de Aragon, último Conde de Urgel, y de la que tuvo por hijos, á D. Pedro el primogénito y de quien luego nos ocuparemos; á D. Juan de Coimbra, que casó con D.<sup>a</sup> Carlota hija heredera del Rey de Chipre, y que murió en Borgoña: á D. Jaime, Cardenal que fué de San Eustaquio y Arzobispo de Lisboa; á Doña Isabel, señora de suma bondad y bellissima presencia, que casó con su primo el Rey D. Alfonso V de Portugal; á D.<sup>a</sup> Beatriz, que como su hermano D. Jaime, fué recogida á la muerte de su padre por su tía la Duquesa de Borgoña, casándola más tarde con el Sr. de Ravestein; y á D.<sup>a</sup> Felipa, que fué monja Bernarda en San Dionisio de Odivelas; señora muy singular en virtudes, de grandes perfecciones, muy estudiosa y escritora. Duarte Galban dice de ella, que tradujo de latin en romance el libro del bienaventurado P. Lorenzo Justiniano, primer Patriarca de Venecia. Á la muerte del Rey D. Duarte, acaecida el 9 de Setiembre en Tomar, á causa de la peste que afligia al reino, las Cortes eligieron á su hermano el Infante D. Pedro para que gobernara la nacion durante la minoridad de su sobrino, con menosprecio de la Reina viuda D.<sup>a</sup> Leonor, á la que D. Duarte habia dejado por heredera de sus hijos y gobernadora. Rijió D. Pedro el reino durante diez años con tal inteligencia, con justicia tanta y tan elevadas miras, que le colocan entre los más ilustres Príncipes de su siglo. Promovió la riqueza y progreso nacional, el adelanto de las ciencias, la cultura de las letras, y procuró el engrandecimiento del reino, mereciendo por sus hechos los mayores elogios de propios y extraños. Pero como sucede ordinariamente, los que más obligados le estaban, el Conde de Barcelos, su hermano, á quien poco antes concediera el título de Duque de Braganza, asociado de su hijo el Conde de Oren y del Arzobispo de Lisboa, no llevando á bien el engrandecimiento de D. Pedro, y movidos por una desmesurada ambicion, concertáronse para indisponerle con el Rey. Al cumplir este los 16 años, es decir, en 1448, casó con su prima D.<sup>a</sup> Isabel, hija del Regente, con la que ya estaba desposado desde 1441, y haciéndole D. Pedro á los pocos dias entrega del gobierno y administracion de Portugal, muy mejorado de lo que diez años antes lo recibiera, se retiró con su mujer é hijos á Coimbra, al ver que sus émulo trataban de quitarle la natural privanza que tenia con su sobrino. No cejaron por esto aquellos en sus propósitos y haciendo uso de toda clase de armas de la peor ley, hicieron creer á D.

o Infante chegado á Corte de Alemanha o anno atras de 417 & feito serviços merecedores de recompensa tam grande. Acharasse o Infante na tomada dẽ Ceuta que succedeo anno 1415, & como dexava ao Regno não so livre da guerra de Castella, mas tambem triunfante em Africa não lhe pareceo necessaria sua assistencia. Esta he a rasão de não passar este Infante ao socorro do primeiro cerco daquella cidade no anno de 1419, & por andar ausente a forão socorrer seus irmãos mais moços os Infantes Dõ Henrique, & Dõ Ioão, & o senhor Dõ Afõso.



Alfonso que su tío el ex-Regente, sobre haber sido causa de que su madre abandonara la nación, la había hecho morir en Toledo con veneno, como antes lo hiciera con el Rey D. Duarte su padre: acusación perversa, desmentida constantemente por la intachable conducta y relevantes virtudes del Duque de Coimbra y que tan solo podía tener cabida en monarca tan jóven y sin experiencia. Únicamente añadiremos para abreviar, que supieron el Conde de Barcelos y sus secuaces preparar y conducir los sucesos de manera, que ocasionaron finalmente la pérdida total de D. Pedro en la derrota de Alfarrubeira, donde cayó atravesado el pecho por una saeta. Tres días quedó su cuerpo tendido en el campo, siendo al cabo enterrado cerca de allí en la Iglesia de la Alberca.

En 1451 se trasladaron sus cenizas al castiello de Abrantes; á los dos años al Monasterio de San Eloy de Lisboa, y por último, en 1453 al de la Batalla, construido por su padre en conmemoracion de la victoria de Aljubarrota; traslacion que se hizo con gran solemnidad y á ruegos de la Reina, que murió en Diciembre de aquel mismo año, en opinion de los más, á causa del veneno que le dieron los enemigos de su padre. Asi terminó el desventurado D. Pedro á los 37 años de edad, siendo digno bajo todos conceptos de mejor suerte y de más larga vida. Fué, dice el ya citado Galban «hombre de grande autoridad, honesto, devoto é muy virtuoso; letrado é muy estudioso, tanto que hizo algunos tratados é otros traslado del latin en romance.<sup>1</sup>» Otro historiador contemporáneo de D. Pedro, Ruy de Pina, hace su retrato en los términos siguientes: «Era alto, bien proporcionado, enjuto, de bello semblante, nariz gruesa, de mirada triste, pero penetrante, de cabellos crespos y muy rubios; su andar grave y mesurado; de palabras graciosas y llenas de sentencias.<sup>2</sup>»

Su primogénito Don Pedro, uno de los más gallardos Príncipes de su tiempo, se aficionó como su padre á las letras desde muy temprana edad. En 1443 fué nombrado Condestable á la muerte de su primo D. Juan que disfrutaba este oficio, y al poco tiempo Maestre de Avis por la de su tío el Infante D. Fernando que falleció, estando prisionero en Fez, en loor de santidad. En 1443, teniendo el Rey de Castilla cercados en Olmedo al Rey de Navarra y al Infante de Aragon D. Enrique, pidió socorro al Regente de Portugal, el que le mandó 2.000 infantes y 600 caballos segun quieren algunos, 4.000 y 2.000 respectivamente segun otros, bajo el mando de su hijo el Condestable que contaba entonces poco más de 15 años (había nacido á fines de 1429); para lo cual su tío el Infante D. Enrique, Duque de Viseo y Maestre de la Orden de Cristo, gran geógrafo, ilustre marino y uno de los más eminentes personajes que cuenta la historia portuguesa, le armó caballero en el Monasterio de San Jorge de Coimbra: aunque al llegar los expedicionarios á Ciudad Rodrigo supieron la derrota de los Infantes de Aragon, continuaron hasta Toro, recibiendo allí invitacion del Monarca Castellano para que fuesen á

<sup>1</sup> Duarte Galban, *Sumario de las coronicas de los reyes de Portugal*.

<sup>2</sup> Ruy de Pina, *Crónica do Rey Dom Afonso o Quinto*.



Mayorga donde se hallaba con la Corte. Recibióle D. Juan con demostraciones de gratitud y aprecio, á las que D. Pedro correspondió dignamente captándose las simpatías de los castellanos con su gentil apostura y dulce trato, y manifestando una ilustracion y prudencia muy superiores á sus años. Dicen los historiadores de aquel tiempo, que D. Alvaro de Luna aprovechó esta ocasion para concertar secretamente y sin que el mismo Rey lo supiera, la boda que se celebró dos años adelante en Madrigal, de D. Juan II de Castilla con D.<sup>a</sup> Isabel de Portugal, hija del Rey D. Juan I.

Volvió el Condestable á su patria entrando por Braganza, y en Aveiro dió cuenta al Rey y á su padre del resultado de la expedicion que le confiaran.—Hallábase dedicado al estudio en la comarca de entre Tejo y Odiana, donde radicaba el Maestrazgo de Avis con sus fortalezas y los castillos de Elvas y Marvaon, cuando acaeció la desgraciada muerte del Infante su padre. Hiciéronlo sospechoso los enemigos de su familia para quitarle los mandos que tenia, con escusa de que abrigaba el proyecto de prender al Rey y apoderarse de la nacion con ayuda de los castellanos, obteniendo de D. Alfonso que enviara en contra suya á Don Sancho de Noroña, Conde de Odemira, con fuerzas numerosas.—Viendo el Condestable que no podía sostenerse en Villa de Fronteira, pasó á Marvaon con intencion de resistir al Conde y siguiendo los impulsos de su valeroso corazon, pero desistió por consejo de los suyos y se retiró á Castilla para evitar las persecuciones del implacable Conde de Barcelos. Cultivó entonces y estrechó las relaciones contraidas en 1443 con algunos poetas de la corte de D. Juan, se aficionó á la lengua castellana y escribió en ella las dos obras de que nos vamos á ocupar, y tal vez alguna otra de que no tenemos noticia.—Nueve años permaneció el Condestable alejado de su patria, soportando con grande ánimo, mucha paciencia y no pocas necesidades tan largo estrañamiento, hasta que hácia fines de 1457 ó principios de 1458, calmado el enojo de D. Alfonso, su cuñado, movido por los escritos que le dirijiera el Condestable y las obras que le dedicara y acaso tambien convencido de las calumnias que ocasionaron la muerte del Infante y la desgracia de sus hijos, y arrepentido quizá de su anterior proceder, que la historia se lo tendrá siempre en cuenta á pesar de los grandes hechos que luego llevó á cabo y que tanto le enaltecieron, levantó el destierro de su cuñado y le invitó para llevarlo consigo á la cruzada contra los moros de Africa, que proyectaba para aquel mismo año.—Aceptó gustoso el Condestable, siendo recibido con mucha honra por D. Alfonso que le dió asiento en su corte y le devolvió el Maestrazgo de Avis, y desde entonces siguió al Rey en sus expediciones al Africa, hasta el año 1464.

Hallábanse los catalanes en guerra con D. Juan II de Aragon, cuando á la muerte del Principe de Viana, como se vieran desairados por los franceses y abandonados por D. Enrique de Castilla, ofrecieron al Condestable la corona del Principado, como principal heredero que era de la casa de Urgel.—Encontrábase D. Pedro en Céuta, cuando recibió por conducto de Mossen Francesch Ramis la carta de la Diputa-

cion catalana, en la que se le rogaba aceptara la corona y se embarcara en las naves que al efecto condujera el comisionado Ramis.—Admitió el Condestable por consejo de sus más leales servidores, y previo el permiso del Rey D. Alfonso, que no anduvo muy solícito en concedérselo, se dirigió en Enero de 1464 á Barcelona; donde después de tomar el título de Conde, emprendió una muy desigual lucha contra el Rey de Aragon.—Vencido al poco tiempo en los Prados del Rey por el joven Príncipe D. Fernando, falleció de breve dolencia y con sospecha de haber sido envenenado en Granollers el 29 de Junio de 1466.

Tuvo este desdichado Príncipe un fin tan aciago como casi todos los de su familia, perdiendo la vida á los 37 años. Con su claro ingenio, vastísima instruccion y valor personal, hubiera alcanzado tantos triunfos con la espada como láuros con la pluma, si la fortuna no le hubiera sido constantemente adversa.

## II

Llegados por fin al deseado objeto, recordaremos que son varias las obras que más ó menos fundadamente se atribuyen al Infante D. Pedro, Duque de Coimbra; pero la más conocida y que ha obtenido la preferencia entre las demás, es el poema *Del Contempto del mundo*, que se se imprimió en el siglo xv con el siguiente título:

«Coplas fechas por el muy illustre Señor infante dō Pe- || dro de  
«portugal: en las quales ay Mil versos con sus glo- || sas, conte-  
«nientes del menesprecio: e contempto de las cosas fermosas  
«del || mundo: e demostrando la su vana: e feble heldad.»

Es un volúmen de 34 hojas en fólío, sin numeracion, con signaturas A-D, constando los tres primeros cuadernos de ocho hojas cada uno y el cuarto y último de diez.—Contiene 123 octavas de arte mayor, con numerosas glosas marginales. Está impreso en hermosa letra gótica, siendo de menor tamaño la de las glosas y sin constar el año ni punto de impresion. Al fin del fol. 34 dice:

«Acabáse las coplas fechas por el muy || illustre señor infante  
«don Pedro de por- || togal. || Deo gracias.»

Existe un ejemplar de esta edicion, en perfecto estado de conservacion, en la Biblioteca Nacional de Madrid.

*García de Resende* incluyó este poema en su Cancionero publicado en Lisboa el año 1516,<sup>1</sup> pero suprimiendo las glosas y variando completamente el título al hacer su traduccion al portugués; dice así:

<sup>1</sup> Fol.<sup>o</sup> LXXIII, col. 1, á fol. LXXIX, v. col. 2, lín. 17.

«Do jfante dom pedro fylho del || rrey dom joã da groriosa  
 «me- || moria sobre o meno preço das || cousas do mundo em  
 «lingoa- || jê castelhana as qes tê grosa.»

Variacion que ha contribuido á que los bibliófilos hayan continuado en el error de atribuir al Infante D. Pedro esta obra; además, habiéndose hecho tan rara la edicion antes citada, casi ninguno ha visto más que la de García de Resende y no les ha sido posible examinar las glosas, que es donde más claramente se descubre el verdadero autor.

El cancionero de García de Resende se ha reimpresso en la «Bibliothek des literarischen vereins in Stuttgart,» de la que forma los tomos xv, xvii, y xxvi.<sup>1</sup> Ocupa el *Contempto del mundo* las pág.<sup>s</sup> 73 á 108 del 2.º de estos volúmenes.

Barbosa en su *Bibliotheca Lusitana*, después de la biografía del Infante D. Pedro, dá cuenta de esta edicion,<sup>2</sup> copiando inexactamente el titulo y añade lo siguiente:—«Deste livro impresso em letra gothica em folha... conservava meu Irmão D. José Barbosa... hum exemplar do qual extrahi o titulo assima posto com a mesma orthografia com que está impresso. Consta de 124 Outavas commentadas a mayor parte dellas por Anton Durrea a D. Afonso de Aragão Administrador perpetuo do Arcebispado de Saragoça que morreo no anno de 1520, donde se colhe ser este livro impresso antes deste anno o qual acaba com estas palavras: *Acaban-se las coplas fechas...* sem declarar o anno da Impressão.»—No dice Barbosa de donde tomó estas noticias.

Innocencio Francisco da Silva en su *Diccionario bibliographico portuguez*, obra que revela por parte de su autor largos años de trabajo, atribuye tambien al Duque de Coimbra el citado poema; copia á continuacion de la biografía del que cree su autor el titulo de la obra, pero enmendado el último vocablo que Barbosa habia equivocado: «demonstrando la su vana e feble vanidad» habia dicho este, en vez de «la su vana e feble beldad,» y luego añade:<sup>3</sup> «D'esta edição, feita pelo hespanhol Antonio D'urreea, com commentarios, e dedicada a D. Afonso de Aragão... existe na Bibl. Nac. de Lisboa um exemplar que fôra da livraria dos padres theatinos, e pertencera a D. José Barbosa,» lo que parece indicar que ha visto este ejemplar y confirma al mismo tiempo las noticias de Barbosa: esto nos hace dudar si será otra edicion distinta que la citada por nosotros anteriormente y que tenemos á la vista, y en la que ni consta el nombre del comentador ni tiene dedicatoria alguna: pero de todas maneras, y como vamos á ver, ni el Duque de Coimbra pudo componer estas coplas, ni son de Antonio de Urreea las glosas en todo ni en parte, ni fueron estas ni la obra dedicadas á D. Alfonso de Aragon.

<sup>1</sup> Stuttgart, 3 vol., 1846-52, 8.º

<sup>2</sup> Tom. iii, pag. 545, col. 1.

<sup>3</sup> Tom. 6, pag. 375.





Tambien Nicolás Antonio cita esta obra, pero confiesa que no la ha visto.

En sus *memorias para la historia de la poesia* dice Fr. Martin Sarmiento hablando del Infante duque de Coimbra: «Ha sido muy docto y sobre todo excelente poeta... En el idioma castellano compuso un poema... cuyo título y asunto es del *Contempto del Mundo*.» <sup>1</sup>

Al hacerse cargo Mendez de tan rara edicion en su *Tipografia española*, <sup>2</sup> después de copiar el título y los octavas primera y última, describe el volúmen y opina que debió imprimirse en Lisboa, porque el ejemplar que vió estaba encuadrado con la «Glosa famosísima sobre las coplas de Don Jorge Manrique,» impresa en el mismo carácter y papel, en Lisboa, por Valentin Fernandez, el año de 1501.

Ticknor dice que conoció el Infante D. Pedro á Mena en España y á su vuelta á Lisboa le dirigió unos versos... imitando además con bastante buen éxito su *Laberinto*, en un poema castellano de 125 octavas.

Otro tanto hallamos en otras varias bibliografías é historias literarias, por lo que no dudamos que sus autores no han hecho más que copiarse unos á otros, por no tener ocasion de ver la edicion del siglo xv que hemos citado, y que acaso no sea tampoco la edicion príncipe. — Soares de Sylva, en sus «*Memorias para a historia de Portugal*» dice: <sup>3</sup> «En la Librería que fué del Cardenal de Sousa existe un Libro en 4.º que contiene las obras poéticas del Infante D. Pedro, y dice al fin, que fueron impresas nueve años después de inventada la famosa Arte de la Imprenta (son palabras del mismo libro) pero no declara el año en que se imprimió. — En el *Repertorio bibliográfico* de Hain, <sup>4</sup> hallamos citada vagamente la edicion á que se refiere Soares de Sylva y otra todavía anterior que, segun Hain, lleva al fin esta suscripcion: «*impressas (las coplas) seis annos depois que em Basilea fôra achada a famosa arte de imprimissão.*» — No tenemos noticia donde pueda existir ejemplar alguno de estas ediciones.

Pero todavía es mas extraño y de ello no podemos darnos cuenta, como el dócto Sr. D. José Amador de los Rios, que ha hecho de este poema un estudio tan detenido como profundo, y que hallarán nuestros lectores en el tomo 7 <sup>5</sup> d su *historia critica de la literatura española*, no ha descubierto el error que han venido padeciendo los bibliófilos. — Al emitir el Sr. Rios su opinion de que debió componerse este poema por los años 1440 á 1446, en la nota que principia en la última línea de la pág.<sup>a</sup> 79, se expresa en estos términos:

«Nos inclinamos á indicar esta fecha, conocidos los siguien-

<sup>1</sup> Pág. 380, n.º 835.

<sup>2</sup> Nota de las pág.<sup>s</sup> 137 á 139.

<sup>3</sup> Tom. 1, cap. 72, n.º 435.

<sup>4</sup> Ludov. Hain, *Repertorium bibliographicum*, Parr. II. Vol. II. Pág. 49, Col. 2.

<sup>5</sup> Pág.<sup>s</sup> 71 á 80.



« tes versos, en que pintando la inestabilidad de los favores cor-  
« tesanos, aludía Don Pedro á la privanza de Don Alvaro de  
« Luna :

Ya pues veamos | Aman que razona  
de tí, ó qué siente | de bien ó de mal :  
fable el Maestre | señor d'Escalona,  
diga si le fueste | fiel ó leal.

« Recordando que el Infante muere en 1449, y que en esta  
« época se había restituido don Alvaro á la privanza con más  
« poder que nunca, es evidente que se alude aquí al destierro  
« anterior, fruto del *Seguro de Tordesillas*:... »

Lástima grande que no hubiera el Sr. Rios fijado igualmente su aten-  
cion en la siguiente copla, que es la doce del poema :

Reguarda a mida | tragador doro  
Mirad aquel crasso | que murió tragando ;  
Y mirad á otros | daqueste vil coro,  
Cereys alos ricos | no viuir gozando.  
Mueren por cierto | en cobdiciando  
Fenchir á sus coffres | de oro e dargento :  
Mirad al maestre | si viuio penando,  
Mirad luego juncto | su acabamiento.

Este último verso le hubiera indicado que fué escrito después del  
*acabamiento* del Maestre Don Alvaro de Luna, ajusticiado el año 1453, y  
por consiguiente que no lo pudo componer el Duque de Coimbra que ha-  
bia muerto cuatro años antes, en 1449. — Y que este Maestre á que se  
refiere el texto era D. Alvaro, no puede caber duda, puesto que en la edi-  
cion sin fecha de que nos hemos ocupado anteriormente, hay tres glosas  
á la copla que antecede y la tercera de ellas dice así :

« Fabla aquí del maestre don alvaro de luna grand priuado del  
« rey don johan de Castilla el segundo mi tio: cuya priuanza  
« duró un trentenario de años: del qual se aueriga ayuntar  
« gran copia de thesoros: cuya vida fué siempre en muchos: e  
« diversos trabajos haviendo grande: e singular lucha con la for-  
« tuna, de cuya boca yo me recuerdo hauer oydo algunas ve-  
« zes sus ojos non cerrar el sueño: ni los cuydados los abrir,  
« que no houiesse memoria de su muerte. E esto con temor de  
« las asechanças: e de su misma consciencia molestado: qual  
« fué su acabamiento quien no lo sabra: ca digno es de perpe-  
« tua recordacion, en especial á aquellos que á los juyzios gran-  
« des e singulares del excelso quieren acatar. E no menos aquel  
« furioso pregon: e aquella cabeça puesta nueve dias en el palo  
« que por seruicio de su rey hauia seydo llagada. E ni las  
« llagas, nin los seruicios estorcieron la su terrible cayda por

«mano de aquel que lo hauia' collocado en tanta en tanta celsitud: e alteza que los reyes: e principes le obedescian e los mayores aguardauan la su puerta. Pero todavia yo affirmo los sus insoportables crímenes ser dignamente punidos: no por juhizio del rey terrenal, mas del rey de los reyes delante el qual ningund mal impunido ni bien inremunerado queda.»

Quien era este sobrino de D. Juan II de Castilla, que había oído de la boca misma de D. Alvaro lamentarse de que no cerraba el sueño sus ojos ni los cuidados los abrían que no hubiese memoria de su muerte, nos lo dirán otras dos glosas, la segunda de la copla 13 y la única que comenta la 31. — Dice la primera de estas:

«Considerase aquí *venus* por señora de los libidinosos actos. E *diana* por deessa de la castidad e de los officios venáticos; de lo qual dixe en la mi sátira.»

La nota de la copla 31 es la siguiente:

«Ya deste *Vulcano* es fecha mencion en la epistola que embie a la muy perfecta señora la reyna de portugal mi soberana señora, en la glosa que comienza — *Muchos hauer seydo los Vulcanos* se aueriga por los autores e scientificos varones...»

Ahora bien, como verán luego nuestros lectores, el Condestable D. Pedro, escribió una *Sátira de felice e infelice vida*, precedida de una epistola dedicada á su hermana la Reina D.<sup>a</sup> Isabel, muger de D. Alfonso V., en la que figuran comentados los nombres de las diosas *Venus y Diana* en el capitulo iv, y el de *Vulcano* en la epistola preliminar. — Además, ya sabemos que el Condestable era nieto de D.<sup>a</sup> Felipa de Alencastre, hermana mayor de D.<sup>a</sup> Catalina, muger de D. Enrique el Doliente y madre de Juan II de Castilla, y por lo tanto, sobrino de este en segundo grado.

Tenemos ya, por consiguiente, que la obra se escribió después de la muerte de D. Alvaro de Luna en 1453, y que el autor de las glosas ó de parte de ellas es el Condestable.

Aun hallamos otra prueba en la cuarta glosa de la copla 22, que dice:

«Al duque de borgonya pueden llamar Duque del condado, porque es duque de borgonya e conde de flandes, el mas rico e mas noble condado del mundo. Este johan de que aqui se faze mencion fué principe muy noble e magnifico, e hovo quasi el mando de toda francia: e fué padre deste victorioso e muy insigne duque feliphe mi tio, honrra de la cristian-dat e espejo de doctrina de caualleria; señor muy poderoso aquel johan assi en grandes señorios como en valerosa ca-



«ualleria; de grande e osado ánimo e cometedor de batallas, a  
 «horas vencido e a horas vencedor de aquellas: pero después  
 «llamado á fabla por el rey de francia oy viuiente, fué muerto  
 «de vua fachada en la cabeça, por cierto fea e falsamente, por  
 «mano de Fanequin du chateo.»

Habla el comentador aquí del Duque de Borgoña *Juan sin miedo*, que murió de la manera que se refiere en la glosa el año 1419, y de su hijo *Felipe el bueno*, que casó en terceras nupcias el año 1429 con D.<sup>a</sup> Isabel de Portugal, hija del Rey D. Juan I y tia en primer grado del Condestable.

Mendez en la nota citada anteriormente dice, que poseía un tomo manuscrito en folio escrito en el siglo xv, que contenía el *Contempto del Mundo*, con glosas como en el impreso y precedido de un proemio en prosa, dirigido al Rey D. Alfonso V de Portugal: y finalizadas las octavas, proseguía el manuscrito con un Razonamiento de despedida y amonestaciones cristianas, que á lo que parece, hizo el Rey D. Alfonso V á la Infanta de Portugal, D.<sup>a</sup> Juana, cuando se fué á casar con el Rey D. Enrique IV, de Castilla. — En la seccion de manuscritos de la Biblioteca Nacional de Madrid, se custodia en el Est. M. — 69 otro manuscrito, igualmente del siglo xv, escrito el año 1497, con las coplas *Del Contempto del mundo*. No puede ser el mismo que tuvo Mendez, porque aquel constaba de 133 hojas útiles y el de la Biblioteca Nacional tan solo de 70. — Tiene este una sola octava en el centro de cada página, en letra clara, gruesa y bien formada y en las márgenes las glosas, que corresponden exactamente, así como el texto, con el impreso. Principia con el Proemio que dice Mendez y que destruye lo que refiere Barbosa respecto al personaje á quien se dedicó el poema. — Con sentimiento renunciamos á darlo integro por ser todavía inédito; pero nos lo impide su mucha extension, por lo que nos concretaremos á copiar los párrafos que más nos interesan. Dice así:

«Comiença el proemio dirigido al muy || excellent e muy ca-  
 «tholico principe muy || temido e muy amado señor Alfonso el  
 « | quinto deste nombre Rey de los Portogues || ses y señor  
 «de la insigne e muy guerrera || Africana Ciudad.

«No se me oluida inuictissimo señor e muy glorioso Rey  
 «hauer leydo en la Introduccion que Bocaçio, esclarecido poeta  
 «moderno, enbió a vn amigo suyo con el su libro delos casos  
 «delos illustres varones, hauerle escrito que pençando para  
 «elegir á quién la su obra dirigir denia, el su estudioso pen-  
 «samiento lepresentó delante al sumo Pontifice e después al  
 «Emperador, e partido de aquestos alos Reyes dela crestian-  
 «dat, pero al fin aninguno ell ouo por cosa lícita de presentar  
 «la su nueua obra, diziendo luego hauer pensado los apostolicos  
 «del su tempo discrepar de las costumbre e vida delos antiguos  
 «padres santos, y esso mesmo el emperador hauer oluidado los

« grandes fechos de sus predecesores e consumir su vida floxa  
 « entre los deleytes de libero padre; E los fechos de los Reyes  
 « non concordar con su Real estado. Pues preguntarme ha al-  
 « guno, e porqué tu recordado de aquesto has dirigido la tu  
 « obresilla de contempto del mundo al muy exçellente Rey tu  
 « señor. Al qual yo respondo. O ome e tu non consideras que  
 « aqueste Rey ser diferente e distante por contrarias costum-  
 « bres de aquellos que el Florentino Poeta relata.....

« Por cierto yo me marauillo como tu fuertemente nonte ma-  
 « rauilles gridando, tu has grandissima razon de endereçar la tu  
 « breve obra que se esfuerça amenospreçar las cosas fermosas  
 « del mundo, e ademostrar la su vana e feble beldad, a este  
 « preclaro principe, guarnido e compuesto de todo el colegio  
 « delas virtudes con diadema inmortal, el qual tanto mas des-  
 « preçia las cosas del mundo quanto mas con diuinal sabiduria  
 « assayando las e posseyendo las, ha perfectamente conoscido  
 « la poca fermosura e infiel gloria de aquellas. E por tanto se-  
 « gund mi juyzio con asaz cabsa yo fui mouido a embiar ati mi  
 « derecho e natural Rey e mi solo e perpetuo señor la subse-  
 « quente obreta mia..... Nin dubdo yo segund la singular vir-  
 « tud tuya estrenuo e cristianissimo principe, que sabido el  
 « mi propósito que de la mi primera adolescencia ha desseado  
 « de se exercitar enlos senblantes actos; e que nila aduersa  
 « fortuna lo pudo estorçer con sus graues e grandes cargos,  
 « que con graciosos e amigables oios tu leas los Mil versos mios  
 « acompanados de algunas glosas: los quales yo caminando  
 « por deportar e passar tiempo ala feria passada de Medina, en  
 « mi viale houe la introducion e la inuecion dellos seriado, e  
 « assi antes que llegase á la feria houe comprado aquello que  
 « mas valía que toda la feria, es asaber, menospreçar alas co-  
 « sas que los mortales dessean con diligente e estudioso cuy-  
 « dado.....

Ya ven nuestros lectores que el autor del texto escribió tambien las glosas, y como ya sabemos que estas son del Condestable tambien tiene que serlo el texto. — Dirigió su obra al Rey D. Alfonso su cuñado, no dudando, dice, *que con graciosos e amigables oios tu leas los mil versos mios acompanados de algunas glosas*, y como el manuscrito de que nos ocupamos, se escribió en 1437 y tiene las mismas glosas que el impreso, no añadió ninguna Antonio de Urrea cuando se hizo la impresion á fines del siglo. si fué el quien la hizo. — Tambien se deduce del Proemio que lo escribió en Castilla, puesto que al dirigirse á D. Alfonso se expresa así: *con asaz cabsa yo fué mouido a embiar á ti mi derecho e natural Rey... la subseguente obreta mia*, y si en Portugal estuviera, natural hubiese sido que deudo tan cercano del Rey, se la hubiera entregado en propia mano. — Sabemos, además, que el Condestable vivió desterrado en Castilla desde 1449 hasta fines de 1457 ó principios de 1458, y la obra tuvo que es-

cribirse después de la muerte de D. Alvaro de Luna en 1453, y antes de 1457, fecha del manuscrito de la Biblioteca Nacional.

Ocupa el Proemio cuatro hojas: en la quinta principia el texto, teniendo en cada página una sola octava y en las márgenes las glosas que le corresponden. — A continuacion del poema tiene tambien este manuscrito lo que Mendez llama « Razonamiento de despedida hecho por el Rey D. Alfonso V á la Infanta Doña Juana..... » y en lo que anduvo Mendez equivocado, porque D. Alfonso no es el autor de tal escrito. Al fin del Razonamiento, fol. 70, lin. 4, dice:

« Ffou acabada la present obra || a x. iiij. de noembre del  
« any || MCCCC. 4 vij de maden... || .... Deo gracias Amé.

Por desgracia está raspado el nombre del que hizo esta bellissima copia.

### III

Conocido les era ya el Condestable D. Pedro como escritor á los más acreditados autores que han tratado de historia literaria, por las frases que le dedicó el Marqués de Santillana en el Proemio que puso al frente del Cancionero de sus obras en el ejemplar que le remitió, para satisfacer los deseos que aquel le manifestara por medio de Alvar Gonzalez de Alcántara, de poscer las *canciones y dezires* que tanta nombradía le habían conquistado: en este *Proemio e carta*, el más precioso documento que poseemos de la historia antigua de nuestra literatura, y donde el ilustre vate castellano manifiesta su vastísima instruccion, le decía al Condestable: « vos quiero certificar me plaze mucho que todas las cosas que entren ó anden so esta regla de poetical canto, vos plegan; de lo qual me facen cierto asy vuestras graciosas demandas, *como algunas gentiles cosas de tales que yo he visto compuestas de la vuestra prudencia* ». Pero ninguno de los autores á que nos referimos han llegado á ver obra alguna del Condestable, excepto el Sr. Rios, que como ya hemos dicho al principio, dió á conocer la *Sátira de felice é infelice vida* en el tomo VII de su historia critica de la literatura española.<sup>1</sup>

El único manuscrito que de esta obra conocemos, el mismo á que se refiere el Sr. Rios y que se conserva en el Est. P. 61 de la seccion de Mss. de la Bibl. Nac. de Madrid, es un volumen en fol. de 72 hojas útiles, con numeracion romana en lo alto de los fólíos, escrito por *Cristofol Bosch* en 1468, en letra gruesa y clara, con los títulos, numeracion y fines en rojo y las letras iniciales de capitulos iluminadas á dos colores y con adornos rasgueados. — Ocupa el texto el centro de cada página, á razon de catorce líneas en cada una y dejando espaciosas márgenes, en

<sup>1</sup> Tom. 7. — Págs. 82 á 86.



las que se han escrito en letra más menuda las numerosas glosas que le acompañan.

Dedicó esta sátira el Condestable á su hermana la Reina Doña Isabel, á la que vá dirigida la epístola que le sirve de Proemio y cuyo encabezamiento es el siguiente:

« Siguesse la epístola a la muy famosa || muy excellente prin-  
« cesa, muy deuota || muy virtuosa e perfecta señora dona ||  
« ysabel, por la deifica mano Reyna de por- || togal grand se-  
« ñora en las libianas par- || tes; embiada por el su en obe-  
« diencia me- || nor hermano o en desseo perpetuo ma- || yor  
« seruidor ».

El autor, que hace constar su título en el verso siguiente, último del cap. X «biua el vro. leal condestable», nos hace saber que esta fué su primera composicion, el primer fruto de sus estudios al comenzar la epístola: dice así.....

« La estudiosa e pequenna obra mia a quien se dirigirá saluo  
« auos muy esclarecida Reyna! — O quien cogerá el primero  
« fructo de mis estudios con tanta affeccion como vos mi sobe-  
« soberana sennora!.....

Indica más adelante que escribe para ejercitar el ingenio, ensayar el entendimiento y evitar el ocio, añadiendo «Que como la tierna edad mia este occio muchas vezes me presentasse, por le foyr di la pluma a la negra agua». — Exponiendo á continuacion el principal objeto de su obra y la razon por qué la tituló *Sátira de felice é infelice vida*.

« Verdad sea que aquejado de amor que en la mas perfecta  
« del vniverso me fizo poner los oios; e alli no acatando lo ve-  
« nidero aprisionar el coraçon e los mis cinco seruientes en  
« cárcel perpetua colocar, yo comensé de escriuir e escriuiendo  
« declarar mi apassionada vida e las muy esclarecidas e sin-  
« gulares virtudes de la señora de mí, e porende la intitulé  
« Sátira de infelice e felice vida. Poniendo la suya por felice  
« llamándole Sátira, que quiere dezir reprehencion con ánimo  
« amigable corregir; e avn este nombre Sátira viene de satura  
« que es loor, e yó á ella primero loando el femineo linage pro-  
« puse loar, a ella amonestando como sieruo a señora; Ami re-  
« prehendiendo de mi loca thema e desigual tristeza.....

Manifiesta luego qué razon tuvo para escribir su obra en romance castellano abandonando el habla maternal.

« Que si la muy insigne magnificencia vra. demandase qual

«fue la causa que ami movió dexas el materno vulgar, e la  
 «seguinte obra en este castellano romance proseguir, Yó res-  
 «ponderé que como la rodante fortuna con su tenebrosa rueda  
 «me visitasse, venido en estas partes me di a esta lengua mas  
 «costreñido de la neccesidad que de la voluntad. Que traydo  
 «el testo a la desseada fyn e parte de las glosas en lengua  
 «portuguesa acabadas, quise todo trasformar e lo que restaua  
 «acabar en este castellano Idioma. Porque segund antigamente  
 «es dicho e la experiencia lo demuestra, todas las cosas nue-  
 «uas aplazen, e con que esta lengua non sea muy nueua de-  
 «lante la v<sup>ra</sup>. Real e muy virtuosa magestad, a lo menos será  
 «menos vsada que la que continuamente fiere en los oydos de  
 «aquella.....

Por lo trascrito se vé claramente que D. Pedro compuso primera-  
 mente toda la Sátira y parte de las glosas en portugués, pero que «*como la rodante fortuna con su tenebrosa rueda*» le visitase, quando llegó á Castilla trasladó todo lo escrito y acabó la obra en castellano. Como las desgracias del Condestable principiaron con la muerte del Infante su padre, en 1449, es evidente que el texto de la Sátira y parte de las notas habian sido escritas antes de esta fecha, y que fué posterior á ella su version al castellano, la terminacion de las glosas y la epistola dedicada. Esta notabilisima introduccion termina del modo siguiente :

«La qual rescebid e oyd muy valerosa e bienauenturada prin-  
 «cessa. Recibid las premicias de mis cuydados. Recebid esta  
 «mi Argos e Recebid esta indigna sierua vuestra, que besando  
 «las manos reales, goze de la muy desseada uista. La qual  
 «humilmente suplico a la serenidad y excellencia vuestra,  
 «quiera rescebir e auer recomendada.—Fenesce la epistola.»

Sigue el texto dividido en once capitulos: los nueve primeros y el undécimo de conclusion en prosa, y en verso el décimo.

Supone el Condestable en el I que al oscurecer de un día del mes de Julio, a la hora que el radiante Apolo bannado en la esperias ondas con sus doradas crines la rica posada de neptuno alumbrar començaua e..... las parleras aues buscan el reposado aloie, hállase solo, privado de libertad, pero lleno de cuidados, ansias y congojas, viendo pasar su vida «en el comienço de la tercera edat, con desiguales penas y quejándose á la fortuna por haber ordenado que la crueldad habitase en la mejor del universo, y que unida á la virtud y á la beldad en la mas perfecta señora, fuesen causa de que de libre se viera cautivo, amenguando y destruyendo la vida en su juvenil edat.

Repréndele la *Discrecion* en el capitulo II su amorosa pasion y para disuadirle de su locura, le recuerda el desgraciado fin que tuvieron varios enamorados como Cayo Placio, Piramo, Ardanlier y Macias, que al

menos murieron por aquellas de quienes eran amados, mientras él deseaba morir por la que ni memoria de él tenía, aconsejándole que luche contra su voluntad y consigo mismo.

El título del III nos dice su objeto *Commo el leal amante dá el silencio por respuesta e recoge mucho cuydado*. Pasa la noche sumido en reflexiones amargas sin saber por dó camina, y al amanecer se dirige contra un arboleda poblado de fermosos e fructuosos arboles, donde acostado en las verdes yérvas, fatigado y enojado de si mismo, sintió venir grand compañía de damas las quales de honestidad e divina fermosura bien mostrauan zer guaruidas; de las que adelantándose siete, una que parescia señora e princessa de aquellas le dirigió la palabra.

El colegio de las virtudes llegado la prudencia propoue titúlase el IV. En él dice la Prudencia que son aquellas de quien el mundo es desierto y que no tienen otro más cierto acogimiento, ni otra más noble posada en este mundo lleno de maldad e miseria solo en aquella cuyo prisionero es el poeta; la compara y antepone á todas las mugeres célebres de la antigüedad y á las diosas mitológicas, porque ella sola ganó corona de perfeccion.

En el V, *Loa de la insigne virtud de honestidad e concluye declarando la dubda*, enaltece la honestidad de su dama y añade que en esta soberana señora tanta concordia e vnidad de todos los gloriosos e famosos loores acaesció, que su gozo no quita alguna cosa á su sosiego, su mesura no ofende su continencia, su dulce conversacion e amigable compañía es syn lesion de su virtud soberana.

Acusa en el siguiente de crueldad á su dama y las doncellas llaman á la Piedad para que contraste su razonar.

*La piedad se esfuerça de saluar a su no conocida señora* en el capítulo VII: en él le dice que se queje de la adversa fortuna, de la triste constelacion ó planeta en que nació y contra su voluntad, y no de aquella que culpa delicto ni yerro no tiene ni ha fecho.

El poeta replica que vive para que su adversa fortuna aumentando sus congojas aumente su vida peor que la muerte; vive para los que le ven vivir, pero que él para sí está muerto; y que sin esperanza de merced está cierto que su honesto y leal amor, antes que nacido le fué ordenado y ni la bienaventurada gloria ni las fúrias infernales se lo harian olvidar un solo punto ni momento.

*Las virtudes desaparecidas e la conclusion de la prosa* es el capítulo IX. A su réplica desaparecen las virtudes vencidas *nó con eloquente e fermosa fabla mas con verdat e iusticia* y con sólidos razonamientos, y aunque se vió vencedor, con muchos y más varios pensamientos que si fuera vencido, comenzó otro nuevo lloro e llanto mayor, maldiciendo el día en que amó por vez primera. Al fin de este mismo capítulo, expone el objeto del siguiente, diciendo:

«fablaré yo por cierto contra vos mi soberana e obedescida señora... E que puedo otra cosa dezir saluo aquello que mas



«desseo; e que mas desseare que ser por uos cobrada la rica  
«e muy preciada corona de perfeccion. E pues esta bien andança  
«e gloriosa e holante fama syn auer la virtud de piedat e cle-  
«mencia auer no podeys, no por que mi mal fenezca ó muera,  
«mas solo por vos ganar vn triumpho e gloria tan alta, tan ne-  
«cessaria para vos, Las coplas següentes que syn me partir  
«deste solitario lugar faré, por merced singular supplico que  
«veays e fagays mi honesta e lícita demanda.»

Siendo en verso y como todo el poema inédito el siguiente capitulo, lo copiamos íntegro á continuacion de estas noticias, esperando que ha de agradar al que lo leyere.

El undécimo y último lleva por encabezamiento *Llegada la desseada fin del metro la breue conclusion de la Sátira de felice é infelice vida se introduze por la forma següente*. Debemos copiar las primeras lineas, que dicen así:

«Fencscida quando *Deifico* declinaua del cerco meridiano á la  
«cauda del *Dragon* llegado, e la muy esclarecida *Virgen La-*  
«*tomá* en aquel mismo punto sin ladeza al encuentro venida,  
«la serenidad del su fermoso hermano oufuscaua... *Euro e Ze-*  
«*firo* entrados en las concauidades de ntra. madre queriendo  
«sortir sin fallar salida la fazian temblar.»

Entonces el poeta *con la desnuda bicortante espada en la diestra*, miraba titubeando con turbado pensamiento, si era mejor prestamente morir ó esperar la dudosa respuesta para recibir consuelo.

Aquí termina el Condestable la Sátira, dando en ella claro testimonio de manejar la lengua castellana mejor que mucho escritores de la corte de D. Juan II, haciendo alarde, sobre todo en las glosas, de sus extensos conocimientos en las historias sagrada y profana, así como en filosofía moral, ciencias y mitología y de poseer un espíritu elevado y grande ingenio.

Al pie del último capítulo tiene el manuscrito el final siguiente, escrito en tinta roja:

«Ffou acabad lo present libre a. || x. de mag. any. 1468. de  
«ma || den cristofol bosch librater || Deo gras.»

En la glosa que principia *En el comienzo de la tercera edat*, después de explicar las diversas clasificaciones que hacen los autores de las edades de la vida, sus nombres y años que cada una comprende, dice:

«... e por lo suso fablado se manifiesta el actor hablar de aquella  
«que floresce de los quinze fasta los veynte e ocho diziendo  
«Tercera edat de mis años, e quando dize en el comienzo es de

«presuponer que en toda cosa ay comienzo medio e fin, e al  
«comienço desta edad es de distinguir de los quatorze años  
«fasta los diez e ocho e ocho meses; e de allí parecee llegar  
«el medio a los veynte e dos e quatro meses, el su fyn de aquí  
«a los veynte e ocho se puede nombrar, en lo qual se demues-  
«tra el auctor fablar en los quatro años e ocho meses primeros  
«de la nombrada edat, en el qual tiempo pasaua su vida con-  
«goxosa e dolorosamente...»

Como los conocimientos que el Condestable despliega en toda la obra y singularmente en las glosas, no es fácil haberlos adquirido ni aun al máximo de edad que nos limita este comentario, consideramos lo más probable que tendria 18 años ó algo más cuando escribió el texto y parte de las notas, que ya sabemos fué en portugués y antes de su expatriación; y habiendo nacido en 1429, resulta que debió ser por los años de 1447 ó 1448.

En el texto del capítulo final consta que se verificaba un eclipse de sol cuando el autor terminaba la sátira, lo cual se comprueba además en la siguiente glosa:

«*Dragon...* pero por que el autor introduze cauda del Dragon,  
«fué forçado a la mi diestra esplicar lo suso escripto, e de de-  
«clarar que el autor se mouió a lo dezir por manifestar la  
«causa ó manera del eclipse del sol, que a la sazón quando el  
«testo menciona, en la cauda ó cola del Dragon se fazia...»

glosa que siendo de las últimas de la obra debió ser de las escritas yá en Castilla.

Hallamos en las tablas de eclipses visibles en Europa desde el año primero de la Era cristiana, que los hubo de sol, el 10 de setiembre de 1447 y el 29 de Agosto de 1448: falta averiguar cuál de estos pudo verse en Portugal por la tarde, *quando deifico declinana del cerco meridiano*: la precipitación con que hemos tenido que escribir estas noticias para satisfacer un compromiso de amistad, nos ha impedido insistir sobre este extremo, así como buscar la fecha precisa del nacimiento del Condestable. Nos inclinamos, sin embargo, á creer que se terminó el poema en portugués y parte de las glosas, en Agosto de 1448, y su versión al castellano y la conclusión de la obra tuvo que ser en los años 1449 en que fué D. Pedro desterrado, á 1455 en que murió la Reina D.<sup>a</sup> Isabel su hermana y á la que fué dedicada.

Dámos término á la tarea que nos habíamos impuesto, rogando encarecidamente á nuestros lectores que perdonen la extremada prolijidad de nuestro escrito, si nos hemos equivocado al juzgar que así lo exigía la naturaleza del asunto.

Madrid 20 de Abril de 1875.

JOSÉ M. OCTAVIO DE TOLEDO.

## CAPÍTULO X DE LA «SÁTIRA DE FELICE É INFELICE VIDA»

La prosa fenescida el metro se comienza a la más perfecta del universo dirigido.

Discreta, linda, hermosa,  
templo de mortal virtud,  
honestad muy graciosa,  
luzero de iuventud

y de beldat;  
a mis preces acatad,  
oyd las plegarias mias,  
no fenezcan los mis dias  
con sobra de lealdad.

No fenezca vuestra fama  
que buela por toda parte,  
no fenezca quien vos ama,  
desechad, echad aparte  
la crueldad:  
seguid virtud y bondad,  
seguid la muy alta gloria,  
e no lieue la victoria  
la dannada voluntad

Matar ami ¿que aprouecha?

pues al mas vro. matays,  
sabad que virtud desecha  
penar me commo penays  
syn me valer;  
querer vos con tal querer,  
que la vida no querria  
syn tener ami porfia,  
que tengo de vuestro ser.

Por cobrar lo que jamás  
no cobró biua persona  
deueys dessear muy mas  
la soberana corona  
de honor:  
la qual syn auer dolor  
de mis esquiuous dolores  
no ganareys ni loores  
de acabado loor.

Ny creays que porque muerdo  
con desigualada pena  
que por esso yo requiero  
para uos cosa tan buena  
en estremo,  
ni por que mi males temo  
ni por que la muerte llamo,  
mas solo por que uos amo  
en grado mucho supremo.

Ny por al yó no me curo  
de vuestro bien soberano,  
ni por al yo no procuro  
que creays aquesta mano  
toda vra,  
e ami parte siniestra  
ferida de mortal llaga  
saneys, e mi triste plaga  
cureys con la gentil diestra.

Mi dolor vos le causays  
pues que guarir le podeys,  
mi pena vos me la days  
pues quitar no la quereys:  
de mi muerte  
soys por mi mala suerte  
la principal causadora  
e del vuestro matadora,  
ved quo plaga tanto fuerte.

Ffloyd tan gran culpa vos

cumbre de la gentileza,  
mi gozo, mi solo dios,  
mi plazer e mi tristeza  
de mi vida;  
vida y salud complida,  
cobrad perfeccion entera,  
y la gloria verdadera  
no ser deue refoyda.

Doled vos de mi passion  
e de mi gran perdimiento;  
quered vuestra perfeccion  
no queriendo mi tormento  
desyqual;  
ni firme querer leal  
vuestro muy mas que deuia,  
librad vos, ydola mia,  
de dolor pestilencial.

Ya por dios más no se tarde  
la vuestra summa prudencia  
de tan gran yerro se guarde  
no se cargue negligencia  
y olvido;  
guardid quien vosa seruido  
en vida muy dolorosa,  
sed por cabo virtuosa,  
redemid ami perdido.



---

Dispone que cosa sea piadosa.

---

Que es otra cosa | vsar piedad  
saluo ser sancta | y religiosa,  
pla, vmilde | misericordiosa,  
liberal dadora | con graciosidad;  
mirad pues los titulos | de gran dinidat  
que ganen aquellas | que son piadosas,  
ganaldos vos lumbré | e luz de fermosas,  
ganad e quered | tal felicitat.

Es muy sereno | muy accepto don  
este don sancto | de muchos renombres,  
accepto a dios | accepto a los ombres  
don no mortal | de inmortal galardón.  
Vertud preciosa | mas de quantas son  
y fama felice | jamás duradera  
la qual mi señora | adquirir se quiera  
de vuestra preclara | e gran discrecion.

---

Prosigue el sin ventura ena || morado su primer motiuo.

---

Mis pesares sin medida  
vos acarrear doley  
de my syn fyn padecer  
e de mi vida perdida  
por amar;  
avos que podeys causar  
mis damnos tan desiguales  
avos que podeys mi males  
con sy quiero reparar.

Los mis doloridos llantos  
vos dan carga de sentir  
mi sospirar e gemir  
e mis pesares sar tantos  
insoportables;  
mis seruicios inmutables  
no vos ser Jamas amigos,  
por lo qual mas enemigos,  
los llano que amigables.

Mis enoios infinitos  
demandan misericordia,  
e demandan la discerdia  
de mys cuidados malditos  
que me matan,  
e amis sentidos atan  
con atamiento tan firme  
que syn jamas fauorirme  
anos siruen e acatan.

A vos acatan e siruen  
cada vez con mas afínco  
mis siruientes todos cinco,  
que por vos penando bien  
en deseo;  
al qual yo ni ví ni neo  
ningud reparo ni medio,  
ni mucho menos remedio  
a quantos damnos posseo

O quantas fueron louadas  
por ser pias e humanas;  
otras por ser inhumanas  
se fallan ser reprochadas;  
las primeras  
sus famas muy duraderas  
duraran siempre in eterno,  
las segundas en inferno  
penaran penas muy fieras.

Yo no creo ser *medea*  
loada por valerosa  
por ser crua rigorosa,  
mas antes creo que sea  
muy tachada;  
pues por no ser reprochada  
vos sola mi bien andança  
no muera mi esperança  
de muerte desesperada.

E la *Reyna Isabel*,  
muy valerosa y santa,  
no cobró gloria tanta  
con este vicio cruel  
e nefando;  
mas de piedat vsando  
fué leuantada al cielo,  
pues aued yá de mí duelo  
no muera desesperando.

No muera vuestro catiuo,  
biua la fama luziente  
e muera incontinente  
mi cruo pesar esquiui;  
muera, muera  
y sea de tal manera  
mi congoxa aterrada  
que seays vos muy loada  
sanando mi llaga fiera.

Passiones quantas pasar  
se poderian biuiendo,  
tantas paso yo siruiendo  
a vos formosa sin par  
e syn eguala:  
pero dios nunca me vala  
sy dello mas no me place  
que de benir me desplace  
vida triste e tan mala.

Fñn mi fin va demandando  
esta copla postrimera  
y esto solo profiera  
mi crua muerte llamando,  
ca sy vos no  
oys lo que pido yó  
muy meyor será morir  
que no tal vida beuir  
desamado commo so.

### Conclusion declarando que cosa es crueldat.

Es la crueldat | vna aspereza  
fiera, sangrienta, | muy desenfrenada,  
couarde al bien | al mal deuotada,  
desnuda de toda | bondad e nobleza;  
ynorme maluada | terrible dureza,  
yrosa, sanuda | en mal sabidora,  
de todos los vizo | Reyna señora,  
mala enemiga | de real alteza.

Es pestilencia | jamás reparable  
plaga infernal | que nunca se farta,  
los ánimos prenden | fuerça e enarta,  
a humana vida | muy abominable;  
ponçoña basilica | mortal incurable,  
la qual mi señora | deusos se aborresca,  
se corra persigna, | muera e fenezca:  
biua el vuestro | leal condestable.

---

# PROPHYLAXIA INTERNACIONAL

---

## (Conclusão)

Averiguada a origem extra-européa da cholera-morbus, da febre amarella e da peste-bubonica, reconhecidas as suas tendencias invasoras e determinados os caminhos e vehiculos que servem ao transporte d'essas doenças, parece que a prophylaxia, senhora de todos os elementos do calculo, deveria ter assentado já no valor da incognita que lhe compete descobrir. Ao contrario do que era licito suppor, acontece que os systemas prophylacticos são ainda hoje diversos em cada paiz e sujeitos a discussão que, muito proxima d'um accordo, não conseguiu todavia ainda realisalo.

Por mais singular que este phenomeno se apresente, por mais anormalo que seja a concordancia em principios correspondendo ao desacordo nas applicações d'esses principios, tal singularidade e tal anomalia têm a sua razão d'existencia em circumstancias, umas naturaes e fixas, outras artificiaes e temporarias, que sendo variaveis de paiz para paiz implicam e explicam as divergencias, outr'ora profundissimas e hoje senão de todo apagadas muito mais disfarçadas, que entre as differentes nações e ás vezes até entre as differentes dependencias da mesma nação se deparam a quem procede ao estudo comparativo dos systemas prophylacticos a que a Europa confia a sua immundade contra as doenças epidemicas exoticas.

O clima não impera só na organização physica dos individuos; estende a sua influencia até á psychologia das nações. O que para uns povos ascende ás raias do sublime, descamba, para outros, nos infimos



graus da escala do ridiculo. Não devemos pois surpreender-nos porque, aparte outras razões que determinam a dissidencia em materia de prophylaxia, o clima considerado apenas como factor da opinião social figure na explicação da vivissima pugna quarentenaria em que têm andado empenhadas as nações do norte com as do sul da Europa.

Uniformisemos, por hypothese, a Europa inteira na sua constituição geologica, na sua actividade mercantil, na sua organização social, façamos com que os raios solares não incidam menos obliquamente no meio dia do que no septentrião, disponhamos as estações por modo que as diferenças astronomicas e meteorologicas que as caracterisam se correspondam por todos os lados em cada uma das fracções d'aquella área, dêmos em todas ellas ao sólo a mesma composição chimica e as mesmas propriedades phisicas, reduzamos o commercio á monotonia absurda de ser o mesmo na quantidade e qualidade da exportação e da importação, taxemos o preço do tempo por modo que o seu valor seja independente do lugar e da occasião, nivelemos os regimens sociaes identificando-os n'um unico, sempre o mesmo para todos os povos europeus, definamos o termo *liberdade* de maneira que elle, conforme aos variados vocabularios, não signifique ora a tyrannia ora a licença, n'uma palavra anifiquemos geographica e socialmente a Europa e então, mas só então, — quer dizer: nunca — teremos identidade de medidas prophylacticas nos diferentes paizes europeus.

De facto, se os velhos e renhidos debates sobre a proficuidade ou inanidade das quarentenas sobre a innocuidade ou iniquidade da livre practica, representaram as dissidencias que no campo scientifico havia quanto á procedencia exotica ou quanto á natureza contagiosa das doenças, que particularmente temos considerado n'estes breves estudos, se então era a sciencia que favorecia ou contrariava os interesses do commercio, sempre oppostos a qualquer medida restrictiva que embaraçasse o transito das mercadorias e sustasse a marcha das pessoas, hoje a diversidade prophylactica não traduz desaccordo scientifico relativo ás questões pathologicas, em que a unanimidade é por assim dizer absoluta, mas representa o apreço diverso em que as diferentes nações têm o tempo, o dinheiro, a liberdade e a saude, e representa ainda, e sobre tudo, o apreço em que as diferentes enfermidades exoticas epidemicas têm cada paiz, consoante á sua latitude e topographia.

Succede, tambem, que em muitos casos o desprezo, mais ou menos completo, que as alludidas doenças têm por determinados paizes, se harmonisa perfeitamente com a idolatria que n'elles se presta ao tempo e ao dinheiro, elementos equivalentes. Tudo ali conspira para entregar aos recursos naturaes a immuidade a que se aspira.

Se o clima da Grã-Bretanha a protege sufficientemente contra as tentativas, sempre abortadas, de invasão epidemica da febre-amarella, para que estabelecer a proposito d'essa doença, medidas coercitivas da liberdade individual e commercial nos portos do reino unido? Mas em Malta, mas em Gibraltar, por grandes que ali sejam as solicitações do com-

mercio no sentido da livre practica, são outras as condições meteorologicas, outras por isso as probabilidades d'uma diffusão epidemica, outro finalmente, o regimen prophylactico. E bem outro, pois que a Inglaterra, que na metropole e para a metropole advogou até ha poucos annos a natureza não contagiosa das doenças exoticas, como justificação logica do systema, ahi adoptado, de absoluta liberdade, justificação que aliás não tinha n'esse argumento as suas raizes, a Inglaterra tomou o partido de ser incoherente para á custa da sua abençoada incoherencia salvaguardar os superiores interesses da salubridade publica n'aquellas suas possesões.

Nem sempre, porém, a protecção concedida pela latitude é tão absoluta, tão segura, tão efficaz, que os paizes septentrionaes se não achem inscriptos em carregadissimos caracteres no extenso martyrologico das epidemias d'origem exotica. N'esses casos então a livre practica, se em tempos traduziu uma errada crença scientifica, traduz hoje uma talvez falsa superioridade dos interesses commerciaes sobre os interesses da saude, superioridade que não permite a estes a menor invasão nos domínios d'aquelles. Dissemos talvez porque se tem discutido se n'um paiz que vive do commercio vale mais a saude publica do que a liberdade mercantil, isto é, se o prosperidade social lucra mais com a integridade sanitaria do que lucraria com a celeridade das transacções commerciaes. Desde que as nações inutilisam para as artes, para as industrias, para a agricultura os milhares de individuos que compõem os exercitos permanentes, desde que a vida d'esses homens, os mais válidos do paiz, é sacrificada a interesses nem sempre dignos de tal sacrificio, poderá — quem sabe? — desculpar-se que os interesses commerciaes sacrifiquem á sua defensão o bem estar e a existencia de algumas mil pessoas, que nem sempre serão as mais robustas, as mais productivas, as mais uteis. Poder-se-ia até invocar as crueis exigencias da lei de Malthus e abençoar as epidemias como providencias reguladores, que cumpriria respeitar, do equilibrio social, ou respeitá-las como forçada consequencia d'aquella soberana lei, *struggle for life*, que o darwinismo patenteou em toda a sua horriavel belleza, lei que, applicada á nossa hypothese, tradusiria o sacrificio do homem á alimentação dos microzoarios e dos microphytas, sacrificio que ao plano geral da natureza será tão indispensavel como aos olhos egoistas da humanidade parece justificado o sacrificio inverso. E demais, a natureza, aperfeiçãoando as funções de reproducção á custa das funções de nutrição, e antepondo assim a perpetuidade da especie á conservação do individuo, não nos ensinará a sacrificar ao bem commun a commodidade pessoal? Não deveriam pois as nações esquecer as victimas que succumbem aos golpes epidemicos, pela prosperidade que da hecatombe resulta aos que lhe sobreviveram?

Todos estes raciocínios estão implicitos na mente de quem, accetando no campo scientifico a doutrina da origem exotica e propriedade transmissivel da cholera, da febre amarella e da peste, regeita absolutamente na practica qualquer medida prophylactica que intercepte o livre



transito das pessoas e cousas oriundas dos fôcos epidemicos d'aquellas doenças.

A falsa persuasão de que ao commercio nada importa a prosperidade sanitaria do paiz, a errada crença de que os impedimentos á circulação das mercadorias e ao transito dos viajantes, accarretam maiores males do que o faria a invasão epidemica, e o mal comprehendido amor pela liberdade individual conspiram para que espiritos aliás esclarecidissimos, despresem na pratica todas as consequencias que a prophylaxia tira das leis do desenvolvimento e propagação epidemica.

Todavia os interesses do commercio têm sido tão offendidos pelas crises a que as epidemias dão causa, que hoje as proprias associações commerciaes, e como insuspeita basta lembrar a de Nova-York, confessam que maiores damnos lhes trazem as epidemias do que as bem entendidas practicas quarentenarias.

O cerceamento da liberdade individual, que tanto molesta aquelles cujo fanatismo os leva mesmo a applaudir a liberdade de ser envenenado, pôde, acaso, servir seriamente de argumento contra as quarentenas n'uma sociedade que pela simples suspeita da probidade d'um individuo o retém prezo, incommunicavel, não por sete dias mas por sete mezes, quando afinal, o delicto imputado ao supposto reo representaria o damno da propriedade alheia, damno sempre reparavel, em tanto que irreparavel seria a perda da vida não de um, mas de milhares de individuos, a quem o mal entendido respeito pela liberdade d'um homem pestilento houvesse contaminado?

Imagine-se que um louco, armado de traçoeiro instrumento, percorria uma povoação mutilando quantas pessoas se lhe approximassem. Haveria quem, pelo simples amor da liberdade do mentecapto, ousasse contrariar a sua reclusão como medida preventiva de futuras e irremediaveis desgraças?

Outro tanto significaria impugnar o direito que o Estado tem de fazer sequestrar temporariamente todos os individuos que, armados do terrivel poder de semear uma doença epidemica, ameaçam a saude publica.

Se os governos se crêem no direito de isolar, em hospícios especiaes, as infelizes que não sendo as unicas nem as principaes, são todavia consideradas como as mais vulgares fontes da propagação das doenças venereas e syphiliticas; se a Inglaterra, embora até aos ultimos annos levasse o escrúpulo pela liberdade individual a ponto de não tomar medidas restrictivas da dissiminação d'essas doenças, já hoje começa a exercer uma certa fiscalisação n'esse sentido, tendente sobretudo a evitar os horribéis estragos que semelhantes enfermidades produzião no exercito e na armada; se os paizes mais avançados impõem a vaccinação como um dever a que ninguem pôde eximir-se impunemente, embora a vaccinação obrigatoria seja contraria á liberdade que cada um tem de usar e abusar da sua saude; se todos os paizes cortam largamente pela liberdade dos industriaes prohibindo-lhes em certos lugares o estabelecimento de fabricas que possam damnificar a saude publica; se n'uma pa-



lavra o estado se constitue tutor da salubridade dos povos e árbitro da liberdade dos individuos dentro dos limites das conveniencias publicas, qual é então a inedita jurisprudencia em que se apoia a negação do direito de sequestrar temporariamente á sociedade o individuo que pôde infectar-a de calamitosa doença, e que especie de philanthropia é essa que á força de chorar a ephemera reclusão d'um homem perigoso não lhe sobram lagrymas para orvalhar a sepultura das milhares de innocentes victimados por cada epidemia?

Isto, pelo que respeita ao direito.

Agora, pelo que toca á conveniencia das medidas quarentenarias.

Os impugnadores das quarentenas applicadas como obstaculo á diffusão das doenças epidemicas dividem-se naturalmente em dois grupos: o dos que acreditam na geração espontanea de cada um dos focos epidemicos; os que pensam haver para cada doença um berço unico donde ella se irradia para constituir focos secundarios.

Os primeiros, perfeitamente coherentes no campo especulativo e no campo pratico, constituem uma minoria cada vez mais reduzida, porque a observação tem dia a dia tornado bem patentes as condicções de genese e as leis da propagação epidemica.

Os segundos, divergindo de si mesmos quando tratam de principios e quando tratam d'applicações, ostentaram toda a importancia do seu numero e toda a coragem da sua incoherencia no ultimo congresso sanitario internacional.

De facto, a conferencia de Vienna, depois de ter assentado:

—que a cholera-morbus epidemica é indigena da India e que d'ali é que tal doença tem marchado para outros paizes:

—que o homem por si e pela sua roupa é agente transmissor da cholera;

—que a atmospheria, só por si, é incapaz de transmittir essa doença;

—que a cholera pôde estar latente (incubada) por alguns dias, e que a simples enterorrhoea premonitória pôde bastar para propagar tal doença;

—que não ha meio *seguro* de destruir o germen cholero-genico;

a conferencia de Vienna, depois de ter sancionado esses principios e depois de ter por essa linguagem dito ao mundo: evita o contacto dos cholicos e o das pessoas que com elles tenham tido relações proximas, entendeu que a melhor das prophylaxias contra similhante doença seria a que retivesse apenas os doentes e deixasse em plena liberdade as pessoas que podiam estar no periodo latente da doença.

Os fundamentos d'esta opinião, contra a qual se insurgiram todos os representantes do sul da Europa, com excepção da Italia, eram: a improficuidade practica das quarentenas maritimas, agravada pela inexecuibilidade das quarentenas terrestres e fluviaes.

A supposta insufficiencia das quarentenas maritimas era apoiada nos casos, infelizmente pouco raros, em que, apesar das quarentenas, a cholera, a febre amarilla ou a peste tẽem invadido os paizes que a tal meio preventivo confiavam a sua defeza. E com effeito, nem sempre as qua-

rentenas têm sido fiel traducção dos preceitos scientificos. Por muitas vezes, os regulamentos quarentenarios dissentiam profundamente das regras da pathologia e por muitas vezes tambem as disposições regulamentares que a boa hygiene estatuiam eram illudidas ou desprezadas por quem fôra encarregado de dar-lhes cumprimento. É assim que, umas vezes porque o isolamento quarentenario durára menos do que o periodo d'incubação da doença, outras vezes porque se não attendera ás condições hygienicas do navio, n'uns casos porque se occultava capciosamente qualquer occorrença sanitaria desagradavel durante a viagem, n'outros casos porque se ignorava o verdadeiro e perigoso estado sanitario dos portos de partida, as epidemias conseguiram invadir certos paizes apesar das prevenções por elles tomadas.

Mas estes factos, apreciados á luz d'uma critica desapaixonada, não conseguem enfraquecer e menos ainda invalidar o principio scientifico das quarentenas, porque dos abusos e das más applicações praticas se não deve concluir, em boa logica, contra as leis.

Se as quarentenas têm sido insufficientes, por demasiado curtas, reforcem-se, dilatando-lhes o periodo de duração. Se as auctoridades incumbidas de reconhecer o estado sanitario durante a viagem, têm sido illudidas, estatuem-se e applicam-se as penalidades tendentes a evitar a repetição de tão escandalosos abusos, e não se tomem como verdadeiras quaesquer informações, pois que em materia quarentenária a duvida deve valer como certa no sentido protector da saude.

Tomar nota apenas dos casos em que o systema quarentenario não tem podido embargar o passado a uma epidemia, esquecendo os mais numerosos e não menos authenticos exemplos em que a prophylaxia quarentenaria tem opposto efficaz barreira á diffusão pandemica de uma doença transmissivel, é pretender julgar pela accusação emudecendo a defeza. Se em therapeutica fosse admissivel similhante modo de argumentar, não haveria em toda a materia medica uma unica droga que podesse conservar os seus direitos a figurar em lista dos agentes curativos, porque não ha um unico medicamento — nem a quina, nem o opio, nem o mercurio — que tenha deixado de ser improficuo, mais d'uma vez, no tratamento d'aquellas doenças mesmo em que são tidos como especificos. Mas assim como o medico, na resolução do problema clinico procura não o medicamento cuja acção nunca tenha falhado contra a doença que se propõe combater, senão aquelle cuja indicação é ao mesmo tempo abonada pela razão e pela observação, assim tambem o hygienista, incumbido de intercepitar a marcha invasora d'uma epidemia, deve procurar não o meio cuja proficuidade nunca tenha sido desmentida, porque tal meio não existe, mas o meio que a theoria e a pratica aconselharem como o mais racional e o mais util.

Esse meio, na hypothese de que tratamos, é a quarentena.

Em rigor a quarentena que um paiz immune impõe ás proveniencias d'um lugar infestado, deveria ser completa, isto é, deveria abranger todas as pessoas e generos *susceptiveis* procedentes d'esse lugar, quaes-



quer que houvessem sido os seus meios de transporte; assim teríamos a quarentena estabelecida em terra, nos rios e nos portos marítimos, não só para os enfermos como ainda para os individuos suspeitos de doença contagiosa-epidémica.

As imperiosas exigencias da actual civilisação não permitem, todavia, o cabal cumprimento dos conselhos que uma prophylaxia por assim dizer abstracta dá ás diferentes nações. A viação accelerada tem os seus privilegios e d'elles se lamenta, em certos casos, a hygiene. Como sustar a onda do perpetuo movimento intra-europeu? Como reter a esmo, sãos e doentes, todos os que transitam em caminho de ferro? Como restabellecer, n'uma palavra, os velhos cordões sanitarios? Se elles por inexequíveis com a perfeição que o caso exigia, eram na maioria dos casos inuteis em épocas de menor actividade, como esperar que hoje, em plena febre de velocidade, fossem realisaveis?

Que n'um ou n'outro caso, em que excepçoes condições topographicas e sociaes tornem facil e toleravel o cordão sanitario, se recorra a essa medida preventiva e, que uma localidade o estabeleça contra qualquer das suas visinhas, pôde dar-se com proveito; mas que um paiz inteiro se previna pelo cordão sanitario ou pela quarentena terrestre contra um paiz limitrophe em toda a linha, sempre extensa e ás vezes enorme, das suas fronteiras, coisa é que ninguém aconselha.

O mais a que a prophylaxia internacional chega, é a pedir, a exigir mesmo, o isolamento dos enfermos; mas a quarentena para pessoas meramente suspeitas seria de todo impracticavel. Por isso os cordões sanitarios, muito em voga n'outras épocas, estão hoje abandonados como medida internacional, sem que se deva desprezar a sua efficaz protecção quando se trate de circumscrever a uma dada localidade ou, melhor ainda, a um domicilio a lethifera influencia do mal que ali tenha feito invasão. O isolamento a que a sociedade condemna os prisioneiros tem-lhes valido, em muitas epidemias, a immundade que debalde procurariam fóra das cadeias. Os recolhimentos, asylos, conventos, n'uma palavra as communidades que vivem vida separada da restante sociedade, e que sabem e pôdem manter o seu isolamento do mundo exterior, são por esse mesmo isolamento protegidas contra o contagio, apesar da predisposição que, para o receber, lhes dá a agglomeração de individuos.

Conforme já foi notado, a inexequibilidade dos cordões sanitarios e das quarentenas por terra, tem servido de appoio aos detractores das quarentenas marítimas applicadas contra a cholera e a peste, doenças que se transportam a bordo d'um navio como no interior d'um wagon. Para a febre amarella, cuja localisação no littoral a torna mais exclusiva nos seus meios de translacção, o argumento não teria valor algum.

Impossibilitado de interromper absolutamente as suas relações com a origem proxima d'uma epidemia, deverá um dado paiz desprezar completamente a sua defeza sanitaria, franqueando á doença os portos marítimos, só porque não poudes vedar-lhe o accesso pela via terrestre?

Mas, porque não podemos premunir-nos de todos os lados contra os



ataques d'um inimigo, deveremos deixar a descoberto toda a superficie vulneravel? Não haverá pontos mais nobres, que cumpra proteger á custa d'outros menos importantes? Não será para os golpes mais certos que deveremos reservar o escudo?

Compreende-se que a Austria despreze as quarentenas maritimas contra a cholera e contra a peste, desde que as probabilidades de invasão d'essas doenças pelo unico porto marítimo — Trieste — e pelas innumeradas estradas que a ligam ao restante continente europeu, estão n'uma proporção assombrosa. Mas a Grecia, a Italia, a peninsula iberica, não fallando já das ilhas, estarão em caso identico? De resto, as condições em que se faz a navegação marítima são muito mais propicias á conservação e reprodução dos germens epidemicos do que as condições das viagens terrestres. A bordo, interceptam-se mais facilmente as atmosferas de cada passageiro, e assim estão as pessoas sãs sob a constante influencia das exalações morbidas das pessoas atacadas pela doença; o renovação do ar é bem menos completo; o isolamento dos enfermos, quasi de todo impossivel. Todos estes elementos, somados, dão ás epidemias navaes um cunho de malignidade, que difficilmente se encontrará n'outros recintos. Por outro lado, é nas viagens maritimas que mais se póde exercer uma séria fiscalisação sanitaria, que illucide as auctoridades sobre o estado de saude dos passageiros desde o ponto de origem até ao termo da derrota. De modo que, para justificar a pratica das quarentenas maritimas, pelo menos em paizes como o nosso, que pela sua topographia e pela sua climatologia são nimamente aptos ás importações epidemicas pelos portos de mar, accodem ao mesmo tempo a maior probabilidade das invasões pela via marítima, e a maior facilidade das fiscalisações sanitarias, exercidas á entrada d'um porto do que feitas nos innumerados pontos da raia secca. Em 1865 o lazareto de Lisboa obsteu a que a cidade recebesse a cholera, que ali chegára de Marselha, em tanto que pela fronteira chegou a doença de Hespanha até Elvas.

Admittida a quarentena marítima, como realisa-a?

Consiste ella essencialmente no absoluto isolamento dos enfermos, até que a morte ou a cura venha tornal-os inoffensivos para a saude alheia, e no isolamento, tambem absoluto, das pessoas suspeitas de abrigarem em si, mas latente, os germens do contagio epidemico.

O primeiro dever da prophylaxia é, pois, marcar, definir, precisar a duração d'esses isolamentos. Quanto ao primeiro poucas duvidas podem apresentar-se. Ou a morte e a inhumação que se lhe segue, veni marcar o limite da vigilancia sanitaria, ou o completo restabelecimento do enfermo põe termo ao sacrificio que da sua liberdade fizera em proveito commum. Ainda assim, não é materia de todo definida qual seja o praso além do qual o cadaver ou o individuo restabelecido devam ser considerados perfeitamente inoffensivos. Abundam os exemplos de transmissão de doenças contagiosas, operada por cadaveres, e sabe-se que ainda no fim de longas e completas convalescenças os variolicos, os escarlatinosos, etc., têm deixado destacar da epiderme elementos contagiosos dotados

da actividade especifica que os caracteriza. É certo porém, que a decomposição e dissolução cadavericas, assim como restituem ao sólo e ao ar, os elementos que d'um e d'outro tirara o organismo, assim também converterão em elementos de todo o ponto inoffensivos a materia contagiosa; mas como este processo de restituição, incumbido á combinada influencia do sólo, da agua e do ar, é lento e de variavel duração, melhor seria que os cadaveres de pessoas victimadas por doença de natureza contagiosa fossem incinerados, como virão a sel-o todos logo que os preconceitos de tradição permittam que o systema actual da inhumação seja substituido pelo processo, mil vezes mais racional, de cremação. D'este modo, operada a combustão do cadaver, n'ella seriam ao mesmo tempo destruidos os germens morbificos que houvessem sobrevivido á sua victima. No que respeita á innocuidade dos convalescentes de cholera, febre amarella ou peste, a prophylaxia, ignorante do verdadeiro começo d'essa innocuidade, tenta apressal-a e completal-a mediante banhos geraes e outros meios hygienicos tendentes a despojar o organismo de quaesquer productos parasitarios.

A sequestração das pessoas meramente suspeitas de contaminadas por doença contagiosa, deve durar tanto quanto dura a incubação da doença que motiva semelhante medida. Varia pois, conforme as doenças e poderá variar até conforme ás condições meteorologicas, sendo que todas as boas induções scientificas levam a suppor que o periodo de incubação deve, sendo todas as outras circumstancias eguaes, estar na razão inversa do grau thermico do meio cosmico. A idade deverá ainda modificar o periodo de incubação, tornando-o mais breve nas creanças do que nos adultos, e ainda mais breve n'estes do que nos velhos, pois que semelhante gradação se nota na evolução de todas as doenças. Por em quanto, todavia, tem-se olhado apenas para a incubação da doença sem attender ás condições organicas e exteriores que possam modificál-a. D'aqui o grande desaccordo que sempre tem havido quanto ao verdadeiro periodo de incubação, havendo quem admitta periodos curtissimos em contraposição aos longos periodos apresentados por outros epidemiologistas. Por uma deploravel confusão, a que nem mesmo espiritos elevadissimos tem sabido subtrair-se, acreditou-se que a incubação nas pessoas podia ser avaliada e medida pela imprópriamente chamada incubação das localidades. Quiz-se assim tomar como equivalentes, o tempo que uma doença epidemica gasta a propagar-se n'uma habitação e o tempo que esta doença demanda para se tornar evidente no individuo desde o momento em que elle deu abrigo ao vehiculo do contagio. Nada menos admissivel.

Conforme ao que por mais d'uma vez temos dito, o elemento contagioso, o protorganismo morbifico póde jazer vivo por largo espaço no meio d'uma substancia inerte, e por isso incapaz de accusar o germen que ali não encontra meio de dar-se a conhecer. Póde assim demorar-se por semanas, por mezes até, n'uma habitação sem accometter qualquer dos habitantes. Funesto erro seria lançar á custa da incubação todo esse tempo em que o *quid* contagioso esteve inerte nas suas qualidades morbigenas.



A incubação, a verdadeira incubação, a que serve de medida ao periodo quarentenario, avalia-se pela distancia chronometrica entre o momento da entrada do germen no organismo e o momento em que este dá o primeiro signal de reacção contra o terrivel hospede.

Assim considerada, e analysando-a pelo maior e melhor numero de casos, a incubação maxima da cholera está fixada em 7 dias, a da febre amarella em 8 e a da peste em 12. Não quer isto dizer que deva repudiar-se como falso um ou outro caso d'incubação mais demorada. Aquelles algarismos, representam apenas a incubação maxima *provavel* de cada doença, e servem, como taes, a fixar, no calculo das probabilidades, a duração da quarentena, que, como se vê, está hoje, graças aos trabalhos modernos, hem distante do horror que a etymologia da palavra faz lembrar, horror ainda assim excedido pelos abusos que do systema quarentenario se fez em outras eras, quando o isolamento, já de si dilatado, era ao mais futil pretexto aggravado por modo, que as quarentenas chegavam a durar não só os quarenta dias, mas seis e mais mezes. D'aqui procede, certamente, uma boa parte do terror que similhante instituição inspira ás pessoas que só de leve conhecem o assumpto.

Definido, quanto á sua duração, o isolamento quarentenario, cumpre estudal-o quanto ao lugar onde deva realisar-se. Conhecidos sob o nome generico de *lazaretos*, os lugares destinados ao isolamento dos quarentenarios, devem reunir um certo numero de condicções que os differenciam de quaesquer outros estabelecimentos destinados á vida em commum. Participando da natureza dos hospitaes e das cadeias, o lazareto não pôde todavia confundir-se com qualquer d'esses institutos.

O absoluto isolamento é a primeira das condicções exigidas a um lazareto. Isolamento d'elle em referencia ás povoações circumvisinhas, e isolamento reciproco dos quarentenarios evidentemente atacados ou méramente suspeitos. Por isso se prefere, sempre que é possivel, construir os lazaretos em ilheos, e se separam completamente as secções destinadas aos enfermos e ás pessoas suspeitas. Em alguns lazaretos succede que o apparente isolamento é perfeitamente illusorio. Sempre que o sólo que serve de base á construcção fôr permeavel, poderá dar-se a sua infiltração pelas dejeccções que servem de vehiculo ao principio contagioso, e assim ficará o proprio lazareto convertido em fóco de irradiação morbida não só para os habitantes como para os simples visitantes, que ao depois transportarão consigo os elementos d'uma diffusão epidemica. Se, por outro lado, houver communicação entre os canos de esgoto das differentes secções do lazareto, acontecerá que individuos retidos em quarentena por méramente suspeitos, serão n'ella e por ella infectados de doença que não tinham e que proviêra dos enfermos só na apparencia sequestrados.

Tambem o continuado arejamento e a abundancia d'agua são elementos essenciaes d'um verdadeiro lazareto. O ar e a agua são ainda os primeiros desinfectantes; mal iria á hygiene que por elles trocasse as falliveis propriedades anti-scepticas dos agentes chimicos.

Como dependencias do lazareto figuram os lugares destinados á be-



beneficiação dos generos ditos susceptiveis, isto é, das bagagens ou mercadorias capazes de serem vehiculo dos principios morbigenos. A taes beneficiações se applica tambem, mas injustificadamente, o nome de *quarentenas*. D'este abuso de similhante palavra nasce para o commercio um dos grandes embaraços que o systema prophylactico lhe impõe. Considerada como quarentena, a beneficiação parece exigir um praso certo, determinado, legislado, como existe para a quarentena das pessoas suspeitas. Ora similhante praso, que tem razão de ser quando se espera que dentro d'elle prosiga a evolução da doença n'um organismo sensivel, n'um corpo animado, no homem, é uma calamidade ou para a saude publica ou para o commercio, quando applicado a substancias inertes, pois que estas tanto pôdem guardar os germens morbigenos intactos durante mezes, se acaso a arte não interveiu para os eliminar, como pôdem ser privados d'elles em algumas horas, desde que uma opportuna e efficaz intervenção conseguir annullar as deleterias propriedades de similhantes germens. E por que a febre amarella pôde addiar por sete dias o inicio da sua explosão no individuo infectado, seguir-se-ha que um fardo d'algodão careça exactamente de sete dias para se deixar expurgar dos principios deleterios a que sirva de involucro? E seguir-se-ha, ainda, que passados sete dias — e só porque elles passaram — os protorganismos contagiosos alojados nos interstícios fibrillares do algodão *deliberem* tornar-se inoffensivos para a saude?

É certo que a acção purificadora do ar e dos outros agentes desinfectantes, para ser completa, não pôde realisar-se por processos instantaneos; mas porque a duração d'esses processos está subordinada á qualidade e quantidade quer do agente de beneficiação, quer da materia a beneficiar, é que se torna inaceitavel a pratica que faz depender o praso da beneficiação das mercadorias, do praso d'incubação da doença. Quando uma tal pratica desaparecer de todo, quando se racionalisar um pouco mais o systema de desinfecção dos generos suspeitos, deixarão os regulamentos sanitarios de prefixar numero de dias para o isolamento d'esses generos e limitar-se-hão a indicar precisamente os meios a que deva recorrer-se para cada especie de mercadoria, conforme a natureza da enfermidade a cuja importação se quizer obviar por similhante maneira.

As exigencias mercantis e a deficiencia de certos portos maritimos têm contribuido para que a quarentena seja, em algumas hypotheses, feita a bordo do proprio navio que a motivára.

Em casos taes, serve pois a embarcação de lazareto. Tanto basta para conhecer quão restrictas devam ser aquellas hypotheses, pois que se o navio era suspeito fóco de infecção, mal poderá elle, em regra, offerecer á hygiene garantias bastantes de que, findo o praso quarentenario, estejam completamente inoffensivos para a saude publica os tripulantes e passageiros.

O systema de descontar na duração da quarentena o numero de dias de viagem, deve ser repudiado sempre que durante ella tenha havido a bordo a mais leve suspeita de doença epidemica, seja qual fôr a gravidade

do caso, seja qual fôr a época do accidente. Se o regulamento francez não tivesse esquecido este intuitivo principio, teria Saint-Nazaire escapado á visita da febre amarella. Com effeito, uma vez desenvolvida a doença a bordo, todas as probabilidades levam a suppor que os elementos do contagio tenham ficado impregnando o navio e possam continuamente exercer a sua nefasta influencia sobre as pessoas n'elle incluídas.

Ainda mesmo em viagens prosperas sob o ponto de vista sanitario, seria arriscado contar como de quarentena os dias em residencia a bordo, se acaso os passageiros e tripulantes tivessem estado em comunicação com a carga do navio, porque esta, ou por si, ou pela difficuldade que oppõe ao renovamento da atmosphera dos porões, poderia d'um momento para o outro — momento inapreciavel e por isso mesmo perigoso — infectar as pessoas e illudir d'esta sorte a quarentena que se suppunha realisada pela viagem.

Quando, porém, o navio venha em lastro e sujeito por isso a continuo e efficaz arcjamento, ou quando a carga venha convenientemente isolada e portanto incapaz de contaminar os habitantes de bordo, a residencia no navio equivale a um perfeito isolamento quarentenario, visto que, arredadas as pessoas do foco epidemico e impossibilitadas de receber depois da partida nova influencia de morbo contagioso, só poderá haver explosão de doença que recebida no porto de origem, se tenha conservado incubada. Ora, como a quarentena em viagem nunca será mais curta do que seria no lazareto, a falta de accidentes durante o transito indica claramente a sanidade das pessoas que n'outras condições continuariam a ser suspeitas.

Pelo que respeita a quarentenas feitas a bordo de navios em que se tenha desenvolvido doença, a prophylaxia estatue que ellas sejam apenas admittidas para os tripulantes indispensaveis á manobra e, que comecem a contar-se desde que a embarcação houver sido totalmente expurgada dos germens morbigenos que a tornaram insalubre. Restituído ás suas boas condições hygienicas, o navio é de facto um perfeito lazareto cujo isolamento é ainda mais completo do que o isolamento da maioria dos lazaretos especiaes.

Eis o que os actuaes conhecimentos em materia de prophylaxia internacional aconselham como meio de estabelecer o justo equilibrio entre as regalias da saude publica e os interesses do commercio. Não é mister grande perspicacia para ver que a questão dista ainda muito do seu termo. Evitar a constante suspeita em que um paiz está ácerca da salubridade dos outros, salvar a saude dos povos sem tolher a livre circulação das pessoas e das coisas, são ainda constantes preocupações da hygiene internacional. Certamente que o meio radical estaria em extinguir o mal nas suas origens. A empresa assombra todavia os espiritos mais ousados.

Tornar salubres as margens do Ganges, do Nilo e do Mississipi, cortando pelos usos, crenças e preconceitos que cooperam na insalubridade, desviando o curso das aguas, levando a cabo construcções fabulosamente dispendiosas, é empreza demasiado colossal para que possamos

pensar na sua immediata realisação. Alguma cousa se tem feito n'esse sentido, e das evidentes vantagens que d'ahi tem advindo á saude publica, nasce justificada esperanza de que n'um futuro embora distante, as prevenções prophylacticas venham a cessar á falta de inimigo que as auctorise.

D'aqui até lá não devemos, porém, crusar os braços, dando por cumprida a missão investigadora da prophylaxia. Os problemas que mais lhe interessa por agora estudar são estabelecer a diagnose da doença incubada, e tornar opportunamente conhecida de todos os interessados, a marcha das doenças epidemicas. D'esses problemas, o primeiro, cujo alcance é obvio, pois que visa a abolir as quarentenas para as pessoas imerecidamente suspeitas de alojarem em si elementos especificos de doença epidemica, terá de ser resolvido pela iniciativa individual, pois que só a ella deve a sciencia as suas maravilhosas descobertas. Mas o segundo, o de fazer conhecidos todos os passos das epidemias, por modo que os diferentes paizes nem se abandonem ás doces illusões d'uma sanidade mentirosa, nem se antecipeem em desnecessarias prevenções contra um perigo ausente, esse não poderá ter cabal solução sem que para ella concorram combinadamente todas as nações civilisadas.

Se algum rastro luminoso deve deixar de si a conferencia sanitaria internacional de Vienna, será a da instituição, por ella proposta, d'uma comissão permanente e internacional, destinada a vigiar incessantemente os movimentos epidemicos e a tornar conhecidos esses movimentos por modo que, dia a dia, possam ser postas em pratica as medidas preventivas que cada paiz julgar mais adequadas á manutenção da sua immunnidade sanitaria.

Em quanto, porém, as diferentes nações ignorarem, basta que seja por dias, as vicissitudes sanitarias d'aquellas d'onde pôdem receber uma epidemia, em quanto um paiz tiver de mendigar d'outros as informações que importam á sua preservação, como actualmemente succede, a prophylaxia internacional verá annullados em parte os seus esforços, porque muitas vezes quando ella se proposer a cortar o passo a uma epidemia, já a devastação estará iniciada á sombra do instinctivo silencio com que a sociedade, do mesmo modo que o individuo, pretende occultar os desastres que, embora reaes, não se tornaram ainda manifestos.

J. T. DE SOUSA MARTINS



---

# OS ELEMENTOS TRADICIONAES DA LITTERATURA

---

## OS CONTOS

---

### I

Awarische Texte, heraus e gegeben von A. Schiefner. Mémoires l'Académie Impériale des Sciences de St. Pétersbourg, vii série Tome xix, n.º 6. 1873, 4.º — Russian Folk-Tales, by W. R. S. Ralston, London, 1873, 8.º — Serbian Folk-Lore, Popular Tales, selected and translated by Madam Csedomille Mijatovics, London, 1874. 8.º — Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliane raccolti ed illustrati da Giuseppe Pitré (Biblioteca delle Tradizioni popolari siciliane), Palermo, 1873, 4 vols. 8.º — Novelline popolari italiane pubblicate ed illustrati da Domenico Comparetti, vol. 1 (Canti e racconti del popolo italiano, vol. vi) Roma, Torino, Firenze, 1873, 8.º

Um dia uma mulher do povo, natural de Ourilhe, pequena freguezia de Celorico de Basto, pessoa muito instruida no que os inglezes chamam com justa razão *folk-lore*, sciencia popular, e para que nós só temos nomes de desprezo, como *historias da carochina*, *lenda-lenda*, *patranhas*, *crendices*, mas que forma a base moral, intellectual e esthetica de dois terços dos individuos que constituem a humanidade, essa mulher, cuja instrução se reduzia á que dá essa sciencia, contou-me o seguinte conto aqui reproduzido nas proprias palavras da narradora:

«Era uma vez um pae que tinha um filho que era muito valente e quiz ir ver terras, pedindo para isso ao pae que lhe desse uma bengala de cem quintaes de ferro. O pae mandou-lh'a fazer e deu-lh'a com o que lhe pertencia dos seus bens. Elle foi seguindo o seu caminho e chegando a um sitio topou com um homem a lavrar e disse-lhe:

«— Ó meu rico lavrador, não dizeis d'onde eu hei de ir d'aqui para tal banda?

«— Ó rapaz, tira lá a chavelha.

— E pegou no arado n'uma mão e com elle apontou-lhe, dizendo:

«— Olhe; para acolá é essa terra.»

«Disse o da bengala:

«— Quer você vir commigo? Eu vou viajar, se quer vir comigo eu faço-lhe as despesas.»

«O homem mandou chamar um filho a casa para lhe lavar as pernas e foi com o viandante.

«Caminharam e chegaram a um outro sitio e encontraram um homem agarrado a um penedo, fazendo gestos de quem q queria levantar. O da bengala disse-lhe:

«— Que estás tu ahi a fazer?»

«— Estou aqui a ver se pego n'este penedo, porque está ahi abaixo o caminho muito ruim para guial-o.»

«O penedo tinha mais de cem carros de pedra.

«Disse-lhe o da bengala:

«— Queres tu vir commigo? Eu vou viajar; faço-te as despesas.»

«E o homem do penedo foi com elles.

«Caminharam e chegaram a um outro sitio; encontraram um homem a cercar um pinheiral com uma corda.

«— Tu que andas a fazer?»

«— Ando a ver se levo um molho de lenha para fazer pão e cozinhar.

«— Queres tu vir commigo? Eu vou viajar; faço-te as despesas.»

«Caminharam e chegaram a uma terra e pediram agasalho; disseram-lhes que só se fosse n'uma casa rica, mas que havia lá uma velha muito má. O da bengala mandou lá Abaixa-montes (era assim que se chamava o homem do penedo):

«— Vae, pede a essa mulher se lá nos deixa ficar.»

«O Abaixa-montes foi, mas não voltou. Mandou lá o Arrinca-pinheiros. Foi tambem e não voltou. Mandou lá o lavrador e este veio todo esganhado da velha e disse:

«— Os outros dois lá estão mortos e a velha queria-me esganar.

«— Pois bem; vou eu lá.»

«Foi lá e disse á velha:

«— Ponha-me já esses dois homens a pé, senão acabo comsigo, sua bebeda.»

«— Ó senhor, não me faça mal que eu ponho-lh'os já a pé.»

«Ella deu-lhes uma volta com a saia e pol-os a pé. Tinha um portão de ferro a casa e o da bengala disse-lhe:

«— Dê cá a chave d'aquelle portão.»

«Respondou ella:

«— Não, a chave d'esse portão não a dou que estão ahi tres filhas do rei encantadas e eu não deixo lá ir ninguem.»

«Elle atirou com a bengala á porta e quebrou-a. E disse.»

«— Ó sua velha, venha já connosco dizer onde ellas estão.»

«A velha a tremer foi dizer onde estavam as filhas do rei, que era um poço muito fundo.

«Elle mandou que trouxesse um cesto e uma corda e mandou lá o Abaixa-montes. Este chegou ao meio do poço, sentiu um frio muito grande

tocou uma campainha, a que ia dar uma corda por precaução; puxaram-no para cima e elle disse:

«— Ha lá um frio muito grande; não posso ir mais abaixo.»

«Mandou lá o Arrinca-pinheiros. Repetiu-se o mesmo. Mandou lá o lavrador; este foi e veio dizer que estava lá uma figura muito feia com as princezas e que havia lá muita riqueza, mas que não podia com frio descer até onde ellas estavam.

«Depois foi o da bengala dos cem quintaes. Chegou até ao fundo do poço e a figura feia, que era o diabo, zangou-se com elle, e elle deu-lhe com a bengala e quebrou-lhe uma orelha e mettu-a no bolso. Cada uma das princezas deu-lhe um annel e elle tomou uma, mettu-a no cesto, tocou a campainha e os companheiros pucharam o cesto; assim foi passando as princezas para fóra. Depois d'isso pegou n'uma pedra e botou-a no cesto; quando a pedra chegou ao meio do caminho, os companheiros que viram as bellas princezas e as desejaram logo para si, julgando que era o da bengala que ia lá, deixaram cair o cesto e a corda.

«Depois d'isto o diabo dirigiu-se ao da bengala:

«— Quero a minha orelha.»

«E elle disse-lhe:

«— Põe-me lá fóra do suspiro.»

«— Dá-me cá a minha orelha.»

«Estiveram n'isto algum tempo, até que o diabo tendo promettido pôl-o fóra do suspiro elle lhe deu a orelha.

«Tendo-o o diabo posto fóra do suspiro, perguntou á velha:

«— Que é dos meus companheiros?»

«— Sairam logo e foram para casa do rei com as filhas.

«— Onde mora elle?

«— Mora em tal parte.

«O da bengala marchou para onde a velha lhe indicou, aonde chegou e viu os companheiros a pedirem as filhas ao rei, dizendo que as tinham desencantado. Elle entrou pela porta do palacio dentro com a bengala debaixo do braço e disse:

«— Real senhor! Esses homens que ahi estão, estão-o a enganar; quem desencantou as filhas de sua real magestade fui eu e para mais prova d'isso aqui estão tres anneis que as meninas me deram.

«Os companheiros d'elle calaram-se e o rei mandou-os embora, dizendo-lhe que lhes perdoava. Deu a filha mais velha ao da bengala e o reino e foram muito felizes.»

É isto o que se chama uma *historia da carochinha*, e por certo haverá quem não tenha para as linhas que aqui occupo com ellas nada mais que um sorriso d'ironico desprezo. Que póde valer uma historia de velha d'aldeia, só propria para excitar o pasmo ou conciliar o somno dos pobres rusticos, reunidos á noite em torno da lareira? Não será dar uma prova de pouca seriedade consagrar a sua attenção a semelhantes bagatellas? Assim parece á primeira vista e do mesmo modo que seria ridiculo ver um adulto de boa organização andar de gatinhas como a creança,



parece que o será ver homens cujo espírito é atraído pelas graves questões economicas, sociaes, politicas, etc., dos nossos dias gastaram o seu tempo a colher historias do gosto das creanças e gente inculta.

Mas reflietamos um pouco e sem ir buscar inoportunamente argumentos que ora estão para nós muito longe.

O conto do *homem da bengala de cem quintaes* (era assim que Anna Alves a narradora de Ourilhe lhe chamava) sob um ponto de vista meramente litterario não parece merecer desprezo; a forma é rude e des-elegante sem duvida, mas tem uma certa espontaneidade que agrada e o fundo é uma pequena epopêa, com uma acção completa e aonde mesmo não faltam os episodios; os academicos não terão que o accusar de falta de unidade e um Ariosto fazia d'elle um quadro não inferior ao do *Orlando* e um Tiek convertel-o-ia n'um *pendant* digno de figurar ao lado do *gestifelte Kater*, o *Gato com botas*, cujo heroe é parente do nosso conto. Depois quem nos diz que semelhantes contos que hoje andam modestos e encolhidos pelas aldeias não gozassem de melhor posição social n'outros tempos? A historia d'elles começará e acabará com a da primeira pessoa a quem a ouvimos? Anna Alves não inventou o conto do *Homem da bengala de ferro*; affiançou-me que n'ó contava tal qual lh'o contaram ha longos annos e eu tive uma primeira prova da verdade do que ella me dizia quando uma rapariga da Foz do Douro, que não sabia da existencia da narradora d'Ourilhe, nem mesmo da existencia de tal lugar, me contou com uma forma mais rude e complicada o mesmo conto, que passo a transcrever fielmente.

«Era uma vez um homem e uma mulher e não tinham filho nem filha; a mulher já era velha e disse assim para o homem:

«— Homem, nós não temos um filho para herdar o que nós temos.»

«E depois o homem disse assim:

«— Tu, mulher, que queres; é vontade de Deus, que se lhe ha de fazer.»

«Deus deu-lhe um filho, mas elle crescia da noite para o dia e na primeira noite que nasceu comeu dois pães molletes de pataco; a pontos que a mulher não tinha leite para criar o menino; compra (com sua licença) uma jumentinha para elle mammar. Chamavam-lhe o *Mamma-na-burra*.

«Ella já não tinha mais que lhe dar que comer; o menino já tinha sete annos e disse ao pae que queria uma espada que tivesse vinte quintaes de ferro; o pae foi encommendar-a ao ferreiro; a espada no fim de dois mezes estava feita e o ferreiro disse que a fosse buscar e que levasse dois carros e duas juntas de bois e depois então (sic) o pae mandou o filho buscar a espada; elle chegou ao ferreiro pediu a espada e diz o ferreiro assim:

«— Que é dos bois e do carro?»

«— Não é preciso os carros, que eu pego n'ella.»

«O ferreiro apostou como elle não pegava na espada; se elle pegasse na espada o ferreiro devia dar a elle seis contos de réis e se elle não pegasse dar-lhe-hia o *Mamma-na-burra* outro tanto.

«Elle foi pedir o dinheiro a um tio rico, que tinha, para depositar ao ferreiro; pegou na espada e andou com ella e o ferreiro perdeu assim a aposta.

«Elle foi levar ao tio o dinheiro que lhe tinha pedido emprestado; o tio disse que o dêsse a sua mãe para os fins da vida d'ella. Elle chegou a casa do pae e deu-lhe quatro contos e ficou com dois e foi viajar terras e levava a espada.

«Chegou a dois caminhos e viu um lavrador a lavrar e perguntou-lhe que caminho havia de seguir e elle pegou no carro e nos bois e arado e tudo n'uma mão e foi ensinar-lhe o caminho.

«E diz o moço assim para o lavrador:

«— Vocemecê é tão valente! pega em tudo n'uma mão e vem-me ensinar o caminho.»

«— Sou valente, mas consta-me que ha um chamado Mamma-na-burra que é ainda mais valente que eu.»

«Mas o moço nunca lhe disse que era o Mamma-na-burra.

«Elle foi indo, indo e chegou a um pinheiral e viu um homem a deitar pinheiros abaixo; o homem já tinha oito pinheiros no chão e andava a botar mais quatro para fazer o feixe e diz-lhe elle:

«— Você é tão valente que é preciso doze pinheiros para fazer o feixe para botar ás costas.»

«— Sou, mas consta-me que ha um chamado Mamma-na-burra que ainda é mais forte que eu.»

«E elle disse-lhe se elle queria ir com elle que lhe dava oito vintens por dia.

«Foram indo ambos e encontraram um homem a arrasar montanhas; cada vez que botava a enchada a terra arrincava tres carros. O Mamma-na-burra disse-lhe assim:

«— Vós sois tão valente que botaes tres carros de terra abaixo.»

«— Sou, mas consta-me que ha um chamado Mamma-na-burra que ainda é mais forte que eu.»

«Depois elle disse-lhe o mesmo e foram andando todos tres e depois foram indo e encontraram umas casas no meio do caminho e perguntaram a uma mulher se ali havia alguém que desse dormidas. A mulher respondeu-lhe que estava ali uma casa, mas que quem lá entrava não tornava a sair. O Mamma-na-burra foi e bateu á porta e depois fallou-lhe uma mulher e disse-lhe — só se elles quizessem ir para a cozinha e elle foi.

«A primeira noite ficou lá o Tomba-pinheiros e quando era meia noite veio o diabo pela chaminé abaixo e veio lidar com o homem a ver se o podia matar para o levar para o inferno. E depois Tomba-pinheiros ponde mais que o demonjo e este foi-se embora. Ao outro dia Tomba-pinheiros estava muito triste, mas não disse aos outros o que lhe tinha acontecido.

«A segunda noite ficou lá o Arrasa-montanhas e o diabo tornou a vir e o Arrasa-montanhas ponde mais que elle e o diabo pegou, foi-se embora.

«A terceira noite ficou o Mamma-na-burra; veio o diabo pela chaminé abaixo e o Mamma-na-burra quando o viu disse:

«— És tu?»

«E pegou na espada e traçou-o ao meio e o diabo metteu-se por uma rama abaixo e o Mamma-na-burra chegou pela manhã e disse para os outros:

«— Havemos d'arrimar aquella rama.»

«Arrumaram a rama e viram um poço fundo rendondo; arranjaram umas cordas e um cesto e uma campainha; primeiro foi o Tomba-pinheiros mettido no cesto e os outros a segurar na corda: chegou ao meio do poço e viu muitos bichos e não poudé passar para baixo e tocou a campainha para os outros o içarem para cima.

«Chegou acima e foi o Arrasa-montanhas e chegou ao meio do poço e viu muitos bichos e não poudé também passar. Por fim disse o outro:

«— Agora é que cá vae o Mamma-na-burra», dando-se só antião a conhecer aos companheiros.

«Chegou ao meio do poço e com a espada conseguiu passar para baixo; chegou lá abaixo e viu uma sala muito bonita e viu lá tres meninas encantadas e eram todas tres irmãs filhas d'um rei e ellas perguntaram-lhe:

«— Menino, quem vos trouxe aqui?»

«E elle disse:

«— Fui eu que quiz vir.»

«Disse uma:

«— Vac-te embora, senão vem o meu encanto e mata-te.»

«Perguntou elle:

«— O que é o teu encanto?»

«— É uma serpente.»

«— Não tem duvida.»

«Veiu o encanto e disse á princeza:

«— Tens cá carne humana.»

«— Não tenho.»

«O encanto entrou e o menino deu-lhe com a espada e matou a serpente. Elle desencantou a menina que lhe deu um lenço marcado em todas as pontas com o nome d'ella. Elle metteu-a dentro do cesto, tocou a campainha e os companheiros içaram-na. Elle foi á segunda que também o mandou embora. Perguntou-lhe o que era o encanto d'ella e ella disse-lhe que era uma bicha. Veiu o encanto que perguntou se tinha carne humana e o Mamma-na-burra matou-o. Ella deu-lhe uma maçã doirada e elle fê-la também içar.

«Depois foi á derradeira (princeza) e perguntou-lhe o que era o encanto d'ella e ella disse-lhe que era o diabo maior. Quando o menino viu o demonio, disse:

«— Oh! a ti mesmo é que eu cá queria.» Pegou na espada e cortou-lhe uma orelha fóra (ao diabo) e metteu-a no bolso e a menina passou-lhe a mão por cima do cabello e dourou-lhe o cabello e elle tocou a campainha para a guindarem.



«Elle ficou sósinho dentro da casa e metteu uma pedra dentro do cesto e tocou para içarem e elles quando viram que estava o cesto no meio do poço deixaram-no cair pensando que era o Mamma-na-burra. Elles fugiram com as tres princezas e elle trincou a orelha do demonio dentro do poço e o demonio appareceu-lhe e disse-lhe:

«— Tu que queres?»

«— Quero que me hotes lá em cima.»

«— Dá-me a orelha.»

«— Dou; põe-me lá em cima que eu dou-t'a.»

«O demonio pegou n'elle e pol-o lá em cima do poço e o Mamma-na-burra não lhe deu a orelha. Avistou os outros dois muito longe a fugir com as princezas para o palacio. Pegou elle e seguiu atraz d'elles; não podia ir pelo caminho que todos lhe cobicavam o cabello; foi a um matadoiro onde se matavam bois; pediu uma bexiga de boi para metter na cabeça e foi indo, indo até a casa d'um lavrador defronte do palacio do rei pediu que fazer e o lavrador deu-lhe que fazer.

«O lavrador não tinha mais que lhe dar a fazer, nem mais que lhe dar a comer. N'um domingo tinha de haver uma corrida de cavallos á porta do palacio do rei por causa dos banhos d'uma filha do rei; o demonio foi-lh'o dizer e elle disse-lhe que lhe aprontasse o melhor cavallo que houvesse e foi para a corrida sem ser convidado. Era o melhor cavalleiro que lá andava; perguntavam-lhe donde elle era e elle dizia que era um viajante que ia correr terras.

«Convidaram-no de lhe fazer um circo de espadas e peças; se elle não obedecesse e não dissesse donde era que o matariam; o demonio soube-o e foi avisal-o e disse-lhe que elle que se livrasse das espadas que elle diabo o livrava do fogo.

«O Mamma-na-burra não obedeceu a nada; o cavallo, que era o proprio diabo, pinchava por cima das espadas; e quando iam a atirar o fogo este não pegou, porque o diabo tinha-lhe ido mijar. Assim o Mamma-na-burra escapou. Pescaram para onde elle entrou; foi o rei convidal-o para jantar; o demonio disse-lhe que fosse e elle foi.

«Quando entrou pelo palacio dentro as princezas viram-no da janella; ellas diziam sempre ao pae que não tinham sido aquelles homens que as tinham desencantado e depois começaram a dizer ao pae que aquelle homem é que as tinha desencantado; disseram que lhe tinham dado prendas. O rei perguntou-lhe por ellas e elle mostrou-as todas tres e perguntou ás princezas se eram aquellas e ellas disseram que sim. O rei disse que escolhesse d'ellas a que quizesse e elle não escolheu; trincou a orelha ao demonio e o demonio appareceu-lhe e disse-lhe:

«— Que queres?

«E pediu-lhe a orelha.

«— Dou-te a orelha, mas has de dizer-me qual d'ellas é que tem melhor genio.

«E elle respondeu-lhe:

«— Leva-as todas tres para dentro e cá de fóra pede-lhe o dedo

mendinho da mão direita pelo buraco da fechadura.» A que tivesse uma cova na cabeça do dedo era a que tinha melhor genio.

«Elle assim fez; a primeira que veio era a que tinha a covinha e tinha sido a que lhe dourara o cabelo.

«O rei perguntou-lhe o que queria que se fizesse aos outros dois.

«— A um mandae-o deitar d'um poço abaixo; e ao outro andar em volta do jardim agarrado ao rabo (com licença) do cavallo e um homem a chicotal-o até elle morrer. Acabou.»

Eis duas versões diversas e independentes d'um mesmo conto, sem nenhuma differença essencial, colligidas a distancia uma da outra e ás quaes é talvez possível juntar outras versões das diversas provincias de Portugal, como nos tem succedido para outros contos. Esse conto não deriva de nenhum dos livros populares gostados do nosso povo, dos livros da familia do *Marquez de Mantua*, da *Formosa Magalona*, do *Roberto do Diabo*, etc. Por menos consideração que elle mereça, é certo que se apresenta como um producto d'imaginação bem architectado e recheado de incidentes que estão d'accordo com o maravilhoso popular; se esse conto tem um auctor, no sentido que se liga no uso ordinario a essa palavra, não podemos deixar pelo menos de admirar a sua imaginação e o conhecimento que tinha do maravilhoso popular. Parece que deveríamos investigar para honra da litteratura patria quem foi esse espirito que n'aquelle dote e n'aquella prenda excede tanto o auctor d'uma *D. Branca*, se elle foi portuguez, ou reivindicar para outra nação o direito de prioridade se não foi portuguez.

## II

Na costa occidental do mar Caspio, n'uma parte consideravel do Daghestan, habitam os avaros, um d'esses povos caucasicos, cujos costumes, linguas e tradições são ainda mal conhecidos dos sabios. A lingua e com ella as tradições dos avaros só começaram a ser seriamente estudadas depois das investigações d'um russo, o barão Uslar, seguido n'esse estudo por um sabio muito versado nas linguas da Asia Central, Anton Schiefner, da Academia das Sciencias de S. Petersburgo. Entre as diversas publicações d'este sabio consagradas á lingua avarica occupa um lugar interessante aquella cujo titulo se acha transcripto á frente d'este nosso artigo. É uma collecção de textos avaricos, constando de 13 contos e fabelas e cinco cantos populares, colligidos no paiz e em parte já lá publicados. Possuia-se a traducção russa de quasi todas essas peças mas a publicação de Schiefner reúne os textos originaes ineditos ou publicados, junta-lhe uma traducção que permite aos que estudam litteratura comparada fazer entrar no circulo das suas esse specimen da litteratura tradicional dos povos caucasicos. Quem dedica a semelhantes estudos não



pude dispensar o consentimento da lingua allemã — aliás arriscar-se a não fazer nada proficuo, mas não será censurado por ignorar o russo, apesar da importancia crescente que esta lingua vae tendo, e muito menos uma lingua como o avarico<sup>1</sup>.

Os *Awarische Texte* são precedidos de estudos comparativos por um sabio allemão muito versado no conhecimento dos contos populares, sem duvida, hoje o mais versado n'essa especialidade, Reinhold Köhler, bibliothecario da Bibliotheca de Weimar. Vejamos o n.º II da collecção, que se intitula *Orelhas-d'urso* (allemão *Bärenohr*, avarico *C'il'in*):

«Era uma vez um rei; o rei tinha uma filha, belleza sem par. Cada dia do Senhor passeava esta filha com suas aias e donzellas que com ella se achavam no jardim do pae. Depois de terem gostado os fructos que mais lhe agradavam, de terem brincado e gracejado até mais não poderem, voltavam á tarde para casa.

«Um dia quando estavam na alegria dos seus jogos, saltou, sem que se soubesse d'onde, para o meio das donzellas um urso; atirou-se ao peçoço da filha do rei e fugiu; e as donzellas correram como os filhos do francolin, pipiando cada uma para seu lado.

«Depois de a ter raptado, entrou o urso com a filha do rei na cova d'um rochedo em que mais ninguem podia entrar e ficou lá. Ella, tornada grávida d'esse urso, deu á luz um filho, que tinha forma humana, mas orelhas de urso. Quando tinha passado um dia, parecia elle que já tinha um mez, e quando passou um mez, parecia elle ter já um anno; d'este modo crescendo muito, tornou-se um homem agigantado, dotado com força sem limites.

«Um dia, que o urso tinha saído, disse elle á mãe:— Como nos achamos n'esta cova? d'onde vieste tu mesma para aqui? Como nasci eu?» Então contou-lhe a mãe todo o succedido. Depois de terem esta conversa veio o urso subindo com barulho para a cova. Orelhas-d'urso arrancou um canto do rochedo, e lançou-o sobre elle; o penedo apanhou-o pela cabeça, precipitou-o n'uma gruta e como a barriga do urso se rasgasse, elle morreu. Então fallou Orelhas-d'urso para a mãe:— «Agora vae para o teu pae; eu não vou; eu, que nasci do urso, de que lhe servirei? Necessariamente hei de achar arrumação n'outra parte.» A filha foi para casa do pae, e Orelhas-d'urso, abrindo caminho e dirigindo-se para um lado, foi tambem.

«Elle andou, andou, andou muito, andou pouco, andou de noite, andou de dia, chegou a uma grande cidade:— «Quem me quer para o seu serviço? quem me quer para o seu serviço?» assim gritando correu Orelhas-d'urso a cidade toda. Ouviu o rei d'essa cidade dizer que um homem assim e assim com orelhas d'urso tinha vindo á cidade. «Tragam-no;

<sup>1</sup> Não confundir os avaros caucasicos com os avaros mongolicos. O dominio da lingua avarica *hunderil matsch*, (the chamam os indigenas) é limitado ao poente pelo rio Aksai, ao norte pelos montes que se estendem do Aksai, ao nascente pelo rio Koisu e ao sul pelo Samur superior e o monte Schadagh. O avarico comprehende varios dialectos.



não servirá para alguma cousa o homem com orelhas d'urso?» disse o rei. Procuraram Orelhas-d'urso. «Que homem és tu? qual é o teu officio? qual é a tua occupação?» perguntou-lhe o rei. «Eu sou Orelhas-d'urso» disse elle, ao meu officio, o meu trabalho, a minha força, a minha maneira não ficará desconhecida do homem que me tomar ao seu serviço.» — «Entra ao meu serviço; eu sustentar-te-hei» disse o rei. «Isso basta, fico ao teu serviço,» disse Orelhas-d'urso; «não acho melhor logar que este e tu não achas nem alcanças melhor servo que eu.» Ficou então Orelhas-d'urso ao serviço do rei.

«Algum tempo depois preparava-se o rei para mandar um homem á lenha. «Porque mandas tu homens á lenha, tendo ao teu serviço um servo tal como eu?» disse Orelhas-d'urso ao rei. «Eu não preciso d'uma pequena quantidade de lenha, preciso de muita; para que me serve a que tu só me trazes?» disse o rei. «Dá-me o comer preparado para os cem homens,» disse Orelhas-d'urso. «Dá-me as cordas e amarras dos cem homens; se eu não te trazer a lenha que queres, o sabre é teu, o peçoço é meu. «A comida preparada para cem homens comeu-a Orelhas d'urso e tomou também as cordas e amarras dos cem homens e foi e chegou á floresta. Atou a cada arvore uma corda, puxou e arrancou cem arvores com a raiz. Arrastando-se, arrastando-se, chegou á cidade; esburacou a parede a um, abateu a casa a outro. «Rei, alarga as portas, eu voltei da floresta» gritou Orelhas-d'urso. O rei saiu, quando olhou não poute ver o mundo por causa da floresta que estava deante d'elle. O rei assustou-se, tremeu; «isto não é nenhum orelhas d'urso, isto é uma desgraça,» veio-lhe ao pensamento. O rei então pensou em dar cabo d'elle, em mandal-o a um logar d'onde se não volta. Disse a Orelhas-d'urso: «Do lado de lá do monte que nos fica fronteiro é a habitação da Cart;<sup>1</sup> esta Cart deve-me ha muito uma medida d'ervilhas, mas não m'a dá; vae exigir-lh'a e traz-m'a.

«Foi Orelhas-d'urso e chegou lá. Encontrou a Cart batendo o trigo na eira. «Porque não pagas tu, encantada o que deves ao rei?» disse elle á Cart.» Dá-me já o que deves senão arrasto-te ao rei.» «Espera aqui um pouco,» disse a Cart, «trar-te-hei de casa ervilhas novas e limpas.» Dizendo isto a Cart para casa, elle, porém, sentou-se na borda da eira.» «Vem cá buscar as ervilhas,» gritou a Cart. Veio Orelhas-d'urso. «N'esta arca estão ervilhas, tira-as de lá,» disse a Cart, apontou para uma arca como as caseiras. Levantando a tampa, metteu Orelhas-d'urso a mão na arca; não havia lá nada. Agarrando-lhe nos pés por detraz, a Cart estava com a intenção de o deitar lá dentro; voltando-se e agarrando-a deitou-a elle a ella lá dentro. «Põe-me lá fóra! o que quizeres fal-o-hei,» rogou a Cart. «Não te deixo sair, encantada; porque te metteste a lutar comigo?» disse elle. Pondo a arca ás costas, foi então Orelhas-d'urso e chegou ao rei. «Alcançaste a divida?» perguntou-lhe o rei. «Ella não estava resolvida a pagar a divida,» disse Orelhas-d'urso, pondo a arca

<sup>1</sup> Especie de arca (ogresse) dos avaros.

deante do rei, «mas por causa da divida trouxe-a eu aqui; agora faz como te manda o coração.» Ora vejam, o rei assustou-se, perdeu a cabeça, correu para aqui e para ali, não sabia mesmo para onde havia de saltar, elle pediu a Orelhas-d'urso: «Em nome de Deus, que te creou, não desejo as ervilhas, não desejo a Cart,—leva-a para o sitio d'onde a trouxeste. Levando-a para a sua habitação, empurrando com os pés e dizendo: «Não me tornes a apparecer,» deixou Orelhas-d'urso a Cart.

«Um vivo cuidado apouquentava agora o rei. «Que se ha de fazer agora? uma vez virá o dia negro sobre a minha cabeça por causa d'esse homem,» disse o rei consigo mesmo. Pouco tempo depois, disse outra vez o rei a Orelhas-d'urso: «No outro extremo da matta que vemos ha um dragão; deve-me dar um boi; vae que te pague essa divida.» Foi Orelhas d'urso e chegou ao lugar onde habitava o Dragão. «Dá, encantado, o que deves ao nosso rei,» disse Orelhas-d'urso; «até quando zombarás tu dos homens?» Lançando fogo da face, atirou-se o Dragão sobre elle. Como a um gato, agarrou-o Orelhas-d'urso pela raiz das orelhas e arrastou-o ao rei. Ainda mais se atemorizou o rei; a cór desmaiou no rosto, no corpo a alma; gritou a Orelhas-d'urso: «Pela vontade de Deus, não preciso de nenhum boi, não preciso de nenhuma outra cousa; leva-o, leva-o para o lugar onde habita.» Que elle e tu vão para o inferno por tanto tempo quanto eu tenho que andar para lá e pará cá donde moram Carts e Dragões disse Orelhas-d'urso e soltou o Dragão. Correu d'ali o dragão para o sitio onde habitava como uma folha levada pelo vento; pelo caminho enguliu um rebanho de cavalgadas do rei como nós devoramos um bolinho de farinha. As costas do rei abriram (isto é, elle caiu em desespero) e os recursos a empregar iam acabar.

«Depois ter passado um bom espaço de tempo, disse o rei, tendo bem pensado, pela terceira vez a Orelhas-d'urso: «Toma esta jumenta e leva-a ao monte; ella está magra; não voltes antes que ella esteja redonda como um ovo de gallinha.» Foi Orelhas-d'urso com a jumenta para o monte. Atraz d'elle, levando do seu reino tropas de pé e de cavallo, foi tambem o rei. Formando um cerco, começou o exercito do rei um combate contra Orelhas-d'urso; as settas arremessadas pareciam uma nuvem de tempestade. «Eu pobre sou guarda da jumenta do rei; deixae-me antes que a cousa se converta em malquerença<sup>1</sup>» exclamou Orelhas-d'urso; as settas picavam-no como pulgas. «Guarda agora as tuas orelhas; vae-se ver para onde tu te escapas,» gritou o rei, saindo do meio do exercito. «Ah! és tu?» disse Orelhas-d'urso. Batendo na terra, rasgou a jumenta em quatro partes; atirou um pé, lançou por terra mil homens; atirou outro, fez com que faltassem dois mil; d'este modo, sem deixar nenhum, destruiu o exercito do rei e que não teve outro remedio senão fugir por esse mundo.

«Depois de ter praticado esta façanha foi Orelhas-d'urso ao direito do

<sup>1</sup> O termo é mais forte e traduzir-se-hia por *hostilidade*; mas eu afasto-me o mais possivel n'estas traducções das expressões desconhecidas do povo, não sendo tão escrupuloso nos extractos.



nariz; foi muito, foi pouco, olhou deante de si, vinha-lhe ao encontro um homem que trazia nos braços dous platanos arrancados com a raiz. «Quem és tu, amigo, homem cheio de força?» disse Orelhas-d'urso. «D'onde me virá a força? forte é, como se diz, Orelhas-d'urso, que levou a Cart ao rei.» «Eu sou de quem tu fallas,» disse elle. «Se eu te achei, sou teu amigo,» disse o Arrasta-arvores. Elles foram então como amigos; foram muito, foram pouco, olharam para deante de si, estava um homem assentado no meio do caminho, fazendo andar um moinho em cima dos joelhos. «Que homem és tu tão forte?» disse elle. «Eu não sou homem forte; forte é, como se diz, Orelhas-d'urso, que levou o Dragão como um gato ao rei,» disse aquelle. «Fui eu,» disse Orelhas-d'urso. «Visto que te encontro, sou teu amigo,» disse o Moleiro. Foram então os tres amigos, foram para ali, foram para aqui, até que finalmente acharam um lugar apropriado para fazerem alta; ficaram lá todos tres e indo á caça arranjavam o seu sustento.

«Um dia deixando o Arrasta-arvores em casa, foram Orelhas-d'urso e o Moleiro á caça. Quando elle tinha a caldeira cheia de carne, tractava o Arrasta-arvores de preparar com ella a comida; escutou, era um ruido; a cavallo n'uma lebre coxa, vem um homem coxeando; tinha um palmo d'altura, a sua barba tres palmos de comprido. «Dá-me um bocado de carne,» disse elle. Elle deu-lh'o. «Dá-me mais um bocado,» disse elle. «A tua barriga rebenta, pois não comerás mais, segue o teu caminho,» disse o Arrasta-arvores. De repente salta elle para o chão, arranca um cabello da barba, ata com elle o Arrasta-arvores, e sem deixar um resto, comeu a carne toda e do mesmo modo que tinha vindo assim foi coxeando o cavalleiro da lebre. Quando os camaradas voltaram da caça, soltaram o Arrasta-arvores; elle contou-lhes o succedido. No dia seguinte foi Orelhas-d'urso á caça levando consigo o Arrasta-arvores e deixando o moleiro. Veiu da mesma maneira o cavalleiro da lebre e fez a este o mesmo.

«Ao terceiro dia mandou Orelhas-d'urso os companheiros á caça e ficou elle mesmo em casa. Estava elle na idéa de tirar a carne da caçarola, quando o cavalleiro da lebre coxeando. «Dá um bocado de carne,» disse elle. «Não dou; come a cabeça de teu pac,» disse Orelhas-d'urso. De repente saltando da lebre, e arrancando da barba um cabello, atirou-se o Barba-longa a elle, mas agarrando-o n'um momento, rachando um platano, apertou no meio da arvore Orelhas-d'urso a barba do homem e deixou-o. Quando os companheiros vieram da caça, foi Orelhas-d'urso com elles para lh'o mostrar; arrancando a arvore da raiz e arrastando tinha desaparecido o cavalleiro.

«Seguindo o sitio por onde a arvore tinha sido arrastada, foram elles, andando todo o dia, andando de noite, e ao segundo dia ao meio dia chegaram a um bosque; no meio do bosque havia uma buraca que ia por ali dentro; á borda estava deitado o platano. Atando-lhe uma corda á cinta, deixaram o Arrasta-arvores e o Moleiro descer lá Orelhas-d'urso; elle ora quasi estava morto de frio, ora trespassado com calor; a corda chegou ao fim e os seus pés firmaram-se no chão. Olhou, estavam lá montes de



ouro puro e prata; assentada á luz que elles dão, cose uma rapariga, com face semelhante á lua; tendo sobre os seus joelhos a barba dorme o cavalleiro da lebre. «Ah! quem és tu? d'onde vieste aqui? immediatamente sem mais considerar volta para traz, senão o meu homem em acordando não te deixará entre os vivos.» Deus dá a vida e a morte,» disse Orelhas-d'urso e agarrou-lhe a barba (ao homem) pela raiz; gritando como um gato, voltou-se para elle o Barba-longa; Orelhas-d'urso sacudiu-o e a barba arrancada ficou-lhe na mão; cosendo-se com a parede ficou o homem mesmo chato como uma filhó. Então disse Orelhas-d'urso para a rapariga: «D'onde és tu, bella? quem é teu pae, quem a tua mãe?» Disse a donzella: «Para que me demorarei eu a contar? Sou filha d'um rei; este roubou-me da casa de meus paes e teve-me como sua mulher.» Disse orelhas-d'urso: «Elle agora está morto, levar-te-hei e pôr-te-hei na casa do pae; sómente, se o queres, diz que casarás commigo, pois gosto muito de ti.» «Porque não casarei eu contigo, pois tu queres casar commigo, além de ti nenhum me agrada; não me livraste tu do seu poder?» disse a rapariga.

«Então atou Orelhas-d'urso á corda tudo o que se achava, tanto ouro como prata e outras preciosidades, só que estavam a mão; os companheiros puxaram para cima, só lá ficavam Orelhas-d'urso e a princeza. «Sobe tu,» disse Orelhas-d'urso á princeza. «Não sóbe tu primeiro que tenho medo de que os teus camaradas te deixem aqui,» disse a rapariga. «Elles não me deixarão, não são gente d'isso, sóbe tu,» disse elle. A princeza não queria consentir, mas Orelhas-d'urso não a deixou. Subindo na corda, disse-lhe ella: «Quem sabe? se contra o que se espera os teus companheiros aqui te deixarem, devo-te eu dizer uma cousa; queres saber o que? quando a noite estiver passada, ao tempo em que começa a raiar o dia, hão de saltar na casa dous carneiros, um negro, outro branco; tracta de saltar sobre o branco, este trar-te-ha para o mundo cá de cima, se tu saltas em cima do preto, serás lançado no mundo lá de baixo.» Dizendo isto chegou a princeza acima. «Ainda lá está alguma cousa?» gritaram o Arrasta-arvores e o Moleiro. «Não está cá mais nada, agora puxem-me para cima,» gritou Orelhas-d'urso; elles não disseram mais nada; a corda não estava pendurada. Orelhas-d'urso reconheceu a traição dos companheiros; ficou só, enquanto o fel se lhe pegava á garganta.

«Olha, a noite começou a aclarar, appareceu a luz do dia, correram para deante d'elle lutando um com o outro dous carneiros, um preto, um branco. Na idéa de saltar sobre o branco saltou Orelhas-d'urso com a pressa sobre o negro, elle caiu para o mundo lá de baixo, e com barulho ficou no telhado d'uma casa; olhou, era uma grande cidade. Descendo apressado, entrou na casa; estava lá uma velha, que assentada torcia linha. «Dá-me, tiasinha, uma pinga d'agua que estou quasi a morrer de sede,» disse Orelhas-d'urso. «Não vieste tu do mundo lá de cima para caçoar com os homens? pois estes não tem agua nenhuma, onde irei eu buscar-t'a?» disse a velha. «Vós não tendes agua nenhuma?» disse elle. «Porque não havia de haver agua nenhuma? ha-a,» disse elle, «mas

para que serve havel-a? á frente da fonte está sentado um dragão com dez cabeças. No fim de cada anno dá-lhe o logar uma donzella; n'esse dia deixa elle tirar agua; então de novo até que se chegue ao fim do anno, tira-nos elle a agua. «Mostra-me duas bilhas; queria eu ir mesmo ver se elle não deixa tirar agua.» «Livra-te, livra-te d'isso! meu filho, não vás,» suspirou a velha, «se tu lá vaes, não voltas, o dragão mata-te. Elle deu cabo de homens mais fortes que tu.» «Depois se verá se morro ou se não morrendo sou favorecido; deixa-me ver as bilhas,» disse Orelhas-d'urso. Chorando deu-lh'as a velha. Foi Orelhas-d'urso e chegou á fonte, encheu ambas as bilhas e tendo acabado esse trabalho volta para traz. O dragão não lhe disse nada. Depois de despejar as bilhas em casa, voltou Orelhas-d'urso; também d'esta vez o dragão lhe não disse nada. Na cidade espalhou-se a façanha de Orelhas-d'urso e chegou aos ouvidos do rei. Chamando-o, disse-lhe o rei do outro mundo: «Se tu estiveres no caso de matar o dragão, que nos tira a agua, hei de dar-te o que tu quizeres; o que desejares, hei de cumpril-o; tu deves ser capaz de o matar, se o não fosse não terias ido para elle tão sem medo.» «Agora ou eu ou elle será feliz; não esqueças também a tua palavra,» disse Orelhas-d'urso ao rei. Elle fez duas orelhas de feltro, cobria com ellas as proprias orelhas, e foi, levando as bilhas, para a fonte.

«Eh lá, rapaz,» disse o dragão, «quando tu vieste a primeira vez, deixei-te eu como hospede, quando vieste a segunda, deixei-te eu como amigo, não tens tu vergonha de vir a terceira vez ou não tens amor pela tua vida?» «A tua felicidade vae acabar, encantado; como não tens tu mesmo vergonha de tirar aos homens a agua creada por Deus; como não tens tu nenhuma vergonha de devorar viva uma donzella arrancada á casa de seus paes? guarda-te a ti mesmo; chegaste ao fim de teus dias.» Erguendo-se lançou o dragão as garras a Orelhas-d'urso e arrancou-lhe as orelhas de feltro; Orelhas-d'urso brandiu o sabre de diamantes, alcançado na casa do cavalleiro da lebre, caíram todas as nove cabeças do dragão. Cortou das nove cabeças as dezoito orelhas, e dizendo: ora vê! deu-as Orelhas-d'urso ao rei. A cidade encheu-se de grande alegria; uns riam, outros choravam; muitos homens batiam uns nos outros com a alegria. Tanto homens, como burros e vaccas, e todas as creaturas vivas, correram para a agua. Muitos homens acabaram os seus dias ou no apertão ou caídos á agua ou por terem bebido muita agua e lhe ter rebentado a barriga. Então fallou o rei a Orelhas-d'urso. «O beneficio feito por ti a mim e ao meu reino nunca poderá exprimir-se, tão grande elle é; este anno cabia a vez a minha filha de ser devorada por o dragão; se tu queres, casa com ella e assenta-te no meu throno; se mais que isto eu te podesse fazer, far-t'ó-hia.» Disse Orelhas-d'urso: «Sou um homem do mundo lá de cima, se tu me fazes subir lá para cima, isto é o que mais quero, é agora o meu desejo. Não é que a tua terra me desagrade, nem que a tua filha me desagrade, sê por cá muito feliz; mas não terei eu saudades da terra onde nasci?» Disse o rei: «Eu não tenho meio de te pôr no mundo lá de cima; á excepção da agua que se acha na floresta dos platanos nenhuma creatura



viva poderá lá pôr-te. Vou mandar lá um homem; quem sabe se ella quererá lá levar-te?» Foi o homem mandado, a aguia não esteve por isso. Foi então Orelhas-d'urso em pessoa abaixar a sua cabeça deante da aguia; chegou á floresta dos platanos, achou o ninho da aguia, mas não achou a aguia. Serpenteado para os filhos da aguia ia uma cobra negra como carvão, com tres cabeças; fazendo-a em pedaços, como se fôra uma chouriça, assentou-se Orelhas-d'urso na arvore até que veio a aguia.

«A aguia veio um pouco depois, como se se approximasse uma nuvem de tempestade, fazendo abanar montes e florestas e chegada pôz-se no seu ninho. Chilreando, contaram-lhe os filhos. «Olá, filho dos homens, disse a aguia a Orelhas-d'urso, tu mataste o inimigo meu e de meus filhos. manda-me que te faça um serviço, por maior que elle seja, hei de prestar-t'ô.» «O serviço que te peço, é este: leva-me para o mundo lá de cima,» disse Orelhas-d'urso. «Matando cincoenta bufalos, prepara a carne, disse a aguia, enche d'agua as pelles dos cincoenta bufalos; levarte-hei aonde quizeres.» Tomando-os dos rebanhos do rei, matou Orelhas-d'urso cincoenta bufalos e encheu cincoenta pelles com agua, n'uma aza da aguia pôz a carne, na outra a agua e elle sentou-se no meio. «Move-te agora, mãe, disse Orelhas-d'urso; a aguia pôz as azas em movimento. Quando ella dizia «carne» dava-lhe Orelhas-d'urso, carne, quando ella dizia «Água» dava-lhe ella agua. Quando faltava apenas um palmo para subir, acabou a carne. A aguia disse «Carne.» Cortando-a das suas nadegas, deu-lhe Orelhas-d'urso carne de nadega. Chegaram ao mundo de cima. «Ó, rapaz! porque coxeas tu,» disse a aguia. «Isto não vale nada; doe-me um pé,» disse elle. «Não é assim, falla,» disse a aguia. «Quando a carne acabou, eu cortei carne das nadegas do lado de cima da coxa, por isso é que estou estropiado,» disse Orelhas-d'urso. A aguia deitou fóra a carne, cuspiu-lhe em cima e pôl-a na ferida. As nadegas ficaram como eram antes.

«Foi então Orelhas-d'urso, chegou á sua habitação; escutou, ia lá dentro um barulho d'ensurdecer a gente; olhou, como dous gallos bulhavam o Arrasta-arvores e o Moleiro, «a rapariga para mim, a rapariga para mim,» gritava cada um; «a não ser com Orelhas-d'urso, não caso com nenhum,» dizia ella com lamentos. «A cada um o que lhe pertence,» disse Orelhas-d'urso batendo n'um de modo que caiu de cara baixo, e n'outro de modo que caiu em cima da barriga. D'ali foi Orelhas-d'urso com a princeza para o reino do pae d'ella. Houve grande alegria; elle com ella casou, e posto ao lado do rei, vive ainda hoje em paz Orelhas-d'urso. Aqui acaba o meu conto.<sup>1</sup>»

Se d'este conto, tão rico e tão bem organizado, tirarmos os episodios da primeira parte, as façanhas que o heroe pratica ao serviço do rei e as aventuras no outro mundo, depois que os companheiros o abandonam até a subida na aguia, o conto avaro apresenta uma versão muito pouco

<sup>1</sup> Excepcionalmente damos esta versão por inteiro; no seguimento contaremos em geral com simples extractos dos contos d'outros povos.



diferente das portuguezas, sobretudo da segunda onde a descida ao subterraneo é precedida igualmente d'uma lucta successiva com os tres companheiros e onde estes são tres e não quatro como na primeira versão portugueza; ás vezes até a semelhança se estende a phrases inteiras; e n'esta parte note-se que a nossa traducção é litteral e podemos provar sobejamente se alguém d'isso o duvidar, a sinceridade da reproducção das versões portuguezas. Ora uma semelhante coincidência não pôde ser casual; o nosso espirito repelle instinctivamente a idéa d'uma dupla criação da versão avara e da versão ou versões portuguezas. Como explicar a existencia do mesmo conto no extremo occidente e nos confins da Asia e Europa, n'uma região onde talvez ainda não penetrou nenhum portuguez? É força concordar que por menos valor que se reconheça nos contos que acabamos de transcrever (nós pela nossa parte confessamos que a audição das versões portuguezas e a leitura da versão avara, independentemente de qualquer idéa scientifica nos deu um grande prazer; mas isto é um facto puramente subjectivo, que portanto não se communica como uma these scientifica), ha n'essa coincidência um problema interessante a resolver. Um semelhante facto não pôde ser isolado. Se uma mesma corrente passando pelo Daghestan e Portugal, sejam quaes tenham sido as suas direcção e ramificações, lá e cá implantou esse conto, se um mesmo facto capital e primitivo nos explica essa co-existencia, é de crer que nos pontos intermedios atravessados por essa corrente haja vestigios de sua passagem e que entre os avaros como entre os portuguezes, como entre outros povos haja outros pontos de contacto no *Folk-lore*.

O problema tem tanto mais interesse, desafia tanto mais a nossa curiosidade, faz-nos esperar tauto mais uma solução d'importancia historica assás elevada, se consideramos o isolamento dos povos caucasicos, e que elles pertencem a uma communhão humana diversa da chamada aryo-europea ou indo-germanica.

Razões geographicas como politicas dirigem primeiro os nossos olhos para a Russia- N'esse enorme paiz ha minas riquissimas de tradição popular, e como n'algumas de suas cidades a cultura das sciencias rivalisa com a das nações mais adeantadas, muitos homens que sabem o valor da tradição têm-se dedicado com coragem a colleccional-as. Desgracadamente, salvo o que os sabios russos se resolvem a escrever em allemão ou em francez, os productos da litteratura e da sciencia russa são quasi desconhecidos no resto da Europa, fóra de um pequeno circulo de sabios. Felizes prenuncios fazem-nos, porém, esperar que em breve este estado de cousas mude.

Pelo que respeita ás tradições populares, os trabalhos de um inglez, espirito distincto, e profundo conhecedor do russo, abriu-nos os horizontes n'estes ultimos annos. O excellente livro que elle dedicou as *skazkas* ou contos populares russos e em que elle traduziu por inteiro cincoenta e um d'esses contos e deu a analyse de cerca de outros tantos offerece-nos a pag. 73-80 uma historia, colhida pelo lamentado Afanasief, o mais intelligente collector de *skazkas*, no governo de Chernigof,

a qual é evidentemente uma versão da nossa, fundida, porém, n'um molde differente.

«Um rei tinha tres filhos, o mais novo dos quaes era simplorio. Um monstro chamado Norka vinha cada noite devorar alguns dos numerosos animaes que o rei tinha no parque e este não sendo capaz de o destruir promette ao filho que matar o monstro metade do reino. Os dois filhos mais velhos em vez de irem esperar o monstro foram passar a noite na taberna. O mais novo, saudado com as zombarias dos outros, vae esperar o Norka, tem com elle uma longa luta, tres vezes interrompida e em que elle tres vezes foge até que ferido nove vezes pelo principe corre para uma grande pedra branca, falla mover e escapa-se para o outro mundo, dizendo: — «Só me vencereis quando entrardes aqui.» O principe pede ao pae uma corda de couro enrançado, assaz comprida para chegar ao outro mundo. Depois o principe com seus irmãos e creados e comtudo o que era necessario para um anno inteiro, vão para o sitio onde estava a pedra e só o principe mais novo poude fazel-a desviar e só elle teve coragem de descer. Chegado lá abaixo e depois de ter andado muito, encontrou um cavallo ricamente ajaezado que lhe disse: «Deus te salve, principe Ivan! Ha muito que espero por ti.» Elle montou a cavallo e andou até que viu diante de si um palacio feito de cobre. Poz o cavallo na cavalheirice, entrou, achou jantar, cama e depois veiu uma rapariga muito bella que vendo-o lhe promette ser sua esposa e depois d'elle lhe ter contado o succedido, lhe disse que o monstro era seu irmão e que estava então no palacio de prata da irmã do meio. Ivan foi ali, mas o monstro estava no palacio d'ouro da irmã mais nova; esta por fim disse-lhe que o irmão estava a dormir no mar azul e deu-lhe uma espada de prata e um golo da agua da força e disse-lhe que cortasse a cabeça do irmão com um só golpe, o que elle fez. Cada uma das donzellas, que eram todas encantadoras, mudaram os seus palacios em ovos e ensinaram a Ivan a mudal-os outra vez em palacios e entregaram-lh'os. Elle atou-as á corda e fez signal aos companheiros para que puxassem; puxaram e vendo as donzellas tão bellas resolveram-se a levantar o irmão até ao meio do caminho e deixal-o então cair. Mas Ivan prendeu uma pedra á corda, que depois de levantada a grande altura os irmãos fazerem cair, fazendo-se ella em pedaços. Ivan chorou; andou, andou e havendo uma tempestade abrigou-se debaixo d'uma arvore e viu lá uns passarinhos que estiveram a ponto de ser inundados, elle cobriu-os com o casaco. A mãe d'elles, que era ave tão grande que tirava a luz, veiu e sabendo o beneficio recebido d'Ivan pelos filhos o traz para o mundo de cima; Ivan junta toda a especie de caça e agua que a ave leva ás costas para seu sustento. Chegado ao mundo Ivan vac sérvir para casa de certo alfaiate onde sabe que os principes queriam casar com as donzellas, mas que ellas recusavam, exigindo que sem lhes tomarem medida lhes fizessem vestidos de noivado exactamente como os que usavam no outro mundo, e que ninguem tinha accetado tal empreitada. O principe, então, converte successivamente fóra da cidade, sem ninguem o saber, os ovos em palacio, e tira

de lá os vestidos das donzellas, transformou os palacios em ovos e no dia seguinte o mestre achou os vestidos resplandecentes d'ouro e pedras preciosas e levou-os ao rei; quando voltou, o principe tinha já ido para casa d'um sapateiro e assim andou por casa de todos os officiaes e todos lhes agradeceram muito, porque graças a elle foram enriquecidos pelo rei. Quando as donzellas estavam promptas para o noivado, a mais nova disse ao rei que a deixasse ir dar esmolas aos pobres e quando ia a dar um d'elles viu-lhe no dedo o anel que tinha dado a Ivan no outro mundo e tambem os anneis que as irmãs lhe tinham dado. Tomou-o pela mão e disse ao rei que aquelle é que as tinha libertado. O rei castigou como melhor julgou os filhos mais velhos.»

A unica differença consideravel que nos offerece esta versão, comparada com os que anteriormente trasladamos consiste em que em vez dos companheiros dotados de força prodigiosa, temos aqui dois irmãos cobardes e vulgares do heroe. O episodio da aguia é-lhe commum com a versão avarica, mais completa n'esta parte; o episodio do serviço do principe como official falta nas versões anteriores. Temos já razões para suspeitar que estas differenças não resultam do capricho dos narradores; basta pensar um pouco n'ellas.

Ralston cita outras variantes russas do mesmo conto, que se encontra tambem episodicamente no conto de *Koschchei o immortal*, p. 100-108, mas essa não offerecera interesse particular.

Vamos ver o nosso conto n'um povo, como os russos, da grande raça slava, entre os serbos.

F. ADOLFO COELHO.

---



---

# CHRONICAS—REVISTAS

---

## AMÉRICA

---

El pronunciamiento de Piérola y Albarracin en el Perú, así que fué sofocado, entró en el segundo periodo, que en estos casos es una especie de pronunciamiento del gobierno, en que este se dedica á aprisionar rebeldes no armados, que supone dispuestos á repetir los trastornos.

No sabemos si en realidad los parciales de los vencidos conspiraban de nuevo preparando otra sublevacion; pero sabemos que los poderes no necesitan tanto para ser vengativos y opresores. Los pueblos viven al vaiven de los sacudimientos, y cuando no hay revoltosos, los mismos poderes conservadores se empeñan en revolver, para que no haya momento de tranquilidad. De esta suerte se forma un círculo vicioso con las represiones por motivo de las rebeldías y las rebeldías por motivo de las represiones, círculo dentro del cual la gente inofensiva y sosegada vive inquieta, oprimida y, cuando menos, amenazada de males.

Pero como cuando el ánimo está perturbado todo contribuye al desasosiego y la zozobra, se agregaba en el Perú un motivo en sí de poco valor, mas que podia ser causa de un conflicto grave de índole internacional.

Parece que un general boliviano creyó conveniente atravesar ciertas tierras para operar con más ventaja contra los rebeldes de su país, sin acordarse de que las tierras susodichas se encontraban de la otra parte de una línea imaginaria llamada frontera. El general boliviano, por consiguiente, violó, así se dice, el territorio del Perú durante algunas horas. El Gobierno del Perú es amigo del de Bolivia y tenia interés en que

este combatiera lo mejor que fuera posible á los sublevados; pero con todo, el hecho de haber puesto el pié los soldados de su amigo en su territorio, ha sido causa, no digamos ya de enojo, sino de indignacion.

De resultas del suceso ha habido interesantes discusiones en el Senado, agitadas, tormentosas, en que se ha hecho oír muy alto la voz del patriotismo y no sabemos lo que puede haber resultado.

Esto de violarse las fronteras dá ocasion á accidentes extraños. Un soldado fronterizo pasa la línea cada vez que se le antoja y vá y viene de una para otra nacion sin dificultad: otro y otro y otro soldado hacen lo mismo, tambien sin inconveniente y sin que llame la atencion siquiera; pero si por ventura los mismos cuatro soldados se ponen en fila y traspasan la sagrada línea, si para agravar el hecho vá un cabo á su frente, entonces se forma, sin saber como, un agravio tremendo y es suceso que trasciende y puede ser causa de una guerra implacable. No es menester decir que la guerra es en este caso justa, imprescindible, porque está lastimando nada menos que el patriotismo; y que cada una de las dos naciones hace titánicos esfuerzos por aniquilar á la otra. No hay que decir tampoco que los hombres de orden de ambas, los mismos que ponen el grito en los cielos cuando sobreviene una perturbacion por motivo de defender algun derecho humano, justifican y alientan el incendio y la matanza en los campos de batalla, porque cuatro hombres atravesaron una frontera trazada en un protocolo despues de empeñadas y sabias deliberaciones.

\* \*

Estas ideas nos trasladan á otras semejantes en lo que respecta á la contradiccion de ciertos pareceres. El Obispo de Trujillo recientemente nombrado en la misma república del Perú, ha prestado, cumpliendo las disposiciones vigentes, juramento de acatar y obedecer todas las leyes del pais. Este Obispo de Trujillo es católico, apostólico, romano. Por otra parte los Obispos católicos, apostólicos, romanos de Alemania afirman en sus pastorales que es pecado jurar incondicional obediencia á las leyes civiles que puedan dictarse en cualquiera nacion. Hé aqui dos doctrinas que se contradicen, dimanadas de una propia autoridad; á no ser que se hermanen por medio de alguna salvedad interna, en virtud de la que el juramento del Obispo de Trujillo signifique que obedecerá las leyes mientras le convenga.

\* \*

No es muy lisongera la situacion del erario público en el Perú: el presupuesto presenta un *déficit* que monta á unos cien millones de reales, que no es poco para su importe total. Para cubrir este *déficit* estaban destinados los sobrantes de los productos del guano; pero esta importante riqueza del país está sufriendo en la actualidad una crisis que rebaja en mucho su exportacion, y por consiguiente los ingresos que suministra al tesoro público.

Se han descubierto tambien en el Perú inagotables depósitos de salitre (nitrato de soda) del que la industria privada está haciendo una especulacion muy lucrativa en competencia con el guano, puesto que se aplica á los mismos usos y con cierta ventaja.

El Gobierno del Perú, propietario del guano, lo vende á las empresas con quienes tiene contratos á unas seis y media libras la tonelada, y las empresas especuladoras lo revenden en Europa á 12 y media y 13 libras. Pero el nitrato de soda, aparte de aventajar al guano por sus cualidades, lo aventaja tambien por su valor algo más reducido, lo que hace que la exportacion de aquel haya desminuido en los últimos tiempos y con ella los ingresos del tesoro nacional. — Hé aqui una crisis extraña: el guano es una de las principales riquezas del Perú: descúbrense abundantísimos depósitos de salitre; es decir, se dobla, se triplica la riqueza y justamente por ello sobreviene una penuria. Estos son los milagros del monopolio.

Pero el monopolio, como todos los excesos, se exacerba así que se vé contrariado y se desborda aumentando los males. Por esto el Gobierno del Perú en presencia del inconveniente discurre extender su monopolio estancando tambien el nitrato, ó cargando su exportacion con un impuesto que imposibilite la competencia. Háblase tambien de cortar el obstáculo por lo sano; es decir, prohibir en absoluto la exportacion del nitrato, lo cual, si bien enormemente absurdo, seria eficacísimo, y evitaba tener que discurrir soluciones racionales, más difíciles porque tienen que ser pensadas.

Con motivo de la situacion financiera del Perú y de la competencia entre el guano y el salitre, el Ministro Argentino en Lima ha pasado al Gobierno de su país una nota preciosísima de la que nos permitimos copiar algunos párrafos, que exponen la situacion económica de la República Peruana.

«Esta es la herencia de la política económica de España en el Perú; esta es la causa primera de las dificultades en que se vé envuelta y de la relativa lentitud de sus progresos comparados con los de otras repúblicas americanas, con quienes podia competir con ventaja por la abundancia de sus fuentes de riqueza.»

«La política del monopolio dominante durante la época colonial, ha quedado radicada en las costumbres y ha sido continuada por las leyes del Perú. La industria está protegida contra los productos similares extranjeros por las tarifas aduaneras, el guano está monopolizado por el Gobierno, el alumbrado á gas es un privilegio; el canal ó matadero es otro privilegio; el muelle del Callao será otro; casi todos los ferro-carriles son del Estado; la mayor parte de las fincas de Lima son de manos muertas, ó han pasado á una institucion vecinal que las administra para fines de beneficencia y caridad.»

Por este sistema, el Estado se ha sustituido en gran parte de las industrias productivas á los particulares; y por esto con mucha razon decia un diputado hablando sobre la administracion del guano. «El Perú es una gran casa de comercio.»



El Estado negociante, es natural que emplee todo su poder para no tener rivales y que aspire á suprimirlos si aparecen. Se presenta un nuevo venero de riqueza en el salitre: el Estado se levanta y dice: no quiero que haya salitre, porque perjudica al guano.

Lo peor es que la cuestion en el Perú aparece todavia insoluble. Si el Estado acepta la libre competencia del salitre, no solo no tendrá el sobrante del guano que espera, sino que tal vez no alcance el que puede venderse para cubrir las obligaciones á que está especialmente afecto. Si no la acepta, la crisis comercial adquiere proporciones mayores por la ruina de los que han empleado fuertes capitales en la fabricacion del salitre.

\* \*

Escasas son las novedades que tenemos de Chile y ninguna de gran interés, fuera de una modificacion ministerial, un terremoto en Valparaiso y los trabajos para la Exposicion internacional que en el próximo otoño ha de celebrarse en la ciudad de Santiago.

No podemos formar juicio sobre la significacion de la reforma del gabinete, porque no son completas las noticias que nos trae el correo.

En cuanto á la Exposicion, es de temer que no sea muy concurrida, porque en estos certámenes modernos influye mucho el renombre de la ciudad donde se verifiquen para llamar concurrentes; y si cuando se anuncia uno en Paris, Londres, Viena, Filadelfia, todos se entusiasman y se apresuran á remitir productos, no así cuando los convoca un país modesto, sin embargo de que por lo mismo es más acreedor á la ayuda de los demás.

La Exposicion de Santiago de Chile vá acompañada de la particularidad de establecerse una Biblioteca Americana, donde se reunan las obras de todos los escritores del Nuevo Mundo, biblioteca que quedará como monumento conmemorativo de la Exposicion. La idea es singular, delicada y plausible. El Directorio que trabaja en todo lo referente á la Exposicion ha dirigido una circular á los gobiernos americanos pidiéndoles su concurso para recoger las obras publicadas en todas las épocas en cada respectivo país, á fin de formar el noble monumento conmemorativo.

\* \*

Continúa el orden en Bolivia; pero sin restablecerse el sosiego de los espíritus, porque se decia que los derrotados rebeldes se esforzaban por repetir la sublevacion y que para ella tenian muchos elementos en los mismos puntos donde la anterior tuvo lugar.

Algunos suponian que semejantes rumores eran infundados y que el Gobierno mismo los hacia propalar para defender los fusilamientos que habia ejecutado y los rigores que aun pensaba aplicar á los que más ó menos directamente tomaron parte en la rebelion.

De toda maneras, la prensa del país, casi unánimemente, demanda una amnistía general al Gobierno, en vez de extemporáneos castigos, como

medio de dulcificar las contiendas políticas, por desgracia ensangrentadas frecuentemente en aquella república. En efecto, jamás los castigos más crueles han sido freno para contener á los hombres que se dedican á hacer triunfar una solucion politica cualquiera; antes por el contrario los rigores empujan á la rebelion, como un remedio para que no continuen, y además cada gota de sangre se convierte en un piélago de rencores que más ó menos tarde, pero siempre algun dia, caen sobre los enemigos en enconadas y terribles represalias.

\* \* \*

En Colombia hay una tranquilidad completa, que parece durable. Llama allí satisfactoriamente la atencion el estado en que se halla la instruccion pública.

El número de clases de instruccion primaria que hay en la República pasa de dos mil y á ellas aplica el Estado muy cerca de un millon de duros anualmente.

Estos guarismos son considerables con relacion á los habitantes que tiene el país y demuestran que el Gobierno atiende con predileccion distinguida á la enseñanza general. Así hacieran otro tanto muchos gobiernos de la adelantada Europa! Si la cuarta parte de lo que invierten las naciones en ejércitos numerosos é instrumentos de destruccion perfeccionados, se aplicara á la instruccion primaria, ciertamente quedaria trasformada la sociedad en el corto espacio de quince ó veinte años que habian de transcurrir para que influyese la nueva generacion bien educada é instruida. El mismo buen resultado habria de obtenerse dedicando á escuelas mucho de lo que se destina á preparar cárceles y presidios, establecimientos de ignorancia y desmoralizacion y de inútiles tormentos. Pero no es la enseñanza materia que llama la atencion de los grandes hombres de Estado, atentos preferentemente á las intrigas diplomáticas y á sus planes de ambicion, para los que no hacen falta las escuelas y son de absoluta necesidad las carabinas y cañones y aun algun tanto el embrutecimiento de los que han de manejarlos.

\* \* \*

Se trata en el Paraguay de levantar recursos para atender á las obligaciones del Tesoro, y lo mismo que en las repúblicas de la Plata, se ha apelado al expediente fácil de hacer moneda de papel. A este fin ha sido autorizado el Gobierno para emitir un millon de pesos en billetes, cuya circulacion se hace obligatoria.

Pero no siendo esto bastante se apodera el Tesoro del monopolio del tabaco llevado á su mayor extremo; pues comprende no solamente la venta, sino tambien la produccion. De esta manera no hay que hacer dificiles estudios para procurarse ingresos, aunque á la facilidad se junta la cer-

tidumbre de obstruir las fuentes de la riqueza particular que es realmente á la larga la riqueza del Gobierno.

Pero como las necesidades del Paraguay eran urgentes no se ha concedido mucho espacio á los negociantes, que en la actualidad están dedicados á la industria; sino que desde luego ha mandado que entreguen sus existencias abonándoseles el valor. Y como calcula el Gobierno que ha de haber ocultaciones, recurre al remedio de la denuncia y la estimula ofreciendo al delator la mitad de lo que se descubra, y destinando la otra mitad á instruccion pública — Algo singular es el destino, pues se asemeja á encender una vela á S. Miguel y otra al diablo el dividir el comiso entre la delacion y la enseñanza, entre la inmoralidad y la ciencia. Perdonese la una por la otra.

Continúa siendo el Paraguay la manzana de la discordia entre el Brasil y Buenos Aires, ó mejor dicho, el pretesto que tienen ahora estas dos naciones para demostrar su antagonismo. No ha dado un paso en camino de resolucion la contienda pendiente; pero se observa que en el Paraguay adelanta el influjo brasileiro.

Aun concurre un accidente singular. Los jesuitas hacen gestiones porque se les devuelvan los establecimientos y bienes de todas clases que en otro tiempo poseian; que es tanto como pedir que se les entregue el Paraguay entero, pues es sabido que este fué durante siglos una colonia gobernada absolutamente por la Compañía. Pues bien, por una de esas anomalías en que suele caer la diplomacia de los políticos sabios, parece que los gobiernos del Brasil y Buenos Aires, cada cual por un lado, se manifiestan benévolos con los jesuitas, quizás para servirse de la fuerza de estos en momento oportuno, y su benevolencia es bastante extraña; de la parte del Brasil despues de los alborotos promovidos por la Compañía recientemente, y de la parte de Buenos Aires despues de las últimas airadas manifestaciones de la opinion.

Cerramos nuestra anterior crónica con la noticia que nos dió el telégrafo de haber estallado una nueva sublevacion en la República del Uruguay, noticia que á estas horas no se ha confirmado. Los periódicos si bien no alcanzan todavia á la fecha del telegrama nada dicen que anuncie un nuevo trastorno.

La prensa del Plata se ocupa principalmente de la crisis financiera, que suministra material bastante para profundas consideraciones.

Encontramos en un periódico de Buenos-Aires una noticia que aunque atrasada es de alguna significacion. La Internacional ha aparecido en el Plata y allí, como en Europa, parece que se la persigue.

Dos ó tres años hace se formó una sociedad de libres pensadores, que andando el tiempo vinieron á convertirse en internacionalistas.

Se dice que el Cuerpo Diplomático gestionó cerca del Gobierno y este mandó á la policia que ocupase la casa donde la sociedad tenia sus reuniones.

La policia cumplió la orden, prendió á doce personas que encontró en la casa y se apoderó de todos los papelès que en ella habia. Pero es-



tos eran inofensivos: los estatutos nada tenían de particular y el libro de actas contenía el extracto de las sesiones, en que no se había tratado de materia alguna punible. Sin embargo, fueron presos los internacionalistas que allí se encontraban, y como no había razón para semejante medida el comisario de policía no pudo poner en el parte, más que los había preso porque *los encontró reunidos*, que es un fundamento muy singular.

Ahora bien, la cuestión social no tiene en América los caracteres que en Europa, ni es todavía motivo de odios entre las clases obrera y propietaria. El trabajo abunda allí y como no existe el antagonismo extremo de los intereses contrarios, no hay motivo para la guerra de clases, ni mucho menos para las persecuciones. En esta virtud, las que se dirijan contra los trabajadores, solo por el hecho de asociarse y reunirse, además de ser injustas, porque al mismo tiempo se permiten las asociaciones y reuniones de los hombres políticos y las de los capitalistas que tratan de fomentar sus intereses, vienen á comunicar una dirección extrañada á los esfuerzos de los trabajadores. En América es tiempo todavía de establecer la concordia entre el capital y el trabajo, toda vez que caben aún en armonía dentro del campo de la producción; y los gobiernos americanos en lugar de perseguir las sociedades obreras, debían fomentarlas, y sobre todo resolver el problema social antes que andando el tiempo adquiriera las terribles proporciones que tiene en Europa y sea causa de los peligros que amenazan aquí á la sociedad.

R. DE CALA

## PORTUGAL E BRAZIL

Ha muitos annos que dois serviços publicos, ambos importantes em summo grão, parecem destinados a perturbar periodicamente as relações de ordinario pacíficas dos governos portuguezes e das grandes companhias industriaes. O acaso tem mesmo feito com que as crises tenham vindo quasi sempre emparelhadas tanto para a companhia das aguas, como para a da navegação a vapor para a Africa. Falliram pelo mesmo tempo a antiga companhia das aguas e a União Mercantil; e esta quinzena viu tambem agitar-se a questão da multa que o governo queria impôr ás aguas, e a da ruptura de relações que tentou fazer com a empresa lusitana. O máo fado que desde certo tempo parece perseguir o illustre ministro das obras publicas,—apesar dos foguetes de estoirar facil com que o victoriou o norte do reino,—fez com que nem uma nem outra das pretensões do governo tivessem o resultado que elle desejava.

Reuniram-se, com effeito, os capitalistas lisboenses em mais de uma sessão para fundarem uma companhia de navegação para Africa, que tomasse o lugar da existente, contra a qual as queixas se tem vindo repetindo com demasiada insistencia. Reuniram-se, mas não poderam chegar a accordo de especie alguma. Porventura, os exemplos todos in-

felizes das companhias de navegação portuguezas não incitavam demasiado os capitaes que tem nos jogos de bolsa mais commoda e rendosa occupação. Fosse qual fosse o motivo, o facto é, porém, que o governo foi ainda obrigado a contractar com a Empresa Lusitana mais um semestres de pessimas carreiras.

O caso da companhia das aguas é um pouco mais grave. Pela primeira vez um tribunal arbitral votou contra uma decisão official; pela primeira vez uma companhia levou a melhor n'uma pendencia (litigiosa) com o estado. Não seremos nós quem repetirá os argumentos com que alguns pretendem refutar a sentença do tribunal arbitral; antes nos parece que essa sentença concorda com os sãos principios:

«A companhia apresentou ao governo, em 29 de fevereiro de 1872, a proposta do sobredito regulamento como devia pela referida condição 28.<sup>a</sup>, e o governo não o publicou senão em 11 de junho de 1873, quando eram já decorridos, não só tres, mas cinco annos, desde o decreto de 2 de abril de 1868 em que se declarou constituida a companhia, sendo d'este acto do governo que devem contar-se tanto o praso dos noveenta e nove annos da duração do contracto fixado na condição 10.<sup>a</sup>, como os outros prazos continuos de que se trata nas condições 12.<sup>a</sup>, 13.<sup>a</sup>, 17.<sup>a</sup>, 18.<sup>a</sup>, 19.<sup>a</sup> e 28.<sup>a</sup>, e pouco depois de publicado o dito regulamento, o governo suspendeu-o pela portaria de 12 de julho do mesmo anno de 1873, e suspenso se tem conservado até agora, o que importa o mesmo que não ter sido publicado.

D'esta sorte, ainda na intelligencia mais desfavoravel á companhia, a de ter o governo pela condição 28.<sup>a</sup> do contracto o praso de cinco annos para publicar o regulamento do encanamento obrigatorio, tinha finalisado este praso em 2 de abril de 1873, e assim mesmo, seja em não publicar o dito regnlamento, seja em não suspender aquelle que posteriormente publicou, sem o ter substituido por outro, deixou o governo de cumprir pela sua parte a obrigação em que estava constituido pelas condições 12.<sup>a</sup> e 28.<sup>a</sup> do contracto.

N'este caso, a companhia suspendendo as obras do canal de Alviela como suspendeu em razão da sobredita falta de cumprimento da parte do governo, usou do direito facultado no artigo 709.<sup>o</sup> do codigo civil; e por este facto não podia ser-lhe applicada a pena convencional da condição 22.<sup>a</sup> do contracto, visto que similhante pena, conforme o artigo 676.<sup>o</sup> do mesmo codigo tão sómente tem direito de a exigir o padeante que satisfizes aquillo a que se obrigou, e o governo não satisfizes na parte respectiva ao sobredito regulamento a obrigação contraída como fica demonstrado. Nem póde no caso occorrente justificar-se com o disposto no § 1.<sup>o</sup> do citado artigo 676.<sup>o</sup> do codigo civil a imposição da pena convencional á companhia uma vez que o governo, longe de se prestar a cumprir o contracto quanto ao dito regulamento, pelo contrario continuara a não satisfazer n'essa parte.»

Resta-nos, porém, o direito de repetirmos com Bocage:  
Folga a justiça mas geme a humanidade! É bem feito, dá-nos voz-



tade de dizer como dizem as creanças quando se zangam, é bem feito! Para que foste approvar um regulamento que devias ter previsto impraticavel? Deita-te agora na cama que fizeste,...

Triste sorte a de quem assim enfeuda serviços que são, por natureza e necessidade, collectivos. Collocar assim nas mãos de um grupo de individuos, sujeitar aos vae-vens do interesse commercial de uma companhia o abastecimento de aguas de uma cidade, é, em nosso entender um lesão crime de administração publica. Além da circumstancia já de mais sabida e velha de como as poderosas companhias exercem uma pressão, que traduzindo-se sempre favoravelmente ao seu interesse, se traduz tambem por via de regra desfavoravelmente ao interesse publico; accresce, com emprezas da natureza d'esta, a circumstancia de se referirem a funcções que immediatamente se ligam ás necessidades primeiras da população.

Essa obra de misericórdia «dar de beber a quem tem sede» vae-se annualmente e em cada verão obliterando em Lisboa, graças ao monopólio que o estado concedeu a uma companhia. Ainda se essa companhia cumprisse ou podesse cumprir os seus deveres! mas não; não pôde, porque não tem capitães, ou porque, se os tem, lhe não convém enterrar-os na obra colossal e problematicamente lucrativa da canalisação do Alviella. Resulta, pois, d'esta situação especial que a cidade de Lisboa se acha ha annos n'esta situação pelo menos curiosa: a companhia não dá agua nem consente que outrem a dê.

Ainda que ultimamente o governo tem por sua conta e risco feito pesquisas, contractos, compras de aguas para ver se pôde, assim, palliar as perigosas consequências da sécca esperada por todos para os mezes do outomno. Ninguém pôde levar-lhe a mal que o faça, mas todos perguntarão porque é que a companhia, fornecedora exclusiva, não faz exactamente isso que o governo está fazendo? Porque a não compelle o governo a fazel-o?

Profundos segredos da arte de governar! Dóe, entretanto, o vermos um ministro, tão laureado hontem, levar assim um cheque hoje, e estar na imminencia de uma quédá se com effeito a sécca chegar, e se os fortes argumentos que accusam a sua administração apparecem sublinhados pela suffocação em pó e pela sede dos infelizes habitantes de Lisboa! *Sic transit gloria mundi.*

Não é o medo da futura escassez de agua em Lisboa, a unica consequencia da falta das chuvas. A crise agricola do Algarve parece ir-se accentuando, e noticias recentes pintam com tristes cores o estado da provincia; não consta, por ora, de que especie serão as providencias que o governo tem em mente adoptar. Em compensação, porém, d'estas noticias desoladoras vem-nos do mercado bancario outras que as contrabalançam. Annuncia-se a fusão dos quatro bancos ultimamente creados em Lisboa, e esta sábia decisão não pôde deixar de merecer o applauso de todos os que viam com receio as futuras difficuldades da multiplicação demasiada das instituições bancarias. As noticias que vem do Brasil são



tambem animadoras, e, assim, as nuvens que pareciam querer engrossar dissiparam-se breve.

O panico produzido pelas fallencias dos bancos Mauá e Allemão, deu de si uma corrida aos outros bancos; mas felizmente nenhum outro estabelecimento se viu forçado a deixar de cumprir os seus compromissos. A emissão de papel-moeda e a solidez provada dos bancos, fizeram voltar a confiança um momento abalada. Por outro lado annuncia-se a conclusão pacifica do tractado de limites do Paraguay entre o imperio e a republica argentina, o que, confirmando as minhas anteriores observações a respeito das relações politicas das duas nações sul-americanas, concorre eficazmente para socegar os espiritos.

A febre de especulação, causa constante das crises commerciaes, não é porém um phenomeno exclusivo d'essa ordem de actividade humana. Invade a industria e d'entre as varias industrias uma que pelas pretensões de sacerdocio diariamente manifestadas, diriamos dever andar superior a esta especie de tentação. O jornalismo acaba de alliar-se ás loterias, e a *Gazeta do Dia*, folha diaria de Lisboa dá diariamente um premio aos seus consumidores. É perfeitamente natural que depois dos annuncios, das *reclames* e dos brindes, viesse a rifa; mas nem por ser natural impede que tenhamos saudades dos tempos em que os jornaes eram verdadeiramente órgãos de opiniões politicas, e não rões de noticias, cartazes de annuncios e agora bilhetes de loteria. Ainda que a *Discussão* cujo apparecimento se annuncia para o principio de julho não me parece que venha augmentar o numero das folhas industriaes. Órgão das opiniões do grupo Vaz Preto, a *Discussão* é por muitos considerada como mais um campeão das doutrinas monarchico-democraticas, abertamente confessadas pelo seu redactor o sr. Pinheiro Chagas n'um drama recente. O partido ou antes o grupo de opiniões dispersas que constituem o radicalismo portuguez ficará assim contando recrutas novos.

O fallecimento do duque de Loulé obrigou o partido historico a uma reconstituição; succedeu ao duque o sr. Braamcamp tendo por substituto o sr. Luciano de Castro: brevemente veremos se a alteração do pessoal director influe notavelmente na marcha politica do partido.

Ao encerrar esta chronica chega a noticia da sentença do juiz arbitro na pendencia que traziamos com a Inglaterra sobre a bahia de Lourenço Marques. Na pendencia, ou, melhor diria, nas pendencias porque eram duas: por desenvolvimento do direito de Portugal sobre os rios e territorios de Tauby, Maputo e Inhaca, ao sul da bahia; e sobre o rio Manhiça, ao norte. «A origem da primeira datava de 1823 e fôra por terem as auctoridades portuguezas aprezado o navio inglez «*Eleonora*», que fazia contrabando; e a da segunda, de 1857, pela apprehensão do cutter «*Heralda*», que entrára em Manhiça com artigos de guerra. Os navios da esquadra britannica, que crusavam por aquellas aguas, com offensa das auctoridades portuguezas e da bandeira de Portugal, permittiram-se tirar á força os navios apreizados, com o fundamento de que não tinham sido boa preza e de que o governo inglez estava em relações com alguns dos

regulos d'aquella costa e considerava estes territorios annexados á corôa da Gran-Bretanha. Houve, relativamente a estes gravissimos incidentes, correspondencia diplomatica seguida desde 1826, em que o governo britannico, pelos diplomatas portuguezes acreditados em Londres, teve conhecimento de tudo, mas a que respondia negando a nossa soberania na bahia de Lourenço Marques, e inculcando o direito da occupação de Inhaca e a ilha dos Elephantes, com o intuito de evitar o trafico da escravatura e de promover o commercio licito n'aquella bahia.

Na parte contestada, havia que oppor, a favor de Portugal, a prioridade do descobrimento e da exploração da bahia e respectivos rios e territorios, começada no declinar do segundo quartel do século XVI pelo portuguez que deu o nome á bahia, e proseguindo nos dois seguintes quartéis do dito século, e especialmente por Perestrello, — os estabelecimentos ali fundados por ordem do rei D. João III, com effectiva posse; — as convenções e os actos de reconhecimento, successivamente reiterados, no discorrer dos séculos pelos regulos ou chefes d'aquellas regiões; — no constante reconhecimento do direito de Portugal por todas as nações da Europa, que nunca o negaram; — e, por ultimo no reconhecimento e posse de Portugal pela propria Inglaterra, e expressa na soberania portugueza nos territorios entre o Cabo Delgado e a bahia de Lourenço Marques.»

Foi-nos favoravel a sentença, e se ainda ha quem nutra os velhos odios contra a *perfida Albion* será para esse a noticia uma verdadeira alegria. O que não quer dizer que deixe de o ser tambem para nós.

P. DE OLIVEIRA.

## ESPAÑA

A 19,70 se cotizaba el 3 por ciento interior en fin de enero; 15,45 estaba siendo su precio á principios de junio, y ya á mediados del mes ha descendido á 15,25; dentro de esos cinco meses hay un mundo de esperanzas perdidas, cuyo peso traduce fielmente la curva de las cotizaciones. Esperanzas en las grandes operaciones militares preparadas en los comienzos del año y paralizadas en el Carrascal; esperanzas en los diversos resortes movidos para obtener la paz á toda costa; esperanzas en el restablecimiento de relaciones con la Santa Sede; esperanzas en Cabrera y en las contraguerrillas de sus parciales; esperanzas en los trabajos para fundir grupos y fracciones que dieran apoyo al Gobierno; esperanzas en la reunion magna celebrada en el Senado; esperanzas infinitas á cuyo compás se han ido marcando las oscilaciones de la Bolsa de Madrid hasta el punto en que se encuentran los valores, por más que esperanzas no faltan aún, como que de ellas viven los mortales.

Fúndanse las guerreras del momento, en la resolucion, despues de



cuatro meses de inercia, de emprender operaciones militares trayendo al Centro parte de las fuerzas que se hallan en el Norte, para dar, bajo la direccion del General Jovellar un golpe decisivo á la faccion que se ha ido organizando á su placer en esta zona, y que con razon inspira cuidado. Si las cosas salen como están planteadas, si los carlistas del Norte no siguen tomando la ofensiva, si no aprovechan la evacuacion de las tropas llamadas al Centro (y la necesidad que, cambiando de papeles, se han creado las restantes de sostener á todo trance un monte atrincherado, de dudosa utilidad) para invadir las provincias de Burgos y Santander y cortar la única línea de comunicacion férrea que queda con Europa, si las facciones del Centro quieren aceptar el ataque, si ningun obstáculo ocurre, se espera que Jovellar obtendrá en el Centro una gran victoria que permitirá despues dirigir al Norte todos los esfuerzos reunidos.

Que en absoluto no se desespera aún de los procedimientos empiricos para obtener la paz, sea como quiera y cueste lo que cueste, lo revelan multitud de síntomas, que no pierden su importancia por el hecho verdaderamente inexplicable de que á los 18 dias de publicada la carta, sin fecha, de D. Alfonso á Cabrera, en que se le reconocen sus títulos, empleos y condecoraciones, todavia no haya aparecido decreto alguno que haga efectivo ese reconocimiento; ni tampoco por el desengaño que han sufrido la junta pacificadora que se formó en Bayona y los parciales de Cabrera que, como Aguirre, han tenido que renunciar á su intento de formar contraguerrillas que introdujeran la confusion en el campo carlista.

Esta humilde crónica fué la primera que á la estrepitosa llegada del Nuncio de S. S., Monseñor Simeoni, se permitió anunciar que no estaria mucho tiempo en Madrid el esperado Mesias, de quien tanto se prometian algunos: el enviado que con tan desusados agasajos fué recibido y obsequiado, el agente romano á quien no se han escaseado ni las contemplaciones, ni las concesiones para tenerle contento, despues de lograr todas las que ha podido se vá, en efecto, y los diarios neo-católicos hacen con significativa sorna esta pregunta: ¿saben los periódicos ministeriales cuando volverá? El Nuncio enviado á D. Alfonso se vá, sin que el Vaticano, que al mismo tiempo envió á D. Carlos la palma bendecida el domingo de Ramos, haya soltado directa ni indirectamente una sola palabra de paz: el Nuncio se vuelve á dar fé oficial de que en España hay dos causas que invocan los mismos principios; Dios, Patria y Rey: se vá satisfecho de que quedan anuladas las leyes de matrimonio y registro civil y la libertad de enseñanza: se vá dejando á los prelados encerrados en su mutismo ante el espectáculo de una enconada guerra civil, y á una buena parte del clero invocando el nombre de D. Carlos en los actos de su ministerio. Apesar de todo eso, debe haber aún quien alimente esperanzas en el Centro universal inspirador del *Observatore* y la *Civiltà Catolica*, cuando se le sigue acariciando con nuevos golpes á la libertad de enseñanza, con la imposicion de la unidad religiosa al ejército y conatos de hacer general la intolerancia, traducidos en medidas adoptadas por la autoridad contra dos individuos no católicos que rehusaron des-



cubrirse al pasar una procesion, haciendo uso de su derecho, y teniéndole pleno para pedir la aplicacion á la autoridad que así faltó á su deber, del artículo del Código Penal que impone pena de prision correccional y una multa de 250 á 2500 pesetas, al que por medio de amenazas, violencias ú otros apremios, forzase á un ciudadano á ejercer actos religiosos ó á asistir á funciones de un culto que no sea el suyo.»

Pero la mayor, acaso, de todas las esperanzas, ó al menos, la que más vital se ha considerado y la que con ese afan se han perseguido, es la de confeccionar una fusion conservadora como se confecciona un manjar recomendado por un libro de cocina, reuniendo todos los componentes de la receta culinaria y aderezándolos como manda, aunque sin posibilidad de aplicarlos al fuego que ha de purificarlos y, dándoles unidad y consistencia, hacer efectiva la operacion química. Respetamos demasiado á nuestros lectores, para que ocupemos su atencion con la docena de peregrinos documentos en que, por via de prólogo al guiso de la fusion, se han dirigido reciprocos y no pequeños ataques los Sres. Sagasta, Santa Cruz, Alonso Martinez y los grupos capitaneados por cada uno de estos señores: pasamos tambien de largo por la reunion del 20 de mayo, con tanto más motivo, cuanto que hasta el acta de lo que en ella ocurrió está dando motivo á reclamaciones, á disidencias y dificultades, y vamos al resultado positivo de aquel acto en que tantas esperanzas se fundaban. Asiéndose el Gobierno al proyecto de una reunion de familia ideada por una fraccion conservadora que no se entendia dentro de sí, pensó que ensanchando la convocatoria, podria darse á la funcion el barniz de parlamentarismo que las circunstancias van exigiendo de día en día; sin mision ni encargo de nadie, y por consiguiente, sin poderes ni autoridad para el país, ni aun para los partidos á que pertenecen, acudieron al llamamiento, no se sabe con qué derecho formulado, los que, plagiando la denominacion de aquellos redentores de Méjico que con tan mala fortuna quisieron levantar un imperio, se llaman á sí mismos *notables*: hombres de tres distintas procedencias, conservadora, uníonista y moderada, entre los cuales median distancias imposibles de llenar. Misteriosamente, sin que el país sepa cómo ni por qué, salieron de allí 39 individuos declarados poseedores del secreto de lo que España quiere ó no, y, siempre con procedimientos absolutamente tenebrosos, de esos 39 brotó otra comision de 9, que para más clarearse se instaló bonitamente en el palacio de la presidencia del Consejo de Ministros, como quien se halla en casa propia. Desde el primer momento comenzaron á dibujarse la opinion de los que quieren una Constitucion nueva; la de los que prefieren la reforma de una de las ya hechas; la de los que fijan como punto de partida la de 1845; la de los que señalan la de 1869 como base de reforma y la de los que están por hacer una compilacion de artículos de todas las existentes: para zanjar estas divergencias se acordó contentarse con sentar bases generales, y de estas dejar á un lado aquellas en que no se encontrara modo de transaccion: dudóse luego si las bases habian de ser presentadas como acta adicional á la Constitucion que se eligiere ó como artículos á un co-

digo en embrion; pero antes de eso, los *notables* que se han declarado constituyentes, tienen tentaciones de resolver otras cuestiones árdas, que llaman prévias, con lo cual el Gobierno que los acarició esperando de ellos un apoyo, empieza á encontrarse con una fiscalización, que no por ser completamente desautorizada deja de constituir para él un peligro grave. Tal está siendo el resultado práctico de este pretendido ensayo de constitucionalismo que carece de toda seriedad y que ha venido á desvanecer no pocas esperanzas.

Los hombres que hoy gobiernan á España no quieren prescindir de la dictadura, y acaso hacen bien, mirada la cosa bajo el punto de vista de su conservación en el poder: desvanecidas están las ilusiones de pacificación fundadas en las ventajas de un ejército sufrido, pero forzado é indiferente, sobre otro ejército voluntario y fanático; pero si levantando frente á ese fanatismo el fanatismo por la libertad, la causa carlista estaba perdida, perdida estaba también la situación actual: desacreditado está el sistema de las negociaciones, de las transacciones y pactos pacificadores, el lenguaje que, aspirando á contemplar opiniones contrarias, las disgusta todas; frases oficiales se leen en la *Gaceta* que no desarmen un brazo carlista y hacen cruzarse muchos liberales; pero si hay palabras que los harían tomar un arma, esa arma sería un peligro para la situación: vá ya siendo preciso hacer algo que autorice el uso del calificativo «constitucional»; pero si el procedimiento empleado para fabricar ese pretexto está dando un resultado deplorable, más deplorable sería aún para el poder, la serie de elecciones municipales, provinciales y de córtés, ó el retraimiento á que podrían dar lugar los medios que para ellas se emplearen.

No desconoce, sin duda alguna, el Gobierno, el mal efecto que en el interior y en Europa ha de hacer el sistema á que sigue fuertemente asido desde su advenimiento; pero, ¿cómo podría prolongar sin él su vida, combatiéndole abiertamente los neo-católicos, los republicanos, los demócratas y los progresistas, mirándole de reojo los constitucionales disidentes, atacándole los partidarios del Sr. Sagasta, poniéndole el pié para que tropiece los del Duque de la Torre, y no contando con más apoyo que el de los conciliadores, á condicion de que les dé participación, y de los moderados, mientras se preparan para derribarle!

La situación está fatalmente condenada á moverse mientras viva dentro de piés forzados; camina sobre una espada de dos filos, carlista el uno, republicano el otro y aun tropieza, en medio del equilibrio que tiene que guardar, con la aspiración moderada que se le pone delante de cada pié.

De ahí la arbitrariedad inaudita con la prensa, que no se contenta ya con imponer silencio dentro de las fronteras, sino que detiene en ellas todo lo que dice la prensa independiente del mundo sobre los asuntos de España; de ahí las prisiones y deportaciones de generales, brigadieres, coroneles, gefes y paisanos, que no se permiten mencionar siquiera á los periódicos; de ahí la renovación de todos los gastados ins-



trumentos del desacreditado sistema preventivo, cuyas consecuencias están tan experimentadas ya.

Lo que no se explica del mismo modo, lo que constituye una torpeza que no tiene disculpa, es el lenguaje de la prensa ministerial, malamente encargada de justificar la dictadura.

Dá grima leer en uno de sus órganos más ilustrados este aforismo, tan fatal para quien le invoca: «El castigo gobierna al mundo»: dá lástima ver ciertas amenazas á quien se separe de la ley, abogando por una situacion que arbitrariamente ha echado por tierra casi todas las leyes, ó, sin tener valor para hacer eso con algunas, empezando por la Constitución del 69, por nadie derogada aún, las deja en suspenso y las ataca de soslayo valiéndose de desdichadas maniobras de *notables*: dá pena, en fin, que cuando aun no hace seis meses que la espada de Martínez Campos abrió el camino del trono á D. Alfonso, los que hablan en nombre de aquel cambio, tengan la pretension de cerrar de una plumada la innumerable série de actos político-militares que, casi sin interrupcion, se vienen sucediendo en España con grave daño de ella desde principios del siglo actual.

La cita que acabamos de hacer del general Martínez Campos convidaba á dar noticia de las peripecias ocasionadas por su venida á Madrid, y esto nos llevaria como por la mano á ocuparnos tambien de los proyectos de regreso de la reina D.<sup>a</sup> Isabel; pero ni de estos asuntos, ni de otros semejantes, debemos hablar en una Crónica que por su índole no puede ser noticiera. Sin que de ese carácter peque, podemos y aun debemos mencionar siquiera los nuevos y onerosos impuestos que, como arbitrios para el municipio de Madrid y sin razonar siquiera el decreto, han venido á pesar sobre el asustado vecindario de la capital de España, gravando fuertemente los artículos de comer, beber y arder que no lo estaban aún por el Estado, y cargando el 12 por ciento, al 8 que ya pagaba la industria por contribucion.

No son ciertamente satisfactorias las ocasiones con que en Inglaterra se suele tratar de los asuntos de España: un dia se presenta en el Parlamento una mocion para que se reconozca como beligerantes á los carlistas, que ha habido por cierto la torpeza de calificar de tales en un convenio de cange celebrado en Cataluña: otro dia recibe Lord Derby una comision que pide la mediacion amistosa del Gobierno inglés, para poner término á la insurreccion cubana: estas tentativas de los partidarios de dos guerras permanentes, resuenan en el extranjero como lamentos de España producidos por dos de los terribles cánceres que la devoran.

Recuerdo de sus desgracias ha sido la inauguracion del monumento tumular del general Prim, que es de hierro, bronce, dorados y plateados, y que constituye una bellísima y singular obra de arte.

Digno de registrarse en nuestra crónica es cierto espantoso suceso acontecido en Reus; en el centro de una plaza llena de gente, se alzaba un cadalso en que debian perder la vida dos sentenciados por delitos



comunes: perdióla el que tuvo la mala suerte de caer el primero en manos del verdugo; fué luego á ejercer con el segundo su odiosa misión; dió vuelta al tornillo del garrote, pero, fuera este ó la argolla los que se rompieron, la terrible máquina no ejercía sus repugnantes funciones: forcejeó largo rato el verdugo, agitóse en medio de horribles convulsiones la víctima, dando señales del espantoso martirio que estaba sufriendo y dióse al fin el verdugo por vencido: á la vista de aquel singular espectáculo, que duró cerca de una hora, prorrumpieron los espectadores en gritos de «perdon»; volvió el reo á la cárcel con sangrientos testimonios en el cuello de los esfuerzos del verdugo, y vinieron al Gobierno comisionados de la población pidiendo indulto. Ninguno de los defensores de la pena capital ha aprovechado tan bella ocasión de explicar la razón de la diferente suerte que ha cabido á dos reos de un mismo crimen; qué intervención tiene la justicia humana en el juego de azar que puso el cuello de uno de los delincuentes en una máquina que funcionaba y el del otro en una que estaba descompuesta; qué papel hace la sociedad declarándose sometida á la voluntad de un pedazo de hierro, que decide por cima de la sabiduría de la justicia, quien ha de sufrir ó no la pena de muerte!

Verdad es que hay momentos en que se duda si como pena se mira en España la privación de la vida, de que tan poco aprecio suele hacerse; casi al mismo tiempo que la perdía en el patíbulo el desgraciado que fué ejecutado en Reus y otros que lo han sido en diversos puntos, en la plaza de toros de Madrid, delante del rey, á la vista de millares de bellas damas, ricamente vestidas, acompañadas de galanes que con ellas sostenían alegres y galantes diálogos, de las astas de un toro se desprendía en la arena del circo un hombre, que media hora antes se hallaba en toda la lozania de la juventud y de la robustez, y que en medio de aquella atmósfera perfumada, á la vista de aquellas madres é hijas de familia, que apenas se tapaban coquetamente con el abanico sus pintados rostros, pronunciaba al morir esta postrera frase: ¡Pobres hijos míos!

Donde el público acude á dos espectáculos semejantes, el del garrote y el de los toros; ¿qué extraño es que la navaja esté diestra en quitar del mundo á un hombre por un requiebro á una muger ó por un simple botijo de agua, como sucedió anteayer?; ¡qué de particular tiene que el fusil venga á completar este desprecio de la vida, que casi llega á ser uno de los caracteres de la raza española y también la más poderosa causa, tal vez, de sus desgracias!

\*\*\*

## EUROPA

A interpegação de Lord Russel na camara ingleza a respeito da correspondencia ultimamente trocada entre a Inglaterra, a Alemanha, a Russia, a França e a Austria veio fornecer elementos importantes para o es-

clarecimento das probabilidades de uma futura guerra europeia e para a previsão da attitude da Inglaterra em face d'ella.

As conclusões a que cheguei nas minhas chronicas anteriores parecem-me ainda confirmadas.

Lord Russel lembrou que em junho de 1870 o conde de Granville assegurara como hoje assegura o governo inglez que todas as communicações diplomaticas testemunhavam o desejo de manter a paz nos governos das nações da Europa e principalmente no de França, o que não impediu que um mez depois a guerra rebentasse declarada por este mesmo governo. Não poderia agora succeder outro tanto? Não se terá a Inglaterra desinteressado demais das questões europeas? — perguntou Lord Russel — não deveria ella intervir mais effectivamente, embora por meios pacíficos, na sua solução?

O conde de Derby respondendo declarou que todas as ligeiras desintelligencias que ultimamente tem parecido começar temerosas entre a França e a Allemanha tinham por base um equivoco que a Inglaterra intervindo procurou e conseguiu, ao que parece, desvanecer por em quanto: suspeitava a Allemanha que a França se propunha a atacal-a logo que tivesse o seu exercito organizado; — e pensava a França que a Allemanha queria fazer d'esta suspeita um pretexto para uma nova guerra anniquiladora em quanto as forças francezas se não acham perfeitamente dispostas.

Se estas são com effeito, disse o conde de Derby, as convicções dos governos e dos homens de Estado dos dois paizes, toda a intervenção é inutil e a guerra ha de dar-se. Se não, o equivoco pôde destruir-se e é isso que a Inglaterra e outras potencias tentaram agora.

Uma vez despido das prudentes e banaes generalidades diplomaticas não se encontra no discurso do ministro dos negocios estrangeiros da Inglaterra uma só phrase que cathegoricamente nos assevere que o chamado equivoco entre a Allemanha e a França não tem fundas e bem alimentadas raizes nos espiritos dos estadistas d'ambos os paizes.

Tudo é n'esse discurso condiccional. Em vez de nos dizer que existem determinadas circumstancias de que derivará a paz, diz-nos apenas que em certos casos haverá paz e n'outros guerra, o que, na bocca circumspecta e sybilina d'um diplomata, importa um vaticinio d'esta ultima.

É que na verdade, — cada vez se vê mais claramente, — a França procurará a desfórta logo que possua um exercito, e a Allemanha dará o primeiro golpe, sob um qualquer pretexto, logo que as forças da França lhe mostrarem a aproximação d'esse movimento, necessario na ordem actual das coisas.

Ainda ha pouco se fallava d'uma conferencia entre o principe de Hohenlohe e o duque Decazes, em que este se occupara em convencer o ministro da Allemanha em Paris, humildemente, com a anciedade com que um pequeno senhor feudal fallaria ao seu suzerano, de que a reorganisação do exercito francez não devia incommodar a Allemanha por que só se completaria em 1877; que eram falsos os boatos da fundição de novas



peças de artilheria, e explicava-lhe miudamente que apenas se transformava alguma artilheria das fortalezas de fins meramente defensivos.

É arriscado sempre garantir a authenticidade absoluta d'estas conversações reveladas pelos *reporters* que muitas vezes as adornam para augmentar-lhes o primeiro effeito. O que porém é indubitavel, é que é este o character obrigado das relações actuaes entre a diplomacia franceza e a diplomacia allemã.

Que se me diga se a França querará conservar-se indefinidamente n'esta humilhante situação. Que se supponha por um momento que a França se julgava preparada para uma guerra e que se calcule que resposta daria o ministro dos negocios estrangeiros ao principe allemão que em Paris lhe fosse tomar contas do alargamento dos quadros do exercito ou da fundição de algumas peças de artilheria.

O que pareceu mais uma vez confirmar-se pelo discurso com que o conde de Derby respondeu á interpegação de Lord Russell é que a Inglaterra continuará a não intervir d'um modo effectivo e efficaz na politica internacional do continente europeu, «o que», apressou-se a declarar o subtil diplomata, «não significa que a Inglaterra seja indifferente á paz europeia.

Bem pouco pesam ainda hoje, em vista do estado dos espiritos e dos processos empregados pelo sr. de Bismark, as sympathias d'uma nação, o seu interesse moral pela paz ou pelos successos, se esse interesse não se apoiar n'um qualquer emprego opportuno de forças tangiveis e temiveis. Abundam as declamações dos publicistas a proposito da efficacia da intervenção da Russia e da Inglaterra na supposta solução definitiva das ultimas difficuldades internacionaes. Teem por isso ultimamente cantado a appareição d'um tribunal de arbitragem pacifica na Europa; e, todavia, esse tribunal está ainda muito longe de existir em condições solidas, serias e duradouras. Para que uma intervenção pacifica tenha efficacia é necessario que se saiba que ella deixará de o ser logo que nada comsiga com o emprego dos primeiros meios. Que importancia pôde ter superior aos interesses da Allemanha ou da França que a Inglaterra peça a paz declarando que cruzará os braços se a não conseguir? Nem ha delicadezas, amabilidades, enternecimentos, condescendencias nas relações internacionaes que preponderem sobre o que se julga, embora erradamente, util aos povos, nem a justiça absoluta é ainda a directora suprema das relações dos homens, para que baste invocal-a como argumento decisivo em prol d'alguma solução.

Nada mais interessante e significativo que a discussão sobre a nova lei da instrução superior na assembléa franceza. No momento em que a Burguezia liberal combate por toda a parte victoriosamente a Igreja que condemna a liberdade; quando uma nova *reforma* reúne quasi sem excepção as nações n'um protesto violento que parece definitivo, essa discussão vem lançar uma luz inesperada sobre a opinião pelo menos que nos dois campos se tem do estado dos espiritos, e sobre as consequencias que uns e outros esperam, ainda hoje, da acção da Igreja catholica.



Ao sr. Dupanloup afigura-se pouco liberal o projecto da commissão, na sua grande maioria tirada da esquerda da assembléa de Versalhes. Mais liberdade, completa liberdade, pede elle aos liberaes. Que todas as associações possam crear estabelecimentos de instrucção superior; todas: — que se não dê só liberdade ás fundações catholicas, mas a todas. A Igreja quer a paz. Sempre que combate é para alcançar a paz, e é para a sellar com os partidos politicos modernos, que ella os vac d'esta vez procurar ao seu terreno privado, repetindo emfim o apregoado mote d'elles, o thema sempre fertil da sua rhetorica, a chave de ouro que fecha necessariamente as suas phrases, a letra obrigada dos seus hymnos; é ella emfim que vae collocar-se, a proposito do mais transcendente de todos os assumptos, sob a fascinadora e victoriosa bandeira d'esses partidos: — a Liberdade.

Ora os liberaes em presença d'esta conversão da Igreja intransigente, e em face das palavras humildes, unctuosas, verdadeiramente christãs do auctorizado bispo de Orleans, sustentam pela boca do sr. Laboulaye que a liberdade se deve limitar e restringir, para que não sejam os inimigos livres de atacar, de ferir, de procurar vencer; que todos possam armar-se, menos os contrarios.

Extranho espectaculo, mais frequente todavia que os liberaes consentem em confessal-o a si proprios!

Quantas consequencias importantissimas a tirar d'estes factos!

A igreja pede no ensino, na propaganda de ideias, de theorias, de systemas, o campo livre, a luta franca. É claro que conta com a victoria. Deixae-me fallar embora vós pregueis ao meu lado, — diz ella aos partidos modernos, — e serei eu quem convencerá. E não se julgue que a igreja confia, suppondo cheia de fé possuir a verdade, na victoria inevitavel por fim de Deus sobre o mal e o erro. Nada d'isso. Ella bem sabe que os tempos obscuros e os tempos de iniquidade são ás vezes dilatados e que os longos martyrios em que os perversos parecem vencer são não raro agradaveis ao Senhor. Os tempos são hoje essencialmente politicos, e politico é exclusivamente o jezuitismo que não é já a doutrina d'um grupo mas o sentimento encarnado em toda a igreja. Quando a derrota sobrevem teem-se á mão todas essas phrases como explicação facil e sempre irrefutavel das quedas de que o Senhor levanta e exalta mais que nunca os seus fieis. Mas a victoria immediata é que os christãos agora se dirigem. Hoje a virgem christã desce á arena para estrangular a fera e não para lhe acabar inerte e mysticamente transportada nas garras impias: tem a igreja abundancia de martyres precisa agora de triumphadores. Se a igreja pede a liberdade do ensino superior é porque avalia as suas forças em mais do que os contrarios; mas as suas forças meramente humanas, materiaes: — os meios que tem de fundar universidades, cursos, de subsidiar estudantes, de influir nas familias, de doutrinar e envolver e arrastar os espiritos.

A consciencia d'este poder é fortalecida por um facto mais grave que é a opinião insuspeita dos proprios partidos liberaes sempre dispos-

tos aliaz a avultarem as suas forças e sobretudo a amesquinhare as do clero a dizerem-n'o definitivamente vencido pelas conquistas do progresso e pelas ideias do seculo.

Da liberdade que os catholicos romanos pedem em França teem assim agora medo os liberaes e oppõem-se-lhe. Ai de nós, dizem elles, se a egreja pôde levantar escolas, doutrinar, expôr as sciencias, formar os homens das classes illustradas.

Conseguem os dois partidos empenhados n'esta estranha contenda, porque é politica, perder ambos a logica dos seus principios. Não é raro isto nos liberaes nem é raro tambem na pratica da egreja catholica se bem que o seja menos na sua inabalavel theoria.

Se o progresso da verdade é irresistivel, se o espirito do seculo é invencivel, se as conquistas modernas são inalienaveis já, se sobre tudo a liberdade tem em si propria a cura de todos os males que mesmo d'ella possam derivar, porque não deixaes oh! liberaes que a egreja, ao lado das fortes instituições das sciencias modernas, eleve a sua vóz antiga e a sua construcção scientifica hybrida e cimentada, ao mesmo tempo, com o dogma revelado e com o methodo experimental?

E vós catholicos como acceitaes, mesmo suppondo vencer, a visinhança dos impios? Como podeis admittir no Estado e pedir nas suas assembléas a liberdade do erro?!

A verdade é que o Catholicismo e o Liberalismo são dois systemas politicamente equivalentes o que quer dizer que ambos são utilissimos, que ambos tiveram a sua missão, o seu papel e o seu tempo de acção proficua rigorosamente contado na historia implacavel. Nem um nem outro nunca pormittiram a liberdade do que consideram, sob pontes de vista diferentes, como erro. Que a egreja se julga poderosa e que os seus inimigos tambem como tal a consideram é o que porem pôde apurar-se d'estes notaveis factos.

Notarei que as modificações á lei sobre o ensino superior em França apresentadas pelos catholicos, foram approvadas pelas direitas da assembléa, que d'esta vez se acharam em maioria, facto que prova que a egreja catholica ainda pôde desprender ou immobilisar muitos votos que n'outros assumptos seriam democraticos ou que os republicanos estão cansados de uma vida politica absorvente, longa já, de que o imperio, encarregando-se de tudo, os havia deshabitado. Esta ultima explicação que de modo algum exclue a primeira, tem ainda a seu favor outros factos. Ha muito que se nota entre os deputados da esquerda uma certa falta de actividade e de enthusiasmo: não comparecem ás sessões, deixam perder votações, interessam-se com pouca effectividade n'uma lucta em que julgam ter vencido definitivamente.

A politica moderada, prudente, cheia de habeis concessões do centro esquerdo tem com effeito radicado a republica constitucional, conservadora. Cada vez se vê mais em França, como eu tenho notado, que os reis, de ha muito desacreditados perante os espiritos praticos como delegados directos da providencia divina, já não são tambem hoje uma ga-



rantia necessaria da ordem. O capital, a propriedade e as relações de classes e interesses conservam as mesmas posições relativas nas monarchias, ou nas repúblicas moderadas. A burguezia pôde assim ser republicana sem risco, sem temor. Para que este resultado se consiga tem tido de abdicar completamente as esquerdas idealistas e radicaes. E, as direitas de Versalhes, os velhos partidos doutrinaros que, agarrados ao seu hybrido rei, cada vez têm menos sentimentos communs com a parte influente e directora da nação, cada vez a representam menos legitimamente, e cada vez tambem tomam mais o character de simples facção politica com um programma que deve felicitar accessoriamente o paiz, mas que, sobre tudo, deve levar ao poder ou conservar n'uma opposição influente certos homens, ou completamente obsecados, ou que não querem convencendo-se, passar por apostatas.

É porque os anima hoje um interesse pessoal, forte, egoista, ambicioso que se substituiu ao interesse nacional que elles deixaram de representar que os membros das direitas monarchicas não cansam como os das esquerdas republicanas, e os vencem em muitas votações pela sua assiduidade, mais do que pela sua maioria real. Entre elles, dominando-os e movendo-os está o partido bonapartista cada vez mais dentro dos interesses de Roma, cada vez mais disposto a tomar de empreitada, á nação industrial e fatigada de politica, o governo, a administração publica, e ainda, quando chegar o momento propicio, ou talvez antes d'este chegar, a desforra sobre a Allemanha.

Esta situação dos partidos monarchicos no assembléa tem-se sempre reflectido na attitude reservada do governo, principalmente sustido e creado pela esquerda, e todavia representando na sua physionomia e nas suas intimas aspirações a direita que, sobre tudo o compoz com os seus membros.

As leis complementares da constituição franceza,—a que determina as relações entre o senado, a camara dos deputados e o presidente, e a lei eleitoral do senado,—vão dentro em pouco ser votadas na assembléa.

Tudo faz suppôr que as esquerdas vençam as proximas eleições geraes e cheguem a formar exclusivamente um governo. Ahi os perigos voltarão. As esquerdas radicaes não poderão indefinidamente abdicar as suas idéas, os seus principios e terão de formar uma opposição oscilante por que se ligará com o governo sempre que o bonapartismo, esse outro grupo de opposição da nova Camara, apresentar alguma força e alguma probabilidade de victoria. No poder, nas instituições, não poderá passar-se do centro esquerdo. De contrario os interesses assustar-se-hão e um golpe d'estado imperialista virá restabelecer, já se sabe em que condições, a ordem periclitante.

14, de junho de 1875.

J. BATALHA REIS.



## REVISTA ARQUEOLÓGICA

SUMARIO. — La arqueología en España. — Importancia de su estudio. — Comisiones de monumentos. — Creación del Museo Arqueológico Nacional. — Disposiciones recientes. — Derogación del decreto sobre incautaciones. — Formación de Museos provinciales. — Publicaciones. — *Museo Español de Antigüedades*. — Materias que comprenden los tomos iv y v. — Escritores. — Artistas. — Conferencias del Sr. Villaamil y Castro, sobre *Arqueología sagrada*, en el Ateneo científico y literario de Madrid. — Próxima recepción de un Académico de la Historia. — Las antigüedades de Yecla. — Conclusion.

### I

En medio de las agitaciones políticas que en nuestro país se suceden sin interrupción, y que han venido á ser, por decirlo así, la vida ordinaria de los hijos de la pobre España, el cultivo de las ciencias, sembrado siempre de dificultades y falto enteramente de estímulos, ha debido, por razón natural, reducirse á proporciones muy limitadas, y no pasar, sino muy rara vez, de las condiciones de una profesión ejercida como medio de subsistencia. Solo aquellas aficiones tan decididas y poderosas que no reconocen obstáculos para conseguir sus fines, pueden en épocas tan adversas, sobreponerse á todo, y á fuerza de energía y perseverancia llevar á cabo lo que solo es dado á las almas de temple superior y á las inteligencias privilegiadas.

Preciso es, en efecto, hallarse dotado de una virtud más que catoniana, ó de un amor á la ciencia que se aviene mal con el grosero positivismo de nuestros días, para encerrarse en un gabinete y emplear las mejores horas de su vida en arrancar secretos á la ciencia, cuando el que semejante tarea se impone ignora si sus desvelos serán premiados, no ya con el galardón material de la posición ó el renombre, pero ni aun con la satisfacción de que el fruto de ellos concurra á aumentar el fondo de la ciencia oficial.

Y si al mismo tiempo vuelve la vista al revuelto campo de la política, y considera la facilidad con que en medio de sus intrigas se improvisan carreras y reputaciones, el desaliento ha de ser mucho mayor necesariamente.

Por fortuna, la ciencia lleva en sí misma encantos suficientes para recompensar los desvelos del que á su culto se consagra; y si por otros caminos puede el hombre satisfacer más cómodamente pasiones tan mezquinas como el orgullo y la vanidad, nada de esto es comparable á los verdaderos y sólidos goces que se encuentran en el fondo de los estudios científicos.

Entre estos, existen algunos, cuyo encanto es especial, porque logran interesar, no solo la inteligencia, sino lo que más predomina en nuestra raza, la imaginación. Uno de los estudios que, en nuestro concepto poseen en mayor grado, este seductor atractivo es el de la *arqueología*, de esta ciencia del arte que, al mostrarnos la huella del trabajo del

hombre desde sus primeros pasos en la tierra, nos traza la historia de las razas, de las civilizaciones y de los imperios, mucho más fielmente que el papiro, el pergamino ó el libro.

En muchas ocasiones la literatura ha utilizado el tipo del *anticuario* para presentarle en la novela ó en la escena como un ser verdaderamente original y extraño. Y no es de admirar que así haya sucedido, porque en efecto, cuando una vez se ha penetrado en ese vasto campo de la investigación, la curiosidad se desarrolla en progresión desconocida; cada nuevo misterio es un nuevo aguijón que estimula el deseo de penetrarle; y el anticuario acaba por absorberse completamente en sus aficiones, viviendo más en lo pasado que en lo presente.

Preciso es haber experimentado la impresión producida por el hallazgo de una ánfora romana en el fondo de una escavación, por el de la simple *fibula* que sujetaba el manto de la matrona, ó haber detenido el *dolmen* druidico, ó contemplado los grandiosos y terribles monumentos de la Asiria y del Egipto, y los no menos grandiosos y hasta hoy mudos de Palenque y de Uxmal, para formar idea aproximada del irresistible atractivo que acompaña al estudio de la antigüedad.

Ahora bien, pocos países pueden ofrecer tan dilatado campo á las investigaciones de la arqueología, como la península ibérica, donde una multitud de razas distintas han dejado la huella de sus pasos marcada con grandiosos monumentos; y que por otra parte, habiendo poseído inmensas colonias que ocupaban dilatadísimas regiones en Asia, Africa y América, ha unido á su propia historia, la de aquellos pueblos, igualmente abundantes en recuerdos de un pasado, cuyo conocimiento está lleno de interés.

Véase por qué el estudio de la arqueología tiene, si cabe, en España, mayor importancia que en ninguna otra nación. Y, si como hemos dicho en un principio, las perpétuas contiendas no hubieran conseguido aquí hacer casi imposible todo trabajo científico sério, este ramo de la ciencia contaría hoy entre nosotros mucho mayor número de adeptos, y se habría elevado á una altura que no es fácil determinar.

• Sin embargo, ¡cosa extraña! en los tiempos más recientes, á pesar de no haber disminuido las causas que dificultan en general los progresos científicos, la afición al estudio de la antigüedad se ha despertado de un modo notable. Multiplíquense los escritos sobre arqueología; la pasión de las colecciones se hace general; hasta la especulación comercial toma parte en el movimiento; y, lo que antes era raro, los depósitos de objetos de arte antiguos abundan de un modo extraordinario. No parece sino que los españoles, para olvidar su presente oscuridad, y sus grandes adversidades modernas, se esfuerzan en evocar los recuerdos de sus pasados esplendores y su antigua prosperidad.

## II

Si entre nosotros la iniciativa individual pudiera algo; si los nobles

esfuerzos del verdadero patriotismo no estuvieran eternamente condenados á estrellarse ante dificultades administrativas, la *arqueología práctica*, sobre todo, la conservacion de nuestros envidiables monumentos artísticos habria estado más favorecida. Pero donde todo ha de hacerlo el Estado, donde el Estado es el dispensador de la ciencia, como de la libertad, y hasta del pan cotidiano de los pueblos, cuando la máquina gubernativa sufre algun entorpecimiento, todo el cuerpo social se resiente.

La institucion de las comisiones de monumentos en nuestras provincias tenia por objeto la conservacion y reparacion de esos ricos tesoros artísticos, que las pasadas edades nos legaron para nuestra enseñanza é ilustracion sobre el desarrollo del arte en cada época histórica. Pero la accion de aquellas corporaciones resultó completamente ilusoria, puesto que las provincias y los municipios hace mucho tiempo que carecen de recursos hasta para las necesidades más apremiantes del momento; de modo que los monumentos confiados á su custodia continúan deteriorándose por falta de reparaciones; y el corto número de museos provinciales que á fuerza de trabajos y perseverancia llegaron á fundarse arrastran una existencia sumamente precaria.

La creacion de un Museo Arqueológico Nacional, decretada en 1867, y reclamada muchos años hacia por el interés de la ciencia, vino á abrir las puertas á la esperanza, y á asegurar la posibilidad de salvar de su completa pérdida gran número de joyas arqueológicas casi completamente ignoradas. Y en el corto tiempo que lleva de existencia, pudiera muy bien haber alcanzado la importancia de las primeras de su clase en Europa, si, como siempre, los intereses políticos no hubieran absorbido la atencion de los gobiernos que han regido el país desde aquella fecha.

A la formacion del nuevo Museo, sirvieron de base las colecciones de antigüedades conservadas en el de Ciencias Naturales, desde la época de la creacion de este por el Gobierno de Carlos III; otras que se guardaban en la Biblioteca Nacional, incluyendo el rico monetario empezado á formar en el reinado de Felipe V, y que hoy es uno de los más abundantes que existen, y por último, las colecciones de antigüedades y curiosidades, tanto americanas como oceánicas traídas por la última comision científica enviada á las costas del Pacifico. Las adquisiciones hechas despues son de la mayor importancia, mereciendo especial mencion las siguientes: una multitud de trozos de arquitectura árabe de Granada, Zaragoza, Leon, Toledo, y otros puntos; varios del orden románico procedentes de las provincias castellanas; diferentes antigüedades romanas de estas mismas provincias, entre las cuales figura un precioso mosaico, que formaba, segun toda probabilidad, el pavimento de un comedor; una preciosa coleccion de vasos griegos y fenicios, broncees griegos y romanos, y variados de los bajo-relieves de los principales monumentos de Atenas, adquirida por la comision científico-artística enviada al efecto á Oriente en la fragata *Arapiles*; otra sumamente rica de lozas hispano-árabes, arcones esculpidos de estilo ojival y del renacimiento, esmaltes y otras obras de arte igualmente preciosas, compradas al entendido coleccionista



D. José Ignacio Miró; las magníficas estatuas y demás antigüedades descubiertas en las inmediaciones de Yecla, provincia de Murcia, notable acontecimiento arqueológico de que más adelante nos haremos cargo; y finalmente, el pequeño, aunque notabilísimo museo de antigüedades que poseía el Sr. D. José de Salamanca, en su palacio de Vista-Alegre, cuya adquisicion por el Estado pudo al fin obtenerse despues de seis años de gestiones. Renunciamos, en obsequio á la brevedad, á enumerar otra multitud de adquisiciones aisladas hechas en diversas ocasiones, y que han acabado de enriquecer el Museo, gracias al inteligente celo y constantes esfuerzos de sus empleados facultativos, á quienes debe su importancia presente, importancia reconocida y elogiada por gran número de notabilidades científicas de España y del extranjero. Nosotros, que por espacio de seis años, hemos compartido, aunque en proporcion modesta, las tareas de esos ilustrados funcionarios, de cuyo seno nos ha eliminado un cambio político, tenemos hoy la mayor satisfaccion en enviar desde aquí un saludo cariñoso á nuestros antiguos compañeros, algunos de los cuales gozan ya envidiable renombre en el mundo científico.

Recientemente el Gobierno ha conducido al joven rey á visitar el Museo Arqueológico, así como la mayor parte de establecimientos de instruccion pública de la capital, y otros de diversa índole. Parece que la visita no ha sido inútil, y que, como consecuencia de ella, se proyectan mejoras en aquel establecimiento, tales como ensanche del edificio, aumento en la consignacion que tiene señalada para sus gastos, etc. etc. Muy necesarias son, en efecto, semejantes mejoras.

Para enriquecer el Museo Arqueológico de Madrid, el Gobierno tiene sobrados medios de que echar mano, sin necesidad de acudir á dispendios que haria difíciles el estado angustioso del Tesoro público. Existe una cuantiosa riqueza arqueológica y bibliográfica repartida en diferentes establecimientos ajenos á estas especialidades, como son el Museo de Pintura y Escultura del Prado, el Museo del cuerpo de Ingenieros, el del cuerpo de Artillería, el de Marina, y aun la misma armería perteneciente á la corona, una de las más ricas en su clase. Todos estos establecimientos cuentan entre sus colecciones gran número de objetos puramente arqueológicos ó etnográficos que se han conservado en ellos, por no existir, en la época de su adquisicion, un museo consagrado exclusivamente á lo antiguo.

La Iglesia, por su parte, posee tambien en sus casas tesoros artísticos de esta clase, para nada necesarios al culto, y que permanecen en gran parte ignorados, sin que la ciencia ni el arte puedan utilizarlos para su estudio. ¿Puede explicarse que, existiendo en Madrid una *Biblioteca Nacional* y un *Archivo histórico Nacional*, continúen en la Biblioteca del Monasterio del Escorial, riquísimos códices de un valor incalculable, que repetida veces han estado en peligro de perderse, ya por no hallarse suficientemente custodiados, ya por los siniestros ocurridos en aquel edificio, expuesto de continuo al fuego del cielo? Por qué razon se ostenta allí la farola de la galera que Ali-bajá montaba en Lepanto, desde el

momento en que existe en Madrid un Museo arqueológico-histórico? La contestacion es muy sencilla; por que la Iglesia, que siempre está lamentando las persecuciones de que es objeto, y las desventuras que sufre, tiene, sin embargo, la facultad de imponer su voluntad soberana á los Gobiernos de España, en todo y por todo.

El primer Gobierno que se formó despues de los acontecimientos politicos de setiembre de 1868, intentó tímidamente poner al Estado en posesion de la riqueza arqueológica y bibliográfica, guardada inútilmente en catedrales, iglesias y conventos. Tomáronse al efecto grandes precauciones, que solo sirvieron para que la medida fuese interpretada de una manera pérfida. La Iglesia clamó que se le despojaba, exaltóse el fanatismo, y la catedral de Burgos se manchó con la sangre de un gobernador asesinado. Con esto bastó para que la medida no se llevase adelante; y durante seis años toda aquella riqueza ha permanecido guardada y sellada, pero sin utilizarse. Solo un corto número de objetos ha llegado á ingresar en el Museo Arqueológico y en el Archivo histórico de Madrid. Entre los primeros figura un magnifico sepulcro del siglo II de la era cristiana, que se conservaba en la catedral de Astorga, donde se le atribuia erróneamente haber albergado los restos de Alfonso III, llamado el *Magno*, rey de Asturias y Leon, que murió por los años de 912; pero donde tambien, no obstante su pasada grandeza, había descendido hasta servir para usos indecorosos, como lo prueba lo corroído de la piedra en su parte interior, y un orificio acusador practicado en el fondo.

Visitando el Museo Arqueológico algunos meses antes del advenimiento del rey actual, el Sr. marqués de Orovio, hoy ministro de Fomento, parece que hubo de manifestar opinion favorable á las *incautaciones*, (nombre específico empleado para designar la medida del Gobierno de setiembre de 1868, que antes hemos citado) si bien esperando que debió procederse de otra manera al llevarla á cabo. Ignoramos si el hecho es cierto; pero en todo caso, la política seguida en general por el ministerio de que forma parte hoy, debió obligarle á cambiar de opinion, puesto que uno de sus primeros decretos, como ministro del ramo, dispuso que se devolviese á las catedrales y demás establecimientos religiosos todo cuanto fué comprendido en las incautaciones. En virtud de esta medida la Iglesia volvió á entrar en posesion de lo que llama exclusivamente suyo, y los Museos, Archivos y Bibliotecas de la Nacion han visto de nuevo desvanecerse la esperanza de contar entre sus colecciones tantos objetos útiles para el estudio de nuestras edades pasadas.

A esta medida, poco favorable por cierto á la ciencia y á la enseñanza, se asegura que seguirá en breve otra más beneficiosa para ambas, y de que tambien se trató hace años, sin haberla realizado al fin. El Gobierno, á lo que parece, ha resuelto que se establezcan cuatro museos arqueológicos en otros tantos puntos del país, cuya designacion encomendó hace tiempo á la Academia de Bellas Artes. Este alto cuerpo ha emitido ya su dictámen, segun la prensa, en sentido favorable á la creacion de esos museos, aun cuando no se citan los puntos designados para



establecerlos. Oportuno fuera tal vez utilizar como núcleo algunos de los museos que hoy existen, por ejemplo el de Tarragona, que hace tiempo goza cierta celebridad, debida al incansable celo de su ilustrado inspector, D. Buenaventura Hernandez de Sanahuja, consagrado muchos años há al estudio de las antigüedades de aquella provincia, acerca de las cuales ha publicado notables monografías y memorias.

Además, en un país como el nuestro, donde las diferencias de razas por una parte, y por la otra las tradiciones de las distintas nacionalidades en que en lo antiguo se dividió, establecieron diferencias que ni el tiempo ni todos los esfuerzos hechos al efecto han podido borrar, las producciones del trabajo y de la actividad presentan esos caracteres propios y diferenciales; y muy bien pudieran estos, entre otras circunstancias más esenciales, sin duda, servir para formar el criterio en virtud del cual se determinasen las localidades más dignas de poseer los cuatro Museos que se proyectan. Ignoramos si los ilustres académicos de Bellas Artes habrán tenido en cuenta esta consideracion que tímidamente nos atrevemos á exponer.

### III

Tal es la situacion presente de la Arqueología en España, en lo tocante á la intervencion que el Estado tiene en la enseñanza en general. En cuanto á lo que debe á la accion individual, despues de la aficion que, como en otro lugar indicamos, se ha despertado de pocos años á esta parte, á formar colecciones, y que seguramente ha sido muy benéfica para la ciencia, en cuanto ha contribuido á hacer conocer tesoros largo tiempo ignorados, la publicacion de obras literarias ha puesto de moda (permitasenos la frase) el estudio de la ciencia arqueológica, estableciendo una especie de certámen continuo entre todos los que con más ó menos fruto, se consagran á él.

Tarea demasiado prolija fuera el citar aquí todos los escritos de este género que han visto la luz en periódicos, revistas y publicaciones de índole científica ó varia. Nos limitaremos, por tanto, á citar una que por su alto interés y sobresalientes condiciones puede competir con las primeras de su clase en todos los paises. Tal es la que con el título de *Museo español de antigüedades*, empezó á publicarse cuatro años há, bajo la inteligente direccion del Ilustrísimo Sr. D. Juan de Dios de la Rada y Delgado, individuo de la Academia de la Historia, catedrático de la escuela de Diplomática, y jefe de la seccion que comprende la época clásica del arte en el Museo Arqueológico de Madrid. El objeto de esta publicacion, segun fué concebida y ha sido ejecutada, no podía ser más meritorio ni más benéfico para la ciencia, pues se encaminaba á dar á conocer una gran parte de la riqueza arqueológica que nuestro país encierra; ya en sus Museos, ya esparcida por toda la extension de su territorio. Para acometer tal empresa, y sobre todo, para llevarla á feliz término, se necesitaba un gran esfuerzo de ánimo, y grandes medios, que no se reunen fácilmente, sobre todo donde, como en España, el mal permanente, las



contiendas políticas, absorbe la atención general, impidiendo que se consagren á las tranquilas tareas del estudio el número de lectores suficiente para asegurar el éxito de una publicación de tal importancia.

Por fortuna, existía entre nosotros un hombre de verdadero genio en materia de empresas editoriales, á quien nunca arredraron las dificultades con que siempre tropezó al querer dotar á España de publicaciones de primer orden. El Sr. D. José Gil Dorregaray, que así se llama, no vaciló en tomar á su cargo la parte material de la empresa, comprometiéndose á que fuera tan lujosa como la mejor de su clase en cualquier país, circunstancia esencialísima é indispensable, si la publicación había de responder cumplidamente á su objeto. El Sr. Dorregaray tenía ya sentados antecedentes honrosísimos en este concepto, con la publicación de la *Historia de la villa y corte de Madrid*, escrita por los Sres. D. José Amador de los Ríos y D. Juan de Dios de la Rada, así como por la de una magnífica edición del *Quijote* del inmortal Cervantes, producción tipográfica notable, entre otros detalles, por no llevar fracción de palabra al fin de las líneas de impresión; estas y otras publicaciones de menor importancia habían ya granjeado al Sr. Dorregaray una reputación igual á la de los primeros editores de Europa.

El *Museo español de antigüedades* ha puesto el colmo á su fama, porque nada iguala al lujo y esplendor con que se publica, y hoy España puede gloriarse de poseer en él una verdadera joya tipográfica. A darle tamaña importancia y brillantez han contribuido con su talento y esfuerzos, tanto las primeras notabilidades científicas y artísticas del país, como otras personas de condiciones más modestas, si bien no menos amantes del estudio y del progreso científico y artístico.

La actividad con que se ha llevado esta publicación, sobre todo en los últimos meses, también es el mayor elogio que puede hacerse de sus ilustrados directores. Puede decirse que en el transcurso del año literario que espira, se han publicado los tomos iv y v de la obra. No podemos resistir al deseo de citar en resumen las materias contenidas en ambos, á fin de que aquellos de nuestros lectores que no conozcan esta joya literaria, puedan formar idea aproximada de su valor é interés científico.

El primer trabajo del volumen iv es una erudita monografía de un cuadro que existe en el Museo de Madrid, y que representa el *Triunfo de la Iglesia sobre la Sinagoga* ó del *Nuevo sobre el antiguo Testamento*. Débese á la brillante pluma del Ilmo. Sr. D. Pedro de Madrazo, individuo de las Academias de la Historia y de Bellas Artes, y autor de multitud de escritos en que se revela una vasta erudición artística. En el artículo á que aludimos, el Sr. Madrazo sostiene, apoyándose en los más sólidos razonamientos, que el cuadro de que se ocupa, y cuyo autor ha permanecido hasta hoy ignorado, debe atribuirse á Juan Van Eyck, inventor, como es sabido, de la pintura al óleo.

Además de tan brillante estudio, el Sr. Madrazo ha publicado en el mismo tomo otros varios no menos abundantes en erudición: uno de ellos acerca de un *retablo de Rogerio Van der Weiden el viejo*, que representa

el *Descendimiento*, y se conserva igualmente en el Museo del Prado; y el otro de un precioso *salero de onice oriental*, riquísima alhaja perteneciente á la coleccion que poseía el Delfin de Francia, padre de Felipe V, y que este trajo á España, cuando vino á reinar, la cual, por donacion de Carlos III, se custodia igualmente en el citado Museo.

El Sr. D. Francisco María Tubino, ilustradísimo escritor, premiado por la Academia de Bellas Artes, publica en el mismo volúmen los siguientes estudios: uno sobre varios *fragmentos del friso del Partenon de Atenas*, cuyos vaciados en yeso existen en el Museo Arqueológico de Madrid; otro sobre la *Virgen del Torrigiano*, preciosa escultura conservada en el Museo provincial de Sevilla; y otro sobre el retablo llamado de *Pieter Cristus*, que existe en el Museo del Prado de Madrid.

No menos notables y dignos de todo elogio son los trabajos publicados en dicho tomo por el estudioso arqueólogo D. José de Villaamil y Castro, individuo correspondiente de la Academia de la Historia, y que dos años há obtuvo una plaza en el Cuerpo de Archiveros, Bibliotecarios y Anticuarios, en atencion á sus especialísimas dotes y brillantes escritos. Los que en el presente tomo ha dado son: Una descripción de varias *armas, utensilios y adornos de bronce*, recogidos por él mismo en Galicia, pertenecientes á los celtíberos, y que forman parte de la curiosa coleccion de antigüedades propiedad del Sr. Villaamil; un estudio sobre varios *peines litúrgicos* del siglo xv, que existen en el Museo Arqueológico; y una erudita monografía de cierta *pila bautismal* del siglo xii, conservada en el mismo Museo.

Distinguidísimo colaborador de la publicacion que nos ocupa, el Sr. D. Florencio Janer, ventajosamente conocido ya por sus estudios arqueológicos y etnográficos, que le valieron un premio de la Academia de la Historia, y autor del primer catálogo razonado y científico de las antigüedades y curiosidades de toda especie guardadas en el Gabinete de Historia Nacional fundado por Carlos III, hoy trasladadas al Museo Arqueológico, ha contribuido en el tomo iv con las siguientes inapreciables producciones: un estudio sobre la coleccion de *ánforas romanas* del Museo Arqueológico Nacional, y otro sobre ciertos *espejos mágicos chinos*, que se conservan en el mismo Museo, y á que los naturales del celeste imperio conceden virtudes y cualidades sobrenaturales.

El distinguido director de la publicacion, D. Juan de Dios de la Rada, quien además de la parte honrosísima que en ella le cupo, no descuida el competir con todos en laboriosidad, ha dado al tomo iv un notable contingente de tres monografías á cual más interesantes: la primera, de un *jarron árabe* que se conserva en el palacio de la Alhambra de Granada; la segunda de un precioso *mosaico romano*, descubierto y conservado en una quinta que posee en Carabanchel la Sra. condesa del Montijo; y la tercera, de una *estátua orante del rey D. Pedro I de Castilla*, llamado el *Cruel*, que ha permanecido durante siglos cubriendo el enterramiento de aquel monarca en el Convento de monjas de Santo Domingo el real de Madrid, y hoy se conserva en el Museo Arqueológico Nacional.

D. Isidoro Rossell y Torres, jóven y aventajado escritor, individuo del Cuerpo de Archiveros, Bibliotecarios y Anticuarios, es otra de las personas que, con su talento y estudios han contribuido á dar lustre á la publicacion de que tratamos. En el tomo iv ha publicado un estudio sobre varios *grabados al agua fuerte* de antiguos pintores españoles; otro sobre *grabados en madera de antiguas ediciones*, y una monografia de cierto *dibujo arquitectónico* de Alonso Cano, que se conserva en la Biblioteca Nacional de Madrid, producciones todas en que se demuestra cuán útil y ventajosamente se ha consagrado su jóven autor á conocer este y otros ramos del arte patrio de las pasadas épocas.

Un distinguido oficial de nuestra armada, que tantos hombres ilustres ha contado en sus filas, el Sr. D. Cesáreo Fernandez Duro, ha ofrecido tambien el abundante y lucidísimo fruto de sus talentos á la presente publicacion, como para probar que todas las clases facultativas del país debian hallarse representadas en la lista de sus colaboradores. Sus trabajos en el tomo iv han sido una memoria sobre la *Carta de Juan de la Cosa*, mapa de los descubrimientos de Colon hecho por el célebre piloto de aquel nombre, que se conserva en el Museo de la Marina; obra sobre los *Colores nacionales* de España; un estudio sobre las *medallas navales españolas* que se conservan en el Museo arqueológico y en otras colecciones; y otro sobre las *carabelas* de que se hace mencion y descripcion en varias obras antiguas.

El Sr. D. Manuel de Assas, profesor de la Escuela del cuerpo de Archivos, Bibliotecas y Museos, y una de las personas más ilustradas del país en punto á historia del arte, acerca del cual ha hecho importantes y asiduos trabajos, tanto en la cátedra como en el libro, figura entre los principales colaboradores de esta publicacion, cuyo tomo iv ha enriquecido con un estudio acerca del magnífico *sepulcro de la reina doña Berenguela*, que se vé en el monasterio de las Huelgas junto á Burgos, con gran copia de interesantes noticias artísticas é históricas sobre aquel célebre monasterio.

Entre los hombres de ciencia que más han contribuido á realzar y difundir en España el estudio de la Arqueología, y el conocimiento de su riqueza artística, figura en primera línea el Ilmo. Sr. D. José Amador de los Rios, individuo de las Academias de la Historia y de Bellas Artes, y actualmente revestido del alto cargo de Inspector general de Instruccion pública. Este erudito figura igualmente en el número de los colaboradores de la obra que vamos analizando, y desde sus principios ha contribuido á ilustrarla con escritos en que á un mismo tiempo descuellan una vasta erudicion, y el más puro y elevado lenguaje castellano. Sus estudios en el presente tomo han versado: sobre una *pintura mural* recientemente descubierta en una casa particular de Toledo; una *Carta del rey de Castilla D. Juan II al concejo y homes-buenos de la ciudad de Segovia*, anunciándoles el nacimiento de la que luego fué reina bajo el título de Isabel la Católica, y sobre el *Arca funeraria de San Isidro*, que se conserva en la iglesia de San Andrés de Madrid. En esta variedad de



asuntos se demuestran de un modo brillante los extensos y profundos conocimientos de su autor en el ancho campo de la historia del arte.

Herederó de su nombre, y á no dudarlo, de su ilustración y altas disposiciones, el joven Don Rodrigo Amador de los Ríos, individuo del cuerpo de Archivos, Bibliotecas y Muscos, y ya ventajosamente conocido por sus escritos, particularmente sobre el arte árabe-hispano, en que puede ser considerado como una verdadera especialidad, ha contribuido á la redacción del tomo IV de esta obra con los siguientes artículos: *La iglesia de San Bartolomé en el hospital del cardenal en Córdoba, vulgarmente llamada mezquita de Almanzor*; y otro sobre *Inscripciones árabes de Sevilla*, ambos notabilísimos, dignos de la ya envidiable reputación de su autor.

A esta larga serie de trabajos, en que tantas notabilidades científicas ostentan sus profundos conocimientos en la ciencia arqueológica, debemos agregar algunos de no menor interés, cuales son: *Descripción de las cubiertas de plata de las obras originales de Santo Tomás de Villanueva*, por el Sr. D. Vicente de La Fuente, individuo de la Academia de la Historia; dos estudios debidos á dos distinguidos ministros de la Iglesia, el uno sobre una preciosa *estampa del Apocalipsis de San Juan, manuscrito del Escorial*, por D. José Fernández y Montaña, y el otro sobre *Inscripciones inéditas españolas*, por D. Fidel Fita; monografía de una *pintura en tabla, que representa á Santo Domingo de Silos, procedente de la Iglesia de su nombre en Daroca (Aragón)*, y conservada hoy en el Museo Arqueológico Nacional, por D. Toribio del Campillo y Casamor, del cuerpo de Archiveros, Bibliotecarios y Anticuarios; y por último, un estudio sobre la colección de cuadros chinos que existe en el citado Museo, debido á la humilde pluma del que escribe estas líneas.

Las espléndidas ilustraciones que acompañan al texto, y que son la más brillante prueba del estado actual de las artes en España, son debidas á los artistas siguientes: la Srta. D.<sup>a</sup> Teresa Madasú, distinguida dibujante y acuarelista, discípula de la Escuela de Artes y Oficios; el Sr. D. Ricardo Velázquez, dibujante y acuarelista, individuo correspondiente de la Academia de Bellas Artes; D. José de Acevedo, D. Mariano Fuster, D. José Martí, D. José Nicolau y D. Mariano Teruel, pintores; D. Emilio Bustamante, dibujante-grabador; D. Francisco Contreras y D. Eusebio Letre, dibujantes-litógrafos; D. Julio Donon, D. José María Mateu y D. Jaime Zaragozano, litógrafos; D. Teófilo Ruslé, cromista.

Nuestros lectores habrán de perdonarnos, si hacemos pasar ante su vista este largo catálogo de nombres. Acostumbrados siempre á honrar el trabajo, único patrimonio á que debemos nuestro sustento, y á considerarle como la más noble tarea del hombre, nada puede sernos tan placentero como pagar un tributo de respeto á los que dignamente la cumplen, levantando un monumento á las glorias artísticas de nuestra patria.

Más brevemente podremos hacer el resumen de las materias comprendidas en el tomo V, cuya impresión ha seguido inmediatamente á la del IV, y se halla asimismo terminada; pues á la lista de colaborado-

res solo tendremos que añadir dos nombres. Uno de estos es el de nuestro distinguido amigo D. José María Escudero de la Peña, secretario general del cuerpo de Archiveros, Bibliotecarios y Anticuarios, y profesor de la Escuela de dicho cuerpo, ventajosamente conocido ya en las letras por sus trabajos arqueológicos, bibliográficos y paleográficos. A esta última especialidad pertenece un notable estudio sobre *signos rodados* de varios reyes de Castilla, y en general sobre la *signatura regia en los diplomas*. El otro nombre es el del Sr. D. Francisco Fernandez y Gonzalez, catedrático de la Universidad de Madrid, é individuo de la Academia de la Historia, el cual inserta en el tomo v un curioso estudio sobre *espadas árabes*, existentes en varias colecciones de antigüedades, y que es continuacion de otro publicado en el volumen primero de la obra.

Las demás materias que abraza el tomo v son: estudio sobre varios *Fanales ó linternas chinas* que existen en el Museo Arqueológico Nacional, por D. Florencio Janer; otro sobre *falconetes, lombardas y demás armas de la artillería antigua*, y una curiosa memoria acerca del *fanal de la galera que montaba el capitán D. Alvaro de Bazan en Lepanto*, con varios asuntos sobre decoracion de naves antiguas, por el Sr. D. Cesáreo Fernandez Duro; *Apoteosis de Claudio*, grupo de mármol que se conserva en el Museo del Prado de Madrid, *Puteal griego*, encontrado en la Moncloa de Madrid, y el *Tesoro sagrado* de la catedral de Santiago, por D. José de Villamil y Castro; *Códice de la coronacion*, manuscrito del siglo xiv que se conserva en el Escorial; *Historia troyana*, códice perteneciente á D. Pedro I de Castilla, y guardado asimismo en el Escorial; *San Esteban acusado de blasfemo*, precioso cuadro en tabla de Juan de Joanes, que se vé en el Museo del Prado; la *Madona de Mabuse*, tabla de Juan Gossaert, del mismo Museo, y la *Flagelacion*, atribuida á Miguel Angel Buonarrotti, por D. Francisco María Tubino; *sepulcros de Francisco Ramirez*, y de su esposa *Beatriz Galindo*, llamada la *Latina*, que se ven en el convento de religiosas de la Concepcion de Madrid: *imágenes de la Virgen de Atocha y de la Almudena*; *sepulcro de doña Constanza de Castilla*, existente en el Museo Arqueológico Nacional; *Portadas* de la torre y casa señorial de los Lujanes en Madrid, y *Portada* de la casa llamada del *Carbon* en Granada, por D. Juan de Dios de la Rada y Delgado; *Pintura mural de la Almoyna de Barcelona*; *San Salvador de Leyre*, panteon de los reyes de Navarra, y la *Coronacion de la Virgen*, tabla de Juan de Joanes, conservada en el Museo del Prado, por D. Pedro de Madrazo; *Puertas de la capilla del obispo*, en la iglesia de San Andrés de Madrid; la *Madona de Madrid*, imagen que existió en el Convento de Santo Domingo, por D. Isidoro Rossell y Torres; *Arcabuz ó escopeta de rueda del siglo xvii*; *Escudos de Felipe II y de D. Juan de Austria*, conservados en la Armería real, y *Capiteles árabes y mudéjares españoles*, del Museo Arqueológico, por D. Manuel de Assas; *Leon de bronce*, encontrado en la provincia de Valencia, por D. Rodrigo Amador de los Rios; *Sepulcro del cardenal Cisneros*, que se vé en la iglesia magistral de Alcalá de Henares, por el Sr. D. José Amador de los Rios;



*Armas é instrumentos de guerra chinos*, del Museo Arqueológico Nacional, por D. Juan Sala.

Las ilustraciones que acompañan al tomo v son debidas á los mismos artistas que tomaron parte en el anterior, y cuyos nombres hemos ya citado; por lo tanto es inútil repetir que igualan á aquellas en belleza y valor artístico. Se ha repartido el primer cuaderno del tomo vi, que, si no estamos mal informados, cerrará, á lo menos por ahora, la publicacion. Porque, de sobra se adivina, que si debiera retratar todas las bellezas que el arte de los pasados siglos ha sembrado en nuestro país, la obra sería poco menos que superior á las fuerzas humanas. Cuando tales empresas se acometen, es forzoso hacer un alto al llegar á cierto número de jornadas, como el caminante fatigado necesita cobrar fuerzas antes de continuar su viaje. Lo hecho bastaría, sin embargo, para conquistar á sus autores una gloria imperecedera y un alto título á la gratitud de los hombres de ciencia.

Pero aun no es esto todo. El Sr. Dorregaray, incansable en su empeño de honrar al arte patrio, y dispuesto siempre á no excusar sacrificios ante el cumplimiento de esta noble tarea, ha solicitado y obtenido del Gobierno autorizacion para continuar por su cuenta la obra titulada *Monumentos arquitectónicos de España*, publicacion sin igual en el mundo por su lujo y esplendidez, y que se hacía á expensas del Estado, bajo la direccion de la Academia de Bellas Artes de San Fernando. El mal estado del Tesoro público habia llegado á paralizar el curso de esta interesante publicacion, que recibirá, no podemos dudarlo, nuevo y vigoroso impulso, bajo la activa mano y la infatigable perseverancia del Sr. Dorregaray.

#### IV

Importantes en alto grado son, como se vé, los servicios que la ciencia arqueológica debe á la accion individual en la esfera de la prensa. Si de esta pasamos á la cátedra, encontraremos igualmente dignos esfuerzos que alabar, dignos ejemplos que recomendar á la emulacion científica. Entre ellos hemos de mencionar con preferencia las lecciones públicas dadas, durante el pasado invierno, en las cátedras del Ateneo científico y literario, por el Sr. D. José de Villaamil y Castro, cuya competencia en la materia hemos demostrado ya en su brillante colaboracion del *Museo espanol de antigüedades*. Estas conferencias, cuyo tema ha sido la arqueología sagrada, fueron en número de seis, y su enseñanza no puede ser más provechosa para cuantos se dedican á este género de estudios.

La primera de ellas, verificada en 28 de noviembre último, fué dedicada por el Dr. Villaamil, á exponer el concepto y plan de la asignatura. Y como bases fundamentales, enunció las afirmaciones de que la *arqueología*, en general, no es ni la *historia del arte*, ni la *etnografía*, sino que viene á constituir como un término medio entre ambos, ó más bien la



transicion necesaria desde la *historia de los hechos generales* á la *historia del arte*. Pasando luego á hablar de la especialidad que formaba el objeto de sus conferencias, ó sea la *arqueología sagrada*, manifestó ser la primera vez que esta materia se trataba en las cátedras del Ateneo, y aun en España toda, exponiendo asimismo los motivos á que en su concepto debe achacarse el que no hubiera tenido eco en nuestro país la boga que alcanzó, algunos años há, esta rama de la ciencia arqueológica.

La segunda y tercera conferencias, tenidas en los días 14 de diciembre y 25 de enero últimos fueron consagradas á trazar la historia del templo cristiano, dando por razon del método, la triple importancia que encierra como destinado á ver celebrarse en su interior los actos religiosos, como continente de todos los objetos que entran bajo el dominio de la arqueología sagrada, y como monumento por sus dimensiones y la variedad de elementos de que consta. Examinó el origen del templo, en los tres aspectos, místico, histórico y artístico; y las diversas fases por que ha atravesado, desde los *cubiculos* de las catacumbas y los *Adrianeos* del tiempo del emperador Adriano, y desde la adopcion de la *basilica*, como tipo del templo cristiano, y la apropiacion para este objeto de algunas construcciones civiles, y más tarde de algunos templos paganos, hasta que se llegó al completo olvido de las formas místico-tradicionales con el desarrollo del estilo ojival, y más adelante con el predominio del arte clásico renacido.

En la cuarta conferencia, tenida el 22 de febrero, el Sr. Villaamil hizo una reseña de la distribucion litúrgica del templo, y las modificaciones que en ella se advierten á través de los tiempos; llamó la atencion sobre la diversidad de modelos que adoptaron los cristianos de Oriente y los de Occidente, y la predileccion casi exclusiva que mostraron estos por el plan de la basilica pagana. Enumeró las varias partes de que se compone una iglesia completa, distinguiendo entre las que se tomaron del citado modelo, y las que se agregaron para satisfacer necesidades litúrgicas antes desconocidas, y se extendió así mismo en detalles sobre los elementos arquitectónicos de que se compone el templo construido por el arte cristiano, especialmente por el estilo ojival.

Debiendo ser el número de conferencias relativamente corto para la materia que había de tratarse en ellas, el Sr. Villaamil ocupó la celebrada en 8 de marzo en tratar de la ornamentacion del templo, y aun este punto hubo de reducirle, describiendo muy sucintamente la *ornamentacion arquitectónica*, que dividió en *geométrica*, *natural* é *industrial*, y la *accesoria*, que comprende la estatuaria, la pintura, la mural, las vidrieras de colores, los mosaicos, pavimentos, sepulcros, altares, muebles, colgaduras, etc., dando por último una idea de como aparecieron, se combinaron y desaparecieron sucesivamente todos estos elementos decorativos.

Retrasada la sesta conferencia hasta el día 6 de abril y debiendo ser la última del curso, la dedicó á ocuparse de la *Iconografía cristiana*, punto que podia considerarse como continuacion de la conferencia anterior y comprendido dentro de la ornamentacion del templo. En campo tan ex-

tenso, se detuvo únicamente, despues de dar una idea del *nimbo* y de su historia (que representa un papel tan importante en la *iconografía*) en la especial del crucifijo, considerándola bajo los dos puntos de vista de *gloria* y de *sufrimiento*, sobre que ha versado esa representacion en la primera y segunda épocas de la Edad media, respondiendo á las dos ideas capitales que preocupaban á la Iglesia en una y otra época.

La tarea que se impuso el Sr. Villaamil ha sido coronada del más feliz resultado, habiendo recibido todo género de felicitaciones de parte de aquellos á quienes interesa el conocimiento de esa parte de la ciencia arqueológica. Es de esperar, por lo tanto, que en el próximo año académico repita sus conferencias, ya sea sobre el mismo punto, que hoy se ha visto obligado á tratar con demasiada concision, ya sobre otro cualquiera de esa misma ciencia que tan superiormente posee. Las no vulgares dotes del Sr. Villaamil, sus eruditos trabajos, y su reputacion creciente, son la mayor justificacion de su nombramiento por el Gobierno de 1873 para una plaza en el cuerpo de Archivos, Bibliotecas y Museos, con preferencia á gran número de solicitantes.

Como suceso que interesa bastante á la arqueología española, debemos hacernos cargo de la solemnidad académica que se prepara, con la recepcion del Ilmo. Sr. D. Juan de Dios de la Rada y Delgado en la Academia de la Historia. Si nuestros informes son exactos, el discurso de recepcion debe versar sobre las antigüedades descubiertas pocos años há, cerca de la villa de Yecla, en la provincia de Murcia, muchas de las cuales, segun hemos dicho, enriquecen hoy el Museo Arqueológico Nacional, y han dado origen á diferentes estudios é investigaciones eruditas de nuestras eminencias científicas y artísticas.

Figura en primer lugar entre ellos el Sr. D. Juan Facundo Riaño, individuo de la Academia de la Historia, y catedrático de *Historia del arte*, en la Escuela especial del cuerpo de Archivos, Bibliotecas y Museos, quien, en una série de artículos publicados en el *Athenæum* de Lóndres, expuso gran copia de razones luminosas encaminadas á demostrar que el simbolismo representado en las antigüedades de Yecla, pertenece al culto de Mithra ó del Sol, originario de Persia, extendido por las conquistas de Dario en el Asia superior, introducido despues en Egipto, é importado más adelante á Europa por las legiones romanas despues de las guerras del Ponto y de Cilicia. Dicho culto, esparciéndose muy en breve por las Galias y la Germania, como lo prueban los bajos relieves hallados en dichas regiones, llegó por último á establecerse en la misma Roma, donde se consagró un templo á Mithra en el monte Capitolino, y en él se celebraban sus misteriosas ceremonias en tiempo de Claudio y de Neron.

A este primer ensayo, siguió en breve otro del no menos ilustrado D. Tomás Saez del Caño, religioso escolapio del convento de Yecla, quien á su vez atribuye á los *iberos*, primitivos pobladores de nuestro suelo, el genio artistico que produjo aquellas obras. Son dignas de conocerse las siguientes observaciones del erudito escolapio:



«Hállase, dice, en nuestro monumento bastitano, una gran relacion entre su escultura y la de los etruscos y aun egipcios, á la vez que cierto aire oriental, que marca la procedencia del pueblo ibero español, su desarrollo y progresos en consonancia con las primeras evoluciones de otros pueblos. Por eso hemos observado que hombres eminentes, conocedores del antropomorfismo, al examinar aisladamente alguno de los monumentos de los *Santos* (nombre que dan los campesinos del país al sitio en que se hizo el descubrimiento) han entrevisto cierto parecido etrusco, en vista del simbolismo dominante y de las formas casi invariables que se echan de ver en sus representaciones, si bien niegan la identidad artistica en fuerza de las diferencias que las separan, y que elevan á una cifra casi fabulosa el origen de nuestras artes, aún desconocido. Ignóranse aquí la organizacion y musculatura humanas, ocultas enteramente por largas vestimentas, que impiden hasta la indicacion de las estremidades superiores, ó las representan apegadas al cuerpo, resultando un todo forzado y privado de soltura. Por manera que no es á la culta Roma de los últimos tiempos de la Edad antigua, ni tampoco al siglo v anterior á nuestra era, en que llegó á su apogeo la escultura griega, á donde habremos de acudir á resolver el planteado problema de los *Santos*. El menor conocimiento de los autores de nuestras estatuas y cierto aire de afinidad con las etruscas y egipcias, prueban su remota antigüedad, á la vez que el perfeccionamiento y desarrollo mútuo del gérmen civilizador comun á estos pueblos y al ibero, á quien únicamente puede atribuirse este monumento.»

Más adelante, aludiendo á ciertas opiniones emitidas y que pretendían dar un carácter cristiano más ó menos ortodoxo á aquellas producciones artisticas, añade:

«Intencionadamente no nos ocupamos de la estatuaria visigoda ni bizantina, ni del primer periodo romanico, relacionándola con la de nuestro descubrimiento; porque, si bien se advierten puntos de contacto en el encogimiento y comunes imperfecciones artisticas de entrambas, basta una simple mirada á descubrir en estos objetos la mano pagana que esculpió en ellos las figuras simbólicas de animales, de cuerpos celestes y otros varios signos idolátricos, de que no se valieron los escultores cristianos, ni aun en su imitacion pagana.»

Estas últimas indicaciones responden victoriosamente á los pareceres de aquellos, que, si no conceptuaban visigodo ó bizantino el carácter de las antigüedades de Yecla, se obstinaban en ver simbolizadas en ellas las creencias, ya de los gnosticos, ya de los priscilianistas ó de otras sectas cristianas.

Más adelante, á fines del año 1872, apareció un nuevo estudio relativo á las ya célebres antigüedades y debido á la pluma del Sr. D. José Maria Domenech, ventajosamente conocido por sus obras pictóricas y por su erudicion artistica. Este señor, en una série de artículos publicados en el periódico *La Esperanza*, despues de hacer un detenido exámen de las estatuas y demás objetos descubiertos en Yecla, pasa á refutar las opinio-



nes anteriormente emitidas sobre su origen y significacion, tratando de probar que ni corresponden al culto y religion de nuestros indígenas, ni al culto mitriaco, ni menos todavía al cristiano. El Sr. Domenech vá á buscar en los principios fundamentales de la cosmogonia de los Fenicios el simbolismo representado en las estátuas de Yecla, y despues de hacer la comparacion, concluye, con grandes probabilidades de verdad en nuestro humilde concepto, asegurando que la procedencia de esos monumentos de la antigüedad, no es ni puede ser sino fenicia.

«El templo de Yecla, dice, lo fundaron los fenicios, revelando además una civilizacion más superior y tan antigua como la de la India, y por consiguiente, muy por encima, en todos sentidos, de la de los asirios, persas y medos; por lo que estamos en la creencia de que el santuario de Montealegre, único monumento que pone á las claras la sabiduria y poderio de la Fenicia, *ignorada hasta el presente*, está llamado, no solo á poner de manifiesto el conducto por donde vino la civilizacion oriental á Europa, sino tambien á fijar la atencion de los sabios, tocante á los trabajos arqueológicos que Champollion inauguró en Roseta, cuya base, antes que en la India, creemos debe buscarse en la Fenicia.

«En resúmen, el santuario de Montealegre lo fundaron los Fenicios, por lo menos quince siglos antes de J. C. y concluyó despues de Caton, al comenzar la guerra de Viriato, ciento y tantos años antes de nuestra era, al siglo poco más ó menos de haber llegado á España los Romanos.»

Á este punto llega la interesante cuestion arqueológica que nos ocupa, en el momento en que vá á verificarse la recepcion del Sr. Rada y Delgado, quien con gran acierto, la ha escogido como tema de su discurso. Ignoramos por cual de las opiniones emitidas anteriormente se decidirá el nuevo académico, ó si quizá, como fruto de recientes y detenidos estudios, enunciará un parecer distinto de los ya conocidos, tremolando nuevo pendon en este palenque científico. Como quiera que sea, lo que no cabe poner en duda es que la ciencia arqueológica ha hecho en nuestros días una conquista de la mayor importancia con este descubrimiento, que ha puesto á la luz del día una época artística enteramente desconocida de los sabios; y lo prueba entre otras cosas el que diferentes eminencias científicas, entre ellas el director de la seccion antigua del Museo Británico, se apresuraron á venir á España, con el objeto de examinar y estudiar de cerca las antigüedades de Yecla.

Madrid, 6 de junio de 1875.

JUAN SALA.

## ERRATA

Pag. 158 — Lin. 33	ultimamente	por	intimamente
» » » 36	irmão	»	irmã
» 160 » 7	faltam tanpouco	»	tampouco faltam
» 161 » 17	Polyunia	»	Polymnia
» » » 26	tatego	»	latego
» » » 38	Steine	»	Heine
» 162 » 23	estudo	»	estado
» 163 » 18	O carlyle	»	Carlyle
» 165 » 9	produz	»	reproduz
» 168 » 19	Weither	»	Werther
» » » 28	a da segunda	»	as da segunda
» 169 » 26	reputação	»	refutação
» 170 » 10	Se fosse, como	»	Se, como
» » » 19	idealogio	»	ideologo
» » » 21	seguuirom	»	seguirem
» 172 » 11	charlatans	»	charlatães
» » » 17	livros	»	livro
» » » 19	sobre	»	sob
» 178 » 22	a consciencia	»	a consciencia, disse :
» 180 » 37	de modo	»	do modo
» 200 » 4	<i>condothère</i>	»	<i>condotiere</i>
» » » 8	atravessam-na	»	atravessa-a
» » » 9	deixam-na	»	deixa-a
» » » 17	apgado	»	apagado
» » » 30	Giolto	»	Giotto
» » » 33	requesitos	»	requintes
» » » 43	tetanicos	»	titanicos
» 203 » 7	Sforra	»	Sforza
» 204 » 12	<i>condothere Francis-</i> <i>co Sforser</i>		condotiere Francisco Sforza
» 205 » 27	do Lafix Brune- leschi	»	di Lopo, Bruneleschi
» 206 » 22	Tuitoreto	»	Tintoreto
» » » 23	perido	»	periodo
» 208 » 32	o moço novo duque	»	o novo duque
» 209 » 41	Putci	»	Pulci
» 210 » 22, 23	<i>morte siam</i> <i>cosi morte</i>	»	<i>morti siam</i> <i>cosi morti</i>
» » » 40	sibelina	»	zibelina
» 211 » 31	estatua	»	estatura
» » » 33	todo attento.»	»	todo attento.
» 212 » 24	ascita	»	asceta
» » » 33	latrocios	»	latrocínios
» 214 » 41	despertado	»	despeitado
» 215 » 13	signal prophelico	»	signal prophético.»
» 216 » 14	mortos ?	»	mortos ?
» » » 15	— «Não	»	Não
» » » 18	Luthero ?	»	Luthero ?
» 219 » 23	assump-os	»	assumptos

Esta secção da *Revista* conterà uma resenha crítica das publicações da quinzena.

A inserção de livros ou outros impressos no *Boletim bibliographico*, far-se-ha quando os auctores ou editores enviem franco de porte dois exemplares á direcção da *Revista Occidental*.



# REVISTA OCCIDENTAL

## PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DOS VOLUMES DE, PELO MENOS, 128 PAGINAS CADA MEZ

### CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

#### Portugal

3 Mezes....	2\$200 réis fortes		3 Mezes....	5\$000 réis fracos
Anno .....	8\$000 » »		Anno .....	18\$000 » »

Nas terras onde não ha agente accresce o porte do correio

#### Brazil

#### Madrid

Mez.....	16 Rvn.
Trimestre .....	44 »
Anno.....	160 »

#### Provincias

Mez.....	20 Rvn.
Trimestre .....	55 »
Anno.....	180 »

As assignaturas são pagas adiantadas.

### Assigna-se:

#### Em Portugal

Nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Guimarães, Vizeu, Lamego, Santarem, Mertola, etc.

Agente no Porto — **Magalhães e Moniz.**

#### No Brazil

Nas principaes livrarias do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Pará, Maranhão, Ceará etc.

Agentes no Rio de Janeiro — **Moreira Maximino & C.<sup>a</sup>**

#### Em Hespanha

Nas principaes livrarias de Madrid, Barcelona, Sevilha, Valencia, Malaga, Saragoça, Cadiz, Corunha, etc.

Agente em Madrid. — **A. Duran.**

REVISTA  
OCCIDENTAL

---

1.º ANNO

TOMO SEGUNDO

30 DE JUNHO—1.º FASCICULO

---

LISBOA  
ESCRITORIO DA REVISTA OCCIDENTAL

3 — Rua Nova dos Martyres — 3

—  
1873



## SUMMARIO

---

I — COMO SE FAZ UM HOMICIDA, por **A. d'Azevedo**  
**Castello Branco**, pag. 385.

II — APUNTES PARA EL ESTÚDIO DE LA HISTORIA, por **D. Serafin Olave**, pag. 410.

III — OS ELEMENTOS TRADICIONAES DA LITTERATURA — OS  
CONTOS, — por **F. Adolpho Coelho**, pag. 425.

IV — BISMARCK EN EL PARLAMENTO — (segunda parte), — por  
**D. Patricio de la Escosura**, pag. 445.

V — OS CEM POVOS DE LISBOA (folhas soltas), — por **Julio**  
**Cesar Machado**, pag. 467.

### CHRONICAS — REVISTAS:

VI — America, por **D. R. de Cala**, pag. 478.

VII — Portugal e Brasil, por **P. de Oliveira**, pag. 484.

VIII — España, por \*\*\*, pag. 493.

IX — Europa, por **J. Batalha Reis**, pag. 497.

X — BIBLIOGRAPHIA, pag. 511.

Direitos de traducção e reproducção reservados.



# COMO SE FAZ UM HOMICIDA

## I

Em 1867, jornadeava eu por uma região d'esta esquecida provincia de Traz-os-Montes, e, para que as roneiras horas da viagem deslissassem menos tediosamente, ia ouvindo as anedoctas e narrativas do arrieiro, o qual era tão garrulo, como rijo caminhante.

N'um descampado da serra, reparei n'uma cruz de pau alçada á beira do caminho e inquirei o meu loquaz companheiro sobre qual fosse o tragico successo que alli se déra.

— Aqui foi morto o João Bouça, de Soutello, pelo Francisco da Mó, quando andava fugido, para não ir para soldado.

O João teve a sorte que merecia; era um homem levado de trezentos diabos, que trazia a freguezia n'uma dobadoira; se o Francisco da Mó não dêsse cabo d'elle, outro o daria; porque elle tentava um santo. Agora está lá... está lá. Deus lhe falle na alma.

Os parentes fizeram uma guerra de morte ao Francisco; pregaram com elle nas costas d'Africa pelos modos, porém, o rapaz, como era habilidoso e tem juizo, é muito estimado e faz fortuna. Ainda o veremos feito brasileiro. Ás vezes a fortuna da gente está em qualquer cousa.

O narrador calou-se e parece que ia meditando na ventura de chegar, por meio identico. á invejada prosperidade que, no dizer do povo, se traduz pela palavra brasileiro.

— Terminou já a historia? vossê ainda me não contou por que motivo o João Bouça foi morto pelo Francisco da Mó — tornei-lhe eu, com certa curiosidade.

O arrieiro emergindo das suas cogitações, preparou um cigarro, fêrriu lume na pedreneira, compoz a faixa escarlata, de listras amarellas, e como havíamos entrado já n'uma estrada a mac-adam, foi-me historiando o caso com todas as circumstancias, que eu com escrupulosa exactidão vou agora referir, em capitulos especiaes, havendo aqui uma pausa semelhante á que segue o exordio dos sermões, e que é nuncia, quasi sempre, de eloquentissimas... velharias.

## II

Francisco da Mô era filho de Eugenia da Eira a mais afamada e habil tecedeira de Soutello e povoações limitrophes.

As colchas de linho e algodão fabricadas por ella distinguiam-se pelos phantasiosos florões e relevos de felpa, que demonstravam fino gosto e muito labor.

Eugenia da Eira enviuvára muito moça ainda, ficando com um unico filho; e como não possuísse terras para cultivar, resolveu que este aprendesse o officio de carpinteiro, que seu marido exercera vivendo em honrada e segura abastança.

Durante a puericia do filho, proveu a mãe ás despezas domesticas com o seu trabalho de tecedeira, por modo que o fallecimento do chefe da familia não se fez sentir pelas difficuldades de subsistencia em que ficassem a viuva e o filho, de tenra idade.

Eugenia era o typo d'aquella mulher forte dos proverbios de Salomão.

Solicita na educação de seu filho, não se furtava a fadigas, para que além de uma alimentação sádia, andasse limpo e bem vestido, de sorte que não o desprezassem e se envergonhassem da sua companhia os filhos dos lavradores abastados que com elle concorriam á escola.

Não era proprietaria de ferteis compos: não tinha numerosas cabeças de gado; mas em compensação era dona d'uma paciente e energica vontade de trabalhar e possuia uma especial aptidão para o fabrico das telas de linho.

Durante o dia, ouvia-se continuamente, no povo, o monotono estrepito do seu tear, em quanto muitas visinhas, sentadas ás portas, mordidas de inveja pela prosperidade relativa de Eugenia, recenseavam os defeitos d'ella e do filho, quando o viam passar para a aula com vestes e modos apositados.

—Pelo que vemos, vae d'ali sair um padre; bom será porque a falta d'elles é grande—murmurava uma.

—O patrimonio já está feito no caco do craveiro que tem á jenella—additava outra, excitando hilaridade geral.

—Por este andar, o rapaz em breve é regedor: olhae que seriedade, ó raparigas—motejava outra.

Com estas e identicas zombarias, revelavam as vaidosas comadres os seus ciumes e a má vontade que tinham a Eugenia.

Aquelles que tem conhecimento do viver campesino unicamente pelas falsas descripções dos poetas bucolicos, crêem que no lar aldeão ha uma innocencia paradisiaca, imaginam um idilio em cada conversação, e em cada palavra um trinar de mysteriosos rouxinoes.

Esboçam na fantasia um quadro de paz e bemaventurança evangelica, avultando n'elle a figura doce e austera do parochio rodeado d'uma multidão que o venera, e que, na communhão d'um fraternal amor, lhe escuta os preceitos religiosos, os são conselhos, que todos, com excepção rarissima, acceitam como norma da vida. Um quadro com este desenho poderá deleitar algumas pessoas ingenuas; os que, porém, preferem a realidade sem ataviós illusorios, acharão fastidiosas estas falsas pastoraes.

Ha na simplicidade do viver rustico uma certa feição caracteristica, cujo encanto e poesia ás vezes transparece; mas ha tambem muita malevolencia, egoismo grosseiro, rivalidades torpes e outras manifestações de instinctos vis, que tornam a vida campesina ingrata para os que nas aldeas não convivem com os arcadicos personagens do Rodrigues Lobo.

Vamos ao conto.

Francisco da Mó, concluido o ensino de lêr, escrever e contar, foi por sua mãe destinado ao officio do pae, e decorridos alguns mezes de aprendizagem principiou a ganhar um modico salario quotidiano. O mestre louvava e encarecia muito a aptidão e o aferro do rapaz ao trabalho.

O bem-estar d'esta pequena familia era cada vez melhor, depois que Francisco começara a perceber estipendio pelo officio, recrudescendo tambem proporcionalmente as invejas das visinhas murmuradoras.

A viuva, contemplando o fructo de suas fadigas e do trabalho do filho, reputava-se feliz, dava graças a Deus pela prosperidade da sua casa e não occultava hypocritamente o contentamento da sua sorte, de modo que era tida por jactanciosa, pelo facto de não andar a lamentar-se de continuo com lamurias ficticias e lagrimas forçadas.

Como a felicidade n'este execravel planeta é fugaz, e com um clareão transitorio, como o dos meteoros, allumia só por momentos, o caminho da grande maioria dos peregrinos da terra, Eugenia da Eira foi acometida por uma paralyisia que lhe algemou os membros, impossibilitando-a de exercer a sua profissão de tecedeira.

Agrilhoadá ao leito, a infeliz viuva, apezar do seu infortunio, não havia perdido inteiramente a tranquillidade do animo; porque via no braço laboroso do filho o esteio da sua existencia. Francisco não preteria esforço algum e carinho para alliviar as tristezas da mãe.

Os réditos do seu trabalho eram sufficientes para o custeio das despesas domesticas e ainda chegavam para proporcionar á paralytica alguns mimos que lhe leniam a desgraça.

A natureza das occupações de Francisco compelliam-o a estar longe



de sua mãe, durante o dia, deixando-a confiada aos cuidados de uma menina de oito annos, filha d'uma comadre de Eugenia.

O moço entrou a cogitar na conveniencia de ligar-se pelo matrimonio a uma mulher que, satisfazendo os vagos, e ainda pouco definidos, anseios de seu bondoso coração, dulcificasse as horas amarguradas de sua mãe, a qual, quando ficava só, fitava os olhos no tear e desatava a chorar copiosamente, saudosa dos formosos dias passados em aturado lidar.

### III

Havia na povoação uma moça, filha unica de lavradores fartos, sobrinha d'um sacerdote. Era Margarida o seu nome.

Fantasie cada qual a seu gosto predilecto as feições da moça.

Eu sei apenas que era formosa, e por tal modo insinuante, que era um encanto conversar com ella e sentir no coração a alegria do seu mavioso sorrir.

Antes ainda de pensar na conveniencia de matrimoniarse, Francisco da Mó, aos domingos, não perdia oportunidade de encontrar-se com Margarida e palestrar com ella, já quando ia á fonte da povoação, já quando ia ou voltava da horta, conversando ambos com jovial simpleza e sympathia reciproca.

Isto deu pabulo ás linguas venenosas, que, sobre o mais restricto segredo, tratavam de propalar largamente quantas vezes os dous haviam sido vistos a conversar, em que sitios, e quaes as testemunhas do facto horrendo, que Francisco e Margarida tinham o despejo de praticar á luz do dia e sem se furtarem ás vistas dos transeuntes.

Não sei bem se era amor o sentimento que commovia o coração de ambos ao encontrarem-se.

O certo é que nos domingos em que não se viam, Margarida sentia, uma melancholia intima, vaga, inexplicavel, que se traduzia em pouca disposição para a lida interna da casa. Francisco, a despeito da inflexivel necessidade de ganhar o pão quotidiano para si e para a mãe, tinha no recesso da alma um conselheiro secreto que o movia a desejar que fossem santificados todos os dias da semana.

Nos seus colloquios não se haviam dispendido em chouchices inter-necidas. Falavam quasi sempre dos labores da vida de cada um; isto, porém, com um tão adoravel modo e com uns tão significativos olhares que, se um d'elles encetasse a conversação, dizendo «amo-te», o outro não estranharia, e, ainda quando se purpureasse o rosto de Margarida, o coração abençoaria os labios que lhe transmittiram um mystico beijo por intermedio d'aquella expressão divina.

Um dia Francisco, depois de muitas hesitações, tartamudeando, inquiriu Margarida sobre se tinha inclinação para o casamento.

— Não direi que não — respondeu Margarida — sendo com pessoa

da minha escolha. Tenho muito amor aos meus, porem, em negocio de casamento não lhe fazia a vontade, ligando-me com homem que não fosse do meu agrado.

Esta resposta foi dita com ar grave, mas em tom mavioso.

Francisco, por vezes, tentou o arrojo de perguntar a Margarida se seria elle o noivo da sua escolha. A voz não obedeceu aos impulsos do coração; addiu a pergunta, receiando uma resposta funesta aos seus sonhos de felicidade.

— Vou ter contigo uma franqueza, mas não quero que m'a leves a mal— dizia João Bouça a André Gaspar, pae de Margarida, indo ambos em caminho d'uma feira.

— Diz lá, João.

— Repito: não m'o leves a mal. Eu para amigos não tenho caixas encouradas, e muito menos quando se trata de negocios d'honra.

— Homem, diz o que tens a dizer, por uma vez.

— Não te atrigues. Já lá vou; mas primeiro quero dizer que eu não sou homem d'andar com mexericos. As chocalhices são boas para mulheres; porém, quando é caso d'honra d'amigos, então...

— Acaba, por uma vez, com mil diabos, que eu estou capaz de estalar.

— Socega; pois que o negocio não é para tanto. Ah! vae. Ha tempos que eu ouvi murmurar ácerca d'umas certas conversas que a tua filha tem com o Francisco da Mó, esse carpinteiro, esse basofio que não vale um chavo gallego. Tirei-me dos meus cuidados e entrei tambem a pesquisar se era verdade o que se taramelava. Um dia fui dar com elles com a bocca na botija, ao lusco-fusco, na canelha da tua horta. Estive vae e não vae para te ir dar parte; mas como sou muito amigo da tua rapariga, passei, dando-lhes as boas horas, cá de longe, para que elles me vissem.

Homem, parece que te vaes a fazer amarello!

O caso não é para affligir. Socega.

— Ai João, João, quem tem uma filha, e não vê outra cousa n'este mundo!... Vou dar cabo da pelle a esse tonante— exclamou André Gaspar, passando d'um estado de funda magoa e abatimento a uma colera violenta.

— Deixa o negocio por minha conta. As fumaças tiro-lh'as eu sem pau nem pedra. Ha de pagar caro o chinchavarella o atrevimento de te desinquietar a rapariga.

— Então?

— Elle entra este anno no recrutamento; eu avenho-me com o administrador do concelho, e quando menos se precatar está com as corrêas ao lombo. Entretanto toma cuidado na filha, não vá acontecer alguma asneira; por ora ainda não escorregou. A alma do negocio é o segredo.

— Es capaz de arranjar o que dizes, João?

— Ora essa! Então tu não sabes que eu, por amor dos votos, entro por casa do administrador, como pela minha, que me sento á meza, co-

mo e bebo, se tenho vontade, e que elle me faz quanto eu quero?! Está bom, está bom, andas pouco ao facto da minha vida.

—Ora tu bem sabes que eu trato da minha lavradoria, e que não cuido n'isso de votos—tornou-lhe André, desculpando-se de não ter dado importancia ao valor politico do seu visinho.

—Toma tento no que te digo. O basofio dentro em pouco ha de andar no trepilho n'aquella praça de Chaves, e se ainda de lá te fizer negações á pequena, eu tenho quem me pregue com elle nas ilhas.

—Será melhor isso, João,—accudiu André, revelando um intimo desejo de que Francisco da Mó fosse transferido para o seio dos nossos antipodas.

N'este ponto foi interrompido o dialogo com a approximação de alguns lavradores, que iam na mesma direcção.

João Bouça logo que chegou á séde do concelho, local da feira, avisou André Gaspar de que ia prevenir as auctoridades, para que não dispensassem favor a Francisco da Mó, na hypothese de que tentasse impetrar a sua isenção do serviço militar allegando ser o amparo de sua mãe paralytica.

Para patentear a Gaspar o seu valimento, aqui cortejava um vereador municipal, além fallava á puridade com o escrivão da administração do concelho, agora dirigia-se á secretaria da camara, logo procurava o administrador, significando n'estas e identicas diligencias o ingenito desejo de ser util aos seus visinhos.

O pae de Margarida, depois de ter vendido dous bezerros, entrou n'uma bodéga e mandou pôr na meza viandas e vinho em quantidade condigna dos serviços que n'aquelle dia recebera do seu officioso amigo.

João Bouça, instantes decorridos, apresentou-se a André, vindo já de longe a simular que limpava o suor da fronte, e sorrindo com semblante velhacaz, bradou, ainda distante:

—Está armado o laço, o melro ha de cair.

André applaudiu com uma guinada de riso boçal, palmeando com umas mãos que pareciam petrificadas.

Em seguida comeram com uma voracidade de troglodytas. João Bouça, vendo-se repleto, rejubilou-se em sua consciencia por não ter perdido o dia.

No regresso para Soutello, veio insinuando a André que era indispensavel presentear alguns camaristas e o administrador do concelho com presuntos, pernas de vitella, perús, etc., repetindo-lhe: «candêa que vae adiante alumia duas vezes.»

André, ponderando o valor philosophico do annexim, deu procuração bastante a João Bouça, para que este consoante a sua experiencia de negocios publicos, mimoseasse as auctoridades a seu talento.

João Bouça caminhava como um triumphador. A sua astucia operára n'aquelle dia um prodigio, dominando a refinada sovinaria do lavrador que, no conceito publico, mais peças tinha aferrolhadas, producto da sua vasta criação pecuaria.



A ardilosa fantasia de João Bouça não esquecera, para mallear a rija avareza do pae de Margarida, o bosquejo d'um quadro em que avultasse Francisco da Mó, dissipando em jogo e golosinas com prodigas mãos as pegás, já oxidadas, fructo da muita economia e fadigas do pae de sua mulher.

Ante visão por tal modo horrenda, André Gaspar não poudé mais comsigo; entregou-lhe a importancia da venda de um bezerro, para que João Bouça dispendesse com largueza.

Apartaram-se, e cada um caminhou em direcção de sua morada. João Bouça ia impando de jubilo. André, com semblante carregado. Logo que bateu á porta, acudiu a filha para lhe alumiar; saudou o pae com ar alegre; este, porém, correspondeu ao carinho de Margarida, tombejando.

#### IV

No dia seguinte ao da feira, André Gaspar entrou á sala em que seu irmão padre Felizardo estava tecendo um acafate de vimes, e, sem preambulos, exclamou:

— Felizardo, estou capaz de me ir afogar.

— Então?!... está alguma vacca doente?

— Qual vacca, nem meia vacca!... É a tua afilhada que, pelos modos, anda para ahi com a cabeça ao redor por causa do filho da Eugenia.

— Quem te disse tal?—interregou padre Felizardo com semblante admirativo.

— Foi teu comrade João Bouça, que até já os viu cochichar.

— Custa-me a crer, André. A rapariga sempre me pareceu ajuizada... com assento... temente a Deus...; porém, n'isto de mulheres não ha que fiar. Com que então o pelintra, sem eira nem beira nem ramo de pereira atreve-se a olhar-nos para a pequena.

— É como dizes. Deu-se-me tal volta ao miolo, que tenho tido indignações de desançar a filha.

— As cousas não se levam assim. Eu hei de informar-me de tudo e depois fica a meu cuidado dissuadir a pequena, se fôr verdadeira a noticia.

— Trata d'isso quanto antes, e se ella não attender, pregamos-lhes com os ossos n'um convento, se não fôr contra a lei. Casar com elle, nem por mil diabos.

N'este comenos ouviu-se o estrepito de tamancos. João Bouça assomou á porta da sala do sacerdote.

— Salve-o Deus, senhor compadre—disse João Bouça entrando á sala com passos vagarosos, para abafar o estrondo dos tamancos no sobrado.—Com bem passasses a noite, André—acrescentou, reparando no pae de Margarida, que estava sentado, com a cabeça penitida sobre o peito e envolto n'um amplo capote de panno azul.

Padre Felizardo e seu irmão, corresponderam á saudação de João Bouça com algumas palavras murmuradas por modo tal que este só as comprehendeu pelo gesto de que foram acompanhadas, e ficaram ambos taciturnos.

— Honve aqui morte de homem?—inquiriu João Bouça.

André ergueu-se de subito e voltando-se para o irmão, disse:

— Aqui tens o João, informa-te com elle, e farás o que entenderes; eu vou tanger o gado até á tapada.

— Se é a respeito da pequena, então anda cá; quem pôde informar melhor é a Luiza do Souto, porque está mais ao facto de tudo quanto se tem passado.

Hontem, á noite, não se fallou n'outra cousa na dobada das da Fonte; mas tudo o que se disse foi contra o patife—proseguiu João Bouça, com voz um pouco abafada e olhando frequentemente para a porta com receio de que Margarida o escutasse.

A instancias do padre, João Bouça foi reproduzindo quanto a malevolencia mexerigueira da aldeia tinha inventado em desabono de Margarida e de Francisco da Mó. Contra os dois haviam-se conspirado, sem plano concertado de antemão, os moços de ambos os sexos; os rapazes instigados pelo recondito ciume da preferencia que Margarida manifestava por Francisco; as moças estimuladas por motivos diversissimos.

Uma desfazia em Margarida, porque lhe invejava as preciosas tranças negras; outra, porque na festa do S. João apparecera com um vestido inferior ao d'ella; esta porque se inflama em desejos de possuir um cordão de ouro, como o de Margarida; aquella, porque se amofina, sentindo-se desprezada por Francisco da Mó, o qual, a despeito das detracções de João Bouça e seus parciaes, era um filho exemplar, um operario morigerado, e sem que tivesse uma formosura apollinea, era robusto, alto, de franca physionomia e mais polido do que os seus conterraneos.

Padre Felizardo, mais habil em manufacturar açafates e cestos, do que atilado de intelligencia, deixou-se illaquear pela solercia do compadre.

João Bouça, de concerto com Luiza do Souto, havia estudado todos os meios de embair o padrinho de Margarida, receioso de que a sua espezteza e notorio saber, e o amor á afilhada, livrassem o irmão das tralhas em que estava preso. Não foi difficil conseguir o seu proposito.

A espezteza e sciencia do sacerdote eram méras hypotheses dos seus visinhos, mais ignorantes ainda.

Sem vilipendio da sua reputação de ecclesiastico virtuoso, confesso que o latim da sua missa era para mim tão incomprehensivel como o dialecto de uma tribu do interior da Africa. Deus me perdõe, se te offendo padre Felizardo.

Andava Margarida mourejando, ora na cosinha, ora na casa do tear, em quanto João Bouça estonteava o padrinho com as suas tramposas revelações.

O padre, bebido o toxico ministrado pelo ardiloso comprade, despediu-o e foi procurar a afilhada.

Margarida estava empilhando n'uma arca numerosos rolos de linho operado por suas mãos. Padre Felizardo assomou com um rosto assombrado por modo que Margarida estremeceu com susto de que algum facto sinistro houvesse acontecido.

A moça andava apprehensiva, porque estranhava as maneiras bruscas do pae, o qual, depois do regresso da feira, não lhe havia dirigido uma palavra com a costumada affabilidade; a consciencia, porém, não a arguia de falta alguma, e por isso attribuia a rudeza paterna ao máo exito de algum negocio.

O padre, como se a innocencia da sobrinha lhe iufiltrasse no espirito um presentimento dos planos insidiosos de João Bouça, rebateu os impetus irados do seu amigo e amecigando o semblante com um sorriso, dirigiu-se a Margarida por este theor:

— Chegaram-me hoje aos ouvidos uns rumores a teu respeito, que muito me têm amargurado o coração, Margarida.

— Então que rumores são esses, meu padrinho? — perguntou a moça, revelando no olhar uma surpresa que a molestava.

— Olha, afilhada; vou ser muito franco: disseram-me que andas com uma inclinação muito grande para o filho da Eugenia da Eira, que pensas em deixar teu pae e teu padrinho, aqui n'este casarão, sem uma mulher que olhe pelo seu governo, para te ligares com um rapaz que não tem um palmo de terra em que caia morto, e que te desinquieta com a mira no dote, para o ir talvez jogar nas feiras e gastar nas vendas. Isto corta o coração de um pae e de um tio, Margarida!

Padre Felizardo, n'este lance tomou uma pitada com um sorvo rechinante; como a afilhada permanecesse em silencio com os olhos empanados pelas lagrimas, o sacerdote proseguiu:

— Estás comprovando com o silencio o crime. Que vergonha para os Gaspares vêr a pessoa mais querida da sua familia casada com um pellitrapo, que nem ao menos entende de lavoira, nem tem bons costumes! Com tal passo levas teu pae á sepultura, ralado de desgostos, e a mim adiantas-me os dias da vida. Arrepende-te, em quanto é tempo!...

Padre Felizardo foi subindo em tom declamatorio a ponto de que parecia ensaiar-se na recitação de um discurso parenetico.

Margarida, vindo a si da supresa em que ficára, e, serenando o espirito com o auxilio ministrado pela consciencia do seu proceder impoluto, com dignidade e moderação, replicou:

— Não se amofine tanto, meu padrinho. Encheram-lhe os ouvidos de chocalhices e de falsidades; não quero saber quem foi; ha no nosso povo muita gente capaz d'isso e de mais. Agora comprehendo eu os modos de meu pae. É verdade que por mais d'uma vez tenho fallado com o Francisco da Mó, ás escancaras, á vista de Deus e de todo o mundo: não me escondia porque nunca me ensinaram que fosse crime conversar com um homem.

— Conforme as conversas, accudiu o padre.

— As nossas conversas podia ouvil-as toda a gente; não tínhamos



segredos. As mais das vezes fallavamos da mãe d'elle, de quem sempre fui amiga, e a quem costume fazer as esmolas que posso, porque nunca me disseram que fosse peccado consolar os tristes.

O padrinho fez com a cabeça um gesto de quem assentia á opinião de Margarida ácerca do lenitivo aos infelizes.

— Senhor padrinho, proseguiu ella, perdôe-me; mas está a bocorejar-me que no que disse anda intriga d'alguem. Até aqui, o Francisco era um rapaz como não havia outro na freguezia, bom official, trabalhador, temente a Deus... amigo da mãe...; agora já lhe parece com todos os defeitos. Nem o rapaz podia mudar em tão pouco tempo, nem, n'um lugar tão pequeno, podia esconder os seus defeitos por tanto. Olhe, senhor padrinho, o que lhe digo é que eu sempre gostei mais de conversar com o Francisco da Mô, filho da pobre *empregada* do que dar tréla a alguns que ha por ahi, filhotes de boas casas, mas que nunca tiveram a boa creação d'aquelle, ou que a não mostram pelo menos. Quem mal não usa, mal não cuida: nunca deixei de fallar com o rapaz com medo das linguas chocalheiras, porque não pensava que lhes dessem crédito, meu pae e meu padrinho.

A placida sinceridade da defesa de Margarida commoveu o coração do sacerdote e suggeriu-lhe duvida sobre a veracidade das narrativas de João Bouça.

Padre Felizardo quedou-se taciturno com as mãos crusadas sobre o abdomen; Margarida, limpando com o avental as lagrimas que lhe principiaram a derivar pelas faces, continuou a accomodar na arca o bragal.

— Permitta Deus, que seja verdade quanto dizes, Margarida, volteu-lhe o padrinho, decorridos alguns instantes de recolhimento.

— Se assim não é, queira Deus que...

— Cala-te, cala-te, atalhou o sacerdote.

N'este ponto bateu á porta um creado do párocho que vinha avisar padre Filizardo de que era esperado para se dar começo á palestra.

Estavam já com effeito reunidos os padres da freguezia na residencia parochial, á excepção do padrinho de Margarida, o qual foi agodadamente pôr o cabeção, bordado a missanga pela afilhada, cobrir o capote e introduzir na algiheira o seu ensebado Larraga, auctoridade indiscutivel nos casos de moral que se debatiam nas palestras.

Margarida, ficando só, desatou a chorar desafogadamente. Recebida a amarga consolação das lagrimas, permaneceu meditativa por largo espaço, parecendo absorta na contemplação de uma imagem que os olhos julgavam lobrigar no ponto em que se fitavam, mas que estava esculpida sómente na lamina preciosa do seio de Margarida.

Desde aquella hora, a mysteriosa attracção que a moça sentia para Francisco da Mô, o sentimento vaporoso, indefinido, incoercivel, que este lhe inspirava, passou por uma rapida metamorphose; o que era cordealidade, converteu-se em ternura, a sympathia, em amor.

V

Batera a hora funesta para o contentamento e paz de numerosas familias das povoações ruraes, que vivem em regrada mediania.

N'um domingo, o povo reunido no adro na egreja, apinhou-se em volta do regedor que affixava na porta principal do templo um papel em que se relacionavam os nomes dos mancebos da freguezia inscriptos para o recrutamento do exercito.

João Bouça, vendo na mó de gente que se aproximava da porta o filho de Eugenio da Eira, leu em voz alta os nomes dos recenseados, folgando de embeber traiçociramente no coração do moço um estylete hervado, cujo golpe, de dia, o pungisse com cuidados e, de noite, lhe turbasse o descanso com angustiosas insomnias.

Finda a leitura, as mães dos mancebos inscriptos entraram para a egreja, debulhando-se em lagrimas.

Alguns paes, confiados no valimento de pessoas importantes, manifestavam ar prasenteiro, outros ficaram taciturnos; alguns mancebos fingiam desejos de se verem promptamente alistados: uns revelavam indiferença pela eventualidade do sorteio; outros demonstravam francamente o seu horror pela perda da liberdade campezina e dos encantos da vida rustica.

Francisco da Mó ouviu com serenidade inabalavel pronunciar o seu nome: o moço bem sabia que a desventura da mãe lhe imposéra um doloroso encargo que, segundo a lei, o dispensava de ser um patriota numerado e defensor mechanico da ordem publica.

Chegára o dia da extracção dos numeros; a sorte não foi cruel para Francisco da Mó, porque lhe pertenceu o numero seis; e era de suppor que o contingente da parochia não exigisse mais de tres recrutas.

Entretanto o filho da viuva entrevada, precatando-se contra os caprichos do sorteio, obteve do parcho um attestado allusivo ás circumstancias da mãe e no qual o sacerdote dava o testemunho do amparo e extremos de Francisco á mal-aventurada viuva.

Baseado n'este documento, reclamou o mancebo a sua exempção do serviço do exercito.

João Bouça, espreitando os movimentos de Francisco da Mó, conseguiu que a camara e administrador do concelho, a despeito do attestado do parcho, informassem que a viuva era sustentada pelas familias bem-fasejas do povo, e que o filho prodigalisava com amasias e jogo os proventos do seu officio. Tal informação frustrou a solução favoravel do requerimento de Francisco, o qual, decorrido algum tempo, á hora em que chegava aos labios da mãe um caldo, recebeu a intimação legal do accordo da commissão que lhe denegava a escusa do serviço, apoiando-se nas informações, além de falsas, aleivosas.

O sangue das arterias do moço transformára-se em lava de vulcão.

Enrubescêra-lhe o rosto inflamado pela colera e pela vergonha de se vêr vilipendiado pelo documento que lhe entregaram.

— Querem-te fazer soldado? perguntou a mãe, que não havia comprehendido a leitura do accordão.— Oh meu Divino Mestre, levae-me d'este mundo, exorou a paralytica, volvendo os olhos para um velho oratorio onde estava um crucifixo fuliginoso.

— Não vou para soldado, não, minha mãe; socegue, respondeu Francisco, violentando-se para parecer tranquillo. Beha o caldinho que está muito bom.

— Ai! meu filho, não posso; deu-se-me aqui um nó na garganta que não deixa passar nada.

— Ora não se afflija, volveu-lhe o moço com ternura. Esteja descansada que este papel não me obriga a ser soldado.

— Assim será... assim será...; mas eu não te vejo satisfeito como estavas antes de o receberes.

— É porque eu tinha lido mal, minha mãe e julgava outra cousa, replicou Francisco, afastando-se para um rincão da casa, onde tinha a ferramenta, e, em quanto remexia no caixote, limpava a occultas, as lagrimas que lhe deslisavam pelo rosto.

Em seguida partiu para o trabalho em casa d'um visinho.

A paralytica ficou acompanhada unicamente por um gato maltez, que miando com meiguice e ternura, saltou para o leito e foi aninhar-se proximo do rosto da dona, que o amimava com diminutivos cariciosos.

## VI

Que luar esplendido!

Foi em noites assim que a juvenil phantasia hellenica fabulou as eroticas aventuras da lua.

Nas ramarias dos souts frondosos que rodeiam Soutello rumorejava uma viração tépida, e a fresca folhagem dos castanheiros tremeluzia levemente agitada.

No patamar e escada exterior da casa de André Gaspar, amesendraram-se grupos de mulheres e começaram a estrigar linho.<sup>1</sup>

Este lavor não causa fadiga, nem demanda despeza. É desempenhado pelo auxilio commum e reciproco dos moradores da aldeia, sendo antes reputado um folguedo que um serviço penoso. Uma noite de estrigada, de lavradores abastados, espera-se com jubilosa anciedade.

É um pretexto para que se vejam e conversem os moços que bem se querem; ali se revelam em cantares, amores que germinam ainda no mais intimo segredo; ali salta dos labios zombeteiros de moça ladina, ou

<sup>1</sup> Esta operação precede a limpeza do tomento por meio da espadella. Consiste no aperfeiçoamento da maceração sem auxilio de instrumento algum, e na formação das estrigas.



despeitada, a cantiga epigrammatica, a allusão pungente, que vóa como flexa certaíra. Aos descantes succedem-se as narrativas picarescas, onde ordinariamente figura o franciscano sonso e libertino; depois das narrativas vêm os rapazes mascarados, cujas momices e boçaes jogralidades são iucentivo para gargalhadas francas.

Variam os episodios consoante a graça dos embuçados; ás vezes a noite deslisa em ininterrupta folia, outras vezes termina menos alegremente, quando os mascarados esporêam, com baldas conhecidas, pessoas que facilmente se açomam, e não toleram zombarias, embora innocentes.

A estrigada de André Gaspar foi concorrida extraordinariamente, como era de presumir, olhada a importancia do lavrador, as geraes sympathias da filha e a belleza da noite.

Appareceram diversos grupos de embuçados, sendo um precedido por descante que, já de muito longe, se annunciára pelos sons estridulos de uma requinta, e pelo falsete de um cantor vigoroso e barbudo, como qualquer governador da India, em priscas eras.

Como o descante viesse de uma aldeia vizinha, não houve moço de Soutello que deixasse de ir á estrigada e que não levasse no coração um recondito ciume e despeito, vendo invadida a sua terra por um bando que, por ventura, captaria o benevolo acolhimento das raparigas e a preferencia de todos. Este presentimento corrosivo, sem que houvesse accordo prévio, suggeriu a todos os moços a idéa de comparecerem na estrigada munidos de estadulhos.

A apparição do descante e dos embuçados que o seguiam foi saudada com uma cordeal vozeria e risada, saindo-lhe á frente o pae de Margarida com um pichel de estanho a transbordar de surrapa, que, passando de mão em mão, foi n'um momento esvasiado.

Esta recepção desagradou aos farfantes de Soutello, que instinctivamente se reuniram n'um sombrio recanto da rua.

Principiaram os cantares. As moças de Soutello respondiam com as suas trovas amoveis ou salgadas consoante o repto, do agudissimo falsete: alguns dos mascarados desferiram tambem cantigas, ora blandiciosas, ora percucientes.

Os despeitados murmuravam entre si e concertavam o plano de derrear com pauladas os ousados cantores, finda a estrigada, no regresso á sua povoação.

N'este ponto surge um novo grupo de embuçados, tirando sons horriveis e berros asperrimos de roucas businas, de hastes de cebola e de chifres.

Emmudeceram de subito as vozes dos cantores das violas e requintas. Os farfantes de Soutello soltavam ruidosas gargalhadas, palmeando. Os do descante, conhecendo-se reptados, adiantaram-se intrépidamente para os recém-vindos, e desembestaram-lhes diversas locuções insultuosas e provocadoras. Palavras não eram ditas, os fueiros andavam no ar, e já éstalavam, batendo uns nos outros tiravam um som abafado dos lombos dos contedores. As mulheres, olulando dolorosamente, correram

para os combatentes, a fim de apalpar a desordem. No meio do ruidoso torvelinho, ouviu-se a detonação de um tiro e cae por terra um dos mascarados, exclamando: — Ai! que me mataram!

Ouvida esta voz, cessa a luta, e dispersam-se os combatentes em direcções diversas, á semelhança de tropas bisonhas desbaratadas.

No campo da lide permaneceram só as mulheres, em alarido lamentoso, estancando com lenços o sangue que golfava da ferida, auxiliadas por o padre Felizardo e seu irmão André.

Desatado o lenço de cambraia com que o ferido trazia velada a cara, reconheceu-se ser um sobrinho do sacerdote, filho de sua irmã, casada no Pontido.

Subiram de ponto as vozes plangentes do mulhierio. O ferido foi transportado para um leito e partiu desde logo para Villa Pouco um proprio em demanda de cirurgião.

Na rua viam-se os restos do combate: estadulhos quebrados, hastilhas de uma viola, a requinta, dois buzios e uma mascara desnarigada.

## VII

— Vens de casa de meu compadre? — perguntava João Bouça a Luiza do Souto.

— Venho.

— Como está o ferido?

— Disse o cirurgião que se lhe péga uma pontinha de febre que póde encanar.

— Então ouviste já fallar em quem deu o tiro?

— Por ora ainda não ouvi tugir nem mugir a tal respeito.

— Pois ha quem conhecesse o que disparou a pistola —olveu-lhe João Bouça, aproximando-se de Luiza do Souto, com esgar de quem ia fazer-lhe uma revelação confidencial.

— Eu cá estive do principio até ao fim da estrigada; mas não posso dizer nada, porque nem vi, nem ouvi o tiro.

— Pois ha quem jure que o tiro foi dado pelo Francisco da Mô.

— É rapaz que eu não vi em toda a noite.

— Ahi é que está uma das cousas que mais o crimina.

Luiza do Souto deu mostras de não comprehender tal indicio de criminalidade.

— Não te admires, Luiza: — tornou-lhe João Bouça. — Has de saber que o Francisco anda com o sentido na afilhada de meu compadre.

— Sei.

— Tambem te ha de ter constado que tanto o pae como o padrinho são inclinados a que a Margarida casasse com o primo do Pontido, que ahi está na cama.

— A esse respeito ainda não ouvi nada.

— Pois é uma verdade — afirmou o refalsado João. — Ora o Francisco proseguir elle — espreitou esta occasião para dar cabo do rapaz, a fim de que lhe não fizesse sombra. Disse lá para os seus botões: « Agora é que é atirar-lhe, que no meio de tantos ninguém me conhece. » Enganou-se; ha pessoas que o pescaram no meio d'aquelle borborinho e multidão.

— Eu por mim não o vi.

— Mas não estás convencida que elle, por amor da Margarida, era capaz de fazer o que fez?

— Não estou longe d'isso. Então está bem servido, se o ferido empina.

— Quer empine, quer não — asseverou João Bouça — castigo ha de levar, e bem pezado. O atrevimento do fanfarrão ha de sair-lhe caro. E quem me diz a mim que os irmãos do ferido não lhe dão cabo da pelle?

— Elles não são taes! — atalhou Luiza.

— Estás lembrada do que elles fizeram no S. João?

— Se estou!... Pareceu-me o fim do mundo.

Francisco da Mõ, penalizado com o indeferimento da reclamação que interpozera para se exemptar do recrutamento, não teve energia bastante para acalmar os seus desgostos e ir á estrigada, não obstante acreditar que os olhos rutilantes de Margarida lhe dissipariam as escurezas de seu coração oppresso.

Por vezes tentou encaminhar-se para a morada d'André Gaspar; mas não ousou ir além do limiar; porque a tristeza e o desejo de não deixar a mãe só, entregue a pezarosas cogitações, detiveram-no em casa. Sentou-se proximo do catre da paralytica e entrou a lér em voz alta o « Simão de Nantua », obra da sua predilecção, com a qual fôra brindado por um egresso, velho amigo de seu pae.

Como o casebre de Eugenia da Eira estava arredado do sitio onde se travara a lucta, Francisco não ouviu o alarido, de modo que só no dia seguinte, á hora em que partia para o trabalho, teve noticia das occorrencias da noite, manifestando uma surpresa, que João Bouça arguia de industriosa hypocrisia.

De manhã, era absolutamente desconhecido o auctor do ferimento; horas depois, muito á puridade ainda, era indigitado Francisco da Mõ, de tarde, já a opinião publica, sem reboço, era quasi unisona em testemunhar que o carpinteiro attentara por via de rivalidades amorosas, contra a vida do predestinado noivo de Margarida.

João Bouça, instillando no seio de Luiza do Souto o germen venenoso das suas perfidas confidencias, deu vida a um monstro temeroso — a voz publica —, que se compraz muitas vezes em cravar os colmilhos vorazes nas victimas immoladas nas aras da justiça humana.



## VIII

Margarida, quando lhe noticiaram, que se attribuia o ferimento do seu primo a Francisco da Mó, sentiu-se pungir de uma intima dôr; o seu olhar claro, sereno e piedoso nublou-se; o semblante reflectia um occulto agastamento, que facilmente se expandiria em colera, se uma poderosa energia lhe não reprimisse os impetos.

Sem que lhe faltassem graças feminis, e os predicaes encantadores que dão ao coração da mulher a perigosa força da seducção, Margarida tinha um temperamento viril, que a tornava forte sem rusticidade, amovível sem transvios fantasiosos, terna sem apaixonada languidez e que, sobretudo, lhe imprimia o caracter robusto das mulheres predestinadas para a escravidão do dever e para o culto das virtudes conjugaes.

Durante a estrigada, Luiza do Souto, apesar de cumplice de João Bouça, fôra segredando a Margarida quanto sabia acerca do empenho com que aquelle pretendia que o filho de Eugenia da Eira fosse compellido a assentar praça, com o fim de não desinquietar a filha do seu maior amigo e afilhada d'um seu compadre.

Luiza do Souto, antevendo a retribuição de suas confidencias, narrára com minudencia quanto se dizia no povo relativamente aos amores de Margarida e do carpinteiro, e o modo como João Bouça tomava a peito evitar o desenlace funesto d'esses amores e o escandalo que causaria o casamento do pobretão com a mais rica herdeira da freguezia.

Margarida estimulada com as revelações de Luiza do Souto e com a vilissima calunnia propalada para a perdição de Francisco da Mó, logo que teve ensejo adquado, dirigiu-se furtivamente a casa de Eugenia da Eira. Encontrou a paralytica com o rosto banhado em lagrimas e com uns esgares de demencia que incutiram pavôr á sua caridosa amiga. Momentos antes, a irmã de padre Felizardo, por insinuações de João Bouça fôra gritar aqui d'el-rei, á porta da infeliz viuva, contra o assassino de seu filho.

— Socegue, tia Eugenia — dizia Margarida, limpando o rosto da entrevada com a dobra do lençol do leito; — é tudo falso quanto se diz com respeito ao Francisco.

— Querem-no perder e a mim matar-me á fome —olveu-lhe a viuva. — Paciencia. Eu tenho pedido a Nossa Senhora que me leve d'este mundo; porque já tenho purgado bem os meus peccados. Faltava mais esta desgraça para minha mortificação. Ai! Margaridinha, Margaridinha, dizerem que meu filho matára hontem á noite um homem..., quando nem saíu de casa!... Que má gente ha no mundo!

— Não chore, tia Eugenia; a mentira e as traições hão de desmascarar-se. Eu sei quem anda armando todos estes enredos.

— O Francisco cuida que é o João Bouça — atalhou Eugenia — por que, desde que elle deu dous bofetões no mal criado do filho, nunca deixou de o trazer entre dentes.

—Será esse; será, tia Eugenia; mas seja o que fôr, a verdade ha de apparecer e o seu Francisco não terá castigo nenhum.

—Mas os trabalhos que lhe armam?—replicou a paralytica.

—Não se afflija com isso; peço-lhe pelo amor de Deus que socegue. O Francisco deve acautellar-se por estes dias, para que lhe não deitem a mão; depois..., sempre ha de haver testemunhas que o não crimi-  
nem.

—Dizes bem, Margaridinha; mas quem ha de olhar por mim, aqui presa á cama, sem ter quem me accenda o lume, quem me faça cousa alguma?

—Alguem olhará por si, tia Eugenia. Agora é ter paciencia e aconselhar o Francisco para que não appareça no povo e não durma em casa.

—Ai! que desgraça!—bradou a entrevada, suffocada com os solu-  
ços.

Margarida tentou proferir algumas palavras consolativas, mas não poudo. Accudiram-lhe as lagrimas, e suppriram quantas expansões de comi-  
seração piedosa a moça em vão tentava exprimir, para lenitivo e conforto da desditosa mãe.

—Tambem choras, Margaridinha! És o coração d'um anjo, minha filha. Se fosses mãe, como eu, e te visses assim... Ai! para que traba-  
lhos vim eu ao mundo!...

—Descance; eu já fiz uma promessa ao Senhor dos Passos, para que o seu filho não soffra nada. Esperemos na bondade do Senhor. Faça o que lhe disse: recomende ao Francisco que se esconda e que tenha animo. Eu vou para casa; não me demoro, porque vim ás furtadellas. Adeus, tia Eugenia; aqui fica isto para que mande comprar uma galinha.

Margarida introduziu debaixo do travesseiro da paralytica algumas moedas de prata embrulhadas n'um farrapo de linho; em seguida saiu açodadamente, espreitando préviamente, desde o limiar, se havia gente nas proximidades da morada de Eugenia da Eira.

## IX

O physico de Villa Pouca d'Aguiar extraiu da chaga alguns pellou-  
ros, que tinham penetrado pouco fundamente nos rijos tecidos do sobri-  
nho de padre Felizardo, e declarou aos circumstantes que o ferimento era  
sem gravidade, que o doente não tinha febre e que poderia entrar em ou-  
tra brincadeira, decorridos poucos dias de curativo e descanso. Estas de-  
clarações não agradaram a André Gaspar e João Bouça, porque lhes des-  
vaneciam as esperanças de pôr entre ferros Francisco da Mó, projecto  
que se antolhava superior e preferivel a fazel-o soldado.

João Bouça, retirando-se para uma varanda com André, disse-lhe  
confidencialmente o seguinte:

—Sabes que mais, não ha remedio senão arrumar para as mãos do



cirurgião com tres ou quatro moedas, para que elle lavre um auto em termos.

André quedou-se taciturno, olhando para o chão.

— Não te ponhas a puxar para traz. Leve o demo paixões. Para que queres tu o dinheiro?

— Olha que quatro moedas... é dinheiro de bois.

— Mas o homem com pouco talvez não faça o auto á nossa vontade.

— Bastarão duas, João.

— Dá cá duas e meia, e manda o cirurgião fallar comigo.

André retirou-se para o interior da casa, e, entrando n'um escuro desvão, volveu minutos depois, com a quantia combinada, que entregou a João Bouça, mirando cada moeda e dando signaes do esforço que empregava em separar-se de tão formoso, dinheiro.

João Bouça dirigiu-se ao cirurgião e á puridade, dialogaram por alguns instantes.

O operador, logo que lhe entreluziram as duas moedas e meia que João Bouça fazia tinir, em quanto lhe manifestava a pretensão da familia do ferido, não oppoz, nem ao menos dissimulou, embaraço algum, não obstante as declarações que fizera desprevenidamente sobre a gravidade do ferimento. Pediu tinteiro e papel e redigiu um auto, extenso, minucioso, e com uma descripção assombrosa da chaga causada pelos pellouros que mais parecia terem sido revessados por um canhão de aço, do que por uma pistola d'alibeira.

Lavrado o auto, despediu-se o physico de padre Felizardo e pessoas presentes, sorrindo para todos com um ar de sinceridade benevolente, apparencia com que velava o seu character de genuino bordeção.

## X

Volvidos quinze dias, Francisco da Mó estava pronunciado pelo crime de tentativa de homicidio com a circumstancia aggravante da premeditação.

No summario foram inqueridas muitas testemunhas que tinham visto o reo a limpar a pistola, que o viram sair mascarado para a estrigada e que, acalmado o tumulto, o lobrigaram fugindo sorrateiramente para casa. As testemunhas narraram estes factos, sob juramento, com uma placidez d'animo e serenidade tal que me inclino a crer que Moysés dardejou ao creador uma ultrajante ironia, attribuindo-lhe a organização do homem modelada pela sua imagem divina.

Francisco da Mó, receiando alguma tentativa de captura e conformando-se com o conselho dado por Margarida a sua mãe, procurou trabalho em povoações distantes de Soutello, e vinha ás vezes, em noites cerradas, visitar a infeliz Eugenia da Eira, penetrando em casa cautelosamente, para não ser presentido pelos vizinhos.





Os cunhados de André Gaspar obtiveram mandados de captura e assalariaram alguns sujeitos com prosapia de valentes, para perseguirem Francisco, cuja robustez, agilidade e entranhas ferinas exaggeravam.

N'um domingo, de madrugada, appareceu sitiada a casa da Eugenia da Eira por um bando d'homens armados de espingardas envernisadas pelo fumo e de baionetas ferrugentas encanadas em fueiros.

Quando o sol principiou a purpurear as cristas das sercanias, João Bouça, metteu os hombros á porta da casa e abrindo-a violentamente começou a procurar o carpinteiro por todos os cantos, sem respeito pelo estado da paralytica, a qual com uma impassibilidade de cadaver, petrificada pela immensa dôr, nem força teve para pedir com lagrimas que se condoessem d'ella.

Francisco da Mó andava foragido pelas brenhas e lapas da montanha fronteira a Soutello, d'onde contemplava o livre e socegado lidar agricola dos seus visinhos.

Via ao longe nos almargeaes os pastores entregues a folgedos, em quanto as vaccas pasciam, ou ruminavam deitadas; distinguia nas collinas os pegureiros vagueando livremente com seus rebanhos; fitava os olhos na varanda da casa de Margarida, que ás vezes apparecia e lhe insinuava no coração uma tristeza consoladora, semelhante á impressão causada por essas composições musicaes que tem o condão encantador de evocar as lagrimas.

—Do patife estamos nós vingados, dizia João Bouça a André Gaspar, que estava no quinteiro a jungir uns bois.

—Por'ora não podemos dizer nada, João.

—A cama está-lhe feita. Juro-te que em sendo filado e metido na cadeia, d'ali vae direito para a Africa. As testemunhas são firmes e o processo está como se quer.

—Então que te parece a compra? perguntou André, tocando os bois com a aguilhoada para tomarem postura mais vistosa.

—Não mercaste mal, respondeu João, examinando os bois e batendo-lhes palmadas no lombo.

—Se quizeres, proseguiu elle, trocar pelos meus paivotos, has de dar tres moedas de volta.

—Nem que tu me desses quatro, João; isto é um gadinho de estimação; vi-os romper com uma pipa de vinho por uma ladeira arriba, como se o casco fosse vasio.

—Os meus não lhes ficam a dever nada, André; tu bem sabes como costume carregal-os.

Em quanto se discutia o valor e merecimento das duas juntas de bois, André reuniu alguns instrumentos agricolas e saiu com o carro para um predio proximo de sua casa.

João Bouça seguiu-o e foi conduzindo a conversa para os amores da filha, tracando-lhes negro quadro da fuga de Margarida e o casamento com o criminoso.

André escutava taciturno.

Depois de grandes rodeios, João Bouça propoz-lhe o casamento de seu filho com Margarida, como unico meio de evitar a sua eminente perdição.

—A rapariga não vae mal, André; olha que n'estes arredores não achas outro com tanto geito para a lavoira e tão duro no trabalho.

—É verdade; mas eu nada decido sem consultar a rapariga e o padrinho.

—Eu e a companheira faremos já metade da casa ao rapaz e bem conheces que por nossa morte vem a ficar com os seus doze mil cruzados.

N'este comenos surge Margarida de entre um espesso milheiral, onde estivera escutando o colloquio.

—Eu não preciso que meu pae me consulte e a meu padrinho, sobre esse casamento,—disse ella com ar grave,—porque desde já respondendo redondamente que não.

Dito isto, dirigiu-se para casa com uma abada de legumes.

Vês tu, como ella está estrovinhada com a paixão? Se a não casas quanto antes, prega-t'a na menina dos olhos.

—Dizes bem, dizes bem, João; mas vae fallar ao padre em casamentos forçados...

—Meu compadre é homem de razão e por isso...

—Conta-te o caso da Isabel de Alfarella, da Joaquina Martins, de Bornes, e a final não ha que se lhe responder.

—Vossês ainda são de algum tempo! Deixae a rapariga á liberdade e vereis quem serão os herdeiros da nossa riqueza.

O dialogo terminou com o approximação de alguns lavradores que se acercaram para examinar os bois. Travou-se conversa animada sobre gados e referiram-se varios episodios de feiras.

## XI

Havia n'um cerro sobranceiro a Soutello uma velha casa abandonada, com uma apparencia sinistra. Os zagaes que pastoreavam os rebanhos nas gandaras circumjacentes tremiam de se avisinharem d'aquella casa, porque tinham a imaginação impressionada pelas narrativas de casos extraordinarios ali occorridos e receiavam encarar com os phantasmas que de noite a habitavam.

Os frios das noites de outubro obrigaram Francisco da Mó a procurar guarida na lendaria casa. Um dia, por sol posto, arrombando a porta, entrou, volvendo os olhos para todos os lados, sem poder desvanecer um certo pavor que lhe acelerava os movimentos do coração. Serenado o animo, escolheu o lugar mais proprio para dormir e fofou a cama com fêtos e folhas seccas.

Margarida, captivando com ladinas Luiza do Souto, incumbiu-a de

noticiar a Francisco da Mó a proposta de casamento que João Bouça fizera a seu pae.

—Diga á Margarida que estou mettido n'estes trabalhos innocentemente; mas a justiça ha de ter brevemente que fazer comigo.

—O conselho que te dou é que tenhas paciencia, que trates do teu livramento e depois com respeito ao casamento dá tempo ao tempo.

—Tia Luiza, diz bem, mas não ha paciencia para tanto...

—Está o sol a varrer. Adeus, Francisco, adeus, lá direi tudo áquelle anjinho do Senhor. Acautela-te bem.

—Diga mais á Margarida que no dia da boda irei festejar o casamento e o noivo com esta clavina. Adeus, tia Luiza.

Na volta para a povoação, a mensageira veio ruminando as ultimas palavras do carpinteiro homisiado, e concluiu por se convencer de que elle estava na resolução de matar o filho de João Bouça. Communicando o que se passára a Margarida, em quanto esta lhe enchia uma cesta de feijão fradinho, dizia:

—O que entre nós se passou cae n'um poço. Eu não sou da casta d'essas mexeriqueiras que por ahi ha. Que pena me mettem o Francisco! Está tão magro, chupado, amarello, como se tivesse passado por uma maligna. É uma dôr de coração, lembrar-se a gente de que ha marotos que andam a perseguil-o, como se elle fosse um lobo.

Cheia a cesta, Margarida dobrou um lenço de cambraia e entregou-o a Luisa do Souto, dizendo-lhe:

—Segredo é o que eu peço.

—A minha bocca é sagrada.

—Adeus.

—Adeusinho.

Luisa, perto de sua casa, deu de face com João Bouça.—Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo—disse ella com um esgar piedoso.

—Para sempre seja louvado no céu e na terra—correspondeu elle, descobrindo-se e dando ao semblante uma feição seraphica.—Então donde vens?

—Venho d'ali...

—De casa de Margarida?

—Não...

—Pela merenda que trazes, lembrou-me que virias...

—Nem ella só tem d'isto cá no povo...

—Bem sei, mas...

Luisa do Souto sentia um mysterioso influxo, irresistivel, diabolico, um pruriginoso desejo de revelar quanto occorrera entre ella e Margarida, de referir a conversa que tivera com Francisco da Mó e de indicar o seu esconderijo. Tentou por vezes entrar em casa; mas a vontade estava opiada, não teve energia para fugir á syndicancia do velhaco João Bouça. Revelou tudo, rogando encarecidamente o maior segredo.

—Vae descansada; fica comigo o que me disseste, eu não quero que percas as tuas conveniencias.



— Quem é pobre...

Seguiu cada um seu rumo.

Na madrugada seguinte appareceu cercada a casa das appareções pavorosas por um bando capitaneado por João Bouça.

À porta postaram-se com as armas em pontaria os mais pimpões, em quanto outros subindo ao telhado projectavam desaninhar a fêra a tiros.

Frustrou-se o plano, porque Francisco da Mó agitado durante a noite com a noticia da proposta do casamento, referida por Luisa do Souto, não poudo dormir e saiu a divagar pela serra, como allucinado.

## XII

— Então, comprade, já sabe?

— O que?

— Quem deu o tiro na noite da estrigada dos Gasparez?

— Ainda não — respondeu Manuel Faria, passando um pichel de estanho com vinho tépido pelo calor da fogueira para a mão do seu compadre João do Fundo, o qual depois de libár, sorvendo vagarosamente o liquido, collocou o vaso ao ar do lume.

— Pois já se sabe que Francisco está innocente e que os trabalhos em que anda, são obra e tramoias do patife João Bouça.

— Então conte lá isso — pediu a mulher de Manuel Faria, cheia de curiosidade.

As filhas d'este, o creado e mais alguns serviçaes sentaram-se em volta da lareira nos escanos e descascaram castanhas assadas, vagarosamente, para que não fosse interrompida a narrativa com o ruido mais leve. João do Fundo, osculando novamente o pichel, principiou:

— Vinha eu da feira de Murça, e entrei na venda do Estercada com alguns amigos para matar a séde. Ouvi lá um grande barulho e conheci a voz do Cambaia, que pelos modos tendo seus dares e tomares com um parceiro da bisca, depois de terem bebido ambos até lhe chegar com um dedo, atiraram-se um ao outro e, se não fosse o vendeiro, o Cambaia ia para o outro mundo com uma navalhada nas tripas.

O Cambaia, que mal se podia ter e que sempre foi fanfarrão, tirou do bolso uma pistola e disse: «esta bocca ha pouco tempo ainda comeu carne sem lhe ter vontade, mas olha que d'esta vez...» O vendeiro tirou-lhe a arma; olhámos uns para os outros e logo começámos, cá os do povo, a suspeitar que fôra elle o que dera o tiro na desordem da estrigada. Pegámos no Cambaia e cá o arrastámos como podemos. Pelo caminho então descorreu-se completamente e viemos a saber que disparara elle a pistola, não sendo o tiro para quem o levou. Ora aqui está.

— Ponham os olhos n'isto — disse a mulher de Manuel Faria — Vejam como está o mundo! Já não ha temor de Deus, está tudo perdido! Aquellas testemunhas...

—Pode a gente estar descansada em casa—acrescentou o marido—e uns marotos lá por fóra a apparelharem um cavallo de pau para se ir até á Africa.

—O pobre rapaz a monte—volveu a compassiva consorte—e a mãe para ali ás esmolos!... Louvado seja o Senhor!

—Eu nunca pensei que houvesse gente assim no nosso povo!—disse uma das filhas, carregando a roca.

—Nem eu—corresponderam todos.

—Se eu sair jurado—acrescentou Manuel Faria—absolvição certa tem o rapaz, e os outros para lição hão de pagar as custas.

Todos approvaram as boas intenções do dono da casa.

A opinião publica modificou-se favoravelmente para Francisco da Mó, o qual, tendo conhecimento d'isto, resolveu recolher-se á cadeia da comarca para responder nas proximas audiencias geraes.

### XIII

Decorrido um mez, ouviram-se estralejar alguns foguetes em Soutello. Os inimigos de João Bouça festejavam pyrothecnicamente a volta de Francisco da Mó ao lar em que nascera e em que sua mãe chorava de alegria esperando o regresso do filho, seu amor e amparo.

A noite alguns individuos foram ao som de viola e zabumba satyrisar com descantes zombeteiros o frustrado projecto de casamento do filho de João Bouça com Margarida. Aquelle revolveu-se, colerico, na cama; porém, não teve coragem para affrontar o repto.

—Ouviste hontem á noite o maroto a cantar á viola?

—Ouvi, ouvi, João.

—Se não fosse a mulher e o filho, vinha á rua e fazia em bandalhos aquelle tratante. Ah! que se o tornamos a entralhar, eu te juro que em Soutello não põe os pés.

—O peor é a pequena; não come, anda sêcca e, a fallar-te a verdade, dá-nos sérios cuidados. O meu padre até já está enclinado a que ella case com o mariola, se assim é da sua vontade.

Esta revelação punziu nas entranhas de João Bouça como uma flecha hervada. Depois de grande esforço exclamou:

—Adeus, casa dos Gespares! adeus peças e soberanos do André!

Não podia em tal conjunctura haver superior eloquencia.

—Que remedio me das tu?

—Aqui não temos senão fazel-o soldado.

—Eu não faço questão de dinheiro, se é preciso peitar as auctoridades, dil-o com franqueza.

—Graças a Deus que já te vejo com alma! Amanhã parto para Villa Pouca para tratar d'este negocio e ainda hoje vou á Gralheira comprar duas pernas de vitella, uma para o administrador e outra para um amigo; por enquanto não será preciso mais nada.

— Já te disse que, chegadas as cousas a este ponto, a respeito de dinheiro não olhes para traz.

— Bem, bem.

Foi deslizando um mez de trabalho descansado para Francisco da Mó, de devaneios e esperanças para Margarida e de venturosa resignação para Eugenia da Eira. Todavia em breve uma nuvem negra se alastrou no ceu azul onde todos entreviam, velejando em ondas de ether, a imagem da ventura, que de lá lhes sorria com perfidia encantadora.

Francisco da Mó foi intimado para se apresentar na inspecção dos recrutas. Marchou de prompto para a capital do concelho, a fim de se informar do livramento dos recrutas inferiores em numero e averiguou que dois filhos de paes abastados haviam sido exemptos do serviço por amparo d'elles, com justificação prévia da sua indigencia e decrepidez.

Justamente indignado, bradou contra o cynismo das auctoridades; foi, porém, prudentemente aconselhado para que se callasse sob pena de prisão. Volveu á aldeia no proposito de se não apresentar e de emigrar clandestinamente para a America.

— Segue o meu conselho, Francisco; assenta praça, que eu, passado algum tempo te darei com que possas deixar lá homem por ti.

— Mas se isto é uma vingança, Margarida...

— Não importa. Para o Brasil, pelo amor de Dens, não vás, porque isso seria tirar-me a luz dos olhos. Se te podes livrar, trata d'isso quanto antes, se não podes, vae.

— Amanhã vou pedir protecção aos fidalgos de Santa Marinha.

— Pois vae. De tua mãe eu cuidarei. Ai! que vem ali o demo do Bouça; escapa-te por ali, pela horta. Adeus.

#### XIV

No dia seguinte caminhava Francisco da Mó para Ribeira de Pena, quando improvisamente lhe sae de frente João Bouça, que andava á caça de perdizes, e lhe brada, mettendo a arma á cara:

— Estás preso para soldado. Não te bulas, senão morres.

Francisco, déstro como um gamo, deslisou da linha da pontaria e descarregou a sua espingarda, cujos pelouros se crusaram no lado esquerdo do peito de João Bouça, que caiu por terra instantaneamente morto.

Este episodio tragico foi de longe presenciado por um rapasinho, pegureiro, que cheio de susto, desceu ao povoado para dar conhecimento do facto, referindo que vira o Francisco da Mó parado no sitio por algum tempo a olhar para o morto e que depois seguira pelo caminho de Villa Pouca, sem que fosse a fugir.

Poucas horas depois do fatal encontro, a viuva de João Bouça, desganhada, arquejante, allucinada, e colerica, gritava á porta de Eugenia



da Eira e pedia á justiça vingança. Quando a entrevada ouviu os clamores, para ella incompreensíveis, já o filho se havia denunciado ás authoridades judicias e procurára no carcere um retiro onde podesse lastimar a sua desdita, sem presenciar a ultima catastrophe da vida de sua mãe.

Na indecisão das várias resoluções que lhe accudiram á mente depois do crime, adoptou fatalmente a de entregar-se á justiça.

—Quando foi condemnado a degredo, muitas pessoas na audiencia choraram—disse o arrieiro, finalizando a narrativa e accrescentou:—Meu amo, a justiça bem se vê que é cega, se ella visse, Francisco da Mó não devia ser condemnado.

—Então porque?

—Porque o rapaz foi um criminoso feito á força. Não lhe parece, meu amo?

—Ainda é viva a mãe?

—Essa, logo que lhe constou a prisão do filho, deu a alma ao Creador e foi para ella uma fortuna?

—E a Margarida?

Haviamos chegado ao termo da minha viagem, o arrieiro, sem responder á ultima pergunta, segurou um dos estribos para me apear á porta da estalagem.

## XV

Dous annos depois fui a uma romaria, attraído principalmente pelo desejo de assistir ao espectáculo do *Auto do Juizo final*, onde apparecia a corte celeste com suas galas triumphantes e o proscripto Lucifer, que eu admirei sobre tudo, vestido com farda de capitão de caçadores, chapéu de cirurgião mór, espada e botas d'agua, e um demonio subalterno com robe-de-chambre de chita verde com florões vermelhos, mascara truculenta e cauda bovina.

Quando algum patife era condemnado ás penas eternas, Lucifer rugia e careteava ferinamente, e as piedosas espectadoras gemiam constrictas.

N'um lance mais angustioso da peça, uma moça, pallida, macerada, ululou e caiu com uma vertigem.

—É a sobrinha do padre Felizardo de Soutello—disse um espectador, que estava proximo de mim.

—É, é, conformou outro.

—Não a deixaram casar com aquelle pobre rapaz que foi para o degredo—continou o primeiro—metteu-se beata e pelos modos deu-lhe volta o miolo.

—Estes missionarios servem só para isto.

—Ha muitos exemplos.

Infeliz Margarida!

A. D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO.

---

# APUNTES

PARA EL

## ESTUDIO DE LA HISTORIA

---

- I Necesidad de rectificar ciertas apreciaciones históricas tan erróneas como generalizadas. — II Situación general de España al advenimiento de los reyes católicos D. Fernando y D.<sup>a</sup> Isabel. — III Identidad de las Constituciones de Navarra y Aragón en los primeros tiempos de la reconquista. — Su conformidad, después, en espíritu democrático. — IV Eficacia de las garantías constitucionales de Aragón. — V Origen y bases fundamentales de la Constitución aragonesa.

### I

Regístranse en la vida de los pueblos reinados y siglos felices, encomiados por los historiadores, cantados por los poetas, ilustrados por los sabios, ennoblecidos por los artistas, conmovidos por los hereges y los ortodoxos, consagrados por los santos, ensangrentados por los conquistadores, immortalizados por los descubrimientos, y rodeados, en fin, de una aureola tan fascinadora que deslumbra largo tiempo á las generaciones siguientes; hasta el punto y extremo de entusiasmarlas con lo que más debieran aborrecer, y hacerlas amar con frenesí las causas mismas de su postración, de su envilecimiento, de su atraso y de su ruina.

Los siglos XV y XVI, con su conquista de Granada, su descubrimiento del nuevo mundo, sus campañas de Italia y de Alemania y su reforma religiosa pertenecen á esta clase.

Son los siglos del Taso, de Ariosto, de Ercilla, de Camoens, de Boecio y del Petrarca; de Miguel Angel, de Rafael, de Caravaggio y de Corregio; de Leon X, de Felipe II, del Vaticano y del Escorial; de Juan Hus, de Lutero, de Calvino, de Ignacio de Loyola, de Torquemada y de Pedro Arbues; de Isabel I, de Fray Gimenez de Cisneros y de Gonzalo de Córdoba; de Fernando el Católico y de Maquiavelo; de Carlos V y de

Francisco I; de Enrique III, Catalina de Aragon, Ana Bolena, Juana Seymour, Catalina Howart y Ana de Cleves; de Colon, de Cortés, de Pizarro y de Fray Bartolomé de las Casas; de Juan III, de D. Sebastian y del Duque de Alba; de Calderon, de Lope de Vega, Cervantes y Shakespeare.

Pero estos siglos, en cuya importancia histórica tanta participacion corresponde á España y á Portugal, fueron en primer término para nuestra patria los de la intolerancia feroz; de la persecucion cruel; los siglos del combate victorioso de la centralizacion asfixiante, destructora de los organismos políticos que alimentaban la vida independiente de los pueblos y mantenian sus franquicias; fórmula, representacion y garantía de libertad, aun que nó de igualdad, en las épocas del privilegio.

Por eso, para sacar algun provecho del estudio en ventaja de la sociedad que busca la enseñanza examinando filosóficamente el pasado, hemos de reseñar esos siglos famosos tales como fueron para nosotros, contemplándolos con firmisina mirada, para que los resplandores de tantas glorias reunidas no nos impidan distinguir el fatídico fulgor de las hogueras inquisitoriales; de modo que los arcos de triunfo no eclipsen á los quemaderos, ni los himnos de victoria sofoquen los lamentos; ni los actos de virilidad y de energía gubernamental santifiquen los crímenes de la política y del fanatismo; ni los raudales de oro y perlas de un nuevo mundo nos oculten los de la generosa sangre vertida en Villalar, ni la que destila, gota á gota, el cadalso de las primeras víctimas políticas que la historia moderna de nuestra patria tiene apuntados en el largo catálogo, aún no cerrado, de los que perecen, inmortalizándose e, en defensa de la libertad y del derecho.

El reinado tristemente célebre de Felipe II, aunque en él se destruyó nuestra marina, perdimos la Holanda, se despilfarró la Hacienda por el verdadero desgoberno, y se cometieron los más groseros errores económicos y las más injustificables violencias y rapiñas oficiales, ha contado, cuenta y contará siempre, mientras exista cierta escuela, entusiastas panegiristas que cerrando los ojos del entendimiento, para no aperebirse de la despoblacion de la Península, de la desaparicion de la industria, ni de la decadencia de la agricultura bajo el cetro de aquel monarca, no vacilen en ponderar, fuera de toda medida, su memoria grata á los tiranos, y presentarle como modelo de grandes reyes y hasta de grandes hombres; tan solo porque acertó á organizar un despotismo sin entrañas ni limite, que se ha perpetuado en espíritu hasta nuestros días, influyendo poderosamente en las costumbres públicas, y pugnando por ahogar del todo los nobles instintos del antiguo carácter español, por excelencia independiente y democrático. Pero al lado de estos encomiadores, que aguzan con parcialidad su ingenio en defensa de esos sistemas con cuyo ejercicio el mando á veces se prolonga por un corto periodo, aunque luego más violenta y más indignamente se pierda, han surgido no pocos escritores independientes, llenando la mision de poner de relieve las miserias encubiertas, con detrimento de la verdad histórica, bajo el engañoso manto del poder y de la gloria.



Aunque en menor escala, podemos decir lo mismo respecto al emperador Carlos V, primero de España, rayo de la guerra, á quien no habian de faltar desmedidos elogios, siquiera para honrar al egrégio fundador de la dinastía austriaca; aunque el haber tomado por asalto sus tropas la ciudad de Roma, al mando del condestable de Borbon, de su órden segun se cree, ha entibiado algun tanto á los panegiristas, dejando al rey-emperador mucho más indefenso que á su taciturno sucesor, ante las censuras de la posteridad ilustrada.

El reinado más dichoso en nuestros anales, el reinado favorito de los escritores, aparece, sobre todos, el de los reyes católicos D. Fernando de Aragon y D.<sup>a</sup> Isabel de Castilla.

Los acentos de los contados criticos que se han atrevido á analizar desfavorablemente aquella epepeya continuada, cuyos sublimes cantos pueden titularse el Garellano, Ceriñola, Oran, América y Granada, apenas si llegan á percibirse, como leve rumor, en el concierto de los unánimes aplausos.

Otra cosa sería si la historia se hubiera escrito fijándose más en los oprimidos que en los opresores; en los dolores del pueblo que en el satisfecho orgullo de los poderosos; más en las afrentas de la humanidad, representada lo mismo por el cristiano, por el moro y por el judío, que nó en los equivocados triunfos de un culto privilegiado, obtenidos con las armas materiales y llevados hasta el cruel y salvaje aniquilamiento de los que adoraban á Dios de otra manera.

Esta consideracion nos ha inspirado el propósito de rectificar la historia adulterada, combatiendo su más generalizado espíritu; sin ocultárenos ni lo árduo de tan ingrata tarea, ni las enconadas censuras que hemos de merecer á los interesados en la defensa de todas las iniquidades, de todas las abominaciones, de todos los viejos abusos que han podido mantenerse todavia, escudándose en la ignorancia contra los esfuerzos de la razon, del derecho, de la verdad y de la lógica, que son los honrados fundamentos del progreso y de la civilizacion moderna.

Hoy tomamos por asunto los siglos XV y XVI; principalmente el reinado de D. Fernando y D.<sup>a</sup> Isabel, para dejar demostrado, si bien con la concision que la naturaleza de estos escritos exige, que léjos de ser aquel periodo histórico digno de nuestro apláuso y patriótico entusiasmo, constituye el principio de la decadencia española, y encierra en su seno las causas más activas y eficaces de todas nuestras desdichas posteriores.

Dejemos á un lado la nécia vanidad y el mal fundado orgullo, tan perjudicial á las naciones como á los individuos; despreciemos los falsos oropeles y preparémonos con ánimo recto y corazon sencillo á recoger las lecciones de la historia, teniendo presente la misma máxima del padre Juan de Mariana que citan, sin haber sabido aplicarla, algunos panegiristas de este célebre reinado: «los tiempos pasados y los presentes semejables son, y lo que fué eso será, segun el libro de la verdad, y «por las mismas pisadas y huellas se encaminan ya los alegres ya los

«tristes remates.» España fué grande y próspera en sus diferentes Estados, antes de los Reyes católicos; mil veces más próspera y más grande por los recursos de uno solo de sus antiguos reinos que, en el transcurso de los tiempos, por los de todos ellos reunidos. La felicidad relativa que Portugal disfruta, con el goce de su independencia, es una comprobación elocuente y viva de las ventajas de la descentralización.

Corre sin contradicción ni examen siquiera, la falsa idea, repetida en todos los tonos y por todos los escritores de la escuela conservadora y por algunos que ni pertenecen á ella, de que «*pobre antes esta nación*» (la España) y dividida en diversos reinos, despedazada por las más bárbaras facciones interiores, dirigida por gobiernos y príncipes imbeciles «(de estos, es verdad, no faltaron), *era un caos más que un estado ordenado*; una arena donde las pasiones, aún las más nobles, pugnaban entre «sí, etc., etc.»

Consignan estas afirmaciones D. Fermin Gonzalo Moron, D. Ignacio de Ramon Carbonell y D. Pedro Saban y Larroya, redactores en 1845 de la *Revista de España, de Indias y del Extranjero*, en el prólogo que escribieron en comandita para la traducción de la *Historia del reinado de los reyes católicos, D. Fernando y D.<sup>a</sup> Isabel*, escrita en inglés por Wilian H. Prescott, obra preciosa y verdadero monumento literario, aunque no libre de algunos lunares, independientes de la voluntad y diligencia de su sabio autor, y motivados quizás por las inmensas dificultades con que tuvo de luchar, compulsando innumerables códices, antiguos manuscritos y otros documentos de un idioma que no era el suyo; la mayor parte de viva voz, por haber estado ciego durante un largo periodo de los diez años que dedicó, con una firmeza sin límites, á la realización de su notabilísimo trabajo.

Los citados redactores Gonzalo Moron, Carbonell y Saban, vienen á sintetizar en su prólogo la equivocada opinion que combatimos: de aquí que, con la refutación de lo expuesto por estas tres autoridades, que hemos trasladado subrayándolo, estemos en camino de realizar ordenadamente nuestro propósito.

## II

Dos son los orígenes de la mayor parte de los errores en que los historiadores han solido incurrir, al apreciar el estado general de España antes del enlace de D.<sup>a</sup> Isabel con D. Fernando: primero, haberse impresionado con el conjunto de los males sociales y el atraso de la época de la reconquista, tomándola en absoluto, contemplándola en globo, con sus señores feudales y sus siervos, sin descender á apreciar los distintos grados de constante progreso que aquel largo periodo histórico revela, desde sus principios hasta su terminación; y segundo, el fijarse casi exclusivamente en Castilla, y, sobre todo, en las anárquicas divisiones y



turbulentas costumbres de su nobleza, olvidando ante este, por demás trabajado reino, á todos los demás, donde si tampoco faltaron alborotos y civiles contiendas, fueron de diverso género y conveniencias políticas muy distintas.

El no completo eclipse de las libertades y fueros de Castilla, estaba sobradamente compensado con la existencia y la buena práctica de las Constituciones que regian en Navarra, Aragon, Valencia y Cataluña, y con la observancia de los democráticos usos que en muchos de estos Estados imperaban, en abierta oposicion con las preocupaciones dominantes en la corona de Castilla.

Alzando la vista algo más que los historiadores aludidos, podremos examinar el cuadro completo y comprender la inexactitud de ciertos juicios, así como la escasa buena fé de muchos panegiristas que para aumentar el brillo del reinado de los reyes católicos, ennegrecen el fondo sobre que ha de destacarse; sin considerar que así marchitan las verdaderas glorias nacionales y levantan falsos testimonios á las generaciones anteriores.

Contra la afirmacion sentada por los redactores de la *Revista de España*, etc., de que «*la España era una nacion pobre antes del gobierno de los reyes católicos*,» nosotros hemos opuesto la de que *España fué grande y próspera en sus diferentes Estados antes del unitarismo; mil veces más próspera y más grande por los recursos de uno solo de sus antiguos reinos que, en el transcurso de los tiempos, por los de todos ellos reunidos*. Y esto es lo que, como se dice en las aulas, vamos á demostrar.

Pasemos, al efecto, una rápida revista á los datos conservados por la misma historia, cuyo equivocado espíritu así se rectifica en virtud de su propia ayuda. Aprovechemos los hechos que con tanta elocuencia protestan, en cada una de sus páginas, contra las conclusiones forzadas que, prescindiendo de su análisis, han venido deduciéndose, sentándose, afirmándose y por último vulgarizándose, en perjuicio de la civilizacion y del progreso de los pueblos.

Consta de una manera indudable y se halla atestiguado por gran número de documentos, cartas de privilegio, ordenanzas y cuadernos de Cortes, tenidos en cuenta y citados por D. Manuel Colmeiro en su valiosa *Historia de la Economía política en España*, que el renacimiento de la agricultura empezó en nuestra patria desde el siglo XI, adelantando mucho en los siguientes, al venir á ser los cristianos partícipes en unos casos y herederos en otros de la civilizacion árabe-española; y que la industria, cuyo progreso marcha unido al de la libertad, al calor que la prestaron los fueros y franquicias municipales, más poderosos y extensos en nuestra patria, que en país alguno, excepto Italia, durante la edad media, empezó á florecer al mismo tiempo.

Desde época muy remota fué celebrada Zaragoza por la perfeccion de sus curtidos, que han constituido parte muy principal de su industria, lo mismo que el arte de la lana en Albarracin y Tarazona, Jaen, Lérida



y Huesca; siendo Valencia ciudad industrial importantísima desde la conquista, por sus fábricas de paños y fustanes, y distinguiéndose, sobre todos los de España, en las artes mecánicas, los pueblos de la ilustrada y libre Cataluña, Perpiñan, Gerona, Lérida, Vich, Tortosa y principalmente la industriosa Barcelona, desde fines del siglo XII ó principios del XIII.

Durante el siglo XIV tomó mayor vuelo la prosperidad de España, aumentándose la poblacion y robusteciéndose la industria que llegó á su apogeo en el siglo XV, antes del reinado de Isabel y Fernando.

Existian fábricas y telares de paños en Jaen, Murcia, Palencia, Haro, Logroño, Durango, Segovia, Vergara y Valladolid. Los cueros ó corambres de Córdoba tenian en el mundo una reputacion universal y constituian un ramo de gran riqueza, lo mismo que el arte de la seda en dicha ciudad y en Sevilla: respecto á esta última, nos refiere Zúñiga en sus Anales, que á mediados del siglo XV tenia un comercio floreciente y un grado de opulencia que no se habian visto desde el tiempo de la conquista. Estaba habitada por un pueblo activo, dedicado á las diversas artes mecánicas. Sus fábricas interiores y los productos naturales de aceite, vino, lana, etc., mantenian el comercio con Francia, Flandes, Italia é Inglaterra.

El laboreo de las minas de oro y plata y los delicados trabajos ejecutados con estos metales, son industrias inmemoriales en España, exportándose cantidades considerables desde los siglos X y XI y resultando de un privilegio de Alonso II, despachado en 1182, que en el siglo XII se beneficiaban minas de plata en los montes de Benasque.

Lárraga en sus *Memorias políticas y económicas*, fundado en Naranjo y Romero que pudo ver los libros de los gremios á fines del siglo XIV, nos suministra el dato de que, en 1480, la ciudad de Toledo y su tierra llegó á consumir 450.000 libras de seda en pasamanería, cintería y listonería.<sup>1</sup>

La prosperidad á que hemos dicho llegó Barcelona ya en el siglo XIII rivalizaba, en concepto del sabio historiador Prescott, con la de cualquiera de las repúblicas de Italia, participando de su comercio lucrativo con Alejandría y viendo atestado su puerto de buques de todas las naciones, portadores de drogas, perfumes y otras morcancias del oriente, valiéndose de los productos de su suelo y de su industria para alimentar el comercio de exportacion; de manera que en los siglos XIV y XV traia de Inglaterra grandes cantidades de finas lanas que la devolvía conver-

<sup>1</sup> Aunque algunos de los datos de este apunte corresponden, materialmente, á fechas en que ocupaban ya el trono los reyes católicos, debe considerarse que, como en este de Toledo se verifica, si bien se refiere á seis años despues de la proclamacion de D.<sup>a</sup> Isabel, semejante grado de riqueza exige con anterioridad un próspero y muy dilatado periodo; pues tales industrias no se improvisan, y mucho menos cuando los primeros años de este reinado se llenan con la desastrosa guerra de sucesion, que privó de su herencia á la desventurada D.<sup>a</sup> Juana, hija legítima de D. Enrique IV, llamada por mal nombre la Beltraneja.

tidas en paños; cambio que era el reverso de lo que acontece en el día entre las dos naciones. (Prescott, Historia del reinado de los reyes católicos). Además, como si fuera una república independiente, tenía consules establecidos en gran número de puntos comerciales de Africa y Europa, cuyos funcionarios desempeñaban cargos mucho más importantes que los de los cónsules del día, exceptuando los pocos que residen en las provincias berberiscas; determinaban las disputas originadas entre sus compatriotas, protegían al gobierno de su, puede decirse, *Commune*, en aquellos puertos, y se ocupaban en promover las relaciones, ajustar tratados de comercio, etc.: en suma, ocupaban en alguna manera el lugar de un embajador ó ministro residente moderno, en una época en que este funcionario solo se empleaba para casos extraordinarios (Memorias de Barcelona). Esta ciudad estableció en 1401 el primer banco de cambios y depósito de Europa<sup>1</sup> y tiene la gloria de haber compilado el código marítimo más antiguo que sirvió luego de base á toda la jurisprudencia mercantil de las demás naciones.

Segun Sampere, en su Historia del lujo, los puertos de Vizcaya que pertenecían á la corona de Castilla fueron mercados de extenso comercio con el norte, desde los siglos XIII y XIV. Esta provincia celebró repetidos tratados de comercio con Francia é Inglaterra y estableció sus factorías en Brujas (grande emporio de las relaciones mercantiles, en aquel periodo entre el norte y el medio día) antes que ningun otro pueblo de Europa, exceptuando los alemanes. (*Diccionario Geográfico Histórico de España*, por la real Academia de la Historia. Madrid, 1802).

Respecto á ganadería, el número de cabezas que pasó por los puertos de travesía de la corona de Castilla en 1477, segun el censo de 1482, ascendió á 2.694.032; en Aragon abundaban tambien los pastos y Colmeiro hace constar que habia partidos enteros cuya riqueza consistia casi exclusivamente en ganados, siendo muy celebrada la finura de las lanas de Albarracin. Campany data la gran mejora de este producto en España desde 1394, en cuyo tiempo trajo Catalina de Lancaster, como parte de su dote, un rebaño de merinas inglesas; pero, sin rechazar esta opinion, tiene que admitirse el hecho de los cruzamientos inteligentemente dispuestos con las castas de Soria y otros puntos, para el perfeccionamiento de las lanas, cuyo comercio é industria tanto contribuyó á aumentar la riqueza del país.

Por lo que mira al número de pobladores, Caja de Leruela en su *Restauracion de la abundancia de España*, afirma que nuestra patria, antes del descubrimiento de las Indias podia sostener ejércitos de 300 y tal vez de 600.000 infantes y 60.000 caballos, siendo tan rica que no necesitaba mendigar para ello bastimentos, acémilas ni carros de otros reinos.

<sup>1</sup> ¿Quién habia de decir que cuatrocientos setenta y tres años despues, ó sea en 1874, Barcelona tendria que echar mano de todos sus recursos para conservar su banco, privado de importantes derechos y facultades por una mera disposicion ministerial y amenazado de ser refundido á la fuerza, en el banco de España?



El padre Peñalosa asegura en *Las cinco excelencias del español*, que durante las guerras con los moros, Castilla y Leon podian suministrar 24.000 caballos: las Andalucias y Extremadura 26.000: Aragon y Cataluña 14.000: Valencia y Murcia 8.000: Navarra 3.000; Galicia 2.000 y Vizcaya 2.900; de forma que, en todo, podia la España poner en pié de guerra, antes del advenimiento de los reyes católicos 79.000 caballos y levantar un peonage proporcionado.

Meditese sobre estos datos, haciendo en ellos toda la rebaja razonable, el que los calcule, quizás algo subidos; y compárese aquella época con la que hemos alcanzado, gracias á la abrumadora centralizacion, hasta el punto de necesitarse que vayan generales en comision al extranjero, para remontar nuestra caballeria.

Algunos pretenden que Toledo, cuya poblacion, cuando era cabeza del imperio godo llegó (segun dicen) á 80.000 vecinos, conservaba todavia 60.000 en el reinado de Enrique IV. (Colmeiro, *História de la Economía política en España*).

Sin datos suficientes de Castilla ni de Aragon, y careciendo totalmente de los relativos á Granada, Navarra, Cataluña, Valencia, Vizcaya, Alava y Guipúzcoa, es muy difícil de apreciar la poblacion con que se cerró en España el periodo de la edad media. Colmeiro la calcula en 10.000.000 de almas, cifra que nos parece demasiado pequeña, si se tienen en cuenta los ejércitos sustentados durante la reconquista, no solo dentro de la península, y contra los moros, sino tambien los que estos opinian y que, vencidos, constituian lo mismo parte del número de habitantes de España; y los que se emplearon en el extranjero para llevar á cabo las conquistas exteriores, como sojuzgar á Napoles, Sicilia y Mallorca, expedicionar en Grecia y Asia, etc., etc., siendo el terror de lejanos paises; porque España, como lo demuestran estas grandes y afortunadas empresas militares, ni siquiera en el terreno vitando de avasallar pueblos extraños, necesitó, como afirman los panegiristas de Fernando é Isabel, que estos empuñaran el cetro, para extender su influencia política por las demás naciones, ni para ser admirada en Europa por sus ejércitos expedicionarios, lo mismo que por su comercio, su industria, liberales Constituciones y democráticas leyes, á cuyo amparo alcanzó, luchando con las contrariedades nacidas de la perversidad de los reyes y de la ambicion de los turbulentos magnates, una era de prosperidad y grandeza, que no ha vuelto á disfrutar desde entonces, en ninguna de las épocas de su triste posterior historia.

Nunca acabaríamos si hubiésemos de extraer, ni someramente, los infinitos testimonios auténticos que pueden unirse á los enumerados, para fortalecer la demostracion de nuestras tesis; pero al hacer punto en esta materia, y entrar á ocuparnos de la parte política en aquellos tiempos, quedamos tranquilos por el íntimo convencimiento de que los datos consignados en este apunte bastan para evidenciar que la situacion general de España, antes de los reyes católicos, lejos de responder á la triste pintura que han divulgado muchos escritores, ofrece la fiel imagen



de unos Estados ricos y gloriosos, rebosando vida y robusteciéndose más y más, rápidamente, con la poderosa sávia de la libertad y de la democracia, implantadas en nuestro suelo del modo que veremos en varios de estos apuntes.

### III

En el anterior apunte, exponiendo la situación general de España al advenimiento de los reyes católicos, hemos aludido con frecuencia á las Constituciones de los diversos Estados; y es tal la importancia de las instituciones pátrias en aquel periodo, tanto influyeron en la prosperidad que alcanzó el país, que no podemos dispensarnos de presentar siquiera un conciso extracto, que suministre la idea de su levantado espíritu.

Navarra y Aragon tuvieron instituciones comunes en su principio, como que partian del mismo origen; ó sea de la REPÚBLICA PIRENAICA que no solo existió sino que prosperó en su lucha contra los árabes, hasta muchos años despues de haberse erigido la monarquía asturiana de D. Pelayo.

En un estudio histórico que no hace mucho dimos á luz bajo el título de «Antiguas tradiciones de Navarra y su oposicion al absolutismo,» dejamos probado hasta la saciedad este hecho importante, olvidado de muchos cronistas y narradores, por efecto de la general costumbre que les hace desmenuzar, en su mayor parte, los detalles fútiles como atañen á las personas de los reyes y pasar por alto épocas enteras si solo interesan á los anales de los pueblos.

No queriendo copiarnos, sino en lo absolutamente indispensable, remitimos al lector á dicha obra, si aspira á conocer con mayores detalles el origen de las instituciones navarras y sus tan gloriosas como democráticas costumbres y formas parlamentarias; de las cuales nos ocuparemos tambien en el apunte relativo á la inicua invasion de las armas de Fernando el Católico en aquel reino.

Por ahora nos limitaremos respecto á este punto á dar una idea de la Constitucion aragonesa, con la advertencia de que esta y la de Navarra, no solo fueron idénticas en los primeros tiempos de la reconquista, sino que una y otra descansan en la misma base foral; en el *pacto* bilateral establecido entre aquellos montañeses y el rey que elegian, mediante las solemnidades y el juramento de que más adelante hablaremos; y, en fin, que si bien al separarse los reinos de Aragon y Navarra dieron desarrollo distinto (más bien en la forma que en la esencia) á sus principios políticos fundamentales, una y otra Constitucion respondieron siempre al espíritu de noble independencia, y de Soberanía Nacional, que resplandece en nuestras leyes é instituciones forales, de una época en que la Europa gemía bajo el yugo de una muchedumbre de tiranos y solo en España se aspiraba la brisa de la libertad.

Tenian, entonces, los derechos del pueblo firmísimo asiento; algo

más sólido y seguro que las efímeras garantías de nuestras modernas Constituciones políticas, Constituciones indefensas, con tal facilidad y tan á mansalva pisoteadas en estos bochornosos tiempos.

La antigua legislacion *foral*, que hoy pudiéramos llamar *provincial*, y debe servir de base en su parte democrática y en no poco de su organismo á la *federal* de mañana, contiene recursos como el de la *manifestacion*, el del *justiciazgo* y por último el de la insurreccion legal del reino que, armonizados con prevision patriótica, hacen casi imposible la pérdida de la libertad y el entronizamiento de la tiranía en un país, como no sobrevengan causas externas y acontecimientos de la magnitud excepcional que registra la historia de los siglos XV y XVI; como no se desplomen, á un tiempo, sobre un pueblo un mundo y un infierno:

La América y el Santo Oficio.

#### IV

Aun así, los derechos del pueblo no sufrieron en España la muerte triste del asesinato alevoso, del golpe inevitable cuando es preparado por la deslealtad.

Nó: con nuestras leyes fundamentales de la edad media habia lugar á la defensa, y la lucha se prolongaba lo bastante para que en el pueblo quedase grabada la memoria de su derrota con caracteres indelebiles; para que las generaciones siguientes conservaran vivo el recuerdo y animada la esperanza de recuperar lo perdido.

El insigne historiador aragonés D. Manuel Lasala, que acaba de fallecer en Zaragoza y cuya muerte es una dolorosa pérdida para la patria, en el prólogo de su luminoso y extenso «Exámen Histórico Foral de la Constitucion aragonesa», que constituye una obra clásica, entre otros muchos párrafos dedicados á demostrar la eficacia de los recursos forales para la defensa de la libertad y del derecho, contiene los siguientes, que son el mejor apoyo de nuestra tesis.

«Remedo de nuestra creacion ó invencion propia, hija de idéntico designio, ó mejor acaso, apremio de una misma necesidad, debió ser el *Habeas Corpus* anglicano; y á pesar de la rancia fecha que trae en un pueblo que nunca ha dejado de ser libre desde su *Carta magna*, y cuya sensatez y recto juicio son proverbiales en Europa, sin embargo no ha llegado en este punto á donde con sus remedios forales dejaron afianzada su *manifestacion* las instituciones aragonesas.

«En este momento no es de mi propósito extenderme en la reseña orgánica de la Corte de su *Justicia mayor*, cuya magistratura resumia dentro de sí este protectorado supremo, este *palladium* político, que hiciera imposible todo linaje de tiranías y desapoderamientos.

«No cabe exponerla en pequeño espacio, ni estaria bien el que para este objeto saliese de las simples indicaciones con que he querido recor-

dar que la nacion española se basta y se sobra con sus propias lecciones y experiencia para progresar más ventajosamente que los demás pueblos de Europa, sin salir de sus antiguas leyes y de las buenas prácticas constitucionales de sus mayores.

«Tan elevada entre ellos era esta robustísima institucion que engrandecia cuantos objetos ia rodeaban. *Carcel de la libertad* apellidaban las gentes las de su gran Justicia, y con graves penas pagaba su crimen quien franquease sus puertas en son de quebrantar su inmunidad. Con solo intentarlo podia incurrirse en la pena, en que caian del mismo modo cuantos llegasen con sus atrevimientos á la persona de su *Alcaide*, inviolable en el buen desempeño de su oficio.

«Con los interdictos forales de tan altísima jurisdiccion cerrábase la puerta á todo desman, á todo exceso de la autoridad, y eran con su apoyo invulnerables todos los intereses é inmune la persona del ciudadano y santo é inviolable su domicilio.

«Del cadalso mismo arrancó alguna vez, al que, presa ya del verdugo se acogia al amparo de este presidio politico: y era la voz de su apellido tan poderosa y elocuente, que al grito de *manifestacion* conmoviase el pueblo todo para ponerse del lado de quien tal palabra pronunciaba.

«Ved aquí pues, lo que de todos se olvida en nuestro moderno constitucionalismo: y ved aquí tambien lo que, por sí solo, vale é importa para la libertad de un pais más que la mitad de la mejor Constitucion que hoy se conozca entre todas las elaboradas al calor de las escuelas modernas.

«Y con todo, despues de medio siglo de agitacion política, aun no hemos caido en la cuenta de nuestro error, donde por el contrario, márgen á que se nos eche en cara nuestra falta de españolismo por los mismos que, enemigos de las franquicias populares, intentan separarnos de su camino entregándonos al doctrinarismo francés.»

Después de lo cual, Lasala consigna una reflexion altamente consoladora para los que hoy padecemos al contemplar el presente: una reflexion tan profunda como exacta.

«*Avanzando ó retrocediendo (dice) es inminente el triunfo de la libertad en nuestra patria. Nuestras aspiraciones de hoy y nuestros recuerdos de ayer nos llevan por igual á nuestra completa regeneracion politica.*»

Ayudemos, pues, á esta evolucion dedicando nuestras tareas á la patriótica empresa de recordar cuanto valiamos y lo que éramos con nuestras libres instituciones, antes de que la centralizacion las aniquilara, para calcular exactamente luego los mortíferos efectos de este tiránico sistema.



## V

Como asunto más confuso y litigioso que interesante, tocaremos solo muy por encima la cuestión eterna entre los historiadores, acerca de quien fué el primer rey de esta *paccionada* monarquía; quieren unos que se reconozca tal á D. García Ximenez, señor de Abarzuza y Améscoa, pueblos de la merindad de Estella, quien ejerció su alta magistratura bajo el título de rey de Pamplona, conservado cerca de cuatrocientos años por sus sucesores, hasta que D. García Ramirez adoptó el de rey de Navarra, ejerciendo autoridad no solo sobre los antiguos Vascones de las montañas, sino en los habitantes de las llanuras, dominando en Deyo, Aragon, Alava y Nájera; pretenden otros, que el primer monarca elegido lo fué Iñigo Arista, calificando á García Ximenez de personaje fantástico, ó diciendo que no tuvo más carácter que el de caudillo de las gentes de armas, ó que se confunde con el mimo Arists; no faltando quien le coloque como inmediato sucesor de este.

Nosotros creemos que el fundador de aquella monarquía *electiva* y *paccionada* que sucedió á la República pirenaica, lo fué D. García Ximenez, por ser más numerosas y respetables las autoridades que así lo afirman; pudiendo solo cabernos alguna duda acerca de si su eleccion fué en la Borunda por seiscientos navarros, reconociéndole luego los sobrarvienses en Uruel, ó en la cueva de la montaña de este nombre por trescientos nobles reunidos de Navarra y de Jaca.

Lo principal á nuestro objeto no estriba en las cronologías reales, sabroso pasto de muchos historiadores, sino en el exámen de los documentos que revelen la esencia de las instituciones aragonesas desde su origen.

Estos pueden resumirse, principalmente, en el prólogo del antiguo fuero de Sobrarve, en el fuero de alzar rey, en los apotegmas forales de Blancas y, como confirmatórios, en el *Privilegio general* y en los *Privilegios de la Union*.

El prólogo del fuero de Sobrarve sirve para dejar sentadas ciertas verdades fundamentales.

Las palabras «Aquí comienza el primer libro del fuero que fué fallado en Espanya ansi como *ganaban* las tierras *sine rey* los Montayneses» con que empiezan los más antiguos de los códigos manuscritos que se conservan y de que damos extensa noticia en nuestro estudio «Tradiciones de Navarra» prueban dos cosas: primera, que antes de tener rey habian sabido darse leyes los habitantes de aquella parte del Pirineo, y segunda, que la falta de monarca no les impidió obtener ventajas y crecimientos en su anterior República, puesto que *ganaban* las tierras á los moros. El resto del preámbulo interesa á la parte histórica, en fijar la época de estos acontecimientos á poco de la invasion sarracena, que se verificó *sub era* de 702 *aynos por la traicion que el Rey Rodrigo fello*

*del Rey bitizanus fizo al conde D. Julian su sobrino que sel jacio con la muyller, etc.* y sirve, por último, para patentizar, sin el menor asomo de duda, el carácter esencial de electiva que tuvo aquella monarquía.

El fuero de alzar rey, por su capital importancia, no podemos dispensarnos de transcribirle.

Dice así:

« Titulo de Reyes et de huestes et de cosas que taynen á Reyes et á huestes.

« Como deben levantar Rey en espayna et como les deve eyll ju-  
« rar.

« Et fue primcrament establido por fuero en spayna del Rey alzar  
« por siempre, et porque ningun Rei que iamas seria non lis podies ser  
« malo, pues conceylo, zo es pueblo, lo alzaban por Rey et lidavan lo  
« que ellos habian et ganavan de los moros, primero que lis juras antes  
« que lo alzasen por Rey sobre la cruz et los Evangelios que les tovier a  
« dreyto et les meioras siempre lures fueros et no les apeoras et que les  
« desfficies las fuerzas et que parta el bien de cada tierra con los hom-  
« bres de la tierra convenibles á Ricos hombres á cabaylleros á infan-  
« nes á hombres de villas y no con estranios de otra tierra. Et si por  
« aventura abiniese cosa que fuesse Rey ó ome de otra tierra ó de estra-  
« nio lengoage que nos les aduxiese en essa tierra mas de V ni en bay-  
« lia ni en servicio de Rey hombres estranios de otra tierra et que Rey  
« ninguno no oviese poder nunca de facer cort sin conseyllo de los Ri-  
« cos hombres naturales del Reyno et ni con otro Rey ó Reyna guerra ni  
« otro gravado fecho ó embargamiento de Reynosin conseillo de x i j Ri-  
« cos hombres ó x i j de los mas ancianos sabios de la tierra. Et el Rey  
« que haya su seylo para sus mandas et moneda jurada en su vida et  
« alferit el sey na caudal el que se levante Rey en sedieylla de Roma ó  
« de Arzobispo ó de Obispo et que sea areido la noche en su vigilia et  
« oya sumisa en la iglesia et offrezca porpora et de su moneda et dem-  
« pues comulque et al levantar suba sobre su escudo teniendo los Ricos  
« hombres clamando todos tres veces Real, Real, Real, entour espanda de  
« su moneda sobre las gentes ata C. solidos et por dar á entender que  
« ningun otro Rey terrenal no haya poder sobre ellos, cingase eyll mis-  
« mo con su espada que es asemblant de cruz et no deve otro cabayllero  
« ser fecho en aquel dia. Et los x i j Ricos hombres ó savios jurar al  
« Rey sobre las cruz et los Evangelios de curiarle el cuerpo et la tierra  
« et el pueblo et los fueros ayudarli á mantener fielment et deben besar  
« su mano. »

Pocos documentos históricos son tan elocuentes como el que acabamos de copiar, para el objeto de proporcionar una idea clara y concreta de la índole de una institución. En él vemos, representando al país, además de los Ricos hombres, los ancianos y sabios de la tierra; lo que dió origen bien pronto á otra *cort* más ámplia, que llegó, como demostraremos, hasta la omnipotencia parlamentaria; no solo se comprueba y ratifica el *pacto* entre el monarca y sus súbditos, sino que se

precisan sus términos y se establecen condiciones concretas, que coartan visiblemente la autoridad real en los actos más importantes de la soberanía, reservada á la nacion por este documento; y, finalmente, hasta en él se contiene el principio del derecho de insurreccion elevado á recurso legal.

Este último dictámen no queremos sostenerle con razones propias, teniendo á nuestro favor el texto de los comentarios del Conde de Guimerá á los fueros de Sobrarbe; documento importante por su antigüedad y por la elevada categoría del autor, deudo del rey católico é imposible de tachar de *demagogo*, en el mal sentido que hoy se dá á la palabra, ni siquiera de poco adicto á la autoridad real, ante la que se muestra, en todo su trabajo, dignamente respetuoso.

«El pavés en la guerra, dice comentando el fuero que acabamos de transcribir, suele ser el féretro del que es herido ó muerto en ella, «y assi levantavan al Rey sobre el pavés, para que entendiesse que riñiendo bien á sus vasallos, siendo sustentado por ellos, pues lo ponian «sobre sus hombros, estaria bien defendido de los enemigos del Reyno; «y descuidándose el Príncipe de esta obligacion, no estando bien defendidos sus vasallos y el Reyno, seria fuerza que las manos y fuerzas que «se ocupaban en sustentar al Rey, que por haberse de ocupar en su defensa propia dexaren de ocuparse en la del Príncipe; no pudiendo por tener ocupadas en otras cosas las manos y fuerzas, ocupallas en dos cosas «á un tiempo, que era ocupar en defender al Príncipe y tratar de su propio negocio, por cuya defensa reconocian la soberanía, pues el Príncipe «entendian que, por el beneficio de ella, habia de olvidarse de los propios y cuidar de los comunes.»

No puede enunciarse de una manera más respetuosa y más clara, la idea de que, si el rey falta á los deberes de su cargo, á los compromisos del *pacto* en cuya virtud se le alza sobre el pavés, los mantenedores de este, al soltarle, darán por tierra con la autoridad real, que solo con su apoyo y sosten alcanza á ser ejercida.

Antes de pasar adelante, vamos á dejar consignados los cinco apogemas forales á que Blancas tuvo la feliz idea de reducir toda la doctrina política de esta liberal monarquía; doctrina recogida por él de fragmentos antiguos de los fueros y puesta en latin, para asegurarla mejor en la memoria de las generaciones sucesivas.

I «In pace et justicia regnum regito, nobisque foros meliores irrogato.»

II «Et mauris vindicabunda, dividuntur inter ricos homines non modo, sed etiam inter milites et infantiones. Peregrinus autem homo «nihil nide capito.»

III «Jura dicere regi nefas esto, nisi adhibito subditorum consilio.»



IV «Bellum aggredi, pacem innire inducias agere, remve aliam mag-  
ni momenti pertractare, caveo rex, præterquam siniorum annuente  
«consensu.»

V «Nequid autem damni detrimitive leges aut libertates nostræ  
«patiantur. Index quidam midius adesto, ad quem á rege provocare, si  
«aliquem lesserit, injurias arcere, si quas forsam reipublicæ intulerit,  
«jus fasque esto.»<sup>1</sup>

SEBAFIN OLAVE.

(Continuad).

I Rije el Reino en paz y justicia, y establécenos fueros mejores. (Es de-  
cir, que los fueros actuales hayan siempre de mejorarse, y no empeorasse).•

II • Dividanse los despojos de los moros no solo entre los ricos hombres,  
sino tambien entre los caballeros y guerreros, pero el extrangero nada lleve. •

III • No puede el Rey hacer leyes sin el consejo de sus súbditos. •

IV • Guárdese el Rey de emprender guerra, firmar paz, hacer treguas ó  
tratar asunto grave sin el consentimiento de los señores. •

V • Y para que nuestras leyes ó libertades ningun menoscabo padezcan,  
haya constituido un juez, medio al que sea lícito apelar del Rey en el caso que  
este ofendiere á cualquiera y para impedir las injurias si alguna hiciere á la re-  
pública. •

# OS ELEMENTOS TRADICIONAES DA LITTERATURA

---

## OS CONTOS

---

Existem duas collecções originaes de contos populares serbos: uma publicada pelo lexicographo Vuk Stefanovics Karadjitch <sup>1</sup>; outra pela «Sociedade da joven Bosnia<sup>2</sup>»; a filha de Vuk tinha publicado uma traducção da collecção do pae, precedida de um prefacio do celebre Jacob Grimm<sup>3</sup>, mas esta traducção tornou-se hoje inacessivel e as originaes são como vedado para a maior parte dos que se occupam de litteratura comparada. Não podemos, pois, senão applaudir a traducção ingleza que a sr.<sup>a</sup> Mijatovics publicou recentemente de vinte e seis contos escolhidos nas duas collecções. Os contos podiam, cremos, apesar de não podermos ler os originaes nem termos ainda alcançado a traducção de Vilhelmine Wuk, ter sido melhor escolhidos; admite-se e approva-se até completamente que os que publicam collecções originaes nos dêem mais que uma versão do mesmo conto, sobre tudo quando ellas offerecem differenças importantes e tragam a lume formas deturpadas de contos por amor do completo; mas quando se trata de uma selecção deve attender-se a certos principios, que em verdade nem todos estão aptos para pôr em pratica; escolher os typos principaes dos contos e os melhores, não sacrificar um conto differente embora inferior, são a meu ver os mais importantes d'esses

<sup>1</sup> *Srpske narodne pripovijetke*. Vienna, 1853.

<sup>2</sup> *Bosniake narodne pripovijetke*. Sissek, 1870. É só a primeira parte.

<sup>3</sup> *Volksmärchen der Serben*. Berlin, 1854.

principios e esses parece não foram seguidos pela sr.<sup>a</sup> Mijatovics. Do nosso conto achamos n'essa publicação duas versões, a primeira das quaes tinha sido escripta para Vuk pelo principe da Serbia, Miguel, que a ouvira contar a uma ama na infancia.

Primeira versão (p. 32-36): «A filha de um rei é raptada por um dragão. Os tres irmãos vão á busca d'ella e chegam á vista de um kiosque que estava entre o céu e a terra; suppondo que a irmã estaria lá, resolveram matar o cavallo do mais novo, fazer da pelle uma correia, atal-a a uma setta e atirar a setta de modo que ella entrasse fundo n'um lado do kiosque. Assim fizeram, e o irmão mais novo subiu pela correia, tendo os outros recusado fazel-o. Lá em cima encontrou a irmã, em cujo regaço tinha a cabeça o dragão que estava dormindo. O principe matou-o, tendo-lhe a irmã indicado o sitio onde devia ferir-o. A irmã mostrou-lhe as maravilhas do kiosque e tres donzellas que o principe fez descer com ella indicando aos irmãos as donzellas que lhes deviam pertencer e dizendo-lhes que reservava para si uma que elle encontrou fiando perolas, postas por uma gallinha de ouro com seus pintainhos. Mas, os irmãos cortaram a corda para que elle não podesse descer; disfarçaram um pastor que encontraram e levaram-no ao pae como se fosse o irmão. Sabendo no kiosque que os irmãos e o pastor iam casar com as princezas, o principe mais novo, foi successivamente, no dia da boda de cada um, montado em cada um de tres cavallos que no kiosque a irmã lhe mostrara; bate-se com os irmãos deitando-os do cavallo abaixo e mata o pastor. Apanhado pelos guardas do rei fez reconhecer a verdade.»

Esta versão é muita imperfeita, o que não admira attento o modo de sua transmissão. Causa singular! Em geral, as pessoas instruidas dão dos contos populares que ouviram na infancia versões muito mais imperfeitas que as da gente do povo. Veremos as excepções d'este principio.

A segunda versão serba vae mais proxima das portuguezas (*Sir Percorn*, p. 123).

«Tres irmãos tinham ido á matta proxima á lenha. A irmã que lhes ia levar a comida foi no caminho raptada por um gigante que a levou para a sua cova.

«Tendo esperado dois dias voltaram a casa e sabendo que a irmã tinha ido com a comida e não tornara, o irmão mais velho resolveu-se a ir procural-a. Soube de uns pastores que a irmã tinha sido levada pelo gigante e chegado á boca da cova chamou por ella, que o convidou a entrar. Tendo vindo o gigante e tendo feito preparar um grande carneiro disse ao cunhado que se elle comesse ametade primeiro o mataria a elle gigante, senão elle gigante o mataria; o rapaz assim foi morto. O mesmo succedeu com o irmão segundo e com o terceiro. Vendo-se sem filhos, os paes rogaram a Deus que lhes desse um, ainda que não fosse maior que um grão de pimenta. Assim lhes nasceu um que foi chamado Grão de pimenta. Chegado a idade sufficiente sabendo da sorte dos irmãos, mandou Grão de pimenta fazer uma massa com ferro que ajuntou



em casa e tendo-lh'a um ferreiro feito experimentou-a arremessando-a ao ar e aparando-a na cabeça. A massa fez-se em pedaços. O mesmo succedeu com um segundo ferreiro até que um terceiro lhe fez uma massa que resistiu ás provas, fazendo grandes ampolas na cabeça. Grão de pimenta vae á matta; dá-se a conhecer á irmã; o gigante propõe a mesma aposta do carneiro, mas Grão de pimenta consegue fingir que come uma parte e mata-o. Depois de ter estado algum tempo com seus paes, enrequecido com os haveres do gigante, vae Grão de pimenta correr mundo. Encontra primeiro um homem que expreme uma alabarda e faz d'ella sair agua e pergunta-lhe: «Pensas que ha alguem no mundo mais forte do que tu?»—Só ha um homem vivo mais forte do que eu; é uma certa pessoa chamada Grão de pimenta. Grão de pimenta apara uma massa de ferro na cabeça sem se magoar. «Tendo-se dado a conhecer, leva-o Grão de milho na sua companhia. Encontram um homem que faz andar as rodas de nove moinhos com o dedo minimo. Feita a pergunta como ao homem da alabarda, respondeu: «Ha só dois homens mais fortes que eu, uma certa pessoa chamada Grão de pimenta, e um certo homem da alabarda.» Vão de companhia e chegam a uma cidade onde sabem que tinham sido roubadas as tres filhas do rei, que promettia grande recompensa a quem as trouxesse. Pediram ao rei cem mil cargas de madeira e fizeram uma barreira com ella em roda da cidade. A primeira manhã ficou o homem de alabarda a fazer a comida. Viu um homem com uma testa da altura de uma vara e uma barba do comprimento de um palmo e elle fugiu; o Testa de vara comeu o boi que estava ao lume. O mesmo succede ao Move-moinhos, mas ao terceiro dia Grão de pimenta repelle o Testa de vara, e elle diz: «Tem cautella, não te mettás commigo. Não, ha ninguem no mundo que possa vencer-me senão um certo sujeito chamado Grão de pimenta.» Grão de pimenta atou-o a um alto pinheiro e o Testa de vara arrancou a arvore e fugiu arrastando-a deixando regos na terra como se tivessem ali passado tres arados. Depois de jantarem, foram os tres companheiros seguindo o rasto e descobriram uma cova muito escura. Cada um dos tres companheiros desce por uma corda de mil milhas, fornecida pelo rei, mas só o Grão de pimenta chega ao fundo. Encontra duas princezas que lhe disseram que a mais nova estava curando as feridas recebidas pelo Testa de vara de um certo Grão de pimenta. Dando-se a conhecer e aconselhado por ellas a tomar o sabre maravilhoso do Testa de vara, o qual tinha a virtude de matar um homem a distancia de um dia de jornada, mata o roubador das princezas; faz então subir estas n'um grande cesto atado á corda; a ultima princeza deu-lhe uma caixa, dizendo que a abrisse quando precisasse alguma coisa. Os companheiros encantados de uma princeza não fizeram mais descer a corda. Agora, convencido da traição, anda Grão de pimenta e chega á beira de um grande lago e encontra um acompanhamento como de noivado; sabe que era uma donzella que ia ser levada, como era forçoso todos os annos, a um dragão para a devorar. Grão de pimenta mata o dragão e casa com a donzella, que era filha do rei, mas vem-lhe as

saudades do outro mundo ao fim de algum tempo. É levado por uma ave cujos filhos elle salva de um monstro aquatico e á qual Grão de pimenta leva uma carta do rei e que lhe diz: «Mata doze carneiros; enche as pelles com agua e traz-m'as aqui com a carne.» Quando ella voltava o bico á direita, queria carne, quando o voltava á esquerda agua. Acabou a carne e a ave pediu mais; Grão de pimenta cortou-a da sola do pé direito e deu-lh'a, mas ella conheceu-a pelo sabor e não a comeu, e depois, chegados á terra, vendo o Grão de pimenta coxear, pergunta-lhe: «Porque coxeas? «Oh! isto não é nada. Não se encommode.» Mas a ave disse-lhe que voltasse o pé direito e pregou-lhe a carne que tinha escondido debaixo da lingua. Grão de milho abre a caixa, dada pela princeza; saem uma mosca e uma abelha que lhe pergunta o que quer: pede um cavallo e vestidos decentes; vae á cidade do pae das princezas e ouve um pregão: «Ha alguém assaz atrevido para lidar com o forte Homem da alabarda, genro do rei?» Grão de milho apresenta-se e mata o primeiro genro do rei; assim faz ao segundo. Passado algum tempo, depois de todos os terem procurado em vão, escreve á princeza mais nova e o rei deu-lh'a em casamento.»

Se da Servia passarmos á Grecia veremos ainda o moderno rival de Herakles excitar o interesse dos decaidos descendentes da grande raça hellenica, nas paisagens melancolicas de Syra, de Tinos, e provavelmente de outros logares ainda <sup>1</sup>.

Na ilha de Syra conta-se:

«Havia um rei que tinha tres filhas e uma macieira no jardim que dava todos os annos tres maçãs de ouro, que logo que estavam maduras desapareciam. Cada um dos tres principes, logo que cresceram, vae guardar de noute a arvore, mas, os dois mais velhos assustam-se quando vêem vir uma nuvem tempestuosa e de que sae uma mão que rouba as maçãs; o mais novo, a seu turno, atira uma frechada á nuvem que desaparece e fica a maçã. O principe vae á busca do ladrão; acompanham-no os irmãos e o rasto do sangue guia-os durante um mez. Chegam a um ponto onde cruzavam tres caminhos e á entrada de cada caminho havia uma pedra; uma tinha escrito: «Quem vae por este caminho, volta de lá;» a outra: «Quem vae por este caminho, talvez volte, talvez não volte;» e a ultima: «Quem vae por este caminho, não volta de lá.» O mais novo disse que deviam seguir pelo caminho d'onde não se voltava; seguiram e encontraram o rasto de sangue que os levou a um alto monte, que tinha no cume uma grande pedra marmore com um anel de ferro. Os dois mais velhos não a poderam mover; o mais novo levantou-se e quando lhe vinha a força a terra tremia. Havia lá um grande poço de que saía um vapor quente de queimar que era o alento do ferido. Descem os dois mais velhos, mas não podem ir até baixo com o calor; desce

<sup>1</sup> Griechische und albanesische Märchen. Gesammelt, übersetzt und erläutert von J. G. v. Hahn. Leipzig, 1864, 2 vol. 8.º N.º 70 e vol. II, p. 294.

o mais novo e n'um palacio soberbo vê uma bellissima princeza brincando com uma maçã de ouro; o principe viu que a maçã era da arvore do pae. Pergunta á princeza pelo dragão, de que ella diz que fuja; ella diz-lhe que o pergunte á segundá irmã, que era tão bella que o principe disse: «Brilha, sol, para que eu brilhe com teu brilho;» esta manda-o á terceira que era advinha; estava ella triste por não ter maçã para brincar; ao vel-a o principe sente voltar-lhe a força. Ella diz-lhe que o dragão está n'um quarto e quando dorme tem os olhos abertos, quando os tem fechados, está acordado; á cabeça estava um frasco d'agua, aos pés outro e elle devia trocal-os; muitas espadas penduradas deviam dizer que as tomasse, mas elle devia tomar a mais enferrujada que estava atraz da porta; então devia acordar com uma punhada o dragão, que o convidaria para beber e tomaria o frasco que estava á cabeça e o principe o que estava aos pés. Assim fez, e o dragão foi morto. As princezas são atadas á corda e levantadas pelos dois irmãos mais velhos; mas, a mais nova antes tinha dito ao principe mais novo que subisse elle primeiro, porque os irmãos o matariam, mas como elle não acreditou disse-lhe que fosse a certo armario e acharia uma amendoa, uma noz, uma avelã, e uma corda de crina; tudo lhe seria necessario, se os irmãos o não tirassem de lá, havia de ir a uma eira, onde brincavam um com outro dois cordeiros, um negro, outro branco, e elle devia agarrar o branco; se agarrasse o negro desceria outro tanto pelo outro mundo abaixo. Elle disse-lhe á despedida que o pae havia de querer casar com ella, mas que esperasse por elle um anno, tres dias, e tres horas. Atraído pelos irmãos e tendo agarrado o cordeiro negro caiu outro tanto pelo outro mundo abaixo. Chegou a uma cidade e vendo n'uma hospedaria amassar a farinha com cuspo e tendo perguntado a razão d'isso, soube que a unica fonte da cidade era guardada por uma serpente que cada semana comia um homem e só então deixava tirar agua. O principe pede que lhe dêem uma bilha e lhe mostrem o caminho. Foi só, pois a velha da hospedaria com receio pela vida d'elle não lhe queria indicar o caminho. Viu uma rapariga atada a um penedo, que lhe disse ser a filha do rei á qual caíra em sorte ser devorada pela serpente. Elle soltou-a, pediu-lhe que o catasse, pois estava cansado e em quanto dormia a filha do rei atou-lhe o seu anel aos cabellos do alto da cabeça. Veiu a serpente e de susto a donzella não poudo acordar o principe e só poudo chorar, mas uma lagrima caiu no rosto d'elle e acordou-o. O principe matou a serpente; depois de lhe cortar doze cabeças, encheu a bilha d'agua, tomou as doze linguas das doze cabeças e tendo voltado disse á velha que a matava se ella dissesse que elle tinha morto a serpente. Um guarda do rei, que era um moiro, foi ver se a princeza tinha sido devorada e tomou as doze cabeças da serpente e apresentou-se como matador. O rei queria dar-lhe a filha, mas esta affirmava que o seu libertador era o filho de um rei. Diz ao pae que se devia fazer uma grande festa a que iriam todos os homens principaes e quem apanhasse uma maçã que havia de atirar da janella abaixo seria o seu marido. Vestido de pastor apresentou-se



o principe; a princeza reconheceu-o atirou-lhe a maçã, mas o rei ficou muito encolorizado por a filha querer casar com um pastor. O principe compadecido, apresentou-se e perguntou ao moiro pelas linguas da serpente; elle respondeu que ella com medo as engulira; o principe cortou a cabeça a um cordeiro, que mordeu na lingua e disse ao moiro se a serpente teria mais medo que o cordeiro; então apresentou as linguas. Em recompensa só queria elle ser posto no mundo de cima. O rei diz-lhe que se elle em certa montanha matar a serpente inimiga das aguias, estas leval-o-hão ao mundo de cima. O principe matou com grande trabalho a serpente que estava para devorar as aguiasinhas, que depois adejaram para lhe dar ar fresco em quanto dormia. Os paes queriam matal-o, mas os filhos contaram o succedido; as aguias prometteram então fazer o que o principe quizesse e mandaram-lhe encher d'agua quarenta odres e matar quarenta bufalos e fazer um jugo de prata para as ligar. O principe devia ligar-se ao jugo e quando ellas gritassem *kra!* dar-lhe carne, quando gritassem *glu!* dar-lhe agua. Subiram; quando a carne acabou e ellas pediram mais, o principe cortou uma perna e deu-lh'a. Tendo chegado ao mundo, as aguias vendo que coxeava e sabida a razão, o rei d'ellas disse: «Quem comeu a carne deve vomital-a;» e mandou buscar por uma aguia agua da vida e pegou outra vez a perna. Disfarçado de pastor, e tendo posto na cabeça uma pelle de cordeiro á maneira dos tinnhosos, vae o principe á cidade onde o pae era rei e vae como official para casa de um alfaiate, onde o seu prazer era sentar-se nas cinzas e cobrir-se com ellas.

«Estava a terminar o tempo que a mais velha das princezas devia esperar o seu libertador e que ella tinha pedido ao pae que queria casar com ella para se resolver; o rei disse-lhe que se preparasse para a boda, ella respondeu que lhe mandasse fazer em tres dias um vestido em que se visse a terra com as suas flôres, e que nem fosse talhado á tesoura nem cosido á agulha, que se metesse dentro d'uma noz e se tirasse outra vez para fóra. O alfaiate, mestre do principe, foi mandado sob pena de morte fazer um similhante vestido; fornece-lh'o o principe partida a noz que no outro mundo lhe indicara a princeza e vendo-o esta soube que o principe tinha voltado. O rei faz umas cavalhadas; vem o principe n'um cavallo e vem vestido como o céu e as estrellas que appareceram ao queimar um pelo de cavallo, que a princeza mais nova lhe dêra, e elle venceu na corrida. Ao outro dia o rei tendo pedido á princeza que dêsse a sua decisão ella disse-lhe que lhe fizesse preparar um vestido com o céu e as estrellas; o principe fornece-o ao alfaiate partindo a amendoa; ha novas cavalhadas e o principe vence na corrida, montado n'um cavallo e com um vestido em que havia o céu e as estrellas; depois partida a avelã sae um vestido exigido pela princeza com o mar e os peixes e o principe vae-o levar ao rei e pede-lhe que o acceite como bicho de cozinha.

«Á noite vieram os doze conselheiros ter com o rei, para lhe fazer passar o tempo. N'aquelle tempo gostava-se muito d'ouvir contar historias

e como já ninguém sabia conto novo para contar, o rei lembrou-se do novo moço da cozinha, veio este e exigiu como condição que se fechassem todas as portas e lhe dessem a chave para não sair ninguém da sala e contou então tudo o que lhe tinha succedido, quando chegou ao ponto em que os irmãos o atraícoaram quizeram elles sair da sala e então elle tirou da cabeça a pelle de cordeiro e o rei reconheceu-o. No dia seguinte foram exilados os dois principes mais velhos.»

Se da Grecia passamos á Italia, encontramos n'essa região numerosas versões do nosso conto.

Na riquissima collecção do dr. Giuseppe Pitré, cujo titulo transcrevemos acima, o nosso conto acha-se representado pelos n.<sup>os</sup> 80 (*La Jis-terna*) e 83 (*Lu Malacunnutta*).

Na versão de Vallelunga (n.<sup>o</sup> 30): «Tres filhos d'um rei vão á caça; os mais velhos fazem descer o mais novo a uma cisterna, onde ha uma velha que lhe indica o quarto d'uma princeza que lhe daria o meio de lá sairem; essa princeza está ali com duas irmãs em poder d'um mago; dão-lhe a primeira uma maçã, a segunda uma romã e a terceira uma corôa que faz o que se lhe manda e uma garrafa d'agua da força; vence o principe o mago; são tiradas da cisterna as princezas; os irmãos mais velhos deixam lá o mais novo que sac de lá pelo poder da maçã, vae á cidade do pae e fica como aprendiz em casa d'um ourives. O rei manda ao ourives que fizesse em poucas horas uma corôa real para o filho mais velho que ia casar; o principe livrou o ourives do apuro pela virtude da maçã que lhe faz apparecer uma corôa. O principe mais novo vae á boda com grande esplendor e corre á paulada o ourives. Por meio da romã faz segunda corôa para o irmão do meio; vae á boda e dá nova tosa no ourives. A terceira irmã pedira a quem queria casar com ella que esperasse um anno, um mez e um dia. Quando estava para casar (o conto não diz com quem; mas a versão grega indica-nos que devia ser com o pae dos principes), nova corôa deve ser feita. Quando o casamento se estava fazendo apresenta-se o principe e é reconhecido das princezas por meio dos objectos que ellas lhe tinham dado.»

Pitré cita a pag. 208 do vol. II uma versão que se aproxima mais da grega e que devia ser preferida para o texto. «Il minore di tre figli d'un re, custodendo di notte il giardino del padre, troncò d'un colpo di spada una gamba a un mago che veniva sempre a sfrondare gli alberi. La gamba rotolando si trattenne e sprofondò in un buco a due miglia dal giardino. Il giovane entrò pelò buco e si trovò in un sotterraneo con tre principessine incantate dal mago, ciascuna in una stanza. Le fé risalire nel mondo di sopra, ricevendo, pegno d'amore e di fede, una pezzuola e una mela d'oro, dalla minor sorella. Sposate a prime due principesse dai due fratelli maggiori del giovane, la terza volle attendere l'amante rimasto sotto terra. Costui aiutato da una'quila, venne nel mondo di sopra, ove l'aquila gli vomitò la gamba che egli pel viaggio le diè a mangiare quando ella dimandava imperiosamente carne. Egli s'attacò la gamba; andò a trovare la sua bella, le porse la pezzuola, etc. «D'esta versão se

aproxima outra siciliana, publicada pelo mesmo infatigavel collector<sup>1</sup> que offerece apenas algumas diferenças insignificantes.

Vê-se claramente que o conto das princezas libertadas d'um poder demoniaco por um valente que é atraído pelos seus companheiros se ramifica em dois typos, um em que os companheiros são irmãos (às vezes simples companheiros, mas fracos) do atraído, outro em que elles são homens de força prodigiosa que o heroe principal reune a si no caminho.

Ao primeiro ramo pertencem as versões russa, grega e sicilianas de que demos extractos e a primeira das versões serbas; ao segundo as versões portuguezas, a avarica e a segunda serba.

O primeiro ramo acha-se ainda representado na Italia pelas versões sicilianas da collecção de Laura Gonzenbach n.ºs 58, 59, 61, 63 e 64<sup>2</sup>, a venesiana na collecção de Widter e Wolf<sup>3</sup>, n.º 4, monferratense na collecção de Comparetti, cujo titulo transcrevemos á frente d'este artigo, n.º 19, napolitana publicada por Köhler<sup>4</sup>. Pitré cita nas suas notas ao n.º 80 uma florentina n'uma collecção que não tenho á mão.

A versão n.º 58 de Gonzenbach começa pelo rapto das princezas; tres principes irmãos resolveram ir libertal-as; só o mais novo consegue descer ao fundo da cisterna onde ellas estão, os mais velhos cançados d'esperar vão embora e o mais novo sae de lá em cima d'uma aguia com as princezas; d'este modo a traição dos irmãos não se acha motivada e o conto perde todo o interesse.

O n.º 59 começa como o n.º 58. Os principes são ajudados por um soldado velho e coxo, que possuia uma espada encantada. Depois dos principes terem sido batidos por um gigante n'um castello em que tinham ido habitar, o velho mata o gigante e depois é que se dirigem á cisterna onde estavam as princezas; falta aqui o laço natural entre a lucta e o descobrimento do subterraneo que achamos nas versões avarica, russa e serba. O velho representa aqui o papel do irmão mais novo das outras versões; só sae do subterraneo onde o deixaram os principes, depois de terem tirado as princezas, quando descobre um apito que tocado disse: manda e aquelle manda que o transforme em bello rapaz e o ponha lá fóra, etc. Na corte onde cada um deve contar um conto, conta o velho soldado tornado rapaz a sua propria historia, como em Hahn n.º 70 o irmão mais novo.

No n.º 61 tres fillos d'um rei vão successivamente habitar em casas construidas n'um valle onde tudo era d'ouro; os dois mais velhos ou-

<sup>1</sup> Otto Fiabe e Novelle siciliane, raccolte dalla bocca del popolo ed annotate. Bologne, 1873 (Estratto dal *Propugnatore*, (vol VI).

<sup>2</sup> Sicilianische Märchen. Aus dem Volksmund gesammelt von Laura Gonzenbach. Mit Anmerkungen Reinhold Köhler's und einer Einleitung herausgegeben von Otto Hartvig. Leipzig, 1870, 2 vols. 8.º.

<sup>3</sup> Volksmärchen aus Venetien. Gesammelt und herausgegeben von Georg Widter und Adam Wolf. Mit Nachweisen und Vergleichen verwandter Märchen von Reinhold, no *Jahrbuch für romanische und englische Literatur*, vol. VII.

<sup>4</sup> *Ibidem*, vol. VIII, p. 241 246.



vindo lá á meia noute um ruido medonho fogem e a casa cae; o mais novo não se assusta, apparece-lhe um homem selvagem que o não intimida e quando acorda no dia seguinte o principe vê a casa toda de ouro. Procuram-no os irmãos e dando um passeio descobrem um poço. Segue-se a morte do homem selvagem e o desencantamento das princezas que lá estavam, a traição dos irmãos, que as ameaçam de morte se fallarem no irmão mais novo, a subida do principe na aguia, a que elle dá as pernas a comer e que as vomita depois, a estada do principe em casa d'um alfaiate e os apuros d'este, de que é livrado pelo principe, que consegue tudo por meio d'um cinto magico que lhe dera a princeza mais nova; ha torneios e o aprendiz do alfaiate é o escolhido pela princeza mais nova para noivo; ella reconhece-o por um annel que possuia o qual brilhava quando elle se aproximava; mas o principe ainda depois de casado não se dá a conhecer á mulher. Vae a casa com os dois irmãos mais velhos e elle mata muitas aves, enquanto os outros não matam nenhuma; o mais novo dá-lh'as com a condição d'elles lhe deixarem fazer nas costas dois traços negros. Os irmãos mais velhos, que não veem ninguem deante de si, senão o supposto aprendiz d'alfaiate que teem na conta de estúpido, consentem e vão vangloriar-se da caçada que diziam ter feito. O principe mais novo faz transformar a sua casinha n'um grande palacio e dá-se a conhecer ao pae. Não se falla mais dos traços nas costas dos irmãos que deviam sem duvida, na forma menos alterada d'esta versão servir para confirmar o character mentiroso dos traidores.

O n.º 62 é uma proxima variante do n.º 59. Dois generaes vão á busca das tres filhas do rei arrebatadas n'uma nuvem; um simples soldado liberta as princezas e é atraído pelos generaes.

N'esses dois numeros não parece haver representantes do segundo ramo, mas sim uma alteração do primeiro typo; a mesma observação convem ao n.º 63, em que o heroe é chamado um *seminarista* pela traductora que nos diz que a narradora lhe chamava *abbatino*, o heroe é traído por um soldado que estava de guarda ao paço, maravilhosamente apparecido á beira do mar.

A versão n.º 64 começa como a russa, grega, etc. « Os dois irmãos mais velhos, filhos do rei, adormecem guardando a arvore; só o mais novo permanece de vigilia; segundo o rasto de sangue do ladrão dos fructos ferido por elle descobre-se o poço. Depois das princezas terem sido tiradas pelos dois irmãos que ficaram de fóra, o mais novo, que desconfiado prendera uma pedra á corda e a vira cair, acha um cavallo maravilhoso no mundo subterraneo que lhe indica tudo o que precisa. Depois de terem casado os dois irmãos mais velhos com as duas princezas mais velhas, o rei pae cega; só o póde curar a agua da fada Morgana, que em vão é procurada pelos dois irmãos. O irmão mais novo sabe-o no subterraneo pelo cavallo, do qual a fada era irmã; é levado pelo cavallo que lhe indica o que deve fazer para alcançar e agua. « Havia uma grande porta cujos batentes estavam sempre abrindo e fechando; o principe havia de metter uma barra de ferro no meio e passar pela abertura assim feita;

havia d'encontrar umas enormes tesouras sempre a abrir e fechar que tudo cortavam que se lhe aproximava; um rolo de papel mettido no meio deixal-o-ia passar; havia de dar uma cabra a dois leões, metade para a direita, metade para a esquerda; n'um jardim havia um poço em que gotejava o suar de Morgana; havia de collier o liquido e tres romãs d'uma arvore. O principe, enquanto o frasco se enchia do suar, percorre o palacio da fada; encontra-a dormindo, tira-lhe os sete veos, atraves dos quaes brilhava a sua belleza, dá-lhe um beijo e atemorizado foge. A fada acordada pelo beijo persegue-o com os leões; mas por conselho do cavallo elle atira uma romã que produz uma larga corrente de puro sangue; lança depois a segunda romã e levanta-se uma montanha de espinhos, a ultima romã transforma-se n'um monte de fogo. O principe encontra os irmãos e dá-lhes o frasco; o rei curado divide entre os dois irmãos mais velhos o reino. Passado algum tempo o principe mais novo vae para a cõrte com um grande sequito; é preso pelos irmãos e o sequito desaparece, pois em obra de magia; o cavallo maravilhoso acompanha o principe e pede-lhe que lhe rasgue o ventre e transforma-se então n'um bello mancebo; faz sair o principe da prisão, apparecer um grande exercito; os irmãos mais velhos pedem perdão ao mais novo, etc.»

Como se vê ha n'esta versão o episodio da agua que cura a cegueira do rei, inteiramente desconhecido das versões anteriores; mas por enquanto abster-nos-hemos de observações comparativas.

Na versão veneziana os principes irmãos querem saber quem lhes arranca tres arvores plantadas de vespera no jardim; veem levantar-se as arvores da terra e seguil-as um caixão de defunto acompanhado de quatro homens com archotes. Só o irmão mais novo não foge e interroga um dos homens dos archotes, que lhe indica certo poço onde saberá a causa d'aquillo. O principe mais novo desce, faz tirar para fóra o ouro de que estava cheio um caixão de defunto e tres donzellas que estavam em poder d'uma feiticeira. Deixado lá pelos irmãos, recebe da feiticeira a quem agrada um anel por cujo poder se transporta ao reino do pae; lá vae a um torneio cujo vencedor devia receber em premio a mais nova das donzellas libertadas; vence nos tres dias, desaparecendo nos dois primeiros e sendo preso no terceiro e quando se ajoelha aos pés do rei, este reconhece-o por certo signal no pescoço. Os irmãos são perdoados da pena de morte, mas expulsos da regencia».

Na versão monferratense, muito pobre, «o mais novo de «tre ragazzi» que de principes estão aqui reduzidos a simples filhos do povo, desce ao poço estava em poder d'um mago uma princeza; os irmãos puxam-na pela corda e elle receando traição ata depois uma pedra a ella. Deixado no poço encontra uma velha que sob ameaça de morte lhe indica uma escada por onde sae. Junta-se aos irmãos a quem censura e que dizem que a corda se quebrou. Vão a passar um rio; vem o mago pelo ar com furia; o irmão mais novo que era caçador atira-lhe e o mago cae em cima do barco e parte-o, um dos irmãos que era carpinteiro concerta o barco; a princeza depois cominhando vê que tem os sapatos rotos e o outro irmão,



que era sapateiro, fez-lhe um par de sapatos. Depois cada um se julga pelo que fez com direito á princeza. O pae d'esta dá-lhes outras mulheres para terminar a questão.»

Saindo da Italia encontramos numerosos representantes do mesmo ramo do nosso conto. Reinhold Köhler nas suas notas á versão veneziana e ás versões sicilianas colhidas por Gonzenbach, cita além da versão grega de Hahn as seguintes:

- 1.<sup>a</sup> Magyar em Gaal, *Märchen der Magyaren* p. 77.
- 2.<sup>a</sup> slavonica Nic. Vogel, *Volksmärchen*, p. 77.
- 3.<sup>a</sup> polaca em Woycicki, *Polnische Volkssagen und Märchen*, trad. allem. de Lewestam, p. 119.
- 4.<sup>a</sup> allemã em: Grimm (Gebrüder), *Kinder und Haus Märchen*, n.º 91; Wolf, *Deutsche Märchen und Sagen*, n.º 21, Sommer, *Sagen, Märchen und Gebräuche aus Sachsen und Thüringen*, Märchen n.º 6; Colshorn, *Deutsche Märchen*, n.º 48; Curtze, *Volksüberlieferungen aus Waldeck*, p. 138; Vernalecken, *Kinder Märchen aus Oesterreich*, n.º 54.

Não tenho á mão d'essas collecções senão a dos irmãos Grimms, a mais celebre de todas as collecções de contos populares; como não posso também examinar outras citadas pelo sabio bibliothecario de Weimar fico em duvida se as versões do nosso conto que conteem pertencem ao primeiro se ao segundo rumo.

As versões hungara e slavonica, pelo que nos diz Köhler teem de commum com a grega (e com as outras que analysámos e ainda não estavam publicadas quando Köhler escrevia) que o libertador das tres princezas é o mais novo dos tres irmãos e é deixado no poço depois d'ellas terem sido tiradas por meio da corda; uma ave traz o libertador para fóra, etc. O começo da versão magyar consiste em que do logar onde se guardam os presuntos do rei desapareceram de noite peças inteiras; os dois irmãos mais velhos vigiam cada um pela sua vez duas noites seguidas e vêem vir um dragão; o mais novo segue, quando lhe vem a vez, o dragão e vê-o desaparecer n'uma cova. Na versão polaca os tres irmãos são filhos d'um lavrador; espiam um falcão que de noite vem bater na janella da egreja do logar; os mais velhos adormecem na vigia e o mais novo fere o falcão e vê-o desaparecer n'um subterraneo. No seguimento é não uma aguia que traz o heroe para fóra do subterraneo, mas sim um feiticeiro.

A versão allemã da collecção Grimm n.º 91 é em dialecto paderbornico.

«No jardim do rei havia uma macieira e quem colhesse d'ella uma maçã desapareceria sem braças abaixo do chão; as filhas do rei suppondo isso falso e curiosas apanham maçãs e desaparecem. Tres companheiros de caça vão, depois de outras pessoas, á busca das princezas; chegam a um grande palacio; em tres dias successivos vem um homemzinho, pede pão e bate em cada um dos que tinha ficado no palacio; só o irmão mais novo resiste-lhe e o homemzinho que era



um *Erdmänneken*<sup>1</sup> gritou que o deixe que lhe dirá onde estão as princezas.

Segue-se a descida ao poço, indicado pelo homemzinho ao mais novo, depois dos outros terem debalde tentado descer, a saída das princezas que estava cada uma em seu quarto e guardada por dragão com muitas cabeças, a traição dos companheiros ao mais novo, que os experimenta pondo uma pedra no cesto. Elle vendo-se em baixo toca a sua gaita de folle e apparecem-lhe muitos homemzinhos que lhe perguntam o que deseja e elles trazem para a superficie da terra, onde o heroe vae reclamar os seus direitos á côrte do pae das princezas; os companheiros são enforcados.» Wilhelm Grimm cita, no tom. III, p. 91 seg. dos *Kinder-und-Hausmärchen* (3.<sup>a</sup> ed.) uma outra versão dos arredores de Colonia. As outras versões allemãs pouco divergem, segundo o que Köhler diz da que extractamos. Em Wolf e Curtze é uma aguia que traz o heroe do mundo subterraneo.

Ao segundo ramo do nosso conto pertencem, além das versões portuguezas, avarica e serba que o leitor já conhece, as seguintes citadas por Köhler, nas notas a Widter-Wolf, Gonzenbach e *Awarische Texte* das quaes só podemos ler nas fontes respectivas a lituanica e a allemã de Grinun:

1.<sup>a</sup> allemãs em Grimm, *K. u. HM.* n.º 166; Müllenhoff, *Sagen Märchen, und Lieder der Herzogthümer Schleswig, Holstein und Lanenberg*, n.º 16; Birlinger, *Volksthümliches aus Schwaben* I, 350; Colshorn, *Deutsche Märchen*, n.º 5; Haltrich, *Deutsche Volksmärchen aus dem Sachsenlande in Südburgen*, n.º 17.

2.<sup>a</sup> bohemio em Waldau, *Bohmisches Märchenbuch*, p. 346;

3.<sup>a</sup> lituanica em A. Schleicher, *Litauische Märchen* (Weimar, 1857. 8.<sup>o</sup>).

4.<sup>a</sup> tirolesas em Zingerle, *Kinder und Hausmärchen aus Tirol*, n.º 10 (2.<sup>a</sup> ed.); Schneller, *Märchen und Sagen des Wälschtirol*, n.º 39;

5.<sup>a</sup> dinamarqueza em Grundtvig, *Gamle danske Minder* I, 33;

6.<sup>a</sup> slava em L. Haupt und Schmalzer, *Volkslieder der Wenden*, II, 169;

A estas indicações posso eu acrescentar a das versões:

7.<sup>a</sup> siciliana em Pitre, n.º 83;

8.<sup>a</sup> andaluza em Ferrão Caballero, *Cuentos y poesias populares andaluces*, p. 51 (Leipzig, 1859, 8.<sup>o</sup>) traduzida em extracto por F. Wolf, *Beiträge Zurspanischen Volkspoesie aus den Werken Fernan Caballero*, no boletim das sessões da Academia de Vienna, xxxi, p. 209-213.

Na versão publicada pelos irmãos Grimms. «Hans e sua mãe são levados n'uma floresta por ladrões para uma gruta. Hans cresce ali, e quando chega aos doze annos mata o chefe da quadrilha e vae á busca do pae, levando um sacco de preciosidades que pertenciam aos ladrões; em casa do pae o sacco com o peso quebra o banco em que Hans o põe

<sup>1</sup> Anão mythico.

e a casa estala. Depois que construíram casa nova, o filho disse ao pae um dia que guardasse aquellas riquezas e lhe mandasse fazer uma bengala do peso d'um quintal (*zentnerschweren Spazierstab*) e foi por esse mundo. Encontrou um que torcia um pinheiro como se fosse uma corda com que queria atar achas de lenha; Hans leva-o em sua companhia e chama-lhe Torce-pinheiros (*Tanndreher*). Encontram um gigante que a punho arrancava grandes pedaços d'um penedo; Hans leva-o tambem na sua companhia e chama-lhe Racha-penedos (*Felsenklipperer*). Vão para um palacio abandonado e um dia que Hans e Racha-penedos tinham ido para a caça e Torce-pinheiros ficara em casa a fazer a comida vem um velhito todo enrugado e como aquelle não lhe desse a carne que pedia bateu-lhe muito e deixou-o sem forças no chão; o mesmo succede ao Racha-penedos, que nada sabia do que succedera ao companheiro, pois este se calara; ao terceiro dia Hans fica e dá carne duas vezes ao anão, mas este exige mais e elle recusa-lhe; Hans fal-o fugir, persegue-o e vê-o entrar n'um buraco na floresta; vae depois lá com os companheiros, desce com a sua bengala dentro d'um cesto. Acha lá uma princeza; mata o anão, em cujo poder ella estava, mette-a no cesto que é levantado pelos companheiros; mas não confiando n'estes pois « elles tinham sido falsos para elle, não lhe dizendo nada do anão » mette depois no cesto uma pedra que é deixada cair. Por meio d'um annel magico que o anão tinha no dedo consegue Hans sair do subterraneo e elle vendo um navio em que iam os companheiros, encolerisado precipita-se no mar; o peso da bengala arrasta-o ao fundo, mas o annel faz-lhe apparecer os espiritos que o levam ao navio, onde mata os companheiros traidores ». Esta versão é da Suissa. <sup>1</sup>

Vejamos agora a versão lituanica, publicada por Schlecher. « Martim, nascido de paes longo tempo privados de filhos, tem uma força tal que ninguem o pôde vencer na luta; aos doze annos de idade pede ao pae uma bengala de ferro, a unica cousa que exigia. Feita ella de duas barras de ferro e tão pesada que o homem mais forte mal a podia levantar, Martim arremessa-a ao ar como uma pena e ella caindo quebra ao meio; com outro tanto ferro faz-se nova bengala, que depois de Martim a arremessar ao ar penetra na terra tão fundo que um homem teve meio dia de trabalho para a tirar de lá. Martim encontra depois um ferreiro qua tinha um grande martello e leva-o na sua companhia; o segundo mostra a sua força batendo tres pancadas n'uma arvore que vae para cair, mas o primeiro sustem-a com a bengala. Encontram um alfaiate que diz coser tão depressa, que n'um dia é capaz de vestir um homem da cabeça aos pés. Vão tão todos tres e estabelecem-se n'uma casa n'uma floresta em que tinha morrido toda a gente. Um dia que o alfaiate ficara em casa a fazer a comida e os outros tinham ido para a caça; vem um homemsi-

<sup>1</sup> Depois de ter escripto este artigo noto que me escapou uma outra versão suissa publicada por Suttermeister, *Kinder-und Hausmärchen aus der Schweiz*, n.º 21 (2.ª ed.)



nho d'altura d'um pé, com barba do comprimento d'uma braça, roga ao alfaiate que o deixasse ir para a loja, pois estava muito cansado e fraco e depois d'elle o ter levantado, pois o homemsinho parecia não poder subir o degrau da porta, depois de o ter assentado n'um banco para elle se aquecer e lhe dar carne, o homemsinho deixa cair a carne e quando o alfaiate se abaixava para a apanhar, o hospede salta-lhe á nuca e bate-lhe até o deixar quasi morto. O mesmo succede ao ferreiro, o alfaiate não tendo contado nada, mas quando veio a vez de Martim, este agarra pela barba e bate-lhe com a bengala, ainda que a custo consiga isso, e depois segura-o pela barba na racha que faz n'um tronco d'arvore com um machado. Quando vêem os companheiros e vão os tres ver o homemsinho, mas elle tinha fugido, deixando a barba pela raiz no tronco; o rasto de sangue que deixára guia os tres companheiros a uma cova, no alto d'um monte. Martim mata oito bois, agarrando-os pelas pontas e abanando-as com tal força, que as entranhas com a carne se separam da pelle; a pelle é cortada pelo ferreiro e cosida em tiras pelo alfaiate, formando uma corda, á qual é preciso juntar ainda as correias, feitas com as pelles d'outros bois para Martim descer ao fundo da cova, dentro d'um cesto. Acha lá tres princezas que lhe dizem haver ali tres dragões, um com tres, outro com seis, e o ultimo com nove cabeças; Martim confia na sua força e na bengala, mas vendo que não pôde mover a espada dos dragões perde a coragem; mas uma das princezas dá-lhe a beber os frascos dos dragões que continham a agua da força e enche-os d'agua pura; d'esse modo vence elle os dragões. São tiradas as princezas e Martim é deixado cair a meia altura, mas elle cae como se fosse sobre pennas; acha depois no subterraneo o homemsinho da barba que lhe diz não ter força para o tirar para fóra e mata-o. Depois vê um huraco, atira por elle acima a bengala, que ao cair, bate no ninho d'uns dragões e faz cair um dos fillos; o dragão vem buscar o fillo e depois de ter reprehendido Martim por lhe ter perturbado a paz e tendo sabido a causa d'isso, prepara-se para trazer Martim para cima; este faz grande provisão de carne, que acabou no caminho, de modo que o dragão quer lançar Martim para baixo; mas elle segura-se bem e o dragão resolve-se a leval-o outra vez se levar carne em dobrada porção; acabada ainda esta, Martim dá ao dragão carne das proprias coxas; chegado á terra o dragão quasi o atira ás nuvens, mas elle cae sobre a terra como sobre pennas e cura-se com o sangue d'um dragão que trazia n'um frasco; vae ao castello onde estavam os companheiros, que expulsa.»

O n.º 83 de Pitré tem uma primeira parte um tanto semelhante á do conto avarico. «O Mal-procedido (*Malacunnuta*) ou Peppi serve um amo que o manda guardar vaccas a um sitio onde anda um dragão, mas que o avisa para elle se acautelar; vem o dragão e Peppi espreme um queijo e faz-lhe crer que espreme uma pedra e assusta-o; depois vae com elle, fazendo crer por varios ardis que é muito forte; vae andando com um rebanho de porcos que apanhara ao dragão e encontra um homem que sustinha um monte com os hombros; seguem ambos e encontram um que tinha feito



parar um rio com as barbas, depois encontram outro que batia aço com o punho. Vão os quatro e fazem habitação d'uma grutta; um preparava o comer em quanto os outros andavam por fóra; vem uma velha pedir um bocado de carne e espanca cada um dos companheiros em dias successivos até chegar a vez de Peppi, mas este corta a cabeça á velha; a cabeça rola, rola até uma abertura que havia na terra, por onde desaparece. Peppi desce á cova, encontra lá muitas feiticeirinhas que gritam que elle lhes matou a mãe; vê um pombo com dous ovos, toma-os e cac-lhe um no chão e as filhas gritam que não toque nos ovos que a mãe morre; vê a mãe n'um leito; elle dá-lhe o ovo em troca da chave d'uma porta fechada com sete cadeados e quebra o ovo, morrendo a velha e os filhos; são tiradas para fora as princezas, que estavam fechadas pela porta por uma corda; depois sobe Peppi, mas a meia altura os companheiros deixam-no cair. Uma aguia tral-o e quando a provisão de carne que Peppi trazia para lhe dar acabou, elle dá-lhe os pés, as pernas, as mãos e os braços. A aguia vomitou depois as partes do corpo e junta-lh'as. Depois vae no encalço dos companheiros e mata-os e vae para o reino da princeza mais nova e mais bella.»

Pertencem ainda a este vasto cyclo em todo ou em parte outros contos, taes são o conto finlandez em Bertram, *Jenseits der Scheeren, oder: Der Geist Finnlands*, p. 1 (Leipzig, 1854)<sup>1</sup> e os contos gaelico publicados por Campbell.<sup>2</sup>

No conto finlandez «Glypho, creado de cavallariça, apanhou pelas mãos na racha d'uma arvore que cortava o espirito da floresta Pellerwoinen. Solta-o quando o espirito lhe promette dizer onde estão as tres filhas do rei; que tinham desaparecido e Pellerwoinen, mostra-lhe uma cavidade profunda n'um penedo, fal-o descer por uma corda e puxa para cima as tres princezas que Glypho liberta em baixo; mas tres homens chamados brancos tinham ido atraz de Glypho e quando Pellerwoinen o quer tirar para fóra, elles cortam a corda ao meio, fazem fugir o espirito e apoderam-se das princezas. Glypho por meio da sua flauta chama Tellenwinen que vem n'um corvo e o tira d'ali para fóra. Depois vae Glypho para casa d'um ourives e quando as filhas do rei exigem corôas como as que tinham no subterraneo, elle arranja-as com o auxilio de Pellerwoinen; depois faz-se reconhecer como o verdadeiro libertador das princezas e casa com a mais nova.» No conto gaelico n.º 16: «As filhas do rei de Lochlin são roubadas por tres gigantes. Os filhos d'uma viuva vão successivamente tentar construir um navio para ir á busca das princezas; só o ultimo consegue isso, com o auxilio d'uma Urnig. Vão no navio os grandes do reino que estavam para casar com as princezas; encontram um homem bebendo um rio, um outro que queria

<sup>1</sup> Traduzimos o extracto do conto finlandez como o dá R. Köhler no *Jahrbuch* VII, 26.

<sup>2</sup> *Popular Tales of The West Highlands*, orally collected with a translation, by J. F. Campbell. 4 vol. 8.º Edinburgh, 1862-64. N.º 16 e 58.

comer todos os bois que havia n'um parque, um outro que ouvia crescer a terra e levam-nos. Com o auxilio d'esses companheiros o filho da viuva vence os gigantes no seu buraco, excepto o ultimo para vencer o qual e livrar a terceira princeza era preciso servir-o um anno e um dia; elle faz sair os companheiros e as princezas e os grandes da côrte que estavam em cima foram dizer que tinham sido elles quem tinha commettido as grandes façanhas. Ao fim d'um anno e um dia o gigante põe uma aguia a caminho com o rapaz, mas tendo-se acabado a carne antes de chegar a cima, a aguia volta para baixo e o rapaz tem que lá ficar mais um anno e um dia. Ao fim d'esse tempo succede o mesmo, mas o rapaz dá a aguia carne da propria coxa e sobe; a aguia deu-lhe um assobio com que a chamaria quando precisasse d'ella. Por meio da aguia arranja, estando como aprendiz d'ourives, as corôas desejadas das princezas e faz reconhecer a verdade, casando com a princeza mais velha.»

Terminaremos este já demasiado longo exame das versões do nosso conto perto do ponto onde o começamos, na Hespanha.

A versão andaluza, publicada por Fernan Caballero, com quanto muito alterada e modernizada tem um interesse particular para nós porque tem de commum com as versões portuguezas o traço da orelha do diabo, que não tem correspondentes exactos nas outras versões: «Um rapaz vae por o mundo com as suas armas e um bom cavallo; encontra um homem que levava ás costas uma grande carga e lhe diz ser *Carguin Cargon, hijo del buen cargador*; seguem e encontram um que movia com o sopro cinco moinhos e diz chamar-se *Soplin Soplon, hijo del buen so plador*; seguem os tres e encontram outro que diz estar ouvindo sair do mar um bando de mosquitos e chamar-se *Oidin, Oidon, hijo del buen oidor*; uma tempestade obriga-os a recolherem-se n'um castello em que encontraram uma serpente de sete cabeças, que o rapaz cortou, mettendo-se a maior n'um fojo que se abriu no pateo. Ao fim de quatro annos desce lá Soplin e encontra a princeza de Napoles que estava em poder de Lucifer; vão successivamente os outros companheiros, dos quaes só resiste ao diabo o rapaz que lhe corta uma orelha. O diabo para que elle lhe restituia a orelha, põe a princeza e os quatro companheiros na corte de Napoles, etc.» Falta o nucleo essencial do conto que é a traição e o resto é assaz miseravel.

Este conto é quasi completamente estranho á corrente erudita ou literaria; só podemos citar sob este ponto de vista um *romance vulgar* publicado por Duran, *Romanceiro general*, n.ºs 1263-1264, d'um *pliego suuelto* de Alonso de Morales, intitulado *Las princesas encantadas*. «Cataldo, rei da Syria, descendente dos arabes d'Hespanha, manda encerrar n'um castello sob o encanto d'um mago as tres suas filhas e promete dal-as em premio ao cavalleiro que entrar na torre e quebrar o encanto. Tres irmãos nobres, mas pobres, intentam a empresa. Vendo a elevação do castello os dous mais velhos que tinham pedido cavallos e armas luzidas desanimam; voltando encontram o outro irmão que ia só com um carro e comida para muitos dias, grandes pregos e uma corda; vão os

tres para junto do castello; o mais novo sobe o castello pregando successivamente os pregos na muralha; em cima saem-lhe ao encontro as tres irmãs, que lhe dizem que é necessario arrancar tres pellos de tres formosos cavallos, que havia no castello, pois n'isso está o seu encanto. Elle faz descer as princezas pela corda e a ultima dá-lhe uma gargantilha, que o devia livrar talvez de perigos. Descidas as princezas os irmãos arrancam a corda e vão para a côrte. Elle busca os cavallos, monta o que pertencia á princeza que lhe dera a gargantilha e é levado por terras desconhecidas. Troca com um pastor o fato, e fez um gorro de pelle de cordeiro para cobrir a cabeça; vae para a terra do pae das princezas, onde é tido por lonco. A filha mais nova não queria casar, instada pelo pae, diz que casará com aquelle que lhe apresentar uma gargantilha como a que tinha na torre. O irmão mais novo, que servia de creado a um alchimista, a quem o rei manda fazer a joia sob pena de morte, promette ao amo fazel-a e encerra-se n'um aposento e ao fim dos dias marcados apresenta a gargantilha que lhe dera a princeza. O alchimista conta a verdade; a princeza diz que quer casar com o creado e força é casal-os. O irmão mais novo não se dá a conhecer; o rei manda-o viver com a mulher para um tosco albergue afim de não serem vistos. A dôr de tal casamento faz cegar o rei; só a agua de certa fonte o pôde curar. Os dois genros mais velhos vão procural-o; o mais novo no cavallo encantado foi busca-l-o primeiro e encontrando os irmãos dá-lh'a em troca de duas peras que o sogro lhes tinha dado. O rei tem outra doença que só pôde ser curada com o leite tirado a uma leôa em certa floresta; o irmão mais novo alcança-o, por meio do segundo cavallo, e disfarçado d'outro modo dá-o aos mais velhos, cortando-lhes em paga uma orelha com a faca. Declara-se guerra ao rei; os irmãos mais velhos são nomeados chefes das tropas; o mais novo no terceiro cavallo encantado vae ao campo do inimigo e tendo-o destroçado traz as bandeiras que lhes dá com a condição d'elles se deixarem marcar com um ferro no hombro esquerdo. O rei resolve mandar o genro mais novo para umas ilhas remotas, o rapaz pede que no dia da partida se juntem todos os grandes para um famoso convite e elle então revela a verdade, apresentando como provas as peras, as orelhas cortadas que os irmãos encobriam, e o signal do ferro e perdoa-lhes.»

Observaremos ainda que o heroe como o *Arrinca pinheiros*, *Abaixa-montes*, etc. figuram n'um grande numero de contos; os nomes offerecem muitas vezes um parallelismo notavel; como por exemplo com os nomes dos contos portuguezes os dos contos allemães. *Felsenklipper* ou *Steinzerreiber* (Esmaga pedras), *Baum-dreper* ou *Holzkrummacher* (Torce madeira), os russos *Vertodub* (Arranca-arvores, de *vertiet*, fazer girar e *dub*, arvore, carvalho) e *Vertogor* (*Abaixa montes*, de *vertiet* e *gora*, monte), etc.

O nosso conto parece achar-se tambem em França, com quanto nenhuma versão franceza d'elle fosse ainda publicada <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Vid. Frédéric Mistral, *Mitreio*, nota 7 ao canto V.



## III

O conto que nos contaram duas mulheres do povo do Minho e Douro tem pois correspondentes mais ou menos proximos em quasi todos, para não dizer em todos os povos da Europa até aos confins da Asia e Europa na região caucasica, e talvez se fôssemos mais longe, os encontrássemos ainda. Um similhante phenomeno não se explica facilmente e se se observa que poucos contos populares ha que não se encontrem por assim dizer por toda a parte, se se considera que o numero d'esses contos é assás consideravel,<sup>1</sup> comprehender-se-ha que esse phenomeno pela sua vastidão e as causas á primeira vista mysteriosas que o produzem deve excitar em alto gráu a attenção d'aquelles que se interessam pelos factos do espirito. Povos profundamente distinctos por caracteres anthropologicos e ethnicos, pela raça, pela lingua, pela civilisação, pela religião, separados por as maiores distancias geographicas, alguns fechados quasi á communicação com os outros povos, contam ás vezes com palavras e expressões idênticas os mesmos contos. O conto apresenta-se-nos assim como um ponto neutral, como um laço de communhão entre os povos da terra. Não se imagine que exageramos, não se supponha que queremos dar ao assumpto importancia pelo simples facto de que tractamos d'elle, quando ao contrario nós tractamos o assumpto porque lhe reconhecemos a sua grande importancia. Busque-se o que vence as barreiras da raça, da lingua, da religião, da nacionalidade, da politica suspeitosa e encontrar-se-ha o conto. Bastava só esse facto para justificar um estudo detido dos contos populares.

Alguns exemplos mais convencerão da sua realidade. Conhece-se o caracter d'incommunicabilidade do povo chinez; não será pois sem admiração que os leitores que conhecem o romance popular portuguez de *D. Barão, Donzella que vae á guerra*, ou *D. Martinho de Avisado*<sup>2</sup> lerão o seguinte romance chinez. «Tsi-tsi, e depois outra vez tsi-tsi. Mulan tece deante da sua porta. Não se ouve o barulho da lançadeira; ouvem-se sómente os suspiros da rapariga.—«Menina, em que pensas tu? Menina em que reflectes tu? A rapariga não pensa em nada; a rapariga não reflecte em nada.

«Hontem eu vi o livro do recenseamento; o imperador fórma um exercito numeroso. O livro do recenseamento tem doze capitulos, em cada capitulo eu vi o nome de meu pae. Ó meu pae, vós não tendes filho crescido. Ó Mulan, tu não tens irmão mais velho! Eu quero ir ao mercado

<sup>1</sup> A nossa collecção de contos populares portuguezes aproxima-se já de 200, não contando as variantes, e note-se que o circulo das nossas explorações tem sido muito restricto. A collecção Grimm comprehende 200; a de Afanasief 332; a de Pitré 300 contos e lendas.

<sup>2</sup> Vid. os n.ºs 3, 4 e 5 do *Romanceiro geral*, publicado por Theophilo Braga e os n.ºs 11 e 12 dos *Cantos do Archipelago açoriano*, pelo mesmo.

do occidente comprar uma sella e um cavallo, eu quero desde agora ir servir por meu pae.»

«No mercado do oriente, compra um cavallo veloz, no mercado do occidente, compra uma sella e uma cilha, no mercado do meio dia compra um chicote comprido.

«De manhã, diz adeus ao pae e á mãe, á tarde passa á noite á beira do rio Amarello. Não ouve já o pae e a mãe que chamam a sua filha; ouve só o surdo murmurio das aguas do rio Amarello. Á tarde chega á nascente do rio Negro....

—«Eu percorri dez milhas combatendo; passei com a rapidez da ave as montanhas e desfiladeiros. O vento do norte trazia aos meus ouvidos os sons da campainha nocturna; a lua espalhava sobre o meu vestido a sua fria e triste claridade.»

«O general morreu depois de cem combates. O bravo guerreiro volta depois de dez annos de ausencia.

«Logo que o pae e a mãe souberam da volta de sua filha, saem da cidade e vão-lhe ao encontro. Logo que as irmãs mais novas souberam da volta de sua irmã, deixam o quarto, adornadas das mais ricas alfaías. Logo que o irmão moço sabe da volta de sua irmã, correu afiar uma faca para matar um carneiro....

—«Minha mãe abre-me o pavilhão do oriente, e faz-me assentar n'uma cadeira voltada para o occidente. Tira-me o meu vestido de guerra e veste-me com os meus antigos vestidos. As minhas irmãs, paradas á porta, arranjam o seu brilhante penteado e enlaçam nos cabellos flores de ouro.

«Mulán sae do seu quarto e vae ver os seus companheiros de armas; os seus companheiros de armas ficam pasmados. Durante doze annos, ella marchou nas suas fileiras e elles não perceberam que Merlán fosse rapariga, etc.<sup>1</sup>»

Sem duvida, falta aqui o episodio principal dos romances portuguezes, as experiencias feitas para conhecer o sexo da donzella guerreira e o parallelo, parecer-me-ia casual se fosse isolado;<sup>2</sup> mas os contos traduzidos por Stanilas Julien e outros, do chinez, mostram-nos muitos numerosos pontos de contacto.

Pitré dá-nos no n.º 135 (primeira parte) uma versão siciliana de um conto que Bleek achou na Africa entre os indigenas, entre os Damaras; e Tennas já Callaway o achára entre os zulos e Bleek offerece-nos

<sup>1</sup> Stanilas Julien *Les Avadânas, contes et apologues indiens, inconnus jusqu'à ce jour suivis de fables, de poésies et de nouvelles chinoises*. 3 vols, 8.º peq. Paris, 1859. Vol. II, pag. 161.

<sup>2</sup> Um conto em prosa de que ha varias versões, combinadas em geral com outros dados, tem o mesmo fundo que o romance portuguez; acha-se em Gontzenbach, n.º 12 e 17, Basile, *Pentamerone* III, 6, Comporetti, *Novelline*, n.º 17 e 21, Hahn, *Griechische und albanesische Märchen*, n.º 101, Grimm, *Kinder und Hausmärchen*, 67, Arthur und Albert Schott, *Walachische Märchen*, n.º 16, etc. Como romance versificado acha-se a historia muito espalhada.

uma versão traduzida do malagassico.<sup>1</sup> Esse conto acha-se também em Portugal e publicarei em breve uma versão d'elle na *Romania*; pertence a um cyclo assaz extenso de que ha bastantes representantes europeus. Muitos dos nossos leitores hão-de recordar-se do *gato que do rabo faz navalha*. É d'esse conto que se trata.

Como se transmittiram esses contos, se não devemos admittir contra toda a verosimilhança que elles nascem espontaneamente por toda a parte, apenas com ligeiras differenças? Se elles se transmittiram de povo para povo, onde e quando nasceram? Nasceram n'um só ponto e n'uma só época, nasceram em muitos povos e muitas épocas?

Como se desenvolveram e modificaram? São devidas ao capricho de cada narrador as differenças que entre elles notamos ou tem outra causa essas differenças? Qual a sua forma primitiva, se tão longe podemos ir e qual o seu motivo, a sua razão de ser original?

Que influencia têm tido na civilisação, qual a sua significação para o conhecimento do homem?

Poderá o seu estudo constituir um ramo novo na sciencia e qual o methodo d'essa nova sciencia?

Eis as principaes questões que os contos despertam e que serão o objecto dos nossos proximos artigos sobre os elementos tradicionaes da literatura <sup>2</sup>.

F. ADOLPHO COELHO

<sup>1</sup> *Reincke Fuchs in Afrika. Fabeln und Märchen der Hingebornen. Nach Originalhandschriften der Greyschen Bibliothek in der Kap-Stadt und andern authentischen Quellen.* Von Dr. W. H. J. Bleek. Weimar, 1870. Pag. xxv-xxvii 70 e 169.

<sup>2</sup> Os juizes competentes a cujas mãos chegar este trabalho perdoar-me-bão, sem duvida, o que n'elle ha de incompleto e de precoce, attendendo ao estado ou antes á *ausencia* d'estes estudos em o meu paiz e ainda ao atraso em que, relativamente, elles se acham no estrangeiro. Os materiaes para este trabalho andam muito dispersos e o auctor luta contra a falta de recursos de toda a natureza. A Bibliotheca publica do Porto, pauperrima em tudo e indigna d'uma cidade da importancia d'esta, é-o sobre tudo pelo que respeita a litteraturas extranjeiras; não se encontra lá nem uma unica colleção de contos populares e a novellistica italiana acha-se lá representada por uma velha traducção hespanhola de Boccaccio. A Bibliotheca não recebe um unico jornal allemão. E' d'esperar que os administradores do municipio portuense lancem um olhar compadecido para os que querem estudar n'esta terra. Poupem alguns pardieiros e dêem-nos mais alguns livros. Isto em quanto aos meios d'estudo. Emquanto á ordem que seguimos, pouco pragmatica em verdade, julgamol-a accommodada a uma revista. As indicações bibliographicas collocadas á frente do nosso artigo respeitam ás publicações feitas de 1870 para cá; a restante litteratura será indicada successivamente.



---

# BISMARCK EN EL PARLAMENTO

---

## SEGUNDA PARTE<sup>1</sup>

---

Hemos procurado, en los dos artículos de que consta la parte primera de este Ensayo, dar idea á nuestros lectores de lo que fué en el Parlamento Prusiano el Príncipe de Bismarck, desde su advenimiento al poder, á fines de 1862, hasta que, cuatro años más tarde, á consecuencia de la batalla de Koenigsgraetz, comenzó á ser la Confederacion Germánica del Norte.

Durante ese breve, pero fecundísimo periodo histórico, hemos visto al eminente hombre de Estado, mientras silenciosa y perseverantemente apercibía en su país todos los medios materiales indispensables para realizar los colosales designios que entonces en su mente germinaban, y poco después, consumados llenaron de asombro al mundo, le hemos visto, decimos, mientras á la accion se preparaba, luchar, para conseguirlo, con la mayoría liberal de la Cámara de los Diputados, y sobreponerse, auxiliado por los elementos aristocráticos y autoritarios, y por los teocráticos mismos de la legislatura, no solamente á las resoluciones de la Asamblea popular, sino tambien á la letra y espíritu de la ley fundamental del Estado. Dentro y fuera, pues, de su país, Bismarck fué durante aquellos cuatro inolvidables años, considerado como encarnizadísimo enemigo del régimen parlamentario; y no sin razon ciertamente, atendidos sus actos, y tomando en cuenta sus palabras mismas. Para aquella vo-

<sup>1</sup> Véase la primera en los números 2.º y 3.º de la *Revista Occidental*, correspondientes á los dias 28 de febrero y 15 de marzo de este año de 1875.

luntad inflexible, una vez resuelta; para aquel entendimiento perspicaz, habituado á penetrar de una sola mirada en lo más profundo de las cosas; y para aquella sagacidad que, tan lejos está de la falsía de la antigua diplomacia, como de la democrática indiscrecion, concibese bien que fueran poco simpáticos los parlamentos, donde se procede siempre por las impresiones del momento, donde con harta frecuencia se juzga solo por lo que á la superficie aparece, y donde, en fin, lo que se proyecta no puede menos de proclamarse á voz en grito, sea ó no la proclamacion oportuna.

Y, sin embargo y al parecer, contra toda regla de racional probabilidad, y desmintiendo una ley moral que de la historia de los gobiernos representativos, pudiera, por desdicha, muy lógicamente deducirse, el Principe de Bismarck, como hemos visto, á medida que en el Poder ha ido afirmándose, consolidándose, engrandeciéndose, se ha ido tambien desprendiéndose una á una de sus primitivas preocupaciones reaccionarias, y mostrándose más liberal, cuanto más grandes fueron sus triunfos, y mayores sus fuerzas. Tribuneros, poco menos que demagogos, al entrar en la carrera política, y que al llegar al poder se han transformado en furibundos autoritarios, no habríamos menester grandes esfuerzos de memoria, ni erudicion muy copiosa, para citarlos en abundancia: pero pocos, muy contados son los hombres que en el poder mismo, por reflexion y convencimiento se liberalizan.

Bismarck es, por tanto, en ese punto una excepcion casi única, y el serlo prueba la superioridad inmensa de sus altas dotes personales y políticas, tanto ó más tal vez que las grandes cosas que durante su largo ministerio ha sabido llevar á cabo, y está en estos momentos mismos haciendo.

Pero lo que ahora nos importa redúcese á recordar al lector cómo, después de vencida y separada el Austria de la antigua Confederacion Germánica, que de hecho quedó disuelta entonces, y al procederse á su reemplazo con la nueva Confederacion del Norte (en 1870 trocada en Imperio Aleman) nuestro habilísimo Estadista, presintiendo que, para lo mucho y muy difícil que por hacer todavía le quedaba había de ser elemento indispensable el unánime concurso de todas las fuerzas no solo físicas, si no morales tambien del país, resolvió reconciliarse con la opinion liberal, y lo realizó en la forma digna y franca, no menos que parlamentaria y leal, que en nuestro segundo artículo dejamos extensamente referida. En consecuencia, y tambien lo hemos dicho, trocáronse las relaciones del Gabinete con los partidos; apoyándole en su política general, aunque nó sin resabios de la pasada oposicion todavía, el bando liberal que hasta entonces le combatiera; y, en cambio, hostilizándole, aunque en los primeros momentos no con la bandera desplegada, los conservadores, los particularistas, y por añadidura los ultramontanos, que de 1866 en adelante comenzaron á figurar en la escena parlamentaria, con el nombre de *partido católico*.

Con tales auxiliares y, contra tales enemigos, aquellos aún tibios, y

estos progresivamente enconándose, Bismarck tuvo que emprender una nueva campaña, no menos difícil y á graves riesgos más ocasionada, acaso que todas las que hasta entonces habia hecho; porque se trataba, por una parte, de unificar la Prusia, cuyo territorio acababa de acrecentarse con todas las anexiones que ya conocemos; por otra, de fundar la hegemonía Prusiana en Alemania, sin alarmar á los que fueron aliados pero no quisieran ser súbditos; y, por último, de prepararse á las eventualidades de una guerra extranjera, harto contingente en virtud de las gestiones de los soberanos destronados en 1866, del natural resentimiento del Austria, y del sobresalto febril con que la Francia contemplaba, indignada y absorta, el súbito y en realidad formidable engrandecimiento de sus belicosos vecinos.

Veamos como supieron aquel gran talento y aquel gran carácter triunfar de tantos, tan graves, y todos tan serios obstáculos. Pero, antes de entrar en pormenores concernientes á los negocios de actualidad en la época á que nos referimos, parecen convenientes, y que no ha de pesarnos á nuestros lectores, que reproduzcamos aquí un pasaje de cierto discurso del Príncipe de Bismarck, en que apreciaba la situación política general de la Europa en los momentos á que nos referimos.

En el 20 de Diciembre de 1866 deliberaba la Cámara de los Diputados sobre la ley de anexión definitiva á Prusia de los Ducados del Elba; habíanse en la discusión general hecho cargos al Gobierno, por haber aceptado el famoso y todavía en litigio artículo V del convenio de Praga<sup>1</sup>, y en un largo y notable discurso que pronunció entonces Bismarck, entre otras cosas, dijo:

«Habréis de dispensarme que entre aquí en más pormenores que acostumbro, ó al menos que tome las cosas de un poco lejos, para explicaros qué motivos han decidido al Gobierno del Rey á aceptar en el tratado de paz ese artículo que la opinión pública condena, y que es al parecer un contrasentido con relacion á las señaladas victorias de la Prusia.—La organización política que se dió á la Europa en 1815, y las relaciones de los Gabinetes entre sí, desde aquella época hasta 1840, ofrecen el aspecto de un gran sistema defensivo contra la Francia. Aquello fué la natural reacción de las guerras de conquista del primer Imperio francés.—Dábase aquel sistema á los en él interesados, cierta seguridad, pero una *seguridad dependiente*, para la Prusia al menos. Mientras la Prusia fué parte en él, tuvo que soportar la desdichada configuracion que se le dió en 1815, y que resignarse, mal que le pesara, con su *pan bazo*: pero, en cambio, tenia protección y seguridad.

«Los gobiernos á nosotros anteriores no juzgaron oportuno aprove-

<sup>1</sup> En ese tratado, por el cual cedió el Austria su plena soberanía á la Prusia los Ducados, dice textualmente el artículo V. «Si los habitantes de los distritos setentrionales del Schleswig, declaran en libre votación que desean incorporarse á Dinamarca, aquellos distritos serán segregados del Schleswig, y devueltos á Dinamarca».



«charse de ninguna de las ocasiones que se les ofrecieron para romper  
 «con el sistema de 1815. Ese ha desaparecido sin que la Prusia toma-  
 «ra parte en ello; y no es por tanto suya la culpa de que la seguridad  
 «general haya, en consecuencia, disminuido considerablemente. El siste-  
 «ma de 1815 fué destruido por los acontecimientos de 1848<sup>1</sup> y por  
 «la política que desde aquel año, ó más bien desde 1850, siguió el  
 «Austria respecto á la Prusia: política que dificultaba grandemente la  
 «posibilidad del restablecimiento de aquella confianza y de aquella de-  
 «ferencia que el Austria misma habia encontrado antes en nosotros.  
 «Cuando la guerra de Oriente y la actitud que el Austria tomó entonces  
 «respecto á la Rusia, le dieron el golpe de gracia á la *Santa Alianza*;  
 «esa, al disolverse, nos legó un estado de cosas en que, con razon ó sin  
 «ella, para el Extranjero y para la mayor parte de sus súbditos mismos,  
 «la Prusia aparecía como necesitada constantemente de auxilios contra  
 «la Francia; y apoyándose en la permanencia de esa supuesta necesi-  
 «dad, se especulaba sobre nuestra condescendencia, y nuestra modestia.  
 «Durante el último decénio<sup>2</sup>, esa especulación se ha llevado muy lejos,  
 «singularmente por el Austria y una parte al menos, de nuestros con-  
 «federados. Que esa especulación fuese legítima, es ya otra cuestión. —  
 «Nada hay en lo esencial de los intereses de Prusia que no nos haga desear  
 «la paz y el mantenimiento de amistosas relaciones de vecindad, con la  
 «Francia. En una guerra con esa Potencia, aunque en ella venciéramos,  
 «nada tenemos que ganar<sup>3</sup>. El Emperador Napoleon III, diferenciándose  
 «en eso de las anteriores dinastías francesas, ha reconocido en su sa-  
 «biduría, que la paz y la confianza mútua interesan igualmente á dos  
 «pueblos, por la naturaleza llamados, no á combatirse, sino á caminar  
 «juntos y como buenos vecinos, en la progresiva senda del bienestar y  
 «de la civilización<sup>4</sup>. Únicamente una Prusia independiente puede mante-  
 «ner tales relaciones con la Francia; verdad que no todos los súbditos  
 «del Emperador Napoleon reconocen igualmente; pero, oficialmente, con  
 «el Gobierno francés solo tenemos nosotros que entendernos. — ¿Cuáles  
 «son, en suma, y sin tomar en cuenta los rozamientos accidentales que  
 «proceder pueden de acontecimientos pasajeros, cuáles son los intereses  
 «de la Francia respecto á la Alemania? examinémoslos sin preocupa-  
 «ciones alemanas; procuremos colocarnos en el punto de vista francés,  
 «que es la única manera de juzgar con equidad de los intereses extran-  
 «jeros. No puede ser grato á la Francia que en Alemania se constituya

<sup>1</sup> En aquel año, á consecuencia de la Revolución en Francia ocurrió otra en Alemania, con tendencias á un tiempo unitarias y democráticas, que puso en peligro más de un trono, y fué sofocada al siguiente á viva fuerza.

<sup>2</sup> Téngase presente que Bismarck hablaba á fines de 1866.

<sup>3</sup> La Alsacia y la Lorena, en 1870 francesas, y hoy alemanas, contradicen la aserción que esta nota motiva.

<sup>4</sup> En todo este pasaje y en el que sigue se advierte que Bismarck ó estaba todavía muy lejos de presentar la guerra de 1870, y sus consecuencias, ó, lo que nos parece mucho más probable, procuraba muy cuidadosamente ocultar lo que en realidad sobre el négocio pensaba.

« una Potencia tan superior en fuerzas, como lo seria la Alemánia entera, « bajo la hegemonia del Austria, un Imperio de setenta y cinco millones « de almas, un Austria que llegara hasta el Rin, porque ni una Frán- « cia que tambien hasta las orillas de ese rio se extendiera, formaria un « suficiente contrapeso. Para una Francia que quiere vivir en paz con la « Alemánia, es una ventaja que de ella no forme parte el Austria; por- « que los intereses de esa potencia están en oposicion con los franceses, « tanto en Italia como en Oriente. Entre la Francia y una Alemánia se- « parada del Austria, los puntos de contacto de donde pueden originarse « motivos de hostilidad, son mucho menos que numerosos; que la Francia « desee tener en su más próximo vecino un pueblo con quien le sea « probable vivir en paz, y contra el cual treinta y cinco ó treinta y ocho « millones de franceses, tendrian fuerzas con evidencia bastantes para « luchar en una guerra defensiva, es cosa tan natural y de su interés, « que nadie puede por ello censurarla. Yo creo que la Francia, aprecian- « do bien sus intereses, no puede permitir que desaparezcan ni el poder « del Austria, ni el de la Prusia.

« Y cual es, además, el interés de la Francia, bajo su actual di- « nastia, respecto al movimiento europeo? — Que las nacionalidades sean « respetadas. »

Aquí el Canciller de la Confederacion entra en pormenores, que no son para nosotros de actual interés, sobre la manera con que Francia, partiendo del principio de las *Nacionalidades*, acentuó desde luego su oposicion á las pretensiones alemanas, respecto á la parte norte del Schleswitz sobre todo; y explicando, en consecuencia, la razon por que la Prusia habia creido prudente aceptar el artículo V del Convenio de Praga. Hay, sin embargo, para entender bien el por qué de la aceptacion, al pa- recer ilógica de ese artículo, y la previsora politica de Bismarck, que recordar que el tratado se celebró interviniendo en él la Francia, como potencia mediadora, buscada por el Austria; circunstancia importantí- sima, sobre cuyo peso dijo el Principe en el mismo discurso cuyo extracto hemos interrumpido, las notables palabras que á continuacion transcri- bimos.

« Así las cosas, la Francia fué llamada por el Austria como media- « dora entre los beligerantes; legítimamente llamada por una de las par- « tes en la lucha interesadas, á hacer valer su propia opinion. Que la « Francia entonces tomara en consideracion las necesidades de su propia po- « litica, nadie puede censurarlo; y en cuanto á si hizo prevalecer sus miras « con moderacion, seria prematuro para el público tratar de juzgarlo ahora. « La cuestion para nosotros no estribaba en saber si lo que se nos pe- « dia, estaba ó no de acuerdo con los deseos de los habitantes del Schles- « witz-Holstein, sino en si en nuestra situacion, ya á las puertas de « Viena, nos encontrábamos respecto á las demás potencias Europeas, en « condiciones de libertad suficiente para aceptar ó rehusar en su totali- « dad, lo que el Austria por medio de la Francia nos ofrecia. No tenia- « mos tan entonces y tan á mano entonces, como lo hubiéramos desea-



«do, los datos necesarios para decidírnos. En negociar no se podía ni «pensar, dada la dificultad de las comunicaciones y la interrupcion de «las líneas telegráficas, por efecto de la guerra. Era forzoso, pues, atenderse exclusivamente en aquel momento para resolver, á la situacion «general de Europa, y á la manera de pensar personal de S. M. el Rey. «Teníamos sí, un sólido apoyo en la inquebrantable fidelidad de nuestra «aliada la Italia, fidelidad que no acertaré nunca á ensalzar cuanto merece y cuyo precio tengo por inextimable: mas, á pesar de todo el valor que para nosotros tiene esa alianza, tanto en las negociaciones diplomáticas como en el campo de batalla, al considerar la situacion general, adquirimos el convencimiento de que no debíamos *tender excesivamente el arco*, ni exponernos, con desechar ciertos detalles, á poner de «nuevo en litigio las ventajas ya conseguidas, y hacer que, acaso, su «confirmacion dependiera de nuevas complicaciones europeas. Es muy «difícil calcular desde luego al entablarse una negociacion, si la discusion «de las condiciones que se nos ofrecen nos conducirá ó nó, partiendo á «veces de un punto de ninguna importancia, á muy graves diferencias. «Yo mismo aconsejé terminantemente á S. M., habiéndosenos sometido el «proyecto de mediacion para que en conjunto lo admitiésemos ó rechazásemos,<sup>1</sup> que consintiera en él y lo aceptara, guardándose de hacer «lo que el jugador temerario que siempre envidia su resto.»

Explicada así, á nuestro parecer magistralmente, la historia y significacion del célebre artículo V, del Tratado de Praga, Bismarck terminó su discurso, con este característico periodo:

«No sé si se prolongará esta discusion ó nó: en la hipótesis del primer caso, me dirijo á los señores de la *Izquierda* (los liberales más «intransigentes) rogándoles que no hagan servir este debate de ocasion «para emitir ideas de partido, más ó menos hostiles; sino que fijen sus «miradas exclusivamente en lo que pasar puede fuera de aquí, y no olviden nunca la *necesidad en que estamos* de estrechar todos nuestras filas, para hacer frente al extranjero, y defender aunados nuestros intereses.»

Todavía no se habia acabado el año de Koenigsgraetz, y ya Bismarck presentia, aunque en lontananza, que Alemania para asentar sólidamente las bases de su unidad, tendria que luchar de nuevo con el extranjero.

¿Veria ya tambien el Canciller que ese *extrangero*, seria la Francia?—Muy de presumir es, á pesar de las seguridades que, segun en el discurso que de analizar acabamos, tenia ó aparentaba tener de la indole pacífica de la política de Napoleon III.

<sup>1</sup> *Apprendre on á laisser*, dice la traduccion francesa del discurso de Bismarck que para este extracto, nos sirve de texto.



## II

Disuelta la antigua Confederacion Germánica, y acordada, en principio, la formacion de la Alemánia del Norte, bajo la presidencia de la Prusia, era preciso, para constituir el nuevo cuerpo politico-federal, ó atenerse al antiguo sistema, entendiéndose entre sí los Gobiernos de los Estados soberanos en él incluidos, y decidiendo soberanamente por la via diplomática lo que hubiera de ser; ó contar tambien con los pueblos de cuyo porvenir en rigor se trataba. En 1815, después de Watterloo, se habia seguido el primer camino; porque el triunfo entonces de la *Santa Alianza*, sobre Napoleon I, significaba, pura y simplemente, la negacion rotunda de todos los principios por la revolucion francesa en 1783 proclamados y el declarado retroceso á las teorías y prácticas de las monarquías absolutas, en la teoria del Derecho Divino de los reyes principalmente asentadas. Con los pueblos que volvian á ser propiedad de sus respectivos monarcas, no habia para qué entenderse entonces; la resolucion correspondiales á sus *señores*; á los *vasallos*, obedecerla solamente les tocaba. Pero de 1815 á 1866, habia transcurrido médio siglo, durante el cual las ideas, venciendo todo género de obstáculos materiales, progresaron maravillosamente, al compás mismo que las ciencias y sus aplicaciones útiles, ilustrando á las naciones y enriqueciéndolas con el vapor y la electricidad, las preparaban á emanciparse de todo despotismo.

La unidad germánica, pues, no era ya realizable por la vía diplomática exclusivamente, y lo era tanto menos, cuanto que el *particularismo* tenia y no podia menos de tener, y era lógico que tuviese de su parte, á los Gobiernos, á los soberanos, y á la aristocrácia feudal de los Estados que, al confederarse, no podian menos de perder algo de su antigua autonomia, mucho de sus privilegios, y no poco de su tradicional prestigio, y por otra parte, no se habian aún extinguido, ni mucho menos, en Alemánia las reminiscencias de aquel gran movimiento revolucionario de 1848, que, si hasta cierto punto esterilizaron las utópicas extravagancias de los teóricos que su direccion asumieron, y en definitivo resultado fué sofocado por la fuerza de las bayonetas reaccionarias, no por eso dejó de conmover hondamente los ánimos, dejando en ellos sembradas fecundas semillas de liberal unitarismo, que, al calor de los acontecimientos extraordinarios de la época de que vamos hablando (1862 á 1866) germinaron lozanas y robustas.

Nada, pues, más lógico, más natural y más conveniente que la resolucion, que se tomó en efecto de «elegir un *Reichstag*<sup>1</sup> para discutir «la constitucion y las instituciones de la Confederacion de la Alemánia

<sup>1</sup> *Reigstag*: asamblea imperial, á diferencia del *Landstag* ó Dieta de un estado particular, como Prusia, Mecklemburgo, etc.

«del Norte.» Nada más lógico, natural y conveniente, que esa resolución; — permítasenos repetirlo: — pero ¿quién la propuso? ¿quién la sostuvo? ¿quién la llevó á cabo? — No fué ciertamente ningun ministro de procedencia revolucionaria, ni de antecedentes liberales siquiera: fué Bismarck, el mismo Oton de Bismarck Schoenhausen que, entrando en el parlamento como diputado ultra-conservador el año de 1847, combatía sin trégua la revolucion de 1848; el mismo Bismarck que, presidente del consejo de ministros en 1862, ni ocultaba su antipatia al parlamentarismo, ni retrocedía ante la necesidad de infringir la Constitucion, para llevar adelante sus patrióticos designios; ese mismo hombre, por su naturaleza aristócrata, por su carácter autoritario, y por su génio mismo á toda contradiccion impaciente, ese fué quien inició, quien hizo aceptar en Prusia y fuera de Prusia, la institucion de una asamblea popular para constituir la Confederacion de la Alemánia del Norte.

¡Tanto pueden, tanto, en el ánimo de aquel hombre á todas luces singular y bajo cualquier aspecto que se le considere fuera de las condiciones ordinarias de los políticos contemporáneos; tanto pueden, decimos, en su ánimo, su ardiente patriotismo en primer lugar, y además la razon, una vez que de ella se ha convencido!

Y todavia hizo más, en la matéria, de lo que dicho dejamos; pues completando el sacrificio de sus primitivas convicciones, de su consecuencia, y de su amor propio mismo, Bismarck propuso además y obtuvo de las potencias confederadas, que las elecciones para el Reichstag, se hicieran en toda Alemánia, con arreglo á la ley electoral decretada por el Parlamento revolucionario de Francfort el año de 1849; en otros términos, sobre reconocerse implicitamente y hasta cierto punto, la legitimidad de aquella memorable asamblea, se aceptó como base de la nueva confederacion el *sufragio universal*; porque, en efecto, en la ley de 1849 esa es la manera de elegir los diputados que establece.

Qué esfuerzos de habilidad diplomática, y qué firmeza de voluntad serían necesarios para imponerles esa resolución á todos los Gobiernos confederados, tanto más suspicaces en punto á su autoridad, y tanto más recelosos de todo lo revolucionario, cuanto por la exigüidad de sus territorios más débiles, dejámoslo á la consideracion del discreto lector, porque en realidad, no es consideracion á nuestro asunto en rigor pertinente; pero de lo que no podemos dispensarnos de decir algo, es de lo que respecta á las dificultades que, en el Parlamento Prusiano halló Bismarck para dar cima á su empresa.

Porque es de advertir que, si bien el acuerdo diplomático fué el de aceptar la ley de 1849, con muy ligeras variantes en el convenio mismo determinadas, todos y cada uno de los Gobiernos contratantes, ó por sincero respeto á sus respectivas instituciones ó por otros motivos que ahora nos importan poco, reservaron la sancion definitiva de lo estipulado, cada cual á la Dieta, ó Parlamento de su país. De ahí lo grave y acontecido de la discusion del asunto en todas aquellas córtes, y en la de Berlin sobre todo; por que de cualquier alteracion, por insignificante que



fuese, introducida en la ley de comun acuerdo adoptada, se seguía forzosamente la necesidad de negociar de nuevo, y pudieran con facilidad originarse desavenencias, tal vez por algunos de los confederados en secreto, pero ardientemente deseadas.

Así, discutiéndose algunas enmiendas á la ley de 1849, en el Landstag prusiano, el 12 de septiembre de 1866, Bismarck, después de haber aceptado alguna harto importante, como luego veremos, aunque con declarada repugnancia, llamaba con sobra de razon la atencion de los diputados sobre los peligros del uso intemperante que, en el asunto, de su derecho hacian, diciéndoles:

«He recibido ya de algunos de los Gobiernos confederados, despa-  
«chos oficiales, manifestando su temor de que modificaciones en el tenor  
«literal de la ley electoral de 1849, ó adiciones de cierta trascendencia,  
«los obliguen á someter de nuevo á las *Dietas* de sus Estados, el texto  
«de la ley misma. Yo, en verdad, estoy muy lejos de concederles á esas  
«asambleas la importancia misma que á la representacion nacional de  
«Prusia: pero, en teoría, el derecho, señores, que pretendéis tener para  
«modificar el texto de la ley de 1849, no puede negársele á la *más pe-  
«queña de esas Dietas*, una vez que lo hayais vosotros ejercido; y si el  
«Gobierno del *pequeño Estado* de que se trate — ya de buena fé, ya apro-  
«vechándose de la ocasion como pretexto — se retrae al terreno de la re-  
«sistencia, el Gobierno prusiano se encontrará en un grave embarazo.  
«¿Qué hará entonces? ¿Proseguir su obra sin el consentimiento de todos?  
«¿Amenazar con la violencia á los oponentes, que han sido nuestros re-  
«suetos y fieles aliados? Uno y otro extremo de esa alternativa, ofre-  
«cen sus inconvenientes, cuando menos sus inconvenientes.»

Ahora, para que se comprenda bien toda la trascendencia del negocio, y hasta qué punto llevó Bismarck en él su resolucion de no omitir sacrificio alguno para llegar á su constante y anhelado fin, la unidad germánica, preciso será fijarnos un momento siquiera en la enmienda al artículo primero de la ley que se discutía,<sup>1</sup> y á nombre del Gobierno aceptó el Presidente del Gabinete.

Segun el proyecto del Gobierno, el Reigstag seria elegido para discutir de acuerdo con los confederados, la Constitucion de la Confederacion del Norte. La cláusula escrita en bastardilla tenia por objeto, nada menos que contradecir el principio sentado en Alemania durante la Revolucion (1848 á 1850) por las Asambleas nacionales, que todas pretendian poseer exclusivamente el derecho constituyente. Sin embargo, la Cámara de los Diputados de Prusia en 1866 suprimió esa cláusula; y el Gobierno por Bismarck presidido, aceptó sin ella el artículo primero de la ley.

Las razones de tanta longanimidad, oigámoslas de los labios mismos del interesado.

«El Gobierno del Rey (dijo) no ha querido oponerse á esa modifica-

<sup>1</sup> Proyecto decretando la eleccion del Reigstag, segun la Ley de 1849.



«cion del *espíritu de la ley*, por temor de fomentar, si lo hiciera, la desconfianza infundada, bien puedo decirlo así, de que la nueva redaccion del artículo primero procede.

«Cuando vuelvo la vista á la época, cuatro años hace, en que por la vez primera tuve el honor de presentarme ante vosotros como ministro, recuerdo que uno de los principales órganos del *Nationalverein*,<sup>1</sup> exclamaba entonces: *por una política alemana la Dictadura!* Me confesareis, señores, que así la actitud de esta Cámara en conjunto, como la de los señores autores de las enmiendas, están muy poco de acuerdo con aquel grito. Temeis que la *política alemana*, se haga demasiado dictatorial, y toméis precauciones contra esa contingencia. Yo pudiera haceros observar que, precisamente la tendencia á garantir los derechos *particularistas*, en oposicion con los de la comunidad nacional toda entera—tendencia propia del carácter aleman—ha sido la causa principal así de la division de la Alemania, como de las dificultades para que su unificacion «se realizara.»

En verdad, el espíritu particularista, es, en efecto, tan peculiar y propio del carácter aleman, que en la Prusia misma, que tanto y tan rápidamente ha crecido en territorio, en riqueza, en poder y en gloria, desde el año de 1864 á esta fecha, no solamente hay *particularistas*, más ó menos declarados adversarios del Imperio y su Gobierno, que eso, al cabo, por la tradicion y los intereses ya privados, ya de partido, explicarse puede; sino tambien una especie de *particularismo prusiano*, más extendido de lo que generalmente se presume, y que suele en determinadas ocasiones, revelarse, y muy acentuadamente hasta en las más altas esferas.

Por de contado, que ese *particularismo* no es enemigo de la unidad germanica, ni tampoco de la hegemonía prusiana en ella; antes por el contrario aspira, si bien todavia vagamente, á convertir en *absorcion* lo que es hoy *confederacion* meramente. Su *ideal*, para hablar al uso, su ideal seria una Alemania toda prusiana; y si á ese fin no puede decirse en rigor conspira, porque para tanto no tiene elementos, aprovecha cuantas oportunidades le depara el curso de los negocios públicos, para hacer alardes de superioridad nacional respecto á los demás confederados, y sobre todo para oponerse á cuanto, en su quisquillosa suspicacia, imagina que tiende á subordinar la accion ó intereses de la Prusia, á los generales germánicos.

Contra el *particularismo separatista*, Bismarck lucha, con el desembarazo que solo se tiene en situaciones perfectamente claras y despejadas: pero contra el *particularismo absorbente*, su posicion es dificilísima, y tan comprometida que, á no ser él lo que es, un carácter excepcional, y tan evidentes su relevante mérito y extraordinarios servicios á la Patria, y tan grandes la confianza que en él tiene y el sincero afecto que le profesa el honrado y leal soberano á quien sirve, posible es que sus ene-

<sup>1</sup> *Liga ó confederacion nacional*: nombre del partido unitario.

migos le hubieran alguna vez hecho sucumbir al peso de la acusacion, alli siempre temible, de ser más el hombre de la Alemania que el de la Prusia.

¿Calumnian á Bismarck, sin fundamento alguno, los que tal pretenden?—lo que hacen, á nuestro juicio, es no comprenderle, ó más bien no querer comprenderle.

Acusan al hombre que ha incorporado á Prusia los Ducados del Elba, el Lanemburgo, el Hannover, etc., etc., y que ha expulsado al Austria de la Confederacion Germánica, sustituyendo á su hegemonía la Prusiana, y que ha transferido la imperial diadema de las sienes de los Habsburgos á las de los Hohenzollern; y que ha hecho de Berlin la capital de un vasto império de más de cuarenta millones de almas, y el gran cuartel general de un ejército de medio millon de excelentes soldados: acusar, decimos, á ese hombre, de falta de patriotismo prusiano, es el absurdo de los absurdos. Pero si es verdad, ó al menos tal nos parece á nosotros, si es verdad que en el pensamiento y en el corazon de Bismarck, la unidad germánica y la grandeza de la Alemania, son la idea y el sentimiento predominantes.

Bismarck sabe demasiado bien que la Prusia es el núcleo, el nervio y el corazon del Império, para temer que en ningun caso pueda el último sobreponerse á la segunda; y por eso ni vacila, cuando la ocasion lo requiere, en sacrificar mal entendidos intereses del particularismo prusiano á los generales de la Alemania, ni escatima á los hombres de verdadera importancia de los demás Estados, las posiciones á que su capacidad le dá en el Império derecho.

De ahí la acusacion de que hemos tratado con amplitud que podria parecer episódica y excesiva, y no es, sin embargo, ni lo uno ni lo otro; por que, sin apreciarla en su justo valor, mal pudiera comprenderse la ulterior conducta del hoy Canciller del Império, así en el Parlamento Prusiano, como en el Reigstag aleman.

Pretendia la oposicion, al discutirse en realidad solamente, si se aceptaba ó no la ley de 1849, para las elecciones del Reigstag, limitar de antemano las facultades de la futura asamblea, de modo que no fuese nunca de temor su intrusion en los negocios particulares de ninguno de los Estados de la Confederacion; y lo que es más, pretendia tambien nada menos que sentar en el Landstag prusiano, las bases de la Constitucion federal. Un diputado queria que se privase desde luego del derecho de representacion diplomática en las córtes extrangeras, á los confederados, reservándose exclusivamente para la Confederacion; otro, más radical, pedia que se deliberase sobre los *Derechos fundamentales*,<sup>1</sup> como base del futuro código; y el doctor Virchow, en fin, opinaba que convenia desecher el proyecto del Gobierno, para obligar á ese á que presentara otro incluyendo las bases todas de la Constitucion.—Al primero contestábale

<sup>1</sup> Es decir, los Derechos del hombre, segun la Constitucion francesa de 1793, y lo que la española de 1869 llama los *Derechos individuales*.



Bismarck, que no habia para qué ofender susceptibilidades, á propósito de un derecho, (el de representacion diplomática) que para nada les serviría á los Estados débiles y de que los fuertes virtualmente usarian siempre que les conviniera; al que pedia los *derechos del hombre*, que la cuestion no era de la competencia del Landtag prusiano, sino del Reichstag; y al doctor Virchow, en fin, otro tanto en resumen, y además que, como felizmente ninguno de sus poco lisongeros vaticinios, durante los cuatro últimos años, se habia realizado, bien pudiera renunciar para lo sucesivo al oficio de profeta.

Pero sobre todas esas exigencias, á manera de acusacion formulada, descuellan por su notoria injusticia el cargo que al gabinete de Berlin se hacia, suponiendo que no habia sabido aprovechar cumplidamente en lo politico, las victorias por las armas Prusianas alcanzadas. — «Lo que habeis obtenido (decia la oposicion), es el *«minimum»* de lo conveniente; «nuestras aspiraciones mismas no pasan de ese limite.»

«Si—replicaba Bismarck—ese terreno ha sido siempre el más favorable á la oposicion para atacar al Gobierno: siempre se presenta como «necesidad urgente, lo que por el momento no puede obtenerse, y siempre se hace responsable al Gobierno de no haberlo logrado. La oposicion «no ha querido nunca, tratándose del Gobierno, recordar la máxima de «que *lo mejor es enemigo de lo bueno*.—Pero yo puedo haceros observar que, acaso hubiéramos conseguido más y mejor, si hubiérais oportunamente secundado la política, cuyos resultados hoy censurais.—«Hácesenos un cargo de que no hemos aprovechado suficientemente en «la esfera politica los triunfos de nuestras tropas en los campos de batalla. Señores: apreciar el alcance de la victoria, en el momento mismo «de conseguirla, es uno de los problemas politicos de resolver más difíciles. Facilísimo es engañarse; si nosotros nos hemos ó nó engañado, «el porvenir lo dirá acaso, demostrando si escogimos atinadamente el «momento para suspender las hostilidades y concluir la paz, y si hemos «hecho bien en contentarnos con las condiciones que obtener entonces «pudimos. Á la Historia se está exclusivamente reservado poner en evidencia todas las causas que han concurrido á producir los hechos; y «cuando las conozcaís todas, seguro estoy de que no le negareis al Gobierno, que de la victoria se ha muy audazmente aprovechado. Es de sobra fácil exceder de aquel limite más allá del cual el ardiente afán de «aprovecharse más y más de la victoria, degenera en una ciega confianza, que compromete de nuevo todo lo hasta entónces ganado; y «cuanto mayor sea la ganancia realizada, naturalmente tanto menos se «siente el vencedor prudente dispuesto á hacer de su triunfo un abuso, «que ya no seria un acto de valor, sino de temerario arrojo.—Ya tengo «indicado que creemos poseer en lo conseguido, la necesaria base para «asentar en ella instituciones que respondan á un razonable sentimiento «de nacionalidad alemana.»

Veamos ahora como contesta á los que temen ó aparentan temer que el Reichstag anule virtualmente el Parlamento Prusiano.



«En cuanto á las aprensiones (dijo), aquí repetidamente manifestadas, de que el Parlamento aleman reduzca grandemente la esfera de accion y la plenitud de los poderes de la Representacion nacional prusiana, responderé que, aquel Parlamento ha de componerse en su mayor parte, de representantes libremente elegidos por el pueblo prusiano, es decir, de compatriotas nuestros, quizá de nosotros mismos. ¿Por qué, en efecto, los más de nosotros no han de encontrarse en el Reichstag, supuesto que las elecciones, sea cualquiera la ley electoral, dan siempre un resultado conforme á las corrientes políticas del momento?¹— La autoridad parlamentaria, pues, cuya transferencia al Reichstag temeis, pasará en realidad del pueblo prusiano al pueblo prusiano; por que de los doscientos noventa diputados que próximamente compondrán el Parlamento de la Alemania del Norte, doscientos treinta y ocho ó doscientos cuarenta, serán prusianos.»

Los que aquende el Rin imaginan que el Príncipe de Bismarck es en su pais un Primer Ministro casi autócrata, salva la soberania del Emperador, como lo fueron en lo antiguo los validos de nuestros Reyes de la casa de Austria, y en nuestros dias aún Metternich, en Austria, es de esperar que comprendan su error, considerando en lo que dejamos dicho un fiel, aunque no completo relato, de las dificultades sin cuento, con que de continuo luchó el gran Ministro hasta constituir la Confederacion del Norte, no solamente en las negociaciones diplomáticas de que no tratamos aquí, y quizá en la corte misma de Berlin, terreno en que no hemos querido ni queremos penetrar, sino en el Parlamento prusiano, donde amigos y enemigos parecian rivalizar en celo para contrariarle.

Para unos habia el Canciller hecho siempre demasiado; para otros, nunca lo bastante; y aquellos y estos y todos, si por momentos á la evidencia de los hechos rendidos, tenian que confesar tal cual vez que de parte de Bismarck estaban la razon y la fortuna, á poco y con cualquier pretexto, volvían y siguen volviendo á sus habituales procederes.

Veamos, si en el Reichstag aleman, su criatura, si nos es lícito decirlo así, encontró menos espíritu de oposicion que en el Landstag, donde, como hemos visto, pudo convencerse de que en nuestros dias, gobernar es luchar y luchar de continuo y sin trégua, hasta con aquellos elementos políticos á quienes el Gobernante más sirve y favorece.

¹ Esa opinion es, en el Príncipe de Bismarck, antigua y arraigada: siempre que de la materia ha tratado, ha dicho lo mismo: «las elecciones, háganse por el sistema que se quiera, obedecen constantemente en sus resultados á la corriente política predominante en el momento dado.» Así, para el Canciller del Imperio, las leyes electorales tienen mucha menos importancia de la que generalmente se les supone.

## III

El 24 de Febrero de 1867, es un día que en los fastos de la moderna Alemania, será sin duda señalado con *pedra blanca*, por haberse en él celebrado la sesion primera del *Reigstag*, asamblea colegisladora, elegida por sufragio universal, y representante de los *veintidos Estados* que componian entonces la confederacion del Norte y de que, con el importante aditamento de los Estados del Sur y la Alsacia-Lorena, consta hoy el nuevo Imperio Germánico.

Lo que en vano se habia intentado en 1848, subvirtiendo hasta en sus históricos fundamentos mismos, las instituciones tradicionales todas, y poniendo en grave riesgo más de un trono; lo que hasta muy poco tiempo antes pasaba, en concepto de la gente sensata, como un sueño patriótico, como una utopia idealista del *Nationalverein*, la *unidad de la Alemania*, en fin, comenzaba á ser un hecho, una realidad, por los pueblos con entusiasmo aclamada, y por los soberanos solemnemente reconocida. Y sin embargo, — nuestro oficio de criticos imparciales nos obliga á consignarlo aquí, mal que nos pese — sin embargo, ya en aquel memorable fausto día, en la sesion primera del Reichstag, el particularismo prusiano, que largamente dejamos explicado, comenzó á dejarse sentir en la Asamblea de un modo inequívoco.

Propuso, en efecto, el Diputado Conde de Schwerein, antiguo Ministro, que provisionalmente se adoptara para el Reichstag el Reglamento interior del Landstag prusiano, segun el cual tenian derecho á concurrir á las sesiones y tomar parte en las discusiones, no solamente los ministros de la corona, sino tambien los *Comisários del Gobierno*, que el Rey á ese fin nombrar quisiera. Aprobóse esa proposicion (en ausencia del Sr. de Bismarck), sustituyendo la frase de *Comisários del Gobierno*, con la de *Comisários Federales*, pero atribuyéndose el derecho exclusivo de nombrarlos á la Presidencia de la Confederacion, ó lo que es lo mismo á S. M. el Rey de Prusia; de donde resultaba que los Delegados de los Gobiernos confederados, que juntamente con los prusianos constituian el *Consejo Federal*, como actualmente constituyen el del Imperio, no tenian derecho para tomar parte en las deliberaciones del Reichstag. Seria agraviar la perspicacia de nuestros benévolos lectores detenernos á demostrar hasta qué punto esa resolucion desairaba y aun humillaba á los confederados; y así, dándolo por supuesto, dirémos solo que el Canciller orilló el negocio comunicando á la Asamblea un Real Decreto, en el cual S. M. como Presidente de la Confederacion, autorizaba á determinados Ministros de Prusia *en union con los representantes especiales nombrados por los Gobiernos confederados*, á tomar parte en las deliberaciones del Reichstag.

De esa manera quedaron por satisfechas las exigencias, harto lógicas, de los confederados, y los particularistas prusianos mismos nada tuvieron que decir, puesto que en realidad los *comisários federales*, por el Rey de Prusia se les presentaban autorizados.

Pocos dias más tarde (el 4 de Marzo), Bismarck presentaba al Reichstag, el proyecto de *Constitucion federal de la Alemania del Norte*, pronunciando, después de entregárselo al Presidente de aquella Asamblea, el Discurso que nuestros lectores llevarán sin duda á bien que, casi íntegro, reproduzcamos, en consideracion tanto á su intrínseca importancia, como á la luz que arroja sobre la trascendencia de los designios del orador ilustre.

Dijo, pues, de esta manera:

« En nombre de los Altos Gobiernos aliados, tengo el honor de someter al Parlamento, el proyecto de *Constitucion Federal*, en que, de comun acuerdo, han convenido los mismos Gobiernos.—Ahora á esta Alta Asamblea le toca resolver; y yo me abstengo, señores, de añadir cosa alguna al Discurso con que el Rey, mi muy benévolo señor, ha inaugurado vuestras sesiones. Mas habreis de permitirme que llame vuestra atencion sobre solo un punto.

« El artículo VI del Tratado de Alianza Provisional, concluido el 18 de Agosto del año último (1866), dice textualmente:

« Esta alianza se mantendrá hasta la conclusion del pacto federal, y por lo menos durante un año, en el caso de que el pacto federal, no se haya concluido antes de haber transcurrido aquel plazo.

« No es mi ánimo examinar en qué situacion se encontraria la Alemania, si, antes del 18 de agosto del presente año, es decir, de aquí á cinco meses y medio, no hubiésemos terminado nuestra obra. A esa situacion, así lo espero, no llegaremos.

« Séame tambien permitido recordaros que las *Dietas*—algunas de ellas, al menos—se han reservado explicitamente el derecho de someter á su propia deliberacion el resultado de las nuestras; por manera que, al siguiente dia de la clausura de esta Asamblea, tendremos que convocar á toda prisa las Dietas de los veintidos Estados de la Confederacion. Excuso deciros cuan de desear es que tambien ese trámite en el desarrollo de la institucion federal, se haya terminado antes del 18 de Agosto; ni añadir que esa es una razon más para acelerar nuestro trabajo.

« Tomando nuestras resoluciones, en la Alemania del Norte, con prontitud y decision, á mi parecer adelantamos esencialmente el arreglo, en los tratados previsto, de nuestras relaciones con la Alemania del Sur, sea la que quiera la extension que cada cual crea conveniente darles á esas relaciones. La confianza necesaria á los Alemanes del Sur, para identificarse con sus compatriotas del Norte, se acrecentará proporcionalmente á la energia que nos vean desplegar al encaminarnos á nuestro fin, y de la seguridad que nos supongan de llegar á él prontamente. Otra y muy poderosa razon, señores, para que apresurémos nuestras tareas, y nos pongamos pronto de acuerdo, respecto á los puntos que pudieran dividirnos.

« Hay ciertamente, señores, en nuestro carácter nacional algo que se opone á la unidad de la Alemania. Si así no fuera, ó no la hubiéramos nunca perdido, ó rápidamente la reconquistáramos. Retrocedamos con el pensamiento á los tiempos de la grandeza germánica, á la época



«de nuestros primeros Emperadores; y veremos que ningun otro país en  
 «Europa, parecia reunir entonces tantas probabilidades como el nuestro  
 «de llegar á una poderosa unidad nacional. Tended la vista, en la Edad  
 «média, al imperio moscovita, á los dominios de los godos en Occidente,  
 «y de los árabes en España, y comparando, la Alemania os parecerá,  
 «entre todos los países europeos, el con más seguridad predestinado á  
 «constituir un imperio compacto y unitario.—¿Cómo perdimos nuestra uni-  
 «dad? —¿Por qué no hemos podido, hasta hoy, reconquistarla? —Para  
 «explicarlo en pocas palabras, diré que, á mi juicio, eso consiste en que  
 «hay en Alemania un sentimiento excesivo de viril independencia, que  
 «impulsa al individuo al municipio (*commune*), y á la raza, á confiar  
 «más en sus propias fuerzas que en las de la comunidad entera. Háenos  
 «faltado aquella flexibilidad del individuo y de la raza en provecho de  
 «la nacion entera, que ha permitido á los pueblos nuestros vecinos ad-  
 «quirir antes que nosotros los beneficios á que aspiramos.

«En el caso actual, los Gobiernos (alemanes) os han dado, me pa-  
 «rece, muy buen ejemplo. Ninguno de ellos, para andar el camino ya  
 «hecho y llegar al punto en que estamos, ninguno ha dejado de sacrifi-  
 «car deseos, y prescindir de objeciones serias estas y más ó menos  
 «legítimas aquellas. Hagámos ver nosotros, á nuestra vez, que una his-  
 «toria de seis siglos de dolor no ha sido estéril para la Alemania, y que  
 «hemos sabido aprovecharnos de las lecciones de escarmiento que nos  
 «dieron las tentativas de Francfort y de Erfurt<sup>1</sup>; tentativas, señores,  
 «que todos los aquí presentes hemos visto abortar con nuestros propios  
 «ojos. El mal éxito de los esfuerzos de aquella época creó en Alemania  
 «un estado de incertidumbre y de mal estar, que ha durado dieciseis  
 «años, y que solo podia terminarse en virtud de una catástrofe como  
 «la del año último (la batalla de Kœnigsgrætz), en provecho de quien  
 «á Dios pluguiera.

«El pueblo aleman, señores, tiene derecho á esperar de nosotros,  
 «que evitemos la reproduccion de semejante catástrofe; y convencido es-  
 «toy de que, como los Gobiernos aliados, nada deseais tanto, como satis-  
 «facer los legítimos deseos de la Nacion en esa parte.»

No cabia probar con mejores razones, ni con más evidencia, la ne-  
 cesidad urgente de no perder el tiempo en minuciosos pormenores, ex-  
 poniéndose con la dilacion á comprometer el éxito de la empresa, y con  
 las inevitables indiscreciones en el debate, quizá á imposibilitarla otra  
 vez, como ya en 1848 habia acontecido; pero en la naturaleza de todo  
 cuerpo numeroso deliberante, de tal modo está siempre encarnado el  
 prurito de la discusion, que no fué posible, ni podia serlo, evitarla y muy  
 ámplia en el Reigstag, á pesar de los perseverantes esfuerzos de Bis-

<sup>1</sup> En Francfort se reunió en 1848 el Parlamento aleman revolucionario; y en 1850, en Erfurt, otro compuesto de los representantes de todos los Estados que hacen la Alemania del Norte, menos la Sajonia Real y el Hannover. Allí se propuso una Constitucion Federal; pero á consecuencia de haber fracasado el proyecto, se reconstituyó la antigua Dieta de Oran.

mark, para reducirla á muy estrechos límites. Discutióse, pues, sobre todo, conjunto y pormenores, censurando el proyecto los oradores de oposicion, cada cual segun su peculiar punto de vista, unos por excesivo, y por defectuoso otros. Unos echaban de menos una exposicion de motivos, un discurso preliminar en que teóricamente se discutieran los principios en la Constitucion formulados; otros encontraban aquel Código mismo insuficiente, para realizar desde luego la apetecida unidad germánica, y no faltó tampoco quien pretendiera que la unidad se fundaba, si pero, á expensas de la libertad, acusando, por ende, al Canciller de llevar su audacia hasta imponerse á los príncipes soberanos mismos.

Para contestar á tantos, tan diversos, y tan entre sí antitéticos cargos, y en defensa al mismo tiempo de su proyecto de Constitucion, pronunció Bismarck un tan largo como importante discurso, de que nos es forzoso, y parécenos que será útil, reproducir aquí, como término del presente artículo, los más importantes pasages, prefiriendo, como siempre en este Ensayo, la claridad á la concision.

Subió, pues, á la tribuna el hoy Príncipe y entonces todavia no más que conde de Bismarck, en la sesion del Reichstag del 11 de marzo, y dijo:

«Si tomo la palabra en este momento de la discusion, no es para asombraros, como alguno lo desearia, con la *audacia* del hombre de Estado, sino, mucho más, para advertiros que os guardéis de cualidad tan peligrosa. Tampoco es mi intencion, ni puede serlo, la de exponeros los motivos de la Constitucion que se han echado de menos al frente de su proyecto. Esa exposicion, señores, para corresponder á su fin, hubiera exigido escribir un libro; y Dios sabe cuanto tiempo se hubiera perdido en discutirlo en la Asamblea de los comisarios federales; cuantos puntos de que aquí no se hará mencion, tal vez habrian ocurrido en el debate; y á que de aplazamientos y dificultades hubiesen dado ocasion! los motivos y fundamentos del proyecto, se deducirán de su discusion general, primero, después de la de cada uno de sus artículos: —Mi ánimo no es anticiparme ahora á esa detallada discusion, sino poner de relieve algunos de los puntos de vista generales que nos han guiado en la elaboracion de nuestro proyecto. —No hemos podido imaginar siquiera que ibamos á realizar el *ideal teórico* de una Constitucion que al mismo tiempo, asegure para siempre la *unidad* de la Alemania, y la plena libertad de todos los movimientos *particularistas*. Dejémosle al porvenir la mision de encontrar, si en alguna parte existe, esa piedra filosofal: nuestra mision, en lo presente, no es la de realizar, ni por inmediata aproximacion siquiera, esa cuadratura del círculo; la tarea que nos hemos impuesto, recordando y apreciando en su justo valor, á mi juicio, las fuerzas resistentes que hicieron abortar las tentativas de Francfort y de Erfurt, consiste en quitarles á esas fuerzas, en cuanto ha sido posible sin comprometer nuestros fines la ocasion de reproducirse. El objeto de nuestras especulaciones ha sido encontrar el *minimum* de concesiones que, en interés de la nacionalidad alemana, tie-



«nen las *partes* que hacerle al todo, para que ese todo sea viable. Que  
«á ese trabajo se le llame ó no Constitucion, poco importa. Nosotros cree-  
«mos que, si se acepta, la via le queda abierta al pueblo aleman, y te-  
«nemos bastante confianza en su génio, para esperar que una vez en la  
«via puesto, él sabrá hallar médio para llegar á su término.

«Pero aunque á nuestro parecer basta el actual proyecto, para con-  
«seguir ese primer resultado, comprendo muy bien, que no dé satisfaccion  
«á muchos deseos, y que se echen de menos para completarlo, otras pro-  
«posiciones. Lo que no comprendo es que en eso se encuentre motivo  
«bastante para desechar lo que se os ofrece, pretendiendo al mismo tiempo  
«que se quiere una Constitucion que conduzca á la Alemania á ser una.

«Objecciones y deseos, se han manifestado de entrambas partes; la  
«*unitaria*, si así puedo llamarla, y la *particularista*. Los unitarios echan  
«de menos en el proyecto de Constitucion el establecimiento de un minis-  
«terio constitucional y responsable. ¿Quién habia de nombrarle? A una  
«asociacion de 22 gobiernos no podeis imponerle esa obligacion que seria  
«incapaz de cumplir; tampoco podeis excluir 21 de los 22 gobiernos, del  
«derecho á constituir el Poder Ejecutivo de la Confederacion. Para satis-  
«facier, pues, esa exigencia de los unitarios, no queda más arbitrio que  
«el de crear una Direccion única y con carácter monárquico; y en tal  
«caso, señores, la Federacion desaparece, y *mediatizais*, á todos los prin-  
«cipes excluidos del ejercicio de aquella prerogativa monárquica, segura-  
«mente en tal mediatizacion los principes nuestros aliados no hubieran  
«consentido; ni á nosotros se nos ha ocurrido pensar en ella.— Por la  
«fuerza, pudiéramos obtenerla, se ha insinuado, por alguno; y, con el  
«tiempo, ella irá haciéndose por sí sola, se ha dicho por otros.

«No tenemos nosotros tal esperanza; porque no creemos que sean  
«muchos los principes alemanes dispuestos á trocar su actual posicion por  
«la de un par de Inglaterra. Ni se lo hemos preguntado, ni se lo pregun-  
«taremos nunca. Menos podemos todavia, como parece desearlo alguno de  
«los señores preopinantes, apelar á la violencia, al poder preponderante de  
«la Prusia en la Confederacion, para obtener por fuerza una concesion que  
«espontáneamente no se nos ofrece. Si así no debe procederse, es sobre  
«todo contra aliados que nos han auxiliado fielmente en el momento del  
«peligro, y contra principes con los cuales acabamos de asentar una paz  
«eterna, en cuanto de eternidad puede hablarse en las cosas de este mundo.  
«Nuestras futuras relaciones deben fundarse, no en la violencia respecto á  
«principes y pueblos, sino en la confianza que les inspiremos, observando  
«fielmente los tratados, como lo harémos mientras con nosotros se conduz-  
«can los demás del mismo modo. Háse aludido tambien á ciertas declara-  
«ciones á favor de un Poder Central más unitario, que algunos de los go-  
«biernos aliados han hecho insertar en el protocolo final. Siento que para ese  
«se hayan reservado, por que, de hacerse en el curso de la discusion, hu-  
«biéramos juzgado al menos de la acogida que encontraban en la mayoría  
«de los gobiernos contratantes. Como han venido, no puedo considerarlas  
«más que como letra muerta, como una profesion de fé, pero sin obras.



«Las objeciones de los *particularistas*, son más graves, á mi parecer, y están con más seriedad presentadas que las de los unitarios. «*Particularismo*,<sup>1</sup> se habia dicho hasta aquí, de una dinastia, de una casta, cuando en su interés egoísta se oponian al establecimiento de instituciones comunes: hoy nos las tenemos con una nueva especie de «*particularismo*, con el *particularismo parlamentario*. Así como en otros tiempos se apellidaba á las huestes con los gritos dinásticos de «¡Adelante los güelfos,» «adelante los gibelinos,» ahora ya decimos: «Adelante las cámaras!» «Adelante el Parlamento.»

«El derecho de las Cámaras prusianas<sup>2</sup> á imponer su veto á nuestras resoluciones, fuera de aquí se ha invocado, y nadie me parece que lo negará, ni tratará de apelar contra él á la fuerza: pues ese mismo derecho pertenece á la Dieta de todo Estado confederado, ya sea grande, ya pequeño; porque nosotros queremos vivir con una comunidad en la justicia y no en la violencia fundada. Pero las resistencias de opinion de las otras Dietas no se han anunciado en esta tribuna, de la misma manera que las del Landtag prusiano lo han sido por diputados cuya iniciativa en este caso me sorprende. El representante de una República de la Alemania del Norte,<sup>3</sup> se entusiasma súbito por la constitucion monárquica prusiana; un diputado católico<sup>4</sup> abunda en el mismo pensamiento, fundándose en un versículo de la Biblia, y dando al negocio igual importancia que á la salud de su alma, nos dice en un tono que revela su profunda emocion que no cabe variar un solo artículo de esa Constitución, legalmente se entiende. Al parecer de ese diputado, segun nos ha dicho, *yo sabria bien cómo salir del paso, si nuestra obra fracasa*: no sé, ni importa saber, si *yo sabria* salir del paso; pero es seguro que no *trataria* de hacerlo. Nunca he rehusado mis servicios á mi Rey, ni á mi país; pero en ese caso se los rehusaria, dejando el cuidado de desmenuzarse el caos, á los que á él nos hubieran conducido.

«Cuando he oido, señores, á miembros de la alta Cámara prusiana, de muchas de cuyas opiniones participo, y que creo que realmente desean el feliz éxito de nuestros trabajos, pretender que la Constitución de Prusia ha de ser superior á la Federal, y sentar que al voto de las Cámaras prusianas ha de someterse la obra que aquí se haga, aquí en comun y de consuno por todos los Gobiernos de la Confederacion, cuya avenencia tan difícil de lograr ha sido, y por los representantes, libremente elegidos de treinta millones de alemanes;<sup>5</sup> entonces, señores, de

<sup>1</sup> Bismarck juega aquí del vocablo, pero su idea no es por ello menos exacta. El particularismo, como lo dejamos demostrado, se ha hecho parlamentario, *faute de mieux*, como los franceses dicen.

<sup>2</sup> Recuérdese la discusion de que damos cuenta en el párrafo anterior de este mismo artículo.

<sup>3</sup> El diputado de Hamburgo.

<sup>4</sup> El doctor Michaelis.

<sup>5</sup> Doce más tiene el império, á consecuencia de la incorporacion á él de la Alemania del Sur.

«mi se ha apoderado un sentimiento de humillacion, al pensar que los «diputados nuevos entre nosotros, ván á perder lá ilusion, que tal vez «tenian, de ver á los hombres crecer con sus designios, y al horizonte de «las ideas extenderse con las fronteras del estado.»

Al llegar á ese punto el Presidente del Gabinete ocupóse en robustecer su argumentacion contra el *particularismo prusiano* ya repitiendo que, una vez ese admitido, no habia razon para desatender el de cualquiera otros Estados alemanes, por pequeños que fuesen; ya recordando las causas que esterilizaron la Revolucion de 1848, y sobre todo, la acusacion que en aquel tiempo se hizo al Gobierno de Berlin, y no sin alguno fundamento, á juicio del orador — de carecer de verdadero patriotismo, puesto que sacrificaba los intereses de la Confederacion Germánica, á las de un Estado feudal, no más extenso que las Marcas de Brandebourg.

«Los oradores á quienes contesto (prosiguió diciendo) pareceme «que no aprécian en toda su gravedad la situacion en que nos encontramos.—¿Creeis, señores, en efecto, que el grandioso movimiento que el «año último (1866) ha impulsado á los pueblos desde las orillas del Báltico á los mares de Sicilia, desde el Rin al Pruth y al Dniester, empuñándolos en aquella fatal partida en que á la suerte de un dado se jugaron coronas de Rey y de Emperador; creeis que el millon de soldados alemanes que, unos contra otros, combatieron ensangrentando campos de batalla, desde el Rin á los montes Karpathos, que los millares «de hombres que han sucumbido al hierro ó á la enfermedad, y que con «su muerte sellaron nuestra resurreccion nacional; creeis, os pregunto, que todo eso puede, en virtud de una simple resolucion de las «Cámaras prusianas, ponerse en olvido, ó relegarse á los archivos? ¡Lejos de mí la idea de formular una amenaza! Yo respeto los derechos de «nuestras Cámaras, como de buena gana los respetara en lo pasado, si «en mi conviccion hubieran podido conciliarse con la existencia del Estado prusiano: pero estoy firmemente persuadido de que, si llegamos «aquí á entendernos, no habrá Cámara en ningun país aleman que nos «oponga su veto.»

Realmente inspirado en aquel momento, como lo acredita con evidencia el magnífico apóstrofe á los particularistas prusianos, que de traducir acabamos; Bismarck prosiguió su tarea en el mismo estilo algun tiempo más; y volviendo luego á la cuestion pendiente, despues de afirmar que estaban los Gobiernos aliados dispuestos á aceptar en su proyecto de Constitucion, cuantas enmiendas les parecieran conducentes al fin comun, hizo las importantes declaraciones, que al pié de la letra á reproducir aquí vamos.

«No debeis recelar, señores, que nuestro Gobierno, ni otro ninguno de los veintidos aliados, abrigue el designio de romper con el progreso histórico del sistema constitucional en Alemania, y de elevar «*Parlamento contra Parlamento*, para herir de muerte al Parlamentarismo. ¿Qué ganariamos en ello? ¿Cómo es posible concebir, con larga



«vida, un Gobierno que después de acometer la árdua empresa de fundir al crisol, ó de forjar en frio, faltándole el fuego, una Unidad Nacional, no en todas partes benévola mirada en Europa; se impusiera la tarea sistemática de ahogar, de confiscar el derecho del Pueblo á tomar parte en el arreglo de sus negocios; y, entrando así en la senda de una desenfrenada reacción, se declarase en guerra incesante con sus propios súbditos?—No debeis, señores, temer que una dinastía como la que gobierna á Prusia, ni tampoco ninguna de las alemanas, acometa la grande obra nacional con tal *hipocresía*, diré, porque «no debo servirme aquí de otro vocablo. Queremos, pues, tanto liberalismo, cuanto con la seguridad general sea compatible; de lo que se trata es solo de fijar ese límite.

Tan terminantes declaraciones en sentido liberal, no solamente respondían á más de una no muy embozada acusación de tendencias reaccionarias contra Bismarck en aquella discusión formulada; sino que iban además encaminadas á preparar los ánimos de los diputados, para que sin desconfianza acogieran la teoría que, respecto al presupuesto federal de guerra, tenía el Ministro Presidente que sentar acto continuo. Que esa teoría era la de que el presupuesto militar se fijara de comun acuerdo entre los Gobiernos confederados, y durante un muy largo plazo no pudiera el Reichstag hacer en él alteración alguna, sino á propuesta del generalísimo de la Confederación (el Rey de Prusia) todo el mundo lo sabe; en cuanto á su objeto, torpeza se necesitaba después de lo ocurrido en Prusia de 1862 á 1866, para no comprenderlo claramente. Nunca más evidente que entonces (1867) la necesidad de que la Alemania estuviese convenientemente preparada para una guerra extranjera, no difícil ya de prever en abstracto, si bien á nadie le era dado aun predecir como, cuando, y á propósito de que estallaría el conflicto. Era, por tanto, de suma importancia precaverse, en primer lugar, contra las veleidades económicas contingentes siempre en las Asambleas populares; y más acaso todavía, obviar los riesgos que toda discusión sobre el presupuesto de la guerra ofrece en circunstancias críticas á un Gobierno, á quien se pone en la funesta alternativa de no justificar la legitimidad de los créditos que solicita, ó de revelar antes de tiempo sus designios, con grave daño de la cosa pública.

Del exámen de tan grave cuestión, pasó el Canciller de la Confederación en el discurso que analizando vamos, al de otra que, si hoy ya definitivamente orillada, tenía entonces importancia suma, á saber: la de las relaciones de la Alemania del Norte, con la del Sur, ó sea con los reinos de Baviera y de Wurtemberg, y el gran Ducado de Baden, que, según el tratado de Praga, no se habían incorporado á la nueva Confederación, pero quedaban en aptitud para poder hacerlo cuando les conviniera.—Bismarck decía, y con razón evidente, que para llegar al apetecido resultado, era preciso no extremar la centralización del poder federal, ó lo que era lo mismo, no dar motivos ó pretextos de alarma al particularismo de los Estados meridionales; sino, por el contrario, dotar á la Confederación de instituciones tales, que atrajeran á sí las volun-



tades de los soberanos mismos de aquellos Estados, y entre tanto que eso se realizaba, consolidar, reorganizándolo, el *Zollverein* (Union Aduanera), mediante la cual se identificaban los intereses mercantiles de toda la Alemania, y en cuya junta general, llamada *Parlamento aduanero*, inevitablemente habian de unificarse en puntos muy importantes, las miras de unos y otros. Tan sensato sistema, y la mancomunidad de sacrificios y de glorias en la guerra contra Francia, han dado de si, como sabemos, la agrupacion en el Imperio de la Alemania entera; y precisamente por eso es más curioso y de más importancia señalar lo anticipado y seguro de las previsiones del grande hombre de Estado que, bajo su aspecto parlamentario, nos hemos propuesto estudiar en este Ensayo.

Pero, todavía, á las ya enumeradas previsiones de Bismarck, tenemos que añadir otra, acaso la más atrevida y transcendental de todas ellas, y á que el emperador Napoleon III, por su desdicha, no dió todo el valor y crédito que realmente merecia.

«En cuanto á la cuestion de poder (decia Bismarck, siempre en su «discurso del 11 de marzo de 1867), en cuanto á la cuestion de poder, «considero definitivamente segura contra todo ataque, *la union del Norte y del Mediodia de la Alemania*, en todos aquellos casos en que se «trate de la seguridad del territorio germánico. El Sur, si su integridad «se viere amenazada, no puede poner en duda el apoyo fraternal y absoluto «del Norte; y de la misma manera, el Norte tiene completa certidumbre «del apoyo del Sur, contra todo ataque que proceda del extranjero.»

Tres años más tarde, todavía se alimentaba en el Gabinete de las Tullerías y en toda la Francia también, la ilusion de que, en caso de guerra con la Prusia, no solamente la abandonarían las Estados Meridionales, poniéndose de parte del enemigo, sino que además los territorios anexionados á consecuencia de la campaña de 1866, á los dominios del vencedor, se levantarían en masa para recobrar su perdida autonomia. Tan terrible, como el mundo entero lo sabe, fué el desencanto con que los hechos disiparon aquella funesta ilusion, confirmando lo que terminantemente habia Bismarck profetizado.

Y ahora, parécenos ya tiempo de poner término á este largo artículo, y al análisis del importantísimo discurso, su principal asunto; porque, si bien á la sazón y para los Alemanes interesante, su última parte, en que se trata del régimen económico de la Confederacion, y de los tributos con que á sus necesidades especiales habia de hacerse frente, en realidad ya hoy y para nosotros, no tiene el asunto interés inmediato.

Concluirémos, pues, por hoy, citando las últimas palabras por Bismarck en aquella ocasion pronunciadas, con todo el calor de una conviccion profunda, y del más ardiente patriotismo pronunciadas.

«Y por ahora, á lo que he dicho solo tengo que añadir, otra vez más, «mi invitacion constante: ¡Trabajad y aprisa, señores! Pongamos, por decirlo «así, á la Alemania á caballo, que una vez en la silla, ella cabalgará sola.»

Madrid, Mayo de 1875.

PATRICIO DE LA ESCOSURA.

# OS CEM POVOS DE LISBOA

(FOLHAS SOLTAS)

---

Ha em Lisboa cem povos differentes.

Um provinciano que cortar pelo Chiado n'uma noite bonita, das oito para as nove horas, fica convencido para sempre da onda de prazeres, da cheia de alegria que nos inunda.

—Está um paraíso! dirá. Está um paraíso, a cabeça d'este reino! Povo de janotas!

É a historia eterna d'aquelle inglez, que, por ver a uma janella uma mulher ruiva, concluiu que eram ruivas todas as mulheres d'aquella cidade.

Se houvesse passado pelo Terreiro do Paço á hora do render da guarda, diria:

—Povo de guerreiros!

E deante da barraca dos Dalós:

—Povo de arlequins!

E, a dois passos do famoso Chiado, pela rua das Gaveas, do Norte, dos Calafates, da Barroca, ruas escuras, esgroviadas, sujas, com as suas travessas tortuosas e os seus beccos de má nota:

—Povo de fadistas!

Não trataremos de ver bairro por bairro; apontaremos apenas ás vezes uma figura, duas feições, um typo, como se diz agora; e o prudente leitor reconstruirá d'essa figura, d'esse figurino, ou d'esse figurão, o grupo que elle representar.

Affastemos qualquer idéa de personalidade. Que ninguem tenha de

reconhecer-se n'estes traços. Lisboa é um theatrinho em que todos são actores, e em que todos são espectadores. Não passam, estes apontamentos ao correr da penna, de simplicies lembranças, que fixa na carteira um homem que gosta de ver e de ouvir.

Querer uma pessoa bem á sua terra, não é só estimar o sollo em que nasceu. O sollo é a patria material. A verdadeira patria são os costumes. Ora, os costumes de Lisboa, tantas vezes accusados, censurados, desdenhados, os costumes de Lisboa exactamente é que tem sido sempre o meu enlevo.

Cada um tem ás vezes pela sua terra uma paixão, e, quando vae a ver-se, a origem d'ella é extravagantissima. Já conheci um italiano que explicava nos seguintes termos um pouco embrulhados o amor que tinha ao seu paiz: «Avanti de morrer o mio padre, me fez pôr de genochi delante de suo letto. Il povero vechio no poteva piu dir una parola. Subito, prende una bota, e dá-me una pancada tanto forte supra la cabeça, que me ha fatto veder le estrelle. C'iera la sua benediction. Doppo il mi padre é morto. Sempre que ho pensato a questa pancada que me ha datto con la botta, ho cappito que la botta c'iera la Italia e che io doveva amarla e combattere per lei fine a la mia morte!»

A paixão que eu nutro e nutri sempre por Lisboa é uma especie d'isto, e deriva provavelmente de ella nunca ter dado por mim. Se esta terra a tantos respeitos importante tem cahido em me mandar estudar subsidiando-me: se tem tido a lembrança de me fazer socio correspondente da Academia: se me tem feito presente do habito de S. Thiago: estaria eu hoje um ingrato para com ella, e despresal-a-hia na proporção do que ella houvesse feito por mim, que lho não mereço. Mas considero-a, admiro-a, observo-a, não a perco de vista, porque lhe devo tudo! Devo-lhe o meu trabalho, a obscuridade da minha lucta, e o melhor do meu brio e da minha consciencia. Se não hei de morrer por ella!

Do mesmo modo que o prestigio das velhas dynastias se altera com as restaurações incompletas, assim as cidades perdem o character com os concertos e arranjos a que as sujeitam. Por pouco que recordêmos atrazados, que de voltas não tem levado tudo isto de ha trinta annos para cá!

Aqui vivia, mas sinceramente, abertamente, a mãe

## PACHORRA

Imagem luzitana, imagem classica por excellencia, de tão incontestavel formosura e grandeza para nós que não tem podido envelhecer de todo, e ainda parece ás vezes conservar a mocidade das coisas immortaes, de tal modo se prende aos nossos sentimentos, independente dos tempos, dos meios, da civilisação!

De tempos em tempos, pelas cartas do *Braz Tisana*, escriptas no Porto por José de Sousa Bandeira sobre informações que d'aqui lhe man-



davam, primeiro publicadas no *Periodico dos Pobres* e depois no jornal que tomou por titulo o pseudonimo do famoso folhetinista da cidade eterna, constava que a camara Municipal, depois de uma sessão renhida, ia dar mais dois candieiros á capital.

O correspondente porque ainda não estivessem em uso os chavões jornalisticos de:

«Parabens á illustre camara...

«Registrêmos este acto do festejado vereador...

Limitava-se a fazer a diligencia de que o leitor se compenetrasse bem de que, para o fim do anno, com o estabelecer a arithmetica que tinhamos mais dez candieiros, era o mesmo que dizer que estavamos dez vezes mais esclarecidos do que no anno antecedente.

Assim iamos constantemente creando novas luzes, o que não impedia que, no centro mesmo da cidade, qualquer das ruas de maior transito tivesse apenas no espaço de cem metros um candieirito que servia optimamente para fazer sobresair o horror dos sitios menos favorecidos.

Principiava então a moda, que ainda dura, de não se passar dia sem que os jornaes recebam certo numero de cartas em que diferentes leitores assíduos lhes revelam achar-se a rua tal n'um estado deploravel, nunca ser varrida a outra, esta precisar calçada, e aquella estar perigosissima. Enchiam columnas os jornaes com esta escripta gratuita, aproveitando com avidez esse benefico maná. O presidente de uma camara, ao entrar no exercicio d'aquellas funcções entre graves e recreativas, deu ordem para que se tomasse nota todos os dias nos diversos jornaes da capital, de tudo que tivesse relação com o municipio e com os serviços varios que estivessem debaixo da sua gerencia. No fim da semana, quando o digno presidente viu desfilar na sua presença, marginadas a lapis encarnado pelos seus empregados, as differentes reclamações, teve occasião de verificar que a opinião da imprensa é sempre respeitavel; e respeitou-a a ponto de não pensar mais em a consultar, para evitar que os agentes do municipio perdessem o seu tempo:— toda a cidade precisava concerto!...

Um pobre homem que se perdesse de noite por essas ruas barrancosas, ia aos tombos de abysmo em abysmo, escorregando no cascalho, esbarrando nos frades de pedra, caindo de ventas nos montes de calça.

De meia em meia hora encontrava-se um cadieiro, de luz indecisa e frouxa; só o que chegasse para uma pessoa conhecer que se havia enganado no caminho.

A ladroice hoje em Lisboa está sendo audaz. É um progresso que eu noto com estranheza, porque, proveniente de sermos um paiz pequeno, tudo entre nós vae de vagar menos isso, diga-se a verdade, menos isso; e folgo de poder dar desde já este testemunho de imparcialidade.

Já d'antes tinhamos bastantes ladrões, mas eram verdadeiramente o que se chama em linguagem jornalística «ladroeira frequente, porém pouco importante». Ladrões timidos, neophitos inexperientes, discipulos

de um professor que não podia mecher-se, o famoso coxo, que estacionava no Terreiro do Paço, á porta da Aula do Commercio.

Toda a gente conhecia esse coxo; todos os homens que teem hoje quarenta e tantos annos se lembram d'elle, ladravaz reformado, caixa dos furtos. Mandava os seus delegados para differentes pontos de consideração, para o Jardim da Alfandega, para o Tivoli, para os theatros da Rua dos Condes, de S. Carlos, do Salitre, para a porta das egrejas, e arrecadava depois paternalmente o fructo d'essas diligencias, de uma vez recompensando logo os gatunos, de outras encarregando-se laboriosamente da venda dos objectos e dividindo o producto com equidade.

Fazia bem a muita gente, e sabia dirigir todos com a prudencia de seus conselhos. Os gatunos de hoje vão para o governo civil, e, não contentes de fugirem de lá meia hora depois, levam dos quartos da policia alguma roupa que por lá apanham. Ha bem poucos dias ainda que fizeram isto mais uma vez. Se fosse no tempo d'elle, haveriam corrido as coisas de outro modo, e elle dir-lhes-ia conforme seu animo generoso lh'o dictava:

—Não convém, filhos, dar a perceber ao vulgo que a policia seja ainda mais tolla que prevaricada. D'ahi a concluirmos que ella é de todo ridicula, inutil e despresivel, iria um passo. Saibamos guardar as conveniencias!

Pela proximidade em que vivia das aulas, creára amor á sciencia; e conversava a miude com os estudantes, que lhe eram em geral afficcionados por seu modo jovial e pela liberalidade com que elle lhes emprestava seu pinto de vez em quando. Para inventar, por assim dizer, um freio que reprimisse no declive das extravagancias as paixões juvenis, accetava-lhes os livros em penhor: mas, para que não perdessem a sêde de saber deixava-os ler á tarde pelo compendio em refens a lição do dia immediato; guardava-o em seguida outra vez, e, de manhã, quando, no seu dizer, a memoria estava mais fresca, elle proprio encostando o livro á muleta e abrindo-o na devida folha seguia com a vista a lição que o estudante repetia e lh'a emendava em havendo erro:

—Vejam agora, dizia o Coxo, apontando como o ponto no theatro, o que resulta da expressão algebrica da tangente...

E o escolar já dizendo.

Era amigo da mocidade e sabia auxilial-a com idéas sãs:

—Quando os meninos forem deputados proponham uma lei que diga: Todo aquelle homem que pelo correccional fôr condemnado em mais de um anno de prisão e que no tempo em que estiver preso adquirir algum dos conhecimentos que passo a mencionar, verá diminuida a pena nas proporções que vou dizendo: Se aprender a ler, dar-se-lha baixa n'um mez de prisão; a escrever, outro mez de prisão; as quatro especies, outro mez de prisão; guitarra, canto e geometria, tres mezes de prisão... *Et cætera.*

Pessoa a quem nas ruas houvessem roubado a bolsa ou o relógio, ia procurar o Coxo; um ou outro, por conhecer menos os costumes diri-



gia-se primeiro á policia, o que não tinha inconveniente senão o de uma pequena demora, porque iam em seguida consultar o Coxo a policia e elles.

A segurança dos predios e garantia dos moradores eram os sapateiros de escada.

O sapateiro de escada, typo essencialmente, completamente portuguez, foi por muitos annos a providencia dos inquilinos e o confidente dos namorados. O namoro ha trinta annos tinha attingido em Lisboa proporções vastissimas; o sapateiro de escada não era um simples mensageiro de amor, era o espirito moderador entre a paixão e a dignidade: protegia Leandro, mas zelava os direitos da authoridade e a virtude do lar; incumbia-se de levar e trazer as cartas, mas lia-as primeiro, em parte por entretenimento, em parte por moralidade, e, sendo preciso, dava-as tambem a ler aos paes. Era o homem de confiança da escada. Pagava aos boleeiros o aluguel da traquitana, indo elle mesmo chamar a sege á praça e recebendo d'elles uma percentagem, á maneira do que faz a Sapa, em Cintra, aos cocheiros que preferem a sua casa a outra; espreitava os criados nas compras que faziam, discutia com elles, sendo preciso, o excesso dos roes, dava informações dos inquilinos, ajuisando dos seus haveres pelo que cada um comia na sua casa; tomava com desconto rasoavel os patacos falsos; sentava-se de noite á porta cantando em ar de bebedo, para não lhe escapar coisa alguma do que se passava na vizinhança, e acceitava uma de seis, que é como se dizia d'antes seis vintens, por qualquer pesquisa ou devassa, com a dignidade de um banqueiro ao receber o juro de uma transacção. A lembrança d'esse funcionario parece recordar-nos a patria ausente.

Em casa que não tivesse este guarda amigo, estava-se sempre em cuidados de não deixar aberta a porta da rua. Os ladrões, ainda pittorescos, entravam então pela janella. Um dos homens mais engraçados d'essa época, vivo ainda hoje, o sr. Domingos Ardisson, sabendo que era esse o costume d'elles, não se deu ao incommodo de fechar a janella do seu quarto n'uma noite de verão. Unicamente por precaução de scenario, poz um par de pistollas á cabeceira. Pelas tres horas da noite, o ladrão appareceu, espreitou, e entrou. Logo que o viu agradavelmente entretido a abrir uma gaveta, o sr. Ardisson sentou-se na cama, apontou-lhe uma pistolla, e, com serenidade:

— Ponha para ahi o que traz consigo! lhe disse.

O ladrão queria ajoelhar.

— Nada de attitudes. Quanto traz consigo? Conserve-se de pé...

— Senhor...

— Conserve-se de pé, e responda!

— Desoito tostões, senhor!

— Deixe-os vêr.

— Que os deixe vêr!? Para que?

— Para os pôr ahi quietinhos. Quer antes um tiro?

Gesto negativo.



— Venham os desoito tostões!

O ladrão, com ar mortificado, despejou o bolso e ia de novo saltar pela janella, quando, por attender aos preceitos da hospitalidade, o sr. Ardisson lhe offereceu um phosphoro.

— Um phosphoro?!

— Para descer a escada!

E convidou-o gentilmente a sair pela porta, assegurando-lhe sob palavra de honra, que por igual preço poderia voltar quando lhe approuvesse.

Succediam a cada instante os casos mais chistosos promovidos pela larapice, e fazendo ella má figura, ao contrario de hoje, que, animada pela gloria que lhe reverte de rir da perspicacia dos Antunes, tem quasi sempre o melhor papel nas Illiadas que empreende. De uma occasião, por exemplo, entrou com uma chave falsa n'um terceiro andar, ao Soccorro, um gatuno.

Fechou a porta, visitou os moveis em que havia chave, explorou os cantos á casa, e, não achando dinheiro nem coisa que o valesse, tratou de se vestir dos pés até á cabeça, á custa d'aquelle morador.

Escolheu calça, sobrecasaca, collete, um chapéo alto, e umas botas de polimento, que era até um calçado de que elle sempre gostára e nunca tinha tido. Depois, foi-se á commoda, que estava cheia de roupa, escolheu uma camisa fina, abriu-a e estendeu-a sobre a cama.

Feitos estes preparativos, despiu-se.

Na occasião em que ia mudar de roupa, ouviu bulha na escada. Apurou o ouvido. Os passos vinham a chegar-se. Paráram á porta...

— Oh! Com a bréca! murmurou elle.

Metteram a chave na fechadura...

E elle, zás, acocorou-se e sumiu-se para baixo da cama.

Aberta a porta, entrou quem quer que era.

O ladrão, coitado, não podia ver-lhe senão os pés e um pedaço das pernas, girando, de um lado para o outro, com pressa, com muita pressa... E elle tudo era acochar-se, sem bulir, a tremer do que iria sair d'aquelle caso.

Nem talvez cinco minutos fossem passados, quando o recém-chegado se dirigiu para a porta e foi pela escada abaixo.

O malfetor saiu da tocca.

— Apre! disse elle. Saffa! Apanhei um susto! Mas...

A camisa já não estava em cima da cama! e o fato que havia tirado das gavetas tambem tinha desaparecido!

— Que pena! balbuciou elle. Por um boccadinho!

Redusido a ir outra vez buscar a sua propria fatiota, chegou-se aos pés da cama onde a deixára, e poderá calcular-se o pasmo em que ficou quando a não viu.

— Que é do fato? dizia elle. Que é do meu fato!

E, por cumulo de desgraça, as gavetas da commoda estavam vazias, o a roupa desaparecera.

O individuo que o ladrão cuidára ser o dono da casa, era nem mais nem menos do que outro ladrão, que fizera a sua trouxa e se puzera a andar.

A reflexão é uma coisa optima, mas leva tempo, e enquanto elle estava a meditar sobre qual seria a melhor maneira de se tirar dos apuros em que se via, veio o homem que morava n'aquella casa, e, pela desordem em que ali estava tudo, percebeu que era victima de um roubo, como diz o povo, *de fresco*, por isso que não estivera fóra de casa mais de meia hora.

Ao entrar n'uma saleta, deu de cara com o *quidam* em completo estado de nudez, acanhado e perplexo.

Sem poder atinar com a explicação de um caso de tanta maneira celebre, intimou-o a que o accompanhasse á casa da guarda, e deu-lhe um cobertor para se embrulhar.

No patamar, quando já iam a sair, disse-lhe o ladrão:

— Ó meu senhor?

— Que é?

— Onde é que vamos?

— Á estação proxima.

— Para fazer o que? Para Vossa Senhoria me deixar preso?! Isso é o resultado de não fazer reparo n'uma coisa, e é a seguinte:— que eu é que fui roubado! O que lucra em me fazer mal? Não lucra nada. Nem a policia poderá occupar-se d'este negocio, porque não tem tempo!

— Não tem tempo... Sim, isso, tambem, é verdade!

E tudo estava dito.

Não ter tempo!— Queria ler isto, queria escrever aquillo, vêr esta pessoa, desempenhar aquelle dever, mas não tem tempo, não tenho tempo, não ha tempo... De quantas locuções banaes, de todas as palavras que o rio das conversações de cada dia revolve no seu curso, não ha outras que saiam em Lisboa ainda hoje com mais frequencia do que estas:

Não ter tempo!

E o caso é que o tempo falta, falta porque não descemos a querer aproveitá-lo. Temos tempo,—temol-o á farta—mas recreamo-nos em dar cabo d'elle como se tivéssemos a eternidade ás nossas ordens. Fogem com a rapidez dos relampagos os dias, os mezes, os annos: vem cada passo chegando-nos mais ao termo da vida, mas não trememos! O que vae, vae. Roma não se fez n'um dia. A mandrice é uma prenda, n'um povo que sabe conservar como documento das descobertas e expedições antigas este resto de soberania a que se chama—não fazer nada. Por isso olhamos com desdem para o gallego, esse bruto vil que trabalha!

E o mais é que de 1836 a 1850 a policia em Lisboa não tinha effctivamente tempo senão para andar na piugada das conspirações. Toda a gente conspirava. Não se fazia mais nada, não se tratava de outra coisa. As revoluções succediam-se, quasi sem intervallo. Ninguem se entendia,

ninguem já sabia o que queria; havia a febre de conspirar, de mudar, de alterar, de desbancar: caprichava-se em que Portugal deixasse de ser mudo; reinava um appetite invencível de revolver tudo. Já não havia portuguezes, já não havia liberaes, havia patulêas, setembristas, cartistas, cabralistas...

*Ma dottore, una parola...*

*Che parola!* Não havia tempo! Era preciso conspirar, fundar sociedades secrêtas, escolher um grão-mestre iniciador, fazer discursos incendiarios, planos terrificos:

— Põe ahí a mão na chamma; põe a mão na chamma; põe a mão, faze o que te digo: para te lavares de toda a iniquidade. Põe-a agora a n'este papel, e a outra mão no coração, e jura para ahí: jura que has de trabalhar com todas as tuas forças para que se propaguem os nossos principios, os principios do nosso partido... Jura que matas o Costa Cabral, se fôr preciso?

— Juro.

— Jura tres vezes!

— Juro, juro, juro.

— Jura que has de matar a rainha, em sendo necessario...

— Juro, juro, juro!

— Resignas-te á morte, tu proprio, só para que triumphem as nossas idéas e possámos abater o José dos Conegos e mais o...

— Resigno.

— E levas em gosto que te queimem o coração, que t'o façam em torresmos, e deitem ao vento as cinzas, no caso de nos atraíçoares...

— Palavra!

— E se algum de nós revelar estes segredos, vaes-te a elle e mata-o?

— Mato.

Mettia medo!

As eleições n'esse tempo eram medonhas. Substituia-se a vontade tyrannica, o capricho despotico, á liberdade dos cidadãos. Não se dirigiam as votações, forçavam-se. Não se esclarecia o espirito que devera encaminhar a mão; não se indicava a escolha, as razões de se dever fazer: ia-se de pistolla aos peitos, de varapau, de *casse-tete* — estavam muito em moda — fazia-se desordens nas igrejas, forçavam-se as urnas, atropellava-se tudo, e triumphava-se gentilmente pela força e pelo terror. Contava qualquer como caso corrente o systema engenhoso e galante que adoptára para a sua freguezia: escondia-se na igreja, deixava sair toda a gente e fecharem-se as portas, ia-se ás urnas, tirava as listas, e, de manhã, quando o sacristão entrava, fazia-lhe presente de uma bofetada que lhe vendava os olhos, e por aproveitar esse ensejo de se pôr ao fresco.

Nunca mais Lisboa, desde então, verdadeiramente conspirou. Querem ainda, de tempos a tempos, figurar isso, mas, como nos pequenos thea-



tros, não temos companhia, e são os proprios actores uns relles comparsas, que se apressam em estragar a peça antes d'ella subir á scena. Diz então a gente por ahí aos conspiradores, quando os encontra:

—Então vocemecê anda conspirando?

E elles, com modestia:

—Ora, não é tanto assim!

—Já cá se sabe tudo...

Elles com uma anciedade importante:

—Sério!?

Nós, para os enganarmos:

—Foi graça.

Elles, com despeito:

—Não, o meu amigo que o diz, alguma coisa sabe...

—Não sei!

—Palavra de honra?

—Palavra de honra.

—Ah! então, eu lhe conto...

E conta-nos a conspiração.

Pelas ultimas sarafuscas que houve, temerosas pelo prologo, como as velhas peças do Salitre, estava eu em casa quando veio dizer-me um d'estes amigos que andam mais bem informados:

—Pois tu ainda aqui estás?! Arranja-te, vamos, avia-te; ha barulho!

—Ha barulho? Porque?

—Isso depois! Arranja-te! Despacha.

—Aonde é o barulho?

—Ha de ser logo, ali pelo Rocio... No Martinho é que se sabe! Isso sabe-se sempre no Martinho!...

Vesti-me á pressa: larguei a correr como um gaiato de caixas de assucar—não deixemos cair em desuso esta locução nacional,—até ao sitio indicado: era ainda cedo; encontrei tudo socegado.

—Não me deixaste jantar, amigo meu!

—Não tem duvida. Vamos á rua do Príncipe, ao biffe.

—Pois sim. Mesmo para fazer horas é conveniente, e se a policia nos vir estar a comer não desconfiará de que eu esteja ao facto do que tu me informaste, mercê de andares sempre em dia com estas coisas.

—Calluda.

Jantei ao lado de um sujeito. que se entretinha solitariamente com um bifesito velhote: a modo de biffe da vespera; biffe reaccionario; como que um symptoma politico!... Diacho! Comi á pressa, ancioso de ir para o fóco.

—Vamos para o fóco?

—Vamos.

Conversações animadas; magotes fuscas: segredos ao ouvido uns dos outros; alguns apertos de mão. Lobriguei no Suisso gente a tomar café, militares sentados fraternalmente em bancos, jogando o xadrez e fumando... Foi-me grato vêr esses bravos, n'uma tal hora, descansarem paci-

ficamente de sua activa vigilancia; a dois passos d'elles, mais militares: depois um grupo, depois outro, e uma infinidade d'elles; e ahi entrou nm capitão, de grandes bigodes, disse adeus a um e a outro, foi desarmar-se a um canto e bebeu depois genebra, a uma mesa onde estavam tambem dois furrieis. Não fallou com elles, mas não desdenhou estar ao seu lado, e aquelle comportamento democratico teve logo para mim uma alta significação politica.

Veiu um que é da policia sentar-se á mesma mesa em que estavamos, e não tirou os olhos de nós. Eu, por disfarce, disse ao meu amigo:

— Queres tu jogar o dominó?

Mas o policia tudo era olhar-nos fixamente:

O meu amigo resolutamente respondeu-me:

— Não!

O da policia disse-me:

— Se me acceita para parceiro, aqui estou.

— Com muito gosto! respondi, estonteado já pela ebridade revolucionaria. Joguemos!

Veiu dominó.

— Jogamos a copos de genebra? perguntou-me o da policia.

— A cognac.

— Venha Cognac!

— Do fino! gritou o creado n'um tom, que parecia assoviar uma ironia ao systêma que nos rege.

Uns que estavam á entrada, disseram entre si olhando para a nossa mesa:

— Aquelles são da obra! Lá está já a policia com elles.

Formaram-se grupos a observar-nos.

Vieram mais beleguins para a porta.

Jogámos alguns copinhos, e a policia foi quem perdeu, ou antes, quem perdeu foram os fundos secretos.

Entretanto, desde aquella hora, ficámos compromettidos.

— Vamos ao Martinho? disse eu ao meu amigo.

— Vamos lá! disse o outro.

E fomos.

Á excepção de dois rapasitos, que estavam ali aprendendo a beber sem ter sede, não estava lá mais ninguem do que nós — de policia atraz.

— Diga-me cá uma coisa, perguntei ao moço, aqui nunca vem mais gente?

— Dás oito ás nove, o poder do mundo. Antes, e depois, ninguem.

— É boa! Vamos ao Rocio, sem demora!

Fomos ao Rocio. Lá estavam alguns passeiando, outros como que a desfiarem idylls, sentados nos seus banquinhos, de costas voltadas para o fundador da liberdade, verdadeira attitude de disfarce para revolucionaries que lutem contra a influencia do governo, entretendo ali os seus conciliabulos até soar a hora gloriosa... Como vissemos o homem da bi-lha pedimos-lhe um copo de agua, e bebêmol-a, perdidos na conspiração

e na noite. Depois, fizemos meia volta á direita e dirigimo-nos para nossas casas. O pianista das *Figuras de cera* commovido da situação em que nos via, mimoseou-nos de longe com o que quer que fosse de Offenbach...

—A coisa está feia! dissemos em casa, ao recolher.

A cidade, antigamente, auxiliava pela sua escuridão, a boa *mise-en-scène* d'estas farças. Agora na luz de mais para tão pouco assumpto. Era tudo quedo, tudo soturno, e morto. Apenas o pregão de algum aguadeiro, aqui ou ali, roncando lugubrememente:

—Au.

As lojas maçônicas trabalhavam com ancia desde as Ave-Marias, em successivas iniciações, e as sociedades politicas limpavam os neophitos de toda a iniquidade, obrigando-os a juramentos gravissimos, para que ajudassem a dar cabo de todos os tramas no mais breve espaço de tempo. Passava-se, porém, tudo em sessões, e nunca essas paixões exaltadas fizeram outro mal que não fosse o de moer a paciência de quem ouvia os discursos que ellas inspiravam.

Em se saindo do Chiado e da baixa, ainda hoje, muda logo o aspecto da população; a cidade parece outra; ruas velhas, ruas toscas, que offerecem mediocre interesse aos archeologos e parecem ter sido edificadas em plano de labyrintho para que uma pessoa inexperiente com difficuldade encontre saída... Cidade de provincia. Sem cerimonia. Cordas á janella com roupa a seccar. Gallinhas á porta; rebanhos de rapasitos a brincar nas escadas, accorados nos degraus aos cinco e aos seis, o mais veloz com o mais novo ás costas...

Á hora do largar da agulha falla-se de janella para janella. O facto de ser visinho auctorisa a travar conhecimento. Pede-se um ramo de salsa, um fio de azeite... Ao cair da noite fecha-se toda a gente nos differentes andares do predio, como objectos que se arrecadam nas gavetas de uma commoda. Tem-se horror ao movimento. Ninguem por ali suspeita que a actividade, a distracção, possam agradar tanto ás creaturas que até a rasão se recuse, por algum modo a admittir que haja uma felicidade immovel e sempre igual por mais completa que seja,—doctrina que não deve parecer opposta ao sentimento religioso que governa as creaturas, porque a contradição é só na apparencia, visto não estar ainda determinado que jubilos nos sejam promettidos para depois de morrermos, não haver motivo para que se nos affiguem com a perspectiva de um descanso estagnado!

JULIO CESAR MACHADO.



---

# CHRONICAS—REVISTAS

---

## AMÉRICA

---

Los periódicos de Buenos Aires han publicado recientemente una comunicacion enviada por el ex-Presidente de la República, Sr. Sarmiento, al coronel Ivanwoski en los últimos dias que estuvo desempeñando la suprema magistratura y cuando la sublevacion militar de Mitre y Arredondo estaba en su apogeo. Por su forma parece privada la comunicacion; pero esta circunstancia no disminuye su gravedad, antes la aumenta, pues los excesos son peores cuando se preparan en el misterio de la confidencia, que tiene algo de la oscuridad de la alevosia.

El Presidente Sarmiento encargó, como es sabido, al coronel Ivanwoski de reprimir la sublevacion militar que principiaba entonces; y en el documento que ahora ha visto la luz pública, le daba los consejos é instrucciones que le parecieron apropiados para llevar á cabo la difícil é interesante empresa; así como en los antiguos tiempos los padres cariñosos daban con la bendicion los consejos de su experiencia al hijo inexperto que salia á correr aventuras peligrosas en aquella sociedad batalladora y sanguinaria.

El Presidente Sarmiento, enumera al coronel Ivanwoski los enemigos á quienes debe combatir y desde luego le comunica su voluntad ineluctablemente en estos términos: «El objeto, pues, de esta es prevenirle que quiero que se haga ejemplar, ejemplarísima justicia y rápida como el rayo. La ordenanza militar no admite atenuacion: todos morirán ahorcados cualquiera que sea su número; pido, pues, consejo de guerra sobre el tambor, la pena capital para todos los gefes y oficiales del motin.» Nombra á los

que han de ser condenados á la última pena; dispone como han de formarse los consejos y previene hasta las circunstancias más insignificantes de las sentencias y el modo de ejecucion.

No es en verdad lo más grave de este documento la ira que de él se exhala, ni la inclemencia en que está empapado, que al fin estas son pasiones individuales que no son tan raras como para asombrarnos; lo que ciertamente escandaliza es el hecho de que el primer magistrado de la República imponga su voluntad á los poderes judiciales, que deben ser independientes y juzgar sin pasion, y más cuando se trata del sagrado derecho de la vida. Semejante ingerencia, si por acaso es usual en aquellos paises, dá una idea desfavorable de la índole de sus poderes públicos. En verdad que los rebeldes cometian un crimen enorme, así por turbar el sosiego de la nacion, como por querer sobreponerse á la soberanía popular expresada por medio del sufragio; cierto es tambien que el Poder Ejecutivo tenia la obligacion de combatir á los revoltosos, reducirlos á la obediencia y restablecer el orden; pero á esto meramente debieron reducirse las instrucciones que comunicara á sus subordinados; medidas de guerra, modos de combatir, planes de pacificacion y nada más; que así que los rebeldes quedaran vencidos, si por los lances de la lucha caian en manos de las fuerzas leales, tocaba á los diversos organismos del poder judicial el triste encargo de administrar justicia, sin la ilegal presion de la cólera del Presidente.

Ahora se explica el trágico fin del coronel Ivanwoski que tuvo la desgracia de caer en manos de Arredondo. Las instrucciones que llevaba eran como para producir una catástrofe, solo que los términos se cambiaron. La ira engendra á la ira y el pensamiento de una crueldad es causa de actos crueles: fatal contacto de males que se producen; así la llama engendra á la llama y convierte cuanto toca en fuego, tambien activo y devorador.

\* \*

Una prueba de que el Gobierno actual de la República argentina es fuerte, está en el hecho de haber concedido amnistia á los que tomaron parte en la última sublevacion militar. Los castigos que se imponen por los que se llaman delitos politicos no son más que una defensa de los poderes para conservarse, y por lo tanto se miden por la necesidad: si es débil el poder necesita el arma de los castigos: pero cuando es poderoso bástale la fuerza de la opinion y el prestigio del derecho. Los condenados por rebellion Mitre, Charras, Gonzalez y Vidal han sido puestos en libertad: Rivas, Murga y Ocampo desterrados en conmutacion. Esta diferencia y más aún la que hay por el hecho de continuar en prision el coronel Machado y algun otro, es inexplicable y acusa de iniquidad. Ciertamente no sabemos los grados de culpa de cada uno de los rebeldes; pero se nos ocurre que si el principal es perdonado ninguno debe seguir padeciendo, con más motivo cuando la generosidad es un sentimiento que se malea con las salvedades y restricciones. Así se dá ocasion á que la

maledicencia hable solapadamente de que por algo se ha perdonado á los unos y no á los otros y este algo se convierte en lo que cada cual inventa siempre en daño del poder.

Hay la particularidad de haberse otorgado la amnistía el 23 de mayo, aniversario de la independencia, con motivo de la cual hubo los festejos acostumbrados. En efecto, en igual día de 1810, mientras en la península peleaban los españoles con el primer Bonaparte, se inició en el Plata el movimiento de insurrección contra la metrópoli.

Muchos pueblos conservan todavía no solo en América sino también en Europa la costumbre de celebrar con regocijos públicos ciertos días memorables: ejemplo el dos de Mayo en Madrid, aniversario del principio de la lucha con los franceses de Napoleón I. Estas memorias más que á mantener vivo el sentimiento de libertad sirven para conservar los ardientes antagonismos de los pueblos. A nadie hay que decir que es preciosa la independencia para que la estime en lo que vale; pero, casi todos, necesitan que no se presenten á sus ojos preocupaciones de antagonismos que deben desaparecer en el estado actual de la civilización. Jamás las tiranías han sido obra de las naciones, sino desdicha de los tiempos, resultado de las circunstancias, conjunción de incidentes que no se repiten.

¡Para qué se ha de decir todos los años á los españoles que un día se portaron como buenos peleando contra un conquistador! No necesitaron en verdad de este estímulo el 2 de Mayo de 1808 y si por desgracia sobreviniera alguna vez peligro semejante en el porvenir el esfuerzo sería proporcionado á la entereza de la nación en aquel día y no á los impulsos anticipados que se evaporan como todas las vanidades. No cuenta mucho en su entereza quien necesita buscar alientos en la memoria y recordar agravios para defender su libertad.



Nada se sabe acerca del estado de las negociaciones pendientes con el Brasil sobre la cuestión del Paraguay, porque es de todo rigor que guarde reserva la diplomacia. A beneficio del misterio circulan las versiones más contradictorias: quien dice que las desavenencias están transigidas mediante la concesión de ciertos territorios á la República Argentina y quien que no hay amistosa solución posible. Algun periódico se ha hecho órgano de las soluciones pacíficas y aun nombra las tierras que ofrecen el Paraguay y el Brasil; pero lo cierto es que nada se sabe y que no es síntoma tranquilizador el haberse presentado en el Plata algún buque de guerra brasileiro con achaque de hacer maniobras y evoluciones y el continuar á toda prisa el armamento de la isla de Martín Gracia.

En conjunto, el estado de los negocios en la República argentina no es del todo desagradable, así en cuanto al orden material, como respecto á la situación financiera; aunque se encuentra muy lejos del apacible y abundante que existía no hace mucho tiempo.





El correo trae ya algunas noticias referentes á la insurreccion en el Uruguay, de que tan lacónicamente habia hablado el telégrafo. No es tan grave en sí como pudo suponerse; pero tal es el estado de los negocios en aquel país que no hay complicacion que sea insignificante. Hasta ahora el movimiento ha sido en los campos y tiene alguna consistencia en los departamentos de Minas y Maldonado.

El Gobierno persiste para detener la insurreccion en medios rigurosos, con los cuales lo que consigue es fomentarla. No contento con haber extrañado á sus enemigos, parece que recurre tambien á confiscarle los bienes, castigo bárbaro de otras épocas, que si es ineficaz en casos de delito comun, es contraproducente en los delitos políticos. Andando el tiempo, en los vuelcos de la fortuna, caerán más tarde ó más temprano en el poder los proscriptos y entonces viene el desquite no solamente de venganza, sino tambien de perjuicios é indemnizaciones. Todo cuanto ahora se torae á los caidos le será devuelto en su dia y con creces; de modo que en definitiva el tesoro público será quien pague todos los perjuicios, y el tesoro público es precisamente el trabajador pobre, el activo industrial, que no saben una palabra de política, pero que la pagan sin darse cuenta.

Los directores de la sublevacion residen segun parece en Buenos Aires y forman una junta revolucionaria. Algunos están en el mismo Montevideo ocultos en los domicilios inviolables de ciertos agentes diplomáticos, lo cual ha dado motivo á alguna demanda confidencial del ministro de negocios extranjeros. Hé aqui el principio de una controversia sobre un punto de derecho internacional que se parece, aunque bajo otro punto de vista, al que se ha tratado recientemente entre Bélgica y Alemania. Hasta qué punto se puede mezclar el Gobierno de un país en los asuntos interiores de otro si estos influyen de alguna manera en los suyos particulares y hasta qué punto tambien el domicilio del representante de una nacion está fuera del alcance de las leyes del país donde se encuentra, son cuestiones que se resolverán una y otra vez por la razon de más fuerte, pero que permanecerán reservadas tambien para más adelante. Un católico belga escribe á un arzobispo brindándose como ejecutor de la divina venganza á asesinar á Bismarck, sin duda para ganar el cielo. El diplomático príncipe, que tantos pobres ha asesinado segadamente con sus hábiles combinaciones, lleva á mal la oferta fervorosa del católico y dice al Gobierno de Bélgica que lo castigue para que no prosiga por aquella senda de salvacion. A primera vista parece que la demanda es natural y aun algo justa; pero cuando se la mira despacio se distingue de seguida que encierra el plan de ingerirse en los asuntos interiores de un Estado independiente y que es caso de dignidad nacional proteger al buen católico en sus místicas combinaciones.

De la misma manera no parece bien á primera vista que en la casa de un agente diplomático se esconda un conspirador, que traiga re-

vuelto el país impunemente; pero cuando de resultados del hecho se atraviesan observaciones y llega el Gobierno á pedir que el agente diplomático se prive del agasajado huésped, la cuestión varia de carácter y toma de seguida el de dignidad nacional, y en este sentido no hay manera de ceder, á menos de quedar el representante y su país en mal lugar delante de las naciones.

Al cabo la cuestión entre Alemania y Bélgica ha llegado á transigirse porque el ministro del Emperador Guillermo es poderoso y los poderosos suelen tener siempre razón; pero no sabemos el fin que puede tener la del gobierno del Uruguay con el representante del Brasil en Montevideo, si obedece á la misma influencia del prestigio y del poder.

\* \* \*

De mal en peor caminan los asuntos financieros en el Uruguay; los bancos se liquidan, pero no pagan; se entorpecen las transacciones mercantiles de todas clases y así mismo el trabajo; el papel descende á pesar de su curso obligatorio, y hay un pánico que extrema los males llevándolos más allá todavía de su punto natural. La conspiración permanente de los enemigos del Gobierno, las revueltas en las provincias y la probabilidad de que el día menos pensado estallen en la misma capital de la República aumentan el desconcierto y la desconfianza.

El Gobierno por su parte no vé el mal donde se encuentra, sino en pormenores que son un resultado más bien que una causa de la situación. Sucede que los valores públicos y particulares descienden en la Bolsa y tratando de corregir el daño, observa que personas desconocidas y sin responsabilidad han hecho operaciones considerables, que después no han podido cumplir; observa asimismo que esta ingerencia de negociantes insolventes se ha facilitado por la mediación de corredores también sin responsabilidad, porque cualquiera ha tenido hasta ahora el derecho de intervenir como agente en las especulaciones bursátiles; y en virtud de sus observaciones deduce que estas circunstancias son precisamente las que llevan el desorden á los negocios y causan el descrédito de los valores públicos y particulares. No repara que en todo tiempo los aventureros han tenido voluntad de ingerirse en esta clase de especulaciones, pero que no lo han podido hacer, porque la tranquilidad permitía conocerlos y rechazarlos; así como también siempre ha podido cualquiera ser agente intermediario de las negociaciones, y los especuladores de buena fé han podido, á beneficio de la normalidad de la situación, distinguir convenientemente los buenos entre los malos, y admitir no más que á los que le inspiraban confianza. Nada de esto ha reparado el Gobierno y por consecuencia ha creído que el desorden y la depreciación de los fondos y el pánico y las quiebras eran resultado de que negociaban agentes y especuladores de mala fé, cuando en realidad el hecho de negociar esta clase de gentes es resultado del desorden, del pánico, de las quiebras. Confundiendo el motivo con el resultado, la causa con el efecto,

ha creído remediar los males con algunas medidas de fiscalización que nada bueno han de producir, como no cambie el estado general de los negocios, y que serán perjudiciales el día en que estos se regularicen. En su consecuencia ha mandado que no haya en la Bolsa más que treinta corredores, de nombramiento oficial, y que persona ninguna pueda intervenir con tal carácter en las negociaciones; ha dispuesto que se lleve un registro de todas estas en el que se suscriban los nombres de uno y otro negociante; que no se haga operación alguna á plazo; y finalmente, con el objeto de dificultar las transacciones y disminuir su número, las ha cargado con la contribución de veinte y cinco céntimos por cada peso que en ellas figure.

Repetimos que nada conseguirá el Gobierno con las medidas que ha adoptado, porque el mal se encuentra en otra parte; más bien en lo sucesivo se afirmará con ellas el monopolio, y el mercado de papel quedará en pocas manos. Todas las restricciones, las más escrupulosas vigilancias fiscales no sirven en determinadas materias para impedir que opere el negociante de mala fé; pero en cambio dificultan que muchos honrados hagan operaciones y vienen á dar por resultado el monopolio. Por otra parte, no acertamos á comprender como habiendo en el mercado de Montevideo una exhuberancia de papel circulante, puede afirmarse su valor poniéndose obstáculos á las transacciones.

\* \* \*

Noticias telegráficas del Paraguay llegadas á Montevideo dicen que no es buena la situación de aquella República.

La determinación que había tomado el Gobierno de estancar el tabaco encontraba una gran resistencia de parte del comercio. La medida fué inconveniente hasta en las circunstancias, porque no daba espacio á los especuladores para finalizar sus negocios en un plazo dado, sino que desde luego el Estado se apoderaba de las existencias ofreciendo abonar su importe. Ya se sabe como suelen cumplir los Gobiernos sus ofertas de pago.

Por otra parte, la desusada determinación de romper de improviso el curso de los negocios particulares, que tantas ramificaciones tienen, la necesidad de dar valor á una mercancía en momento determinado y siendo una de las partes el Poder Supremo, tenía que ocasionar necesariamente un sinnúmero de injusticias y de violencias que empeorarán una determinación de suyo perjudicial.

Ha sucedido, pues, que los comerciantes se han negado á entregar su mercancía, que el Gobierno ha acudido á la fuerza de su autoridad para tomarla; y como allí se conservan todavía algo las prácticas que implantó el dictador Lopez, la fuerza de la autoridad del Gobierno está en el palo principalmente y los apremios consisten en bárbaros azotes y crueles tratamientos.

El papel moneda recientemente emitido es rechazado en todas par-



tes á pesar de ser forzosa su circulacion al tenor de la ley, y esto viene á aumentar mucho las dificultades económicas.

Agréguese para completar el cuadro que presenta el Paraguay el levantamiento de fuerzas contra el Gobierno, que recorren los campos y que casi dominan en las Misiones y en Villa Encarnacion.

El Gobierno en tanto está dominado por la influencia del Brasil y disgusta á los patriotas. Si hiciera una política independiente y verdaderamente liberal otro podria ser el destino de aquellas privilegiadas regiones que han padecido tanto, primero con la salvaje dictadura heredada de los jesuitas y despues con la porfiada guerra que tuvo que sostener contra el Brasil y las Repúblicas del Plata.

R. DE CALA.

## PORTUGAL E BRAZIL

Os tempos actuaes são como que um outomno funebre. Seccas se vão successivamente mirrando, com a vegetação frondosa das idéas que iniciaram o seculo XIX, as arvores dia a dia derrubadas pela fatalidade da morte. Raream as fileiras dos antigos, e a custo se descortina o rebentar da vegetação nova. Andam vagos os thronos do espirito, e dir-se-ia que o genio latino, o impio destruidor das aristocracias, as venceu definitivamente. Cabemos todos na craveira de uma mediocridade que o futuro dirá se é dourada. Vão-se a um tempo os perspicazes reveladores da terra ignota do espirito, e os audazes obreiros da acção; pensadores e revolucionarios, philosophos e tribunos, legisladores e homens d'Estado, descem braço a braço ao tumulto: felizes d'aquelles que viveram!

A chronica adquire n'estes tempos a feição de um incessante obituario; hontem registravamos a morte do duque de Loulé, hoje temos a registrar a de Castilho. A morte do poeta não é méramente um acontecimento litterario, porque a sua vida accentuou na da nossa sociedade uma feição que nem por fugitiva, deixou de ser original.

Litterato por temperamento e educação, Castilho no tempo em que se entregou ás cogitações sociaes, retratou de um modo indelevel e fixou, para a observação dos futuros criticos, um aspecto da moderna vida portugueza. Essa epoca da sua actividade é como que uma formula viva do *politico litterato*; esse typo, que se repete diariamente, desde a revolução liberal, com uma insistencia tão permanente, que é de crer será o verdadeiro e definitivo typo para o futuro, quando olhar para a nossa vida contemporanea.

O litterato é uma pessoa perfeitamente *nova*. Sac naturalmente dos nossos costumes actuaes; e era incompativel com a rudeza séria, com o positivismo pratico, com o ardor crente, com o saber forte de nos-

sos avós. Vive n'esta atmospha superficial e movediça; exterior ás cousas apezar de as involver; extensa mas pouco intensa; n'esta sociedade que tudo agita, discute todas as cousas, presentindo-as apenas, mas sem as perceber; n'esta sociedade ávida de *phrases*, e que facilmente prefere as banalidades sonoras aos raciocinios e aos argumentos. O litterato é, assim, uma phisionomia indecisa, mal accentuada moralmente. As contradicções do caracter provém do meio desconjuntado e vacillante em que se vive; e se addiccionarmos ao caracter dubio, a intelligencia viva, a razão adormecida e vasio o thesouro do saber, teremos um esboço das phisionomias que a condição das cousas colloca á frente dos destinos da nação.

Os dotes litterarios, bem fallar, escrever facil e airoso ou quente, destreza de intelligencia, habilidade para bem compor versos; ou para alinhar períodos, são condição indispensavel do homem publico, jornalista, legislador ou ministro, n'estas terras de tagarellas e n'este systema onde a rethorica é a base das instituições. A mediania de cultura intellectual, combinada com uma certa vastidão de conhecimentos geraes, tão geraes como superficiaes e exteriores, fazem o litterato e o politico, personagens que sómente expiam estes defeitos quando pôdem alliar a isto algum calor de sentimento, alguma boa ambição, embora cega, algum enthusiasmo que os torne sympathicos.

Essa sympathia que provém d'essas qualidades, como que infantis, eis ahi o que em nós acordam as tentativas sociaes e politicas de Castilho, o litterato por excellencia. Tão phantasiosas, eram porém as suas idéas politicas que ninguem jámais poudé tomal-as a sério, a começar pelos proprios seus discipulos em litteratura, que ao passarem para a scena publica tinham já perdido a infantilidade ingenua propria do mestre.

Não é este o lugar adequado para desenhar o retrato do poeta nem para pesar o valor proprio das suas obras; o meu proposito circumscreve-se a registrar os pontos de contacto que ha entre uma biographia illustre e a sociedade dentro da qual o homem existiu. Castilho politico, é uma personificação embora fugitiva e rapida, da politica portugueza. A infantilidade, ou o feminino proprio do caracter litterato, feições que levaram Proudhon a classificar os *gens de lettres* no sexo fraco, como Garrett tinha classificado n'um genero á parte as velhas inglezas, passaram para a politica especialmente no que tem de mau. O espirito que vive fóra da realidade n'um mundo estravagante de questiunculas, de pequenas vaidades, de caprichos, de artificios que se tornam uma como segunda natureza, chega afinal a corromper com a verdadeira intelligencia das cousas, a verdadeira noção do caracter. O mundo artificial e viciado da Tibur litterata, poisou sobre o jornalismo, e sobre a machina politica, e os homens publicos, como litteratos, fizeram do parlamento uma Tibur de nova especie.

A politica litterata e a invasão dos litteratos na politica, contam-se decididamente da revolução franceza de 1848, em que os litteratos conservadores, os litteratos reaccionarios, os litteratos liberaes, os litteratos socialistas, tanto fizeram, que á força de illusões, caíram todos, manne-

quins como eram, no fundo poço da realidade feroz e pratica do golpe d'Estado napoleónico.

Castilho, litterato desde os bicos dos pés até á raiz dos cabellos, tinha em si, felizmente, esse calor que se não era ardente como o de Augo, era com effeito meigo, doce, por vezes mais assucarado do que doce e mais fraco sempre do que a raivinha feminina, o pequeno odio que rebentava se lhe tocavam na corda sensível da vaidade litteraria. Esse calor manso e a educação adquirida n'uma epoca em que era moda pintar a natureza cor de roza, á imitação de Bernardin de Saint Pierre, de Gessuer, de Delille, encaminharam o espirito do poeta, quando pela primeira vez se occupou das cousas sociaes, para a especie de socialismo que mais se adequava ao seu temperamento natural e litterario.

O *fourierismo*, ponto de partida para esse systema de phantasias que por annos occupou a mente de Castilho, não era elle capaz de o sentir, com a profundidade do naturalismo mystico. Vio-o, porém, e fez-lhe como os jesuitas á Antiguidade: *arronjou-o*. D'ahi saíram a *Felicidade pela agricultura*, o *Methodo repentino* e as obras d'este cyclo. O temperamento e a educação de litterato, combinando Fourier e Fröbel com um cem numero de pequices deram de si um resultado tão extravagante como a grammatica posta em verso, e tantas outras boas intenções estragadas pela *litteratice*.

Ora este verniz com que ultimamente o temperamento portuguez se tem pintado, dá de si consequencias notavelmente curiosas; porque olhando bem, vemos por baixo das mascaras, ou romanticas de nossos paes, ou satanicas, petroleiras, e de um stoicismo *dandy*, dos homens e dos poetas novos, o fundo positivo e pé-de-boi que sempre caracterizou o portuguez.

E não são os poetas e os litteratos os unicos a lançar por sobre a genuina fibra portugueza o verniz do modernismo. Perdem-se as tradições e a molestia invade até os espiritos que se diriam mais rebeldes á revolução. Assim como as mulheres deixaram o capote e o bom burguez de Lisboa o briche nacional pelas casimiras francezas... das fabricas da Covillã, assim as cidades portuguezas se vão ajardinando, embelezando as ruas, e adornando as praças.

As estatuas são com effeito uma excellente materia de adorno, e uma praça a embellezar é sempre uma occasião magnifica para nos lembrarmos de que existiu um certo grande homem. Para que nos serviriam elles, os grandes homens, se não houvesse praças que adornar?

Viriato e o marquez de Pombal, os dois mais celebres legisladores portuguezes, coroam o arco do Terreiro do Paço; Camões preside aos cavacos do Chiado; e o duque da Terceira tem já um lugar marcado no caes do Sodré. Deve fazer bem boa figura do alto da rua do Alecrim. As estatuas de Lisboa são para a historia o que os folhetins em discurso são para a politica.

Em Lisboa, e na provincia, com esta differença de que lá por fóra ainda é licita uma certa ordem de regozijos, considerados plebeus e in-



dignos dos programmas solemnnes da capital. Eis aqui na concisa linguagem do telegrapho como foi a inauguração do monumento agora levantado a Mousinho da Silveira.

« Abrantes, 16, ás 8 horas e 10 minutos da manhã.

« Hontem exumação ás 6 da tarde.

« Hoje officio, missa, inauguração do monumento.

« Grande concorrência e musica.

« Auctoridade do districto e dos concelhos de Gavião e Castello de

Vide. Duas municipalidades.

« As ceremonias das 10 ás 3.

« Danças populares.

« Muita satisfação.

« O officio foi celebrado por sete parochos.

As duas municipalidades, auctoridade do districto os sete parochos e as danças populares reunidos em torno do monumento do grande revolucionario acordam na imaginação um quadro em que simultaneamente vemos os traços vivos da sociedade portugueza, sociedade de mandarins letrados, cuja segura honacheirona se revela n'esta phrase: muita satisfação!

Placido, satisfeito e corredio é com effeito o modo porque usamos encarar e dirigir as cousas da vida, quando a sorte implacavel não vem cortar-lhe o fio no momento em que o homem vê gloriosamente coroadado o trabalho de muitos annos, como ponderava com sentida melancholia o sr. Melicio, ao fallar da morte do visconde de Paiva Manso.

Mais um homem illustre cujo obito a chronica tem de registrar! Jurisconsulto e erudito, o dr. Levy, embora moço ainda, deixa apoz si um certo numero de trabalhos que honram os estudos historico-juridicos. Ineditos parece que ficaram dois ensaios, um sobre o regimen communal, outro sobre a influencia germanica no direito portuguez, questões ambas de um vivo interesse actual. Applicado, já pelas obrigações do seu cargo, já por uma inclinação natural do espirito para as questões colonias, o visconde de Paiva Manso recebeu, pouco antes de morrer, a noticia da arbitragem favoravel na questão de Lourenço Marques, em que fôra advogado por parte do governo portuguez.

Com motivo defende Portugal palmo a palmo o seu dominio ultramarino, e com fortuna se tem resolvido as pendencias de direito internacional levantadas n'estes ultimos annos pela politica de absorção exercida em Africa pela nossa poderosa concorrente, a Inglaterra. As nações, colonias como ella, como a Hollanda, e como nós, tem nas possessões ultramarinas, não direi já a razão da sua existencia europea, mas com certeza um poderoso elemento de vida constitucional. Quem encarar sob este ponto de vista a historia portugueza não poderá deixar de notar a íntima dependencia em que a nossa economia nacional está da economia das nossas colonias. A força das cousas como que inverte os papeis respectivos e não seria absurdo dizer que, dentro dos limites necessarios, são as mães-patrias quem a final estão para as provincias ultramarinas na situação de colonias.

Sem entrarmos nas questões ethnologicas e politicas, alheias ao nosso assumpto, hemos de concordar em que a vida social portugueza tem sido sempre um resultado da vida colonial. Fosse qual fosse o mobil que levava os portuguezes do seculo XIV a Ceuta, o facto é que só a partir da dynastia de Aviz, Portugal apresenta o aspecto que na historia o distingue e que o affirma como nação. Nos tempos da primeira dynastia, Portugal é um exemplar entre mil d'essas como que moleculas desagregadas que sob nome de condados, ducados, principados senhores e reinos preparavam, na epoca feudal, os organismos nacionaes dos tempos modernos. As navegações succederam logo ás conquistas da Barberia, e se estas não tinham um caracter sufficientemente accentuado que as distinguísse das conquistas anteriores, o dominio da India adquiriu logo uma feição commercial, não só nova na historia, mas completamente especial para a nossa economia. A India saldava todas as nossas contas e suppria a todas as nossas necessidades. Enchia o thesouro e recebia a emigração, que nos paizes maritimos como a peninsula iberica e a italiana é, mais talvez do que a expressão do excesso da população, excesso que não existe em nenhuma d'ellas, a expressão do genio aventureiro que impelle as imaginações.

Esgotada a India, e determinado o fim do nosso imperio asiatico, a vida portugueza cae no marasmo da epoca dos Filippes a D. Pedro I. Á custa de quem pôde D. João V coalhar Portugal de monumentos? como é que se subsidiavam os exercitos e as embaixadas que de novo dão ao Portugal bragantino um reflexo do esplendor d'outros tempos? Occioso é quasi aproximar as duas epocas, a do marasmo e a do esplendor, do desinvolvimento natural do Brazil. A colonia americana veio substituir as Indias, na nossa economia positiva. As differenças dos tempos e das idéas, a natureza propria do imperio colonial caracterisavam diversamente a influencia; porque, se na Barberia os portuguezes sómente viam um campo de batalha, se na India os guerreiros eram ao mesmo tempo commerciantes, no Brazil houve commerciantes apenas, e o novo imperio colonial era um imperio exclusivamente mercantil, Lisboa uma Carthago, e o Estado adquirindo um caracter theocratico, o culto um esplendor extravagante repetiam os espectaculos sombriamente magnificos dos imperios do antigo Oriente.

Separou-se o Brazil como era da força das cousas que succedesse. Separou-se, mas nem por isso deixou de ser a nossa colonia, ou nós colonia d'elle, porque as formulas exteriores da politica correspondem a sentimentos de outra ordem e incapazes de alterar as correntes determinadas pelas leis profundas e vivas da economia collectiva.

Hoje em dia cremos na Africa um segundo Brazil, e quem fôr a olhar para os resultados obtidos desde que a perda da colonia americana nos obrigou a pensar n'essa vasta e riquissima região, dividida pela colonia ingleza do Cabo da Boa Esperança, facilmente prognosticará os futuros que já vem proximos.

A navegação regular e accelerada é uma das primeiras armas de co-

lonisação; e se considerarmos que ainda ha pouco as carreiras de vapores para a Africa Occidental custavam ao thesouro o subsidio annual de 200 contos de réis, e que hoje se mantêm com o rendimento proprio do commercio, poderemos só d'este facto inferir o grau de desenvolvimento adquirido em poucos annos. Trata-se hoje de prolongar a navegação a vapor até á costa oriental; e oxalá venha breve a tratar-se da construcção de caminhos de ferro. É ocioso insistir sobre o valor do papel que os caminhos de ferro tem na colonisação, quando vemos o exemplo invariavelmente seguido pelos americanos do norte. O caracter utilitario da civilisação contemporanea, o ponto de vista exclusivamente mercantil que preside ás colonisações, combinado com o corollario necessario d'estes dados que é o espirito pratico dos colonisadores, tornam cada dia mais indispensavel á lavra d'uma região inculta o estabelecimento prévio das communicações faceis, das garantias, d'um certo bem estar, fóra do qual só por excepção o homem acha que valha a pena ir tentar fortuna.

Estas considerações acodem quando se trata como agora de fundar uma companhia de navegação a vapor para Africa. Parece que as negociações não adiantam com a rapidez desejada e que os capitaes, absorvidos por emprezas mais faceis e porventura mais lucrativas, receiam entrar no negocio. Não admira que assim seja, nem é mesmo para estranhar. A especulação e os lucros bancarios são um poderoso concorrente para as emprezas que, embora solidas, offerecem resultados menos deslumbrantes.

Que a experiencia de todos os dias venha cada hora provar como são temiveis os perigos d'essa ordem de emprezas que apenas assentam sobre a credulidade ingenua dos vassallos do capital, nem por isso essa credulidade, essa imbecilidade, permitta-se-me a dureza da expressão, proporciona constantemente materia facil para as operações dos senhores da finança. A credulidade ingenua em uns, n'outros o furor da especulação, e nos mestres, por fim, a arte de aproveitar habilmente d'estas fraquezas do proximo, trazem os mercados á situação em que vae em um mez se encontram o de Lisboa, Porto e o do Rio de Janeiro.

A crise do Brazil cujos caracteres e causas tem sido aqui registradas não tem felizmente progredido; e todas as noticias concordam em dizer que o panico desaparece gradualmente e as transacções voltam á norma anterior. A emissão dos 25:000 contos, ainda que no dizer de pessoas entendidas na materia, só uma terça parte d'essa quantia, proximamente, podia influir directamente nos recursos de que os bancos dispõem para supprir o retirar dos depositos, porque os bancos seriam credores ao thesouro por essa quantia apenas; a emissão dos 25:000 contos combinada com soccorros de outra ordem, que parece ter o governo feito a certos estabelecimentos, actuaram efficazmente no sentido de restabelecer a confiança.

Esse systema de soccorros, expediente de que os governos tem de forçosamente lançar mão, mesmo contra lei, uma vez que na sociedade existem instituições particulares tão poderosas que podem pelos seus



actos perturbar a ordem economica, tem porém na ordem politica perigos consideraveis, e a miudo compromettem dolorosamente as situações. Agora mesmo o telegrapho annuncia a queda do gabinete Rio-branco e a nomeação do marquez de Caxias. Não nos diz o telegrapho qual o motivo positivo que determinou a mudança do gabinete brasileiro; mas acaso me não enganarei ligando-a com o episodio que a recente fallencia da casa Maná trouxe a publico e que tão desagradavelmente impressionou a opinião. Parece que Maná vendera ao thesouro letras por 400:000 libras que não foram pagas pelos saccados; essas letras teriam ficado em carteira sem que o governo procedesse, antes, pelo contrario, em epoca posterior supprira ainda ao mesmo banqueiro uma somma de 300:000 libras se não me engano. Encarado exteriormente, este episodio entra na cathegoria do que geralmente se chama *escandalo*; mas é mister considerar as cousas como ellas são em si proprias e ver que responsabilidade cae sobre um ministro quando, regeitando um subsidio a um banqueiro, o leva á fallencia e d'ella tem de porvir uma crise. É mister pois não accusar temerariamente: porque o morganismo das instituições, o contradictorio das cousas sociaes, hão de sempre produzir d'esta ordem de episodios que é licito classificar como crime ou como acção boa conforme o ponto de vista do juiz; d'esta ordem de episodios que na falta de lei que os governe conduzirão sempre a confusões mais ou menos obscuras entre o recto e o criminoso. Abundam os casos em que os politicos, inspirando-se do proprio criterio, na falta do criterio juridico, tem de desprezar a lei escripta em nome da lei real, que é a justiça ou a conveniencia.

Acaso, porém, não fosse este o motivo positivo da queda do gabinete Rio-branco; mas nem por isso perdem fundamento, nem actualidade, as considerações expostas. A crise do Rio de Janeiro pôde considerar-se vencida, e felizmente não passou d'uma séria advertencia dada ao espirito infrene da especulação. Os jornaes brasileiros consideram já o abalo como passado e dilatam-se em considerações retrospectivas que são decerto lidas hoje com attenção, mas que nem por isso serão attendidas quando d'aqui a algum tempo, esquecido um tanto o passado, voltar o infallivel desasocego, proprio de uma sociedade ávida de gosar a vida e que n'esse goso põe todo o seu ideal.

O *Jornal do Commercio*, do Rio, escreve estes periodos que servem a confirmar o systema das minhas observações:

«Nos dois ultimos annos crearam-se na nossa praça mais de setenta empresas, e, como se fosse pequeno este immenso imperio para a expansão de tanta actividade, como se fosse inexgotavel o capital, fomos organizar empresas em Pariz, em Bruxellas, em Lisboa e em Montevideu. A ambição naturalmente despertou; o desejo de realisar promptamente e sem muito trabalho, uma grande fortuna, abrasou muitos espiritos; ás empresas para melhoramentos reaes, necessarios, e que em quadra mais ou menos remota dão razoavel remuneração aos capitães n'ella empregados, seguiram-se concepções estravagantes, sem base sem estudos prévios, sem

probabilidades sequer de exito; procurava-se, apenas, um protexto para operações puramente aleatorias. Infelizmente immobilisava-se assim um immenso capital,

«Os estabelecimentos de crédito da nossa praça, além de organisados defeituosamente, eram em numero maior do que comportava o nosso movimento commercial a somma das operações reaes não lhes dava alimento sufficiente. Se tivessem fechado suas carteiras aos titulos de toda a especie que affluíam como caução de adiantamentos, não dariam, é certo, vistosos dividendos aos seus accionistas, mas não arriscariam algum de seu capital, olvidando as desvantajosas condições de retiradas livres com que recebiam dinheiros em deposito.

«Estava adiantada a enfermidade quando bancos, capitalistas e especuladores conheceram o mal que os minava. Começou então a exigencia do reforço das cauções, e as chamadas de capital, a retracção do dinheiro e a liquidação a todo o preço.»

A refração natural, não tanto das fallencias dos dois bancos do Rio, como do espirito de especulação, acclimatado entre nós principalmente pelos emigrantes repatriados, produziu o estado actual, não de crise, mas de incommodo que afflige as praças de Lisboa e Porto. Não foi a crise do Brazil que veio perturbar a machina bancaria portugueza, foram causas identicas, que, no Brazil como em Portugal, levaram parallelamente a uma situação similhante.

Erraria, porém, quem, exagerando os symptomas de mal-estar, se aterrasse com a suspeita de uma verdadeira crise proxima. Não a haverá parece-me, nem que a haja, será de natureza a commover profundamente a economia portugueza.

São de duas naturezas as crises commerciaes, conforme procedem de uma perda ou de um disequilibrio. Temerosas as primeiras e quasi inevitaveis; as segundas não podem affectar de um modo tão intimo o organismo economico, porque, para a sociedade em si, pouco importa que a fortuna de A se transfira para os bolsos de B; nem por isso a riqueza desapareceu, e o prejuizo effectivo reduz-se á paralisação de actividade que a desconfiança impõe á machina economica. Já não succede assim quando, como por exemplo durante a guerra da America, toda a industria dos tecidos de algodão teve de parar por falta de materia prima; a paralisação do trabalho, a impossibilidade de satisfazer compromissos tomados; o capital das fabricas improductivo, traduzindo-se em fallencias, representam prejuizos reaes, só reparaveis pelo tempo.

Nas crises propriamente bancarias não succede outro tanto, desde o momento em que a febre da especulação não tenha enterrado capitaes reaes em emprezas phantasticas que seriam n'esse caso o prejuizo real. Não é esta, felizmente, a nossa hypothese. Nem ha capitaes subvertidos em emprezas irreproductivas, nem ha o minimo ataque nas fontes originarias da riqueza nacional. As industrias, e a agricultura que é a nossa primeira industria, não soffrem de molestia extraordinaria; a crise do Brazil, ao contrario de baixar o cambio e esterilisar assim a corrente de

capitães, que diariamente se vasa nos mercados portuguezes, fal-o subir, como é natural; não ha guerra que venha encommodar o nosso commercio.

Se não ha, pois, prejuizos reaes, onde está a causa d'essa frieza, d'esse retrahimento que ultimamente soffre o mercado bancario portuguez, e que se deixa ver bem patente nas cotações dos papeis de crédito?

Está nas consequências necessarias do estouvamento com que o espirito de especulação se lançou ao mastro da cocanha dos bancos livres. Era unanime o ardor dos que se lançavam á escorregadia ascensão; deram facilmente os primeiros passos; eis porém que agora lhes começam a escorregar as mãos e os joelhos no cebo que engordura o mastro. O prémio que lá está em cima, não lhe chegaram, felizmente conserva-se, e, enquanto assim fôr, os accidentes reduzem-se aos trambulhões que uns após outros vão dando, os atrevidos jogadores. Eram de mais, acotovelavam-se e o proprio furor com que iam ás cegas lhes augmentava as probabilidades da quéda. Deitados por terra, doridos dos ossos, esfregam os olhos no meio da poeirada que levantaram, caem em si, e muitos se encontram de certo sem os cobres que levavam nos bolsos e que se foram pelo caminho parar aos bolsos d'outros que os viam subir deixando-se ficar quietos.

Que resultará pois de toda esta verdadeira poeirada de bancos phantasiados nos ultimos mezes? A ruina de certos individuos, acaso; mas nem a sombra de uma crise, porque não ha um real de riqueza perdida. Quando a crise provém da difficuldade de satisfazer a subscrição das acções, não ha motivo de receio; se as acções estivessem pagas e o capital desperdigado o caso mudaria de figura.

Na situação actual, a solução é uma e unica: desmancharem-se todos os bancos que não tem razão de existir, com a mesma facilidade com que se formaram. A simplicidade d'esta solução natural e necessaria é tão evidente que expontaneamente começa o movimento n'este sentido. O Banco Portuguez decidiu não levar por diante as chamadas das acções da segunda emissão; e os accionistas dos quatro novos bancos de Lisboa reuniram-se para trabalhar n'uma fusão a que naturalmente se oppõem as direcções d'esses bancos; essa opposição das direcções, que não deve de certo augmentar a confiança dos accionistas, terá, porém, de ceder perante a auctoridade omnipotente das maiorias em assembléa.

É portanto de crer que esta trovoada de poeira se dissipará breve; mas nem por isso, em quanto anda no ar, deixa de turvar a vista e de incommodar a garganta, de affectar enfim desagradavelmente a confiança dos capitães sérios, que muitas vezes recebem mais facilmente impressões do que reaciocinios, e sempre são pessimistas.

Ainda, porém, n'este ponto a nossa boa terra offereceu estes dias um symptoma singular. Enquanto baixavam por cá todos os papeis de crédito, enquanto as fallencias em Inglaterra faziam descer até os proprios fundos inglezes, os nossos subiam, graças a habilidade regeneradora que, combinada com a arte consummada dos principes da finança européa, é capaz de fazer d'estes milagres de magia bancaria.



A prestidigitação é, porém, uma arte que todos os dias baixa no conceito do publico; as *ficelles* dos artistas tornam-se publicas, e assim como o celebre Faure Nicolai, que veio agora na esteira dos irmãos Davenport, topou de frente com o sorriso incrédulo do publico, assim succede aos prestidigitadores da finança. Ora nada ha peor do que esta especie de fiascos. Quem se apresenta candidamente pôde ainda esperar compaixão; mas quem pretende fazer crer em poderes occultos e forças sobrenaturaes, perde o tempo, o azeite e só ganha uma derrota que tem por sobrecarga o ridiculo.

É vicio antigo este dos regeneradores o de tanto confiarem na habilidade propria que chegam a desconhecer a verdadeira medida da alheia. A consequencia é excederem-se. Provarem de mais. Vencerem de mais, como lhes succedeu com as eleições. Quem acreditará n'uma tamanha grandeza de fama, que dê primazia aos fundos portuguezes sobre os inglezes, que são o pae e a mãe de todos os fndos de todas as nações que existem, e até de algumas que não existem como a republica celebre de Moncados?

Exageram a credulidade publica, abusam da victoria, e fiu-me em que viram com certo despeito o numeroso parlamento que o partido historico acaba de reunir em Lisboa. Pois, em vez de despeito, deviam bater as palmas de alegria. Que partido podia jámais satisfazer melhor os desejos dos conservadores cesaristas, do que o bom, o ingenuo partido historico, preso á legalidade pelas tradieções, á monarchia pelos homens, e ás instituições pelos interesses? Um partido que lhes pôde fazer, sem os perigos inherentes a discolos audazes, a agitação democratica indispensavel á radicação organica do cesarismo burocratico; um partido que, tomando para si o typo do radicalismo zorrilista, lhes vae cimentando a influencia, tanto mais firme e decisiva, quanto forem sendo mais repetidos os programmas de reforma da carta, e os pedidos de *novas* liberdades! Encontrar assim preparada e feita a massa da propria conservação é uma fortuna que só cabe aos regeneradores. Serão ainda capazes de lhe fazer mal a esse partido ingenuo que adoptou na sua sessão solemne os *Lazaristas*, comedia-drama em tres actos, como programma, e o sr. Braamcamp (Anselmo José) como chefe? Até que ponto é capaz de ir a cegueira humana!

28 de junho.

P. DE OLIVEIRA.

---

## ESPAÑA

Despues de un año de tratos y contratos para concluir la guerra, cinco meses van transcurridos de esperanzas de pacificacion, cifradas en Cabrera, sin que todos los sacrificios en ese sentido hayan correspondido á las ilusiones que en las tales negociaciones estribaban; y cuando, con la prision de Cucala por Derregaray, parece que han fracasado las últi-

mas y ha venido a ser inútil el pesado equipage (y no de municiones) que llevó consigo el general Jovellar, los órganos del Gobierno se resuelven á declarar que «es *ya* preciso hacer la guerra,» y á confesar que «el deseo de conseguir la pacificacion ha sido causa de que se procediera con los carlistas activos ó pasivos con esceso de benignidad;» siendo de notar que el más autorizado de esos periódicos, por un lado desea que se le proporcione ocasion de entonar himnos de alabanza á los generales á quienes ciertamente, dice, «no está prohibida la victoria» y por otro se estiende largamente recomendando la necesidad de la obediencia y la disciplina en el ejército, remontándose, para hacerse comprender mejor de los soldados, á los griegos de Ciro y á los mercenarios de Anibal, á Roma y Bizancio, á Breno y Anibal. En cambio, la obediencia y disciplina impuesta á la prensa es tan perfecta que, sin necesidad de elocuentes artículos recomendándola, permanece muda en las cuestiones que atañen á la guerra y ni examina los movimientos de las tropas, ni juzga la pericia ó impericia de los generales, aunque las demuestren los sucesos, ni critica la inaccion cuando la hay, ni las operaciones cuando ocurren, ni siquiera dá cuenta de los movimientos, separaciones y recompensas.

Despues de dos meses de estrépito general con motivo de las disidencias y concordias, rompimientos y conciliaciones de las fracciones medias, que se dió en llamar movimiento político, tenemos la declaracion de que el Gobierno es quien ha deseado y favorecido las maniobras de los elementos que han entrado en el ruidoso espectáculo de las reuniones, las comisiones constituyentes y los conatos de bases constitucionales. Sobre la primera de ellas, cual constitucion se ha de reformar, no parece que se entienden los moderados, los unionistas y los constitucionales, que han acabado por adoptar «como tendencia dominante de sus ingratos trabajos un carácter eminentemente elástico,» y cuando más engolfados en ellos se hallan los notables, comienza á tomar cuerpo la opinion de que están perdiendo el tiempo, ya porque tales reuniones carecen de representacion que pueda darles autoridad, ya porque los procedimientos empleados son evidentemente viciosos, ya, en fin, porque sobre no entenderse sino muy dificilmente para sentar las proyectadas bases, ninguna garantia ofrecen de ser aceptadas por un parlamento, donde aún se entenderian menos los elementos que toman parte en la improva faena acometida por los notables.

Que la reunion de estos no ha de ser el eje de la suerte de España, lo ha dicho con entera fraqueza un diario ministerial, abogando por el mantenimiento del sufragio universal que, acordado por unas córtes que tenian la representacion general del país, existe como un derecho legal, mientras otras córtes no le deroguen y es la sancion única que puede tener la proclamacion de D. Alfonso, verificada el 30 de diciembre por el general Martinez Campos. Buscando, sin embargo, otra, despues del espectáculo de la reunion del Senado, el Gobierno ha promovido el de un banquete, dado el dia 17 en palacio á hombres notables de los partidos

constitucional sagastino, constitucional disidente, unionista y moderado, banquete que se anunció primero como exclusivo para los gefes de partido, que se amplió despues á los que habian sido presidentes del Consejo ó de las Córtes, que luego se extendió á los vicepresidentes y que acabó por contar entre los convidados á hombres que declaran no estar de acuerdo con nadie más que consigo mismos, como sucede con los Sres. Corradi y Ruiz Gomez, y á los directores de periódicos, incluso el del satirico semanal, tambien ageno á toda representacion política de partido, titulado *El Cascabel*.

Y ya que de banquetes se trata, apuntemos aquí para no olvidarlo el que al dia siguiente del de palacio dió el rumboso torero Salvador Sanchez, alias *Frascuero*, bien conocido en la plaza de Santa Ana de Lisboa: á la mesa del matador de toros, que vestia una lujosa chaqueta de terciopelo color de granate y faja azul, tomaron asiento los ministros de la Gobernacion y Ultramar, el gobernador de Madrid, el duque de Sesto, jefe de palacio, el conde de Carlet, primer caballerizo de la real casa, el marqués de Santa Genoveva, gentil-hombre de casa y boca, el secretario particular del marques de Alcañizes y otros varios que daban todo el carácter de una comida de Estado á aquella fiesta, discretisima y semi-oficial sancion de las civilizadoras corridas de toros, con que nuestra Peninsula se distingue de todos los pueblos de Europa.

Pero si el banquete de Frascuelo se elevó á la esfera de una ceremonia palaciana, á tal punto que la persona del anfitrión ha sido declarada inviolable, igualando al torero con el cardenal Moreno en la prohibicion á la prensa de ocuparse de ellas, la comida de palacio ha sido para algunos de los convidados, principalmente para los que más dieron que hablar con ese motivo, el principio de una verdadera corrida.

Sin correctivo han circulado, habladas y escritas, las conferencias, tratos y contratos entre los Sres. Cánovas y Sagasta, para que presidiera este un nuevo gabinete y aquel las esperadas Córtes. Bajo esta impresion, no contradicha por entonces, fueron los constitucionales á la comida de palacio; pero aun no habian completado la digestion, cuando los periódicos á devocion del poder actual, tuvieron la crueldad de declarar que los convidados nada traian ni podian nada; es más, que el Gobierno no debia dar importancia á quien no la tiene, ni por sus doctrinas, ni por sus actos; que ni siquiera se sabe cuales son los amigos del Sr. Sagasta; que lo más que se podia hacer por los constitucionales que se habian habilitado para ejercer el poder en *lo futuro* era darles... participacion en la comision agonizante de bases, y que para acabar por coincidir en someterse no merecia la pena de haber dado al país el espectáculo de una disidencia y una descompuesta reyerta de familia.

Nació todo esto simplemente de una cuestion de humo, de las interpretaciones dadas á un cigarro fumado en presencia de D. Alfonso despues de la comida, y volvieron las cosas al estado anterior: el ministerio á su aislamiento, mayor aún desde que la indicacion pasajera á los constitucionales habia contribuido á enagennarle más de los moderados; y



los parciales del Sr. Sagasta á probar otra vez fortuna por caminos cubiertos y fundar sus esperanzas en la eficacia del viage de una dama al extranjero y en lo que desde él pudiera hacer otra alta dama.

En vista de todo lo que viene sucediendo, razon tiene quien recientemente ha dicho que no hay memoria de un gobierno que en circunstancias críticas, con compromisos de tanto bulto y con libertad de accion tan absoluta, haya hecho menos y haya perdido tanto tiempo en daño de los intereses de la patria y de los suyos propios. Hay quien dice que, reconociéndolo así, el ministerio hace lo que Felipe II, quiere echar la culpa á la fortuna; ¡como si la ciencia de gobernar fuera asunto de lotería! pero de todos modos, lo que no tiene explicacion, es la tenacidad en seguir jugando siempre el mismo número, ensayando trás de equilibrios desgraciados otros equilibrios, después de maniobras de paz abortadas, otras maniobras idénticas; trás de la comida de palacio otra comida en la presidencia cuyo propósito ha fracasado antes de realizarse; trás el humo de un cigarro el humo de otros, sin reparar en que, como ha dicho un periódico, el disgusto del país va siendo general, como que no ha visto realizada una sola de las esperanzas que se le hicieron concebir al verificarse el cambio de fin del año anterior.

Los tiempos que alcanzamos han colocado sobre todas las cuestiones la religiosa, causa hoy de perturbacion interior en casi todas las naciones cultas; esa cuestion produce constantes conflictos en Alemania, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Austria é Italia, amenazando con una guerra general, y al otro lado de los mares en el Brasil, Buenos Aires, Guatemala y Nueva Granada; esa cuestion trae agitados todos los ánimos, agrupa las inteligencias, forma los nuevos y verdaderos partidos, y no solo en el Norte y en el Centro de España, sino en otras varias naciones, es causa de persecuciones, de luchas, de incendios y de matanzas. Una terrible experiencia ha acabado por convertirse en elocuente lección: la inmensa construccion, tan habilmente levantada por la iglesia, se hunde por su propio peso, después de haber arrastrado en su decadencia á los pueblos que más docilmente se han venido prestando durante siglos á servir de cimiento al poder del catolicismo. Irlanda se revuelve en la miseria y la guerra civil; Polonia ha muerto; Austria ha sido humillada y desmembrada en 1866; Italia, largo tiempo llamada tierra de muertos, ha necesitado para resucitar bloquear el Vaticano; Francia, la nacion cristianísima ha sido derrotada por los hijos de la heregia; España, el país católico por excelencia, el brazo derecho del pontificado, á los 60 años de incesantes luchas para emanciparse de él, nuevamente se arruina y se desangra en estos momentos, para hacer frente á un ejército numeroso que cuenta caudillos como el cura de Santa Cruz.

Pues bien, ante estos hechos tan visibles y tan significativos, que demuestran á la raza latina cuán cara le ha sido su docilidad á Roma, ante el espectáculo que todos los pueblos cultos ofrecen de su decision para sacudir el yugo que aún pretende tenerles esclavizados, el Gobierno español quiere mostrarse complaciente con el espíritu moderno, apareciendo

sostenedor de la libertad religiosa, que no tiene poder para abolir, y más complaciente aún con el Vaticano que exige y obtiene de este país la destruccion de cosas tan admitidas ya y sancionadas en todas partes como el matrimonio y registro civil; quiere acabar la guerra, encendida por el espíritu viejo, con una bendicion del Papa traída en el bolsillo de su Nuncio y una farsa de comision de notables, investidos por sí mismos de la mision de sentar bases constitucionales; delegando en Cabrera, el sacristan de Tortosa, todos los poderes para pacificar el país sin regatear las condiciones; admitiendo el concurso de todos los carlistas que se vengan sin plegar la bandera de sus principios; manteniendo en la deportacion más de cuatro mil liberales y desterrando continuamente otros, en que fija su atencion con tanto ó más encono que en los carlistas; amparando un insensato y general alarde neo-católico, escándalo de toda Europa, y pidiendo humildemente al Gobierno francés, más aún que la internacion de los agentes carlistas esparcidos por la frontera, la expulsion do Francia de Zorrilla, que el propio Gobierno, despues de haberle enviado a París, ahora encuentra que todavía allí está demasiado cerca. Tal es el sistema de la dictadura del 30 de diciembre, omnipotente, porque reconociendo sus órganos que hay derechos superiores y anteriores á toda ley positiva, ninguno respeta, ni ante ley alguna se detiene; impotente para hacer nada, porque, viéndose rodeado del vacío y queriendo contar con todos, cada tentativa de inteligencia con Cabrera ó con los constitucionales, con los moderados ó con los neos, cada proyecto de convenio, cada ensayo de reunion para entrar en condiciones de legalidad, cada requiebro á Simeoni, cada comida de hombres políticos trabajosamente fabricada aumenta su debilidad y agrava la situacion.

Qué efecto hace en el país lo que está viendo, lo ha dicho el hecho de que, sobre no presentarse voluntarios para el ejército, de la última quinta solo el 25 0/0 de los soldados han entrado en caja; lo dice la Bolsa de Madrid, y tememos que ha de decirlo el resultado de las fuerzas y recursos acumulados en el Centro y Norte, con esperanza de una pacificacion inmediata, que ojalá no quede reducida á una ilusion más!

\*\*\*

## EUROPA

E ainda pela França que eu começo esta revista, e será provavelmente a França a nação que n'ella occupará o maior espaço.

A importancia que nós os peninsulares temos de dar á França deriva de mais d'uma razão legitima.

O papel de iniciador de todas as reformas, de guia, que a França se attribue e que tanto se tem ha quatro annos negado, d'esde Berlim até Lisboa, umas vezes com invectivas, outras ainda com epigrammas, o mes-

*sianismo* da França emfim não é todavia menos real hoje mesmo sobre as chamadas nações latinas.

A Allemanha é sapientissima, profunda, forte; tem no espirito da sua raça a predisposição philosophica que eleva acima das apparencias enganadoras e revella as formulas da verdade; tem por uma ingenua organização moral, os costumes puros e patriarchaes; e não é só a observação dos estudiosos, a analyse das suas qualidades, que a mostra superior, mas a fatal sanção dos factos: venceu, tem vencido sempre, vence todos os dias os que se lhe oppõem, ou ainda já, pelo temor que inspira, os que poderiam vir a oppor-se-lhe um dia. A França jaz aos seus pés prostrada, e ai d'ella se parecer querer retezar algum musculo para erguer-se. Os governos da Europa inteira obedecem aos seus desejos, soffrem-lhe e satisfazem-lhe miudamente as suas pequenas e inquietas susceptibilidades: a força é hoje d'ella n'uma palavra, como dizem que é d'ella a superioridade fundamental da raça.

E todavia, depois de tantas victorias e senhora de tanto poder, que influencia directa, sensivel, tem sobre nós a Allemanha? Que faz ella que nos impressione intimamente?

Depois como antes de Sadowa, de Sedan, da tomada de Paris, da cessão da Alsacia e da Lorena; apesar de Hartmann, de Bismark e de Moltke, é para a França que olhamos, é da França que aprendemos: são os seus livros, as suas doutrinas, os seus acontecimentos, que nos educam, que nos derigem e que nos commovem. Mudou a Europa de base politica, mas não mudámos nós de mestre nem de modelo.

Não é só a distancia a que nos achamos da Allemanha e o pouco conhecimento que temos da sua lingua, a causa d'isto. O processo porque os nossos espiritos se movem e trabalham é fundamentalmente diverso do germanico; e as creações allemãs tem de nos apparecer reproduzidas pela França para que possam ser complecta e facilmente assimiladas por nós.

O passado obriga o futuro que é sempre uma deducção logica d'elle: as nossas tradições politicas são francezas; a organização da nossa sociedade, o pecullio de ideias das nossas classes elevadas tem sido sempre francezes: francezas hão de ser as phases por que successivamente formos passando. Eis por que precisamos ter os olhos fitos na França; eis por que nos é indispensavel comprehender completamente os seus movimentos e estudar minuciosamente o estado e as relações das suas classes.

O momento actual é importantissimo para este fim.

N'estes ultimos dias, a intriga complicada e occulta que os differentes actores politicos andavam em França enredando ha tempos, entrou no periodo do desenlace. O panno levantou-se emfim para se dar começo ao ultimo acto da primeira parte d'uma trilogia politica que segundo todas as probabilidades deve terminar, como as peças magicas, por uma velha apothese: o imperio, ou nominal ou apenas de facto.

O quadro que eu tenho esboçado a largos traços da sociedade e dos consequentes procedimentos politicos da França cada vez se apresenta



com as suas côres mais bem definidas, com as suas massas mais salientes e distinctas, com os seus segundos planos mais harmonicos e concordantes, no logar em que os colloquei e com a importancia relativa que lhes dei.

A *preparação*, como dizem os auctores dramaticos, para este ultimo acto foi por extremo instructiva e confirmadoura da bondade dos pontos de vista em que me tenho collocado.

Os legitimistas, os catholicos e os bonapartistas, que occupam a direita da assemblea franceza, querem a todo o transe impedir a sua dissolução. Já temos visto por que. Muitas das ultimas votações em que esses grupos te tem achado em maioria, o cansaço manifestado pelos que approvaram as primeiras leis organicas da actual republica e os acontecimentos mais recentes, teem mostrado até que ponto esta tactica é habil.

Os partidos mais ou menos republicanos da esquerda da assemblea querem todos a dissolução e, para isso, a discussão e votação immediata das ultimas leis constitucionaes, rapidamente preparadas na commissão de 30 membros, quasi todos do centro esquerdo, que ha pouco se nomearam para esse fim.

Era preciso porem fazer tomar uma posição decisiva ao centro direito da assemblea, titubiante, composto de especuladores da monarchia e de crentes ainda na efficacia conservadora d'ella. Estes ultimos eram facieis de converter á nova ordem de coisas que, com outro nome, consagrava os seus principios. Os primeiros é que se conservavam presos ás suas opiniões por interesses consideraveis.

Por isso, em vista das garantias de conservação que as leis constitucionaes offerecem, em vista da attitude, das tradições e da clara significação dos chefes dos grupos mais preponderantes da esquerda, todos os conservadores sinceros e patriotas do centro direito deviam adherir á nova Republica e aos que a formavam.

O novo systema de conservação nasceu no centro esquerdo formado dos antigos constitucionaes de 1830 que primeiro abandonaram por inutil o rei *que reina e não governa*. Em seguida um outro grupo se deslocou brandamente da direita monarchica da assemblea. Foi este que recebeu agora o resultado de um novo esbroamento: uma fracção do centro direito dirigida pelo sr. Bocher, encontrou no seu caminho para a Republica o grupo presidido pelo sr. Leonce de Lavergne que a recebeu, amenisando-lhe a passagem com o aspecto de um *boccadinho* mais de amor pela conservação que o que patenteavam os membros *um tudo nada* mais revolucionarios do centro esquerdo.

A outra parte do centro direito dirigida pelos srs. Andral, de Clerq, inspirada pelos srs. de Broglie, de la Rochefoucauld-Bisaccia, de Gavardie, e recebida nos braços dos bonapartistas, foi unir-se aos grupos innabalavelmente monarchicos.

Decediu-se, em resultado d'estes movimentos que formaram uma maioria favoravel á dissolução, que se discutissem sem demora as ultimas leis constitucionaes. Foi n'este momento que, como eu disse, começou o ultimo acto.

O socialismo emmudeceu ha muito na França sob a reprovação decretada contra os successos da communa de Paris. O simples radicalismo politico, que fazia desconfiar de mais fundas transformações, tambem por prudencia se calara. D'aqui resultou na assembléa a passividade, a condescendencia, o silencio dos grupos da extrema esquerda.

A revolução parecia haver desaparecido de França: morrera o ideal para reinar prudentemente o bom senso. As nações que são organismos evolutivos teem sempre restós do que foram e germens do que hão de vir a ser, por isso vivem do equilibrio de tres classes de elementos: os que já dominaram, luctando ainda na sua retirada, os que representam as forças que actualmente preponderam e os que expõem e evangelizam as utopias que hão de transformar-se gradualmente na futura realidade. Na assembléa franceza conservara voz o passado, e voz muitas vezes auctorisada e commovente, mas não a tinha o futuro nem sequer para preparar o terreno da sua porventura tardia edificação. Parecia que as aspirações talvez demasiadas, mas generosas, haviam definitivamente abandonado o espirito dos homens que, para a organização do governo francez, se reuniam interessados e cautelosos a calcular.

« Caminhae connosco,—diziam os conservadores republicanos,—caminhae connosco e, sobretudo, deixae-nos fallar em vosso nome. Vengamos o inimigo commum que é o Rei e o Imperador e conquistaremos todos, o que todos desejamos: a Republica.»

E os partidos revolucionarios irremediavelmente credulos, fascinados por esta ultima palavra, e com effeito impotentes para por si só luctarem, calaram-se e trabalharam sob as ordens habeis dos seus antigos inimigos.

Decretou-se a palavra Republica; e, durante alguns mezes, a posse official d'estas quatro syllabas fez a felicidade da França e ainda a dos homens ingenuos de todos os paizes latinos.

Mas essa palavra era um vaso de materia ordinaria que, sobre tudo valeria pelo que se lhe puzesse dentro, que tanto podia ser a dictadura de um homem como a tyrannia de uma classe, como a liberdade, como a justiça. Das leis que deviam tratar d'este assumpto verdadeiramente grave,—as instituições a dar á Republica emfim conquistada,—apresentou-se a primeira á discussão: a que regula as relações entre o Parlamento, o Senado e o Presidente.

Os que, analysando o estado das classes sociaes e os interesses das mais poderosas, se haviam collocado nos verdadeiros pontos de vista, não ficaram com essa lei surprehendidos. A burguezia que precisa hoje mais defender-se das profundas reformas sociaes que dos retrocessos monarchicos ou feudaes não podia passar de um constitucionalismo forte,—mais forte mesmo que o que se appoia n'um rei hereditario.

Os revolucionarios é que,—olhando com pasmo para o que lhes haviam feito approvar,—um presidente, um senado,—para o que lhes haviam feito supportar calados,—o programma terrivelmente conservador e bonapartista do sr. Buffet,—e agora para as attribuições do Presi-



dente da republica,—os revolucionarios, digo, é que se declararam illudidos. Debalde os habeis directores da nova politica republicana os quizeram convencer de que o principal era ter «uma Republica,» isto é, uma organização com este nome. Debalde lhes mostraram, nem todos com a mesma boa fé, que o que importava era votar, approvar, fosse o que fosse, para dissolver a assemblêa e vir depois, em massa, na nova Camara, reformar as más leis feitas agora más de proposito, por politica.

A extrema esquerda da assemblêa levantou-se emfim, ou antes levantaram-se dois homens que fizeram ao mundo politico o effeito de dois maniacos.

Luiz Blanc, o velho republicano, o antigo socialista de 1848, ergueu-se para denunciar á França que se edificava n'ella com a mascara republicana uma verdadeira monarchia.

«O que é um Presidente, — disse elle, e depois d'elle o sr. Madier de Montjau, — o que é um Presidente que tem o direito de dissolver, de prorogar, de convocar extraordinariamente o parlamento, de o addiar duas vezes, e de cada uma por um mez, n'uma sessão que dura apenas cinco mezes, de suscitar sobre o mesmo ponto mais d'uma deliberação, o que, combinado com o direito antecedente, é mais que o veto suspensivo? O que é um Presidente que tem a iniciativa legislativa que não tinha Luiz xvi, e que governa só durante sete mezes? É um rei, sem hereditariedade, falta de pouca importancia pratica n'um paiz onde ha quasi um seculo nem os reis nem os imperadores teem podido legar o throno a seus fillos.»

«Que parte tem a nação propriamente n'um systema em que o parlamento só pôde, n'um instante de crise, convocar-se extraordinariamente, quando se houverem reunido, dos deputados espalhados por toda a França, 431 assignaturas?»

«Que se pôde esperar d'um governo que declara que é justamente esta difficuldade de reunião que elle quiz deixar firmada na lei, porque precisamente lhe parece util que o presidente tenha a maxima força?»

«A lei dos poderes publicos faz predominar o poder executivo, que é o braço, sobre o legislativo, que é a cabeça, e é isto que tem sido sempre a desgraça da França, como o contrario tem produzido a felicidade politica da Inglaterra onde o governo é apenas uma delegação parlamentar.»

Acha-se effectivamente n'estas phrases o pensamento dominante da moderna constituição franceza. O governo pela bocca do sr. Buffet accceitou todas as accusações dos srs. Luiz Blanc e Montjau. O que estes citaram como faltas constitue justamente os artigos do credo politico da maioria conservadora. Uma monarchia sem rei, eis o ideal do centro esquerdo, d'uma parte da esquerda, do grupo Lavergne, d'uma parte do centro direito e de toda a burguezia, uma vez que o rei já não é hoje indispensavel a esta para o serviço de que ella o havia encarregado n'estes ultimos quarenta annos.

Não me demorarei agora a explicar este facto da historia politica





contemporanea que analysei como fundamental na minha primeira revista. Os reis constitucionaes é que devem hoje considerar os liberaes que lhes cercam o throno sob este importante ponto de vista.

A lei dos poderes publicos resumida no discurso do sr. L. Blanc obteve duas approvações. A terceira não se fará esperar. Pode-se considerar já como uma lei da nova Republica. Convinha por isto conhecê-la e sobretudo vel-a resumida pelo famoso deputado revolucionario.

Porque, as phrases que eu citei teem ainda uma outra importancia: revelam-nos o estado de espirito dos velhos partidos republicanos da França. D'ellas se vê que não teem aprendido muito com o tempo para que, n'esses partidos, hoje, se possam fundar grandes esperanças. Contra o systema auctoritario do governo que systema radicalmente democratico expôz L. Blanc? Nenhum. Indicou a Inglaterra, o *self-government*, e mais nada. O que nos auctorisa a suppôr que a monarchia ingleza, com Gladstone em vez da rainha, é a constituição que elle tem a oppôr á monarchia franceza, com Mac-Mahon em vez do rei. Dir-se-hia que vinte annos conseguirem fazer do socialista um doutrinario.

No fundo, porém, do espirito de L. Blanc e dos que com elle constituem o partido radical, ha mais alguma cousa do que o que mostraram as suas palavras. Não me parece que o organisador das *officinas nacionaes* de 1848 julgue hoje as questões sociaes completamente resolvidas.

Senão, qual é a lei dos extranhos factos que se succedem desde que a queda do Imperio deixou que os elementos da sociedade franceza luctassem livremente entre si? Porque é que, durante as phases mais violentas d'essa lucta como depois d'ellas, porque é que os deputados conservadores e as constituições conservadoras tem sempre por si a influencia decisiva e o apoio do paiz? Não sabe o sr. Luiz Blanc que os proprietarios das terras agricolas, os dos capitaes importantes,— nas explorações ruraes, no commercio, nas demais industrias,— teem os seus mecanismos de producção a trabalhar no meio que está creado pelas leis, pelos costumes, pelo logar que cada um d'elles occupa de ha muito? E que tudo que possa alterar profundamente esse meio os desorganisaria? De modo que elles tendo a riqueza, teem a instrucção, o poder, a influencia, a força e não consentirão, com valiosos motivos, no estabelecimento d'um systema politico que lhes não dê solidas garantias de conservação para o que existe?

Luctar a favor de uma politica revolucionaria, sem vêr isto, é agitar inutilmente os povos ingenuos e as nobres ideias para conseguir o descredito d'estas com a infelicidade d'aquelles. O radicalismo exclusivamente politico é sobretudo inadmissivel n'um francez que tem na sua historia as duras lições de 1799, de 1813, de 1848 e de 1852, que o devem ter ensinado que só duram as conquistas politicas que são naturalmente das revoluções sociaes.

Por isso emquanto a situação da sociedade for a que indiquei os governos chamar-se-hão indifferentemente monarchicos ou republicanos: as instituições verdadeiramente influentes serão sempre as mesmas. Aos que

se limitarem a fallar como L. Blanc poderá sempre responder o sr. Laboulay com applauso e com razão: «A republica não é um principio absoluto. Ha muitas republicas. Quando os srs. L. Blanc e Montjau nos disseram que não fizemos a republica deviam antes dizer-nos que não fizemos a sua republica d'elles e teriam razão.»

As classes burguezas disseram em França aos seus deputados: «Fazei dos reis o que quizerdes mas conservae as instituições, abatei o socialismo sempre que elle queira erguer-se para as transformar e vingae-nos das humilhações da Allemanha.»

Todos sentem que são estas as aspirações intimas ainda mesmo quando tacitas da grande maioria. Todos comprehendem que só poderão conservar nas mãos o poder obedecendo a este programma.

Por isso tambem o sr. Buffet disse que a França queria conservar nas mãos do presidente mais poder que o de um rei na parte relativa ao exercito, d'um lado para manter a ordem e do outro para que podesse, chegada a occasião necessaria, mover promptamente as forças da nação. Notarei que esta phrase, porque se me não afigura uma solida garantia para a futura paz da Europa, confirma a prophesia de guerra que a *Revista Occidental* continua a fazer no meio da imprensa de todo o mundo hoje completamente tranqulizada.

Entre os discursos parlamentares de L. Blanc e Montjau por um lado, e os de Buffet e Laboulaye por outro, apparece, com notavel significação politica, o de Gambetta no jantar dado em memoria do general Hoche. O tom d'este discurso pertence a um genero cujo emprego tem merecido ao sr. Gambetta duas coisas vantajosas: a fama de grande politico, e o suporem muitos partidos, todos com bons motivos e de credos, todavia, diversissimos, que este notavel homem de Estado lhes pertence. Sempre que um orador politico consegue fallar algumas horas sem que categoricamente afirme alguma coisa tem a certeza de produzir o effeito que descrevo.

O sr. Gambetta annuncia «a derrota irremediavel e definitiva dos inimigos da Republica.» E como não pôde apresentar á razão publica factos palpaveis appella para a fé: «Eu creio, diz elle, em toda a sinceridade da minha alma que a republica está fundada.»

E naturalmente, lembra logo perguntar-lhe: Mas que especie de Republica?

E verdade que o sr. Gambetta a define nos seguintes termos: «O governo da republica ha de dar a egualdade, a liberdade de pensar, de obrar, a justiça, a instrucção e a luz para todos. Será a burgueia decedida a governar democraticamente a França com o paderoso concurso e o apoio cheio de confiança d'uma democracia emancipada o liberal.»

Todas as monarchias e todos os imperios da França tem tido no seu programma a aspiração de realisar estes importantes factos. Porque meios? Eis o importante. Não nos diz o sr. Gambetta quaes são os que a assemblea empregará para organisar completamente a actual republica.

Da lei dos poderes publicos que a burguezia conservadora ha de ap-



provar já se pôde dizer que não offerece grandes garantias á democracia.

O unico argumento opposto na assemblea aos perigos que offerecem as grandes prerogativas do presidente é a prohibidade, o caracter de Mac-Mahon incapaz de um perfido golpe d'Estado.

E os que succederem a Mac-Mahon? Eis o que valia a pena perguntar. O governo que se funda na probidade é, como o que se funda na intelligencia governativa de um homem: um cesarismo; excellente ás vezes para uma conservação que nem sempre é a ordem.

Os poderes que a lei actual concede ao presidente da republica pres-tam-se de resto a que, sem a menor usurpação, se mantenha uma dictadura de facto. É por isto que o centro esquerdo teria ido mais adiante no caminho democratico se elle não fosse afinal um tutelado das direi-tas transigentes que ainda desconfiam um pouco da nova fórma das suas opiniões.

Disse no começo d'esta revista que para os peninsulares a politica da França era um espectáculo extremamente instrutivo porque as nos-sas classes teem politicamente os mesmos caracteres das francezas.

Marquemos bem a significação d'este facto que nos não é peculiar por que representa o traço mais caracteristico do mundo moderno:

A burguezia com as qualidades e defeitos que todos lhe conhecem governa hoje por toda a parte.

Em todas as nações, as classes dominantes que têm em todas ellas a mesma origem,—o grande movimento industrial moderno,—adquiriram consciencia sufficiente dos fundamentos do verdadeiro poder e da verda-deira força para comprehenderem que era inoffensiva a liberdade de acção que davam, ainda assim mais apparente que real, ás massas perturbadas inquietas e por emancipar.

No mundo reinou a *habilidade*.

A palavra *politica* tomou uma significação especial, semelhante á que adquirio a palavra *artista* no tempo dos cinzeladores e dos minuciosos; restringiu-se e passou a designar uma aptidão e uma sciencia de governo especial.

Nenhuma classe invocou jamais tanto o patriotismo como a burguezia, e todavia, ao seu triumpho geral sobre o mundo civilisado, correspon-de um apagamento quasi completo dos caracteres nacionaes que d'antes distinguiam os povos. Um nivel banal passou sobre o que se chama a Europa moderna. Na classificação geralmente adoptada, os paizes que ainda se distinguem por saliencias typicas, occupam os ultimos logares e teem-se pelos barbaros representantes da finada edade media. Na maior parte dos verdadeiramente civilisados, a physionomia é uma só, a physio-nomia da classe que se estende por quasi toda a Europa governando-a, como se fosse uma raça que a tivesse conquistado, sobrepondo-se a ou-tras inferiores e por isso mudas e ignoradas na variedade dos seus cos-tumes selvaticos e domesticos. Um homem d'Estado ou um grande industrial francez é completamente semelhante aos que occupam iden-ticas posições na Hespanha, em Portugal, na Hollanda, na Suissa, na



Allemanha e até na Grecia. O que ha de differente nos habitantes d'esses differentes paizes é popular:— os membros das classes illustradas e cultas realisam em toda a parte um typo uniforme.

Por baixo d'esta camada egual que applicou um egual systema de governo, um egual verniz, a todas os povos, agitam-se outras classes para as quaes aquella apresenta muitas vezes o aspectó do estrangeiro. O povo olha supersticioso para as suas characteristics tradicções de raça, e tenta por vezes procurar uma realisação politica especial d'accordo com a sua indole e com as necessidades do presente, e, em busca da formula mysteriosa, mais d'uma vez se apaixona e desvaira, enquanto a burguezia cheia de tacto, de expedientes, de processos praticos, comprime n'esses momentos os utopistas e prossegue cada vez mais poderosa o seu nivelamento universal.

Este trabalho para a uniformidade vac chegando já aos paizes que mais se têm conservado fóra do movimento economico que principalmente caracteriza a Europa occidental. O oriente já começa a civilisar-se e a procurar reduzir-se ao typo commum.

O que este facto apresenta de mais notavel é que, em certos pontos do Oriente da Europa, a transformação não parte propriamente dos paizes onde se dá.

Vem para assim dizer de fóra, aproveitando em primeiro lugar as situações que o commercio, as novas industrias e sobretudo as circumstancias ou melhor as especulações politicas, teem já ha muito creado lá pelos mesmos motivos que influiram no centro e occidente da Europa.

Quando eu agora fallo do Oriente refiro-me sobretudo á Austria. Já direi porque.

O nivelamento burguez e liberal actua sobretudo ali pela influencia germanica na Hungria, na Bohemia e nos Slavos do Norte do Imperio, e pela influencia italiana nos paizes Slavos do Adriatico. Por estes dois lados a burguezia entra no Imperio austro-hungaro como uma invasão lenta mas constante, com a paciencia, a perseverança, o tacto que a distinguem; comprando propriedades, creando influencias materiaes, tomando pouco a pouco o commercio dos portos maritimos, capitalisando, e jogando habilmente no systema politico que esta classe cria sempre.

As resistencias são porém consideraveis.

Da força d'ellas e do poder que intenta supral-as se formou a luta constante e a unidade instavel que constituem a situação constitucional e a physionomia do imperio de Austria.

Como grande nação tem elle sempre vivido por uma rasão historica que nunca assentou sobre uma rasão natural, nem ainda conseguiu creal-a. Foi sempre uma conquista em via de realisação, como tantos dos Estados modernos no seu começo. Formado, porém, tarde, de elementos ethnographicos muito fortes e distinctos, não tiveram estes nem tempo nem boa occasião, para se unificarem.

Assim constituida, a Austria manteve-se porque para a sua existen-

cia se creou uma rasão poderosa. Em face da Russia immensa e selvagem e da Turquia mussulmana, a Europa quiz estabelecer uma barreira que lhe puzesse a coberto a civilisação, de novas e terriveis invasões. Quando hoje dizemos a palavra, «Austria» e fazemos passar pela lembrança a sua historia, sentimos facilmente que dois sentidos differentes lhe deram os acontecimentos politicos.

O primeiro faz-nos vêr um pequeno senhorio feudal dando nome a uma familia moralmente poderosa e imponente pelo imperio germanico já quasi tradicional, e pelo antigo brilho, cesariano e catholico, d'este. Para o extremo Oriente agitam-se então umas raças pouco conhecidas a não ser pelo seu barbaro e rapido atravessar da Europa, que no seculo XVI se unem como appendice ao imperio formado já por tantos outros fragmentos.,

O segundo sentido da palavra apparece-nos distincto quando a Austria passou a designar um aggregado de partes desconexas que teve apenas rasão de ser, e motivo de unidade, fóra de si; quando ella começa a representar uma utilidade europeia explorada por uma familia antiga.

Todos os nomes das nações modernas representam organismos com uma lei de unidade; unidades naturaes hoje, embora rasões historicas as tenham creado anteriormente. A Austria, porém, parece sempre o resultado artificial de um congresso. O «caracter nacional,» a «vontade nacional,» etc. São phrases que quando se applicam á Austria não apresentam sentido.

A sua estada na confederação germanica, mais ainda que as populações allemãs que esta encerra, deu-lhe para os observadores superficiaes um caracter falso que ainda hoje, para muitos, conserva.

A revolução historica que poz a Prussia á frente da Allemanha foi perfeitamente motivada. A Prussia era allemã,—de data relativamente recente, allemã germanisada, mas, enfim allemã. Königsberg, Berlim, tecm representado um movimento philosophico, scientifico perfeitamente allemão. A sua natureza tinha elementos extranhos mas já fundidos. Dentro da Allemanha a Prussia podia ser antipathica, como para alguns a Suabia, victima do humorismo de Heine e todavia a parte mais allemã da Allemanha,—mas, o seu caracter, a sua impressão popular eram absolutamente germanica.

A Austria, pelo contrario em consequencia do caracter accentuado e vigoroso dos paizes slavos, hunos, tartaros e latinos grupados n'ella, apresenta uma phisionomia estranha. A Prussia era para o effeito exterior de conjuncto *uma*. A Austria era e conservava-se multipla. A direcção do seu movimento, o seu papel politico, encerrava-se todo na lucta com os povos diversos dos allemães sobre que intentava uma germanisação que de ha muito abandona quasi, cedendo, transigindo, e domonstrando assim, talvez, para os mysticos da refocilação das raças, a insufficiencia apostolica do seu fluido germanico.

Para que a Austria volte a ter uma acção poderosa sobre a Allemanha seria preciso primeiro anniquilal-a como imperio, destacar do actual aggregado as populações allemãs com Vienna, e fazer successiva-

mente apparecer n'esta cidade homens que valessem, em face dos tempos que, vão succeder-se, Frederico II, o Barão de Stein, e o Principe de Bismark.

Fôra da Allemanha e sem acção sobre esta, como sem papel no seu desenvolvimento actual, tambem a Austria não precisa já existir como um baluarte na vanguarda da Europa civilisada. Já ninguem teme as hordas moscovitas, hoje, que a Moscou succedeu definitivamente S. Petersburgo mais perto a todos os respeito da Europa que da Asia. A Hungria com a sua historia heroica, e as suas extraordinarias liberdades, só conserva do mongolico a força independente. A Bohemia, a Moravia, a Galicia, a Corniola, a Carinthia, a Dalmacia e a Croacia, habitadas por populações slavas rodeando a Hungria, e separando-a da Turquia e da Russia, são paizes suscetiveis de todo o progresso e de todo o desenvolvimento. Resta com effeito a Turquia esse extranho hospede da Europa, incapaz porém de dar um passo entre a Allemanha, a Russia e a Italia modernas.

A razão de ser da Austria desapareceu, nenhum equilibrio necessario parece já contar com ella: a sua historia vac sem duvida passar por alguma crise grave e transformadora.

Depois de haverem querido fazer dos seus differentes povos meras provincias, constituindot yranicamente uma nação centralisada, depois de haverem querido formar uma federação naturalmente indicada pela diversidade dos elementos, depois de haverem ainda tentado dar apenas um soberano commum ás duas partes mais preponderantes da nação, todos sabem que se constituíram em 1867, sob a acção dos partidos hugaros, um reino e um imperio cada um com o seu parlamento com o seu ministerio, e ambos dominados por um governo superior e commum.

Todos sabem como esta organização é minuciosa, complicada sujeita a collisões, a embaraços e por consequencia susceptivel de facilmente se destruir.

As luctas que não tem cessado, redobram agora de intensidade. A Hungria não se contenta com a independencia de que gosa. Kossuth, o velho agitador torna a apparecer em scena para perguntar porque razão se hade conservar a Hungria unida á Austria e para lhe dizer que se prepare para adquirir um logar independente obrigando a Europa a contar com ella nas novas combinações que dentro em pouco devem fazer-se.

Por outro lado as aspirações á liberdade e á independencia dos paizes slavos cada vez tomam maior importancia. A Hungria que tem sempre repellido a tyrannica imposição da influencia germanica, não prescinde de tyrannicamente influir sobre os povos que nem tem completamente a sua origem, nem os seus costumes, nem as suas tradições nem a sua lingua.

Agora mesmo uma grande inquietação agita a opinião e a imprensa hungara ao ver as honras excepcionaes que as auctoridades turcas tem dispensado aos principes da Romania e da Servia nas suas ultimas viagens, temendo que a Turquia se torne um ponto de apoio para as tentativas dos paizes slavos.



Falla-se tambem na união da Servia ao Montenegro se o principe Milan morrer sem successores; e sabe-se que o governo romanico procura estabelecer um tractado de commercio com a Hungria e acabar a junção das linhas ferreas dos dois paizes.

Eis os caracteres principaes, complexos e complicados, da importante região oriental sobre que opera agora a burguezia politica e descaracterisadoura do nosso seculo.

Na Dalmacia, estendida sobre o Adriatico, os habitantes dos portos de mar e das cidades, de origem italiana, industriaes, commerciantes, ricos, instruidos, tem tido continuos conflictos com as populações dos campos, slavas e federalistas como os demais povos da mesma origem que querem a sua independencia.

Na dieta de Agram, propõe-se que se estude o modo de união da Croacia á Dalmacia, o que augmenta ainda os temôres do partido *hungaro*.

Aos paizes slavs que hoje pertencem á Austria falta apenas um homem, uma direcção unica, um centro. Se o encontrarem cedo, cedo mudarão a forma essencialmente transitoria do condemnado imperio Austriaco.

Que influencia terá na Europa a profunda alteração d'aquelle Estado? Que papel representará ella,—calculada e medida como já deve estar,—nos planos politicos do sr. de Bismarck? Eis os graves problemas que se offerecem agora á meditação dos politicos.

Na Grecia, que está tambem no oriente da Europa, a burguezia politica domina completamente. Por este lado se pôde considerar como um paiz extremamente civilisado.

Todos os vicios e defeitos da classe industrial dominante se podem ahi observar nos seus mais curiosos desenvolvimentos. Parece, ao ver-se onde chegaram, que o que constitue a situação dos demais paizes do occidente da Europa é na Grecia mais antigo que em nenhum d'elles. Já houve quem quizesse explicar a insignificancia de quasi todos os homens de Estado de Portugal, a nullidade da grandissima maioria dos seus deputados e pares, a falta de ideias do seu jornalismo, a falta de originalidade e de valor real da sua litteratura mais festejada, como resultados da falta de renovação esterilizadora da classe que ordinariamente fornece de paes a filhos os que executam estas differentes funcções. A politica da Grecia parece accusar pelos seus effeitos esta mesma causa de mal. Tem-se alli obrigado o systema parlamentar a toda a sorte de provas em seu desfavor. As eleições são sempre uma lucta de interesses pessoaes em que as corrupções e as intrigas saem naturalmente do estado actual das classes. Mais de 600 candidatos se apresentam ordinariamente para occupar as 190 cadeiras do parlamento. É o governo quem vence sempre as eleições como succede todas as vezes que o estado do espirito publico é o que deixo indicado. A força que dá o poder, os logares, os valores de que elle dispõe é sempre decisiva em taes casos. Mas o interesse de partido tem alli um outro nome mais verdadeiro que é o interesse pessoal. Prometter muito é uma condicção da victoria mas compromette depois. Os partidarios que a principio se contentavam com certos interesses são insaciaveis e

exigem sempre mais, progressivamente. O governo tem de recusar, de descontentar. Por isso, mezes depois de elle haver vencido, quasi unanimemente, umas eleições, encontra no parlamento uma forte opposição. O rei tem então dois expedientes a tomar, que enterteem o tempo durante o qual as classes politicas vão preparando o seu jogo ou recolhendo e realisando os lucros das anteriores partidas, mas que não fazem mais que reproduzir indefinidamente a mesma situação. O primeiro é demittir o ministerio e substitui-lo por um outro que tem a mesma historia, que vence pela mesma forma, que é vencido pelos mesmos meios e que reproduz as mesmas situações. É assim que teem alternativamente governado os srs. Deligeorgis, Laimis, Cumundoros e ultimamente o sr. Bularis. O segundo expediente indicado em politica constitucional consiste em dissolver o parlamento, obtendo um novo que começa por appoiar o governo que o formou, e que pouco depois o abandona. D'este meio tambem na Grecia se tem usado largamente. Annos houve que viram duas dissoluções.

Ha mais de dez annos assim que os ministerios e as camaras se succedem rapidamente sem quasi terem tempo de legislar. Todo o tempo se tem passado a preparar os meios de governar constitucionalmente, sem haver nunca occasião de ter o systema prompto para o empregar.

Deu-se ultimamente o seguinte significativo facto:

Estatuir n'uma constituição que o Parlamento poderá legislar com os deputados que se acharem presentes qualquer que seja o seu numero é falsear o principio das maiorias, e fazer leis que representem frequentes vezes a vontade de muito poucos.

O art. 36.º da constituição hellenica determina, pois, que só se discute e vote no parlamento de Athenas com metade dos deputados e mais 1.

Da camara reunida em novembro de 1874 pelo ministerio Bularis ausentaram-se os deputados da opposição para impedirem por este meio facil o andamento regular da engenhosa machina constitucional. Nunca se reuniu o numero legal. A legislatura teve assim que encerrar-se, mezes depois, já em 1875, sem haver discutido nenhuma lei importante.

Como era, porém, forçoso sair d'esta situação, e como os meios regulares se deviam suppor esgotados por uma pratica tão dilatada quanto infructifera, o governo decediu-se a fazer um pequeno golpe de Estado. Reuniu a camara (19, 20 de março) e com o numero de Deputados presentes reformou precisamente o art. 36.º da constituição.

Naturalmente os grupos da opposição protestaram, publicaram manifestos, e organisaram um grande pronunciamento no dia 6 de abril, anniversario da independencia hellenica.

O telegrapho e os jornaes deram-nos a conhecer as exhições e os embarços do rei Jorge diante d'uma similhante crise. Collocado no throno da Grecia pela Europa tem elle esgotado todos os meios que as constituições fornecem para que se possa governar com ellas.

Desanimado, pensou naturalmente em abdicar, deixando o logar livre a uma republica em que governariam os mesmos homens e as mes-

mas classes, ou a um outro rei cuja historia repetiria a sua. Pensou em appellar para as nações que o haviam collocado n'aquelle esteril combate e cujas esquadras não podiam fazer mais que impor, facilmente é certo, uma d'essas duas soluções. Por fim o Rei decidiu-se a tentar uma ultima experiencia. Demittiu o ministerio Bulgaris (6 de maio) e entregou o governo ao sr. Tricupis, chefe do partido radical e republicano, que nas ultimas crises accusára o rei de ser o unico causador das desgraças da nação.

As leis feitas nas sessões illegaes foram annulladas, o parlamento dissolvido, as eleições fixadas para 30 de julho e a nova reunião para 31 de agosto.

O sr. Tricupis, republicano que não vê só na Republica a salvação da Grecia, publicou um manifesto inteiramente constitucional.

É de crer que a historia da Grecia contemporanea siga apresentando a mesma phisionomia sob o ministerio que se diz radical.

Os processos empregados até hoje teem reduzido ao absurdo o systema politico constitucional pondo em acção, engenhosa e conscientemente, as suas mais gabadas molas.

Não se pôde realmente exigir mais da civilisação e da educação politica d'um paiz que produziu os sophistas e que deu o seu nome ao imperio que tinha Byzancio por cabeça.

30, de junho de 1875.

J. BATALHA REIS.



---

# BIBLIOGRAPHIA

---

**Manual da historia da litteratura portugueza por Theophilo Braga.**

O ultimo livro do erudito professor do curso superior de letras, destinado por seu auctor ao uso dos nossos lyceus, não nos parece corresponder cabalmente ás necessidades do ensino secundario. Tem de menos e tem de mais. A abundancia de minuciosidades eruditas, mais interessantes para o curioso do que essenciaes á exacta avaliação das obras litterarias, embaraçará decerto as intelligencias novas, para quem é sempre difficil distinguir o constitucional do accidental, fortuito e por isso mesmo secundario em importancia.

Feita esta reserva, e considerando o livro em si, independentemente do fim a que parece ser destinado, é mister reconhecer que o sr. Theophilo Braga como que condensou n'este volume a vasta *information* que tem obtido sobre a nossa historia litteraria, o que por si só é uma vantagem, e maior ainda por nos apparecer esse vasto agglomerado de factos e textos, despido das apreciações systematicas que prejudicam de um modo assaz sensivel os numerosos volumes da *Historia da Litteratura portugueza*. Não diremos que a erudição seja sempre impeccavel; e se estimamos ver purgado o *Manual* de quasi todas as theorias cervinas que nenhum bem fizeram á reputação do sr. Theophilo Braga, não queremos dizer que a ausencia de pontos de vista geraes, das grandes linhas que marcam a estrutura geral da vida de um povo, seja uma vantagem. Pelo contrario; nem ha sciencia, qualquer que ella seja, capaz de existir sem philosophia. Um certo acanhamento de vistas, ou melhor um certo vicio no modo de olhar a historia tem sido e é ainda o defeito mais pronunciado dos livros do sr. Theophilo Braga. Não desconhece a necessidade das leis syntheticas, sabe que ha vastos e ao mesmo tempo profundos problemas na historia; não é um secco erudito fradesco curioso apenas de factos e datas; não; os factos, as datas, as minuciosidades tem para elle uma significação. Infelizmente erra a miudo ao determinar essa significação, vê as mais das vezes, apenas, lados dos problemas, e é assim que, falseando-os e systematisando-os tem chegado a contradicções, a aberrações, de que muitos pasmariam se muitos leitores tivessem os seus livros, aliás importantes, o que infelizmente não succede.

Além d'isto, a natureza do talento do sr. Theophilo Braga é mais dogma-

tica do que critica, e compraz-se melhor na investigação laboriosa, do que na observação perspicaz dos caracteres psychologicos de uma época. A litteratura, em vez de nos apparecer como a expressão de uma sociedade viva, no seu esplendor ou na sua decadencia, apresenta-se-nos como uma série de producções inaninadas, que provêm de uma deducção escolastica. Apresentar-nos n'um como indice, a série de escolas que successivamente dominaram no gosto dos litteratos portuguezes, não basta; é mister dizer-nos como e porque motivos intimos da vida nacional se deu esse predominio. (V. retro.)

Dizer-nos que o cultismo do século xvi abafou a expontaneidade litteraria nacional não nos adianta muito, porque logo desejamos saber porque motivos, sufficientemente racionais, se deu esse predominio do cultismo. Acaso depois da explicação diminuisse o nosso dô pelas primitivas vencidas trovas.

Por outro lado a unica especie de criterio a que o sr. Theophilo Braga parece sujeitar-se leva-o a conclusões que tem em si mesmas a propria refutação. O espirito de nacionalidade, se importa muito para a vida das sociedades, nem é o unico, nem é mesmo o preponderante. Todas as sociedades humanas seja qual fôr a sua origem ethnologica, as circumstancias geographicas e chinatologias da região que habitem, andam sujeitas a regras invariantes e absolutas que são n'esta cathegoria, a reprodução das leis providencias do Universo. Positivista agora, o sr. Theophilo Braga não admittirá decerto esta opinião; ainda que o proprio pae do positivismo reconhecia uma especie de *primeira philosophia* que tem por objecto as noções communs as philosophias de todas as sciencias; refutar, recusar a metaphisica do espiritualismo e do materialismo contemporaneos não é refutar a metaphisica de que, na linguagem de Aristoteles a *primeira philosophia* é synonymo.

Preso porém a um naturalismo, mais caprichoso do que critico, o sr. Theophilo Braga não tem uma palavra só para este elemento, que é afinal o essencial e profundo na historia moral de todos os povos: a educação progressiva, o augmento de consciencia civilisada. Superior aos caracteres nacionaes porque os domina e n'um certo sentido os apaga, a historia ideal, como disse Vico, é o primeiro criterio por onde podemos avaliar a vida moral de uma sociedade. Por desprezar ou não reconhecer este ponto de vista, succede ao sr. Theophilo Braga que, chegando ao fim da sua obra, e registrando a quêda das tentativas de regeneração litteraria feitas n'este século pela escola de Garrett e do sr. Herculano, e não dizendo uma palavra do character do movimento litterario posterior, conclue, ou antes conclue o leitor, que a litteratura portugueza acabou com esses nomes illustres. Ora, entre outras e não somenos, a prova de que não acabou é a *Visão dos Tempos* que nada tem de *nacional*, no sentido que se liga á palavra, nem de mosarabe, mas que nem por isso prova menos para a vitalidade litteraria.

Seja-nos agora licito fazer uma queixa. O sr. Herculano, a quem cabe uma parte pelo menos tão grande como a de Garrett no movimento litterario do romantismo portuguez, apenas obtem estas seccas linhas: «Os *Nobiliarios* tambem apresentaram tradições portuguezas sobre que Herculano escreveu as *Lendas e Narrativas*.» Nada mais. Se a pessoa do author do *Manual* não sympathisa com a do author da *Historia de Portugal*, o escriptor mostra se ainda fraco em não esquecer diante da obra os sentimentos privados, antes subordinar a primeira aos segundos. A imparcialidade é indispensavel ao juiz; e n'este ponto o critico deixou-se levar na corrente dos que em vão pozeram a peito destruir a justa reputação litteraria do sr. Herculano.

Esta secção da *Revista* conterá uma resenha critica das publicações da quinzena.

A inserção de livros ou outros impressos no *Boletim bibliographico*, far-se-ha quando os auctores ou editores enviem franco de porte dois exemplares á direcção da *Revista Occidental*.



# REVISTA OCCIDENTAL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DOIS VOLUMES, PELO MENOS, DE 128 PAGINAS CADA MEZ

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Portugal		Brazil	
3 Mezes....	2\$200 réis fortes	3 Mezes....	5\$000 réis fracos
Anno .....	8\$000 » »	Anno .....	18\$000 » »

Nas terras onde não ha agente accresce o porte do correio.

Madrid		Provincias	
Mez.....	16 Rvn.	Mez.....	20 Rvn.
Trimestre .....	44 »	Trimestre.....	55 »
Anno.....	160 »	Anno.....	180 »

As assignaturas são pagas adiantadas.

### Assigna-se:

#### Em Portugal

Nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Guimarães, Vizeu, Lamego, Santarem, Mertola, etc.  
Agente no Porto — **Magalhães e Moniz.**

#### No Brazil

Nas principaes livrarias do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Pará, Maranhão, Ceará, etc.  
Agentes no Rio de Janeiro — **Sombaerts & F.**

#### Em Hespanha

Nas principaes livrarias de Madrid, Barcelona, Sevilha, Valencia, Malaga, Saragoça, Cadiz, Corunha, etc.  
Agente en Madrid — **Ricardo Sterling**, Infantas, 23.

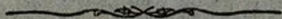
REVISTA  
OCCIDENTAL

---

1.º ANNO

TOMO SEGUNDO

15 DE JULHO—5.º FASCICULO



LISBOA  
ESCRITORIO DA REVISTA OCCIDENTAL  
3—Rua Nova dos Martyres—3

1875



# SUMMARIO

---

- I—**CULPA E CASTIGO**, (novela) — por **D. Maria del Pilar Sinués de Marco**, pag. 513.
- II—**DA MORAL RELIGIOSA ENTRE OS GREGOS**, — A **MITHOLOGIA**, — por **Oliveira Martins**, pag. 554.
- III—**BISMARCK EN EL PARLAMENTO** — (segunda parte), — por **D. Patricio de la Escosura**, pag. 572.
- IV—**OS PORTUGUEZES NA DESCOBERTA DA AMERICA**, por **Luciano Cordeiro**, pag. 595.
- V—**APUNTES PARA EL ESTUDIO DE LA HISTORIA**, por **D. Serafin Olave**, pag. 606.
- CHRONICAS — REVISTAS.**
- VI—**America**, por **D. R. de Cala**, pag. 615.
- VII—**Portugal e Brasil**, por **P. de Oliveira**, pag. 621.
- VIII—**España**, por \*\*\*, pag. 629.
- IX—**Europa**, por **J. Batalha Reis**, pag. 632.
- X—**BIBLIOGRAPHIA**, pag. 640.

**Direitos de reproducção e traducção reservados.**



## CULPA E CASTIGO \*

### I

D. Damaso Maroto era um rico fidalgo aragonez que residia na florescente villa de Epila.

Um dia, sentiu-se cansado da vida patriarchal que ali levava, e disse para sua filha unica:

—Saberás, Rosaria, que vamos viver em Madrid.

—Deixámos então a herdade, meu pae?

—É claro! cá fica o Antonio que me substituirá admiravelmente; não podiamos encontrar outro igual, capaz de se deixar enforcar por um *cuervo*, e aspero, a mim não poder ser, tanto para creados como para trabalhadores.

—Ahi está em meu pae se engana, atalhou Rosaria: aspero elle! a meu pae é que todos lhe parecem assim.

—A mim, replicou D. Damaso, só me parece aspero aquillo que realmente o é; a ti todos te parecem molles, porque tu é que és dura como um rochedo: ninguem iria julgar-te filha d'aquella santa que Deus tem, e que era a bondade personalisada, nem tão pouco filha minha, que supponho não ser eu para ahi algum bicho feroz; mas tu... tu, filha! nada te satisfaz, e nada desculpas! lembra-te de que, perfeito só Deus! *caramba!* olha que não ha corda por mais rija que seja que não estale se a esticarem muito: cumpre não puxar por ella até esse extremo! e repara em que mais se apanham as moscas com mel do que com fel!

\* Ao illustre escriptor Fernan Caballero, em testemunha de respeitosa admiração e profunda estima offerce A AUCTORA.

—Acabou de fallar, meu pae? perguntou Rosaria com certo tom de disputa.

—Acabei.

—Bem! agora que me é licito responder-lhe, saiba que apezar de toda essa prêgação não hei de ser eu que me resolva a deixar fazer o ninho atraz da orelha.

—Pois quem é aqui que deixa fazer o ninho atraz da orelha?

—É meu pae, com quem toda a gente se atreve a mangar: os criados fazem o que querem, os trabalhadores deitam-se a dormir a sêsta...

—Valha-te Deus, filha! não são elles gente como nos? e tu não dormes a sêsta tambem? não a durmo eu estirado na minha cama fôfa e macia? que extranhar ha então em que o Antonio os deixe descansar um bocado, com prévio consentimento meu? mal rompe a madrugada, já os pobres homens começam com a lida da ceifa, de modo que, em sendo uma hora da tarde, está aquella gente morta de cançasso: demais... que sêsta aquella! um bocado que passam deitados alli mesmo no chão duro!

—Já agora, seria melhor que lhes mandassemos lá pôr uns colchões de pennas; não acha, meu pae? olhe, não me venha com argumentos d'esses! a questão resume-se em que eu não falto nunca ás minhas obrigações, antes timbro em cumpril-as por uma forma irreprehensivel; pois os mais que cumpram as suas tambem.

—Entretanto, filha, nem todos pôdem ser tão virtuosos como tu! aqui estou eu que me tenho na conta de não ser dos menos activos, e que apezar d'isso cuido que se não ganha em levar tudo á ponta da espada, parecendo-me, pelo contrario, que os verdadeiramente bons devem relevar os que o não são tanto.

—Sim? e porque consente meu pae ao Pedro que se recolha para caza ás onze da noite?

—Então que queres tu, filha, se o pobre rapaz está para casar? que mal me faz a mim ir elle palestrar um bocado com a sua futura noiva?

—Coitado! a noiva lhe daria eu, se a casa andasse governada por mim.

—Pois por quem anda ella governada, filha?

—Por ninguem! a mim não me deixa meu pae pôr os pontos nos ii: meu pae pela sua parte não se importa com coisa alguma!—olhe, outra como o Pedro, a Antonia! posta em grande colloquio com o seu conversado todas as noites até ás nove horas!

—Oh! mulher! mas o que queres tu que elles façam? ora sempre eu quero vêr, quando tu tiveres noivo, se te não ha de tambem parecer pouco todo o tempo para estares derretida a palrar com elle.

—Engana-se meu pae, respondeu Rosaria sêccamente; eu não quero casar.

—Não queres casar, filha? essa é a minha pena, a minha grande pena!

E n'isto o semblante alegre de D. Damaso assumiu derepente uma expressão de profundissima dôr.

—Ora, vejamos, accrescentou elle cruzando as mãos sobre o abdomen rotundo e volumoso, vejamos, filha: porque não has de tu querer casar? tens 22 annos, és linda como um ramo de flores, levas de dote cincoenta mil duros em bellas onças de oiro antigo, algumas das quaes já teu avô, que Deus tenha em gloria, ia arrecadando com o sentido em ti... sem fallar na herdade, que essa então é a peça melhor d'estes sitios... já vêes que te não faltarão pretendentes.

—Faltar, não faltam, antes sobejam: sabe meu pae isso perfeitamente.

—Se o sei! e o que me penaliza é que a todos os teus pretendentes maltratas.

—Mais vale desenganal-os a tempo, do que trazel-os illudidos sem tenção de casar com elles. Sabe que mais, meu pae? presinto que os homens, em casando, assumem todos um papel de senhores que me não quadra.

—É que o homem é effectivamente o senhor da casa.

—Pois de marido, que por ser rico se julgue com direito a dominar-me, prescindio; e se chegar a casar, ha de ser com homem pobre: o que eu possuo, chega sufficientemente para dois.

—Casarás com quem quizeres, filha: fallas-me em maridos pobres... dois conheço eu n'essas circumstancias, que te pretendem.

—Ah! o *Pito*, e o *Morriões*, já viram uns animaes assim? tão ordinarios! tão enxovalhados!

—Obstaculos sobre obstaculos, não é verdade? queres um marido pobre e delicado, porque recebeste aquella boa educação que te deram as freiras Salesias: pois vamos vêr se encontramos um noivo d'esses em Madrid, que é isso exactamente o motivo que lá me leva.

—Oh! meu pae da minha alma, exclamou Rosaria lançando-se desfeita em pranto nos braços de D. Damaso, pois tanto desejo é o seu de separar-se de mim? nunca eu serei capaz de me casar emquanto considerar que meu pae é o melhor homem de quantos conheço! ah! que se eu encontrasse um noivo assim?

—Que dizes, filha? um noivo tosco assim como eu?

—Tosco embora! eu me encarregaria de o polir a meu modo: presumidos e mal creados, esses é que nem vêl-os quero!

—Pois seja como tu entenderes: o que é certo é que vamos viver em Madrid; calcula bem que não serei eterno, e no dia em que eu te faltasse, coitadinha de ti... ficarias só e desamparada.

—Seja feita a vossa vontade, iremos para Madrid, disse Rosaria que adorava realmente seu pae, mas o que eu lhe juro é que por cousa nenhuma eu de meu moto proprio abandonaria estes sitios.

—Admira que te não fascinem os divertimentos da capital! sabes que está lá tua madrinha, a senhora marquesa del Puerto?

—Meu pae sabe muito bem que eu não gosto de divertimentos.

—É porque os não tens experimentado; fallar-me-has depois de os teres desfructado a primeira vez! olha, assim que chegarmos, vamos logo



á modista de tua madrinha, que é decerto a melhor de Madrid, e ella que te vista ao seu gosto.

— Com tanto que seja tambem ao meu.

— Lá farás o que entenderes: só te recommendo que não faltes ao preciso: como estás tu de dinheiro?

— Riquissima: tenho duzentos duros.

— Duzentos duros? vejo então que não tens gastado um real, ha quatro mezes para cá.

— A unica cousa que me foi preciso comprar foi uma cama para a viuva d'ali defronte: dei ordem para se lhe arranjar tudo bom; mandei-lhe buscar á cidade um leito de ferro, dois colxões, cobertores novos, lençoes e travesseiros, tudo de excellente pano; eu mesma é que lh'os talhei e lh'os cosi: e para cobrir tudo isto dei-lhe aquella colxa que eu fiz aos serões do inverno passado.

— Uma colxa que te custou tanto trabalho!

— É que meu pae não imagina como ella agasalha, e a pobre velhita precisava mais d'ella do que nós. Agora estou eu fazendo outra igual para meu pae.

— Pateta! não valia mais ires aos bailes familiares do sr. alcaide?

— Não acho divertimento n'isso; o meu prazer maior é costurar, trabalhar e cuidar da casa; d'esta fôrma, cumpro o meu dever, e sinto a consciencia tranquilla: quando vou a alguma festa, o que meu pae sabe que raras vezes succede, estou sempre a pensar no que farão as creadas sósinhas em casa, se estarão dormindo em vez de trabalharem, ou se acordadas estarão com duas e tres luzes accesas desperdiçando o azeite.

— É esse genio que te emmagrece! e a final não tens razão:—ahi está a Casilda, que é uma verdadeira perola que nós cá temos em casa, e tu imbirras com ella, e andas sempre em ralhos: pois olha que mais poupada e mais cuidadosa desafio-te a que encontres outra.

— Ora, meu pae, a Casilda é como todas.

— D'accordo, porque todas são boas creadas, mas a Casilda é a melhor de todas ellas, tanto que trago na idéa levar-a connosco para Madrid: não quero servir-me com creados todos de lá. Vou dar uma vista d'olhos aos trabalhadores, que já vae o sol baixando: porque não vens tu tambem passear um bocado?

— Não sinto appetite, meu pae.

— Aposto que o sentes de ires pôr-te a coser ou a bordar.

— Tambem não: vou acabar os dois ramos de flores para o altar de Nossa Senhora da Soledade; quero vêr se já domingo figuram na missa conventual.

— És uma christã muito devota.

— Meu pae, o dia da nossa morte é o unico que nos ha de aproveitar, assim dizia a madre-prioreza das Salesias.

— E tinha razão: até logo, minha filha.

— Até logo, meu pae, não se deixe por lá ficar entretido na botica, que venha muito tarde para casa.

## II

D. Damaso Maroto, filho de um rico lavrador, era lavrador também: não lavrava a terra por suas mãos, mas limitava a sua actividade a vigiar os moços de lavoura e mais trabalhadores.

Do seu matrimonio com uma das mais formosas e mais consideradas meninas da localidade, resultára como unico fructo Rosaria, que em tenros annos ficou orphã de mãe.

É facil perceber como D. Damaso ficaria embaraçado vendo-se de repente sosinho, com o encargo d'aquella creancinha de cinco annos.

Acudiu-lhe n'este transe o avô da orphãcita, que, apesar de velho, sabia encontrar sempre recursos para sair de qualquer difficuldade que se lhe antolhasse.

— Queres um conselho, Damaso? leva a pequenita para as freiras Salesias, que sabem dar uma educação como Deus manda: ficamos assim aliviados de um grande cuidado.

D. Damaso, que em toda a sua vida obedecera cegamente a seu pae, achou a principio bastante custosa aquella idéa de ter de separ-se da filhinha, mas acabou por conformar-se, e foi elle proprio levar-a áquella excellente casa de educação.

As freiras amimavam a pequena, mais do que convinha a um genio teimoso e caprichoso como era o de Rosaria, mas tão linda era a creança, tão applicada e tão intelligente, que não tinham as preceptoras animo de a reprimir, antes a apresentavam a cada passo como exemplo a todas as outras educandas.

Foi n'aquella mansão de paz que Rosaria cresceu de dia para dia em gentileza e graciosidade: desempenhava com extraordinaria mestria as prendas feminis de qualquer natureza, chegando por vezes a exceder em perfeição as proprias freiras que a educavam.

Quando, porém, Rosaria completou dezeseis annos de idade, entraram as saudades a apertar irresistivelmente com o pae, e no auge da sua impaciencia foi elle proprio buscal-a, sendo inuteis todas as supplicas das freiras para que D. Damaso lhes deixasse lá ficar a filha por alguns mezes mais.

— Basta já de separação, disse o honrado lavrador: o avô de Rosaria já não existe, e eu acho-me completamente só: é justo que minha filha comece a entrar no governo da casa, porque a ama que a criou, posto seja uma soffrivel governanta, vac entretanto principiando a dar-lhe o caruncho, e reccio bem que mais dia menos dia, fiquemos sem ella.

Rosaria, a quem a mãe não podéra amamentar por causa da sua debil constituição, fôra creada por uma viuva que desmamára Casilda sua filha na tenra idade de oito mezes para se encarregar da criação de Rosaria.

Desde então a ama e a Casildita começaram a formar parte integrante da familia de D. Damaso.



E quando este enviuvou, foi a ama de Rosalia que tomou o encargo de governar a casa, encargo que desempenhava com a melhor vontade.

Entretanto uma cousa é ter boa vontade, e outra cousa é acertar: a governanta nem sempre acertava com a verdadeira economia domestica d'aquella casa aliás rica e abundante em tudo quanto eram productos agricolas.

Casilda ajudava a mãe, e emendava muitas vezes os desconchavos da sua administração caseira.

Quando Rosaria saiu do convento, começou para a ama o descanço d'aquellas fadigas.

Rosaria dispunha de uma intelligencia sobejamente vasta para dispensar bem a coadjuvação de qualquer pessoa: empunhou com firmeza as redeas do governo domestico, revelando desde começo uma grande severidade de character.

Rosaria era formosa e de estatura regular, com olhos azues e cabellos castanho-escuros a ondularem-lhe graciosamente em torno do rosto; o nariz de contorno recto e delicado, a boca pequena e côr de coral, e a testa suave, harmonisavam-se elegantemente com a doce curvatura das faces: juntou-se a isto um olhar candido e cheio de fogo ao mesmo tempo, uma voz sonora e agradável, um riso expressivo, um character energico e apaixonado:— coração melhor que o seu, era impossivel encontrar-o:— havia, porém, n'aquella indole uma severidade natural, que, dominada como Rosaria era pela idéa do dever, a tornava intransigente com a mais simples alteração do seu rigoroso cumprimento.

Suceddeu com Rosaria o que succede a todos os genios d'aquella tempera: seu pae, homem de character tão brando quanto o da filha era austero, adorava-a, mas tinha medo d'ella: os creados temiam-n'a, e detestavam-n'a.

É que a virtude tem o condão de fazer-se estimar sempre que a par d'ella exista a bondade: uma severidade constante, uma regidez de principios nunca desmentida, são uma permanente accusação para as pessoas que nos rodeiam.

Rosaria, apesar de boa e caridosa, tornava-se insupportavel;— escrava dos seus deveres, e sollicita sempre no desempenho de todos elles, caprichava em não deixar passar a mais leve falta sem reprehender, castigar, ou mesmo despedir o culpado.

Um perfeito contraste de Rosaria era a figura meiga e docemente risonha de Casilda.

Casilda adorava Rosaria, que em troca lhe correspondia com uma ternura de que poucas pessoas se podiam gabar.

Pouco tempo depois de sair do convento, Rosaria fôra atacada de sesões malignas: durante todo o tempo que a febre pernicioso conservou a pobre doentinha prostrada no leito do soffrimento, Casilda não abandonara a cabeceira da enferma senão para ir um momento á pressa resar por ella na egreja que havia defronte.

Era Casilda sempre que tomava sobre si o encargo de desculpar



perante as outras creadas o que ellas chamavam singularidades de Rosaria, singularidades que por fim de contas não significavam mais que o desejo de que todos cumprissem o seu dever.

Casilda era mais baixa que Rosaria: tinha rosto moreno, olhos alegres e negros, boca um pouco rasgada, deixando ver uns dentes nacarados e de uma egualdade irreprehensivel: a testa aparentemente pouco espacosa pela basta moldura de cabellos pretos que se reuniam posteriormente em abundantes tranças, era entretanto contornada por linhas finissimas de graciosidade.

Rosaria encommodava-se por qualquer cousa.

Casilda olhava para tudo com uma serenidade imperturbavel, como se a sua alma não abrigasse senão sorrisos e frescura.

Pouco tempo depois de Rosaria regressar para casa de seu pae, falleceu a mãe de Casilda na santa paz do Senhor como tinha vivido sempre: a filha ficou desde então sob o amparo tutellar de D. Damaso, que, logo abaixo de Rosaria, era a quem n'este mundo mais estimava.

Casilda possuia o condão de adivinhar instinctivamente tudo quanto podesse ser agradável *al señor y a la señorita*, (era assim que ella tratava a D. Damaso e sua filha).

N'um paiz, onde entre amos e creados reina uma familiaridade extrema, Casilda revelava uma distincção de maneiras e uma cultura pouco vulgar.

Apesar de tudo, a pobre rapariga soffria constantemente as interminaveis reprehensões de Rosaria, que adoptára o costume de ralhar a proposito de tudo.

Em compensação, lá estava o bondoso coração de D. Damaso que a cada momento lhe prodigalisava mil elogios, como para indemnisa-la das impertinencias da filha; mas o talento sagaz de Casilda comprehendia bem o que realmente valiam tanto a filha como o pae, e com um simples olhar de Rosaria ficava ella mais agradecida do que perante a ruidosa enfiada de phrases laudatorias com que seu amo a apostrophava.

Casilda erguia-se todos os dias antes do romper d'alva, e ia ella por suas proprias mãos preparar o trabalhoso almoço dos moços de lavoura.

Trabalhoso lhe chamámos nós, e muito de industria o dissêmos.

Nas provincias aragonezas os trabalhadores do campo exigem comedias principescas, de modo que em muitas herdades é habitual reservarem-lhes as melhores peças na matança do porco: servem-lhes além d'isto carne de vitella, azeitonas, e varias outras refeições muitas vezes preparadas pelas proprias mãos de uma boa dona de casa.

Casilda, para ter prompto ás quatro da manhã o almoço dos trabalhadores e dos creados, levantava-se da cama á hora e meia da noite, e juntamente com as outras duas creadas e a mulher do Antonio, tratava de dispôr as cousas de modo que nada faltasse á hora precisa: trabalhava e ria simultaneamente, retorquindo com jovialidade aos gracejos que os moços da lavoura se compraziam incitar aquella amenidade de character sempre fresco, risonho e expansivo como uma flor de primavera.

Rosaria sabia perfeitamente por que fôrma Casilda desempenhava este encargo dos almoços, mas nem por isso se poupava a erguer-se egualmente cedo para estar, como ella dizia, vendo sempre as cousas com os seus proprios olhos:—mas entrar ella na cosinha equivalia a suspender-se desde logo os cantos e os risos, e em vez da alegria communicativa que até alli dominára, passava a reinar o mais profundo silencio.

Ou se algum vago rumor quebrava esse silencio, era um dialogo pouco mais ou menos assim:

— Jesus! que cara tão zangada tem hoje a filha do patrão!

— Aquillo nasceu já phrenetica, e phrenetica ha de morrer.

— O marido, que lhe couber aquella empada por sorte, fica feliz.

— Pobre sou eu, e todavia antes sopas sem sal do que aturar semelhante riqueza toda a vida!

— O mesmo digo eu.

— E o mesmo diziam hontem á noite os rapazes todos lá na praça.

— Pobre é a Casilda, e mais depressa a quereria eu.

— Mais eu!

— Mais eu!

— E todos! pois é lá cousa que se admitta casar-se um homem com um demonio assim, como quem diz... sim... para toda a vida!

— Se a fritada está prompta, é pô-la na mesa, Casilda, dizia a voz severa de Rosaria.

A fritada não estava tal prompta, mas Casilda, sem replicar palavra; ia pôr o almoço na mesa coberta com uma toalha de linho grosso, mas alvissimo.

— O presunto está quasi crú, resmungava um ao ouvido do companheiro.

— Pudéra, se a ama não lh'o deixou acabar de fritar.

— Irra! que géniosito! parece uma vibora: iria apostar que nem de noute socega, e que até dormindo espermêa.

Era esta egualmente a opinião geral entre os rapazes da localidade, alguns dos quaes, tanto por suas fortunas como pelo seu bom porte, teriam sido excellentes partidos para Rosaria; mas a reputação, que geralmente gosava de ter um génio tão mau e uma indole tão aspera, afugentava os pretendentes todos.

Confessavam que era lindissima, mas fugiam horrorisados.

Verdade é que Rosaria pouco se importava com semelhante abandono: a dois um pouco mais corajosos, que se haviam afoitado a cortejar-o, tinha-os ella, como vulgarmente se diz, *despedido em latim*, e dos restantes não havia um unico que ficasse, depois d'isto, com ambições de aspirar áquelle amor.

Tal era o estado das coisas, quando o sr. D. Damaso Maroto concebeu a idéa de ir até Madrid.

Combinou-se logo que iria tambem a Casilda.

Esta, quando a ama no dia seguinte lhe deu tal noticia, começou a pular de contentamento.

Rosalia increpou os sobrolhos perante o jubilo da pobre rapariga.  
— Estás tal qual no caso d'aquella Trova:

*Yo me llamo poca pena,  
Parienta de mala gana;  
Y tengo por apellido  
De nadie se me dá nada.*

Pelo que me diz respeito, respondeu Casilda, ha um tanto de verdade na trova; repare a menina: *poca pena* sou eu; poucas coisas poderão n'este mundo penalisar-me; *mala gana* é que me não quadra, má vontade é coisa que não conheço nem muito nem pouco, e a prova é que sempre como e trabalho com a melhor vontade possível: agora, quanto ao apellido *de nadie se me dá nada*, confesso que effectivamente desde que fiquei sem a minha pobre mãe, nada me dá cuidado senão o bem estar de meu amo e da menina.

— O nosso bem estar! interrompeu Rosaria; dá-te isso tanto cuidado como todas as outras coisas!

— A menina sabe perfeitamente o contrario; mas diga-me, porque está tão enfadada? não ficou contente por ir para Madrid.

— Certamente que não! estava aqui muito melhor.

— E todavia dizem que Madrid é uma terra tão linda!

— Que me importa isso a mim? tanto saio eu fóra de casa!

— Em Madrid sáe a menina mais vezes.

— Menos do que aqui na herdade.

— Isso não creiu eu:— estando lá a sr.<sup>a</sup> marquesa del Puerto, não havia de levar a menina comsigo a todas as festas?!

— Nem a marquesa nem pessoa nenhuma poderá fazer-me mudar de génio e de tendencias: as outras gostam de sair; eu gosto de estar em casa: com que então mettia-se-te em cabeça que andavamos por lá todo o dia em passeio?

— Eu não dizia isso.

— Em casa e a trabalhar! a mesma vida d'aqui, sem tirar nem pôr!

— Em quanto a mim, de accôrdo! mas a menina deve sair e distrair-se! Deus do céu! pois uma menina tão gentil, tão rica, tão querida de seu pae, e sempre feita uma freira! é fazer-se infeliz por suas proprias mãos, quando podia ser a senhora mais feliz d'este mundo.

— Cada um vive a seu gosto, Casilda: vae tu tratar da tua costura, que é o que deves fazer.

### III

Rosaria não consentiu que seu pae realisasse a partida para Madrid, antes do trigo estar todo ceifado, debulhado, e encelleirado.

Só em fins de setembro é que D. Damaso conseguiu arancar a fi-



lha ao incanto d'aquella grande casa de lavoura, em que tinha nascido, e que lhe deixava uma saudade vivissima, ao ter de trocal-a por Madrid, novo mundo que desejos nenhuns sentia de ir ver.

O seu habitual enfado cresceu sobremaneira com o aborrecimento da jornada, e em todo o caminho não abriu Rosaria a boca para dizer uma palavra que fosse.

Casilda, sim, Casilda sentia ardentes desejos de fallar e de fazer perguntas a seu amo, mas a attitude da *señorita* impunha-lhe silencio.

Chegados que foram a Madrid, pernoitaram na hospedaria em que paravam as diligencias.

No dia seguinte de madrugada, D. Damaso, Rosaria e Casilda, saíram juntos para alugarem casa e comprarem mobilia.

Rosaria ficou cansadissima, e quando voltou para a hospedaria vinha desesperada, porque tinham andado todo o dia em investigações sem poderem encontrar coisa que lhes conviesse, porque habituados como estavam á vastidão principesca da sua casa d'Epila, todas as que viam em Madrid lhe pareciam umas gaiolas.

Pelas ruas, Casilda parava extatica defronte das lojas, em quanto Rosaria passava sem quasi olhar para ellas.

Acompanhava o rancho um sobrinho da dona da hospedaria, rapaz vivo e divertido, que se admirava muito de ver o indifferentismo de Rosaria.

D. Damaso ia na frente á ilharga do seu cicerone, a quem já tratava com muita amizade.

— Paquillo, dizia-lhe D. Damaso, sabes que acho Madrid uma cidade enorme? não fazia idéa que fosse tanto! que lojas tão ricas! que senhoras tão bem vestidas! que concorrência sempre por toda a parte!

— Que dirá então *usted*, quando vir os theatros e os passeios?

— O que hei de dizer? que me maravilham.

— E a *señorita* não tem gostado?

— Bem vêes que não: aquillo tem um genio muito singular; a sua mania é estar sempre em casa trabalhando.

— Tão moça, e tão linda!

— É como te digo.

Quando chegaram as horas da refeição, voltaram para a hospedaria. Rosaria, de cançada que estava, deitou-se logo em seguida para poder no dia seguinte voltar á tarefa.

D'essa vez foram mais felizes, porque encontraram na *calle de la Montera* um segundo andar bonito, commodo e capaz.

Alugada a casa, tratou-se da mobilia. D. Damaso queria moveis bons, e por isso andou por dois mil duros a quantia que dispendeu, de modo que ficou effectivamente uma casa mobilada com elegancia.

Paquillo, que sentia os olhos attraírem-se-lhe insensivelmente para Casilda, lembrou a conveniencia de tomarem um criado e uma cosinheira.

Rosaria, quando lhe fallaram em cosinheira, tapou os ouvidos, e

perguntou asperamente a seu pae se a Casilda tinha vindo para estar deitada a dormir ou a abanar-se com o leque.

No dia em que foram residir para a casa que tinham alugado, Rosaria escreveu com a letra garrafal e arredondada, que aprendera no convento, a carta seguinte:

«Minha querida madrinha»

«Participo-lhe que se mettem em cabeça a meu pae vir habitar em Madrid, onde actualmênte nos achamos, rua de la Montera, n.º 11, 2.º andar, lado direito. Tenciono ir fazer-lhe uma visita, mas preciso primeiro dar volta aos bahús e pôr a casa em arranjo, pois minha madrinha sabe como eu gosto da ordem e do aceio.»

«Queira acceitar os cumprimentos de meu pae, e um abraço d'esta sua affectuosa afilhada

*Rosaria Maroto»*

Em seguida subscriptou para a sr.<sup>a</sup> marquezia del Puerto, rua de Alcalá, etc.

Paquillo foi deitar a carta no correio para ser enviada ao seu destino pela posta interna.

No dia seguinte tomaram-se a final os dois domesticos que Paquillo propunha.

Rosaria ficou fula quando ouviu que o criado pedia cento e vinte reales por mez, e a criada oitenta.

Mas D. Damaso, que estava presente, disse-lhe:

— Anda, mulher, não te ponhas a regatear, a questão é que fiquemos bom servidos: não vês que tudo aqui é carissimo?

Rosaria tinha uma intelligencia finissima: não querendo contradizer seu pae em presença dos criados, calou-se.

Mas, apenas os dois ficaram sós, a filha, resmungando como de costume, jurou-lhe que havia de pôr aquelles na rua, e procurar outros criados, porque não estava resolvida a pagar-lhes o serviço por tanto dinheiro.

Por volta das duas horas foi a marquezia visitar a afilhada.

Era uma senhora de meia idade e que entretanto figurava bem não ter mais de trinta e seis annos.

Seu rosto revelava ainda bastos vestigios de uma grande belleza; mas o que sobrelevava a tudo era uma expressão interessantissima de bondade, animação e alegria.

O seu trajar era rico e apurado, mas despretencioso: um vestido preto elegantissimo, um mantelete de rendas, e um chapéu de rendas pretas tambem com uma flôr vermelha de veludo a coroar-lhe uns cabellos abundantes e còr de castanha, finissimos como seda.

A marquezia enleiou Rosaria com os braços, e beijou-a com verdadeiro enternecimento.

— Meu Deus! como tu estás linda! exclamava ella mirando-lhe as

feições: deixei-te quando tinhas apenas dois mezes de idade, e desde então nunca mais tornei a ver-te; pois, apesar d'isso, ia conhecer-te, porque te pareces extraordinariamente com tua mãe: ah! nunca me esquecerei da forma porque tratou de mim aquella alma santa no anno em que fui passar o verão proximo á tua herdade, e que lá adoecei. Não me sendo licito dar a tua mãe outro testemunho da minha gratidão, pedi-lhe para ser madrinha da filha que estava para nascer, e hoje... hoje sinto deveras orgulho em ter uma afilhada tão linda.

A marquezia dizia tudo isto, acompanhando o que dizia com mil meiguices e caricias, que Rosaria recebia com ar grave e indifferente, escutando a madrinha em silencio.

— Quero apresentar-te na alta sociedade, proseguiu a marquezia; formosa como és, e rica, acharás um casamento magnifico.

— Perdão, minha madrinha, replicou Rosaria em tom secco e sacudido, mas por ora não pretendo casar.

— Como, não pretendes casar?! não sentes vocação para o matrimonio?

— Não sinto, minha madrinha.

— E, entretanto, é essa a missão da mulher: uma menina solteira não é coisa alguma no mundo: já viuva, como eu, é um caso muito differente, e tanto... que, bem vês!... enviuei aos vinte e tres annos, e não quiz tornar a casar; mas, quando tomei estado, contava apenas quatorze annos: deixa-te de historias, filha; vou levar-te a casa da minha modista, quero que seja ella que te faça os vestidos: vae pôr o chapéu, e vamos.

— Mas... minha madrinha, exclamou Rosaria, agora... não posso, porque tenho os ferros ao lume.

— Que dizes tu?

— Vou engommar a roupa.

— Que horror! pois tu?...

— De certo! então quem ha de tratar d'estas coisas? a Casilda pouco entende d'isso.

— Arranja uma creada para esse serviço.

— Nem a tenho, nem a quero.

— Pois decedidamente és tu que coses e que engommas a roupa?

— Foi sempre o meu costume.

A marquezia levantou-se, e puxou o cordão da campainha.

Apresentou-se logo o creado.

— O senhor D. Damaso que tenha a bondade de aqui chegar.

— Não está em casa, minha senhora; saiu a fazer compras para o jantar, respondeu o criado que mal podia sustentar o riso.

A marquezia mordeu os beiços, mas, não querendo desgostar a afilhada, chegou-se a ella, pegou-lhe affectuosamente na mão, e disse-lhe:

— Menina, dize a teu pae que viva a seu gosto e que siga muito embora os seus habitos de provinciano; mas, a ti é que te não convém de fórma nenhuma continuar assim, porque isso te prejudicará horri-



mente: arranja hoje mesmo para casa uma rapariga, e não penses mais.

— Santo Deus! murmurou Rosaria, pois ainda é preciso outra creada? mais uma fonte de despeza! e em que hei de eu então occupar-me?

— Tu? em passeares, em vestir-te com gosto, em ires aos theatros, aos bailes e aos divertimentos, em receberes as pessoas de tua amizade, e nas horas de ocio em lères algum romance da moda ou em bordares algum pedacito, sentada á ilharga do teu elegante fogão.

Imagine o leitor o effeito que semelhantes maximas produziriam no animo da acanhada, da economica, da severa Rosaria! A principio escutou meia absorta, mas, quando chegou a comprehender bem o que sua madrinha lhe dizia, o seu rosto assumiu uma expressão de frio desdem, que não escapou ao olhar perspicaz da marquezia.

— Minha senhora, replicou ella, tudo isso poderá ser muito da moda; eu é que nunca me resolverei a pôl-o em pratica. Agrada-me a economia, e creio que Deus pedirá severas contas de todas as despezas que fazemos. Com referencia aos meus vestidos, apesar de os ter excellentes e quasi novos, porque rarissimas vezes apparecia occasião de usal-os, entretanto, por comprazer com minha madrinha, mandarei fazer mais um, mas desde já lhe digo que ha de ser de taffetá preto, porque é a côr de que mais gosto.

Dizendo isto, Rosaria levantou-se para ir mudar de vestuario.

A marquezia olhou para ella com assombro.

— Santo Deus! que vestido! e os outros novos que dizes ter, são tambem curtos como esse?

— Mais curtos ainda.

— E é com algum d'esses que vaes sair?

— Já se vê.

— Por fortuna vamos de carruagem, disse a marquezia: aliás... a pé, não te deixava eu sair d'essa maneira.

Rosaria não deu resposta, entrou no gabinete á ilharga, e um quarto de hora depois tornou a apparecer na sala, já preparada e prompta para sair.

O vestido que trazia era de uma côr avermelhada, e talhado por uns moldes que denunciavam bem seis ou oito annos, pelo menos, de antiguidade, sem nunca o feitio depois d'isso ter sido reformado; sobre o vestido um lenço de escumilha côr de gemma de ovo, lenço que pertencera em tempos a sua mãe; além do lenço um véo de tecido tapadissimo, que tambem havia pertencido á auctora dos seus dias, e que, havendo sido por ella usado em festividades sollemnes, como a Semana Santa e o Corpo de Deus, pensava a filha que poderia eternamente ficar a prestar-lhe serviços egualmente esplendidos, e por isso conservava aquella raridade como uma joia de valor.

— Que lenço! que mantilha! exclamou a marquezia, vendo-a entrar: Deus eterno! que irá esta gente toda dizer de ti? por minha fé que lhes não faltará de que se riam.

— Que se riam ou não, retorquiu Rosaria, é coisa que pouco abalo me dá.

— Mas, menina, na tua idade . . . não receias cair no ridículo?

— Minha madrinha, a economia não é nunca ridícula, se não degenera em miséria; ridícula seria eu se o vestido estivesse roto ou tivesse nodoas; mas nada d'isso! vou com um vestido novo que custou caro: levo um lenço excellent e uma mantilha pela qual minha mãe deu nada menos que sessenta duros: finalmente . . . se minha madrinha entende que se compromette saindo comigo, não irei na sua companhia: em todo o caso, o que lhe posso affiançar é que vestidos não me faltam.

— Minha filha, redarguiu a marquezia depois de ter estado a olhar para Rosaria durante alguns momentos, com uma especie de terna commiseração, tenho o maior gosto em levar-te na minha companhia: toda a gente sabe, por m'o haver ouvido, que chegou a minha linda afilhada, e ao verem-me contigo imaginarão logo que és tu a sobredita; e que o não imaginassem . . . pouco me importaria! mas realmente torna-se preciso que te vistas de outro modo, que trajes como uma menina elegante e bem educada: uma vez que és rica, não te deve fazer differença meia duzia de *reales* que gastes mais.

— Oh! madrinha, lá isso de gastar dinheiro sem necessidade é coisa com que me não posso conformar.

— Minha filha, *querer é poder*.

— N'esse caso, porque não quer minha madrinha arrecadar o sol que nos alumia? perguntou Rosaria n'aquelle seu tom brusco habitual, e acompanhando com uma risada a extravagante exclamação que soltara.

— Tomaste o meu dizer muito em absoluto, respondeu a marquezia, sem perder a sua compostura doce e aristocratica. É certo, querida Rosaria, que muitas coisas ha que não podem realisar-se, embora se queira; mas ha um numero infinito d'ellas, que effectivamente se conseguem logo que haja força de vontade:—o adquirires elegancia e distincção está n'esse caso, e n'esse caso está egualmente o dulcificares, não digo o teu genio, mas os teus modos e a tua linguagem, porque, filha, em rigor não ha genios maus; o que ha é boa ou má educação. A virtude, tão severa como eu vejo que tu a entendes, não faz senão alhear todas as sympathias. Queres um conselho? Sê indulgente para com todos, e inclusivamente para contigo propria.

Rosaria não respondeu, mas não ficou convencida.

É que aos vinte e dois annos torna-se difficil já mudar de character, sobretudo se domina como primeira condição aquelle fatal orgulho que nos diz:

— O que fazes é o justo e o bom; logo, é o melhor.

#### IV

Rosaria, conduzida pela sua bondosa e encantadora madrinha a casa de uma das mais afamadas modistas de Madrid, contentou-se com encomendar apenas um vestido de *glacé* preto que tivesse poucos enfeites.

A marquezia chamou á parte a modista, e encommendou-lhe outro vestido de seda clara, enfeitado com gosto: encommendou-lhe tambem um chapéu simples mas bonito, e recommendou-lhe que lhe remettede a conta para sua casa e as encommendas para casa de Rosaria.

Esta, alliviada um pouco do governo domestico por Casilda, que superintendia sobre os outros criados, condescendia ás vezes em sair com sua madrinha a passeio até a *Fuente Castellana*, puxada pelo trote da magnifica parelha que a marquezia ostentava na sua carruagem.

A formosura de Rosaria era tão notavel que chamou desde logo a attenção dos concorrentes ao passeio; trataram immediatamente de colher informações, e soube-se a verdade: que era filha unica de um rico lavrador aragonez, um pouco bruto e muito ordinario, mas estimando a filha estremecidamente, e devendo deixar-lhe por sua morte nada menos que dois milhões, além de meio milhão em onças antigas, reservado áparte para lhe ser offerecido como presente de boda.

Divulgaram-se estes promenores, e augmentar consideravelmente a concorrência ás partidas que a marquezia dava no seu palacio duas vezes por semana, foi tudo obra de momento.

Os fidalgos rapazes disputavam entre si a primazia junto da formosa Rosaria, mas esta não lhes concedia mais do que algum olhar em que só a frieza dominava, ou algum sorriso com seu tanto de mofa.

Rosaria ia a casa da marquezia nas noites em que esta dava reuniões: outras vezes acompanhava-a ao theatro: no resto das noites, ficava em casa.

O contacto com aquella sociedade elegante de maneiras doces e delicadas, com aquellas damas que apenas sabiam dizer palavras agradaveis e lisonjeiras, com aquellos cavalheiros que traziam sempre nos labios o mel da lisonja, tudo isto acabou por influir um pouco na indole rude de Rosaria, e obrigou-a até certo ponto a usar de muita reserva no tocante a expender, diante de quem quer que fosse, a sua opinião, quando qualquer coisa lhe desagradava, costume este que ella até então havia sempre posto em pratica.

Dotada como era de brilhante comprehensão, não lhe foi difficil perceber que o penteado antigo e os vestidos curtos que na provincia usava, podiam ser mais economicos e menos trabalhosos, mas que revelavam um pessimo gosto sobre tudo em quem tinha de experimentar a confron-tação com aquellas elegantes damas que frequentavam as salas da marquezia.

Havia entre os cavalheiros que concorriam áquellas animadissimas reuniões, um rapaz de figura bellissima, filho de uma familia nobre mas sem fortuna.

Chamava-se José Molina.

Todos, começando pela propria marquezia, o tratavam pelo simples nome de Pepe, e todos o estimavam altamente pela doçura do seu caracter, pelo seu cavalheirismo, e pelas suas maneiras distinctas.

Pepe fôra educado com a maior ternura por sua mãe, viuva de um



general e senhora de verdadeira distincção: d'esta forma Pepe, dotado como era de um genio bellissimo, havia sentido sempre deslizar-lhe a existencia em torno de si, fagueira e formosa como a corrente do rio mais pacifico.

Sua mãe havia a troco de longos sacrificios logrado completar-lhe a carreira de engenheiro industrial: — pela sua parte, Pepe, querendo ajudar por alguma forma quem tão dedicada se lhe mostrava, occupára os intervallos d'ocio aprendendo a pintar, e d'aqui resultou que, tornando-se distincto n'este ramo de bellas-artes, começaram a adquirir voga e a ser-lhe bem pagas as paisagens que pintava.

A mãe de Pepe tinha sido amiga da mãe da marquezia, e esta conservava grande affeição áquella bondosa senhora que em todas as noites de partida lhe frequentava sempre a casa com o filho.

Quanto a Pepe, estimava-o a marquezia como a um irmão mais novo: tratavam-se reciprocamente por tu.

Pepe tinha vinte e quatro annos, e havia terminado o seu curso com grande brilhantismo.

Nos seus olhos azues, de um azul escuro e intenso, e de olhar meigo e franco, retratava-se a bondade e a honradez; mas a par d'isto era facil tambem lér n'elles um orgulho exagerado e altamente susceptivel.

D'aqui resultava que para Pepe seria preferivel morrer a praticar uma baixeza; — a invocação dos sentimentos bondosos conseguia d'elle tudo quanto quizesse; por outro lado, aquella alma generosa sentia-se naturalmente em constante rebeldia contra a tyrannia da força.

Cabellos negros, espessos, e reluzentes lhe guarneciam a fronte que respirava nobreza: a sua physionomia expressiva e um pouco melancolica, traduzia com clareza as sensações da sua alma: o seu porte denunciava franqueza e affabilidade.

Rosaria, que havia escutado com frieza quantos requebros lhe tinham dirigido, affeicou-se instinctivamente a Pepe, sem dar por isso: — interessavam-lhe a bella figura d'aquelle moço, e o seu caracter mais bello ainda; — achava-o timido, discreto e pobre: tres predicados altamente apreciaveis para Rosaria que por coisa nenhuma d'este mundo daria a sua mão d'esposa a um homem rico e superficial.

Por sua parte, Pepe admirava a belleza de Rosaria, a sua isenção, e a sua modestia: — na opinião que d'ella formava influa um pouco o entusiasmo de sua mãe, a qual proclamava como um verdadeiro modelo a filha do aragonez.

— Modelo que possui uns tres milhões de fortuna, disse um dia a marquezia á mãe de Pepe.

— N'esse caso, observou tristemente a generala (era assim que chamavam á senhora de Molina) n'esse caso é impossivel para meu filho.

— Impossivel porque? perguntou a marquezia admirada.

— Porque Pepe é assaz orgulhoso para aceitar para esposa uma mulher tão rica.

— Escrupulos que uma boa mãe se póde encarregar de tirar-lhe.

— Não tratarei de tal, porque n'esse ponto penso como elle.

— Pois permitta-me que lhe diga que similhante pensar é uma loucura: que culpa tem Rosaria de haver nascido rica?

— Nenhuma, por certo: entretanto, ella propria será a primeira a não pensar em meu filho, e, quando mesmo pensasse, lá estava D. Damaso que não consentiria em silhante enlace.

— Engana-se! não ha em todo o mundo homem mais condescendente que o pae de Rosaria; o que a filha deseja é que elle faz.

— Que pena que seja tão rica! murmurou a generala em voz baixinha: linda como é, bondosa, distinguindo-se lisonjeiramente de todas estas estouvadas que por ahi vemos..... que pena que seja tão rica!

## V

Em quanto Rosaria e Pepe davam entrada no coração áquelle amor que nasceu tímido e envergonhado, mas que devia crescer e tornar-se esplendido, passava D. Damaso a vida ouvindo missas, dando esmolas, passeando de dia, e palestrando de noite no café de Murga até ás dez horas que se recolhia para casa.

Em noites que Rosaria não saía, ceavam ambos quando seu pae se recolhia, e iam em seguida deitar-se: nas noites que Rosaria passava em companhia da marquezã, D. Damaso ceava sózinho, e ia da mesma maneira dormir a noite de um somno placido e sereno.

O honrado lavrador tinha estreitado relações com um rico logista, um capitão reformado, e um negociante de panos da *Plaza Mayor*.

O negociante de panos, que era endinheirado, não reparava na escacez de meios que a figura do capitão reformado denunciava: o mesmo succedia ao logista.

Mas o bondoso lavrador, que entendia as coisas com clareza, reparou logo nas tristes circumstancias do capitão, e tratou de soccorrer o seu novo amigo com uma delicadeza cheia de melindres.

Uma noite voltava D. Damaso do seu caffè, quando encontrou mesmo á entrada de sua casa, mas fóra da porta, um grupo de duas pessoas: um homem e uma mulher.

Aproximou-se e reconheceu Casilda.

O homem, com quem ella estava fallando, revelava no traje ser um operario, limpo, accado, de figura esbelta e graciosa.

— Rapariga! que estás tu fazendo aquí? a estas horas, na rua, palestrando?

— Senhor, respondeu Casilda, é o meu conversado: como a *señorita* talvez lhe parecesse mal, se o soubesse, por isso.

— Com que então... já arranjaste conversado?

— Sim, senhor.

— Ora vamos a ver isso, disse D. Damaso; aproxima-te, meu rapaz, quero ver-te de perto.

O namorado de Casilda deu dois passos á frente, e D. Damaso exclamou:

— Paquillo!

— Um seu creado, respondeu este descobrindo-se com respeito.

— Mas, homem... porque não entras? tanto minha filha como eu extranhámos já a tua ausencia.

— Para lhe fallar com franqueza... receava que a *señorita* se arrengasse... como só posso vir á noite, porque de dia estou no trabalho...

— No trabalho? então em que trabalhas tu?

— Sou gravador.

— Saiste de casa de tua tia?

— Vae para tres semanas: bem vê o senhor, eu tinha o meu officio, e andava já cansado de atural-a; talvez lhe custe a crêr que minha tia me governava como quem governa uma criança de cinco annos; ora eu tenho já os meus vinte e seis feitos!

— E quanto ganhas por dia?

— Vinte *reales*.

— Chega-te?

— Chega-me e sobeja. Além d'isso, quando trabalho mais duas horas por noite, em vez de vinte, ganho trinta *reales*. D'esta forma, disse com os meus botões: «Paco, debes procurar noiva; tens vinte e seis annos, e é tempo de arranjares casa; está alli a Casilda, aquella morenita mais linda que as flores, e se ella quizer... faze-te um homem sério, e casa-te.»

— Paco, regardiu D. Damaso, bem se está vendo que és andaluz: tua tia é uma excellente alma, e não te sujeitaste a atural-a! porque? porque te admoestava um pouco quando recolhias para casa ás duas da manhã: foi ella mesmo quem me contou isto; agora... ha já uns poucos de dias que a não tenho visto, porque esta maldita constipação que trago quasi que me tira a vontade de ir a parte alguma; mas anda lá, se has de estar a conversar com a Casilda aqui no meio da rua, é melhor que entres para casa um bocado, á noite: dou-te licença; porém desde já te previno, hei de tirar da cabeça á rapariga que te dê attenção.

— Então porque, senhor?

— Porque? porque lhe quero mais do que ás meninas dos meus olhos, quero-lhe quasi tanto como á minha propria filha que Deus me deu. Criei-a com todo o amor e regalo, e tu vaes fazel-a infeliz!

— Senhor! retorquiu Paco um pouco offendido:—em que posso eu fazel-a infeliz?—estimo-a, ganho um salario soffrivel; espero que nada lhe ha de faltar.

— Ah! vem a *señorita*! exclamou Casilda toda assustada.

E com effeito, da esquina de uma rua immediata acabava de desembocar a figura de Rosaria acompanhada por um creado antigo da marquezia.

— Que está aqui fazendo, meu pae? com tanto frio! não vê que vae peiorar da constipação? e tu, Casilda, porque não estás lá em cima a cuidar das tuas obrigações?



— Calla-te, filha, calla-te! respondeu D. Damaso a rir-se, posto já de parte o accesso de sensibilidade que o tinha levado a condoer-se da sorte de Casilda! não sabes que os apanhei com a boca na botija?

— Que diz, meu pae?

— Digo que vim pilhar a Casilda a falar com o seu namorado: olha para elle, a ver se o conheces.

Rosaria deu dois passos, olhou para o rapaz, e exclamou:

— Então, não querem ver? é Paco!

— Um respeitoso criado da senhoria, respondeu elle tirando o chapéu.

— Gostas então de Casilda?

— Se gosto, *senhorita*!

— Porque não o dizias?

— Porque receava que a *senhorita* levasse isso a mal... como a *senhorita* tem assim um modo tão... sério, por isso... não me atrevi!

Ora essa! pois eu metto medo ou cuidas que destino a Casilda para freira. Se a estimas e tens com que a sustentar, eu por mim... não me opponho; o que ella resolver... agora o que não consinto é que venham ambos conversar para o meio da rua, dando occasião á critica da vizinhança.

Sim, sim, disse D. Damaso por fim, vendo que a filha, em vez de se irritar como elle esperava, tomava aquella brincadeira com tanta philosophia; a minha Rosaria tem razão como sempre. Paco d'aqui por deante pôdes entrar em casa e fallarás com Casilda em mais socego.

— E a casarem, que seja quanto antes, accrescentou Rosaria.

— Por mim, disse Paquillo, não seja a duvida: amanhã começo já a tratar d'esse negocio: como não tenho pae nem mãe a quem pedir licença, *ni padre, ni madre, ni perrito que me ladre*. E, para não incomodar mais... até amanhã á noite.

— Adeus, Paco, disse D. Damaso.

— Muito boas noites, e mil vezes agradecido, *senhorita*, pela licença que me dá:

Em seguida Paco retirou-se; Rosaria e seu pae subiram para casa.

Casilda ia um pouco atraz meia envergonhada, á espera já de algum sermão que a senhoria lhe prégasse.

— Ai! Deus do céu, pensava ella: quem vae agora pagar a licença de ver todas as noites aquelle diabo do Paco, sou eu! quem poderá aturar a menina! o que vale é que breve casaremos.

Pensando assim, accendeu a vela da palmatoria de prata para ir alumiar Rosaria até ao seu quarto, conforme todas as noites costumava.

Rosaria abraçou o pae com a ternura intima que lhe era habitual.

D. Damaso deu um beijo na testa da filha, e perguntou-lhe:

— Dize-me cá, filha: divertes-te muito em casa da tua madrinha?

— Bastante, meu pae, respondeu Rosaria fazendo-se corada, mas logo, como assaltada por um pensamento subito, accrescentou:

— E, meu pae porque não vae lá tambem?

— Filha, porque estou mais á minha vontade no café com os meus amigos.

— A marquezia queixa-se de que meu pae nunca apparece.

— Já tenho ido visital-a algumas vezes de dia.

E diz ella, que, visto que meu pae não apparece por lá, não tem remedio senão vir ella cá um d'estes dias: diz que tem que fallar com meu pae acerca de certo assumpto.

— N'esse caso irei eu amanhã, para que tua madrinha se não incommode.

— Muito bem, meu pae.

— E tu vens comigo, não vens?

— Eu? não, senhor; eu vou á noite.

— Olha: e tu sabes que assumpto é esse tal em que tua madrinha precisa fallar comigo?

— Sei, sim, meu pae.

E o rubor de Rosaria tornou-se tão vivo, que D. Damaso reparando exclamou:

— Olé! teremos amoricos no caso? mal sabes tu quanto isso me alegraria! mocinhas sem amor são como arvores sem flores.

— Muito boas noites, meu pae, interrompeu Rosaria tornando a abraçar o velho, amanhã saberá do que se trata.

E, ligeira como um passaro, deitou a correr atraz de Casilda que ia adeante com a luz na mão

Casilda dirigiu-se ao quarto de sua ama para a tarefa habitual da mudança das colxas, medida economica adoptada pela *señorita* em relação á sua cama e á de seu pae: — consistia em tirar de noite a colxa rica de demasco, deixando em seu lugar outra de simples algodão inglez; ao agasalho d'esta sommava-se a vantagem de poupar a de seda: uma figurava de dia, e outra servia de noite.

Emquanto estava n'este preparativo, Casilda não pensava senão nos ralhos que iria ouvir de sua ama, agora que se achava a sós, frente a frente com ella.

Mas eram receios infundados. Rosaria sentou-se defronte do espelho, envolveu-se no penteador, e, começando a desenrollar a rica trança dos seus cabellos, disse para Casilda:

— Com que então tinhas um namoro, e estavas tão callada com isso? grande velhaca!

A doçura extrema e desusada do tom em que estas palavras foram ditas surpreendeu Casilda extraordinariamente, acostumada como estava a fallar-lhe sua ama sempre n'um tom aspero e sêcco.

Voltou-se, e poz-se a olhar espantada para Rosaria.

— Tencionava contar-te hoje que tambem eu tenho um noivo em perspectiva, mas agora já te não quero dizer quem é, nem como se chama.

E n'isto os seus formosos olhos, eutr'ora tão sevêros e tão sombrios, sorriam agora resplendentes de uma ternura infinita.

— A menina com um noivo! exclamou Casilda semi-attonita.

— Com um noivo eu, sim! por ventura sou eu tão velha ou tão feia, que te pareça isso impossivel?

— Velha e feia, a menina! Santo Deus! velha, com alguns mezes ainda de menos que eu! feia, quando realmente é mais linda que uma pintura. Na rua, quando a menina passa, toda a gente se volta e fica enlevada a olhar.

— Então que estranheza te causa ter eu alguém que me faça a corte?

— Nem eu sei... mas... como a menina é assim tão séria!...

— Séria... queres dizer, sombria! pois já *elle* me não tem n'essa conta.

— Talvez a menina com *elle* mostre um tom differente! é naturalissimo: diante dos namorados a gente muda sem reparar por isso: aqui estou eu que, quando vejo Paquillo, sinto-me tão alegre!... mas diga-me certo, certo, a menina está com idéas de se casar?

— Não se oppondo meu pae...

— Pois porque ha de oppôr-se? *elle* que suspira por isso! entretanto, quando tal succeder, *lhe* sentirá o resultado, porque em summa... n'aquella edade passar a viver sósinho!

— Sósinho?! interrompeu Rosaria; pois eu deixava lá meu pae sósinho? meu pae, que é a luz dos meus olhos! por *elle* trocaria eu todos os noivos possiveis d'este mundo. Sósinho o meu bondoso, o meu querido pae! se Pepe não estiver d'accordo em vivermos todos tres juntos, prefiro deixar-me ficar solteira.

— Ou casar com outro.

— Isso é que não! ou casar com *elle* ou morrer solteira: — abaixo de meu pae, Pepe.

— Assim digo eu: era-me impossivel amar outro homem que não fosse Paco.

— Mas dize-me cá: já indagaste bem quem esse rapaz é? olha que tem todas as apparencias de ser um estouvado, e eu realmente havia de ter um grande desgosto se visse que ías fazer a tua infelicidade.

— Olhe menina: estouvado é, porque *elle* mesmo o confessou, quer dizer, está sempre prompto para a brincadeira, sempre por toiradas, por merendas, por bailaricos; mas ao mesmo tempo é trabalhador devéras, e se nos dias de descanso faz lembrar um toiro a quem abrem a porta do curro, em compensação nos outros dias sabe sujeitar-se ao trabalho.

— Sabes o que receio, minha pobre Casilda? e que *elle*, depois de casado, continue na mesma, e que ande por aqui e por acolá mettido com certas companhias... bem vêes que não é isso proprio n'um homem que tem certos encargos de familia.

— A final... que remedio, menina?! seja como fôr, a questão é que *lhe* tenho deveras amizade: depois de casado, eu o amoldarei.

— Tu? tu, que és uma pomba sem fel! e se não puderes?

— *Querer é poder.*

— Assim diz a minha madrinha, mas ha coisas, que por mais que uma pessoa as queira.....

— Eu entendo que é possivel sempre conseguir-se tudo quanto se



quer e se emprehende com certa força de vontade, a questão é ser de justiça o que se pretende; porém... ainda me não disse: *el señorito* Pepe vale realmente a pena de que a menina se empregue n'elle?

— Oh! Pepe, ninguém lhe ganha em bondade, exclamou Rosaria com enthusiasmo.

— E é rapaz galante?

— Imagina a mais interessante figura que possa haver! depois um genio tão meigo, e tão amavel! tão grave! tão bem comportado! é realmente o unico homem que me tem agradado.

— Bem me palpitava o coração que a menina ainda havia de encontrar um noivo assim: muitas vezes o disse eu a seu pae, quando elle se lamentava de que a menina não quizesse casar.

— Ai! Casilda, antes morrer mil vezes solteira do que ir casar-me com aquelles labrêgos da província.

— O mesmo digo eu, menina.

— Queres saber mais? amanhã ha de vir a marquezia pedir-me a meu pae, juntamente com a mãe de Pepe.

— Ah! tem mãe ainda o *señorito*?

— E que excellente senhora!

— Parecel-o-ha por emquanto, mas sogra...

— Ila sogras e sogras, mulher.

— E se o seu noivo tiver em deixar a mãe a mesma repugnancia que tem a menina em deixar seu pae?

— Viveremos juntos.

— Ai! menina!...

— Então que tem?

— Misturadas... embrulhadas! queira Deus que possam viver em paz.

— *Querer é poder,*

— Olá! já a menina diz o mesmo que eu e que a sua madrinha; entretanto pense bem a menina no que faz: eu se chegasse a vel-a infeliz... morria de pena.

— Vão sendo horas de ires dormir: abaixa-me a bandeira da lamparina, e vai-te. Olha: havemos de casar ambas no mesmo dia, e já que não poderemos continuar a viver juntas, que fiques morando aqui perto; para mim, Casilda, has de ser como se nascesses minha irmã...

— Oh! agradecida, menina, mil vezes agradecida! que pena estar allugado lá em cima aquelle quarto pequeno do lado esquerdo!

— Na agua-furtada?

— Sim, menina: esse mesmo. Se estivesse devoluto, iria eu, quando casasse, habitar para lá: ficavamos quasi como se estivessemos juntas; eu cosia-lhe e cuidava-lhe de toda a roupa da menina...

— Espera! quem é que mora n'esse quarto.

— É aquelle maldito remendão que anda todo o dia ás bulhas com a mulher... um perfeito escandalo! o marido sempre embriagado! a mulher a descompôl-o.

— Faz ella muito bem.

— Ai menina, não diga tal! uma mulher não deve descompôr seu marido; quem cospê para o céu, cae-lhe o cuspo na cara.

— Sim? pois faze-te de mel, e depois...

— *Mais se apanham moscas com mel do que com fel!*

— Assim diz meu pae, e entretanto... mas é já tarde, e vai-te deitar; quero que me acordes amanhã bem cedinho para sairmos ambas a fazer compras: o teu enxoval fica por minha conta.

— Deus lh'o pagará. Boas noites menina.

— Boas noites.

#### IV

— No dia seguinte estava o aragonez confiando a cara a navalha do barbeiro no intuito de ir saber o que lhe pretendia a marquezia, quando esta lhe entrou em casa acompanhada da generala.

Rosaria tinha já regressado das compras.

A marquezia e a generala representavam na sua maxima pureza o typo fino e encantador da mulher d'alta sociedade. A marquezia era moça, bella e elegante; a generala revelava toda a nobreza de uma velhice bondosa e respeitavel.

Era pouco mais de uma hora da tarde, quando as duas damas entraram em casa de D. Damaso.

Rosaria que lhe não convinha tanto ir seu pae a casa da marquezia como vir esta a casa de seu pae, esteve a entretel-o, a demoral-o, a convencel-o de que se levantasse tarde appellando para o pretexto de que estava muito constipado, etc. etc.

Depois, quando soube que a marquezia e a generala tinham entrado, foi-se esconder no quarto dando tempo a que as duas visitantes expuzessem a sua petição.

— D. Damaso, disse a marquezia, a senhora generala de Molina, que me faz a honra de ser minha amiga, vem pedir-lhe uma coisa.

— Oh! minha senhora, exclamou o bondoso lavrador, será possível que eu tenha a felicidade de lhe ser prestavel em qualquer serviço?

— Sem rodeios... interrompeu a generala, venho pedir-lhe a felicidade de meu filho, felicidade que consiste em ser-lhe concedida a mão de Rosaria.

— Mas, minha senhora... eu confesso que não sei... que não sabia de tal! minha filha...

— Sua filha estima deveras meu filho.

— N'esse caso...

— Porém, devo advertir-lhe, meu filho é pobre: nem o seu curso nem o seu talento em pintura o habilitam a juntar fortuna... enquanto que a *señorita* é rica.

— E que faz isso ao caso? — sim, Rosaria tem fortuna, não vejo a necessidade de lhe estar a dizer que não; mas por isso mesmo... tanto melhor! noiva rica não tem precisão de que o marido o seja tambem; que a estime e a faça feliz, nada mais ambiciono: entretanto... minha filha sabe de tudo isto?

— Vai para dois mezes, disse a marquezia, que Rosaria está relacionada com Pepe: chame-a, D. Damaso, e ouvirá o que ella lhe diz. E entretanto teremos nós o gosto de a abraçar.

O lavrador saiu em busca da filha, pois tão ottonito se achava, que até nem lhe occorreu puxar o cordão da campainha.

— Parece um excellente homem, disse a generala.

— Isto é o que se chama a nata dos homens honrados, accrescentou a marquezia.

N'isto voltava D. Damaso com a filha. A generala pegou-lhe na mão, conchegou-a a si, e beijou-a com ternura.

— Escuta, menina, disse-lhe ella: tive a honra de vir pedir a teu pae que me concedesse a tua mão para meu filho: teu bom pae accede gostosamente: agora, dize tu: é da tua vontade?

— Minha senhora, respondeu Rosaria, achei sempre altamente agradável tudo quanto meu pae faz: n'este ponto, porem, confesso que não tenho expressões com que lhe agradeça.

— Oh! filha, agradecer... te agradeço eu a ti! redarguiu D. Damaso: todos os dias e todas as noites eu pedia a Deus nas minhas orações que te casasse.

— E dize, perguntou a generala, tens alguma condição a pôr, querida Rosaria.

— Tenho uma só, minha senhora, e é que nunca me hei de separar de meu pae; se Pepe não tem duvida em vivermos a seu lado, casarei com elle; se não, não!

— Pepe, disse a marquezia, esperava já tanto esse teu desejo, como espera não se apartar egualmente de sua mãe; pois, tontinha, estimando-te elle tanto, julgava-l-o capaz de querer separar-te de teu pae?

— Ainda outra condição, accrescentou Rosaria: enquanto meu pae viver, elle é que continuará a ser o senhor de tudo; eu n'esta casa pretendo ser tão pobre como Pepe; nem o meu dote quero receber: meu pae é quem ha de dispôr, como até hoje, da sua casa e da sua fortuna.

— Esse modo de pensar, exclamou a marquezia, honra muitissimo a nobreza do teu character, minha querida Rosaria: tanto a minha amiga como seu filho sabem devidamente apreciar sentimentos tão delicados; mas... o que tem, D. Damaso? porque está a chorar d'esse feitio? então está agora com pena que sua filha se case?

— Eu, minha senhora?! respondeu o aragonez que effectivamente estava affogado em pranto: eu, que era a coisa que mais ambicionava! e que já ia perdendo as esperanças de ver minha filha casada! não, minha senhora, não choro por isso... e á senhora generala peço egualmente que não supponha tal! choro, mas de alegria e de commoção, por ver que tenho uma filha que me estima tanto! ah! não ser ainda viva sua mãe para se regalar com uma felicidade d'estas!

Este pensamento era constante em D. Damaso todas as vezes que lhe succedia algum caso alegre. Quando experimentava algum dos leves



desgostos. que pouquissimas vezes lhe sombreavam a sua vida feliz, ouvia-se-lhe exclamar assim:

— Ainda bem que lá está no ceu aquella santa!

Mas se eram casos agradaveis, o honrado velho dizia sempre:

— Que pena não viver ainda a minha pobre mulher!

Assim na sua alma boa e affectuosa não entrava nunca um sentimento energico e vivo, que não viesse envolto com a memoria d'aquella que havia sido a companheira do seu viver.

— Todavia, proseguiu elle dirigindo-se á marquezia, se não logramos a felicidade de a vermos entre nós para quinhoar os nossos jubilos, lá no ceu ella se regozijará, e de lá mesmo abençoará a minha querida Rosaria.

Dizendo estas palavras, D. Damaso beijou enternecido a filha, cobrindo-lhe as faces de lagrimas.

Ditosos filhos os que fazem chorar de alegria seus paes!

— Meu pae, disse por fim Rosaria dominando a emoção de que se possuira, não sei porque se admira de que eu faça o que outra qualquer filha faria tambem: juntos havemos de viver, e se para mudar de estado me impuzessem a condição de me separarem de meu pae, juro-lhe que nem com um rei me casaria. Depois... continuando nós a vivermos juntos, que precisão ha de estar a repartir os bens, e a fazer quinhões? E' tão natural isto que digo! Ora, pois, não chore, meu pae: socegue: não esteja a incommodar estas senhoras.

Rosaria expressava-se sempre com esta gravidade e discrição. Se era vulgar encontrar n'ella pouca doçura e pouca amabilidade, é tambem verdade que não se deixava descair nunca em certas franquezas ou para melhor dizer inconveniencias de trato, aliás tão frequentes nas meninas da sua idade, que, saindo apenas da adolescencia, se julgam com direito a tratar com familiaridade todas as pessoas de suas relações.

A marquezia e a generala despediram-se afinal, contentissimas com o resultado da sua embaixada.

— E' um poucoquinho brusca, disse a marquezia á generala, mas a doçura de genio da minha amiga e a finura do seu trato hão de conseguir modificál-a.

— E' virtuosa, boa, e tem juizo, respondeu a generala; tem pois predicados de sobejo: eu, por mim, tal como é, prefiro-a mil vezes á hypocrisia adocicada, ao fingimento galanteador de quasi todas as meninas que conheço.

Rosaria saiu com seu pae a passeio, no intuito de o distrair e ao mesmo tempo de respirar ella tambem o ar puro e balsamico do campo.

Uma noite conversava Casilda com Paco na casa de jantar, em presença de seu amo.

— Não sabes? o senhor e a menina querem que nos casemos d'aqui a tres semanas, no mesmo dia em que a menina se casa; e eu vou entretanto fazendo os arranjos para a nossa casa nova: o senhorio já despediu o sapateiro do quarto andar, porque o senhor lhe offereceu cinco reales, um real diario a mais para irmos nós habital-o.

—Mas como?! o senhor offereceu-lhe...

—Sim, sim! é meu amo quem nos paga a casa: vê lá se é favor ou não.

—Calla-te d'ahi, rapariga, interrompeu D. Damaso: qual favor, nem meio favor? pois não é justo que eu te proteja n'alguma coisa, sendo como sou tão teu amigo? olha que abaixo da minha filha, não estimo n'este mundo outra pessoa com tanto affecto! além d'isso, por esta forma, torna-se-nos facil vêr como esse estouvado se porta contigo.

Casilda estremeceu ao escutar estas palavras, e sentiu durante alguns minutos fugir-lhe a côr do lindo rosto; mas, dominando a emoção que experimentara, fez-se desaperecebida, e disse para o noivo:

—Agora são todos os dias com a menina, que anda a enfeitar-me o quarto, que nem um ramalhete de flores.

—Sempre ha gente muito feliz! murmurou com inveja a cosinheira ao ouvido do criado.

—Feliz! feliz! verás a boa vida que lhe vai dar! não conheço eu aquelle figurão! é capaz de perder ao jogo as proprias pestanas, e de beber por dia uma pipa de vinho!

Estas palavras chegaram aos ouvidos de Casilda, que tornou a perder a côr do rosto: tremia a pobre rapariga com a lembrança de que as pudesse ouvir seu amo, e percebia que com esse unico fim é que eram ditas; mas D. Damaso não as ouviu e continuou a conversar tranquillamente.

A essa mesma hora, em casa da marquezia del Puerto, Pepe e Rosaria um pouco afastados da concorrência que havia essa noite nas salas, fallavam tambem da sua felicidade futura.

—Visto isso, decididamente, não queres tratar-me por tu? perguntava Pepe com ternura.

—Pois que faz isso ao caso? e afinal... enquanto não sairmos da egreja, não somos realmente marido e mulher.

—Que rigorosa que és!

—Educações d'aldeia, bem vês: nunca me acostumarei a certas elegancias que por cá vejo.

—Então nem mesmo accedes ao meu pedido... quando mais não seja por dar-me essa prova de carinho?

—N'esse caso... basta! passarei a tratar-te por tu.

—Que bondosa que és, minha querida Rosaria! agradecido pela tua amavel condescendencia! dize-me, em nós casando, não quererás usar no vestuario um pouco de luxo mais do que usas agora?

—Para que? basta andar com decencia: por ventura não te agradei eu assim?

—E' que eu desejaria que todos dissessem, quando nos vissem passar:—que elegante que vai a mulher do Pepe!

—Vaidade! e só vaidade!

—A final de contas... vaidade innocente! não te fez Deus tão formosa? porque não has de tu cultivar a tua formosura?

—Creio tambem que a não estrago, dado o caso que exista, pelo facto de me vestir com modestia e economia.

—Não a estragas, mas não a deixas brilhar como devêra: além d'isso, bem vêes que, depois de casarmos, terás occasião de sair de casa mais vezes: teremos camarote effectivo n'algum dos theatros, e daremos partidas uma vez por semana.

—Que loucura! não esperes isso de mim.

—Porque?

—Porque em parte nenhuma estou melhor do que em casa: fui educada assim: é este o meu génio; e bem sabes que, a respeito de génio, *o que o berço dá a cova o tira*.

—Bem! ficam supprimidos os passeios de dia, tirado o caso unicamente quando sintas appetite de sair, mas... dos meus planos nocturnos que dizes tu?

—Que acho loucura e desperdício estar a gastar dinheiro com camarotes de assignatura; queremos ir ao theatro n'uma certa noite em que o espectáculo nos convida? alugamos camarote n'esse dia! não te parece isto mais rasoavel?

—Eu preferia o camarote effectivo, porque assim estarás tu implicitamente obrigada a ires divertir-te, emquanto que, tendo de se alugar camarote... hoje... amanhã... depois de amanhã... vaes addiando de noite para noite, e nunca te resolves.

—Tu verás que não é assim.

—E, nas partidas uma vez por semana, também não concordas?

—Para que? para nos virem as visitas estragar os nossos moveis que são tão bonitos, e a nossa excellente alcatifa? em noites de chuva, chegam todos molhados: e adeus damascos e tapeçarias!

—Compram-se outros.

—E eu prefiro não estragar aquelles: demais, sabes o que succede sempre n'estas reuniões? é que as pessoas de fóra, que nós obsequiamos, vão depois rir-se dos donos da casa e critical-os.

—Então, por que nos podem criticar privar-nos-hemos de gosar da sociedade?

—Quem gosa e quem se diverte, Pepe, são as pessoas de fóra! para os da casa não há senão despeza e incommodo.

—Para que te serve n'esse caso a tua habiliadade de pianista? não tens a quem a mostrar.

—Reservo-a para ti e para nossos paes, e terei n'estes tres espectadores o mais poderoso estímulo de estudo.

A ternura d'esta resposta fez emmudecer Pepe, que apertou furtivamente a mão de Rosaria.

—O engodo do piano, proseguir ella, faz que se nos encha a casa de estouvados e estouvadas, attraídos pela esperança de passarem a noite dansando; e o que resulta? estragam-nos o sobrado, rasgam-nos a alcatifa; depois temos de apresentar-lhes o indispensavel chá, porque hoje, conforme diz minha madrinha, já ninguem costuma dar funcções a secco: —e sabes quanto nos custava um chá e os seus accessorios? o menos, o menos... trezentos *reales*! e não havia de ser coisa muito apurada.



—Quasi que me convences, minha querida Rosaria.

—E ainda ha mais! Em seguida ao que te digo, temos os ditinhos, as intrigas, as visitas a pagar... e a receber, porque quem vem de noite ás reuniões, sob pretexto que de noite vem para se divertir, entende que deve vir de dia para visitar; quer dizer, quem dá reuniões uma vez de oito em oito dias, pôde contar que tem o tempo tomado e perdido em todo o rosto da semana.

—Pois hem! não daremos partidas, respondeu Pepe, que era muito docil e muito condescendente; mas com respeito ao theatro... has de ter paciencia! espero convencer-te de que não convém isolar-se a gente de todo: a convivencia da sociedade pôde trazer algum pequeno incommodo, mas em compensação proporciona bocados muito agradaveis.

—E eu, replicou Rosaria, espero convencer-te de que a sociedade exige muito e dá muito pouco: mal a tenho frequentado, e nem desejos sinto de o fazer, porque fórmo d'ella a peor idéa possível: estou persuadida que de entre tanta gente que vem a esta casa duas vezes por semana, e algumas pessoas ha que vem todos os dias, se entrasse aqui por acaso uma doença ou uma desgraça qualquer, para acompanhar a marqueza e consolal-a ficaríamos apenas nós e nossos paes:—acredita-me, Pepe, e não te sacrificues por essa ruim sociedade, composta de nescios, de egoistas e de ingratos.

## VII

Tres semanas depois, n'uma segunda feira, teve lugar o casamento de Pepe com Rosaria e de Casilda com Paco.

O sacerdote que abençoou o enlace dos primeiros, casou em seguida os segundos.

A marqueza offereceu-se para madrinha no casamento d'aquella que já era sua afilhada de baptismo: o padrinho foi D. Damaso.

Em acto continuo foi Pepe ser padrinho e Rosaria madrinha no casamento de Casilda com Paco.

Terminada a dupla cerimonia, dirigiram-se todos para casa da marqueza, que, sob pretexto de lhe mostrar umas rendas, levou Rosaria para o seu gabinete, e lhe fallou assim:

—Minha filha, os conselhos que te vou dar, estou certa que t'os daria tambem, se a tivessesmos ainda entre nós aquella excellente alma que está no ceu. Escuta o que te vou dizer. Se queres ser feliz, cumpre-te em primeiro lugar modificar essa tua severidade natural tanto na vida domestica, e ahí principalmente, como na vida social. Boa és tu, muito boa, quasi uma santa: possues mil qualidades excellentes; tens talento: tens um coração terno, pois, por isso mesmo, não occultes esses dotes admiraveis sob o aspero veu da intolerancia. Não exijas em tudo e em todos a perfeição absoluta. Lembra-te de que a bondade pode ter varias e distinctissimas manifestações, e não ha character algum que não tenha mais ou menos o seu claro-escuro: olha para o claro, e quanto ao

escuro, sempre que possas sem menoscabo da tua dignidade, faz de conta que não reparas por elle. Deves tambem ser um pouco tolerante no que respeita a economias: o serviço domestico anda geralmente muito degenerado: se usares de excessiva rigidez para com os servos, arriskas-te andares sempre despedindo uns e tomando outros: para que se conservem e te sirvam bem, é mister relevar-lhes algumas coisas, e já que felizmente possues bens de fortuna, paga-lhes com generosidade, que é a maneira de andarem contentes e preferirem a tua casa a outra qualquer.

Sobretudo, minha filha, recommendo-te muita finura com tua sogra e teu marido. Ella é uma senhora habituada a um trato delicado. Pepe foi criado á ilharga de sua mãe, sempre animado e relevado em tudo. Não te mostres aspera nem sombria para com elle: não sejas nunca menos attenciosa para com tua sogra. Teu marido gostará de levar-te aos passeios, aos theatros, ás reuniões; não queiras fazer da tua casa um convento, nem fujas dos divertimentos por systema. Quando o marido convida a esposa, esta não deve nunca negar-se a acompanhal-o; porque, se elle supporta a recusa duas ou tres vezes, á quarta adopta o partido de ir sósinho, á quinta acha-se perfeitamente com a sua liberdade e acaba por se gabar perante os amigos de haver sacudido o ridiculo *jugo matrimonial*. Faze da tua parte todo o possivel para que teu marido ache agradável a tua companhia e prefira o lar domestico a todos os divertimentos imaginaveis. N'uma palavra, minha querida Rosaria, agora é que principia a tarefa ardua e verdadeiramente difficil da tua vida; antigamente tinhas toda a liberdade de uma dona de casa sem um só que fosse dos seus penosos deveres; hoje descansam em ti o socego e a ventura de uma familia inteira.

Rosaria escutou em silencio estas admoestações da sua amiga: o seu coração era bastante nobre, e a sua alma sobejamente temperada, para se offender com o que sua madrinha lhe dizia: pelo contrario, ficou mais claramente ainda do que até então, conhecendo o interesse que a marqueza tomava pela sua felicidade, e lançou-se-lhe nos braços, beijando-a com ternura, e agradecendo-lhe com effusão.

A marqueza proseguiu ainda:

— Se alguma vez sentires o teu espirito desfallecer, vem ter comigo; dar-te-hei conselhos, e quando não possa consolar-te nos teus desgostos chorarei contigo.

— Oh! minha querida madrinha, respondeu Rosaria, como eu lhe sou agradecida! mas espero em Deus não ter nunca desgostos, pelo menos, desgostos de grande consideração; entretanto, caso os tivesse, creio bem que só á minha querida madrinha me resolveria a contal-os, e guardaria segredo d'elles para com todas as mais pessoas, inclusivamente para com meu pae.

Dizendo isto, Rosaria estava effectivamente quasi certa de que nunca experimentaria pezares, e esperava amoldar ao seu gosto as tendencias do seu Pepe, cuja suave condição e natural doçura de génio lhe eram assaz conhecidas.

—Hei de fazer-lhe perder, pensava ella comsigo, aquelles habitos romanticos, aquella ancia de gastar dinheiro, finalmente todas aquellas loucas phantasias filhas de uma educação amimada.

A casa em que moravam, como era espaçosa, chegava para a familia toda.

Casilda tinha ido morar para a agua-furtada do mesmo predio.

Rosaria ficava sem criada de quarto, mas a generala tinha uma excellente, e offereceu-a.

—Se quizeres, trago comigo a Benedicta que é séria e fiel: pôde ficar-nos servindo a todos.

—Pois sim, respondeu Rosaria, como essa já é conhecida...

E a vida começou, por assim dizer, sobre uma nova phase, para aquellas quatro pessoas.

Uma vida verdadeiramente feliz!

Feliz para Rosaria, que se via adorada por seu marido, a quem ella por sua vez adorava tambem, posto que menos expansiva e mais concentrada.

Feliz para D. Damaso e para D. Benigna (era assim que se chamava a sogra de Rosaria), porque vendo seus filhos tão ditosos, nada mais tinham que desejar.

Feliz sobre tudo para Pepe, que em cada instante descobria em sua esposa novas perfeições physicas ou moraes.

Efectivamente Rosaria parecia haver-se aformoseado ainda sob a influencia d'aquelle amor: como que se lhe tinha dulcificado o olhar: desabrochara-lhe nos labios quasi habitualmente um sorriso cheio de encantos.

D. Damaso e D. Benigna davam-se perfeitamente, e em breve os estreitou uma reciproca sympathia: fôra differente a educação dos dois, mas a bondade e a tolerancia mutua removeram todas as difficuldades do trato, ou pelo menos as que por mais salientes e pronunciadas poderiam occasionar attritos.

A vida parecia, pois, desabrochar radiante e venturosa para aquellos quatro entes.

Um dia, á hora do almoço, estava D. Damaso preocupado.

—Que tem hoje, meu pae? perguntou-lhe Rosaria.

—Uma idéa que me occorreu, e que me tem apoquentado.

—Então, conte, conte, querido papá, disse Pepe com affectuoso carinho.

—*Papá! papá!...* murmurou Rosaria; que mania que tens de estar sempre com essas pieguices: não vês como eu digo simplesmente *pae*?

—Fazes mal, retorquiu Pepe.

—Porque?

—Porque só a gente ordinaria é que tem o costume de tratar por *pae* e por *mãe*.

—Pois assim é que eu estou acostumada.

—E eu torne a dizer-te que fazes mal.

—Embora! tu pensas assim, e eu penso o contrario.

—Tu é que tens razão, Pepe, observou por fim D. Damaso; é mais fino dizer *papá* que *pae*.



—Pois eu então, disse D. Benigna, acho que Rosaria n'este ponto pensa com mais acerto: *pae* foi sempre o nome por que eu tratei o avô de Pepe: por *mãe* tratava Christo a Virgem Santissima: *Pae* chamamos nós ao Todo-Poderoso. As modas estão sempre inventando coisas novas, que a final de contas não são melhores do que as antigas.

—D. Benigna, replicou D. Damaso, vejo que desempenha ás mil maravilhas o encargo do seu nome, sobretudo em referencia á minha filha; em tudo e por tudo lhe dá razão.

Rosaria dirigiu a sua sogra um olhar de affectuoso reconhecimento, e disse:

—Dá-me razão, quando tenho razão: sou aragoneza, e sou muito franca: pão, pão... queijo, queijo.

—Uma coisa é ser franca, disse Pepe, e outra coisa é ser menos cortez: a educação não tem provincia especial, é de todos os paizes.

—É então mais bem educado quem diz *papá* e *mamã* em vez de dizer *pae* e *mãe*?

—Pelo menos, é esse o costume estabelecido.

—Pois guarda-o tu para ti, esse costume.

Pepe ia talvez responder com alguma aspereza, mas um simples volver d'olhos de sua mãe bastou para o conter em silencio, como se um cadeado lhe houvesse fechado a boca: Rosaria ficára d'esta vez triumpante... com a idéa de que tinha sido a ultima a fallar.

Pepe fez-se vermelho de colera, sentindo-se humilhado pela teimosia acintosa de sua mulher.

—*Papá*, disse elle por fim, accentuando muito esta palavra como para se vingar da derrota que soffrera, conte-nos a final que idéa é essa que o tem apoquentado.

—Queres saber o que é, meu filho? é que me sinto velho e cansado; tenho já os meus sessenta e dois, e a cabeça vae estando pezada para tratar de contas e de negocios: ora tenho eu estado a pensar que, devendo esta casa vir um dia a pertencer-te, é uma verdadeira tontice continuares tu na vida de engenheiro, arriscado a quando menos o esperares, seres mandado para longe d'aqui n'alguma commissão d'obras publicas ou de minas.

—Mas... observou Pepe, hei de eu n'esse caso abandonar a minha profissão, e passar a não ser coisa alguma n'este mundo?

—Homem, pensas então que é não ser coisa alguma n'este mundo, viver, como eu toda a minha vida vivi, na minha occupação de lavrador laborioso, que tenho dado de comer a muitas familias! olha que vale isto mais que nenhuma outra coisa!

—Este tem lá outras pretensões! atalhou Rosaria com certo ar de ironia provocado ainda pela intencional repetição da palavra *papá*.

—Enganas-te, respondeu o marido; o que ha é que eu, quando me propuz casar contigo, foi contando que no exercicio da minha profissão tinha garantido os meios de te sustentar; ora, se eu agora for fazer o que diz teu *pae*, passo a eu não ganhar nada!

—Filho, acudiu o aragonez, parece-te pouco alliviar-me do encargo de administrar as minhas propriedades e fazel-as prosperar? trabalha, que dinheiro, graças a Deus, ha em sobra, e póderás, se quizeres, realisar certos melhoramentos: olha, pódes estabelecer uma linda fabrica de papel aproveitando a agua que se desperdiça; pódes melhorar o fabrico do vinho; pódes finalmente occupar um logar distincto como agricultor e como proprietario: depois, pódes um dia chegar a sentares-te na camara e defenderes ahi os interesses do teu paiz; trabalha, filho, trabalha, que o trabalho engrandece o homem seja qual fôr a sua condição.

E ao fallar assim o semblante do honrado lavrador tinha revestido uma animação notavel; tornara-se-lhe extraordinario o brilho dos olhos: pacifico, simples e quasi ignorante como aquelle homem era, parecia agora transfigurado, e todavia o que á primeira vista se affigurava um verdadeiro milagre não era mais do que o fructo de uma extrema bondade natural. O simples desejo de proporcionar o descanso e o bem-estar de seu genro, a tranquillidade de sua filha na constante companhia de seu marido, e a felicidade de D. Benigna na garantia de um porvir lisongeiro, eis a unica fonte d'onde tinha brotado aquelle momentaneo rasgo de eloquencia.

—Sim, sim, meu querido pae, exclamou Pepe sentindo communicar-se-lhe o enthusiasmo do velho: juro-lhe que d'ora avante o meu maior afan será ajudal-o em tudo quanto eu souber: melhorarei as suas propriedades, serei o protector d'aquella pobre gente que n'ellas ganha o pão quotidiano, e meu pae terá uma velhice feliz e prolongada, acarinhado pelo amor de seus filhos!

Lagrimas de enternecimento correram pelas faces de D. Benigna e de Rosaria.

—Vês tu? disse esta esquecendo-se já do seu ressentimento, e pegando affectuosamente na mão do marido, agora que quizeste usar de uma linguagem terna e expressiva, trataste-o por *pae*.

—E *pae* é a palavra doce que amenisa todas as grandes afflicções da vida, accrescentou D. Benigna, a qual era sempre o arco-iris d'aquellas pequenas tempestades.

—Está decidido então, não é verdade? deixas a vida de engenheiro, e encarregas-te da administração da casa.

—Meu pae, respondeu Pepe, o que fôr da sua vontade é tambem da minha.

—E agora, propoz D. Benigna, vamos nós todos dar um passeio, que está um dia lindissimo: a ti particularmente, Rosaria, ha de fazer-te bem, que ha tempo já que não saes de casa.

## VIII

Tinha caído o primeiro grão de arcia no lago azul e transparente do matrimonio.

Quem o havia deixado cair?

Seguramente não foi Pepe, nem sua mãe, nem o honrado lavrador: foi Rosaria, ou antes o seu génio aspero e forte como o ferro que se quebra mas não se torce.

Havia um mez que tinham casado, quando Pepe, aborrecido já de ficar em casa tantas noites a fio, se lembrou de comprar dois bilhetes de cadeiras para ir ao theatro com sua mulher.

Mas Pepe fez isto sem a consultar, de modo que, ao vêr os bilhetes, Rosaria ficou logo com certa dose de enfado e exclamou sêccamente:

— Eu não vou.

— Mas porque não? um espectáculo tão lindo!

— Deixal-o! vae tu.

— E tu porque não has de ir tambem?

— Porque não tenho vontade: demais, ámanhan quero ir confessar-me, e por isso preciso esta noite recolher-me cedo ao meu quarto. Antes de gastares esse dinheiro tão loucamente, podias ter-me perguntado se queria ir.

Pepe, que era muito susceptível, por ser pobre, sentiu-se dolorosamente d'estas palavras, crendo vêr n'ellas uma alusão.

É que realmente a mulher casada tem obrigação de ser delicada na sua linguagem, e mais ainda quando a riqueza fôr da sua parte.

— Como quizeres! disse Pepe afinal com a voz suffocada: não iremos, e para outra vez, antes de gastar dinheiro seja em que fôr, pedir-te-hei préviamente licença.

— Rosaria empallideceu, conhecendo que tinha offendido o marido, e olhou para elle com tristeza e anciedade.

Pepe desviou os olhos e retirou-se para o seu gabinete.

Um momento depois entrou D. Benigna e veiu encontrar a joven chorando.

— Que tens tu, filha? estás doente? que te succedeu?

Rosaria contou-lhe o que acontecêra.

— Isso não vale nada: Pepe é um nadinha sentido, e tu és algum tanto severa; sabem o que devem ambos fazer? é diligenciarem por se emendar cada um da sua parte um pouquinho que seja, aliás, por muito, que se estimem, chegarão a não se entenderem um ao outro: deixa, que eu ralharei com teu marido, e lhe direi que não seja criança; e tu por teu lado sacrifica-te a fazeres-me a fineza de o acompanhares ao theatro... verás como elle fica satisfeito.

Rosaria, apesar de má vontade, foi vestir-se sob a direcção da sogra, e ficou encantadora.

Já de vestido de seda azul, com ricos brillantes nas orelhas e no peito, e um veu transparente que deixava perfeitamente analysar-lhe a formosura do penteado.

D. Benigna levou-a pela mão até ao quarto de Pepe, pegou no chapéu do filho e foi dar-lh'o, dizendo-lhe em seguida em tom de terna auctoridade.

— Ora vão para o theatro.



Pepe voltou-se, e do seu rosto a principio sombrio e contraído desapareceram as nuvens negras para darem lugar a um sorriso de jubilo apenas viu Rosaria tão formosa.

— Queres que mande vir um trem? perguntou elle.

Rosaria còrou.

— Para que me consultas? pois não és tu aqui o dono de tudo, inclusivamente de mim propria?

Metteram-se pois n'uma carruagem, e dirigiram-se para o theatro, onde Rosaria se divertiu muito.

Mas, ao chegar a casa, entrou a lastimar-se por não poder ir á igreja no dia seguinte deixando assim de ganhar o jubileu, que era de indulgencia plenaria.

Pepe encolheu os hombros.

Rosaria vendo n'este gesto um signal de menosprezo, zangou-se e disse-lhe que elle era um hereje, que mal entrava n'uma igreja.

Esta accusação, em presença mesmo de sua mãe que era profundamente piedosa, exasperou a irritação de Pepe o qual disse para sua mulher que não se mettesse n'aquillo que não era da sua conta, e que lhe respeitasse a sua opinião.

— A culpada de tudo isto' sou eu, por haver-te acompanhado ao theatro, respondeu ella com os dentes cerrados de colera.

— N'esse caso porque foste?

— Porque fui? porque julguei que não ias bem sem a minha companhia.

— Ah! julgaste? pois julgaste mal! sósinho teria ido perfeitamente.

— Sósinho! tu?

— Sósinho! sim! e se duvidas, esta mesma noite verás se saírei sósinho ou não.

Rosaria recolheu-se ao quarto desesperada.

Ao anoitecer, Pepe foi ter com ella, e disse-lhe:

— Queres vir?

— Aonde? perguntou ella ainda no mesmo grau de enfado.

— A casa da marquezia.

— Boa viagem!

Pepe saiu.

Rosaria começou a soluçar por tal forma, que seu pae correu a acudir-lhe.

— Que tens tu, minha querida filha? perguntou o pobre velho, cujo semblante se cobriu de profunda tristeza, a primeira talvez em toda a sua vida.

— Está assim, porque o Pepe saiu, disse D. Benigna egualmente afflicta.

— Como? saiu sósinho?

— Sim, meu pae, sósinho! sósinho! respondeu Rosaria com aquella injustiça que só a cegueira da colera sabe inspirar: desde hontem que Pepe andou preparando toda esta questão no intuito de poder fazer aquillo que lhe dê na vontade.

—Pensas então, disse-lhe D. Benigna, que o desejo de teu marido era sair sem ti?

—Já se vê?

—N'esse caso porque não lhe desmanchaste os planos saíndo tu com elle?

—Porque não quiz que Pepe me levasse á força; mas agora é que eu vou sair.

—Aonde vaes tu, filha?

—A casa de minha madrinha: Pepe disse-me que ia para lá.

—Meu Deus, filha! observou D. Benigna, se agora saíres sósinha, o que irá teu marido suppor? olha, o que posso é ir na tua companhia, e dizer-lhe que tínhamos que fazer em casa quando Pepe saiu.

E a bondosa e prudente mãe foi preparar-se; Rosaria fez o mesmo: e saíram ambas acompanhadas pelo criado.

Estava n'essa noite uma reunião esplendida na sala da marquezia, que sentada n'um sofá pequeno fazia as honras da casa com aquella graça extrema e delicada que já lhe conhecemos. Vendo entrar a afilhada, depois do marido, e com os olhos vermelhos de chorar, percebeu logo que havia nuvens negras invadindo já o horisonte conjugal.

Isto mesmo perceberam muitos outros, e muitas outras; e d'essas as que lhe tinham invejado a preferencia do sympathico e interessante Pepe, soltaram algumas allusões chocarreiras relativamente á felicidade matrimonial, allusões a que Rosaria não deu como resposta mais do que um olhar altivo.

Logo que teve occasião, Rosaria aproximou-se do marido que estava junto de uma meza vendo jogar, e disse-lhe:

—Já vê que a sua companhia não me faz falta.

—Melhor! respondeu o marido mas, para a outra vez que vier a uma reunião concorrida, peço-lhe que não traga um vestido tão curto como esse: repare que está toda a gente a rir-se.

—Attribua a culpa ao seu mau procedimento que me tirou a vontade de me compôr melhor; além d'isso, antes de comprar vestidos novos, quero gastar estes que tenho.

—Minha senhora, ha certas economias que são ridiculas.

—Mais ridiculos são os desperdícios.

—Diz isso em allusão a mim?

—Não estou para fallar mais com o senhor.

E Rosaria voltou as costas a seu marido com uma descortezia tal que este ficon profundamente offendido.

Quando foram horas de sair, a generala aproximou-se do filho.

—Por Deus te peço, Pepe, sê prudente.

—Que quer então, que eu faça? perguntou elle n'um tom de aspe-reza como nunca até alli tinha empregado.

—Vem com tua mulher.

—Satisfeito em demasia estou eu do seu génio!

—Filho, lembra-te de que todos os defeitos d'ella tem uma origem

desculpavel: não vês que é uma alma bondosa, que te estima apaixonadamente, e que tem uma vida pura e irreprehensivel?

—Entretanto, nada d'isso compensa a sua grande falta de educação.

—Se ella quizer e chegar a convercer-se de que pratica mal, verás que se ha de emendar.

—Qual emendar? já não pôde emendar-se ainda que queira.

—*Querer é poder*, filho.

—Mamã, por amor de ti farei todos os esforços, para ser prudente mas se Rosaria é capaz de tirar a paciência a um santo! e d'ahi... como tem riqueza, cobre-me de ridiculo, e não faltará quem diga que estou pagando a ambição de haver casado com uma mulher opulenta.

—Não penses tal, meu filho! exclamou tristemente D. Benigna: quem disser isso é por força pessoa que não merece os reparos da gente de bem: se casaste com tua mulher é porque a estimavas, e não porque levasses vista no interesse.

—Apesar de tudo isso, conheço que fiz mal, pobre como sou, em não escolher para esposa, mulher igualmente pobre.

E sem accrescentar mais palavra, Pepe dirigiu-se para Rosaria.

Mas D. Benigna conheceu que n'aquella alma, outr'ora tão cheia de flores e de aromas, tinha brotado a primeira raiz amarga que mais amargos fructos havia de produzir ainda.

—Ah! pensou ella, se meu filho tivesse tido a sorte de encontrar por companhia uma mulher de génio brando e flexivel, ambos seriam ditosos, mas assim... quem sabe?!

—Vamos para casa, Rosaria? perguntou Pepe a sua mulher com voz de doçura.

—Vamos, respondeu-lhe ella n'um tom secco.

—Não estejas enfadada comigo, accrescentou elle; não? esqueçamos ambos o que se passou.

—Tu nada tens que esquecer.

—Sim!... dizes bem... eu nada tenho! disse Pepe, que perante um olhar supplicante de sua mãe fez um esforço heroico para conservar prudencia; mas esquece tu, Rosaria, esquece tu o passado, e vamos despedir-nos da marquezia.

Rosaria, vendo que Pepe se humilhava, sentiu o que todas as pessoas de génio forte costumam sentir quando percebem que o seu adversario lhes cede: ficou enternecida e apertou a mão a seu marido. Momentos depois, saíam todos tres de casa da marquezia. D. Benigna ia pelo braço de seu filho, e Rosaria adiante dos dois. Iam quasi a entrar em casa, quando avistaram uma mulher immovel no meio da rua, e a poucos passos da porta.

—É a Casilda que alli está, disse Rosaria.

—Isso sim! exclamou D. Benigna: a Casilda alli sósinha... a estas horas!

—Pois é a Casilda: ora repare bem.

—Effectivamente é ella, disse Pepe; mas o que estará fazendo?



—Escondamo-nos aqui para este canto, disse Rosaria; e poderemos sem sermos vistos espreitar o que ella faz: está-me fazendo curiosidade.

Metteram-se todos tres debaixo de um telheiro, muito contra vontade de Pepe, que não se sentia com disposições para semelhante espionagem. Não tiveram muito que esperar.

Haviam decorrido apenas alguns minutos quando viram chegar um homem a encostar-se ás paredes com todos os signaes de vir embriagado.

—Aquelle é o Paco! disse D. Benigna.

—Sem duvida! é elle! ajuntou Rosaria! comprehendo agora tudo: pobre Casilda!

Paco aproximou-se cambaleando: sua mulher, apenas o avistou, chegou-se a elle, tapando a cara quanto poudo com o lenço que trazia na cabeça.

—Firma-te no meu braço, disse ella com doçura.

—Qual firmar, nem qual demonio! respondeu elle; já tu aqui estás? não escapas um dia sem eu te quebrar a cara!

—Já me vou, disse Casilda com humildade, não te zangues!

—Mas que vieste tu aqui fazer? não te disse já que não quero que venhas esperar-me na rua?

—Eu não sahi por te esperar: bem sabes que não gosto de te contrariar em coisa nenhuma! tinha saído a pagar um café que encomendei á bocado... quando te vi chegar.

—E para quem era o café?

—Para ti.

—Onde é que está esse maldito café?

—Está lá em casa! como sei que gostas, encomendei-o esta tarde para o tomares quando recolheesses; agora, anda, vamos depressa, que está o café a arrefecer; encosta-te ao meu braço...

—Já te disse que quero ir só! resmungou o ebrio em voz balbuciante e com aquella teimosia propria dos que estão em semelhante estado.

—Pois, como tu quizeres! respondeu Casilda.

E seguiu atraz de seu marido que entrou para dentro do portão, e começou a subir a escada, mas logo ao segundo ou terceiro degrau tropeçou e caiu.

—Vem na fôrma do costume? perguntou o porteiro acudindo á bulha.

—Pelo amor de Deus, senhor Santiago, disse a rapariga, não conte nada d'isto a ninguem.

—Pódes ficar descansada, minha filha, respondeu o porteiro que era um velho honrado; mas, se ha martyres n'este mundo, tu estás de certo n'esse caso.

Casilda chegou-se ao marido, ajudou-o a levantar-se, e disse-lhe:

—Ora, anda lá, dá cá a mão, que o lampeão está já apagado, e a escada está escura: nós, mulheres, somos como os gatos, vemos melhor de noite que de dia.

Afinal, as palavras de Casilda conseguiram vencer a obstinada teimosia do ebrio: Paco encostou-se-lhe ao braço, e subiu a escada.

—É a mulher de mais tino que tenho visto, disse D. Benigna. Tinha curiosidade de ver como esta scena termina, porque estou com cuidado na pobre rapariga: aquelle homem no estado de embriaguez, a que chegou, reduziu-se ás condições de um completo irracional, e é capaz de maltratar a mulher.

—Subamos, e vejamos, ponderou Rosaria.

Subiram com effeito a escada, e foram sentindo os passos de Paco e de Casilda que levava o marido com grande custo.

Apesar do estado angustioso em que ia, Casilda percebeu passos atraz de si: mas seu marido achava-se, como dizia D. Benigna, n'um tal periodo de estupidez, que a infeliz não se atreveu a parar no meio do caminho, e proseguiu na sua penosa tarefa exorçando-se por fazer a menor bulha possível.

Já quando ia quasi ao pé da porta, voltou-se, e deparou com Rosaria, Pepe, e D. Benigna.

Á pallidez, que a angustia lhe desdobrara no rosto, succedeu um generoso rubor.

A pobre Casilda teria dado annos de vida para lhe não descobrirem aquelle feio vicio de seu marido que ella cautelosamente pretendia occultar como occultava muitos outros.

Rosaria fez-lhe signal que seguisse o seu caminho, e que se não importasse com quem vinha: Casilda obedeceu, abrindo a porta da agua-furtada, e entrando para dentro com seu marido, que se deixou cair machinalmente n'uma cadeira de braços.

Como a porta ficasse aberta, podia quem estivesse de fóra presenciar o prodigio de amor e prudencia que n'aquella humilde vivenda ia uma pobre mulher realisar.

A habitação constava de sala, gabinete, cosinha e dispensa: no corredor havia ainda um quarto pequeno de que os dois esposos faziam casa de jantar.

Brilhava alli um aceio esplendido, e um arranjo indescritivel.

Casilda, logo que seu marido ficou em descanso, tornou á porta da escada para receber os *senhores*, como ella lhes chamava.

—Não, não queremos entrar, disse-lhe Rosaria: unicamente, como voltavamos de casa de minha madrinha, e reparámos que teu marido vinha um pouco... pezado, ficámos com cuidado em ti, e por isso subimos.

—Oh! menina, aquillo hoje foi uma excepção; além d'isso, meu marido tem um genio manso, que se deixa governar por mim como um borrego! hoje, verdade, verdade, como é sabbado e elle recebeu a fêria, percebe-se que se excede um pouco; mas é a primeira vez que lhe acontece aquillo: quem tem a culpa d'estas coisas são ás más companhias.

—Escuta, Casilda, disse D. Benigna, deixa-me entrar mais a menina que tenho curiosidade de ver como te avens com teu marido: tu, filho, vae para baixo, porque se houver alguma novidade, o que Deus não permita, cá estamos nós para accudir a Casilda.

—Oh! minha senhora! atalhou Casilda: accudir-me? isso, sim!

pois entre mim e meu marido podia lá haver novidade alguma, que fosse preciso accudirem-me? nem por pensamentos!

— Entretanto, accrescentou ella dissimulando a sua contrariedade, queiram entrar aqui para o gabinete.

Pepe desceu para casa: D. Benigna e Rosaria entraram para o gabinete, e Casilda fechou a porta.

## IX

Paco tinha-se deixado adormecer, e ouvia-se-lhe o resonar estrondoso e repugnante.

A expressão animada e intelligente da sua physionomia estava agora convertida n'outra de profunda estupidez.

Havia-lhe caído o chapéu, e os cabellos pendiam-lhe em desalinho, desgrenhados, sobre a testa e as faces:

A gravata estava amarrada e fóra do colarinho.

Casilda foi á cosinha. deitou café n'uma chavena, temperou-a com sufficiente assucar, e voltou para juuto de seu marido.

— Paco, disse ella tocando-lhe suavemente no hombro, aqui tens o café.

Paco abriu os olhos, e estendeu a mão para a chicara.

— Olha, tu estás meio a dormir, bebe pela minha mão que eu te seguro a chavena.

E aproximou a chicara dos labios sequiosos de Paco.

Este bebeu com a soffreguidão habitual dos ebrios.

Dois minutos depois manifestava-se o costumado effeito d'aquella bebida, dissipando-se quasi completamente os vapores que sobrearregavam o cerebro de Paco.

— Valha-me Deus, Casilda! disse elle passando a mão pela testa e compondo os cabellos: tu aqui ainda levantada!

Não tenhas cuidado, respondeu ella, é cedo ainda! agora mesmo acabas tu de entrar: olha, queres tu mais café?

— Tens mais?

— Tenho.

— Então dá cá; mas quem é que trouxe este café?

— Mandei-o vir alli do botequim defronte.

— Como se explica então que o tenhas dentro da cafeteira.

— Deitei-o alli para se conservar quente.

— Hum! aposto que foste tu que o fizeste.

— E quando assim fosse, que mal havia n'isso? mais bem feito fica, que o do botequim é uma peste!

— Para que me dizias então que o tinhas mandado lá buscar?

— Como me encontraste na rua...

— Ah! já sei: receavas que ralhasse contigo?

— Tens-me dito que não gostas que eu vá esperar-te ao caminho...

— Inventaste-me então essa desculpa?

— Sim.



—Pobre Casilda! exclamou Paco, de cujo cerebro iam completamente desaparecendo as nuvens que o obscureciam: coitada de ti! desde que nos casámos, vae para dois mezes, todos os sabbados te faço passar por mil angustias.

—A mim?! porque?

—Porque venho perdido como um cacho! as más companhias é que tem a culpa d'isto.

—Ora não digas tal! vens agora perdido como um cacho! que horror! até nem quero ouvir isso; vens um pouco alegre, é que tu vens, e aqui está o que é! nem a tua posição consentiria isso. Como um cacho? ora, o que tu estavas a dizer! isso é lá para gente de pouco mais ou menos.

—E que sou eu, Casilda, que sou eu, senão gente de pouco mais ou menos?

—Não és tal: és um artista que tens uma profissão muito decente: vamos d'ahi, vem metter-te na cama, que tens ámanhã de te levatares cedo.

—Ai! Casilda! e que dirás tu d'este meu maldito vicio do jogo! continuou Paco proseguindo agora na veia do sentimentalismo; eu que nunca chego a entregar-te a metade da fêria que reccho!

Casilda ficou tristemente silenciosa.

—Falla, mulher! gritou elle; parece que te dêram um ponto na bocca!

—Que queres tu que te diga? quando jogas, é signal que encontras gosto n'isso: estás no direito de fazer o que fôr da tua vontade.

—Não, senhor, não estou! ninguém está no direito de fazer coisas que sejam prejudiciaes ás outras pessoas.

Lá por isso, não! só á que deves attender é que esse gosto te pôde ocasionar desgostos mais tarde.

—E grandes desgostos!

—Pois então... gosto, que occasiona desgostos, não é gosto: d'aqui por diante, quando saires do trabalho, ven! logo para casa.

—O que? mas, se a gente ás vezes vae atraz de certos compromissos... olha! assim me acontecia tambem em casa de minha tia: ella ralhava comigo tanto que tomei o expediente de sair-lhe de casa para viver á minha vontade; mas... vamos para a cama, que estou a cair com somno.

Paco entrou para o quarto: Casilda ajudou-o a despir-se e a deitar-se, e conchegou-lhe por fim a roupa agasalhando-o com o mesmo carinho que outra qualquer empregaria para com o melhor e o mais exemplar dos maridos.

—Meu Deus! exclamou Rosaria, esta rapariga é uma verdadeira martyr! Casilda, continuou ella, vendo-a entrar por fim no gabinete, porque nos occultavas tu o que tem succedido?

—E que lucrava eu em contar-lh'o, menina? dar-lhe uma noticia triste, e nada mais! uma mulher deve desculpar as faltas de seu marido em vez de as andar publicando.

—E tu, antes de casares, sabias o que elle era?

—Constava-me que era um pouco estouvado; mas não cuidei que fosse tanto.

—Porque te mostras então carinhosa e humilde por essa fôrma?

—Que heide eu fazer, menina? alvoroçar a casa? fazer escandalo? dirigir-lhe pirraças? que adiantava eu com isso? nada! e elle acabava por perder de todo a vergonha; assim, pelo menos, conserva um resto de brio e lá faz a diligencia para disfarçar aquellas fraquezas: não será pois obrigação minha contribuir para occultal-as tambem? cada qual tem n'este mundo a sua cruz!

—E a tua bem pesada é, disse D. Benigna.

—Que remedio, minha senhora! Deus é quem distribue a cada um a cruz que lhe compete, e a minha por mais diligencias que faça, não posso aliviar-lhe o peso... assim derepente.

—N'esse caso formas tenção de viver sempre assim?

—Não, minha senhora: como nunca na minha vida tenho sido má, espero em Deus que não me deixará eternamente infeliz.

—Casilda, disse Rosaria, debes ter falta de dinheiro, visto que teu marido é jogador: vou dar-te algum.

—Não, menina, agradecida mil vezes; tenho ali umas camisas que vou acabar esta noite, e amanhã recebo dinheiro.

—Pois tu, interrompeu D. Benigna, estás reduzida á desgraça de trabalhar para fóra?

—Minha senhora, respondeu Casilda com dignidade, marido e mulher, quando se casam, contribuem ambos para um deposito commum, o marido com o dinheiro, a mulher com a economia e o arranjo de sua casa; adoeccendo o marido, compete á mulher trabalhar para lhe supprir a falta: é este um rigoroso dever que ella contráe quando se casa, e n'essa communidade de bens não cabe lugar para terceira pessoa: entre elles dois se deve ganhar honradamente, e entre elles se deve gastar; ora, meu marido é como se estivesse enfermo, só com a differença que em vez de estar afflicto com dores ou cego da vista, está cego da razão, e enfermo da alma, enfermidade colhida no contagio de outras almas tambem doentes: qual é, pois, o meu dever n'este caso? suppril-o nas faltas, e ajudal-o; se elle chegar a curar-se, tanto melhor; se não se curar, Deus me dará forças para levar a minha cruz ao cabo.

—Então resignas-te a sustentar-lhe os vicios? perguntou Rosaria verdadeiramente indignada.

—Os vicios, não, menina; os vicios não lh'os sustento; esses, faço eu de conta que é elle que os paga, e ai! de mim! que os paga bem caros, porque estraga a saúde e a vida! eu apenas lhe pago a comida, a limpeza, e um pouco de socoço e de descanso que tão necessario lhe é depois das tempestades por que passa!

(Continuará)

MARIA DEL PILAR SINCÉS DE MARCO.

---

# DA MORAL RELIGIOSA ENTRE OS GREGOS

(Ott. Muller, *Hist. de la litt. grecque* (trad. Hillebrand), Paris, 1866 ; E. Renan, *Etudes d'hist. rel.* Paris, 1857 ; Mahafey, *Social life in Greece from Homer to Menander*, London, 1875 ; Strauss, *The old faith and the new* (trad. ing.), London, 1875 ; Bunsen, *Dieu dans l'histoire* (trad. fr.), Paris, 1868 ; Havet, *Le christianisme et ses origines*, Paris, 1872 ; Foucart, *Des associations religieuses chez les grecs*, Paris, 1873.)

## I

### A MYTHOLOGIA

« O nome de gregos, dizia Isocrates, designa menos um certo povo do que uma sociedade de homens educados e polidos ; e melhor todos os que participam da nossa civilização, do que os que partilham connosco a mesma origem. » <sup>1</sup>

Até que ponto é exacta esta afirmação ? Apresenta de facto a Grecia antiga uma unidade de raça sellada com um mesmo cunho de creações instinctivas por toda a parte irmãs ? ou foi, como diz Isocrates, um imperio e não uma nacionalidade ? Nas aggregações politicas dos povos pódem, com effeito, distinguir-se estas duas classes : as Nações e os Imperios. O typo do Imperio, tal como nol-o deram na historia antiga os romanos, e na moderna os allemães ou os inglezes, aggregações ethnologicamente inorganicas, determinadas por um principio de moral ou religiosa ou politica, differe profundamente do outro typo, de Nação, que é a unificação de todos os representantes de uma mesma individualidade ethnologica n'um corpo politico como são hoje a Italia, a Hespanha, a França, a Alemanha.

Contestar a irmandade de origem de todas as populações que no periodo das migrações assentaram na Grecia, é cousa que o estado da erudição historica não authorisa ; mas essa mesma erudição nos permite observar as profundas differenças que entre si distinguiam as regiões gregas. Quem olhar para a Grecia, especialmente nos periodos que ante-

<sup>1</sup> *Paneg. d'Athenas.*



cedem as guerras medicas, ha de por força reconhecer uma situação analogá ao que offereciam na Edade-media as nações chegadas hoje a um estado de unidade proximamente completa. Entretanto, a Hespanha, por exemplo, unificada por meio de revoluções successivas, foi por muitos séculos um verdadeiro feixe de nacionalidades, cujos traços característicos, mal apagados ainda, não é difficil descobrir.

N'este caso, quanto a nós, se achou a Grecia; e igual processo houve de dar-se com a marcha da sua civilisação. Porque as leis immutaveis que hontem determinaram um certo movimento sempre se repetem: alteram-se exteriormente os phenomenos que produzem, segundo ás circumstancias a que a lei se applica, mas ella em si não pôde afastar-se da sua precisão logica. Ora parece fóra de duvida que a eliminação successiva e sempre crescente das differenças a que chamaremos provinciaes dentro do todo de uma nação, é uma lei. O movimento inteiro de um povo tende para se approximar de um typo synthetico, que, a final, se impõe e absorve em si os differentes typos anteriores, na medida que o consentem os elementos climatologicos, geographicos, combinando-se com a evolução superior da consciencia.

Analogamente ao que succede na biologia, tambem parece que na formação d'essa synthese historica se dá uma como que selecção natural; entre os varios typos de uma nacionalidade, ha um que em virtude de condições peculiares se sobrepõe aos outros e como que os domina, concorrendo superiormente para a formação do typo synthetico. A plasticidade de um certo caracter e a adaptação especial ás condições que a historia propõe, eis o que os exemplos do tempo nos indicam como sendo as qualidades mais especialmente proprias, para que um typo provincial accentue mais pronunciadamente o typo geral nacional.

Eis ali, quanto a nós, a maneira porque deve encarar-se a importancia das differenças que se observam entre os caracteres dorico e jonio, aquelles entre quem unicamente podia dar-se a concorrência, e entre quem a selecção natural tinha de escolher.

A meudo succede tambem não ser o povo mais nobremente illustre, mais fortemente dotado, mais rico, mais bello, mais recto, aquelle que vence no *struggle for life* da civilisação; parece, ao contrario, que estas qualidades são elementos necessarios de derrota; e comprehende-se que o sejam quando observarmos que o ideal é uma pura concepção do espirito, irrealisavel na natureza. Os povos fortemente idealistas são os heroes, mas como todos os heroes são tambem os martyres. A sua palavra prophetica ouve-se ao longe na historia, mas como relampagos que voam depois de illuminar o espaço.

A malleabilidade, uma certa fraqueza moral relativa, o scepticismo, o espirito pratico são as melhores armas para vencer na lucta da vida. Isto explica como o genio dorico, verdadeiramente prophetico, teve de emmudecer perante a maior plasticidade, perante o scepticismo e o temperamento mais naturalista do atheniense, que a partir do IV século pôde dizer-se resumir em si o typo synthetico do grego.

Primitivamente, porém, e depois de feitas estas observações, devemos acceitar a definição que Isocrates dá da Grecia: é um feixe de nacionalidades. Qual o valor dos seus caracteres moraes, e como foi que cada uma d'ellas contribuiu para a evolução religiosa, que causas determinaram essa evolução, e que consequencias provêm d'ella, eis ahi o que vamos estudar.

Depois das descobertas da philologia moderna, modificou-se sensivelmente a phisionomia que até ha pouco a Grecia antiga tinha para nós: um naturalismo artista que na infantilidade bella das suas creações servia de prologo ao subjectivismo christão.

Com effeito, se pretendermos ainda medir o valor das idéas moraes dos gregos ou pelos mythos naturalistas homericos, ou pelo pan-hellenismo atheniense posterior a Plata e Salamina, erraremos. O dorismo prova um estado de subjectivismo religioso, parallelo pelo menos ao naturalismo jonio, cuja evolução seguiremos até á philosophia dos eleaticos; e, tacteando os symptomas de constituição de uma philosophia da Natureza em Democrito e em Epicuro, e de uma philosophia do Espirito em Xenophanes e em Anaxagoras, não nos será difficil encontrar na historia moral da Grecia os elementos da trichotomia que é para o espirito colectivo o que as edades são para o individuo.

As condições em que apparece, as causas que a produzem e o valor próprio da outra corrente, que passa do polytheismo olympico para o voltairianismo de Euripedes, e a final para o deismo dos socraticos; corrente que até aqui se considerava como a genuina historia grega, velahemos desinvolver-se, e acabaremos por concordar em que, em vez de genuina, é exterior e fortuita.

Exterior á evolução propria do genio grego, mas necessaria á outra evolução que começa, e começando, impede que a Grecia tire as ultimas conclusões da sua historia. Essa evolução que começa com o christianismo, torna a civilisação a um periodo, entre naturalista e subjectivo, como o ordenava a justa-posição de elementos em edades differentes de educação; a um periodo que é condição necessaria da educação da massa de povos que então entraram no seio da civilisação europea.

As colonisações gregas são o primeiro acto da longa invasão de barbaros; são ellas quem fazem da Grecia uma nação maritima, e assim concorrem para dar a Athenas o primeiro papel na amphictionia; papel que a plasticidade do genio jonio tinha perante a historia maiores direitos a adquirir, do que a dureza spartana, a rude magestade e o ofuscante brilho dos prophetas doricos. Tornado o Pireu o emporio do commercio do Mediterraneo, invadida Athenas pelos barbaros das colonias, a nação grega e o fundo accumulado da sua civilisação diluem-se na massa que, passando atravez do imperio romano, vae ser a amphictionia dos povos modernos da Europa. Com effeito o character do dominio atheniense, esquecidas ou corrompidas as creações spartanas da republica moral e politica, é mais o de um Imperio, como ha pouco o definimos, do que o da nação dos antigos tempos.

Não é o seculo de Pericles, nem a Athenas dos socraticos que podem offerecer-nos na sua genuinidade os elementos que fazem da historia grega um todo completo em si, e nos mostram como as creações moraes religiosas d'onde principalmente se gerou o christianismo, em vez de expontaneamente saírem da historia anterior, são uma reacção contra ella.

Quem educou os hemens, que mais tarde, vencidos Dario e Xerxes, tornaram Athenas a capital do mundo culto, não foram os atticos; o laborioso peão da civilisação, o heroico educador do mundo, é o rudo dorico, não o sensual atheniense, especie de francez d'essa primeira Europa. Dos caracteres do genio proprio recebia, porém, o atheniense uma faculdade de assimilação, uma energia de propagandista, uma actividade, uma receptividade,<sup>1</sup> e uma força tal de insinuação que, uma vez dorisado, foi elle principalmente o vehiculo pelo qual o mundo aprendeu a conhecer a Grecia.

As mudas regiões occidentaes do Epiro, da Thessalia, da Etolia, da Triphylia, da Acarnia, da Achaia, e a obtusa Beocia são os membros passivos da amphictionia. A Grecia tem um coração e um braço. Coração o Peloponeso, a Arcadia illuminada pelo esplendor de Apollo que irradia de Delphos; braço a Attica, o promontorio de Sunium que, para além do mar Egeo leva á costa da Asia desde Chersoneso até Rhodes, e ás ilhas que coalham esse mar-cidade, os oraculos do Olympo.

A mythologia grega, ou descendente das religiões orientaes como queria Ott. Muller, ou directamente filiada nas tradições vedicas como é a opinião de Kuhn e de Max Muller, é de facto um phenomeno original e sem precedentes. Que importam as origens, diz Ménard, se a noção dos deuses na Grecia é differente do que fôra em todos os outros paizes?<sup>2</sup>

As religiões orientaes caracterisam-se, não sómente pela penitencia, mas tambem pela voluptuosidade, pela corrupção e por um abandono livre da carne a todos os instinctos da natureza humana. Hegel, que denomina este systema de religiões *orgiasticismo*, classifica-o assim: a) sabeo-astrologico, na Chaldea; b) androgyno, na Siria e na Phrigia; c) heroico-utilitario, na Phenicia, cujo Melkarth é o antitypo semita do Heracles hellenico.<sup>3</sup>

Sem entrar na caracterisação individual de cada uma das religiões d'este systema, o facto geral e bem conhecido é que o naturalismo dá egualmente a todas, a par dos caracteres orgiacos, os caracteres d'um ascetismo que é a expressão do terror infantil perante os phenomenos naturaes. As potencias e os attributos do mundo phisico, eis o que opprime a mente do egypcio, do assyrio, do judeu, do phrigio, do babilonio. Os bramidos do vento, os estrepitos dos trovões, o chispar dos relampagos, os terramotos, as tempestades, as cheias do Nilo, e a vastidão sêcca do deserto, terrificam, anniquilam e depravam a imaginação oriental.

<sup>1</sup> Xenophonte.

<sup>2</sup> *La morale avant les philos.*, pag. 30.

<sup>3</sup> V. Rosencranz. *Hegel (trad. ing.)*, pag. 114.



Nem o heroismo dos mythos gregos, nem o amor, ou a sentimentalidade (*gemuth* na denominação de Hegel) que é a nota original da mythologia germanica e scandinava, encontram êcco na massa humana esmagada sob o peso do fatalismo, sob a auctoridade infinita de Deus. As abstracções monstruosas e a brutalidade dos factos, são tudo quanto o terror mystico do seu espirito lhes permite crear e ver. Deus é a força sem limites, a ordem sem lacunas, a duração sem principio nem termo. No homem não vê o oriental a alma heroica, vê a força despótica; na sociedade não descobre uma harmonia viva, apenas concebe as grosseiras e monstruosas provas de monarchias colossaes, que o espirito humano não anima na evolução dos tempos e das idéas, e que tem por historia apenas a successão das dynastias e o encadeamento chronologico das gerações.

Foi d'esta semente que nasceu a mythologia grega?

Bem se pôde já afirmar que não, apesar dos fundos laivos, que ou o contacto geographico, ou antes o facto de populações preexistentes no solo depois grego, deixaram especialmente nos cultos jonios.

Vae já hoje quasi que sufficientemente julgada a questão das origens da mythologia grega. Creuzer e a eschola symbolica viam n'ella apenas um legado de primitivas colonias orientaes e de instituições sacerdotaes e theologicas; Ott. Muller, Preller que lhe seguiu as lições, e hoje ainda Curtius atacam a theoria da origem esoterica, dando como autochthonos os mythos hellenicos; Kuhn e Max-Muller, sem impugnarem o methodo nem na maxima parte as descobertas historicas de Ott. Muller, filiam o systema dos mythos gregos na formação vedica primitiva.

Qualquer que fosse a familia ethnologica dos pelagos, antecessores dos hellenos no solo da Grecia, a adoração da natureza como ser vivo e divino era o principio fundamental da sua religião; e foi esse o fermento de mysticismo que alimentou, com o orphismo e os mysterios, as necessidades da parte das populações gregas, a quem ou o heroismo spartano ou o racionalismo atheniense não bastavam para esclarecer os problemas da consciencia, que as religiões, sem os resolverem, satisfazem. Foi esse fermento que, levedando as camadas incultas, as preparou para abraçarem a corrente invasora dos cultos orgiacos; foi n'elle que o mundo culto, nas horas da dissolução moral e politica, filiou a reacção do espiritualismo socratico, desviando a Grecia da evolução normal das suas idéas moraes.

E d'onde parte o systema d'essas idéas? É do idealismo dorico, da opposição logo symbolisada nas primitivas creações mythicas de Io, de Medea, de Helena, opposição que inspira Herodoto e Homero, combate eterno, these e antithese que enchem a historia e lhe dão o caracter e a vida ardente de um drama. Zeus e Athena, a luz, o dia, o esplendor das cousas vivas, reagem contra a natureza, ensinam os homens a domar-a, a vencel-a, a esmagar Baal-Astarte, o macho e a femea, par de deuses-bestas, actividade productora, faculdade parturiente da natureza inconsciente.

No meio d'esta lucta, que é o systema da historia moral e politica

da Grecia, o atheniense, mais malleavel e brando, menos accentuado e com uma tempera moral inferior á do dorico, ou reage menos contra a influencia invasora, ou é menos ardente para receber a forte iniciação do baptismo do idealismo dorico;— conforme se entender ou opinar entre as escholae oppostas na questão de saber se os elementos orgiacos da mythologia grega são uma tradição ou uma combinação actual, proveniente de uma invasão.

Ao jonio contemplativo, epicurista, arguto e artista, a necessidade de acção e o heroismo apenas de leve perturbam a sensibilidade delicada, que desabrocha ao toque de impressões superficiaes ou subtis. O grau de concentração apaixonada, que caracteriza o povo seu irmão e rival, o sentimento como que prophético das cousas do espirito, a grandeza epica da faculdade poetica, não são caracteres do atheniense.

Uma certa indeterminação e o que quer que é de fugitivo no pensamento, uma mobilidade constante no sentimento, superficiaes e limitados na area do trabalho intellectual, brilhantes mas subtis, delicados e sensuaes, mais artistas do que poetas, eis ahi os futuros athenienses do seculo de Pericles; como que diriamos os francezes do seculo de Luiz XIV. Homero e Platão, caracterisam profundamente o genio nacional. Homero sente-se á larga quando desenrolla um vasto quadro de idéas e de imagens; mas a concentração, a concepção systematica não estão no seu genio. Fraqueza de alicerce ideal, intellectual, moral, sob uma efflorescencia de mocidade, de encanto, de adornos, sob uma sensibilidade fina, delicada, feminina, infantil, e uma agudeza mais apparente do que real, eis o que caracteriza a raça, e se manifesta nos seus philosophos, nos seus poetas, eis o que ainda vemos quando comparamos á architectura geometricamente bella do dorismo, as construcções elegantes de Athenas.

«Tu que passas vae dizer a Sparta que morremos para obedecer ás suas leis.» N'esta breve allocução encontra-se o sopro heroico que gera os grandes homens. As Thermopylas e esse carneiro onde repousam os ossos dos heroes contém a illustração, não da Grecia, como dizia o poeta, mas de todo o mundo civilisado: «este tumulo é um altar: nem a ferrugem, nem o tempo destruidor apagarão o epitaphio dos bravos.» A comparação entre os dois typos nacionaes, Leonidas, o spartano, Temistocles o atheniense, dá-nos as differenças que, distinguindo-os, distinguem as duas cidades rivaes da Grecia; porque é o condão das grandes individualidades o synthetisarem nas suas bellezas e nos seus defeitos as bellezas e defeitos das mães patrias. Leonidas é forte e severo principalmente, Temistocles antes de tudo ousado e habil. A severidade e a força não excluem porém nem a graça nem a ironia; a suprema virtude é a extrema bondade, e tem comsigo um ineffavel encanto; a ironia complacente, risonha e boa, como a de Jesus, é um dos traços inevitaveis do heroe justo. Dizia a Leonidas um soldado: «As tropas (de Xerxes) são tantas que os tiros escondem o sol.» — «Melhor; combateremos á sombra.» Outro exclama: «Os persas estão ao pé de nós!» — «Dize que estamos ao pé d'elles.» Xerxes mandara-lhe um papel que tinha escripto: «En-

trega as armas;» elle escreveu por baixo: «Vem buscal-as.» E antes do ultimo combate, na vespera de morrerem todos, comeram juntos e Leonidas disse-lhes: «Esta noute havemos de cear em casa de Plutão.»

O spartano é o primeiro que na historia revela o typo superiormente humano, que, acima das idiosyncrasias de raça e das influencias naturalistas de qualquer especie, é para todos o criterio e o prototypo abstracto, como que sol do systema planetario das sociedades humanas, em torno do qual todas gyram e que a todas attrae e illumina. O spartano é o typo da intrepidez humana, do heroismo da acção, da religião do dever, do sentimento da Ordem, que transferido das regiões luminosas da consciencia, elle pretende ingenua e santamente realisar no terreno positivo do facto. O spartano é na historia o primeiro da série dos que melhor e mais cabalmente tiveram em si o Deus da força; é o verdadeiro precursor, e baptista do mysterio infinito pelo qual, no tempo, se deu a encarnação de Deus, não n'um homem, mas sim na immensa alma da humanidade.

Na transição indecisa dos periodos fabulosos para os historicos, os traços do genio dorico apparecem gravados em lendas, em leis, em costumes, a que o proprio facto da indecisão, da como que penumbra em que se desenham, augmenta a significação psicologico-historica. A republica é uma unidade e um systema; o individuo é absorvido pela sociedade em nome do sentimento, religiosamente percebido, da coesão moral principio fundamental de todas as aggremações humanas. Os instinctos, as paixões, os sentimentos, o sexo, o pudor, o amor do pae, do irmão, da mãe, do filho, o egoismo, a propriedade, a familia, tudo isso, a série de elementos naturaes que a educação posterior da humanidade classificou, depois de os analysar, e dos quaes via que afinal resultam, e só d'elles, a verdadeira e real constituição da Ordem na sociedade;—tudo isso o spartano, heroe na infancia, ardendo n'um santo amor esmagou no seu altar, torturou e despedaçou com a força das primeiras edades, com o ardor d'um enthusiasmo divino, por não saber ainda que a Ordem assenta sobre o systema das realidades naturaes do mundo, quando racionalmente percebidas, e não sobre as creações do subjectivismo prophético.

A republica dorica é um baluarte e um convento, é uma communiidade e um acampamento. N'esse facto tão accusado por tantos, está, quanto a nós, o seu incontestavel e exclusivo valor historico-moral, e a sua decisiva superioridade perante a republica atheniense, que, pelo modelo do Olympo, é apenas uma assembléa.

Se com certeza devemos repellir o equivoco d'onde sae, quando religiosa, transcendente ou subjectivamente concebida a idea da Ordem, a torsão violenta e o criminoso atrophamento da Natureza em nome d'um mysticismo ou activo como o spartano, ou passivo como o christão ou budhico; se com certeza devemos repellir ideas e instituições como as dos doricos, ou as do monachismo militar e penitente da Edade-media; é necessario porém que ao mesmo tempo reconheçamos a superioridade do



principio que as gera, sobre o principio paralelo ou opposto que consiste em abandonar-se á corrente cega das forças naturaes. As religiões, o transcendentalismo, ou o subjectivismo, são pontos de vista incompletos para nós, mas são a condição necessaria anterior, do ponto de vista objectivo, critico e scientifico da nossa era. São as tentativas successivas, o processo evolutivo pelo qual o Espirito, começando por se oppor á Natureza, chega afinal a dominal-a, comprehendendo-a, e a existir consciente dentro d'ella.

O naturalismo, orgiastico no sombrio mundo oriental, mais artistica e racionalmente interpretado pelo genio atheniense, é sem duvida um estado ou inferior ou anterior ao idealismo que revela nas suas creações o genio dorico.

Mas o que, por outro lado, eleva e torna digno do respeito da historia o character jonio é a como que intuição com que percebe o lado d'onde está a verdade. Acazo, como artistas, repugnava aos athenienses o fundo abysmo das abominações orgiacas: o facto é que, vacillando entre o Oriente e Sparta, afinal se decidem por esta e sinceramente acceitam a educação europea.

É nos jogos olympicos que o atheniense aprende a trocar as turvas ideas orientaes pela luminosa religião dorica. Ahi despe a longa opa, e nú, sobre a neve, lhe ensinam a entoar o hymno de Pallas, a venerar em Apollo o symbolo da Idea; d'ahi vem, abraçado á forte columna dorica, ao Hercules da architectura, levantar sobre ella o Parthenon, templo do pan-hellenismo. Assimilando o forte idealismo, o atheniense anima-o, e remodela, completa, acaba, corôa de incanto e de esplendor as duras concepções doricas. Do dithyrambo tira a tragedia, da força a comedia, do athleta vulgar de Polycleto e de Egino, faz surgir a estatua-ria de Phidias. A vida, a alma, a tensão, o *tonos*, eis a parte do genio dorico nas creações amphictionicas. Animado o ser, vivificada a argilla, o genio attico reconcilia a idéa com os sentidos, harmonisa-a com a realidade, torna-a plastica.

Um mytho admiravel e de longo alcance diz Hegel, nos mostra a sphinge do Egypto, ferida pela mão de um grego; resolve-se o enigma cuja explicação é: o homem, espirito consciente da propria liberdade.

Tal é a decisiva conclusão do hellenismo e a synthese d'essa civilisação. Os caracteres proprios dos dois povos dominantes accentuam-se a principio nas creações mythicas e vão depois pouco a pouco trocando-as, fundindo-as até produzirem o architypo que legaram á historia. Nas feições geraes das creações mythicas de jonios e doricos vamos encontrar marcados os traços dos caracteres respectivos.

As fabulas, diz Breal,<sup>1</sup> não contém em si mysterio algum; nem são factos historicos disfarçados como o querem os eveheristas, nem allegorias, nem metaphoras, nem symbolos. Ao creal-as o homem não involveu conscientemente n'ellas nem idéas abstractas de mais para po-

<sup>1</sup> *Hercule et Cacus* pag. 127.

derem ser comprehendidas de outro modo, nem demasiado atrevidas para que devessem apparecer encobertas, nem por extremo preciosas para que devessem ter saído do fundo dos sanctuarios para a imaginação das massas. Não são expressões de uma sabedoria antiga, nem tampouco fructos de um dilletantismo popular que inventasse contos para dar pasto ao gosto da expressão figurada, por meio de allegorias e de parabolâs, como pretende Max Muller, que por isso lhes chama *deceuse*. O mytho não é uma ficção nem uma doença: é o producto expontaneo de um estado de espirito incapaz de abstracção; a razão ainda não se isola da imaginação, nem a idea se distingue do factu. Uma e outro, indecisa-mente combinados, apparecem identicos á ingenuidade creadora da humanidade infante.

A natureza inteira reflectia nas consciencias divindades inominadas; parece tratarmos, não com homens como nós, mas com espiritos elementares, dotados d'uma perspicacia maravilhosa para descobrir a natureza intima das cousas, e d'um poder como que magnetico de tudo sentir, de tudo comprehender. É este o primeiro acto da trilogia religiosa das raças aryanas, a idade dos Vedas, que para a historia grega enche ainda as epochas ante-homericas.

Se a Grecia, apezar da grandeza das suas instituições, da belleza das suas artes, não tivesse ultrapassado, no terreno da moral religiosa, este primeiro periodo de naturalismo expontaneo, com motivo deviamos concordar com os que veem um progresso evolutivo na reacção religiosa iniciada pelos socraticos, considerando-a, com Renan, «uma grande transformação das religiões antigas, no momento em que as creações infantis das edades primitivas já não podiam satisfazer as necessidades da consciencia.»<sup>1</sup>

Longe porem d'ahi está a verdade. O estudo das idéas moraes religiosas dos gregos e depois o da sua philosophia ante-socratica vae mostrar-nos como o genio grego, desde que pode começar a escrever os annaes da sua historia moral, marca um passo para alem do naturalismo vedico. O genio dorico, idealisando, abstrae da natureza para o terreno do puro espirito os deuses primitivos; e o attico, anthropomorphisando-os, fal-os descer ou antes subir a um olympto humano, e interroga-os com a acuidade do seu genio racionalista e critico. D'esta evolução resulta um cyclo de transcendalismo, profundamente accentuado pela theologia appolinea, e onde vão gradualmente crescendo, até chegarem aos eleaticos e aos stoicos, os elementos constitucionaes de uma theoria objectiva da Natureza e do Espirito.

Alem de que esta é a verdade da historia, é mister não ir á toa na corrente de opposição quasi banal entre polytheismo e monotheismo, opposição que não resiste a uma analyse mais demorada dos caracteres dos que se tem dito religiões essencialmente differentes. A opposição, se existe, é meramente exterior e sem importancia para a historia da cons-

<sup>1</sup> *Et. d'hist. rel.* pag. 60.

ciencia. O polytheismo, como o provou Strauss, não é um momento evolutivo da historia religiosa, e uma preparação para o monotheismo, mas sim (dentro da evolução exterior da representação figurada) a forma adequada de condensação real do sentimento da religiosidade.

A historia das religiões, provando a concomitancia constante dos deuses e de Deus, refuta o valor da distincção entre poly e monotheismo, quando se ligue a essas palavras a sua exacta significação lexicologica. Os santos do christianismo, patronos, *advogados*, que porém recebem de Deus a força, a auctoridade e a virtude, são a exacta reproducção dos olympicos perante Deus. A verdade é que todas as religiões da familia arjana são polytheistas e monotheistas simultaneamente, porque todas idealisam, divinizam ou sanctificam attributos naturaes ou psicologicos da idéa de Deus, que é o Universo concebido ou como Natureza ou como Espirito. Não é pois na transição, de um culto para outro culto, que está o grande momento da historia moral religiosa, mas sim na alteração do modo de conceber o Universo, e na hora em que elle se illumina e apparece aos homens como um ser vivo, e Deus como o puro Espirito. Essa hora sublime é a historia da consciencia grega, da consciencia grega ante-socratica, appolinea.

O polytheismo, ou como *systema* de *mythos* naturalistas, forma tradicional que, apesar de ultrapassada pela historia da consciencia, se mantém ainda, ou como a construcção civil-heroica do olympo que é a interpretação vulgar atheniense, eis ahi o que geralmente se vê nas religiões gregas e se considera como a propria essencia d'ellas. Os mysterios, Demeter e Bacchos, são classificados como uma especie de subsolo da edificação religiosa, expressão de sentimentos que deram de si a revolução socratica «para satisfazer as necessidades da consciencia» como diz Renan.

Não ha duvida que os mysterios foram o fermento que solapou a moral religiosa da Antiguidade, e que em torno d'elles se foram pouco a pouco congregando os cultos e sociedades, cuja propagação produziu a atmospheria necessaria para a revolução socratica. É, porém, um espiritualismo mais puro o que anima os mysterios e os cultos que invadem a Grecia? Ao contrario: uns e outros exprimem a satisfação das necessidades orgiacas, que o concurso de condições moraes e sociaes faziam experimentar á Grecia: os primeiros eram como um brazeiro, mal apagado ainda, do naturalismo primitivo; os segundos, combustivel de orgiasticismo oriental que vem atear a chamma. No seu lugar proprio teremos occasião de verificar a exactidão d'estas afirmações.

Não é difficil desenhar os traços que provam para as religiões gregas um estado de transcendentalismo e de subjectivismo, que se pretende ser na philosophia a conquista do espirito socratico, e na theologia, a do theismo hebraico. Acima dos mysterios, e animando espiritalistamente os antigos *mythos* naturalistas arjanos, é facil encontrar no polytheismo o sentimento da unidade systematica do Universo, isto é o monotheismo. Basta observar uma só das idéas moraes religiosas gregas para que isto seja evidente; essa idéa é o Fado.



Zeus, o que habita no Olympo, é o patriarcha da pequena familia e ao governo d'ella se limita a sua auctoridade.<sup>1</sup> O destino, fado, necessidade, lei, governa deuses e homens; e n'esta sujeição commum os ultimos adquirem para com os primeiros as liberdades que nascem da egualdade de condição. Homero não receia usar, com os olympicos, de uma familiaridade benevolente e até de uma certa ironia mansa. Collocados todos, deuses e homens, sob a auctoridade transcendente do Fado, não podia escapar á imaginação fecunda do grego a idéa de que os olympicos não eram mais do que a idealisação de aspectos diferentes da natureza humana.

As relações dos gregos racionalistas para com os deuses eram na essencia as mesmas que depois foram e são ainda as das raças celticas, cujo espirito tambem racionalista reagiu contra a theologia christã, para com os santos. Santo Antonio, que o operario portuguez deita a um poço quando se não presta a executar um milagre; Santo Antonio, o galhofeiro santo das moças a quem pedem que lhes dê um noivo, San-Gonçalo, de quem riem, o pobre velho que se entretém a casar velhas, são para os celtas christianisados o que para os gregos eram os olympicos: companheiros do céu, democracia divina com quem é licito usar de liberdades amigas, e até ás vezes de pequenas violencias.

Acima, porém, dos olympicos, mais ou menos humanisados, a imaginação dorica tinha sentido Deus, a unidade, o espirito, a ordem universal. Não se oppõe nem se destaca do mundo, antes existe n'elle e como que o envolve. Dispõe da nuvem e do raio, rega a terra; é o maior entre todos os que habitam o ether, o pae dos homens e dos deuses. O que, porém, especial e superiormente o caracteriza não são os attributos naturalistas; o que sobressae n'elle é a sua natureza psicologica. É o bem absoluto e quem tudo governa; empunha a balança; desposou Themis, que é além da ordem physica a metaphysica. «Deus é o ether, Deus a terra, Deus o céu; Deus é o universo e o que está acima dos mundos,» diz Eschylo. Nem é o Deus dos pantheistas, observa Bunzen, nem o dos judaizantes; é Deus actuando como Espirito, que nem está fóra do mundo, nem é absorvido por elle. «Quem não reconhecer Deus n'este retrato, diz Ott. Muller, não é capaz de entender o que escreveram Moysés e os prophetas.»

O culto de Apollo revela historicamente esta concepção do Universo e este estado da consciencia moral religiosa. Nem vestigios de symbolismos naturalistas, nem o mysticismo dos *mysterios*, nem a tristeza extatica e as ceremonias lugubres que acaso as tradições orientaes mantinham nos cultos athenienses.

Não se confunda o culto de Apollo com o do Sol. Certas analogias de attributos exteriores foram a causa de uma confusão eminentemente grave n'este ponto capital da historia da consciencia grega. Se das religiões gregas desaparecesse o culto appolineo teriam razão os que consi-

<sup>1</sup> Illiada, XV, 197.

deram todo o systema de creações moraes da Grecia como um naturalismo, gradualmente abalado pelos choques de uma critica inconsciente, e d'onde necessariamente havia de sair a transcendencia, isto é, a theologia christã. A confusão entre o culto de Apollo e o do Sol começou n'uma epocha definidamente historica. Não nos cumpre averiguar se na origem dos tempos, na hora das creações mythicas dos Vedas, os dois cultos, naturalista e psicologico, se confundiam n'uma unica idealisação da natureza; é até natural que assim tivesse sido. O facto historico é, porém, que, tal como se nos manifesta a consciencia grega, a separação apparece já realisada: Apollo é o deus-espírito, subjectivo e transcendente.

Foi n'uma epocha posterior e definida, já esgotado o cyclo da criação myshica, que a invasão do naturalismo oriental, reagindo sobre a theologia grega, deu lugar á confusão entre a religião appolinea e o culto do Sol.

Ott. Muller explica a etymologia do nome de Apollo, como o *que affasta* (alexikakos); a forma eolo-dorica era Apellon. Combatida por Hermann e por Buttmann, a etymologia de Ott. Muller encontrou em Preller um defensor. Apellon é tambem para elle o deus *que afasta os males*, e bem que seja claridade e luz, estas palavras teem já um sentido inteiramente psicologico. Max-Muller, Rink e sobretudo Bernhardy seguem hoje as doutrinas do auctor dos *Doricos*.

O culto do sol, praticado em Corintho, em Rhodes, em Athenas, apparece sempre distincto do de Apollo, e antes da epocha de Solon não se liga a este ultimo nem um dos caracteres proprios das religiões phisicas, dos cultos de Hermes ou de Hephestos, nem a demencia orgiaca do culto de Bachos, nem a melancholia mystica do de Demeter.

Tal era o modo porque a consciencia religiosa dos gregos tinha concebido Deus. Perante essa criação superior e pura, pára a ironia, suspendem-se as liberdades homericas. Do mesmo modo o *fabliau* que não receiava tratar menos respeitosaente os Santos, a Virgem e o proprio Jesus, pára em frente do Pac.

Vingar e proteger, derramar a luz e manter a ordem no chaos tenebroso do mundo physico, eis a missão divina de Apollo. O caracter de espiritualidade que assim adquire não pôde confundir-se com o dualismo das religiões phisicas. Ormuzd-Ahrimann ou Jehovah-Satan.

Apollo, na theologia grega, é a encarnação de Zeus, o Christo. Zeus é uma abstracção que toma corpo no culto appolineo. Deus não pôde ser uma forma da intelligencia apenas; tem de encarnar, de se tornar sensivel; esta lei de historia religiosa, assente por Hegel, obtem aqui uma realisacção completa. Apollo é o medianeiro; combate os males, *expia os crimes* e annuncia as sentenças do destino. Para os primeiros christãos era o Messias, e Zeus o Pac.<sup>1</sup> Conforme a lenda, Apollo, esmagando Python, *filho da terra*, mancha-se de sangue; a nodoa reclama uma expiação para que possa voltar *puro* a Delphos; cumprida a paixão, sobe ao oraculo para annunciar os designios infalliveis de Zeus e as leis da ordem

<sup>1</sup> Grimm. Em Ruth.

moral. Apollo é, assim, o fundador da vida civil da Grecia e o creador da sua vida historica.

A semilhança que aparentemente pôde haver entre a concepção de Zeus e a de Jehovah é toda exterior, porque as duas idéas de Deus differem tanto, como entre si differem os caracteres de arianos e semitas que lhes deram o ser. Para os semitas o Universo é uma *creação*; para os arianos é uma *emanação*. Deus para os primeiros é, para os segundos *está*. Para os primeiros ha uma differença substancial entre Deus e a Natureza, uma opposição da qual provém o dualismo que em todas as religiões naturalistas, propheticas ou não, é a base da construcção moral. Para os segundos essa differença ou não existe absolutamente, ou, se existe, é de um modo indeciso e confuso, que lhe tira todas as consequências moraes quando se applica aos actos da vida.

Considerar o Universo como uma criação, e a criação como um acto positivo, consciante e intencional da divindade, diz Ott. Muller, é o modo peculiar ao Oriente, e incompativel com as idéas religiosas da Grecia, porque só pôde dar-se entre os que attribuem á divindade uma existencia pessoal e eterna.

Tal é o caso da religião mosaica. Jehovah, o producto do espiritualismo abstracto dos judeus, existia antes do Universo e existirá infinitamente para além da criação. Fez o mundo, que não é outra cousa mais do que um acto da sua vontade imperscrutavel; e de fóra e acima d'elle o governa de um modo mysterioso e indefinivel. A vontade divina é um mysterio, pomo vedado á razão humana. A emanação, que nas religiões arianas é a razão de ser do Universo, desaparece no vasto abysmo da segunda-vista dos prophetas hebraicos. Sendo o Universo uma emanação, os deuses, ou Deus, concebem ou não a imaginação como existindo na propria essencia das cousas, ou de fóra d'ellas animando-as, não podem eximir-se ás leis e á ordem moral natural, porque em si proprios são a a razão de ser d'essas leis. Se as violassem, destruir-se-iam a si mesmos na consciencia dos que os viam e adoravam na machina universal. O cosmos é a superior e total definição de Deus.

O contrario d'isto succede com a idéa de criação, que no mosaismo é a origem do Universo. Deus disse: *Fiat*, e o mundo existiu. Na existencia infinita do espirito abstracto, o Universo é um incidente, e se podessemos applicar a esta ordem de cousas as expressões de uso pratico, diriamos um capricho. É um acto de pura vontade. No fundo da consciencia moral religiosa dos arios encontramos sempre, e nunca mais bem definida do que na Grecia, o sentimento da Lei; no fundo da consciencia hebraica existe o da Vontade, que produz os heroes e os prophetas. Deus é uma vontade, e como tal independente de leis, porque em si resume a essencia de todas. Infinito no espaço e no tempo, absolutamente bom e absolutamente activo, Jehovah, o producto da imaginação delirante dos prophetas, é uma concepção irracional, como o demonstrou Kant.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Cr. de la raison pure* (tr. Barni), 1, 164-218.



Como irracional, no sentido metaphisico da palavra, a sublime criação do prophetismo, ainda nas suas consequencias moraes praticas mostra a profunda opposição ás idéas religiosas gregas, que são por essencia racionais e de uma moralidade sã, pois que na razão não no delirio se encontram a harmonia e a ordem da existencia humana.

A primeira e a maior das consequencias moraes praticas das duas idéas religiosas é o modo porque uma e outra levam a conceber o Fado, a Fatalidade ou a Providencia.

Para os gregos o Fado é a expressão da necessidade organica das cousas; é a Ordem, concebida como o systema de leis que regem o Universo espirital e physico; é aquillo a que o nosso tempo, illuminado com os clarões do trabalho de vinte seculos, chama Justiça; e que a philosophia da natureza denominou já *determinismo*. O principio d'essas leis, que para nós está substancialmente no nosso espirito, estava-o tambem para os gregos, apezar de entre nós e elles medeiar uma distancia enorme na maneira de conceber methaphisicamente esse estado. Sem duvida os gregos não tiravam d'esse sentimento, mais ou menos expontaneo, da immanencia do espirito absoluto na consciencia humana, as consequencias que nós podemos tirar hoje, não já de um sentimento expontaneo, mas sim de um conhecimento racional. O facto é, porém, que o seu ponto de partida moral-religioso contém já o nosso ponto de chegada; e que, mais ou menos distinctas as percepções, a essencia d'ellas é em si identica.

Assim, na moral pratica, o Fado que tudo governa, até os deuses, não pôde contradizer os dictames da consciencia livre. Tal é, sobretudo, a significação do mytho de Prometheu. A consciencia, revelação positiva do espirito absoluto, é a unica vontade, a liberdade inteira. Se o Fado se lhe oppõe, ella revolta-se. Mas não pára aqui a profundidade de intuição moral do genio grego. Se a consciencia é vontade e liberdade e se, contra ambas, se ergue o Fado, quem, onde, como se resolve a antithese? Qual dos dois tem de ficar vencido na lucta? Por que lado está a razão? Ou sendo irresoluvel o problema, o Universo não será uma harmonia, uma Ordem, e estará fadado aos choques de uma lucta anarchica, e ás concordatas de um equilibrio instavel?

Nem uma nem outra cousa. A solução da trilogia de Eschylo é uma verdadeira revelação, e a prova de que o genio grego attingira na sublimidade da sua moral religiosa os afastados pontos onde ás claras, de dia, vamos hoje aportando com a rasão e com a sciencia. A tragedia, diz Ott. Müller, não podia por forma alguma parar na opposição e no conflicto entre a liberdade moral do individuo e o destino omnipotente. Prometheu rebellára-se, mas a final *reconhece* a suprema sabedoria do destino. É ainda um acto de vontade livre a que dá a solução ao drama; e na solução está a synthese fecunda que affasta o genio grego dos delirios anarchicos dos dualismos das religiões orgiacas, e da funda escravidão, do anniquilamento absoluto da religião mosaica.

Como de um troço de arvore rechassado pelo vendaval faz a torrente, quando o leva inconsciente, bruto e doido, por entre os borbotões

e as catadupas, até o despedaçar de todo contra a agulha de uma penha; assim o mosaismo levava a consciencia humana, agora delirante nas vertigens de um illuminismo phantastico, logo suffocada nos lodos de uma protervia infecta.

Manda o Fado que o homem lave a terra com o suor do seu rosto; e não ha terra mais dura de lavar do que aquella de onde nascem as florestas virentes e as louras messes da civilisação; nem ha suor que corra mais abundante nem que mais enfraqueça o obreiro, do que aquelle com que elle rega o chão sagrado. N'essa dura tarefa a Grecia exauriu-se, quando os horisontes da consciencia começavam a aclarar-se, e a abrirem-se as nuvens da philosophia. A lepra do orgiaticismo invadiu-a e corrompeu o melhor do seu sangue, um Socrates, um Platão.

Entre as religiões que vinham do Oriente, veiu uma, que d'entre todas era a melhor. Combinando o seu espiritalismo phantastico com o symbolismo naturalista, o christianismo satisfazia a um tempo ás exigencias mysticas dos thaumaturgos socraticos, e aos desvarios orgiasticos das plebes orientalidas.

A civilisação não foi depois apenas a Grecia, mas sim a Europa inteira, a Europa germano-celtica cuja idade moral collectiva correspondia então, na chronologia, hellenica, ás épochas ante-homericas. O Deus de Moysés, reanimado pelo spiritismo socratico, tomou sobre si a educação dos novos adeptos; poucos seculos bastaram, porém, para mostrar como era antipathico ao genio das raças aryanas o sublime e terrivel filho da imaginação genial mas doentia dos semitas!

Para os gregos o Universo é a ordem, e a Justiça a expressão ideal da natureza das cousas. Para os hebreus, e n'este ponto para o systema inteiro das religiões orientaes, o Universo é a vontade, e a Graça a expressão theologica do querer absoluto. O caracter difinitivo da opposição entre os dois systemas de moral religiosa, provém, nem podia deixar de ser assim, do caracter das respectivas idéas theogonicas e cosmogonicas.

Perante o modo de vêr objectivo, com que o estado da philosophia nos permite hoje olhar para os phenomenos do espirito, as differenças desaparecem e a evolução logica e historica das idéas classifica systematicamente os typos absolutos.

A Graça não é por forma alguma a negação da Justiça; é ao contrario a affirmação d'ella, porque logica e historicamente se lhe oppõe. É a natureza da antithese negar a these, mas n'essa negação exterior contém-se a affirmação essencial.

Acaso mesmo na nossa concepção moderna de Justiça alguma coisa ha que porventura não herdámos em linha recta do genio grego. A *necessidade* da Ordem é uma idéa completa e incontestavelmente grega. Mas a Ordem para nós, além de necessaria (e por isso mesmo) é eminentemente santa. Achar-se-ia já no espirito grego esta idéa da *santidade* do destino, como sem duvida se encontra no mosaismo, se entendermos por destino a vontade de Deus? Eis ahi o que nos não sentimos authorisados a afirmar nem a negar.

A parte o seu valor logico e o seu papel historico, áparte a consideração da necessidade, tambem logica e historica do mal em si proprio, a Graça, encarada sob um ponto de vista moral abstracto, é eminentemente perversa. Negação da liberdade de consciencia, affirmação da omnipotencia insondavel, anniquilla o justo orgulho que nos faz homens, mata em nós a energia, e ter-nos-ia precipitado nos fundos abysmos onde a Europa oriental ha vinte seculos anda cega, se não tivesse encontrado o solo rijo da alma germano-celtica que a repeliu de si, como succede á pella arremessada de alto, que bate, pára, mas logo é cuspida para longe. A não ser, de um lado, a reacção viva das novas raças, a cujo espirito se applicava a educação christã, de um lado; e do outro, a somma de elementos philosophicos que o facto de ter o christianismo entrado na Europa por via da Grecia alliou á theologia mosaica, dando assim a luta constante entre o transcendentalismo e o racionalismo que, applicados á idéa da Graça, analisando-a, subtilizando-a, *distinguindo-a*, são o fundo da escolastica;—a não serem estas duas circumstancias, bastaria o raciocinio para nos dizer qual seria a consequencia historica do predominio do mosaismo, se a propria Judea e todo o Oriente nos não dessem uma prova experimental. Ahi, nenhum dos dois elementos reaccionarios existia; na Europa oriental existia um unico, a educação grega; e a historia mostra ainda n'essa parte do nosso continente, como todo elle seria hoje, se o sangue novo e os dotes originaes das raças germano-celticas não tivessem reagido contra o edificio moral da theologia mosaica.

Já vimos como é que o espiritualismo grego concilia a liberdade da consciencia humana com a fatalidade das leis naturaes: como essas leis são a expressão da ordem universal, e a consciencia o seu mais apurado instrumento de percepção. Assim, a moral tem o fundamento no espirito humano, e a fatalidade tudo governa menos o proprio espirito. Quando se dê um conflicto, como no mytho de Prometheu, a opposição é unicamente um equivoco, um defeito de comprehensão, Prometheu não se *submette* aos designios do Fado, *reconhece-os*, percebe-os e confessa o erro.

No espiritualismo mosaico, sendo Deus uma vontade e o Universo uma obra sua, os homens são *creaturas*, pertencem na mais completa accepção da palavra a um amo, que os governa principalmente porque foi elle quem os fez. Fel-os e de um momento para o outro póde, porque o seu poder é infinito, destruir a propria obra.

Correspondentemente se oppõem os dois modos de conceber a endensação, santificação, ou como quer que as religiões chamem ao sentimento que leva os homens a venerarem instinctivamente aquelles que de entre todos melhor mereceram. Perante a Graça as acções dos homens são indifferentes, porque a escolha da divindade é um acto de pura vontade, e a vontade divina não é comprehensivel á razão dos homens. Deus escolhe mesmo os peiores, não em nome da caridade, que é já um sentimento alliado posteriormente á theologia jehovica, mas sim porque contradizendo tão completamente as noções fundamentaes da consciencia



humana, é que Deus melhor patenteia o infinito da sua vontade e o imperscrutavel dos seus designios. Eis ahi até que ponto vae o aniquilamento da liberdade da consciencia. Se a theologia mœdível, distinguindo subtilmente na Graça duas naturezas, pretendesse com uma d'ellas manter absoluta definição do Deus vontade omnipotente, em quanto com a outra, a *graça necessaria*, dote commum dos homens, a todos igualmente habitava a bem-merecer segundo as suas obras; não devemos, como criticos, ver ahi mais do que a acção combinada, de um lado do espiritualismo humanista grego, que no christianismo se reune ao mosaismo, e do outro da reacção historica do espirito occidental, cuja constituição moral é organicamente opposta á do semita; não devemos considerar isso senão como uma correcção e um limite (dados felizes, que actuaram através das heresias, essas oscillações permanentes dos espiritos e inseparaveis de uma construcção moral em que os elementos de synthese historica pesam pelo menos tanto como o alicerce ideal religioso), como uma correção e um limite, digo, imposto de fóra áquillo que na sua genuinidade inspira as palavras do santo: *credo quia absurdum*.

Inteiramente outro é o processo moral grego. «A virtude só se adquire com o suor do rosto; <sup>1</sup>» o trabalho heroico é a consequencia necessaria da liberdade da consciencia. «Esta idade, diz ainda Hesiodo, é a de ferro, a quinta, aquella em que o homem deve combater sem cessar a miseria e as fadigas.» Na pessoa de Heracles e nos seus trabalhos que o endensam, retratou o genio dorico a maneira pela qual sentia a necessidade da acção. O homem divinisa-se, sanctifica-se, não pela vontade imperscrutavel de um designio irracionalmente propicio, mas sim pelo esforço e pelo trabalho, pelo soffrimento e pelas dores, pelo combate, pela ousadia, pela affirmacção heroica da sua personalidade, da liberdade da sua consciencia.

A opposição de caracteres moraes que vimos notando emana do modo tambem opposto pelo qual hellenos e semitas concebem o Universo. Creação e emanação, monismo <sup>2</sup> e dualismo. De qual dos dois sãe logicamente o systema das idéas modernas? Admittiremos com Hegel que a historia é uma concreção da logica, e, classificando differentemente do que elle o fez as épochas historicas, consideraremos o edificio grego como a these (Emanação, Monismo, Fado); a Edade-media e o christianismo como a antithese (Creação, Dualismo, Graça); e como synthese o systema moral scientifico que tem por decisivo iniciadores Leibnitz, Descartes, Spinoza?

Quer admittamos quer não, o ponto de vista que actualmente nos guia é mais o da moral abstracta, do que o da philosophia da historia. Se estes estudos conseguirem algum resultado no terreno historico, será no terreno positivo mostrando como os factos se deram, e nunca em virtude de que leis se succederam.

<sup>1</sup> Hesiodo.

<sup>2</sup> Straus.

No campo da moral abstracta, entendo e entenderão comigo todos os que tem bebido a educação nas vivas fontes da phylosophia e da sciencia, contemporaneas, que a emanação, o monismo, a necessidade das leis da natureza, a ordem inalteravel do Universo e a revelação da sua substancia no espirito, são as bases fundamentaes da consciencia e do conhecimento.

Essas eram as fundamentaes bases do genio grego, que Bunsen retrata n'estas palavras: «O fundamento da Ordem universal é, no genio grego, o direito com a razão por appoio, a liberdade por fim e por garantia a regra.»

Se, moralmente, somos gregos, quererá isto dizer que scientifica, religiosa, philosophicamente o sejamos? ou que historicamente o seculo XIX seja uma reproducção da Grecia ante-socratica?

Occioso é quasi responder. Já porque a historia não se repete; já porque não passam em vão vinte ou trinta seculos de vida collectiva; já e principalmente porque desde a Grecia até hoje se deu um facto que por si só caracteriza original e superiormente a civilisação moderna. Esse facto é a fusão do que se chama raças latinas com o que se chama raças germanicas no gremio de uma civilisação commum. Os recém-vindos augmentaram os dotes elementares constitucionaes do genio da humanidade com os seus proprios, e, por meio d'elles, a seu modo assimilaram os principios abstractos da educação civilisadora. A humanidade é como uma orchestra em que, afinados e a compasso, os sons dos diversos instrumentos se confundem produzindo a harmonia divina da historia.

Além d'este facto, outro quasi tão importante é o tempo em si, as dezenas de seculos que separam Pythagoras e Hegel, Eschylo e Goethe, Democrito e Aaeckel, Zenon e Proudhon: immenso livro do tempo, cujas folhas apenas encetadas os homens foram abrindo e soletrando até as poderem ler. É o livro da sciencia, o livro da philosophia; — o livro appolineo, não o mystico, apocalypticico, livro fechado a sete sellos, sobre o qual jaz, humilde e rachitico, o *Agnus*.

OLIVEIRA MARTINS.

---

# BISMARCK EN EL PARLAMENTO

---

## SEGUNDA PARTE

---

### ARTÍCULO II

#### IV

No podia en el Reichstag faltar entre los numerosos y de muy vários géneros, enemigos ó adversarios de Bismarck, alguno que sacase á plaza el invariable manoseado argumento de inconsecuencia política, á que como hemos ya repetidas veces dicho, se acudia y se acude siempre que contra su razon no se encuentran otras mejores. Y, en efecto, en la discusion sobre la totalidad de la Constitucion federal, el Diputado Dunccker (sesion del 13 de marzo 1867) recordando lo acontecido en el Parlamento de Erfurt (1850) cuya *Derecha* (partido feudal-realista), á la cual pertenecia entonces el caballero Oton de Bismarck, por médio del mismo declaró terminantemente, que «deseaba la formacion del Estado «Federal (Confederacion Germánica): pero que si para lograrla, era preciso sacrificar la constitucion Prusiana, entonces ya no queria la Federacion.»

Que entre esa doctrina y la que el Presidente de los comisarios federales sostenia en el Reichstag, la contradiccion es absoluta, ello mismo se dice, y como veremos pronto el acusado no pretendió negarlo: pero todavia á su acusador le pareció bien agregar á ese capitulo de cargos, el nunca olvidado, y en realidad evidente, que procede y se funda en el largo conflicto parlamentario en Prusia, con motivo del voto del presupuesto de guerra.

Véase como Bismarck contestó, en no muchas palabras, á uno y otro cargo.

«El orador (dijo) que acabamos de oir, ha recordado el Parlamento



«de Erfurt, ocupándose en mis antecedentes políticos. No hablo nunca «con gusto de mi persona, ni acostumbro á hacerlo; pero en el lugar en «que aquí me encuentro, tengo necesidad imperiosa de inspirar confianza «en mí; y por eso voy á explicar en pocas palabras mi situacion en Erfurt, y mi situacion actual igualmente.

«Yo llegaba á Erfurt (1850), con las ideas políticas, que por decirlo así, de mi casa paterna habia sacado; y sobrecitado además entonces por la lucha contra el movimiento (revolucionario) de 1848, que atacaba un régimen, para mí muy caro. Al año siguiente, de 1851, entré en la política práctica, y he tenido después ocasion, durante dieciséis años pasados en situaciones en que me he ocupado sin interrupcion «en la alta política, y en la *política alemana* sobre todo; he tenido ocasion, digo, de adquirir la experiencia práctica. Así me he convencido de «que desde el asiento del espectador—y no hablo solamente de la escena dramática en que se representa la vida humana—se vé el mundo «político de muy distinta manera que se le aparece al que lo mira de «entre bastidores; y tambien de que esa diferencia de impresiones, no «procede de la iluminacion solamente.

«Yo he podido aprender, por mí mismo, que juzga de muy distinto «modo en política, el que en ella se ocupa como mero *dilettante*, sin «sentir el peso de la responsabilidad y únicamente en los momentos de «ocio que le dejan los trabajos de su profesion, que aquel que la trata «con la entera responsabilidad de las consecuencias de todos y cada uno «de sus actos. En el ejercicio de mis funciones en Francfort, (como representante de Prusia en la Dieta), he reconocido que muchos elementos con que mi política en Erfurt habia contado, no existian en realidad, «y que la union íntima con el Austria, tal como me la hicieron concebir los «recuerdos de la *Santa Alianza*, que la tradicion de las generaciones precedentes me habia transmitido, era imposible, porque el Austria con que «nosotros habíamos contado, (era eso en la época del príncipe de Schwarzenberg) no existia en manera alguna. Limitome á ese retrospectivo golpe «de vista; añadiendo que me considero feliz en no ser uno de esos «hombres que nada aprenden ni con el tiempo, ni con la experiencia.

«Ha expresado el Sr. preopinante cierta admiracion porque yo he «consagrado, *quizá los mejores años de mi vida política* (son sus palabras), «á combatir el derecho (de la Cámara de los Diputados) á disentir y votar el presupuesto: permítaseme recordar un hecho, ó más bien hacer «una pregunta. ¿Es muy seguro que el ejército que ha ganado las batallas del año último (1866), hubiera logrado la organizacion y fuerza «que entonces tenia, si en el otoño de 1862 <sup>1</sup>, no hubiese encontrado «S. M. á nadie que, bajo sus órdenes, se prestára á dirigir los negocios, «prescindiendo de la resolucion que tomó el 23 de setiembre del mismo «año la Cámara de los Diputados <sup>2</sup> ?»

<sup>1</sup> Fecha del advenimiento al poder de Bismarck.

<sup>2</sup> Negándose á la aprobacion del Presupuesto de la Guerra.

Como acaba de verse, nuestro eminente estadista, incapaz por naturaleza de incurrir en el tan despreciable como, las más veces, inútil pecado de hipocresía, no negó en la ocasión á que nos referimos, ni nunca antes ó después ha negado, que, en efecto, de 1847 á 1866, su manera de ver en política habia cambiado completa y radicalmente. Lo que hizo en la sesión del 13 de marzo de 1867, á que nos referimos, fué pura y simplemente convenir en los hechos, y explicarlos y justificarlos en muy lacónicas frases, diciendo en resúmen: — «La experiencia y el tiempo me «han enseñado, y los resultados de mi política me justifican.»

A quien esa defensa no satisfaga, inútil sería alegarle otras razones. No volverémos, pues, á tratar en este *Ensayo* del cargo de inconsecuencia política de que tanto han usado y abusado los adversarios del Príncipe Canciller del Império germánico.

## V

Asamblea constituyente, como sabemos, el Reichstag de la Alemania del Norte, en su primera legislatura hubieron forzosamente de discutirse las más de, si no todas, las cuestiones de Derecho público, cuya solución habia de formularse en las leyes fundamentales de la nueva Confederación; y con ese motivo, se vió Bismarck en la necesidad imprescindible, de manifestar su opinion motivada, respecto á la mayor parte de tan importantes y trascendentales problemas.

De esa primera legislatura, vamos, pues, á dar cuenta; mas nó segun el orden estrictamente cronológico en que los Discursos fueron pronunciados, sino agrupando, por decirlo así, los que sobre cada materia versan, y ordenando los asuntos segun la lógica y su importancia relativa, á nuestro juicio, lo requieren. De ese modo, figurásenos que, con menos molestia que procediendo de sesión á sesión, y encontrando en una el comienzo de un debate que no ha de terminarse sino en otra ú otras más ó menos posteriores á aquella, podrá el lector formarse clara idea, y adquirir cabal conocimiento, de la manera de pensar en cuanto á Derecho público constitucional, del hombre de Estado hoy más importante en Europa.

Para empezar por el principio, trataremos antes que de otra cosa de lo que al *territorio* de la Confederación del Norte se refiere, pues aunque hoy, constituido el Império, puede parecer que es ya cuestión aquella sin grande importancia, hay que no olvidar nunca que la base y fundamento del Império ha sido la confederación, y que en los Estados que la última formaron, es donde la fuerza vital del primero radica.

La cuestión no versaba, ni versar podia, sobre aquellos Estados que, de su propia voluntad ó en virtud de las circunstancias, habiéndose ya por la vía diplomática asociado, estaban en el Reichstag representados; sino sobre los que habiendo perdido su anterior nacionalidad,

ó su autonomia, á consecuencia de las campañas de 1864 y de 1866, formaban parte de la Confederacion, legalmente sí, pero á despecho, si no de todos, si de algunos de sus naturales bien avenidos con el antiguo régimen, y solo por debilidad aceptando el nuevo.

En tal caso se hallaba, más quizá que ningun otro, el Hanovre, Electorado del antiguo Império, elevado á la categoria de Reino en 1814, y cuyo trono ocupaba al estallar la guerra de 1866, la Dinastia de Brunswick-Luneburgo, representante de la un tiempo poderosa de los *Güelfos* y reinante todavia hoy en la Gran-Bretaña, en la persona de la Reina Victoria. Enclavado, por decirlo así, al noroeste de la Prusia, entre varias de sus más importantes provincias, el Hanovre era un obstáculo formidable á la unidad y engrandecimiento de la Monarquia de Federico II, y un peligro además para ella en toda guerra extranjera, y muy especialmente en toda guerra con potencia alemana. Así Bismarck hizo cuanto en su mano estuvo para poner de su parte á los Hanoverianos en la campaña que se desenlazó en Koenigsgraetz; y no habiéndolo podido lograr de ningun modo, usando luego del derecho y de la fuerza que la victoria le daba, incorporó en la Prusia el que habia sido electorado y Reino de los *Güelfos*.

Supuestos esos antecedentes, no sorprenderá al lector que, al discutirse en el Reichstag el artículo 1.º de la Constitucion Federal, en que se determinaba el territorio de la misma, uno de los Diputados Hanoverianos, ex-Ministro de Estado del ex-Rei Jorge V, usando de la palabra en contra, aprovechara la ocasion para acusar al Ministerio Prusiano por la forma en que el anexionado reino regia. Naturalmente Bismarck ocupó la tribuna para defenderse, como lo hizo en un discurso, del cual, prescindiendo de todo aquello que pasadas las circunstancias en que se dijo, ha perdido ya su interés, citaremos únicamente alguno que otro párrafo, exclusivamente político, y por tanto á nuestro propósito pertinente.

«Quéjase el honorable preopinante (decia Bismarck) de la manera «en que hasta ahora ha sido administrado el Hanovre; y comprendo la «queja. Actualmente está aquel país bajo el régimen absoluto, que ha «de durar hasta el día 1.º del próximo Octubre. Desde esa fecha en adelante, aquella *provincia* gozará de todas las garantías constitucionales «de que disfrutaban los demás Estados de la monarquia: pero de aquí allá, «preciso es que el honorable preopinante se resigne á ver regido el Hanovre por medios que, en la conviccion personal de S. M., son necesarios para afianzar en aquel país la *dominacion prusiana*. No toleraremos la resistencia, la trituraremos. A nadie más que á mí le pesa de tales necesidades. Momentos hace os hablaba de los recuerdos, de las «tradiciones que enlazaron al ejército Prusiano con el de Hannover, y «la política de aquel Estado á la nuestra. Las alianzas de la Guerra de «siete años, formaban un grupo perfectamente natural, presente aún á la «memoria de todos nosotros; pero de algunos años á esta parte el Hanovre se ha apartado de esa tan natural alianza. No les he economi-



«zado las advertencias á sus Ministros. Si temeis, les he dicho, la ambición de la Prusia, para desarmarla, nada mejor que haceros nuestros fieles aliados. Nunca, ni aun después de la más triunfante campaña, nunca un príncipe de la casa de Hohenzollern disminuirá los dominios de sus aliados, ni en el espesor de un cabello. Pero si, teniendo nuestros mismos intereses, tendéis la mano á nuestros enemigos, si creais entre Hamburgo, Mindeu y Colonia, un Estado del cual tengamos que temer que, aprovechándose de nuestro primer conflicto exterior, ó de que nos veamos obligados á dar frente al Sur (de la Alemania), nos ataque por la espalda, no diré con el puñal, sino con las armas en la mano; entonces, sabed que no podríamos soportar ese Estado amenazador para la Prusia en el mero hecho de existir; y sabed tambien que el Ministro Prusiano que no aprovechara la primera ocasion que se le ofreciera para desembarazarse de tan peligroso vecino, haría traicion á su país, haría traicion á la Alemania!»

Después de tan terminantes declaraciones, que prueban, una vez más, con cuanta verdad hemos dicho y pensamos, que si la política de Bismarck es, cuando conviene, reservada y hasta impenetrable, nunca ha sido hasta ahora faláz; prosiguió el gran Ministro exponiendo cómo habian sido inútiles todas sus gestiones antes de comenzarse la guerra, y aun durante su curso, para hacer entender razon á la corte de Hannover que, obcecada por su fé en la superioridad del Austria, hizo causa común con ella, y con todos los enemigos de Prusia, exponiendo á esta á un riesgo que no debia ni podia correr dos veces.»

«En Hanover (dijo para terminar, en esta parte, su Discurso), en Hanover no se ha apreciado bien la gravedad de las cosas. ¿Habrá sido por esa fatídica ceguera con que Dios frecuentemente aflige á los Príncipes? ¿Fué por la ignorancia de las realidades de esta vida, defecto común á demasiados Diplomáticos y Ministros? Dejo á otros el cuidado de averiguarlo. Se quiso la guerra, se la quiso con los ojos bien abiertos; y se habia resuelto, en caso de vencer, apoderarse de provincias prusianas. No hay derecho, pues, para asombrarse de que la guerra haya tenido serias consecuencias, ni por ello á discurrir contra nosotros en son de queja.—Señores: cuando la Prusia arriesgaba su sangre y su libertad: cuando todo el Reino y su gloriosa corona era lo que se jugaba: cuando los *croatas* nos amenazaban con el saqueo, y la dominación extranjera con la servidumbre, no sé para cuantos años: cuando se escogió el momento del peligro para clavarnos el acero en el pecho: no sé con que derecho se viene ahora á herir la cuerda de la sensibilidad, y lamentarse de falta de miramientos. Quien crea poder hacerlo, acredita una ignorancia de las cosas de la vida, harto propósito para conducir á su ruina á los Estados y á los Soberanos que así se alucinan.»

Dureza hay, tal vez, en el periodo que de transcribir acabamos: pero sobre haber realmente en él mucho más de verdad todavía que de dureza, era sin disputa necesario que Alemania comprendiese bien, de

Norte á Sur, que la Prusia estaba resuelta á mantener á todo trance sus conquistas de 1866, y entre todas ellas con mayor empeño, si cabe, que ninguna otra, la del que fué Reino de Hanover, porque su territorio le era indispensable para la integridad y seguridad del propio.

El discurso, pues, que sucintamente hemos analizado, fué un acto político de importancia suma.

## VI

Cuatro dias después del debate relativo á la anexion del Hanovre (sesion del 17 Marzo de 1867), continuando en el Reichstag el debate sobre el artículo 1.º de la Constitucion Federal (Territorio) se alzó la *Polonia*, ó para hablar con más exactitud, se alzaron las Provincias, hoy Prussianas, que cien años há dejaron de ser polacas, á protestar, sirviéndole de órgano el Diputado de Posen, Sr. Kantak, contra aquella ley que, á su decir, anulaba sin consentimiento de una de las partes contratantes, solemnes tratados internacionales.

De este lado de acá del Rin, siempre que de la infeliz Polonia se habla, antepónese el corazon á la cabeza, y no se vé más que el crimen en el siglo último de consuno perpetrado por las tres grandes potencias del Norte, que, abusando sin pudor de su fuerza, borraron del Mapa de Europa, una gloriosa nacion, en cuyos hijos son el valor heroico, y el carácter románticamente emprendedor, dotes universalmente reconocidas.

Pero aquella nacion heroica y gloriosa, vuelvo á decirlo, era quizá por sus mismas prendas de valentia y de índole aventurera, punto menos que ingobernable; y su monarquia electiva no pudo nunca reducir á términos de regular obediencia á la turbulenta aristocrácia, cada uno de cuyos individuos, por insignificante que fuese, tenía en el *liberum veto*, de que todos igualmente gozaban, un medio seguro de impedir toda resolucion importante de la Dieta, y trocar, en consecuencia, la discusion parlamentaria, en lid donde la fuerza sola decidia de la suerte de la patria.

No habia alli *partidos*, sino *facciones*, que hora se combatian, hora se confederaban contra otras, ó contra el Rey; los más débiles, á trueque de no ser vencidos, confabulábanse con los extrangeros; y así, de revolucion en revolucion, y de desastre en desastre, los Polacos mismos fueron los que allanaron el camino al inicuo reparto que del territorio de su desdichado país se hizo el año setenta y dos del siglo pasado. La situacion geográfica de aquel país, envuelto por la Rusia, el Austria y la Prusia, su falta de fronteras naturales, y las condiciones topográficas de su suelo sin montañas, son otros tantos datos que explican, sin justificarla, la catástrofe de que vamos hablando; y no menos la esterilidad de cuantos heroicamente desesperados esfuerzos han hecho en repetidas



ocasiones, y muy señaladamente en nuestros dias mismos, los Polacos para recobrar su perdida nacional independendencia. Verdad es tambien, como Bismarck vá á decirnoslo, que en Polónia hay que considerar dos muy distintos elementos, á saber: el aristocrático, ó sea la *Nobleza*, propietaria, guerrera, monopolizadora de los derechos políticos y de las preeminencias sociales; y la poblacion rural, los labradores, los que se llaman alli los *paisanos*, y llamarse debieran los *villanos*, por que, en efecto, en las condiciones de tales vivian, como vasallos de los próceres, que no muy blandamente los trataban. Los *Nobles* son pues, todavia patriotas, y suspiran siempre por la restauracion de un régimen bajo el cual ellos lo eran todo: pero los *paisanos*, que en Austria y en Prusia sobre todo, han mejorado notablemente de condicion, piensan de muy distinta manera, y obran en consecuencia con muy raras excepciones, cuyo origen sucintamente explicaremos.

La natural influencia del propietario sobre el colono, y del gran señor sobre el humilde labriego, ha determinado, en parte, más de una vez, á muchos *paisanos* á tomar parte activa en las insurrecciones polacas, aun en Prusia y en Austria, que de las provincias á la férula rusa sometidas, aqui no hablamos: pero el gran resorte que ha movido en tales ocasiones á la poblacion rural, la causa permanente y eficaz del apartamiento en que hasta cierto punto vive de la comunidad germánica á que en realidad pertenece, está en dos hechos de trascendencia suma y de muy difícil remedio. Los polacos, hoy prusianos, tienen y hablan siempre su propio eslavo idioma, que los aisla de sus convecinos alemanes; y los polacos son *católicos* los más, y *indios* algunos, mientras que la inmensa mayoria de los habitantes de Prusia profesan el culto protestante. Para comprender bien y pronto, hasta qué punto esas dos circunstancias combinadas — la diversidad de religion y la de idioma — dificultan, por no decir que imposibilitan, la unificacion de las provincias de procedencia polaca, con las germánicas, basta fijarse un momento en lo que en nuestra peninsula acontece. Más de tres siglos hace que, unidas en las sienes del nieto de los reyes católicos las coronas de todos los antiguos Reinos, menos la portuguesa, España comenzó á ser *una*; y desde entonces acá, *una* ha sido siempre. Los habitantes de *Cataluña*, sin embargo, son y se llaman constantemente, antes *catalanes* que *españoles*, sin más razon de peso para ello, que la de ser su peculiar idioma el *lemosino* y no el *castellano*. ¿Y qué acontece en las *Provincias Vascongadas*? Acontece lo mismo, y mucho más graduadamente aún que en *Cataluña*; porque el *eúscaro*, es un idioma que ninguna conexion ni analogia tiene con la lengua y dialectos que los demás españoles hablan.

Y cuenta que en España, desde que en el último tércio del siglo XV se fundó el *Tribunal del Santo Oficio*, hasta que seis años hace se decretó en la Constitucion de 1869, la libertad absoluta de cultos, nadie ha podido ser impunemente, más que Católico, Apostólico, Romano.

Visto eso ¿necesitarémos insistir en que allí donde sobre la diversidad de los idiomas, média el antagonismo de las creencias, la unidad



es difícilísima? ¿será preciso demostrar que el sentimiento religioso influye y ha influido mucho más que el patriotismo en los *paisanos polacos*?

Parécenos que sería redundante aquí, extendernos más en la materia; y así, poniendo ya término á esta larga, pero á nuestro juicio no inútil digresion, volverémos á nuestro especial asunto: el debate del 17 de Marzo (1867) en el Reichstag alemán.

Bismarck, contestando al Diputado Kantak, comenzó por demostrar que la protesta de ese, más bien era contra la unidad prusiana que contra la de la Federacion; porque, reconocida aquella, no se comprendería que se le negase al Gobierno de Berlin su derecho á contratar con los demás alemanes, lo que á un gran fin político convenia. Lo que el Diputado de Posen había expuesto, eran sus opiniones personales, no la expresion de los verdaderos sentimientos de sus comitentes «los habitantes de la parte «prusiana de la antigua República de Polónia, que reconocian y apreciaban los beneficios de una civilizacion infinitamente superior á la de que «antes gozában.»

«Puedo decirlo con orgullo (exclamó el Ministro): esa porcion de la «República polaca, hoy bajo el dominio prusiano, es más próspera, más «de sus derechos segura, y más á su gobierno adicta, que lo fué nunca, «en cuanto la memoria puede recordarlo, por mucho que se remonte en la historia, provincia alguna de la misma República.»

En demostracion del último aserto, á nuestro parecer un poco paradógico, adujo Bismarck gloriosos ó heroicos hechos de armas consumados por los polacos prusianos en cuantas guerras la Prusia había reñido antigua ó recientemente; lo cual, en realidad, solo prueba lo que todo el mundo sabe: que los polacos son excelentes soldados y leales siempre á la bandera bajo que militan.

Pero, si en ese punto no podemos estar enteramente de acuerdo con el ilustre orador, en cambio parécenos evidente la razon que le asistia al afirmar que en las recientes elecciones, para hacer triunfar en la Provincia de Posen las candidaturas de oposicion, se habian valido los fautores de esa de la palanca que ya nosotros hemos indicado; el amor de aquellos naturales, á su religion y á su idioma.

Los eclesiásticos católicos, recorrian los pueblos, celebrando en ellos juntas electores, en que algunos recomendaban sus propias candidaturas, y todos predicaban la oposicion al Gobierno, persuadiendo á los ignorantes aldeanos de que peligraban á un tiempo su religion y su lengua.

«Las elecciones están próximas;—decia un sacerdote católico:— «mostrémonos firmes y unidos, porque sino, se nos prohibirá hablar en «polaco, dormir en polaco, cantar y llorar en polaco, y predicar en polaco. A todos nuestros hijos nos los harán *alemanes*, y entonces nos «sucederá en Alemania lo que en Rusia nos acontece: nos ahorcarán, si «decimos que somos polacos.»

A un noble propietario alemán que reconvenia á sus colonos porque estaban resueltos á votar la candidatura de un párroco de oposicion, le

contestaban aquellos:— «No os enojeis con nosotros: os debemos muchos «beneficios, y no hay bien que no os deseemos: pero ahora no podemos «seguir vuestros consejos, porque peligra la salvacion de nuestras almas. «El cura de nuestra parroquia nos ha dicho que, si no le obedecemos, «votando su candidatura, no contemos con la absolucion en el próximo «cumplimiento de Iglesia.»

Aquí las mugeres de los labradores alemanes católicos, iban á reconvenir á su propietario, acusándole de comprometer la salvacion de las almas de sus maridos, cuando les aconsejaba que votáran por el candidato liberal, y allá un Párroco, desde la cátedra del Espíritu Santo, exortaba, sollozando, á sus feligreses á que eligieran un Diputado polaco, si no querian que indudablemente pudiesen la Religion católica, y el patrio idioma.

Todos esos hechos y otros muchos de la misma índole, acreditados legalmente en el expediente que Bismarck depositó sobre la mesa del Reichstag, para conocimiento de todos los Diputados, autorizáronle para declarar, sin temor de ser con fundamento desmentido, que la eleccion de los más de los Diputados de aquellas provincias fué debida en gran parte al concurso, para votarlos, de los electores alemanes católicos, á quienes artísticamente se habia hecho creer que peligrosaba su religion si otra cosa hacian.

«Como de costumbre, (decia el hoy Príncipe Canciller), como de «costumbre, se ha puesto en movimiento á las mugeres, una de las cuales decia: Si ahora dejamos á nuestros maridos votar por un aleman, «poco tardará en venir un *Pastor Evangélico* que nos desbautizará y nos «obligará á todos á hacernos alemanes.»

¿Quién no vé en esos hechos, los preliminares de la encarnizada lucha hoy ya trabada entre el gobierno imperial y el catolicismo?— ¿Quién puede negarse á reconocer que la iniciativa de esa lamentable guerra, del clero católico prusiano, y no del Ministerio por Bismarck presido, procede?

«La santidad del carácter eclesiástico (decia Bismarck) no me permite dudar de que los sacerdotes á que he aludido, creian sinceramente «lo que á sus ovejas dijeron: pero entonces, señores, su ignorancia de las «cosas temporales es tal, que reclama pronto remedio, sobre todo si en «nuestro pais han de conservar los eclesiásticos la superintendencia de la «instruccion de la juventud.»

Ahí tenemos ya iniciado el pensamiento de la reforma del plan de instruccion pública, no mucho más tarde realizada en Prusia: pero prosigamos oyendo al jefe del Gabinete:

«Créome pues autorizado á concluir que, si los Sres. Diputados de «lengua polaca tienen, juntamente con su mandato general, otro particular, no puede ese ser otro que el de defender á la religion católica «de todo género de ataques. Pues bien, señores, si, en efecto, atacada «fuera, estad seguro de que me tendreis á vuestro lado, y en el gobierno «del Rey un aliado tan seguro y declarado como puede serlo el más «ferviente católico.»



*Quantum mutatus ab illo!*—Exclamará más de un ultramontano al leer ese pasage; pero lo hará sin razon ninguna. Bismarck, hoy mismo, no lucha con el catolicismo como *religion*, ni sus dogmas discute, ni su moral pone en tela de juicio: lo que Bismarck resiste, y está en su derecho y cumple con su obligacion haciéndolo, es la pretension insensata del ultramontanismo, á eximir á la Iglésia de la legitima autoridad del Estado y á imponer, en nombre de Dios, los decretos del Vaticano á Pueblos y Reyes. Pero todo eso no es, en este momento, de nuestro propósito, si bien no nos parece demás haberlo de paso indicado.

Ni nos seria posible, ni tenemos para qué reproducir en estos artículos la parte que podemos llamar erudita del Discurso que nos ocupa. Bismarck, con la história en la mano, y acomodándola á sus fines, como en tales cosas siempre acontece, trató de justificar el reparto de la Polónia el año de 1772, acusando y no sin razon, á los Polacos de haber sido tambien conquistadores mientras fueron fuertes, y procurando probar que las provincias de la antigua República á la Prusia incorporadas, habian primitivamente á la última pertenecido. Discutiendo despues largamente sobre la posibilidad, ó más bien la imposibilidad, segun él, de la reconstitucion de la Polónia, que desde su punto especial de vista, no pasaba de ser una mera utópia, cuya realizacion requeria el prévio trastorno de tres grandes Potencias, la Prusia, el Austria, y la Rusia, Bismarck terminó aquel su largo discurso, de esta manera, encarándose con los Diputados polacos:

«Vosotros que pretendeis representar aqui al pueblo polaco, seguid mi consejo, renunciando á perturbar la Europa, la Prusia y vuestra propia provincia, con vuestras aspiraciones á un fin completamente fuera de vuestro alcance. Quizas hay quien lisongee vuestras esperanzas, — ¿Aludiria aquí á la Francia el ilustre orador? — haciéndoos creer accesible ese fin: en tal caso, ó se os engaña, ó vosotros mismos os engañais, como con frecuencia nos alucina á todos el deseo. Que la Nobleza polaca padezca una especie de nostalgia con respecto al antiguo estado de cosas, lo comprendo fácilmente... Pero vosotros, renunciad, en fin á «correr en pos de un fantasma; unios con nosotros, con la mayoría de «vuestros hermanos de lengua polaca, en Prusia, con los *paisanos* polacos, para tomar parte en los beneficios de la civilizacion que nuestro país os ofrece, y que hallarán una nueva garantia, en las prendas que «al orden y á la paz, vá á darles la Confederacion de la Alemania del «Norte. Asociaos con lealtad á la obra comun, y con franqueza os tenderemos la mano, con júbilo os saludaremos como hermanos y compatriotas. Y ahora, que esta Asamblea, en su gran mayoría alemana, medite sobre la elocuente enseñanza que del destino de la Polónia se deduce; que vea á donde puede llegar un grande y poderoso Estado, regido «por una Nobleza, valerosa y guerrera, pero *egoista*, cuando á la libertad «del individuo subordina, no diré la unidad del Estado mismo, sino su «seguridad exterior; cuando, en otros términos, los privilegios individuales ahogan como planta parásita, los intereses generales. ¿Quién puede



«rehusar su admiracion al enérgico vigor desplegado por la Nobleza polaca en sus luchas para reconquistar la dominacion pasada? Y, sin embargo, ni los más enérgicos esfuerzos, ni la más completa abnegacion, «ni la más brillante bravura, les han bastado á los individuos en tales «tentativas empeñados para reconquistar los perdidos bienes. La frase «del poeta es siempre verdad; *el momento que dejaste escapar la Eternidad no te lo devolverá.*»

Quizá sea, y á nuestro juicio lo es al menos, el trozo más elocuente de todos los discursos de Bismarck, la peroracion que de copiar acabamos. A los polacos, respetando siempre y aun encomiándolas, sus buenas dotes, les habla el language severo de la razon, poniéndoles delante de los ojos la verdad de los hechos; y, al mismo tiempo, les abre de par en par las puertas de la reconciliacion, en términos decorosos. A sus propios compatriotas, á los alemanes, que constituian la inmensa mayoria del Reichstag, mostrándoles el lamentable ejemplo de la infeliz Polónia, los advierte con tan severo como convencido acento, del precipicio á que el *particularismo* puede arrastrarlos.

Permitásenos repetirlo: Bismarck en todos sus discursos, hombre de Estado de primer orden, se mostró grande orador en el que de ocuparnos acaba.

## VII

El 18 de marzo le llegó su turno, en la Confederacion, á la parte Norte del Schleswig, que segun el famoso artículo V del tratado de Praga, deseaban algunos, y esperaban pocos, que pudiera serle devuelto á la Dinamarca, prévio un plebiscito en la provincia misma.

En realidad no parece que la Prusia hubiera nunca tenido el propósito firme de prestarse á tal devolucion; pero como al cabo, lo pactado escrito estaba, ya hemos visto que siempre que la cuestion surgia en el Parlamento, en cualquier forma que fuese, Bismarck, cuando eludirla no podia limitábase á poner de bulto los obstáculos, en parte reales y en parte no tanto, que á su inmediata resolucion se oponian, cuidando siempre de no comprometerse para el porvenir en manera alguna.

De hecho, en el Schleswig-Norte, hay más habitantes dinamarqueses que alemanes, de donde resulta que la dominacion prusiana no sea en aquel país popular: pero tambien es verdad que trazar allí una línea divisoria, entre la poblacion escandinava y la germánica, es tan imposible, como lo seria señalar con precision el punto en que comienzan á ser saladas las aguas de un rio que con las de la mar se mezclan.

Añádase á eso la más que natural repugnancia de la Prusia á desprenderse de parte alguna de lo por sus armas conquistado en 1864; y la circunstancia de lo importante que le es aquel territorio en su extrema frontera al Norte, y se comprenderá fácilmente por qué y como, ha sido hasta ahora, y parece probable que en adelante siga siéndolo, el artículo V del tratado de Praga una estipulacion ilusoria.

Así Bismarck, al responder á un discurso en sentido separatista del Diputado Krygen, contentándose con referirse á lo que en el asunto habia repetidamente dicho en el Landtag prusiano, y la memoria de nuestros lectores recordará sin duda, limitóse en realidad á reproducir con más ó menos extension sus habituales argumentos en el asunto; y á negar rotundamente que *nadie de fuera ó de dentro del país*, nadie absolutamente más que el Austria, tuviera derecho á exigir de la Prusia el cumplimiento del artículo V del tratado de Praga, sobre cuyo verdadero sentido podrian, dado el caso, entablarse con aquella Potencia, y hasta cierto punto con intervencion de la Dinamarca, negociaciones diplomáticas.

«La linea de frontera (añadió) de que no podemos ni queremos *excedernos*, será trazada conforme al interés y cuidado de nuestra seguridad interior. No reconoceríamos, no consentiríamos á ningun precio —y nadie hay que á ello nos obligue— una frontera que, por aquella parte, debilitara nuestra posicion estratégica, y que pudiera ponernos «en la necesidad de reconquistar una vez más la plaza de Duppel, que «tantos esfuerzos y tanta y tan preciosa sangre nos ha costado.»

Claro estaba, para quien cerrar los ojos á la evidencia no quisiera, la resolucion del gabinete de Berlin de conservar íntegro el Schleswig, á menos de que fuerza mayor se lo arrancase: pero puede tanto el desoco que, pocas semanas más tarde (sesion del 3 de Abril), el Diputado Krygen volvió á la carga, como vulgarmente se dice, pretendiendo que la obligacion al servicio militar, universal en Prusia, no rigiera en aquel territorio, hasta que se hubiera cumplido lo dispuesto en el artículo V del tratado de Praga.

La importancia que en Prusia se dá, con sobra de razon, al servicio militar obligatorio, en virtud del cual, todo Prusiano, el dia mismo que cumple el vigésimo año de su edad, es soldado, sean las que fueren su clase y posicion social, desde príncipe á proletario, sin distincion ni privilegio alguno; la importancia, repito, que allí se dá á ese admirable y lógico sistema, merced al cual, como todos son ó han sido, ó serán en aquella nacion militares, no se conoce allí la calamidad que se llama entre nosotros *militarismo*, y á cuya perseverante aplicacion durante más de medio siglo, se debe en gran parte que los *vencidos de 1813*, hayan llegado á ser los *vencedores de 1870*; esa importancia, otra vez lo digo, es y debe serlo, inmensa.

Así Bismarck, al replicar al Diputado Krygen, hizolo en los vigorosos y explicitos términos que á reproducir vamos, en su parte más esencial.

«No tomo la palabra (dijo) para atacar las estipulaciones del tratado de Praga, ni para dar de nuevo explicaciones sobre el sentido en «que entenderse deben; sino para evitar que manifestaciones como las «que acabamos de oir (al Sr. Krygen), induzcan á error á los habitantes «del Schleswig, en cuanto concierne á su verdadera situacion segun el «Derecho público; y, en consecuencia, los alienten á dejar de cumplir «con sus deberes, sobre todo en lo que al servicio militar respecta, por

«que entonces incurrirían en faltas que, bien á nuestro pesar, tendríamos que castigar severamente y sin ninguna indulgencia. El Ducado de Schleswig es hoy en toda su extension, segun los tratados, parte integrante de la monarquia Prusiana, y, por tanto, todos sus habitantes están en la obligacion de someterse á las leyes en Prusia vigentes. Cuales y cuantos de esos habitantes dejarán, tal vez, en el porvenir, conforme á lo estipulado en Praga, de ser prusianos, es cuestion que está por resolver todavia: pero entre tanto, y mientras sean prusianos, y hasta el último instante en que lo sean, deben someterse á las leyes y á las autoridades prusianas, só pena de incurrir en las que su desobediencia merezca.»

Parécenos que seria excusado ir más lejos en este asunto; la resolucion de conservar integro el Ducado de Schleswig, no podia estar más clara; y como *integro* es hoy todavia prusiano, los hechos confirman la certeza de nuestras deducciones.

## VIII

Hemos visto á Bismarck, sin rebozo, ni tergiversacion de ningún género, sustentar el derecho de la Prusia á conservar y asimilarse en absoluto los territorios conquistados en 1864 y 1866; ahora vamos á verle, con exquisito tacto diplomático, dar una prueba insigne de moderacion en la materia, si no precisamente respecto á la monarquia de cuyo Gabinete era y es Presidente, si con referencia á la Confederacion, cuyo gobierno dirigia entonces y dirige ahora.

El Gran Ducado de *Hesse-Darmstad* consta, como todo el mundo sabe, de dos partes: una al Norte, que se llama la *Hesse-superior*; y otra al Medio dia, que se compone de dos Provincias, la de *Starkenburgo* á la orilla derecha del Rin, y la *Hesse-Riniana* situada en la margen izquierda del mismo rio, y que, por ende, perteneció al Imperio francés en los tiempos de Napoleon I.

Dada, pues, su situacion geográfica, al ajustarse el tratado de Praga, la parte setentrional del Gran-Ducado se declaró comprendida en la Alemania del Norte; mientras que la austral quedó incluida en la Alemania del Sur; resultando de ahí la inconveniente anomalia de que súbditos directos de un mismo soberano estuviesen de hecho, y en puntos muy importantes, sujetos á legislaciones distintas.

Con gran razon, por tanto, el conde de Solms-Laubach, Diputado al Reichstag, por la *Hesse-superior* (Ober-Hessen), interpeló á la Presidencia Federal, invitándola á explicar los obstáculos que se oponian al ingreso de todo el *Gran-Ducado* en la Confederacion, y exponiendo, de paso, cuan perjudicial era á los intereses de aquel país, la situacion en que se encontraba.

Respondióle Bismarck, que contestar á la interpelacion de una ma-



nera definitiva, no le era lícito, mientras oficialmente no se le planteara la cuestión por el Gobierno gran-ducal mismo: pues, si bien habían con él mediado anteriormente algunas negociaciones, esas por el efecto de las circunstancias no llegaron á producir resultado, y estaban á la sazón abandonadas.

En cuanto á los inconvenientes de la situación entonces actual los Gobiernos confederados, no solamente los reconocían, sino que temían también que con el transcurso del tiempo se agravaran; por lo cual habían procurado atenuarlos en lo posible por medio de convenios especiales ya celebrados en puntos á correos y telégrafos, y próximo otro á terminarse respecto á todos los asuntos militares.

«La cuestión (siguió diciendo) de saber si el texto del tratado de «Praga se opondría á la admisión en la Confederación de todo el Gran-Ducado, cuyo territorio en parte pertenece á la Alemania del Norte, y «en parte á la del Sur, la hubiéramos examinado á fondo, así que el «Gobierno Gran-Ducal, nos hubiese hecho proposiciones oficiales. En tal «caso, como nuestro propósito es vivir en paz con el Austria, sobre la «base del tratado de Praga, y entendernos con ella en cuanto á su interpretación — en tal caso, habríamos comenzado por dirigirnos amistosamente al Gobierno imperial austriaco, para inquirir cómo por su parte «entiende la cuestión; y dada la actitud actual de aquel Gobierno, mucho nos hubiera sorprendido encontrar en él oposición formal á que se «cumplieran los votos que el Gran-Ducado de Hesse, hubiera positivamente expresado. Dado ese primer paso, y en la firme persuasión en «que estoy de su feliz éxito, hubiera yo considerado útil y conforme á «nuestras buenas relaciones, someter también la cuestión á nuestros antiguos confederados del sur, y señaladamente á la Baviera, para que nos «hicieran saber si cuadraba ó no á su política la admisión de la Hesse «en nuestra liga. — Pero ante todo, lo necesario sería que el Gobierno «Gran-Ducal formulase terminantemente su deseo.»

No se nos figura que caben más moderación en las palabras, más miramientos á la autonomía de la Hesse, ni más consideraciones al Austria misma.

Bismarck no acude á la amenaza, ni menos á la fuerza, sino cuando cree que de otra manera no cabe hacer valer su derecho, ó realizar sus más importantes designios.

## IX

Perteneció á la antigua Confederación germánica, por el Austria presidida, hasta que á consecuencia de la batalla de Koenigsgrätz, y en virtud del consiguiente tratado de Praga, fué aquella disuelta, el *Gran-Ducado de Luxemburgo*, de que era y es soberano, personalmente, el Rey de Holanda.

Limitado aquel territorio, al Oeste por la Bélgica, al Sur por la

Francia, y al Nordeste por la Prusia-Rusiana, geográficamente hablando, hubiera debido formar parte de la Confederación de Norte; cosa tanto más contingente y al parecer fácil, cuanto que la capital de aquel exiguo Estado, plaza fuerte reputada de primer orden, y una de las tres grandes Fortalezas Federales, estaba desde 1815 guarnecida siempre por tropas prusianas.

Sin embargo, por razones muy conocidas de cuantos la historia contemporánea con alguna atención siguen y estudian, y que por otra parte estarán mejor en labios del Príncipe de Bismarck, que en nuestra pluma; por razones graves, repetimos, el Luxemburgo no fué parte de la Confederación de Norte, ni lo es hoy del Imperio germánico, y la Prusia ha retirado sus tropas de la antigua fortaleza federal.

Pero, como la razón de Estado rara vez alumbra á los que desde su asiento de expectadores (para valernos de la metáfora de nuestro gran ministro) asisten al drama político, ni menos hasta á imponer silencio á todos en cuerpos tan numerosos como el Reichstag lo es, natural y lógicamente aconteció que la cuestión del Luxemburgo hubo de discutirse incidentalmente y más de una vez, durante el debate sobre la Constitución federal, que nos vá sirviendo de texto.

« Por qué el Luxemburgo y el Limburgo <sup>1</sup>—preguntaba en la sesión del 18 de Marzo, un diputado—han quedado excluidos de la Confederación del Norte? »

Bismarck, desmintiendo primero terminantemente el rumor que se había esparcido de que Prusia hubiera, por motivo del Luxemburgo, amenazado á la Holanda, contestó como sigue:

« Han mediado entre la Holanda—ó, por mejor decir, entre los Países Bajos—y nosotros, algunas ligeras (petites) explicaciones, sobre el Luxemburgo, con motivo de la última guerra (la de 1866). No siguió nuestro ejemplo el Gobierno de aquel Gran Ducado, cuando nos separamos de la antigua confederación germánica después de hecha la declaración de guerra; antes por el contrario, mantuvo su enviado á la Dieta de Francfort, asociándose así en cierta manera á la liga que contra nosotros peleaba, puesto que de aquella Asamblea seguía formando parte. Sobre ese punto tuve yo una conferencia con el Enviado aquí de los Países Bajos, considerándole como representante, *ex mandato prosumpto*, del Gran Ducado; y ambos convinimos en que, jurídicamente hablando, la Prusia estaba en guerra con el Luxemburgo, pero que, como ni unos ni otros teníamos interés en entrar en campaña, nos prometíamos no hostilizarnos, y, bajo palabra, aceptábamos así la situación. Que, aún entonces, esa conferencia haya podido interpretarse como una amenaza nuestra á la Holanda, como un riesgo para los Países Bajos, trabajo me cuesta creerlo; pero en todo caso eso pertenece ya á la historia.—Nadie ignora que el rey de los Países Bajos desea hace mucho tiempo romper el lazo, ya antiguo, que unía parte

<sup>1</sup> Parte Belga del Gran Ducado de Luxemburgo.

«de la provincia de Limburgo á la Confederacion germánica; ni que sobre ello habia ya hecho proposiciones á la Dieta de Francfort.—De insistir, pues, con fuerza en la entrada del Limburgo en la Confederacion del Norte, hubiéramos, y estoy plenamente convencido de ello, hubiéramos alarmado á los Países Bajos, porque eso equivalia á amenazarlos de perder una parte de su territorio, (de la manera misma en que quisieran los Sres. diputados polacos amenguar el de la monarquia prusiana), si se atiende á lo compacto de la confederacion que hoy estamos nosotros creando. Nos hemos abstenido, pues, de toda insinuacion respecto al Limburgo; y por lo que hace al Luxemburgo, nunca ni su soberano, ni su gobierno, ni el pueblo de aquel país, nos han manifestado deseo de que forme parte el Gran Ducado de la Confederacion del Norte.»

La clave del misterio de tanta longanimidad y moderacion tan egemplar, más adelante la encontraremos; y ya se deja entrever en las frases con que el Canciller terminó su discurso, y que á copiar vamos.

«No hemos renunciado á mantener los lazos que unen al Limburgo y al Luxemburgo con la Alemania, ni tampoco hemos asentado como principio de derecho, su conservacion. No podemos usar de violencia, ni de aprémio de ningun género con los soberanos que no quieren ingresar en la Confederacion del Norte. Si cualquiera de los demás Estados nuestros confederados hoy, se hubiera negado obstinada y enérgicamente, á entrar en esta Confederacion del Norte, hubiera sido preciso que su situacion geográfica nos diera muy imperioso motivo para usar con él de presion; porque *no podemos desentendernos del estado político de Europa, ni de que, lo mismo que las otras grandes potencias, tenemos sumo interés en no aumentar los elementos inflamables que pudieran incendiar el continente.*—Limitome, pues, á declarar aquí que, por parte del Luxemburgo, se nos ha manifestado formalmente el deseo de que, sobre esto, no se le importune.»

Sin embargo de tan terminantes y fundadas declaraciones, todavia en aquella sesion (18 Marzo) otro diputado, el Sr. Carlowitz, atacó al canciller sobre el negocio mismo, saliendo, como era natural, harto mal parado de su temeraria empresa.

Contéstole, en efecto, Bismarck:

«En cuanto á la cuestion del Luxemburgo, señores, todavia puede el honorable orador encargarse de ella; y si consigue persuadir al Gran-Duque que debe entrar en la Confederacion del Norte, *podrá li- sonearse de haber creado una nueva cuestion europea.*»

Bismarck sabia ya entonces, sin duda, sobre el asunto del debate, mucho más de lo que decir le era lícito ni conveniente: pero sin saltar á la reserva en su posicion indispensable, figúrasenos que dijo lo que bastaba para que se comprendiese que la cuestion era de aquellas que no pueden ventilarse en un parlamento, sin grave riesgo de que en consecuencia surja algun grave conflicto.

Los diputados, empero, del partido llamado *Nacional-liberal*, no



comprendiendo, sin duda, que cuando el Gabinete prusiano, renunciaba así á un acrecentamiento del territorio federal que tan natural parecia, debian obligarle á ello muy poderosas razones; ó tal vez, creyendo, que todo pudo ser, que cuando el Gobierno del Emperador se sintiera estimulado y apoyado por la representacion nacional germánica, daria de mano á todo género de consideraciones y acometeria resuelto la árdua empresa; por una ó por otra causa, en fin, ó por entrambas movidos, los diputados *nacionales-liberales*, presentaron en la sesion del Reichstag del día 1.º de Abril (1867), y por escrito, la gravísima interpelacion que no podemos dispensarnos de someter íntegra al juicio de nuestros lectores.

Dice de esta manera:

«I ¿Sabe el Gobierno Real de Prusia si tienen fundamento los rumores, cada día más esparcidos, sobre negociaciones que se dice han mediado entre los gobiernos de Francia y de los Países Bajos, relativamente á la cesion del Luxemburgo?

«II ¿Puede el Gobierno Real de Prusia declarar al Reichstag en «el cual *todos los partidos estarán de acuerdo* para ayudarle de la manera más enérgica á rechazar toda tentativa que se trate de hacer para «separar de la patria comun una tierra siempre alemana,<sup>1</sup> puede el Gobierno Real de Prusia, declarar al Reichstag que está decidido, de «acuerdo con sus demás confederados, á asegurar, á todo trance y de «una manera durable, la union del Gran-Ducado de Luxemburgo al resto «de la Alemania, y asimismo el derecho de la Prusia á guarnecer la «plaza fuerte de Luxemburgo?»

Grave, gravísimo es el copiado texto de esa interpelacion, ya lo hemos dicho: pero todavía hizo su gravedad subir de punto, el discurso que, apenas leída, pronunció en su apoyo el Sr. Benningsen, cuya respetabilidad creemos encarecer bastante, con decir que era uno de los vice presidentes de aquella Asamblea que á toda la Alemania del Norte representaba.

«Del Luxemburgo mismo, donde, de sus doscientos mil habitantes á penas son doscientos los que no hablan alemán, escribian que se trataba de ceder á la Francia, aquella tierra cuna de muchos soberanos alemanes. La idea de hacer aquella interpelacion habíala concebido el partido *Nacional-liberal*; pero ese esperaba que todos los demás se mostrarían unidos cuando la integridad germánica se veía amenazada (ardientes y unánimes aclamaciones), y apoyarían unánimes la política del gobierno respecto á los extrangeros.»

«Queremos la paz (decía el diputado patriota), queremos la paz, «pero es preciso que se vea que no vacilamos cuando la Alemania se «encuentra amenazada. Demos una respuesta pronta y decisiva á las «tendencias belicosas de la Francia; y las ahogaremos en su cuna.—El «momento de que tengamos otra vez una política propia, ha llegado: «importa mostrarnos fuertes y unidos.—No contestar sería debilidad.—

<sup>1</sup> *Vieille terre allemande*, dice la traduccion francesa que seguimos.

« El rey nos lo ha dicho : « *no perderemos ni una sola aldea alemana* » ;  
« y el pueblo con gratitud lo recueda. Que el rey llame ahora al pueblo, y ese le responderá unánime. — Si es necesario, en virtud de la amenaza de una intervencion extranjera, podemos aquí acabar la obra de nuestra unificacion en tantos dias como semanas hubiéramos, de otro modo, empleado en ella. — No provocamos la guerra ; pero si es-  
« talla, la culpa será de la Fráncia. — Las naciones francesa y alemana, pueden vivir, una al lado de otra, en paz y prosperidad : la guerra á  
« entrambas habrá de lastimarlas profundamente : pero, si la Fráncia quiere embarazar la obra de nuestra constitucion, nosotros le probaremos que la Alemánia está unida. »

Verdaderamente creemos que pocas veces se habrá visto ministro alguno en situacion tan difícil y tan ocasionada á perder los estribos, como suele decirse ; porque, en efecto, la interpelacion, el discurso en su apoyo pronunciado, y las inèquivocas muestras que el Reichstag entero estaba dando así de su entusiasmo por la unidad germánica, como de su resolucion firme de acudir á las armas y sin demora, contra el extranjero que en los negocios interiores de la Confederacion queria entrometerse, todo eso ¿qué era, en resúmen, sino anticiparse á los deseos, y precipitar la realizacion de los profundos ultteriores designios del hombre de Estado insigne á quien se interpelaba ?

Un átomo, pues, de ménos en el peso de aquella razon siempre serena ; una centella de más en el fuego de aquel, ardiente sí, pero nunca alucinado patriotismo ; y con apláuso universal del pueblo aleman, hubiera en Abril de 1867, estallado el conflicto que tres años más tarde ha cambiado la faz de la Europa entera. No cabe dudar — nosotros, al menos, no lo dudamos — de que ya en la época á que nos referimos, la guerra con Fráncia, era una cosa, como inevitable, prevista para el príncipe de Bismarck ; creemos que la deseaba y que á ella se preparaba ; y creemos tambien que ni el activo Moltke estaba ocioso, ni en los parques se holgaba, ni en los campos de instruccion se perdía el tiempo en Prusia. Pero Bismarck no es hombre de hacerse ilusiones respecto á las dificultades con que ha de luchar ; ni de los que dejan de tomar en cuenta la fuerza intrínseca de sus contrarios, ni menos de los que ignoran toda la importancia que la *oportunidad* tiene en las grandes empresas.

Bismarck, pues, en Abril de 1867, veía que la Confederacion del Norte estaba aún en embrion, por decirlo así ; que sus relaciones con el Sur eran todavia incompletas y no tan seguras como conviniera ; que no hubiera sido imposible entonces que el Aútria, aunque nacion vencida, intentara, por la Fráncia auxiliada, recobrar algo de lo mucho en Koenigsgratz perdido ; que tomar, inmediatamente después de las conquistas de 1864 y de 1866, la iniciativa de una nueva guerra, de conquista tambien, pudiera alarmar á las demás naciones, y al Império moscovita, sobre todo ; y Bismarck sabia, en fin, que todavia los aprestos militares de la Alemánia, no eran los que á su juicio bastaran para asegurarle la victoria.



La razon de Estado, triunfo, en consecuencia, del patriótico sentimiento mismo; y Bismarck contestó á la interpelacion Bennigsen, como á verlo vamos.

« La Asamblea encontrará natural que, en presencia de una cuestion tan grave como esta ha venido á serlo, me limite en este momento á responder á la interpelacion, exponiendo los hechos que conocen el « Gobierno Prusiano y sus aliados. Para ello, tengo que remontarme hasta « las razones primeras, en cuya virtud el Gran-Ducado de Luxemburgo « no forma parte de la Confederacion de la Alemania del Norte.—Al disolverse la antigua Confederacion Germánica, y en consecuencia de su « disolucion, cada uno de los Estados que la componian, recuperó sus « derechos de soberania en toda su plenitud, tales como los habia poseido « antes de fundarse la Confederacion, y no ya limitados por las obligaciones voluntariamente contraidas al firmar el pacto federal. La Confederacion disuelta, el Luxemburgo y su Gran-Duque gozaban de la misma soberania, con carácter europeo, que el reino y el rey de los Países Bajos. Usaron de su libertad la mayor parte de los confederados, « como la Prusia, para constituir inmediatamente una nueva alianza, sobre la base de la nacionalidad comun, con el objeto de protegerse recíprocamente, y de garantizar los intereses nacionales. No creyó conforme á los suyos el Gran-Ducado de Luxemburgo seguir el mismo « camino. Por los agentes que tenemos en el Gran-Ducado y en sus « fronteras, supimos que en todas las clases de su poblacion se manifestaba gran repugnancia á pertenecer á la Confederacion del Norte. En « las altas, sobre todo en las muy altas regiones, esos sentimientos nacian de un no disimulado descontento de la Prusia y de sus triunfos; « en las clases inferiores, la repugnancia procedia del deseo de no sufragar los gastos consiguientes á la defensa del país seriamente entendida « y practicada.—El Gobierno del Luxemburgo nos ha dado á conocer su « manera de sentir, en un despacho del mes de Octubre, en el cual ha « tratado de probar que no teníamos ya derecho á mantener nuestra guarnicion en la ciudad de Luxemburgo. Entonces el Gobierno Prusiano y « sus aliados, se han visto en la necesidad de preguntarse si, en tal estado de cosas, seria conveniente practicar algunas gestiones, y aun « ejercer alguna presion, á fin de conseguir que el Gran-Ducado de Luxemburgo que es parte del *Zollverein* (liga aduanera), se adhiriese « además á la Confederacion del Norte. Después de maduro exámen, el « Gobierno del rey ha respondido negativamente á esa pregunta, pareciéndole de muy dudosa conveniencia poseer en una Confederacion tan « íntimamente unida como la nuestra, al Gran-Duque de Luxemburgo « que, como rey de los Países-Bajos, tiene el centro de su poder fuera « de la Confederacion misma, y cuyos intereses pudieran frecuentemente « estar en contradiccion con los de sus confederados.... El Gobierno prusiano ha creído, además, que, atendidos la situacion geográfica, y el « estado particular del Luxemburgo, era preciso tratar esta cuestion, especialmente, con la mayor circunspeccion. No se ha hecho más que



«justicia á la política prusiana, al decir de ella, en muy alto lugar (el «trono de Napoleon III) que procuraba no excitar la susceptibilidad de «la nacion francesa, naturalmente hasta donde eso es compatible con «nuestra propia honra. El Gobierno Prusiano ha encontrado y encuentra «los motivos que le han hecho adoptar la política que sigue, en la justa «apreciacion que hace de la influencia que sus relaciones amistosas con «una nacion limitrofe, poderosa, y de categoria igual á la nuestra, podrian ejercer en el pacífico desarrollo de la cuestion alemana.»

«Por las mismas razones que de exponer acabo, debo abstenerme de «responder categóricamente, con un *si* ó con un *no*, á la segunda parte «de la interpelacion. Su tenor es tal, acaso, como conviene para agradecerle á una Asamblea popular, que considera el asunto desde el punto «de vista nacional: pero el lenguaje en que está concebida, no es el «que usa la Diplomacia para tratar de las relaciones internacionales, «mientras esas pueden conservar todavia su carácter pacífico.»

Si los ministros de Napoleon III, se hubieran expresado en 1870 con esa cordura, con ese aplomo, con esa dignidad modesta, ante la Cámara de sus Diputados; quizá no lloraria hoy la Francia la irrevocable pérdida de la Alsacia y la Lorena; pero volvamos, para terminarlo, al Discurso de Bismarck, que con esa involuntaria reflexion hemos intempestivamente interrumpido.

«Por lo que respecta á la primera parte de la interpelacion (siguió «diciendo), voy á exponeros francamente el estado del negocio hasta donde «de él tiene conocimiento el Gobierno. — Ese no tiene motivo alguno para «creer que se haya concluido ya un arreglo en que se fije la futura suerte «del Luxemburgo. Tampoco puede el Gobierno, y es natural, afirmar con «certidumbre lo contrario, ni saber positivamente sí, en el caso de que «tal arreglo no se haya aún verificado, no será en este momento inminente. — Los únicos hechos que han movido al Gobierno á ocuparse en «esta cuestion, son los siguientes:

«Muy recientemente S. M. el Rey de los Países-Bajos preguntó á «nuestro Ministro en aquella corte, su parecer sobre la manera en que «el Gobierno Prusiano apreciaria la cesion que el Rey de los Países-Bajos pudiera hacer de su soberania del Luxemburgo.

«Nuestro Ministro recibió orden de contestar que el Gobierno Prusiano y sus confederados, no tenian ahora razon alguna para pronunciarse en esa cuestion; que debian dejarle á S. M. el Rey de Holanda «la responsabilidad de sus propios actos; y que el Gobierno prusiano, «antes de dar su parecer, si á ello se veia obligado, trataria de informarse primero de lo que del negocio pensáran así sus aliados alemanes, como los firmantes todos del Tratado de 1839<sup>1</sup>, y de conocer «tambien sobre el mismo asunto el sentir de la opinion pública en Ale-

<sup>1</sup> Tratado en que se sancionó la separacion de la Bélgica de la Holanda y se determinaron los límites de uno y otro Estado, interviniendo las grandes Potencias.

«mânia, que precisamente tiene hoy en esta Asamblea, un órgano competente.

«El segundo hecho, ha sido este: el Gobierno neerlandés nos ha hecho ofrecer, por su representante en Berlin, sus buenos oficios con motivo «de las negociaciones que suponía debían entablarse entre la Francia y la «Prusia, relativamente al Luxemburgo. Hemos contestado que no podíamos «hacer uso de esos buenos oficios, porque las negociaciones no existían.

«Tal es, señores, la situación en que el negocio se encuentra todavía en este mismo momento, en cuanto el Gobierno pueda saberlo. Insisto en esas palabras: *en cuanto el Gobierno puede saberlo*; y me refiero á lo que he dicho hace pocos instantes sobre la posibilidad de que exista «un arreglo que nosotros ignoramos.—No exigireis de mí que en este «momento haga, como pueden hacerlo un Diputado y la Cámara misma, «públicas declaraciones respecto á las miras y á las resoluciones del Gobierno y de sus confederados, para un caso dado. Los Gobiernos confederados, son de parecer, que ninguna Potencia extranjera intentará «conculcar los incontestables derechos de los pueblos y de los Estados «alemanes; y esperan que podrán mantener esos derechos, y defenderlos «por medio de pacíficas negociaciones y sin comprometer las amistosas «relaciones que la Alemania tiene con sus vecinos, y que los confederados en su justo valor aprécian. Y con tanta mayor seguridad podremos «entregarnos á esa esperanza, cuanto más evidente sea—como con júbilo se lo he oído decir al autor de la interpelación—que sabremos «probar en nuestras deliberaciones, nuestra inquebrantable confianza en «los indisolubles lazos que recíprocamente unen al pueblo alemán con sus «Gobiernos, y á esos Gobiernos unos con otros.»

Así, el hábil Ministro, al propio tiempo que esquivaba cuidadosamente toda frase de tendencia agresiva, y ponía la razón de su parte, manteniéndose en los límites de su estricto derecho, hacia ver discretamente á la Francia y á la Holanda que, si al extremo se proponían usar del suyo en el negocio del Luxemburgo, no necesitaría el Gabinete de Berlin para salirles al encuentro, con el resuelto apoyo de la Alemania entera, más que dejarse ir al enérgico impulso de la opinión pública, unánimemente por todos los partidos en el Reichstag expresada.

Alarmada la Francia con el rápido engrandecimiento de la Prusia, y su hegemonía explícitamente reconocida por la Alemania toda del Norte, á consecuencia de las dos prósperas campañas de 1864 y de 1866, quiso el Gobierno imperial dar en cierta manera satisfacción al orgullo nacional, no solamente privando á la nueva Confederación del Gran Ducado de Luxemburgo, sino agregándole al territorio francés, con el cual confina. Por su parte la Holanda, poco afecta á la Prusia y de su poderío recelosa, prestábase á la cesión, mediante una razonable compensación pecuniaria; y las negociaciones estaban ya en ese sentido muy adelantadas, cuando, aventada la mina, si así se nos permite decirlo, intervinieron en el negocio, como lo hemos visto, parlamentariamente el Reichstag germánico, y por la vía diplomática el Gabinete de Berlin.

La guerra, una guerra europea, cuyas contingencias y resultados era más que difícil prever entonces y que por ende, todos temían, parecía inevitable, y lo hubiera sido, de obstinarse la Francia y la Holanda en su propósito; porque de la Alemania, no cabía duda en que con las armas en la mano había de oponerse á que el Luxemburgo pasará á ser parte del imperio napoleónico.

Las Grandes Potencias, pues, apresuráronse, en virtud de la iniciativa del Gabinete de Berlin, si la memoria no nos engaña, á reunirse en conferencia diplomática en Londres, en el mes de mayo de 1867; y en ella se acordó que, renunciando la Francia á su proyecto de adquirir el Luxemburgo, y la Prusia á su derecho de guarnecer con sus tropas la plaza fuerte del mismo nombre, quedase el Gran-Ducado, bajo la soberanía del Rey de Holanda reconocido como Estado independiente, neutro, é inalienable, bajo la garantía colectiva de las Potencias signatarias de aquel convenio.

La cuestion pues, estaba pacífica, equitativa y definitivamente resuelta, cuando en setiembre de 1867, el Reichstag, que había suspendido sus sesiones el 17 de abril del mismo año, inauguró su segunda legislatura, consagrándose como era natural, en primer término al exámen de la situación política de que, segun costumbre parlamentaria, en el Discurso del trono se le había dado cuenta.

Discutiase el *Mensaje* en contestacion á aquel Discurso el día 21 de setiembre, y habíase ya aprobado un párrafo en el cual la Asamblea, asentando el inconcuso derecho de la Alemania á decidir con soberana independencia todos sus negocios interiores, terminaba con esta enérgica declaracion:

»*La Nacion alemana, confiando en si misma, y decidida á repeler toda tentativa de intervencion (inmixtion) extranjerá, mantendrá, suceda lo que quiera, su incontestable derecho, y lo apoyará con hechos.*»

Así las cosas, y habiendo un Diputado, en el curso del Debate, deplorado la pérdida del Luxemburgo, creyó Bismarck necesario tomar la palabra para fijar, como á nuestro parecer lo hizo con suma lucidez, y de una vez para siempre, los términos de la cuestion, y lo que significaba lo en Londres respecto á ella convenido.

Era un error, decia, suponer que la Alemania había perdido el Luxemburgo á consecuencia de la constitucion de la Confederacion del Norte: aquel Gran Ducado estaba entonces en situación idéntica á la que antes tenía, regido por las mismas leyes y por el mismo soberano gobernado. Lo cedido por la Prusia no fué más que su derecho á guarnecer una plaza fuerte federal un tiempo; y ese derecho en realidad había caducado al disolverse la antigua Confederacion germánica. ¿Qué se quería, pues? ¿Que la Prusia hubiera declarado la guerra, para defender un derecho, cuando menos dudoso? ¿cómo se conciliaban esos belicosos sentimientos, con las objeciones que se hacían, suponiéndole agresivo, al párrafo del mensaje que arriba dejamos copiado? — Lo cedido no era, en resumen, más que el derecho á guarnecer una plaza: pero esa pérdida quedaba



ampliamente compensada con la declaracion de su *neutralidad* del Gran Ducado, bajo la garantia colectiva de todas las grandes Potencias. No habia, pues, razon ni motivo alguno para haber hecho la guerra entonces y el Rey de Prusia habia merecido bien de la Patria resistiéndose á la tentacion, «harto poderosa para un soberano habituado a la Guerra, para «un pueblo guerrero, para un grande ejército, hasta el momento siempre «victorioso.»

«Los Principes Alemanes (decia Bismarck) acostumbran á conducir «y mandar ellos mismos sus Ejércitos en tiempos de guerra; y por tanto, «es para ellos una gran necesidad moral, poder ya en el campo de batalla, ya en el hospital de sangre, afrontar la última mirada del soldado «moribundo, sin que la conciencia les diga: *«esta guerra hubieras podido honradamente evitarla.»*

Maxima profunda, moralizadora y benéfica, con admirable sencillez expresada; y con la cual, dando por más que suficientemente discutida la cuestion del Luxemburgo, pondremos tambien término á este largo articulo.

Madrid, mayo de 1875.

PATRICIO DE LA ESCOSURA.

---

---

# OS PORTUGUEZES

NA

## DESCOBERTA DA AMERICA

---

Congresso internacional de americanistas em Nancy.— Colombo em Portugal.— Tradições portuguezas de terras occidentaes incognitas.— Os Cortereaes.— Descoberta portugueza do extremo N. do Novo Mundo.— Prioridade da navegação portugueza na procura de uma passagem arctica.

Este escripto, enviado ao Congresso internacional de geographia historica, paleontologia e ethnographia da America, de 1875, não teve, em começo, outra pretensão que não fosse a d'uma simples carta indicativa da existencia d'alguns factos portuguezes relativos á descoberta do Novo Mundo,<sup>1</sup> carta que deveria ser dirigida a um dos membros do Congresso e não a este porque mirava mais a sugerir uma idéa do que a affirmal-a. Mas em tres ou quatro dias a carta tomou as proporções de livro, tão opulento é, em Portugal, este jazigo aurifero de factos e tradições concernentes á grande epocha dos descobrimentos. Não foi, porém, sem hesitações e receios que se resolveu a remessa ao Congresso de uma comunicação que a forçada precipitação do trabalho e a situação embaraçosa em que se vê entre nós quem deseja ou precisa dedicar-se a investigações proficuas da historia patria, fazia necessariamente deficiente, truncada, incompleta e, perante os modernos processos scientificos, demasiada perfunctoria.

Todos os meus compatriotas comprehendem de certo qual é a situa-

<sup>1</sup> Por motivos que facilmente se comprehenderão, se supprimem aqui as notas e textos que em grande numero acompanharam o texto francez enviado ao Congresso. Contudo, alguns d'estes textos tem um certo interesse, principalmente para estrangeiros, por serem extrahidos de livros e manuscritos portuguezes, antigos e raros. Dizendo, porém, que essas notas e textos excederam em volume o texto, attingindo um numero pouco inferior a 200, comprehender se-ha porque as suprimimos n'esta publicação.

ção a que alludo: rigorosamente os nossos archivos e bibliothecas são simples armazens de papeis a esmo, e de livros antes inventariados do que catalogados; não é cousa facil frequentar os archivos officiaes, no que não ha realmente motivo para censura porque no estado em que elles se acham, o facil acesso seria um perigo, ou traria ao paiz muitas vergonhas; depois, vencida esta difficuldade, apparece outra quasi invencivel: a de conservar serena a cabeça para procurar o que se deseja no meio do cahos, apesar de toda a boa vontade e intelligente auxilio dos empregados dos respectivos estabelecimentos;— accresce ainda a escacez verdadeiramente extraordinaria de estudos e trabalhos nacionaes sobre a epocha mais notavel e mais gloriosa da nossa existencia politica: a grande epocha em que fomos o povo mais emprehendedor e mais arrojado do velho mundo, a primeira potencia maritima da Europa, os inauguradores da cosmographia, da nautica, da navegação e do commercio moderno.

Parece incrivel, mas a verdade é que depois dos notaveis trabalhos do visconde de Santarem, nem a iniciativa dos governos, nem a dedicacão que infelizmente em Portugal pôde chamar-se heroica, dos particulares, teem prestado á sciencia os serviços que ella tem direito, n'aquelle ponto, a esperar e a exigir de nós. Em Portugal, não ha sequer uma Sociedade de geographia, e, embora alguem procure fazer desapparecer esta deploravel lacuna, os esforços dos poucos amigos dedicados d'estes estudos, não conseguirão tão cedo concorrer ao menos com os estrangeiros na exploração scientifica das nossas proprias colonias!

Uma politica mesquinha, senão imbecil, a par de instituições viciosas, retardatarias e deficientes, assoberba os governos, esterilisa os melhores espiritos e affasta-nos do convivio da sciencia. Os trabalhos e as glorias dos valentes descobridores portuguezes, são todos os dias irradiadas da geographia historica por culpa nossa, e quasi cada anno temos de confiar de arbitragens diplomaticas sempre perigosas e onerosas, a manutenção dos direitos do senhorio portuguez ás nossas terras d'além mar.

Depois de tantas glorificações ineptas e de tantos monumentos absurdos que por ahi se erguem, era tempo de se levantar um monumento que fosse verdadeiramente digno e seria profundamente justo, aos nossos descobridores, a estes audaces trabalhadores dos

mares nunca d'outrem navegados,

que foram tambem trabalhadores prestadios da civilisação moderna. Esse monumento, se era nacional por um lado, teria, por outro, o caracter util e glorioso da universalidade da sciencia; se estimulava o patriotismo, corrigia-o e servia a intelligencia e a historia humana: tal seria a formação d'um instituto especial para a investigação, estudo, collecção e publicação de todos os documentos das descobertas e dos descobridores portuguezes dos seculos XIV, XV e XVI.

Voltando porém atraz, observarei que ás difficuldades esboçadas



acresceu a da escacez do tempo, reduzido a seis ou sete dias para todo o trabalho.

Que pois estas considerações me relevem a insufficiencia d'elle.

## I

É factó tão importante na historia moderna a descoberta da America, envolvem-n'a tantas trevas, e tão incompleto está o trabalho d'este, por assim dizer, segundo descobrimento das velhas civilisações e das velhas raças americanas, que necessariamente a reunião de Nancy ha de chamar a sympathica attenção dos estudiosos e merecer o applauso unanime pelo novo impulso que vem dar ás investigações e ao estudo de tantos problemas.

Na obscura longitude dos meus trabalhos scientificos, eu senti uma jubilosa curiosidade e sympathia, lendo o annuncio-programma d'aquella reunião.

Desejava poder ir receber pessoalmente a luz dos modernos estudos americanistas. Não posso.

Desejava levar lá o modesto contingente de factos collidos na historia e na tradição d'este paiz que foi a segunda patria de Colombo, a patria de sua mulher, a escola e o laboratorio do seu engenho. Não me deu o tempo para isso. Seja-me licito, porém, que ás minhas humildes, mas sinceras felicitações, juncte ao correr da penna algumas informações que, embora insignificantes, talvez possam não ser completamente perdidas e inuteis para o exercicio d'um sãõ criterio na historia do descobrimento do Novo Mundo.

A sciencia não tem patria. Sci-o. Esta religião da verdade não conhece outras fronteiras que não sejam as da verdade mesma. Mas exactamente por este factó a sciencia não deve ser injusta, e se tem de emancipar-se das nobres paixões dos individuos não deve cahir nos vicios de essas ou d'outras paixões.

Em sciencia a injustiça representa uma lacuna ou um vicio de exercicio critico. A victima não é tanto quem soffre a injustiça como a propria sciencia que a commette. Deixou de investigar certos factos, estabeleceu sobre factos deficientes ou falseados o seu *veredictum*: tanto peor para ella. Ora a geographia historica, tem sido por vezes muito injusta para este pequeno paiz que devassou metade do mundo á outra metade. Teem as outras nações glorias de sobejo de que justamente se orgulhem para que precisem prejudicar as que dão a Portugal direito a um logar na historia da civilisação.

E os illustres estudiosos, que sabem amar e honrar suas patrias, sem que esse amor obscureça ou desvaire o amor da sciencia, isto é, o amor da verdade, perdoar-me-hão esta expansão.

N'este proprio factó da descoberta da America, temos um exemplo

do que affirmo. Tem-se escripto que Portugal desdenhara por ignorancia orgulhosa o que se suppõe ter sido a concepção do Novo Mundo por Colombo. Na rejeição do projecto d'este pelo rei João II e pelos seus conselheiros, tem-se pintado com vivas côres a sciencia desdenhada pela obsecação e pelo fanatismo.

Tem-se chegado a affirmar que o rei portuguez abusando da suposta franqueza do grande Colombo, enviara clandestinamente navios com o fim de lhe roubar a gloria da descoberta.

Todos sabem isto. Pois bem. Tudo isto é falso, como naturalmente muitos sabem tambem. E posto que não seja este o meu assumpto seja-me permittido que recorde certos factos, infelizmente pouco conhecidos ou muito adulterados.

O rei João II, foi um dos monarchas mais intelligentes e emprehedores da sua epocha. D'isto dão testemunho todas as historias do tempo e todos os factos do seu reinado. Ao mesmo tempo que realisava em Portugal uma das maiores revoluções politicas da historia moderna, a da centralisação do poder real, continuava com uma presistencia e com uma audacia notaveis o trabalho dos descobrimentos e preparava a descoberta da India. De certo, aquella revolução politica e os meios terriveis da sua realisação, não o tornam sympathico aos nossos sentimentos liberaes de hoje, mas a critica não pôde deixar de reconhecer a grandeza fatal d'este monarcha. João II, porém, realisou outra revolução que mais importa ao nosso assumpto: emancipou a arte da navegação dos escassos meios de que ella dispunha, estimulando os descobrimentos, as relações e o conhecimento das terras ignoradas, protegendo o estudo da cosmographia, etc., etc. E aqui devo lembrar rapidamente quem eram aquelles seus conselheiros que regeitaram o projecto de Colombo. Foi o projecto submettido a D. Diogo d'Ortiz, bispo, e aos *mestres* Rodrigo e José (*Joseph*), *physicos*, como então se dizia, ou medicos do Rei. Á primeira vista nenhum conselho menos competente e mais extravagante; um bispo e dois cirurgiões, um padre catholico e um judeu! Mas, estes padres eram dos primeiros cosmographos e geographos do tempo; eram os collegas de Martin Behaim, outro cosmographo do rei de Portugal, o auctor do celebre *Globo* de Nuremberg; os colloboradores do infante D. Henrique o *Navegador*, os seus confidentes, os seus conselheiros. *Mestre* José e *mestre* Rodrigo, foram os sabios que estudaram, por encargo regio, a maneira de se navegar ao largo, tomando a altura do sol, facto que não foi dos mais somenos com que Portugal contribuiu para a descoberta de Colombo; foram dos principaes auctores das Taboas da Declinação solar, os inventores ou os reformadores do astrolabio, isto é, foram os inauguradores da navegação moderna. Ortiz estudava o problema da descoberta da India e aconselhava o caminho contrario ao que indicava Colombo. Deu-lhe razão o futuro.

Sob a sua direcção se fez a carta que Pero da Covilhã e Affonso de Paiva levaram á descoberta do Preste João, expedição interessantissima para a historia da geographia.

Como cosmographos foram consultados e como eosmographos, e dos primeiros, discutiram e regeitaram as propostas de Colombo.

Martin Behaim, ou como lhe chamam os nossos chronistas Martim da Bohemia, cosmographo do rei portuguez tambem, estabelecido e casado em Portugal não estava aqui n'aquella epocha, mas embora amigo de Colombo e mesmo que tivesse, primeiro do que outros, segundo alguns affirmam, a idéa da existencia da America, é duvidoso que approvasse o projecto de Colombo. Mas em que consistia este? Mas porque foi elle regeitado? Consistia em ir descobrir pelo occidente a ilha *Cypango*, o *Cathay*, etc. De que as lendas e as descrições phantasticas dos antigos e dos viajantes medievicos dominavam o espirito de Colombo confessam-no os seus mais auctorisados chronistas e dá testemunho elle proprio. Bernaldez, seu contemporaneo e amigo, diz que elle lia muito Ptolomeu e Mandeville. N'uma viagem ao norte, diz ter estado na ilha de *Thule*. (*Thyle* de Seneca, Plinio, Jordanes, *Thyle* de Ptolomeu, Pytheas, Prisciano, Moysés Khoren?) Quando aporta a Lisboa depois da descoberta das Antilhas, gaba-se de ter descoberto o *Cypango*. Exporia Colombo aos conselheiros portuguezes tudo o que sabia, todos os elementos com que contava, todas as informações que recebera?

É quasi certo que não. Barros conta que o Conselho regeitara o projecto porque todos «houveram por vaidade as palavras de Christovão Colon *por tudo* ser fundado em imaginações e cousas da ilha Cypango de Marco Paulo...»

André Bernaldez, conta que «não se deu credito a Colombo porque o Rei de Portugal tinha muitos sabios e bem afamosos marinheiros.»

Por outro lado sabe-se que os conhecimentos cosmographicos dos portuguezes tinham entrado n'um caminho positivo. Ha na Bibliotheca de Paris uma collecção de Portulanos portuguezes do seculo XVI, onde se encontram indicações e observações astronomicas d'um caracter essencialmente positivo, em contraposição com a astrologia medieval. Este caracter reflectia-se necessariamente na concepção geographica, até pelas successivas descobertas. Como explicar que se rejeitasse a idéa de Colombo por absurda, se elle apresentasse clara e cathegoricamente a da existencia de terras occidentaes, quando a noção da existencia d'essas terras já começava a dominar os espiritos e originara certos descobrimentos (os Açores, por exemplo)? E ainda quando Colombo apresentasse a idéa d'um caminho para a India pelo oeste, a explicação da opposição soffrida é difficil, quando se sabe que essa idéa já apparecera em Portugal, e na cabeça d'um rei portuguez.

Estes factos são de facil comprovação.

Procurando dará navegação os meios de sahir da sua forçada condição de costeira, habilitando-a a fazer-se no largo oceano, guiada somente pelas indicações sideraes, inventando o astrolabio, fixando as variações da bussola, estudando o uso e as relações da «agulha de marear» formando taboas de Declinação: os pilotos e cosmographos portuguezes miravam de certo mais longe do que a percorrer as costas da Africa.



Pedro Nunes, o grande mathematico e o grande cosmographo, infelizmente tão pouco conhecido na Europa que uma das suas invenções de character mais commum usa ainda o nome de Vernier, observa como ás navegações portuguezas presidiam as ideas e os methodos scientificos, factos alias facil de conhecer por um ligeiro estudo das instituições do infante D. Henrique e subsequentes, bem como dos documentos existentes nos nossos archivos e chronicas.

O Visconde de Santarem, o honrado escriptor que maior somma de documentos pôde consultar sobre as descobertas portuguezas, diz terminantemente e baseado em factos que «mais de 20 annos antes da descoberta da America por Colombo os portuguezes se occupavam em procurar uma passagem para o occidente para chegar á India.»

Sabe-se que Affonso V, pae de João II consultara o famoso astrologo florentino, Toscanelli (1474) sobre a passagem pelo oeste «para o paiz onde nascem as especiarias,» e que quando Colombo consultou o illustre author do *Gnomon* de Florença sobre a navegação no rumo do occidente, elle lhe respondeu, enviando-lhe a copia da carta que escrevera ao conego portuguez Fernão Martins acerca da idea do rei. Em uma nota do seu «Globo,» Martin Behain diz que dois navios apparelhados para uma viagem de dois annos, por ordem do infante D. Henrique «fizeram sempre vela para o occidente pouco mais ou menos na distancia de quinhentas leguas, descobrindo os Açores; «e esta navegação occidental se repetiu depois da descoberta das primeiras ilhas d'aquelle archipelago. Como terei occasião de referir, desde o meado do seculo XV apparecem varias doações de terras povoadas ou não povoadas por descobrir para o lado do occidente, doações facilmente dadas.

Las Casas, como observa o Visconde de Santarem e como já observara Humboldt «Las Casas tinha em seu poder em 1502 cartas de Colombo sobre os indicios de terras occidentaes, colhidos por pilotos portuguezes.» Muitos outros factos poderia citar-se outro não fosse o meu fim. Porque seria pois que os projectos de Colombo foram regeitados pelo governo e pelos cosmographos portuguezes como o foram depois pelo rei d'Inglaterra, por D. Henrique de Guzman, duque de Medina Sidonia, por D. Luiz de la Cerda, duque de Medina Celi e durante muito tempo pelos reis Catholicos?

Se não foi como não podia ser por se supôr absurda a descoberta da India pelo oeste, nem a existencia de terras occidentaes, seria porque, como dizem alguns, como diz Michelet, *les portugais ne voulaient employer que des hommes A EUX et de l'école qu'ils avaient formée?*

Nunca uma asseveração de homens illustrados e graves foi mais eloquentemente desmentida pelos factos.

Não é necessario lembrar as relações do Infante D. Henrique com J. de Malhorca e outros sabios estrangeiros; não é mesmo necessario lembrar que exactamente Christavão Colombo se formara na eschola portuguesa, que com os portuguezes aprendera, que em companhia dos portuguezes navegara até ás ultimas fronteiras dos descobrimentos portu-

gueses, que em Portugal se casara, estabelecera e ganhara a vida, e que ainda na sua terceira viagem, por indicação portuguesa se guiara, propondo-se a navegar alem do equinoxial para o occidente, «até que encontrasse terra, para se certificar se o rei João de Portugal se enganara quando este soberano affirmava que para o sul se estendia uma terra firme», como diz o Padre Manoel de la Vega na sua obra *del descobrimento de la America* publicada pela primeira vez em 1826 no Mexico por Bustamante. Não é necessario tambem lembrar outros muitos factos relativos á vida de Colombo, entre os quaes a carta que lhe escreveu o rei portuguez em 1488; carta pela qual se vê que Colombo, pensava ainda em servir Portugal e em fazer a sua descoberta por conta dos portugueses:

«A nosso special amigo Christovam Colombo em Sevilha, etc.»

Chamamos apenas á authoria o proprio testemunho estrangeiro. Na «*Histoire de la premiere... conquête des Canaries faite dès l'an 1402 por messire Jean de Bethencourt, écrite du même temps*» (publ. em Paris, 1630) diz-se:

«Si aucun noble prince du royaume de France ou d'ailleurs voulait entreprendre aucune grande conquête par decà qui serait une chose bien faisable et bien raisonnable le pourrait faire à peu de frais... car Portugal et Espagne les fourniraient pour leur argent de toutes vitailles et de navires plus que nul autre pays et aussi de pilotes qui savent les ports et les contrées.»

Os nomes de João de Bruges, feito donatario d'uma das ilhas dos Açores, de Joz van Huerter, (*Joz, Job*, ou *João da Ultra* ou *d'Ultra*) de João Behain, de Jehan da Nova, de *Balarte* (sic), de Cadamosto, de Vinet, de muitos estrangeiros acolhidos honrosamente por Portugal, empregados nas suas navegações, entregues ao estudo dos seus progressos maritimos, estabelecidos nas terras descobertas e conquistadas, o proprio nome de Colombo, de seu irmão Bartholomeu Colombo, do commercio d'um e d'outro em cartas maritimas, das viagens do primeiro nas ilhas recentemente descobertas, da sua ida á Mina, testificada por seu filho F. Colombo, desmentem completamente a arbitraria e imaginosa asserção.

Alem dos numerosos privilegios geraes e especiaes concedidos aos estrangeiros, — entre os quaes não eram dos menos favorecidos os genoveses, os pisatinos e os venesianos, — repetiam-se as recommendações regias de protecção, e concediam-se facilmente cartas aos estrangeiros que quizessem considerar-se como naturaes.

Era immensa a colonisação estrangeira no reino e nas terras descobertas. Em 8 de junho de 1433 mandam-se observar escrupulosamente as cartas que os estrangeiros tenham para serem havidos como naturaes Pouco depois recommenda-se categoricamente que ninguem incomode os negociantes pisatinos, genoveses e mais estrangeiros que venham a Lisboa. Em 1452 (março 20) novos privilegios aos allemães, franceses, ingleses etc. Em 1497 (28 de junho) permite-se aos estrangeiros o commercio livre com Arzilla e reino de Fez.

Se as Cortes d'Evora 1481-1482 observam ao rei que os florenti-



nos e genoveses que abundavam em Lisboa podiam descobrir os segredos da Mina e Ilhas, esta recommendação refere-se aos aventureiros e exploradores adventicios que se propusessem a quebrar o direito constituido segundo as ideas da epocha, do dominio e commercio exclusivo da bandeira portuguesa.

Bartholomeu Colombo que vivia em Lisboa, fazendo cartas de marear e colhendo as informações dos descobrimentos portugueses, nunca foi incommodado; Christovam Colombo aqui viveu, esteve nos Açores, estabeleceu-se no Porto Santo e Madeira, percorreu as novas conquistas portuguesas até S. Jorge da Mina e ninguem o impediria, decerto, de ir descobrir novas terras como o foi o seu compatriota o genovez Antonio de Nola (1443, etc), como foi Cadamosto (Id.), como foi o gallego Jehan da Nova (1501); e Ferdinand Vinet (este até em navio d'um Florentino, residente em Lisboa, Bartholomeu Marchioni) e tantos outros.

Quando Colombo chega a Lisboa no regresso da sua primeira viagem, o rei portuguez recebe-o excellentemente, protege-o contra as suspeitas de que em vez da ilha de Cypango que elle dizia *ainda* ter descoberto, tivesse feito excursão em terras consideradas do senhorio portuguez, soffre-lhe as recriminações e os orgulhos que pelo dizer dos historiadores chegaram a ser exagerados e offensivos, e deixa-o ir em paz. Manda então é certo, aprestar uma armada sob o commando de D. Francisco d'Almeida mas é só para verificar se aquellas suspeitas são fundadas, e manter o senhorio da bandeira portuguesa, segundo as ideas da epocha; expedição que comtudo não produz resultados por pedido e garantia dos reis catholicos.

Não, não foi por ignorancia orgulhosa que o rei portuguez e os seus conselheiros regeitaram o projecto de Colombo, foi pela forma d'esse projecto. Todos os historiadores confessam que Colombo pintava com as mais maravilhosas cores as terras que se propunha descobrir e apresentava exigencias extraordinarias como nenhum outro navegador fizera ainda. Seu proprio filho indica este facto explicando-o pelo desejo que tinha Colombo de que a sua descoberta aproveitasse em honras aos seus descendentes. A asserção de J. Washington, se bem me lembro, de que os escriptores portugueses inventaram posteriormente «esta accusação de vaidade» contra Colombo, é completamente falsa. A sciencia pode ser vencida pelo acaso, muitas vezes o tem sido. Mas se não foi por mero acaso, (como creio que não foi) que Christovão Colombo procurando, segundo dizia, o Cypango ou a Antilia, como outros já tinham procurado, descobriu as ilhas americanas e mesmo uma parte do continente, tambem não pode dizer-se que errasse a sciencia dos que negavam que por aquelle caminho, Colombo descobrisse as terras maravilhosas que denunciava, porque a verdade é que não as descobriu. Insultase e deprime-se a sciencia dos cosmographos portugueses que viram na empresa proposta um encargo oneroso para a Nação sem a necessaria segurança de exito e fundado apenas em algumas das muitas fantasias romanescas que corriam. É alem de injusta, contraproducente a arguição:



Colombo não descobriu o que promettia descobrir e a sua sciencia não era tanta que elle não dicesse ainda depois da primeira descoberta que dera com o Cypango; ou que não supposesse ter descoberto a Antilia ou as costas da India; não era tanta a sua sciencia que tivesse a noção do prolongamento do Continente americano; que aportando, depois de descobrir as Antilhas, aos Açores onde vivera, não confessasse que não soube logo e só no dia seguinte que abordara á Ilha de Santa Maria, e emfim que Jeronimo Girava Tarracones, *vir magno ingenio et præclara eruditione* como lhe chamavam contemporaneos não diga na sua *Cosmographie* (publ. Milan: 18 abril 1556) «Toute la terre nouvellement découverte s'appelle *India* parce que Christophe Colomb, de Gênes, grand marin et cosmographe médiocre quand il obtint la permission pour découvrir des terres en 1492 les appela *Indes...*» (apud Sant.)

E tambem não é justo accusar, sem provas a má fé dos conselheiros portuguezes, para mais exaltar Colombo cuja boa fé não parece ter sido tamanha que o levasse a confessar oficialmente que dos pilotos portuguezes recebera pelo menos indicios da existencia de terras occidentaes como alias diz o seu contemporaneo Las Casas ter encontrado nos proprios papeis d'elle, em 1502; como dá claramente a entender outro seu contemporaneo Antonio Gallo, como o affirmam muitos escriptores da melhor e mais fundada auctoridade; nem que o impedisse de negociar ao mesmo tempo com mais d'um Governo.

Eu, não tenho a menor idea de deprimir o vulto de Colombo, glorificado pelos seculos e comtudo victima durante seculos d'uma das mais injustas e audaciosas mystificações que a historia registra: a mystificação «Americo Vespucio.»

Indico apenas alguns pontos da defesa de João II e dos seus illustrados conselheiros, a quem a geographia, a cosmographia e a navegação tanto devem.

Ninguém decerto me levará tambem a mal que eu reunindo factos dispersos, esquecidos ou viciados, procure contribuir para que se dê aos navegadores portuguezes a parte que deva pertencer-lhe na gloria da descoberta do Novo Mundo.

Colombo vem para Portugal em 1470 ou 1471. Irving Washington, se bem me lembro, fundado em Zurita, e antes desse outros, fallaram d'um Colon ou Culombo, «almirante genovez», que «condusira na sua esquadra, ao meio dia da França o rei de Portugal.» Este facto lisongeira por um lado os que não se dispensam de procurar illustres genealogias aos homens illustres contra a quasi constante contradição dos factos, e por outro é aproveitado pelos que entendem dever dar a Colombo desde o berço uma tradição ou uma educação essencialmente maritima. O facto é insignificante mas convém corrigil-o nas biographias do illustre descobridor.

O rei de Portugal Affonso V partiu de Lisboa em agosto de 1476 para o meio dia da França, onde desembarcou n'uma esquadra *portuguesa* de 16 navios e 2.200 homens de guarnição. Barante diz que fora

na esquadra d'um vice-almirante Conlom mas é que Barante confunde os factos. Coulon era um illustre corsario *francez* que prestara certo serviço a Portugal e estava na bahia de Lagos quando a esquadra de Affonso V alli arribou. Sabedor das relações de amizade e alliança do rei portuguez com Luiz XI, Coulon foi comprimentar Affonso V que o recebeu excellentemente não só porque era francez mas porque ajudara a levantar um cerco posto a Ceuta por castelhanos e mouros.

Os genoveses de nobre procedencia que vinham a estabelecer-se em Portugal apressavam-se em justificar a sua nobresa perante o governo, tiravam della diploma, como se poderia provar com o exemplo de muitos *genoveses* e outros contemporaneos de Colombo que se estabeleceram nas novas ilhas. Não só nunca fizeram isto os Colombos (Bartholomeu e Christovam) mas viveram modestamente da sua industria de cartas maritimas, sendo unanimes os chronistas em consideral-os de humilde condicção. Não parece menos confusa a asserção de que Colombo naufragara em Portugal em consequencia d'um combate naval nas suas costas entre genoveses e venesianos, em 1485. O que consta com relação a este anno é que os francezes, porventura a esquadra de Coulon, assaltaram e tomaram no Cabo de S. Vicente quatro galés de Venesa que iam muito carregadas para Flandres, sendo os capitaes lançados em Cascacs. Todos concordam em que Bartholomeu Colombo, estava já estabelecido em Lisboa, na industria de cartas maritimas, industria em que collocou ou iniciou seu irmão. Antonio Gallo, contemporaneo, afirma positivamente que a existencia do «mundo a que chamam India» não fora revelado a Colombo pelas suas proprias meditações mas por seu irmão Bartholomeu Colombo «o qual concebera a possibilidade de se effectuar uma navegação na direcção do oeste, em rasão de marcar os descobrimentos portugueses realizados alem de S. Jorge da Mina, sobre os Mappa mundi que desenhava em Lisboa para ganhar a vida. E este Bartholomeu que vae depois a Inglaterra propor o projecto de Colombo e que ali publica em 1489 o primeiro Mappa mundi que ali appareceu, dedicando-o a Henrique VII; e Garibay diz que os Reis Catholicos o fizeram *Adelantado* pelo muito que contribuiu *antes e depois* da viagem da descoberta, para esta.

Fosse porem qual fosse a epocha da chegada de Colombo a Portugal é certo que ia já muito adiantado o movimento naval e descobridor inaugurado pela eschola de Sagres e que as primeiras difficuldades, quer com relação ao temor que inspiravam os mares longieuos quer a respeito dos meios de navegar estavam vencidas aqui.

Já em 1336 navegaramos até ás Canarias; descobrimos o Porto Santo, a Madeira e os Açores; Diniz Fernandes fora (1439 ou 1440) até ao Senegal; organisara-se a Companhia de Lagos (1444) para descobrir terras novas; Vicente Dias, levando na sua caravella Cadamosta passara o Senegal para o Sul, e com Antonio da Nola tinham descoberto a Gambia, que segundo o dizer dos historiadores era «o paiz que o infante D. Henrique determinadamente os mandara descobrir; Gonçalo de Cintra

passara alem do Rio do Ouro, (1445.— G. de Gocintra. de Ortelius); estava devassado o archipelago de Cabo Verde e o Rio Grande e neste ultimo ponto se reuniam já em 1447 muitos navios do Reino e Ilha da Madeira; estava descoberta a Mina; em 1484 era-o o Congo, em summa, para mostrar o grande incremento que a navegação e os descobrimentos propriamente portuguezes tinham tido, basta lembrar que quando Cadamosto, o primeiro Venesiano que navegou fóra do estreito de Gibraltar para o sul, segundo Marco Barbaro entrou no serviço de Portugal, «já a costa d'Africa tinha sido explorada alem do Cabo Bojador, exclusivamente pelos portuguezes até alem da Serra Leoa; 51 caravellas portuguezas inham explorado a dita costa até ao anno de 1446 e 62 principaes navegadores portuguezes a tinham descoberto.

(Continuará)

LUCIANO CORDEIRO.



---

# APUNTES

PARA EL

## ESTUDIO DE LA HISTORIA

---

### VI

#### PRIVILEGIOS GENERAL Y DE LA UNION.

Grande y obstinado ha sido el empeño de muchos escritores, en combatir la autenticidad de las doctrinas constitucionales de Aragon que vamos exponiendo; pero estas no solo se hallan conformes con las primeras disposiciones de los códigos de Sobrarve y corroboradas por la larga y frecuente práctica de los derechos consignados en ellas, sino que se encuentran repetidas en monumentos legislativos posteriores; alguno de los cuales, como el de los Privilegios de la Union, ha sido bien difícil salvar, despues del dilatado periodo en que no fué lícito ni hablar de que habian existido, mandándose destruir todos los ejemplares oficiales y particulares, conminando con severísimas penas á quien, en todo ó parte, los recordase de palabra ó por escrito y llevando la prevision del ensañamiento real hasta omitir la fecha de estos Privilegios en el acta que los derogó; cuyas precauciones no impidieron se librasen de tan dura persecucion, habiendo llegado á nuestros tiempos íntegros y completos, para confusion de los que se aprovecharon de lo referido al redoblar sus ataques contra la autenticidad de las antiguas libertades aragonesas.

Pero no anticipemos los hechos, sacándoles de su orden metódico; y antes de hablar de los *Privilegios de la Union*, ocupémonos del *Privilegio General*.

Este tuvo su origen en la necesidad que experimentó el reino de completar el código foral ó compilacion de leyes, que se habia llevado á cabo con intervencion de las Cortes, pero por la iniciativa del rey D. Jaime el Conquistador y encomendada la ejecucion al obispo de Huesca,

D. Vidal de Canellas, jurisconsulto de la escuela absolutista de Bizancio y teólogo y canonista ultramontano, quien asió de tan buena ocasion, para dejarse llevar de sus instintos y opiniones y servir al mismo tiempo los propósitos del monarca en cuya privanza estaba.

Obedeciendo á estos impulsos, *se olvidó* de compilar las leyes políticas, procurando debilitar su observancia y preparar su desuso; pero fué vano empeño, porque el amor á sus instituciones habia grabado un código imperecedero en el corazon de los aragoneses, que les bastó para acudir, cuando lo creyeron conveniente, á los remedios forales y les aconsejó bien pronto, evitar el riesgo en que esta omision intencionada ponia á sus franquicias populares, como lo hicieron presentando sus agravios en las Cortes de Tarazona y Zaragoza de 1283 y enriqueciendo su coleccion legislativa con el Privilegio General, que vino á confirmar sus antiguas libertades, como trasunto de las leyes primitivas de Sobrarbe al par que constituyendo la *Carta magna aragonesa*.

Sus principales disposiciones, que extractaremos por no dar más extension de la que corresponde á este *Apunte*, se redujeron á sujetar á los señores al fallo del Justicia mayor, en los casos de deslealtad ó agravio al rey *ó al reino*, declarando si debian ó no continuar en sus señorios, y que estos constituian parte integrante del territorio y dominio eminente del Estado; á confirmar lo de que el rey no podia declarar la guerra, ni hacer paz, ni nada importante á las Universidades del reino, sin el consejo de los ricos-hombres, mesnaderos, caballeros y hombres buenos del mismo; á prohibir la *Inquisicion* ó procedimiento de oficio en materia criminal, declarando de la competencia del Justicia todas las causas; á prescribir que todos los jueces fuesen naturales del territorio, así en Aragon, como en Valencia y Ribagorza; que no salieran del reino los pleitos; que se admitiese fianza de derecho á los encausados; y que fuese anual la convocatoria de Cortes.

Pero los más notables y encarnados, por decirlo así, en la antigua historia de las libertades aragonesas, son los Privilegios de la Union, ejercitados desde los tiempos más remotos y cuyo origen, segun Molino y Fraggia y las principales autoridades en el asunto, viene directamente del pacto fundamental de la monarquia.

Omitidos estos Privilegios en el Código de Huesca, como los de más Fueros políticos, hubieron luego de consignarse solemnemente por escrito, para atajar las demasias del monarca, de quien fueron firmísimo valladar durante muchos siglos, como lo prueban repetidos ejemplos en los reinados de Pedro II, de Jaime I y otros vários; haciendose reconocer y proclamar como legitimos por D. Alonso el Franco, en términos los más explicitos y cuyo alcance es tan grande, por lo relativo á la facultad de desobedecer y destronar al rey, eligiendo el que sus súbditos quisieran, que dificilmente formará idea de ellos quien no lea las palabras mismas, por lo menos de uno de los expresados Privilegios.

Estos notables y curiosísimos monumentos históricos se conservaron despues de su anulacion, á pesar de todas las prohibiciones y penas á

que el hacerlo expuso durante siglos, en la Biblioteca del Arzobispo de Zaragoza, D. Fernando de Aragon, hijo del prelado de la misma Diócesis, D. Alonso, y nieto, en consecuencia, del rey católico. Zurita los vió allí y los extractó en sus Anales. Blancas todavía no se atrevió á insertarlos en la impresion de los Fastos de los Justicias de Aragon, pero los consignó en el código autógrafo, cuyo cotejo hizo en 1856 D. Manuel Lasala con otro de la época de Pedro IV, que existe en la Academia de la Historia, de mayor antigüedad, por lo tanto, que los escritos de Blancas, resultando completamente conformes en lo relativo á la redaccion de dichos Privilegios.

Su importancia para la historia de las libertades públicas y conocimiento de la índole eminentemente democrática de nuestras antiguas instituciones forales es de primer orden; por cuya razon, siendo documentos poco sabidos y hasta ignorados por completo durante una larga época en que nadie osaba hacer la menor referencia de tales Fueros, creemos prestar un servicio á muchos de nuestros lectores, dándoles cuenta siquiera del contenido del primero. Dice así:

«Sepan todos: Que nos D. Alfonso, por la gracia de Dios, Rey de Aragon, de Mayorchas, de Valencia, Comte de Barcelona, por nos e por nuestros successors que por siempre regnaran en Aragon, Damos et otorgamos á vos nobles D. Fortunyó por aquesa misma gracia Vispe de Caragoza, D. P. Seynnor de Ayerbe, tio nuestro, D. Eximen de Urreya, D. Blasco de Alagon, D. P. Jurdan de Penna Seynnor de Arenoso, D. Amor Dionys, D. C. de Alcala de Quinto, D. P. Ladron de Vidaure, D. P. Ferriz de Jessé, Fortun de Vergua Seynnor de Penna, D. Gil de Vidaure, D. Corbaran de Dannes, D. Gabriel Dionys, D. Pero Fernandez de Vergua, Seynnor de Pueyo, D. Xemen Perez de Pina, D. Martin Roy de Foces, Fortun de Vergua de Ossera, et á los otros, Mennaderos, Caballeros, Infanzones de los Reynos de Aragon et de Valencia et de Ribagorza agora ajuntados en la ciudad de Caragoza, et á los procuradores et á toda la Universidad de la dita ciudad de Caragoza, así á los clérigos como á los legos, presentes y advenideros; Que nós ni los nuestros successors, quien el dito Reyno de Aragon por tiempo regnaran, ni otri por mandamiento nuestro, matemos ni estenuemos, ni matar ni estenuar mandemos, ni fagamos ni preso ó presa sobre fianza, agora ni en algun tiempo alguno, ó algunos de vos sobre ditos Ricos-omes, Mesnaderos, Caballeros, Infanzones, Procuradores é *Universidad de la dicha ciudad de Caragoca*, assi clérigos como legos presentes et advenideros, ni encara alguno ó algunos de los otros Ricos-omes, Mesnaderos, Caballeros, Infanzones del Reyno de Aragon, del Reyno de Valencia et de Ribagorza ni de sus sucesores sin de sentencia dada por la JUSTICIA DE ARAGON, dentro de la ciudad de Caragoca, con conseyllo et otorgamiento de la cort de Aragon, ó de la mayor partida clamada et ajustada en la dita ciudad de Caragoca. Item damos et otorgamos á los *omes de las otras ciudades, villas é villeros é logares de los ditos Reynos* de Aragon et de Ribagorca, é á sus successors, que no sian muertos ni estenuados, ni detenidos sobre fianza



de dreyto *sines sententia dada por los Justicias de aquellos logares por qui deban seyer jutgados*, segun fuero si duncas no será ladrón ó ropador manifesto. Et si por aventura algun justicia o official contra aquesto fará, sea del feyta justicia corporal. Et á observar, tener, cumplir é seguir el present privilegio et todos los sobre ditos capitulos, ó articulos, y cada uno de ellos et todas las cosas y cada uno en ellas et en cada uno de ellos contenidos, et non contravenir por nos ni por otri por nuestro mandamiento en todo ó en partida agora ni algun tiempo, obligamos et ponemos en tenencia, et en rehenes á vos et á los vuestros successores aquestos castiellos que siguen, es assaber, el castiello de Monclesse. Item, el castiello de Boleya. Item el castiello dito de Uncastiello. Item, el castiello de Vardeyon. Item, el castiello de Somet. Item, el castiello de Borja. Item, el castiello de Rueda. Item, el castiello de Daroca. Item, el castiello de Hueca. Item, el castiello de Moriello. Item, el castiello de Uxon. Item, el castiello de Exativa. Item, el castiello de Biar. Justa condicion: Que si nos ó los nuestros successores qui por tiempo regnarsen en Aragon, faremos et ieurremos en todo ó en parte contra el dito privilegio, ó contra los sobre ditos capitulos ó articulos é las cosas en ellos é en cada uno de ellos contenidos: que de aquesta hora en adelante, nos é los nuestros hayamos perdido para todos tiempos todos los ditos castiellos. De los cuales castiellos vos é los vuestros podades facer é fagades á todas vuestras propias voluntades, asi como de vuestra propia cosa: et dar et librar aquellos castiellos si querredes á otro Rey et Seynnor por esto. *Por que si lo que Dieus non quiera, nos é los nuestros successores contraviniesemos á las cosas sobre ditas en todo ó partida; queremos é otorgamos, et expresiament de certa sciencia assi la hora como agora consentimos, que de aquella hora á nos ni á los successores en el dito Reyno de Aragon non tenyades ni hayades por Reyes nin por Seynnores en algun tiempo. Antes sines algun blasma de fé é de leyaltad* PODADES FACER ET FAGADES OTRO REY ET SEYNNOR QUAL QUERRADES E D'ON QUERRADES *et dar é librarle los ditos castiellos: et á vos mismos en vasallos suyos.* Et nos ni los nuestros successores nunca en algun tiempo á vos ni á los successores demanda ni question alguna vos fagan, ni facer fagamos ni ende podamos facer. Ante luego present por nos é por nuestros successores soldamos disfinidament e quanta á vos et á nuestros successores de fé de jura de naturaleza de fiedat de Seynnorio de Vassalicio, et de todo otro cualquiera deudo que vassayllo ó natural debe y es tenido á Seynnor el cualquiera manera ó razon. Et todos los sobredichos articulos ó capitulos e cada uno de ellos et en el dito privilegio contenidos attender et cumplir et seguir et observar en todos tiempos, et en alguna no contravenir por nos é los nuestros successores, juramos á vos por Dios é la cruz é los Santos Evangelios delante de nos puestos et corporalmente tocados. *Actum est caesarauguste quinto calendas Jannuarii. Anno Domini M. CC. LXXX septimo.*

*Signum Alfonsi Dei gratia Regis Aragonum Mayoricarum et Valentiae ac comites Barchione.*

*Testes sunt Ar Rogeris comes Pallyariensis. P. Ferdinandi dominus de Yzar patruus praedicti domini Regis. C. de Anglana. Br. de podio viridi. Petrus Sess.*

*Signum Jacobi de Cabañas scriptoris dicti domini Regis, Qui de mandato ipsius hoc scribi fecit et claussit, loco, die et anno praefixis.*»

El otro de los Privilegios de la Union empieza en los mismos términos y contiene las mismas solemnidades del que hemos transcrito; citando, con cortas variaciones, las mismas personas; por lo que, y para evitar la pesadez de la repetición, nos limitaremos á presentar únicamente la parte principal del compromiso con el reino.

«Qui de aquí adelant nos et los successores nuestros á todos tiempos clamemos et fagamos ajustar en la dita Ciudad de Caragoca, una vegada en cada un año en la fiesta de todos Santos del mes de Noviembre cort general de Aragoneses. Et aquellos qui á la dita cort se ajustaran, hagan poder de estar, dar et assiguar, et assianden et assignen conseylleros á nos et á los nuestros sucesores. Et nos et los nuestros sucesores hayamos et recibamos por conseylleros aquellos que la dita cort ó la parte della concordant á aquesto con los Jurados, ó procuradores de la dita Ciudad esleyrán, daran et assignaran á nos é á los nuestros successores. Con cuyo conseyllo nos é los nuestros sucesores governemos é administremos los Regnos de Aragon, de Valencia et de Ribagorca. Los ditos conseylleros empero, juren en la entrada de su officio, consylar bien é lealment á nos é á los nuestros et usar de su officio, et que non pregnan ningun servicio ni dono. Los cuales Conseylleros sian canciados todos ó partida de ellos quando á la Cort visto será, ó á aquella parte de la Cort, con la qual acordaran los procuradores ó los jurados de Caragoca. Item damos, quereamos et otorgamos á vos, que nos ni los nuestros successores, ni otri por nuestro mandamiento, non detengamos presos, embargados ni emparados sobre fianza de dreyto, heredamientos, ni cualesquiera otros bienes de vos sobreditos nobles, ricos-omes, Mesnaderos, Caballeros, ynfanzones del dit Regno de Aragon, del Regno de Valencia et de Ribagorca, sines de sentencia dada por la JUSTICIA DE ARAGON, dentro de la ciudad de Caragoca etc. etc.»

Sigue confirmando parte de lo ya expuesto en el otro Privilegio, dando rehenes de castillos y conminándose el Rey á sí mismo y á sus sucesores con la pena de destronamiento y elecciones de nuevo monarca, á gusto y placer de sus súbditos.

No creemos que hayan existido en país alguno disposiciones legales de la fuerza y lujo de amenazas contra el poder, como los que estos Privilegios encierran para limitar la autoridad real y ensanchar la del pueblo, representado, como hemos visto, por los *procuradores y Universidades*, á la par de los ricos-hombres, mesnaderos, caballeros é infanzones.

Y estas franquicias, estos recursos forales, estas facultades populares, en una palabra, estas instituciones eminentemente democráticas, estos derechos de Soberanía nacional, con frecuencia ejercitados, imperaban durante la Edad-media en esta misma España de 1874-75.

El curso de nuestros *apuntes* nos llevará, como por la mano, á la explicacion natural y sencilla de semejante anomalía. ¡Ojalá contribuyan estos modestos estudios á dirigir los impulsos liberales que conmueven el seno de nuestro pueblo, por el camino recto, verdadero y seguro de su emancipacion moral y material, base de prosperidad y dignidad para las sociedades políticas!

Ruda fué, sin embargo, la prueba por que atravesaron las libres instituciones aragonesas durante la época aciaga de los tres Pedros, reinando el uno en Portugal, otro en Castilla y el tercero en Aragon, y no existiendo verdadero motivo para que solo al castellano le otorgase la historia el sobrenombre de *Cruel*, que pudieron disputarle sus dos colegas. Á fin de que el cuadro fuese completo, ocupaba, tambien, el trono de Navarra un Carlos, que aunque no tan perverso como los referidos, mereció ser llamado *el Malo*.

Habíase, por consiguiente, desencadenado sobre la Península ibérica una especie de peste régia que amenazaba concluir con todo lo que pareciese estorbo de la soberbia y de la arbitrariedad; pero es tanta la fuerza de las buenas prácticas, cuando han echado raíces en el corazon de un pueblo, que resisten á semejantes embates y aun salen á veces más firmes y acrescentadas de la lucha, sobreponiéndose á su vencimiento momentáneo, como ocurrió con las libertades de Aragon en este fatal reinado.

Al coronarse D. Pedro IV, llamado por unos *el del Puñal* y por otros *el Ceremonioso*, habia subido á un grado muy elevado la prosperidad del reino, conocido y respetado en el mundo por la brillantez de sus empresas militares y lo importante de sus conquistas exteriores: el lujo rayaba á tal altura que D. Pedro, para celebrar su coronacion, hizo servir en su palacio una comida abundante y delicada á más de diez mil personas, en mesas cubiertas de ricas vajillas de oro y plata.

Hacemos esta indicacion para que el lector pueda apreciar la circunstancia del poder que proporciona la riqueza, puesta al servicio de una institucion como la monarquía; y juzgue, con mayor acierto, del mérito que presenta el resultado definitivo de la contienda entablada entre el rey y los fueros, de los que quiso prescindir hasta para la sucesion de la corona.

Confederados los Unidos y habiendo pasado el monarca por infinitos disgustos y humillaciones, entre estas la de *hacerle bailar*, lo mismo que á la reina<sup>1</sup>, y hostigado por Don Bernardo de Cabrera, que le increpaba

<sup>1</sup> . . . aquella noche subieron al palacio (las gentes del pueblo valenciano) y entrando al cuarto del rey, sin que nadie se atreviese á resistirles, llegó su grosera imprudencia hasta solicitar que el rey y la reina habian de bailar con ellos; y el disimulo del rey llegó tambien hasta á condescender con tan indecente demanda, dejándose gobernar de un barbero, que por ser el maestro de la danza, puesto en medio del rey y la reina, les servia de guía, y porque el oído tuviese tambien su parte en la molestia de tan forzada diversion, contaba el barbero unas coplas cuyo estrivillo era: *Mal haya quien se partiere*; que para los deseos que



á causa de su debilidad; el Ceremonioso creyó llegado el momento de recoger el fruto de su anterior sistema, que consistía en aparecer, con falsedad, arrepentido y dispuesto á acatar la voluntad del reino.

A este fin, confirmó expresamente, en las Cortes de Zaragoza de 1347, los notables Privilegios de la Union, que dejamos transcritos; pero haciendo, en secreto, la protesta, de que obraba obligado por la fuerza; y accedió á cuanto le exigieron, conformándose con gran número de decretos que limitaban más y más su poder. Aprobó y confirmó la Union de Valencia y su liga con la de Aragon, é hizo, en fin, cuanto puede aconsejar á un rey la calculada falsia y el desprecio de sus propias palabras y dignidad, para tranquilizar los ánimos y tomar una sangrienta revancha así que los Unidos dejaran las armas ó, al menos, quedaran desprevenidos contra los arteros golpes que preparaba la deslealtad de aquel monarca, con la más negra traicion.

Amasó esta el Ceremonioso con ayuda de D. Lope de Luna, servidor encubierto de D. Pedro, aunque en apariencia partidario de los derechos populares<sup>1</sup>, y valiéndose de tropas extranjeras cuyo auxilio se había procurado secreta y cautelosamente.

Tantas y tan repugnantes alevosias reales se necesitaron para que fueran derrotadas, en Epila, las fuerzas de la Union, y el ofendido monarca, aprovechándose del éxito de una batalla, á la que no asistió personalmente, pudiera satisfacer, con espantosas crueldades y desafueros, sus ansias de venganza y su cólera, largo tiempo comprimida.

Todo hacia presumir que, despues de esta terrible catástrofe, la batalla de Epila habia de señalar, en la historia de las libertades de Aragon, una fecha tan aciaga como la de Villalar para la de Castilla. Pero lejos de suceder así, tal era la virtualidad de aquellas instituciones seculares, tan infiltrado se hallaba su espíritu democrático, así en los súbditos que las defendian, como en el monarca mismo que las odiaba, infringia y rechazaba; hasta tal punto se consideraban ciertos principios liberales, como base imprescindible para el gobierno de aquel pueblo, que este mismo Pedro IV, en medio da la general consternacion producida por su triunfo alevé y traidor, pero triunfo al fin, se aterrorizó ante las consecuencias de su propia obra; convocó á las Cortes y se presentó á ellas suplicándolas, por merced, nó la abolicion en absoluto de los Privilegios de la Union, sino la de los violentos modos de proceder que autorizaban; nó que desaparecieran en su esencia, sino que se regularizase su ejercicio; nó la disminucion de las franquicias forales, sino hasta su aumento, siempre que se modificase su carácter insurreccional, trasla-

el rey tenia de verse libre de aquel indecoroso cautiverio, seria un villancico muy gracioso; y tambien puede juzgarse facilmente por sus circunstancias, cuán grato le seria el todo de la funcion á un príncipe tan en extremo celoso de su autoridad, como dejamos anotado en otras ocasiones.

(D. Brarulio de Foz.—*História de Aragon.*)

<sup>1</sup> ¡ Cuántos Lopes de Luna hemos conocido é iremos conociendo todavía !

dando á la Corte del Justicia este terrible derecho que hasta entonces habia residido en las corporaciones populares.

Con no pocas dificultades y repugnancias accedieron, por fin, las Córtes de un pueblo vencido, á la moderada pretension de un rey vencedor y violento; resolviendo con buen acuerdo, pues en virtud de la gran ampliacion que se dió entonces á la jurisdiccion y facultades del Justiciazo, segun referiremos en el *Apunte* correspondiente, se perfeccionaron y recibieron mayor estabilidad las instituciones de Sobrarve.

De modo que, Pedro IV el Ceremonioso, llamado el del Puñal por haberse herido en la mano con el suyo propio, al desgarrar los Privilegios de la Union, después de abolidos, ó modificados como acabamos de indicar por las Córtes; aquel *Fiberio á ragonés* segun tambien se le llamó; aquel monarca predestinado por carácter, por educacion y hasta por su época, fértil en tiranos, á la vez que empujado por los acontecimientos y ayudado por la victoria, para haber sido el incontrastable verdugo de la franquicias aragonesas, vino á señalar en su reinado, (contra su voluntad y por consecuencia de sus mismos extravios) uno de los momentos históricos más favorables al afianzamiento y desarrollo de las públicas libertades; hasta el punto de que, autores nada sospechosos de parcialidad, como el anglo-americano William H. Prescott hacen datar de aquella época la verdadera libertad constitucional de Aragon, y otros, de tan acendrado liberalismo como el inolvidable fuerista aragonés Manuel Lasala, dejan correr la pluma en el mismo sentido; pareciendo como que se consuelan de los crueles desbarros del Ceremonioso, con el aumento y consolidacion que, en último resultado, lograron, después de la rota de Epila, sus democráticas leyes; que esta vez puede asegurarse se salvaron á sí mismas, por la virtualidad del universal respeto que en el reino inspiraban y labró en el ánimo del victorioso y, por el momento, irresistible monarca.

En el próximo *Apunte* procuraremos condensar, partiendo principalmente de estas célebres Córtes reformadoras, la historia de las instituciones aragonesas, con toda la concision posible, que permita sin embargo, ofrecer clara idea del estado político de aquel reino al verificarse el enlace de D. Fernando y D.<sup>a</sup> Isabel; pero antes de soltar la pluma creemos oportuno, para la exacta apreciacion de algunas de nuestras palabras, indicar un pensamiento que más adelante desarrollaremos con mayor extension y gran copia de razones.

Nos referimos á las frases en que hemos hablado del UNITARISMO conseguido por los reyes Católicos.

Debemos anticipar la explicacion de este concepto.

No se trata de la reunion de distintos Estados para constituir la nacionalidad española; objeto que tan venturosamente hubiera podido lograrse con el establecimiento de lazos fundados en los mutuos intereses de los pueblos y nó en casamientos régios. Es completamente falsa la vulgar afirmacion de que, en tiempo de dichos reyes, se realizase la unidad nacional ni más de un siglo después, hasta que pereció Lanuza

por lo que respecta á Aragon; ni más de otros tres siglos más tarde en Navarra; y en rigor puede decirse que tal unidad no se ha verificado todavía sino sobre el papel, pues gran número de provincias, las de las antiguas coronas de Aragon y Navarra tienen legislaciones civiles especiales y otras se rigen aún por diferentes sistemas, no solo en lo administrativo, sino hasta en lo político, como sucede en las Vascongadas.

El UNITARISMO victorioso con los reyes católicos, fué solo el de la saña inquisitorial que con la proteccion de aquellos monarcas, pudo sobreponerse á todo derecho en los estados de uno y otro; sujetar lo mismo á los castellanos que á los aragoneses y más tarde á los navarros, á la sangrienta *Unidad* del atropello, despojo, de la desesperacion y del martirio, y preparar las épocas de la tirania, del embrutecimiento y de la miseria á la liberal ilustrada y rica tierra de España.

Dejemos, por ahora, tan vasta materia, para ser tratada, cuando la llegue su vez en estos *Apuntes*, con el detenimiento y exposicion de datos que merece.

(Continuará).

SERAFIN OLAVE.



---

# CHRONICAS—REVISTAS

---

## AMÉRICA

---

Nos participa el telégrafo en estos días que ha habido en la República de Guatemala grave desórden con motivo de una pastoral que el obispo de S. Miguel dirigió á los *soldados*.

Faltan pormenores sobre el suceso, aunque se indica que hubo serias desgracias personales y varios incendios.

A pesar de su laconismo, no deja el telegrama de decir que las pérdidas alcanzan á un millon de *dollars*, que es en estos tiempos de mercantilismo lo que importaba saber primeramente. Que haya sucumbido un centenar más ó menos de hombres en la refriega, queda, como de interés secundario, para cuando escriban con tiempo de sobra las menuencias del suceso; por de pronto habia que aprovechar las palabras para hacer la liquidacion del desastre.

¡Un millon de *dollars*! Ya sabe el mundo que la pastoral de un obispo no le ha costado más que un millon: cada uno puede ajustar su cuenta y dormir tranquilamente. Estos documentos deben costar más caro.

Pero nos llama la atencion que la pastoral de que se habla fuera dirigida á los soldados. Otras veces los obispos no se trataban más que con los fieles inofensivos, á pesar de nombrar á Dios, de cuando en cuando, el Dios de las batallas. De todas maneras, la pastoral ha producido su efecto. Dirigida á gente de armas, con razon debemos suponer que seria una alocucion belicosa, que ha sido perfectamente acogida, por cuanto los fieles han reñido con bravura y ardimiento.

Pero de todo lo sucedido, parece que ha tenido la culpa el Gobierno de Guatemala.

No conocemos á fondo la significacion de los hombres que gobiernan en esta República, pero no deben tener humos de santidad, porque hace ya tiempo que andan á pleito con los jesuitas, que como es sabido se están sacrificando por todas partes en bien de la humanidad.

Sospechamos que de aquí ha partido la complicacion. El obispo expidió una pastoral á generales y soldados con arreglo á ordenanza, aconsejándoles probablemente la obediencia más estricta á los poderes constituidos: ¡lastima que no conozcamos el documento! pero estamos seguros de que ha de hablar de obediencia, aunque acaso el Gobierno lo haya entendido de otro modo, y tenemos esta seguridad porque los poderes, en opinion de esta gente, tienen raiz divina y están sabiamente distribuidos, dando al Cesar lo que es del Cesar y conservando á Dios lo que le corresponde.

Verdad que con frecuencia, al hacerse la separacion, los dominios de Dios y del Cesar se confunden, y cada cual tira la linea divisoria por donde le conviene, segun las circunstancias.

Decíamos, pues, que el Gobierno de Guatemala prohibió que se leyera á los soldados la pastoral susodicha y que los devotos tomaron á mal la prohibicion. Estos devotos son los mismos acá y allá, que se escandalizan porque se reclame la libertad del pensamiento y piden á los poderes energia y dureza y cárceles y presidios para los que se permiten emitir sus ideas; pero es claro que estas opiniones no se deben entender aplicables á ellos sino á sus contrarios. Pues, como los devotos proceden con el ardimiento de la fé, no se pararon en escrúpulos de legalidad y promovieron un tumulto, que tomó las proporciones de una grave rebelion, en que perecieron muchos de ellos á manos de la tropa. Los soldados no entienden de santidades, como representantes del Cesar.

\* \* \*

Las Repúblicas sud-americanas recorren ahora el periodo que recorrió la península de 1830 á 1840. La accion liberal se dirige contra el clero.

En una de nuestras anteriores Crónicas hemos dicho que el clero de las colonias españolas se declaró en su mayor parte contra la metrópoli en la guerra de la independencia y que por este motivo continuó disfrutando de una gran influencia en los gobiernos nacionales que se formaron. Se habia puesto en la corriente de la opinion y siguió su movimiento en lo tocante á la independencia, pero de ningun modo respecto al principio de libertad politica; así como el clero en España habia levantado el Cristo como bandera contra los invasores extrangeros, mas sin admitir los procedimientos liberales.

Las tendencias reaccionarias de la clerecia no se hicieron sentir mucho en los primeros tiempos, porque aunque fuera poca la libertad que las nuevas naciones disfrutaran, satisfaciales por de pronto el contento

de la independencia. Por otra parte, el trabajo de constitucion nacional absorvia completamente las fuerzas políticas con más motivo cuando la emancipacion habia venido sin las convenientes elaboraciones preliminares. Pero de seguida que los fragmentos de las colonias se fueron redondeando y nacieron los partidos políticos y se formaron los resortes del Gobierno y principió la vida nacional concentrada, el clero con su resistencia al progreso fué un obstáculo para el sosegado movimiento de las instituciones nuevas; y no poco ha contribuido con su conducta á los trastornos y agitaciones que han venido estremeciendo aquellas repúblicas.

Ha llegado un instante en que el clero es un bando político, turbulento, batallador; una agrupacion de hombres que en lugar de servir la causa de la religion se dedica á los intereses del gobierno y que sufre por consecuencia los embates de las borrascas revolucionarias. Los partidos liberales en casi todas las repúblicas latinas son enemigos del clero, y por esa expansion que tienen los rencores son tambien en cierta manera enemigos de la religion. En esta virtud, la cuestion religiosa tiene semejanza allá, como hemos dicho, con la misma cuestion en España por los años de 1835, cuando los partidarios de la niña Isabel asesinaban los frailes y derribaban las iglesias mientras los frailes convertidos en capitanes de bandoleros asesinaban á los liberales. El tiempo andará en las repúblicas de América como ha andado en España y llegará dia en que los revolucionarios de hoy se hagan hombres de orden cuando están enriquecidos con los despojos del clero y volverán los ojos á la religion para ver de salvar la presa por medio de la hipocresia. Pero aun andando el tiempo no llegarán á ver nunca los americanos que la gente devota modifique sus costumbres, si la analogia se sostiene, sino que mañana, como hoy, hoy como ayer, y siempre continuará siendo intolerante, fanática y sanguinaria.

\* \* \*

Circulan las noticias más contradictorias relativamente al estado de las relaciones entre la República Argentina y el imperio del Brasil, con motivo de la cuestion pendiente sobre el Paraguay.

El Dr. Tejedor habia sido enviado por la República á Rio Janeiro para tratar este asunto y despues de algun tiempo de negociaciones ha regresado al Plata, concluida al parecer su mision.

No se sabe todavia de positivo si se ha hecho ó no un tratado, ni mucho menos los términos en que está concebido, caso de que exista: la diplomacia es reservada. Pero el misterio dá ocasion á que se publiquen mil tratados de invencion particular y á que se comenten de varios modos los incidentes de la mision diplomática.

Algun periódico publica las cláusulas reduciéndolas á que se han obligado, tanto el Brasil como la República Argentina á retirar del Paraguay las fuerzas de ocupacion, fijándose la frontera en el Pilcomayo; pero otros suponen que el Dr. Tejedor ha conseguido mucho más para su país. Unos y otros consideran la cuestion terminada, pero no falta quien



en sentido contrario asegure que las relaciones han quedado más tirantes entre el Brasil y la Confederación Argentina de resultas de las conferencias diplomáticas y que la guerra entre las dos naciones es, no ya segura, sino inminente. Estos pesimistas dicen que en efecto ha habido un tratado entre el Dr. Tejedor y D. Jaime Souza, representando el último el Paraguay, y que en él se ha convenido la cesión de muchas tierras á la República Argentina como indemnización de los gastos que hizo en la guerra. Añaden que esto ha disgustado al Brasil, que por su parte no ha querido autorizar el convenio, por lo cual el Dr. Tejedor no fué á despedirse del monarca al retirarse de Rio Janeiro. Hasta se habla de que los plenipotenciarios paraguayo y argentino convinieron una alianza ofensiva y defensiva, que es tanto como una agresión directa al Brasil en las actuales circunstancias.

Creemos equivocadas estas afirmaciones y más en lo relativo á la alianza entre el Paraguay y la República Argentina. El Gobierno del Paraguay es hechura de los brasileiros que ocupan militarmente el país y dirigen la política oficial, y no es verosímil que aprobara tratado alguno contra las miras del Imperio, sobre todo cuando la República Argentina, sin hacerse cargo de sus verdaderos intereses, imponga desmembraciones dolorosas. Ciertamente es que la circunstancia misma de estar subyugando actualmente el Brasil al Paraguay debe haber suscitado odios contra los dominadores y despertado simpatías tradicionales á favor de los argentinos, pero este cambio debe sobrevenir fuera de las esferas del Gobierno, y por consiguiente necesita elaboración. La alianza se hará, se hará de seguro, pero tiempo adelante; así como vendrá la guerra más ó menos pronta, porque no es un accidente, sino un resultado fatal de los invariables antagonismos que existen y subsistirán entre las dos naciones.

La situación es crítica, sin duda alguna. En el mismo buque donde el Dr. Tejedor regresó á Buenos Aires venia un enviado del Gobierno del Brasil con instrucciones para los comandantes de las fuerzas que ocupan el Paraguay.

Por otra parte, interrogado en las cámaras un Ministro del Imperio acerca de la cuestión, guardó una prudente reserva, pero dió á entender toda la gravedad de las complicaciones y aun la posibilidad de que estallase la guerra.

\*  
\*\*

Los partidarios del Brasil propalan noticias referentes á revoluciones que han de sobrevenir en la República Argentina y este es un síntoma de que se procuran el auxiliar de la sublevación previniendo las eventualidades próximas. Dicen que todos los mitristas á quienes el gobierno de Avellaneda acaba de amnistiar se disponen á levantar de nuevo el estandarte de la rebelión y que á este fin los generales Rivas y Arredondo y los coroneles Murga Ocampo etc., se dirigen á Entre Ríos á sublevar la comarca en unión del afamado caudillo Lopez Jordan. Para dar más importancia al suceso aseguran que los rebeldes constituirán con

los Estados de Corrientes y Entre Rios una nacion independiente, debilitándose así las fuerzas de la Confederacion Argentina. Todos estos anuncios son suposiciones inverosimiles y simples deseos.

El coronel Machado, uno de los pocos mitristas que quedaron excluidos de la amnistia por atribuirsele ciertos delitos comunes de que debian conocer los tribunales se ha fugado de la prision y tambien sus compañeros. Supónese que el Gobierno mismo no es enteramente extraño al suceso y que dando facilidades para la fuga ha querido así reparar indirectamente la injusticia de una exclusion que le habian aconsejado ciertas consideraciones políticas. Haya sido así ó resultado la evasion de la habilidad de los presos, lo cierto es que el coronel Machado se encuentra ya en Montevideo.

Tanto el decreto de amnistia, como quizá tambien la fuga de los que quedaron excluidos de ella, dan á entender que el Gobierno Argentino procura convertir en amigos á sus adversarios interiores para quedar más desembarazado en las eventualidades del porvenir.



Como en definitiva si la lucha llega á empeñarse entre el Brasil y los argentinos la ley natural de los sucesos y la fuerza de los intereses colocarán á la República del Uruguay al lado de la Argentina, el Gobierno imperial busca en los disidentes de ambos países un apoyo favorable; y así como en la Confederacion Argentina protege á los enemigos de Avellaneda y procura resucitar las antiguas banderas de Corrientes y Entre Rios, tambien en el Uruguay fomenta á la luz del dia los trabajos de los que hace poco fueron lanzados del poder de resultas de la reciente sublevacion militar. No es creible que por enconadas que se hallen las contiendas intestinas en las Repúblicas del Plata se atreva un grupo político á pelear contra su propio país, en el caso de guerra extranjera, pues semejante conducta seria indigna y abominable; pero sin llegar á este extremo siempre gana mucho el Brasil con fomentar las disidencias, porque ocupa la atencion de sus enemigos y los contiene.

Ya otra vez hemos hablado del conflicto ocurrido entre el Gobierno del Uruguay, y el Representante del Brasil en Montevideo, de resultas de asilar este en su misma casa, á los conspiradores. Este conflicto ha llegado á mayores y es probable que sea causa de un rompimiento.

Para que pueda formarse una idea de la razon de unos y otros, copiaremos algunos párrafos de las comunicaciones que han mediado entre el Ministro de Relaciones Exteriores del Uruguay y el Representante del Brasil. Se dirigió el primero al segundo exponiéndole sus quejas en estos términos. «En la conferencia que tuve con V. E. en el dia 24 del corriente le manifesté en nombre del Gobierno de la República que la presencia del Dr. D. Manuel Herrera y Obes en la casa Legacion del Brasil era una amenaza constante contra la tranquilidad pública, por cuanto

el Gobierno tenia motivos para creer que el referido Dr. Herrera dirigió trabajos subversivos contra el actual orden de cosas.»

«Posteriormente el gobierno sabe y le consta que el Sr. Dr. Herrera, despues de haber permanecido algunos dias á bordo de uno de los buques de guerra del Imperio, surtos en este puerto, bajó á tierra asilándose en esa Legacion.»

«El Gobierno no quiere dar entero crédito á otros rumores que ha oido, tales como el de que los Sres. Dr. Muñoz, Dr. Lerena y Pereda desterrados voluntariamente en Buenos Aires conferenciaron con el Sr. Herrera á bordo del referido buque..... etc.»

Á esta comunicacion respondió el Representante del Brasil con otra en que relata la antecedente en todas sus partes y dice. «Reproducida así la nota que tengo presente comienzo por declarar que no recuerdo haber ofrecido á V. E. respuesta alguna, ni sobre qué asunto. En la conferencia del dia 24 dije á V. E. lo que me cumple decir: que el Sr. D. Manuel Herrera y Obes era incapaz de abusar y no habia abusado del asilo que le concedia en esta Legacion y que en todo caso yo sabia hácerselo respetar.....»

«Si se refiere á haber estado el Sr. Herrera á bordo de un buque de guerra del Brasil y despues venir á asilarse en esta Legacion, creo que este hecho no tiene importancia, puesto que no es más que cambiar un asilo por otro, siempre bajo la proteccion de la bandera del Brasil.»

¡Es notable esta doctrina de derecho internacional!

Pero como de resultas de vivir los conspiradores en la embajada brasilera el Gobierno la hacia vigilar por los agentes de policia, el Embajador formuló al Ministro de Estado una queja tan singular como la defensa anterior y en ella dice: «en todas partes los agentes de policia infunden confianza por su aspecto y maneras; pero los que están de centinela permanente en las dos extremidades de la cuadra en que se halla situada la Legacion, inspiran por el contrario temor á las personas que se dirigen á la misma, las ahuyentan y con tanta más razon cuando esos individuos se atribuyen el derecho de embarazarles el paso, cuestionan sobre el asunto que las trae á la Legacion, y lo que es más intolerable aún, las amenazan con prenderlas si vuelven. ¡Es posible que la residencia oficial del Ministro del Brasil esté sitiada de este modo y secuestrada asi del contacto exterior!»

Afirmase que el Representante del Brasil se ha retirado, y que por de pronto han quedado interrumpidas las relaciones diplomáticas entre el Imperio y la República del Uruguay.

RAMON DE CALA.



## PORTUGAL E BRAZIL

Turvam-se os ares, e mais de uma nuvem assoma nos horisontes curtos da politica ministerial. «Casa onde não ha pão, todos ralham, e nenhum tem razão:» a profunda verdade dos adagios populares poucas vezes acha uma tão exacta applicação como a d'este á politica dos partidos outr'ora chamados *devoristas*. Ingenuo horror o de ha trinta annos contra umas harpias terriveis que *devoraram*... tresentos mil reis por anno! Nadamos hoje em dinheiro; quem se lembraria agora de reparar sequer em pequenas miserias? «Seis mil contos para isto, dez mil contos para aquillo! Não tardam a contar por centenas de milhares... Contar a elles não lhes custa nada.» Assim previa o Garrett e assim veio a succeder; já contamos por centenas de milhares. Sobraçamos hoje com maior facilidade uma divida de 400 mil contos do que sobraçavamos uns miseraveis 30 mil em 1836; que ha mais dinheiro ou que o dinheiro vale menos, expressões quasi equivalentes, não ha duvida: resta saber se de facto somos mais ricos. Esta observação vae de certo parecer paradoxal a muitos dos meus leitores; a todos, por menos, a todos aquelles que ainda se não convenceram de que a Inglaterra é muito mais pobre, do que a Suissa por exemplo. Ninguem se lembrou ainda de ir pedir dinheiro á Suissa e entretanto a Suissa é rica. Porque a verdadeira riqueza social, em meu entender, não é a accumulção, mas sim a boa distribuição dos capitaes; a mediocridade farta eis ahi o que constitue os povos ricos, e não o disequilibrio que alimenta de um lado os opulentos e do outro opprime os miseraveis. Não ha duvida que ha hoje mais dinheiro em Portugal; ha porém duvida para muitos de que o movimento progressivo da boa distribuição tenha acompanhado ess'outro da formação da riqueza nacional.

Entre os varios symptomas que fundamentam esta duvida está um, que todos os dias se pronuncia com uma energia maior em todas as nações neo-latinas: é a preponderancia sempre crescente da *aurocracia*, seja-me tambem licito inventar mais um nome, para esta forma de governo moderno desconhecida ainda nos tempos de Aristoteles e de S. Thomaz de Aquino. A *aurocracia* é uma dictadura que governa mysteriosamente. Se não tem os terriveis apparatus dos *dez* de Veneza, nem por isso é menos soberana, e se é menos sangrenta é em compensação incomparavelmente mais habil. Tem sobretudo esta arte: de governar fingindo que o não faz; de levar diante de si como os portadores de cartazes ambulantes de Londres ou de Paris, um cartão de annuncios onde se lê em letras garrafaes PARTIDO... qualquer; o nome pouco importa, são todos.

Uns porem mais do que os outros, e por toda a parte mais os conservadores do que os radicaes, ordinariamente cheios de illusões, ou ainda crentes de que a antiga sentimentalidade e as velhas abstracções são capazes de converter alguem.

Enganam-se, e a prova mais do que provada está n'este ultimo episodio da questão da companhia dos caminhos de ferro. A companhia reclamou do governo a approvação das tarifas augmentadas; o governo deu-lh'a; a opposição clamou; chegou a fallar-se em *meetings*, e tudo ficou em cousa nenhuma, como devia ser. Entre a companhia e o governo devia ter havido uma conversa proximamente assim:

*«A companhia e o governo: (a um tempo) com effeito; não ha duvida; é necessario acabar a 5.<sup>a</sup> secção...*

*O governo: (passeando na sala e parando, meditabundo, ás vezes) Entretanto a camara não approvará a isempção do imposto por cincoenta annos... Já...*

*A companhia: Mas então as condições eram outras. Hoje a maioria...*

*O governo: Não a receio, não. A maioria fará o que se lhe disser, mas nem por isso os tagarellas importunos se hão de callar.*

*A companhia: (sorrindo gravemente de dentro d'uns fortes collarinhos á Prim.) Não sejam cincoenta, contentamo-nos com trinta e seis annos...*

*O governo: (limpando com a ponta do lenço os oculos embaciados) Se eu disse o anno passado que os cincoenta annos eram indispensaveis... como...*

*A companhia: Felizes enganós os que assim revertem em favor do publico.*

*O governo: Muito bem... Fiquemos de accordo.*

*(E n'isto levantou-se, estendeu a mão á companhia, sorriram e iam a separar-se.)*

*A companhia: (voltando) Esquecia-me porém observar que, mais tarde... mais tarde... nem é urgente por agora... teremos de rever<sup>1</sup> as tarifas, conforme os termos do contracto de...*

*O governo: (sorrindo) Ah!...*

*A companhia: Cousas puramente distinctas...*

*O governo: Não sabemos porém se as linhas se pôdem considerar feitas, uma vez que...*

*A companhia: Hoje não, de certo; mas bem vê V. Ex.<sup>a</sup> — que desde o momento, em que as camaras, sancionando o convenio em que ficámos, tiverem reconhecido os actos anteriores da companhia e fundamentado os argumentos em virtude de que, sem prejuizo dos direitos do contracto, deixámos de concluir a linha do Norte... não pôde haver mais duvida de que decorreram mais de cinco annos depois da sua conclusão:*

*O governo: Effectivamente, nem o governo deseja pôr embaraços a V. Ex.<sup>a</sup> E para prova...*

*(Toca uma campainha, vem um secretario, fallam, o secretario volta, entrega um papel e sae).*

*A minuta do convenio dizia assim: «O direito de revisão de tarifas*

<sup>1</sup> Traduz-se elevar.

concedido á companhia pelo art... do contracto de... não poderá ser reclamado sem que tenham decorrido cinco annos depois de concluidas as obras da 3.<sup>a</sup> secção e com ella a rede completa de Norte e Leste.»

*A companhia:* (interrompendo) Por forma alguma!

*O governo:* (riscando o artigo do convenio) Com effeito...

É duro... não pode ser, não.

(despediram-se.)

*A companhia (saindo) Menos,* quatorze annos de imposto de transito sobre mercadorias; *Mais,* revisão... quanto? 8... 6... 5? 3 0/0 na grande e pequena velocidade...

Anda uma cousa pela outra... Não perdemos, não; talvez ganhemos até.»

Devem passar-se as cousas mais ou menos assim: Da parte dos morgados industriaes ha o exclusivo objecto do lucro, só corrigido pelos collarinhos á Prim, que dão mais do que nenhuns outros a *tenue* grave e circumspecta; da parte dos governos uma subserviencia que não chega a ser cumplicidade, mas é decerto criminoso. Ninguem sabe isto melhor do que o governo; mas, que remedio?...

Não serão decerto estes ou aquelles, o partido *A* ou o partido *B* que mudarão a natureza das cousas. A constituição do feudalismo industrial-bancario é uma tendencia geral ou forte de mais para que possa ser dominada por uns partidos que apenas vivem da estreita intriga dos grupos politicos. Isto reduz a zero, para todos os homens que tem senso-commum, as declamações e as insinuações perfidas com que diariamente a opposição brinda o ministerio regenerador e especialmente o infeliz, o desditoso ministro das obras publicas. A combinação que provavelmente se deu entre elle e a companhia do Norte e Leste, tinha de ficar tacita; o convenio apresentado á camara, remia apparentemente a inconsequencia do estadista por uma redução da concessão de subsidio. O resto viria depois, mais tarde, fechadas as camaras, quando a liberdade é sempre maior. Porém a infelicidade do sr. Avelino leva-o sempre a repetir as saidas do leão; quer dar-se ares de valente e succede-lhe invariavelmente comprometter-se, fazer má figura e acabar nas paradas de outro animal que a zoologia não classifica no genero *Felis*. Quando se discutia o convenio dizia o ministro que, «concluida a linha, abolido o imposto de transito, augmentado o trafego, a companhia *havia de reduzir muito as suas tarifas*. Foi o que determinou o governo a adoptar esta forma em lugar de outra.» O ministro esquecia ou fazia esquecer aquella converso, e os sorrisos da companhia aprumada nos seus fortes collarinhos financeiros. Assim o ordenava o equívoco constitucional sobre que assenta o systema das instituições.

Com a companhia das aguas de Lisboa houve ha annos uma outra converso d'onde saiu o regulamento que obrigava todos os proprietarios a encanarem agua para suas casas. O regulamento foi depois suspenso, veio o anno passado uma larga estiagem, e o leão que existe no peito do ministro mandou applicar a multa; ultimamente o tribunal arbitral de-



cidou contra a multa, o leão rogiu e chegou a fallar-se em expropriação das obras da companhia, procedimento que da fera teria só o bramido e não as garras. Fiu-me de que a companhia applaudiria a idéa com ambas as mãos. Expropriação ou revisão eis ahí dois modernos euphonismos que se traduzem assim: bons negocios.

Ora os negocios da companhia das aguas no dizer do relatorio da sua gerencia não são dos melhores. Cada habitante de Lisboa gasta hoje 20 litros de agua por dia; encanado o Alviella tem de gastar 170, e não é em 6 nem 8 annos que os habitos de uma população se transformam de um modo tão radical. Encanar o Alviella custa cinco mil contos, e não ter a quem vender a agua durante 8 annos quer dizer perder o juro d'esse dinheiro em todo esse tempo. Quaes serão os capitães que se abalçarão a essa obra que depende da educação higienica da população lisbonense? Será eternamente um erro enfeudar serviços d'estes a sociedades, cuja natureza é meramente mercantil. Os capitães particulares procuram o rendimento immediato e seguro, e não é do seu temperamento a dedicação humanitaria.

Se estes desaires que o governo tem soffrido nas suas relações com as companhias, tiram a authoridade, e até para muitos a seriedade aos actos do infeliz ministro das obras-publicas, parece que a recente agitação do partido historico tem importunado os ministros todos como o zumbir importuno de um bezouro. Tudo isto é com effeito de mau agouro. O partido historico passeia as terras de Portugal comendo banquetes por alma do duque de Loulé. Não se comprehende bem a indole que o partido remoçado vae adoptar, nem como hão de rebaptisar-se nas antigas aguas septembristas todos esses homens que são hoje conselheiros, generaes ou banqueiros. Percebe-se a decisão dos membros do partido que, como o sr. Mendes Leal ou o sr. Lobo d'Avila, o abandonaram pela familia regeneradora; porque para todos os que vêem alguma cousa n'este caminhar já hoje decisivo e claro da sociedade portugueza, não ha mais lugar para os antigos grupos correspondentes ás diversas theorias juridico-constitucionaes. A sociedade vae desprezando as secções abstractas dos juristas, e divide tudo em duas massas materialmente compactas: conservadores e revolucionarios. Ora a situação equivoca do partido historico, afinal analogo a de todos os partidos analogos da Europa latina contemporanea, é a de conservadores de facto, que pretendem ser governo escorados a velhos lugares communs da escholastica jacobina. D'ahi lhes provem a impotencia actual e os maus dias que os esperam quando a impotencia maior ainda da instavel e caprichosa politica portugueza lhes der o mando.

Tinha umas ancias de os ver reformar a *carta*! Mas, socêgo; porque terão o cuidado de deixar isso no lugar proprio das boas cousas que se dizem mas se não fazem, como as ameaças do sr. Avelino quando arreganha os dentes para as companhias poderosas.

Mais habil, e por isso mais quieto, callado e feliz, é o ministro da justiça. Cumpre dizer tambem que o cléro não tem já hoje a força dos

argentarios. Com os tempos mudaram os frades. Desabafos de um temperamento mais acre como o do padre que, parece, insultou do alto do pulpito varios soberanos em nome do ex-soberano pontifice, corrigem-se bem com uma portaria. Expede-se, e os jornaes dizem como os padrinhos nos duellos ao primeiro sangue. As cousas ficam como d'antes, e acima de todas ellas o espirito que as dirige e ao mesmo tempo se ri indifferentemente da seriedade comica dos mortaes,

Ainda bem que entre nós as cousas não passam de duellos ao primeiro sangue, ligeiras escaramuças de prégadores e comediantes. O espirito, senão indifferente, alheio a esta ordem de luctas, não pôde contudo deixar de notar como symptoma característico d'este tempo o facto de merecerem o castigo, — leve pena afinal, — de uma censura do ministro as desmasias do ultramontano no pulpito, e passarem impunes os grosseiros ataques do palco. Quem sabe se ainda estamos guardados para conflictos mais graves, e duellos mais a sério? O que actualmente vae pelo Brazil deve encher de animo o cléro ultramontano portuguez, se acaso entre os nossos bispos ha homens da tempera do do Pará.

A questão antiga recrudesceu agora. Era já não sei se o terceiro ou quarto governador que o bispo nomeava para a diocese, e que o governo logo processava. Cançou-se afinal o bispo de nomear governadores, e o presidente da provincia intimou o cabido para o fazer. A maioria dos conegos decidiu continuar na desobediencia, e os da minoria foram suspensos pelo bispo preso, *ex informata conscientia*. Como ha de agora o governo impugnar o acto do bispo quando desde 1855 que resolvera não intervir em questões d'essa natureza? Como ha de consentir que soffra a pena aquelle que incorreu n'ella por se submeter ás ordens da authoridade civil?

Contradictorias tem de ser sempre as situações que provêm de convenios arbitrarios e equivococ. Ainda ha pouco a *Revista*, analysando o livro-defeza-programma do bispo do Pará, fazia sentir quanto é inconsequente e fragil a situação juridica em que o *stato quo* colloca tanto a Igreja como o Estado. Conflictos como o do Brazil. livros como o do bispo do Pará, são symptomas mais do que bastantes para desfazerem no espirito dos que ainda as tiverem, as modernas illusões de um accordo sincero entre o catholicismo e a liberdade.

Tampouco faltam elementos para destruir outra das modernas illusões que é a independencia dos movimentos do direito publico e dos da economia social. Cada dia se despedaça mais essa teia de ficções que, pervertendo o espirito das ultimas gerações, lhes fez suppor possivel decretar liberdades sem votar alimentos. A reacção dos ultimos annos é cada vez mais decisiva e ainda os acontecimentos recentes do Brazil me dão uma prova exuberante da verdade do meu ponto de vista. Succedeu á reforma eleitoral o que succedera ao concilio do Vaticano: fez-se sem se dar por isso. Havia mais e melhor em que pensar. A crise bancaria foi agora e na America, o que a guerra allemã foi na Europa em 1870.

A crise bancaria passou ou adormeceu, porque não falta quem tema

uma futura explosão. É porem incontestavel que os estabelecimentos bancarios poderam resistir ao choque, fnebremente sublinhado pelo suicidio do gerente do banco allemão. A maneira que os horisontes se limpam na America, assim os mercados portuguezes, onde nunca houve n'esta occasião, motivo real de crise, começam a restabelecer-se da commoção que os apoquentou um dia. Os bancos novos deixaram de instar pelo pagamento das entradas das acções, e esse simples acto de prudencia instinctiva bastou para ir tornando as cousas aos seus eixos. Falta agora conglomerar os bancos, medida indispensavel; e faltaria que na proxima sessão o governo levasse á camara uma nova lei de sociedades anonyms, e uma outra de organização bancaria. Levará? Aposto que não.

A refracção da crise do Rio de Janeiro não foi porém o unico motivo de panico. Os telegrammas recebidos do Brazil esta quinzena, annunciando simultaneamente a brusca saída do enviado argentino, a queda do ministerio Rio-branco e a nomeação do duque de Caxias, lançaram o contrario de agua na fervura. Acudia á idéa de todos, aproximando a saída do embaixador da nomeação do general da guerra do Paraguay, a possibilidade de um rompimento e de uma guerra com todas as suas deploraveis consequencias.

Já é hoje felizmente vulgar esta opinião de que a nossa vida economica depende organicamente das condições da sociedade brasileira. A guerra na America é a fome para nós. Felizmente as noticias do correio vieram mostrar que eram temerarias as aproximações e as deducções que a principio se tiravam das concisas palavras do telegrapho.

O ministerio caiu por questões de ordem puramente administrativa; a nomeação do duque de Caxias não teve por forma alguma caracter aggressivo, e significa apenas a substituição de um dos chefes do partido conservador a outro dos chefes do mesmo partido.

O caso do dr. Tejedor é que na verdade merece uma historia mais detalhada. É uma verdadeira *partida*, e mais uma que para além do oceano o hespanhol, *picaró*, préga ao bom e pesadão portuguez. É além d'isso um imbroglio que faz honra á diplomacia e abona a educação dos americanos.

Parece que o Brazil foi cudilhado. É sabido como o Imperio e a republica argentina fizeram juntamente a guerra contra o Paraguay e como depois d'ella concluida, o primeiro tomou arrhas *mediatisando* a nação vencida, e a segunda manteve occupado militarmente o Chaco, que é ha annos o pomo da discordia. Assignada a paz entre o Brazil e o Paraguay, a republica argentina não quiz admittir os limites propostos pelo governo d'Assumpção, e d'ahi provém as negociações pendentes desde essa epoca entre as tres nações interessadas.

O dr. Tejedor, como os leitores sabem, era agora o enviado argentino e conseguiu, sem que o plenipotenciario brasileiro desse por tal, obter do Paraguay a cessão do Chaco. Dão como vendido a D. Jayme Lora; outros porém não julgam capaz da habilidade do emissario argentino, o ter admittido negociações sem contar com a annuencia do governo para-



guayo. Como quer que seja, a situação do Brazil é singular e difficil. O protegido dispensa a protecção; contra a idéa, — e o interesse, — do Brazil abandona o territorio, dizem alguns que a troco das despesas de guerra que os argentinos pagariam em compensação.

Dado o cudilho, o embaixador argentino fechou as mallas, e foi-se... sem dizer tir'te, nem guar'te. Aclarado o caso, a impressão foi qual era de esperar; entre os brasileiros, um sentimento de despeito colerico; entre os argentinos o da satisfação de quem pregou uma boa peça a pessoa que se traz entre os dentes. Essas manifestações imprudentes foram rapidas, e já hoje os jornaes de Buenos Ayres, em vez de se gabarem da grosseria do seu embaixador, negam o facto como sendo este o modo mais breve de apasiguar as alegrias. Nem por isso desistem porém dos resultados positivos da missão Tejedor; e affirmam ser natural a não intervenção do Brazil, pois que se tratava de um negocio particular entre as duas republicas. O enviado paraguayo ter-se-ia portado, no dizer do *Nacional* de Buenos Ayres como verdadeiro patriota, *resistindo ás machinações dos brasileiros*.

No Brazil, ás primeiras coleras, succedeu um sentimento mais quieto e começou a perguntar-se se com effeito valia a pena arriscar uma guerra por causa do Chaco, ou do francezismo do dr. Tejedor. Se o parlamento paraguayo confirma o tratado assignado pelo seu embaixador, não quererá dizer isto que a mediatisação acabou? que os argentinos predominam? e que o Paraguay é mais um futuro alliado na futura guerra entre o imperio brasileiro e as republicas sul-americanas?

Parece que sim, e oxalá o não parecesse. Essa tempestade que ambos os contendores temem e procuram evitar, essa colisão da qual pôde nascer uma nova época para a vida das nações sul-americanas, parece, infelizmente inevitavel. Tudo me levava a crer, quando na passada quinzena me referia á missão Tejedor, que d'ella não sairia por emquanto a guerra: os factos vieram confirmar a minha suspeita; mas nem por isso se desvaneceram, ao contrario, os receios de uma futura colisão. A maior rasão de ser de uma guerra é geralmente a tendencia do espirito nacional quando expontaneamente se inclina para a considerar inevitavel: esta é a situação de brasileiros e argentinos.

A fallencia Maná, a missão Tejedor são o prenuncio, oxalá me engane, de crises mais graves embora distantes. Nas sociedades que, como as americanas, tem o atrevimento irreflectido das edades verdes, combinado com os virus corruptores das vidas dissipadas, guerras e crises são dobradamente medonhas. O espirito de especulação sem freio moral de especie alguma leva a monstruosidades como as da guerra do Paraguay que os fornecedores falsarios tiveram artes de prolongar em preveito proprio. A falta de conhecimentos scientificos, a ingratitude do clima juntam-se aos vicios moraes para tornarem a guerra uma hecatombe sangrenta e horriavel. E a paralisação mercantil, n'uma sociedade que exclusivamente o é, conduz a uma ruina profunda.

Ha pois sombras nos horisontes; não são apenas as que se proje-

ctam do outro lado do oceano; temol-as tambem á porta e batendo com uma insistencia tão forte que até acordaram o espirito do governo. Dece-didamente ha fome no Algarve. Não ha porém mal que não traga com-sigo um bem; só á custa de uma fome teriam os algarvios o caminho de ferro. As obras começaram já; e alem de trabalho, o governo falla em mandar alimentos, e sementes para que á escassez d'este anno se não siga a do futuro.

Não é possivel deixar de o louvar por esses feitos; mas n'este lou-vor vae um certo dó. Tantos pontos negros são de mau agouro. Ai dos regeneradores no dia em que começar a desandar a roda da fortuna! Ai d'elles quando principiar a vazar-se a cornucopia de ouro! Porque os seus méritos não são tamanhos que possam converter as pedras em pão como os antigos ministros dos reis absolutos, ou os descarados cesaristas, tão descarados como habeis, do moderno imperio francez! Ai d'elles, cujas idéas são poucas e curtas; cujos preconceitos de moral politica são os de todos os burocratas; cujo respeito á machina constitucional é ainda algum, exactamente por não saberem o que fariam quando não tivessem por bor-dão essa machina! Ai d'elles que hão de cair, quando os pontos negros cresceram, porque é a fatalidade dos cesarismos q serem impotentes nos dias da amargura!

Nasceram para a vida facil e farta; nem se dão bem com outra; nem o povo, que só os apoia em nome do proprio ventre, os quer mais quando a primeira das vaccas magras põe o primeiro pé na cidade. O chamar-se a queda Sédan ou a Janeirinha prova apenas que é grande a distancia entre Napoleão III e o sr. Fontes.

Infeliz! infeliz! é comtudo lembrarmo-nos de que depois de Sédan vem as sentimentalidades occas, a usada rethorica, as stulticias demo-craticas e roformadoras do jacobinismo. Infeliz! infeliz! é lembrarmo-nos de que está Gambetta ou o sr. bispo de Vizeu no fundo da scena!

O sr. bispo de Vizeu ou o sr. Braamcamp, porque dos dois partidos radicaes, ao passo que um ganha em movimento por esse reino fóra o que não sei se tem ganho em força desde que morreu o duque de Loulé; o outro dizem de Vizeu que acabou, e de Lisboa que continúa. Um jornal, noticiando o facto juntava que saíra de Lisboa uma commissão para ir a Vizeu saber *que cantiga era essa*, Ninguem jámais definiu melhor o reformismo: uma cantiga. Porque dentro d'elle havia todas as notas da escalla, desde o sr. bispo de Vizeu, ultramontano por necessidade do cargo, até ao sr. Latino Coelho republicano branco, laivado de vermelho, com pontos de iberismo, como os cravos raiados. Parece afinal assente, segundo as declarações do jornal official do partido que a tal *cantiga*, fi-cou em aguas de bacalhau, e tudo segue como d'antes. Afinal o traço mais novo do reformismo é a linguagem rude e popular que subiu com elle aos *bancos do poder*, como se diz entre regeneradores.

Que lhes sirva de compensação a estes, contra os receios que bor-bulham, a desordem que vae pela casa alheia. É mister confiarem para que vençam as eleições supplementares do mez que vem; é mister con-

fiarem para que os povos, os cem povos de Lisboa possam ver risonhas as phisionomias dos ministros na solemne exposição militar do dia 24. Haverá ahí, diz-se, mais de 100 boccas de fogo... para quantas boccas sem pão?

P. DE OLIVEIRA.

15 de julho.

## ESPAÑA

Tenemos, por fin, hechos de armas importantes que registrar en nuestra crónica; cosa tan poco frecuente en la prolongada y singular guerra civil de España, que en casi dos años no ha habido mas encuentros de trascendencia que el del 6 de octubre de 1873 en Puente la Reina, el del 7, 8 y 9 de noviembre del propio año en Monte Jurra, el del 9 y 10 de diciembre del mismo en Velabieta, el del 30 de enero de 1874 para la toma de La Guardia, el del 13 de febrero en Onton, el del 25 en Somorrostro, los del 25, 26 y 27 de marzo en San Pedro Abanto, el del 28 de abril en las Muñecas, el del 30 en San Pedro Galdames, el del 26 y 27 de junio en Murra y los del Carrascal á principios de este año.

Sin contar los combates en el Valle de Mena y en otros puntos, que parecen rodeados de misterio, puesto que á la descarnada noticia de ellos no ha añadido la *Gaceta* los detalles que fueran de desear, los hay ámplios de la toma del castillo de Miravet en Cataluña, con 39 oficiales y 555 individuos de tropa; de la de Cantavieja con material de guerra y 2000 prisioneros, y la de las posiciones que se extendian desde Cerverilla á Burto Treviño, forzando las del Portillo para marchar sobre Victoria.

Parece que se ha salido al fin del terreno de las ilusiones en tratos y contratos de pacificación, para entrar en el de la guerra á la guerra; las esperanzas de redencion, por tanto, cifradas en Cabrera han venido abajo completamente; Dorregaray no ha confirmado los cuentos fantásticos que circulaban sobre su disposicion á concentrar las fuerzas que manda, simular una derrota y entregarse á pretexto de ella: derrota la ha sufrido efectiva, si no tan importante como la anunciaban otros soñadores que le suponian infaliblemente cogido en un movimiento envolvente del numeroso ejército del Centro, mucho más provechosa que la farsa de funesta pacificación: ventajas comienza á haberlas en el Norte, si no de primer orden, muy superiores á las obtenidas en el largo compás de espera que se abrió despues de las operaciones del Carrascal. Plegue á Dios que en operaciones se piense solo de aquí en adelante y que no se vuelva á la mania de esperar de las negociaciones con este ó del otro gefe carlista, de las contraguerrillas que forme tal ó cual, de los consejos de Roma ó de los buenos oficios de Monseñor Simeoni, lo que no se ha de lograr para ser efectivo más que del triunfo de las armas.



Que el Gobierno ha entrado en un periodo guerrero, lo dicen las cuestiones de que se ocupa y las medidas que tantea, bien que con un criterio, un encogimiento y un temor que es de temer las haga ineficaces.

Lo hemos dicho otras veces: el carlismo representa un principio: quien se proponga vencerle, á ese principio tiene que oponer resueltamente otro: con una mistificacion de los dos, la guerra puede quebrantarse pero no hay que esperar victoria positiva: con ser esta verdad tan palmaria, todavia no ha sido posible lograr que la reconozcan los que más interesados estaban en ello: vá siendo una ceguera de dificil curacion la tenaz persistencia en el procedimiento de los equilibrios y expedientes de que tan tristes frutos se viene recogiendo hace ya año y medio.

Friamente, sin levantar delante del fanatismo absolutista el fanatismo liberal, antes bien temiendo á este en primer término, la dictadura del Duque de la Torre dispuso en 18 de julio de 1874 el embargo de bienes, no solo de los que se hallasen incorporados á las facciones, sino de los que las auxiliaren con sus recursos noticias ú otro cualquier medio: aquella disposicion que tropezó con inmensas dificultades y que dió de sí 1533 embargos y 2187 en preparacion, ha sido confirmada por otra de 29 de junio último, que viene á convertir los secuestros en represalias y cuyos primeros efectos han sido la detencion de muchas personas calificadas de carlistas, el destierro, expatriacion y deportacion de otras y el embargo de bienes de no pocas. Sobre lo inadmisibile del sistema y lo aventurado de sus resultados contra el carlismo, tiene además el inconveniente de prestarse á atropellos cuyas víctimas no sean los carlistas.

Al cabo de año y medio de reflexiones sobre la conveniencia de organizar la milicia ciudadana que tan poderoso auxiliar fué en la guerra civil de los siete años y podria serlo en esta, despues de haber gastado tanto papel y tanta tinta en discutir el asunto, de provocar con él las iras del ayuntamiento de Madrid y con él levantar polémicas entre los diarios ministeriales, un decreto del 6 ha venido á disponer que podrán organizarse fuerzas de voluntarios con arreglo á prescripciones que no disgustarán al municipio madrileño, que no lastimarán á los que eran contrarios á la organizacion de la milicia ciudadana, pero que en cambio no darán de sí cosa que tal nombre merezca. Podrán organizarse fuerzas de voluntarios en todas las provincias, pero empezará por no haberlos en la de Madrid, en la capital que durante la anterior guerra civil envió la guarnicion á campaña y se defendió del grueso de las facciones llegado á sus puentes: los gobernadores determinarán dónde ha de haber voluntarios y dónde no; los gobernadores fijarán las condiciones con que han de establecerse en cada localidad; los gobernadores harán los reglamentos; los gobernadores nombrarán la oficialidad; los gobernadores señalarán los casos de apuro en que les convenga que los voluntarios tomen las armas; los gobernadores les dirán, así que pase, el momento en que tienen que dejarlas; los gobernadores entregarán los voluntarios á la autoridad militar para que los obligue la ordenanza del ejército cuando convenga que

vayan á pelear, y las autoridades militares se encargarán de recogerles las armas en el instante en que los gobernadores juzguen que pueden pasarse sin los voluntarios. No se ha podido imaginar milicia mejor ni más cómoda para los gobernadores y el Gobierno, si no hubiera el inconveniente de ser imposible y por consiguiente de dejar á Gobierno y gobernadores en idéntica situacion que antes del tal decreto.

Pero la necesidad de liberalizar la situacion vá siendo tan imperiosa, que el Gobierno no solo piensa en la milicia ciudadana, sino que sigue pensando en la reunion de Córtes. Nuestros lectores saben que el Gobierno protegió la célebre reunion del Senado, que el Gobierno favoreció la eleccion de notables, que el Gobierno instaló en la Presidencia la comision de los nueve, que el Gobierno tomó por lo sério su faena de hacer una Constitucion; pues bien, el Gobierno ha acabado por ser autorizado por esos nueve caballeros para que haga lo que le parezca, que es por donde debia haber empezado.

Algo, sin embargo, han hecho los nueve notables; han acordado una base en la cuestion religiosa, que no permite el restablecimiento de la Inquisicion, pero que deja la puerta abierta para que el Gobierno prohiba discutir los dogmas, la disciplina y la moral de la religion católica y defender otras religiones, tratar de asuntos científicos en que se haya ingerido el catolicismo, establecer en esas condiciones la enseñanza; en una palabra gozar de la libertad de conciencia: que la hay quedará escrito en el papel en que se estampe la tal base, si á estamparse llega, pero mientras, por la Puerta del Sol pasan ridículas procesiones de mujeres que, á pretexto de ganar el jubileo, embarazan la via pública y son motivo de escarnio de cosas respetables, se insulta por un cura, se atropella por los agentes de la autoridad y se amenaza por quien la ejerce el vendedor que, hallándose dentro de su puesto, no se apercebe de que por delante de él pasa el viático. Fiel expresion de la ligereza de criterio reinante en este género de asuntos son las frases de un diario ministerial que, despechado de que el Padre Santo no acaba con la guerra civil por medio de bendiciones, dice que las mejores son los cañones Krup de Quesada y los Plasencia de Jovellar: y para venir á parar á eso tantas reverencias á Monseñor Simconi!

Pero volvamos á los proyectos de Córtes. Ha condenado un periódico la política que un dia hace alianzas con los elementos revolucionarios que han apoyado á D. Amadeo I y la República, que el dia siguiente manifiestan pujos de oponerse á la unidad religiosa y que mañana iria donde el viento del éxito los empujese: por el momento vá tras de una milicia ilusoria y una libertad religiosa mistificada, parece que se inclina al sufragio universal sofismado, sin que eso esté definitivamente resuelto: decidido está que la base de las imaginadas elecciones sean los ayuntamientos y diputaciones nombradas de real órden, ayuntamientos que en el Mediodia especialmente se componen de muchos elementos carlistas, cuando no lo son por entero: es llevar el eclecticismo á un punto peligroso eso de los secuestros carlistas, por un lado y de los ayuntamientos

carlistas electores, por otro : los secuestrados no ha de agradecer la conservacion de los ayuntamientos, los ayuntamientos no han de escarmen-  
tar en los secuestrados ; el sufragio sobre la base de corporaciones nom-  
bradas por el Gobierno no ha de ser del gusto de los liberales y las cor-  
poraciones encargadas de aplicar el sufragio en vez de robustecer van á  
debilitar la situacion. Al tiempo !

Debilitada está ya no poco : los moderados dicen á los constitucio-  
nales por medio de *La Correspondencia* que se puede prescindir perfec-  
tamente de ellos ; los constitucionales dicen á los moderados en la *Patria*  
que para nada hacen falta : el *Pabellon* llama á la union liberal cadáver ;  
los diarios ministeriales contestan al *Pabellon* que el partido moderado  
está difunto : parte del gabinete es de opinion contraria á la otra ; y en  
medio de esta deliciosa algarabia se sigue hablando de la manera de  
constituir con los elementos que en ella gritan dos grandes partidos !  
menguada ambicion cuando, sin esfuerzo alguno, forman hoy no dos sino  
doscientos !

Por final de esta crónica apuntaremos ciertas indicaciones de inter-  
vencion en forma de deseos, no muy llanos de realizar á lo que parece,  
y ciertas comunicaciones que, sin ser diplomáticas en la forma, son para  
pensada en el fondo, que del Norte parece han venido estos dias.

---

## EUROPA

---

Em França cincoenta horas de chuvas torrencias inundaram os  
valles do Garonna, do Adour, do Ariege e do Tarn, subindo em muitos  
pontos a nove metros acima das terras, matando mais de 3:000 pessoas  
e aniquilando valores que, segundo as avaliações officiaes, deveram limi-  
tar-se a oitenta milhões de francos mas que effectivamente deverão subir  
a muitissimo mais.

Em todas as bacias hydrographicas em que, como nas dos rios  
Loire, Rhodano e Garonna, o solo das vertentes é impermeavel e estas  
são formadas por altas montanhas as inundações são frequentes. Em  
1804, em 1810, em 1827, em 1835, em 1840, em 1855 e 1856 as  
aguas assolaram a bacia do Garonna. A inundaçao de 1840 destruiu em  
Lyão 600 casas e aniquilou o valor de 60 milhões de francos ; a de  
1856 derrubou 1:200 casas e destruiu o valor de perto de 70 milhões.  
Nunca se viu, porém, como agora, uma catastrophe tão espantosa.

Os poderes publicos voltaram as suas atenções para o grande si-  
nistro e votaram promptamente toda a sorte de meios.

As subscrições particulares já sobem a mais de oito milhões de  
francos.

Entretanto a politica não tem parado, e a organisação constitucional



está quasi completa. A lei que determina as relações entre os poderes publicos espera apenas por uma ultima deliberação que não pôde deixar de concordar com as precedentes.

Das ultimas discussões, que se podem considerar como definitivas, da lei que regula as relações entre o Presidente, o Senado e a Camara dos Deputados saiu ella intacta. As disposições importantes e a que devem vir prender-se as futuras crises são os direitos do Presidente atacados como já vimos por Luiz Blanc. Ao que expuz quando citei o discurso do antigo republicano apenas accrescentarei que o Presidente não pôde declarar guerra sem o assentimento das Camaras que, de resto, teem a parte legislativa que, pouco mais ou menos, se concede, em todas as constituições liberaes, aos Parlamantos. Só a maioria absoluta da camara dos deputados, — metade dos deputados e mais um, — é que tem o poder de convocar uma sessão extraordinaria. Um mez antes do termo legal das funcções do Presidente reúnem-se as camaras para eleger-lhe successor.

A opposição foi completamente inutil e nem mesmo se fez com muita vehemencia. Os republicanos antigos foram convencidos, quando se apresentaram as primeiras leis constitucionaes, de que deviam transigir com algumas phrases equivocas, para que, sem susto dos conservadores, se lhes podesse dar a republica. Callaram-se então. Por isso agora, sempre que se levantam para combater as novas leis lhes diz o sr. Buffet com sobrançeria e prescindindo d'outros argumentos, que o que regeitam hoje é apenas o que approvaram em 25 de fevereiro.

— «É certo o que dizeis. Mas porque o não apresentasteis ha mais tempo?»

A logica inflexivel dos radicaes veio ainda despedaçar-se contra as distincções politicas da burguezia conservadora:

«Em direito as assembléas são permanentes, disse Dufaure, mas de facto o exercicio do seu direito tem de se interromper.»

«Em direito, ponderou Saisy tambem, o poder de declarar a guerra pertence ás camaras: mas na pratica devemos concentrar-o nas mãos do chefe do Estado.»

Um novo artigo se introduziu na lei dos poderes publicos: O sr. de Belcastel propóz que se determinasse em paragrapho especial que, no começo de cada sessão, se derigissem preces publicas a Deus, em primeiro logar, «porque, disse o sr. de Belcastel, nem as monarchias nem as republicas podem passar sem Deus,» em segundo logar por que «nenhum poder pôde suspender as calamidades, mas Deus pôde adoçar-as;» e em fim por que «se ha um principio superior esse é o da Divindade.»

A assembléa franceza ouvidas estas rasões fundamentaes approvou a proposta do sr. de Belcastel.

Vae-se agora discutir sem demora a lei que regula a organização do Senado, depois o orçamento para 1876, depois a lei eleitoral.

Os differentes grupos politicos teem conferenciado, feito todas as concessões possiveis, promettido não emendar, não discutir, não pensar

quasi, e todavia, apesar de tudo, a assembléa, o *longo-parlamento* francez, se não se dissolverá este anno.

Ainda ha pouco os jornaes republicanos diziam, pesando bem todas as probabilidades, e fazendo sob esse ponto de vista a psychologia dos grupos politieos, que a dissolução não podia deixar de vir breve, a tempo das novas eleições se fazerem ainda este anno. Mas a assembléa durará, pelo menos, até á proxima primavera.

A direita bonapartista não quer a dissolução por que espera que o paiz se canse dos seus parlamentares, e que, muitos d'estes, como já se tem visto, se cansem da politica. O sr. Buffet, que sabe bem a razão d'esta tactica, disse a proposito da lei dos poderes publicos: «Quando as assembléas são permanentes, a opinião publica separa-se d'ellas, e lança-se no poder absoluto.»

Discutiu-se tambem já definitivamente a nova lei sobre a liberdade do ensino superior.

Não é agora apenas o Estado quem ensina e quem confere diplomas. Todo o cidadão de mais de 25 annos e todas as associações, poderão abrir cursos e estabelecer escholas especiaes de ensino superior, com o nome de Faculdades, ou reunir pelo menos tres d'estas com o nome de Universidades livres, com tanto que todas ellas provem possuir os elementos necessarios para o ensino que se propõem ministrar. Os fiscaes do Estado serão chamados apenas a verificar se o ensino é contrario á moral ou ás leis: clausula vagamente formulada e fertil por isso, nas mãos dos partidos politicos, em arbitrariedades.

D'entre as associações formadas para o ensino as que forem declaradas de utilidade publica poderão adquirir e contractar bens a titulo oneroso, receber dons e legados, como verdadeiras pessoas civis.

Os gráus e diplomas serão conferidos ou pelas escholas do Estado ou por um jury mixto formado por partes eguaes d'entre os professores do Estado e os das escholas livres e presidido por um dos primeiros.

O governo obriga-se além d'isto a apresentar dentro de um anno uma lei que introduza no ensino superior do Estado os melhoramentos que elle necessita.

Durante a longa discussão que terminou ha pouco declarou-se categoricamente que o ensino superior francez estava havia muito em extremo decadente.

O monopolio do Estado, a falta de lucta com as aptidões todos os dias creadas, a demora em acceitar os methodos novos e progressivos, o character fixo de estabelecimentos que tem as garantias da sua existencia independentes do seu aperfeiçoamento, tudo isto se confessou, quasi que sem discrepancia, ser causa d'uma deploravel decadencia.

De passagem perguntarei o que deveriamos nós os peninsulares dizer da grande maioria das nossas escholas superiores, que vivem desconhecidas umas das outras, desconhecidas de todas as do mundo, desconhecidas do proprio publico que as rodeia, cada uma constituida em *coterie* mais ou menos occupada de miudezas pessoas de administração, fóra

da analyse, da critica do mundo, atrasadas, machinaes, ensinando por formulas consagradas, inconscientes e mortas; dando muitos diplomas, bastante rhetorica e nenhuma instrucção? Que diremos nós quando a França, cujas eschololas trabalham sob a critica, sob a inspecção severa e habilitada do mundo inteiro, as acha atrasadas por falta de concorrência?

Collocar pois o ensino no meio da concorrência, fazer com que a condição de existencia e de prosperidade de uma eschola seja a sua perfeição, eis o pensamento da nova lei franceza.

A instrucção superior ensina-nos o mundo e o homem: a astronomia, a geologia, a physica e chimica, a biologia, a psychologia, a mathematica, a moral, a historia, a agronomia, a technologia, o direito, a sociologia, a medicina. Mas em face do mundo e do homem, entre elles e os nossos olhos, acha-se sempre um vidro, diversamente collorido, através do qual olhamos. Esse vidro é o nosso ponto de vista, o nosso systema, a nossa philosophia, o nosso criterio anterior, que empregamos sempre, muitas vezes inconscientemente, porque sem elle nada comprehenderia o nosso espirito.

Esse systema chama-se,— baixado á lucta sensivel e pratica da vida,— o nosso partido.

Dar ás nações a liberdade de ensino é deixar estabelecer eschololas dominadas por os differentes systemas e trabalhando para os distinctos partidos que existem.

A sciencia é um meio não é um fim. O mundo e o homem, este sobre tudo, é uma cousa aos olhos do catholico e outra aos olhos do materialista, do positivista ou do hegeliano.

Eis por que uma lei de liberdade de ensino superior poude ser um campo proprio para o combate de doutrinas e partidos. Na grande concorrência que vae estabelecer-se cada um d'estes tem a sua physica, a sua chimica, a sua biologia, a sua medicina a ensinar, por que cada um tem applicações especiaes a deduzir, explicações a apresentar de accôrdo com a sua philosophia ou com a sua religião.

Já n'outra revista fallei do caracteristico spectaculo que apresentou a primeira discussão da lei do ensino, quando os catholicos ultramontanos pediram mais liberdade aos liberaes que temem que a sua lei permita, como geralmente se diz, que os Jesuitas empreguem os muitos milhões que para esse fim tem preparados em organizar em França magnificas universidades, que, provavelmente, a par de alguns fanaticos e de muitos especuladores, estão destinadas a crear bastantes Voltaires.

N'um dos artigos da lei introduziu-se ao lado dos departamentos e das communas, a designação das *dioceses*, como associações que com o mesmo direito que aquellas, podiam crear eschololas, o que equivalia a reconhecer-as pessoas civis, e unidades politicas como as outras collectividades administrativas. Numa segunda deliberação tiraram-se as dioceses, mas tiraram-se tambem os departamentos e as communas: acto de força dos partidos liberaes que é quanto a mim symptomatico d'uma grande fraqueza.



O segundo ponto mais discutido foi o do direito de conferir gráus e diplomas que uns queriam que não sahisse das mãos do Estado para que, sobretudo nas profissões de consequencias immediatas como a medicina e o direito, houvesse um motivo respeitavel á determinação do publico, e que outros entendiam dever entregar-se ás escholas livres que effectivamente sem isso não teriam alumnos nem consideração publica, sendo a sciencia sobre tudo uma industria, uma profissão e raras vezes apenas a satisfação pura d'uma necessidade do espirito. Já disse o modo conciliador por que se resolveu esta difficuldade.

A 5 de junho foi dissolvido o parlamento da Baviera, decretados para 16 do actual julho as eleições primarias e para 26 do mesmo mez as eleições definitivas de deputados.

Tudo isto deu occasião a que se manifestassem os elementos de lucta que, derivados de tantas cousas, ainda não depuzeram as armas na Allemanha.

Em muitos pontos d'ella, mas sobretudo na Baviera e no Sul, existe ao lado do sentimento de raça com que se fez a unidade, um vivo amor de independencia nacional. O clima, o meio physico, basta a crear uma raça. O allemão do Sul não é ainda o meridional italiano mas já não é o saxonio do Hanover. Em frente do francez sente-se allemão, mas em face do allemão sente-se... bavaro. Quando pois uma pertença estranha o não obriga a unir-se ao seu irmão ethnologico começam os seus caracteres peculiares a protestar contra uma outra absorpção mais proxima, mas nem por isso, muitas, vezes menos tyrannica. A união allemã para os allemães e fóra de pressões de outras raças, tem um caracter especial prussiano que as declamações dos interessados e as doutrinas de germanismo mystico não conseguem completamente destruir. Ora o prussiano, pouco allemão no norte, é-o ainda muito menos em face das populações artisticas, imaginosas da Baviera, e do Sul.

Se pois um partido se não propõe hoje abertamente a advogar a separação d'este reino do grande Imperio, uma tendencia particularista encontra sempre ahi, como em todos os antigos paizes confederados, um certo apoio na opinião militante.

Este particularismo suspeito porém á grande massa dos patriotas germanicos, aos quaes ainda animam as multiplicadas e providenciaes victorias da Bohemia e da França, tem de se afirmar timidamente, disfarçado sob um aspecto extremamente mitigado de descentralisação, e não pode fazer-se hoje a bandeira evidente do combate. E por isto que os partidos particularistas ou nacionaes tem na Allemanha uma aliança indispensavel que os encobre e que abertamente lucta com elles e por elles: a Egreja Catholica Romana.

Combatendo Bismark, o Ultramontanismo propoz-se a representar e a defender na Allemanha as nacionalidades supprimidas por elle; representação timida tambem, equivoca, habil, defeza pouco explicita de quem não quer assentar definitivamente alicerces n'um terreno movediço que pode desapparecer sob os pés.

É por esta razão que os particularistas, ás vezes simples catholicos, teem de ser, para os effeitos da lucta, ultramontanos decididos.

Eis os elementos que se agitarão nas proximas eleições e que tumultuam já nos preparativos d'ellas.

Para que se conheça a importancia do movimento cujas causas analyso devo referir que geralmente se espera que o partido catholico vença d'esta vez na Baviera.

O arcebispo de Munick fez ler nas Igrejas da sua diocese, prohibindo aos parochos commentarios por ventura compromettedores, uma pastoral unicamente dedicada a esclarecer o voto dos cidadãos verdadeiramente catholicos, aconselhando-os a votarem contra os homens das novas doutrinas de liberdade e progresso. Essa pastoral, sufficiente nos seus termos é vaga e encoberta, como de quem vê atraz de si prompta a cubril-o tambem, a sombra temerosa do novo codigo prussiano.

É a victoria do partido ultramontano na Baviera que pode fazer continuar, em condições mais estensas, a lucta da Allemanha contra a Igreja de Roma. Essa victoria hade animar os ultramontanos e os particularistas; e quem sabe se o sr. de Bismark a deseja como pretexto plausivel para estender aos differentes paizes do imperio as medidas politico-ecclesiasticas decretadas para a Prussia. A lucta contra a Igreja infalivel lançou nos braços de Bismark uma quantidade enorme de indifferentes e de inimigos n'este momento de formação religiosa que anima todos e de liberdade de consciencia que arrasta todos tambem. Ao laço da unidade de raça que prendia fortemente todos os allemães veio pintar-se o do protesto contra Roma commum tambem ao sentir da maior parte. O Principe de Bismark poderá apoiar-se para tudo que quizer, com segurança, n'estes sentimentos.

Ha mesmo quem veja consequencias mais transcendentis no resultado provavel das eleições bavaras, suppondo que a França poderia contar com o sul da Allemanha n'uma nova e proxima guerra contra a Prussia, ideia erradissima e que a historia tem já desmentido d'um modo doloroso para os francezes, por mais de um mez.

É certo que um partido em França parece tomar todo o interesse por este como por todos os movimentos ultramontanos, procurando ao mesmo tempo concitar em seu proveito o consideravel espirito catholico que ainda anima uma grande parte dos politicos da patria de Voltaire. É certo ainda que esse partido não é dos que está mais longe do throno sempre de pé, apesar de tudo, na França de Carlos X, de Luiz Philippe e de Napoleão III.

É de crer porem que esse partido, mesmo apesar de composto de pequenos homens como é, evite os erros antigos, pelo menos nos primeiros tempos da sua victoria, quando, para a conservar precisar de toda a vigilancia e prespacia.

Duas obras ultimamente publicadas permittir-me-hão fixar alguns traços importantes do 2.º imperio francez e da sociedade que este formou em parte e de que elle era a representação soberana.

Caracterisam ellas em poucas phrases completamente aquelle extraor-

dinario mundo que de 1837 — 70 governou absolutamente a França e, por tantos lados, o mundo.

O primeiro<sup>1</sup> reúne todos os elementos mais importantes da politica franceza d'entre os que prepararam a guerra de 1870. Transcreverei apenas algumas palavras uteis ao fim a que se propõem estas revistas:

«Nos tempos que precederam a declaração de guerra, diz o sr. Sorel, os ministros acreditavam nos seus collegas, como estes acreditavam em si proprios. O duque de Gramont tinha o marechal Le Boeuf na conta d'um grande cabo de guerra; o marechal Le Boeuf suppunha o duque de Gramont um grande diplomata; o imperador seismava vagamente e os conselheiros respeitando os segredos diplomaticos e os mysterios estrategicos, temiam offender estes grandes estadistas lembrando a um que visittasse os seus arsenaes e ao outro que examinasse os seus tratados.

De modo que, depois, «o duque de Gramont contava com a entrada das tropas francezes no sul da Allemanha para decedir a Italia e a Austria a alliarem-se á França, e o marechal Le Boeuf contava com a alliança da Italia e da Austria para facilitar ás tropas francezas a entrada do sul da Allemanha... Os estrategicos contavam com as allianças para organisarem a victoria; os diplomatas contavam com a victoria para organizar as allianças.»

Quando se aproximam estas palavras cheias de espirito e de revelação da historia das especulações officiaes do segundo imperio francez que, documentadas, tomaram já logar definitivo na historia; quando assim se vê o governo d'aquelle largo periodo de paz interior e de prosperidade material, dirigido por uns homens que tinham de grande apenas uma tão extraordinaria intelligencia critica da sua pequenez, que d'esta faculdade, subtil e pouco explicada, fizeram uma força, durante tanto tempo efficaz; pergunta-se, que sociedade era essa, que burguezia, que classes, que nivel de espiritos, que abysmos de individualismo industrial permittiam entregar a França, e meio mundo, a uma tal direcção?!

As origens, as causas d'este facto não estão ainda completamente estudadas. Nós todos estamos ainda muito perto dos acontecimentos para os podermos ver como um quadro na sua significação de conjuncto, e para podermos analysar todos os grupos, todos os sentimentos que devem expressar-se n'elles, alguns dos quaes nos animam tambem, em parte, a muitos de nós. No mundo sentimental a sociedade franceza do segundo imperio representa uma phase que contamina ainda a sociedade burgueza de toda a Europa. A corrupção faz eschola. As finuras de espirito postas ao serviço dos sentimentos impressionam profundamente as intelligencias cultivadas de toda a parte.

Um outro livro nos fornece um traço excellente do mundo superior, da cõrte, d'essa sociedade cheia de espirito, de critica, de abstracção facil, de scépticismo, de mysticismo, de sentimentalidade curiosa, que hade

<sup>1</sup> *Histoire diplomatique de la guerre franco-allemande*, par Mr. Albert Sorel, 2 vol. Paris, 1875.



um dia estudar-se d'envolta com uma parte importante do espirito moderno em Saint-Beuve, em V. Sardou, em Octave Feuillet, em Prosper Merimée.

Ha pouco mais d'um anno publicaram-se dois volumes da correspondencia d'este ultimo com o titulo de *Cartas a uma desconhecida*, especie de memorias intimas d'um cynico melancolico. Hoje uma outra *desconhecida* apparece, tão conhecida como a primeira e do *mesmo mundo* que ella, mundo curioso e digno de minuciosa dissecção.

Esta desconhecida era a Presidente de uma assemblea galante, côrte de amor que a Imperatriz Eugenia creara e de que Merimée era Secretario.

Eis o que elle diz n'uma d'essas cartas á nobre dama que as publica agora:<sup>1</sup>

«Se eu fosse visitado por Soberanos leval-os-ia ao Mabille e á Closerie des Lilas, para obdecer ao preceito que ordena que se mostrem novidades ás pessoas *blasés*. É pela mesma regra que os amantes das rainhas devem antes de tudo batter-lhes para que ellas experimentem sensações desconhecidas. As pernas (*les jambes*) de m.<sup>elle</sup> Schneider produziram ao que parece um grande effeito no principe Vladimir. O seu augusto pae depois de ter ido ás *Variedades* passou sósinho na *passagem dos Panoramas* até que, vendo gabinetes particulares que conheceu serem publicos, o Czar entrou n'um d'elles com a maior satisfação.» (Paris 1867.)

N'uma outra carta Merimée diz á sua respeitavel correspondente, falando-lhe d'uma amiga intima:

«Ella é, como vós, curiosa e *coquette*, desejosa de agradar ao primeiro cão penteado que lhe appareça, como ao homem mais bello ou mais notavel do mundo.»

É toda uma sociedade que as phrases que acabo de transcrever dos dois livros recentes nos mostram com o mais accentuado colorido.

Esta sociedade não acabou em França.

Os elementos que a produziram não se destruíram ainda em parte alguma. De pouco depende que ella volte a governar a França e a influir nos espiritos pela sua litteratura, pela sua arte e pelas suas industrias.

Entre os caracteres importantes d'ella nota-se o desprezo com que os *homens de espirito* que a compunham olhavam de cima para baixo todas as classes e todos os homens, e ainda como se desprezavam entre si, do que são prova muitas passagens das cartas de Merimée e muitas outras memorias contemporaneas.

15 de julho.

J. BATALHA REIS.

<sup>1</sup> *Lettres à une autre inconnue par Prosper Merimée de l'academie française.* Paris, 1875. Miche Levy.

---

# BIBLIOGRAPHIA

---

**A voz da Natureza: ou o poder, sabedoria e bondade de Deus, manifestados na criação, na conexão do mundo inorganico com o mundo organico e na adaptação da natureza externa á estrutura dos vegetaes e á constituição moral e physica do Homem, pelo Marechal Duque de Saldanha.**  
Londres: W. Knowles. 1874.

Este livro é um estudo sobre os topicos principaes d'aquella pretendida sciencia, que, no seculo passado, alguns sabios inglezes, mais piedosos do que consequentes, intentaram fundar com o nome de Theologia-natural, e que ainda hoje é cultivada, posto que sem fructo apreciavel, em varios seminarios protestantes. O assumpto é ingrato e facilmente descamba em tedioso. Querer explicar a natureza pela Theologia é empenho proximamente tão absurdo como querer explicar a Theologia pela natureza. Qualquer das duas cousas redundaria em tanto-logias e phrases vagas e declamatorias — e é, com effeito, a que se reduz a pretendida Theologia-natural dos deistas inglezes. Estes inevitaveis defeitos do genero, que a sciencia e elevação moral e poetica dos proprios Newton, Humphry Davy e outros altos espiritos não lograram occultar nas obras que consagraram a estes assumptos, não é muito tornarem-se ainda mais evidentes no livro do sr. Duque de Saldanha, militar, politico e diplomata, que só em horas perdidas e distraidamente empunha a penna, como homem do mundo e não como philosopho. Mas ha assumptos em que não é permitido ser mediocre. Sentimos que o sr. Duque de Saldanha não se tivesse lembrado d'isto antes de mandar imprimir o seu livro. A competencia é essencial em todas as cousas, e é grande illusão supôr que a philosophia deva ser excepção a esta regra. Sem pretendermos dar conselhos, mas emittindo simplesmente o nosso voto, entendemos que a experiencia colhida pelo sr. Duque de Saldanha no decurso d'uma longa vida, passada toda n'um theatro vasto e animadissimo, podia ser aproveitada em livros interessantes e instructivos, uma vez que esses livros tratassem dos incidentes d'essa vida, que em pontos se confunde com a nossa historia, e das scenas representadas n'esse theatro, onde por vezes coube ao general e ao politico o papel de protagonista. Um simples capitulo de memorias militares e politicas do sr. Duque de Saldanha teria incomparavelmente mais interesse e valor do que todos os volumes possiveis que sua ex.<sup>a</sup> consagre a questões philosophicas. N'estas, é muito natural que aos militares e diplomatas preferámos simplesmente... os philosophos.



RES  
4173U

Esta secção da *Revista* conterá uma resenha crítica das publicações da quinzena.

A inserção de livros ou outros impressos no *Boletim bibliographico*, far-se-ha quando os auctores ou editores enviem franco de porte dois exemplares á direcção da *Revista Occidental*.



# REVISTA OCCIDENTAL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DOIS VOLUMES, PELO MENOS, DE 128 PAGINAS CADA MEZ

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

### Portugal

3 Mezes.... 2\$200 réis fortes  
Anno ..... 8\$000 » »

### Brazil

3 Mezes.... 5\$000 réis fracos  
Anno ..... 18\$000 » »

Nas terras onde não ha agente accresce o porte do correio.

### Madrid

Mez..... 16 Rvn.  
Trimestre ..... 44 »  
Anno..... 160 »

### Provincias

Mez..... 20 Rvn.  
Trimestre ..... 55 »  
Anno..... 180 »

As assignaturas são pagas adiantadas.

### Assigna-se:

### Em Portugal

Nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Guimarães, Vizeu, Lamego, Santarem, Mertola, etc.

Agente no Porto — **Magalhães e Moniz.**

### No Brazil

Nas principaes livrarias do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Pará, Maranhão, Ceará, etc.

Agentes no Rio de Janeiro — **Moreira Maximino & C.<sup>a</sup>**

### Em Hespanha

Nas principaes livrarias de Madrid, Barcelona, Sevilha, Valencia, Malaga, Saragoça, Cadiz, Corunha, etc.

Agente en Madrid — **Ricardo Sterling**, Infantas, 23.